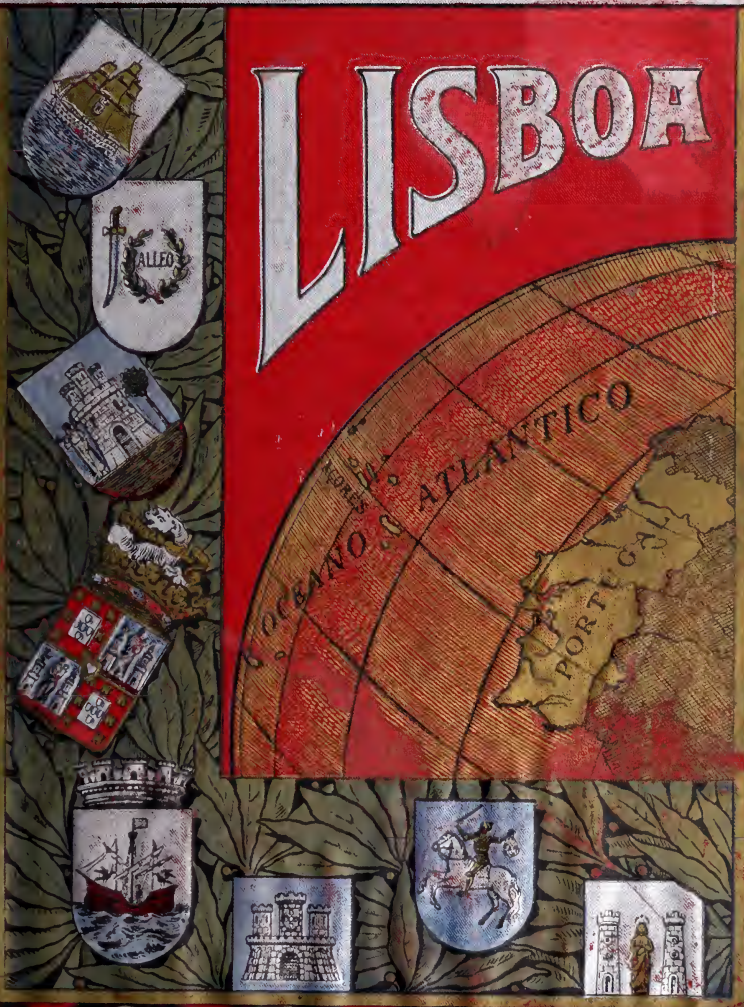
PORTUGAL
Pittoresco e illustrado

LISBOA



Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/lisboa00mesq

Portugal Pittoresco e Illustrado

I

LISBOA

Portugal Pittoresco e Illustrado

I

LISBOA

COMPILAÇÃO E ESTUDO POR ALFREDO MESQUITA

COM QUATROCENTAS GRAVURAS

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
SOCIEDADE EDITORA
LIVRARIA MODERNA — *95, Rua Augusta, 95*
TYPOGRAPHIA — *45, Rua Ivens, 47*
MDCCCCIII

MVI NOBRE E LEAL CIDADE DE LISBOA

Um livro da indole d'este, e lançado nos moldes que para este escolhemos, era trabalho que ainda estava por fazer entre nós. Para Portugal, é de inteira novidade. Mas não se cuide que pretendemos arrogar-nos o privilegio de invenção. Modestamente nos limitamos a realisar a adaptação de uma idéa estranha ás nossas circunstancias nacionaes; e todo o louvor que porventura possamos merecer, e que já então não nos offenderá a modestia, deverá recair sobre o impulso e esforço que esta obra representa.

Todas as grandes cidades estrangeiras têm a sua monographia superiormente feita e impressa em livros primorosos, muitos dos quaes são, pela concepção litteraria, pela execução artistica, e pela opulencia da edição, verdadeiros e distinctos monumentos. O *Paris* de Auguste Vitu, grande edição da Casa Quantin, é uma perfeita obra de arte.

Não é pois sem tempo que nos chega a vez de possuirmos tambem uma obra descriptiva, historica, critica e artistica, digna de uma cidade como é Lisboa, e da capital de um reino como é Portugal, que a naturesa, a topographia, o céo, o solo, o clima, a flora, a paisagem, a arte, tão prodigamente e tão maravilhosamente dotaram, e que uma tão bella, tão altiva tradição illustra.

De poucas cidades se tem dito tanto bem e tanto mal como de Lisboa. Ha tanto exagero no dizer que Lisboa é uma *mayonnaise* cozinhada com os sobejos das outras capitaes, como no dizer que ella excede todo o pittoresco, tão diverso, de Madrid e Amsterdam, por exemplo... O pensamento d'esta publicação resume-se pois neste proposito: obter a maxima verdade e o mais justo commentario que, a respeito da capital portuguesa, possa resultar das muitas e ainda as mais oppostas opiniões conhecidas de nacionaes e estrangeiros.

D'esta curiosa e util aproximação e comparação de textos, muitos dos quaes correm mundo em linguas universaes, julgámos obter, ao cabo de um consciencioso trabalho de

paciencia, de investigação, de estudo e de criterio, a mais completa, a mais exacta noticia critica ácerca de Lisboa, num momento em que ella — concentrando as suas forças, apelando para a boa vontade da sua população, aceitando a influencia utilitaria do estrangeiro, e procurando manter, sem intransigencia de rotinas, antes numa rasoavel compreensão do movimento novo, a sua bella tradição de primeira cidade d'um formoso reino — faz quanto em suas forças cabe por acompanhar a evolução universal de progresso, que o seculo XX tão exuberantemente assignala em seu inicio.

Os livros como este, em que tanto abundam a variedade de pinturas e descripções, o movimento de figuras, a analyse de costumes, a mutação de scenarios, exigem um genero particular de composição que participe, por assim dizer, de todos os estylos, tão vária é a physionomia ou fórma de elocução que a cada um dos seus capitulos convém. E para manter o interesse da obra, atravez de toda ella, a um mesmo nivel de encanto, mister seria que o escriptor disposesse de todas as côres naturaes da vida e da realidade, da riquesa de engenho, do vigor de imaginação capazes de produzirem no leitor a impressão, o effeito desejado. Para levar a cabo o pensamento dos Editores, seria preciso que elles encontrassem um escriptor no qual concorressem qualidades que raras veses andam juntas na profissão das lettras. No plano da obra, e em torno do seu objectivo, havia em primeiro logar muita necessidade de ordem, de methodo, quasi de disciplina. Depois, vinha a exigencia, que a propria indole do trabalho estabelecia, de uma fórma litteraria em harmonia com a materia, a um tempo clara e expressiva, deleitosa e animada, limada e espirituosa. E tudo isto dirigido e temperado pelo bom senso e alimentado pelo sabor do verdadeiro bello.

O pensamento era excellente; só houve erro na escolha de quem deveria realisar a obra. Avaliada pelo escolhido a propria insufficiencia, mas só depois de tomado o compromisso, o meio que mais rasoavel se lhe afigurou, para satisfazer o desejo dos Editores, foi o de substituir, pela compilação e apropriação de textos de outrem, tudo quanto, na factura do livro, não podesse ser original. Não resultou uma obra inspirada nas paginas eruditas dos guias e criticos de arte official, nem tão pouco se seguiu, na ordem dos capitulos, que são outras tantas digressões pela capital, a indicação traçada e obrigada dos roteiros; resultou um agradavel embrexado de tudo quanto o compilador encontrou de raro e curioso nas paginas dos velhos chronistas, nos estudos dos archeologos, nos depoimentos dos investigadores; e tudo quanto achou de pessoal e inconfundivel no testemunho de quantos escriptores nacionaes e estrangeiros têm descripto e commentado, sob os mais variados aspectos, a capital portuguesa — tudo quanto, a respeito de Lisboa, revelasse justa observação, desapaixonada critica, arte de paisagista, espirito anecdotico, paralelos de *touriste,* traço seguro de desenho, commentario vibrante, mas succinto, resumindo em incisiva annotação as grandes coisas e os grandes factos, que não seria possivel abordar sem correr o risco de explanações e dissertações, que o plano da obra não comportaria.

A historia de Lisboa nas grandes luctas pela nacionalidade, nas emprezas gigantescas dos descobrimentos e das conquistas, no embate violento das paixões politicas, nas contendas encarniçadas dos interesses sociaes, — toda essa historia luminosa e ardente, com que seria possivel encher uma bibliotheca opulenta, narrando-a em livros, ou

cobrir os muros de uma galeria tão extensa como a dos Uffizzi de Florença, pintando-a em quadros — foi summariada em brevissimos trechos, e apenas invocada, fugitivamente, na passagem por algum logar memoravel, na contemplação de algum monumento grandioso, na presença de algum vulto immorredoiro.

A fundação e o engrandecimento da cidade, a archeologia dos seus bairros, a genealogia dos seus filhos illustres, objecto de tantas investigações, de tantos estudos e de tantas conjecturas — tudo isso foi esquadrinhado, coordenado, deduzido e concentrado em summulas, para só depois entrar como elemento de realce no marchetado da obra.

A topographia, a architectura, os usos, não constituiram tão pouco materia de delongas. Houve preoccupação de clareza, de colorido, e descriptivo exacto, mas tambem houve preoccupação de brevidade.

As fundações da Lisboa primitiva, da Lisboa romana, da Lisboa moira, da Lisboa christã; as suas fortificações e as suas portas militares; os seus templos e os seus conventos; as suas escolas e os seus arsenaes; os paços dos seus reis e os paços dos seus arcebispos; as casas do seu Senado e as moradas dos seus nobres; os seus albergues e os seus hospitaes; as suas feiras e os seus mercados; os seus estaleiros e as suas fabricas; as suas tercenas e as suas alfandegas; os seus theatros e as suas praças de toiros; os seus institutos e os seus museus; os seus parques e os seus jardins; e os seus terremotos e as suas epidemias; os seus tumultos e os seus regosijos; as suas devoções e as suas lendas; os seus costumes e os seus typos; as suas rotinas e os seus progressos — foram outras tantas minas de estudo, que tivemos de pesquizar por muito tempo, para mais aptos nos tornarmos a extrair d'ellas o atomo de oiro.

Houve muitas vezes esforço para condensar em poucas paginas materia já explanada em numerosos volumes. O que se continha em tremendos in-folios foi reduzido e abrangido nos limites de capitulos nada longos. Monographias de consideravel amplitude couberam muitas vezes num paragrapho. Obras de grande tomo, passadas pelo mesmo crivo, deram, quando muito, alguns periodos. Amplas télas de historia e retratos do tamanho natural foram reduzidos a miniaturas. Certos auctores de que nos soccorremos tiveram de ser expremidos como se expremessemos um favo, para só aproveitar d'elles algumas escassas gottas. Minucia que se podesse escusar, escusou-se. Não tiveram cabida os pormenores fastidiosos. Onde se viu necessidade de documentação, incidentalmente a indicámos; não se desviou a attenção do leitor, interessada no correr do texto, para as notas importunas ao fim da pagina. As transcripções dos textos compilados foram intercaladas de modo a haver harmonia no todo mesclado. O desenho e a gravura fizeram aquillo que a melhor descripção nunca poderia conseguir.

Ha uma expressão genuinamente alfacinha que dá, quasi sem exagero, a medida do esforço que este livro representa: — metteu-se o Rocio na Bitesga.

ALFREDO MESQUITA.

1 — Aspectos de Lisboa — Bairro de Alfama

Antes do terremoto

2 — Merca frangos!

Com razão se póde dizer — e já Frei Apolinario da Conceição o affirmava na sua *Demonstração historica da parochia dos Martyres* — que tantas são as singularidades de Lisboa, e taes suas grandezas, que impossibilitam os mais fervorosos animos para descrevê-las todas; «e só sim summariamente.»

A velha Lisboa, a capital d'este maravilhoso reino que assombrou o mundo, sumiu-se debaixo de um montão de ruinas e de cinzas. Da pavorosa catastrophe de 1755 apenas escapou o bairro mais sordido: a parte mais nobre da cidade, os seus melhores edificios desabaram e arderam.

A cidade conquistada pelo primeiro monarcha portuguez, e por elle libertada do jugo mauritano, e que duas vezes teve a honra de ser a primeira a levantar o grito de liberdade e de independencia contra os estrangeiros; que proclamou o Mestre d'Aviz, e trezentos annos depois o Duque de Bragança; que viu saír do seu rio as poderosas armadas que fizeram formidavel o nome portuguez — a velha cidade, emporio do commercio do mundo, enobrecida por muitas memorias gloriosas, patria de insignes varões, e predilecta do Rei Cavalleiro, o heroico D. João I, foi abatida e prostrada por um cataclismo, como não ha memoria de outro na Europa, nas eras modernas.

Debalde se procuram os logares onde os nossos antepassados viveram a vida cavalleirosa de D. João I; debalde se deseja saber onde se ajustavam e preparavam as aventurosas expedições por mares nunca d'antes navegados, e onde a burguezia tratava os seus negocios, que abrangiam todo o mundo conhecido. Tudo desappareceu.

Das ruinas da velha capital surgiu outra cidade mais bella. O cataclismo foi o iniciador da restauração de Lisboa. As ruas tortuosas, os estreitos becos deram logar a novas ruas alinhadas e espaçosas. Mas os edificios é que não foram substituidos. Os que se levantaram, em geral, foram muito inferiores na magnificencia aos que desabaram.

Lisboa, com os seus arrebiques de velha, com a sua falta de policia, com as suas immundas vielas, era mais rica e mais esplendida no seu viver, que a nova Lisboa com todos os seus melhoramentos.

Não póde a imaginação recompôr a actividade que outr'ora agitava esta cidade, chorando hoje o antigo esplendor perdido. O commercio que levava a bandeira portugueza a todos os portos do mundo, as riquezas importadas do Oriente e da America deviam produzir nesta capital um movimento que hoje nos pareceria impossivel. E, em tempos mais remotos, as expedições que dilatavam o dominio portuguez, as guerras com os nossos visinhos d'além do estreito, como tudo isso agitaria a velha Lisboa!

Agora, de tanta opulencia e de tanto movimento, o que lhe resta? Nada. Não! ainda lhe resta o seu Tejo feiticeiro e azul, o céo limpido que o envolve num manto de veludo, cravejado de estrellas pela noite, doirado pelo sol nos seus formosos dias; e a nobre e melancolica magestade com que se recosta, banhando os pés nas aguas, rainha descoroada, mas sempre gentil, no throno das suas sete colinas!

Entretanto a antiga capital da extensa monarchia de D. Manuel vae crescendo sempre, crescendo e dilatando-se. Circumscripta a um acanhado ambito no seculo XIV, foi extendendo os braços. As contingencias politicas, que começaram no principio d'este seculo, foram como um momento do repouso nesse quasi imperceptivel desenvolvimento. Até essa epoca crearam-se e fundaram-se grandiosos estabelecimentos; construiram-se bons edificios; depois, Lisboa como que adormeceu, e só ha poucos annos recomeçou o movimento progressivo, em que a cidade vae agora a crescer e a aformosear-se.

Por muitos e variados lances tem passado Lisboa. Ainda antes do terremoto de 1755, houve o terremoto de 1344, os de 7 e 26 de Janeiro de 1531, e o de 28 de Janeiro de 1551, que originaram consideraveis ruinas na cidade. No primeiro, diz-se que foram arrasadas 1.500 casas, e no segundo 200. Naquelle, uma das torres da Sé soffreu consideravel ruina, e só em 1745 se começaram a reedificar ambas as torres, mas o terremoto de 1755 novos estragos lhes causou.

Estes cataclismos deviam forçosamente produzir muitas alterações na divisão e plano das ruas da cidade, por modo que a Lisboa do dia 31 de Outubro de 1755, de certo já se não parecia com a Lisboa de 1551, e menos ainda com a de 1350.

Da Felicitas Julia dos romanos, já rarissimos vestigios restam. Da Lisibo, ou Lisabona dos arabes, perderam-se todas as memorias. Da villa de Lisboa, de Affonso I, apenas aqui ou acolá se encontra, para assim dizer, uma pedra. Da cidade de D. João I, tambem os vestigios são difficeis de encontrar. Da capital de D. Manuel, só algumas recordações ficaram. Da sumptuosidade de D. João V subverteram-se os grandes monumentos. Emfim, espalhados pela cidade vêem-se alguns pequenos lanços do muro que a fechava, restos de antigos edificios, e as ruas curiosas da Mouraria e de Alfama — o mais está tudo transformado.

Reconstruir, recompor a cidade anterior ao terremoto de 1755, seria uma tarefa improba, mas não só curiosa, senão tambem interessante para a archeologia nacional. Era empresa que exigia grande copia de conhecimentos das antiguidades da cidade, e estudos technicos especiaes; e, sobretudo, uma paciencia que só os antiquarios possuem

para escavarem as memorias e as ruinas do passado, e d'ellas como que fazendo surgir e desentranhar a cidade arrasada.

A todos parecerá impossivel delinear com exactidão as vielas do immenso labyrintho que formava a parte da cidade baixa. Eram tantas as ruas, as travessas e os becos estreitos e escuros, por tal modo se cruzavam em todas as direcções, que bem se comparam a um labyrintho. E como seria facil descrever agora, riscar no papel com exactidão todas essas encruzilhadas?

Onde hoje se vêem as quatro ruas do Oiro, Augusta, da Prata, e dos Fanqueiros, cortadas regularmente por outras ruas, e formando todas um grande parallelogramo, havia travessas tão estreitas, que não era possivel passar nellas uma carroça a par de uma cavalgadura, e muitas vezes aconteceu ser a cavalgadura esmagada de encontro ás paredes das casas, quando os conductores das carroças eram imprudentes.

As carroças eram os trens mais pequenos em uso antes do terremoto, posto que já então houvesse as seges de duas rodas. As estufas, calexes, florões, paquebotes, carroças, carrocins, seges, eram os trens da moda. Antes de 1775, não eram usadas as seges, nem os calexes. Os florões eram uns coches pequenos castelhanos, de estribo e de cortinas, sem vidros. De Castella viera-nos tambem a moda dos coches. Ao que nós hoje chamamos *char-à-bancs*, do francez, se dava antigamente o nome de *platéa*, porque effectivamente similhavam a platéa de um theatro na disposição dos assentos. Quando por cá começaram a introduzir-se os coches, poucas seriam as ruas por onde elles podessem andar. As ruas eram estreitas e os coches de grandes dimensões.

Quem quizesse ir do Terreiro do Paço para o Rocio, tinha de dar algumas boas voltas. O caminho mais direito era pela Rua do Oiro, e era este o itinerario: No Terreiro do Paço entrava no Arco dos Pregos, que conduzia á Rua Nova e por ella seguia até á Rua do Oiro; entrando nesta, inclinava para leste, seguia o Largo dos Douradores, Largo da Rua dos Escudeiros; d'aqui partiam as duas ruas dos Escudeiros e dos Odreiros, e ambas ellas desembocavam no Rocio.

A Rua do Oiro tinha entre 36 e 57 palmos de largura, muito desegual, e alargando mais junto ao Largo dos Douradores.

A Rua dos Escudeiros tinha 28 palmos de largo, e 73 proximo do Largo da Picheleria. Por aqui se vê como eram irregulares as ruas do coração da cidade.

O Rocio era uma praça muito irregular. O seu maior comprimento era de 863,5 palmos, e a sua maior largura de 399 palmos.

O Terreiro do Paço media 1.120 palmos de comprido e 543 de largo.

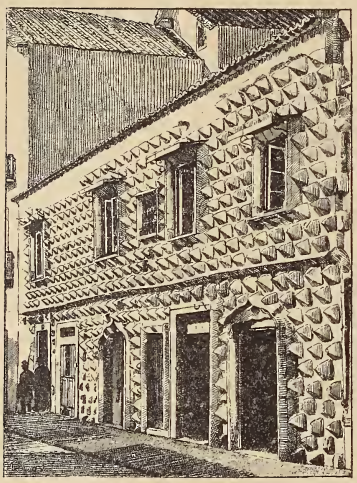
A medição do actual Rocio não differe muito da antiga. No Terreiro do Paço é maior a differença; tem 730 palmos de comprido (norte a sul) e 870 de largo (leste a oeste). Antes do terremoto era desproporcionalmente muito mais comprido.

No Rocio, do lado do norte, ficavam o Palacio da Inquisição, confrontando com o Palacio do Duque de Cadaval; depois os Paços da Camara; e ao lado d'estes umas casas dos herdeiros de D. Balthasar da Silveira. O Palacio da Inquisição não ficava no alinhamento das propriedades do lado occidental da praça — mettia para além d'ellas, como ainda se via em 1835.

O passo, que serve na procissão dos Passos da Graça, está hoje quasi no local antigo: fazia esquina para o Pateo do Duque. Só depois de 1844 é que se construiu a propriedade que faz agora esquina para o Largo de Camões, outr'ora Pateo do Duque.

Do lado oriental do Rocio havia o dormitorio dos frades dominicanos, a ermida do Amparo, e a egreja sumptuosa do Hospital de Todos os Santos, além das propriedades do mesmo hospital, e da Casa dos Vinte e Quatro.

No local onde era a Ermida do Amparo, se abriu a rua d'esse nome; e a Rua da Bitesga é a antiga.



3 — Casa dos Bicos

Não era possivel ir do Rocio para o mar, sem atravessar a rede de becos e travessas, se porventura se quizesse ir pela Rua dos Mercadores. Esta rua desembocava da Rua Nova dos Ferros d'El-Rei, e seguia em direcção ao Largo da egreja da Conceição dos Freires, onde terminava.

D'ahi até ao Rocio seguia-se por muitas outras ruas, travessas e becos tortuosos, de que não ha memoria.

Na embocadura da Rua do Oiro, começava a Calcetaria. Era esta rua das mais espaçosas: tinha 40 palmos de largo, e junto da Rua do Oiro, 50. Ao tempo do terremoto, o lado do sul da Calcetaria era todo occupado pelas casas da Congregação dos Principaes da Patriarchal, e casas de morada do antigo secretario de Estado, Diogo de Mendonça Corte Real.

A Calcetaria terminava na embocadura da Rua Nova do Almada: e, em tempos mais antigos, em frente da embocadura da Rua do Oiro, ficava a Casa da Moeda.

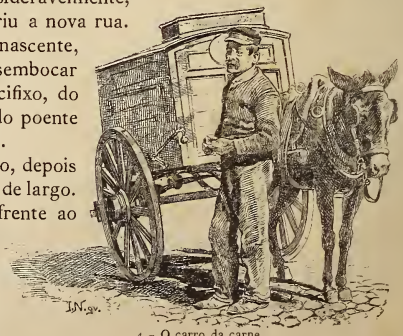
Ácerca da Rua Nova do Almada, lê-se ainda no *Mercurio Historico:* «E porque o cuidado da guerra não embaraça o do governo politico, em 13 d'este mez (Maio de 1665), se começou em Lisboa a abrir uma formosa rua de 30 a 35 palmos de largo, que começa da Calcetaria e sae ao Espirito Santo; muito conveniente para formosura e serventia do bairro baixo para o alto da cidade, e sobe tão invisivel e insensivelmente, que quasi parece que tudo fica plano. Por esta rasão ha muitos annos que era desejada e se intentou: nunca se conseguiu, porque era necessario comprar e derrubar muitas casas, que naquelle logar faziam varios becos estreitos, conforme a fabrica antiga das cidades. Poude-o conseguir uma resolução que tomou Ruy Fernandes de Almada, que entrou a ser presidente do Senado da camara, e por memoria do author de obra tão util, quiz o Senado que a rua ficasse com seu nome, e se chama a Rua Nova do Almada.»

Em 1665 se reconheceu que era necessario abrir uma communicação mais espaçosa entre a cidade alta, que ia crescendo consideravelmente, e a cidade baixa, e por esse tempo se abriu a nova rua.

Por occasião do terremoto, do lado do nascente, ainda á Rua Nova do Almada vinham desembocar varios becos e travessas, como a do Crucifixo, do Tronco, Ferraria, dos Fornos, e do lado do poente os becos de João de Deus e da Parreirinha.

Tinha esta rua, quando se fez o Tombo, depois do terremoto, 858 palmos de comprido e 32 de largo. No fim da rua havia um largo que fazia frente ao convento da Boa Hora, do lado da Patriarchal.

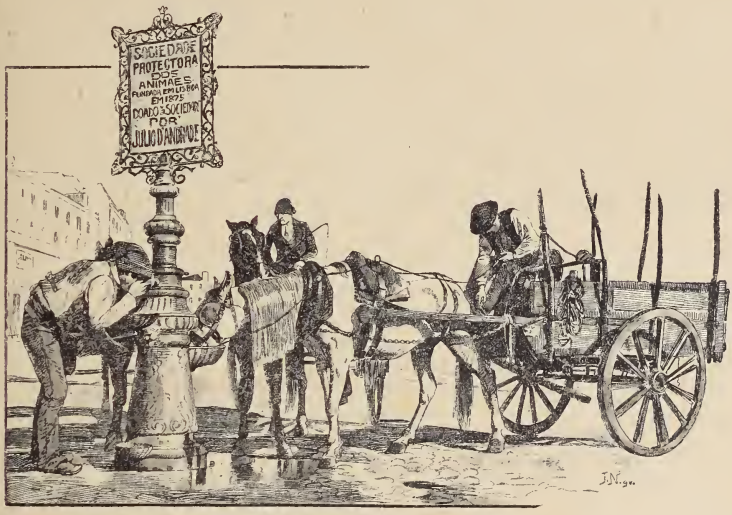
A frontaria da egreja da Boa Hora olhava para o norte, tinha o adro fechado com grades de ferro para a Rua Nova



4 - O carro da carne

do Almada, e no frontespicio tres arcos. A egreja era sumptuosa. Os dormitorios apresentavam um prospecto quasi egual ao que ainda hoje existe, figurando uma propriedade de tres andares, e naquelle tempo de quatro.

Proximas ao convento ficavam as casas do Visconde de Barbacena, que serviram de aljube, e onde antes houve um theatro, ou pateo de comedias, como então se lhe chamava. Das janellas das casas do Visconde de Barbacena se assistia ás representações, o que mostra que o theatro era realmente um pateo disposto para o espectaculo. Isto foi antes da fundação do convento, o qual foi substituido em 1633, tendo sido primeiro dos padres dominicanos irlandezes, depois dos do Espirito Santo, por doação que lhes fez Luiz de Castro do Rio, senhor de Barbacena, em 1659, e passando afinal para esse



5 — Marco fontenario da Sociedade Protectora dos Animaes

local os frades agostinhos descalços. A este sitio se chamava, antes de aberta a Rua Nova do Almada — as Fangas da Farinha, e ahi findava a Rua da Calcetaria.

A Casa do Espirito Santo teve primitivamente a sua egreja na capella do Santo Espirito da Pedreira, de antiga fundação; mas os padres alojaram-se no convento, que haviam deixado os dominicanos irlandezes e onde estavam desde 1633. Depois os padres oratorianos installaram seus dormitorios e mais accommodações junto á antiga ermida, que se tornou em egreja, e para ahi se trasladaram.

A egreja era de tres naves, e não ficava á frente do Chiado, como em 1831; era mais ao meio da Rua Nova do Almada; mas até ali e mais para o lado do Rocio chegava o edificio do convento, que o terremoto arruinou, e o fogo consumiu; e foi então José Joaquim Ludovice, architecto, filho de João Frederico Ludovice, o architecto de Mafra, encarregado de dar o risco para a sua reconstrucção, concluida em 1792, vindo para a nova casa os padres que estavam na casa das Necessidades.

O Rocio era uma praça irregular, mas já muito espaçosa. O Palacio da Inquisição; a celebração dos autos da fé; o convento de S. Domingos, que convocava á sua egreja

o concurso de toda a côrte, das elegantes e dos elegantes d'esses tempos; o Hospital de Todos os Santos com a sua esplendida fachada; os arcos do Rocio, onde se accommodavam as mais luxuosas lojas, que vendiam as fazendas da moda, tornavam aquella praça a mais importante da capital.

O Palacio da Inquisição que, como dissemos, ficava do lado norte do Rocio, foi primitivamente edificado por ordem do Infante D. Pedro, por alvará de 13 de Outubro de 1449, sendo o Infante regente do reino na menoridade de seu sobrinho D. Affonso V. O seu fim era para hospedar embaixadores e pessoas notaveis que vinham á côrte, ou mesmo pessoas da côrte, que não houvessem aposento no paço, ou palacios na cidade.

Os primeiros embaixadores que residiram neste paço foram os do Imperador da Allemanha, Frederico III, em 1451, que vieram por occasião do casamento da Infanta D. Leonor, irmã de El-rei D. Affonso V, com aquelle Imperador.

D. João III, por mais de uma vez habitou no Paço dos Estaos, até que o applicou para séde da Inquisição. D'ali sairam os horrorosos autos de fé, e ali se escreveu uma das paginas mais negras da historia de Portugal.

Em 1755, o terremoto e o incendio subsequente arrasaram completamente o edificio, que depois foi reconstruido com maior plano, pelo architecto Carlos Mardel.

Em 1820, depois da revolução, o povo invadiu o palacio do terror e do fanatismo, devassou-lhe os carceres subterraneos e as masmorras, derrubou a estatua da Fé, que se erguia no remate da fachada, e que fôra modelada pelo esculptor Joaquim Machado de Castro.

Tambem se chamou a este Palacio—da Regencia, porque durante a ausencia d'El-rei D. João VI, no Rio de Janeiro, a regencia do reino ali funccionou.

Depois de 1820, foi palacio do Governo provisorio do reino, ahi installado em 15 de Setembro d'esse anno. E em 1836, estando já então nesse edificio o Thesouro publico, a secretaria da Fazenda, e outras repartições d'ella dependentes, foi tudo consumido pelas chammas, no dia 14 de Julho.

Depois, no mesmo local, levantaram o theatro que lá está, abriu-se o Largo de Camões, e construiram-se os predios que decorrem até á Rua do Regedor, cujo espaço pertencia ao palacio incendiado, e onde havia um jardim com estatuas de marmore.

A casa que no Tombo da cidade se diz pertencer aos herdeiros de D. Balthasar da Silveira, e ficava ao lado do Palacio da Inquisição, á parte do nascente, e mais retraida, era do Conde de Ourem, D. Affonso, ao tempo da construcção do Paço dos Estaos.

Houve no Rocio um chafariz que ficava para o lado da Rua das Portas de Santo Antão, feito nos tres ultimos annos do seculo XVI, e demolido em 1786.

A ermida de Nossa Senhora do Amparo, que ficava debaixo dos arcos do Rocio, foi primitivamente uma albergaria onde se recolhiam os pobres passageiros e peregrinos, que ahi encontravam casa, cama e agua.

Depois, em 1492, ordenando El-rei D. João II a fundação do Hospital com a invocação de Todos os Santos, a albergaria foi incluida no edificio do Hospital.

Posteriormente um devoto (assim se conta) instituiu por sua herdeira á Santa Casa da Misericordia, e, entre as alfaias e peças primorosas que lhe deixára, estava uma imagem da Senhora do Amparo; então a irmandade da Misericordia edificou uma ermida para collocar a imagem, e a ermida era a que existiu debaixo dos arcos do Hospital.

A enfermaria ou hospital dos Incuraveis passou, segundo parece, em 1583, para debaixo dos arcos, e contigua á ermida.

El-rei D. João II lançou a primeira pedra nessa obra do Hospital de Todos os

Santos no dia 15 de Maio de 1492; e por seu testamento de 30 de Setembro do mesmo anno, feito na villa das Alcaçovas, deixou muito recommendada essa obra que devia, segundo a sua intenção, reunir todos os Hospitaes então existentes. Deixou mais dito que desejava que o seu Hospital fosse regido pelos regimentos dos Hospitaes das cidades de Florença e de Sena, na Italia; e outra disposição do seu testamento foi que todos os annos se remissem do poder dos mouros dois captivos dos mais desamparados que lá estivessem, e que os trouxessem a servir no Hospital pelo espaço de um anno, e durante este tempo deixassem crescer as barbas, e assistiriam ás festas da Virgem e ás missas com cirios nas mãos. E findo o anno, que se contava de 1 de Novembro, a egual dia do anno seguinte, seriam despedidos os captivos, podendo então cortar as barbas, e se lhes daria um vestido honesto. Explicava o testamento que os captivos deviam deixar crescer as barbas, para maior lembrança de se remirem os dois que teriam de os substituir, porque não era uso trazer as barbas crescidas.

A Santa Casa da Misericordia administrava o Hospital, e nelle se recolhiam os expostos, que pelo anno de 1551 eram em numero de 400 a 500.

O edificio do Hospital, concluido por El-Rei D. Manuel, que com grandeza cumpriu a piedosa recommendação do seu antecessor, era magnifico. A sua egreja era vasta, de tres naves, e uma das maiores de todo o reino. Á frontaria dera-se a magnificencia da epoca. O portal era de maravilhosa obra, e para elle se subia por uma grande escadaria, de tres faces, e com 21 degraus, o primeiro dos quaes tinha 76 pés de comprido, e de largo 64, terminando a escadaria num grande taboleiro, com 33 palmos em figura quadrada. O portal era no pomposo estylo manuelino, de grande magnificencia architectural.

Todo esse grande edificio era em fórma de cruz de quatro braços eguaes, assente em columnas de cantaria. A egreja era um d'esses braços, e a capella mór ficava no fecho da cruz, de modo que os enfermos, que estavam nas enfermarias (que eram os outros tres braços), ouviam missa por tres janellas que das enfermarias olhavam para a capella-mór, mesmo deitados nos seus leitos. Mas este uso acabou em 1647, mandando o provedor collocar altares portateis nas enfermarias, para os enfermos ouvirem missa nos domingos e dias santos.

Havia quatro claustros, um em cada braço da cruz, com o seu poço, e uma espaçosa horta, tambem com seu poço, que ficava onde hoje é a Praça da Figueira. Quando em 1858 se procedeu á limpeza dos canos da cidade, na Rua das Gallinheiras se acharam alguns degraus da escadaria da fachada da egreja do Hospital. Se é exacta a conta feita por Sebastião Rodrigues de Oliveira, em 1551, eram, nesse tempo, 5 as enfermarias com 103 leitos, mas acontecia, quando havia maior affluencia de enfermos, deitarem-se aos dois e dois em cada cama. E na albergaria destinada a recolher os peregrinos e mendigos havia outros 103 leitos.

Frei Nicolau de Oliveira, no seu livro das *Grandezas de Lisboa*, diz que eram 10 as enfermarias e tinham 331 leitos. Acontecia porém muitas vezes armarem-se camas nos corredores, por excessiva concorrencia de enfermos, especialmente no verão, e refere que no anno de 1620 passaram de 600 os enfermos reunidos no Hospital, o que já tinha acontecido em outros annos.

Todo o regimen do Hospital era feito com a maior regularidade. Ahi eram dispendidos nos primeiros annos do seculo XVI, 12 a 15 contos de réis, afóra o assucar de que El-Rei fazia mercê aos enfermos, e que andava por 150 arrobas; e cada anno se faziam mais de 600 arrobas de marmelada e assucar rosado, além de muitos dôces, escorcioneira e sandalo, e outras coisas de consolação para os enfermos, e mesmo dinheiro, que davam pessoas devotas.

Os arcos do Rocio, que eram um chamariz, pelas muitas lojas de venda que debaixo

d'elles se armavam, abrangiam o Hospital de Todos os Santos e o dormitorio do Convento de S. Domingos, e formavam toda a frente do Rocio do lado do nascente.

Existe a planta do Hospital, edificios e ruas adjacentes, no anno de 1750, pela qual se conhece bem a sua disposição topographica. Esta planta foi levantada depois do incendio de 10 de Agosto de 1750, que destruiu quasi tudo aquillo, por Joaquim Paes de Menezes, ajudante do sargento-mór Filippe Rodrigues de Oliveira. As frontarias do Hospital e do dormitorio de S. Domingos não eram perfeitamente alinhadas. Um pouco adeante da ermida do Amparo fazia toda aquella frontaria um angulo reintrante, ficando numa linha ligeiramente obliqua o dormitorio de S. Domingos. Os seus arcos abrangiam toda essa frontaria, desde a Rua da Bitesga até o adro de S. Domingos. As casas que faziam esquina para aquella rua, e ficavam no principio da Rua das Arcas, onde era a Praça da Palha, tambem tinham arcos.

6 — . . . Mérca a mão de nabos!

A Rua das Arcas correspondia á Rua Augusta, mas não sobresaía á linha do edificio do Hospital, como esta, antes ficava um pouco mais para traz.

Dizem uns que os arcos eram 25, outros affirmam que eram 35. Frei Nicolau de Oliveira e Frei Agostinho de Santa Maria dizem que eram 35; João Baptista de Castro menciona 25, e o auctor da *Estatistica manuscripta*, muito anterior aos escriptores citados, tambem diz que eram 25. Qual possa ser a causa d'essa divergencia? Todos esses escriptores são contemporaneos, e escreveram sobre o que tinham deante dos olhos. E' evidente que os arcos que havia nos predios da Praça da Palha não entram nessa conta, porque entre aquella praça e o Rocio se mettia a Rua da Bitesga.

A' terça feira, no mesmo dia da semana em que ainda hoje se faz a feira da Ladra, fazia-se no Rocio um antiquissimo mercado, que naquella mesma *Estatistica* vem mencionado com curiosissima resenha de todos os officios e industrias que a elle concorriam.

Vinham á feira 35 a 40 mercadores de pannos, conforme os tempos, pois que — diz o auctor — «do mez de Setembro até o fim de Abril do outro anno, vão muitos mais mercadores, porque é tempo apparelhado, porque então por respeito das novidades e colhidas se compra mais, porque então tem direito da sua colheita, e o inverno aperta com elles, e todos se fornecem de camisas, pelotes, capas e tudo o necessario, e a festa do Natal e Paschoa, e das naus da India, que levam muitas coisas que na feira se vendem, que são necessarias ás pessoas que vão nas ditas naus.» 60 fanqueiras, que vendiam panno de linho do reino e de fóra, coisas de linho e hollanda e panno da India. Outras 20 mulheres que vendiam coifas de oiro, garavis trançados (coifas de retroz ou de oiro e prata, de outro feitio, com trança por detraz e rebuço ao rosto), gorgeiras (enfeites de pescoço) lenços, tranças e cabeções e outras coisas ricas e de muitos feitios; 70 a 80 algibebes; 25 a 30 sapateiros de calçado novo e outros 15 a 20 sapateiros que vendiam calçado velho; 13 mulheres que vendiam linho e pedras, assedado e em estopa de todas as maneiras, aos arrateis e meios arrateis; 6 a 7 homens que vendiam

7 — Aspecto da procissão da Saude subindo a rua da Magdalena

chamalotes (tecido de lã finissima a esse tempo, e depois de sêda ondeada) fustões, setins falsos raiados de toda a sorte; 12 a 20 mulheres que vendiam louça de barro; 15 a 20 homens e mulheres que vendiam ferro velho e novo, ferramenta e pregadura; 10 esparteiros que vendiam toda a obra de esparto; 10 pessoas que vendiam cirandas e joeiras; 50 mulheres brancas e negras e mouras, que vendiam toda a sorte de roupas e pertences velhos de casa. Cesteiros (não diz quantos) que vendiam muito no tempo das vindimas. Caldeireiros (tambem não diz quantos) que vendiam caldeirões, castiçaes, bacias, tesouras de espevitar, almofarizes, e toda a obra de latão e arame; 20 a 30 mulheres de fóra da cidade, que vendiam queijos frescos, natas, queijadas, pão de leite; 4 a 5 homens que faziam mantas de retalhos; 10 mulheres que vendiam generos de mercearia, como sementes, colheres, cordões, ataca-bolsas e outras coisas. E gente que vendia alhos, cebolas, gaiolas, passaros, gamelas — e cavallos. Tambem se vendiam cavallos. E a tudo quanto se vendia na feira dá a *Estatistica* um valor de 6.040 cruzados.

O Rocio foi sempre ponto de reunião para o povo de Lisboa, e ali se passaram alguns dos successos mais importantes e mais dramaticas scenas da nossa historia. Fo no Rocio deixado nú e ensanguentado o miserando cadaver do Bispo D. Martinho; ali foi queimado vivo Garcia Valdez, auctor de uma conspiração gorada contra o Mestre de Aviz. No sitio onde veiu a abrir-se a porta do Hospital de Todos os Santos caira, desde as alturas do Carmo, a lança que o braço do Condestavel de lá arremessara uma vez, como prova da sua força.

No Rocio vinham os terços exercitar-se; ahi costumavam passear ás tardes as gentes e alfenados cavalleiros do Paço. As corridas de toiros, por festas grandes, as cannas, os jogos da pella e do tintinini, ahi levavam aos cavalleiros portuguezes grande parte dos seus dias.

A visinhança da Egreja e Convento de S. Domingos muito contribuia para attrair o povo áquella praça.

Foi no Rocio que se deram os graves tumultos depois da morte d'El-rei D. Fernando, e por occasião de todos os successos que precederam a acclamação do Mestre d'Aviz, como defensor do reino. Foi na Egreja de S. Domingos, que o Mestre compareceu para ouvir as rasões do povo, que não queria deixa-lo partir para Inglaterra, mas se encarregasse da defensa do reino, e especialmente da cidade, contra o Rei de Castella, que já invadia as fronteiras de Portugal.

Era isto em Dezembro de 1383. Passado um seculo, o Rocio presenceava a matança dos Judeus, no dia 15 de Janeiro de 1506.

Celebrava-se na Egreja de S. Domingos certa festa, a que assistia grande multidão de devotos. Existia naquelle tempo um crucifixo muito venerado, no qual houve quem visse, ou fingisse ver, um notavel reflexo, que a ser verdadeiro devia nascer das muitas luzes que provavelmente estariam accesas. Gritaram logo as beatas, e alguns supersticiosos, que aquillo era milagre. Duvidavam outros do caso, e entre esses um que diziam ser christão novo, o que era naquelles tempos quasi synonimo de judeu. Começou então o povo a alborotar-se, e voltando-se contra o desgraçado o arrastaram até meio do Rocio, e ahi o assassinaram e queimaram, num abrir e fechar d'olhos. Para augmentar mais o tumulto sairam logo dois frades dominicanos com um crucifixo nas mãos, clamando vingança contra os inimigos da fé. Accendeu-se mais com isto a raiva da plebe e crescendo o numero dos amotinados, cresceu-lhes a ousadia. Além dos dois frades que andavam capitaneando a gentalha, outro subiu a um pulpito e fez uma pratica infernal concitando os animos a maiores crimes.

Estavam no porto alguns navios hollandezes e de outros paizes do norte, cuja marinhagem andava em terra e com os amotinados augmentou a desordem e as correrias.

Quantos christãos novos encontravam, sem remissão matavam, e levando-os ao Rocio, ou á Ribeira, os queimavam em grandes fogueiras, que para aquella boa obra tinham de antemão preparado. Foi isto num domingo, e só nesse dia, segundo o testemunho de Damião de Goes, assassinaram mais de quinhentas pessoas.

Com a noite, a desordem, em vez de se apaziguar, cresceu. El-rei, com a côrte e toda a nobresa, estava fóra da cidade, por causa da peste em que então Lisboa ardia. As auctoridades civis tambem se tinham retirado, e os vereadores da Camara, que eram os unicos que podiam atalhar tão grande mal, não fizeram caso da revolta. Na segunda feira pela manhã o tropel tinha crescido até duas mil pessoas, e os assassinios continuaram com crueldade e furia. Já não apparecia nas ruas nenhum christão novo; mas o povo não se mostrava satisfeito de matança. Atacavam as casas, e arrombando portas, de rastos traziam os habitantes e, vivos ou mortos, iam lança-los nas fogueiras. Mulheres, velhos, creanças, nada escapava ao furor popular. A morte vestia-se de mil fórmas; e as barbaridades que se praticaram foram taes, que muitas dellas não é possivel descreve-las. Alguns d'esses infelizes, vendo que as proprias casas lhes não serviam de abrigo contra a investida da plebe, se acolhiam ás Egrejas, e com o medo da morte subiam aos altares e se abraçavam com as imagens dos santos; mas os furiosos d'ahi mesmo iam arranca-los, e os exterminavam sem distincção de sexo, nem de edade. As casas das victimas foram saqueadas. Muitos christãos velhos eram tambem mortos e roubados, e nesse dia se satisfizeram mil odios, pois que no meio do tumulto nada era possivel precaver, nem havia quem o fizesse.

Passou-se a segunda noite de angustia e terror; na terça pela manhã, a carnificina continuou, mas já então frouxamente. A gentalha começava a estar saciada de sangue e de rapina. A cidade despovoara-se de todos quantos podiam excitar a cobiça ou a vingança da plebe. E só então o phrenesi popular foi acalmando. Pela tarde, o regedor Ayres da Silva e o governador Alvaro de Castro entraram na cidade acompanhados de guardas, quando a revolta findava. Os estrangeiros tinham recolhido ás embarcações carregados de despojos.

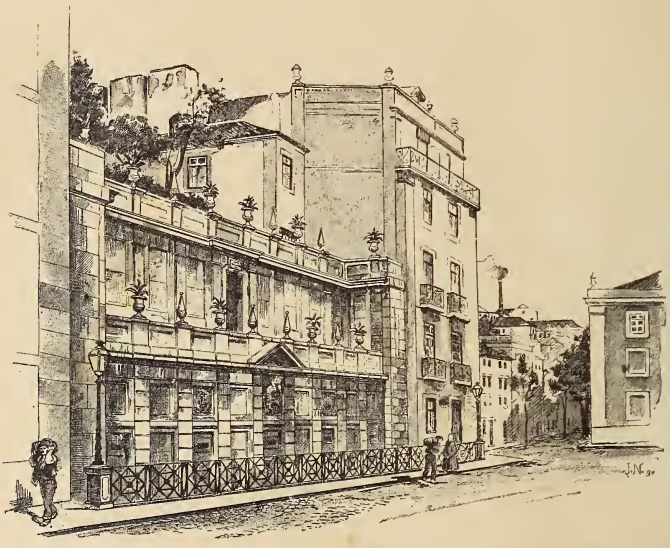
El rei estava em Aviz quando lhe deram a nova. Tomado de colerica indignação, mandou logo o Prior do Crato e o Barão d'Alvito com plenos poderes para conhecerem do caso e punirem os culpados. Duas mil pessoas tinham sido assassinadas, muitas outras estropiadas; o saque attingira numerosas casas. Procederam os dois commissarios de El-rei «com toda a inteiresa» e os cabeças do motim foram enforcados, sem escaparem os dois reverendos padres pregadores, que tinham concitado as turbas com seus sermões. As autoridades, que se haviam mostrado indifferentes ao successo, pagaram por seus bens a sua frouxidão. E, finalmente, um decreto extinguiu a Casa dos Vinte e Quatro, e acabou com os outros muitos privilegios da cidade, que só passados annos foram recuperados.

No livro, hoje bastante raro, da *Miscellanea* de Miguel Leitão de Andrade, se encontra uma curiosa noticia do modo por que se formou o bairro de Lisboa, tão grande e populoso, chamado depois Bairro Alto de S. Roque. Na *Lisboa Antiga* contou o Snr. Julio de Castilho (hoje Visconde de Castilho) tudo quanto soube da fundação e engrandecimento d'esse bairro, constituindo o fructo dos seus estudos litterarios, genealogicos e artisticos o primeiro volume d'aquella bella serie de descripções archeologicas da nossa capital. Em boa companhia poderemos pois dar uma vista de olhos, por lá, sem bagagem pesada de excursão archeologica.

No primeiro quartel, e na primeira metade do seculo XVI, toda essa vasta região eram campos, já maninhos, já cultivados. Aquelle tabolleiro montuoso, que lá desde a

lomba dos Moinhos de Vento se tombava para sobre as ribeiras desertas do Tejo, sombreavam-no oliveiras bastas para o lado onde hoje é S. Roque; matizavam-no matagaes e pastios silvestres, e repartiam-no casaes e herdades ermas, aprasiveis pela postura do chão, e pelo lavado dos ares.

Lisboa não passava nesses tempos para fóra da cerca torrejada com que a cingira El-rei D. Fernando de 1373 a 1375. Para a banda do poente findava na torre de Alvaro Paes, cubello extremo do lanço de muralha que se empinava desde o Valle Verde, por traz do velho Paço dos Estáos, ao longo de uma escarpada vereda; ou antes terminava no lado sul do Largo de S. Roque, por uma torre historica onde fechava



8 — Chafariz d'El-Rei, ao Terreiro do Trigo

o lanço do muro, que subia desde o Passeio Publico, de traz do Theatro de D. Maria II, ao longo da Calçada do Duque.

Ao lado da torre, a que parece ter dado o nome antigo o venerando chancellermór Alvaro Paes, abria-se uma porta chamada do Condestavel, e mais modernamente de S. Roque. A muralha formava angulo e tornejava para o sul. Pouco abaixo abria-se desde 1560 o postigo da Trindade. A muralha seguia sempre para o sul. No sitio onde hoje vemos o Largo do Loreto campeava, com quatro bastiões ameiados, a importantissima porta de Santa Catharina, olhando ao poente. A muralha, tendo deixado, separada d'ella, e extra-muros, a então recente Egreja do Loreto, continuava a descer pelo lado oriental do que é hoje a Rua do Alecrim, e, depois de se abrir no postigo do Duque de Bragança, encaminhava-se até ao sitio que fica entre os dois Ferregiaes, o de cima e o de baixo. Por ahi perto eram já as ribeiras fragosas do mar, medonhas e tristes a tal ponto, que ainda El-rei D. Sebastião, o Aventuroso, ahi andava de noite a divagar, arrostando perigos. A muralha formava outro angulo, e seguia para o oriente.

Voltando a S. Roque, quasi tudo isso, esse ambito de terrenos, semeados acaso de algum colmado solitario, rasgados de barrocaes, e ora lavradios ora vinhateiros, eram pertença de uma quinta, cujos senhores, oriundos de Galliza, brilham nos melhores nobiliarios de Portugal: os Andrades.

Estes Andrades, ou Andradas, tinham-se por bons fidalgos, e gente de haveres.

A casa d'esta sua quinta que bem situada não era então! á beira da estrada que ia para os Moinhos de Vento e Campolide, bella vista de campo e mar, e ás abas de Lisboa. A parte rustica da propriedade extendia-se desde S. Roque até abaixo da porta de Santa Catharina, e d'ali até á Egreja das Chagas e Boa Vista (hoje a Esperança), d'onde passava aos Moinhos de Vento, e acabava a circumferencia em S. Roque.

9 — Ruinas do convento do Carmo

No sitio onde hoje se ergue a Egreja de S. Roque, fundára El-rei D. Manuel uma ermidinha. Foi para albergar umas reliquias d'aquelle Santo, mandadas pela senhoria de Veneza, por occasião de uma peste que assolava Lisboa no principio do reinado d'aquelle monarcha.

Tudo ali eram campos; chamavam a esse deserto — o Rocio da Trindade. Como já as egrejas não bastassem para os enterramentos, faziam-nos, contra o costume, no frondoso olival d'esse oiteiro, por muito lavado de ares e afastado do grosso da povoação.

Extra muros da parte oriental de Lisboa, era conservada pelos conegos regrantes de S. Vicente uma reliquia de S. Sebastião, advogado da peste. Quiz El-Rei que fóra d'este outro extremo occidental se levantasse casa condigna ao outro advogado da mesma doença.

Foi do maior enthusiasmo na Lisboa manuelina a edificação da nova ermida de S. Roque. Parecia que, depois de erguido este sacello piedoso, a cidade ficaria como

que resguardada da invasão tão frequente das epidemias, e que deviam escuda-la aquellas duas casas como duas atalaias mysticas, duas fortalezas sobrenaturaes. Acordou toda a população, foi uma faina nunca vista. Vinham em romaria as senhoras de Alfama trazer, ellas proprias, por suas mãos, em bilhas enramadas de flôres, a agua para as obras, buscada no chafariz da Ribeira; e a nobreza tomou a si a protecção da ermida, inscrevendo no registo da confraria os primeiros nomes historicos de Portugal.

Foi isto em 1506; as obras começaram a 24 de Março, conforme inscripções achadas na fabrica primitiva, depois, ao reedificarem-n'a.

Em 1540 entrou a Companhia de Jesus em Portugal. Desejosos os padres de terem casa em Lisboa, escolheram aquelle cabeço. Na propria ermida de S. Roque estabeleceram o seu solar, e nuns colmados e pobres choças que em roda se engenharam, os seus humillimos albergues.

Era pois na ermida que se empregava a maior faina da attractiva parenése dos padres. Enchia-se a nave com a diaria concorrencia de fieis, a que não faltavam a côrte, e os monarchas. Ás tardes juncavam-se os arredores com o povo de Lisboa, e com tamanha devoção, que era mister fazerem-se a um tempo dois sermões: um na capella, outro em pulpito provisorio junto do portal, aos que ficavam de fóra á sombra das oliveiras.

A Companhia foi lançando raizes, ao bafo paternal d'El-rei D. João III. Planeou elle doar-lhe solar condigno de tal instituto, e de braço real; engeitou-o por humildade a Companhia; bastou-lhe começar a erigir em 1555, sobre o pequenino templo, cujo sitio exacto foi conservado por memoria, pois é a actual capella lateral dedicada a S. Roque, um templo vasto, e um hospicio limitado e commodo. Crescia, alava os seus braços verdes, carregados de flores e fructos, a nova casa professa de S. Roque.

Com os progressos da Companhia, com a fama das suas virtudes, com a crescente affluencia de gente ás suas festas e sermões, entrou a nobilitar-se aquelle campo deserto; e já pelo condão attractivo que tiveram sempre as casas religiosas, já pela tendencia de Lisboa a expandir-se para o occidente, foram pensando os poderosos em que de tantos olivaes e pastios devia brotar o melhor bairro da cidade. E mais os deveu incitar nessa idéa o desequilibrio que nas rendas de casas, e nas commodidades dos cidadãos, tinham produzido os terremotos recentes, e o subvertimento de ruas inteiras. Por isso não admira como se deixaram os dinheirosos namorar do convidativo aspecto d'aquella região. Provavelmente Nicolau de Altero, que já era rico, e seu padrasto Bartholomeu de Andrada, que tambem o era, pois desposára uma rica viuva, anteviram lucros pasmosos no arroteamento d'esses chãos lavradios, e entraram a dar de aforamento o seu latifundio. A energia monetaria da fidalga Lisboa oriental empenhou-se logo, como era claro, na construcção da nova povoa, nascida ali, por encanto, da palavra dos jesuitas. Havia naquelle instituto sagrado uma innegavel vis civilisadora.

A povoação, o ennobrecimento, e a civilização do Bairro Alto de S. Roque, como depois lhe começaram a chamar, isto é, o mais consideravel augmento que teve a capital, com todas as suas consequencias pecuniarias, sociaes, economicas e hygienicas, tudo é pois exclusivamente filho legitimo da Companhia de Jesus.

Mas não digamos ainda «bairro», que nesse tempo não o era; figurava o sitio como uma villa ás abas de Lisboa; pozeram-lhe Villa Nova; e para a caracterisar coroaram-na com o appellido dos seus directos senhores: Villa Nova de Andrade.

Fosse quem fosse o intendente das construcções, e tivesse, ou não, o Senado de Lisboa ingerencia directa no traçado de Villa Nova, o que é visivel é que se olhou com certo desvelo para o nascente povoado. Houve plano, e não foi o acaso quem o delineou, o acaso, que assim se chamava o architecto moirisco da Lisboa velha. Admira-se uma grelha quasi simetrica de formosas ruas cruzadas em angulos rectos. Ali já ha progresso palpavel, ordem, systema, que é o segredo das obras grandes; já alvorece o rigor pom-

balino da Baixa de hoje; já as avenidas são relativamente largas e alinhadas; em summa, sobre aquella amostra de edificação arregimentada, commoda e clara, paira o pensamento claustral e uniforme da Companhia.

Villa Nova de Andrade, assim bafejada pelos padres e pela nobreza, tornou-se moda. Em breve retalhou-se, ou por emphytheuses ou por compras, todo aquelle largo tracto de terreno; uns escolheram aqui, outros ali; uns queriam a vista do campo, outros a do mar; um preferia contemplar o poente, os oiteiros verdejantes, a barra do Tejo e as campinas da Outra-Banda; aquelle ia buscar a saude nos ares lavados dos Moinhos de Vento; aquell'outro voltava-se para o nascente, e para os morros acastellados a mirar os azulejados corucheos da gothica Lisboa de S. Jorge e S. Vicente, ou a espairecer a vista no olivedo densissimo do monte de Sant'Anna.

Houve logar para todos. A quinta dos Andradas era grande, e, segundo se vê, hospitaleira. Por devoção, e por elegancia, muitos nomes primaciaes ali edificaram os seus solares. Quasi que não ha ruas d'aquellas onde não vejamos casas nobres, algumas muito vastas e muito opulentas, se bem que a maior parte em grande decadencia hoje, e algumas em ruina.

A crescente faina da colonia foi pois um progresso bem acceite pela opinião, e auxiliado pelos grandes e pelos opulentos. Em vez das vielas tortuosas de S. Gião e Magdalena, os coches e as liteiras encontraram boas renques de casas alinhadas.

As oliveiras transformaram-se em casas, os cerrados deshabitados se mudaram em edificios grandiosos, cheios de gente nobre e de fidalgos illustres; os vallados toscos se trocaram em formosas ruas; o campo se fez cidade; o monte se converteu em côrte; e o sitio deserto se viu mudado em uma copiosa povoação.

Isto era em 1640 e tantos, muito menos de um seculo depois de fundada a Villa; fôra pois rapido o crescimento; e tanto, que o nome de villa bem cedo se obliterou; a villa passou a ser bairro da cidade a que tinha ficado adjacente, e o publico denominou-a então — Bairro Alto.

Depois, a pouco e pouco, tudo por aquelles contornos tomou as suas denominações particulares, os seus foros cidadãos, e Villa Nova ficou pertencendo á archeologia. Foi o que tinha succedido a Villa Gallega, da banda de S. Vicente, a Villa Quente, da banda da Graça, a Villa Nova de Gibraltar, na Ribeira.

Em dois seculos, até ao terremoto grande, a população agglomerou-se de modo pasmoso nesta nova região da vasta Lisboa. Foram-se os jardins dos palacios; reduziram-se as cercas das casas monasticas; acabaram os muros das quintarolas e cerrados, que davam no principio áquellas ruas uma feição aldeã e desafogada, de que os poderosos se deixaram seduzir. Supprimiram-se os quintaes e os pateos. Os moradores, conglobados na area já estreita, a que os ligavam interesses e commodos, altearam-se por terceiros, quartos e quintos andares; os casitéos pobres multiplicaram-se, e a colmeia começou a tornar-se menos elegante e menos salubre certamente. Ha villas e cidades não tão populosas como estas poucas ruas hoje são.

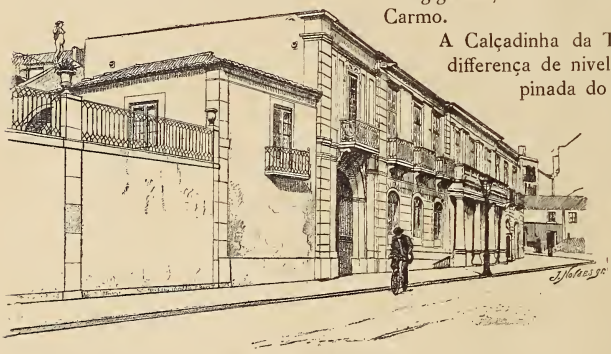
Já no meio do seculo XVII as casas tinham encarecido desmedidamente em Lisboa, a ponto de motivarem providencias repressivas de El-Rei D. João IV.

Da successiva accumulação de gente nascera no Bairro Alto o desenvolvimento dos commercios. Multiplicavam se as lojas dos comestiveis, e de tudo mais. A visinhança dos conventos attraia concorrencia, não menos a attraíam os paços reaes, e as representações scenicas, tão populares, da Rua da Opera; tudo motivos de condensação crescente.

Com ellas começaram os contras, perdendo de todo o bairro dos Jesuitas não só a sua feição campestre de Buenos Ayres quinhentista, que essa já tinha abalado, mas até as vantagens de nobreza e luxo de ruas, elegancia e formosura, claridade e bom ar,

tão preconisadas dos escriptores coevos da fundação, assim como perdeu o asseio e alinho das suas serventias.

Descendo de S. Roque, e seguindo sempre por fóra da muralha, encontrava-se outra porta ou postigo da circumvalação; não era do tempo do Rei fundador, mas posterior uns duzentos annos. E' conhecida a sua origem. Defronte da face principal do Convento do Carmo, abria-se um largo, um pouco mais estreito que o de hoje e desembocavam nelle sete ruas: pelo norte a Calçadinha do Carmo (hoje Calçada do Carmo); pelo poente a Calçadinha da Trindade (hoje Rua da Trindade), a Travessa do Arco de D. Manuel (que não existe, e ficava ao centro do quarteirão fronteiro ao templo), e a Travessa da Marquezinha (hoje pouco mais ou menos a Travessa do Carmo); pelo sul a Travessa dos Poyaes (talvez pelo sitio da Travessa Nova do Sacramento), e a Travessa do Sacramento (hoje Calçada do Sacramento); e pelo poente, encostada ao lado sul da Egreja, e passando-lhe por baixo dos gigantes, a Travessa das Escadinhas do Carmo.



10 — Palacio real, em Belem

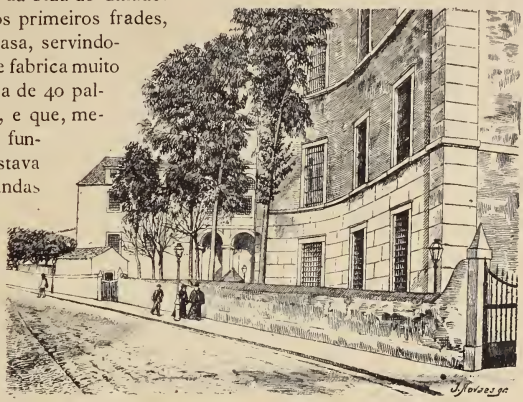
A Calçadinha da Trindade era, pela differença de nivel, muito mais empinada do que é a rua que a substituiu; esta hoje tem pequena inclinação; levava ao Largo da Trindade (hoje da Abegoaria), sobre o qual deitava ao norte o lado e a frontaria da Egreja dos Trinitarios. Ora uma curta rua, que da frente de esta egreja conduzia á muralha foi, só em 1560, aberta sobre um quintal, para melhor serventia do povo, que até ali tinha de dar uma grande volta para saír para os lados occidentaes, ou pela porta de Santa Catharina, ou pelo postigo de S. Roque.

Essa nova rua ia entestar na muralha da cidade, sobre a estrada que subia para o olival e recente casa professa da Companhia. Ao postigo aberto na muralha deu o povo, por memoria d'uma antiga ermida que ali houvera, o nome de Santa Catharina, como já dera egual denominação á grande porta torrejada que se abria mais abaixo, no sitio do actual Largo das Duas Egrejas. Mas aquella invocação mudou-se em breve, e o postigo de Santa Catharina passou a chamar-se postigo da Trindade.

Ficava, sem tirar nem pôr, no meio do hoje chamado impropriamente Largo da Trindade, passagem inclinada que liga a Rua Larga de S. Roque com a Nova da Trindade. Do lado direito vemos o theatro, edificado nas ruinas de um palacio da casa de Alva; do lado esquerdo os predios que formam a esquina ressaida da Rua Larga, e em frente uma habitação alta de azulejo, que marca muito ao certo o sitio da antiga egreja do convento, cujas portas principaes olhavam tambem ao poente, e cujo lado da epistola tornejava sobre o actual Largo da Abegoaria.

Do postigo da Trindade nem vestigios existem. Pois existiam ainda em 1750, que o diz um investigador laborioso, Frei Apolinario da Conceição, apezar de demolida a porta, por inutil, menos de cem annos antes.

No proprio logar onde se extendia aquelle templo, e todas as dependencias do Convento de Trinitarios, fundado em 1218 por El-Rei D. Affonso II, campeara desde tempos antiquissimos a Ermida de Santa Catharina, a que já alludimos, e cuja memoria ainda se conserva no titulo official da Rua do Chiado. Doára a aquelle soberano aos primeiros frades, para junto d'ella erguerem casa, servindo-lhes de egreja a ermida, pobre fabrica muito humilde, com sua alpendrada de 40 palmos de fundo e 20 de largo, e que, menos de um seculo depois da fundação do convento, já não bastava ao povo, que de todas as bandas concorria. Foi por isso que a Rainha Santa, mulher do neto d'aquelle que fundára o pequeno mosteiro, reedificou, ampliado sobre a velha ermida, um templo condigno á magestade do culto, e ao nome da já florescente casa da Trindade.



11 — Cadeia do Limoeiro

Basta a confrontação das datas para se vêr quanto, até então, tudo isso ficava extramuros. Quando El-Rei D. Fernando fez a sua muralha, ficou o mesmo convento pertença da cidade. Ora como a cortina da cerca lhe passava rente, apossaram-se os frades do lanço e das torres com que entestavam, do que se originaram com a Camara de Lisboa taes demandas, que só em tempo de El-Rei D. João III e D. Sebastião terminaram, por composição entre as partes.

O certo é que, pertencessem ou não aos Trinitarios a muralha e os cubellos, dos seus terrados praticaram os trinta monges, que viviam em tempos de El-Rei D. João I, prodigios de valor, durante os longos quatro mezes e vinte e sete dias do cerco de Lisboa. Acceitaram os clerigos e frades, como então a egreja admittia nestes casos extremos, o duro officio de defensores da cidade; a armadura revestiu a estamenha, e as dextras que usavam suster o calix da Eucharistia ergueram, sem tremer, o montante patriotico. Ao primeiro rebate acudiam armados os religiosos com as melhores armas que podiam haver; alternavam-se na vela nocturna dos eirados, e rondavam em quadrilhas todo o seu lanço, desde a Porta de Santa Catharina até á Torre de Alvaro Paes. As setenta e sete torres da muralha estavam bem abastecidas de pedras, dardos, béstas e virotões para os tiros, e, segundo o chronista, tremulavam d'entre as ameias os estandartes, ora com a figura de S. Jorge, ora com as armas da cidade ou do reino, ora com as dos senhores e capitães.

12 — Quentes e boas!

Findo o cerco dos castelhanos, e expulsos el-

les na mais triste debandada que póde imaginar-se, festejou-se tão fausto successo com altas demonstrações populares e cortezãs de regosijo; solemne procissão de acção de graças atravessou a cidade em direcção ao Convento dos frades Trinos, escolhido por ter sido aquella paragem theatro das pelejas mais sangrentas, e á festa que ahi celebraram os grandes da egreja assistiram com o Mestre todos os grandes de Portugal.

Dois seculos depois, volvia guerra á mesma parte da muralha, na regencia do Cardeal Archiduque Alberto. Acordou outra vez com as suas pretenções o mallogrado Prior do Crato. Trazia uma pequena armada, que lhe emprestara a Rainha Izabel de Inglaterra. Desembarcou em Peniche, e caminhou sobre a capital sem achar opposição, mas sem já levantar enthusiasmo.

Foram os seus de parecer que se acomettesse Lisboa pela porta grande do poente. Os cercados fortaleceram os cubellos, e para desembaraçarem o campo da peleja lançaram fogo ás casas que já então orlavam por fóra a muralha, desde a Porta da Trindade até á de Santa Catharina. Deu o animoso Prior do Crato o maior assalto que poude, mas pouco poude, e foi para logo rechaçado. Novo e cruel desengano!

Quanto aquelle sitio encerra de memorias piedosas e guerreiras! Tudo ali são recordações; e por pouco que detenhamos o espirito, avultam aos nossos olhos mil façanhas herculeas praticadas naquella ladeira, em prol dos direitos offendidos do Mestre de Aviz, dos do infeliz e tenaz D. Antonio, e dos da patria ultrajada pela invasão.

Por estas e outras circumstancias, foi crescendo em fama e em haveres o mosteiro d'El-Rei D. Affonso II.

Em 1401, Constança Esteves legou-lhe por sua morte uma herdade com seu olival e um campo, o que tudo veiu com o andar dos tempos a ser aforado em ruas, chamadas do Olival (e subsequentemente da Oliveira, da Condessa, que foi uma de Cantanhede), e de Alvaro Paes (que era o chanceller do Rei de Boa Memoria), até ao postigo de S. Roque.

Parte dos campos do arredor pertenciam á casa do Almirante Carlos Manuel Peçano, que os trocou com os religiosos da Trindade por outros bens; e em 1410 vendeu a El-Rei D. João I outro campo que ainda ali possuia, para se abrirem varias ruas, desde o Convento do Carmo até ao sitio onde hoje passa a Rua Larga de S. Roque.

Na Rua do Olival, ou da Oliveira, aberta nas terras de Constança Esteves, no tempo de Balthazar Telles, isto é dois seculos e meio depois de traçadas essas serventias publicas, ali se conservava em terreno do povo uma oliveira das antigas, como testemunha abonada de que o monte fôra todo coroado de copioso e formoso olivedo. Ficava na mencionada Rua da Oliveira, e os moradores a tratavam com especial cuidado, como reliquia do tempo antigo.

Varios incendios padeceu a casa claustral dos Trinitarios, até que o grande de 1755, consequencia do terremoto, que o arruinara em muita parte, com perda de vidas, varreu o que restava de tão nobre edificio. Reedificado o mosteiro sob um risco inteiramente novo, durou até 1836, em que as obras intentadas pela Camara Municipal, e a abertura da Rua Nova da Trindade, paralela á Rua Larga de S. Roque, arrancaram ao sitio as ultimas lembranças do convento d'El-Rei D. Affonso II e da Rainha Santa.

O Convento da Trindade, que por mais de seis seculos figurou nobremente na historia de Lisboa; o mosteiro, cuja torre era uma maravilha, cujos claustros dominavam grande terreno em volta, cuja livraria e cujos archivos eram dos mais famigerados do reino; a vivenda monachal, que se ufanava com varões de grande fama; o ninho piedoso cuja dedicação se empregava em remir captivos, sem baquear jamais na sua perseverança proverbial; a nobre fundação de Affonso II, derruida á porfia pelos incendios, pelos terremotos, e pela picareta dos municipios, tudo isso se sumiu para sempre.

Se a egreja de Izabel de Aragão foi, dezenas de annos, a mais formosa da capital

e seus arredores, só achou rival, até certo tempo, na grande fabrica arrogante e sumptuosa ali perto levantada pelo Avô de monarchas; templo e mosteiro cujo traçado era espantoso para aquellas eras, cujo nome e cuja causa era sublime, e que em suas fidalgas ogivas, erguidas para o ceu e cortinadas de hera, ainda hoje attesta a passada opulencia das suas tres naves colossaes.

A Trindade teve larga historia. Foi, como vimos, um dos campeões da nossa independencia, com a fé, lá por fóra, na moirama, com as armas, aqui, sempre que era mistér.

O Carmo teve não menos larga historia, mas de outro genero. O Carmo, sobranceiro á casaria vulgar da Baixa, tem muito do antigo cavalleiro: entrevê-se a cota de armas sob o manto; ha naquelle alto bastião feudal um myticismo, que se não confunde. O espirito melancolico de Nuno Alvares ali é que habita.

Depois, em tempos de grande cultura artistica, veiu a erguer-se lá em baixo, na Ribeira, a Misericordia com as suas archivoltas imaginosas, todas realçadas de efflorescencias classicas e moiriscas, e bastou essa nova creação do Rei feliz para desbancar como novidade as outras duas maravilhas.

A Porta fortalezada de Santa Catharina, atalaiava, toda arrogante e soberba, com quatro cubellos ameiados, o sitio onde hoje se abre o Largo das Duas Egrejas. Era um monumento historico e militar aquella porta; era por assim dizer o fecho da grande cinta. Devia ter merecido alguma commiseração aos demolidores, mas não mereceu: arrazaram na por inutil no anno de 1702, como se atira para uns desvãos um arnez de batalha.

Na face oriental da demolida porta existia a imagem de Santa Catharina, e na face do poente a de Nossa Senhora do Loreto. Ambas ellas, toscas estatuetas de pedra lioz, se acham na frontaria da Egreja da Encarnação.

Por fóra d'esta mesma porta, e um pouco abaixo para a banda do mar, lia se uma inscripção latina egual ás que se liam nas Portas da Cruz e de Santo Antão, composta pelo ministro Antonio de Sousa de Macedo, de ordem de El-Rei D. João IV; era uma allusão ao preito de vassalagem votiva tributada pelo mesmo monarcha á Senhora da Conceição, padroeira do reino.

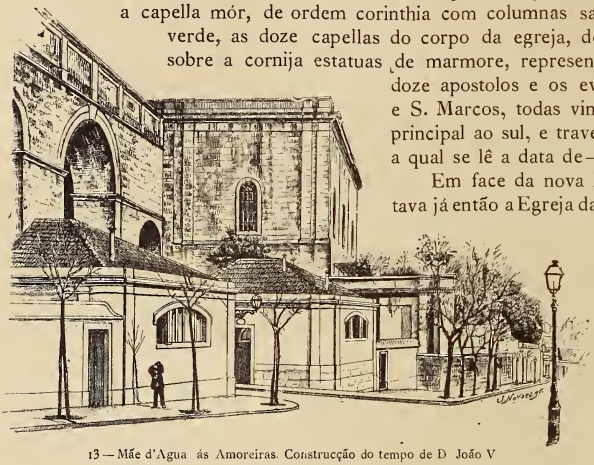
Era esta porta em tudo semelhante á Porta da Cruz. As columnas que a enfeitavam foram aproveitadas em 1702 na entrada principal do Açougue publico, situado no Terreiro do Paço, e lá existiam em 1750, e depois o sitio exacto em que ella se achava corria pelo centro do actual Largo das Duas Egrejas, na direcção norte-sul.

No seculo XV, para a banda norte occidental da porta, existia uma muito antiga Ermida de Santo Antonio. É raro o ponto onde se não ache pelas chronicas monasticas o vestigio de capellinhas a povoarem os ermos em volta dos centros grandes. Foi esta ermida escolhida para parochia pelos italianos residentes em Lisboa, em 1518, no pontificado de Leão X, trocando-se comtudo a invocação do orago. Antonio de Bulhões cedeu logar á Virgem do Loreto.

Contigua á egreja campeiava ao norte uma das torres da Circumvalação. Por alvará de 10 de Julho de 1573 concedeu El Rei D. Sebastião á irmandade licença para a demolir, convindo; mas ordenou que, se sobreviesse guerra, fosse atulhada a egreja até á altura bastante para servir á defensa da cidade. Tanto não foi necessario; e a casa do Loreto foi crescendo em fama e em haveres, até que em 1751 se declarou na egreja dos italianos um medonho incendio, que tomou proporções assustadoras, zombou de todos os socorros, e em tres quartos de hora devorava o rico tecto do templo, coberto de talha doirada e valiosas pinturas, a capella-mór, e todos os altares, perdendo-se do espolio sagrado peças importantissimas pelo valor estimativo e real. A devoção dos italianos residentes em Lisboa mostrou então para quanto era; fintaram-se, alguns deram de con-

tado avultadas sommas, os outros offereceram uma percentagem annual sobre os futuros rendimentos dos seus negocios, e pozeram todos mãos á grande obra, começando-se desde logo a desentulhar a ruina, e a dar ordem á reconstrucção.

A obra nova ficou bella. Pouco mais ou menos tinha o traçado que na reconstrucção posterior ao terremoto se conservou, com a differença de que em volta do templo corria um cemiterio, gradeado de ferro, com escadas para a rua publica. O campanario era alto, com tres sinos e duas campas. A egreja era de uma só nave; a capella mór, de ordem corinthia com columnas salomonicas de pedra verde, as doze capellas do corpo da egreja, de ordem compozita; sobre a cornija estatuas de marmore, representando em nichos os doze apostolos e os evangelistas S. Lucas e S. Marcos, todas vindas da Italia; porta principal ao sul, e travessa ao poente, sobre a qual se lê a data de — 1785.



13 — Mãe d'Agua ás Amoreiras. Construcção do tempo de D João V

Em face da nova Egreja do Loreto estava já então a Egreja da Encarnação, da qual fôra fundadora, no fim do seculo XVII, uma dama da Rainha D. Luiza de Gusmão e da Rainha D. Catharina d'Inglaterra, a viuva Condessa de Pontevel D. Elvira Maria de Vilhena. Pouco havia que admirar nesse templo, de proporções elegantes mas vulgares. Era obra proporcionada, bonita, rica, mas nada mais. Em 1651, além do fogo do Loreto houve um na Encarnação, e a séde da freguesia passou para a Trindade; depois de 1676 passou para o Loreto, e em 1679 para a Ermida do Alecrim, voltando á casa propria só em 1708.

Bem defronte das duas egrejas levantavam-se ainda ha quarenta annos uns restos de maior quantia, a que o povo chamava por epigrama os «casebres do Loreto», emoldurados pela Rua do Alecrim, Rua da Horta Secca, Rua do Loreto e Travessa dos Gatos, e no mesmo perimetro da actual Praça de Luiz de Camões. Todo esse centro era occupado pelos restos de um antigo palacio dos Marialvas, que figurava ter sido grande, mas sem belleza. Depois do terremoto não fôra mais restaurado: o unico fragmento fazia o angulo para a Rua do Loreto. Eram umas sacadas altas e severas, um cunhal de pedra lioz com uns brazões firmados na esquina. Tudo o mais não passava de casas estreitas e plebéas, pela Rua do Loreto até á Travessa dos Gatos.

O interior era um dedalo de pateos e cabanas ridiculas, de um pittoresco de má catadura; não habitava ali o pudor, certamente, mas formigava toda uma *ménagerie* de infortunios e vicios. Nos baixos dos predios da Rua do Loreto, industrias varias: um hervanario, um santeiro, um botequim na esquina, e já sobre o Largo uma taberna muito afreguesada, um dentista, uma especie de armario encrustado na parede e onde escanhoava um barbeiro, uns ferradores já sobre a Rua da Horta Secca, e, além d'estas, outras industrias mais ou menos embuçadas.

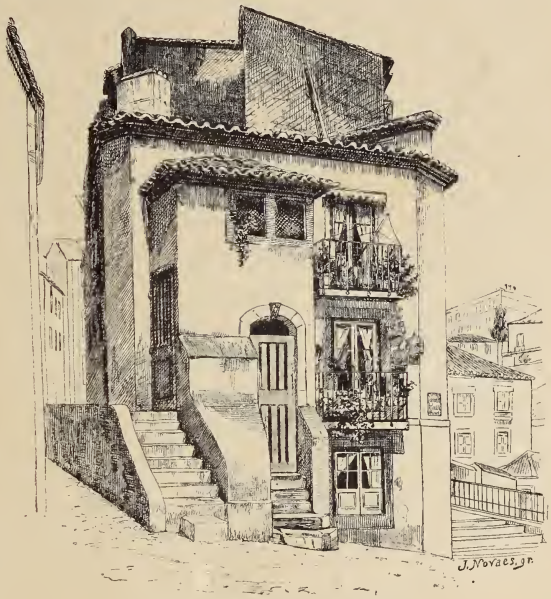
As varandas aristocratas onde assomavam no seculo XVII as empoadas senhoras da casa de Marialva, como grandes retratos de Rubens, habitava-as um relojoeiro. Por baixo dos brazões, na parte inferior do cunhal, eram afixados os cartazes dos theatros.

Nas outras janellas que seguiam altas, baixas, de todos feitios e côres, ou gorgeava um pintasilgo, ou discursava um papagaio, ou espreitava os passeantes algum rosto moreno por traz de taboinhas verdes.

Os Marialvas velhos e os Cantanhedes é que de todo não reconheceriam naquelle cahos o seu lar.

Se porventura se fizessem profundas excavações, no local onde existiam aquelles casebres, talvez se encontrassem as ossadas dos portuguezes e dos castelhanos que ali pelejaram em 1384, aquelles sustentando a independencia de Portugal, estes trabalhando por subjugar o nosso reino ao dominio dos seus monarchas.

Foi em 28 de Maio d'aquelle anno de 1384, que o rei de Castella, á frente dos seus, acometteu a cidade de Lisboa pelo lado da Porta de Santa Catharina. Poucos eram os portuguezes para se opporem, e por isso tiveram de retirar para dentro dos muros, sendo sempre perseguidos pelos inimigos, apesar das settas e pedras que despediam contra elles. El-Rei D. João I, que ainda então chamavam o Mestre, por ser o de Aviz, vendo de uma torre a escaramuça, e conhecendo o perigo de ser a cidade entrada pelos castelhanos, desceu da torre e elle proprio veiu fechar a porta, dizendo para os que se retiravam: — «Voltae, senhores; que é isto? Eu vos farei que sejaes bons, ainda que não queiraes!» E como lhes fechasse a porta, ficaram os fugitivos entre o muro e a barbacan.



14 — Casa quinhentista no Largo do Menino Deus

Neste aperto cumpria-lhes defenderem-se, sem attenderem á exiguidade do numero em face dos castelhanos, que eram muitos mais. Os castelhanos já contavam com a victoria; mas d'essa vez, como sempre, tiveram de se dar por vencidos. A peleja por parte dos portuguezes era ajudada dos muros com continuadas chuveiras de pedras e de settas; e assim se defendeu a barbacan, até que os castelhanos, cançados do porfiado combate, se retiraram, deixando muitos mortos e feridos.

Assim, por aquelle sitio dormem o seu ultimo somno alguns cavalleiros do generoso Mestre de Aviz, e alguns dos que lhe queriam arrancar da cabeça a corôa que lhe votaram o patriotismo e a lealdade dos bons portuguezes d'aquella epoca. Já então havia traidores, que se vendiam por boas postas.

Proximo do local onde existiram os casebres do Loreto, houve noutro tempo uma ermida que o terremoto de 1755 e o incendio que se lhe seguiu arruinaram e fizeram

desapparecer. Era essa ermida a de Nossa Senhora do Alecrim, e com quanto não estivesse situada no proprio terreno dos casebres, segundo consta, com elle confrontava pelo lado do norte.

E' curiosa a historia da Ermida do Alecrim. Apezar de não ser de mui remota data, tinha a sua tradição milagreira como quasi todas as fundações religiosas de outros tempos, e como todas as imagens de particular devoção.

Conta-se que da Ilha de S. Miguel viera a Lisboa uma senhora chamada D. Anna de Vilhena, filha de paes nobilissimos, a qual casou com Christovão Soares de Albergaria, desembargador da Casa da Supplicação, e que em sua companhia trouxera uma imagem da Virgem á qual tinha grande devoção e muito se encommendava, e como d'ella houvesse obtido muitas graças, desejou erigir-lhe uma casa em que fosse servida e venerada; mas como não tinha titulo particular, andava a matrona toda cuidadosa na invocação que lhe daria.

Vivia D. Anna de Vilhena numa sua quinta nos Olivaes, junto á freguezia. Estava ella um dia nessa egreja, como frequentemente fazia, pedindo a Nossa Senhora lhe inspirasse o titulo que devia dar á sua nova casa, quando succedeu que um seu filhô, menino, andando a brincar no templo, pegou do mealheiro de uma irmandade, e com elle se foi pedindo esmola para as missas de Nossa Senhora do Alecrim. Deu que reparar a novidade d'este titulo que a creança impunha á Senhora. Logo a mãe se alegrou muito, tendo como aviso do ceu o dito de seu filho, e assim assentou comsigo de impôr á devota imagem o titulo de — Alecrim.

Parece porém ainda que alguem impugnava a fundação e erecção da ermida, e que d'ahi se originou um pleito; e a este respeito ha outra tradição galante. Em consequencia de algum incidente do pleito, foi um notario ou escrivão a casa da fundadora a fazer-lhe uma notificação, e como a piedosa matrona ficasse mui sentida com tal acto, dizem que então chamára por Nossa Senhora que lhe valesse, e tendo naquella occasião no seu estrado uma gallinha branca muito mansa, ella saltára e começára a dar bicadas na cara do notario, o qual ficou absorto de tal caso, e vendo que uma gallinha tão domestica assim se embravecia, se despediu sem fazer a notificação, julgando que tão mysterioso successo era um aviso celeste para não continuar no exercicio do seu officio! Acabou-se a casta de tão prodigiosas gallinhas. Assim tivessem levado cresta os escrivães, que já outra vez são notarios...

Ninguem contesta á parochial Egreja de Nossa Senhora dos Martyres, a primazia na antiguidade. A tradição sempre constante que attribue a sua primitiva fundação aos cavalleiros estrangeiros, que ajudaram El-Rei D. Affonso Henriques na conquista de Lisboa, tem o cunho da authenticidade.

E' facto historico averiguado que muitos cavalleiros de Flandres, Lorena, Inglaterra e França, que compunham uma expedição ás ordens do conde flamengo Arnulfo de Aerschott, auxiliaram El-Rei D. Affonso Henriques na empresa da conquista de Lisboa; e é tambem fóra de duvida, que na dita expedição vieram muitos sacerdotes, como diz Herculano na sua *Historia de Portugal;* e acrescenta que a gente de Flandres e Allemanha levantou os seus arraiaes ao oriente da cidade, e os inglezes do lado do poente, fechando o cerco as embarcações pelo lado do rio, em quanto os portuguezes tinham o seu acampamento ao norte. Portanto, por aquelles lados das Ruas do Ferregial de Cima e de São Francisco e terrenos adjacentes, acamparam os estrangeiros, e é possivel, que vindo na armada de Arnulpho de Aerschott muitos sacerdotes, erigissem uma capella para o exercicio do culto. Assim póde suppôr-se, sem difficuldade, sendo aquelles tempos de tamanha religião, e tendo aquellas gentes saído do seu paiz, movidas pelo pensamento religioso de irem á conquista dos Logares Santos. E, se no Tejo se demoraram, foi porque aqui tambem se combatia contra os de Mafoma, e tambem se tratava

de os desalojar de uma cidade importante, para melhor os varrer com encarniçado afan lá para as suas terras d'Africa.

Era natural dar sepultura aos mortos na expugnação da cidade, no proprio campo onde tinham succumbido, e tambem era natural que houvesse pelos seus cadaveres duplicada veneração, visto que, como tinham dado a vida pela defeza da fé, se consideravam martyres. Assim é que a capella, que os sacerdotes estrangeiros tinham levantado, viria com o tempo a ser considerada como um monumento consagrado á memoria dos enforcados cavalleiros, que em guerra santa tinham dado a vida pela lei de Christo, contra a de Mafoma.

A tradição diz que uns ossos que ainda hoje se guardam na Egreja de Nossa Senhora dos Martyres, são dos que morreram na expugnação da cidade. E tambem é de tradição que os estrangeiros da expedição de Arnulpho de Aerschott traziam uma imagem da Virgem, e que foi ella a que collocaram no altar da primitiva ermida, e que essa mesma existiu até ao fatal dia 1 de Novembro de 1755, em que ardeu com todo o templo. A invocação da imagem seria a de Santa Maria, invocação generica da Virgem nesses tempos, por quanto só mais tarde começaram os variados titulos, sob os quaes se rende culto á Mãe de Christo, conforme as necessidades da vida, e os excessos da devoção. O darem-lhe o titulo de Senhora dos Martyres proveiu, de certo, de se ter erigido a ermida no mesmo logar onde ficaram sepultados os que morreram no assedio e assalto da cidade.

Considerava-se esta imagem muito milagrosa, e as paredes da sua egreja estavam sempre ornadas com muitas offerendas que os fieis lhe consagravam. Faria e Sousa, nas suas *Rimas Varias* de Luiz de Camões, inclue um soneto, o qual não assegura ser do grande lyrico, mas que tem a sua maneira, e dedicado á Senhora dos Martyres.

Parece que o poeta, entrando na egreja, vira os votos, as cabeças, mãos, pés e corpos pendentes das paredes, e até taboas e mastros de navios, e ainda animaes damninhos, e com sua vista se inspirou:

Estes te offereçam pés, ess'outros mãos;
De aquelles pendam sobre os teus altares
Monstros do mar, de servidão prisões;

Que eu em cuidados, enganos e afflicções,
Muito maiores monstros, e milhares
Te deixo aqui de pensamentos vãos.

Um ramo de flores que a imagem tinha na mão, frequentemente se lhe tirava para com elle tocar enfermos, e creanças no acto do baptismo.

Muito perto, mais para o poente, existia outra fundação, que se ligava com os pobresinhos plebeus da antiga cidade: era a Ermida dos Fieis de Deus.

Nos principios do seculo XVI tudo por ali eram campos a perder de vista, olivaes, matto, e terras de pão. Vivia no sitio da actual ermida um pobre ermitão, que tinha um singular encargo: era elle só por si o asylo da infancia desvalida; recolhia no seu albergue de colmo todos os meninos que encontrava extraviados de seus paes, e mantinha-os em quanto lh'os não iam reclamar.

Quando os paes, depois de farejarem por todos os recantos da populosa capital, se lembravam de ir áquellas terras occidentaes interrogar cheios de lagrimas o bom do ermitão, era com um sorriso benevolo e paternal que elle os acolhia, e tirava da manga do borel o menino perdido, coberto de beijos.

Foi no anno de 1551 que um tal Affonso Braz determinou edificar ali mesmo á sua custa uma capella decente, e fê-lo, dedicando-a ás almas do purgatorio, e dispondo que,

por morte d'elle fundador, passasse a administração para umas suas sobrinhas, e por morte d'ellas para a Misericordia.

Em 1620 quiz alguem fundar na Ermida dos Fieis de Deus um recolhimento da ordem da Santissima Trindade, mas foi prohibida essa fundação, sem se darem os motivos, por carta régia.

Num dos cabeços mais pittorescos, e de mais extensa vista, de quantos sobresaem nesta varanda de duas leguas debruçada sobre o Tejo, elevava-se a modesta e sympathica egrejinha das Chagas, filha do Convento da Trindade, porque não passava até 1542 de uma capella da egreja do mencionado convento, a qual nesse anno levantou o vôo,

15 — Arco das Amoreiras. Construcção do tempo de D. João V

como a santa casa da Palestina, e foi poisar naquelle cume, vista e querida dos mareantes, extendendo o olhar até fóra da barra. No anno seguinte celebrava-se ali a primeira missa.

Paira por aquelle sitio, como genio tutelar, a imagem graciosa e fugitiva de uma mulher amada, a Natercia de Camões.

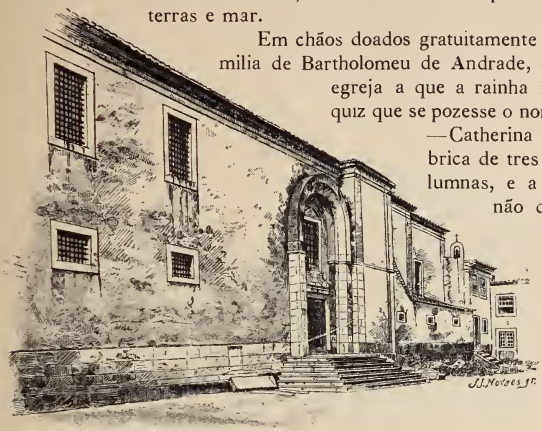
Foi ali que elle viu pela primeira vez, num officio da Semana Santa, a neta dos Viscondes de Villa Nova de Cerveira, a formosa filha de D. Antonio de Lima.

Na parte occidental do quarteirão formado hoje pelas Ruas do Calhariz, das Chagas, da Horta Secca e da Emenda, fundara o Cardeal-Archiduque Alberto em 1586, por esforços e suggestões dos beneficentes padres da Companhia, um recolhimento para mulheres convertidas. A sua organisação era severa e grave, como cumpria, o provedor sempre um titular, superintendendo a direcção de doze nobres eleitos annualmente. Os exercicios piedosos, as boas praticas, e os bons exemplos, traziam de todo ao aprisco as ovelhas desgarradas, e muitas vezes se conseguiu que as convertidas, regeneradas pela indulgencia maternal da religião, se tornassem verdadeiros modelos, chegando não raro a casar nas nossas conquistas ultramarinas.

O terremoto arruinou, e o novo plano transformou inteiramente aquella paragem. Dava para o sul, sobre a Horta Secca, a frontaria da egreja do recolhimento.

No monte fronteiro ás Chagas, para a parte do poente, eram os Altos de Belver, ou da Boa Vista, assim denominados pela sua alegre perspectiva de terras e mar.

Em chãos doados gratuitamente por herdeiros da rica familia de Bartholomeu de Andrade, edificou-se em 1557 uma egreja a que a rainha fundadora, D. Catherina, quiz que se pozesse o nome da sua santa padroeira —Catherina do Monte Sinai. Era fabrica de tres naves, elevada sobre columnas, e a que um contemporaneo não duvida chamar magnifica na grandeza, e primorosa no ornato.



16 — Convento de Sant'Anna, hoje demolido. Porta lateral

Foi uma parte do morro de Santa Catherina que se subverteu, em Julho de 1597.

Quem saísse do Alto de Santa Catherina e tomasse pela Rua da Cruz de Pau, a que deu nome uma enorme cruz, que d'aquelle cabeço servia de baliza aos mareantes até fóra da barra, achava-se a poucos passos andados no Calhariz.

Mas desçamos alguns passos da Calçada do Combro, ou dos Paulistas, como tambem se chama.

Deixando o palacio do Correio Geral, encontraremos á direita a Ermida da Ascenção, séde primitiva da parochia das Mercês. Creou-se a parochia em 1622; e como não tinha ainda casa propria, ali se estabeleceu interinamente. Era a mesma ermida cabeça de um morgado instituido por Antonio Simões de Pina, pessoa nobre e rica.

Por morte do fundador passou o morgado a sua filha Catherina de Pina, mulher do desembargador André Valente de Carvalho; o nome deste ainda se conserva na travessa contigua ao palacio, por onde é a porta principal.

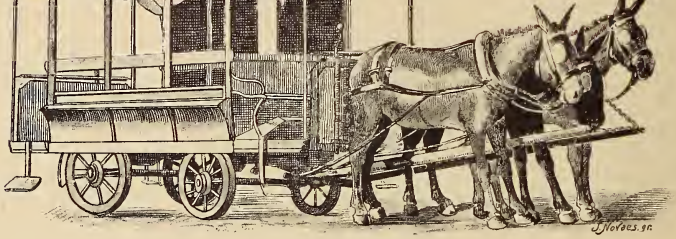
As portas n.os 76, 78 e 80 da Calçada do Combro, marcam ao certo o logar onde findava, até aos principios do seculo XVII, a tal travessa que hoje se chama de André Valente, e que liga com um angulo recto a Rua Formosa com a Calçada. O ramo norte occidental do angulo era d'antes maior que o ramo norte-sul. Foi André Valente, vereador de Lisboa, quem aforou, em 8 de Novembro de 1610, á Camara, a extremidade da Travessa, e a abriu mais acima, prendendo as suas propriedades á torre da Egreja dos Paulistas.

Foi a expensas do desembargador do Paço Paulo de Carvalho, que se construiu na segunda metade do seculo XVII a Ermida de Nossa Senhora das Mercês, a qual ficou sendo a cabeça do vinculo instituido por esse senhor, tio do primeiro Marquez de Pombal. Transferiu-se então para o novo templo a matriz da freguezia.

Fica esta ermida justamente na esquina da Rua Formosa para a das Mercês, e faz o angulo diametralmente opposto ao que é formado pela aresta da Ermida dos Fieis de Deus. Da tão proxima visinhança da pequenina ermida dos meninos perdidos, veiu o nome de Recolhimento dos Fieis de Deus a um asylo de mulheres, que se creou na casa contigua ao sitio onde posteriormente se erigiu a egreja de Paulo de Carvalho.

Ahi se acolhiam as mulheres, mães, irmãs e filhas, de creados do Paço, e de outros servidores fóra do reino. Um alvará de 1624 consigna 100$000 réis annuaes, por tempo de seis annos, para o custeio da casa, saíndo metade do desembargo do Paço, e outra metade da Casa da Supplicação. Outro alvará de 1644 renova por mais seis annos a mesma mercê. A parochial das Mercês caiu em parte pelo terremoto; e em quanto se não restaurou passou outra vez a ser matriz a Ermida da Ascensão de Christo e Senhora do Amparo na Calçada do Combro, que resistira á catastrophe.

Hoje é a séde da freguezia, desde 1835, no magnifico templo de Jesus; e a egrejinha de Paulo de Carvalho, pobre e pequenina como é, nobilita-se com ser a ultima ja-



17 — Antigo carro Rippert

zida de dois grandes homens: o grande Marquez de Pombal, para lá trasladado, e o grande Bocage, fallecido ali a dois passos, na Travessa de André Valente, na casa que hoje tem o n.º 25.

Está tambem na visinhança a Ermida de Nossa Senhora do Monte do Carmo, na Rua Formosa.

Houve nas immediações muitas capellas particulares, assim como recolhimentos e hospicios, entre elles o do Espirito Santo, quasi defronte do Convento (hoje Academia Real das Sciencias).

Havia mais o Recolhimento de Nossa Senhora do Carmo, que era dos Condes de S. Lourenço, na freguezia de Santa Catherina; o Hospicio dos eremitas da Serra d'Ossa, á Cruz de Pau; o dos missionarios do Convento de Brancanes; o dos franciscanos da Custodia, da Ilha da Madeira; o dos carmelitas de Pernambuco; e o de religiosos de Santo Antonio do Rio de Janeiro.

Na esquina da Rua Formosa para a dos Cardaes, encontrava-se o antigo edificio que primeiro foi recolhimento, depois Mosteiro de Nossa Senhora da Conceição de carmelitas descalças de Santa Theresa. Pelo terremoto a casa padeceu muita ruina, sendo as religiosas obrigadas a abarracarem na pequenina cerca.

D'ali perto ficava o Collegio de S. Pedro e S. Paulo, vulgarmente chamado dos Inglezinhos.

Fundou este seminario em 1632 (como ainda attestam as cinco estrellas em aspa sobre o portal) D. Pedro Coutinho, para viveiro de sacerdotes inglezes catholicos, auctorisado por carta regia de 1621, sob a inspecção do Inquisidor geral.

Fronteiro aos Inglezinhos, onde é hoje o Conservatorio, era o sitio em que por alvará de 1650 El-Rei D. João IV permittiu ao Padre D. Antonio Ardizzone a fundação de uma casa em Lisboa para os seus confrades theatinos. Era D. Antonio um venerando

sacerdote, clerigo regular, napolitano como o fundador principal da ordem, doutor em theologia, e muito affecto aos portuguezes e á nova dynastia de Bragança. Alcançou facilmente isso que era de tanta utilidade para os clerigos, que até então viviam em Lisboa em casas de aluguel, no sitio exacto onde é hoje a Egreja dos Martyres, hospicio estreito para os numerosos religiosos da Divina Providencia, que vinham ao nosso porto esperar a saída das naus de viagem para se irem á India trabalhar na conversão dos infieis.

Procurou-se no novo bairro um dos melhores sitios; o terreno escolhido foi na Rua então chamada dos Fieis de Deus (hoje dos Caetanos), logar alto e sádio, com bellas vistas de mar e terra. Ali havia o palacio de um nobre, e horta, pomar, logradoiros até á Rua Formosa, mais umas casas contiguas e quintaes, o que tudo se comprou, e se converteu na ampla habitação dos novos clerigos.

Quem a delineou foi tambem um theatino, o Padre Guarini, de Modena, architecto do Duque de Saboia.

Onde é hoje a Academia Real das Sciencias era o Convento de Nossa Senhora de Jesus. Quem fosse áquella paragem ha tres seculos, encontrava no meio de um deserto uma ermidinha da Senhora, servida por um ermitão, unico folego vivo que se gosava de tal remanço.

Os frades franciscanos da Terceira Ordem regular não tinham casa em Lisboa; quizeram funda-la e aprouve-lhes aquelle sitio cheio dos cardaes. Espalhou-se o piedoso intento; receberam logo de um Luiz Rodrigues e seu irmão a doação espontanea de uma casa proxima, e tomaram posse da ermida em 1595 ou em 1599, diligenciando logo alcançar permissão para edificarem um templo e mosteiro apropriado. Em 1615, lançou se com solemnidade a primeira pedra, entre grande concorrencia de povo da cidade inteira.

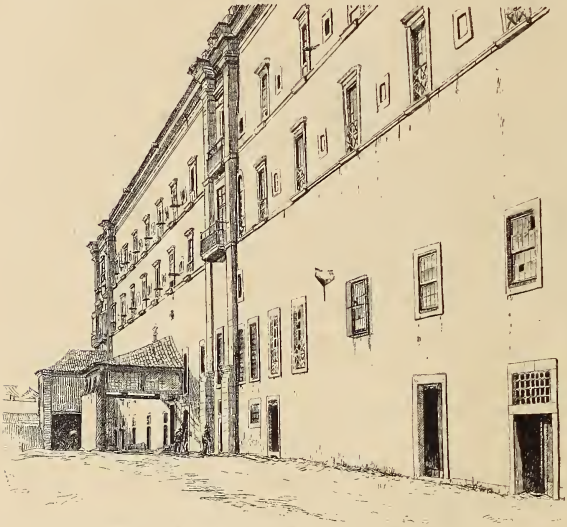
Em 1579, fundava o Cardeal Infante D. Henrique o Collegio Real dos Cathecumenos — «por causa de quatorze moiros que viéram de Berberia movidos de Deus, a pedir o santo baptismo, aos quaes logo acudiram alguns padres buscando-lhes esmolas para os sustentar, e dando-lhes a doctrina necessaria...» Assim o refere Balthazar Telles. Essa casa, onde durante seculos se deu baptismo d'alma aos infieis, era no mesmo local onde mais tarde se estabeleceu o primeiro dos Azylos de infancia, na antiga Rua dos Calafates.

Mais para cima da alameda que ainda existe, por ser o sitio desafogado e ermo, transferira-se o Mosteiro de S. Pedro de Alcantara, fundado pelo Marquez de Marialva, D. Antonio Luiz de Menezes, em 1670, e em uma casa abaixo da Ermida da Senhora do Alecrim.

Depois eram os Moinhos de Vento, com o sumptuoso palacio dos Condes de Soure, que foi tambem habitação temporaria da Rainha D. Catherina de Inglaterra, infanta portugueza, quando desgostosa da côrte ingleza e muito saudosa do seu Portugal voltou á patria em 1693. Este paço ficava mesmo no extremo do bairro, dominando para o nordeste e poente grande desafogo de terras de pão e largos pastios. Ainda ao tempo do terremoto os cumes da Patriarchal eram chãos de semeadura, desde o alto da Rua de S. Bento até á Travessa do Pombal e Cardaes de Jesus. Apenas uma ou outra rara habitação povoava a linha que seguia desde o palacio dos Condes de Soure ás fabricas das sedas — o solar de D. Rodrigo de Mello (hoje Imprensa Nacional) e a Casa do noviciado dos Jesuitas (depois Collegio dos Nobres e hoje Escola Polytechnica).

Quando do palacio dos Condes de Soure saiu a augusta inquilina, ficou provavelmente deserto o casarão; e os seus enormes salões foram então alugados a empresarios de theatrinhos de bonecos e de presepios. Os titeres tiveram fama que soube egualar a dos actores de maior merecimento; e pelos titeres suspiraram e derramaram muita

lagrima as nossas sensiveis bisavós. Ali se representaram, do reportorio do mallogrado advogado judeu Antonio José da Silva, a *Vida do grande D. Quichote de la Mancha e do gordo Sancho Pança;* a *Esopaida* ou *Vida de Esopo; Encantos de Medéa; Amphitrião* ou *Jupiter e Alcmena; Guerras do Alecrim e Mangerona; Variedades de Protheu; Precipicio de Phaetonte,* desde 1733 até 1738. No anno seguinte, e no vigor do talento e da mocidade, com trinta e quatro annos apenas, expiava Antonio José o crime de ter sido judeu, num auto de fé inquisitorial. E no mesmo pequenino theatro se representou o reportorio do fecundo e faceto traductor e imitador Nicolau Luiz.



18 — Fachada dos Paços de S. Vicente, que deita para o pateo interior

Por aquelles annos, e ali proximo, houve um outro theatro denominado — A Academia, arranjado em uma sala da Praça da Trindade, hoje Largo da Abegoaria. Uma provisão de 1738 caracterisa-o de «opera representada e cantada por musicos italianos em casa que para isso alugaram defronte do Convento da Trindade.» Lá se deram o *Alexandre na India*, com musica de Gaetano Schiassi, de Bolonha, musico do Principe de Darmstadt; e o *Artaxerxes*, e a *Olimpiade*, e a *Semiramis* — tudo de Metastasio.

Um alvará de 25 de Março de 1742 dava á corregedoria do Bairro Alto as freguesias da Encarnação e Sacramento que já possuia, e a mais o suburbio de Campolide e freguesia nova de Santa Isabel, com os julgados de Bemposta, Friellas e Apellação. O mesmo alvará creava um corregedor especial para o bairro de Santa Catherina e Mercês, e abrangendo no termo os julgados do Milharado, Povoa de Santo Adrião, Odivellas e Lumiar.

Quando D. Affonso Henriques tomou aos moiros a cidade, era o principal assento d'ella o monte do Castello. D'ahi se estendia um bairro populoso, e talvez o melhor, pela encosta que vae dar ao Tejo. Vinha a ser este bairro a nossa Alfama, que tantos vestigios conserva da sua mui remota antiguidade. Parece que já nesse tempo as terras esboroadas dos montes que correm por um e outro lado do valle tinham entulhado muito o esteiro, tornando-o facil de vadear, porque os arrabaldes corriam tambem pela encosta do monte onde hoje está o Carmo, e pelo lado da moderna Rua dos Martyres e de S. Francisco. Era nestes arrabaldes onde os estrangeiros, que ajudaram a D. Affonso Henriques na conquista de Lisboa, tinham assentado os seus arraiaes, e acomettendo elles a cidade pelo lanço de muro que corria pouco mais ou menos por onde hoje é a Rua das

Pedras Negras, necessariamente deviam passar pelo valle. Se ahi houvesse ainda um esteiro profundo a empresa teria sido difficilima, senão impossivel.

Entretanto a cidade baixa ficou ainda por seculos sujeita ás irrupções do rio, que junto ás aguas que no inverno se despenhavam do monte de Sant'Anna, e ás que vinham do lado de Andaluz faziam grandes estragos. Fr. Luiz de Sousa conta que muitas vezes a agua entrou no Convento de S. Domingos arrasando tudo quanto encontrava, e o mesmo devia acontecer aos outros edificios que estivessem naquelle nivel. Não eram só as torrentes das chuvas que faziam estes estragos; era tambem o mar que entrava pelos canos publicos, e talvez por cima das ruas, tão pouca elevação tinha a terra acima da superficie do mar.

19 — Convento de Sant'Anna, hoje demolido. Fachada principal

Mas voltemos ao monte que leva ás costas a sua rêde de ruas velhas, ao longo do bairro mais central, povoado e formoso. Era ali, naquelle monte, que levanta de improviso sobre despenhadeiros a cabeça torreada, por detraz das duas praças do Rocio e da Figueira, e vae serenamente descaindo de norte a sul, até fallecer ás abas do Tejo, por detraz do Terreiro dos antigos Paços Reaes — era ali, no meio da nova cidade, a cidade moira; no meio de Lisboa, a christã e bella, Lissibona ou Aschbounah, a arabe e guerreira.

A cerca velha da cidade, ainda de pé no primeiro quartel do seculo XVII, tomava do Castello até á Porta do Ferro, e d'ahi até junto á Misericordia; e, correndo para o oriente, chegava ao Chafariz d'El-Rei, d'onde tornava a subir até á Porta de Alfama, d'ahi até á Porta do Sol, e d'ali até ao Castello. Mais succintamente, a Lisboa primitiva estava incluida no mais alto monte onde está o Castello, com tudo o que corria entre as Portas do Sol e do Ferro até á Ribeira.

Seguir no plano da Lisboa actual a linha mathematicamente exacta da muralha ismaelita, é de todo impossivel. Mas trepando e descendo os escabrosos alcantis, dando

a volta aos baluartes do moiro, encravados hoje na casaria dos nossos bairos orientaes, e de vagarinho seguindo, passo a passo, o itinerario paciente e seguro do Snr. Castilho, chega-se a certesas em larga parte do percurso, e noutra a aproximações quasi certas.

Ao meio da nossa Rua de S. Bartholomeu, na esquina da chamada Rua do Milagre de Santo Antonio, prolongação da Costa do Castello, e portanto estrada antiga que ligava com os arrabaldes do norte, abria a cinta das fortificações a sua primeira porta, denominada da — Alfofa.

Depois da Porta da Alfofa descia sempre a muralha, formando uma curva muito larga ao longo da empinada Calçada de S. Chrispim, cortava a actual Rua Nova de S. Mamede, e a das Pedras Negras, e ia passar no Largo actual de Santo Antonio da Sé, por traz da nossa Magdalena, cujo sitio ficava de fóra. Nesse largo abria-se uma porta chamada desde o tempo dos moiros Porta de Ferro, de certo por ser muito chapeada, e posteriormente Porta do Ferro; e até ao fim do seculo passado (1782), em que se demoliu, Arco da Consolação, se bem não fosse já então a mesma antiga porta, visto como El-Rei D. Manoel a mandara alargar. O titulo da Consolação provinha-lhe de uma ermidinha, ou oratorio, edificado sobre a verga da portada, e onde era uso piedoso dizer-se missa na passagem do prestito lugubre dos enforcados, desde o Limoeiro, por fórma que o padecente assistisse ali pela ultima vez á elevação da sagrada hostia.

Nesse ponto formava a muralha um pequeno angulo para o nascente, tinha ahi talvez sua torre de defensa, quebrava outra vez para o sul, e ia morrer na praia, erguendo na esquina outra torre. Vinha esta a ficar defronte do que é hoje a porta trazeira das sacristias da Conceição Velha.

Era o Tejo o fosso natural ao longo das areias da praia, reforçado ainda assim, e continuado de muro.

Lá adiante, na Ribeira Velha, defronte do actual Caes de Santarem, abria-se a Porta do Mar, communicação unica a esse tempo com o lado sul. Foi, depois do rompimento de outras portas do mar, chamada Porta do Mar a S. João (S. João da Praça).

Pelo sitio, pouco mais ou menos, onde acaba o Chafariz d'El-Rei, a muralha torcia para o norte, subia até defronte do sitio onde veio a ser a entrada da demolida Egreja de S. Pedro, cuja frontaria olhava ao poente. Abria-se nesse logar outra porta; lá está ainda uma torre, e um resto da muralha visinha.

D'ahi subia a muralha ao longo da actual Rua da Adiça, trepando fadigosamente até ás Portas do Sol, onde veiu a erguer-se, encostada a ella, que lá se vê ainda a descoberto e bem conservada, a Egreja de S. Braz da Ordem de Malta, chamada vulgarmente de Santa Luzia.

Isso ahi deviam ser ainda no seculo XII sitios selvaticos e de grande aspereza. As immediações, para a banda d'onde é hoje o Salvador, eram altas mattas e bronca penedia. O desegual do terreno ainda o indica. Chamavam ao sitio Alfungera, vocabulo arabe diminutivo de *hajaron*, pedra, e certamente alludia á natureza geologica d'aquellas quebradas. Ainda no seculo passado essa denominação se encontrava quasi intacta no nome de Alfugeira, que era um sitio da parochia de S. Vicente. A proxima Egreja de S. Thomé, hoje demolida, chamou-se tambem S. Thomé do Penedo.

Das Portas do Sol arrancava a cerca o seu ultimo estadio até ao sitio do actual Pateo de D. Fradique.

Esse recinto superior, essa acrópole, tinha tres portas. Uma ficava sobre o que se chama hoje Chão da Feira. Ainda em 1838 se via uma porta antiga entulhada no muro do Castello, junta á entrada do Pateo de D. Fradique.

No resto do muro da cidadella, ou alcaçova, que ia costeando a corôa do morro, ainda outras duas portas se escancaravam sobre o que é hoje (e não era então exactamente como agora) precipicio abrupto das ribanceiras de cannavial, milho, e desbastado

olivedo: para o lado de Almafalla, a depois chamada Porta do Moniz, sobranceira á povoação mais modernamente denominada Villa Quente; e emfim, a pouca distancia d'essa, a chamada Porta da Traição.

Além d'estas portas, as outras que vieram abrir-se na mesma cerca moira foram mais modernas e christãs.

Estensos lanços da muralha se encontram ainda vivos ao longo do itinerario que seguimos. Nem todos serão primitivos, não se enganem os antiquarios. Ha provas de que alluiram fragmentos d'esta importante defensa; e de que alguns dos nossos primeiros soberanos demoliram e reedificaram outros fragmentos, e até alargaram os postigos velhos; sem falar por agora em El Rei D. Fernando, auctor da cerca de 1375. Em todo o caso, mesmo quando o que ainda vemos não passe de concertos ou reedificações, seguiu certamente o primeiro traçado, e serve de valioso documento archeologico.

E' facil a qualquer o observar de passagem como taes restos do paredão vão seguindo em linha recta ao longo da Rua dos Bacalhoeiros, então o areal do Tejo. Percebe-se perfeitamente a largura do muro, que vae cortando ao meio o interior de quasi todas aquellas lojas; percebe-se a grossura dos arcos ou portas, que no muro vieram a rasgar-se em tempos muitos posteriores; percebe-se no Campo das Cebollas, á Ribeira Velha, um pouco adiante da Casa dos Bicos, um cunhal, em fórma de talha mar, que de certo foi torre, e depois pertenceu a um palacio de antepassados do Snr. Marquez de Bellas, como ainda lá attestam as armas dos Corrêas, senhores de Bellas; percebe-se junto á Porta do Mar, que o ressaido dos palacios contiguos (um dos quaes, o dos Condes de Coculim, hoje dos Snrs. Marquezes de Fronteira, assenta sobre um embasamento de castello feudal), está revelando o plano de um ou mais bastiões de defensa; percebe-se junto ao Chafariz d'El-Rei o vulto, tambem disfarçado em casas, dos restos da torre d'aquella esquina; percebe-se, ao longo da Judiaria, a passagem da muralha; vê-se defronte do sitio da Egreja velha de S. Pedro, a torre e um lanço de muro; vê-se claramente a edificação subir pelo dorso da Rua da Adiça até ás Portas do Sol.

As proprias portas antigas tornaram-se inuteis; mudaram-se em arcos. Essa passagem da porta medieval para o arco foi a sua secularisação. Ellas ahi estão boquiabertas, tres ou quatro, pasmadas do seu ar guerreiro entre usos pacificos e urbanos, mas contando ainda a quem as sabe e quer ouvir admiraveis trechos truncados das chronicas.

Não era desmedidamente grande o espaço abraçado pela curva tortuosa irregular das muralhas agarenas. Não era grande; porém, a avaliarmos pelo cerrado do labyrinto de ruas e viellas postas a cavalleiro umas das outras até lá acima, acommodava, como em prateleiras, grande numero de habitantes, 200.000, contando o povoleu do arrabalde, gentio meio nómada, estanciando em barracas, como povoação a crescer. Assim o dizem escriptores antigos.

Depois da tomada de Lissibona pelos christãos, referira o proprio Alcaide moiro conterem-se nella 154.000 homens. Exceptuavam se as mulheres e creanças, mas entravam no numero os profugos do Castello de Santarem, que nesse anno acabava de ser tomado por El-Rei D. Affonso.

Não representariam certamente estes algarismos tão altos a povoação permanente e ordinaria de Lisboa, mas sim a que resultaria nesta occasião, de acrescerem aos filhos da terra os moradores dos campos, granjas, aldeias, e povoações não defensaveis, ou menos fortes dos arredores, os quaes todos diante de um exercito exterminador, e com as imaginações ainda assombradas da recente mortandade de Santarem, deviam de ter fugido para o abrigo mais seguro e commodo que se lhes deparava.

Fosse como fosse, apesar da sua area diminuta, é certo que se houve por já muito

populosa a hospitaleira Lissibona; e querem alguns que a propria palavra Alfama, que Frei José de Santo Antonio Moura deriva do arabe *Aljama*, ajuntamento, povoação, congregação de gente, traga para este caso um novo argumento philologico.

E' probabilissimo que nestas computações estatisticas entrasse tambem a numerosa gente que habitava o arrabalde, não só por Alfella, como já disse, mas tambem pelos declivios occidentaes, fóra dos muros, e por sitios anteriormente habitados de romanos, pela

20 — Num lavadouro publico em Alfama

nossa Magdalena, pelo nosso Borratem e sua encosta e por uma nesga da nossa Baixa.

Certo é que em volta dos muros abaluartados se estendia no tempo dos moiros um espaçoso arrabalde, ou suburbio, não fechado de cerca propriamente dita, mas cerrado sobre si pela fila exterior das proprias casas, e servindo até certo ponto de segundo muro, ou barbacã.

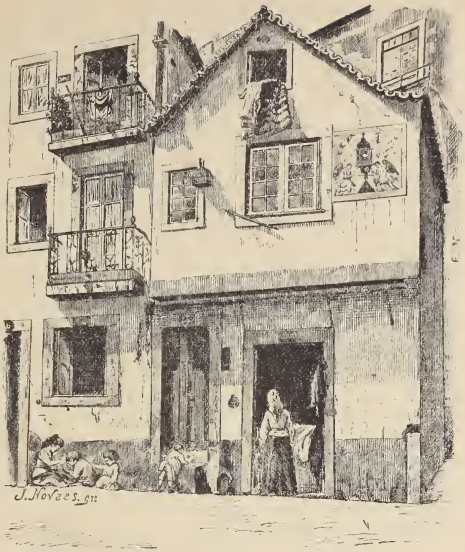
Figura-se pois aos olhos modernos a moirisca cidade do Tejo um centro operoso, apinhoado, com pronunciada feição maritima, muito devassado de mercadores e forasteiros, sombrio e tortuoso, mas communicando com os risonhos arredores das almoinhas e trafegueando noite e dia pelas suas barcas pescadoras e corsarias com aquelle retalho aberto do Mar Tenebroso.

Quando D. Affonso Henriques veiu pôr cêrco a Lisboa, o Campo de Santa Clara, que ainda hoje é muito amplo, era muito mais vasto, principiando pelo norte no meio inferior da actual Travessa da Veronica, e se estendia em declive até á margem direita do Tejo. O Convento de religiosas de Santa Clarà, que ali se principiou a edificar em 1294, é que lhe deu o nome.

Por algum tempo serviu este campo de logar de supplicio aos criminosos, e a meio d'elle se levantava a forca, que por supplica das freiras foi removida para longe.

Em 1147 não havia ali, nem nas proximidades, edificio algum: não era mais do que um monte agreste, onde o Conquistador estabeleceu os seus arraiaes d'este lado, occupando os cruzados, que o vieram ajudar, o sitio onde hoje está a Egreja de Nossa Senhora dos Martyres e ruas adjacentes.

Começando o cêrco, mandou o Rei fundar neste campo, então acampamento, uma capella, uma enfermaria, e um cemiterio; depois da tomada de Lisboa, em 21 de Outubro d'aquelle mesmo anno, ali lançou os fundamentos do Mosteiro de S. Vicente, que por estar fóra da cêrca moirisca se denominou — S. Vicente de Fóra. Foi esta a primeira edificação que se fez naquelle monte.



21 — Casa seiscentista na Rua dos Cégos

No dia seguinte ao da rendição, foram os generaes estrangeiros prestar fidelidade, por si e pelos seus, a D. Affonso, para todo o tempo que em terras d'elle houvessem de demorar-se. E feito isso, concedeu-se aos moiros o que pediam para a entrega da cidade.

Tambem se decidiu que, antes de mais ninguem, entrassem nella, á hora que se ajustasse, cento e quarenta guerreiros escolhidos do bando inglez, e cento e sessenta do flandrense e colonense; que a cidadela, ou alcáçova, se deixasse em paz, afim de que os moiros ahi accumulassem todas as suas riquezas e todos os despojos que ao deante haviam de ser repartidos; que só depois d'esse arranjo é que o resto da cidade havia de ser perscrutado, a vêr se em alguma parte se encontravam mais preciosidades; que no caso de apparecerem nalguma casa, o dono d'ella seria logo morto; e que, finalmente, depois de assim vasia Lissibona, se daria licença aos habitantes para saírem.

22 — A... zeite dôce!

Chegou o dia 24 de Outubro, uma sexta-feira. Foi esse o dia escolhido para a posse da cidade. Mas só no dia 25 é que o monarcha fez em Lissibona a sua entrada triumphal.

Nos pequenos templos provisorios de S. Vicente, a leste, e de Nossa Senhora dos Martyres, a oeste, celebravam os capellães festas religiosas, ao mesmo tempo que se fazia a saida obrigada dos moiros para fóra das muralhas. Por tres portas ao mesmo tempo, e durante cinco dias a fio, foram desfilando em lagrimas aquelles espoliados. Parecia uma turba interminavel.

Mas El-Rei foi bom e tolerante para os vencidos, e a muitos moiros, que lh'o pediram, consentiu que ficassem na terra conquistada, sujeitos onde d'antes eram os senhores, para ajudarem o cultivo e para irem tambem, com a companhia dos catholicos, abrindo os olhos á verdade e deixando a falsa seita. Assim tiveram começo aqui os bairros que ainda hoje conservam o nome de Moirarias, junto aos grandes centros christãos, quando Castella e Leão se foram desenvolvendo, e absorvendo aos sarracenos peninsulares uma parte dos seus territorios.

Para não deslocar, inutilmente, tantos interesses ligados á sua nova povoação, consentiu pois El-Rei que, sob certas condições de mutua vantagem, habitasse junto ao elemento christão o elemento moiro forro. Deu-lhes uma carta de fieldade e firmidooen, datada de 1170. Ahi estatuia que podessem os moiros eleger entre si um alcaide para juiz nas suas queixas e desordens, funccionario a que elles chamavam *cadi*. Tinham porém que pagar annualmente um *maravedi* por cabeça, ou 2$326 réis da nossa actual moeda, logo que principiassem a ganhar pelo seu trabalho, já no fabrico das terras, já no adubo das vinhas reaes; dar a El-Rei o dizimo de toda a obra que fizessem, tributo esse chamado *azaqui;* pagar a alfitra, ou alcavalla, que era da propriedade; e vender o azeite e o figo com um terço menos do lucro que os cidadãos de Lisboa. Depois d'isso ficavam escudados de qualquer damno de christãos ou judeus.

Eram portanto as Moirarias o espaço concedido aos moiros para sua habitação, quasi sempre fóra e junto das cidades. Ahi se mantinham esses parasitas da civilisação nova, com leis e costumes muito seus, que os distanciavam de nós, mas ao mesmo tempo logravam prende-los, e talvez affeiçoa-los, á colmeia christã.

Tinha a nossa Moiraria por mesquita um acanhado templo, onde hoje vemos Santo Antão-o-Velho, vulgarmente o Colleginho, ao topo da Rua do Capellão, derradeiro baluarte do islamismo. Em roda d'essa mesquita conglobava-se muita moirama por vielas, hortas e casaes, vivia das variadas agencias, auxiliava em muitos misteres os seus hospedeiros, e pagava-lhes a hospitalidade com tributos e serviços.

Pouco a pouco, porém, tinha-se relaxado a sequestração absoluta do elemento moiro; tinha insensivelmente havido mistura gradual de moiros e judeus com a colmeia christã; por isso as Côrtes de Elvas, em 1361, representavam a El-Rei D. Pedro «que d'isso provinham algumas coisas desordinhadas, de que os christãos recebem escandalo e nojo»; ao que elle respondeu determinando que essas «raças infectas» morassem em logar apartado, como as antigas leis lhes impunham.

O publico exigia não só a segregação completa d'elles; tambem se escandalisava com inveja, quando via em alguns logares do reino as judiarias collocadas em situação favoravel, vivendo muitos christãos por intoleraveis vielas. As Côrtes de Santarem, em 1434, chamaram para isso a attenção d'El-Rei D. Duarte, cujo bom e compassivo animo respondeu que, embora assim fosse, não se mandaria alterar o que estava, limitando-se a prometter que se d'ahi em deante se fizessem outras judiarias, fossem então em logares que se reputassem mais azados ao intento.

Depois D. Affonso foi concedendo licenças para alguns judeus poderem morar fóra dos seus bairros, entre os christãos, contra o que outra vez se insurgiram, em nome do inveterado antagonismo de crenças, as Côrtes de Santarem, pedindo se caçassem as licenças concedidas. Determinou El-Rei que assim se fizesse, salvo em tempo de feiras, onde concorressem os judeus, que assim haviam de morar temporariamente entre os christãos.

Em taes compras e vendas, que eram o unico modo de vida dos judeus, sempre astuciosos e finos, havia abusos, enganos, burlas de todo o genero, passava se moeda falsa; em summa, os christãos padeciam damnos não pequenos da parte dos seus gananciosos e arteiros visinhos.

A Moiraria de Lisboa mantem ainda o seu nome numa parte do sitio por onde o alastrava outr'ora. Assim o explica Damião de Goes na sua descripção da capital. «Chega-se — diz elle — a um valle fertil e alegre, que toma o nome da Moiraria, por isso que depois da conquista aos sarracenos se lhes permittiu que elles ali ficassem habitando.»

Que ali houvesse jamais sido um valle fertil e alegre, com hortas frequentadas; que taes encruzilhadas e esquinas ressoassem noutro tempo com os bailes e galanterias de muito formosas moiras, nenhum lisboeta já hoje o suspeita, ao atravessar indifferente essa arteria cidadã tão concorrida e tão famosa.

Pois o averiguado é que ali mesmo, por aquelles contornos, se alastraram as verdes sombras dos quintaes e das hortas, convidando ás faceis diversões domingueiras a população proletaria e operosa do bairro.

Hoje a velha Rua da Moiraria, tortuosa e escura, sem verdura e sem flores, é ainda um dos melhores especimens medievaes que nos ficaram, e quando á tardinha, antes do acender dos candieiros, a observamos com olhos de antiquario, revivemos quatro seculos atraz, e achamo-nos em plena rua de Affonso V.

A essa hora redobra o movimento; são os operarios, que voltam aos ninhos; são os ociosos, que saem como morcegos; é a noite da cidade a alvorecer. Como quasi todo o movimento de vehiculos segue pelo lance moderno da Rua Nova da Palma, a ausencia de carroagens ainda aperfeiçoa a illusão. Frontarias estreitas, andares de ressalto, e as musicas plebêas muito melancolicas, e os dialogos de janella para janella, tudo é caracteristico, tudo é, por assim dizer, archeologico.

Está-se á espera de ouvir o sino do recolher, que no seculo XVII se corria, desde Outubro até ao fim de Março, das 8 ás 9, e desde Abril a fim de Setembro das 9 ás 10. Está se á espera de ver os farricoucos, terror das creanças, que ainda antes do terremoto andavam á noite com umas lanternas e uns grandes bordões ferrados, e com os seus golpes aterravam, pedindo em altos lamentos, e ás escuras, para a cera do Senhor Jesus dos Afflictos, e outras devoções.

No estreito recinto da Moiraria e suas immediações, surgem ainda uns poucos de templos e houve outr'ora muitos mais.

Existe a freguezia do Soccorro; o Collegio dos Meninos Orphãos, hoje Ermida da Senhora da Guia; a Ermida de S. Sebastião, hoje chamada da Senhora da Saude; o Colleginho ou Santo Antão-o-Velho. Existiu a Ermida da Guia; a de S. Matheus; sobre o muro da cidade, ao fim da Rua Nova da Palma, junto ás casas do Marquez de Alegrete, uma devota imagem da Senhora do Rosario, outr'ora muito festejada da vizinhança; o oratorio de Santo Antonio; um nicho com imagem na Rua dos Cavalleiros; e emfim o oratorio ou passo do Bem-Formoso (ou Boi-Formoso), justamente no sitio do empenado predio que tem tres frentes, uma para a Rua do Bemformoso, outra para a Rua da Oliveira, e a outra sobre as escadinhas que ligam as duas ruas, na base da Calçada de Agostinho Carvalho.

Na propria turbulenta Rua do Capellão começou publicamente em 1751, e durou até ao anno seguinte, o fervoroso culto á Senhora da Guia, num oratorio ali armado por devoção particular; e toda a vizinhança lá rezava ás tardes o terço em commum.

A procissão do Ferrolho era um dos acontecimentos do bairro.

Instituida por voto feito em 28 de Janeiro de 1599, saía de noite desde Santo Antonio da Sé, e ia dar á Penha de França. O nome de Ferrolho era significativo; como a festa era nocturna, a gaiatada do acompanhamento ia por brincadeira batendo nos ferrolhos de todas as portas ao longo do trajecto, pela Moiraria e outras ruas.

Em sessão de 28 de Julho de 1856 determinou a Camara Municipal requerer ao

Patriarcha a mercê da commutação do voto, por uma missa cantada na Egreja da Penha; e Sua Eminencia deferiu como se pedia.

Como certamente a Moiraria de Lisboa, depois da entrada dos christãos na cidade conquistada, era mesquinha para conter a immensa affluencia da moirama, espalhou-se a maioria dos vencidos pelo arrabalde num raio de leguas ao norte, e ahi estabeleceu as suas hortas e os seus moinhos.

O tributo individual que d'esses colonos se recebia era, segundo alguns querem com bons fundamentos, chamado *çalaio* ou *salaio*, d'onde lhes veiu o nome de salaios, convertido no de saloios, ainda hoje applicado aos caracteristicos descendentes d'aquella raça nos arredores da capital.

Depois do cerco desgraçado de 1373, Lisboa, nos ultimos dez annos, mudava inteiramente de condições de defeza. A primitiva cidade moirisca assen-

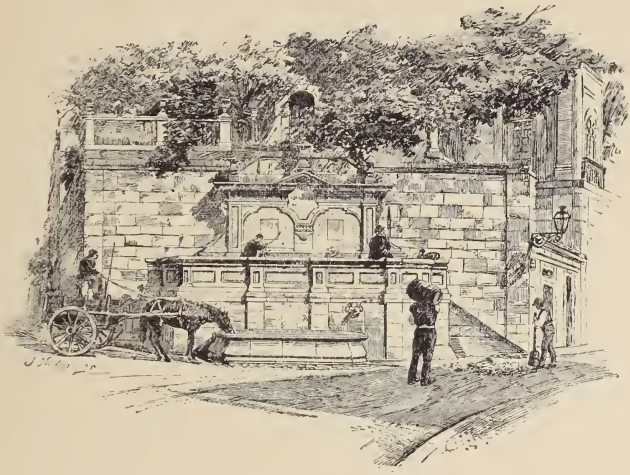
23 — Sé de Lisboa

tava, como um capello, sobre o cóne da extrema collina de leste, ultima vertebra do dorso de montes que vem do norte, ainda hoje, como sempre, coroada pelo seu castello. Os muros desciam pelas duas vertentes, rodeando a base da collina que termina contra o rio, pelo poente. Mas nos dois seculos de paz, desde que definitivamente ficára em nosso poder, dois seculos em que nenhuma das guerras do tempo veiu persegui-la, a cidade expandira se francamente, não só para fóra dos muros moiriscos, como para além da nova e mais ampla cerca feita por D. Affonso III, de sorte que a guerra de 1373 colheu Lisboa de imprevisto. Fechados no velho recinto, os moradores assistiram desolados á destruição de tudo quanto ficava para fóra d'elle, e viam chorosos os horisontes d'esta incomparavel bahia do Tejo illuminados ás noites pelas fogueiras acesas em todas as direcções. Um dia era o Paço de Xabregas que ardia, outra vez Friellas; agora, na Outra Banda, era Almada, era Palmella em chammas; logo vinha do nascente o clarão, como ao despontar da aurora, das labaredas de Villa Nova da Rainha... Agora não succedia assim. Os bairros baixos de poente no estuario que se insinuava pelo Rocio, e as encostas fronteiras, coroadas pelo Convento de S. Francisco, onde acampava Nuno Alvares, estavam abrigadas pelos muros novos. Lisboa duplicára. Em frente da cidade antiga, levantava-se a moderna: uma, tendo por corôa o castello moirisco, signal antigo de seu imperio militar; outra, coroada por um convento, insignia nova do reino christão a que os tempos iam dar um destino proselytico. Entre um e outro monte, a clausura do es-

tuario da Baixa, com as suas ribeiras por onde as marés entravam, dir-se-ia que estava indicando tambem a missão maritima escondida ainda pelas nevoas de um futuro, todavia proximo. O governo do Rei D. Fernando, desgraçado como se via que era, fazia porém tudo para dar largas á marinha nacional e ao commercio maritimo. Lisboa congregava, pois, os signaes distinctos da vida portugueza, como capital predestinada da futura nação ultramarina. A velha cidadela moirisca era já um castello, um convento e um arsenal.

A funebre lição de 1373 não fôra, portanto, perdida.

O Rei D. Fernando, tão bom administrador como politico infeliz, resolvera renovar o systema das fortificações do reino. Santarem e Obidos, Ponte-de-Lima e Vianna ti-



21 — Chafariz do Rato

veram muralhas novas. Construiu-se o Castello de Braga e levantava-se o de Neiva. Cercou-se de muros a Covilhan. Completaram se as muralhas do Porto, começadas por Affonso IV; reforçaram-se as de Coimbra. Murou-se Almada, Torres-Vedras, Leiria, Alemquer, Evora e Almeida. E, coroando o systema d'estas obras militares, delineou o Rei a nova circumvalação de Lisboa, para abrigo da cidade toda. Logo em Setembro, apenas terminada a guerra, se começára a obra das novas muralhas, reclamando-se o serviço dos povos dos dois lados do Tejo. Os trabalhos começaram pelos lanços orientaes, porque esses bairros de Lisboa já então eram os mais pobres; e em menos de tres annos, isto é, em Julho de 1375, estava concluida a cerca, com 7.000 passos de extensão, 77 torreões e 33 portas, no seu trajecto.

Pelo oriente, a muralha abrigava o populoso Bairro d'Alfama, na vertente do monte do Castello, abrangendo, só para este lado, uma area egual, senão maior, á area anterior de Lisboa. Subindo adeante do Caes da Polvora, incluia no seu perimetro o Mosteiro de S. Vicente, que nem por isso deixou de continuar a chamar-se — de Fóra, deixando Santa Clara a um tiro de bésta. Entre S. Vicente e a praia, ficava a Porta da Cruz; junto ao mosteiro, a porta e o postigo que elle determinava, e mais acima a Porta da Graça, na volta dada sobre essa eminencia para incluir o convento. D'ahi a muralha

descia; e no bolso da depressão tinha a Porta de Santo André, indo entroncar na cerca moirisca de Lisboa a Porta de D. Fradique. Entestava então no Castello contra a Porta de Martim Moniz, o que, segundo a lenda, se lhe atravessára entre os batentes, quando fôra da tomada aos moiros, fazendo escóra, para os portuguezes passarem, da sua vida ali perdida.

Contra o poente, na encosta do monte do Castello, por detraz das torres quadrangulares da Sé, negras dos beijos do vento em dois seculos decorridos, erguia-se o velho Paço real, que chamavam da Moeda, ou dos Infantes, por terem vivido ahi os filhos de D. Ignez de Castro, ou d'apar S. Martinho, por esta egreja, que lhe estava fronteira, se achar ligada ao paço por um arco, ou passadiço. A Sé e o Paço, com as suas torres ponteagudas, estavam d'ali presidindo ao borborinhar da cidade que, descendo a contra-encosta, se invertia para os bairros baixos do centro, bairros amphibios, como o futuro proximo da nação. Esta nova zona de Lisboa, campo de Valverde, já designado com o apellativo de Rocio, eram terras devolutas, de que o povo se servia, lavrando ferrageaes e hortas, cosendo telha e tijolo nos fornos que ali havia: logradouro commum, pouco a pouco expropriado pelos reis, para goso do povo, como, no tempo de D. Diniz, a almoinha ou porto cerrado, doado pelo Cabido a D. Pedro Escacho, Mestre de Santiago. Estava ainda em parte desaproveitado: faziam ahi o monturo, ou esterquilinio, que o Tejo varria com as marés duas vezes em cada dia. O esteiro da Baixa deixava em secco os barcos na vasante; mas quando vinham as chuvas fortes, recebendo as aguas das duas encostas dos montes, e toda a que rebentava de cima pelas goelas abertas para além do Rocio, pelos valles da Moiraria e de Valverde, havia cheias que inundavam tudo. A Corredoura parecia então um rio. Assim fôra na cheia grande de 1343, em que as aguas, insulando o Convento de S. Domingos, lhe arrebataram toda a cerca, invadindo as casas e a propria egreja. O convento era uma construcção humilde, terrea e abarracada. El-Rei D. Affonso III doara-lhe as terras que ficavam entre a Porta de Santo Antão, a Corredoura e o postigo de Sant'Anna, pelos canos da Moiraria, pela egreja de S. Matheus, dando a volta pela Bitesga. Ficavam isoladas, na doação do convento, S. Matheus, as casas que depois foram do Conde de Monsanto, e tudo o que mais tarde tomou o Hospital d'El-Rei. Pertencia aos frades a encosta nordeste fronteira ao Rocio, sobre o qual o convento avançava, entre os dois valles de Valverde e da Moiraria, como prôa de uma nau. Para a direita distinguia-se, sobre a Moiraria, o Campo de Sant'Anna, vestido de olivaes, ermo de casas, coroado apenas pelo santuario que lhe deu o nome. Pelo norte, ficava em baixo a Ermida da Senhora da Escada, a Senhora favorita da nova Lisboa, agora reconstruida pelo vedor da fazenda d'El-Rei D. Fernando, Pedro Affonso, o Mealha, ou «das mealhas» que o fisco arrancava ao povo. Refazendo a ermida, teria elle em mente congraçar-se com a arraya meuda?

Toda esta parte nova da cidade ficava agora defendida contra os cercos. O muro que vinha do Castello e passava ao Arco da Graça, com o postigo de S. Lourenço, descia pela Calçada do Jogo-da-Pella com a porta d'este nome, com a da Moiraria, até á Porta da Palma, detraz do Convento de S. Domingos, e tinha ao lado a de Sant'Anna; d'ahi seguia á Porta de Santo Antão cortando a Corredoura, avenida de Lisboa que se estendia para o norte, ladeada pelos altos de Sant'Anna e pelos cumes da lombada sobranceira para além do valle de Arroyos: os cumes da Graça, da Penha, do Monte, branquejando de casaes por entre os olivedos, a internar-se nas aldeias dos saloios para onde emigrára a antiga população moirisca da capital. Limitando o campo de Valverde, ou do Rocio, pelo norte, e incluindo o, os muros de Lisboa galgavam a encosta abrupta do monte de S. Roque, onde havia um postigo, e em cujo topo se levantava a Torre de Alvaro Paes, personagem eminente da cidade e do tempo. D'este alto, os muros desciam em linha recta perpendicularmente sobre o rio. A metade da distancia,

logo abaixo da Trindade, e olhando em cheio para o poente, ficava a Porta de Santa Catharina, por onde se fazia todo o trafego dos suburbios occidentaes, coalhados de hortas, pomares e vinhas até ás alturas de Santos, até ao valle de Alcantara, cujo rio contornava Lisboa por poente e por norte. Para Santos, para Alcantara, a cidade, nascida no Castello, deitava os seus braços ainda infantis; e os limites actuaes das muralhas, na Porta de Santa Catharina, eram apenas uma estação transitoria. Lisboa, Portugal, sentiam-se arrastados ambos pelo vento do destino, para o Occidente, para o mar!

Em baixo, quando voltavam na direcção do nascente pelo Ferregial, contornando o cerro de S. Francisco, tinham os muros a Porta do Corpo Santo, adiante da qual emparelhavam com a Rua Nova, principal arteria da Lisboa de agora que desthronára o bairro, noutros tempos elegante, da Alfama. No Pelourinho-velho, onde terminava esta rua, ladeada de arcarias, a povoação dividia-se em dois braços: um subindo pela encosta direito á Alcaçova, ou Castello; outro que ao longo da muralha, em baixo, ia desembocar fóra das Portas do Mar, no bairro extra muros a que chamavam Villa Nova de Gibraltar. Entre os dois braços, ficava a Alfama. E nesta secção marginal, os muros, deixando de fóra os armazens e taracenas, cada vez mais importantes pelo accrescimo do trafego maritimo da cidade, appareciam repetidamente rasgados por portas e postigos, com prejuizo evidente da defeza. Não menos de quinze se abriam sobre as ribeiras de Lisboa: a Porta dos Cobertores e a do Oiro, a do Armazem e a do Arco dos Pregos, a dos Barretos, a da Moeda, a da Ribeira, a da Portagem, a do Mar, a do Chafariz dos Carvalhos, e entre outras, por fim, os postigos da Alfama e da Polvora, pouco aquem do angulo recto com que a muralha dobrava para o norte.

Mas a cidade não se sujeitou por muito tempo ao cinto que lhe posera o Rei D. Fernando. Enriquecida pelas grandesas que lhe vinham do Oriente, em tempo de D. Manuel, saltou para fóra das suas muralhas e alastrou-se em novos e formosos bairros, como o de Valverde e o de Villa Andrade, de que já falámos.

No antigo Senado de Lisboa, pela provisão e regimento de 1591, dividiam-se os trabalhos a cargo dos vereadores em seis pelouros: da Saude, da Limpesa, das Obras, das Carnes, do Terreiro do Trigo e da Almotaceria.

Essa provisão tem a declaração de valer como carta passada pela Chancelaria, posto que por ella não houvesse passado.

Outras provisões subsequentes confirmaram aquella distribuição de serviços mesmo depois de se reduzir o numero dos vereadores de seis, que então era, a cinco.

Diz se no preambulo do citado regimento que «as faltas e descuidos de que o povo se queixava, no governo da cidade, em grande parte provinham, de que os vereadores não cumpriam pessoalmente, fóra da Camara, as obrigações que estavam á disposição de cada um d'elles» e determinou que houvesse um presidente e seis vereadores lettrados da classe dos juizes.

Esta organisação foi modificada posteriormente, mas a divisão dos pelouros subsistiu sempre, embora reformando-se conforme as necessidades dos tempos e as exigencias das diversas épocas.

O regimento de 1591, falando das obrigações do presidente, recommenda que as questões se tratem «quietamente, sem alterações nem porfias, mas com a quietação e authoridade que convem ao logar em que estão» e isto porque era usual serem tumultuosas as sessões do Senado, como bem claramente o dá a entender.

O vereador do pelouro da Saude servia de provedor-mór, e tinha a obrigação de ir todos os dias á Casa de S. Sebastião da Padaria, onde se ajuntava com os provedores e officiaes da Saude, e ahi assentavam no que mais convinha á salubridade, cumprindo ao vereador informar-se de tudo quanto dizia respeito á hygiene publica.

O vereador da Limpeza tinha a seu cargo visitar pessoalmente, todos os dias que não fossem de camara, a parte e bairros da cidade que lhe parecesse, devendo, pelo menos dentro d'um mez, tê-la toda visitada. Além d'isso, incumbia-lhe mandar fazer execução em todas as pessoas poderosas, como se fazia na gente do povo, obrigando-as a terem as suas ruas e testadas das suas casas muito limpas, como era ordenado nas provisões e regimentos de limpeza... — «E os canos que sáem das casas para as ruas mandará prover do modo que por elles se não deitem aguas sujas, e os fará recolher ou fazer sumidouros com que a dita agua suja e immundicies não appareçam nas ruas, por ser esta uma das coisas que mais offende e impede a limpesa da cidade.»

O vereador do pelouro da Limpeza procedia contra os culpados, nos casos de transgressão, autoando-os e despachando em camara, sem da sua sentença haver apellação nem aggravo.

Ora, já em 1591 o governo cuidava na limpeza da cidade. Não sabemos como nessa

25 — Edificio da Cordoaria, visto do Tejo

epoca se cumpriam as disposições do regimento municipal; é certo, porém, que depois caíram em desuso, e nem os canos das casas existiam na maior parte da cidade, e as aguas sujas e immundicie, no principio do ultimo seculo, eram deitadas á rua, mesmo em muitas d'aquellas em que já havia canos geraes.

O vereador do pelouro das Obras era obrigado a visitar os logares em que se procedia ás obras, sabendo como se faziam e provendo a tudo quanto neste ramo de serviço interessava á cidade. Devia trabalhar quanto fosse possivel, dizia o regimento, para que as ruas estivessem todas calçadas, mandando logo accudir aos damnos provenientes das aguas e do tempo, porque, dilatando-se essas obras, além da deformidade que ficava nas ruas, era isso causa de se fazerem maiores despezas, o que se escusaria, se logo no principio accudissem aos damnos, «devendo tambem as calçadas ser feitas o mais direito e lancinho que poder ser».

Tambem o regimento determinava que este vereador todos os mezes visitasse toda a cidade, examinando tudo a que era necessario prover, e especialmente vendo se havia casas de particulares que estivessem em perigo de poder caír, obrigando os donos d'ellas a que as reparassem sem dilação, devendo entretanto pôr-lhes pontaes para que não caissem. Com o vereador andava o védor das obras, que era o mestre ou engenheiro da epoca.

Os vereadores das Carnes e do Terreiro do Trigo tinham a seu cargo especialmente regular a abastança da cidade, de modo que nunca houvesse carestia e se evitassem os monopolios, tudo conforme os principios da epoca; todavia era determinado que

os principaes negociantes de trigos e marchantes fossem chamados á Camara no principio do anno, para ahi, de accordo e de boamente, concordarem no melhor modo de proverem a cidade de pão e de carne.

2 — Egreja, chafariz e largo de S. Paulo

A cargo do vereador da Almotaceria estavam as execuções, a Ribeira e tudo que respeitava a estes ramos de serviço.

Junto da Camara havia dois procuradores da cidade, cuja principal obrigação era lembrar em camara o que convinha ao bom governo e administração municipal, tendo cuidado de a correr continuadamente, repartindo ambos os procuradores entre si os bairros, ruas e travessas, para que, vendo e examinando as faltas que havia, as podes-

sem lembrar. Podiam prender os que contravinham as posturas, mandando fazer auto por qualquer official de justiça de qualquer juizo, que para isso chamariam, remettendo os autos aos almotaceis, e dando appellação e aggravo. Eram obrigados, para que o povo os conhecesse, a usarem sempre as varas vermelhas, distinctivo do seu cargo.

Outras attribuições mais tinham os procuradores da cidade e, juntamente com os procuradores dos mesteres, eram como os sota-vigias e os guardas dos direitos e das necessidades do povo.

Muitas eram as preeminencias de que gosava o Senado de Lisboa. No antigo regimen sempre elle era considerado como representante do povo da capital. Nesses tempos ainda não se tinha descoberto a centralisação. Havia a representação nacional nos tres estados do reino, e um d'esses estados era o do povo; e, sem embargo, as camaras tambem o representavam.

Os estadistas modernos adeantaram-se aos antigos com o systema descentralisador, mas por tal fórma realisaram em Portugal esse systema, que toda a representação dos municipios acaba.

Lançando os olhos sobre um Repertorio do archivo do antigo Senado de Lisboa, acha-se noticia de differentes actos que bem comprovam qual era a importancia do elemento popular representado pelas camaras municipaes.

Em tempo d'El-Rei D. João I, a Camara poz impostos no vinho, carne e sal, que se vendesse pelo miudo, para a obra de Villa Nova, e a mesma arrecadava e dispendia sem que El-Rei se mettesse nisso. Provia a Camara todos os seus officios livremente, e demittia os empregados. Podia enviar cidadãos a El-Rei para tratar negocios. Podia chamar o chanceller e desembargadores da Casa do Civel, e fidalgos para tratarem juntos coisas do publico e do serviço d'El-Rei, e esses tinham obrigação de accudir ao chamamento da Camara, pondo de parte todos os mais negocios.

Quando se fizeram as pazes entre El-Rei D. Affonso IV e seu filho o Infante D. Pedro, depois do assassinio de Ignez de Castro, a Camara nomeou João Antonio das Regras, Vasco Esteves e Filippe Pereira, e lhes deu procuração para que em seu nome outorgassem e confirmassem as pazes entre El-Rei e o filho.

A Camara de Lisboa tomou a iniciativa de tratar com as demais camaras do reino, para que empregassem os seus esforços a fim de que o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, fosse nomeado feitor d'El-Rei D. Affonso V, seu sobrinho, na sua menoridade, como com effeito foi.

Quando os povos reclamavam contra as sizas, a Camara de Lisboa recebeu procuração das Camaras de Evora, Coimbra e Porto, para as representar nessas reclamações.

Em uma resposta á Camara de Lisboa, El-Rei D. João III disse que não se dava por importunado «lá porque a Camara lhe lembrasse muitas vezes uma mesma coisa».

Uma vez aconteceu que a Camara e seus officiaes disseram «certas coisas» contra Alvaro Vaz de Almada, alcaide-mór de Lisboa, e este pediu licença para provar o contrario, sendo bem capaz de o provar á lança ou á espada; mas El-Rei não deu a licença, e escreveu á Camara que fossem amigos como d'antes.

D. João I chamava á Camara de Lisboa *sobre todas excellente e maioral;* e tinha razão o Mestre de Aviz, porque ao povo de Lisboa devia elle, mais que a ninguem, a garantia do reino independente.

Em uma carta dirigida pelos Conselhos do reino do Algarve á cidade de Lisboa em 1444, d'ella diziam que era *a cabeça e madre* dos povos d'estes reinos. É curioso documento essa carta. O Infante D. Pedro, quando tinha a regencia do reino, nomeára adiantado do reino do Algarve ao Conde D. Sancho. Os do Algarve protestaram contra a nomeação porque, diziam elles, era officio novo, que nunca houvera naquelle reino, e

que similhante nomeação era pô-los em sujeição e captiveiro, lastimando se em sentidas phrases, recordando seus serviços e os de seus paes, lembrando que haviam repellido os offerecimentos de Castella, que os chamára a si, offerecendo-lhes não pagarem outro tributo senão os das pastagens, e o que lhe désse a cidade de Tavira, e assim concluindo: «e por ser em nós enxertada a lealdade, em natureza a nós commettida, o não quizemos fazer, nem nunca Deus tal permitta...» declaravam-se resolvidos a saír com armas, para que El-Rei revogasse a nomeação do adiantado. Nessa mesma carta instavam os concelhos de Silves, Tavira, Loulé, Albufeira e Faro com a Camara de Lisboa, para que deputasse dois homens bons a Evora, onde estava o Rei, afim de lhe expôr a sem rasão que se fazia ao povo do Algarve.

Isto mostra qual era nesses tempos a importancia dos concelhos, e como elles falavam de tudo quanto convinha ao interesse publico e ao serviço do Rei.

Em 1755, á data do terremoto, tinha a cidade de Lisboa 41 freguesias, que eram: Santa Basilica Patriarchal, Santissimo Sacramento, S. Bartholomeu, Santa Engracia, Nossa Senhora dos Martyres, Santa Isabel, Santa Maria Maior, Santa Marinha, Santa Justa, O Salvador, Nossa Senhora das Mercês, Santa Cruz do Castello, Santos o Velho, S. Vicente de Fóra, S. Thiago, Nossa Senhora da Ajuda, Santo André, S. Jorge, S. Pedro de Alfama, S. Christovão, S. José, S. Mamede, S. Paulo, Santo Estevão, S. Martinho, S. Sebastião da Pedreira, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Pena, Santa Catharina, Nossa Senhora do Soccorro, S. Thomé, S. Nicolau, Santa Maria Magdalena, S. Lourenço, S. Miguel, S. João da Praça, S. Julião, Anjos, Nossa Senhora da Encarnação, Nossa Senhora do Loreto, Chagas de Jesus.

Depois do terremoto, os habitantes dos bairros que mais soffreram, ficando ruas inteiras completamente destruidas e desertas, mudaram para os outros bairros onde a destruição fôra menor; e assim se deu uma deslocação poderosa. A freguesia dos Martyres, que tinha 1.600 fogos, ficou reduzida a 6 fogos. A de Santa Justa, que tinha 1.940 fogos ficou reduzida a 361. A da Conceição, que tinha 900, ficou reduzida a 84. A de S. Julião, que tinha 1.960, ficou reduzida a 30! E então, outras, como a freguezia de Nossa Senhora da Ajuda, que tinha 600 fogos e passou a ter 2.123, viram subitamente augmentar a multidão dos seus parochianos. S. Pedro de Alfama, que tinha 248, teve 1.500. S. José, que tinha 5.000, teve depois 6.000.

O terremoto de 1755 foi por tal modo espantoso, que formou uma epoca na historia das nossas infelicidades. O genio de um homem grande apagou os vestigios d'elle quasi inteiramente, posto que a memoria d'este acontecimento esteja ainda viva pela tradição. Á lareira, no inverno, nossos avós nos contaram os successos d'esses dias de horror; descreveram-nos o desabar dos edificios, o lavrar do incendio, o inchar do rio, o tumultuar do povo, os crimes da cobiça e do desenfreamento, a separação das familias, a viuvez das mulheres, a orphandade dos filhos, a miseria de todos; e depois uma cidade, havia pouco cheia de vida, de commercio, de gosos, de formosura, convertida em um amplo cemiterio, mas cemiterio sem campas, sem cruzeiros, sem cyprestes, sem flores, e em vez de tudo isso cuberto de paredes derrocadas, de columnas ennegrecidas, de alfaias despedaçadas; cemiterio, emfim, a que tal nome só cabia por seu silencio e tristeza, e por esses milhares de cadaveres que nelle jaziam sepultados debaixo de montões de ruinas!

Reinando em Portugal D. Affonso IV, no anno de 1344, um outro grande tremor se fizera sentir em Lisboa. Andava então El-Rei malavindo com o Bispo do Porto e este fugido. Aproveitou se o Papa da occasião para escrever a El Rei dando o phenomeno como um signal da colera do ceu: é d'esse breve que consta o successo, de que não se acha menção na chronica d'este Rei. O que, porem, referem os nossos historiadores

é que passados doze annos, em 1356, tremera a terra violentamente em certo dia por mais de um quarto de hora, chegando a tocar os sinos das egrejas sem outro impulso mais do que o movimento do chão. Em Lisboa cairam muitos edificios e abriu de alto abaixo a capella-mór da Sé. Os tremores de terra continuaram a sentir-se por varias vezes por espaço de quasi um anno.

27 — Carro de bois

Parece que no seculo XV nenhum phenomeno d'esta especie appareceu em Portugal; pelo menos, os historiadores da epoca não fazem d'isso a menor menção. Logo porém, no principio do seculo XVI, Portugal pagou bem caro esse repouso que a natureza lhe concedeu por quasi duzentos annos. Já em 1512 tinha havido em Lisboa um abalo de terra em que muitas casas cairam, e algumas pessoas pereceram. D'este caso dá noticia Garcia de Resende na sua *Miscellanea*.

Vi que em Lisboa caiu
da costa grã cantidade,
duas ruas destruiu,
duzentas casas sumiu,
foi grão temor na cidade.

Aquestes tremores taes
e outros muitos signaes
vemos sem termos lembrança
de Deus, nem fazer mudança
de nossas vidas mortaes.

Mas o mais espantoso foi o de 1531. Os movimentos da terra começaram a 7 de Janeiro, e duraram por cincoenta dias, no fim dos quaes um terremoto, talvez não inferior ao de 1755, assolou a cidade. Da citada *Miscellanea*, por ser mui pouco vulgar, extraimos em parte a descripção d'esta terrivel catastrophe. Depois de referir os diversos ameaços que houve, maiores e menores, conclue assim:

Gretas, buracos fazia
a terra, e se abriu;
agua e arêa saia
que a enxofre fedia.
Todos com medo que haviam
deixaram casas, fazendas;
nos campos, praças dormiam,
em tendilhoens e em tendas;
casas de ramas faziam
.....
Dois mezes assi stiveram,
Na mor força do inverno;
Aguas, ventos sostiveram,
tormentas, trovoens soffreram,
bradando por Deus eterno

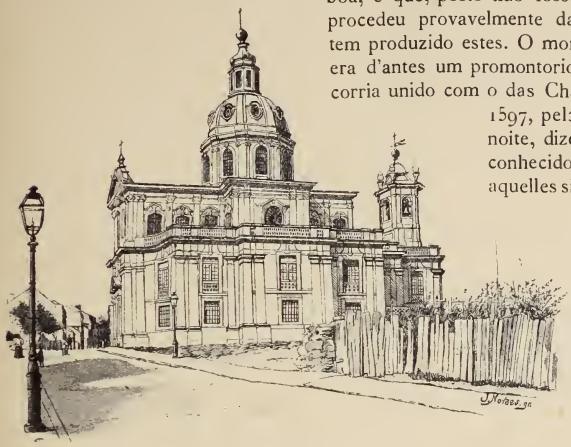
.....
Muros e torres cairam,
villas, paços, moesteiros,
egrejas, casas, celleiros,
quintas e as mais abriram.
Non caiam pardieiros:
pedras se viam rachadas,
e cousas de muitas sortes,
quanto mais rijas, mais fortes,
tanto mais espadaçadas.
Infinda gente morreu;
grandes perdas receberam;
grande perda se perdeu;
muitos má morte morreram,
porque de noite aqueceu (aconteceu).

Este terremoto estendeu-se por todo o reino; mas a provincia que mais soffreu foi a Estremadura, onde ficaram arrasadas povoações inteiras.

Passada esta tormenta, não foi larga a bonança. No anno de 1551, a 28 de Janeiro,

viu-se a atmosphera incendiada em fogo; caiu chuva que parecia de sangue, e sobreveiu um terremoto que arruinou em Lisboa 200 edificios, morrendo debaixo das ruinas mais de 2.000 pessoas.

Cabe aqui mencionar um acontecimento que neste mesmo seculo succedeu em Lisboa, e que, posto não fosse um terremoto geral, procedeu provavelmente das mesmas causas que tem produzido estes. O monte de Santa Catharina era d'antes um promontorio sobranceiro ao mar e corria unido com o das Chagas. A 22 de Julho de 1597, pela volta das 11 horas da noite, dizem que um homem desconhecido começara a gritar por aquelles sitios — «que fugissem todos por que o monte se ia subverter». E provavel que esse desconhecido fosse alguem que sentisse tremer a terra, que os demais moradores d'aquelle bairro não perceberiam por estarem mergulhados no somno. O certo é que todos fugiram para outros pontos da cidade, e passado pouco tempo subverteu-se a extremidade do monte, e se dividiu este, affundindo-se tres ruas que ali havia com 110 edificios. Submergiu-se tambem uma calçada que descia para o rio, bem como um caes de pedra que junto d'este havia. A subversão foi tal que de tudo isto nem mais um fragmento appareceu.



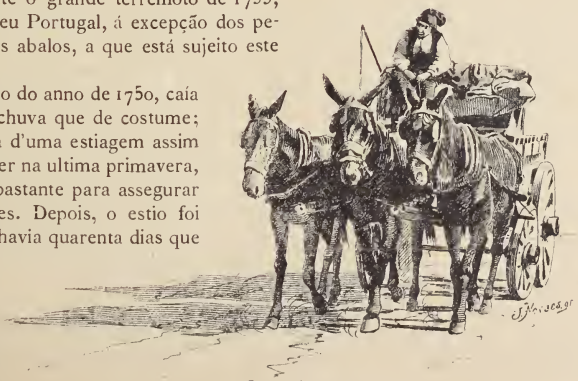
28 — Egreja da Memoria

Passou mais de um seculo sem que em Portugal sobreviesse terremoto algum notavel, salvo em 1699 em que houve repetidos tremores, sem que d'elles resultasse comtudo damno de importancia.

Desde então até o grande terremoto de 1755, nenhum outro soffreu Portugal, á excepção dos pequenos e frequentes abalos, a que está sujeito este nosso solo.

Desde o começo do anno de 1750, caía aqui muito menos chuva que de costume; não havia memoria d'uma estiagem assim em Lisboa, a não ser na ultima primavera, em que choveu o bastante para assegurar colheitas abundantes. Depois, o estio foi mais temperado, e havia quarenta dias que fazia um tempo esplendido.

De repente, no dia 1 de Novembro ás 9 e 40 da manhã, um



29 — Carroça de transportes

violentissimo abalo de terra se fez sentir. Pareceu durar apenas uns segundos, mas foi o bastante para que todas as egrejas, grandes palacios e conventos da cidade, com o palacio do Rei e a magnifica sala da Opera, se desmoronassem e abatessem como por encanto. Nem um só edificio monumental ficou de pé. Aproximadamente um quarto das casas particulares teve a mesma sorte, e, por um calculo muito por baixo, morreram 30.000 pessoas. O espectaculo horrivel dos corpos mortos e mutilados, os gritos e gemidos dos moribundos meio sepultados nas ruinas, formavam um conjuncto impossivel de descrever. A consternação e o pavor eram tão grandes que cada um não pensava senão na sua propria conservação. E o meio mais seguro era precipitarem-se para as praças descobertas e para o meio das ruas. Os que se achavam nos andares superiores foram em geral mais felizes que os que habitavam proximo do sólo, porque estes ficaram logo litteralmente esmagados sob as ruinas, juntos com a maior parte dos que seguiam a pé pelos passeios.

Mas o numero das pessoas esmagadas dentro das casas e nas ruas não se compara com o dos sepultados sob os escombros dos templos. Como era dia santo e hora de missa, estavam repletos; e as torres, em geral muito altas, tombaram quasi todas sobre as abobadas das egrejas, de sorte que só muito raras pessoas escaparam.

Se o desastre tivesse ficado por aqui, ainda se poderia reparar até certo modo; e, comquanto aos mortos não podesse ser restituida a vida, desentranhar-se-iam ao menos em parte as riquezas immensas sepultadas sob as ruinas. Porém breve se lhe perdeu toda a esperança! porque, cêrca de duas horas depois do choque, rebentava o fogo simultaneamente em tres pontos differentes da cidade, determinado pelos fogões e braseiros das cosinhas, que aquelle desmoronamento total poz em contacto com toda a sorte de materias inflammaveis. E tambem ao mesmo tempo um vento fortissimo succedia á calma, estimulando por tal forma o incendio, que ao cabo de tres horas a cidade era um vasto montão de cinzas!

Todos os elementos pareciam conjurados para a destruir, pois que, por occasião do maior abalo, tambem a agua do Tejo se elevou subitamente, subindo num instante 40 pés acima da maior altura até então observada, e lambendo furiosamente, numa ressaca de terror, os escombros da cidada. Se ella não tivesse recuado com a mesma rapidez com que avançou, os resultados da submersão seriam incalculaveis.

E' possivel que a causa de todos estes desastres partisse do fundo oceano occidental, porque navios que se achavam no mesmo dia a umas 50 leguas ao largo, experimentaram tão violento abalo que, em alguns, o convés ficou damnificado.

A duração total do tremor de terra foi de 5 a 6 minutos. O primeiro abalo foi extremamente curto; seguiram-no, com a velocidade do relampago, dois outros: de maneira que geralmente fez se menção dos tres como tendo sido um só.

Cêrca do meio dia, houve nova commoção. As paredes de algumas casas, que estavam ainda de pé, rasgaram-se subitamente de alto a baixo e depois tornaram a soldar-se, com tamanha perfeição como se movimento nenhum se tivesse dado!

A oscillação que produziu este horrivel desastre não foi um accidente local. Pelo contrario, fez-se sentir sobre uma vasta extensão, avaliada em mais de quatro vezes a superficie da Europa. A sua maior violencia foi em Portugal, na Hespanha e na Africa septentrional. O porto de Setubal, tão proximo de Lisboa, tambem foi submergido por uma vaga enorme; em Cadiz as altas muralhas proximas da praia foram arrebatadas pelo mar, que cresceu 20 metros acima do nivel ordinario.

Em Marrocos varias cidades fôram devastadas e morreram milhares de habitantes. Tambem na parte occidental do Atlantico, nas pequenas Antilhas, onde em geral a maré não tem uma oscilação superior a 75 centimetros, as aguas, enegrecendo subitamente, subiram a uma altura de mais de 7 metros. Ao mesmo tempo, os lagos da

Suissa, os da Suecia, e o mar que banha a costa da Noruega, foram agitados violentamente, embora na atmosphera reinasse uma calma absoluta. Muitos cursos de agua se viram desviados do seu leito. Verificou-se a interrupção das nascentes thermaes de Toeplitz, que reappareceram depois, mas nessa occasião como que se tingiram de sangue, chegando a inundar a cidade.

No meio do pavor d'esse espectaculo, em que os mais seguros animos vacilavam, viu-se um feito que dá a medida de um nobilissimo caracter de portuguez, e da coragem de um grande homem de bem. Quando os maiores edificios da formosa e vasta Lisboa estremeciam nos seus proprios fundamentos, oscillavam em furioso vae-vem, estalavam com fragor, sacudiam temerosamente os membros desconjunctados, que na quéda iam dando morte e sepultura a centenas de infelizes que não logravam escapar-se; quando milhares de outros, transidos de medo, fugiam em desatino procurando refugio e soltando gritos de dôr e de espanto; quando á ruina succedia o incendio, ao horror o horror, via-se um homem, Manuel da Maia, a quem estava confiada a guarda do archivo da Torre do Tombo, situado então no Castello de S. Jorge, correr áquella fortalesa, romper por entre chamas e ruinas, e espalhando no meio do cahos a luz do animo tranquillo, e redobrando de coragem, e afrontando o perigo, salvar esse thesouro precioso, que encerrava o haver de muitos e as glorias da patria — triplice heroe de valor, de desinteresse e de patriotismo.

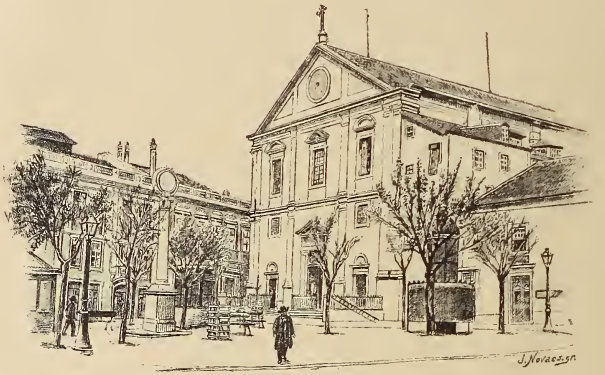
Manuel da Maia foi bem um heroe, porque só um grande animo era capaz de tamanho esforço em tão horroroso lance. Todos fugiam, procurando cada um levar comsigo o melhor das suas riquezas; só elle corria a cumprir o seu dever, no meio do perigo — e que perigo!

A mais terrivel consequencia d'este abalo foi para aquelles que se haviam apinhado nas margens do rio. O Tejo elevou-se repentinamente fóra de seu leito por maneira inexplicavel, porque naquelle momento se não sentia a mais leve aragem. Em menos de um minuto viu-se uma enorme massa de agua levantada como uma montanha, que, bramindo e escumando, se precipitou sobre as praias com terrivel impetuosidade. A multidão ainda tentou fugir, mas a irrupção da onda foi tão rapida, que não deu tempo a escapar ninguem. O immenso volume d'agua caindo sobre a gente, arrastou e engoliu no seu horrivel turbilhão, no meio de gritos de dôr e angustia, essa multidão indefesa. Um magnifico caes de cantaria, junto ao Terreiro do Paço, que recentemente se havia acabado com grande despeza, foi naquella occasião inteiramente absorvido com toda a gente que nelle estava. Muitissimos botes e outras embarcações pequenas, que ali perto se achavam amarrados ou ancorados, cheios de gente que havia julgado ser então o mar o logar mais seguro, foram todos do mesmo modo engolidos sem que d'elles apparecesse mais vestigio algum. Entretanto das embarcações fundeadas no rio umas iam a pique, outras violentamente sacudidas, como em fortissima tempestade, arrebentavam as amarras, e iam, garrando, encalhar nas praias de uma e outra banda do Tejo: algumas houve que giraram em roda com incrivel rapidez como num remoinho; e outras que viraram e ficaram de quilha para cima. Escreveu um capitão de navio que presenceou este phenomeno, e sobreviveu aos seus perigos, que observando a cidade desde seu bordo no momento do abalo, lhe pareceu que se balanceava toda de um lado para outro, como as aguas do mar quando o vento começa a levantar-se. Este mesmo refere ter sido tal a erupção que houve debaixo de agua, que atirou com a sua ancora do fundo á superficie d'agua; e que tão depressa o rio subiu acima de tres braças, como immediatamente baixou.

Os estragos materiaes produzidos em Lisboa pelo cataclismo foram grandemente consideraveis. Por tal modo se confundiram ruas e casas, que muitas vezes os organisadores do Tombo de 1755 se viram forçados a deixar de mencionar medições ou a de-

clarar que foi impossivel determina-las, em vista de os edificios se acharem reduzidos a montes de ruinas.

Remediados com a promptidão indispensavel os males mais urgentes, cuidou immediatamente Sebastião de Carvalho da reedificação da cidade. Apressavam-se os particulares a reconstruir as suas habitações, e, se o genio do grande ministro não presidisse a esse trabalho, a nova Lisboa ficaria muito peior do que a antiga, porque constaria unica e exclusivamente de casas improvisadas, apinhadas sem ordem, em ruas estreitas e tortuosas. Mas Sebastião de Carvalho acudiu logo com as providencias necessarias. Ordenou ao engenheiro-mór Manuel da Maia que fizesse tirar uma planta geral da cidade demolida, e a Eugenio dos Santos, architecto que trabalhára nas obras de Mafra, que traçasse o plano da cidade nova, a que se deram mais largos limites do que os da antiga, limites que iam de Alcantara a Santa Apolonia, passando pelo Arco do

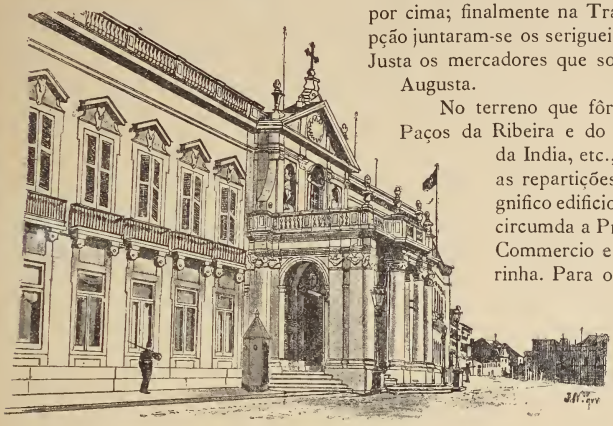


30 — Egreja de S. Roque

Carvalhão, Campolide, S. Sebastião da Pedreira, Largo de Santa Barbara em Arroyos, e Cruz dos Quatro Caminhos. Tomaram-se as medidas indispensaveis para que não faltassem nem encarecessem as materias de construcção, para que as casas fossem construidas de modo que podessem resistir a novos abalos de terra, para que as novas edificações tivessem a regularidade, um pouco monotona, mas incontestavelmente grandiosa que distingue a cidade pombalina. Para que não houvesse interrupção nos alinhamentos, marcaram-se preços aos terrenos, e, quando os donos não podiam edificar, vendia-se o terreno a outros pelo preço indicado. Não foi necessario comtudo executar esta medida violenta.

A cidade baixa é um perfeito symbolo do systema administrativo do grande Ministro que a edificou, e da indole da epoca em que elle a tirou das ruinas. Tudo regulamentado, enfileirado, distribuido em classes e em arruamentos. Succedia o mesmo tambem então na litteratura e na sociedade. O ideal da administração d'esse tempo era ainda o ideal da Salento do Idomeneu de Fénelon. Assim na nova cidade agruparam se na Rua dos Capellistas os mercadores conhecidos por essa designação, os de chá, de lenços da India; na Rua Augusta os mercadores de lã e seda; na Rua Aurea os ourives do oiro, os relojoeiros, etc.; na Rua da Prata os ourives da prata, os livreiros; na Rua dos Fanqueiros estes mercadores, e os de quinquilherias; na dos Douradores estes e os latoeiros; os correeiros foram para a Travessa da Palha, os sapateiros para a Rua

do Arco do Bandeira, os algibebes e retrozeiros para as ruas a que deram o nome; encheram-se de lojas de quinquilheria a Travessa da Victoria e a de S. Nicolau, que tambem se chamava do Pote das Almas, por ter uma pia de pedra com agua para os transeuntes beberem, com um mealheiro das almas por cima; finalmente na Travessa da Assumpção juntaram-se os serigueiros, e na de Santa Justa os mercadores que sobejassem da Rua Augusta.



31 — Palacio das Necessidades

No terreno que fôra occupado pelos Paços da Ribeira e do Côrte Real, Casa da India, etc., estabeleceram se as repartições publicas, no magnifico edificio com arcadas, que circumda a Praça, e a Bolsa do Commercio e o Arsenal de Marinha. Para os paços reaes demarcou-se o terreno comprehendido entre a Boa Morte, S. João dos Bem Casados e Rato, não se chegando porém nunca a executar esse vasto plano, levantando-se para residencia provisoria d'El-Rei uns barracões de madeira na Ajuda, escolhendo Sebastião de Carvalho para sua residencia um palacete abarracado, que ficava ao meio da Calçada da Ajuda, conhecido pelo nome de Paço das Damas.

N'uma sociedade religiosa como era a d'esse tempo tornava-se tambem indispensavel occorrer com urgencia ás necessidades espirituaes, por isso a Patriarchal foi logo para o Calvario e passou depois para o magnifico barracão de madeira, que se erigiu no sitio hoje chamado Praça do Principe Real, e que foi por muito tempo conhecido pelo nome de Patriarchal Queimada, porque effectivamente a Patriarchal ali ardeu em 1769, tendo-lhe sido posto o fogo por um armador que fugiu para Hespanha, mas que, preso depois, padeceu os atrozes supplicios que impunha aos criminosos a legislação penal d'esse tempo. Perderam-se nesse incendio objectos riquissimos no valor de muitos milhões de crusados. A Patriarchal transferiu-se depois para uma barraca de madeira da Ajuda, onde permaneceu até ser extincta em 1833. A torre, que se vê ainda hoje isolada no Largo da Ajuda, é um resto d'esse edificio.

A Sé, emquanto se fizeram as reparações necessarias no edificio, esteve na Egreja de S. Bento em Xabregas.

Entretanto faziam-se voltar para a clausura religiosos, e principalmente religiosas, que andavam dispersos,

32 — Lavadeira saloia

com grave prejuizo da moralidade. No dia 17 de Novembro de 1756, estando já reconstruidas um grande numero de propriedades de Lisboa, fez-se uma procissão de acção de graças, acompanhada por immenso numero de devotos, todos descalços, e que foi a mais commovente ceremonia que póde imaginar se, porque a lembrança da terrivel catastrophe que fulminara a cidade, a impressão ainda recentissima das angustias por que se passara, davam a essa procissão, em que não havia, apezar de ser de acção de graças, senão lagrimas e gemidos, um caracter profundamente tragico.

Assim proseguiu com uma rapidez immensa a reconstrucção da cidade, deixando ficar maravilhado o embaixador de França, que não acreditava em similhante milagre, e que disséra para a sua côrte que não poderia Carvalho completar a obra que emprehendera. Uma das medidas mais proveitosas, que o grande Ministro adoptou, foi a creação do imposto de 4 p. c. sobre todas as mercadorias que entravam na capital, o que rendeu quantias enormissimas, tanto que foi com o seu producto que se construiram o magnifico Arsenal da Marinha, e os edificios das secretarias na Praça do Commercio; foi ainda com o dinheiro havido por esse meio que se demoliram os restos dos edificios arruinados, e se effectuou a abertura de varias ruas segundo o plano adoptado; além d'isso ainda sobejou dinheiro para se construir o Arsenal do Exercito, para se levantar o forte de Lippe em Elvas, que custou uns poucos de milhões, e para se repararem e fortificarem muitas outras praças do reino.

Na grande reacção, que se levantou, depois da morte d'El-Rei D. José contra o governo do Marquez de Pombal, não faltaram os accusadores, que vieram taxar de concussionario o grande Ministro, allegando que elle em seu proveito desviára uma grande parte d'este rendimento; essas calumnias foram todas triumphantemente rebatidas, e a probidade de Sebastião de Carvalho é hoje incontestada. Francisco Luiz Gomes, que não pecca por muito affecto ao Marquez de Pombal, mais uma vez presta homenagem á honradez do grande ministro, já quando fala na lei de exportação de moedas, já quando trata d'este imposto de 4 p. c.

Carvalho exercia comtudo um poder absoluto, sem limites, tinha lisongeiros, administrava os seus negocios com a mesma economia e a mesma habilidade com que administrava os negocios do Estado; gostava de fazer casa, como se esmerára em deixar locupletadas as arcas do Thesouro, que encontrára vazias. Os lisongeiros conheciam-lhe o fraco, e offereciam-lhe ensejo para enriquecer, sabendo que d'esse modo deixavam no espirito do economico ministro uma impressão involuntariamente agradavel. Isso fazia com que os empregados subalternos mostrassem zêlo em favorecer nas expropriações os parentes do Ministro, que não tinham decerto a mesma rigida probidade. O Marquez não se defendeu d'essa lisonja indirecta com bastante energia, e foi esse o unico fundamento em que se poderam basear as calumnias propaladas contra o energico dictador, calumnias desmentidas por uma vida inteira de dedicação desinteressada ao bem do paiz.

Com uma incrivel rapidez surgiu das suas ruinas a brilhante Lisboa, que hoje habitamos. As ruas da Baixa alinhadas e escrupulosamente perpendiculares á Praça do Commercio e ao Rocio, os magnificos edificios publicos dos Arsenaes do Exercito e Marinha, das secretarias, etc.; muitos formosos palacios de particulares se traçaram como por magia, e deslumbraram o viajante, que vira a Lisboa tortuosa e irregular de D. João V, o montão informe de ruinas de 1755, e que annos depois contemplava uma capital regrada, esplendente, construida segundo as regras de architectura então usada em todas as cidades da Europa. Falta-lhe o elemento pittoresco, hoje tão apreciado; mas era aquelle o gosto do seu tempo, gosto que se revelava tanto na architectura como no desenho dos jardins, como tambem na regrada poesia da epoca, onde a correcção era a grande qualidade a que tudo se antepunha. Naquelles alinhamentos, naquelles arruamentos da

Baixa, naquella classificação imperiosa de commerciantes sentia-se, como em todas as outras medidas d'esse reinado violentamente reparador, o despotismo inflexivel, o amor da ordem e da regra levado ao extremo. A cidade baixa é a imagem fiel d'esse despotismo nivelador, que involuntariamente aplanava o caminho á liberdade. A cidade baixa era o alcaçar da classe média, tão favorecida pelo Marquez de Pombal que, no dizer de Pinheiro Chagas, quando traça na sua *Historia de Portugal* este bello capitulo da reconstrucção da cidade, se regesse um grande paiz como regia esta pequena nação, teria preparado pelas reformas governamentaes, mais completamente do que a prepararam Turgot e Malesherbes, o movimento revolucionario de 1789.

Não trataremos de fazer aqui a apologia do Marquez de Pombal, nem de mencionar detalhadamente os serviços de diversa ordem por elle prestados á nacionalidade portuguesa; mas deveremos assignalar que, graças ao seu pulso de ferro, é que, em menos de vinte annos, se viu surgir uma nova cidade, regular e hygienica, sobre as ruinas de uma população quebrantada e aniquilada por tão inesperado golpe.

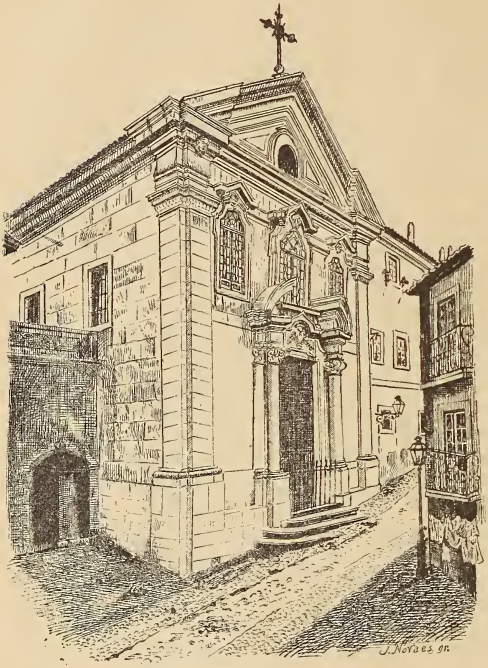
Sebastião José de Carvalho e Mello nasceu em Lisboa a 13 de Maio de 1699. Seu pae, Manuel Carvalho de Ataide, era capitão de cavallaria, e descendente de uma familia, ainda que não da primeira nobreza, bastantemente illustre.

Depois de frequentar a Universidade, Carvalho serviu na milicia: mas, ou porque não tivesse inclinação para as armas, ou, como outros querem, porque não lhe deram o posto que julgava competir-lhe, abandonou essa carreira. O periodo que decorreu desde aquella epoca da sua vida, até ser nomeado enviado extraordinario a Londres, é pouco conhecido, ou pouco importante. Depois de saír do serviço militar, casou, tendo 34 annos de edade, com D. Thereza de Noronha, sobrinha do Conde dos Arcos, a qual, sem lhe deixar successão, faleceu dentro de cinco annos. Tambem neste tempo foi eleito membro da Academia de Historia, e encarregado de escrever as memorias de D. Pedro I e de D. Fernando I; mas os seus trabalhos literarios conhecidos se reduziram a duas cartas e dois discursos, que vêm mencionados na *Bibliotheca Lusitana*.

A repentina nomeação de Sebastião de Carvalho para uma commissão de tanta importancia, como a de ministro em Londres, surprehendeu todos. Disse-se que elle alcançara esta enviatura por protecção do Cardeal da Mota, que então privava com El-Rei D. João V. Os seus inimigos o accusaram de que commettera toda a casta de vilesa para o alcançar; os seus apologistas asseveram que o despacho fôra devido a conhecerem-lhe o talento. Uma e outra cousa nos parece pouco provavel, sobre tudo a segunda, porque, como diz D. Luiz da Cunha, não era o Cardeal da Mota grande conhecedor, ou aproveitador de talentos. Segundo outras conjecturas, isso deveu Carvalho á protecção da Rainha, a qual, segundo as *Memorias* de Amador Patricio, foi muito sua afeiçoada, e depois de haver activamente, mas debalde, tentado faze-lo secretario de estado de El-Rei seu marido, alcançou para elle esse logar, logo que começou a reinar seu filho D. José.

Depois da embaixada de Inglaterra, foi Sebastião José de Carvalho mandado tambem como embaixador á côrte de Vienna. Tinham-se levantado discussões entre a Casa de Austria e o Papa, então Bento XIV, por causa da extincção do patriarchado de Aquileia. Recorreu o Papa á côrte de Portugal para ser medianeira nestas differenças. Era dificultoso o empenho, e Carvalho foi escolhido para levar a cabo esse negocio. Ministro em Vienna, com tal sagacidade se houve, que alcançou a desejada reconciliação. Lá residia quando morreu sua primeira mulher; então tentou casar com uma das mais nobres damas de Vienna, D. Leonor Ernestina d'Aun, filha do Conde d'Aun; achando dificuldade em vencer o orgulho d'esta familia, mais tarde casou com uma senhora allemã. Pouco tempo depois d'este segundo casamento, Carvalho voltou a Lisboa. Governava

então o reino D. Gaspar da Encarnação, conego regular de S. Agostinho, que tudo podia junto de D. João V. Ignorante nas sciencias politicas, quanto o podia ser, tinha bastante probidade para não roubar o Estado, mas protegendo todos os seus parentes e apaniguados, punha os maiores cargos da nação em mãos indignas, e deixava a administração publica ir na maior confusão e desordem e o reino cada vez em maior decadencia. Foi nesta epoca que chegou Sebastião José de Carvalho, e ou porque não agradasse a D. Gaspar, ou porque falasse com demasiada liberdade do estado dos negocios publicos, foi propositadamente esquecido, até que, por morte de D. João V, subiu ao throno em 1750 o Principe D. José.



33 — Egreja do Colleginho

O autor do livro intitulado *A Administração do Marquez de Pombal* diz que no primeiro mez do reinado de D. José, Carvalho esteve no desagrado real, em virtude de enredos de cortesãos, e que só depois conheceu El-Rei o seu merito, e o chamou para ministro dos Negocios Estrangeiros.

Foi então que elle começou a ganhar no animo de D. José aquella preponderancia, que soube conservar até o fim do reinado d'este monarcha. O modo por que o alcançou aponta-o o Abbade Nably no seu *Tratado do estudo da Politica:* «Elle (o Marquez de Pombal) tinha-se introduzido no conselho de um principe que a todos achava rasão, e que sempre seguia o parecer do ultimo a quem ouvia. Viu que cada ministro privava momentaneamente com El-Rei. Tal situação era de fazer desanimar um homem habil, cuja nascente fortuna surprehendia a côrte, conhecendo elle a propria superioridade, e receando que lhe percebessem a ambição. Posto que cansado da nenhuma importancia que tinha, não buscou o valimento, nem ter conferencias secretas com El-Rei. Nenhuma arte, manha, ou fraude empregou para deitar a perder os seus emulos que, em enredos, não seriam menos habeis que elle: mas a cada providencia errada que os seus collegas propunham, o que acontecia sempre, mostrava os inconvenientes d'ella; e depois de prophetizar o que d'ahi se seguiria, calava-se modestamente. A principio não faziam muito caso dos seus conselhos, mas teve elle a paciencia de não mudar de methodo, e vindo os acontecimentos justificar sempre as suas censuras, reconheceram-lhe os outros ministros a superioridade, e mostraram-se menos atrevidos e resolutos nos seus projectos. El-Rei saíu tambem da sua perpetua irresolução, que o incommodava: persua-

diu-se de que Deus lhe mandára um propheta para reger os negocios publicos, e depois de ter acreditado em todos, ficou sô crendo no ministro que depois foi o Marquez de Pombal».

Senhor do animo do monarcha, o novo ministro empregou todos os seus cuidados em restabelecer os differentes ramos de administração publica, que estavam na espantosa desordem, pintada pelo celebre D. Luiz da Cunha na sua *Carta* a D. José, quando principe. O auctor das *Memorias do Marquez de Pombal,* apesar de as escrever com

34 — Egreja da Magdalena

todo o fel do odio, confessa que os principios da sua administração foram brilhantes, e que á sua voz como que resurgiram do sepulchro a navegação, o commercio, a industria, a agricultura, e a boa administração da fazenda.

Seria necessario fazer a resenha de todas as leis e providencias dos primeiros quatro annos do reinado de D. José para se poder avaliar os bons ou maus serviços do Ministró. Mas bastará citar algumas das suas medidas mais notaveis, para o conhecimento de quantas reformas e melhoramentos elle promoveu, segundo o proprio testemunho dos seus inimigos.

A primeira d'esses medidas foi a que prohibiu a exportação de numerario, por uma lei que os inglezes illudiram, apezar da habilidade do Ministro, que talvez não se julgou ainda bastante poderoso para castigar os culpados, e fazer-se respeitar. Foi a segunda diminuir o poder da Inquisição; depois, a de reunir á corôa muitos prasos que d'ella andavam indevidamente separados. Seguiram se a organisação do exercito, a povoação das colonias, a formação da Companhia das Indias e outra do Brasil, a Companhia do Grão Pará e Maranhão.

Tinha-se assignado um tratado entre Portugal e Hespanha, pelo qual a colonia portugueza do Sacramento ficava pertencendo á Hespanha, e o Paraguay, provincia sujeita, de nome, á corôa hespanhola, passava a ser apanagio de Portugal. Esta negociação, começada em tempo de D. João V, foi concluida em tempo de D. José; mas, quando se

tratou de a executar, a colonia do Sacramento e os selvagens do Paraguay desobedeceram, porque só reconheciam autoridade nos jesuitas das missões. Expulsos e perseguidos por Francisco Xavier de Mendonça, capitão general naquellas colonias e irmão do Ministro, os jesuitas guerrearam abertamente a Sebastião de Carvalho; mas na lucta perderam elles a primeira batalha, sendo despedidos do Paço, onde até então tinham tido grande influencia.

Foi depois dos successos do Paraguay que se estabeleceu a Companhia exclusiva do Grão Pará e Maranhão. Esta companhia favorecida com privilegios extraordinarios, e formada com diminuto numero de socios desagradou aos commerciantes, que contra ella requereram, por via da corporação que os representava — a Mesa do bem commun dos mercadores. O resultado d'essa tentativa em que entraram porfiadas insinuações dos Jesuitas, foi a dissolução da Mesa e a creação posterior da Junta do commercio, que durou perto de um seculo. Além d'isto muitos foram desterrados para Mazagão e outros mandados sair de Lisboa. Já o Ministro tinha resolvido empregar, como meio principal de administração, o systema do terror.

Tinha-se chegado ao fim do anno de 1755, quando o fatal terremoto do dia 1 de Novembro veiu mostrar em todo o seu esplendor o genio immenso e tenaz de Sebastião de Carvalho. Lisboa ficára reduzida a um montão de ruinas, as familias dispersas, os capitaes sumidos nas entranhas da terra, e não se viam senão orphãos e viuvas. Homens corruptos, aproveitando-se da geral assolação e desmaio, commettiam toda a casta de roubos, violencias, e assassinios para se apossarem de alguma riquesa que a terra não engulira, ou o incendio não devorara. Nunca poderá vir mais a ponto o systema de terror do Ministro: elle o empregou.

Conta-se que, no meio da ruina geral dos edificios, escapara a casa de Sebastião José de Carvalho, e que d'isto falando El-Rei D. José ácerca com o Conde de Obidos, quizera tirar d'ahi argumento para provar que Deus protegia o seu Ministro, ao que o Conde accudira, dizendo: «Certo é Senhor; mas egual protecção tiveram os moradores da rua suja». Este dito querem alguns que fosse o motivo da dura e longa prisão do Conde.

Diz-se tambem que, passado o terremoto, perguntára El-Rei a Sebastião José de Carvalho, o que se havia de fazer. E esta foi a sua celebre resposta: «Enterrar os mortos, e cuidar dos vivos».

Já no mez de Fevereiro de 1756 se começava a tratar da reedificação da cidade, que devia ser construida com solidez, e aformoseada. Eram necessarias, além d'isso, sommas immensas para a construcção dos edificios publicos, e com esse intento o ministro poz um tributo de 4 % sobre todas as mercadorias estrangeiras. Este novo imposto ia principalmente ferir os interesses da Inglaterra, cujos negociantes tendo grossissimo trato em Portugal, vinham a padecer notavel prejuizo. Castres, ministro inglez em Lisboa, mostrou admiração e descontentamento, e passou a fazer grandes queixas, invocando os tratados existentes, no que o imitaram os enviados das outras potencias. Todas as tentativas, porém, foram inuteis: o ministro de D. José se contentou com responder em termos vagos, que um objecto tão relevante tinha sido bem considerado por S. M. antes de sobre elle tomar resolução; e com isto os despediu.

Outro acontecimento veiu augmentar o desgosto dos Inglezes. Tendo sido consumidas pelo incendio, pelas ruinas e pela inundação as mercadorias estrangeiras, e faltando, por esse motivo, os panos e telas d'Inglaterra, de Hollanda, e de França, muitos habitantes de Lisboa, faltos de vestuario para o inverno, valeram-se do panno da terra, como saragoças e brixes. O proprio monarcha quiz dar aos seus subditos um exemplo de moderação, e não desdenhou de vestir-se de saragoça, apesar do pouco preço d'esta fazenda. O exemplo do principe moveu facilmente os nobres a fazerem o

mesmo, d'onde veiu ganharem em pouco tempo os mercadores portuguezes mais de um milhão de crusados, que, se isso não fosse, teriam passado para mãos de estranhos. A resolução do soberano, inspirada pelo provido ministro, de prever-se com os generos do paiz, não se deixando levar da preoccupação de que é mais fastoso gastar mercadorias estrangeiras, só porque o são, mereceu geral aplauso do povo, o que prova quão raro antes d'aquella epoca era similhante procedimento nos reis e grandes.

A unica pessoa que porventura tirou vantagem do terremoto, em vez de com elle padecer damno, foi Sebastião José de Carvalho, que, desinvolvendo nesta occasião todos os recursos do seu grande engenho e toda a energia do seu caracter, soube não só merecer a estima publica; mas tambem crescer no valimento de El-Rei, que brevemente o nomeou primeiro ministro em logar de Pedro da Motta, fallecido poucos mezes depois do fatal successo de 1 de Novembro.

Em consequencia das providencias dadas depois do terremoto, diz o autor da *Administração do Marquez de Pombal,* duzentos cadaveres se viram pendurados de forcas á roda de Lisboa: o medo que isto inspirou era salutar; mas o systema de terror foi mais longe, e degenerou em tyrannia. Promulgou-se uma lei em que se prohibiam quaesquer discursos contra o governo, e se offerecia uma avultada somma a quem denunciasse os culpados.

O estabelecimento da Companhia dos vinhos do Alto Douro, creada por este mesmo tempo, produziu uma sublevação popular no Porto. O Ministro, ou porque julgava esta Companhia uma felicidade para o paiz, ou, como outros querem, porque tirava d'ella avultadissimos lucros, mandou occupar a cidade com tropas, e instaurando um processo contra os alevantados, fez enforcar alguns e condemnar outros a galés e a desterro, tirando assim ao povo toda a vontade de fazer novas sublevações.

Mas se o povo socegava, com aquella quietação que o terror produziu, não succedia o mesmo com os fidalgos, que se julgavam superiores á ousadia do Ministro; brevemente porém se desenganaram á propria custa de que, convertido em constituição do Estado um despotismo ferreo, todas as condições ficavam por esse facto egualadas: a perseguição contra D. José Galvão de Lacerda, enviado em Paris, contra D. João de Bragança, irmão do Duque de Lafões, e contra varios outros fidalgos de grande respeito, como o Marquez de Marialva, provaram sobejamente quão alto e radicado estava o poder de Sebastião José de Carvalho.

Domados o povo e a nobreza, faltava só para que tudo em Portugal calasse diante do omnipotente ministro, o impor silencio áquella parte do clero, que unica ousava contrastar sua autoridade: era a Companhia de Jesus. Despedidos da côrte, obteve-se contra elles um breve de refórma: foi-lhes prohibido o commerciar, o que, apezar dos seus protestos, parece que elles faziam; e finalmente os inhibiram de prégar e confessar, o que equivalia a partir-lhes as ultimas armas.

Tinha passado grande parte do anno de 1758, quando succedeu, em 3 de Setembro, o caso dos tiros dados em El-Rei. É vulgarmente sabido que os fidalgos da primeira nobresa foram accusados de perpetradores, ou instigadores de um regicido, que falhou por milagre, como então se disse: ninguem ignora tambem que uma sentença dada camarariamente, e pouco fundada, os conduziu ao patibulo, onde padeceram supplicios de arripiar. Bem negra foi essa pagina da vida do Marquez de Pombal; todavia, um mysterio involve grande parte das circunstancias de tal acontecimento. Que vantagem tiravam os fidalgos de correrem os riscos de um regicidio, quando podiam matar, sem grande perigo, o Ministro que os perseguia, e que depois de morto se não podia vingar? — Não deixa isto crer que, disparados os tiros contra a sege de um vil valido como parece ter sido Pedro Teixeira, era este quem os fidalgos pretendiam matar, em desaggravo de certa injuria que elle fizera no paço ao orgulhoso Duque de Aveiro? Por

que fugiram os assassinos quando o cocheiro lhes gritou, que naquella sege ia El-Rei? E como poderam elles suspeitar, antes d'aquelle grito, que ia ali D. José, sendo o monarcha tão cauteloso nas suas viagens nocturnas? Certo o foi que uma parte da flôr da

35 — Antigo palacio de D. Catharina de Bragança, hoje Escola do Exercito

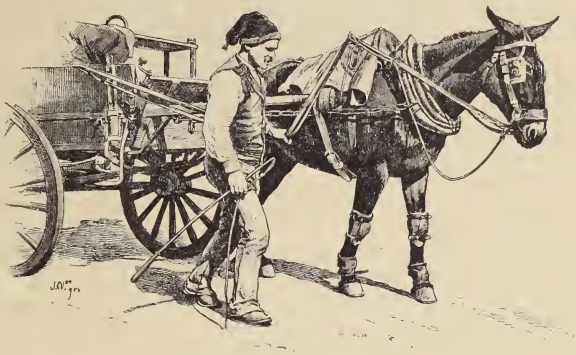
nobresa de Portugal padeceu a longa agonia de um supplicio cruel e affrontoso, e sobre a sua memoria pésa um ferrete de ignominia.

Na conspiração real, ou imaginaria, contra a vida de El-Rei appareceram, como era de esperar, implicados os jesuitas; muitos foram presos, e entre estes o Padre Malagrida, que d'ahi a tres annos saiu a queimar no auto de fé de 1761 como hereje, devendo ser mettido nas palhas, porque toda a sua heresia se reduzia a estar doudo. E em verdade um dos capitulos menos brilhantes da administração do Marquez de Pombal será sempre esse auto de fé de um louco, feito á face da Europa na segunda metade do seculo XVIII.

Depois d'estes acontecimentos, Carvalho recebeu o titulo de Conde de Oeiras, onde tinha bens. Seguro, á custo de tantos abalos o dominio do ministro, elle se mostrou verdadeiramente grande, exigindo dos Inglezes uma satisfação por terem atacado navios francezes nos mares de Portugal; e a orgulhosa Inglaterra deu a satisfação pedida. Tendo o Nuncio Acciajuoli por acinte deixado de pôr luminarias por occasião do casamento da princeza herdeira da corôa D. Maria, o Conde de Oeiras o mandou sair immediatamente de Lisboa. E d'ahi a pouco dava o ultimo golpe nos jesuitas extinguindo-os em Portugal e mandando lançar nas costas de Italia todos aquelles que não quizeram despir a roupeta jesuitica.

Foi então que Sebastião de Carvalho, desassombrado de maiores cuidados, voltou toda a sua attenção para as reformas administrativas: reformou a instrucção; deu providencias relativas ao commercio, e restaurou as artes. Mas a guerra de 1762 veiu mette lo em novas difficuldades,

Esta guerra nasceu do celebre *pacto de familia*. Os reis de França e Hespanha ligados contra a Inglaterra quizeram que Portugal entrasse naquella alliança. Recusou o Conde de Oeiras, promettendo conservar-se neutral: então a Hespanha declarou-nos a guerra, e as suas tropas entraram em Traz-os-Montes; mas o gabinete de Madrid, prevendo talvez que o resultado final lhe seria contrario, retirou outra vez o seu exercito do nosso territorio, depois de leves escaramuças, em que os portuguezes, já capitaneados pelo Conde de Lippe, levaram a melhor.



37 — Carroça e carroceiro

Restabelecida a tranquilidade publica, o Conde de Oeiras cuidou de augmentar e disciplinar o exercito, e de fomentar todos os ramos de industria e commercio, levando assim o paiz a um subido gráu de esplendor. Os actos mais notaveis do periodo do seu ministerio, que decorreu desde esta epoca até a final doença d'El-Rei D. José, e que tanto para o rei, como para o ministro foi em verdade glorioso, são a creação dos estudos civis e militares; muitas leis favoraveis a agricultura; a instituição da Mesa Censoria, e do Collegio dos Nobres; as providencias relativas ás fabricas de lanificios, sedas, louças, chapellaria, e outras; as reformas judiciarias; a creação do subsidio litterario; a paz com a côrte de Roma, no pontificado de Clemente XIV; a abolição da escravatura; o estabelecimento das pescarias do Algarve; as leis sobre o tabaco, sobre os hospitaes e expostos; a paz com os marroquinos; a reforma do governo da India, e muitos outros melhoramentos coloniaes; e finalmente a erecção da estatua equestre, antes monumento do subido gráu de perfeição a que tinham chegado os nossos artifices, que da grandeza do monarca a quem foi consagrada.

38 — Vendedeira de bolos

Neste tempo, porém, ainda Lisboa presenciou alguns actos de crueldade do Ministro, e que os seus inimigos attribuiram a vinganças particulares; entre outros o supplicio do Italiano João Ba.

ptista Palle, accusado de ter pretendido assassinal-o e condemnado, depois de horrendos tractos, a ser esquartejado por quatro cavallos, e os seus restos lançados á fogueira.

No anno de 1770 fôra o Conde de Oeiras agraciado com o titulo de Marquez de Pombal. Desde esta epoca, segundo o proprio testemunho dos seus adversarios, aquelle coração de ferro abrandára notavelmente, e nos ultimos annos do reinado de D. José o jugo de terror a que os portuguezes estavam já affeitos tornou-se menos pesado. Então aboliu as distincções absurdas, entre christãos velhos e christãos novos; fez novos regulamentos para favorecer a industria nacional; proveu em que os filhos não casassem sem licença paterna; e tomou muitas outras medidas proveitosas.

Mas a medida que, neste ultimo periodo, honra mais a memoria do Marquez de Pombal, é a reforma da Universidade de Coimbra, em 1772, para a qual chamou as maiores capacidades portuguezas, e professores estrangeiros; e os novos estatutos d'aquella academia são, por ventura, o mais bello monumento que ficou do reinado de D. José I.

Desde 1775 começou El-Rei a sentir-se atacado de enfermidades que successivamente augmentaram até que lhe deram a morte em 24 de Fevereiro de 1777. Durante este periodo tambem foi pouco a pouco descaindo a preponderancia do Marquez, a quem a rainha se mostrava grandemente contraria. Parece que elle tinha aconselhado El-Rei a que abdicasse a corôa em seu neto o Principe D. José, e em prejuizo da Princeza D. Maria, sua immediata successora. O certo foi que logo que a Rainha, em consequencia do mau estado da saude de El-Rei, tomou as redeas do governo, o Marquez de Pombal cessou de reinar, sem, comtudo, ser despedido do ministerio. A morte de El-Rei foi a sua queda.

Assim que D. Maria I.ª começou a reinar, todas as vinganças e odios até ahi comprimidos, accometteram o Marquez. Calumnias e verdades se derramaram em torrentes sobre a sua cabeça.

Formalmente accusado, contra elle se instaurou um processo que resultou da revisão do processo dos Tavoras, e declararam-no criminoso. Só a bondade da rainha D. Maria I o salvou do patibulo; mas foi desterrado para Pombal, onde ainda os seus inimigos o preseguiram. E no seu desterro morreu, a 8 de maio de 1782, com 83 annos de edade.

38 — Aspectos de Lisboa. Vista tirada de S. Pedro de Alcantara

Cidade de marmore

39 — Ai o queijo saloio ...

A data da fundação de Lisboa perde-se nas trevas de remotissima antiguidade, pelo que alguns, com fracos fundamentos, attribuem a sua origem a Elisa, bisneto do patriarcha Noé, outros a Liso ou Luso, companheiro de Baccho, d'onde querem derivar o nome de Lusitania, pelo qual a nossa terra foi conhecida dos Romanos. Muitos tambem, levados pela analogia ou parecença do nome antigo, Olisipo, lhe assignaram por fundador o grego Ulisses, opinião que os poetas abraçaram por mais ligada com as ficções de Homero, e mais fertil para os entrechos e enfeite de suas composições; todavia as bases em que se estriba são tão incertas como as das outras, porque se indagarmos pelos livros dos nossos mais eruditos antiquarios, acharemos que escrever Ulissipo, Ulyssea, Lisibo, Elisea, Olyssea, Olyssipo, com que baptisaram a cidade, foi corruptela introduzida pelo lapso dos tempos, escorada nos textos de Strabão, e outros auctores, que ou não tiveram perfeito conhecimento do nome verdadeiro, ou lhes foram adulterados posteriormente os escriptos, por quanto não valem suas auctoridades contra o testemunho dos monumentos.

Luiz Marinho de Azevedo, na obra *Fundação, Antiguidades, e Grandezas da mui insigne cidade de Lisboa,* diz: — «O mais vulgar entre os escriptores, que falam em Lisboa, é chamar-lhe Olisipo com sete letras simplices, que foram as de que usou Resende em todos os logares do que deixou escripto, fazendo esta advertencia nas annota-

ções do seu Vincentio, seguindo nisto aos Romanos, cujas inscripções se acham em algumas pedras com as mesmas sete letras, que são documentos mais certos que os livros de Plinio, Mela, Solino, e outros geographos, cujas impressões modernas estão mui depravadas e corruptas, o que não se achava nas antigas de 150, 120 e 100 annos, em que o nome Olisipo estava escripto como nos marmores antigos, e este erro das impressões fez tropeçar a infinitos escriptores, que as seguem, escrevendo o Olisipo de differentes modos, uns com *y* grego, outros com dois *ss*, outros com *pp*, etc. Damião de Goes na *Descripção de Lisboa* em latim, seguindo tambem a Resende, diz o mesmo. E nas *Varias Antiguidades de Portugal* de Gaspar Estaço, depois de varias observações, lê-se que — «o nome de Lisboa, e a ortographia d'elle em tempo dos romanos era Olisipo, porque assim o tem os marmores antigos, com que concordam alguns livros, e outros discordam muito pouco por corrupção».

Christovam Rodrigues de Oliveira no *Summario de algumas cousas ecclesiasticas e seculares da cidade de Lisboa,* que redigiu em tempo d'El-Rei D. João III, é inteiramente da mesma opinião. Das inscripções a que estes auctores alludem, Marinho traz uma que no seu tempo se lia perfeitamente encravada na parede d'umas casas, indo do Terreiro dos Martines para as Pedras Negras, defronte da Travessa, que ia da Fancaria; e outra que tambem se lê na *Monarchia Lusitana*, a respeito da qual diz: «dura hoje, gastas algumas letras, na esquina do Beco do Bogio abaixo da Egreja de S. Martinho». Fr. Bernardo de Brito, na citada *Monarchia*, transcreve uma inscripção que existia legivel no tempo d'este chronista na muralha d'um baluarte junto ao Chafariz d'El-Rei, mas que Marinho já não pôde decifrar por extremamente sumida. Enfim, por não apontar mais que desapareceram, lembraremos a lapide que em 1749 se desenterrou dos alicerces d'umas casas fronteiras á esquina do templo e freguezia da Magdalena no principio da travessa que vae para as Pedras Negras, em cuja parede, da banda do nascente, se conserva com esta inscripção:

L . Caecilio . L . F . Celeri . RecTº
Quaest . Provinc . Baet .
Trib . Pleb . Praetori
Fel . Jul . Olisipo .

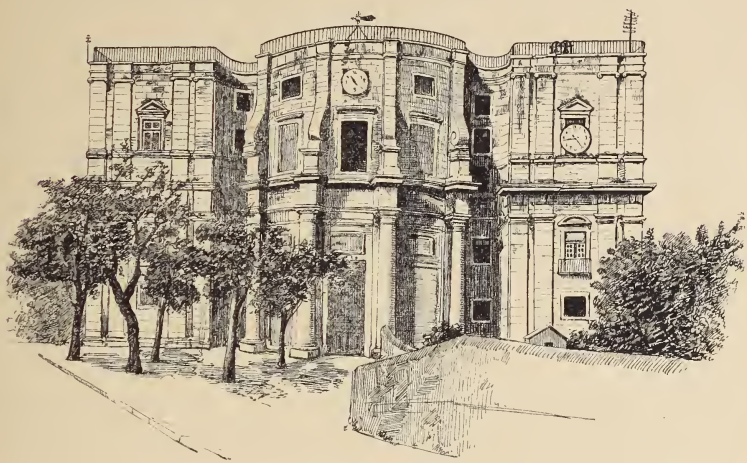
O sentido d'esta inscripção é que: a cidade, chamada então Felicidade Julia, e noutro tempo Olisipo, consagrara este padrão a Lucio Cecilio, filho de Lucio Celer, rectissimo Questor da Provincia Betica, Tribuno da plebe e Pretor.

Prova-se portanto que o verdadeiro nome de Lisboa na antiguidade era Olisipo; que fundamento haverá então para derivar esta palavra de Ulisses, quando em contrario militam ponderosas razões? Em primeiro lugar, as navegações de Ulisses, longe de serem ponto assentado na historia, são contestadas, e talvez fabulosas, como Aulo Gellio, Tacito, e outros suspeitaram.

Depois, Herodoto, patriarcha da historia, diz que foram os Focenses os primeiros Gregos que se alargaram em suas navegações, e correram as costas d'Iberia e chegaram a Tarteso, que era na Andaluzia. Ora isto foi quasi seis seculos depois da queda de Troia. Vejamos o que a este respeito escreveu La Martinière no seu grande *Diccionario Geographico*: «A tradição affirma que Ulisses, depois da destruição de Troia, viera a estes districtos e lançara os primeiros fundamentos de Lisboa, que se ficou chamando Ulyssipone ou Ulyssipo ou mesmo Olyssipo; mas póde ser que a parecença dos nomes occasionasse esta opinião. Com effeito, além de ser difficil provar que Ulisses saíra do Mediterraneo, o verdadeiro nome da cidade não era nenhum d'aquelles, mas sim Olisipo, como se vê da seguinte inscripção, achada em Lisboa, etc.» La Martinière copía

então a que se achára junto ao Chafariz d'El-Rei. O celebre philologo Christovam Celario trata formalmente de pêta o que se disse ácerca da fundação de Ulisses: *mugæ sunt quæ de Ulysse conditore adferuntur.*

Se a opinião da fundação de Lisboa pelo astuto heroe d'Homero é improvavel e vã, como, além dos autores citados, affirma o critico Vossio, não é menos absurda, pelos mesmos fundamentos, a dos que a attribuem a Elisa, bisneto do patriarcha Noé.



40 — Obras de Santa Engracia

Não faltou quem, por conjecturas estribadas em palavras, quizesse derivar o antigo nome da cidade dos termos gregos *olis hippon,* em allusão ás ligeiras eguas que em seus campos se creavam, das quaes referiu Plinio que concebiam do vento, para assim explicar o quanto eram velozes na carreira; patranha que depois adoptaram e propagaram escriptores mais modernos de boa fé, e que ainda no seculo passado pretendeu provar um padre hespanhol, campanudo erudito, intentando refutar o *Theatro Critico* do sabio benedictino Feijó. Outros, com mais visos de razão, fizeram das palavras phenicias *alis ubo,* que significam «amena enseada» uma composta, *Alisubo,* ou *Lisubo,* que os Romanos converteram em Olisipo, d'onde os Godos tiraram a sua Olisipona, que os Moiros, por falta de *p* no seu idioma, chamaram Olisibona ou Lissibona, e donde finalmente veiu o nome de Lisboa.

Passando porêm a tempos de mais verdadeiras noticias, achamos que depois de expulsos os Cartaginezes, experimentou a nossa cidade o dominio dos Romanos, não obstante a vigorosa resistencia que lhes opposeram os povos que então habitavam em diversas partes da Lusitania. Sob o poder dos conquistadores do mundo veiu Lisboa a mudar de nome, chamando-se Felicitas Julia, em honra do Imperador Julio Cesar, que lhe concedeu o foro de municipio romano, o maior privilegio que podiam obter as cidades provinciaes, porque concedia aos seus habitantes o poderem militar e adquirir postos nas legiões romanas, e chegarem aos maiores cargos da republica, depois de terem exercido as magistraturas da sua patria, além do que podiam reger-se por suas leis particulares, e gosavam de outras isenções e prerogativas. O titulo de Felicitas Julia acha-se verificado por varias inscripções, que com o andar dos tempos se descobriram

em excavações e que se podem lêr nas obras dos nossos antiquarios — Rezende, Luiz Marinho, D. Rodrigo da Cunha.

Da inscripção proxima á Egreja da Magdalena se vê que a cidade era assim nomeada, por distincção honorifica, no reinado de Domiciano, em que governou na Betica o pretor Cecilio Celer, pouco mais ou menos pelos annos 88 da era christã: e consta que, ainda no meado do terceiro seculo, conservava o mesmo titulo, por outra inscripção, dedicada ao imperador Philippe, que traz Grutero, e tambem La Martinière.

Com a quéda do imperio romano caíu Lisboa em poder dos Barbaros do norte, e d'ahi a tres seculos, extincta a monarchia dos Godos na batalha de Guadalete, teve de submetter-se ao jugo sarraceno. D. Affonso o Casto, rei da Galliza e das Asturias, a tomou d'assalto pelos annos 798 ou 803, mas logo em 811 voltou ao dominio dos Moiros. Em 950 ou 951 D. Ordonho III, rei de Leão, a entrou e saqueou: porém os infieis a recobraram, porque em 1093 foi conquistada e feita tributaria por D. Affonso VI, que reinou em Leão, Castella, Galliza e Portugal. Com a doação que das terras ganhas aos Moiros neste reino, fez o mesmo monarcha, em dote de sua filha D. Tareja, ao Conde D. Henrique, glorioso tronco dos nossos reis, passou Lisboa á obediencia deste principe; breve porém os Agarenos se rebelaram, e independentes permaneceram, até que, em 21 de Outubro de 1147, a restaurou para sempre El-Rei D. Affonso Henriques, depois de porfiado cerco. Em todos estes factos seguimos os Padres Lima e Castro, que se fundaram na *Monarchia Lusitana*, não obstante o auctor da *Historia Genealogica da Casa Real* inclinar-se a crer que fôra a cidade salva pela primeira vez das mãos dos Moiros por aquelle nosso primeiro rei.

Depois de restituida á fé christã e ao dominio dos principes portuguezes, ainda Lisboa teve de supportar o peso do jugo estranho, e de numerosos desastres. Reinando El-Rei D. Fernando, 1373, foi accommettida por D. Henrique de Castella e experimentou os estragos de um incendio fatal. Logo no começo do governo do Mestre d'Aviz, D. João I, a sitiaram os Castelhanos por mar e por terra, sendo porém obrigados a levantar o cerco depois de soffrerem grande perda de gente. Mas ainda não eram bem passados dois seculos, depois de longa serie de intrigas, de traições e de desgraças, desbaratadas as tropas bisonhas do Prior do Crato junto á ponte de Alcantara, a 26 de Agosto de 1580, entregou a nossa capital as chaves de suas portas e castello ao soberbo Duque de Alva, e submetteu-se com todo o reino ao infausto captiveiro dos sessenta annos, que anniquilou a melhor parte das nossas riquezas e glorias.

Esgotado enfim o soffrimento dos Portuguezes, o memoravel dia 1 de Dezembro de 1640 trouxe comsigo o resgate, e um punhado d'homens valentes e inflammados no amor da patria consummaram no recinto da cidade o acto glorioso da recuperação da independencia nacional. Lisboa foi o theatro deste feito temerario, mas heroico e feliz. Chegou enfim o seculo XIX com as idéas e ambições que herdara do seculo passado, resumidas porém na cabeça e no coração d'um só homem. Com o abalo geral da Europa estremeceu tambem Portugal. A familia dos nossos reis foi abrigar se noutro hemisphério, começando para nós uma nova e inesperada era politica, e a sua côrte opulenta foi invadida por um exercito de aventureiros, que entrou seus muros com falsas mostras de amisade, a 30 de Novembro de 1807. Breve porem foi esse dominio, que a lealdade portugueza não podia tolerar, e os intrusos tiveram de retirar-se em Setembro do seguinte anno, quebrando-se o seu orgulho em successivas derrotas, á medida que evacuavam o nosso territorio.

Em todos os tempos vemos erguer-se triumphante e gloriosa a capital d'estes reinos, quer dos ataques e oppressões d'inimigos, quer dos flagellos e transtornos da natureza. Incendios devoradores e horrorosos terremotos por vezes a devastaram, consumindo e abysmando os seus bellos edificios e monumentos; pestes e epidemias assoladoras dizi-

maram os seus moradores em diversas epocas; e, não obstante tantos estragos, Lisboa apparece sempre a joia de Portugal, e uma das grandes cidades do mundo civilisado.

Emula de Roma queriam os nossos antigos escriptores que fosse a capital deste reino, pela circumstancia de estar situada sobre sete montes; mas o tempo com o augmento da cidade destruiu a analogia, abarcando hoje o ambito da moderna Lisboa maior numero de eminencias, confirmando o epitheto, que lhe dera Gravio, de Acropolis, a montuosa. Se a povoação de Roma, como que resvalou dos altos para a planicie, a de Lisboa cresceu, e alargou se, coroando montes, e occupando valles, com o que veiu a fazer-se tão ampla e magestosa, como agora a vemos, levando neste particular decidida vantagem á capital do orbe catholico.

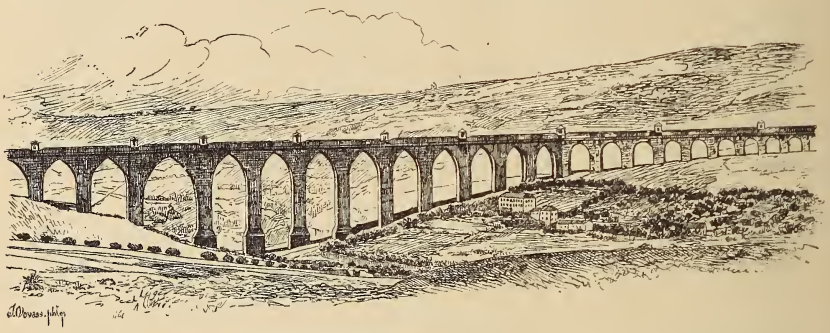
Das collinas de Lisboa, uma das mais centraes, a do Castello, é tambem a mais elevada na parte oriental da cidade. A maior altura da parte occidental é a do solo onde está a Egreja da Estrella. Esta divisão de Lisboa — em oriental e occidental — já em tempos de D. João V separou duas dioceses pela bulla aurea do pontifice Clemente XI, que começa: *In supremo apostolatur solio*, expedida aos 7 de Novembro de 1716, quando o mesmo monarca erigiu a capella real em patriarcal, ficando a parte do nascente pertencendo ao antigo metropolitano, arcebispo de Lisboa, e a do poente ao patriarca. A separação porém durou pouco tempo, porque a rogos do mesmo rei D. João V o papa Bento XIV passou a bulla de 13 de Dezembro de 1740, que encorporou as duas jurisdicções num só patriarcado, extinguindo a antiquissima Sé archiepiscopal de Lisboa.

Sem nos importar porém esta divisão ecclesiastica, acharemos que ella parece natural, se a considerarmos topographicamente. Supponhamos que o valle longitudinal que corre da terra para a beira do Tejo, entre o monte do Castello ao oriente e as eminencias do Carmo e de S. Roque ao occidente, não era a magnifica cidade baixa ou nova, reedificada, ou para melhor dizer construida depois do ultimo terremoto, mas sim o esteiro ou braço do rio que, segundo o testemunho de Fr. Luiz de Sousa e outros, chegava antigamente ao edificio do convento de S. Domingos: supponhamos tambem que do lado do poente existia a povoação como ora está, e assim do outro lado: eis-aqui temos duas cidades fronteiras nas situações e rumos que indicamos, cada uma com o numero de casas e de habitantes, e com a extensão necessaria para cabeça d'um reino de mediocre grandeza; accrescendo a singularidade de que por uma parte se descobrem nas ruas tortuosas e pouco limpas, e em muita casaria, os vestigios da povoação d'antigos tempos; e na outra, a occidental, quasi tudo revela fundação posterior, apezar de que os fundamentos d'alguns de seus edificios datem de epochas remotas da monarchia.

Imagine-se agora que, n'este intervalo, e immediatamente adjacente ás duas cidades oppostas, se levantou outra, sobre chão plano conquistado ás aguas, no estilo moderno, com ruas espaçosas, bem calçadas, guarnecidas de commodos passeios, formadas de vastos quarteirões de casas de muitos andares alinhadas, cortadas em angulos rectos por outras ruas egualmente regulares, e desembocando as principaes, pelas suas extremidades contrarias na direcção norte-sul, em duas grandes praças; imagine-se mais que uma d'estas praças, a meridional, possue um caes em cuja frente fundearam alterosas naus, e que dos outros tres lados a fecham edificios publicos, que todos formam o aspecto d'um continuado e immenso palacio, avultando no meio uma estatua equestre de bronze, que, com seu primoroso pedestal, é um dos primeiros monumentos da Europa neste genero; ponha-se na idéa que a outra, a do norte, é um paralelogrammo de grandes lados, onde a casaria eguala a das ruas.

Voltando ao Castello, o acharemos sobre uma collina, ou môrro não só alcantilado, mas extremamente ingreme, sobre tudo da parte do norte, o que não impediu que por outros lados o povoassem, de fórma que até o cimo, visto da parte do rio occidental, é

uma pinha de casas. Originariamente foi esta a cidade, com dois bairros ou arrabaldes contiguos á falda do monte para o nascente e para o poente, ficando na encosta septemtrional a povoação de Villa-Quente, que o terremoto de 1531 submergiu. Dentro do recinto do Castello, que era todo amuralhado e fortalecido com torres que a tradição denominou de Ulisses, mas que evidentemente eram obra mourisca, como se colhe do que ainda resta, o espaço é tal que accomoda uma vasta freguezia, além das prisões militares, muito seguras, e dos quarteis e outras casas destinadas a serviço de tropa, de forma que, considerado de per si, semelha uma antiga villa acastellada na corôa d'uma montanha. Como ponto militar para defeza é nullo, ainda que em mãos inimigas podia varejar parte da cidade a que fica sobranceiro e causar-lhe grande damno! Muito mal irá Lisboa quando no Castello estiver a sua unica salvação: á bateria que existe cabe a primazia de annunciar com salvas as occasiões de regosijo nacional.



41 — Arcos das Aguas Livres

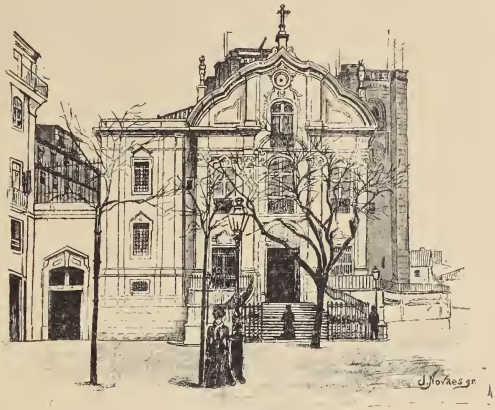
Das alturas do Castello se desfructa talvez uma das mais amplas e distinctas vistas da cidade. A' direita de quem o olha de fóra se acosta ao muro, que é de boa grossura, uma torre que a defendia. Tudo quanto os olhos d'ali relanceam é magnifico: S. Vicente de Fóra, Graça, Campo de Sant'Anna, Senhora do Monte, campinas graciosas, e montes ao longe; por baixo dos pés a cidade, e por um recanto, á esquerda, o Tejo a fugir.

O terremoto de 1755 arruinou quasi inteiramente o antigo templo de Santa Cruz, lançou por terra as casas do thesouro das tapeçarias e roupas, o paço real onde residiu D. Fernando e D. Sebastião, que então pertencia aos alcaides-móres de Lisboa, os quarteis dos quatro regimentos de infanteria da guarnição da côrte, as torres chamadas de Ulisses, e além de muitas casas o Archivo Real, ou cartorio de todo o reino, Torre do Tombo, que era de instituição remota. Por essa occasião se arruinou tambem e totalmente no mesmo recinto o hospital de Nossa Senhora da Conceição, servido pelos religiosos de S. João de Deus, fundado em 1673, governando como regente D. Pedro II, e destinado ao curativo dos soldados enfermos.

Nos restos da cidadella mourisca se descortinam as ruinas de um alcaçar que deveria ter sido residencia do alcaide mouro, e assim os vestigios de caminhos subterraneos que os mouros costumavam abrir nas suas fortalezas.

O Castello chama-se geralmente Castello de S. Jorge, por ser este o seu padroeiro e tambem do reino: a devoção a este santo veiu-nos de Inglaterra com o casamento de El-Rei D. João I com D. Filippa de Lancastre ou talvez anteriormente com a vinda das tropas do Duque de Cambridge em auxilio d'El-Rei D. Fernando.

Antes de chegar ao Castello em sitio alto esteve a Egreja de S. Bartholomeu, que foi capella real, quando El-Rei D. Diniz e sua esposa Santa Isabel tiveram o seu Paço numas casas fronteiras á egreja, para a qual havia um passadiço que communicava com o palacio: tinha o frontispicio para o poente e d'ahi se avistava a barra, como da bateria do Castello. Era diminuto o numero de seus freguezes, porque o districto da parochia abrangia apenas umas oito ou nove ruas, comprehendendo a Porta d'Alfofa, visinha ao milagre de Santo Antonio, e a Rua das Lagens. O terremoto destruiu a egreja e a maior parte das casas, por forma tal, que os habitantes se foram acampar no campo de Santa Clara e outros largos, armando se no Cardal da Graça uma barraca que serviu de templo para o parocho administrar os sacramentos, e celebrar o culto divino, da maneira que o permittiam os escassos recursos, sobresaltos, alborotos e desventuras em tal calamidade. Pela divisão das freguezias, que posteriormente se fez, foi esta transferida para extra-muros da cidade, e hoje se estende desde a Cruz da Pedra, até entestar no logar do Poço do Bispo com a freguezia suburbana de Nossa Senhora dos Olivaes, achando-se estabelecida na egreja do Convento dos Grillos. Experimentaram pelo mesmo motivo egual mudança outras parochias, como a de S. Pedro d'Alfama, que, sendo tambem de muito antiga data, e confinando com as de S. João da Praça e S. Miguel, tinha situada a egreja no Largo de S. Raphael, e foi trasladada com a mesma invocação para o sitio de Alcantara, fóra de portas, ao occidente da cidade, como a de S. Bartholomeu o fôra para o oriente, e a freguezia de S. Mamede, que tendo occupado a Costa do Castello, a Rua de S. Crispim e a das Pedras Negras, e outras nesse local, e tendo gosado as preeminencias de capella real quando os nossos reis viviam nos Paços da Alcaçova, passou depois para a parte alta septemtrional de Lisboa, pouco adeante do Collegio dos Nobres.



42 — Egreja de Santo Antonio da Sé

43 — Moço de padeiro

Se no Chão da Feira, pequeno largo fronteiro á principal porta, ou entrada do Castello, deixarmos á direita a rua declive para a banda do Tejo, e que é a principal serventia commum

da praça, sairemos pela Rua das Lagens ao Largo do Contador, que é espaçoso e ladeirento; e se d'aqui não quizermos partir para a cidade occidental, iremos pelo Becco do Funil desembocar junto á Egreja chamada de Santa Luzia, mas cuja invocação é S. Braz, e foi commenda da ordem militar de Malta. Proseguindo para o nascente encontra-se o sitio da Porta do Sol, que era contigua áquella ermida: á direita ha um ponto elevado, donde se avista a magnifica fachada do Mosteiro de S. Vicente, jasigo da real casa reinante, e residencia do patriarca eleito.

Embrenhando-nos pelas ruas tortuosas e estreitas d'esta parte da cidade, com o cuidado de nos não perdermos no complicado labyrintho, chamado Alfama, passaremos pelo logar onde foi a Egreja de S. Thomé demolida, e cuja freguezia, reunida á do Salvador, está hoje no Hospicio do Menino Deus. Egualmente notaremos, sem menção especial por ora, a pequena Egreja de Santo André, freguezia junta com Santa Marinha, e collocada tambem e mais recentemente no Convento da Graça; deixaremos de subir agora a calçada extensa que nos conduziria a este, e que fica á direita e ao Norte, para numa pequena volta ganharmos o elevado outeiro de Santa Marinha, e nos approximarmos ao magestoso edificio de S. Vicente de Fóra.

Mas antes de entrarmos na rua, sufficientemente larga que para lá nos guia, lancemos a vista pelo espaço que deixam as casas do acanhado Largo de Santa Marinha para a banda do poente, e vejamos o conjuncto de uma infinidade de edificios apinhados a que estamos sobranceiros, e que formam grande e accumulada povoação. Exploremos agora esta travessa escura, e acharemos as muralhas d'uma Egreja, recinto pequeno, que occupou a parochia de Santa Marinha, hoje occulto e quasi fechado pela casaria circumvisinha: se um letreiro aberto em pedra encravada no muro á ilharga da portada, que olha para o poente, nos não dissesse: — *No anno de 1222 foi consagrada esta Egreja aos 12 de Dezembro* — sempre nos provaria a sua antiguidade uma esguia fresta gothica que deita para a parte do adro do lado do Sul. Consta que fôra mesquita de Mouros antes de christianisada.

Eis-nos emfim em S. Vicente. A primitiva fundação foi obra do nosso primeiro monarca. Depois explicaremos a rasão d'ella.

Permanecendo sempre na memoria d'El-Rei a lembrança d'este logar, quando o seu animo piedoso determinou mandar procurar as reliquias de S. Vicente, ao promontorio Sacro, e erigir um templo em honra do santo, quiz que fosse erecto aqui, e em pessoa lhe lançou a primeira pedra, encontrada depois na reedificação, com letreiro latino que dizia: — *Esta egreja fundou El-Rei D. Affonso, o primeiro de Portugal, á honra da Bemaventurada Virgem Maria e de S. Vicente Martyr em 21 de Novembro de 1147.* — Poz El Rei o novo templo a cargo dos conegos regrantes de Santo Agostinho, e quiz tambem que S. Vicente fosse intitulado patrono e defensor da cidade, como escreve Resende. O certo é que Lisboa tem por armas uma nau com dois corvos, em memoria da trasladação do corpo do santo «que fôra respeitado pelo apetite carnivoro d'aquellas aves».

Tendo decorrido 436 annos, quizeram os padres restaurar a egreja por estar a antiga muito damnificada e ameaçar ruina. Filippe II de Hespanha, que então governava neste reino, ordenou que da Egreja de S. Sebastião, que o nosso infeliz monarca seu antecessor começara a fundar no Terreiro do Paço á borda do Tejo, se passasse toda a pedraria lavrada, e assentada ou por assentar, para a reedificação de S. Vicente de Fóra, e que ambos os Martyres ficassem sendo padroeiros, para o que alcançou Breve pontificio. El-Rei D. Sebastião pretendia ali estabelecer uma nova ordem de cavalleiros, denominada da Flécha, mas Filippe II applicou os materiaes e a consignação da fabrica principiada para a de S. Vicente, e, segundo o Padre Castro, as pedras com as aspas que existem pelos frizos da cimalha real da Egreja do Mosteiro, denunciam d'onde

vieram. Ao alto das portas de ferro vemos tambem o mesmo symbolo de fléchas, e entre as imagens em pedra que adornam o frontispicio está a de santo Antonio de Lisboa, que neste mosteiro professou a regra augustiniana, antes de tomar o habito franciscano.

Vimos quão formoso painel se avistava da torre antiga do Castello. Colloquemonos agora no alto da Graça, da mesma parte do oriente orlando o profundo e comprido valle, que desde a beira do rio, comêço da cidade nova, se prolonga para o Norte e vae fenecer na base dos outeiros dos arrabaldes: entalado entre os seus dois visinhos, os morros do Castello e da Senhora do Monte, na mesma direcção septemtrional, mas um pouco mais recolhido, o adro da Graça póde comparar-se a uma varanda no corpo central de um edificio, que de cada lado tivesse um grande torreão saliente. Olhando para o poente tem se um deslumbramento; grande porção da cidade se desdobra entre a raiz d'estes montes e a dos montes fronteiros, avulta ao longe para o occidente o zimborio e as duas torres do Convento da Estrella, e ainda mais distantes, sobre as alturas de Monsanto, os moinhos alinhados no horisonte. Immediatamente, á direita e á esquerda, ficam as ladeiras ingremes do Castello povoadas de oliveiras, e do Monte com sua calçada guarnecida de casas, a escapar pelo contorno da primeira, e muito além dos edificios ao Sul, descançam os olhos numa graciosa nesga do Tejo e da terra da Outra banda. Para a parte opposta se estendem o Campo de Sant'Anna e de S. Pedro de Alcantara.

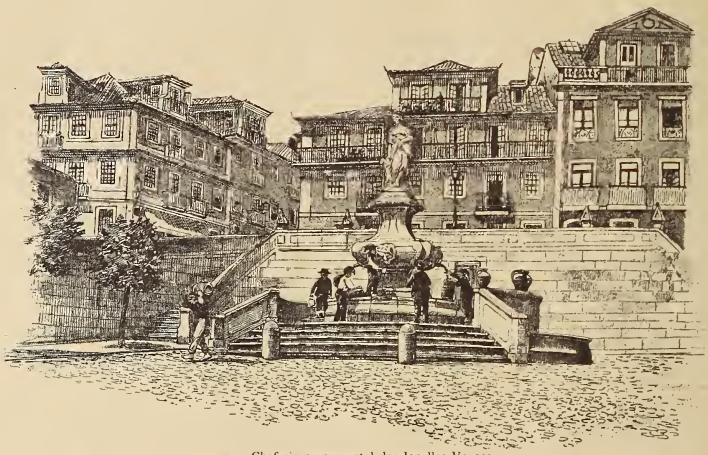
Este monte da Graça foi em tempos antigos conhecido pelo termo arabico de — Almofala; nelle edificaram os religiosos eremitas de Santo Agostinho seu convento e o templo consagrado á Mãe de Deus, sob a invocação de Nossa Senhora da Graça, donde proveiu ao sitio a moderna denominação; mas a data da primeira fundação não será muito facil de determinar fixamente, porque o chronista dos eremitas augustinianos era interessado em a dar muito remota, muito mais porque disputa preferencias d'antiguidade sobre a erecção e posse dos conventos do Minho aos conegos regrantes do mesmo seu patriarca.

O certo é que em 1556 o veneravel Fr. Luiz de Montoya reedificou a casa e templo, ficando este, no dizer dos nossos geographos do seculo passado, uma fabrica vasta e sumptuosa. A sacristia era tambem rica de mão d'obra, de paramentos e adornos. Mas tudo, menos a torre dos sinos, lastimosamente derrubou o terremoto de 1755. Reconstruiu se depois e permanece a egreja, onde agora estão reunidas as parochias de Santo André e Santa Marinha, nomeada em Lisboa pela imagem do Senhor dos Passos que lá está, veneranda e de muito respeito, em todas as Sextas feiras do anno patente á devoção de numeroso concurso dos fieis. Escreveu Balbi sem fundamento, e houve quem repetisse o mesmo em escriptos portuguezes, que o tumulo do invencivel Affonso de Albuquerque existia na sacristia da Graça; mas, não é assim, porque esse mausoleu tem uma inscripção, por onde se vè que repousam ali as cinzas de Mendo Foios Pereira, secretario de estado d'El Rei D. Pedro II, que foi bemfeitor da casa, contribuindo com sua preciosa baixella para se fazerem os vasos sagrados e relicarios, e o retrato do mesmo sobranceiro ao tumulo se adornava com os vestidos e insignias da magistratura, que por certo não competiam ao inclito guerreiro. Os restos mortaes de Albuquerque estiveram depositados na capella-mór d'este convento, d'onde foram trasladados para o jazigo commum da sua familia, na casa do capitulo no claustro grande.

A Egreja da Senhora do Monte, de que ha pouco falámos, foi edificada em 1243. Possuiram-na tambem os eremitas augustinianos, sendo o segundo convento que tiveram em Lisboa com o titulo de Ermiterio de S. Gens: este Santo, segundo a opinião de D. Rodrigo da Cunha, foi bispo de Lisboa, e a cadeira que ali se mostra dizem ser a mesma onde o veneravel prelado se sentava para prégar ao povo. Caiu totalmente pelo terremoto: a egreja que existe é posterior á castastrophe.

Ao sair do Largo da Graça, caminho do norte, encontra-se para a direita o quartel da Cruz dos Quatro Caminhos, em rasão de quatro caminhos que neste sitio se cruzam. D'este mesmo lado, por onde os vãos das casas deixam alongar a vista, se descobre o Tejo, que discorrendo do Sul e pelo nascente vae circumdando por esta parte os arrabaldes da cidade. Quem chega ao adro da Penha, para onde guia a estrada que seguimos, olhando ao nascente, acha-se num ponto quasi central em relação ao semi-circulo que o Tejo vae descrevendo.

Aqui encontramos outro convento que foi de religiosos agostinhos, sobre um monte á feição de promontorio, dos mais altos da cidade, e que antigamente se chamava Ca-



44 — Chafariz monumental das Janellas Verdes

beça d'Alperche. Se do lado do poente do edificio ou das suas janellas estendermos a vista, que encantadora paisagem! Na raiz do cabeço elevado as bem cultivadas hortas de Arroios; a sumirem-se pelo valle, courellas de terras lavradias, vinhedos, casas campestres, o horizonte limitado por serras a muita distancia, a fita azul das aguas d'um rio caudal. Completa satisfação do coração portuguez! E toda esta paizagem aformoseada pela perenne verdura das oliveiras. Esta arvore

> .....que em partilha
> A utilidade tem, e a excelsa gloria
> De ornar a mão da paz nos ceus nascida

é a mais commum nos arrabaldes de Lisboa, e nos suburbios a Leste e ao Norte muito mais que nos outros.

Vêm cirios de varias povoações em diversos tempos do anno festejar Nossa Senhora da Penha de França, e a ella concorrem navegantes, livres de naufragios, a depositar, como votivas offerendas, traquetes, mastareus, e outros signaes de salvação de seus navios, fazendas e vidas. Com o terremoto se arrazou o templo, mas foi logo reedificado sob os auspicios regios com auxilio de D. Pedro, 2.º Marquez de Marialva, dos mareantes e de outros devotos; o que se lê commemorado numa inscripção latina em lapide quadrangular, posta na balaustrada fronteira á rua e arco principal da entrada, e com a data de 1758, d'onde se collige quão prompta foi a reparação.

Já em 1597 havia neste logar um templo dedicado á Senhora, mas só em 1603 começaram os religiosos com esmolas e doações o seu convento. Um quadro de preciosos azulejos, incrustado na parede do altar-mór do lado de fóra, consigna a tradição da apparição da Imagem que na egreja se venera; e do mesmo modo o simulacro d'um disforme e grandissimo lagarto similhante ao jacaré, que se conserva na sacristia. Diz a tradição que um peregrino, buscando a devota Imagem neste cabeço, fatigado se deitára e adormecera e que então aquelle monstro, monstruoso entre os reptis, se mostrava disposto a devoral o, quando a Virgem, apparecendo no pincaro do monte, acordára e advertira o devoto do perigo que corria. E erigiu-se o templo para memoria do milagre.

Do largo da Graça, proseguindo para o Sul, entramos numa rua, não larga mas muito extensa, guarnecida por um lado de casas, e orlada da banda direita pelo muro da cerca do Mosteiro de S. Vicente. E' a Travessa da Veronica. Vem desembocar no espaçoso Campo de Santa Clara, chão amplo e desegual em frente do Tejo, que já tem neste sitio prodigiosa largura. Na extremidade do campo, opposta ao arco grande e passadiço do Mosteiro de S. Vicente para a cerca, estão, contiguas á casa de Lavradio, as ferrarias, e os depositos de artilheria, pertencentes ao Arsenal do Exercito; pela banda de baixo do mosteiro o postigo do Arcebispo, do antigo circuito amuralhado da cidade, o qual agora dá serventia para a Cruz de Santa Helena. A porta de S. Vicente foi onde é hoje o Arco grande.

45 — Egreja de Santa Engracia

Na parte inferior do campo, em local sobranceiro ao Tejo e com frente para o Norte e caminho da Rua do Paraiso, está situado o amplo Hospital da Marinha, onde primitivamente os Jesuitas tiveram o seu collegio de S. Francisco Xavier. Em epocas remotas existiu acanhadamente o Hospital da armada no Arsenal de Marinha, até ser passado para uma casa particular na Rua do Telhal, d'esta para o incompleto Mosteiro do Desterro, e finalmente em 1806 para o edificio que expressamente se construiu no Campo de Santa Clara, onde se acha estabelecido.

Por um decreto datado em 1797, sendo ainda principe regente D. João VI, e ministro da marinha D. Rodrigo de Souza Coutinho, foi ordenada a creação do hospital.

Para se fazer idéa da grandeza com que foi construido bastará referir que não chegando para a conclusão da obra o emprestimo, que se contraiu, de 150:000 cruzados, e a cuja amortisação e juros se destinou parte dos rendimentos da Alfandega de Lisboa, ainda foi preciso elevar o capital do mesmo á quantia de 215:000 cruzados.

Se das colinas do Castello e da Graça, galgarmos a qualquer das outras colinas sobre que assenta a cidade, o panorama será sempre bello, sempre novo, sempre grandioso: quer elle se desdobre e se afunde desde Sant'Anna ou de S. Pedro de Alcantra para o antigo Valverde; quer se espraie e se funde nos horisontes suaves por onde a vista se perde do Alto das Chagas de Santa Catharina ou de Buenos Ayres para os lados da Barra ou para as bandas de Xabregas.

Lisboa, que ha cerca de trinta annos, tinha uma superficie de 1:224 hectares, tem hoje 7:980. A sua população, que naquella epoca não chegava a ser de 200:000 habitantes, hoje excede muito o numero de 400:000. Tem duplicado o numero das suas ruas, triplicado o das suas fabricas e das suas casas de habitação, augmentado consideravelmente o numero de suas escolas e bibliothecas e estabelecimentos de beneficencia.

Como succede em todas as cidades populosas, ha em Lisboa muitas. Não se conhecem entre si; não sabem quasi da existencia uma das outras; e quando se encontram por acaso, tratam-se de forasteiras. Quem explicará ao risonho Buenos-Ayres o que é a carrancuda Mouraria? Quem será capaz de accender na irrequieta Alcantara as devoções do fidalgo S. Vicente? Quem fará crer aos bastiões mauritanos do Castello de S. Jorge, que El Rei de Portugal e do Algarve não mora na sua Alcáçova, mas sim no reguengo de Algés, num cabeço chamado a Ajuda? Quem ensinará ás suas aldeãs de Campo de Ourique e da Cova da Moura, que o planeta é habitado muito para lá da Bemposta? E quem ousará convencer a Junqueira e a Tapada, de que são já christãos, por mercê de Deus, os moradores do Outeirinho da Amendoeira, de Benabuquel, da Judiaria ou do Almocavár? Podem emprehender-se verdadeiras jornadas, verdadeiras viagens, de Lisboa para Lisboa. Vão de um bairro a outro estudar-se costumes novos, phisionomias novas, edificações de estylo diverso, pontos controvertidos de historia patria, moderna e antiga.

Quem, tendo passado o Bugio, que se destaca no Oceano como sentinella vigilante, chega pelo nosso Tejo a Lisboa encontra immediatamente á entrada do porto o pequeno castello, a que chamamos Torre de Belem, mas que podemos considerar grande, como estimado modelo da architectura militar do seculo XVI, parecendo determinar o limite occidental da cidade.

Quem chegar por terra á nossa capital entra logo na mais grandiosa Avenida de Lisboa, onde se ergue o monumento dos Restauradores da nossa autonomia.

A Avenida da Liberdade conduz-nos á grande rotunda, que se denomina Praça do Marquez de Pombal, d'onde deverão partir outras avenidas subsidiarias ou complementares, que se acham ainda em construcção, e no espaço que entre ellas medeia, o projectado parque, tendo nos assim feito atravessar o bairro mais elegante, mais higienico e mais bello da capital, e que veiu como que desenvolver a chamada Baixa, que começa na Praça do Commercio. Esta praça é á entrada principal da cidade. No seu conjuncto, a edificação que a compõe é elegante, rica e artistica a sua decoração. Dá ella saida a cinco ruas, tres ao Norte e duas respectivamente ao nascente e ao poente. Aquellas tres são as Ruas do Oiro, da Prata e Rua Augusta, onde se levanta o arco triumphal que remata a decoração. Ao centro desta enorme praça possue Lisboa o monumento da sua reedificação — a estatua equestre do Rei D. José, que tanto honra a arte nacional.

A rua, que, saíndo da Praça do Commercio, se dirige para o nascente leva-nos á antiga estação do Caminho de ferro de Leste; e a que segue para o poente passa junto da Praça do Municipio, onde existem os Paços do Concelho ou Palacio Municipal, edificio moderno, correcto e luxuoso.

São pois estes dois bairros, o antigo e o moderno, que como dissemos se completam, terminados por duas praças — a do Commercio e a do Marquez de Pombal, e a

sua divisão é estabelecida pela Praça de D. Pedro IV, numa das faces da qual se construiu o Theatro Normal.

Entre os monumentos de Lisboa citaremos a nossa Cathedral, a que actualmente se está ainda prestando o devido estudo da sua restauração, não obstante ter sido apropriada ao culto da religião christã pelo fundador da monarchia portugueza; o templo de Belem, universalmente conhecido, que não só ostenta toda a sumptuosidade do reinado de D. Manuel, e deu logar áquella nossa variante florida, a que chamamos estylo manuelino, ou transição do ogival para a renascença, que marca em Portugal o periodo da florescencia da arte, mas commemora ainda, a descoberta da India por Vasco da Gama, que só Camões soube cantar; a fachada da Egreja da Conceição Velha, que é do mesmo estylo manuelino; a basilica da Estrella, digna de ser visitada, admirando-se ali os trabalhos primorosos de Machado de Castro. Nas ruinas do Carmo, conservando ainda parte d'um d'esses magnificos modêlos da architectura gothica, tem a Associação dos Architectos e Archeologos prestado um bom serviço á arte, organisando um museu já muito valioso. A Egreja da Madre de Deus é tambem por assim dizer um museu importante de azulejos, quadros a oleo e trabalhos de talha.

Mas, se os monumentos e as obras de arte não abundam, outro tanto não se poderá dizer dos encantos com que a natureza prodigamente dotou Lisboa. Não foi o rei, não foram as armas, não foi a politica que a fizeram capital de um reino; foi ella, a natureza, a topographia, o ceu, o solo, o clima, a flora, a paizagem, que se entenderam para aquelle fim commum.

A sua corôa precedeu a dos soberanos. A Europa, o incomparavel continente, não podia terminar como os outros, lá onde a terra tem as suas columnas de Hercules; termina por um triumpho. O Atlantico, ao despedir-se, banha um jardim principesco e antes de ir morrer de tedio por entre os rochedos sombrios do littoral adusto da Africa, lança-se amoroso nos braços do Tejo, entre as areias douradas da Trafaria e a graciosa Algés.

Quem tenha percorrido muitas capitaes do Velho e do Novo Mundo, muito poucas terá visto tão pittorescas como Lisboa. Algumas das que o parecem é á força de corrigirem com a arte a pobreza da sua topographia. Entre nós, é a arte que não raramente desfêa a natureza. O Tejo, embora, não carreie mais palhetas de ouro como outr'ora, é sempre um esplendido rio. Largo e altivo, avança atravez dos suburbios da Rainha da Extremadura, afagando no seu curso as margens que o canalisam, ornadas de povoações que estão a rir para o viajante, emolduradas, como chromos, em espesso arvoredo e parecendo negaciar-lhe com as mais variadas côres, onde todavia domina a de rosa e a de tijollo.

Não é o Tejo um rio rhetorico, como o Manzanares, o Sena, e mesmo o Tamisa. Sobre o seu dorso de Atlante pode facilmente carregar com todas as esquadras do globo, e se ordinariamente tem a placidez peculiar dos lagos, algumas vezes o animal, despertado e irritado pelo vento, rompe nos esgarrões oceanicos das tempestades, que lambem as embarcações.

Eil o no entanto proseguindo serenamente até Lisboa, com a graça senhoril de um senhor feudal, até o ponto onde, surprehendido pelo soberbo amphitheatro sobre o qual se espreguiça a capital, suspende d'alguma sorte o seu curso e forma enseada, para beijar-lhe o sendal de marmore e de relva. A natureza não quiz que Lisboa ignorasse as suas graças naturaes. Multiplicou em seu seio os pontos de vista, para que se mirasse a miudo, e realisando o mytho de theogonia grega, se narcisasse na sua propria formosura.

O forasteiro morde o labio de inveja, ao subir ao alto de S. Pedro de Alcantara, á Penha, ao Castello de S. Jorge, a Almada, forçado a confessar que uma cidade é duas

vezes bella, quando, além de o ser, pode contemplar-se a si mesma, n'um relancear collectivo, panoramico, das suas bellezas. Ousamos queixar-nos por vezes do nosso clima, com uma ponta de ingratidão muito soffrivel. Não temos pejo de dizer no inverno: «Faz um frio de Siberia», no verão: «Está se no Senegal», arremessamos estes ultrajes desalmados ao mais benigno e bem educado dos climas, que nos coube felizmente em partilha, por um equivoco, mas que tinha sido encommendado expressamente para os deuses.

Quando aqui se sente ao de leve a mordedura do frio, na visinha Hespanha gela-se até aos olhos e tirita-se até ao dente de siso. Quando aqui se supprime o ultimo cobertor, em Africa, nem já o leito se supporta, substituindo o no officio a rede de linho fresco. Em Lisboa, só se suffoca ou se tirita em pleno .. estylo. Tão secco, tão temperado é este clima, e por tudo isto, tão salubre, que privaria a morte de um dos seus recursos favoritos, se não o estragassem os focos de infecção, ainda tão numerosos como vigentes entre nós.

46 — Um carro do José Florindo

Porém esta cidade privilegiada em extremo doce na sua temperatura, pittoresca na sua topographia, donairosa na sua entrada fluvial, e tão notavel pelo azul profundo do seu ceu (quando o vento da barra o não tolda), é habitada por um certo hospede que aqui fixou residencia difinitiva.

Hospede, digamo-lo assim, para não arriscar uma falsidade em relação a Lisboa antiga. Deveriamos talvez chamar-lhe um aborigene. Encontramo-lo mais ou menos por toda a parte, comquanto o seu *rendez-vous* predilecto pareça ser a Arcada. O seu nome é Ociosidade; é o *dolce far niente,* que passeia indolente e tardigrado atravez das ruas da capital ou dorme em casa até á uma hora da tarde.

Nesta população de 400 ou 500 mil habitantes, ha a cidade que labuta, que mercantilisa ao balcão, que embota o fio do pensamento nas tarefas duras da penna e do estudo, que sua a baga honesta do trabalho na fronte do operario, que encarde a blusa e o antebraço na officina da fabrica, que moureja sob a corda e o fardo, que cruza o Tejo dia e noite e sae a barra para nos trazer a polpa phosphorada do mar. Mas ao lado da cidade que trabalha, ha a cidade que se arrasta no ocio ou que se agita febrilmente em pura perda. Digamo-lo sem ambages: é difficil descobrir na Europa uma capital em que se sacrifique tanto á indolencia e tambem á mobilidade inutil, que faz da vida a pagina em branco de um album, mas que, em compensação, daria uma soberba raça de reis merovingianos.

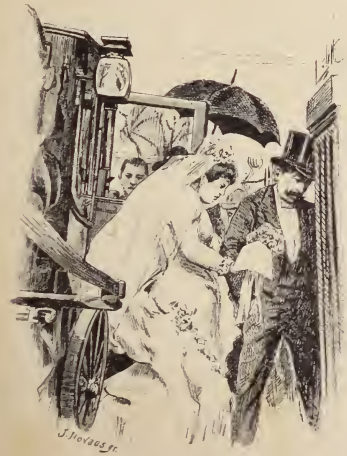
Eis a impressão de decepção que invade o estrangeiro que, tendo desembarcado no Caes das Columnas, maravilhado da formosura do nosso Tejo e do nosso mólhe, percorre as principaes ruas da Baixa. Por toda a parte se lhe depara o caminhar despreoccupado e lento de authenticos capitalistas que vivessem de seus pingues rendimentos, sem ter de mover um dedo, empurrando adeante de si o seu abdomen modesto ou immodesto, numa fleugma imperturbavel, promptos a formar comvosco um grupo parado ao meio de uma rua, para vos contar minuciosamente uma historia sem importan-

cia que deita fóra uma hora inteira, e que vós, se tendes negocio urgente, vos resignaes polidamente a ouvir, com a sincera e risonha affabilidade de quem apoiasse ambas as plantas dos pés sobre um pavimento de brazas bem accesas...

A assombrosa mendicidade que lavra em Lisboa tem em grande parte por origem a pusilanimidade extrema do pobre perante o trabalho mais ou menos arduo, que conquista uma subsistencia honesta embora parca. A ociosidade é frequentemente a agulha que cose a sacola do mendigo, e a Biblia exprime-se divinamente quando nos diz que «a miseria espreita pela fechadura da porta do homem laborioso, sem ousar entrar».

47 — Egreja de S. Jorge de Arroios

Por isso, de todas as profissões, commercial, industrial, militar, etc., a preferida é a burocratica nalguma secretaria do Estado, isto é, o direito ao cavaco indefinido entre duas pennadas pagas. Para consegui la abre-se excepção a habitos chronicos de remanso, e galga-se corajosamente e pacientemente a estrada dolorosa atravez da montanha do empenho. A cada passo somos abordados por uma pobre mulher desgrenhada que tem ainda no rosto e no tronco os symptomas da mocidade vigorosa e não córa de nos pedir esmola; ou por um mocetão robusto que solicita um subsidio para uma viagem ao ultramar que nunca se effectua, ou por outro que nos dispara á queima roupa a arma de uma lugubre lamentação habilmente modelada, ou por uma creança que já sabe balbuciar aos transeuntes a estylada phrase da mendicidade franca e profissional. E' sobretudo esta triste exhibição da infancia mendicante que mais confrange a alma. Pobres e queridas creancinhas que mal descem do berço já naufragam; que mal entram na vida, esta esperança, já esbarram nesse becco sem saida do pauperismo. Quantas vezes os culpados são uns paes sem entranhas, que as exploram em beneficio de vicios proprios e chegam mesmo a espancal-as, se á noite não lhes trazem o tributo pecuniario que os membrosinhos cançados d'esses anjos teem a pagar a vis habitos paternos, ou, quando menos a indolencia criminosa do seu viver. Quem não sentirá um doloroso fremito, quando, ao estacionar um momento numa loja, se abeira de nós uma d'essas creaturinhas de cabellos escorridos, pelle encardida, ás vezes tão gentis de forma, e nellas vemos este contraste pungente dos encantos de uma flôr que pede



48 — Uma noiva

para desabrochar, com os andrajos de miseria, e lepra da immundicie e a lamuria da indigencia supplicante, que arremeda a liquidação desesperada por onde acaba a velhice impotente. E' a confusão da aurora com o crepusculo triste da noite. Nem ha quem possa vêr sem magua aquellas mãosinhas tão admiravelmente construidas para o trabalho, ensaiando-se tão cedo na attitude que representa a abdicação definitiva do trabalho. Entes falhados, que logo ao nascer vém abastecer o numero dos zangãos na colmeia social. Se um asylo lhes não offerecer a prancha salvadora, que será d'elles? A policia, em vez de armar tantas tempestades num copo d'agua, bem podia tratar de evitar este enorme escandalo que Lisboa exhibe diariamente aos nossos olhos e á observação critica dos estrangeiros.

Para estes assignantes do *dolce far niente* todo o dia é domingo. Para elles, um berro, um ligeiro arremêdo de rusga, um individuo trajado um pouco fóra do commun, um garoto escoltado entre dois policias, tres sujeitos parados á porta de um armazem a olhar para dentro, uma ninharia, em summa, um qualquer pequeno nada é bastante para lhes attrair a attenção, e lhes interromper, numa attitude de immobilidade boquiaberta, o rumo que levavam. Outros debatem-se numa agitação febril; vão, vem, tem pressa, assaltam o americano cinco vezes ao dia, chegam para logo partir, por aqui por acolá deixam cair uma phrase fugitiva nos ouvidos dos conhecidos que encontram, e seguem além em busca de alguma coisa que sempre se lhes escapa por entre os dedos. Que importante negocio os absorve? Ninguem o sabe: Exploram talvez um systema menos tedioso de matar o tempo. Existem differentes armas para isso e esta é a de maior precisão.

O aspecto typico da nossa capital é incontestavelmente o de uma tranquilidade endomingada a apathica. Tem-se inveja áquelle formigar de Londres, Paris ou Bruxellas, de Amsterdam ou Hamburgo; áquelle vai-vem preoccupado de cidadãos de quasi todas as classes, que de fronte inclinada, labios cerrados, olhos debruçados para dentro, para as soluções do problema vital, absolutamente estranhos ao mundo da rua, se cruzam n'um açodamento energico, fustigados pelo açoute da lucta pela existencia, uns de paletots despretenciosos, escolhidos no cabide dos dias de labutação, outros de bluza metalisada pelo atrito da limalha ou dos utensilios do officio, todos em direcção ao seu posto relativo, todos em busca do trabalho, do pão, da prosperidade de amanhã, da independencia possivel de um futuro mais longiquo, convertida muitas vezes em realidade, sob um banho diario de suor, ao defrontar continuo de peito a torrente, á força de braço e á ponta da espada.

Viva o trabalho, o trabalho sadio e tonico, o trabalho util, fecundo, jovialisante, que valorisa a existencia, que leva a paz, o conforto, e o sorriso aos lares, e que até nos seus cansaços é cem vezes mais doce que a estagnação pasmada da inercia.

Quem nos déra que á pacatez enervante dos nossos habitos podesse succeder, atravez d'estes bairros lethargicos, o turbilhão do labor viril. Quem nos déra sentir mais alta a sonorosa «orchestra da serra e do malho, d'onde brotam vidas, cidades», civilisação. Com o seu espirito eminentemente affavel e hospitaleiro para os estrangeiros, era só o que faltava á nossa capital para ser um dos rincões mais encantadores d'este mundo.

Vista do cimo dos montes á noite, a cidade perdeu completamente a configuração que havia á luz do sol, para tornar-se n'uma indefinida necropole de assustadoras perspectivas, que vem d'uma banda engastar-se na curvatura do rio, em quanto pelas outras se arrasta e prolonga em successões de casarias, luzes, sombras e reflexos, que nos dão a illusão d'ella proseguir sem acabar até ao fim do mundo.

E' ainda do adro da Graça que Lisboa deve ser mirada n'uma noite sem lua, quan-

do já os rumores dos bairros altos se teem apaziguado, deixando o ouvido então sugar lucidamente o tohu-bohu que se evola da Baixa, em trepidações ondulatorias, desde o Terreiro do Paço até ao Rocio, e subindo d'ahi pelo regueirão do antigo Valverde, cujo leito alargado deu a Avenida, até ao deserto negro de Valpereiro e Santa Martha.

Postado na amura que fecha o adro da egreja, a cavalleiro num morro secco, percebe-se á esquerda o monte do Castello, que parece emergir d'um charco de tinta, e elle mesmo esbatido em negro, sem gradações nem claro-escuros, recortando-se n'um fundo do ceu cinzento d'agua do Tejo, e casarias esburacadas de luzeiros. Aquillo é phantastico, e recorda um bastidor do Machbeth, com o seu diadema chato de muralhas, um torreão dentado ao canto da alcaçova, e a espessa negridão da sua grande massa.

A' direita, da outra banda do quadro, é Nossa Senhora do Monte; vê-se uma fiada de luzes bordando a calçada que conduz do Terreirinho até ao adro da ermida e o dorso da montanha manchada de casas novas, quintaes, mirantes, cujas superficies refrangem a claridade de quasi todo o valle que lhe fica aos pés.

Entre esta ermida e o Castello a casaria atropella se de corrida, descendo em assoisses de tectos, cunhaes, ruellas, egrejotas, cada vez com mais pressa, até aos profundos valles do centro da cidade, e para alem d'elles, dobrando a colina de S. Pedro d'Alcantara a S. Roque, eil-a se estende, agora plana, mais regular, placidamente, a engastar na fimbria do ceu vago e chuviscoso. E' assim um grande leque de casarões, de que a noite não deixa aperceber senão bocados, e de cuja sobranceria soturna a phantasia só evoca monstruosidades e tragedias.

Naquella enorme mancha a preto e branco, similhante a um pesadello hugoesco que Goya e Rembrandt houvessem reproduzido a agua forte, a vista, uma vez repousada do sobresalto da primeira visão, compraz-se agora em procurar na tumultuosa embryogonia das formas, sitios familiares por ella conhecidos, como outros tantos pontos de referencia para a apreciação geral do panorama

Descendo a montanha, ella encontra primeiro a grande mole dos hospitaes — o Desterro, S. Lazaro e S. José, — hirta e soturna, sem luzes, com um sino rouco batendo os quarto de hora de agonia — mole viva e sinistra, feita de grandes edificios quadrilongos, que antes parecem troncos d'animaes, canzarrões dantescos.

Recúa um pouco, e seguindo um filete de luz comprido e zigzagueante, reconhece de subito a rua Nova da Palma, em cujo extremo um fogareiro, o Coliseu, chammeja por todos os buracos das janellas. Retrocede então por ella, e ao fim de caminhar alguns segundos, chega a uma massa de sombra caliginosa, a Mouraria. Hesita um pouco; ali os predios são velhos, as ruas estreitas, nenhuma reverberação de gaz lambe as paredes... entanto a vista salta-lhe por cima, e lá consegue penetrar nessa caixa oblonga, sem tampa, e singularmente luminosa do Rocio.

Neste corpo de monstro escamoso e phosphorente, que é Lisboa de noite, feito de placas, corcovas, pernas, ankiloses, ha um systema arterial desenhado a luz de gaz, por cujos grandes vasos carroçam movimento e vida; e um systema nervoso para a repercussão das suas grandes miserias e das suas grandes dôres. O coração do primeiro é o quadrilatero chammejante do Rocio. O encephalo do segundo parece ser a grande massa dos edificios hospitalares. D'aquelle Rocio claro e saltante brota de facto um ruido incessante em catadupas, que parece crescer, ter raivas, sobresaltos, e é feito do rodar dos trens, dos silvos dos tramways, dos pregões dos jornaes, e das convulsivas vozes de centenas de boccas que peroram, palestram, dizem mal — ruido gerado ali mesmo e propulsando ao longe, atravez a rosacea das ruas, todos quantos fremitos a população áquella hora da noite ainda póde conter de actividade. Como um coração que expede para os differentes pontos do corpo as hematias da vida, assim d'aquella praça o gaz se ramifica, num escorpião d'arterias luminosas, que descem e sobem, mergulham e aflo

ram os tecidos profundos dos bairros, coleando e luzindo... a Avenida, S. Pedro d'Alcantara, a Rua Aurea — e para todos os lados luzinhas bruxuleam, pelas arterias somenos da cidade, té se perderem nas ilhotas de sombra.

Oito horas, nove horas... Na parada dos quarteis, as ultimas cornetas tocaram melancolicamente o recolher. A multidão prosegue sempre o seu movimento espiral de roda aos quarteirões, agora mais rara, porque os theatros enguliram pelo menos um terço dos vultos que esformigavam nas ruas, á cata de pretexto para esquecer a vida e as suas agonias.

Entram os estudantes nas suas mansardas, a recoser as lições para o dia seguinte; nas tabacarias os ultimos massadores contam á pressa as ultimas anecdotas; e enfezaditas, com toiletes fanadas e chapeus murchos, as costureiras passam de volta do serão,

49 — Nosso Pae aos entrevados

trotando ás tres e quatro, como cabritas receiosas, rapidas e exangues... Uma mancha de carmim nos beiços, os olhos alongados, mirando, pelo canto das palpebras, os aspirantes.

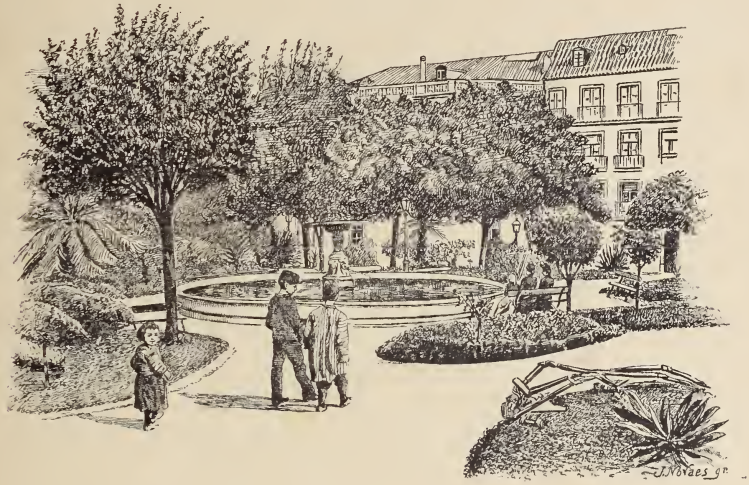
Mas a turba-multa vae rareando; grandes claros fazem-se nos passeios á porta dos cafés, pelas esquinas, e os que circulam ainda, com a preoccupação d'encher espaço, d'occupar os logares que os outros deixaram vasios, de darem a impressão compacta d'uma população ruidosa como a de Madrid, apenas conseguem, buliçosos comparsas, accrescentar uma ponta do clownismo ao collectivo drama das ruas, tragico e anonymo como o drama antigo.

Como ás nove ou dez horas, por via de regra, todas as figuras de passagem debandaram para os seus destinos — os operarios para os seus casebres, os estudiosos para os seus cartapacios, os elegantes para os seus theatros e para os seus clubs; entra a ser facil destacar dos grupos personagens que propriamente deva considerar-se o prototypo do nocturno, isola-lo da massa e pô-lo em fóco, por vivisseca-lo em pleno asphalto, sob a incidencia do gaz, de que elle foge, larva do lobrego, recluindo mais para a sombra dos predios a sua silhuetta tropega e fugidia.

E' o nocturno quem desde então se apodera da cidade, uma vez fechadas as lojas, escurecidas as ruas, os americanos e trens feitos mais raros, para dar larga aos seus caprichos, monomanias, analyse e doenças; porque é elle que na chateza honesta da cidade, ainda alimenta no peito a verde chamma macabra do phantastico, que Edgar Poe

tanto se compraz em vêr bruxulear, como uma flôr de civilisação, á superficie das grandes degringolades sociaes.

Isolados, ou por pequenos grupos, a horas inflexiveis, vêem-se aquelles tresnoitados surgir dos portaes das casas, e entrarem e sairem dos cafés, dos bilhares, das casas de batota e baiucas d'aguardente, as palpebras pisadas, que um tic epileptisa, olhos de morcegos e de gatos, o passinho molle, as mãos errantes, procurando apagar-se, não dar nas vistas: e elles sem voz, com um sorriso beato, descrevem parabolas de roda das coisas, com medo de tudo, numa horrivel suspeita de si proprios!



50 — No Jardim da Alegria

E todos estes espectros marulham, cada vez mais lentos, á medida que a cidade amadorna, as ruas escurecem, vão fechando as tabacarias, e os theatros apagam de sobre os perystillos a decoração do gaz que chama as multidões.

Meia noite... Finalmente os theatros acabam, os americanos atulham-se, circulam carruagens luxuosas outra vez: e novamente as grandes ruas atordoam-se de vozidos, e dão escoante a uma inundação de vultos desconnexos.

Por um instante os restaurantes animam-se de freguezes, os asfaltos povoam-se, approximam-se os grupos, cingem-se, estrangulam-se... Mas esta effervescencia das ruas cedo morre. Uns após outros, os sinos das egrejas dão gravemente a meia noite: o ceu é sempre negro, cessaram os pregões, os carros vão-se! Agora o desespero dos vadios tem alguma coisa de horrivel, feito de esgares e ganidos, reviravoltas e supplicas. A policia considera-os com suspeita e attentamente; os guardas nocturnos não os deixam embuscar-se na sombra dos portaes. Elles encontram-se, consultam-se, saem por uma esquina, entram pela esquina opposta, fingem que se vão, e d'ali a nada surgem outra vez... E estralejando os dentes com frio, jungindo os casacos ao tronco, os olhos cada vez mais fundos, a face cada vez mais lugubre, o passo cada vez mais tropego, tanto circulam, que acabam enfim por caír extenuados de bebedeira, de fome, de fadiga, de

doença, té que a policia os distribue pelas cadeias, os estatela nos albergues de noite, ou os manda de presente á Misericordia e aos hospitaes.

Todos os dias a tumba carrega com miseraveis d'estes para a valla, e todos os dias pelas sessenta portas da cidade uma multidão de miseraveis novos acorre de todos os pontos da provincia, a povoar os nossos asfaltos com os mesmos monstros, que por causas identicas chegam a contaminar-se das mesmas perversões, e constituir-se automatos dos mesmos vicios, e a acabar por fim na miseria.

Vista de alto, por volta da meia noite, tem alguma coisa de necropole em que a espaços luzissem lampadarios. Em certos pontos mais illuminados destacam-se vagos perfis de casarias adormecidas, achatadas sob a noite. De longe em longe, traçam-se quadrilateros de luz dormente, janellas a dentro das quaes se vive ainda a essa hora — ou se morre — na vigilia tormentosa da agonia. Paredes caiadas tomam alvuras surdas de sudarios extendidos. A illuminação da cidade, a partir de uma certa zona para o fundo caliginoso do horizonte, dispersa-se sem ordem numa infinidade de salpicos, como se alguma estrella amarella, caindo do céu, tivesse espirrado faiscas em todas as direcções.

Dos gradeamentos de S. Pedro de Alcantara, d'onde uma illusão de optica faz crer que se está a prumo sobre a capital, avistam-se manchas ou fitas inteiras de terra negra, orlada de moscas de luz. Mas quatro passos andados, essa paizagem nocturna dissolve-se, e succede-lhe um amontoamento disforme de architecturas vagas, allumiadas por vagas claridades, até que outros quatro passos de caminho, ao longo da grade extendida sobre o abysmo, traz novas manchas e novas fitas de terra preta, bordadas de picaduras d'onde gotteja luz.

Entretanto, evapora-se de toda aquella decoração um murmurio mate, indistincto, em que se diria predominar a voz epica e longinqua do mar quebrando-se numa costa de rochedos, mas que faz pensar nalgum extranho trabalho subterraneo de sapadores cyclopicos, que minassem Lisboa, noite e dia. Do céu, onde umas estellas dormem socegadas, emquanto que outras parecem pestanejar, com a graça exquisita e deliciosa de certas raparigas myopes que não aguentam um olhar demorado, desce uma longa e profunda serenidade, a mesma serenidade das noites de idyllio e das noites de crime. E' encantador e pungente.

De resto, alta noite, o sitio é deserto e tragico, assim empoleirado sobre um abysmo que o escuro faz mais fundo, e que a imaginação, ajudada pela vertigem á beira do parapeito gradeado, faz parecer insondavel. Como que um vento mysterioso, entontecedor, nos impelle d'encontro ás grades, num desejo louco de cahir com ellas, emquanto que o vazio nos solicita e nos chama.

Faz-se uma enervação de todo o nosso ser, instantanea. E quando vem a reacção, é necessario operar um verdadeiro esforço contra as grades, retesar todos os musculos para fugir á attracção do abysmo.

Fica então, mais tragica na reminiscencia d'aquelle terror, a cidade afogada na noite e perdida na distancia. As luzes, ao longe, teem um bruxolear funebre de lampadarios ardendo em ruas de cemiterio. As paredes banhadas de luar, dão perfeitamente uma decoração theatral de necropole. E quantas agonias, com effeito, irão por toda aquella paizagem, disputando o ultimo alento á noite? Quantos mortos terá a treva feito a esta hora?...

Mas oito horas depois: tem-se primeiro condensado a treva ao desapparecer da lua no seu occaso de cada manhã. O rumor indistincto da noite serenou, apagou-se, como a um e um se apagaram os candieiros dispersos á flor da paizagem, por volta da madrugada; dir-se-ia que elles foram tranquillamente engulidos pela mysteriosa preamar de algum oceano de tinta em que a cidade firmasse os seus alicerces, preamar que ao

mesmo tempo teria ennegrecido as paredes brancas de luar, subindo sempre, sempre a sempre, num silencio tornado mais cavo pelo marulho vago que ondeia ao longe, muito ao longe, no extremo horizonte.

Por aquella calada de noite que agoniza, num d'esses somnos doloridos que vém após as longas noitadas de dor, a madrugada arrasta-se penosamente ao de cima da paizagem, que agora não é mais do que uma coisa chaotica e lugubre, uma simples suspeita de casarias soterradas no escuro. Uma delgada lista de claridade, pallida, triste e afflictiva, faz a delimitação semicircular d'aquella nodoa preta, d'onde emergem torres. O céu, em que restam algumas estrellas, avermelhadas como olhos papudos de somno e de lagrimas, ou como lamparinas que chupam a ultima gotta de azeite numa enfermaria de hospital, é triste, infinitamente triste. O espaço enche se de um terror sagrado. A terra, escurecida até aos seus ultimos limites, como que se deixa miseravelmente espapaçar na treva universal e no universal desalento das coisas.

Mas espalha-se então uma frescura que parece feita de luz, se porventura não é antes uma claridade finamente saturada de aragens vivas. Ao longe o amanhecer abre-se devagarinho num tom livido, pouco depois numa alvura que faz lembrar espumas de leite, mais tarde num ennevoamento alaranjado d'onde as arestas dos telhados mais altos e os frisos das torres, tiram rebordos de oiro um pouco rubro. Faz-se gradualmente a luz, ao cantar victorioso dos gallos. As casarias, que na indecisão adoravel da alvorada se tinham conservado envolvidas em véos finissimos de bruma, como num amanhecer de magica ou numa paizagem ossianica de Macpherson, tem naquelle começo de apotheose um desabrochar de extranhas e monstruosas flores.

De repente, emquanto que uma chilreada de pardaes faz a sua gritaria jovial nas arvores, cujo verde tem a humidade fresca do orvalho, uma revoada de pombas muitos brancas corta o azul claro do firmamento, paira um pouco a toda a altura do valle do Passeio Publico numa palpitação doce das suas azas de neve, e parte em seguida para traz como uma flecha, ao mesmo tempo que o sol rompe além das montanhas em flechas de oiro que parecem perseguir aquellas vedetas de luz.

E' o sol, é emfim o sol que triumpha, o bem amado sol! tepido e suave, eternamente moço neste pobre mundo que vae a estar tão velho!

Do mesmo modo que o prestigio das velhas dynastias se altera com as restaurações incompletas, assim as cidades perdem do seu caracter com os concertos e arranjos a que as sujeitam. Não é preciso recordar tempos muito atrasados para que se veja quantas voltas tudo isto tem levado!

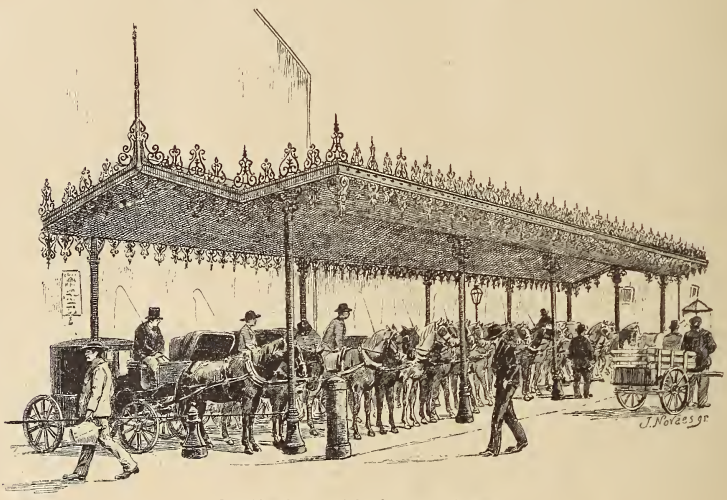
Quem aqui viveu ha vinte annos, ainda poude conhecer um pouco da Lisboa antiga, como ella teria sido no tempo do Senhor D João VI, e conforme Beckford a aguarellou nas suas memorias. Cidade de frades, beatas e desembargadores, soturna de noite, reentrando em beccos onde os gatos se moviam num sabbat phosphorescente, com lendas de fadistas que enchiam a provincia de panico e de epilepsia a prosa dos jornaes; e tavernas onde noite e dia o gaz flambava, nimbando a fumarada dos cachimbos.

Nos bairros de residencia, retraídos sobre as encostas das sete colinas; nos pequenos largos onde seis arvores davam sombras pavorosas d'emboscados; em cada ingreme ruela corcovando bruscamente por baixo d'um arco, onde o braço d'um lampeão resaía do granito — predios altos, estreitos, irregulares, coifados de mansardas sem vidros, encostavam se uns aos outros, rindo sardonicamente pela bocca dos portaes sem portas, e resaíndo como ebrios das linhas geometricas de construcção — em todas as sacadas havia roupa a enxugar, nespereiras em caixões — e jardins de pequenos empregados buliçosos pesavam sobre as varandas decrepitas, onde algum gato reflectia o nada das cousas mundanas, e uma mulher esverdeada espulgava cobertores.

Em baixo, as lojas de venda, pintadas uma só vez em vida dos lojistas, offereciam tristes detalhes dos generos accumulados, uma desordem furiosa de mil coisas; e vinha um tal cheiro de ratos, queijo assado e roupa velha, que mais parecia andar-se viajando por dentro de um artigo de archeologo...

A primeira pharmacia que deitou armação de vinhatico produziu tamanha emoção, que os jornaes lhe consagraram folhetins descriptivos; e por dias esteve o transito interrompido, tão espessa turba se agregara ante o sumptuoso laboratorio.

Entanto, com o montuoso do solo, a irregularidade pictoresca das casas, descortinada dos cimos, era uma confusão de brancas fachadas, tectos em chapeu de *clown*,



51 — Alpendre para abrigo de trens, ao Arsenal

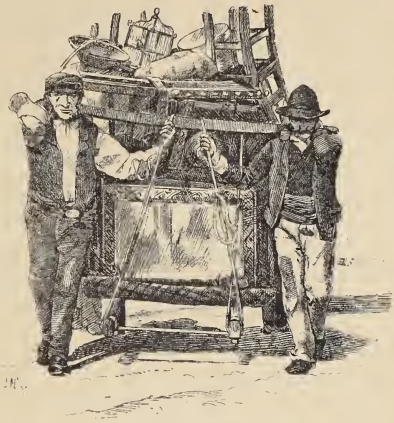
varandas que iam e vinham, arborejos ictericos e torrelas de freguezias; mas nenhum trecho de caracter, architectura typo, ou atrevido zimborio, em que pousar a vista cançada de voar sobre esses bairros taciturnos. Quando ao canto de tal rua, perdido entre humildes cazinholas, meio sepulto numa ladeira aspera, de repente, surge o angulo de um velho palacio brazonado, desconforme como os mausoleos de Thebas, quadrado, derruido singular de velhice e magestade! Os portaes desenham-se em pedra esculpida, mas installou-se uma carvoaria no pateo; por cima, a sobreloja serve de pouso a pobres cantores da rua, cegos simples e compostos, tamborileiros gallegos, raparigoilas de pandeireta, phenomenos de feira, hibernando ali a estação das chuvas, entretidos a digerir o proprio estomago — emfim, toda uma côrte de milagres, desde o homem dos pintasilgos sabios, até ao velho malandro que vive d'uma ulcera pintada, e regouga limpando aos andrajos os cinco-reisinhos que lhe dão.

Lisboa que não deixára ainda o capote e lenço tradicionaes, e cria em milagres, affirmando que crescia o cabello ao Senhor dos Passos, sentia por esse tempo um forte medo de bruxas.

Havia predios desamparados de moradores, com má fama de residencias diabolicas, que se apontavam de longe aos exorcismos das beatas.

Tambem se perde a memoria d'uns *omnibus* que havia formidandos, talhados em

arca de Noé, medonhos d'escaninhos, providos de dois andares ou tres, escadarias em espira, e um convez d'onde o passageiro ia gozando todo o panorama da cidade. Esta immensa machina, que era uma applicação da nau *Vasco da Gama* ao transito das ruas, movia-se sobre quatro pequeninas rodas, puchada por uns franzinos cavallos idealmente magros como Sarah Bernhart, mirrando-se como ella na extranha nevrose frenetica do genio.



52 — Uma mudança, a pau e corda

Por cima d'elles, em cadeirola de ferro, ia um cocheiro á Hoffmann, espendurado como um corvo á beira d'essa molle oscillante, toucando-se d'um olea do conico, e envolto n'um *double* de panninho azul. Aquillo ia pelas ruas cascalhando ferragens, numa estrupida de cadeias que batiam, vidros soando rachado, siflos de chicotadas, e imprecações d'estrebaria. Para subir á plataforma, um trabalho!...

Antes de se aventurarem lá cima, muitas pessoas deixavam testamento. Mas d'aquella altura que magestosa perspectiva de casarias esparsas, o rio espanejando enseada num azul de lhamas scintillantes — a torre de Belem, o Castello, a Serra de Palmella... via-se tudo, norte a sul, oriente a occidente, aguas, ruas, arrabaldes! Moradores de quinto andar situado na passagem do monstro, já não caíam em descer as escadas ao predio: quando o *omnibus* vinha na vertical, passavam as pernas fóra da varanda, e eil-os no tejadilho do carro dando bons dias aos outros passageiros.

Um dia, um triste dia por certo, estes cetaceos sentiram-se velhos, com as costellas fracturadas pelos solavancos da via, o dorso corcovando ao peso das malas que lhe punham em cima, e desguarnecidos, vergados para a banda, roidos de baratas... Os cavallos morriam, ou tornados como o oxigenio, por falta de comida, quatorze e meia vezes mais leves que o ar, evolavam-se rompendo os tirantes, e realisando nos espaços as phantasias loucas da balada.

53 — Typos de Lisboa. Mulheres do povo

Alguns d'aquelles grandes palacios de familias extinctas ou arruinadas, tinham-se desmoronado pelas encostas sobranceiras ao rio, cançados d'esperar que os restaurassem, e tristes no abandono dos seus salões sem tectos nem pa-

vimento, onde no marmore das chaminés por vezes, escudos d'armas cinzelavam as ultimas elegias d'uma era de cavalleiros. Ardendo numa febre de grandezas, Lisboa sentia a necessidade d'outras ruas, outros estylos, outros interiores; alguma coisa coherente com as ideas, os habitos e os trabalhos da sua vida moderna. E eil a transbordando dos accumulados lugubres dos velhos bairros, Alfama, Mouraria, Estrella; partindo a cintura de muralhas num *charivari* de construcções podres de chic; fazendo dos arrabaldes, centros; trepando aos outeiros, ou alastrando-se, como um acampamento nomada, á beira do rio.

O estylo das casas ricas, perdendo o caracter pesadão, medieval, que antigamente era bom gosto entre as altas classes, e quasi passava ao proprietario diplomas de fidalguia, punha agora esforços evidentes para se armar á ligeira, sem perda de distincção ou desharmonia de linhas. E appareceu a casa moderna, pelo estylo de Paris! As primeiras tentativas desagradaram. O portuguez é naturalmente pesado, amigo do solido, e rebelde ás ligeiras coisas d'arte tão maravilhosamente francezas por indole e origem. E' ver os nossos paizagistas. Os nossos escriptores. Os nossos poetas. Queremos na obra d'arte o excesso, qualquer a forma que o traduza e comprove. Em literatura, a hyperbole, um estylo atormentado d'imagens e cheio de bizarras theorias. Na tela, coloridos estridentes, vehemencia, profusão.

A' serena ironia dos povos literarios, composta, subtil, toda interior, mesmo nas suas phantasias mais macabras e *blagues* mais fundas, sabendo guardar uma mascara de senhoril gravidade, preferimos nós o sarcasmo escandente, a grossa hilaridade fradesca, o dichote que se crava como um sedenho no cachaço da victima. Leiam os artigos politicos de qualquer jornal, e verão como pequenos factos attingem, na lingua dos verrineiros, colossaes e tremendas proporções. Em balde a educação, a adopção estrangeira pelos livros e vulgarisações dos criticos, pretendem supplantar dentro de nós estas fatalidades do sangue e do clima.

A natural feição da raça é pois dura, excessiva; tosca e quadrada a sua maneira de realisar; só um alto esforço e uma tenacidade horrivel conseguem furtar os artistas a esta tendencia. Imagine-se a repugnancia do proprietario em adoptar, a principio, os modelos d'architectura nova, que os rapazes haviam trazido de Paris.

Porém hoje, ao fim d'esforços, já os podemos ver realisados por essas novas praças e avenidas, alegres, nitidos, acabados de pintar. Veja se, por exemplo, aquelle bairro da alta finança, sem lojas, nem pregões, que a vida ingleza tem civilisado, mercê da proximidade e convivencia. Ha herva nas ruas, mas abundam ao fundo de jardins nascentes, as elegantes residencias de linhas simples e altas janellas com vidros inteiros, d'um cristal puro, por traz dos quaes os stores de seda vão tamisando a luz um pouco cruel do dia.

Nessas ruas de palacios sobranceiros aos bairros fabris, onde o ruido dos passos parece atufar-se em mollezas d'alcatifa, paira um silencio d'alta vida e um desdenhoso ar de boa sociedade e gente rica desde o berço. Poucos ou nenhuns ruidos — as visinhas não cochicham de janella para janella, um trintanario passeia á redea vermelhas horsas inglezas, ou moços d'estrebaria lavam as rodas dos coupés de noite. Pouco mais. Algum trem que se afasta de stores descidos, mysterioso, discreto, levando o senhor juiz para o tribunal, o senhor banqueiro para a bolsa, — algum trem que se embebe a largo trote pela arcaria d'um palacio, cheio de creanças guiadas por uma ingleza velha.

Escadas largas, com corrimões de bronze, sob uma cupula em vitraes, fazem nas residencias pequenos museus phantasticos e preciosos. De lance em lance, alguma estatueta supporta um globo d'alabastro.

Nos patamares com jarrões esvasados, espalmam-se decorativamente folhagens de avencas, gloxinias, trepadeiras, fetos raros; em volta os espelhos com molduras de ferro

forjado, as heras sobem n'um redenho de metal — emquanto as bananeiras empenacham a boscagem das suas grandes folhas, e tufos de begonias regias, carnosas, humidas, circuladas d'um sangue rutilo, parecem corações de virgens levianas offerecendo-se ao primeiro que suba. Atravez os vidros das estufas, nos macissos dos jardins e parques luxuosos, plantas que arvoram exoticos modelos de floração, como outros tantos pavilhões de revolta contra as rotineiras fórmas do lyrio indigena, das rosas de cem folhas e dos embirrantes cravos de defuncto. São os hibiscus que revolutêam torcidos como cabellos em nucas ainda mal enxutas do banho — arhuns de seda, perpassados d'uma graça virginal, rosadas orchideas feitas d'espadanas d'infanta — palmeiras curtas que dir-se-hiam cinzeladas em malakite — e a *sterlitzia regina,* flôr de principes, cortada em velludo roxo e côr de laranja, rompendo d'entre a hirsuta folhagem de ferro branco, com antheras d'oiro e fauces de dragão chinez.

Depois lá dentro, nos gabinetes altos de vinte pés, onde o luxo é hereditario e nenhum pormenor cheira a enfatuado, lá dentro as peças de residencia enfileiram a sua série de muzeus pessoaes, tão caros á familia, feitos de recordações de viagem, memorias das pessoas ausentes ou mortas, dos amores fanados, dos respeitos commovidos — tudo isso que é bugiganga e não obstante preoccupa—moveis e bronzes d'arte, porcellanas, velhos Sèvres, barros e marfins esculptados, leques, armas, rendas, miniaturas,— accessorios de bem estar e de luxo espargindo a vivacidade aerea das suas linhas e volutas, pousando dois dedos de loucura na vida calma do interior, e por cima inoculando nos uma sorte de nobreza, pela contemplação raciocinada de tantas coisas preciosas.

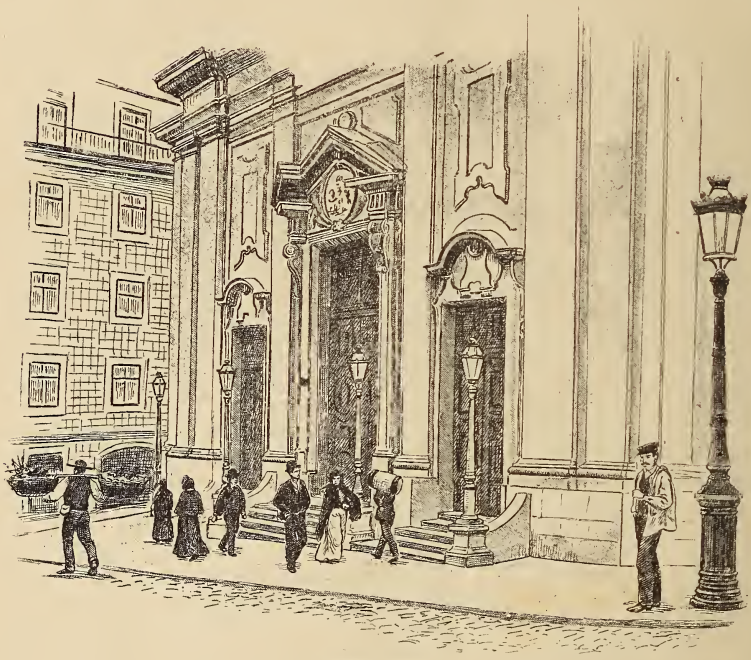
Em Lisboa, já não é preciso entrar no palacio d'um amador illustre e rico, para encontrar a obra d'arte como centro de adoração. Este seculo desceu-a dos templos e dos palacios, e pensa vulgarisal-a mais ou menos intacta, pelas residencias modestas, mercê das industrias que a reproduzem e vulgarisam.

De 34 para cá, a educação, apezar de morosa e desleixada, deu aos nossos homens refinamentos intellectuaes progressivos, que fizeram d'elle, em politica um sceptico, em sciencia um crente, um atheu em religião, no amor um bandido, e na arte um *dilettanti.* Raras naturezas, plebêas, mesmo, ficam hoje insensiveis ao encanto d'uma fina obra trabalhada por algum artista de genio. Eis as classes burguezas cultivando o gosto, esse bom senso delicado, dizia Chénier, pelos dictames d'uma inspiração já literaria; visitando as exposições de quadros e as lojas de coisas antigas; indo aos concertos; estimulando-se nos leilões celebres; seguindo com prazer as discussões que uma estatua, um quadro, ou tal peça de mobilia provocam nos jornaes; desenvolvendo, n'uma palavra, aptidões intuitivas d'artista tão proprias n'um paiz de sol como o nosso, colorista fatalmente, paiz de paizagem, que possue os trajos do Minho, as marinhas e costas do Algarve, as cantigas de trabalho do Alemtejo e os cerros e castanheiros da Beira.

A prova d'esta furia d'arte, *cachet* d'extrema cultura, está nos livros da especialidade, que em espantosas remessas, de toda a Europa, chegam para os finos espiritos de Lisboa, livros os mais preciosos, os mais raros, os mais perfeitos — está nas casas de *bric-á-brac* esparsas por muitos pontos de Lisboa — nas officinas que restauram moveis antigos—nas innumeras lojas de bugiganga e artigos de Paris — nas sociedades de musica e aguarella—nos museus e collecções particulares que se organisam até por esses andares mais modestos, sem falar nas collecções celebres do rei D. Fernando, nos quadros Daupias, nas loiças de Fernando Palha, nos esmaltes e joias antigas de Julio Cordeiro, e colchas, pratas tapeçarias dos nossos velhos mosteiros e casas nobres.

A arte! — eis o especifico contra a nevrose do homem de genio, o escriptor sobretudo. Por ella os sentidos se educam, o coração se corrige, e se acalma o frenesi no espirito, imberbe ainda e já murcho, de tudo haver visto, dissecado e gosado. Por ella se alcança esta susceptivel sensibilidade, ultra-feminina, ultra-refinada, tão ligeira e mi-

mosa, que a menor discordancia basta para lhe trazer convulsões e nauseas. Ella prescreve regras para as coisas mais rebeldes de enquadrarem num codigo o substractum da sua natureza—para as que escapam á nossa analyse—e para as que nenhuma palavra ainda conseguiu exprimir com fidelidade e rigor scientifico. Ella nos corrige o typo se não vimos directamente d'Antinous ou Apollo; nos illumina a vil preço a nudez da casa; idealisa a mulher dos nossos sonhos; nos disfarça certos cantos brutaes da existencia; nos transfigura



54 — Egreja dos Martyres

e nos sublima. E captivando as mais bellas faculdades do homem, recebe um selvagem para nos restituir um ser dôce, polido, delicado, que tudo transforma á volta de si...

E' pelos documentos que o homem vai deixando pelas edades fóra que se faz a historia da civilisação humana.

A sciencia tem estudado e fixado definitivamente as leis da evolução, fundamentaes da historia, servindo-se das investigações archeologicas, do estudo das leis dos phenomenos da natureza, e dos vestigios de toda a ordem deixados pelo homem na sua passagem sobre a terra.

A vida domestica do homem, a sua habitação, a sua industria, a sua agricultura, a sua arte, a sua linguagem, a sua religião, tudo tem sido estudado, investigado e inventariado intensamente.

A paleontologia e a archeologia abriram á anthropologia um vasto campo de estudos novos.

E foi assim que a sciencia, não fixando positivamente a data do apparecimento do homem, porque isso lhe era impossivel, todavia fez recuar a historia da humanidade a epochas determinadas, muito anteriores ás indicadas por todas as cosmogonias e conjecturas metaphysicas.

As demonstrações experimentaes fizeram ruir, no capitulo das origens humanas, toda a subordinação ao dogma.

Foi assim que os silex, as ruinas dos antigos monumentos e os utensilios de toda a especie, encontrados, ou casualmente ou á força de pacientes investigações, vieram

55 — No jardim da Estrella. Um congresso de amas

abrir grandes clareiras de luz no estudo da anthropologia e da historia das civilisações. Com um craneo ou com uma simples maxilla, a sciencia faz a reconstrucção do individuo a que pertenceu na escala animal, a sua epoca de vida, o seu modo de ser, mesmo, — com um simples objecto da industria do homem, com uma inscripção hierographica com um vestigio da sua habitação, a sciencia fixa o grau de sua civilisação.

Nós podemos constatar como a Europa se encontrava ainda quasi que fóra de toda a civilisação, pelo estudo dos vestigios que, numa epoca relativamente recente, nos deixaram do seu alto grau de cultura os chaldeus, os phenicios, os assyrios e os egypcios antes de todos, com a construcção das suas grandes cidades e dos seus esplendidos monumentos e com o trabalho dos seus metaes; — podemos verificar como foram elles que ensinaram o resto dos homens a ler, a escrever, a contar, a medir, a commerciar.

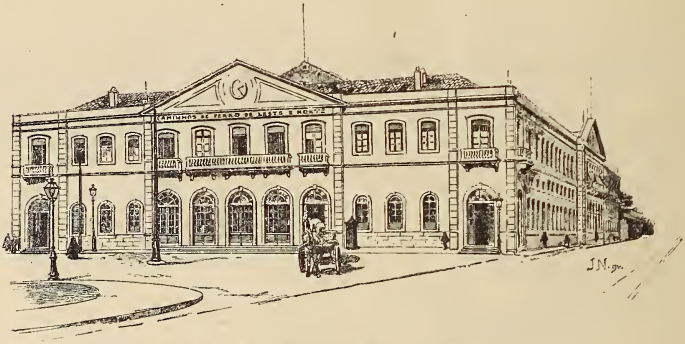
Dado, portanto, o adiantamento actual da sciencia anthropologica, é dever de nós todos não deixarmos perder nenhum vestigio dos caracteres ethnicos e estheticos do nosso modo de ser, embora minimamente revelador da nossa civilisação.

E' a exacta comprehensão d'estas ideas que faz que dia a dia se criem museus, archivos, galerias de arte, academias, gabinetes de colleccionação de coisas, á simples apparencia dos ignorantes, de insignificante importancia, mas de real valor para os ho-

meus de estudo e para o proprio estudo humano, nas suas variadas phases e sob os differentes aspectos do nosso modo de ser moral.

Deixar perder-se, seja o que fôr, de elementos d'esta natureza é um puro attentado vandalico.

Como Herculano teve um colossal trabalho de benedictina investigação, em archivos e bibliothecas, para fazer a parte que nos deixou da historia portugueza, assim alguns investigadores da Lisboa antiga, escriptores de romances historicos e antiquarios apaixonados do estudo da nossa formosa cidade, como Julio de Castilho, Thomaz Pires e outros, teem improbamente consumido immensos esforços no rebuscar a documentação



56 — Estação do caminho de ferro de Santa Apolonia

do que fôra, sob o ponto de vista artistico, architectural, archeologico, aristocratico e popular, a Lisboa dos ultimos seculos.

Existem poucas plantas da cidade; — a mais antiga parece que não a temos, nem sequer em copia, embora exista um original no *Great British Museum,* de Londres, — não temos, ou temos pouquissimos, desenhos e gravuras de aspectos lisboetas e da feição topographica, orographica e esthetica da cidade, — poucas descripções e essas incompletas, de costumes populares, etc.; — de modo que de dia para dia se ha de ir tornando mais difficil o estudo da evolução da cidade, nos seus varios aspectos architectonicos e na sua feição caracteristica atravez dos tempos.

Palacios, edificios, armazens, praças, ruas, typos, costumes, — tudo se tem ido sumindo, com grande desgosto de quem tem na alma a vibração do sentimento por estas coisas, que são uma modalidade da arte e uma modalidade da historia.

Modernamente a abertura de avenidas e ruas amplas, a transformação de antigos bairros, a deslocação de terrenos, — derrubando-se montanhas e nivelando-se valles, desaterrando-se aqui e aterrando-se acolá, — a transmudação de encostas que estavam cheias de vegetação florida e de pampanos, e hoje teem cazarias de fabricas pintalgadas de côres vivas, o estabelecimento de vias ferreas interiores e marginaes, com seus córtes de trincheiras e passagens de nivel, a construcção de novas habitações, mais ou menos luxuosas, a arborisação de praças e a creação de novos jardins, teem feito, inevitavelmente, desapparecer velhas coisas da cidade dos ultimos cincoenta annos, de modo que, morta esta geração, a que lhe succeder não poderá formar uma ideia, sequer approximada, do que nós encontrámos e do que lhe deixamos, — para o seu espirito mais culto e a sua iniciativa mais depurada, desenvolverem e augmentarem melhorando-o.

Com o camartello demolidor foram se o antiquissimo e celebre theatro da Rua dos Condes, o circo do Salitre e a praça de touros do Campo de Sant'Anna;—desappareceu o pittoresco Passeio Publico, a que muitos ligam decerto ingenuas recordações;—a quinta do Pinheiro transformou se no Bairro Estephania;—os grandes caes do Aterro, os suburbanos logares de Alcantara e de Belem, que são hoje cidade, a Estrella, a Lapa, as Picôas, para não falar do Loreto e de outros logares, tudo tem modernamente soffrido transformações de varia ordem, e em breve desapparecerá parte do bairro dos Anjos, com a sua egreja, as suas ruas, os seus palacios de antiga nobreza, os seus quintaes, etc.

Isto para falar sómente das coisas dos nossos dias. Mas é que ha mais: O homem precisa de conservar sempre a sua propria tradição, porque cada época é o producto e o resumo de todas as épocas anteriores.

Com o desapparecimento de antigas ruas, construcções e costumes pittorescos, desapparecem habitações a que muitas vezes succede acharem se ligadas recordações piedosas, como por se terem dado n'ellas algum facto historico, ou por haverem servido de residencia a culminancias da politica, da arte, da sciencia ou das letras. E isto, além de representar um grande embaraço a archeologos, antiquarios e estudiosos, é uma profanação e representa um desrespeito pelos mortos, que sempre, e em todos os tempos, desde as mais antigas civilisações, e até hoje em certos povos selvagens ou semi-selvagens da Africa, mereceram uma sagrada veneração.

Em nossos dias se tem visto o embaraço de romancistas, auctores dramaticos e scenographos, na reconstituição de personagens, costumes e vistas panoramicas para os seus trabalhos, que só no rebuscar de antigos inventarios judiciaes, escripturas, testamentos e alfarrabios de varia especie conseguem estudar costumes da vida urbana portugueza.

Um dos meios de obviar a estes inconvenientes e de ir deixando conservados no archivo da Camara Municipal quantos elementos se podessem obter para a historia da cidade de Lisboa, e para de futuro darem idéa do que era a capital em o nosso tempo, seria a fixação dos aspectos das ruas e das habitações pela pintura e pela photographia.

A proposito de estudos interessantes das coisas antigas da cidade, sua conservação ou colleccionação artificial, quando as exigencias da vida moderna nos forcem a eliminal-as, um illustre vereador, homem superiormente intelligente, José Ignacio Dias da Silva, já formulou em proposta submettida á discussão da Camara, um alvitre bem merecedor de que se lhe prestasse a attenção que ainda até hoje se lhe não deu. E, todavia, simplicissimo seria o modo pratico da execução do seu pensamento.

A Camara tem uma repartição de obras municipaes, e nella uma secção da *planta da cidade*. Facil era, portanto, determinar que não se permittisse demolição de nenhuma ordem, abertura de novos bairros, reconstrucções ou demolições particulares, sem que pela pintura ou pela photographia, se fixassem todos os aspectos da physionomia real existente, em relação ao que fosse propriamente edificio ou ao que fosse modificação ou transformação de rua, de parque, de jardim, etc.

A arte forneceria elementos poderosos para essa fixação;—se não se podesse fazer, por dispendiosa, pela pintura a oleo, poder-se-ia decerto por meio da aguarella, do desenho a nankim ou da photographia.

O processo photographico, por exemplo, é hoje baratissimo e ao alcance de todos. Os *kodaks* andam nas mãos dos *touristes* e dos collegiaes. E, ou se creasse, na repartição da planta da cidade uma secção photographica, ou se entregasse a um photographo industrial a realisação do fim que se tem em vista, a Camara não devia de modo algum deixar perder os vestigios existentes da Lisboa antiga.

Bem se sabe que a photographia não é duradoura, mas por ella se conseguiria a photogravura, até que dias mais felizes e de maior desafogo de finanças municipaes, permittissem que a Camara usasse de outro processo, de modo a tornar duradouras as imagens de coisas e de aspectos que agora não deve deixar perder.

As photographias deveriam ser obtidas, sob as indicações do engenheiro director geral das obras, ou de quem suas vezes fizesse, em duplicado, ficando um exemplar no archivo da camara e remettendo-se o outro ao archivo da Torre do Tombo.

Cada exemplar deveria ser acompanhado de uma noticia descriptiva, o mais detalhada possivel, pelo proprio engenheiro director geral da repartição de obras municipaes, com a maior somma de indicações sobre o local, pavimento da rua, orientação, divisões internas da construcção, materiaes empregados, traços historicos que se prendam ao logar ou ao edificio, etc., — como se nos fosse mistér, após alguns seculos, reconstruir, fazer reviver, organicamente, toda a vida que se houvesse vivido no local que porventura agora desappareça.

57 — Merca o casal de perús...

58 — Aterro e Mercado da Ribeira Nova

O Tejo

59 — Ah! viva sem sal!

Lisboa tem, em todos os tempos, merecido a consideração de um dos primeiros portos da Europa, e tal importancia procede da sua optima barra, do seu excellente ancoradouro e da sua posição geographica. Á parte porém as condições naturaes, que baseiam a excellencia d'este famoso porto, convém notar que o seu tráfico commercial tem augmentado sempre consideravelmente, e o numero de embarcações de alto bordo que o demandam, principalmente as movidas a vapor, cresce de anno para anno.

A abertura do ishtmo de Suez, um dos acontecimentos mais notaveis do seculo XIX, exaltou ainda a importancia do nosso porto, junto ao qual teem de passar todos os navios que do norte se dirigem ao novo canal, e especialmente os que servem o valiosissimo commercio, que a Inglaterra sustenta com as suas ricas possessões da India.

Se circumstancias politicas desviaram de Lisboa o commercio, logo que o nosso poder decahiu na Asia e na America, diminuindo portanto o movimento e a riqueza mercantil, todavia, o seu valor intrinseco, como porto de primeira ordem, não soffreu evidentemente alteração alguma.

Modernamente, os melhoramentos executados — para tornar mais facil o transporte de mercadorias — e os actuaes recursos devem, sem duvida, contribuir para maior convergencia de navios ao porto de Lisboa, pela brevidade na reparação de avarias e rapidez de communicações por meio de linhas ferreas, com todas as cidades importantes da Europa.

Accresce mais, que a cidade de Lisboa, hoje, testa de linhas ferreas de importancia capital, offerece pela sua posição como ponto de escala para o commercio com a America do Sul e pelo desenvolvimento das colonias d'Africa portugueza, immensas vantagens a todos os povos estabelecidos no littoral do Atlantico.

O patrio Tejo, tão celebre nas canções dos poetas e tão conhecido até na Asia, pelo arrojo dos nossos navegantes e conquistadores, desce do reino visinho, e, depois de fertilisar nossos campos, vem dar á magestosa Lisboa o seu principal merecimento, formando o vasto, seguro e formoso porto, que a constitue um emporio maritimo, e que é geralmente reputado o mais excellente da Europa, juntando ás demais vantagens a de sua singular situação, respectivamente ás outras partes do mundo. Nem para a sua gloria lhe falta a circumstancia de *aurifero*. D. João III mandou fabricar um sceptro das palhetas de fino ouro encontradas nas areias d'este rio; Duarte Nunes de Leão testefica que o vira, e se guardava no Real Thesouro. A abundancia de peixes que em nossos dias observâmos, já em tempo dos romanos o fez famoso, como se colhe d'uma passagem d'Estrabão; e os melhores cálamos, ou pennas, com que em Roma escreviam, eram feitos das canas das margens do Tejo, celebres por esta causa, segundo um epigramma de Marcial: este mesmo poeta o qualifica tambem de *piscoso*.

Todavia o rio caudal, que á nossa vista entra arrogante no Oceano Atlantico, é pobre na sua origem, e atravessa, em partes, terrenos ingratos, os mais aridos talvez de toda a Hespanha. Nasce num pincaro elevado da serrania d'Albarracim, chamado de S. Philippe, nos confins do Aragão, de um manancial conhecido pelo nome de Garcia, d'onde partem em differentes direcções quatro rios que levam suas aguas a mares oppostos. Segue a principio ao NO. até Carrascosa del Tajo; no districto de Molina continua para O., até entrar na provincia de Soria, e seus limites com a de Guadalajara; toma logo para o SO., e proseguindo quasi sempre na mesma direcção, atravessa esta ultima provincia, a de Madrid, Toledo, Estremadura hespanhola e uma parte da nossa, até á sua foz proximo d'esta capital, completando um curso de 170 leguas, segundo Miñano. Saindo da fonte recebe pela margem direita tres torrentes de pouca monta; depois, em Cifuentes, desce o salto de Bolarque, d'onde se lhe junta o Guadiela: vencidas as penhas deste passo, as quaes dividem seu curso em varios chôrros, de que se forma a caldeira de Bolarque, que é um pego profundo, corre placidamente pelos campos de Zorita de los Canes, Fontidueña e Villamanrique até os deliciosos bosques de Aranjuez, a cujos jardins dá fertil e abundante rega. Antes d'este Real Sitio, casa de recreio dos monarchas de Hespanha, em seu mesmo districto, recebe o Tejo o Jarama que é um de seus mais consideraveis afluentes. A estrada de Madrid para a Andaluzia corta este ultimo rio não distante do ponto de sua confluencia, um pouco abaixo do Palacio Real, por meio d'uma ponte que, quando se passa no verão, parece desproporcionada ao cabedal das aguas, não se reflectindo que em certas epocas do anno inundam as veigas de suas margens.

O Guadarrama tem seu nascimento na serra d'este nome, no alpestre cume de Fonfria, e atravessa a estrada que põe em communicação Madrid com as provincias de Castella a-Velha e do norte da Hespanha: corre na direcção N S. atravessando um valle solitario e pobre, descaindo no Tejo quatro leguas abaixo de Toledo.

O Alberche, muito mais consideravel que o anterior, deriva da juncção das monta-

nhas de Villa-Franca, de Gredos e d'Avila, e vem perder-se no Tejo um pouco mais acima de Talavera de la Reina, posição militar, celebre pela batalha que ali se deu em 1809 entre o exercito alliado e o exercito francez. Nesta cidade tem o Tejo uma ponte que dá serventia da povoação para a margem esquerda. Depois do Alberche entra no Tejo o rio Tietar que nasce no termo de Quisando. Segue-se o Alagon, o qual tem sua origem em territorio que propriamente corresponde ao valle do Douro, e a este parece que devia tributar suas aguas, já por meio do Tormes, já por meio do Yeltés; porem ellas abriram caminho para o meio dia, mediante o qual se estabeleceu a communicação entre a provincia de Salamanca e a da Estremadura pelo porto de Baños. Entre Coria e a desemboccadura no Tejo do tortuoso Alagon (que ora corre entre penhascos destroncados, ora entre montes obscuros, ora por famosas campinas) passa o rio Gata, pelo nascimento do qual ha outra communicação, entre as provincias referidas, pelo partido de Cidade Rodrigo. Vem depois o rio Erjas, que desce das faldas meridionaes e occidentaes da serra da Gata, e reunindo-se ao Tejo por baixo da ponte de Alcantara fórma, desde o forte de Salvaterra, a fronteira de Hespanha e Portugal em toda a extensão do seu curso. Entre este ribeiro e o seguinte, atravessam-se n'um espaço de 25 leguas os riachos Arabil, Ponzul e Laca, de tenue consideração, que banham esta parte agreste de Portugal em cujo centro está situada a cidade de Castello Branco.

O Zezere é o ultimo afluente de consideração que o Tejo recebe pela margem direita; baixa das faldas meridionaes da serra da Estrella, e num curso de mais de trinta leguas de NE. a SE. parece formar um valle, do qual pode considerar-se o do Tejo como prolongação, até ao mar. Este valle é abrigado dos ventos de Oeste pela cordilheira de pequenos montes que correm de NE. a SO. e são as faldas mais baixas da serra da Estrella. Os arroios que passam por Thomar entram no Zezere; outros, como o de Alemquer, que não tem consideração, vêm perder-se no Tejo.

O valle do Tejo é muito mais estreito pela parte do meio dia que pela do norte, e os afluentes, que recebe pela margem esquerda, são em geral de menos importancia que os que temos mencionado: até em muitos sitios, e particularmente entre Fontidueña e Taracon, no caminho de Madrid a Valencia, apenas se andam 2 leguas quando já as aguas se dirigem para o Guadiana, distante mais de 25 leguas, e cujo valle contiguo é quasi parallelo áquelle de que estamos falando. O Guadiela, que já em Priego é bastante consideravel com a reunião de outros, que descem das encostas dos mesmos cerros, em cujo cimo nascem o Tejo e o Jucar, recebe o ribeiro de Huete proximo á sua confluencia com o Tejo, e é o primeiro e o unico afluente d'importancia, que este rio recebe pela margem esquerda, e na parte superior do seu curso. Uns e outros cortam um paiz desegual e elevado, ao sair do qual, segundo diz Miñano, se encontram os vastos plainos, que nos confins das provincias de Cuenca e de Toledo se unem aos da Mancha, exactamente no mesmo ponto em que se notam em quasi todas as cartas de Hespanha montes mui elevados. Nas fronteiras do nosso reino as aguas mudam repentinamente de direcção, inclinando se ao SO. desde os cerros que se vêem nas immedições de Portalegre; formando o valle secundario do Zatas, um dos afluentes do Tejo mais consideraveis, que, engrossado pelo Sôr e o Odivor, entra no Tejo pela margem esquerda entre Salvaterra e Benavente, onde já o nosso rio pode considerar-se um golfo, que realmente o seria a não estreitar-se deante da capital, porquanto d'Alhandra para baixo até á cidade é mui consideravel a sua largura. Já, pouco mais ou menos duas leguas abaixo de Abrantes, na confluencia do Tejo com o Zezere, o primeiro começa a espraiar-se, diffundindo as suas aguas pelas veigas d'ambos os lados, e formando d'espaço a espaço algumas ilhotas: é porém para baixo de Salvaterra onde se encontram as vastas lezirias, de fertilidade bem conhecida. Do Zatas até ao mar nenhum afluente digno de mencionar-se se encontra á excepção do Canha ou Almazor.

O Tejo é navegavel por barcos movidos a vapor desde a sua foz até ás proximidades da Casa Branca, a jusante de Vallada, na extensão de 65 kilometros; sendo a povoação marginal de porto de Mugem, 8 kilometros para montante, o ponto até onde se faz sentir o effeito das marés. Desde o porto de Mugem até Abrantes, na extensão de 72 kilometros, permittem as aguas d'este rio a navegação a barcos da lotação de 13 a 20 toneladas metricas (20 a 30 moios); porém nos 68 kilometros que decorrem de Abrantes á foz do rio Sever, que estabelece limite entre Portugal e Hespanha, os muitos rapidos, cascalheiras e cachões, só consentem a navegação a barcos da lotação de 6, 7 toneladas (10 moios).

60 — Vá lá ostras, ostras!

As condições de navegação do tracto mais de montante d'este rio, pertencente a Portugal, têem nos ultimos tempos sido consideravelmente melhoradas, mediante a remoção dos obstaculos que a ella se oppunham, e á construcção de caminhos de sirga nas extensões em que mais necessarios se tornavam.

A navegação da parte superior do Tejo, que entra na fronteira hespanhola, tem tambem desde longas eras preoccupado a attenção dos governos do paiz visinho. Em 1581 fez o engenheiro Antonelli um reconhecimento a este rio por ordem de Filippe II de Hespanha; e das memorias de Garibay e Cabanes vê-se que a idéa predominante d'aquella época era communicar Aranjuez com Lisboa por esta via aquatica, e mesmo Madrid, utilisando as aguas dos rios Jarama e Manzanares. No sentido indicado foram emprehendidas algumas obras até Toledo pelo referido engenheiro, cuja morte, occorrida em março de 1588, trouxe profundo desanimo a esta empreza, por quanto as novas tentativas, que posteriormente se verificaram, foram todas de quasi nulla efficacia.

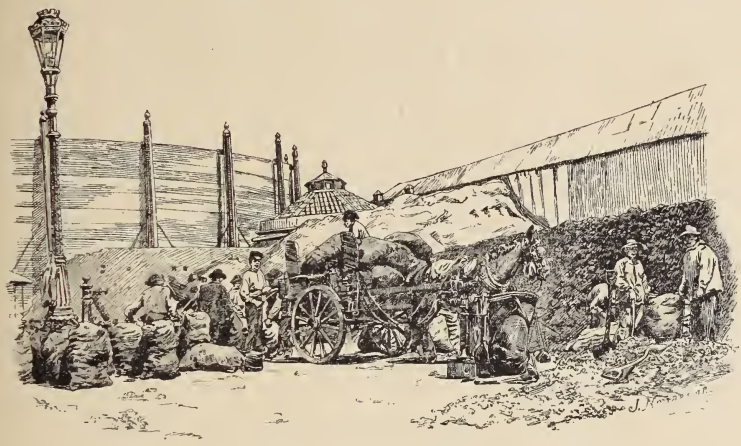
O curso do Tejo, durante o inverno, mostra-se por vezes imponente e alteroso, e as cheias d'este rio, em virtude do grande numero de outros que lhe são tributarios, alcançam volumes importantes, e sobem em alguns pontos a consideravel altura. Na ponte de Alcantara, onde o governo hespanhol tem montadas observações regulares, uma das grandes cheias conhecidas occorreu em dezembro de 1860, marcando o hydrometro ali estabelecido 28 metros em relação á maxima estiagem; porém uma outra em anno anterior tinha ali subido a 30,54 metros. Na parte do rio pertencente a Portugal, a maior cheia conhecida teve logar no dia 19 de fevereiro de 1855, marcando então o hydrometro de Villa Velha de Rodam 22,50 metros, o de Abrantes 16 metros, o de Tancos 11 e o de Santarem 7,42 metros.

A despeza d'este rio, no ponto onde cessa a influencia das marés, regula de 9.000,0 a 10.000,0 metros cubicos por 1″, e a sua bacia de recepção é de cerca de 10.000.000 hectares, vindo assim o seu producto, nas maiores cheias, a ser proximamente na rasão de 1 litro por hectare: mas a área inundavel da respectiva bacia entre Tancos e Alhandra, região que, sob o ponto de vista agricola, merece a principal importancia, é sómente de 40.000 hectares.

Desce o Tejo de alturas de 2.000,0 a 3.000,0 metros, que a tanto sobem as cumeadas das divisorias das serranias que circumdam o seu valle, atravessa o plano alto interior da Peninsula, que tem proximamente 670 metros de altura sobre o nivel do mar em Madrid e 490 em Aranjuez.

A sua declividade media desde a origem até á fronteira é avaliada pelos engenheiros hespanhoes em 0,8 metros por kilometro; desde esse ponto porém até á sua foz reduz-se, segundo os estudos feitos, a 0,355 metros pela mesma unidade de comprimento.

A importancia do porto de Lisboa dimana da franqueza da sua barra. Ha nella duas entradas, como pode ver-se do plano hydrographico da barra de Lisboa, levantado nos annos de 1842 a 1845 sob a direcção dos engenheiros hydrographos, Silva e Batalha: uma é a chamada Corredor ou Canal do Norte, por onde as embarcações só en-



61 — Na fabrica do gaz, em Pedrouços

tram com vento de feição; a outra, a Barra grande ou canal do Sul, cuja largura permitte a entrada das embarcações com todo o tempo.

E' certo, porém, que, segundo a opinião de engenheiros entendidos nesta ordem de questões, a amplitude da barra procede essencialmente do grande deposito de aguas salgadas que, accumulando-se durante os preamares, no espaço denominado Mar de Palha, e para montante, com o volume approximado de mil milhões de metros cubicos, sae depois com a impetuosidade de 4 milhas por hora, ou 2,05 metros por 1', pelo estreito caneiro que a antecede, limpando assim as areias que o embate das ondas principalmente, accumula dos lados do cabedello.

Todavia, e pena é dizel o, sobresalta nos a ideia de que a causa da grande importancia nautica da nossa barra, tende gradualmente a perder a sua efficacia. O Tejo tem os seus deltas na parte do leito fronteira ás povoações de Alhandra e Povoa. Ora observando a carta chorographica das cercanias de Lisboa, levantada em 1821 por Carlos Picquet, vê-se que nessa epoca o rio separava por differentes braços varios terrenos, para os quaes corria ainda o periodo de formação, e comparando essa carta com a levantada em 1869, sob a illustrada direcção do general Filippe Folque e examinando ao mesmo tempo o estado actual, reconhece-se que o crescimento dos deltas é prodigioso, principalmente do denominado Mouchão da Povoa, como é do conhecimento de todos.

E' sabido por todos os que possuem os mais elementares principios de hydraulica

fluvial que as inundações são consideravelmente augmentadas, quando as encostas que olham para os rios, ou constituem as suas bacias de recepção, são facilmente desaggregaveis pelas torrentes. No tempo do Marquez de Pombal havia um regulamento que prohibia a cultura das encostas em uma certa facha adjunta aos rios, consentindo-se apenas em taes espaços as arvores silvestres. Posteriormente, porém, este salutar preceito foi abandonado, e o grande incremento, que nos ultimos tempos tem tomado a cultura extensiva, fez desapparecer completamente as vantagens, que d'elle se derivavam.

Quem percorre o valle do Tejo desde Lisboa até Tancos observa que as encostas, muitas d'ellas de forte inclinação, se acham em grande parte desnudadas, e assim as aguas pluviaes, que sobre ellas cáem, são quasi totalmente rejeitadas sobre os valles adjuntos, de envolta com as terras que podem acarretar, o que sem duvida importa grave prejuizo para as mesmas encostas, que ficam por esse modo privadas da flor da sua camada aravel, e cortadas de improductivos algares.

Algumas d'ellas estão, é verdade, cultivadas a vinhas; mas esse arbusto, adormecido no inverno, não póde demorar o descenso das chuvas por sobre os terrenos.

Os afamados olivaes de Santarem, que se encontram nos montes que fazem face ao Tejo, acham-se hoje tão rareados, que podem assimilhar-se a ruinas dispersas de edificios que foram, e os largos intervallos, que deixam entre si, vêem-se cultivados a cereaes colmiferos, que não podem melhormente contribuir para a aggregação dos terrenos, sem remunerar as despezas da respectiva cultura.

Outras vertentes ha, emfim, que no verão são cultivadas a milho, mas que durante o inverno offerecem o costado indefeso á voragem do tempo e das torrentes.

Nem se conservam as encostas proximas ao rio occupadas por arvores silvestres; nem ao menos, visto que as applicam a culturas sachadas, tratam de as dispor em socalcos, o que attenuaria a acção corrosiva das chuvas sobre os terrenos; e assim grande é o volume de boas terras araveis, e de areias grossas, que descem dos pontos superiores, indo-se aquellas, como mais tenues, de envolta com as inundações, e servindo estas para esterilisar muitos valles inferiores.

E' principio incontroverso, que os arvoredos, além de darem com largueza combustivel e materias de construcção, sustentam a terra vegetal das encostas, obstam ás devastações das correntes, attenuam o volume das inundações, restringem a violencia dos temporaes e diminuem a duração das seccas. Se porventura estes principios são conhecidos dos nossos cultivadores, é infelizmente certo que lhes não prestam a homenagem da pratica.

O porto de Lisboa acha-se situado na parte mais occidental da Europa, entre os principaes portos do norte d'este continente, e os do sul da America e Africa, ficando, para assim dizer, na passagem do continuo e sempre crescente movimento commercial, que entre elles se opera. Por esta circumstancia, e pelas da sua grandeza, bom ancoradouro e facil accesso em todas as phases da maré, e com quasi todos os ventos, póde affirmar-se que só lhe faltava, para ser devidamente classificado entre os de primeira ordem, possuir aquelles estabelecimentos maritimos, que hoje se encontram nos portos mais frequentados, ainda os de inferiores condições naturaes, estabelecimentos que tão necessarios e uteis se tornam ao commercio e á navegação, contribuindo incessantemente para o augmento da riqueza publica.

No nosso porto, antes das grandes obras confiadas á Empresa Hersent, não havia dockas nem pontes, com as condições precisas e em logares convenientes, para que os navios podessem com facilidade e segurança effectuar a carga e descarga de suas merca-

dorias; nem ao menos as pequenas embarcações, que navegavam dentro do rio, encontravam logares abrigados, em que estivessem a coberto dos vendavaes.

Dockas de reparação para navios de guerra só possuiamos uma no Arsenal de Marinha, a qual posto que augmentada, ainda estava lange de attingir as dimensões necessarias para poder receber fragatas. Para navios mercantes apenas existiam duas pequenas dockas fixas na margem esquerda, perto do pontal de Cacilhas, nas quaes só podiam entrar aquelles, que não demandassem mais de dez pés de agua; e além d'isso uma docka fluctuante, fundeada em frente da Junqueira, mas só propria para reparações de navios que não tivessem mais de 44 metros de quilha. Aquelles que não podiam accommodar-se ás condições das nossas dockas, tinham pois de ir reparar a outros portos.

Além d'isto faltavam officinas appropriadas, onde podessem ser feitos os concertos das principaes peças dos barcos a vapor, pois que as nossas fabricas não tomavam conta de similhantes obras.

Nas baixamares de aguas vivas a margem direita era quasi inteiramente inabordavel; os caes ficavam todos em secco, menos o Caes das Columnas; os pequenos vapores que andavam no serviço do rio difficilmente abicavam ás pontes de serviço; os barcos empregados na conducção das mercadorias nem todos podiam chegar ás pontes de madeira em frente da Alfandega, e os navios só podiam atracar ás pontes do Arsenal de Marinha e do Caminho de Ferro de Leste, quando não demandassem mais de 18 pés de agua.

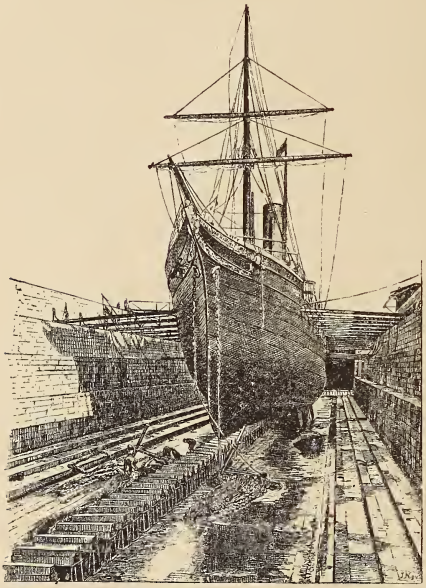
Neste estado de maré apresentava-se a descoberto, desde o sitio de D. Gastão, ao Beato, até á Torre de Belem, a superficie de 110,78 hectares, tendo na sua maior largura 240 a 360 metros, e sendo formada de vasa, ou lodo, misturada com a grande quantidade de immundicias, que os canos da cidade de continuo golfavam, além de outros despojos animaes e vegetaes, e cujas exhalações mephiticas, espalhando-se pela cidade, necessariamente prejudicavam a saude dos habitantes. Assim não só o accesso ás Alfandegas era difficil e demorado, o que muito prejudicava o commercio, mas ainda se tornavam muitas vezes difficeis, e outras impraticaveis, as communicações directas com os arsenaes militares e cáes publicos.

Todavia estas desfavoraveis condições, consideradas como meros accidentes, não invalidavam a importancia do nosso porto, e o facto é que elle se tornava cada vez mais frequentado pelos navios de commercio, principalmente pelos barcos a vapor. Este tão lisongeiro resultado, serviu-nos de estimulo para emprehender os melhoramentos de que carecia o porto de Lisboa. As despezas indispensaveis para a sua realisação não serviram de obstaculo, porque se acreditou que seriam exuberantemente compensadas pelo desenvolvimento e vantagens, que o commercio, a navegação, e em geral todas as industrias deviam colher, com as prosperidades que de taes melhoramentos adviriam ao paiz.

A parte do Tejo comprehendida entre os sitios da Madre de Deus, Torre de Belem, Lazareto, Cacilhas e o prolongamento da margem esquerda na direcção destes ultimos pontos até em frente do primeiro, offerece uma superficie de 1822 hectares (9.900 metros de largura media), que é toda destinada a servir de ancoradouro aos navios que entram no porto de Lisboa, por ser espaço onde podem fundear com maior vantagem e commodidade.

Segundo as disposições regulamentares da policia do porto, que estão em pratica, póde considerar-se este ancoradouro dividido pela fórma seguinte: o espaço comprehendido entre a Madre de Deus e o torreão de oeste da Praça do Commercio é destinado aos navios mercantes, que estão á carga e descarga; o chamado quadro da Alfandega, onde estão quasi todos estes navios, estende-se desde o Caes das Columnas até ao Arsenal do Exercito, abrangendo uma superficie de 113 hectares, e é determinado por

quatro barcas de registro fundeadas nos angulos; entre o torreão de oeste da Praça do Commercio e o Caes do Sodré, estacionam os navios de guerra nacionaes; entre o Caes do Sodré e a linha tirada da rocha do Conde de Obidos ao Caes de Cacilhas, os navios mercantes descarregados ou em concerto; desde a linha ultima indicada até ao rio de Alcantara, os navios de guerra estrangeiros; desde o rio de Alcantara até á Torre de Belem, os navios em franquia ou arribados; finalmente, desde as proximidades do Lazareto até meio rio, estacionam os navios em quarentena.



62 — Na docka Hersent.

Todos os navios que, largando do ancoradouro, pretendem sair a barra, e o não podem conseguir por causa do tempo, dão fundo em S. José de Ribamar, onde aguardam occasião favoravel.

Os navios dentro do ancoradouro são amarrados a dois ferros, ficando um para o noroeste e outro para o sueste, com meia amarra (110,0 metros) para cada lado, e como prevenção conservam sempre um outro ferro sobre bocas, para que possa largar-se promptamente, no caso de garrarem ou de lhes faltar alguma das amarras.

Os navios fundeados devem ficar entre si a distancias nunca inferiores a 80 metros, para que possam girar livremente em volta de suas amarrações sem que se encontrem. A grandeza do ancoradouro permitte que os navios se amarrem pela fórma indicada, offerecendo sempre a prôa ao esforço resultante do vento e maré, o que é muito conveniente para a sua boa conservação.

O ancoradouro apresenta em toda a sua extensão nas maiores baixamares a profundidade de 12 a 44 metros, cuja media é superior á que se exige para os navios das maiores dimensões. O seu fundo é, em geral, de areia, lodo consistente e burgalhão, isto é, dos melhores que se conhecem para a boa segurança dos navios e facilidade em suspender as amarrações. Em frente do rio de Alcantara, e ao longo da margem esquerda, encontra-se, é certo, algum fundo de pedra, bem como num ou noutro ponto isolado; mas essa circumstancia é, como se vê, meramente excepcional.

A maior amplitude da maré nas aguas vivas é de 4 metros, e a minima nas aguas mortas de pouco mais de 1 metro. No refluxo das aguas a maior velocidade da corrente, devida só á maré, nunca passa de 4 milhas por hora, ou 2,056 metros por segundo, e no fluxo de 3 milhas ou 1,542 metros por segundo.

As cheias do Tejo, depois de passado o estreitamento de Tancos, estendendo-se pelas vastas planicies immediatamente inferiores, pelas denominadas lezirias do Tejo, e pela grande bacia em frente de Sacavem, pouco se fazem sentir no ancoradouro; a sua elevação apenas poderá attingir cerca de meio metro sobre as alturas ordinarias das

marés, e a respectiva velocidade nunca excede 5 ou 6 milhas por hora ou 2,569 metros por segundo.

A direcção geral da corrente dentro do porto é sem duvida influenciada pela disposição dos terrenos marginaes. No refluxo, a corrente principal, em vista da disposição do leito do rio a jusante de Sacavem, toma no ponto correspondente á estação dos Caminhos de ferro de Norte e Leste uma direcção quasi incidente sobre o pontal de

63 — Na Ribeira do peixe. A lavagem

Cacilhas, direcção que é modificada pela massa de aguas descendentes dos lados da Cova da Piedade, curvando-se depois á feição da concavidade da margem esquerda do Tejo, cuja principal reintrancia é aproximadamente no porto de S. Lourenço. D'este ponto inflecte-se a corrente principal e, passando perto da Torre de Belem, dirige se á bacia de Paços d'Arcos e d'ahi para a barra. Por occasião da subida das marés segue a corrente principal uma disposição similhante.

Junto á margem direita, a successão das saliencias e reintrancias constituidas pelas edificações da cidade dão logar a differentes redomoinhos e contra-correntes.

A força do vento dentro do porto é pouco modificada, o que é devido á grande largura do rio e á pouca elevação das suas margens em relação a essa largura. Os ventos reinantes, ou mais frequentes, que ordinariamente se apresentam com maior intensidade, produzindo agitação nas aguas, são os do oesnoroeste a nornordeste, sudoeste e oes-sudoeste sobre todos o nornordeste. cuja velocidade media em Lisboa, achada por oito annos de observacões. anda por 23 kilometros por hora. Em occasiões porém de temporaes os ventos mais impetuosos, e que levantam maior vaga, são os de sueste

a oes-sudoeste, causando por vezes consideraveis estragos, principalmente nas pequenas embarcações.

Pela succinta descripção que acabâmos de fazer do ancoradouro do porto de Lisboa, vê-se que póde ser considerado como um dos melhores que existem, em relação á sua grandeza, profundidade, boa qualidade de fundo e pouca influencia das cheias; comtudo é forçoso confessar que é bastante desabrigado, e dá esta circumstancia logar a frequentes prejuizos.

No porto de Lisboa dá-se um tal conjuncto de circumstancias geographicas e physicas tão excepcionaes e vantajosas para a navegação e commercio universal, que effectivamente o tornam um dos mais magnificos portos do globo, apezar da amplitude das marés não ser muito consideravel, pois todos os portos de França no oceano as têem maiores, com excepção dos portos de Bayonna e Nantes. A excellencia d'este porto deriva fundamentalmente de factos geologicos que determinaram as formas primitivas, tanto da bacia das aguas do Tejo como do mar em que desemboca este rio.

O Tejo e o Sado desaguam as suas aguas na parte mais profunda do mar, junto á costa de Portugal, facto constatado em 1881 pelo aviso francez *Le Travailleur*, na sua viagem de exploração scientifica ao longo da costa de Portugal, tendo por objecto principal as dragagens nas grandes profundidades do mar. Esta depressão submarina chega a proximo de 2.000 metros de profundidade em pontos não demasiado afastados da costa, e em zonas em que ainda a industria de pesca costeira se exerce. O porto de Lisboa está situado em um verdadeiro braço de mar ou golfo, que, penetrando pela terra dentro, se póde considerar como o prolongamento d'essa depressão maritima.

E' no fundo d'esse golfo, ainda hoje bastante profundo, que vem descarregar as aguas do Tejo com os detritos que arrastam ou trazem em suspensão, d'onde se origina o grande delta interior, que hoje se estende desde Salvaterra até um pouco abaixo da Povoa de Santa Iria, constituido pela leziria grande e por outros muchões. Apezar d'esse delta, as marés ainda hoje se fazem sentir até proximidades de Santarem, quer dizer, no canal da Azambuja até á ponte d'Asseca, quando aquelle canal está desobstruido, e no Tejo até proximidades do porto de Mugem, occupando portanto o leito de marés d'este rio proximo de 90 kilometros, a contar da Torre de S. Julião na foz do mesmo rio. Tal é a grandeza do estuario do Tejo.

A estas condições physicas especiaes se reunem outras assás importantes.

Para além da fóz do rio, que tem 2.600 metros de largura entre a Torre de S. Julião e Bugio, existe uma grande enseada, terminada pelos cabos da Roca e Espichel, que distam entre si cerca de quarenta kilometros. No fundo d'esta enseada, que tem de flecha 12 kilometros, está a barra, com dois canaes tão largos e profundos que permittem a passagem ás embarcações de maior lote, em todo o estado da maré e podendo num d'elles até bordejar, sendo o porto accessivel em todo o tempo e com todos os ventos, excepto em muitos raros dias no anno.

N'esta enseada existe a bahia de Cascaes, abrigada dos ventos reinantes, e que, melhorada convenientemente, póde ser muito util á navegação geral ao longo da costa. E' tambem em especial bastante util esta bahia aos navios que frequentam o porto de Lisboa.

A enseada, que precede a fóz do Tejo, produz vantagens tão assignaladas no regimen das correntes das marés, e no movimento das alluviões maritimas, que cumpre notal-as.

Pelos cabos da Roca e de Espichel, que são como duas enormes *jetées*, em relação ás fozes do Tejo e do Sado, ficam as mesmas fozes desenfiadas da direcção da maxima acção maritima, que se exerce na nossa costa occidental pelo quadrante de NW., impellindo nessa direcção as alluviões, que, levantadas do fundo do mar e revolvidas

pelas ondas, oscilam em direcção, ora para o N. ora para o S., segundo os ventos, mas caminham em difinitivo para o S. pelo predominio dos ventos do quadrante do N.

N'estas circumstancias os cabos da Roca e do Espichel, espaldeando mais para o largo e para maior fundo os detritus que correm ao longo da costa, protegem as fozes d'aquelles rios de grande accumulação de areias; mas além disso, no porto de Lisboa, o grande avanço dos dois cabos em relação á foz do Tejo, faz que a enchente da maré não se faça, como nos portos do norte do reino, por correntes directas, mas sim por correntes indirectas ou reversas, como Lamblardie e outros engenheiros depois d'elle o teem demonstrado e como se tem observado em differentes portos situados no fundo de enseadas profundas. A esta circumstancia, talvez sejam devidas a forma muito alongada do cabedello do sul e a contra corrente do corredouro ou canal do norte.

A'quem da foz do rio, offerece-se logo um bom surgidouro, na enseada de Paço de Arcos, que é de bastante utilidade para os navios arribados, e para as embarcações empregadas na pesca.

A este ancoradouro se segue outro entre a torre de Belem e um ponto da margem direita um pouco a montante do pontal de Cacilhas. E' este o ancoradouro principal, sufficientemente abrigado pelas alturas de uma contra margem, no comprimento de 8 kilometros, com mais de 1.600 metros de largura e profundidade de 30 a 40 metros, formando um canal proximameute recto, e bastante regular, o qual offerece em toda a sua extensão excellente fundeadouro. Neste canal as maiores marés elevam-se a proximo de 4 kilometros.

A montante d'este canal e do pontal de Cacilhas, abre-se uma grande bacia de aguas, que funcciona com um mar interior, que alguns denominam Mar da Palha, e que tem de comprimento mais de 20 kilometros, desde a Ponte da Erva, na leziria grande, até Cacilhas, e na sua maior largura proximo de 14 kilometros em frente de Sacavem.

No circuito d'este mar, que assim se lhe póde chamar, attenta a sua grandeza, e que assim se póde considerar pela importancia das funcções que exerce no jogo das correntes de marés, existem numerosos esteiros onde a maré reponta em certa extensão, sendo os mais notaveis o do rio de Sacavém e Friellas, na margem direita, e na margem esquerda os da barroca d'Alva, e Aldeia-Gallega, Moita, Barreiro, Valle de Zebro e Seixal, e ainda outros pouco consideraveis. Este grande recipiente, de uma area de proximo de 30.000 hectares na estoa do preamar, isto é, no momento em que as aguas se conservam sem corrente ascendente ou descendente, funcciona como um verdadeiro reservatorio regulador do regimen das marés, similhantemente ao que se passa em alguns rios que atravessam lagos proximos da sua origem, os quaes regulam e tornam mais uniforme o regimen d'esses rios, como acontece no de S. Lourenço, no Rhodano e em alguns de Italia que atravessam os lagos ao sopé dos Alpes.

E' neste grande reservatorio, que, como já dissemos, vem desembocar o Tejo, dividido em dois braços pela leziria grande; o do norte, que é o mais consideravel, mas que o não era tanto em antigos tempos, principalmente antes das obras de rectificação effectuadas na primeira metade do seculo XVIII, e o braço do sul, que parece ter sido o mais importante primitivamente.

Resumindo, vê-se, que o que constitue fundamentalmente a bondade do estuario do Tejo é, em primeiro logar, a grande profundidade do mar em frente d'este porto e as bôas condições maritimas da enseada que o precede; em segundo logar, a existencia de um mar interior em communicação com o Oceano; em terceiro logar um canal de communicação entre estes dois grandes reservatorios, estreito, mas profundo e muito regular, e que conserva uma certa vasão constante em determinada altura de marés e um certo equilibrio estavel emquanto á profundidade e correntes.

Como assumpto que podia contribuir para o engrandecimento da patria, não se esqueceu o energico Ministro de El-Rei D. José I de se occupar do melhoramento do porto de Lisboa. O activo estadista encarregou do estudo d'este porto um engenheiro estrangeiro, que deixou não só um projecto, mas executada uma parte do seu plano.

O primeiro trabalho de que ha noticia nos archivos da Direcção das Obras Publicas de Lisboa data do tempo do Marquez de Pombal, e foi devido ao engenheiro hungaro Carlos Mardel. E' uma planta sobre papel cartão, um unico desenho, mandado fazer em 1760, e tinha por fim, não somente a construcção de caes marginaes, mas de um grande arsenal que seria o primeiro do seu tempo. O caes marginal de Mardel começava no Terreiro do Paço e acabava em Belem, sendo o caes que existe actualmente

64 — Entrada para a Alfandega, junto ao caes das Columnas

nestes dois sitios o mesmo que estava no projecto d'aquelle engenheiro. O arsenál ficava na Junqueira, a jusante do caneiro de Alcantara, e estendia se até á Cordoaria, que então não se tinha edificado. O arsenal seria separado da terra firme por um canal maritimo.

Parece que Mardel fez tambem uma sondagem na Cale de Alfofa, desde o pontal de Cacilhas até Coina, com o intuito de reconhecer se era accessivel aos navios o local onde depois se construiram os moinhos de Valle de Zebro.

Depois de Carlos Mardel passaram-se muitos annos sem que a grande questão do porto de Lisboa fosse vantajosamente ventilada, e precisamos de chegar ao anno de 1854 para ella outra vez apparecer na tela da discussão. Neste anno imaginou se a construcção do caminho de ferro de Cintra pela margem do Tejo, e realisou-se o contracto de 30 de Setembro com o Conde de Clarange Lucote. Um anno depois fez-se a apresentação do projecto d'este caminho de ferro e de um caes marginal até o Observatorio do Arsenal de Marinha. A grande estação devia edificar-se no caes de Sodré, e nos terrenos conquistados ao Tejo elevar-se-iam novos bairros. Junto á Torre de Belem haveria tres docas seccas de reparação e uma de fluctuação. Este projecto tem a data de 15 de Maio de 1855, mas em 26 de Julho d'esse anno é que se promulgou a lei approvando o contrato. Em 26 de Fevereiro de 1860, o Conde de Clarange Lucote apresentou um pro-

jecto complementar para o novo bairro do Caes de Sodré, e a 27 de Março de 1861 o contracto Lucote foi rescindido pelo Governo.

Em 1861, o Conde de Farrobo, o Conselheiro Frederico Guilherme da Silva Pereira e o Conde de Sobral, constituidos em sociedade, apresentaram um projecto de melhoramento do porto de Lisboa, ao qual se seguiram ainda outros projectos e contratos: o contrato Lebrousse de 27 de Março de 1863, para o estabelecimento de docas e construcção do caminho de ferro de Cintra, o segundo contrato, Debrousse de 21 de Abril de 1866, e finalmente o contrato de 15 de Setembro de 1874, celebrado com o Principe Wisziewski, Bloudat, Lucote, etc., e aprovado pela lei de 16 de Fevereiro de 1876.

65 — Barcos do Tejo

O plano apresentado nessa epoca pela empreza em que figurava o Conde de Farrobo, e traçado por um engenheiro francez, tinha por fim ganhar terrenos ao Tejo, entre um ponto fronteiro á Praça do peixe da Ribeira Nova e a Torre de Belem, devendo esses terrenos ser destinados á construcção do caminho de ferro de Lisboa a Belem, cuja estação se projectava defronte da Ribeira Nova, ao estabelecimento de uma doca de fluctuação, e a edificações urbanas.

Poucos annos depois, em 1865, João Evangelista de Abreu, encarregado dos estudos do melhoramento do Arsenal de Marinha, fez sensatas considerações a proposito das obras que deveriam emprehender-se no porto de Lisboa, indicando um caes marginal quasi em linha recta, desde o Caes das Columnas até á Torre de Belem, á distancia media de 60 metros do caes do Arsenal, e correndo proximo do perau. A directriz da arrojada obra pareceu então que daria origem a graves difficuldades de execução, e a fabulosos despendios; mas estava ali a idea mais exacta do que podia e devia ser o porto de Lisboa, faltando apenas, para que ella não parecesse uma tentativa audaciosa de impossivel realisação, a applicação do novo processo de fundações pelo ar comprimido, que permittia trabalhar, e com bastante economia, a 30 metros de profundidade, e do qual processo já se tem lançado mão varias vezes no nosso paiz, a começar nos alicerces das pontes dos caminhos de ferro, e de que o porto de Antuerpia se tornou o exemplo classico.

Em 1869 apresentou-se ao Governo um novo estudo do porto de Lisboa, e de grande valor, firmado pelos engenheiros Visconde de S. Januario e Mendes Guerreiro, em que se propunha um caes marginal até Belem, e docas defronte do Aterro da Boavista, sendo duas de marés e uma de fluctuação, com docas de reparação contiguas a estas.

Um anno depois foi publicado o projecto do engenheiro Thomé de Gamond, que elle dedicou ao Duque de Saldanha, e no qual se condemnavam as docas em Belem, e se propunha a conquista de grande superficie de terrenos sobre o Tejo, ligando por uma linha recta, na margem direita, o Caes das Columnas com o terreno mais avançado a jusante e proximo da foz da ribeira de Alcantara, e prolongando-se depois esta recta para leste do Caes das Columnas até á Madre de Deus. Como das outras vezes, o projecto de Gamond ficou sem applicação e esquecido nos archivos do Ministerio.

Em 1871 nomeou o Ministro da Marinha, José de Mello Gouveia, uma commissão para novamente estudar as obras do porto de Lisboa. Essa commissão, em um trabalho de merito real, propoz caes marginaes em linha sinuosa, para não sair das profundidades medias de 5 metros abaixo da mais baixa maré. Sobre os terrenos conquistados, a mesma commissão delineou novos bairros e, além das docas indispensaveis ao serviço do porto, aconselhou na margem esquerda um muro para servir de base a uma estrada marginal. Além d'isso, indicava tambem a abertura de um canal ao norte da Torre de Belem. O relatorio d'esta commissão ficou igualmente nos archivos.

Em Novembro de 1872 outra commissão se nomeou para dar parecer sobre a conveniencia de construir pontes na Alfandega de Lisboa, que facilitassem o movimento do porto. Esta commissão deu opinião favoravel á construcção das pontes, as quaes chegaram a fazer se, mas que pareciam não terem produzido todo o seu effeito, por não inspirarem bastante confiança aos navios que deviam atracar a ellas para o desembarque das mercadorias, embora outras pontes, não muito distantes do Caminho de ferro de Norte e Leste, tivessem servido á carga e descarga directa de 70:000 toneladas, como tambem á ponte da cabrea do Arsenal acostassem sem perigo navios de todas as lotações.

Mais recentemente, o engenheiro Valladas, acceitando o projecto da commissão de 1871, fez um estudo do porto, em que lembrou a conveniencia de mudar o Arsenal de Marinha e suas dependencias para o sitio da Margueira, na margem esquerda do Tejo. E em 1877, o distincto engenheiro Abernethy elaborou um projecto de melhoramento do porto de Lisboa, estabelecendo as docas defronte do caneiro de Alcantara, e conquistando terrenos ao Tejo junto á Rua Vinte e quatro de Julho, para a fundação de novos bairros.

Em 1880 foi o engenheiro Coode encarregado de estudar os melhoramentos que mais conviria fazer no mesmo porto, e dois annos depois apresentou um relatorio, em que propoz docas de fluctuação e de marés junto ao caneiro de Alcantara, e em frente do aterro docas de abrigo para pequenos navios.

Outro engenheiro, muito conhecido em Inglaterra, Golla, que visitou Lisboa como viajante, encantado com a belleza natural do nosso porto, tambem o estudou em 1883, e fez um projecto com pontes avançadas e caes marginal para melhorar as condições de salubridade publica no Aterro.

A analyse de todos esses projectos conduzia, com pequenas divergencias, constantemente á mesma conclusão: era preciso estabelecer ao longo da margem direita do Tejo uma linha de caes, mais ou menos extensa, mais ou menos sinuosa, e mais proxima ou afastada da linha do caes de então. O que convinha sobretudo era que essa linha se afastasse da terra o mais possivel, para que ganhassemos a profundidade de agua indispensavel aos navios de maior lotação; que ella fosse bastante extensa e pouco sinuosa, offerecendo um caes sufficientemente longo para o movimento do porto, sempre crescente, em harmonia com as exigencias do commercio moderno e com as commodidades dos viajantes.

A commissão que, finalmente, era encarregada do ultimo plano de melhoramentos, foi nomeada em 16 de Março de 1883. Sobre as bases por ella apresentadas, o governo

submetteu ao Parlamento a proposta de lei de 25 de Abril de 1884, que foi sanccionada; e as obras do porto de Lisboa começaram no dia 31 de Outubro de 1887, solemnemente inauguradas por El-Rei D. Luiz I, que, puxando o cordão de uma alavanca, fez cair ao rio a primeira pedra para o enrocamento da muralha. Foi um grande dia de festa para Lisboa.

A empreitada das obras do porto fôra dada a um engenheiro francez, de fama europêa, Hersent. As obras deviam custar 10:800 contos e estariam completas em dez annos. Não se sabe ao certo quantas vezes 10:800 contos ellas terão já custado, nem o assumpto é acostavel para nós. O que é certo, porém, é que depois de tantas tentativas infructuosas, se fez muito para melhorar o porto da formosa cidade, embora não se tivesse sabido evitar-lhe o sacrificio de uma avultada porção da sua formosura.

Na margem septemtrional do Tejo encontram-se hoje as docas de marés do Bom Successo, de Belem, de Santo Amaro, de Alcantara, da Alfandega e do Terreiro do Trigo, docas seccas ou de reparação e um plano inclinado. Das tres primeiras, construidas a jusante da doca de Alcantara, a do Bom Successo é destinada a embarcações de quarentena, e as de Belem e Santo Amaro a embarcações costeiras e fluviaes.

A doca de Alcantara é a maior e de mais fundo, e por isso mesmo applicavel aos navios de grande calado; começa junto ao antigo Caneiro de Alcantara e termina nas alturas da rocha do Conde de Obidos. O muro acostavel que a limita exteriormente tem de extensão 1:500 metros. Esta doca, cuja superficie molhada e abrigada é de cerca de 18 hectares, offerece uma entrada superior a 30 metros na sua parte mais estreita. A superficie dos caes marginaes orça por 100:000 metros quadrados, e a largura é de 75 metros. A face interior dos molhes d'esta doca é em rampa, havendo, adjacentemente ao angulo NO., uma rampa de varadouro com 300 metros de extensão. O muro do caes que a limita exteriormente, e que supporta o terrapleno nos pontos onde não existe doca, vae em alinhamento recto desde o Caneiro de Alcantara até á Praça do Commercio, proseguindo depois uma curva de 2:500 metros de raio até á estação dos Caminhos de Ferro em Santa Apolonia.

As docas da Alfandega e do Terreiro do Trigo, destinadas ambas a embarcações costeiras e fluviaes, teem cada uma 1,5 hectare de superficie molhada e a largura de entrada é de 30 metros; os muros do lado norte e sul são acostaveis, e as outras faces em rampa.

No muro acostavel que limita exteriormente as docas de marés e supporta os terraplenos que servem para regular a margem septemtrional, ha de espaço a espaço uns cabeços designados por *proises,* que se destinam ás amarrações dos navios que ali se acostarem; e, inferiormente, uns objectos de cabo, *defensas,* para resguardo dos costados dos navios e da cantaria do muro.

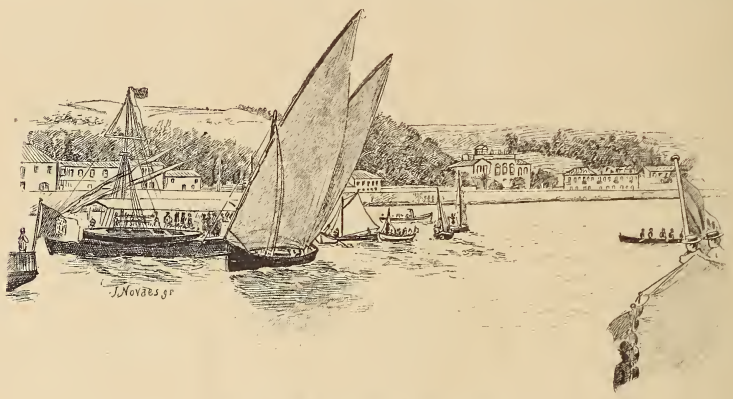
Para receber as mercadorias de reexportação, cujos direitos de fisco são só cobraveis no momento de consumo, construiram-se grandes armazens nos terraplenos adjacentes ás docas. São os entrepostos.

Princeza das cidades do Mundo — chamou o Poeta portuguez á insigne cidade de Lisboa; e não com menos propriedade outro poeta lhe chamou — Rainha das aguas do Universo, olhando bem a magestade com que, sobre as praias do Tejo, que lhe servem de solio, preside a todas as ribeiras do Mar Oceano.

Quem, no seculo XVI, por alguma formosa tarde de verão, d'estas tardes luminosas e amenissimas do clima peninsular, subisse ao monte denominado da Boa Vista, ou de Belver; quem ali fosse repousadamente espairecer a alma na contemplação do Tejo; quem estendesse os olhos aos cachões brancos da barra, aos oiteiros cretaceos de Ca-

parica, ás arribas do Alfeite, á linha grandiosa das serras da Arrabida e de S. Luiz, ao cabeço historico de Palmella, ás terras chans do Barreiro e Seixal, e ao montuoso lençol branco da casaria da Cidade, alastrado em estendal ao rez das aguas; quem, encostado ao parapeito de pedra, que já então lá havia, contasse um por um os galeões fundeados, as urcas, as carracas, ou seguisse o deslisar das caravelas e catraias — podia dizer, com entranhado gosto, que presenceava um dos espectaculos mais pittorescos, mais variados e mais attrativos de todo o mundo. Era o espectaculo que, n'essa epoca de magnificencias, offerecia em todo o seu auge, em toda a sua animação, a scena completa dos nossos traficos navaes.

Via-se a entrada e saida das barcaças que, ou demandavam remotas regiões, ou de remotas regiões chegavam: umas vezes, as frotas carregadas das mercancias do Oriente;



66 — Aspectos do Tejo junto á margem esquerda

outras vezes, as armadas, deslisando em triumpho, e pregoando aos quatro ventos as proezas da conquista.

Ao rez da praia os estaleiros, onde se concertavam os vasos antigos, e se edificavam embarcações de alto bordo. Por toda a orla meridional da cidade, uma das mais marinheiras da Peninsula, expandia-se já em cheio a nossa incançavel actividade naval. Era já bem o nosso espirito escandecido e inflammado no desejo das longas viagens, das aventuras longinquas de descobrimento ou peleja, ao longo de praias desconhecidas, atravez de Oceanos sem fim, na affirmação d'essas tendencias que de tão longe nos vinham, herdadas de Phenicios e Carthaginezes, e transmittidos, com todo o rigor do atavismo, ao longo de successivas gerações.

Ahi se misturava a historia das fainas maritimas do primitivo Portugal com a chronica de Lisboa. Ahi se poderia começar a estudar a ligação da Ribeira de Lisboa com o fio dos nossos descobrimentos, e ver como se completam mutuamente. Ahi se apreciava quanto a nossa opulenta epopêa naval deve serviços á grande Lisboa, e se mostrava, emfim, ser impossivel escrever das nossas glorias maritimas, sem folhear os fastos historicos da capital portugueza.

No seu precioso livro — *A Ribeira de Lisboa,* o Sr. Visconde de Castilho esboçou todo esse largo quadro de actividade, de pittoresco e de gloria. Mostrou a antiga face maritima de Lisboa e estudou os monumentos que vinham banhar-se nas aguas do Tejo.

Contou as porfiadas tentativas para aperfeiçoar este notavel ponto geographico e torna-lo attrativo ao commercio.

Fazer conhecer á cidade presente as glorias da sua avoenga, é com o amor dos vivos glorificar os mortos; é habilitar a iniciativa technica para melhor servir a povoação futura. Retratando a velha Lisboa, o Sr. Visconde de Castilho dedicou com todo o gosto, e toda a alma, e toda a perseverança, a sua penna, illustre entre as mais illustres, ao serviço da Lisboa de hoje, confiando em que estudos conscienciosos como são os seus poderão torna-la mais querida ainda aos que teem por officio melhora-la.

67 — Lavando o peixe

Foi o espirito naval dos nossos povos reconhecido e sanccionado por El Rei D. Affonso Henriques, com aquella sagacidade que fez d'esse Soberano um dos nossos mais habeis e previdentes administradores. No foral que deu á sua Lisboa em 1179, concede elle a certos officiaes nauticos o fôro de cavalleiros, com a mira no desenvolvimento da marinha, seu devaneio já então de longos annos.

Comquanto a historia escripta pouca menção faça dos nossos movimentos navaes primitivos, é bem certo que os antigos soberanos dispunham de tal ou qual marinha, organisada como os usos do tempo, e a mingua de forças lh'o permittam.

68— Vendo o Tejo: do caes das Columnas

A ser verdadeira a tradição conservada, a armada commandada por Fuas Roupinho nas aguas de Ceuta em 1182, constava de vinte e uma galés.

Que já El-Rei D. Sancho II tinha a sua marinha real composta de navios seus, revela-o de passagem um documento coevo do anno 1237; é uma escriptura da qual consta que um tal João Annes, e sua mulher Ouroana Richardes, pagavam fôro ao mosteiro de Chellas por umas casas que em Lisboa possuiam, na freguezia da Magdalena, junto ao paço dos navios d'El-Rei. Visivelmente esse paço dos navios d'El-Rei era um arsenal, ou um grande deposito de materiaes maritimos para apercebimento e corregimento dos navios.

Numa carta d'El-Rei D. Affonso III para o Concelho da cidade de

Coimbra, diz o mesmo Rei que desejava ajudar a El-Rei de Castella contra uma invasão de Serracenos, e ajuda-lo por terra e por mar.

Nos dias d'El-Rei D. Diniz apparece com muito esplendor o quadro das forças navaes portuguezas. Frei Francisco Brandão deixou-nos uma optima e muito clara dissertação do estado da nossa milicia naval por esse tempo.

Espraiaram-se as ambições nacionaes, e o genio portuguez lançava já olhos avidos para o mar. Esse Soberano «non tinha terra que já fosse de sua conquista», como diz Ruy de Pina, e cumpria-lhe tê-la. Tudo quanto possuia, herdara-o, mas já por previdencia administrativa, já por espirito de religião, carecia de dilatar-se pelos Algarves d'além mar. Diligenciava pois realisar esses designios «continuadamente por mar, com armadas e frotas, que contra os moiros d'Africa e de Granada sempre trazia».

Foi El-Rei D. Diniz quem, para incutir maior impulso aos assumptos navaes, e mais ordem a toda a engrenagem da complicada machina, chamou de Italia um pratico. Esse pratico, mareante consummado, foi o Micer Manuel Pessagno. Tinha vagado, no anno de 1316, o cargo de Almirante do Reino por fallecimento de Nuno Fernandes Cogominho, amigo intimo do Infante D. Affonso. Para lhe supprir as vezes, parece não haveria então por cá pessoa idonea, e por isso veiu capitanear a marinha portugueza aquelle genovez illustre, revestido de grande auctoridade sobre tudo quanto era gente maritima. Não tinha que sair elle proprio ao mar, senão capitaneando tres galés, pelo menos, mas obrigava-se a manter sempre em Portugal vinte mareantes genovezes peritos e sabedores, capazes de ser commandantes militares de navios. Desde 1317 achamos este Almirante occupado, em nome de Portugal, em correr as costas da Berberia, apresando Moiros, e guerreando-os quanto possivel, proseguindo assim no plano audacioso do nosso Rei. Tal era a importancia do cargo, que em 1319 lhe deu El-Rei D. Diniz o senhorio de Odemira, e em 1320 o enviou a Roma como Embaixador, juntamente com o Deão do Porto. Planeava o buliçoso fundador das Escolas Geraes emprehender em ponto maior a sua guerra de exterminio aos Sarracenos de Africa; mas, escasseando os rendimentos para tamanhos encargos, mandou pedir ao Santo Padre licença para empregar na guerra uma parte dos redditos ecclesiasticos de Portugal. N'essa negociação utilisou o Almirante, e João XXII, em sua Bulla de 19 de Maio do dito anno, concedeu para isso o dizimo d'esses redditos. Em 1322 recebeu ordem o Almirante, para ir correr o Estreito de Gibraltar e as Costas africanas septemtrionaes, a fim de defender o reino de Castella da communicação perigosissima dos moiros granadinos com os da Berberia. O Almirante Pessagno, domiciliado entre nós, e chefe de estirpe tornada muito illustre no volver dos seculos, trabalhou bem, segundo se vê, e trabalhou de alma e coração nos progressos de Portugal, sua patria adoptiva.

Todos esses movimentos nauticos-militares exigiam armadas e frotas maiores ou menores, e presupõem uma vasta e bem concebida organisação. Ora, segundo toda a probabilidade, algumas d'essas armadas e frotas, esquipavam se e construiam-se por aqui, no mais aprasivel commodo e abastecido porto da Monarchia. Deve tambem observar-se que, segundo deixa entender Duarte Nunes do Leão, a maior parte dos navios, de que se serviam os nossos antigos reis, eram fretados nas occasiões, pelas Flandres e pela Allemanha.

Esse facto não impede comtudo que a Ribeira de Lisboa fosse extraordinariamente animada; era uma serie de operosos espalmadeiros de todo o genero de barcos; por toda aquella praia retroavam os camartellos o seu Hymno do Trabalho, que ia ser, dentro em poucas dezenas de annos, o hymno nacional dos Portuguezes.

Cincoenta ou sessenta annos depois, continuava augmentada em Lisboa a actividade naval. Já se lhe refere Fernão Lopes, ao mencionar a animação que deu El-Rei D. Fernando ao trafego com a concessão de valiosos privilegios a armadores e mareantes.

Com a sua carta de 8 de Dezembro de 1380 (era de 1418) dá o mesmo rei D. Fernando impulso novo á marinha da nossa terra, e legisla, com vistas de largo alcance, no sentido de attrair a actividade geral para as entreprezas maritimas. Isenta de muitos encargos «a todos aquelles que quizerem fazer ou comprar naves ou baixeis, telhados de cincoenta toneis acima»; manda cumprir e guardar as regalias que tinham já alguns proprietarios de navios, e constitue dois inspectores, ou védores especiaes sobre o assumpto.

Nos successores d'este soberano, não parou, nem sequer afrouxou o espirito maritimo.

Em novembro de 1385 foram esquipadas em Lisboa «seis robustas galés e doze naus que, sob o mando de Affonso Furtado, capitão do mar, partiram para Inglaterra, onde causaram maravilha». Iam auxiliar o Duque de Lancaster nas suas pretenções ao throno de Castella. Eram de maravilhosa grandeza e estructura. Nas galés, amplas e robustas, a maior das quaes tiravam 300 remeiros, e a menor 180, campeavam tripulações de vigorosos pelejadores.»

Em 1397 ordenava El-Rei D. João I a todos os moradores de Lisboa e do termo. pelo Ribatejo acima, contribuisse cada um, com a quota-parte que se lhe designasse, para o emprestimo forçado de uma avultada quantia, destinada a armar algumas galés para defensa do porto de Lisboa e sua costa.

Foi esse mesmo Rei quem fez a carta de regimento do pesado officio de Capitão mór do mar, tambem chamado Capitão mór da frota, e nomeou para esse cargo Alvaro Vaz de Almada, na vaga de Affonso Furtado. O Capitão mór do mar, era officio immediato ao do Almirante; mandava em todas as classes de gente do mar; tinha alçada sobre patrões, alcaides, arraes, petintaes, comitres, galeotes, mareantes e marinheiros.

A todos os lidos em Fernão Lopes está agora occorrendo a faina marcial que elle nos descreve, por occasião de se construirem e armarem muito á pressa, aqui pela nossa Ribeira, sete naus e algumas galés para a guerra com os castelhanos. O confuso affluir do povo á tarefa marinha pelo areal, sob a direcção do proprio Arcebispo de Braga D. Lourenço; as enxós e os camartellos, e as vozes de içar e arrear as peças-mestras, e elle, o bellicoso Prelado, girando a um lado e outro, perguntando, querendo saber, aqui renhindo, animando além, em cima do seu cavallo, trazendo por baixo do roquette a cota de soldado, e brandindo na mão a sua grande lança!

Essa actividade que se dava nos dias da guerra, continuou nos da paz, e a Ribeira de Lisboa não deixou de esquipar bellissimos navios, admirados aqui e invejados lá fóra. Já em 1415 a armada em que El-Rei D. João I se foi á expedição de Ceuta constava de 33 naus, 59 galeras, e 128 barcos, entre galeões, caravellas, e outros baixeis; ao todo 220 vasos de guerra. Em 1451, reinando Affonso V, a armada que levou á Italia a nossa Infanta D. Leonor, irmã do Reinante, a casar com o Imperador da Allemanha, compunha-se de 2 carracas (navios muito grandes), 6 naus grossas e 2 caravellas. Seis annos andados, em 1457, constando ao mesmo Rei que os francezes perpetravam tomadias nos vasos portuguezes que topassem, apromptou uma armada de 20 naus grossas, e outros navios, de muita gente nobre de sua côrte, para defensa das costas e do commercio. No anno seguinte, quando elle planeou a expedição maritimo-guerreira de Alcacer-Ceguer, foi a maior parte dos vasos da armada corregida nos estaleiros do Porto, por andar em Lisboa a peste muito accesa. Veiu essa armada até Lisboa capitaneada pelo Marquez de Valença, e El-Rei embarcou a 17 de Outubro, levando comsigo 26:000 homens de peleja, e 280 naus, galés, e outros navios de carga e serviço.

Quando elle, em 1471, se partiu para a expedição de Arzilla, era a sua armada de 308 vellas, entre naus grossas e galés e outros navios; ou 338, segundo Damião de Goes, entre naus grossas, galeões, galés, fustas, e outros mais navios de carga. Parte d'essa

armada foi construida no Porto, e parte em Lisboa. Ancorou toda em Rastello, e abalou a 15 de Agosto d'aquelle anno. Levava 24:000 homens.

Em Junho de 1476, quando esse mesmo soberano planeou ir a França, veiu a toda a pressa do Porto a Lisboa, onde com muita brevidade mandou aparelhar 16 naus e 5 caravellas, e tomar a soldo 2:200 soldados para guarda da armada, afóra 470 fidalgos e continuos de sua casa, que levou para serviço de sua pessoa, e que com elle haviam de ficar em França.

Em 1480, aproveitando-se das desavenças que traziamos desde alguns annos com Castella, andaram maritimos d'essa nação poderosa a negociar pelas costas da Guiné

69 — Sotta dos carros americanos

descobertas por nós. Foi então, que o Rei D. Affonso V e seu filho o Principe D. João mandaram correr aquellas paragens Jorge Corrêa, Commendador do Pinheiro, e Mem Palha, que ambos na Mina desbarataram 35 vasos de guerra inimigos, apresando-lhes a carga, que era opulenta, e trazendo os a Lisboa; por signal, que o melhor quinhão d'esse aprezamento foi pelo Principe dado como mimo aos embaixadores castelhanos e outros senhores que então cá estavam.

Toda esta serie de citações que fez o Sr. Visconde de Castilho, mostra o quanto crescêra o poderio naval da nossa terra. Fossem todos os vasos de guerra propriedade do Rei, ou fossem em parte fretados a armadores, está-se a ver em tudo isto um apercebimento intelligente e gradual educação das phalanges populares para os extraordinarios feitos dos descobrimentos orientaes.

Sob a dynastia de Aviz é que principiou o segundo periodo commercial dos portuguezes; essa epoca alcança desde o inicio de seculo XV até á passagem do Cabo Tormentorio. Pelas suas conquistas e feitorias commerciaes na costa da Berberia, na occidental da Africa, nas Canarias, nos Açores, na Madeira, e no Archipelago de Cabo Verde, dilataram os portuguezes consideravelmente o seu commercio ultramarino, ao

passo que nesse lapso de tempo crescia tambem de importancia o giro ganancioso dos italianos, e nomeadamente dos florentinos.

Em paga dos serviços prestados pelos venezianos ao Infante D. Pedro durante a sua viagem, tão estudiosa e proficua, concedeu D. João I desde 1406 privilegios de muito favor aos mercadores de Veneza domiciliarios em Lisboa, ou ás suas galeras entradas no nosso porto. E em 1430 procuraram os florentinos obter eguaes regalias. Acolheu-os o antigo Mestre de Aviz com domonstrações de amizade e isentou-lhes as galéras de qualquer tributo ou direito de ancoragem, permittindo aos tripulantes e mercadores de bordo o desembarcarem e passearem em terra armados.

70 — Serradores

Como as industrias se achavam muito atrazadas em Portugal, importavam os florentinos para cá pannos de lã e de linho, sedas, e o trigo de Pisa, que no nosso mercado concorria com os trigos sicilianos, vendendo-se até a menor preço, por ser menos secco.

Teve decisiva influencia no nosso desenvolvimento maritimo a viagem do benemerito Infante D. Pedro, o heroe da Alfarrobeira, ás sete partidas do mundo. A primeira carta geographica, de que a nossa Historia faz mensão, «é a que o Infante D. Pedro, depois de haver corrido muitas partidas, trouxe a este reino, quando se recolheu de suas peregrinações e viagens, e communicou a seu irmão o Infante D. Henrique».

Desde que as tendencias da nossa marinha deram mostra de começarem a querer inclinar-se á procura do Oriente pelo rumo do polo antarctico, desde que os olhos dos Reis de Portugal principiaram a buscar com insistencia, entre as nevoas do mar, o caminho da India, terra de cujo commercio eram emporio as cidades da alta Italia, lavrou por Italia o receio de que as duas poderosas Republicas aristocraticas viessem a ceder o tridente aos breados marinheiros do pequeno reino portuguez.

Subiam de ponto esses receios, quando cada anno ia acrescentando novos florões á corôa de D. Affonso V e D. João II.

Tinham motivo os italianos para se temerem de nós. Eram as caravellas de Portugal os melhores e mais reputados navios que então andavam sobre as aguas do mar. Tornara-se Lisboa emporio commercial de forasteiros emprehendedores; porto de escala de mareantes venezianos, genovezes e pizanos, que do Mediterraneo vinham pelo Estreito de Gibraltar demandar o Oriente e o Septemtrião. As esquadras d'esses povos italianos na carreira regular de viagens a França, Flandres, e Inglaterra, tocavam sem-

pre, á ida e á volta, em costas de Portugal, já para receber mercadorias d'estas terras, já para importar a ellas os generos que traziam de outras partes. No negocio das mercadorias portuguezas correspondiam-se os mercadores italianos domiciliados em Lisboa, ou noutros logares da nossa costa, com agentes commerciaes no interior do reino, e tratavam com os seus correspondentes de Londres, Bruges, Paris e Lião, e das cidades mais activas da Italia, as permutações de Lisboa com aquellas e outras praças. Diz Frei Nicolau haver em Lisboa 6 vendedores exclusivos de mercancias de Veneza; 24 lojistas de objectos miudos de Flandres, como pregos, cadeados, pinceis, facas, etc.; além dos fornos de loiças de Veneza, onde se fabricavam aqui, na nossa Lisboa, magnificos azulejos nos seculos XVI e XVII.

Tinham afinal os nossos galeões rasgado de par em par, com o rostro das suas prôas os limites legendarios do Mar Tenebroso. Tinham os nossos pilotos e mestres conseguido devassar, nas suas aventurosas caravellas, a região africana de terrores e maldições.

Foi necessaria a vontade de ferro d'aquelle homem unico, chamado o Infante D. Henrique, para desde 1412 se voltarem com efficacia e perseverança as attenções sobre a Africa, e se vencerem as reluctancias, que de todos os modos, e por largos annos, se manifestaram em opposições surdas e em opposições claras, em inercias silenciosas e em descontentamentos aggressivos.

Aquella serie de feitos, aquelle não acabar de commetimentos heroicos, eram o assombro da Europa. Toda a brilhante historia de arrojadas loucuras, ás vezes muito ferozes, que os Barros, os Goes, os Coutos, os Corrêas, e os Castanhedas, vieram a traçar com lettras de ouro, parecia mais a execução teimosa de um pensamento meditado e sagazmente desenvolvido nas altas regiões administrativas, do que uma serie de esforços casuaes. Vê-se que algures, ou no Paço, ou no Conselho, ou no tribunal poderoso da opinião dirigente, se olhava com muito affinco e muitos conhecimentos cosmographicos, para a ideia dos descobrimentos, e se via com lucidez atravez das nevoas dos horizontes.

Não eram somente as classes baixas que se deixavam levar do embelêco dos lucros d'aquellas expedições aventurosas. Até a gente mais nobre e afazendada entrava com ufania no movimento geral.

Essas longas e tenacissimas conquistas das nossas armas iam-se revelando em resultados palpaveis. Crescera a riqueza publica e tornara-se a velha Lisboa a mais opulenta das cidades occidentaes.

E no emtanto, o que já fôra o Cabo Bojador, com as suas fabulas, o que fôra o Cabo de Não, com as suas lendas, o que fôra o mar Tenebroso, com as suas nevoas, estava-o sendo, no ultimo quartel de seculo XV, o Cabo das Tormentas. Bartholomeu Dias avistara-se com o sacrilego gigante, contemplara-o envolto em nevoas, e vira quebrar aos pés do mal agoirado promontorio as ondas sempre terriveis d'aquella paragem. Mas, por mais que o forcejára, não podera seguir até á India, e recuára, trazendo a Portugal a quasi certeza de que ninguem poderia jamais passar além.

Sobre este laborioso final do seculo começa a alvorecer uma aurora esplendida. Levanta-se o nome primacial de Vasco da Gama.

Desde a tornada infructuosa de Bartholomeu Dias a Lisboa em Dezembro de 1487, quiz El-Rei D. João II dissipar o terror que, ainda depois de dobrado, incutia o Tormentorio, e trocou aquelle nome de mau agoiro em Cabo de Boa Esperança. Depois, planeou mandar lá nova expedição, que realisasse o feito de chegar á India; mas a expedição não tinha saido até ao anno de 1495, em que El-Rei falleceu.

Reinava já o faustoso D. Manuel, e não afrouxavam nelle os desejos de estender até á India aquelle fio de tantos centenares de leguas, começado a fugir pelos valentes

marinheiros de Sagres; e uma vez, estando em Estremoz, encarregou a Vasco da Gama, fidalgo da sua casa, a direcção de uma armada que montasse o terrivel cabo, e acabasse de vez com os receios geraes.

O anno de 1497 viu com effeito sair, a 25 de Março, a pobre armada que ia causar uma das mais completas metamorphoses geographicas, commerciaes e sociaes, da Historia humana.

Eram a nau *S. Gabriel* em que ia o Capitão-mor Vasco da Gama; a nau *S. Raphael,* em que ia Paulo da Gama; a nau *Berrio*, em que ia o amigo de ambos Nicolau Coelho; e mais a barca de Pero de Escobar, com mantimentos.

Estava assim inaugurado o terceiro periodo commercial dos portuguezes. Em tempo nenhum da Historia se succederam tão rapidos os grandes descobrimentos; nunca se produziu tão subitanea mutação na direcção do commercio, pela qual as nações que eram nada se tornaram poderosas, e as poderosas se arruinaram.

D'ahi ávante, anno por anno, é um não-acabar de entradas e saídas. E' logo em 8 de Março de 1500, um domingo, a vistosissima abalada da esquadra de Pedralvares Cabral, a mais formosa e poderosa armada que até aquelle tempo para tão longe d'este reino se partira, 13 vellas, entre naus, navios, caravellas. Na primavera do mesmo anno de 1500, a expedição de Gaspar Côrte-Real ao polo arctico em busca da India. Em 1501, a armada de João da Nova; a 10 de Maio, a saída de Americo Vespucci; n'esse mesmo anno, vespera de S. João, a tornada de Cabral; depois, em 1 de Abril de 1502, a segunda expedição de Vasco da Gama já Almirante, a de Affonso de Albuquerque, a de Antonio de Saldanha, a de Lopo Soares, a de D. Francisco de Almeida, a de Tristão da Cunha, a de Jorge de Castro, a de Jorge de Aguiar, a de D. Fernando Coutinho, a de Gonçalo de Siqueira, a de D. Garcia de Noronha, e a de Jorge de Mello de Albuquerque em 1512. Logo depois, quando em 1513 se preparava para atacar Azamor o Duque D. Jayme, ordenava-lhe o Rei uma grossa armada, que se fez em Lisboa e em que haveria entre naus, navios, caravellas, taforêas, e barcaças, mais de 400 vellas. Seguem-se em 1514, 1515 e 1516, as armadas de Christovam de Brito, Lopo Soares de Albergaria, e João da Silva. E logo no anno seguinte, 1517, se viram sair a barra em 9 de Abril as 7 naus do Capitão-mór Antonio de Saldanha, ao passo que se trabalhava activamente na Ribeira em construir e apparelhar 60 navios para serem capitaneados pelo valente Diogo Lopes de Siqueira, que ia tomar Targa.

Passando á India por governador o mencionado Diogo Lopes, mandaram-se apparelhar dez grandes naus, com que effectivamente o bravo caudilho saiu de Lisboa a 26 de Março de 1518. Em Abril de 1519 saiu Pero da Silva com 15 naus. Em abril de 1520 Jorge de Brito com 7. Em Abril de 1521 desfraldavam as suas azas brancas os 6 galeões do Viso-Rei da India D. Duarte de Menezes.

E finalmente, para concluir este admiravel indice como o faz o Sr. Visconde de Castilho, e fechar com chave de oiro, a cinco de Agosto saía para Nice a formosa Infanta Beatriz na sua doirada expedição de alegres argonautas.

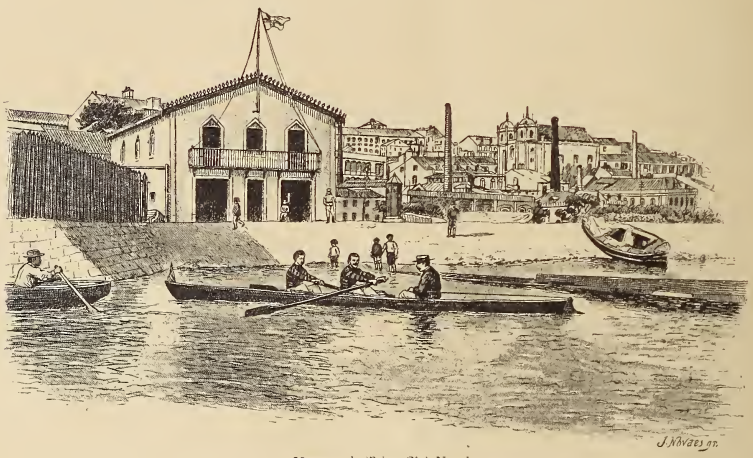
Se ha sitio que represente e consubstancie em si mesmo todas as memorias historicas do mundo velho, se ha paragem que seja, por que assim o digamos, o indice completo da nossa historia heroica é sem duvida a Ribeira da Cidade, esta fita de areaes hoje escondidos, e antigamente alastrados como folho de seda, como alfombra de veludo, aos pés do throno de Lisboa. A cada passo, como se está vendo, nos dão as chronicas relação do apparelho aqui de armadas poderosas; a cada passo os nossos escriptores especiaes de assumptos de além-mar se estão referindo a estaleiros, querenagens, taracenas, e apercebimentos nauticos na praia de Lisboa.

E não só esses escriptores; até os proprios poetas. Numa fala do Principe da Normandia no auto de Gil Vicente *Nau dos amores*, acha-se uma engraçadissima enfiada de

termos nauticos, que, por ser entendida no Paço, bem está demonstrando quanto esses assumptos navaes andavam no animo de todos. Dirigindo-se a outra personagem Cidade de Lisboa, diz o Principe:

> Que haja una nao de amores
> aqui en vuesa Ribera,
> do se hacen las mejores.

Bem nos importa a nós que o Tejo nasça na provincia Tarragonense, nas serras de Molina, não longe da cidade de Cuenca, «que ainda está dentro do reino de Cas-



71 — Margens do Tejo: Club Naval

tella» e segundo outros ainda mais adeante, junto á villa do Albarrazim, «que é já no reino de Aragão» d'onde correndo cento e vinte leguas se vem metter no Oceano, junto de Lisboa!

O que nós queremos saber, e o que sabemos, é que quando elle entra em Portugal, já vem rico de outros muitos e grandes rios, a que despojou das aguas e dos nomes, passa regando Abrantes, Villa Nova de Constança, Tancos; e vindo a Santarem, ahi a deixa rica não sómente das areias de oiro tão cantadas da antiguidade, mas com as inundações de cada anno, e com os nateiros que d'ellas ficam, que causam a admiravel fertilidade d'aquelles campos e lezirias que abaixo vão, as quaes se podem comparar ás das terras do Egypto, quando o Nilo as bem rega, assim no muito pão, e outros legumes que naquelles campos se colhem (pelo muito que as sementes nelles se multiplicam) como pela brevidade com que o pão semeado vem á fouce .. «Porque desde o dia que se semeia a cincoenta dias se colhe; e colhido o trigo se semeia o milho, que com pouca cultura nasce, e se madura logo; além da creação de todo o genero de gado e cavallos, que aquelles campos e lezirias produzem.»

Passando duas leguas abaixo de Santarem vem a agua do mar a receber a do Tejo, e vae alargando mais. E d'ahi vae povoado de muitos logares frescos, de muitos arvoredos, e de mui bons edificios, que ao tempo em que viveu e o descreveu Duarte Nunes de Leão, faziam «uma representação do paraiso terreal até chegar a Lisboa, onde se

abre o mais formoso porto de todo o descoberto, assim pela segura estação da naus, como pela formosissima vista que de si dá á grande cidade de Lisboa, de uma parte e de outra fronteira aos logares do Ribatejo, á borda do rio...»

Chegando aqui, faz o Tejo espelho aos montes e torres da antiquissima cidade, que na prerogativa dos annos excede a todas as que os contam por seculos. O céu, a terra, a agua, tudo aqui concorre «tanto para a grandeza universal do imperio, como para a conveniencia tambem universal dos subditos, posto que tão diversos: o céu na benignidade dos ares mais puros e saudaveis, porque nenhum homem, de qualquer nação ou côr que seja, estranhará a differença do clima, para os do polo frio com calor

72 — Chegada de barcos com peixe

temperado; e para os da zona mais ardente com moderada frescura: a terra, na fertilidade dos fructos e na amenidade dos montes e valles, em todas as estações do anno sempre florido, por onde do nome de Elysia se chamam Elysios os seus campos, dando occasião ás fabulosas bemaventuranças e paraiso dos heroes famosos: o mar, finalmente na monstruosa fecundidade, porque naquella campina immensa, que não seca o sol nem regam as chuvas, assim como nos prados da terra pastam os rebanhos dos gados maiores e menores, assim ali se criam sem pastos os maritimos em innumeravel multidão e variedade, entrando pela barra da cidade em quotidianas frotas, tanto para a necessidade dos pequenos como para o regalo dos grandes, sendo nesta singular abundancia Lisboa não só a mais provida, mas tambem a mais deliciosa terra do mundo...»

Mas deixemos o Padre Antonio Vieira e o Duarte Nunes de Leão, não porque elles não mereçam que eternamente os ouçamos nos suas descripções, mas porque os tempos são tão outros, que a verdade do muito que elles disseram, por não poder ser eterna como a belleza do seu dizer, já não é hoje verdade. O céu, a terra, a agua são bem os mesmos ainda; mas tudo o mais mudou, e quanto!

Manhã no Tejo... quem poderia, com penna portugueza descrevê lo melhor do que Fialho d'Almeida?

—...«Emquanto o vapor não chega, detenho me a abranger amorosamente, dos terraços da estação do Barreiro, a marinha placida que a meus olhos se desenrola, um quasi nada perdida nas musselinas ondeantes da manhã. O sol não rompe, ha vento, e como choveu de noite, um vago véu de lagrimas suspende-se no espaço, e irrita-me a respiração de frigidas picadas. D'aquella altura da riba, a expansão que faz o Tejo, dá-me uma sensação de taça cheia, tão fechado o circuito das suas margens... No primeiro plano, á direita uma lingua de areia contém moinhos e cazarelhos brancos, muros de quintas, oliveiras e eucalyptus tristes que se acurvam a saudar a lufada humida da aurora, vinda da barra. Pela esquerda é uma barreira brusca de terra vermelha, alteada, chanfrada, comida dos assaltos das cheias, rachada da agua, com cabellugens de matto e pinheiros anões d'um verde bronze. As casas parecem successivamente mais humildes á medida que se distanciam pelos planos além da perspectiva — são quadradinhos de caliça, com pontos negros de portas e janellas, telhados negros, palissadas de quintaes e d'arribanas; depois além, fazendo fundo, no ponto onde o cotovello do rio põe em relevo os montes de Cacilhas, a casaria complica-se em povoações miudas, com chanfraduras de caminhos, mirantes, quintas, dedos de campanarios e chaminés de fabricas apontando o concavo da cupula astral, que as nevoas lambem, similhante a uma fumarada de thuribulos. Para traz os pinheiraes aquietam-se, negros ainda d'uns restos da noite chuviscosa; uma grande muralha de nuvem veda a eclosão do sol, como um panno de theatro, por traz do qual se está preparando uma apotheose. O vapor da carreira dá signal, e a primeira escuma escachoa-lhe das rodas, no instante em que rente do caes uma fragata passa, com uma especie de deus marinho á ré, puxando a vela, emquanto o resto da companha desvia com arpões o costado da pesada traquitana, e o cão de bordo agita a cauda aos flavores da caldeirada que no convez refoga alegremente, sobre um lumareu jovial de pinho e d'urze.

«Circumscrevemos a ponta dos moinhos, e a enseada alarga se, a toalha liquida desdobra-se, a agua mal se enruga, uma placidez d'espelho reflecte os mastros das barcaças — e ainda por alguns instantes a fragata nos leva empóz de si o olhar artista, que lhe aprecia a mancha, como um momento da luz a escorrer de sensação. Na ré, curvando-se a cada instante aos movimentos da corda que põe em riste a vela, a figura colossal do rapaz é linda de energia, e a lentidão da manobra, constante d'uma serie de movimentos analogos de duração e d'amplitude, parece feita de versos mimados, cujo magnifico rythmo enche d'uma ternura physica a natureza. Pouco a pouco, a luz transmutta-se, cambiam se no ar tonalidades que a fugida das nevoas renova e substitue com uma instantanea agilidade, e que mercê d'ella, tiram d'essa mesma paizagem, centenas de clichés todos differentes, qual mais vaporosamente irisado d'estro tagico. Já as margens do rio se afastam, verdadeiramente vencidas pela força d'expansão do volume d'agua, que vae de rio a oceano, e abarca no mar da palha, uma distancia intermina e radiosa. A' esquerda, os pormenores da riba accentuam se e definem-se, grupo a grupo, e começam-se apontar povoações, Arrentela, Seixal, Ginjal, Cacilhas, Almada a cavalleiro: vêem-se predios, pontaes, bahias do tamanho de banheiras, um formilhar de manchas claras em fundos de pinhal e d'olivedo, onde um ou outro moinho move circularmente as suas velas christãs, em petalas de crucifera, guinchando ao vento, como os bibes nos lavradios, á caça de minhocas. Pela direita porém a margem foge, acachapa-se, humilha-se, esquece, e é verdadeiramente colossal a marinha que sob o meu olhar se desenrola! No fundo do poente, a nevoa sempre, nevoa côr de perola, fluidissima, *ar visivel,* que nasce da barra como o ninho de não sei que formidavel ascensão, e toda a cidade, as serras da foz do rio, os arrabaldes, preparando o final d'acto feerico que hade ser a nossa chegada á vista de Lisboa. Venho á ré do vapor lançar um ultimo adeus ás perspectivas que ficam, e vejo a nascente o panno de nuvens baixar caliginosamente

ao réz das terras, fugir para o interior do paiz, prenhe de chuva, como um odre benefico que Deus tivesse vindo encher ao rio, para o espargir depois sobre as cearas e vinhas do Alemtejo. São sete e meia, os primeiros bicos da corôa solar queimam no céu, doirando as fimbrias dos pinhaes e a facha de nevoas que por cima de mim vae migrando lentamente para o sul — *tempo expressivo,* como os ribeirinhos dizem — orpheon matinal, cuja monotonia enorme determina uma assumpção de sonhos para o azul, para o azul que o meu espirito atravessa, ai de mim! á procura do amor definitivo!

«... os primeiros bicos da corôa solar queimam no ceu.» Marchamos a vapor, sente-se por baixo a agua insondavel, cheia de penumbras verdes e de sepulchros mysteriosos, incrustados de madreporas, com grinaldas de lichens, e romarias de peixes ouvindo de redor dos cascos submersos, quotidianas missas de finados. Primeiro é uma côr unida, opaco chumbo, que lentamente passa a hydrargirio, a azul ventre de peixe, sem rugas, placido de hausto, e com essa languidez d'um ser que se aborrece e flana no seu leito, á procura d'um centro hysterogeno que fazer vibrar para sahir d'aquella lassidão. Progressivamente depois a luz ascende, e começa uma symphonia constitucional d'azul e branco, que varre do mar o resto dos seus espectros nocturnos. — Tempo claro, mar claro, luz circulante, circumdante, envolvente, fundente, com uma preoccupação monocordia de tornar os objectos luminosos, e de fundir toda a marinha n'uma aguada d'azul immaterial.

«Oh agua sem rugas, perfidia dos lagos placidos, vida liquida, que d'apparencia immobil, comtudo correis vertiginosa como a edade — eis a minha alma que adormece das suas inquietações, vendo-vos dormir assim tão traiçoeira, emquanto as nuvens fogem, e a briza do sal rosna nas bailadeiras, inquisidor maldicto, o *de profundis* do naufragio! Varrei, tagides minhas, os monstros esponjosos do aguaceiro — vagas, trazei nas vossas lapides os funereos *in pace* dos meus irmãos que a borrasca sorveu n'uma hora de rancor, e se a vida do mar tem vóz, essa vóz me fale a minha lingua, para que eu nella reconheça o remember dos ancestraes de quem herdei esta angustia terrivel do *au-delá!*

«Marchamos a vapor, em pleno mar da palha, ha vento; a vaga porém dulcissima como um semicupio morno, faz a perder de vista uma alcatifa de felpa, por onde o barco pisa alegremente. A vastidão do horisonte é maravilhosa, e com detalhes supremos de transparencia matinal. Alguns barcos ao longe, de vela obliqua, fulvos na luz, parecem, nas envolvencias da bruma, postos de proposito para fazerem bater o coração d'um colorista. Mais longe, para além, ligeiras nevoas avelludam Lisboa e as cordilheiras graves d'essa margem, mostrando-as como uma successão de terraços sobre o Tejo, não deixando porém ver por detalhe os bairros de cidade, exagerando as dimensões da immensa cazaria, e emfim dando á retina uma tal sensibilidade, que não ha ponto que ella não aperceba, nem papila nervosa do corpo que ella para assim dizer não torne em orgão de visão. Assim, mau grado a sua magnificencia e largura panoramica, essa marinha guarda sempre uma nitidez de vinheta a talhe doce, é um golfo de magica, volatilisado de poeiras d'oiro, e onde só faltam sereias e tritões, empurrando a concha de Neptuno.

«... Com o sol alto, o ceu fica varrido dos aguaceiros de passagem, e por todo o plaino então os valores da luz tomam uma meiguice adolescente, uma subtilidade irreal vaporisada, branco sobre perola, com effeitos roseos na franja das brumas longinquas, e rozaceas de lilaz diaphano, que fazem pensar na côr do *não me esqueças.* Como nos longes a bruma insiste sempre em vortilhar, polvilhando o desenho das montanhas da barra e da cidade, vê-se a luz do sol zebrada de fachas loiras, por traz de cuja diaphaneidade as velas dos barcos parecem traços d'uma escripta de creança, e a *silhouette* das serras surge incorporeamente como uma sombra n'uma sombra. Certo, esse momento da luz é transcendente: é que verdadeiramente essa agua canta um threno de sa-

phyra, azul ar, verde lavado, lilaz opalescente, preludio vago que se difunde d'onda em onda, vago e tão psychico, só lá de quando em quando zimbrado pela arieta alegre d'alguma aza de gaivota. Nem uma vaga ao largo, nem um lenço d'escuma correndo a acenar ao vapor que nos transporta — o mar quasi branco no horisonte, branco solar como a couraça do Lohengrin ... E é n'aquella magnifica natureza, formilhante de mysterio, ideal d'alacridade, feita de billiões d'almas anonymas, que ella, olheirenta ainda dos cançaços da viagem, sentindo-se acordar, diz como em sonho: — Mas tu então não vês que é uma injustiça envelhecer? Não vês que eu nasci para ter azas, e que me sinto roubada de não poder servir-me d'ellas?»

73 — Na Ribeira Nova: esperando a chegada do peixe

O Aterro, que acompanha o Tejo na extensão por onde elle espraia o seu maior movimento, é o quadro mais flagrante, mais vivo e mais pittoresco da vida popular da capital. Era preciso encontrar, para o descrever, a vivacidade de um estylo exercitado na exploração das coisas triviaes da vida, e habituado a encontrar no simples a formula mais natural da verdade. Encontrámo-la nós, essa vivacidade, no estylo de Trindade Coelho, que do Aterro nos deu uma tão fresca, tão alegre, e tão exacta descripção.

— «Farto de duas horas aborrecidas de intriga na Arcada, e de vêr os fatos de algibebe, entalando os pretendentes da provincia que por ali enxameiam, bocejando e lendo os cartazes, á espera do «Sr. Ministro» — metto pela Rua do Arsenal, córto á esquerda, em diagonal, o Largo do Corpo Santo, onde, sob um alpendrico de ferro, a Sociedade Protectora dos Animaes metteu ao abrigo do tempo os cavallos e os trens da viação, e entro afinal no Caes do Sodré, passando logo de entrada, em frente da fileira pittoresca das carroças de aluguer, cujas alimarias, cavalicagem de todo o feitio, atreladas, tasquinham á minha esquerda a palha dos ceirões, reliuchando, ora um ora outro, ás vezes uns poucos, a alguma egua mais luzidia que passa, trotando, sob um calção de pampilho.

«Logo ali, os gallegos e moços de fretes, em grupos no passeio da direira, uns sentados outros de pé, todos de corda ao hombro, inquirem se é preciso alguma coisa. Não preciso nada: nem uma carta para o namoro, nem qualquer frete de vinte arrobas, que são para aquelles animaes as cousas mais faceis de transportar. Ando para diante, e eis que chego ao ponto em que, logo á esquerda, a vista acerta com a ponte dos vapores, fronteira ao Hotel Central, e com a larga fita do Tejo fechada, da banda de lá, pelos môrros que vão, em cordilheira baixa, para as bandas do mar — Cacilhas, Almada, Ginjal, Porto Brandão, Caparica. — «Algum bote, patrãosinho?» vem logo um perguntar, dois, tres, uma duzia. — «E' a ultima de seis: amanhã anda a roda ...»

«Nem respondo, e faço o mesmo aos cauteleiros; e prestes enfio pela ponte dos vapores, em madeira, que mette 150 passos pelo Tejo, aproando na direcção recta de Cacilhas, e d'onde a toda a hora, barcos a vapor despedem para Cacilhas, Aldegallega, e Seixal, impando de prôa á ré, da mais variada população.

«Regresso ao Largo, e fico-me a olhar para aquella feira, para aquelle scenario, vivo e movimentado para qualquer banda que mire. Contemplo o caes por ali abaixo, e sob o sol jocundo, nesta manhã serena de Janeiro, recebo a primeira impressão, mais

75 — No Aterro. Descarga d'uma falúa

confusa para os planos afastados da perspectiva, que se esbarram, além na casaria alta e pintada da Pampulha, toda crivada de janellas sobranceiras com tufos de arvores de permeio, pennachos de fumo evolando se dos canos de fabricas, mirantes, zimborios, chaminés, tudo num montão confuso, que vae numa pendente para a beira do rio, esbarrondando-se.

«E agora, encolhendo a vista, mas deixando-a vogar ao acaso na percepção conjuncta do scenario, ante mim exposto, careceria, para definir a minha visão, de uma phrase simultaneamente completa que transmittisse o total do quadro, e ao mesmo tempo facilmente decomponivel, em termos de dar, a quem nos lê, a visão singular do pormenor, a percepção real do accessorio, nitida, precisa, flagrante.

«E' assim, vêr-se-ia talvez pelo ar, que o azul do céu e o branco do sol impregnam de uma côr de madre perola, suave e diluida, tudo isso que pelo ar perpassa; raros passaros primeiro; a rede larga dos fios telegraphicos, depois; mais abaixo as copas despidas das arvores, quasi que tocando se na illusão da perspectiva, em alas, por ahi além, e descendo um pouco mais em summa, tudo o que perpendicularmente investe com o espaço infinito, nessa facha de 70 passos, lançada entre o rio, da esquerda, e a renque de predios, á direita; um kiosque logo ali, outro mais adiante, postes de telegra-

pho derivando em longa procissão, candieiros, hastes de candieiros, marcos postaes, guaritas, troncos d'arvores, bustos de gente, fileira de bancos em certo ponto,—e rez-véz do chão claro, talhado em fitas nos passeios, alargado em via mais ao lado, ao centro rectangulado em *promenoir*, as linhas de ferro dos americanos, escorrendo como dois sulcos parallelos, que vão, que se escoam, que desapparecem, perdidos a distancia no chão raso.

«Dada a extraordinaria vida do caes, com os seus figurantes proprios, gente que vive do rio, e typos da industria maritima; dada por outra banda a vida commercial e industrial dos armazens e estancias de madeiras que vão em ala pelos predios da direita; é possivel conjecturar que genero de população faz transito por aquella zona, e ter assim a visão approximada, e por ventura a propria sensação auditiva d'essa enfiada constante de carros, em regra puxados a um só cavallo, que vão e veem, continuadamente, com um homem de gorra na boleia, fazendo o serviço dos armazens — carregando pranchas, levando pipas vasias, transportando saccos de farinha, hulha, ladrilhos, peças de machinismo, canastradas enormes de peixe carregadas além no caes... Raros coupés por ali assim, muitas carroças de duas rodas, americanos e carros de viação em que veem de Ribamar, Algés, Belem e para lá voltam cheios de povo, e veem cheios de povo. Quem estaciona é gente do mar, embarcadiços em descanço aos grupos, tomando o sol e fumando cachimbo, cada qual a mascar a sua algarvia. Ou então, aqui e além, á caça dos que veem com ares *flaneurs*, os moços e donos de barcos ali perto atracados ao caes, repetindo o velho mote:

— «Algum barco, patrãosinho?»

«E vae por hi além o Aterro fechado sempre á esquerda pelo rio, e sempre á direita, ou quasi sempre, pela casaria alta da margem, que a espaços extravaza, em praças, ou então, aqui, além, mais adiante se escoa em ruas e travessas.

«Aqui temos nós logo á entrada, por exemplo, a Praça do Duque da Terceira, onde o heroe, em bronze, fardado, de bota pelo joelho, a espada á cinta, a bigorna do chapeu mettida no sovaco esquerdo, na direita o bastão do commando, olha contemplativo e sereno, de bigode e pera, do alto do seu pedestal de marmore erguido no xadrez circular branco e preto, rodeado de arvorelhas e candieiros, a corrente viva do Tejo. Logo adiante vem a Travessa dos Remolares, com dois policias ao longe rondando...

«Após, uma clareira sem predios, deixando ver, ao fundo, trazeiras de casas de S. Paulo. E logo depois, a Praça da Ribeira Nova onde fica o mercado do Peixe. Poucos passos e eis-me na frente da Praça de D. Luiz, um terreiro bordejado e encrustado de canteiros de relva, atufado de ramaria — acacias brancas em todo o circuito, eucaliptos, piteiras babosas, palmeiras, tuias, veronicas, — e ao meio, fechado por uma gradelha baixa de ferro, o monumento ao velho Marquez de Sá, fardado como o outro, a manga vasia no peito, na mão esquerda a haste da bandeira, e surgindo-lhe de uma das pregas, rente ao espadalhão, a cabeça encabellada de um petiz que ao peito aconchega o farrapo, na esquerda empunhando um facho. No pedestal, dos lados, dois enormes leões, acachapados, velam; emquanto á frente uma figura de escrava, tendo no pé uns restos de grilheta quebrada, ao filho nú ensina a legenda dedicatoria, cravada na face dianteira: — *Ao General Marquez de Sá da Bandeira*, em bronze redondo.

«Agora, a linha dos predios segue ininterrupta largo espaço, quebrando ali para abrir o Boqueirão dos Ferreiros, mesmo á esquina da fabrica velha do Gaz, com uma architectura pretenciosa, de templo. Passando, olho casualmente lá para dentro. E vejo o largo pateo interno, escuro, coberto de ferro, atravancado de montes de hulha e ao fundo um enorme forno espirrando fumo e vapor, alguns homens transportando hulha em carretas de ferro que outros vão enchendo, silenciosos. Tenho uma visão de inferno, creiam. E lembra mesmo o diabo aquelle que me está mirando, o rosto duro e immo-

vel, parece desconfiado das minhas notas, negro, encarvoado, sujo, appoiado a uma pá de ferro, sobre cujo rebordo repousa o pé descalço...

«Deixo-os na sua faina, retiro-me, e sigo sempre em frente. Mas a breve trecho, nova interrupção na linha dos predios, d'esta vez para deixar passar a Rua do Instituto Industrial que vae fechar, além, no Largo do Conde Barão. Vou indo, vou andando, farto de ver os homens parecerem-me liliputianos nos interiores enormes dos enormes armazens de madeiras, atravancados de alto a baixo, pelas rimas que mal deixam espaço para uma pessoa.

«Nova linha de predios; e ali têem os senhores, á sua direita, está bem visto, a larga Rua de D. Carlos I.

«Até que emfim, esgotada a linha dos altos predios a seguir, o caes se espraia — o caes que já desde a Ribeira Nova se chama Rua 24 de Julho e vae com esse nome até Alcantara — espraia-se num vasto largo — o jardim triangular da rampa de Santos, povoado todo de palmeiras, pimenteiras em todo o circuito, eucaliptos, raras acacias, uma araucaria, ucas, piteiras, linhos da Russia, veronicas.

«Regresso ás proximidades da ponte dos vapores, e observo que a linha de terra, fronteiriça e parallela á dos predios, e d'ella distante, como já disse, obra de 70 passos, segue desde a ponte ao jardim triangular da rampa de Santos — 1.400 passos, cruelmente obstruida de entraves de toda a ordem, que tiram á vida propriamente fluvial e da margem a percepção espontanea, prompta e conjuncta, dos seus episodios pittorescos, e dos typos que nelles figuram.

«Vem primeiro o barracão em fórma de *chalet,* onde installaram o posto fiscal, e em cuja frente, em certas manhãs, montões de gigas de cana e vime se accumulam, cestos cobertos de rede, potes de barro, pipas, caixões de folha de pinho importando carnes de suino das chacinas de Aldêgallega, caça morta, gallinaceas, cabritos, focinhos de porcos degolados irrompendo de grandes cestos de vimes, e d'ali abalando tudo ás costas de moços de fretes.

«Logo ahi, um pouco adeante, uma pequena rampa de carga e de descarga interna-se no rio, toda bordejada de canôas, botes, fragatas, catraias — as canôas com a elegante vela latina, de linho crú, lembrando uma aza esquia de gaivota, amplificada; as fragatas com as *caranguejas*, de se parecerem, na forma externa, especialmente vistas de longe, com a crosta do caranguejo; as leves catraias, enfim, enfunando a vela de espicha, que é, entre aquellas duas, um meio termo.

«De apparencia mais grave e mais pesada, em geral pintada de preto, a fragata impõe-se immediatamente a quem a observa, e para logo se comprehende que ella é, naquella republica de transportes fluviaes, a que pela força domina as companheiras, encarregando-se de levar de bordo para terra, e de levar da praia para bordo, pedra, carvão, ferro, tudo isso, enfim, que pelo seu peso faria vergar as companheiras. Veem, após, as canôas que mettem varia carga, passageiros mesmo, e então entre Lisboa e Cacilhas as ricas levas de gado. E todas garridas de côres, trocando entre os navios e a terra a malta dos passageiros, ali teem agora os senhores as leves, ligeiras catraias; e em summa os pequenos botes, aqui, ali, acolá, furando, surgindo, intromettendo-se, a ver, quando lhes gritam: — A passeio!

«Analyso com escrupulo o trajo dos tripulantes, quasi tudo figuras seccas, musculosas, tisnadas do tempo, mas todas acantoadamente viris, e observo que o trajo é em todos commum: o mesmo barrete preto de lã, curto, com borla roçando pelo pescoço, mas vulgarmente quebrando para a banda esquerda; camisola de castorina branca e preta, aos quadrados, fechada no pescoço e ao longo do peito por botões de madreperola, entrando no cóz das calças, cujo padrão é a ganga azul, e ahi comprimida pela faixa preta, de lã ou d'algodão. Em regra, andam calçados, todos esses homens. E porque me

surprehende semelhante facto, vou-me ter com o Francisco Fragateiro, cuja physionomia e vestuario, e cujo appellido até, revelam pessoa que por ali anda desde pequeno.

«E solicito, respeitoso como quem se sente em casa alheia, interrogo-o sobre tal pormenor, offerecendo-lhe um charuto:

— «Botas ou sapatos, é cada um como quer» — elucidou de boamente o Fragateiro.

— «Botas?!» perguntei eu admirado.

— «E bota de elastico, faça favor de vêr...» — confirmou o maritimo, erguendo ao fundo da perna esquerda um pouco da sua calça de ganga.

«Mas maior foi o meu pasmo, e absoluta a minha convicção quando o homem pa-

75 — Lavagem das canastras

chorrentamente pousa no chão aquelle pé, e mostra o outro erguendo-o até ao joelho contrario:

— «Um sapato!»

«E vendo-me tomar a nota, rindo-se, de me ver rir:

— «Pode lá pôr, que é mesmo assim...» decretou, accendendo o charuto, mirando o Tejo de prata.

«Depois, outras explicações. Que o barrete por exemplo, era mais commodo por causa do vento, mas que no verão, no tempo quente, o usual era o chapeu preto, baixo e redondo, ou o boné preto ou azul, alto de pala direita.

— «E isto?» perguntei-lhe eu designando a barba.

— «Algum tempo, barba toda, aberta no queixo como a do gallego. Hoje — continuou olhando em roda e apontando para alguns grupos — bigode a rapaziada nova, barba toda e bigode rapado, assim como eu, os mais velhos.»

«Ora, na tripulação que faz serviço no Tejo, e que d'aqui é oriunda, não entram mulheres, ao contrario do que acontece noutras regiões. Homens e rapazes — os rapazes de treze annos para cima — constituem exclusivamente a população activa do caes. Mas ha nessa feira curiosissima do Aterro o typo transitorio do pescador da Murtosa, d'entre

Aveiro e Ovar, cujo vestuario diverge inteiramente do descripto, e que já no segundo acto da *Morta* destaca em primeiro plano. Retiro-me aos que vestem essa larga ceroula branca amputada acima do joelho, camizola de lã, toda branca ou toda azul, gabão de saragoça de largas mangas, na cabeça o curto barrete de borla, branco ou azul, e que ahi vemos sempre descalços, lançando ás vezes pela cidade num passo de gymnasta ou andarilho, ao hombro a vara recoveira segurando adeante e atraz as gigas quasi chatas, o seu pregão de venda:

— «Eh! viva da costa!»

— «Eh! vivinha e grande!»

— «Eh! viva sem sal!»

de musica demorada tres tempos na primeira nota, dois na penultima.

76 — Varredor das ruas

«E é curioso a respeito d'elles a particularidade de que arribam a Lisboa, vindos por terra, encafuados aos centos nos vagões de terceira classe, tomando cada um direito ao caes, mal desembarca, á busca da sua bateira, que por mar, carregada de tabuado, veiu trazida pelos de Ilhavo, por ajuste. Os quaes de Ilhavo, «pagos e stifeitos», seguem depois tambem por terra — emquanto que os *bate-bate* (assim denominados, na giria pittoresca do caes, de baterem na borda das bateiras, espantando o peixe para as redes), saem barra fóra para o mar, á pesca de todo o peixe. E no regresso ei los em scena que logo lhes descreverei, descarregando a barcada no caes da Ribeira Nova, e d'ahi remettendo tudo em canastras, ajoujadas em pilha nas carroças, para a estação de embarque em Santa Apolonia, d'onde seguem para o Norte, no comboio.

Ao mesmo tempo que as bateiras, alliviadas, se alam acto continuo para o relativo repouso no Bom Successo, abaixo de Belem, quando não é para Valladas, Tejo acima, á pesca do bom savel...

77 — Eh! Viva da costa!

Foi ahi junto d'esse pequeno caes, acanhado para o serviço de carga e descarga que n'elle constantemente se opera, que assisti, ainda não ha oito dias, á descarga d'um grande barco, o *Valente*, arribado naquella tarde da Barroca d'Alva, p'ra lá de Alcochete, com matto para uma fabrica de louça do Intendente.

Quando cheguei ao caes, sob um chuvisco miudo, já sobre a calçada montões de matto se alastravam contiguos aos carros de duas rodas, com o boi ou o cavallito immovel entre os varaes. Sobre o carro o lavrador ou carroceiro, armado de comprida forquilha, pau alto e delgado terminando em U de ferro, chato e de pontas agudas, vae «estivando» que é como quem diz fazendo monte, arrumando em suc-

cessivas camadas os mólhos que o arraes de baixo lhe envia, espetados no pau aguçado a que os do officio chamam *espicha*.

E ouço o arraes estar murmurando, consoante vae despedindo mólhos:

—«Um... dois... doze... vinte e cinco...»

Até que ao chegar a certa conta o busto folga um instante, buscando a linha perpendicular, emquanto que a ponta da *espicha*, solicita, vae morder a tinta da roda, num dos raios, fazendo ahi um risco...

—«Cem!»

Arregaçado, em mangas de camisa, parece-me que tem cara de bom homem o arraes de barrete preto. E rompendo com elle o questionario, após as mais affectuosas boas-tardes! eis que me vejo rodeado pelos mais da tripulação que por um momento affrouxaram, curiosos, a faina viva em que andavam despejando o barco immovel.

—Saberá o senhor que isto é tojo. Tojo, maravalha, urge, matto branco. E consoante é da Barroca este que aqui vê agora, outro ha que vem d'outras bandas—Samora, Sarilhos, Coina, Amora, Lançada, tudo por esse Tejo a riba...»

Quiz então saber por conta de quem vinha aquillo.

—«Por minha conta!» explicou o arraes. Trago por lá matteiros que me carregam de molhos o barco, e eu depois ajusto com estes a viagem...»

—«Caro?» quiz eu saber.

—«Não é barato...» disse o arraes, premindo os beiços.

Mas vae de lado o José Moço, um de olho azul e pello ruivo, e contesta com applauso de todos:

—«Deixe lá falar! Cada um de nós ganha treze tostões por viagem; oito horas de trabalho, doze, ás vezes quinze, trazendo o barco á sirga no canal, p'ra lá de Alcochete; ou então, se não ha vento, carregando com elle, por esse mar, á força de remos, mettidos na lancha que o traz a reboque...

—«E treze tostões seccos!» additou o José Serralheiro.—Cada qual come á sua custa, tanto monta de verão como de inverno.»

Deram tres horas não sei onde; um vapor apitando largou da ponte cheio de gente. De cima do carro, o lavrador mandou que se aviassem. E pude então examinar naquelle instante de debandada para o barco, o trajo da tripulação. Chapeu grosso, desabado em *abat-jour*, ou então o sueste amarellado caindo em touca sobre o pescoço, como um côco de explorador, e segurando debaixo do queixo com ourelo. Camisola de castorina, com manga estreita nos punhos, por dentro do collete afogado. E então, particularidade que é só d'elles, a ceroula de ganga azul cortada pelo joelho, e ahi encontrando-se com a alta meia de algodão branco, segura na curva por liga de ourelo. Faixa preta um ou outro, e todos de sapatos brancos de bezerro, baixos, apertados com correias sobre a pala.

—«Vocês não usam gorra?» perguntei-lhes já dentro do barco, para onde os segui atravez da prancha bambaleante.

—«Não senhor. Nós cá é isto: o *caramelo*. De panno ou então de palha, é consoante...»

—«O caramelo?» perguntei eu, estranhando a palavra.

—«Lá na terra chamamos *caramelos* a uns que usam isto assim; uns homens que vêm da Beira (Caramullo?), terra dentro, e apparecem por ali a vender azeite.»

Obstruidos completamente pelos molhos de matto, calcados até mais não poder ser, o grande barco tinha pouco que observar. Encostei-me ao possante mastro, em volta do qual estava enrolada a *carangueja*, e puz-me a examinar a pequena coberta da proa: cabos dobrados em espiral um oleado, barris, a tampa quadrada da escotilha e esse maquinete a que chamam o *guincho*, destinado a levar a riba a amarração—isto é, a corrente de ferro que segura o barco pelo *cabeço* ao *encroto* mergulhado no lodo.

—«Que vem a ser isso de *encroto?*» perguntei eu ao Pedro Seixal.

—«O senhor não sabe o que isso é?» Encroto é como quem diz uma oncra pequena. Não sabe o que é uma oncra?

—«Bem sei, uma ancora...?

—«Em cima tem o annete, redondo, assim como a argola d'um relogio. Depois o braço atravessado. E então as duas unhas, a que a gente chama tambem as patas. E' a oncra ou encrote, ponha lá que vem a dar na mesma.»

—«E então das de quatro patas? vocês não usam cá no barco?»

—«E' o ferro de quatro unhas...—explicou o João Gonçalves, designando-m'o para a banda da pôpa, arrumado á cana do leme.—Lá está elle suspenso. Quando está vento fresco põem-se os dois: é assim com'a gente, que quando está frio põe duas jaquetas...»

—«E velas? quantas velas usa o *Valente?*»

Volta-me o José Moço:

—«O *stae*, a *giba*, a *vela grande* que no verão faz sombra, quando a gente vem de camisola de estopa: A' sombra da vela grande!»

—«Isso é d'alguma cantiga?» perguntei-lhe eu.

Riram-se. Disseram que não, affirmando que não costumavam cantar.

—«Com o panno na amura, *pechingados*, lá vae ás vezes a nossa cantiga...» elucidou textualmente o Manuel Serralheiro, que era dos cinco o mais calado.

—«E o que cantam vocês?» quiz eu saber.

—«O que vem á bocca...—a *Roza Tyranna*...»

E foi só após uma supplica demorada que o José Moço, mais desembaraçado, condescendeu com os meus instinctos de folklorista, recitando-me esta quadra:

Rapazes e raparigas
Não se ponham a chorar
Quando a *alfacia* se casou
Ninguem fica por casar.

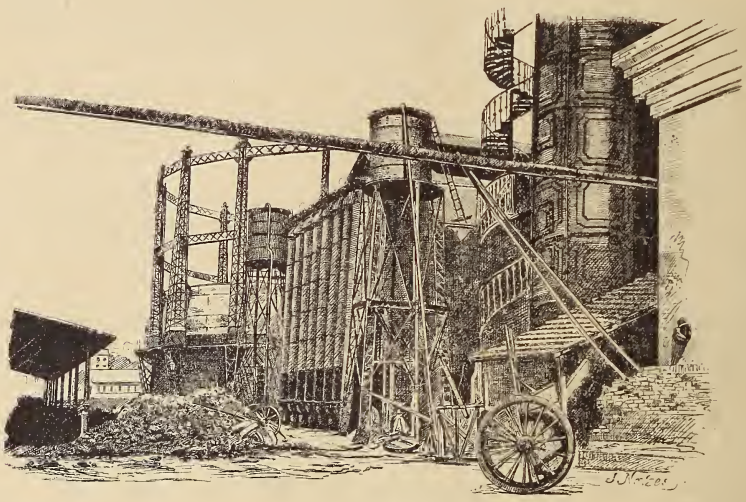
E abalou com o grande molho de matto á cabeça, atravessando a prancha, direito ao carro.

Puz-me a reparar então n'aquelle, serviço que elles deante de mim, de volta de mim, ao meu lado—«O' senhor dá licença?—» iam executando com presteza surprehendente. Na mão direita o *cambo*, dois palmos de cabo de madeira terminando n'um gancho de ferro ponteagudo, polido e côr de prata; na esquerda uma forquilha de palmo, e do feitio d'um Y de pontas aguçadas, feito d'uma bifurcação de ramo de azinheira. Um pedaço de sola, do feitio approximado d'uma palheta de pintor, tem do lado esquerdo, superiormente um orificio por onde encaixa o cabo da forquilha, em termos a resguardar, quando esta espéta o molho, as costas da mão esquerda. E então, postas em jogo combinado as duas mãos, o serviço corre veloz, collocando cada qual em frente as cinco *estivas* sobrepostas, cada uma formada de quatro mólhos pequenos, e de tal modo arrumadas, que ao pôr ao centro da rima, superiormente, o molho numero 21, o gancho do *cambo* vae cravar-se inferiormente e pela banda opposta á ultima *estiva* do fundo, ao mesmo tempo que a cabeça do *moço* fazendo marrada, se crava sobre o mólho superior, que faz de fecho ás camadas sotopostas, e a môlhada total, repousada pelo gancho do *cambo*, se equilibra firme e regular sobre o chapeu do moço do barco, chapeu que por esse motivo tem a copa forrada de sola, ou forrada simplesmente de lona forte. E elle lá segue rapido para a banda do carro, o braço direito erguido a cravar com força o bico do *cambo* emquanto o esquerdo, bambuando, segura a forquilha e a *mangueira*, em descanço até ao regresso.

E não se pense que é casual, como talvez possa parecer, a arrumação dos pequenos mólhos dentro do bojo do barco. Reparando-se immediatamente se nota que elles derivam em linhas rectas e longitudinaes, sobrepostas e paralellas a todo o comprimento do barco, fazendo ao meio uma especie de parede que, por assim dizer, intercepta n'aquelle ponto a derivação recta e continua dos mólhos.

—«E isto leva muito tempo a despejar?» perguntei eu.

—«Não senhor. Isto em duas horas, trabalhando-se bem, arruma-se tudo além para o caes. Depois tóca! Lá vae a gente por outra barcada de matto, e se não é de matto é de sal.»



78— Gazometro de Pedrouços

Começava a chuviscar; boiavam sobre o Tejo veus densos de neblina. Tomei para a coberta da pôpa onde a prancha ia apoiar-se; e voltando me disse adeus aos cinco rapazes.

A linha do caes segue depois, nitida, em toda a frente da Praça do Duque, e ahi esbarronda-se para deixar passar a primeira allùvião de terra e de entulho que já as obras do porto de Lisboa lançaram sobre o Tejo devorando-o numa grande extensão. Aqui e ali, seguras em estacas no chão cravadas, redes vão enxugando; emquanto além, ali, acolá, homens sentados no chão concertam outras, ao sol. Em certo ponto um maritimo já velho vae pintando com paternal cuidado o seu bote posto em secco, de verde, de branco, de encarnado. Aproximo me, e penso na ternura ingenua que elle põe em cada pincelada, com a ponta da lingua cravada no labio de cima, mirando e remirando a obra, num quasi amor sensual, — como se estivera a vestir de trajos garridos a noiva para alguma festa...

Perto de nós, mettidos numa canoasinha, tres rapazes em mangas de camisa, bonets brancos, sem pala, atirados para a nuca, voavam sobre o Tejo claro, que era nessa manhã um encanto, debaixo da cupula do céo côr de saphira. Á esquerda, como ia baixa a maré, gaivotas ás centenas buscavam no limo as prezas, voando ás vezes, em tropel desordenado, a qualquer chut! mais forte de barco que passava perto. E além num

barquito immovel, vejo um em mangas de camisa, segurando no dedo attento o fio da armadilha — a *piteira* de cortiça e os tres anzoes submersos, com pedacitos de figado de peixe, boiando, á caça da gaivota.

O Tejo! O glorioso Tejo!

E cinco minutos de introversão dedico-os, enlevado numa branda quietação religiosa, á musica harmoniosissima d'essas aguas, á musica admiravel d'esse nome...

O Tejo! O glorioso Tejo!

E nesse dia então, sob o claro sol immaculado, o rio faiscava, como uma enorme

79 — Em frente da ponte do Arsenal de Marinha

fusão de prata liquida, juncado todo de barcos — reboques do Arsenal, vapores, patachos, escunas, palhabotes, hiates, chalupas, brigues, e os nossos vasos de guerra...

E por entre tudo isto, e á frente, e ao lado, e atraz de tudo isto, um aqui, outro acolá, em cardumes, aquillo a que podemos chamar a arraia miuda do Tejo: os varinos, as bateiras, as lanchas, os botes, — estes armando vulgarmente em vela de *espicha,* mas armando nas regatas com mais duas, a da prôa — *foque,* e da ré — *mezena;* e além, aproando em frente da Ribeira Velha, semelhando uma floresta cerrada de mastros, vellas ferradas e vergas no descanço, as leves e laboriosas canôas, todas rumorosas de gente; e esses cahiques de dois mastros, o da prôa que é o *traquete* e o da ré que é a *vela grande:* latino o que arma na prôa, latino o que arma na ré, e as barcas das armações de Cascaes, que no mar suspendem as rêdes, recolhendo depois o peixe que vendem aos cahiques, em Cascaes, em Cezimbra, e que os cahiques vendem depois no caes, ou mar fóra transportam para o Porto, Vianna, Figueira, Hespanha mesmo (Ayamonte e Figueirita) em tripulações de doze pessoas, o mestre e os da companha - a tanto não se aventurando a modesta e aberta canôa, que de Cezimbra, onde

vae á compra do peixe ás armações, prestes ao Caes o vem vender, indo uma vez por outra tambem leva-lo até Peniche, com riscos, Deus sabe! dos seus sete homens — o mestre e os seis camaradas!

E para me despedir do rio, porque tenho de ir ali á Ribera Velha, onde vae uma grande azafama, olho o Tejo ao largo, sem pousar a vista em qualquer ponto: silhuetas de navios apenas, nos planos mais afastados, canos de vapores por toda a banda; boias aqui, além, surgindo á tona d'agua, como cabeças immoveis de nadadores; velas brancas, immobilisadas, ao longe; mastros, cordagens, vergas, bandeiras ao alto dos mastros; pequenos botes a vapor, singrando cheios de gente, com a bandeira muito baixa, á ré, quasi á flôr da agua, botes brancos que dois levam a remos; um paquete, emfim, que sae, enorme, escuro, fumegando, com figurinhas de gente na amurada acenando com lenços brancos... — «Boa viagem! adeus! adeus! boa viagem!»

De fronte da Praça da Ribeira Nova, rez-vez do rio, está o mercado, onde é a descarga do peixe fresco. Ali, n'um espaço acanhadissimo, que fecharam, por signal, com umas gradelhas de pinho pintado, entre a borda do rio d'uma banda, e da outra o chalet do posto fiscal e a immunda barraca dos escamadores, a vida é extraordinaria, nos dias em que a esse ponto affluem carregadas as canôas. E aqui temos o palco de uma das mais vivas, das mais interessantes e das mais laboriosas scenas da vida da capital.

Venham sobre o asphalto humido, e vejam aproando a este caes informe, ou a este muro desmantelado que as necessidades da importação foram pouco a pouco escalavrando, essa chusma pittoresca de barcos de todo o feitio de barcos de todo o tamanho, que dão a quem os contempla, n'aquelle recinto acanhado, sobre o rio que mal se vê por entre as quilhas, a visão de quererem galgar uns sobre os outros, furando, penetrando, intromettendo-se, parece que acotovelando-se, a ver qual mais e melhor se aproximará do caes — arredando os outros com o bico da prôa, com a ré, com as vergas, essas altas e elegantes vergas que no ar lembram um sarilho desabrido de pares em briga de arraial ... Olhem a multidão dos tripulantes, a alegre e vivissima chusma dos varinos, musculosos, tisnados, lestos, que já faz um só palco de todos os barcos, palco accidentado, bambaleante, erguendo-se ali e além em bicos de saveiro, todo crivado de mastros, todo cavado de alçapões atulhados até ao alto de frescos, prateados montes de peixe, sobre os quaes a vista repousa, consolada, como sobre uma grande meza abundante, rodeada de gente alegre. E de ponta a ponta, e de lado a lado, n'esta superficie desigual e accidentada, admirem esse fervor religioso de trabalho, vejam como decorre lésta, rumorejante, animada e pittoresca, a viva operação da descarga; vejam como voam pelo ar, como no circo os chapeus dos *clowns*, de mão em mão, percorrendo a fieira dos que em mangas de camisa e perna despida, outros de camisola e botifarras, estão de pé em cima dos barcos, os leves, brancos cestos de vime, redondos e todos gottejantes, que os da extrema, rente aos caes, vão depondo aos quatro e quatro nas gigas quasi chatas das mulheres, que de saias altas e perna ao léo, o palminho de cara emoldurado em lenço garrido, rindo e cantando, n'um farto ondular de saias em tufo á roda da cinta, sobre o chapeu de aba recurva as transferem para o terreiro, humido. E chegadas ahi, ás fieiras como as formigas, logo aquelle que além está recebe e vae despejando os cestos para o monte, que duas ordens de canastras sobrepostas fecham de tres bandas; emquanto outro, do lado, alterna com cestadas de sal as cestadas do companheiro, arremessadas n'um movimento rapido da esquerda para a direita — afim de espalhar o peixe e sobre este espalhar o sal ... E vem o sal como vem o peixe: tambem em pequenos cestos, á cabeça de mulheres tambem, que formam, ao lado das outras, um novo e activo formigueiro, derivando de differente barco

Imaginem por isto, se é possivel, a vida extraordinaria do caes, quando ao caes affluem duzias de barcos, e cada barco tem perfilada a tripulação, e cada grupo de tripu-

lantes, em linha, vae passando para fóra os cestos cheios e vae mettendo para dentro os que vém vazios; ao mesmo tempo que as mulheres, em fieiras dos barcos para o montão, em fieiras do montão para a chusma dos barcos, transferem, sem cessar, as gigas agora vasias, emquanto no asphalto do caes se mexe e torvelinha e revolve a feira dos que ali trabalham, ás centenas, gritando, berrando, recebendo ordens e transmittindo ordens, comprando, justando, vendendo; e outros, como nós, simples mirones, aturdindo-se n'aquelle turbilhão, ora aqui, ora acolá, ao sabor da onda viva, sem norte, sem rumo, sem fito, a cada passo esbarrando com uma canastra, com um monte de peixe aqui e ali, com uma dorna, com uma celha, com os mil e um utensilios, emfim, que atravancam o estreito recinto, encharcado e lamacento, e nada aromatico, por signal.

Entretanto continúa o serviço da descarga, tão regular em certos pontos, que o giro dos cestos redondos é no ar quasi continuo de mão em mão, correndo para terra os que vão cheios, para o barco voando os que vão vasios; e além, mais outra série levando sal que despejam no barco, a salgar um molho enorme onde os cestos, mergulhando, arrebanham sardinha até á borda, largando, quando os alçam, fios d'agua, que as vae lavando. Depois, as mulheres a levam ás cestadas, expeditas, descalças, todas saracoteando, dentro do vestido escuro e curto, repuxado em roda dos quadris pela cinta preta, debaixo da qual destaca sobre o avental claro, do lado direito, a algibeira externa de panno, d'onde surge a codea de milho. E algumas d'ellas lindissimas, sob o chapeu preto debruado de veludo, na moldura do lenço azul, de algodão ou de lã, cujas pontas, cruzando de baixo do queixo, vão fechar em nó sobre a nuca.

Ali, sobre a palhoça ou esteira que fecha certas canastras já atadas, um vae pintando de verde com grosso pincel... G. B.—F. P... E naquella Babel, phrases de galanteio irrompem entre os palavrões, aqui e alêm: — «Ó Joaquina! que em me tu faltando, falta-me a alegria da minha alma. Mexe-te, filha. Avia-te!» E quando, sobre o asphalto, o monte de sardinha e de sal recebeu a ultima canastrada, em torno postam-se então as mulheres, cada uma dentro da sua canasra, de joelhos. E debruçadas para a pilha, eil-as que n'um movimento expedito de dedos vão acertando as sardinhas pelas cabeças e depondo-as ás mãos cheias, na canastra devoluta que lhes fica ao lado, arrumando-as em quatro pilhas.

São as mulheres as que menos falam, automaticas nos variadissimos serviços que desempenham—lavando, salgando, empilhando, estripando o peixe as vendedeiras, em volta do barracão dos escamadores. Entretanto, vê-se bem que ellas são n'estes dominios umas rainhas; e quando falam, é como aquella agora que fez córar o guarda fiscal que ali anda, desmanchando o pittoresco um tanto selvagem do conjuncto...

Divide-se o barracão dos escamadores em quatro immundas lojecas, cada uma de seu dono, mediante uma renda á Camara, quasi fabulosa. Ali se lava o peixe, se lhe tira a escama, o sangue, as guelras, as ovas, e se vende, a vintem a celha, a agua para as varinas, e o sal com que polvilham as postas, cortadas ali ao balcão. De volta, as peixeiras tagarelam, arrumando o peixe nas canastrinhas; e lavando nas sobras da agua, dentro das celhas, os grandes pés gorduchos, d'ali abalam aos grupos, frescas, arregaçadas, lestas, para a venda ambulante das ruas, cantarolando os variados pregões, que nós todos sabemos de cór, e que são na vida matinal de Lisboa, entre as oito e as onze horas, a nota mais insistente...»

Muitas vezes se dirá, quando se veja á porta de uma escada uma varina a vender peixe, e a descompôr a creada que lhe vem fazer as compras, que é bem convencional o enthusiasmo plastico das varinas, e que a tradição d'aquelle prelado romano, que aqui esteve, e que ia todos os dias vê-las correr no Aterro, prova apenas que não era ruim de contentar esse patricio de Raphael. E comtudo, nada ha mais justificado do que essa fama de bellesa e de elegancia que as varinas possuem, mas o que é necessario é pro-

cura-las no seu meio, na sua atmosphera, em plena terra ao ar livre, e não nestas estufas das grandes cidades, onde degeneram, onde perdem as suas qualidades nativas, as suas cores fresquissimas, e até aquelle recato grave e delicado com que vão guiando nos campos da Murtosa, a caminho do mar que açoita ao longo os areaes da Torreira, o seu carro de bois, vagaroso e chiador.

Conservam ellas ainda em Lisboa um pouco da sua natural elegancia, porque o esforço muscular, que fazem para manter firme na cabeça a celha do peixe, traz-lhes o corpo desempenado, graciosa e bem ondulada a curva do seu busto. Mas o ar empestado do bairro varino desbota-lhes a côr e murcha-lhes a frescura; a promiscuidade

80 — No Tejo: junto á ponte dos vapores de Cacilhas

d'aquelle meio parece que apaga no seu olhar a luz serena e fulgurante que o sol das suas terras acende nas suas pupilas: o seio firme toma aquelle pendor tão grato do verde-limão de que fala Garrett; estorce se-lhe a boca e rouqueja-lhe a voz no uso frequente da linguagem da Angot; e aquellas finas estampas do Norte parece que se transformam numas lithographias grosseiras como as que adornam os muros banaes dos botequins.

Procurem-nas, por exemplo, na Murtosa e ahi verão o que são essas gregas do Occidente, com as suas fórmas esculpturaes, com a sua palidez morena, com o seu radioso olhar, em que se não reflecte aquella avidez baixa do preço da sardinha, que avilta os olhos das suas irmãs da capital. Ás vezes tambem têm as suas luctas e as suas coleras, e nas discussões asperas da divisão do peixe erguem-se de subito as imprecações fulminantes. Mas não nos achamos em presença das Angots que vomitam injurias, o que temos deante de nós é uma Electra a fulminar Clytemnestra com as imprecações de Sophocles, soltando os cabellos, torcendo os braços, tragica, sublime ás vezes nas invenções da sua ira. O mar, que as educou, foi que lhes ensinou as suas coleras, como os pinheiros dos areaes lhes ensinaram, em dias de temporal, as suas esbeltas attitudes. Não as desbotaram as emanações mephiticas do Aterro, ainda por ellas não roçou a aza poluida da prostituição, nem as fez escravas o contacto deprimente dos sultões de baixa esphera.

Flores gentilissimas da Murtosa, quem ha de reconhecer-vos no lamaçal da cidade? Tendes lá as romarias á beira mar, os descantes á luz placida da lua nos campos orvalhados, as fontes limpidas e claras onde ides lavar o rosto nas manhãs de S. João, o ar impregnado dos aromas da terra e das emanações salinas do mar, como podeis conservar essa nativa gentilesa neste ambiente pestifero de ruas estreitas e immundas, de tabernas e de obsceno convivio?

Quando as varinas procriam na cidade, nada ha mais triste do que estas creaturinhas nascidas na regueira das capitaes, que nem ao menos abriram os olhos á luz do

81 — Na ponte do Arsenal da Marinha. Embarque d'uma expedição militar

céo amplo e sereno, os pulmões aos effluvios resinosos dos pinhaes, e os ouvidos ao canto embalador do Oceano.

As varinas em Lisboa são como as laranjas em Paris — dizia Pinheiro Chagas; fructa engelhada e sem sabor. Por isso, acrescentava o espirituoso escriptor, todo o homem que presasse a gloria portuguesa, devia dizer ao tal prelado romano que ia para o Aterro admirar as peixeiras:

— «Monsenhor: laranjas em Setubal, varinas na Murtosa!»

As varinas vão aos ranchos, de madrugada, para a Ribeira, arrematar o peixe dos leilões. O que o compra nos botes fa-lo conduzir em cestos; e com a rapidez de um pianista em percurso da gamma chromatica, berra, frenetico, uma vez o peixe dividido em montes, o preço da offerta e o preço em que o estima. Emquanto pequenas, as varinas carregam o peixe meudo; depois de crescidas, ninguem como ellas para o segredo, que parece nada e para a venda é tudo, de dispôr o peixe na canastra.

Julio Cesar Machado conheceu esse segredo, e se o não soube guardar, soube contal-o como ninguem.

— «... Devem fugir, ali, dos salmonetes seus primos, o ruivo e o peixe imperador ou rei. Vermelhos todos, teem os primeiros a especial galanteria de peixe para almoço; e não convem, chegados do Sado das sete para as oito horas da manhã, encanalha-los, por que assim digamos, com uns marmanjões de peixes, já por extremo distanciados da innocencia para se lhe chegarem sem perigo .. Se o linguado remolhar na agua do

choco ou da sardinha, se o pregado se deixar prender nas gordurosas seducções do congro, mal irá ao caso! O atum, por exemplo, gosta, como o leão, de andar sosinho ... Lavado o oleado que cobre o fundo á canastra para que não caia a agua do peixe na cabeça da peixeira, e não só lavado mas esfregado á escova, acommodam-se os peixes por secções. Os de digestão difficil, suspeitosos para a boa alimentação, teem um cheiro forte que, se nos proposessemos ao estylo perliquitetes, poderiamos comparar ás propriedades da violeta que por seu aroma, em distancia, dá logo signal de si ...

Mal disposto á vista, o peixe pode, em vez de attrair as attenções, afastal-as, e dar motivo a que se retraiam, dando assim em ficar com o peor defeito de um alimento: enjoar, antes de ser comido.

Já se tornou do dominio publico ser do peixe que este paiz deve esperar os elementos phosphoricos que lhe faltam. Pois a peixeira de Lisboa faz bem a diligencia de auxiliar esse incremento! O peixe por cá é um amor, e ellas não só cuidam d'elle á maravilha, mas escolhem-no como sabedoras escrupulosas, deixando com desdem, nas lageas do mercado, o tamboril e outros monstrosinhos aquaticos de identico apparelho respiratorio, espinha mole, cartilaginosa, bichos do mar, interessantissimos para os naturalistas, mas que a canastra despresa — a não exceptuarmos a chata arraia, que vive no fundo do mar de crustaceos e mariscos, e as postas abertas do cação, disfarçados, entre as folhas de couve, em postas de safio ... O segredo d'ellas consiste em raspar a pelle d'esse peixe, aspera como piassaba e de que se usa para esfregar as mesas; ás vezes, arrancar-lha até, pronunciando com ira o nome d'elle ao puxar-lh'a.

Receiam-se uns do peixe reimoso, outros do que não tem escama. A peixeira conhece a clientela e larga o pregão pelos sitios conforme o caracter dos moradores. A familia do fidalgo é doente? — Apregoa-se lhe com força o linguado, a doirada e a marmota. — Residem ali os Florisbertos, que dão jantares aos seus amigos, em vasta patuscaria? — Peixes fortes e pregão rijo: cherne, lulas, corvina gorda, savel, fataça...»

82 — Varinas

83 — Convento dos Jeronymos, em Belem

Lisboa monumental

84 — E é o vaso de as flôres...

Foi das columnas do velho *Panorama* que se elevaram, ha mais de cincoenta annos, os primeiros e eloquentes brados em favor da conservação dos nossos monumentos. Já então o desleixo dos governantes e o camartelo dos demolidores sacrificavam algumas das mais ricas joias da nossa architectura. Essa voz possante que primeiro se fez ouvir foi a de Alexandre Herculano.

Era um facto deploravel, mas vulgarissimo, o ver-se a sem-cerimonia com que entre nós se decidiam as questões mais importantes relativas á conservação das obras de arte. Julgava-se de architectura como de uma especie de medicina caseira, em que todos se teem por conhecedores das melhores receitas, do mais efficaz e ignorado elixir. Commettia-se impunemente um crime de lesa-nacionalidade deixando perecer á mingua dos precisos reparos essas memorias, que a piedade, o valor e o patriotismo dos nossos maiores nos legaram. E quando o crime não era de desleixo, era muitas vezes peior, de barbaridade architectonica.

A voz de Herculano foi escutada. A uns fortificou a propria crença; a outros, duvidosos, convenceu; e até os que pareciam

desdenha-la, esses mesmos se calaram. O desmaselo e a vertigem demolidora afrouxaram; e se a reacção não poude chegar a restabelecer o equilibrio, alguns passos se deram no bom caminho. Reconheceu-se a necessidade de estabelecer uma commissão central em Lisboa, cuja missão fosse a conservação dos monumentos nacionaes, e creando-se outras filiaes suas nas capitaes de provincia ou n'aquellas terras onde a sua existencia fosse mais vivamente requerida. Um dos primeiros trabalhos d'essa commissão seria a classificação geral dos monumentos, por ordem de suas categorias, acompanhada das informações sobre o merito historico e artistico de cada um. A' medida que este ou aquelle monumento merecesse ser inscripto na lista duas vezes auctorisada da commissão, já por seu caracter official, já e sobre tudo pelo penhor dos seus conhecimentos technicos, cresceria o interesse e respeito pela conservação de taes obras. Assim se chamariam a um centro acontecimentos dispersos, assim se reuniriam muitas luzes em um fóco commum, augmentando de brilho e de intensidade, espalhando-se em direcção mais util, e creando de seus reflexos outras luzes novas de proveito para a arte e para a historia nacional.

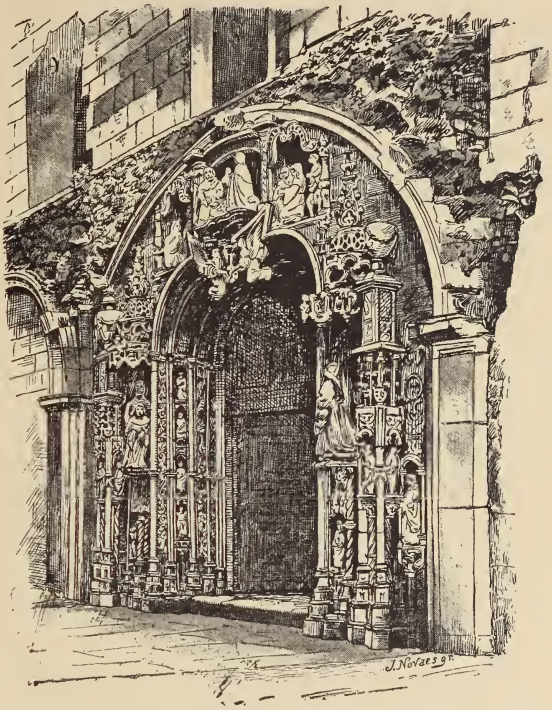
Mas nada d'isto se fez então; e só em 1880 é que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes lançou as bases de uma inventariação systematica dos monumentos nacionaes, sem que a sua louvavel diligencia fosse seguida de resultados praticos.

Dez annos depois, o Ministerio da Instrucção Publica consultava sobre a questão uma commissão de artistas, de archeologos e de escriptores. Da resposta d'essa commissão foi relator o Sr. Ramalho Ortigão, que depois desenvolveu as suas idéas num dos seus mais bellos livros — *O Culto da Arte em Portugal.*

Constituida a Commissão dos Monumentos Nacionaes, o proprio Sr. Ramalho Ortigão, que lhe dedicou aquelle trabalho, diz não ter ella inteiramente, pelos seus meios de acção e pelos seus fins, as condições de consistencia technica, de auctoridade e de expediente, indispensaveis ao cumprimento exacto do dever que lhe foi incumbido. «Ao Governo — diz o illustre escriptor — compete prefaze-la e fortifica-la com a regulamentação e auctoridade de que ella carece, ou dissolvê-la.»

É pelo culto da arte, invocado nas paginas d'esse formosissimo livro, que a religião da nacionalidade se exteriorisa e se exerce. Ao seculo XIX coube patentear o estudo mais dedicado e o conhecimento mais perfeito da arte antiga. A sciencia archeologica e a critica d'arte nunca em nenhum outro periodo da civilisação chegaram á eminencia attingida pelos investigadores contemporaneos. E' tambem em sua maneira um colossal monumento, dos mais gloriosos para a intelligencia, o que erigiu a erudição do nosso tempo, constituindo scientificamente a archeologia, definindo seu methodo, fixando os seus limites, especialisando o trabalho dos seus contribuintes, distinguindo da archeologia litteraria a archeologia da arte, ramificando para um lado a paleographia, a epigraphia, a ecdotica, a museographia e a propedeutica; para outro as bellas artes, as artes industriaes, a numismatica, e ainda como desdobramento d'estes estudos a iconographia, a mitologia figurada e a symbologia, particularisando emfim estas investigações a cada povo e a cada epoca da humanidade, creando d'esse modo a prehistoria, a egyptologia, a syriologia, que tão amplo clarão teem derramado sobre os problemas da origem do homem, da distribuição das raças, da formação das linguas. Fixaram-se pelas escavações de Troia, de Mycenes, de Chypre, de Santorim e de Rhodes as origens orientaes e pelasgicas da arte grega. Corrigiu-se na historia da ceramica a confusão existente entre os vasos pintados gregos e etruscos. Refez-se completamente sobre novos elementos e por um criterio novo a historia da olaria, a da toreutica, a da glyptica, a da esculptura em barro, a dos bronzes, a das joias, a da tapeçaria, a da illuminura. Desvendou-se o conhecimento da tachigraphia hieratica e dos alphabetos hieroglyphicos, ideographicos e pho-

neticos, que precederam o alphabeto grego e o latino. Creou-se a critica scientifica dos textos. Colligiram se e classificaram-se as inscripções gregas e romanas disseminadas pela Europa, e definiu-se o methodo de as datar. Leram-se os carcomidos graffitos de Pompeia, os papyrus carbonisados de Herculanum, as cartas lapidares da Edade Média e os palimpsestos de Plauto, de Cicero, de Marco Aurelio, de Tito Livio, de Euripedes e dos scribas carolingeanos. Interpretaram-se os documentos de procedencia egypcia, copta ou phenicia sepultados nos jazigos das mumias. E os mysteriosos caracteres hieroglyphicos e cuneiformes das inscripções egypcias, caldeas, assyrias e persas foram simplesmente trasladados a vulgar. Determinou se a edade dos manuscriptos, pelo systema das abreviaturas e da pontuação e pela evolução da letra desde a oncial da *Iliada* no palimpsesto greco syriaco do Museo Britannico até a minuscula italiana egual á dos primeiros caracteres da imprensa. Inspeccionaram-se e inquiriram-se as primitivas habitações do homem, as suas primeiras fortificações, os seus mais antigos sepulcros, — a caverna, a cidade lacustre, os castros e os dolmens. Na architectura principiou-se a estudar por novos meios de critica as causas de seus progressos e da sua decadencia, prendendo assim pelos mais estreitos vinculos ao destino da arte o destino do homem. Por tal modo se transfigurou completamente desde o seu alicerce até o seu remate o vasto edificio da Historia, segundo a resumida formula dada por Champolion Figeac: que todos os monumentos, ainda os mais communs e os mais grosseiros, conteem factos cujo conjuncto é como a estatistica moral das sociedades extinctas.



87 — Porta principal da egreja dos Jeronymos, em Belem

D'esse novo criterio resultou a attenção especial com que todos os povos cultos principiaram a considerar a obra material do passado; e assim nasceu, com uma nova palavra a nova maneira de *restaurar* os edificios publicos.

Em mais de um documento da Edade Media se encontram provas de que os antigos poderes não abandonavam, tão completamente como hoje se poderia suppor, ao aca-

so de qualquer iniciativa, sem beneplacito do estado, as edificações consagradas ao publico. No *Codigo de las partidas,* lei 6.ª, titulo X, dizia Affonso o Sabio, naquella saborosa lingua de que mais tarde se desdobrou o portuguez e o castelhano: «Por biena venturado se debe tener todo home que pueda facer eglesia, do se ha de consagrar tan noble cosa e tan sancta como el corpo de Nuestro Senor Jesucristo, e como quier que todo home ó mujer la poede facer a servicio de Dios, pero con mandamiento del obispo, como es dicho en la ley segunda deste titulo, con todo eso debe catar dos cosas el que la ficiere, que la faga complida et apuesta; et esto tam bien en la labor como en los libros et en las vestimientas...»

Affonso V escreve de Almada, em 1467, aos juizes, vereadores procuradores e homens bons da cidade de Evora para que se permitta a Soeiro Mendes levar duas pedras que estavam nos açougues, e eram do antigo templo romano, para antipeitos das janellas de uma casa, que a esse tempo edificava. «E porque as ditas pedras aproveitam pouco honde estam e as ditas casas foram muito, e ainda é nobresa as cidades haverem em ellas boas casas taes como as do dito Soeiro Mendes, e seu fundamento he as faser para nós em ellas haveremos de pousar. Nós vos rogamos e encomendamos que vos prasa lh'as quererdes dar, e Rodrigo Esteves mestre das nossas obras em essa cidade terá cuidado de as tirar donde estam, etc.» Estas linhas são um traço caracteristico da policia do tempo. D'ellas se deduz que era preciso no seculo XV requestar a intervenção regia para bolir em duas pedras de um velho monumento, operação que hoje se realisa com menos formalidades, e até, como é sabido, sem formalidade alguma. Era porem entendido como doutrina corrente não desdizer da nobreza de uma cidade que cantarias de stylo romano se transpozessem do edificio a que pertenciam para edificio de stylo completamente diverso. Aquillo que modernamente se entende pelo neologismo *restaurar* é operação desconhecida dos antigos. A obra architectonica seguia sempre invariavelmente quer em novas edificações, quer em reparação de antigas, o systema e o stylo da epocha em que era feita. Sem falarmos do Egypto, da Grecia, de Roma, onde as reconstrucções se emprehendiam, sem menor sentimento de respeito pela tradição, em vista de celebrar uma gloria coeva com os mesmos materiaes que haviam servido á glorificação de feitos anteriores, como no arco de Constantino feito com as pedras do arco de Trajano, vemos em toda a Europa, e mais particularmente em Hespanha e em Portugal, edificios em cujos stylos sobrepostos perfeitamente se espelha o independentismo das influencias diversas atravez das successivas phases da construcção por differentes vezes interrompida. Uns nascem genuinamente bysantinos e desenvolvem-se romanicos; outros começam romanicos e concluem gothicos; outros, gothicos de nascença, acabam no classicismo greco-romano do Renascimento; e é frequente nas nossas egrejas entrarmos por um portal do seculo XVI para nos defrontarmos com uma capella mór no stylo barroco de D. João V, de D. José ou de D. Maria I. D'esses casos de polyarchitectonismo, encontramos exemplos em Toledo, em Burgos, nos Jeronymos, na Batalha.

A questão puramente administrativa de dar aos monumentos nacionaes de cada povo a protecção que se lhes deve, quando menos por simples solidariedade intellectual na civilisação do nosso tempo, é questão perfeitamente elucidada e rigorosamente definida. Vejamos agora, no precioso livro do Sr. Ramalho Ortigão, qual é em Portugal, perante as responsabilidades da administração, o reflexo d'estas idéas.

Levaria muito tempo, e seria excessivamente triste enumerar todos os attentados de que teem sido e continuam a ser objecto, perante a mais desastrosa indifferença dos poderes constituidos os monumentos architectonicos da nação, os quaes assignalam e commemoram os mais grandes feitos da nossa raça, sendo assim, por duplo titulo, já como documento historico, já como documento artistico, quanto ha sobre a terra em que nasce-

mos, mais delicado e precioso para a honra, para a dignidade, para a gloria da nossa patria.

Dos nossos desacatos de lesa-magestade nacional, uns teem caracter anonymo, outros affectam directamente a cumplicidade official. Os primeiros são uma consequencia de desdem, os segundos são um resultado de incapacidade. A auctoridade, incerta, vagamente definida, a quem tem sido confiada a conservação e a guarda da nossa architectura monumental, procede com esse enfermo, de quem se incumbiu de ser o enfermeiro, por dois methodos differentes: umas vezes deixa-o morrer, outras vezes, para que elle mesmo não tome essa resolução lamentavel, assassina-o. Na primeira hypothese, a calamidade correlativa chama-se — *abandonar*. Na segunda hypothese, a catastrophe correspondente chama-se — *restaurar*.

Em Lisboa repudia se a soberba Egreja de Santa Engracia, o mais bello dos nossos monumentos do seculo XVII. O interior do templo é de uma magnificencia magestosa. A riqueza dos marmores sómente se pode comparar á de Mafra. A mão d'obra é de uma perfeição magistral a ponto de parecer indestructivel. Aproveitada para pantheon nacional, esta egreja seria um dos mais imponentes edificios da Europa. Falta unicamente á sua conclusão a cupula do tecto e o lageamento do chão. Taparam-lhe o arco da entrada a pedra e cal, não tem cobertura, e está servindo de armazem de arrecadação do inutilisado material de guerra do Arsenal do Exercito.

A inoffensiva capellinha das Albertas, bem interessante pela ornamentação tão portugueza nos seus embrechados, acabou de desapparecer, como o Convento da Esperança, sem se saber porquê, nem para quê.

A restauração, que recentemente padeceu a Egreja de S. Vicente de Fóra, tão particularmante notavel pelos bellos mosaicos portuguezes que a exornam, caracterisa-se bem no mau gosto da pintura com que se maculou a nobreza d'aquelle templo.

Os attentados de restauro de que ainda nos tempos modernos tem sido objecto a Sé de Lisboa são tão lastimosos quanto innumeraveis.

Finalmente, ao lado da Torre de Belem, o mais peregrino entre os mais bellos monumentos da nossa architectura, estabelece-se o gazometro da Companhia do Gaz! A esbelta silhueta rendilhada do mais suggestivo padrão da nossa gloria militar e maritima, já não emerge da areia loura do Restello, em deslumbradora apotheose, na vasta luminosidade do ceu e da agua, destacando-se das collinas de Monsanto, como a alvura de uma hostia em elevação se destaca do fundo de um retabulo esmeraldado, em altar de ouro fulvo sob uma abobada azul. Sacrosanta pela sua expressão moral, como a immaculada estalactite, formada á beira do mar pela concreção mysteriosa de todas as lagrimas, de saudade, de ternura, de consternação e de enthusiasmo, choradas por um povo de embarcadiços; sacrosanta na sua forma artistica, como aquelle dos monumento de Portugal, em que o genio lusitano da Renascença, mais expressivamente se revela como dominador da India, a Torre de Belem emparceira-se com a vil chaminé que sacrilegamente cuspinha e enodôa com salivadas de um fumo espesso, gorduroso e indelevel, a incomparavel joia d'esse marmore, que o sol portuguez carinhosamente sobredourara pelos afagos de tres seculos, tão subtilmente cinzelada pelos artistas manuelinos e, por cima do qual todavia ainda algumas vezes, em dias de gala, se desfralda e tremula o pavilhão das quinas, mascarrado de carvão! Ministerios de todos os diversos partidos politicos se revezam consecutivamente no poder, sem que nenhum d'elles pareça attentar em um tal desdouro.

Se do exame da architectura dos nossos monumentos, passamos ao exame das artes decorativas, da pintura e da esculptura amovivel, é mais lastimoso ainda o espectaculo da nossa incuria.

Das galerias particulares de pintura que o Conde de Raczynski ainda encontrou em Portugal, no anno de 1845, quasi tudo se sumiu.

Demoliram-se, desappareceram, ou foram transformadas pela mudança de dono, pela mudança de destino, pela transformação mais radicnl da vida interior que as animava, quasi todas as casas que aínda em 1840 eram o typo das habitações nobres em Lisboa, e que o Sr. Ramalho Ortigão cita: o Palacio da Marqueza de Niza, a Xabregas, fundado no seculo XV pela Rainha D. Leonor; o Palacio chamado dos Patriarchas, o de Pessanha e o do Conde de S. Miguel, á Junqueira; o do Marquez de Pombal ás Janellas Verdes; o do Conde de Carvalhal na Rocha do Conde d'Obidos, famoso outr'ora pela collecção das suas mobilias; á Cotovia o do Conde de Ceia e o do Conde de Povolide; no Calhariz os de Braancamp, do Duque de Palmella e do Marquez de Olhão; o do Marquez de Castello Melhor e o do Conde de Lumiares, no antigo Passeio Publico; na collina do Castello o do Marquez de Ponte de Lima, o do Marquez de Alegrete, o do Marquez de Tancos; no Campo de Santa Clara o do Visconde de Barbacena, o do Conde de Resende, o do Marquez de Lavradio, e um pouco mais para leste o do Conde da Taipa; o do Visconde da Bandeira, a S. Domingos; e finalmente o do Marquez de Borba, o do Conde de Almada, e o do Morgado de Assentis, cujo theatro era o mais sumptuoso entre todos os numerosos theatrinhos particulares que havia em Lisboa no principio do outro seculo, como o do Barão de Quintella, o do Visconde de Anadia, o do Conde de Almada, e o do Conde de Sampaio.

86 — Amolador ambulante

A maior parte d'essas casas eram ainda, pelo seu antigo recheio, apesar dos estragos do terramoto, apesar da rapina da invasão franceza, verdadeiros sanctuarios d'arte. Mobilavam-nas as mais ricas peças das industrias do Oriente que existiam na Europa, escriptorios, papelleiras e bahus monumentaes de charão, bufetes e contadores feitos na India ou fabricados em Lisboa por marceneiros aqui educados, no tempo de D. Manoel por artistas indianos. Os serviços de mesa e os vasos decorativos eram das mais preciosas porcellanas da China e do Japão. A collecção das colchas e dos pannos de armar, com que no dia da procissão de Corpus-Christi se revestiam inteiramente as fachadas de todos os predios da Baixa, eram de brocado, de damasco, de setim e de veludo constellados a matiz e oiro nos mais deslumbrantes desenhos persas.

Os bragaes de linho da Hollanda, de Flandres e do Reino, arrecadavam-se nas sumptuosas caixas encouradas, que foram no seculo XVI uma das industrias famosas de Lisboa. Nas gavetinhas dos contadores e nos escaninhos dos armarios e das arcas estavam as joias, as rendas, os aljofares, os entretalhos, os firmaes, as chaparias, os oiros de martello, e as obras mais diminutas e subtis das antigas bordadoras e colchoeiras de Lisboa,—restos de coifas, de face e gravis, redes, cadenetas, desfiados.

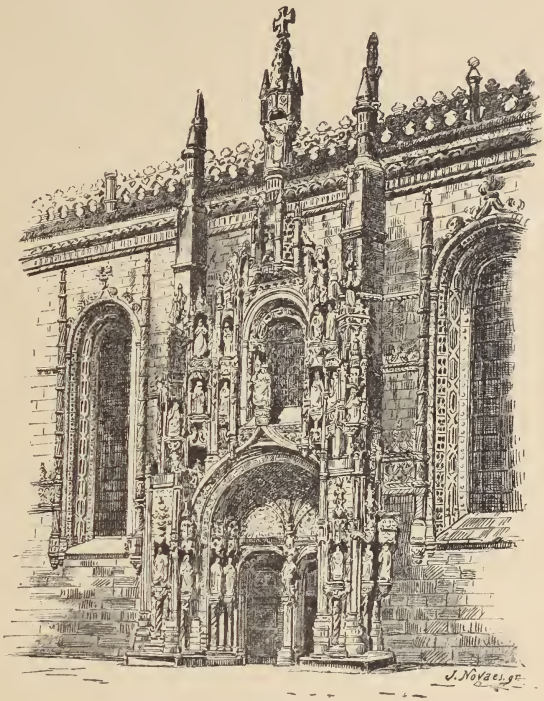
As baixellas brazonadas, de oiro e prata, levantadas em bastiões e em silvados, a martello, ou cinzeladas por emulos de Benvenuto Celini, transbordantes de ornato, em encaixes de arabescos e de laçarias, eram um luxo commum a todas as familias nobres, e refulgiam pelas grandes festas do anno em todas as casas de jantar.

O mogno francez do Imperio, com as suas applicações de bronze, representando fachos, pyras ardentes, lyras e tropheus de guerra, invadira com as modas da revolução liberal muitas casas lisboetas, sem todavia desthronar inteiramente o precioso mobiliario

da Renascença, em cedro, em pau rosa, em sandalo, em nogueira, em carvalho ou em ebano, ao gosto mudegar ou ao gosto florentino, embutido de marfim, de madreperola, de prata, de esmaltes limosinos ou aragonezes. Abundavam as cadeiras e os catles de couro lavrado ou de guadamecim, cravejado no carvalho ou no pau santo com pregos cinzelados de cobre ou de prata; e nas poltronas, nas commodas, nas meias commodas, nos escaparates, nas cadeirinhas, nas molduras dos espelhos e das sobreportas predominavam as formas curvilineas da influencia de Luiz XIV e de Luiz XV na epoca de D. João V e de D. Maria I.

Na talha dos oratorios encontram-se alguns d'esses baixos relevos em madeira, polychromicos, em escala mui clara, tão caracteristicos da nossa esculptura em madeira do seculo XVII, bem accentuadamente revelada nas obras de Bouro, de Tibães, de S. Gonçalo de Aveiro, e da Sé Nova de Coimbra.

O presepio era um appendice por assim dizer obrigatorio; sempre que não occupava um compartimento especial da casa, o presepio concentrava-se na sua machineta em forma de urna, semelhante ás que se destinavam a conter uma cella de Santo Antonio ou uma arribanasinha de Menino Jesus.



87 — Porta lateral da Egreja dos Jeronymos, em Belem

Todas as familias historicas tinham a sua mais ou menos consideravel galeria de pintura: paineis de devoção, retratos de antepassados, e um ou outro quadro de genero ou de paizagem, em tela ou em cobre, attribuidos a Breughel, a Rosa di Tivoli, a Tenniers ou a Rubens, obras em geral apocryphas e mediocres. Grassavam, com tenacidade talvez excessiva, as Josephas d'Obidos e os Morgados de Setubal, mas entre os retratos do seculo passado, encontravam-se alguns preciosos, como os de Pelegrini em casa dos Viscondes de Anadia, como os pintados por Madame Guiard, por Gérard, e por Therbouché, em casa do Visconde de Sobral. Entre os quadros de devoção destacavam-se frequentes obras primas nacionaes, do seculo XVI, referidas á vida da Virgem Maria, á lenda de Santa Ursula, aos agiologios de alguns santos portuguezes, como Verissimo, Maxima e Julia.

Nos sotões d'essas antigas casas havia accumulações seculares de moveis inutilisa-

dos, de miudezas rejeitadas e esquecidas, com as quaes se sepultariam documentos inapreciaveis para a historia da nossa influencia na evolução europeia das artes sumptuarias: cadeiras aluidas e canapés desconjuntados, desusados manicordios, velhos cravos de charão, abandonadas espinetas, em cujo teclado amarellecido se teriam dedilhado as primeiras composições de Palestrina e de Cimarosa; antigos arreios de tiro e de sella, braseiras, perfumadores, lanternas e candieiros de cobre, velhos palmitos contrafeitos de conchas e de pennas, montões de manuscriptos, montões de gravuras, dentes de elephantes, ferrugentas clavinas de pederneira; e, entre feixes de cacetes e de chibatas de marmelleiro, talvez, desarticulado e roto, algum d'esses chapeus de sol, que nós fomos os primeiros que fabricámos e que introduzimos na Europa, ou algum d'esses primitivos leques, em quarto de circulo, que os companheiros de Fernão Mendes Pinto trouxeram da China, com os primeiros apparelhos de chá, com os primeiros vasos de porcelana, com as primeiras caixas de sinaes e pastilhas, doando a Roma e a Florença, a Paris e a Londres todos os principaes attributos e os themas fundamentaes de toda a arte da casa e de toda a elegancia feminina da civilisação moderna.

E tudo isso desappareceu, ou se está evolando, com o successivo desmanchar de todas as velhas casas, num saudoso e doce perfume de camphora, de mofo, de alfazema e de bejoim, errante no ar dos casarões despejados.

Estão nas bibliothecas extrangeiras, em França e na Inglaterra, as mais preciosas illuminuras dos nossos codices e das nossas arvores genealogicas. Das encantadoras figurinhas dos presepios de Faustino José Rodrigues, de Antonio Ferreira, de Machado de Castro, já não ha intacta senão a collecção da Sé. Destroçaram-se as da Madre de Deus, do Coração de Jesus e do Marquez de Borba em Santa Martha. O que ainda persiste da obra tão curiosa e tão caracteristica dos barristas de Alcobaça está ao desamparo no abandono d'aquelle incomparavel monumento.

Lanças, espadas, adagas, elmos de todas as formas—almafres, capellinas, bacinetes, barbudas e morriões—couraças, escarcellas, grevas, manoplas, escudos e rodelas, todas as peças, emfim, da armadura dos nossos heroes da Africa e da India, desappareceram com as balças, as sinas, os estandartes e as bandeiras das suas hostes.

D'esta desorganisação geral de toda a policia da arte—conclue o Sr. Ramalho Ortigão—resulta mais ou menos lentamente a quebra da tradição esthetica nacional, que é a seiva de toda a producção artistica.

A architectura gothica, degenerando da pureza que attingiu, e de que é formoso typo a Egreja da Batalha, foi buscar ornamentos, para mais se ataviar, ao estylo arabe e á arte classica, que produzira as maravilhas da antiga Grecia. Esta alliança de estylos tão oppostos constitue a transição da architectura gothica para a do Renascimento. Foi uma revolução na arte, determinada pela revolução social, que pôz termo á barbaria da Edade Media, abrindo de par em par as portas aos progressos da moderna civilisação, iniciada no seculo XIV pelos sabios e pelos artistas fugidos de Constantinopla ao desmoronar do imperio do Oriente, e desenvolvida e firmada em bases solidas, no seculo XV pelo arrojado commettimento de Vasco da Gama.

Sendo as artes, e sobretudo a architectura, como espelhos em que se retratam fielmente as idéas do homem, as suas crenças, necessidades, aspirações, emfim o viver da sociedade, estamparam-se, por conseguinte, nos monumentos os effeitos moraes d'essa grande revolução social. O embate dos velhos principios com os que iam constituir a nova sociedade; a lucta porfiosa dos interesses creados e dos costumes arraigados com os que de novo se levantavam, produziram a instabilidade nas instituições, a incerteza e a duvida nos espiritos, e a desordem nas idéas e nos costumes.

A architectura, que está em tão intimas relações com a humanidade, seguindo passo a passo todos os seus progressos, identificando-se com as suas ideas, procurando satisfazer as suas necessidades, elevando-se e exaltando-se com as suas prosperidades e triumphos, e abatendo-se com os seus infortunios, não podia deixar de apresentar em si a perfeita imagem d'aquella anarchia moral.

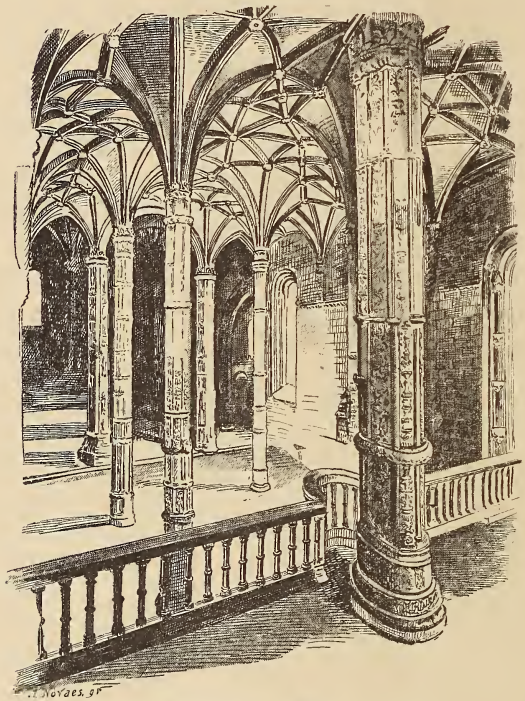
Pois d'esta anarchia artistica, que tanto nos enleva pela elegancia das formas, e pela variedade, profusão e delicadeza da ornamentação, é o Mosteiro de Nossa Senhora de Belem um dos mais bellos e sumptuosos specimens que se conhecem, e o ultimo que se construiu na Europa.

Em qualquer paiz o Mosteiro de Belem seria um monumento artistico de muito apreço. Mas para nós, os portuguezes, ainda é mais alta a sua significação como gloriosissimo padrão da historia patria.

Essas arcadas grandiosas, essas abobadas de laçarias tão floreadas, essas columnas tão elegantes, de tão variados feitios, que se cançam debalde os olhos em procurar duas iguaes, essas rendas tão delicadas, esses lavores de tão opulenta e phantasiosa invenção de que está recamada toda a cantaria; emfim esses variadissimos emblemas, que avultam por todo o claustro, resaltando da pedra por entre as folhagens, arabescos e mil outros graciosos relevos, falam-nos de Vasco daGama, e de Pedro Alvares Cabral, descobrindo a India e o Brasil, de João da Nova, fazendo a descoberta da Ilha de Santa Helena, Pereira a de Socotorá, D. Lourenço d'Almeida a de Ceylão, e depois a das Maldivas, Tristão da Cunha o das Ilhas a que deu o seu nome, e a da Ascenção, Ruiz Pereira Coutinho a de Madagascar, Abreu as Molucas; falam-nos de Fernando de Magalhães, fazendo a primeira viagem em volta do mundo, de D. Francisco de Almeida, Affonso d'Albuquerque, Duarte Pacheco, D. João de Castro, e muitos outros heroes, que levando as quinas de Portugal ás mais remotas regiões do globo, plantaram na Asia, na Africa e na America a par da cruz de Christo, a arvore sagrada da civilisação europeia, lançando ao mesmo tempo os fundamentos do vastissimo e poderoso imperio, que teve Lisboa por capital. Recorda-nos essa fabrica magnifica honrosas providencias governativas, pois que emquanto cresciam as suas paredes mandava El-Rei D. Manuel reunir e resumir as leis em um codigo, commettendo esse trabalho a famosos jurisconsultos; encarregava Fernando de Pina da reforma dos foraes antigos do reino, e Duarte Galvão e Ruy de Pina de escreverem as chronicas dos reis seus antecessores; fazia investigar nos archivos, os edificios, e nos sepulchros os brazões da nobreza, afim de serem copiados e illuminados em um livro, em outro as armas das cidades e villas; instituia a confraria da Misericordia, a instituição mais religiosa e philosophicamente caritativa, que os homens até hoje teem creado; fundava e reformava hospitaes, construia edificios grandiosos, muitos d'elles monumentos de arte, como a Torre de S. Vicente de Belem, os templos da Misericordia, em Lisboa, do Convento de Christo, em Thomar, do Mosteiro da Pena, em Cintra; edificava os magnificos Paços da Ribeira, e muitos edificios publicos importantes, que formam um extenso catalogo.

Emquanto o lapis do architecto, e o escopro dos esculptores poetisavsm, delineando no papel e esculpindo na pedra os emblemas de tantas emprezas gloriosas, Duarte Galvão, Fernam e Ruy de Pina, André de Resende, Castanheda, Damião de Goes, Barros e Couto, pegavam na penna de historiadores e seguindo differentes veredas, eternisavam seus nomes, eternisando as glorias de Portugal; Bernardim Ribeiro, o poeta apaixonado cantando amores e saudades, fazendo sentir os encantos da sua lyra melancholica, assignalava o começo de um periodo brilhante da litteratura nacional, e abria as portas a dois legisladores do Parnaso lusitano, Sá de Miranda e Antonio Ferreira; Gil Vicente creava e fazia popular o theatro portuguez, divertindo com a sua graça original principes, nobres e plebeus, ao mesmo tempo que os instruia e lhes corrigia os vicios; Gar-

cia de Resende colligia as trovas populares, e legava á posteridade o seu inestimavel cancioneiro; um homem desconhecido e pobre, um aventureiro, que empunhou a espada e a lyra, e que luctando contra a adversidade e contra a inveja, zombou de ambas pelo condão do genio e da coragem, elevava-se acima de todas as illustrações do seu tempo, e tomando logar ao lado dos grandes epicos da antiguidade, com o nome glorioso de Camões, fazia admirados e populares entre todos os povos civilisados as proezas dos filhos de Portugal; immortalisavam-se muitos homens no fôro e no pulpito; polia se a linguagem e adoçavam-se os costumes; o Grão Vasco, Antonio e Francisco de Hollanda e Capello fundavam a escola portugueza de pintura: Matheus Fernandes illustrava a architectura, traçando um poema nos dois esbeltos portaes das capellas imperfeitas da Batalha; Diogo de Carta ou Carça, Pedro de Frias, Diogo Pires, Rua e Pedro Faca elevavam á maior perfeição a esculptura em madeira e pedra; Jeronymo Luiz lançava os fundamentos á escola de gravura; André de Escovar, João Rodrigues e Mathias de Arando escreviam e ensinavam artes de musica; e João Gallego construia o famoso galeão *S. João Baptista*, o celebrado *Botafogo*, com o seu talhamar de fino aço, o maior navio de guerra que até esse tempo se tinha visto na Europa. Finalmente, emquanto se erguia o monumento de Belem opulento de arte, o amor da patria e da religião incitava os portuguezes a praticarem nobilissimas acções, refulgindo nas navegações arriscadas, nos campos da batalha, nos tribunaes de justiça, na cadeira evangelica e no gabinete do litterato.



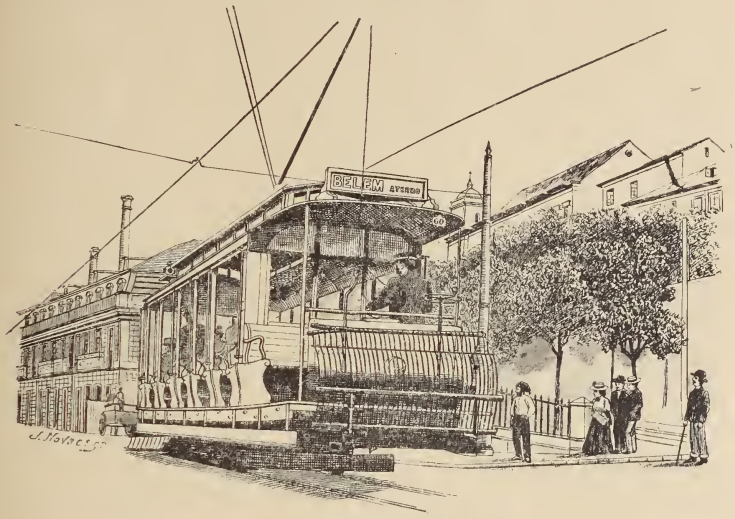
88 — Interior da Egreja dos Jeronymos, vista tirada do côro

Taes são as recordações que se ligam ao monumento manuelino, precioso livro de pedra, repleto das mais peregrinas memorias, que podem dar nome illustre a um povo.

O Mosteiro de Belem, outr'ora dos frades de S. Jeronymo, é hoje occupado, desde a supressão das ordens religiosas, pelos alumnos da Real Casa Pia, servindo a egreja com a invocação de Nossa Senhora de Belem, de freguezia d'aquelle bairro. Descreveremos o edificio, começando pela historia da sua fundação, e depois daremos noticia

d'aquella instituição, creada pela piedosa Rainha D. Maria I, e exaltada pelos maternaes desvelos de sua augusta bisneta.

Seguindo Tejo abaixo pela direita, a uma legua a par da antiga Lisboa existia um logar chamado o Rastello, fronteiro ao ancoradouro mais seguro que primeiro encontravam os navios que entravam a barra, e egualmente o mais proximo d'esta, que se offerecia aos que se preparavam a seguir viagem: porquanto no visinho pontal d'areia, quasi defronte da Trafaria, findava, como ainda hoje, a porção do rio funda e entalada



89 — Um carro electrico

entre montes, que fornece tão bello abrigo. Dahi para fóra, até á propria enseada de Cascaes, os bancos, cachopos, desabrigos, e mares de vagalhão, tanto da proximidade da terra, deixam ainda agora cautelosos os que ás unhas da ancora confiaram a sorte do navio, que muitas vezes garra, e ao minimo descuido se expõe ao perigo. Ora, havendo no referido logar tão bom ancoradouro, não deixariam de se estender ao seu aproveitamento os desvelos do Principe navegador. Vendo o Infante D. Henrique quanta utilidade resultaria da fundação de uma ermida naquella praia, que offertasse aos mareantes promptos soccorros espirituaes, resolveu executa-la, doando-a á Ordem de Christo, de que era Mestre e administrador, e estabelecendo que da mesma Ordem ahi fossem pôr em pratica as suas caritativas intenções. Depois a houve a corôa, que fez d'ella doação aos frades de S. Jeronymo.

El-Rei D. Manuel, considerando ampliar o culto divino, e vendo como o assento e sito de Santa Maria de Belem, — assim por ser na praia e perto da cidade como porque ao logar vinham aportar e ancorar muitas naus, navios e gente, assim de estrangeiros como de naturaes, — era apto para nelle se fazer um mosteiro e casa honesta, em que podessem estar alguns religiosos que devotamente ministrassam e fizessem o officio e culto divino e agasalhassem «os pobres estrangeiros» confessando-os e dando-lhes os outros sacramentos, resolveu de haver a si aquella ermida e assento de Belem, dando por escambo á Ordem de Christo uma casa maior, que fôra synagoga dos ju-

deus, situada onde tinha sido noutro tempo a Judiaria grande, no logar onde hoje está a Conceição Velha, egreja que se edificou logo depois. Diz o Rei fundador que os rendimentos d'esta ultima casa montavam em 50$000 réis, o que era mais do que a Ordem obtinha de Belem. E porventura pela recordação que trazia este nome da pequena terra da Palestina, assim chamada, natalicia do Filho de Deus, onde o mesmo S. Jeronymo vivêra e tivera o seu instituto; ou, como El-Rei declara, pela devoção que elle proprio tinha ao mesmo santo (cujo provincial, frades e ermitães viviam sob a regra de S. Agostinho no hospicio da Penha Longa, no sobpé meridional da serra de Cintra) houve por bem aos 22 de Dezembro de 1498 de fazer doação á Ordem de S. Jeronymo do referido logar de Belem com seu pomar cercado de muro e casas conjuntas, que estavam começadas a edificar, e bem assim d'uma morada que ficava proxima do chafariz visinho, declarando fazer a mencionada doação com todas as entradas, saidas, logradouros, aguas e pertenças com que eram possuidas pela Ordem de Christo. Tudo com intenção de ahi fundar um mosteiro d'aquella Ordem, cujos religiosos seriam obrigados para todo o sempre a uma missa diaria por alma do Infante D. Henrique, e assim pela de El-Rei e seus successores, com clausula expressa de que quando o sacerdote fosse ao *Lavabo* se voltasse para os fieis dizendo em voz alta: — «Rogai a Deus pela alma do Infante D. Henrique, primeiro fundador d'esta casa, e por a de El-Rei D. Manuel que a doou á nossa ordem.» Outro sim impoz a todos os religiosos o dizerem para sempre no fim de matinas e completas a oração «*Deus qui de Beatæ Mariæ Virginis utero,* etc.» commemorando expressamente o doador ao Archanjo S. Miguel e ao Doutor maximo S. Jeronymo.

Tudo isto acceite pelos religiosos da ordem, foi-lhes dada a posse dentro da capella do mosteiro, começado aos 21 de Abril de 1500; e entre varias doações feitas ao convento havia a cessão da vintena do dinheiro das partes da Mina, e das mercadorias e cousas que vinham da India. Assim achamos os alvarás de 12 de Novembro de 1511 mandando para as suas obras entregar a Lourenço Fernandes, cavalleiro da Casa Real, que naturalmente as inspeccionava, 50 quintaes de pimenta; de 16 de Dezembro do anno seguinte recommendando o pagamento da vintena que lhe pertencia cobrar na Casa da India; e de 9 de Maio de 1513 ordenando que para as ditas obras se dessem da mesma casa 500 quintaes da mencionada especiaria, que então obtinha em Flandres subido preço; e pelo que affirma um chronista da ordem, o castelhano Siguença, se vê que alguns annos excedia a mesma vintena a 80:000 cruzados, somma avultada, nos tempos em que a afluencia do ouro e prata da America na circulação não tinha ainda produzido quebra no valor d'estes metaes. Não obstante deixar o Rei fundador encommendado no seu testamento que não se fizesse cessar esta renda, emquanto o mosteiro se não concluisse de todo, e que antes pelo contrario se augmentasse sendo preciso, El-Rei D. João III, por alvará de 23 de Maio de 1529, fazia ao convento a esmola de 25 molhos de trigo, o que dá bem a entender que não possuia de sobejo, apesar de estar izento de pagar dizimos, conforme fôra concedido por bulla do Papa Leão X de 24 de Setembro de 1516.

Foi o edificio progredindo, e cada vez com maior perfeição na esculptura, pois no debuxo e mão d'obra vê-se no claustro maior primor do que no corpo da egreja. Não coube porém ao seu fundador o ter a satisfação de o ver findo: deixou o dormitorio apenas em começo com a recommendação de que se concluisse com o esmero correspondente. Egualmente incumbiu aos desvelos do seu successor a abobada do cruzeiro, cuja fabrica foi dada ao mestre João de Castilho, que era já o architecto de El-Rei D. Manuel, e devia naturalmente ter tido grande parte na direcção das obras, se é que não fôra d'ellas o principal engenheiro.

João de Castilho, sectario do Renascimento, e depois neophyto da restauração clas-

sica, foi em Portugal o architecto ambulante. Mandado por El-Rei D. Manuel a Alcobaça para arranjos do andar superior no claustro de D. Diniz, da sacristia e da casa para os livros, ahi se achava no anno de 1520; no de 1530 dirigia as obras na Batalha; no de 1540 em Mazagão; no de 1550 em Thomar, onde parece que falleceu em 1560. Foi homem que levou em decadas as principaes paragens da sua vida. Tambem esteve em Coimbra, pois sem duvida de seu tempo e suas são as portas excrescentes de pedra d'Ançã da Sé Velha. Os bustos em medalhões, os arabescos ao divino, os nichos de concha, os balaustres, os vasos, as pilastras estriadas, a par de um arremedo das renascentes ordens dorica e corinthia, como tudo ahi se vê, não podem deixar de ser obra de Castilho, já meio convertido ás doutrinas de Vitruvio. O mesmo se diz do claustro do reedificado Mosteiro de Santa Cruz. Das suas obras em Belem adeante falaremos. Em 4 de Julho de 1528 foi nomeado para o logar de mestre das obras da Batalha, vago por morte de Matheus Fernandes, filho. Tratava-se de proseguir nos trabalhos das capellas imperfeitas destinadas ao jazigo de El-Rei D. Duarte, que fôra d'ellas principiador, e ao de seus successores D. Affonso V e D. João II, do Principe D. Affonso e de El-Rei D. Manuel, antes de se decidir por Belem, como se vê do proprio testamento d'este ultimo rei, combinado com a interpretação das divisas que nellas se acham.

São aqui oportunas algumas breves reflexões ácerca do estado em que se achava a architectura europea quando se começou Belem.

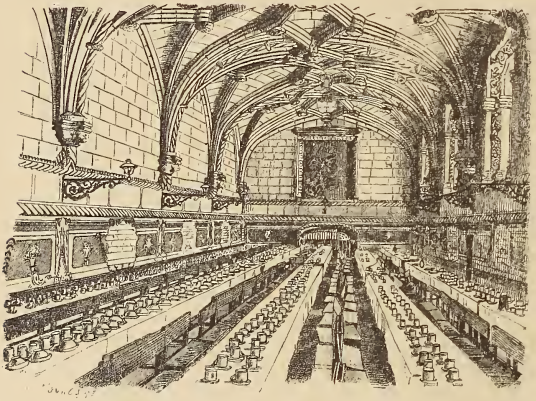
As ordens da Grecia e Roma, que nem tinham podido n'outras eras arrostar os ventos e gelos do norte, ficaram submergidas debaixo das ruinas causadas pelos barbaros, que trouxeram em seu maximo auxilio o christianismo, e com este as bases para o progresso da construcção dos edificios religiosos. O augmento das riquezas do clero e a fundação de muitas egrejas produziu uma architectura original, que pela cooperação dos membros da associação veiu com o andar dos tempos a apresentar varios estylos, cujas simplices feições depois denunciaram o tempo em que foi feita a obra.

Em todos os estylos da architectura da Edade Media predominam as formas perpendiculares, que entre a abundancia dos ornatos são religiosamente guardadas no complexo harmonico da concepção. Por fim, o perpendiculo afugentou a maior parte das decorações, e começou a enfastiar o ver continuadamente o prumo do alvenel deante dos olhos. Demais os mestres pedreiros, com o ciume de se verem frequentemente excedidos na invenção por genios inspirados antes de professos, começaram, para satisfação de muito amor proprio offendido, a pugnar pela necessidade de quasi reduzir a officio a nobre arte da architectura. A este tempo as artes do meio-dia, acoutadas em Bysantium, espalharam pela Europa a sua influencia solapada; e já então a architectura bysantina, como diz Hope, com Schlegel e os encyclopedistas, tinha invadido as proprias mesquitas mahometanas, e amoldára-se a novas formas. Por outra parte, a invenção da imprensa tabularia trouxe a vulgarisação dos classicos gregos e latinos: o gôsto pela litteratura classica fixou-se de todo. Aristoteles e Horacio, Homero e Virgilio, Xenofonte e Livio começaram a ser vulgares. Estavam os espiritos repassados da tendencia e inclinação ao que era da Grecia e Roma, quando a obra de Vitruvio começou a correr; e facil lhe foi angariar sectarios, visto não haver entre os mestres propugnadores que soubessem, nem que ousassem sair a campo. Pelo contrario, Mayano, Bruneleschi, Alberti e Bramanti constituiram, sem a minima opposição, a dictadura que decretou a restauração.

A Egreja veiu a tornar-se outra vez escrava da Grecia pagã e a metter se de novo sob o jugo de que se libertára. Mas a restauração classica não podia ser feita de jacto. Os enthusiasmos fogosos da sua novidade precisaram de sustentar na arena uma lucta contra os innumeros fustes bysantinos, que como amigos marchavam enfileirados, com turbão e trajes mouriscos, pelas Hespanhas. Ao lado d'aquelles combatiam sem forças,

e sem fé nem esperança, os representantes desfalecidos da architectura perpendicular.

Foi no meio d'esta lucta que se apresentaram uns poucos d'homens, os quaes depois de terem na Batalha pugnado ao lado dos ultimos, haviam entrado em muitas mesquitas de terras conquistadas e visto derrubar muitas synagogas de judeus, e até por fim devassado os pagodes cavernosos da India; e uns homens disseram e quizeram edificar uma egreja. O escopro e o cinzel trabalharam livremente, porque só depois de se decidir o combate é que deviam conhecer as regras e estatutos que lhes dariam os vencedores intolerantes. As pedras foram-se entrepondo, amontoando á vontade e d'ahi resultou que se uniram todas as fórmas. A asna, a ogiva, os arcos revirados e todos os de ponto subido, bem como os de volta composta, bicentricos, tricentricos e polycentricos, foram indifferentemente envolvidos com o sarapanel, o crescente e a ferradura; mas quasi cediam todos á preponderancia do enthusiasmo pela resurreição da volta inteira. Era tudo um chaos, tudo anarchia, tudo insubordinação e desobediencia aos principios seguidos antes, e ignorancia muitas vezes dos que se passavam a seguir, quando se fez Belem.



90 — Interior do refeitorio dos Jeronymos, hoje da Casa Pia

El-Rei D. Manuel, não satisfeito com deixar o seu nome escripto nos foraes que reformou de quasi todo o reino, e no seu Codigo legislativo, e nas muitas moedas que metteu em circulação, e nas numerosas cartas que assignou para enviar pelos archivos do orbe, escreveu em pedra as suas divisas em quasi todas as terras do reino, já nos pelourinhos de muitas villas que ia creando, já nas portas das egrejas que construia. As espheras armillares e as cruzes de Christo são os mais communs ornatos de toda essa architectura, pertencente em geral á epocha anarchica do Renascimento, mas constituindo em Portugal um estylo particular — o estylo manuelino. Estudem-se nos originaes as obras de Belem; Santa Cruz de Coimbra, que foi n'esse tempo toda reedificada de novo; a das capellas imperfeitas e arrendados da crasta real, e a portada da freguezia na Batalha; e em Thomar as do claustro antigo e casa do capitulo no Convento, e as da Egreja de S. João na villa; as das Egrejas principaes em Soure e Evora; e em Lisboa a fachada da Conceição Velha e a porta da Magdalena; o Convento da Pena em Cintra, o de S. Francisco em Evora e restos de construcções em Serpa, Tavira e outras terras. Só um tal estudo, feito depois de muita observação, nos poderá conduzir a estabelecer com firmeza os caracteres d'esse estylo manuelino, cujo typo é Belem.

Quasi toda a frontaria do Mosteiro de Belem voltada ao sul é de pedra calcarea rija (lioz) que se encontrava abundantemente nas cercanias da cidade, e até dentro de seu recinto, como em Alcantara, Pampulha e Rocha do Conde de Obidos. Apresenta ella essa «côr sombria dos seculos», essa fronte tostada na expressão do elegante Sousa, e de que Murphy com tanta razão exalta a belleza no Mosteiro da Batalha, no qual se

vê, como neste de Belem e Torre de S. Vicente, visinha e contemporanea, certo tisnado na côr tirante a vermelha, resultante da incrustação que toma a pedra, quando em contacto com o ar atmospherico.

De cinco partes distinctas se póde reputar constante esta frontaria meridional: a da

91 — Egreja do Coração de Jesus. Basilica da Estrella.

caixa da capella-mór, de architectura moderna; a do cruzeiro; a do lanço mais nobre, e melhor lavrado, correspondente ás naves e torre; a do vestibulo moderno ou excrescencia informe; a da extensa habitação sobre arcaria, sustentada a curtos espaços por botareus.

A parte exterior da capella-mór mostra bem o que ella será por dentro. A simplicidade classica acompanha as paredes exteriores, cuja união com as do cruzeiro nem ao menos se fez bem. Não ha um gigante, não ha sequer um ornato que faça ao menos este pedaço condizercom o edificio. Uma balaustrada simples, sustentada por meio de cachorros, guarnece exteriormente o telhado, sobre o qual, em correspondencia do presbyterio, ficam dois cupulins, aos quaes do interior se chega por escadas de caracol. Toda esta obra foi feita por Diogo de Torralva que em 1551, em que ella se acabou, era o architecto do Convento. Nesta epoca foram para ahi trasladados os ossos de El-Rei D. Manuel e da Rainha sua segunda esposa.

92 — Saloio vendedor de leite e queijos.

A caixa do cruzeiro, se bem que menos ornada, não desdiz do gosto da architectura. Superiormente, é cercada de uma cimalha caxorrada, e a meia altura partida por uma faxa de arabescos, que continúa para os lados. Por cima d'esta se fez modernamente um rasgamento circular tapado até meio, e nada em harmonia com o resto por falta de ornatos.

O exterior das naves e torre é o trecho da frontaria do edificio mais digno de admiração, e muito especialmente o que diz respeito ao nobre e magestoso portal, entre dois soberbos botaréus, cuja forma desapparece com os lavores e nichos, columnas e estatuas, de que são ornados. Apezar de a arte e o esmero de construcção nelle empregados lhe darem o primeiro logar, não póde ser a porta principal, que era de uso ficar opposta ao altar mór, e este altar em todas as egrejas antigas era situado ao nascente.

Dentro do espaço que comprehende um grande arco de volta inteira todo bem cinzelado e com bôas esculpturas de meio relevo, algumas das quaes parece serem embutidas, se abrem dois vãos de volta achatada, tendo entre si um pilar acompanhado de columna, cujo capitel serve de peanha á estatua que representa o Infante D. Henrique, em corpo inteiro, vestido de arnez, grevas, e de cotas d'armas. Aos lados, e no mesmo nivel, vêem-se em nichos os doze Apostolos, tambem de pedra e do mesmo tamanho. Por cima do remate da guarnição exterior do arco maior uma grande imagem da Senhora dos Reis, de invocação d'esta egreja, está á sombra de um magestoso baldaquim, guarnecendo superiormente uma fresta ou janella que fica sobre a porta, com seu pequeno nicho habitado em cada hombreira. Aos lados d'esta janella se vêem outras doze estatuas de santos, menores do que as de baixo, mas tambem como ellas em nichos coroados de baldaquins. Na cimeira, em egual correspondencia da balaustrada do telhado, o Archanjo S. Miguel.

Para os lados ha dois frestões ou janellas altissimas e com eguaes hombreiras de lavor entresachado, tendo a cada lado em meio relevo dois fustes, como de supporte, findando em agulha. Segue-se na parede, e depois no fim do botaréu, um retabulo ou caixilho alto e esguio que envolve duas frestas, das quaes a superior, pelo vão que não está tapado a pedra e cal, dá luz para o côro, e a inferior para a parte da egreja que fica por baixo do côro.

Vem depois a torre do relogio, que como está devia servir de base a um corucheu, com outros dois frestões, dos quaes o de baixo dá luz para uma capella, e o de cima para a casa do relogio. Os dois angulos da torre rematam em pinaculos, e por detraz d'elles fica a grinalda de pedraria que guarnece toda a extensão das naves, tendo espaçados nove acroterios. A posição da grinalda proxima ao cruzeiro é mais elevada, e tem em cima lizes, das chamadas «métas» por Fr. Luiz de Sousa, e que alguns inglezes denominaram «flores de Tudor». Nas faces d'esta base, voltadas aos quatro pontos cardeaes, se deixaram ventanas onde estão os sinos da egreja, dois dos quaes servem para dar as horas e quartos do relogio da torre.

Seguia-se o portico moderno com um vestibulo para se chegar á entrada principal da egreja. Esta obra seria talvez feita pelos annos de 1699, em que o templo soffreu muitos concertos.

Ao poente acaba todo o edificio no estreito e longo dormitório, construido sobre uma abobada de vinte e tantos arcos, cujos pés direitos eram reforçados por egual numero de gigantes ou botareus que se encostavam de uma e outra parte. Ao pé da egreja ficavam dois botaréus elevados, que deviam encobrir os degraus ou passadiço que por cima de uma especie d'arcobotante daria para o côro. Frequentes são estes modos de communicar nos edificios de epoca anterior, do que a Batalha póde dar exemplos. Aos dois grandes botaréus mencionados seguiam-se quatro menores; vinham d'ahi

outros dois grandes acompanhados de mais quatro menores, o que se repetia ainda duas vezes — e no fim terminava ao poente o dormitorio alto, sustentado por cinco d'elles maiores. Rematavam estes em pinaculos mais elevados; os dos menores consistiam apenas em certas pyramides, tendo por unico ornato uma nacella em espiral, com lavores de meias laranjas em relevo. Entre todas estas pyramides corria de ambas as bandas um peitoril de pedra em grilhage com a cruz de Christo, mostrando-se de quando em quando.

Nesta extensão se comprehendiam de cada lado 36 cellas, e nos espaços, entre cada dois botaréus dos grandes, havia janellas conventuaes, não do feitio mais moderno como as que hoje deitam para fóra, mas de aineis como tres que ainda se conservam do lado da cêrca; em cada um dos outros espaços havia uma janella pequena. Antigamente eram os arcos abertos e formavam uma arcada, destinada para abrigo dos que não tinham casas em terra. Julgou-se mais conveniente utilisar esse espaço, tapando os vãos dos arcos, e augmentando assim a casa de novos alojamentos. A belleza da architectura e as intenções do fundador foram sujeitas a mesquinha commodidade. Foi ahi que esteve a Alfandega depois do terremoto de 1755 até ser transferida para a Junqueira.

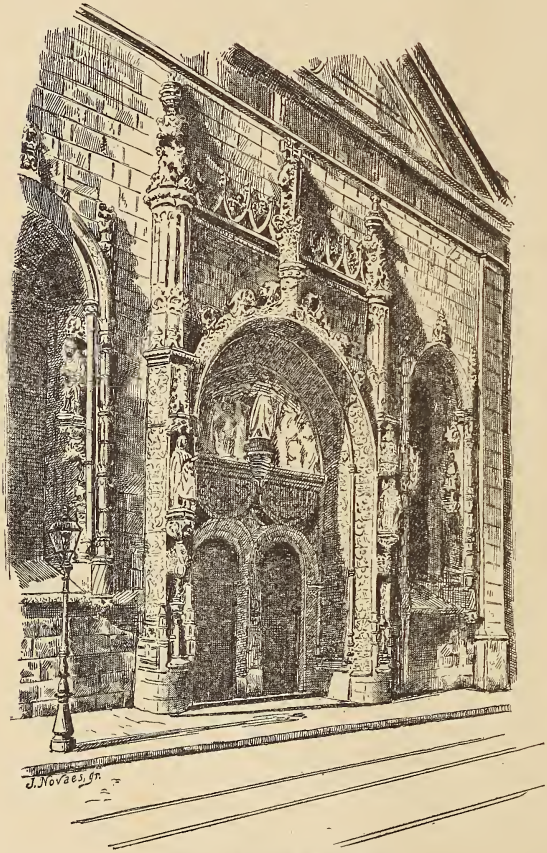
O remate occidental de toda a obra devia ter uma fórma singular, ao que podemos deduzir do que havia feito. Parece que o plano era findar o edificio em um tanque e cascata, da qual existe parte, além da agua já encanada que ainda ahi corria por dois golfinhos de marmore; mas os frades aproveitaram o logar em roda para uma varanda de tomar fresco, feita como orthostylo de oito simplices columnas de marmore branco, e guarnecida por uma balaustrada abrangendo um espaço de pouco mais de nove braças quadradas. Esta varanda não se via senão entrando pela cêrca.

O portico por onde hoje se chega á entrada principal da egreja mascarou por tal arte a fronte d'ella, que só a custo se póde atinar com o projecto que já em grande parte fôra posto em execução.

O meio do esguio e comprido quarteirão dos dormitorios correspondia, na primitiva, á porta principal situada entre dois botaréos bem lavrados. Ao limiar d'esta chegavam os raios do sol depois de atravessarem o intervallo descoberto que separava o mosteiro. As torres, que por assim dizer atalaiavam a porta, podiam tambem flanquear com as suas faces do poente todo o comprimento do quarteirão por uma e outra banda.

Cada torre tinha em baixo uma fresta ou janella, outra na altura do côro, e superiormente uma especie de varanda em correspondencia das ventanas dos sinos das torres. Poderia talvez communicar de uma á outra pela cimalha que fica sobre a porta, e na qual se vêem gargulas espaçadas symetricamente, e que hoje só podem descubrir-se subindo aos telhados. Nunhuma das torres se chegou a acabar. Na do sul, que se vê no frontispicio, e que antes de muito exame parece ter sido unica, ainda chegaram as obras até o principio dos artezões que deviam fechar a abobada do campanario, servindo de base ao coruchéu, ao qual conduzem escadas de caracol, que partindo do côro são a espaços alumiadas por agulheiros. Na do norte apenas se assentaram os sócos d'essa base, o que distinctamente se conhece examinando-a de perto. Por baixo d'aquella cimalha ficava, respondendo ao meio da porta principal, um d'esses vãos circulares arrendados, frequentes no estilo ponteagudo, e a que os francezes dão o nome de *rosaces;* espelho é o nome que lhe dão Fr. Raphael de Jesus e Fr. Luiz de Sousa — deduzindo com propriedade a metaphora do buraco circular lavrado no meio das guitarras, ao qual se dá tal nome. No logar d'esse oculo ou espelho existe hoje uma janella moderna rasgada para dar mais luz ao côro, talvez porque os frades receassem cançar a vista na leitura da letra do cantochão! Abaixo do mencionado oculo ou espelho devia exteriormente ir quasi tocar, elevando-se da porta principal, a flôr do seu remate supe-

rior, similhavel ao golfão, que deixando as raizes no pégo, procura ir com seus compridos talos ostentar perante o sol a belleza das pétalas. Mãos barbaras cortaram aqui esta flôr pelo pé, só para construir um pavimento em que se aproveitasse um pedacinho de chão. Veem pedreiros, levantam andaimes, acarretam materiaes, e enfurecem-se na vertigem de esfolar paredes e escalavrar esculpturas. Tapam-se umas janellas, rasgam-se outras; desenvolve-se toda a actividade do costume nas cousas de que só mal resulta. Porfim, um leigo que se dizia architecto dava o risco de um ridiculo pronaos para encobrir a porta principal da egreja, offerecendo por cima aos frades commoda passagem para o côro, e construindo uma casa á qual se inculcava o pretexto de ser destinada a guardar os retratos dos reis de Portugal.

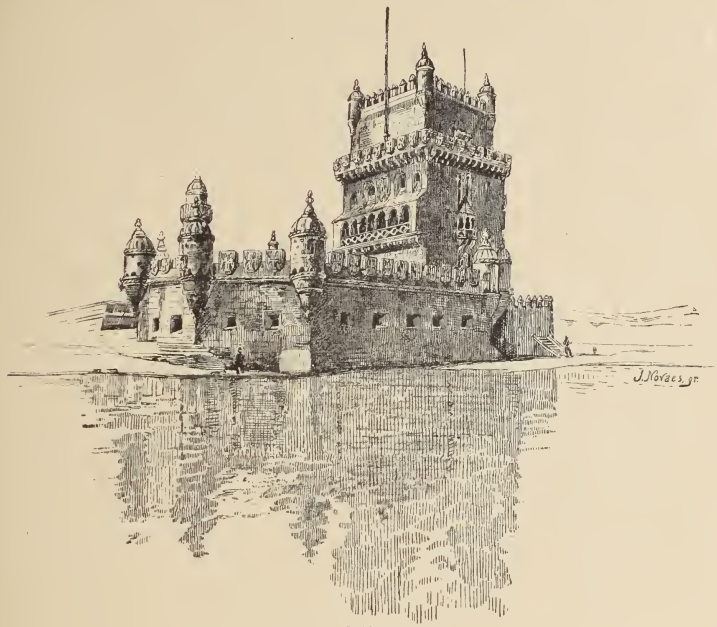


93 — Portal da Egreja da Conceição Velha

Quem entra o portico moderno, vê logo á direita um altar de pedra desguarnecido, por baixo do oratorio do Senhor Jesus dos Navegantes, encobrindo uma das janellas baixas da torre que felizmente escapou, quando lhe sacrificaram a parceira. Segundo parece, esse altar foi o proprio em que se disse a missa de despedida de Vasco da Gama, o que talvez avivasse a El-Rei a lembrança de fazer o convento naquelle logar.

Contiguo a esse altar fica, entre duas toscas columnas de cada lado, a entrada da portaria. No tympano do frontão d'esta porta, ou para melhor dizer, por cima da base do frontão sem empenas, se lê uma inscripção latina que allude ao Rei fundador. Entrando-se esta porta se chega á casa que conserva como guardado todo o trabalho da esculptura e estatuaria que resta na porta principal. Algumas loisas de sepulturas lageam ahi o chão. A obra do tecto demonstra que houve com ella intento de imitar o systema d'artezões da egreja, mas isso se fez com bem pouca felicidade.

A porta principal, não obstante ficar á direita de quem entra, e não em frente, chama logo a attenção do observador entendido. E' formada d'um arco revirado ou de volta composta de talões, muito abatido. Nas hombreiras, quatro nichos com anjos. Pela parte superior, dois cherubins de pedra sustentando as armas de Portugal, tendo por cima uma esculptura do Natal de Christo, e mais abaixo uma da Annunciação ao lado esquerdo; á direita, na mesma altura, a Adoração dos Reis. De cada lado da porta, co-



94 — Torre de S. Vicente de Belem

bertos por lavrados baldaquins, e sobre os capiteis de fustes enroscados entre dois nichos de imagens, estão de joelhos o Rei fundador, e sua mulher D. Maria, viva ainda quando esta porta se fez. No capitel ou peanha sobre que está o Rei se vê a sua esphera armilar, e no da Rainha castelhana o escudo bipartido de Portugal e Castella. Seguem para cada um dos lados dois botaréus, tendo cada um tres nichos com imagens de santos. A cada lado segue mais um nicho com uma graciosa figurinha, tudo cercado de cinzelados lavores, que já soffreram damno.

Quando se entra na egreja figura-se ella muito baixa, e em verdade ahi não terá mais de tres braças d'alto, ficando o resto da altura occupada pelo côro, que entra algumas oito braças pelo templo adeante; em tal extensão parece a egreja muito estreita por haver de cada lado duas capellas, das quaes as primeiras foram construidas para ter altares, que viriam a ficar por baixo dos dois coruchéus das torres, se estes se fizessem. São aqui mais dignos de attenção não só a curva e lavor dos primeiros dois arcos de egual altura que ficam aos lados, mas tambem o dos tres que se prolongam com as naves, dos quaes o do meio é mais largo e obtuso. Alem d'isso chamam a attenção do es-

pectador os grossos artezões ou ribetes do tecto, cujos florões ou molduras interseccionaes conteem as armas portuguezas, a esphera do fundador, a cruz da Ordem de Christo. As columnas dos arcos, guarnecidas a meio por um bocel lavrado, são torsas, e por esta forma se prolongam pela archivolta até se encontrarem no fecho; estas voltas tem analogia com algumas do estylo de Tudor que se vêem na cathedral de Norwich, contemporanea d'este mosteiro. Começam em dois arcos e vão fechar-se nas direcções normaes d'elles, ou em outros dois arcos cujos raios se suppõem de grande extensão para terem aquelles menor curvatura.

A capella que fica á direita recebe a luz por uma só fresta; tinha outra que, como dissémos, foi tapada e encoberta pelo oratorio do Senhor dos Navegantes. Na parede fronteira fica um altar com tres imagens, sendo digna de menção especial a de S. Leonardo, que El-Rei D. Manuel recebeu como presente do Papa. Por todas as outras paredes se vêem imagens e reliquias, que eram da capella de El-Rei D. Sebastião, o qual no seu testamento, feito em Lisboa aos 13 de Junho de 1578, antes de se ir a sepultar em Africa, ordenou que por sua morte ellas se conservassem em deposito neste mosteiro, em quanto assim fosse da vontade de seus successores.

Na capella do lado esquerdo, chamada do Senhor dos Passos, quasi não apparece senão obra de talha dourada de madeira, que com essas columnas salomonicas de máu gosto, guarnecidas no fuste de parras e cachos d'uvas, serviram tanto ha mais de um seculo para encobrir ás vezes primores de architectura e de esculptura. Esta capella dos Passos está resguardada por uma grade de ferro fechada; e a outra fronteira, de S. Leonardo, por uma balaustrada de madeira.

Proseguindo, vemos á direita, junto á parede que deita para esta ultima capella, um sarcófago singelo e não acabado, que El-Rei D. Pedro II mandára fazer para encerrar o corpo de seu irmão D. Affonso VI. Seguem-se os tres arcos sobre os quaes termina o côro: cada um d'elles corresponde a uma das naves que lhe fica no prolongamento. A abobada do vão do arco do meio é moderna, como se deduz logo do lavor dos artezões. Foi construida depois do terremoto de 1755, que abalou parte da egreja.

Apenas o espectador traspassar estes ultimos arcos, receberá uma impressão grandiosa pela largura da egreja, pelo achatamento da abobada egualmente alta nas tres naves, e pelos lavores dos pilares que a sustentam. O angulo optico não póde abranger senão parte, mas isso mesmo dá variedade de impressões. A altura da abobada é menor que a da nave do meio da Batalha. Os florões ou bossetes, nos fechos octogonos do cruzeiro, são cobertos de outros maiores, ao que parece de metal, pintados, com espheras armillares, cruzes da Ordem de Christo, e não distinguimos já bem se o leão do timbre de S. Jeronymo, deixando-se comtudo ver ainda o barrete de cardeal.

A abobada da egreja é, juntamente com a do cruzeiro, sustentada pelos seis pilares de base circular, e com pedestaes que separam as tres naves, sendo eguaes em tamanho os quatro do corpo da egreja, e muito mais fortes que elles os dois que separam o cruzeiro. Ha mais dois meios pilares da grossura dos primeiros, que parecem firmar sobre o côro. Todos foram apreciados e tidos por de um gosto novo para França, pelo architecto Barão de Taylor, que veiu a Lisboa em 1836, e os mandou modelar em gesso até á altura de 50 palmos os grandes, e de 38 os pequenos.

Têem esses pilares á superficie exterior oito columnellas em meio relevo desde cima até abaixo, sendo em toda a altura a superficie do fuste interceptada por tres cordões ou aneis que as dividem em quatro porções ou andares. Os oito intervallos das columnas são profundamente lavrados com festões e brutescos que comprehendem figuras humanas, monstros, animaes, passaros, etc. Tanto nesta especie de hieroglificos, como nas columnellas e cordões, fazem estes pilares recordar as columnas egypcias. No meio do segundo andar, rasgados nos oito mencionados intervallos, outros tantos nichos in-

habitados; os dois meios pilares, que parece assentarem no côro, só começam com o terceiro andar, e tem cada qual sua figura de pedra. A parte d'estes meios pilares voltada para o côro foi mascarada por duas pilastras modernas, que ahi se uniram naturalmente com o fim de sustentar ao meio da frente do côro «um grande espaldar e docel de damasco e veludo levantado sobre um altar de madeira com um crucifixo de tamanho maior que o natural, e um pequeno painel antigo, representando de um lado a Resurreição e do outro Nossa Senhora e S. Jeronimo vestido de cardeal, intercedendo por D. João III, sua esposa e mais familia real, todos ajoelhados e com os nomes em letra dourada nas cabeças.» Mas foi desmanchado todo este altar, que não permittia gosar tambem da architectura, mandando-se a imagem para uma das capellas da egreja e guardando-se o painel numa das capellinhas do dormitorio.

O côro foi concertado em boa parte depois do terremoto. Talvez que só desde esse concerto é que se lhe arranjou a balaustrada que deita para a egreja. Consta de cinco balaustres entre cada dois acroterios sem alhetas. Defronte dos meios pilares arqueia a sacada para fóra, sustentada sobre um friso dorico com triglyfos e metopas e ornado de cabeças de martyres, descendo d'ali uns troços que vão terminar em misulas nos dois pilares dos tres arcos, por baixo do côro. Sufficientemente espaçoso e guarnecido de cadeiras de espaldares de madeira de bordo, o côro é obra de valia; os mesmos espaldares servem de moldura a quatorze paineis, doze do Apostolado, o de S. Jeronymo e outro de S. Agostinho, todos de pintura moderna de pouca importancia. Além d'estes estão ahi mais dois quadros e duas imagens do Christo por baixo. Ha no côro tres orgãos, dois grandes encostados ás paredes lateraes, e um pequeno. No grande do lado do Evangelho, que tem muitas e excellentes vozes, lê-se que «Manuel Machado Teixeira de Miranda o fez e o acabou no anno de 1781». O da Epistola, egual ao outro em rico lavor, parece que se não chegou a acabar, e tem este distico: «O Ex.mo D. Fr. Diogo de Jesus Jardim sendo Bispo de Pernambuco mandou fazer este orgão no anno de 1789». O orgão pequeno era da capella real da Ajuda, e foi cedido á Casa Pia pela extincção da Patriarchal, a fim de servir ao uso das orphãs. Os livros do côro eram primorosamente illuminados por Francisco de Hollanda, segundo é fama, e guardavam-se por baixo do orgão da Epistola em logar apropriado. Na parede do lado opposto estão ainda as duas portas que davam d'ahi communicação para o cruzeiro da egreja e para o claustro. E' uma d'ellas baixa, da altura de uma pessoa, e de verga horisontal; e a outra mais alta e curva com um ornato em cima que representa, entrelaçadas, as mesmas lettras J H S que se vêem em outros pontos do edificio. O tecto é como o do resto da egreja, de abobada abatida, e todo de artezões, que se estribam nos capiteis dos pilares e paredes lateraes. Os capiteis são guarnecidos de folhagens e um ábaco, constante apenas de um toro ou bocel, d'onde partem, correspondentemente aos intervallos entre as columnellas, os quatro artezões para cada lado, a encontrar nas naves lateraes com outros quatro, que na parede se reunem em umas misulas ou antes troços pendentes semi-cylindricos, lavrados de nacellas enroscadas.

Os vãos entre os troços correspondentes aos pilares são rasgados por janellas. As do lado da Epistola foram mencionadas na descripção do frontespicio. As da parede do Evangelho, situadas mais alto, são menores e de volta inteira, sem impostas e com lavores singelos nas hombreiras e archivoltas. Em baixo ha, d'este lado, sete pequenas portas; e por cima outros tantos nichos cobertos por elevados e nobres baldaquins, cada um de sua feição, todos arrendados e de laçarias, sobresaíndo á parede e com os remates superiores em cruz, lizes, pyramides, etc. Essas sete portas, e mais cinco que ficam por baixo do côro dão para uns cubiculos que servem de confissionarios.

Deixemos porém o corpo da egreja e caminhemos para o cruzeiro. O chão que se piza é todo lageado de ladrilhos de Hollanda, roxo e azul, collocados em sentido dia-

gonal das paredes, e frequentemente empregados neste edificio. Vejamos primeiro os dois pilares polistylos que se enfileiram com os outros menores do corpo da egreja.

Cada um d'elles póde considerar-se como resultado de quatro menores enfeixados, deixando em cada um mais baixos os nichos singelos que nos primeiros mencionámos. Além d'estes ha aqui, nas quatro reintrancias da união, outros tantos nichos maiores de baldaquins, mas tambem sem santos. Em cima não tem capiteis: são coroados de uma especie de ábaco circular formado de um ovalo ornado de meias laranjas sobre dois fi-

95 — Monumento a D. José I

letes e guarnecido por um listello; os saimeis são cobertos de folhagem e d'elles partem os artezões e os tres arcos correspondentes ás tres naves. O do meio, sobre cujo fecho se vêem entre duas espheras as armas portuguezas, é de volta mais elevada do que a inteira, e constitue quasi a volta de ferradura á mourisca. Os outros dois lateraes são de ponto subido, o que era essencial para serem mais estreitos tendo a mesma altura. Junto a estes pilares polistylos mandaram os frades encostar dois pulpitos modernos e com escadas, naturalmente porque ficavam longe do povo os dois riquissimos em esculptura contiguos á capella-mór, e da fundação primitiva.

A abobada do cruzeiro de Belem é obra ainda mais digna de admiração que a da casa do capitulo da Batalha.

E' menos abatida e tem setenta e duas braças quadradas, quando o cruzeiro conta onze de largura sobre sete no sentido longitudinal, e vem assim a dar maior superficie, sustentada sem o auxilio de um só pilar. Ha no tecto uma combinação de artezões que se vão estribar principalmente nos dois pilares polistylos e nas misulas que, ao pé do arco do altar-mór, correspondem aos saimeis d'aquelles; nas misulas dos cantos do mes-

96 — Aspecto geral da Avenida da Liberdade

mo cruzeiro que ficam na mesma linha das paredes das naves; e nos fechos dos arcos, tambem de volta inteira, das capellas lateraes.

Antes de entrarmos nas capellas, vejamos o que ha de mais notavel no correr das paredes.

Em cima, aos lados do arco da capella-mór, estão duas grandes janellas, de volta redonda, pelas quaes, por deitarem para o nascente, entra de manhã muita claridade. Ás linhas do meio de cada uma d'ellas correspondem por baixo os eixos de duas columnas lavradas, sustentadas em misulas e coroadas de capiteis, que tinham destino de servir de peanha a duas imagens. Cada uma d'essas columnas divide dois altares, sendo os quatro vasados por egual na parede com excellente lavor de pedra em roda, e tendo por cima a esphera armillar e as armas de Portugal. No vão dos mesmos altares antigos estão outros de talha dourada no gosto moderno, que d'aquelles se tem apossado. Num d'elles ha uma imagem de S. Jeronymo em porcelana, muito querida dos devotos e admirada por entendedores. Aos lados da capella do cruzeiro, da banda da Epistola, ha mais dois altares quasi no mesmo gosto architectonico dos quatro mencionados e tambem num estado identico. No topo fronteiro correspondem áquelles duas portas cujos arcos são de excellente lavor contemporaneo.

Conduz uma d'ellas, a mais proxima do altar mór, á casa que serve de sacristia e a outra deita para a crasta. No pedaço de face contigua está outra porta, dando entrada para a escadaria que por dentro da propria parede conduz ao côro. Por cima d'esta ha devolutos dois nichos de baldaquins arrendados, a que correspondem no outro braço dois similhantes situados na mesma altura.

Voltaremos a entrar pelas portas de que falámos; mas primeiro veremos bem as duas capellas dos topos do cruzeiro e da capella-mór. Tem cada uma d'aquellas sua janella ao nascente; a do lado da Epistola tem demais na parede do sul, como dissemos, a luneta aberta, modernamente.

Aqui estão os tumulos dos filhos de D. João III: Os Principes D. Filippe e D. Affonso, e as Infantas D. Izabel e D. Brites; os Infantes D. Diniz e D. Antonio, e os Principes D. Manuel e D. João pae de D. Sebastião, além do cenotaphio contendo os ossos que muito tempo depois da batalha de Alcacerquibir se disseram ser os de El-Rei D. Sebastião, e ahi figuram como taes, «ainda que muito se deve d'elles duvidar, porquanto a sua vinda foi no tempo dos Filippes, naturalmente com intuito de acabar com a crença numerosa dos sebastianistas patriotas de quem arreceavam alguma tentativa de independencia». Uma sepultura raza contém os ossos do Arcebispo de Braga D. Duarte, filho natural de D. João III. Tambem ahi jaz depositada a Rainha portugueza, mulher de Carlos II de Inglaterra.

A outra capella fronteira tem cinco altares; mas o que nella ha de mais notavel são tambem os tumulos que encerra e alguns quadros. Ficam os restos mortaes do Cardeal Rei em frente de quem entra; e aos lados, em dois tumulos, os dos Infantes D. Luiz e D. Carlos, D. Fernando e D. Antonio; num dos outros os de D. Duarte e sua irmã D. Maria. Tambem jaz o Cardeal D. Affonso, que era creança de oito annos quando recebeu do Papa a dignidade de cardealado. Todos estes nomes constam dos epitaphios que pela maior parte se não podem lêr por estarem debaixo de paineis a oleo.

Antes de se passar á capella mór, chamam a attenção do espectador dois riquissimos pulpitos embutidos nos angulos com primorosa esculptura de peitoris e baldaquins. O do lado do Evangelho foi tambem levado em modelo de gesso para França pelo architecto Taylor.

Ao chegar-se á capella-mór, que uma balaustrada de marmore branco separa do cruzeiro, vê-se circumdada de marmores polidos de varias côres uma columnata jonia, e sobre o entablamento d'ella outra corintha, cada uma de 16 columnas; a abobada é apai-

nelada de almofadas de marmore, formando meia rotunda da banda do sacrario; nos intercolumnios da ordem superior se vêem no retabulo tres paineis e seis janellas rectangulares e eguaes, a que respectivamente correspondem, na inferior, o sacrario entre outros dois paineis attribuidos ao celebre pintor portuguez Lopes do tempo de El-Rei D. João III; e dos lados, e por baixo das primeiras duas janellas superiores, outras duas eguaes. Por baixo das quatro restantes outros tantos vãos na parede, sustentados por arcos, nos quaes, sobre elephantes anões de marmore cinzento de Cintra, quatro grandes urnas iguaes de marmore de côres, cada uma com sua corôa aberta de metal em cima. Esta capella-mór, diz Siguença que foi mandada fazer pela Rainha D. Catharina, em vez da primeira que tinha saido pequena em demasia.

São estes tumulos de El Rei D. Manuel e D. João III e de suas mulheres D. Maria e D. Catharina, ambas castelhanas, como tudo se vê dos epitaphios latinos. Os ossos de D. Manuel e sua mulher foram para ali trasladados a 18 de Outubro de 1551, depois de acabada a capella.

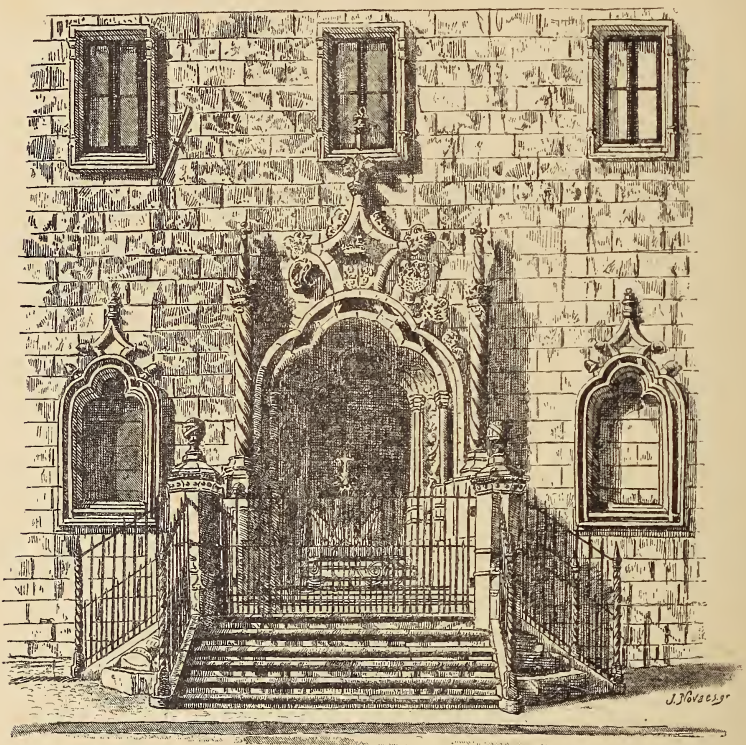
No periodo de trinta annos, pois tantos havia que se fizera o cruzeiro, se consummára de todo na Europa a revolução da architectura. Já Buonarotti havia sanccionado a restauração completa da architectura greco-romana. Nesta capella-mór é que se julga teriam só parte architectos italianos, apostolos do novo estylo triumphante.

Aos lados do altar mór ha duas portinhas que dão para escadas de caracol conduzindo aos cupulins do telhado. Atraz d'elle torna-se notavel um grande sacrario chapeado de folha de prata lavrada de bastiães, tendo na *porta cœli* em meio relevo a Adoração dos Reis magos, e lendo-se por baixo:—*O Principe D. Pedro que Deus guarde deu este sacrario a este Real Mosteiro de Belem no anno de 1675.*

Ha quem diga ser este sacrario obra da celebre artista Josefa d'Ayalla, conhecida por Josefa d'Obidos. Está sobre um assento de marmore de varios embutidos, por baixo do qual por pequeno arco se entra num cubiculo alumiado por escaça lumeira, e onde existem alinhados tres caixões de defuntos. O do meio em que está o corpo do desgraçado D. Affonso VI, diz Couceiro que, quando tomou posse da egreja como administrador da Casa Pia, o achára aberto, e o mirrado cadaver quasi sem o vestido de cavalleiro da Ordem de Christo que tivera sobre o habito de S. Francisco, em que se via amortalhado, tambem rasgado e com alguns pedaços de menos. Couceiro mandou fazer outro vestido de cavalleiro, vestiu-o sobre os restos da mortalha, e mandou forrar o caixão de novo, conservando a chave sob sua guarda. Nos outros dois caixões, jazem depositados, num o Principe D. Theodosio, contra as disposições da ultima vontade de seu pae D. João IV, que ordenou fosse para S. Vicente de Fóra, e no outro a Infanta D. Joanna.

A sacristia é espaçosa, artezoada no mesmo gosto da egreja, e sustentada ao meio por um pilar, em redor do qual parece que, segundo o primeiro destino, devia ser a pia do lavatorio, para que se julga fôra esta casa destinada. Tem em redor uma commoda onde se guardam os paramentos que constituem, como em Mafra, porção das riquezas da egreja, sendo digno de attenção um de veludo carmezim, que se diz bordado pela Rainha D. Catharina que o doou ao convento. Ficam por cima quatorze antigos quadros, pintados em madeira, reproduzindo a vida de S. Jeronymo, e pelas paredes outros de nenhum valor. Ha tambem ahi, entre duas janellas de columnas que deitam para o nascente, tres portas: uma que devia conduzir para a sacristia e casa de capitulo quando se fizessem; outra para a crasta ou claustro inferior; e a terceira conduz a uma escada para cima. Além das duas portas para a crasta inferior situada, como na Batalha e Alcobaça, ao Norte da egreja, a do cruzeiro e sacristia, ha a outra principal situada junto da torre do lado do Norte; hoje chega-se a ella penetrando na portaria e tomando á direita em vez de subir a grande escada que conduz á Sala dos Reis. Entrando esta porta e seguin-

do o claustro em frente, vêem-se do lado direito, e por baixo de uma cinta de arabescos que segue o cordão das misulas, as doze portas que pertencem aos confissionarios da egreja, e com formas eguaes ás das que para ahi deitam. Segue-se outra maior que



97 — Porta principal da Egreja da Madre de Deus

conduz ao côro e ao terraço. A largura da crasta interiormente não chega a tres braças e o comprimento anda por vinte, tudo de abobada e tecto artezoado.

Deita para o jardim, que fica no meio do quadro, uma arcaria de seis grandes arcos por lado, cujos pilares, que, assim como as columnas, assentam em estylobato, por ahi se profundam mais de uma braça, tudo lavrado de arabescos e bastiães. Cada arco só por si nesta profundidade constitue uma pequena abobada debaixo da qual ficam de ordinario dois outros sustentados ao meio por um pilar, e cada um d'elles ainda subdividido ao meio por uma columna, tudo com volta inteira. Em baixo do arco maximo, no vão que fica entre os dois interiores maiores, ha um olhal que tem no meio ora uma corôa, ora um R, ora um M, ora uma cruz da ordem de Christo, ora as cinco chagas. As duas letras designam as palavras Manuel, Rei. Pela banda de dentro vê-se a mencionada cruz, os lizes, ás vezes só um recorte em quadrado. Nos cinco grandes pilares fronteiros ás

portas dos confissionarios vêem-se tambem, em linha horisontal, o sol e seguidamente quatro bustos em medalhões, dos quaes se diz significarem o Oriente com os quatro heroes portuguezes que lá tinham ido quando ali chegava a construcção: o Gama e seu irmão, Nicolau Coelho e Pedr'Alvares Cabral. Nos outros pilares continuam a ver-se emblemas de El-Rei D. Manuel, esculpturas de santos e symbolos da paixão de Christo.

Seguindo-se pela crasta ficam á direita as paredes, tendo ao meio de cada uma capellas concluidas, segundo Siguença, por El Rei D. João III, de que restam os vãos. Aos lados d'estes ficam duas portas: d'um lado, a porta que deita para a sacristia, e do outro uma porta tapada á pedra e cal, lavrada, com um pilar ao meio e duas imagens de pedra aos lados. Esta porta devia conduzir para a capella imperfeita ou casa do capitulo, de que ainda se vêem os restos ou começos, com duas janellas não acabadas para a Rua de S. Jeronymo. Aos lados do altar do seguinte lanço ha uma porta que devia conduzir á cêrca ou ás outras casas que se acrescentassem, e do lado opposto lhe corresponde outro retabulo em cujo espaço se abriu uma passagem. Em cada um dos mencionados retabulos estava um quadro de pincel conhecido, um d'elles do celebre Campelo. Contigua á porta novamente aberta fica a do refeitorio, em correspondencia no mesmo claustro á outra grande por onde entramos. No canto vizinho do jardim está uma fonte ou chafariz, com um leão de marmore branco despejando para um tanque de lavor antigo. Ao meio do pateo ou jardim hoje ajardinado, houve um repucho com assentos á roda, ao qual se chegava atravessando o grande tanque por

98 — Monumento a Luiz de Camões

99 — Carro americano puxado a muares

meio de quatro pontes de lagedo em correspondencia ao meio de cada lanço. O refeitorio, no entender de Siguença, que não se contentava com pouco, pois achava as cellas pequenas, é das boas peças que elle tinha visto, todo ladrilhado de tijollo da Hollanda, branco e escuro. Sustenta-se a abobada sobre seis misulas de cada lado no sentido do comprimento, sobre dois cordões de pedras, por debaixo dos quaes é tudo azulejado com pinturas dos passos da vida de José no Egypto. Entre essas misulas se abrem nos vãos do lado de fóra cinco janellas abatidas compostas nas hombreiras de duas ordens de columnas. Na parede fronteira ha ao meio um pequeno pulpito de resa, e ao fim da casa uma portinha que conduz á cozinha, cozinha boa como eram as de todos os frades ricos, com muita agua e uma notavel chaminé.

Cada um dos grandes pilares dos claustros tem uma gárgula no nivel do andar de cima, e, exceptuando os dos angulos, sustentam todos os outros vinte seu nicho com uma estatua. O numero dos arcos da segunda ordem é egual ao da debaixo; mas as archivoltas são recortadas.

Aos pilares inferiores respondem tambem outros tantos de base circular estriados em rosca, tendo em cima acroterios correspondentes ao seguimento da platibanda do terraço, mas sem figuras. Nestes acroterios vêem-se carrancas e biqueiras dando saída ás aguas do eirado superior.

Por uma porta correspondente á da entrada principal, em baixo, se passa do claustro superior para a grande Sala dos Reis á qual se chega tambem pela grande escada principal mais moderna. Tem esta o tecto de madeira, e encerra os retratos de todos os reis de Portugal até D. João VI, em corpo inteiro.

Visinha á Sala dos reis e sobre a capella dos Passos ha uma casa que servia de antecôro, na qual se guardaram por muito tempo os retratos em corpo inteiro dos principaes religiosos da ordem de S. Jeronymo em virtudes e lettras, mencionados no *Diccionario Geographico* do Padre Luiz Cardoso, cuja descripção tem servido de base a trabalhos posteriores, entre elles os dos celebres escriptores D. Fr. Braz de Barros e Fr. Heitor Pinto.

Escolhido para pantheon nacional o Mosteiro dos Jeronymo, ali se guardam os restos de Vasco da Gama e de Luiz de Camões, de Alexandre Herculano e de João de Deus.

Junto ao magnifico templo chegou a ser construida uma galeria, que constituia a frente do edificio onde devia ser installada a Real Casa Pia de Lisboa. Estava a ponto de concluir-se depois de longos annos de trabalhos e de muitos capitaes dispendidos, quando se deu um desmoronamento, de que apenas se salvou o corpo inferior de um grande torreão que se elevava a 30 metros, uma varanda gothica e o portico, que ainda assim ficou damnificado. Poucos dias antes fôra collocada ahi, no nicho superior á primeira varanda, uma admiravel estatua da Caridade, cinzelada pelo esculptor Simões de Almeida, e que tambem ficou damnificada. Neste desastre morreram oito operarios.

E' realmente para lastimar a mesquinhez de informações que aos nossos dias chegaram ácerca da personalidade dos artistas que conceberam o plano do Mosteiro de Belem. E é tanto para sentir esta dilatada omissão na chronica das bellas-artes em Portugal, quanto é certo constituir a maravilhosa fabrica o mais distincto de todos os nossos monumentos, pois é construcção que rememora, esculpida, a epopeia dos nossos feitos maritimos, não a havendo inconscientemente emoldurado nos adornos da architectura em voga no seculo XV, mas tendo-a, sim, vestido muito de proposito, por um genial esforço de imaginação, com os atavios de uma architectura prodigiosamente fecunda, notavelmente caracteristica.

Entremos agora num dos sitios mais illustres de Lisboa, na formosa praça que usa desde seculos o titulo aristocratico de Terreiro do Paço, hoje officialmente denominada — Praça do Commercio.

No seculo XVI, quando Frei Nicolau da Conceição o mediu e o incluiu nas suas *Grandezas de Lisboa*, era o Terreiro um nobre e desafogado logradoiro, alastrando-se entre o edificio da Alfandega e o Terreiro do Trigo, ao nascente, a residencia dos Reis e a Casa da India ao poente e nordeste, uma fila de predios e arcos ao norte, e o Caes da Pedra ao sul. Cem annos antes, tudo aquillo fôra praia de cascalho, areias ou lodos, e ali houvera os espalmadeiros, onde se espalmavam ou se querenavam os navios.

Ainda se não pensava na construcção do Paço, e já por aquelles sitios se planeava desde 1478, ou antes, a obra de um caes para facilitar os desembarques, que eram difficultosissimos. Depois, querendo El-Rei D. Manuel uma residencia condigna ás prosperidades e opulencia do seu reinado, mandou fazer a grando praça, e ali fez construir os Paços da Ribeira, que habitou e onde falleceu, em 13 de Dezembro de 1521. Os Paços occuparam então a parte do lado norte da praça onde hoje são as Secretarias da Justiça e do Reino. Posteriormente lhes foi acrescentado um lanço, que guarnecia o lado occidental e corria sobre os armazens da Casa da India. Era edificio sumptuosissimo. Depois Philipe II de Castella, tendo usurpado a corôa portugueza, fez construir um torreão que deitava sobre o Tejo, do mesmo lado onde hoje se vê o torreão da Secretaria da Guerra, proximo ao Caes dos Vapores do caminho de ferro do Sul e Sueste, e feito á similhança do antigo. D. João V ainda augmentou muito os Paços da Ribeira. Mas o terremoto de 1755 e o incendio que se lhe seguiu arrasaram tudo.

Ha algumas providencias reaes, que dão a conhecer a actividade crescente dos armazens que ali começaram a recolher os productos da conquista. A Casa da Mina, depois acrescentada com a Casa da India, e edificada muito antes do Paço, com a construcção d'este ficou-lhe conjuncta. Depois foi transferida para armazens á borda do Tejo, até que, no correr dos annos, veiu a ter logar nos casarões terreos do grande torreão philipino. Essas importantes repartições aduaneiras, celleiros ou armazens das colheitas opimas das nossas successivas feitorias, eram d'antes situadas na Ribeira; defronte d'ellas ficavam as Ferrarias.

Na Alfandega despachavam-se todas as mercadorias que chegavam de fóra, exceptuando as que vinham da India, porque para essas — «ay separada otra que llaman Casa de la India, con provedor, escrivanos, y otros oficiales». Por mais poderosa que seja a memoria, cansa-se em pintar todo esse colorido e multiforme armazem, unico em toda a Europa, e que teve como um dos seus principaes brazões o contar por feitor o grande João de Barros. Que exposição de arte ornamental não tinhamos ali! Que museus de zoologia e mineralogia, e botanica das regiões africanas e asiaticas! Que lindissimas loiças da China e esplendidos contadores marchetados, e apetitosos cofres, e sumptuosos troços de marfim! E que ourivesarias nunca vistas! Tudo isso entornavam nas plagas de Lisboa as cornucopias do commercio, e tudo isso era o assombro do mundo.

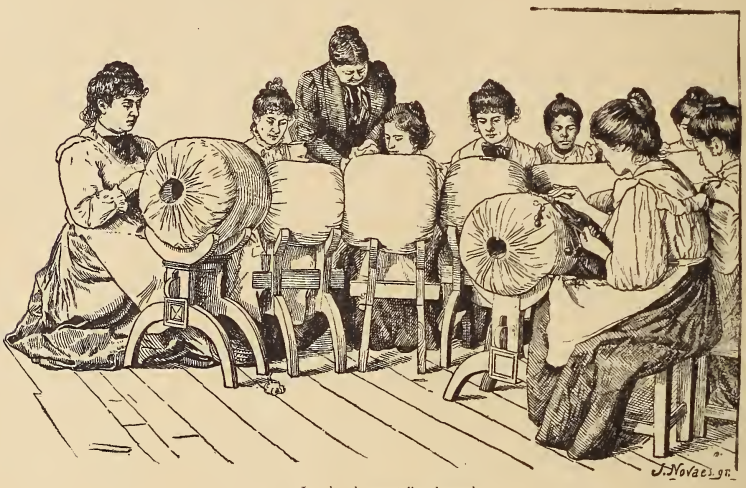
Além d'esses objectos, muita da população estranha que os nossos galeões traziam a Portugal, quer como escravaria, quer como amostra, se havia de topar nas arcadas e vestibulos d'aquelle palacio de preciosidades; já o ethiope retinto, já o cafre acobreado, já o indio vestido de seda, todos aqui desterrados, todos chorando as lagrimas da nostalgia.

Outra maravilha do Paço da Ribeira era o celebrado Arsenal, ou armazem de armas. Ahi creou El-Rei D. Manuel um deposito deveras opulento «de corpos de armas e peões e dois mil e quinhentos de homens de armas de cavallo e oitocentos de acobertados, e muitos corpos de couraças e outras armas, e muitas peças de artilheria grossa e miuda, e arcabuzes, espingardas, piques, lanças e béstas, tudo em muita quantidade.»

Com o seu espirito enthusiasta acompanhou esse mesmo soberano o movimento naval, iniciado pelo seu antecessor. Interessou- e mais que ninguem nas entrepresas lon-

ginquas da conquista e nas construcções das naus e galés mais aventurosas que até então se tinham visto. As circumstanciadas narrações das derrotas de barra em fóra escutava-as e lia-as com avidez; as tarefas da Ribeira das Naus, presenceava-as. Todos os dias vinha El-Rei lá do alto da Alcaçova assistir em pessoa á labutação dos carpinteiros, calafates, pintores e artilhadores dos galeões.

Foi por então, nesses maravilhosos annos do final do seculo XV, que lhe veiu á idéa edificar, á espalda d'aquellas mesmas naus que elle proprio baptisava, e impelia para o

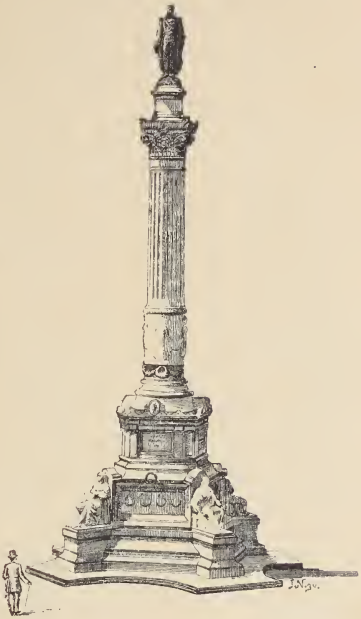


100 — Interior de um atelier de rendas

mar tenebroso, um poiso para si, á ourela do Tejo e á vista da fóz. Ahi poderia acordar escutando desde madrugada o rumor da marinha, deliciando-se no fragor dos camartélos, orchestra da civilisação do seu tempo. Ao levantar-se, veria dos eirados aquellas complicadas edificações navaes, a estenderem no estaleiro o espinhaço da *quilha*, a arquearem os *beques* armados de esporões, a erguerem o *cadaste* para o leme, a encastelarem a *duneta* nas pôpas de varandim, a aprumarem o *arvoredo*, a deslisarem na carreira, e a abrirem vôo para o suspirado Oriente. Depois veria tornarem-se os galeões pejados de canela, pimenta, seda e oiro; veria tremular as bandeiras quadradas das capitainas; ouviria salamear a maruja; escutaria, como se escuta musica, o guinchar dos cabrestantes; contemplaria baloiçarem-se no calabre as urcas e carracas zorreiras, ou deslisarem ao socairo da praia as caravelas com as suas quatro azas triangulares; conheceria pelo seu bento nome cada nau, ao passo que fosse surgindo e salvando os emboras da tornada! Depois, ao cabo de annos, veria os mesmos barcos espalmar para limpar dos limos e compôr as obras vivas; iria então elle proprio, o Rei, mirar aquelles monstros que tanto mar tinham sabido correr, tantas pelejas tinham sabido aturar, tantos cabos desconhecidos tinham sabido montar, e agora ali jaziam, no seu hospital da terra, a convalescer para novas aventuras.

Ao espirito do successor de D. João II agradaram sobremodo aquellas variadas scenas maritimas; e assim, com um palacio á beira do Tejo, fical-as-ia presenciando a toda a hora, das rendilhadas varandas do seu solar.

Correr o Paço era ver uma serie de objectos valiosos, que diziam a ultima palavra no adeantamento das artes sumptuarias: salas forradas de magnificos pannos de raz, espelhos de ambar, cofres ricamente marchetados, cortinas de velludo, guadamecins, bancaes de raz, mezas de Allemanha, reposteiros de panno de Inglaterra, tocheiras cinzeladas, leitos aderessados de cortinas de brocado, velludo ou damasquim, com cobricamas lavradas, mesas cobertas de manteis francezes para o jantar dos Soberanos, com todas as alfaias de prata, escudelas, picheis, agomis, albarradas, confeiteiras, e tudo neste teor; quadros de mestre colgando as paredes: retratos de familia, assumptos sacros, e paizes. Por aqui se entrevê quanto a pequenina Côrte de Lisboa primava no trato e agasalho, e quanto a habitação do nosso fastuoso Monarcha sabia compendiar em si o pensamento dos descobrimentos e da conquista.



101 — Monumento a D. Pedro IV

Residiu por muitas temporadas D. João III nestes Paços, a que já então se achavam vinculadas tantas memorias de familia. Fallecido seu pae, a primeira vez que o novo Rei saiu foi em grande pompa, afim de ir celebrar no alpendre de S. Domingos a ceremonia da acclamação.

102 — Olha a couve lombarda!

Recolhida nos seus quartos ficou sua juvenil madrasta, a Rainha viuva D. Leonor. E para se ver um requinte de respeito que El Rei usou para com essa Princeza, bastará recordar o que nos conta Frei Luiz de Sousa: «Atravessou o cortejo a area do Terreiro do Paço em direcção ás Portas da Ribeira, por onde havia de entrar no Pelourinho velho, e seguir até ao Rocio e S. Domingos. Ordenou El-Rei D. João que todos, até longe do Paço, caminhassem no maior silencio, calladas as charamellas e trombetas, para que estrondos nenhuns da festa podessem chegar aos ouvidos da real anojada.»

Depois dos preliminares do reinado que assim estreava, deixou El-Rei o Paço da Ribeira; e fê-lo «ou por se alliviar do nojo a si e á Rainha com a differença do sitio — diz Frei Luiz de Sousa — ou porque já se devião começar a sentir na cidade as mortes apressadas e principios de peste, que pouco depois se declararão demasiadamente.»

Casou El-Rei D. João em 1525 com a formosa Infanta castelhana D. Catharina, irmã do Imperador; e na entrada d'essa Rainha em Lisboa representou-se no Paço da

Ribeira o auto de Gil Vicente *Nau de Amores,* tragicomedia. Ali se representou tambem, em 1527, o *Auto da Feira;* talvez a *Mofina Mendes* em 1534; e *Triumpho do Inverno,* provavelmente por occasião de um dos bons successos que teve a Rainha D. Catharina. E assim vemos como a historia artistica do inspirado troveiro se acha quasi toda ligada com este sitio da velha Lisboa.

E' impossivel especificar todas as obras feitas no Paço da Ribeira. Crescia o trato de além-mar; as mutações do plano do Paço resentiam-se d'isso: ampliou-se em armazens a Casa da India, e os novos caes e guindastes revelaram a actividade d'essa importante estação publica.

Ao mesmo tempo ia penetrando na architectura nacional o gosto classico. Está-se a perceber que houve alterações profundas no aspecto da casa. A galeria do plano terreo desappareceu, as janellas do andar de cima foram mudadas. Os terraços, que eram tão bello adorno d'aquelle corpo de edificio, foram substituidos por telhado corrido de duas aguas; e o pittoresco forte da extremidade ficou uma frente com duas varandas.

Das janellas d'este seu Paço, um domingo 20 de Setembro de 1540, assistiu El-Rei D. João com muitos prelados e outros Grandes da sua Côrte ao primeiro auto-de-fé celebrado no Terreiro do Paço pela Inquisição, então recentissima entre nós. Presidia ao acto D. João de Mello, Bispo do Algarve; pregou o padre Frei Francisco de Villa Franca, eremita de Santo Agostinho. Era Inquisidor Geral o Infante D. Henrique. Sairam penitenciadas vinte e tres pessoas!

Morto D. João III, ficou algum tempo morando no Paço da Ribeira a Rainha D. Catharina. Nesse mesmo Junho de 1557, com os ceremoniaes devidos, foi acclamado El-Rei D. Sebastião, sendo a augusta avó declarada e reconhecida sua tutora. Habitou intermittentemente neste Paço a Familia Real, e, segundo consta, procedeu-se ali a novas obras durante este reinado.

Em 14 de Junho de 1578, saia El-Rei D. Sebastião dos seus Paços da Ribeira em grande estado. Montava um soberbo cavallo, e trajava de telilha entre parda e azul, perfilada de torçal de oiro. E diz um dos seus chronistas: «Nunca se mostrou mais airoso no corpo, e alegre no semblante, que nesse dia, conciliando com tal attracção os olhos e corações dos seus vassallos, que lhe auguravam o imperio de todo o mundo.» Adeante marchava o Alferes mór D. Luiz de Menezes, erguendo na mão esquerda o estandarte real, damasco carmesim aberto em duas pontas, e franjado de prata; de uma banda o crucifixo bordado a oiro; da outra as armas de Portugal com corôa de Imperador. A' direita d'El-Rei ia D. Antonio, Prior do Crato; á esquerda o Duque de Aveiro. Seguiam-se em duas longas filas todos os fidalgos da Côrte Assim chegou este luzidissimo prestito ao adro da Sé. Collocado o joven Rei no seu throno, celebrou missa solemne o Arcebispo D. Jorge de Almeida, e pregou o dominicano Frei João da Silva. Acabada a missa, benzeu o Arcebispo o estandarte, que era o symbolo rutilante da nossa ruina.

Quando El-Rei, de volta do templo, desembocava no Terreiro do Paço, restrugiram com o maior enthusiasmo as acclamações de todo o povo que apinhava o largo.

O soberano apeou-se junto ao caes e embarcou. Estava escripto, no livro do seu destino, que nunca mais havia de vêr o Paço da Ribeira!

Trazem-nos agora as datas a uma epoca muito notavel do nobre edificio: o reinado dos Filippes. Logo desde o anno seguinte ao do fallecimento do Cardeal Rei se encontram obras, que revelam plano preconcebido de tornar o Paço habitavel pelo chefe da vastissima monarchia.

O Paço foi temporariamente habitado no anno de 1581 por D. Filippe I, quando visitou Lisboa. Esse Rei nobilitou a face maritima da praça com a construcção de um parapeito mandado edificar por alvará de 9 de Novembro de 1604.

Ao parapeito seguiu de perto o magnifico torreão todo de cantaria na extremidade da extensa galeria joannina, que vinha investindo de encontro ao Tejo.

O architecto d'esse famoso torreão, que já apparece em todas as estampas dos seculos XVII e XVIII, foi o insigne Filippe Tercio, ou Terzo, ou Terzi, auctor de S. Roque, de S. Vicente, e de muitas outras obras notaveis, engenheiro italiano ao serviço de Portugal desde alguns annos, e que, tendo acompanhado El-Rei D. Sebastião a Africa, lá ficára captivo por algum tempo.

Havia tambem ao rés do Tejo, quasi ao meio da linha meridional da praça, uma pequena fortificação militar, a que se chamava o baluarte de S. João, ou o forte da Vedoria. Ahi se encontrava a repartição denominada Vedoria da Provincia. O livro *Explication de l'estampe de la Ville de Lisbonne* tambem lá diz que se via um fortim com ameias, conhecido sob o nome de forte da Vedoria.

Junto ao palacio dos Usurpadores continuava a grande faina maritima official da Ribeira das Naus, como nos aureos dias do Fundador. Construiu se ali todo o genero de navios, e especialmente essas grandes naus e galeões, que abriram a navegação da India, e por muito tempo a conservaram ainda com as continuas derrotas.

Quando em 1595 teve de sair de Lisboa o Cardeal Archiduque, por ser transferido para o governo dos Paizes Baixos, ficaria quasi deserto o Paço, visto como os diversos membros da Regencia, que succedeu áquelle Principe, que eram D. João da Silva, Conde de Portalegre, e D. Miguel de Castro, Arcebispo de Lisboa, e D. Francisco Mascarenhas, Conde de Santa Cruz, e D. Duarte de Castello Branco, Conde de Sabugal, e Miguel de Moura, moravam de certo nos seus respectivos palacios. No Paço da Ribeira seriam talvez as secretarias, as sessões de certos tribunaes, etc.

Logo em 1609, em carta regia de 10 de Março, recommenda Filippe II á Camara de Lisboa que, projectando vir breve ao reino, faça ella as obras que se julgarem necessarias no Paço da Ribeira, onde tencionava aposentar-se; e como a fazenda não podia com esses dispendios, a Camara havia de toma-los a si, tirados do real do vinho e da carne, concedidos para obras publicas em Lisboa. O intruso não veiu em 1609 como tencionava, mas em 1619. Mandou então o Marquez de Alemquer, Vice-Rei de Portugal, concertar e embellezar os Paços da Ribeira, no sentido de os tornar condignos de tão opulento habitador.

Em 1610 renovou se a capella com grande magnificencia, e o seu pateo tambem. Só a Sala grande, onde se celebraram as Côrtes de 1619, forrada de riquissimas tapessarias, media 103 palmos de comprido, sobre 55 de largo. Póde ver-se o plano d'essa estancia historica, no interessantissimo e raro livro de Lavanha — *Viagem de D. Filippe a Portugal.*

Pela restituição dos legitimos herdeiros do throno de D. Manuel á capital do reino, com a subida d'El-Rei D. João IV, coube ao Paço da Ribeira, onde se tinham dado as terriveis scenas do alvorotado e alvoroçado dia de 1 de Dezembro de 1640, a honra de tornar a ser a residencia do verdadeiro Rei.

O estrangeiro, ou o provinciano que, desembocando do lado da Alfandega no Terreiro do Paço, contemplasse pela primeira vez aquella residencia, sentia-se de certo dominado pelo ar de grandesa d'aquella desdobrada e nobre linha de sacadas, terminando ao sul no magnifico torreão. O torreão tinha o andar terreo, as sobre-lojas, o primeiro andar e o segundo, tudo de optimo aspecto, de architectura classica muito correcta, coroado de platibanda, e sobrepujado de um zimborio, arredondado, acabando em lanternim.

Como o torreão era re-saído, formava canto com o resto do edificio, que ostentava sobre a praça dezeseis ou dezesete janellas sacadas muito grandes, na altura do primeiro andar do torreão. Depois da decima septima janella, seguia-se uma galeria ou

varanda, com loja e dois andares, sendo o segundo no mesmo plano do primeiro do Paço, e com uma escadaria em baixo que dava entrada para a Sala dos Tudescos, que era o corpo da Guarda Real. Tudo isto grandioso e rico, e em bella pedra lavrada, como sempre os nossos artifices a souberam lavrar.

Foi pois este o poiso realengo, onde o vencedor da força filippina, desembarcado ao som da acclamação naquella praia historica, a 7 de Dezembro, veiu assentar a sua morada de Rei; e foi d'ali, d'aquelle solar de tantos avós, que no dia 15 d'esse mez, num grande tablado erguido debaixo das sacadas, elle deu ao seu povo o espectaculo do ceremonial da coroação. Ia El-Rei vestido de risso pardo bordado de oiro; botões e collar

103 — Arsenal do Exercito e Museu de Artilheria

de diamantes, do qual pendia o Habito de Christo num circulo tambem de diamantes; espada doirada, e opa comprida de téla branca lavrada de ramos de oiro. Terminado o acto solemne, desceu El-Rei ao Terreiro do Paço com todo o seu sequito. Esperava-o o seu famoso andaluz, coberto de manto de velludo negro guarnecido de passamanes e galões de oiro, e ricamente ajaezado. Montou El-Rei, e debaixo do pallio, e levado de redea por D. Pedro Fernandes de Castro, encaminhou-se com toda a côrte para a Sé Cathedral a dar graças a Deus, entre as alegrias espontaneas da cidade inteira, e ao som do vibrar de todos os campanarios de mosteiros e freguezias.

Numa outra vista antiga do Terreiro do Paço apparece um chafariz; só porém nas posteriores aos reinados filippinos. Percebe-se que era desenho elegante e com certa harmonia de linhas. Constava de um tanque, do meio do qual se levantava num pedestal uma urna como esphera achatada, com quatro bicas. Essa urna, adelgaçada em colo de bilha, servia de poiso a uma estatua de Apollo.

Sessenta longos annos tinham passado, sem que o Paço da Ribeira hospedasse os seus legitimos senhores; tinham-se aquellas paredes historicas deshabituado da antiga etiqueta portugueza; e não ha, nem pode haver, côrtes sem etiquetas. Quem quizer entranhar-se nesses assumptos, tem os regimentos promulgados logo em Dezembro de 1640 — aconselha o Snr. Visconde de Castilho, talvez cançado de já tanto nos contar.

Quanto ao edificio em si mesmo, carecia tambem de reformas; procedeu-se nelle a obras, mais ou menos consideraveis, obras a que não fôram estranhos o canteiro Agostinho Rodrigues, fallecido em 1653, e o seu successor João Fallardo, escultor. Aconchegou-se de razes aquella serie de salas, mobilou-se tudo, chamou-se um pintor illustre,

José de Avellar Rebello, que adornou de pinturas a fresco o denominado Salão da Musica, onde El-Rei gostava muito de o ir ver trabalhar, e creou-se ou ampliou-se a livraria propriamente musical do palacio. Essa livraria foi laboriosamente acumulada por espaço de annos; já em 1649 se lhe imprimia o catalogo; e era bibliotecario um capellão d'El-Rei, por nome João Alvares Frowo, ou Frovo, mencionado por Innocencio.

104 — Trem de praça e cocheiro

Nas reformas e melhorias que D. João IV executou no Paço, apparece em primeiro logar a da sua real capella, á qual deu novo regulamento em 1652.

Calcule-se o esplendor das frequentes festas que ali se presenciaram, quando todos os antigos escriptores se não cançam de encarecer a maneira admiravel como Lisboa, em geral, celebrava o rito catholico. Ha um pormenor que diz tudo: só em aromas e cheiros das egrejas, gastava a capital, no seculo XVII, mais de 20.000 cruzados annuaes!

Quem diria ao Duque de Bragança, chefe da nova dynastia, que o Paço da Ribeira, nobilitado por elle, havia de ser o carcere do herdeiro da corôa! Pois assim foi, e d'ali saiu, a embarcar-se para a Ilha Terceira, El-Rei D. Affonso VI, victima da mais asquerosa intriga conhecida na nossa historia. Separaram-no de sua mulher legitima, entre peripecias de grande escandalo, e encerraram-no preso no torreão do Forte. Retalhada de dôr, a Rainha não morreu. Livre do irmão e livre da mãe, elegeu-se a si proprio governador do reino o Principe D. Pedro, e logo se mudou para o Paço da Ribeira.

Passados mezes e passados os escrupulos, D. Pedro celebrava as suas nupcias com

a formosa cunhada. Repugnou á Rainha D. Maria Francisca ir habitar o mesmo Paço onde habitava tambem, encarcerado, seu primeiro marido; e então determinou que ficaria no palacio do Côrte Real, que era onde é hoje o Largo do Corpo Santo, apenas separado do Paço da Ribeira pela Ribeira das Naus. Construiu-se então, por ordem de D. Pedro, um passadiço que ligou os dois palacios. Ha planos e vistas antigas onde se conhece bem essa communicação.

No Paço da Ribeira esteve hospedado em 1704, achando-se El-Rei no Côrte-Real, o pretendente ao throno de Castella, Carlos III.

Nascido em 1689, no proximo palacio do Côrte-Real, foi El-Rei D. João V baptisado na capella do Paço da Ribeira em 19 de Novembro; ahi foi tambem armado por seu pae Cavalleiro da Ordem de Christo em 1696, e em 1697 reconhecido e jurado herdeiro do throno, em acto solemne perante a côrte na Sala dos Tudescos; ahi foi acclamado Rei em 1707; em 1708, com dezenove annos, ahi desposava a formosissima Archiduqueza Maria Anna; em 1711 nascia-lhe ahi a sua primogenita, a princezita D. Maria Barbara, que motivou o voto da edificação de Mafra, e veiu a ser Princeza das Asturias; em 1712 o Principe D. Pedro, que durou dois annos; em 1714 o Principe D. José, depois Rei; em 1716 o Infante D. Carlos, prematuramente fallecido aos vinte annos; em 1717 o Infante D. Alexandre, fallecido de cinco annos apenas.

Quantas recordações de familia não ligavam pois aquelle Rei aos tectos da Ribeira! Era o seu Paço querido, e como tal o tratou, o ampliou, o adornou de todos os requintes.

Quem hoje penetra nas secretarias do lado occidental da praça, quem entra naquellas salas, quem se escoa por aquelles corredores escusos, e se perde naquelle labyrinto, arrostando o mau modo de continuos e serventes, não pensa que houve ali duzentos e cincoenta annos um Paço primoroso e riquissimo, uma serie de salões qual a qual mais bello, colgados de razes e guadamecins, e mobilados de tudo quanto a invenção de marceneiros, entalhadores, doiradores e escultores produzia de melhor. Para as camaras e salas do Paço da Ribeira mandava a Persia os seus tapetes mais elegantes, e engenhavam adornos os primeiros pintores europeus. Para os jardins do Paço da Ribeira contribuia a flora dos tropicos com as flores mais raras; e o Tejo, cheio de sol, e rutilando de galeões doirados, dava áquelles macissos de murtas, buxos e larangeiras, entremeados de viveiros de aves raras, e orlados de varanda em balaustres sobre o rio, o mais esplendido fundo ornamental.

D. João V responde dignamente a D. Manuel. O faustuoso edificador de Mafra foi o reformador e consideravel ampliador da antiga fabrica manuelina da Ribeira, e adornou este Paço «com escadas magnificas e casas novamente pintadas com ricos adornos» — nota D. Antonio Caetano na sua *Historia Genealogica*. Noutra parte refere-se este mesmo compilador ás tapessarias finissimas, «e de excellentes debuxos, com que augmentou o grande numero das antigas de Raphael, Ticiano, Rubens, e outros insignes inventores e debuxadores»; e aos «preciosos moveis» e ás «porcelanas exquisitas da China» e ás «baixellas de prata fabricadas pelos mais peritos artifices», e á «excessiva copia de oiro e de grandes e brilhantes diamantes» e ás «pinturas dos mais famosos mestres».

A's obras emprehendidas por El-Rei D. João V nos seus Paços da Ribeira pode assignar-se data posterior a 1708, anno do seu casamento com a Archiduqueza, porque d'esse anno em deante augmentaram as pompas e etiquetas. Não é para admirar que, recomeçando os saraus e concertos, os jantares e recepções, e dobrando o pessoal da côrte, fosse indispensavel acudir com edificios novos, e em estylo moderno, ás exigencias d'essa nova vida.

Desde a chegada da Rainha sempre os senhores comeram em publico ao som de

musica, e em presença da côrte; e isso continuou no anno seguinte. A' noite havia concertos e serenatas, e até mesmo representações theatraes executadas pelas damas do Paço, em theatrinho especial armado numa sala, «com bastidores e tramoias compostas pelos melhores engenhos da côrte.» Outras vezes, por festas de annos, e outros anniversarios alegres, representavam em toda a pompa os musicos da capella real; e entre essas representações «houve algumas com muitas machinas e mutações».

A esse tempo, todo o lado occidental do Terreiro, até ao Arsenal, todo o nosso Pelourinho, as casas altas do Ferragial de Cima, o Côrte Real, e uma extensão que dominava uma boa parte da Rua Nova dos Ferros, tudo era habitação dos Reis. Das janellas que deitavam sobre a Rua Nova, aproximadamente a nossa Rua dos Capellistas, viram D. João V e a Rainha D. Maria Anna de Austria desfilar uma solemne procissão de graças pelo nascimento do Senhor D. José (depois Rei) em Agosto de 1714.

Uma das joias do palacio era a magnifica livraria, «que mal cabia em uma grande sala do edificio chamado o Forte». Da antiga livraria hereditaria da casa de Bragança, existia um pequeno resto; já vimos que El-Rei D. João IV o tinha acrescentado: El-Rei D. João V mandou collocar essas preciosas reliquias numa sala do Forte, com janellas sobre o Terreiro, no primeiro andar, e adquiriu uma numerosa e admiravel livraria, diz D. Antonio Caetano de Sousa «em que se vêem as edições mais raras, grande numero de manuscriptos, instrumentos mathematicos, admiraveis relogios, e outras muitas cousas raras, que occupam muitas casas e gabinetes.» Eram milheiros de volumes, que a munificencia real punha á disposição dos eruditos; favor que completava a protecção com que o mesmo Rei valeu a tantos homens de lettras, mandando imprimir, e com grande luxo, as obras historicas e litterarias d'elles. Essa livraria ardeu, com tudo o mais, em 1755.

Nos sumptuosos salões de recepção podiam admirar-se, afóra retratos herdados, alguns dos quaes fizeram talvez parte da recamara d'El-Rei D. João III, uma serie de retratos a oleo dos filhos d'El-Rei D. João V pelo Vieira Luzitano. O proprio pintor-escriptor, tratando de outros quadros seus que desappareceram, a esses se refere.

O Papa Clemente XI concedeu a El-Rei D. João V a promoção da capella real a Collegiada insigne, sob o titulo de S. Thomé Apostolo, com seis dignidades, dezoito conegos e doze beneficiados. Passados seis annos a Collegiada insigne era elevada a Cathedral metropolitana e Patriarchal, sob o titulo de Nossa Senhora da Assumpção.

A séde da Patriarchal lisbonense era na capella do Paço. Além do altar mór, no topo do côro, havia doze outros altares, magnificamente ornamentados; uma grande tribuna de dois andares, com rótolas, d'onde o Rei e a Rainha ouviam habitualmente missa. Nos domingos e dias santos officiava sempre o Patriarcha, ministrado por dezoito conegos, todos mitrados. O côro, composto de uns trinta ou quarenta beneficiados, era acompanhado por musica á romana, sem instrumentos. Uma parte do terreno occupado pela Patriarchal antiga é hoje occupado pela Egreja de S. Julião, que não era bem ali, mas que houve conveniencia em edificar nesse sitio, confórme consta do Plano de 12 de Junho de 1758.

D. João V enriqueceu essa egreja, e a ornou «de muitas pedras preciosas de grande valor, de oiro e prata, e diversos metaes, brocados, sedas, bordados os mais perfeitos e polidos que se podem ver; de sorte que tem um rico thesoiro». A torre foi guarnecida de muitos sinos, em dois andares de ventanas, ou sineiras; no primeiro andar oito sinos, dois a cada face da torre; no segundo andar, se bem que houvesse quatro sineiras, todo o espaço interior era occupado pelo sino grande, que se via atravez d'ellas, dos quatro lados. Este sino pezava 800 arrobas, e só tocava nas festas de primeira classe e nas exequias por pessoas reaes, patriarchas, cardeaes, e principaes.

O luxo dos sinos era antigo em Portugal, e não sómente em Lisboa, que tantos campanarios sonoros e festivaes alegravam.

Outro melhoramento consideravel recebeu d'El Rei D. João V o Paço da Ribeira: o abastecimento de agua, que ainda hoje corre no Arsenal e na Alfandega.

El-Rei D. José, succedendo no throno a seu pae, mal podia imaginar que, cinco annos andados, todas aquellas grandezas acumuladas por D. Manuel, D. João III, D. Sebastião, o Cardeal, os Filippes, D. João IV, D. Affonso VI, D. Pedro II e D. João V, e augmentadas por elle proprio, haviam de parar em nada, que todas aquellas opulencias haviam de aluir, arder, sumir-se para sempre!

105 — Palacio Real da Ajuda

Camillo Castello Branco publicava em 1874, nas suas preciosas *Noites de insomnia*, extractos de um manuscripto que achou, e cujo auctor se não nomeia, onde um erudito do seculo XVIII consignava em termos minuciosos a descripção do Paço em tempos de El-Rei D. José.

Segundo esse informador, continha o edificio tres grandes quadras, ou pateos, com galerias á volta. A quadra que ficava junto da egreja patriarchal, chamada «pateo da Capella», era rodeada de arcadas com largas janellas no andar superior. Por baixo das arcadas abrigavam-se lojas de tudo quanto se podia imaginar precioso, até oiro e diamantes. D'este pateo communicava-se por um vasto portico voltado ao sul, com outra quadra sobre o comprido, não menos rodeada de galerias, e tambem com lojas ricas; sobre essa galeria caíam as janellas do chamado «quarto da Rainha». Ao pé erguera El-Rei D. João V a alta e majestosa torre de marmore, com dois sinos para os quartos de hora, e outro de timbre mais grave para as horas. Sobre a Ribeira das Naus edificara-se outra ala chamada «quarto dos Infantes», e terminada ao poente por uma formosa varanda, ou terrado, gradeada de balaustres de marmore primorosamente lavrado, sobre cujos pilares se assentavam, de onde em onde, vasos de jaspe cheios de murta e flôres. Toda a fachada oriental, a que dava sobre o Terreiro do Paço, era occupada por uma espaçosissima galeria, que pegava pelo lado do sul com o magnifico pavilhão do Forte, obra de Filippe Terzi por ordem de D. Filippe II. Contigua a este lanço, corria uma varanda de arco dando serventia para a Sala dos Tudescos. Esta sala era o que é hoje no Paço d'El-Rei a primeira sala, onde se acham os archeiros, successores da antiga guarda tudesca, ou alleman, e que veem em alas bater com o couto das alabardas no chão, á entrada de cada visitante de cathegoria.

Residia El-Rei D. José, como alguns dos seus predecessores, no torreão filippino

do Forte, que era a melhor habitação de todo o palacio. As suas antecamaras, salas e gabinetes, encerravam — diz o manuscripto de que fala Camillo — o mais precioso que pode a terra dar, «porque as tapessarias de oiro, prata, velludo, damasco e outras sedas, quadros de admiraveis pinturas, e toda a mobilia, dão a conhecer a soberania da Magestade que o occupa.»

A casa dos Embaixadores era a melhor da Europa.

Para o lado do rio havia um bello jardim com grande eirado, com viveiro abundante de todo o genero de aves raras, especialmente pombos e rolas de varias castas.

Neste Paço da Ribeira, que viu os autos de Gil Vicente, nunca esfriou o gosto das representações e dos entretenimentos analogos. Depois da Restauração de 1640 houve no Salão de Musica muitos concertos a que assistiu a côrte. Em festas dos seguintes reinados celebrou-se com lindissimas serenatas dos mais peritos mestres de capella o anniversario de tal pessoa real, ou a noticia de tal victoria contra as armas castelhanas ou hollandezas. No tempo de D. João V eram os theatrinhos de sala, em que muitas vezes as damas do Paço, outras os artistas de profissão, mandados vir da Italia, representavam vistosos dramas allegoricos, com lindissimo e complicadissimo scenario. Quando cá veiu em 1728 o Marquez de los Balbazes, D. Carlos Spinola de la-Cerda, pedir a mão da nossa Infanta D. Maria Barbara para o Principe das Asturias, deu o Paço da Ribeira sumptuosas festas. Na noite da recepção d'esse Embaixador houve fogos de vistas espantosos no Terreiro do Paço, e concerto no «quarto da Rainha»; e numa antecamara tinha-se levantado um palco para os musicos.

106 — Monumento ao Duque da Terceira

107 — Concerta chapeus de sol!

Logo depois de 1750 mandou El-Rei D. José fazer uma casa de espectaculo no torreão da Casa da India. Ahi cantaram actores italianos mandados vir de proposito. O theatro era porem provisorio. Foi em 1753, sob o desenho do architecto de-

corador italiano, João Carlos Bibieno, ou Bibiani, que o Rei levantou um theatro novo, no outro extremo do seu Paço, para as bandas do que é hoje a nossa Rua do Arsenal. Nesse anno inaugurava-o a côrte em grande gala. Bibiani mandou vir de Italia o architecto e pintor decorador Dioggo Azzolini para o auxiliar nas pinturas e scenographias do theatro. Em 1767 trabalhava este ultimo nas decorações do Theatro Real da Ajuda, e ahi trabalhou até 1787, anno em que falleceu.

Do lado do Theatro da Opera havia sumptuosas galerias, para as quaes se entrava por um grande vestibulo fronteiro á Patriarchal; a serventia ou passagem para o theatro era a mais arrogante e magestatica obra de Lisboa. «Aqui os marmores são de maneira cinzelados, que nem a cera seria capaz de mais tenues arabescos. A natureza é vencida pela arte, porque os bustos, as carrancas, os festões, os relevos, os capiteis, os frisos, as folhagens, são coisa tão prodigiosa, quanto é mais de assombrar a qualidade de pedra tão rija para impressões tão delicadas».

Aos mercadores que tinham as suas lojas no pateo da Capella Real, chamava-lhe o o povo—os *capellistas,* e ás suas lojas—*capellas.* Na reconstrucção da Baixa pelo Marquez, todos esses mercadores do genero de capella, que é termo consagrado pelo uso, e ainda agora em pleno vigor, ficaram arruados na Rua Nova d'El-Rei, ali ao pé; mas prevalecendo o costume da designação, tirou d'elles nome a propria rua, e ficou sendo a Rua dos Capellistas.

No dia 1 de Novembro de 1755, achavam-se no côro da Capella Real as varias dignidades do Paço, acabando de resar terço antes da missa, quando rebentou a tremenda catastrophe. Quizeram todos fugir; o tropel ás portas tornou-se medonho; e pessoas houve que, pensando evitar maiores males, se atiraram das janellas ao pateo, morrendo na maior parte. El-Rei e a Rainha estavam então ausentes, em Belem; e o Infante D. Manuel nas Necessidades.

O Terreiro do Paço, com toda a area de um e outro lado das muralhas da Ribeira, foi castigado pelo terremoto e pelo incendio de 1755, abatendo os edificios, uns total, outros parcialmente, confundindo-se as ruas e casas, a ponto de muitas vezes os organisadores do Tombo de 1755 se verem forçados a deixar de mencionar medições, ou a declarar que foi impossivel determina-las, em vista de os edificios se acharem reduzidos a montes de ruinas.

Uma das primeiras providencias que se tomou foi a fixação dos locaes para lançamento dos entulhos, afim de se fazer o nivelamento do terreno entre a Rua Nova do Álmada e a Padaria, das extremidades meridionaes das referidas ruas, até ao Terreiro do Paço, «até que o sobredito terreno se reduza a um plano tal, que fique nivelado o Terreiro do Paço com as sobreditas duas ruas, até onde elle principia a descer para o rio e ellas a subir para a Boa Hora, Rocio e Arco da Consolação.»

Effectivamente, tudo nos indica que a Rua Nova dos Ferros e suas visinhanças eram sitios pouco elevados acima do nivel medio das aguas, comquanto no tempo do dominio romano, quando se construiram as thermas dos Augustaes, ainda fossem mais baixos. Uma primeira e antiquissima terraplenagem soterrou e fez olvidar aquellas thermas, mas o uso da sua agua continuou pelo poço da Fotéa e por outros poços abertos na sua proximidade.

No inverno do anno de 1422 as aguas provenientes de Arroyos e de Andaluz foram um dia tão abundantes, que «nadauão os toneis de vinho na rua das esteiras, e pela rua noua, e nadou hua galé nas tercenas.» Em um temporal que houve no Tejo em Fevereiro de 1731, a agua do rio, depois de ter transformado o Terreiro do Paço em um mar, entrou na Rua Nova pelas lojas dos mercadores até acima dos balcões.

Ao mesmo tempo que se organisava o Tombo da cidade de Lisboa, tratava-se de fazer o levantamento da planta, para sobre ella se estudarem os melhoramentos neces-

sarios. Não foi sem longos estudos que se chegou a fixar o risco que apresenta actualmente a cidade baixa, como se pode verificar nas plantas e projectos que ainda existem. O que se executou foi devido aos architectos Eugenio dos Santos de Carvalho e Carlos Mardel. Delineadas as ruas, tratou-se de lhes dar nomes, e de marcar os mestéres que nellas se deviam de arruar.

As duas muralhas ao norte do Terreiro do Paço, os predios que as ladeavam, as portas e torres existentes ou encostadas a ellas, os differentes edificios, fontes, chafarizes, poços, e tudo emfim que o terremoto poupou nesta zona, teve de ser demolido para a reedificação da cidade.

As egrejas e as ermidas foram reconstruidas noutros locaes, não longe, em geral, do seu sitio primitivo; novos predios foram levantados, obedecendo a um risco uniforme de architectura; as ruas, passeios lateraes, rêde de esgotos, foram estudadas para satisfazerem ás diversas necessidades reconhecidas naquella epoca.

O Terreiro do Paço, mudada a sua designação em Praça do Commercio, transformou-se em um largo regular, banhado do sul pelo Tejo, e limitado nos restantes lados pelas fachadas de edificios assentando sobre arcadas.

Ao centro da praça ergueu-se a estatua equestre de D. José I, modelada pelo esculptor Joaquim Machado de Castro. Em seguida ao terremoto, «huma das primeiras obras, em que se cuidou, foi no alicerse do pedestal, e depois de feito este cimento se foi continuando a cidade, sem mais se pensar na estatua.» Todavia nada mais se fez então, recomeçando novamente em 1770 os estudos e projectos do monumento, cuja descripção foi publicada pelo seu proprio auctor em 1810, e d'ahi se tem extraido varios artigos e monographias.

No levantamento da planta de Lisboa, effectuado nos meiados do seculo passado, tomou-se para plano de referencia do nivelamento a superficie da base da estatua equestre, a qual tem de altura sobre as aguas médias do Oceano $5^{m},011$.

Ao meio da face maritima da vasta praça, supportada por muralha, prolonga-se sobre o Tejo o Caes das Columnas, assim chamado por dois monolithos que havia no seu extremo, um dos quaes ha poucos annos caiu, e o outro foi em seguida apeado, por ameaçar ruina. Aos lados, fronteiros aos dois torreões, ha outros dois caes, prolongados por pontes de ferro; a do lado oriental pertence á Alfandega, e tem sido successivamente reconstruida desde os tempos de D. Manuel; tinha em planta, até ha pouco tempo, a figura de um T; a do occidental constitue a infra-estructura da estação dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste.

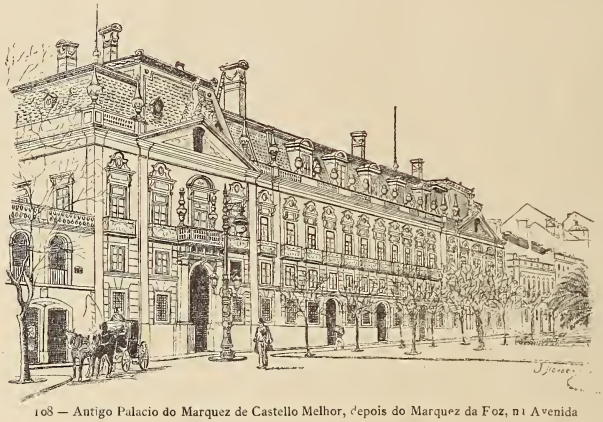
Na face norte da Praça do Commercio abrem-se tres ruas: aos lados a Rua Aurea e a Rua Bella da Rainha; ao centro a Rua Augusta, em cuja entrada se ostenta um magestoso arco triumphal, que ficou concluido na segunda metade do seculo. Só o corpo d'esse arco levou mais de cincoenta annos a concluir.

Todos os edificios com janellas sobre a Praça do Commercio pertencem ao Estado, excepto o que occupa o vertice noroeste da praça. Nelles estão installadas actualmente todas as Secretarias, a Alfandega, e ainda outros serviços, tendo a sua distribuição por vezes variado, ou completa ou parcialmente.

Do lado oriental da Praça do Commercio estende-se a vasta construcção da Alfandega. Este edificio occupa a area da velha Alfandega de D. Manuel, a do Terreiro do Trigo, e ainda uma parte importante da area do antigo Terreiro do Paço. Foi uma das primeiras construcções levantadas depois do terremoto, dirigida por Eugenio dos Santos de Carvalho, e custeada com o donativo de 4 % «sobre as mercadorias que pagam direitos nas alfandegas»; achava se já completa, bem como a arcada e o torreão que fica no topo d'esta, onde é a Bolsa do Commercio, no anno de 1772. Ao centro do edificio abre-se um vasto pateo, além de outros menores, com arcadas nos seus quatro lados,

o qual hoje quasi eguala, em dimensões e situação, o pateo descoberto da antiga Alfandega manuelina.

As construcções do lado occidental são mais recentes. O torreão chamado do Ministerio da Guerra não occupa, ao contrario do que se julga, o local do antigo torreão filippino. As dimensões dos dois torreões eram aproximadamente as mesmas, e as suas linhas geraes de architectura similhantes. Este ultimo, porém, ficava a cerca de 1/3 da arcada, a contar do torreão do Ministerio da Guerra. Nessa extensão o aterro é posterior a 1755, e não ligou bem com os aterros antigos, de fórma que o seu assentamento produziu uma quebra no alinhamento da arcada, e fendas em dois arcos que se acham



108 — Antigo Palacio do Marquez de Castello Melhor, depois do Marquez da Foz, na Avenida

no ponto de separação dos dois aterros; esses arcos e as suas abobadas, durante alguns annos, e até ha pouco tempo, tiveram por isso de ser escorados. Archivado no Ministerio das Obras Publicas, existe o projecto da fachada para o lado occidental da praça, elaborado por Eugenio dos Santos de Carvalho, mas não é o que foi executado.

Houve difficuldades na construcção do torreão, pela pequena consistencia dos terrenos, que não aguentavam as estacas das fundações, tendo sido concluido na primeira metade do outro seculo. Em 1841 estava muito adeantado, e quasi a concluir-se. Contiguo ao torreão, foi construido do seu lado occidental, muitos annos depois, um corpo de edificio, dependencias do Ministerio da Marinha, a que se chamou edificio da Ribeirinha.

Ao centro das construcções do lado occidental da Praça do Commercio ha, como do oriental, um pateo quadrado, porém de menores dimensões, cercado de arcadas cobertas com um terraço á altura do primeiro andar.

Limitado pela Rua de El Rei ao norte, Rua do Arsenal ao sul, Rua Aurea ao nascente, e Praça do Municipio ao poente, fica um espaço rectangular onde, posteriormente ao terremoto, foi levantada uma vasta construcção destinada para palacio da Camara. Esta porém installou-se sómente na parte oriental do edificio, com janellas sobre a Rua Aurea e Praça do Commercio, e cedeu a parte restante, com entrada principal e fachada sobre a Praça das Arrematações, actual Praça do Municipio, á Junta do Deposito Publico, á da Fazenda do Senado, e a outras repartições que ali se estabeleceram, até á creação do Banco de Lisboa, em 1822, que nella se installou. Esse edificio foi construido entre os annos de 1770 a 1774, e ardeu completamente em 1863.

Tratou-se depois de reedificar o espaço incendiado, mas dividiu-se em duas partes por uma rua perpendicular á Rua do Arsenal e Rua de El-Rei, que communica; na parte oriental, que abrange uma superficie quadrada, construiu-se o edificio onde está o Ministerio do Reino; na occidental, com area um pouco menor, levantaram-se os Paços do Concelho, com a fachada principal sobre a Praça do Municipio. Foram estes Paços começados em 1867, e em 1875 já estavam em ordem de receber os differentes servi-

109 — Academia de Bellas Artes e Bibliotheca Publica

ços camararios, que nesse anno para lá se transferiram. O frontão é ornamentado de altos relevos allegoricos.

O Palacio do Municipio apresenta ao centro um vão quadrangular, coberto por cupula com lanternim envidraçado, onde existe a escada que do pavimento terreo conduz ao andar nobre, e á altura d'este é cercado por um corredor ou galeria com arcadas, tudo de preciosas esculpturas em marmore. Este vão central, corresponde exactamente ao antigo pateo da Capella do Paço da Ribeira.

Nos dois quarteirões do lado norte da praça, que a Rua Aurea separa, e communicando-se á altura do andar nobre por um passadiço lançado sobre esta rua, esteve nos principios do seculo passado alojada a Familia Real, em seguida ao incendio que destruiu em 1795 o palacio provisorio da Ajuda. Esta residencia e passadiço foram de curta duração.

O edificio do Arsenal da Marinha parece ter sido uma das duas primeiras construcções levantadas depois do terremoto. O projecto é de Eugenio dos Santos de Carvalho, e a immensa e fortissima construcção do risco d'este engenheiro distingue-se á simples vista dos muitos armazens, telheiros, officinas e outras construcções, que no recinto do Arsenal se têm feito em diversas epocas. Na ala que deita sobre a Rua do Arsenal aloja-se, no primeiro andar, a Escola Naval, creada em 1845; os baixos servem

de armazens ou depositos de materiaes de construcção nautica. O corpo do edificio que fechava a Ribeira das Naus pelo lado occidental, e que tem uma direcção um pouco obliqua em relação á fachada sobre a Rua do Arsenal, assenta sobre varias dependencias do antigo palacio do Côrte Real.

No pavimento nobre ha uma vastissima casa, chamada Sala do Risco, onde está armado um navio para instrucção dos alumnos d'aquella Escola. Nos principios do seculo passado, segundo uma planta que existe no archivo do Ministerio das Obras Publicas, a Sala do Risco era chamada Casa das Fórmas, e por baixo ficava o «Armazem q̃ serve de Caza de Correção dos homens» e a sua denominação provém de ter ahi sido estabelecida a aula de construcção, desenho e traçamento de fórmas, do curso de engenheiros constructores, creado em 1796.

Ao occidente do torreão do Ministerio da Guerra havia duas docas ou caldeiras para abrigo, fechadas por muralha, e separadas por um molhe. Essas docas já existiam em 1727, e a do lado occidental foi entulhada por 1864.

No seguimento do molhe intermedio ás duas docas existia uma ponte de madeira, que se projectou substituir por um caes de cantaria; não se chegou a fazer, mas construiu-se uma ponte-caes de ferro, aproximadamente naquella direcção, e em cujo extremo se montou uma forte cabrea a vapor, cujas obras, que duraram desde 1863 a 1865, foram dirigidas pelo engenheiro João Evangelista de Abreu. Por essa occasião foi demolida a antiga ponte de madeira do Arsenal, que a de ferro veiu substituir no mesmo sitio.

Continuando para o occidente, havia duas carreiras para construcção de grandes navios, que já existiam tambem em 1727; a de oeste foi demolida pouco antes de 1888, para no seu logar se montar uma officina.

Seguia-se um molhe, que na extremidade voltava para o occidente, e foi aproveitado em parte para a cortina oriental do dique, ou doca do Arsenal. A construcção do dique e das carreiras de construcção dos navios de guerra, foram obra do illustre Tenente general Bartholomeu da Costa. O dique, como foi feito logo depois do terremoto de 1755, era mais estreito do que o auctal, e tinha as cortinas paralelas; foi reformado ainda antes de findar o seculo XVIII, e novamente reconstruido na segunda metade do se-seculo seguinte, ficando então com uma disposição aproximadamente oval em planta.

De 1818 existe um *Projecto para melhoramento do dique actual de Lisboa,* segundo o qual, ao dique, que já tinha portas, eram prolongadas as cortinas, afim de se lhes poder adaptar um batel porta, como hoje possue.

Pouco mais ou menos no destorcimento das paredes da ala da Sala do Risco, mas separada d'esta, havia junto ao rio uma officina de ferraria. que parece ter sido construida pouco depois da mesma ala.

Em 1798 foi creado o Observatorio Real da Marinha, e installado na parte do sul da Sala da Risco, de onde se mudou em 1824 para o Collegio dos Nobres. Em 1847 foi ordenada a construcção do edificio do Observatorio do Arsenal, sobre o terraço da casa dos banhos; esta casa era a mesma officina que fôra destinada para ferraria. Foi o observatorio extincto em 1874, continuando a ministrar-se o ensino da astronomia pratica aos alumnos da Escola Naval no arruinado edificio, até 1884, anno em que se construiu outro edificio adequado, junto ao angulo sudoeste da cimalha da Sala do Risco.

O balão da hora official foi inaugurado pelo anno de 1855, e estava collocado no terraço do antigo observatorio; foi substituido por um outro installado no angulo sul da Sala do Risco junto á cimalha, em 1885, anno de que datam tambem as installações muito perfeitas para a transmissão da hora obtida no Observatorio da Tapada da Ajuda, queda do balão, comparação de chronometros.

Em differentes epocas, os numerosos barracões, casas e officinas, que occupam uma area importante do recinto do Arsenal, teem sido levantadas ou reconstruidas, para satisfazer ás necessidades, sempre crescentes, das modernas construcções navaes.

Ao occidente da ala que occupa a Sala do Risco fica um espaço onde existiu o palacio do Côrte Real, com as suas varandas e jardim. Nesse espaço estavam já nos principios d'este seculo construidas, até á altura em que definitivamente ficaram, as paredes que deitam sobre a Rua do Arsenal. Ahi se projectaram uns armazens em forma de telheiros, destinados para grandes depositos de assucar, e actualmente acha-se occupado com officinas do Arsenal.

A parede que fecha pelo sul o Largo do Corpo Santo, e que forma esquina dirigindo-se para o Tejo, é de construcção relativamente moderna; limita ella por este lado o recinto do Arsenal da Marinha e das suas diversas installações.

No mesmo largo do Corpo Santo, ao meio do lado meridional, houve um boqueirão, ladeado por caes paralelos, para serviço de pequenas embarcações. Já existia em 1807, e desappareceu provavelmente quando foi fechado, antes de 1876, com o muro que lá existe, o lado sul da praça. Ali esteve o mercado de carvão, que acabou em 1835, e foi designado para venda de leite em 1863.

Vimos que uma das primeiras obras na reedificação de Lisboa fôra a do alicerce do pedestal para a estatua equestre de El-Rei D. José. Vejamos agora o que d'esse monumento nos conta o seu auctor, Joaquim Machado de Castro.

Em 19 de Outubro de 1770, era este esculptor convidado para se encarregar da obra do monumento, e em 21 de Março de 1771 apresentava d'elle o primeiro modelo a El-Rei, que o approvou. Em 15 de Outubro de 1774 se realisou a fundição da estatua, no Arsenal do Exercito, sob a direcção de Bartholomeu da Costa. Fez-se de um só jacto. Foram ao forno 656 e meio quintaes de bronse, e tirados os gitos se viu que a estatua ficava tendo 500 quintaes, acrescendo a este peso o de 100 quintaes de ferro da armação interior.

Machado de Castro passou então a fazer a cinzeladura e retoques no bronze, no que se empregaram 83 operarios, durante 63 dias, e um só d'elles era esculptor. Castro tinha de attender á parte esculptural na pedra, e á cinzeladura da estatua, e sempre com as maiores instancias de pressa.

No dia 21 de Maio de 1775 foi collocada a estatua sobre o carro em que devia ser transportada. No dia 22 principiou a mover-se, do Arsenal para o Terreiro do Paço, gastando no transporte tres dias e meio. Foi puchada por mais de 1000 homens. A Casa dos Vinte e Quatro, com o Juiz do Povo, a corporação das Obras Publicas com o Conselheiro fiscal das mesmas obras, pegaram nos cordões do carro. No dia 27 foi a elevação no pedestal. Nesse dia tudo estava concluido, excepto o baixo relevo, que ainda ficava incompleto.

Diz Machado de Castro que os grupos apenas são copias dos modelos, e em parte pouco exactas, porque a pressa que lhe deram apenas lhe consentiu alguns retoques e traços a lapis. O baixo relevo assentou estando apenas em meio desbaste. Tem de vivo a vivo da moldura, de comprido 13 palmos $^{1}/_{2}$; de largo, pelo rosto, 11 $^{3}/_{10}$ $^{1}/_{2}$; pelo convexo 12 $^{9}/_{10}$. O relevo, nas partes de mais vasado, tem $^{1}/_{2}$ palmo. O pedestal levanta-se sobre seis degráus, e tem 47 palmos $^{1}/_{2}$, e o plinto 1 palmo $^{7}/_{8}$. Total da altura 48 palmos $^{3}/_{8}$; de comprido 27 palmos; e de largo 18. A estatua tem 31 palmos, sendo 27 $^{7}/_{10}$ até á cimeira do capacete, o resto é o ornato da plumagem. As figuras dos grupos têm 14 palmos de alto.

Como já referimos, Joaquim Machado de Castro escreveu um livro de mais de 300 paginas, em que conta a historia completa do monumento que fez, e a que deu o titulo de *Descripção analytica da execução da Real Estatua equestre*, e nos capitulos III e IV

trata minuciosamente dos estudos que realisou para modelar bem o cavallo e apresenta os seus desenhos, e todas as medições, com singular erudição.

E' sabido que no reinado de El-Rei D. José se cultivou a arte da picaria com o maior disvelo, que a creação dos cavallos era esmeradissima, e que era isto objecto de luxo. Machado de Castro pediu ao Marquez estribeiro-mór, o Marquez de Marialva, homem dos mais entendidos na equitação, um cavallo que elle julgasse mais bello; e o Marquez lhe mandou um chamado *Gentil*, que na verdade o era, diz Machado.

Copiou o insigne esculptor, e estudou os melhores cavallos que então possuia a Casa Real, e fez no seu modelo as alterações que julgou opportunas, e que indicou com a maior claresa. O cavallo do monumento de Lisboa é de raça hespanhola. E de Castro ter tido bons modelos, ninguem póde duvidar; que os desenhos que apresenta são bons, tambem não é licito negar; e que o modelo escolhido, e que se admira no monumento, é de elegantes fórmas, de admiraveis proporções, é egualmente incontestavel, conforme as mais autorisadas opiniões. O cavallo está em posição de *piaffer*, que é «o manejo em que se põe o cavallo, em actual movimento, sem avançar terreno.» Machado aponta as rasões por que escolheu esta posição, que lhe indicou o Marquez estribeiro-mór, e a primeira é «por ser este o movimento em que o cavallo mostra mais fogo, mais brio e mais nobresa», e acrescenta: «Porque no *piaffer* fica o corpo do bruto mais agrupado, que no movimento a passo, fazendo esta attitude parecer o corpo do cavallo mais comprido, e por esta causa mais esgalgado.» Explica elle muito bem como este movimento é o mais proprio para mostrar a bellesa das formas do animal.

110 — Monumento a José Estevam

No que respeita aos jaezes, queixa-se Castro de que não lhe consentiram faze-los simples como desejava, e á romana, conforme elle queria vestir a estatua, o que tambem não se lhe permittiu. Foi obrigado a vestir de ferro o seu heroe, mas afastou-se quanto poude da exacta armadura, e por isso armou o peito e o abdomen de uma couraça que descobre a musculatura. Uma coisa que muito affligia Machado de Castro era ver o Rei embuçado em ferro, e por isso imaginou aquella couraça, e não poz luvas nas mãos do cavalleiro «muito de proposito, e não por descuido, como alguns erradamente têm julgado.»

O manto finge manto real, ou manto da Ordem de Christo, por ser a roupagem mais grandiosa, e dar muita elegancia e majestade á figura. Alguns têm notado a falta de esporas, sem observarem que em vez de esporas têm puas, e que de proposito as poz o esculptor, porque as usavam os cavalleiros de Christo; uso de que se conserva memoria nos actos de se armarem os cavalleiros d'aquella Ordem.

As proporções da figura do Rei em relação com as do cavallo são exactissimas e elegantissimas, mas nas obras d'este genero é necessario não olhar muito para os detalhes, perdendo-se sempre os toques do cinzel na fundição. Devem pois considerar-se as

massas, e sobre estas deve recair a critica. Debaixo d'este aspecto, Castro desenvolveu o talento de um grande mestre.

A attitude da estatua de D. José é nobre e majestosa: exprime exactamente o pensamento que inspirou o esculptor. Machado de Castro não representou um rei conquistador e victorioso, mas o monarcha que no seio da paz fez florescer o commercio, a industria, as artes e as sciencias, e, mais que tudo, que levantou das ruinas esta bella cidade. Se o esculptor tivesse de representar um heroe, cuja gloria se houvesse de afferir pelos combates que vencera, pelos inimigos que deixara no campo, pelas conquistas com que dilatara os seus estados, outra seria a attitude da estatua. Machado de Castro só tinha que representar um reinado pacifico e sereno; por isso só attendeu á nobreza e á majestade da figura, não tendo em conta a arrogancia, a impavidez, que devem caracterisar os conquistadores.

111 — Monumento a Sá da Bandeira

O grupo occidental do pedestal é uma allegoria do Triumpho, que suplanta os inimigos e ganha os tropheus da guerra; o grupo oriental é uma allegoria da Fama soprando na sua tuba, e lançando aos quatro ventos os clangores da gloria. Para que fosse inteiriço cada um d'estes grupos eram necessarias duas pedras de 17 palmos de comprido, 18 d'alto e 10 de espessura, cada uma: além da difficuldade de extrair e conduzir das pedreiras, duplicaria o trabalho querendo-se fazer cada grupo de uma só peça; ao passo que o Rei, o Ministro e a côrte instavam pelo acabamento da obra, e desejavam vê-la completa num dia, se tanto coubesse no possivel. Por isso resolveu o esculptor, para diminuir o trabalho material e poupar tempo, lavrar os grupos de diversas peças, ajustando-as depois por tal fórma que não affrouxam a expressão das attitudes.

112 — Padeira e lavandeira saloias, a cavallo

Cada um dos grupos se compoz de dez

pedaços de marmore de tamanhos diversos, tendo sido necessario empregar algumas pedras de bastante grandeza — «por terem as figuras humanas 14 palmos d'altura, excepto os seus terrassos; e como estes se deviam incluir nas pedras a que pertencessem, e as figuras aladas são em pé, se precisaram para estas duas pedras de 15 palmos d'alto cada uma, cuja medida contem da cabeça para baixo, sendo as azas, que se elevam, feitas de pedaços diversos.»

O marmore é lioz de Peropinheiro, não só muito preferivel pela consistencia á pedra d'Ançã, «mas tambem susceptivel de receber o lustre que lhe queiram dar; não se deve porém lustrar para lhe não offuscar a alvura que o faz realçar mais, porque com essa operação escurece, e descobre mais visivelmente os fios e manchas que tem.»

No projecto que deixara Eugenio dos Santos, era sem ornato algum a pedra convexa posterior do pedestal da estatua, o que parecia de muito mau effeito. Para que a composição d'aquelle todo não se mostrasse aleijada, por lhe faltar ahi o equilibrio do ornato, Castro tratou de suprir essa falta com algum adorno, e fez então o baixo relevo que lá está.

Constrangido a seguir em tudo mais o projecto que lhe fôra dado, só nessa parte do monumento elle poude realisar trabalho inteiramente seu. Occorreu-lhe neste caso, diz Castro, «uma representação de figuras symbolicas, que alludisse á generosidade com que o Soberano, representado na estatua, principal objecto d'este monumento, concorria e ordenava a reedificação da sua Cidade Capital quasi totalmente arruinada.»

A descripção que o proprio esculptor faz d'esse baixo-relevo é a melhor que poderiamos desejar. «Imaginei a scena — diz elle — em um como peristylo, ou varanda majestosa, semelhante áquellas em que se fazem as acclamações dos nossos Reis, na qual se visse o throno e a Generosidade Régia personalisada em uma real donzella, sobre o mesmo solio. A corôa d'esta figura é de imperiaes fechados, indicando assim ser do Soberano, e não de algum dos titulos subalternos; vestida com habitos majestosos, á heroica; e a seu lado um leão, symbolo d'esta Virtude. Depois d'esta figura, tem o seu primeiro logar na imaginativa, e para a expressão do sujeito, a Cidade de Lisboa, caída como em deliquio, a qual se distingue por um escudo, que se finge ter embaraçado antes da queda, e nelle se divisam as armas da mesma cidade, para se dar a conhecer a imaginaria pessoa a quem pertencem. O Governo da Republica mostra cooperar em acudir á Cidade; porém como não pode sem authoridade superior á sua, o Amor da Virtude o conduz á presença da Generosidade Régia, que benigna e promptamente lhe facilita os meios, dando-lhe nos cofres do Commercio o recurso para as despezas, e na Providencia Humana e Architectura as direcções para o bom exito de tamanha empreza.» Personalisa a cidade uma matrona veneravel, adornada de vestes magnificas; o Governo da Republica é um varão vestido de couraça, armado de capacete e lança, e com um ramo de oliveira; o Amor da Virtude um menino alado, coroado de louro e uma estrella, conduzindo pelo braço ao Governo da Republica; o Commercio é representado por um varão vestido ao antigo uso portuguez, abrindo um cofre e offerecendo as riquezas á Generosidade Régia; finalmente, duas esbeltas figuras de mulher, uma coroada de espigas de trigo, segurando um leme e duas chaves na mão esquerda, a outra desfraldando a planta da reedificação de Lisboa e mostrando um esquadro e um compasso, seus distinctivos, representam a Providencia Humana e a Architectura.

A Praça do Commercio mede hoje 870 palmos de nascente a poente, e 830 de norte a sul. A altura da arcada, janellas e platibanda dos edificios que a circumdam é de 73 palmos e meio.

A altura total do monumento é de 79 3/8 palmos.

No mez de Março de 1775, dos edificios que circumdam o Terreiro do Paço, ape-

nas da parte do nascente estava construido o torreão; da parte do poente, até ao meio; e do lado da terra até ao encontro do arco. Quiz o Marquez de Pombal que no dia 6 de Junho apparecesse completa a praça e construiu-se de madeira a parte que faltava. Ahi trabalharam 3.200 homens, na construcção dos edificios de madeira, com todas as acommodações, salas e aposentos indispensaveis para os festejos. Trabalhava-se de dia e de noite; e póde imaginar-se a quantidade enorme de materiaes necessarios, para que tudo ficasse concluido, como affirmam as memorias do tempo. Viu-se emfim completa a praça conforme o primitivo risco, muito mais sumptuoso do que o que lá está agora. A cantaria da obra já feita foi limpa, e a cantaria artificial foi gessada, para que toda ficasse egual; e a alvenaria foi pintada de amarello, côr que sempre se tem conservado.

Debaixo da arcada armou-se uma galeria dividida em camarotes fechados, e numerados, com o seu corredor. Todas as janellas da praça foram armadas de sanefas, cortinas e colchas de damasco carmezim.

Na manhã do dia 2 de Junho saiu um bando do Senado para intimar os moradores da cidade a pôrem luminarias nas noites de 6, 7 e 8. O bando era precedido de um esquadrão de Cavallaria seguido por todas as musicas dos regimentos de Cavallaria, vestidos de azul, agaloados de prata e chapeus guarnecidos de galão tambem de prata. Todos os que compunham o bando—meirinho da cidade, seu escrivão, o porteiro do Senado, o procurador mais antigo da cidade, os almotacés da limpesa, e os juizes do crime dos bairros,—iam todos vestidos de novo, com o maior luxo possivel, á moda do tempo, de capa e volta, chapeus de plumas, e presilhas de brilhantes. Seguiam o bando cavallos de estado ricamente ajaezados, e carruagens de reserva.

Defronte do monumento, quasi na extremidade do caes, construiu-se uma torre de figura redonda, com 364 palmos de circumferencia, para a qual se entrava por quatro portas em cruseiro com suas columnas, e nos vãos havia quatro figuras do tamanho natural, fingindo jaspe e representando a Magnificencia, a Monarchia Lusitana, a Fecundidade Perpetua, e o Contentamento Publico. Sobre o portico levantava-se outro corpo com columnas mais pequenas, e outras quatro estatuas representando com os seus emblemas a Pintura, a Mathematica, o Negocio, e a Previdencia. Rematava-se este corpo com uma cupula sobre a qual estava a figura de Apollo cercado de um resplendor dourado, tendo na mão o sceptro, com a figura do Sol, e aos pés o alaude.

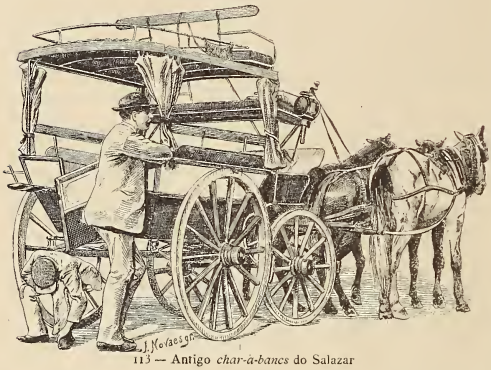
A's 11 horas da manhã do dia 6 sairam os regimentos de Infanteria, todos fardados de novo, a tomar as suas posições, destacando muitas esquadras para sentinellas, com as mais rigorosas ordens para se observarem os regulamentos de policia feitos por esta occasião. A entrada para os edificios da praça era por bilhetes, que designavam o logar ao portador.

Os regimentos de Cavallaria formaram no Rocio, e destacaram patrulhas para manter a policia dos trens e conservar as ruas desembaraçadas.

Eram 2 horas e meia da tarde, saiu do Paço El-Rei, incognito, com a Rainha numa sege, a Princeza D. Maria e seu marido, o Infante D. Pedro, em outra; as mais pessoas, em carruagens a seis. As fidalgas vinham á côrte, que era com donaire grande, vestido de manto, carruagens ricas, e os creados fardados de novo. A Familia Real occupou o torreão occidental, riquissimamente armado com pomposas decorações. Os cardeaes e ministros estrangeiros occuparam as janellas mais proximas do torreão, e d'este mesmo lado estava toda a nobresa. As senhoras tiveram logar nas janellas do segundo pavimento. Quem dava os bilhetes era o Conde de Oeiras, presidente do Senado.

Em roda da praça, levantou-se uma trincheira de madeira, solida e bem decorada, fechando todo aquelle espaço.

A's 2 horas e meia da tarde, sairam o meirinho do Senado e o juiz do Povo com seus escrivães, os ministros do corpo do Tribunal e Junta do Commercio, em ricas carruagens, e seguiam muitos ministros dos outros tribunaes e grande parte da nobresa, encaminhando-se á Calçada da Ajuda, para acompanharem o Marquez de Pombal até ao Terreiro do Paço. Era um prestito numerosissimo, e o Marquez vinha no melhor coche da Casa Real, seguido da sua guarda. Precedia o coche seu filho o Conde de Oeiras, em uma soberba berlinda, e logo adiante d'elle o juiz do Povo. Este prestito foi apear-se á porta do Senado, no Terreiro do Paço.



113 — Antigo *char-à-bancs* do Salazar

A's 5 horas da tarde, chegou El-Rei com a Familia Real, e foram para o torreão que lhes estava destinado.

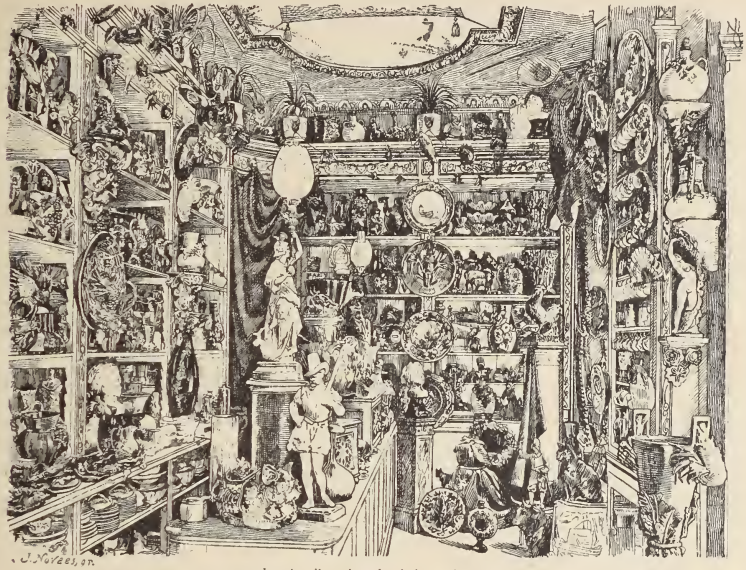
Logo entrou na praça um magnifico carro, puxado por seis formosos urcos. Este carro representava o Templo da Memoria, e nelle vinha a estatua d'El-Rei. Vagarosamente percorreu a praça, espalhando flôres. Depois entraram as trombetas, clarins e timbales com fardas de velludo carmezim, quasi completamente cobertas de galões de oiro; iam apoz os tres reis d'armas, com os seus arautos e passavantes, com as suas cotas d'armas ricas sobre os vestidos, vindo occupar os dois angulos da frente do pedestal e o angulo que olha para o occidente. Pouco depois, entraram na praça o Senado e a Junta do Commercio em duas alas, indo á direita a Junta. Diante das duas alas Francisco Xavier de Passos, e José Antonio Ferreira, de capa e volta, chapeus de plumas bem matizadas, e ricas presilhas. Acompanhavam o Senado e a Junta do Commercio muitos ministros e fidalgos, e ao todo faziam um prestito de 450 pessoas. Fechavam as alas o Conde de Oeiras e o Marquez de Pombal, e a estes acompanhavam Reynaldo Manuel, architecto das Obras Publicas, Joaquim Machado de Castro, o esculptor do monumento, e mais mestres d'obras João Ferreira Cangalhas, José Antonio Monteiro, e Manuel da Silva Guião.

As duas alas foram marchando encostadas ao lado occidental e, chegando defronte do torreão onde estava El-Rei, cortaram á esquerda seguindo até em frente da estatua; ahi voltaram na direcção do monumento. A estatua achava-se coberta com uma grande cortina de seda carmesim, que cercava todo o pedestal. Chegada ahi a comitiva, o architecto Reynaldo e o esculptor Machado de Castro tomaram as pontas da cortina, e as entregaram a Joaquim Ignacio da Cruz Sobral, inspector das Obras Publicas, para as repartir pelo Conde de Oeiras e pelo Marquez de Pombal, os quaes de chapeu na mão as pucharam, e assim ficou descoberta a regia estatua. Fizeram-lhe logo tres reverencias, e os reis d'armas Portugal, Algarve e Goa, soltaram o brado «Viva D. José I, Rei de Portugal!» e immediatamente as trombetas, clarins e atabales tocaram a marcha expressamente composta para esta occasião. A tropa abateu as bandeiras, as musicas tocaram a mesma marcha, os officiaes fizeram as continencias.

Acabado isto, retiraram-se o Senado e a Junta do Commercio. Desceu á praça a Côrte de capa e volta, precedida pelo porteiro mór, que lhe servia de mestre de ceremo-

nias, levando á esquerda o desembargador corregedor do crime da Côrte e casa, e indo, em frente do torrreão real, d'ahi caminharam para o monumento, ante o qual fizeram tres reverencias. E depois se seguiram os tribunaes, sem precedencias de logares.

Afinal, a tropa formou em columna, tendo á frente o General Conde do Rio Pardo, com um brilhantissimo sequito de outros generaes e seu estado maior. Não houve salvas nem dos regimentos, nem do Castello e embarcações de guerra no acto da inauguração



114 — Interior d'um deposito de louça das Caldas

«porque se entendeu ser coisa incommodativa.» E acabado o solemne acto deu-se entrada franca na praça á multidão, que era enorme.

A' noite houve illuminação. Em todas as janellas se pozeram tochas; os intervallos das janellas a platibanda geral foram illuminadas com mais de 28.000 luzes; dos vãos dos arcos pendiam lustres com 6 luzes de cera cada um. E no theatro do Paço houve representação lyrica.

As festas pela inauguração da estatua d'El-Rei D. José continuaram num segundo dia, com exhibição dos carros mandados fazer pelo juiz do Povo e Casa dos Vinte e Quatro, e baile e ceia offerecidos a El-Rei pelo Senado.

Eram sete os carros, representando a America, a Africa, a Asia, a Europa, Apollo, o Oceano, e Portugal Triumphante. Antes da entrada d'estes carros, que vieram do largo, onde é hoje a estação central dos Caminhos de Ferro, o carro do Senado que já figurára no primeiro dia, e representava o Templo da Immortalidade, deu outra volta na praça, espalhando flores. «Os carros eram de maravilhoso artificio, e deslumbrantes.»

A' noite houve mais illuminações e fogo de artificio na torre levantada do lado do mar, em frente no monumento. Findo o fogo, a Familia Real foi para o edificio da Al-

fandega, onde estavam preparadas as salas para o baile e serenata, e para a ceia. Os convites eram limitados ás pessoas da primeira grandesa.

O baile e serenata foram na casa chamada do Sello, que é enorme e estava decorada com grandeza e luxo. Nella ardiam 2.000 luzes; tinha 14 tremós por cada lado, 28 placas grandes, 69 serpentinas de 4 lumes, 112 de 3 lumes, e 48 de 2 lumes; e do tecto pendiam 48 lustres de cristal. As paredes eram decoradas com 19 cariathides por banda, que sustentavam serpentinas; nos intervallos havia espelhos grandes, onde se refletiam aquelles centenares de luzes, e custosas tapeçarias. No topo da sala havia um coreto onde os melhores cantores e instrumentistas da côrte executaram a serenata intitulada — *L'Eroe coronato*, composição do celebre mestre David Peres.

Começou a funcção pela serenata, á qual se seguiu o baile, que rompeu o Conde de Oeiras dançando com a Embaixatriz de Hespanha, e a Marqueza de Pombal com o Embaixador, seguindo a nobresa sem precedencia. Só entraram nesta primeira quadrilha senhoras casadas da primeira nobresa.

A' meia noite passou a Real Familia á sala reservada da ceia; e os convidados passaram a outra grande sala, decorada com engenhoso artificio. Havia em todo o seu comprimento um lago, onde nadavam pequenas embarcações de todos os modelos, fabricadas com a maior perfeição, e todas empavesadas. Numa extremidade do lago via-se a figura do Tejo, rodeado de nymphas; e na outra uma cascata admiravel. Do outro lado da sala, era um jardim, com grande variedade de figuras, murtas, e festões de flores. Nos aparadores ostentavam-se as mais preciosas baixelas de prata, o melhor que havia em Lisboa, e que era magnifico. Dizem que até os ourives foram obrigados a empresta-las. A mesa occupava os tres lados da sala, e nella se ostentou tudo quanto naquella época podia imaginar-se de mais fino e delicado na culinaria, na pastelaria, e em vinhos generosos estrangeiros e nacionaes.

Acabada a ceia, voltaram os convivas para o baile, que durou até de manhã.

Para esta funcção não houve limite na despesa. Durante um mez se trabalhou nos aprestos d'ella, e foi a maior e mais esplendida que se viu em Portugal.

Na tarde do terceiro dia das festas formaram as tropas no Rocio, e depois vieram fazer parada no Terreiro do Paço, onde houve exercicios e continencias á estatua. Compunha se a força de seis regimentos de Infanteria e dois de Cavallaria. Na noite d'este dia, o provedor da Junta do Commercio deu um esplendido baile e maravilhosa ceia em que a louça da mesa era toda da mais fina de Saxonia.

Uma memoria do tempo diz que certo curioso possuia uma collecção de todas as composições poeticas que se imprimiram por occasião da inauguração da estatua equestre. Constava essa collecção de 4 volumes, contendo 659 composições, em todas as linguas. Algumas poesias se escreveram nas linguas grega, arabica, e hebraica, como aconteceu na academia que no primeiro dia dos festejos houve no collegio do Convento de Jesus. A Imprensa Regia tinha ordem de imprimir todas as composições laudatorias do acto da inauguração, gratuitamente, dando as partes o papel.

Na manhã de 27 de Abril de 1777 appareceu desfeito o medalhão do Marquez de Pombal, que fazia parte do monumento. Tristissimo insulto de algum mau patriota e nescio! Só muitos annos depois, por decreto do regente D. Pedro, Duque de Bragança, é que foi reposto o busto em bronze do Marquez no pedestal da estatua, e em lettras tambem de bronze, que lá se lêem, a inscripção — 12 de Outubro de 1833 — como memoria da data em que se fez essa solemne reparação ao restaurador de Lisboa.

Se a vasta Praça do Commercio não é um primor architectonico, é sem duvida uma das maiores grandezas d'esta capital e porventura nenhuma cidade possuirá outra de tão majestoso aspecto, particularmente por ficar á beira da amplissima bacia do Tejo, pelo qual entram as rampas dos seus caes.

Não era possivel que o architecto da nova cidade deixasse de conservar a praça que no mesmo local havia; e era natural que procurasse torna-la mais regular e engrandecê-la com magnificos edificios. Assim se fez. O plano de Eugenio dos Santos, sem embargo de não ter sido levado á sua execução completa, ainda produz agradavel impressão em quem entra nessa vasta praça e a observa attento.

Todos os edificios que hoje circumdam a Praça do Commercio foram levantados á custa do donativo dos 4 por cento, offerecido a El-Rei D. José pelos principaes negociantes de Lisboa, e imposto nos direitos de todas as mercadorias e manufacturas que entrassem no reino. Por decreto de 2 de Janeiro de 1756, aceitou El Rei D. José o donativo. O producto d'este voluntario imposto devia ser especialmente applicado á reedificação das alfandegas e a uma praça de commercio com as commodidades necessarias, afim dos homens de negocio não estarem sujeitos ás injurias do tempo. Foi assim que, do producto do alludido donativo, se dispenderam 3.250:520$187 réis em todos os edificios da praça, além de 24:640$443 réis no pedestal da estatua equestre, e réis 224:593$582 na alfandega provisoria. Do producto do mesmo donativo sairam importantes subsidios para as fabricas do reino. Já se vê, pois, que com razão o Marquez de Pombal deu á nova praça a denominação de Praça do Commercio.

Existe uma gravura que representa o desenho de toda a praça, como a delineou o architecto Eugenio dos Santos. São desconhecidos os motivos que fizeram que não fosse seguido, á risca, o plano d'esse architecto. Conhece-se evidentemente que ali falta alguma coisa, e que a decoração não está completa. Vejamos como ella fôra delineada.

Os torreões tinham seus zimborios bem elevados, rematando em lanternins, com grimpas muito altas; nos quatro angulos de cada torreão havia como uma especie de guaritas quadrangulares com quatro janellas, rematando em cupulas ponteagudas. A altura dos torreões, conforme uma descripção que temos á vista, devia ser de 292 palmos (46 metros). Ao longo de toda a platibanda que circumda a praça, sobre os pilaretes, deviam collocar-se trophéos militares. Os remates nas esquinas das ruas que desembocam na praça são conformes com o primitivo risco.

O arco da Rua Augusta parou, durante muitos annos, na architrave; tudo o mais não tem conformidade alguma com o primeiro risco. Esse arco devia ter 100 palmos de alto, assentando, como lá se vê, sobre seis columnas inteiriças, compositas, de 42 palmos. O tympano elevava-se sobre as duas columnas primeiras de cada lado, e sobre o tympano levantava se uma esbelta torre quadrangular, onde havia um relogio com mostradores em todos os quatro lados. A altura do arco e torre até á grimpa era de 260 palmos. Seis estatuas o decoravam; duas ficavam sobre as duas columnas de cada lado; duas sobre cada columna mais recolhida e duas sobre as pilastras para além das primeiras janellas; as ultimas quatro estatuas destacavam-se, produzindo bello effeito. O corpo do arco era em frontão, bem proporcionado, com dois altos fogareos nas empenas. Como se vê, era uma decoração muito mais majestosa. Porque não seguiu este risco? Disse-se que os alicerces não podiam com o peso dos torreões e do arco. A verdade é que a economia e o mau gosto apossaram-se da obra e deixaram-na incompleta em parte, e noutra parte desfiguraram-na, estragaram na.

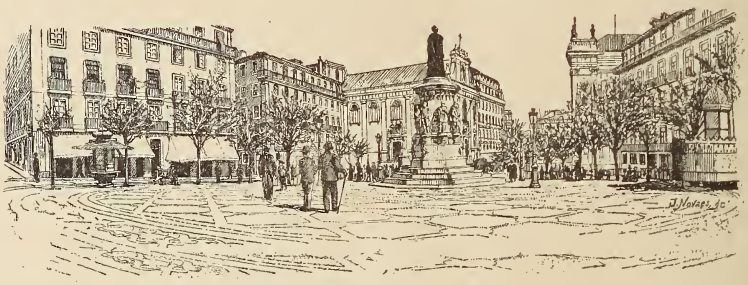
A obra moderna é caracteristica do mau gosto, que ha muito se arreigou em Portugal. Onde devia erguer-se um arco de boas formas, pozeram uma immensa mole de pedra, tendo em uma das faces, olhando para a praça, o brazão nacional, entre silvados e grinaldas; e na outra, para a Rua Augusta, o mostrador do relogio egualmente entre silvados e grinaldas. Encostadas a esse monte informe de pedra, collocaram-se seis estatuas; quatro correspondem ás columnas, representando, a primeira, lado direito, Viriato, a segunda Vasco da Gama; a terceira, o Marquez de Pombal; e a quarta D. Nuno Alvares Pereira. Aos lados estão assentadas duas estatuas, que representam, a do lado

direito o Tejo, e a do lado esquerdo o Douro. Sobre o tympano vê-se um grupo que representa a Gloria coroando o Genio e o Valor, e mede 9 metros de altura.

Este grupo foi executado pelo estatuario francez Anatole Calmels, que se obrigou a fazê-lo pela quantia de 11.200$000 réis. As seis estatuas são do esculptor portuguez Victor Bastos, que por ellas recebeu a somma de 9.000$000 réis.

O grupo é uma obra de esculptura de revelante merito; as estatuas tambem merecem louvor. O fornecimento das pedras, o assentamento e collocação de todas as esculpturas, foram por conta da Direcção das Obras Publicas.

A conclusão d'esta obra demorou quasi um seculo. Só todo o corpo do arco levou mais de cincoenta annos a concluir, pois que as columnas já em 1815 lá estavam collo-



115 — Aspectos de Lisboa. Praça de Luiz de Camões

cadas. Não admira isto, porque todas as obras mais ou menos grandiosas, que no principio do seculo passado estavam por concluir, nunca se levaram ao fim ou, se as concluiram, foi por modo mesquinho e sem conformidade com os primitivos riscos.

A historia da Basilica de Santa Maria Maior, Sé de Lisboa, vae seguramente muito além do principio da monarchia. As conjecturas sobre a sua origem e fundação entranham-se, a perder de vista, no periodo nebuloso e agitado dos primeiros seculos christãos; os seus caracteres actuaes mal podem revelar o segredo da sua primitiva estructura, porque passaram ali repetidas catastrophes.

Na frontaria pesada e solemne que, entre os seus anachronicos restauros, está a darnos provas evidentes de altissima antiguidade, o corpo central, mesquinho e pobre, sobrepujado de platibanda, ostenta uma rosaça moderna; por baixo d'ella e aos seus dois lados, abrem-se duas insolentes sacadas do seculo XVIII, unidas por varanda de ferro como em qualquer habitação burgueza da cidade; e o largo portal que dá sobre o adro não passa de um *pasticcio* pobrissimo, de volta inteira, guardado por um portão de grades prosaicas e semsabores, sem belleza nem caracter.

Aos dois lados d'este corpo central, que devia ter perpetuado a sua feição primeira, erguem-se duas torres, que mais pesadas parecem por estarem visivelmente cercias, pelo menos a dois terços da sua altura natural. São dois carrancudos gigantes de granito, orlados de grossos ressaltos, ou contrafortes, que vêm quebrar a monotonia de uma parede nua, e contribuir com a affirmação das longas paralelas verticaes para o effeito soberbo do conjuncto.

Até tres quartos da sua altura actual sobem nuas estas duas torres, apenas interrompidas de setteiras, e de duas janellinhas quadradas, de vidraças ridiculissimas, já

noutro plano das sacadas da frontaria. A quarta parte de cada torre é occupada lá no alto por ventanas, onde moram os sinos, por cima de um cordão de cantaria, que segue a linha da platibanda central, e na torre do sul se interrompe para dar logar ao mostrador moderno do relogio.

As torres da Sé, antes do terremoto grande, eram de varios corpos e acabavam em altas grimpas, segundo desenhos antigos. Eram dois esbeltos minaretes, com tres anda-

116 — Arco triumphal da Rua Augusta

res de duplas janellas quadradas, sobrepujadas de corucheus. Depois de reconstruidas, taes quaes as vemos hoje, tiveram tambem corucheus muito agudos, segundo todas as gravuras e pinturas que representam a Lisboa de 1755.

Agora subamos os degraus do adro. Este adro devia ter sido antigamente muito maior do que é. Encontra se no cartorio da Camara Municipal uma ordem d'El Rei D. Manuel, de 21 de Julho de 1513, para que o adro e o muro que o sustentava se refizessem pela Camara, por prejudicarem as ruas, uma que passava por cima, e a outra pela outra banda. No principio do seculo XVIII ainda os arredores eram tão desafrontados, que do adro da Sé se via o mar.

Esse adro da Sé, tão mudado hoje do que era ha cinco seculos, foi em 1373, ao tempo do cerco dos castelhanos, theatro de uma scena horrivel, que os antigos chronistas descreveram.

Estava junto ao portal da Sé armado um engenho de arremesso, com que se defen-

diam os portuguezes, a dentro da Porta de Ferro. Quando a plebe desmandada e furiosa entendeu acabar com uns poucos de suspeitos de connivencia com o estrangeiro, e de amizade com o traidor Diogo Lopes, foi agarrado um dos taes, posto na funda do engenho, e atirado ao ar. Caiu no adro, e como estivesse vivo ainda, tornaram a pô-lo na funda, desfecharam, e deram com elle no Tejo.

Penetremos agora na galilé, ou portico de entrada, veneravel peça, nua e singelissima. A porta, que dá ingresso á nave do templo, é bem curiosa. Lembra o que ha de mais genuino no estylo romanico da transição; tem-na o Snr. Visconde de Castilho como coeva com o decennio da chegada dos christãos a Lisboa. A volta da curva é redonda; a parte interior é moderna. A volta acompanham-na paralelamente, e gradualmente resaidos, quatro ribetes de archivolta, singelos e sem adorno, correspondendo a outros tantos columnelos por banda. Estes erguem uns capiteis caracteristicamente historiados. O terceiro do lado direito (S. Miguel com o Diabo aos pés) representa a lucta dos ideaes christão e musulmano; o quarto da esquerda (duas figuras de homem a cavallo, pelejando entre si a golpes de maça) a lucta bruta dos exercitos combatendo por aquelles ideaes; o primeiro do lado direito (um presbytero ladeado por um diacono e um acolyto) a christianisação do templo; o primeiro da esquerda (busto de mulher coroada) a consagração do templo a Santa Maria.

Duas lapides que ha no portico, e que logo nos chamam a attenção, referem-se ao anno de 1147, em que Lisboa foi tomada pelos christãos aos mouros, e por elles restituida á fé catholica.

Como bem nota o Snr. Visconde de Castilho, a quem acompanhamos na visita d'este monumento, ao penetrar o visitante no ambito da nave central da Sé de Lisboa, não corresponde o que presenceia ao que o portal da galilé já promettia, pela inopportuna claridade da egreja, pelas mal entendidas côres da ornamentação, e pela miseranda garridice d'aquelles pobres estuques pretenciosos.

Mas logo depois de entrar, começa o observador a reparar, a deixar-se repassar de silencio, e vê, a despeito de tudo, que está num templo antiquissimo. O arrojo das duas renques de columnas agregadas em volta dos pilares brutaes que esboçam as tres naves; o pittoresco desusado do recinto; a caracteristica disposição dos varandins de typo bysantino, que são, sem tirar nem pôr, o *gynæconitis* ou o *triforium* das egrejas antigas, isto é, galerias em roda da nave central reservadas ás mulheres; o esfumado da longa perspectiva da abside, que se entrevê de longe — tudo são teclas a vibrarem lhe na alma.

Padrão de todas as edades, a Sé de Lisboa, sem caracterisar absolutamente nenhuma, tem herdado de todas. Vê-se que a mão dos seculos lhe deixou gravado o sello particular de cada um; mas debalde se procurará encontrar no seu todo aquella perfeita revelação que denuncia para logo aos olhos do observador o genio de uma epoca.

Todavia, no interior d'aquelle templo, parece revoar, na solemnidade dos seus magestosos destinos, o espirito da religião. Naquellas feições heterogeneas ha o quer que seja que infunde respeito; naquellas reliquias augustas, legadas pelas gerações ás gerações, como que se estampou o mysterio de uma crença divina. Será porque nessas paginas de marmore, apesar de desordenadas, vive, se não uma historia completa, ao menos a memoria de muito feito glorioso?

O templo da Sé é dos raros que ainda hoje fazem impressão no espirito dos que o visitam. Assombra ainda o seu aspecto grave e severo, vivem ainda ali as lendas e as tradições de grandes raças desapparecidas. A poesia solemne do passado escreveu tambem naquellas paredes os seus disticos mysteriosos, a par dos emblemas symbolicos da architectura.

Repetidas catastrophes passaram sobre a Sé de Lisboa. Passaram as convulsões

da naturesa, deixando-lhe as modificações derivadas das suas ruinas; passaram as convulsões da sociedade, deixando-lhe as impressões procedentes das suas memorias. Sob o impulso destruidor de umas obliteraram se as feições de um passado interessante e remoto; sob a acção febril de outras, rejuvenesceram os fragmentos d'aquellas pedras com as tradições que lhes vinculou o indomado vigor do sentimento nacional.

Ha testemunhos tradicionaes da existencia d'esta circumscripção religiosa nos primeiros tempos da Egreja. Desde essas epocas remotas se achava aqui estabelecida e com ella, segundo todas as probabilidades, um correspondente edificio religioso.

Apezar das sanguinolentas contendas das varias tribus septentrionaes que, inundando o Imperio romano, se derramaram pela peninsula, penetrando no coração da Lusitania, o dominio godo parece ter-se consolidado em Lisboa desde os meiados do seculo v. No largo tempo de relativa tranquillidade que decorre até á invasão sarracena, bem plausivel é admittir aqui, em honra e serviço das congregações christãs, o concurso das artes christianisadas no periodo ingenuo do romanico primordial.

A occupação arabe, segundo diversos indicios, teve em Lisboa uma influencia menos violenta e absoluta do que se suppõe, principalmente em materia religiosa, o que não é para estranhar, se attendermos á tolerancia que, neste ponto, os musulmanos costumavam usar com os que se lhes submettiam, e se considerarmos que a posição geographica da cidade, tão aberta e favoravel ao commercio, naturalmente aconselhava a conveniencia de a conservar em tudo accessivel aos estrangeiros das diversas nações europeas, já na maior parte christãs.

Senhores os sarracenos de Hespanha, Lisboa, no anno de 716, rendeu-se-lhes por capitulação, mas estipulando expressamente o conservar livre a sua religião. Verdade é que depois a oppressão se fez mais pezada, mas nada a caracterisa de perseguição religiosa. A Lisboa arabe, ao tempo da sua definitiva restauração, estava longe de qualquer vexação de fanatismo.

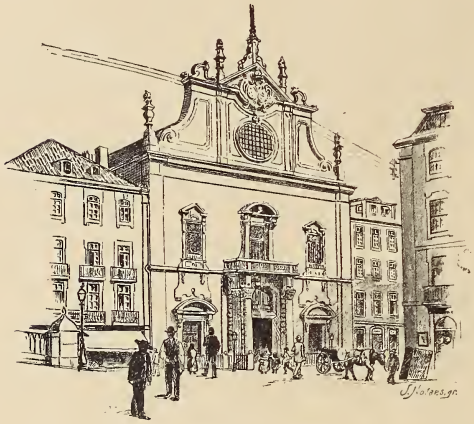
A Sé de Lisboa subiu sempre em cathegoria e jurisdição, acompanhando a elevação e desenvolvimento da capital. D. João I conseguiu-lhe o titulo de Sé Metropolitana, elevando-a a arcebispado, e dando-lhe por suffraganeas as mitras de Lamego, Evora, Silves e Guarda. D. João V, dispendendo thesouros, alcançou-lhe o predicamento de Basilica, afim de dividir a cidade em duas metropoles, oriental e occidental, divisão que devorou muito cabedal e pouco tempo se sustentou.

Em duas epocas memoraveis se agitou á volta d'este monumento o enthusiasmo popular, que o amor da independencia justamente inflamava. Em 6 de Dezembro de 1383, suspeito por sua origem castelhana o Bispo D. Martinho, e pagando com a vida o delicto de se oppôr a que os sinos repicassem, sem lhe valer o caracter sagrado, foi arremessado do alto de uma das torres da Sé, com lastima de quantos desejavam o triumpho nacional puro de cruezas. Duzentos e cincoenta e sete annos depois, no dia 1 de Dezembro de 1640, os portaes da Sé abriram se de par em par ante a procissão de acção de graças, que celebrava o feliz resgate da patria!

Em 1640, o prelado metropolitano era deveras portuguez, de nascimento e de lei, amigo leal e dedicado do seu paiz, inaccessivel a seducções e sugestões, um dos fautores mais decididos do glorioso movimento. Havia elle recusado já a purpura cardinalicia com que lhe acenara Castella; fizera na vespera expôr o Sacramento na Cathedral; e fôra com todo o Cabido orar ali pela revolução projectada. Era o douto e ardente D. Rodrigo da Cunha, o chronista dos seus antecessores, o publicista eloquente e convicto d'aquella revolução, cujos direitos proclamou e justificou. Levava elle em pessoa o crucifixo, aceitando assim publica e nobremente, no alvorecer incerto da insurreição, a cumplicidade do acto que promovera. Chegando ao Largo de Santo Antonio, o povo, que o conhecia e venerava, em volta d'elle ajoelhou pedindo em grandes vozes que a

benção do prelado o fortelecesse na começada empreza. O crucifixo que D. Rodrigo levava era o mesmo que o Arcebispo de Braga D. Lourenço levara arvorado na batalha de Aljubarrota. Ainda hoje elle existe no thesouro da Cathedral, com o nome de Christo da Restauração.

Muitos *Te-Deum* têm antes e depois soado naquellas venerandas abobadas; muitas cerimonias, inspiradas pelo enthusiasmo ou méramente determinadas pelo ritual, se têm celebrado no seu recinto. Nenhuma ficou ali irradiante como essas duas datas.



117 — Egreja de S. Domingos

Faria um grande livro quem quizesse deixar a historia completa da Sé de Lisboa — diz o Sr. Visconde de Castilho. Do muito que este illustre escriptor apurou e reuniu a tal respeito se compõe já quasi todo um volume da sua *Lisboa Antiga*.

«Templo erguido em sete renques de columnas com outras tantas cimalhas...» — escrevia o cruzado inglez Osberno, na descripção mais antiga que da Sé existe. Parece á primeira vista, que da traça antiga é impossivel achar vestigio, num templo, que em vez de seis naves, como as *sete* ordens de columnas querem indicar (admittindo mesmo que as duas ordens lateraes fossem conjunctas com a parede mestra), apenas tem hoje, e ha já seculos, tres naves. Mas examinando com minuciosidade um plano da Sé, o Snr. Visconde de Castilho encontrou esse vestigio. Diz elle:

«Sete ordens de columnas dão seis naves, com uma ordem de columnas ao meio do templo, o que é absurdo. Entrou-me logo a suspeita vaga de um lapso de copia; e para experimentar parti do principio de que no manuscripto do inglez estivesse *seis* em vez de *sete* (VI por VII, nada mais admissivel). Ora seis renques dão cinco naves, o que é verosimil. D'essas cinco antigas naves já o intelligente Villela averiguara vestigio, pois — diz elle — na casa onde se revestem os conegos em habitos choraes, se descobrem pedaços de columnas.»

Do tempo de Villela até agora houve mudanças no regimen caseiro da Sé. Por exemplo: a casa onde se revestiam os conegos serve hoje para o Senhor Patriarcha se revestir e descançar quando vae ás festividades.

Ainda no alto da parede interior para o lado da rua, se vêem uns capiteis grosseiros, que são as misulas sobre que recaem os ribetes da abobada ogival. São, sem duvida, os pedaços de columnas a que se referia Villela.

Este recinto todo, paralelo ao eixo maior do templo, formava já por si uma nave, cujo outro lado era o que hoje é parede intermedia para a egreja. Dá idéa da largura exacta de tal supposta nave a dimensão da capella de Bartholomeu Joannes, que é a primeira da esquerda, em baixo, ao poente, perto da pia baptismal. As antigas columnas divisorias estão clarissimas ao longo da parede.

A esta renque de columnas segue-se paralelamente outra renque, e ahi podemos

pois imaginar já duas naves. Vem depois a nave central, cujo tecto é muito superior ao das outras. Depois a outra nave do sul, e emfim outro espaço occupado pela vasta sacristia, e que bem poderia tambem em tempo antigo ter sido outra nave praticavel. Deviam pois ser cinco as naves no meio do seculo XII, na hypothese do Snr. Visconde de Castilho. É certo porém que os actuaes criterios só auctorisam o reconhecimento de

118 — Palacio dos Duques de Palmella

uma planta crucifera constante de tres naves e a adjacencia lateral de duas alas de construcções, sem duvida posteriores á fabrica primitiva do corpo central; parecendo assim dar-se originalmente a coexistencia de cinco naves, em vez de tres. As sete renques de columnas de que fala o texto de Osberno terão neste modo de vêr outra explicação, que não seja o vicio de copia.

El-Rei D. Affonso Henriques e o Bispo D. Gilberto procederam necessariamente a obras consideraveis neste templo e suas dependencias; mas quaes fossem precisamente essas obras ignora se. A porta principal e as paredes fortalecidas com os gigantes da parte do norte accusam typo architectonico dos primordios da monarchia. Na parte inferior de um d'esses botareus ha como material de construcção alguns silhares ornamentados, do typo puramente bysantino.

Bem demonstrado está o desvelo que mereceram as obras da Sé ao nosso primeiro soberano. No seu testamento, manda El-Rei que os seus moiros de Santarem e todos quantos tiver em Lisboa, captivos seus, ao tempo do seu fallecimento, os dêem para trabalhar nas obras do templo; e depois de concluidas essas obras, mandem para as de Santa Cruz de Coimbra os moiros que tivessem trabalhado em Lisboa; e tambem recommenda que não esqueça remetterem para Coimbra o seu moiro carpinteiro.

Vê-se que a reedificação, os restauros, os augmentos, proseguiam com certa actividade por todo o seculo XII e pelo seculo XIII tambem. Estiveram ali as escolas dos conegos; era ali o Paço dos Bispos; não é pois possivel que deixassem tão variadas exigencias de requerer a continua presença do pedreiro. Conjectura o Snr. Visconde de Castilho que aos trabalhos que no restante do seculo XII se fizeram, não seria estranho, além dos moiros citados, o mestre Roberto de Lisboa, architecto celebre pelos annos de 1168, a quem se refere o *Livro Preto* da Sé de Coimbra.

Procedeu El-Rei D. Affonso IV a consideraveis obras na Cathedral, motivadas certamente pelos estragos do tremor de 1321.

Aproveitando-se talvez da ruina d'esses mesmos annos, edificou para seu jazigo o Bispo de Lisboa D. Gonçalo Pereira (1322 a 1326), uma capella junto á porta travessa do templo «que olha para os paços arcebispaes» diz D. Rodrigo da Cunha, porque no seculo XVII ficava o Paço dos Arcebispos onde é hoje a cadeia do Aljube. Era essa capella obra de singela architectura; ahi veio muitos annos depois a ser erguida em tumulo alto, lavrado de figuras, a estatua de D. Gonçalo, vestida de pontifical. Nem vestigio se encontra hoje de taes magnificencias.

Em 1344 outro terremoto arruinou a Sé e muitos mais edificios. Mandou D. Affonso IV certamente concertar os estragos; e a essas obras todas que em sua vida realisou, e se vê eram consideraveis, allude seu testamento. «Porem, (por isso) D. Affonso IV, pela Graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve, a honra e louvor de Deus e da gloriosa Santa Maria sa Madre, e do Martre S. Vicente (ordenei), fosse edificada por minhas proprias despezas na Igreja Cathedral de Lisboa û o Corpo do Bemaventurado S. Vicente jaz, a ousia (capella) principal da ditta Igreja, com outras Cappellas darredor, a qual ousia eu hey por minha Cappella, e em esta Cappella escolha-se por devoção minha sepultura.»

Em todas as vistas antigas de Lisboa apparece a celebre torre quadrada da Sé, tão grande, e tão alta. Era uma especie de zimborio, se assim se lhe pode chamar, erguido sobre o cruzeiro, torreão immenso mais alto que os campanarios, com tres andares de janellas, e um sino no eirado. De 1352 para cá apparece ella em todas as vistas do templo.

Na parede ao lado esquerdo de quem entra o portão principal, ha uma pintura de Antonio Machado Sapeiro, do seculo XVIII, que representa S. Christovam, e é sem nenhum valor; mas em compensação, e no lado symetricamente opposto, contempla se uma tela de alto merecimento: *Salvator Mundi,* de Pedro Alexandrino, um dos nomes primaciaes da arte portugueza, um dos talentos mais fecundos d'esta terra.

Assim descreve este quadro o Snr. Visconde de Castilho: «Na parte superior vê-se o Padre Eterno em gloria, entre um admiravel grupo de Anjos, que o seguram numa nuvem. Na mão direita brande como rei dos céos o sceptro de oiro; na esquerda sustem o calix da Redempção. Na parte inferior do quadro vê-se Christo ao meio, em pé, majestoso e digno, mas suavissimo, sorrindo melancolicamente para o espectador. Adoram-no de joelhos, em extase, cinco formosos Anjos adolescentes, symbolisando talvez as cinco partes do mundo avassalladas por Jesus. Neste vulto sereno do Mestre não quiz o auctor figurar o Jesus do Calvario, o Homem da angustia suprema; pintou antes o Christo do céo, o Christo triumphante, o Christo das alegrias eternas, o Homem

Divino, já revestido da côr do azul immarcessivel. Nas mãos e nos pés conhecem-se-lhe as chagas da crucificação, mas conhecem-se-lhe apenas; na fronte luminosa, na casta fronte gloriosa, rutilam já todas as satisfações intimas do cumprimento da missão. A baixo do Salvador arrasta se a vencida serpente, odienta e lubrica, tentando ainda, mas em vão, recobrar a maçã do Paraizo. A mão direita do filho de Deus ergue-se suspensa na attitude larga e magnanima de quem abençôa. O globo vê-se ao lado d' Elle, sobrepujado do alteroso madeiro da Cruz, que Elle sustem com a mão esquerda, isto é com o lado do coração. A arvore da Redempção eterna firma se no globo, e ergue o seu vulto austero, rectilineo, rapido, até ao grupo superior, formando assim o elo mysterioso entre os céos e a terra. E' a ponte sobrehumana da eterna ligação, é a escada mystica dos anhelos e das aspirações terrenas para as serenas regiões de além-mundo. Aos pés de Christo uma caveira esquecida symbolisa a morte, que Elle soube vencer. Passa toda esta scena em opulento jardim, com um rio á direita, para além do qual se entrevê ao longe o raio ferindo um idolo de bronze, entre o espanto e clamor de dois sacerdotes das seitas desthronadas. A linha esthetica primaria, que liga artisticamente os dois grupos, parte da fronte do Padre Eterno, desce ao calix, ao joelho, á aza do Anjo de costas, á cabeça, á cintura, e ao pé esquerdo do Christo. As linhas todas do grupo superior convergem harmonicamente, segundo a regra, até á fronte do Padre Eterno; assim como todas as do grupo inferior convergem na fronte do Homem Deus. Os dois grupos ligam-se tambem, já pela Cruz, cujo madeiro se ergue desde a terra até ao céo, já pela linha vertical do fuste das columnas de um templo pagão que, para equilibrar a linha da Cruz, se avista á esquerda, e que symbolisa talvez o esquecido polytheismo. Os Anjos, principalmente os de baixo, são o mais lindos que é possivel: esbeltos, formosos, intelligentes, bons, grandiosos, teem tudo! Que bello quadro depois de analysado e saboreado com vagar!»

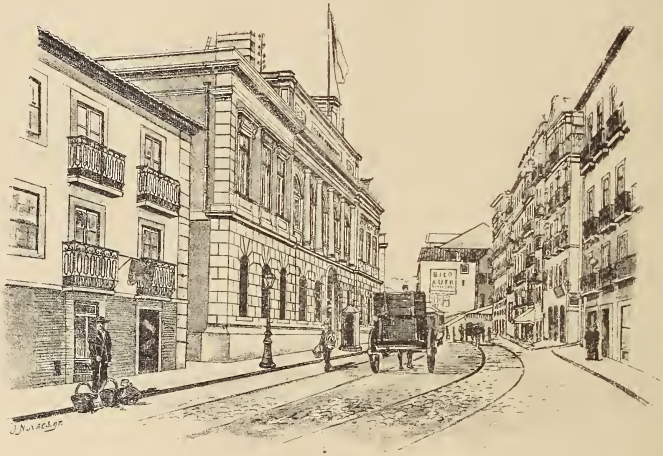
Vimos que á esquerda da entrada da Sé está a pia baptismal, que ainda hoje serve, e se julga ser a mesma onde recebeu o sacramento inicial aquelle que veio a ser Santo Antonio de Lisboa. Na mesma pia foi baptisado outro Antonio, quasi tão illustre como o Santo — o Padre Antonio Vieira.

D'este mesmo lado é que é a capella de Bartholomeu Joannes, uma joia. Quem a examina de fóra reconhece-a logo, pois desdiz do resto dos paredões, com a sua affirmação ogival pronunciadissima. Para a nave do templo tem uma larga porta ogival muito boa. Nesta capella foi collocado o tumulo do seu fundador. E' uma grande arca de pedra com tres brazões na face de fóra, um aos pés, outro á cabeceira; os da frente entre dois motivos repetidos de folhagens ornamentaes. Os escudos trazem uma banda entre seis flores de liz, tres a cada parte. Sobre a tampa da arca descança a figura de Bartholomeu Joannes, em habitos longos. como os usavam as classes elevadas no seu tempo, e envolto numa capa admiravelmente panejada. A capa tem no hombro esquerdo uma borla; e ao arregaçar-se deixa apparecer em baixo, junto aos pés da figura, uma bolsa pendente. As mãos, quasi de todo mutiladas, só conservam os dedos polegares. Sobre o corpo assenta a espada do defuncto; tem o punho quebrado; apenas se lhe percebe o botão extremo dos copos. A cabeça é nobre, e cheia de physionomia, cabello comprido para traz das orelhas, barba annellada, assenta sobre duas almofadas. Nos pés botas sem saltos e ponteagudas. As esporas, ou puas, são de corrêa, mas desatadas, para deixar assentar o calcanhar.

Havia oito preciosos quadros da escola portugueza chamada de Grão Vasco, sobre o altar d'esta mesma capella, representando o martyrio de S. Bartholomeu, e sete outros assumptos do Novo Testamento.

Aos varios attentados de restauro de que tem sido objecto a Sé de Lisboa, no dizer do Snr. Ramalho Ortigão, parece que se pôz um termo. A Commissão dos Monu-

mentos Nacionaes acabou por lhe prestar a attenção devida, e especialmente encarregou um dos seus mais illustres membros, o Snr. Augusto Fuschini, de dirigir os trabalhos da paciente e disvelada reconstituição de quanto ha de bello e precioso entaipado sob as espessas camadas de argamassa e tijolo, ripados e tabiques, que os barbaros da obra publica ali foram pondo e juxtapondo, sem outra idéa que não fosse a de encher folhas de féria. Por sua parte, o Cabido da Sé escolheu tambem um dos seus membros, entre os que mais o nobilitam, para assumir na responsabilidade dos novos trabalhos uma parte equivalente á que assumia o Snr. Fuschini. A escolha recaiu em quem se achava, por todas as razões, indicado; e d'essa grata, se bem que árdua missão, foi encarregado Monsenhor Joaquim Maria Pereira Botto.



119 — Edificio da Casa da Moeda

Já quem visita hoje a Sé de Lisboa e olha essa formosa capella de Bartholomeu Joannes, póde ajuizar do excellente serviço que está sendo feito a um dos nossos mais grandiosos monumentos nacionaes. O remate precioso de tão valiosos trabalhos de reconstrucção será, por certo, a monographia que Monsenhor Botto prepara e em que fará a completa historia das evoluções architectonicas da Sé de Lisboa.

A' porta travessa do lado norte, sobre a Rua do Limoeiro, jaz em sepultura rasa o insigne D. Rodrigo da Cunha, Arcebispo de Lisboa desde 1636 até 1643. Acha-se ligado o seu nome ao feito extraordinario da Restauração de 1640; e a historia ecclesiastica do reino deve-lhe livros conscienciosos e eruditos que o immortalisaram. E' um dos maiores luminares da nobresa e da egreja de Portugal.

Quem pára no meio do cruzeiro vê, como no tempo de Carvalho da Costa, oito altares; os nomes dos actuaes é que differem dos que elle enumera.

No braço esquerdo da cruz temos primeiro, a contar de baixo, o altar de Sant'Anna, com retabulo de Pedro Alexandrino, dizem, representando Sant'Anna ensinando a Virgem Maria a orar por um livro, e S. Joaquim junto d'ellas lendo tambem

A este altar segue o do Coração de Jesus, com um mau retabulo.

Ao lado do Coração de Jesus segue a capella do Santissimo Sacramento, com sua porta de grades doiradas. A disposição da luz é feliz. Quem acerta de chegar ao gra-

deamento em occasião de estar descerrada a cortina que por dentro o tapa quasi sempre, gosa da linda vista que apresenta esta capella, que é moderna, mas muito concertada, rica, e harmonica no seu genero. Ha primeiro uma antecamara sem luz, e que assim forma um primeiro plano muito escuro, sobre o qual ressae ao fundo, com a sua ornamentação fortemente colorida, as suas alcatifas opulentas, as suas flores, os seus damascos e oiros, a camara do sacrario. Nesta não se vê d'onde vem a luz, que jorra do alto, muito a proposito, suave.

120 — Uma festa solemne na Sé: a Familia Real, o Patriarcha e seus acolytos

Por cima do arco ogival da entrada vê-se um quadro grande e bom, tambem de Pedro Alexandrino, representando a Eucharistia em ostensorio, circundada por quatro Doutores da Egreja que commentaram a sua instituição divina.

Defronte d'esta mesma capella do Sacramento, nota-se na parede opposta outro quadro grande e apreciavel, figurando a Ressurreição de Christo, tambem de Pedro Alexandrino, que o assignou e datou de 1780.

No altar collateral, á direita da capella mór, está a imagem historica de Nossa Senhora a Grande. O altar é seiscentista, ornamentado de columnas salomonicas de marmore de côres. A imagem é de pedra pintada, e de tamanho natural. Ainda no seculo passado se lhe chamava a Senhora de Bettencourt, porque uma antiga tradição refere que a trouxera de França, da cidade de Bettencourt na Normandia, o celebre Martim Affonso de Sousa, filho de Lopo de Sousa, aio do Duque de Bragança, alcaide-mór d'essa cidade, vedor da fazenda dos Duques, e do conselho d'El Rei D. Manuel.

121 — Largo de S. Roque e a Palmatoria

Era tida esta Santa como boa intercessora em occasiões difficeis, e por isso costu-

mavam as senhoras de Lisboa, que estavam para ser mães, beber por devoção agua onde se deitavam pós raspados da pedra da imagem, para o que lhes vendiam os sacristães o pó que iam arranhar nas costas de Nossa Senhora.

Neste mesmo altar esteve até 1883 a Senhora da Rocha apparecida em Carnaxide; para lá foi transferida nesse dia em grande pompa. A fim de substituir esta imagem, a que se habituara por mais de sessenta annos a piedade do povo, instituiram alguns devotos uma nova irmandade da Padroeira do reino, com séde em egual sitio.

O altar que faz symetria com este é o de Santa Maria Maior.

Depois, correspondendo á capella do Santissimo, está no braço direito da cruz a capella de S. Vicente. E' de muita antiguidade na Sé o culto de S. Vicente; hoje tem o martyr esta sua mencionada capella, privilegiada *in perpetuum*, ao lado oriental do braço direito da cruz do transepto. Até 1755 teve um nobre altar na capella-mór do templo. Por traz do altar foi posta a arca de pedra contendo as suas reliquias e presa, para maior cautela, com cadeias de ferro. D. Affonso Henriques e sua filha Mafalda, julgando pouco digna de taes cinzas essa clausura, substituiram o que era ferro por oiro e prata com gemmas preciosas.

Em muitos documentos velhos se nos deparam provas da crescente veneração que ao martyr do Cabo Sacro dedicavam os maiores principes. Serve de exemplo o testamento do Infante D. Fernando, filho d'El-Rei D. João I, que em 1437 deixa á Sé de Lisboa, em honra e memoria de S. Vicente, estas preciosidades: um missal grande, um frontal bordado a oiro para o altar d'elle, todo o ordinario da capella do mesmo Infante, um livro grande de officios divinos, doze livros pequenos procissionarios, um de canto de orgam, e um antiphonario, que mandara ao Infante um cardeal.

Além d'esses primorosos adornos e alfaias, consta confusamente, por depoimento de Francisco de Hollanda, que Nuno Gonçalves pintou o retabulo do mesmo. Esse altar foi mandado arranjar de novo pelo Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, entre os annos de 1540 e 1564. Foi elle tambem quem mandou fazer as cadeiras do côro de baixo e do de cima, o altar mór, e as suas fortes grades de bronze.

Com o terremoto e incendio de 1755, ardeu o altar; dos ossos do Santo apenas bocadinhos dispersos e queimados se encontraram no entulho. Recolheram-se, e estão hoje, lá no alto do throno da sua capella, num cofre de prata.

A' capella-mór seguem-se depois do altar de Santa Maria Maior, passando o arco da charola, a actual capella de S. Vicente, o de Nossa Senhora da Apresentação, com pintura de Pedro Alexandrino, e o de Santo Antonio, em cujo retabulo o mesmo artista o vestiu de menino do côro.

Alguns passos mais, e chegamos á sacristia. E' um recinto vasto e bem composto, diga-se a verdade. Corre em volta da parede uma linha escura de armarios de boa madeira com leves ornamentos de bronze doirado. Do lado sul abrem-se quatro altas janellas, e em correspondencia outras quatro para a nave lateral do templo. O tecto é estucado, e modernamente pintado com figurinhas religiosas allegoricas. Entre as quatro janellas de cada lado vêem-se tres nichos com estatuas de Santa Izabel, Santo Antonio, S. Damaso, do lado do mar, e do lado fronteiro Santa Engracia, S. João de Deus, e S. Verissimo. Ao topo da casa um altar com um grande crucifixo; a este altar responde da parte do nascente uma fonte de marmore de côres, com tres bicas de bronze. Ao centro do pavimento levanta-se uma meza, ou credencia de marmore da Arrabida, para preparo do calix e registo dos missaes.

Nas obras modernas da Sé admira-se a casa do Capitulo, bella peça, puro estylo do seculo XVIII: colgaduras a oleo sobre caixilhos, imitando razes; tecto alto, estucado, sacadas nobres; um todo solemne de tribunal ecclesiastico. E' aqui que no grosso da

parede existe, em dois armarios, segurissimamente guardadas, as preciosidades que constituem o chamado thesouro da Cathedral. Entre essas preciosidades figuram principalmente a celebre custodia de oiro ornada de pedras preciosas, e um relicario philipino de oiro e esmalte com um espinho da corôa de Christo.

E' tambem notavel a vista do côro alto, sobre a porta principal. O conjuncto abrangido d'ali é encantador, e d'esse ponto elevado é que a nave se ostenta em toda a sua grandesa. Corre-se em roda a cochia dos varandins de typo bysantino, e d'ahi se domina a extensão do templo todo, o qual, conforme Bento Morganti, mede 96 palmos de largo, e de comprido, da porta principal até ao altar-mór, 264 palmos.

Um recinto semi-circular por traz da capella mór é denominado as—Capellas affonsinas. Sabe-se que foi El-Rei D. Affonso IV quem o construiu. Ha grande divergencia, quanto ao orago de cada uma, nos diversos informadores, Carvalho da Costa, Vilela, e outros. Depois do terremoto de 1755 supprimiram-se varias capellas da Sé, cujos rendimentos se applicaram para a reedificação da parte arruinada do templo.

A capella chamada de Nossa Senhora da Luz já hoje não existe; foi transformada na recamara da do Sacramento.

A do Espirito Santo, tambem não existe; crê-se que é um espaço gradeado, junto á passagem para os claustros, no qual se revestiam em tempo os meninos do côro.

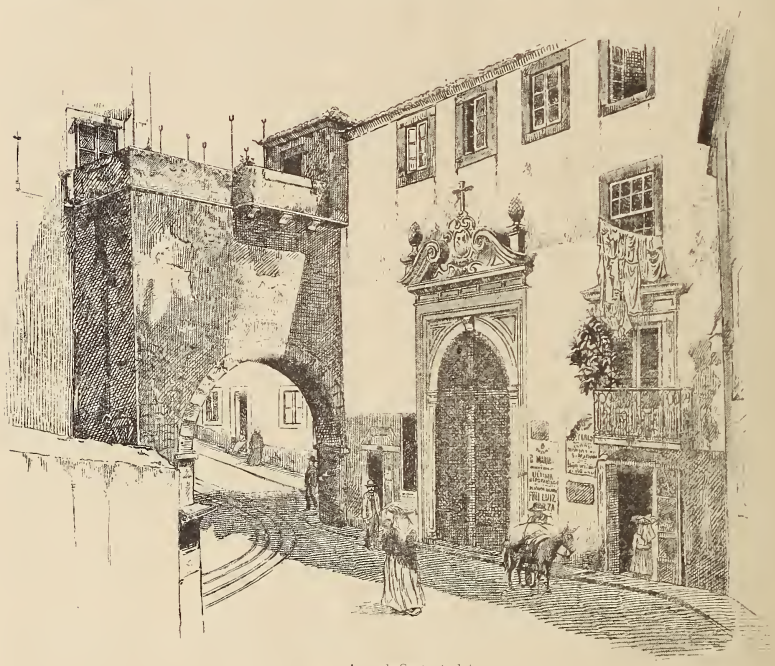
A terceira, era da Trindade para uns, de Santo Aleixo para outros. Hoje é a primeira das affonsinas, começando da esquerda; nada tem esta capella de notavel, a não serem os capiteis das columnas da ogiva do arco; esses são muito bons, como em todas as outras da charola. O resto é moderno, e pobre. Na machineta do altar vê-se Nossa Senhora, e aos dois lados S. José e S. Francisco. Por traz d'estas duas ultimas imagens ha duas pinturas antigas, Santo Antonio e S. Miguel.

A quarta, segundo Carvalho, e hoje segunda, era e é de Sant'Anna. Por traz do altar havia um tumulo, ou arca de pedra, com uma estatua de mulher deitada a ler num livro, e em roda da arca esculpidos os brazões alternados de Portugal e dos Manueis. Hoje, a descoberto, está no lado da Epistola do mesmo recinto. Recommenda-se esta capella pelos seus bellos mosaicos de marmore florentino, e pela sua obra de talha doirada. Além de varios santos em vulto no altar e aos lados, vêem-se nas paredes lateraes dois bellissimos quadros antigos; o da esquerda representa Sant'Anna dando a mão a S. Joaquim; o da direita representa o nascimento da Virgem.

A quinta, segundo Carvalho, hoje terceira, era no tempo d'aquelle auctor chamada de Santo Ildefonso, que ainda lá está no altar. Tem na talha doirada o brazão de armas de Portugal, Castella e Leão em duas pallas, com a corôa real. Hoje contém um grande presepio de figuras de barro, magnifico, obra do grande Machado de Castro, que o esculpiu. «Não se fartam os olhos de correr uma por uma as minucias tão graciosas e pittorescas do presepio, onde, como em todos, a representação das scenas plebêas serve de moldura brutesca ao assumpto principalissimo, o nascimento do Filho de Deus. Perto dos Anjos, e não longe da cavalgada rutilante dos Reis magos, formigam pelos oiteiros, aqui, ali, graças a uma esthetica anachronica da maior ingenuidade e graça, os grupos de pastores, saloias lisboetas, vaqueiros, ou tocadores; tudo animado do mesmo pensamento, tudo alegre, tudo por assim dizer a rutilar os reflexos da luz immortal. Aos autores e espectadores dos presepios não importa para nada saber se no tempo de Herodes havia cabazes, gaitas de folles, mantilhas, gibões, barretes de lã, chapeus de Braga, ou jalecas de alamares. O que elles querem é o espetaculo, que lhes traduza ao vivo, em globo, em imagens coloridas, as alegrias da Redempção. O presepio é o vestigio derradeiro do *mysterio* medieval entremeado de chocarrices, e representado na capella-mór dos templos, por occasião das solemnidades grandes». Junto d'esta capella onde está o presepio ha uma porta que foi visivelmente em eras antigas alguma capella, das

suprimidas. Por cima vêem-se esculpidas em pedra as armas do reino já com os sete castellos, e uma d'aquellas antigas corôas que mais parecem ducaes que reaes. Por baixo a data filippina de 1629.

Ahi, entre a porta e a capella do presepio, vê-se uma rude cadeira de pedra, que se crê ser uma preciosidade. Tem tambem a data de 1629. A sua historia está reduzida sómente a conjecturas. Corre que um Rei D. Affonso ali vinha assentar-se para dar a sua au-



122 — Arco de Santo André

diencia e administrar justiça. Ha tambem quem pretenda que fôra mandada pôr naquelle sitio por El-Rei D. Affonso VI; a data que se lhe lê oppõe-se evidentemente a esta opinião. Em 1629 ainda D. Affonso VI não era nascido. O mais proximo rei d'este nome é portanto D. Affonso V, que porém viveu muito antes de 1629, e ainda neste ponto a data vem repellir a tradição: no seculo XV não era já uso administrar justiça senão nos paços e tribunaes. Resta portanto uma só probabilidade. O costume de irem os reis ouvir os povos nas cathedraes, ou ás portas d'ellas, é anterior e, só por algum tempo, contemporaneo da monarchia. Quem nos afiança que este pequeno monumento não seja obra dos primeiros soberanos? A data que se intenta dar como prova da sua origem não poderá por ventura ter sido ali posta como indicadora do seu reparo?

A capella-mór da Sé era antigamente rota por todos os lados. Não se tinha construido a parte actualmente chamada charola, isto é, a parte do templo que semi circularmente liga as duas naves lateraes, e o altar mór vinha portanto a ficar erguido e solitario no meio d'uma ampla quadra. Combina esta circunstancia com a tradição e é provavel

que já nessa epoca ali estivesse aquella cadeira. A sua posição á direita do altar, no centro d'um grande espaço, parecia justificar o uso patriarchal que lhe foi attribuido. Memoria mysteriosa d'outro tempo, talvez reliquia veneranda da robusta adolescencia de um povo, nas suas praticas mais respeitaveis, esse pequeno monumento lá está ainda a segredar-nos o que quer que seja d'aquella grande vida dos antepassados, tão cheia, tão activa, vivida tanto ás claras. Se figurasse em logar mais apparente ter-lhe-ia já acontecido provavelmente como ás columnas do templo, suas irmãs talvez, de marmore antigo e precioso, e hoje cobertas d'uma camada de estuque; ter-lhe-ia acontecido como aos

123 — Interior de um atelier de pintura

antigos capiteis, que a esculptura morta havia recamado laboriosamente de finos lavores, e que a mão dos restauradores esclarecidos e intelligentes, com o fim seguramente de fazer começar uma nova era para as artes, escondeu depois do terremoto sob o gesso civilisador!

A respeito d'esta cadeira ha ainda uma opinião que temos por inédita e que se nos afigura levar vantagem ás conjecturas conhecidas. No corredor das capellas affonsinas havia cadeiras onde os respectivos capellães iam cantar as orações a que eram obrigados; um alvará de D. Affonso V prohibiu, sob pena de multa, que qualquer leigo ahi se sentasse. Não estará a grade, que ella tem em volta, a perpetuar esta tradição?

A sexta capella, segundo Carvalho, agora quarta, era de Santa Cecilia; outros dão-na como de S. Cosme e Damião. Hoje ahi se erguem ainda, aos dois lados, as formosas arcas, onde jazem, á banda do Evangelho, o grande Lopo Fernandes Pacheco, e á da Epistola sua segunda mulher, D. Maria Rodrigues, filha de Ruy Gil Villa Lobos.

O tumulo de Lopo é uma caixa singela, brazonada com a armaria respectiva. Em cima vê-se deitada a figura em pedra do grande cavalleiro, com a cabeça encostada a duas almofadas. Physionomia nobre, barba ponteaguda e entrançada; cabello comprido.

Vestes talares ao costume dos nobres antigos; nas mangas uns bicos bordados, onde se vêem as caldeiras das armas dos Pachecos. A figura está no acto de desembainhar a espada, no extremo de cujo punho tem tambem a caldeira, e em volta da bainha uma fita onde se lê: Ave Maria Gratia Pna... vs... Sapatos ponteagudos com corrêas. Os pés assentam sobre um rafeiro já sem cabeça. Em roda do tumulo, quatro por lado, um na cabeceira, outro aos pés, os brazões do defuncto: escudo á antiga, com duas caldeiras em palla veiradas, com cabeças de serpe aos lados.

Defronte d'esta arca vê-se a outra. A estatua da morta apparece deitada sobre a tampa, com um vestido sem feitio na cintura, tendo no peito sete botões, onde se observam alternados os brazões de Pachecos e Villas Lobos. Uma capa, ou tunica, abotoa no peito por um grande broche com as armas de Villas Lobos. A cabeça envolta em pannos, como usavam as senhoras nobres, e um diadema, ou corôa de flores de ourivesaria, descança sobre duas almofadas, sob um lindissimo baldaquino ogival. Os pés assentam sobre um cãosinho, que parece disputar a um lobo a perna de um galinaceo, cuja cabeça está na boca de outro rafeiro mutilado, superiormente jacente ao lado esquerdo da estatua. As mãos seguram um livro, a que a figura parece estar attenta, e onde se lê o Pater Noster e a Ave Maria em latim. De roda da arca, quatro por face, e um á cabeceira, outro aos pés, os escudos de armas dos Villas Lobos: dois lobos possantes.

E' admiravel a enorme grade de ferro que fecha esta capella, e enche com o seu arrendado toda a grande ogiva. Formam-na hastes perpendiculares, paralelas, ornadas de espiraes, como palmas frisadas; ás vezes o extremo da voluta foi batido até tomar uma fórma de liz, folha vegetal ou cabeça de animal. A grade está pintada de verde; é porém possivel que na sua primitiva fosse doirada.

A setima capella, actualmente pouco cultuada, dá ingresso para a Pagadoria.

Finalmente a oitava capella segundo Carvalho, e hoje sexta, era e é de S. Sebastião, do padroado dos Viscondes de Villa Nova de Cerveira. Fundou-a D. João Martins de Soalhães, Bispo de Lisboa, e depois Arcebispo de Braga. No altar vêem-se tres imagens: ao meio S. Sebastião; á direita d'elle S. João Baptista; á esquerda S. José. A primeira é positivamente obra de Joaquim Machado de Castro. Um retabulo a que se refere Pedro Lourenço de Tavora é que desappareceu.

Neste mesmo recinto jaz numa caixa de pedra com tampa, em frente de quem entra, o primeiro Arcebispo de Lisboa D. João Annes, fallecido em 1402. A Sé de Lisboa foi elevada á categoria de archiepiscopal no reinado de D. João I, como pela munificencia de D. João V obteve os foros de basilica com o titulo de Santa Maria Maior. Primeiro descançava a tumba sobre quatro leões de pedra, e embaraçava o serviço. Depois se mandou collocar a arca funebre onde hoje está. O azulejo d'esta capella tem todo o caracter do seu tempo, e traz a data de 1706. Sobre uma pobre portinha seiscentista que mascara uma ogiva vê-se um brazão dos Tavares, cinco estrellas em aspa.

Na Sé de Lisboa foi o claustro um primoroso conjuncto, cheio de harmonia e majestade; e bem digno da admiração de nossos maiores o imaginamos, quando pelo seu lado do poente o limitasse a formosa abside do templo, quando pelos lados do norte e do sul corressem inteiras e intactas as galerias, e quando sobre as do lado do nascente campeassem as ogivas e columnelos do Paço bispal.

As arcarias ogivaes bipartidas do que resta do claustro velho são do estylo mais puro do seculo XIV. Recobriram-nas com pedra e cal, afogando os columnelos e suminado-os. Nos capiteis domina a ornamentação vegetal. A's plantas mais usadas, classicas por assim dizer, nos seculos XIII e XIV, acantho, carvalho, videira, avenca, rosa, rainunculo, hera, fetos, malva, trevo, morangueiro, o esculptor portuguez gostava de juntar as algas, o olho da alface, da couve, estylisando sempre e combinando graciosamente. A's vezes não modificava: copiava a naturesa fielmente.

Ao longo do lanço primeiro dos dois que ainda existem do claustro, ha varias capellas. Segundo Carvalho da Costa, a primeira era de S. João Evangelista, e a segunda de S. Lourenço. Ambas servem hoje de arrecadação de paramentos. A terceira não tem actualmente culto; é da invocação da Senhora de Belem. Na quarta venera-se ainda o Senhor Jesus da Boa Sentença. Tem porta gradeada e muito doirada. A quinta, hoje profanada, foi do glorioso Santo Antonio de Padua. A sexta, tambem sem culto, foi de Nossa Senhora da Tocha. A setima era de Santo Aleixo; ainda é, mas está profanada. A oitava é de S. Miguel, tambem profanada; tem mosaico florentino. A nona capella era da Senhora da Piedade, com irmandade de calafates. Ahi jazia o Cardeal, 10.º Arcebispo D. Luiz de Sousa, filho do Conde de Miranda, fallecido em 1702.

Em uma das capellas da ala do claustro que dá para o Becco do Quebra Costas, vulgarmente conhecida por «capella queimada» ha uns arcosolios ogivaes, que outr'ora abrigavam outros tantos tumulos. Ahi jaz tambem em effigie, na tampa de uma caixa tumular, um corpo de mulher gravemente vestida á epoca da sua morte. O sarcophago é brazonado com os escudos dos Cogominhos—cinco chaves mouriscas em aspa, e o dos Albernazes—carapeteiro de sete folhas ou pontas. E' pois a estancia mortuaria de uma senhora que pertenceu a estes dois ramos genealogicos. Ora, em 1378, no reinado de D. Fernando I, Martim Albernaz instituiu um morgado, que vinculou á Capella de Santo Estacio, na Sé de Lisboa; e D. Margarida Albernaz foi a segunda esposa de Nuno Cogominho, almirante mór do tempo de D. Diniz. D'aqui se poderá concluir sem arrojo os nomes do orago da capella e da distincta defuncta que ali jazeu.

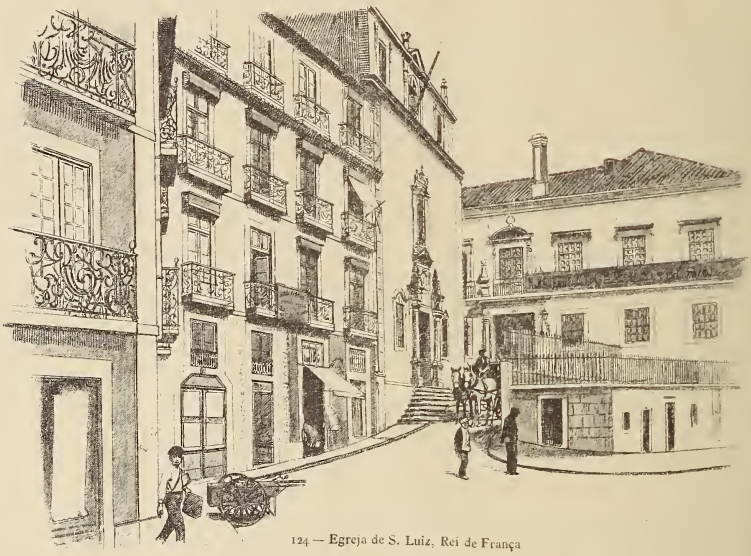
Todas estas capellas devem ser referidas ao reinado de D. Diniz, segundo o exame das lapides que lhes respeitam.

O terremoto de 1755 deitou abaixo a maxima parte da torre do relogio, entre o muito que arruinou no sumptuoso edificio; e depois sobreveiu o incendio, que lambeu tudo que pôde, capellas e officinas, paramentos e casas interiores, ficando apenas illesa a imagem de Nossa Senhora a Grande, «sem que as chammas se lhe atrevessem com os vestidos.» Foram destruidos, entre o mais, os ricos tumulos de D. Affonso IV e da Rainha D. Brites, que eram na capella-mór, do lado do Evangelho, tendo defronte o altar de S. Vicente, cujas reliquias se guardavam na Sé desde 1173.

Ficou o templo por alguns annos em confusão, até que determinou El-Rei D. José providencias sérias, começando as obras da reconstrucção. Passados doze annos, entendeu a Rainha D. Maria I que não estavam decentemente os ossos dos dois soberanos quasi sumidos entre escombros, e deu ordem para que se depositassem em logar conveniente. Procedeu-se á exhumação, e acharam-se estalados e calcinados do fogo os dois sarcophagos. Tinham porém escapado os ataudes, em que estavam os ossos reaes. D'ahi foram levados para a capella de Nossa Senhora da Tocha, e ali estiveram, até que em 1781 os levaram por ultimo aos novos mausoleos, onde ainda hoje estão.

Se passarmos pelos olhos uma carta topographica de Portugal, em cada provincia, em cada comarca, talvez em cada pequeno districto acharemos escripta, ao lado de algum d'esses signaes que marcam as povoações, a palavra Villa Nova: Villa-Nova do Rei, de S. Cruz, de Gaia, de Cerveira... Villas-Novas de todos os sobre-nomes, e até villas-novas de ninguem e de nada, villas-novas espurias. Villa-Nova é o dom municipal, o dom villão: porque, por extravagante antiphrase, villa-nova quasi sempre indica um antigo burgo com suas rugas de velhice, com seu castello desmoronado, com seus vestigios de templo ou de palacio medieval. Villa-Nova moderna, sem pedras amarellas, tombadas, ogivaes, é coisa impossivel. E' que o passado mais remoto já foi presente, e então a villa que se alevantava ou no desvio até ahi inculto e intratavel, ou sobre os vestigios de povoação deshabitada e destruida, era realmente nova, mas os seus edifica-

dores esqueciam-se, ao dar um nome á obra das proprias mãos, que elles passariam bem depressa e com elles a mocidade d'ella; esqueciam se de que o correr dos annos brevemente havia de converter em palavra sem sentido essa denominação, que lhes parecera tão clara e precisa. Aos primeiros respiros de paz e segurança, depois das guerras barbaras de religião e de raça, que devastaram outr'ora este solo portuguez, o espirito municipal ia semeando os concelhos ao passo que debaixo dos marcos das fronteiras christãs se embebia o territorio musulmano; e então acontecia que o burgo, recentemente plantado em terra até ahi erma e sáfara, ou sobre as ruinas carcomi-



124 — Egreja de S. Luiz, Rei de França

das de municipio romano ou godo, sentindo-se cheio de vida e de esperanças, folgava de contar ao mundo no proprio nome a sua juventude, e tomava para si o titulo tão querido, tão popular, tão casquilho—de Villa-Nova.

E ás vezes as Villas-Novas vinham escostar-sé aos muros carrancudos e robustos das cidades reaes ou episcopaes. Lisboa—guerreira e depois mercadora—tambem teve, não uma, mas duas villas-novas abraçadas á sua cinta de muralhas: a primeira ao sul, a segunda ao poente. Chamava-se aquella Villa-Nova de Gibraltar; esta Villa-Nova d'Andrade. A segunda, nascida no seculo XV, viveu dois dias apenas, porque Lisboa, limitada nos fins do seculo XII a 15.000 habitantes, emquanto a mourisca Silves contava 25.000, cresceu com tal rapidez na epoca dos descobrimentos, que rompendo, ou antes galgando por cima dos lanços occidentaes dos seus muros, a devorou ainda no berço, ou para melhor dizer a partiu em fragmentos, e aos seus membros despedaçados chamou Bairro-Alto, Chagas, Santa Catharina. Deixêmo-la, pois, na paz do esquecimento.

Não assim Villa-Nova de Gibraltar! Esta sim, que viveu. A sua origem perde-se nas trevas dos tempos chamados barbaros, entronca-se no berço da monarchia. Assentada á beira do Tejo, fóra do lanço do sul e sueste da muralha arabe, ou talvez goda—quem pode rá hoje dizê-lo?—que cercava Lisboa antes do seculo XIV, saudavam-na os primeiros raios

do sol oriental, aqueciam-na todos os do alto dia, doiravam-na os derradeiros que vinham do poente roçando pela superficie das aguas. A cidade lá estava sombria, entre as torres e altos muros da sua cerca; agachada nas faldas do seu castello soberbão e mal encarado; prostrada em volta da sua cathedral ampla e triste. Mas que importava isso a Villa-Nova de Gibraltar? Ahi não havia nem muros, nem torres, nem castellos, nem campanarios. Ella mirava-se no rio, e achava-se bella: bella por si e pelo luxo dos seus atavios. Porque Villa Nova de Gibraltar era a atravessadora de quasi toda a mercancia, a patria dos rendeiros e sacadores das rendas e direitos reaes, rica e potente; e ao sobrecenho altivo da velha Lisboa, confiada na sua epiderme de marmore, respondia ella mostrando a sua armadura d'oiro.

126 — Egreja do Sacramento

125 — Carteiro tirando as cartas d'um Marco Postal

D. Fernando I, que foi para com Lisboa como um amante selvagem, ora querendo anniquila-la porque lhe preferia em amores o alfaiate Fernão Vasques, ora lançando-lhe no regaço riquezas, privilegios, tudo, quiz num accesso de ciume escondê-la aos olhos de estranhos. Já ella, a namoradeira, saindo da Porta de Ferro, pelo terreiro da Cathedral, correra para Valverde e se reclinara por ahi abaixo, indo espreitar a barra cá da margem do rio; já começava até a galgar pela encosta fronteira para o lado do gothico Mosteiro de S. Francisco, e para a Ermida dos Martyres, e pela Pedreira do Almirante, para o Convento dos santos frades da Redempção. «Alto lá!» disse o bom do Rei D. Fernando. E chamando os vilões sujeitos á adúa por todas as villas e logares d'arredor, lançou á cintura da doidinha uma nova faixa de muros, para que não passasse alem. Ficou-se, é verdade, espairecendo Lisboa pelo valle e pela encosta, mas ao menos, atraz das novas torres e quadrelas, já não podia fazer gatimanhos de presumida aos que vinham visitar em som de paz ou de guerra os campos das suas cercanias, ou as aguas da sua enseada.

E que era nesse tempo feito de Villa-Nova de Gibraltar? Lá estava senhoril e desdenhosa, á beira do Tejo, indifferente aos arrufos de Lisboa e aos ciumes de D. Fernando. Pacifica e fiel, não se entremettia em negocios alheios, não tumultuava, não se namorava de estranhos. Assim a muralha real, que bojava para poente, passou pé ante pé por entre ella e a Cathedral, e ahi se encorporou com os antigos muros para a deixar, como até então, exposta á sua querida restea de sol. Novas portas, todavia, a uniram com a antiga cidade, que tão rapidamente crescera e se fizera garrida. Foi por ahi que lenta e traiçoeiramente Lisboa poude chegar a submette-la e devora-la.

Era que na fronte de Villa-Nova de Gibraltar, abaixo do seu diadema rutilante de princeza, estava escripta uma lenda fatal e maldita, «uma lenda que por muito tempo foi apenas ignominosa, mas que nos fins do seculo xv se converteu em sentença de morte, em signal estampado pela mão do Archanjo do exterminio Esta lenda encerrava apenas duas palavras, mas palavras blasphemas, que só podiam ser apagadas distruindo-se a existencia individual da povoação que se atrevia a apresenta las diante da luz do céo».

Villa-Nova de Gibraltar era a Communa dos Judeus!

A Edade Media, epoca altamente poetica porque tinha crenças, e profundamente symbolica porque era poetica, havia feito de Lisboa um symbolo da historia religiosa e politica. O municipio christão, partindo do alto Alcaçar ou Castello, dilatava-se até ás raizes do monte, em cujo topo campeava a cavalleiro de todos os cabeços dos arredores a torre de menagem, a guarida do Alcaide mór, como representante do senhorio real e da aristocracia: á sombra do Alcaçar e a mais de meia encosta, a Cathedral alçava os seus dois campanarios altivos, quadrangulares, macissos: entre essas duas expressões materiaes da monarchia, da nobresa e da egreja, a casa da Camara, os plebeus do concelho proximos do campanario septentrional da Sé, chãos e humildes, representavam o povo que em silencio se preparava para ir estendendo os braços endurecidos pelo trabalho, a subjugar algum dia, á direita o alcaçar, á esquerda a egreja. Na configuração da cidade resumia-se a historia social do passado e a prophecia do futuro. Como tantas coisas da Edade Media, Lisboa era um verdadeiro symbolo.

Não o era só, todavia, do pensamento politico: tambem o era da idéa religiosa. No amago da povoação, no logar eminente estava o christianismo; ao norte, em profundo valle e apinhado em volta de mesquita apenas tolerada, ficava o bairro dos mouros – a Mouraria; e ao sueste, quasi ao oriente, lançada ao pé da Esnoga, a Judearia. Uma crença verdadeira, mas temporaria, do lado d'onde o sol surgia na sua ascensão para as alturas, a religião de Christo, complemento divino d'aquella, assoberbando-a do monte sobranceiro; o islamismo, transformação impia e tenebrosa d'ambas, como escondido ao norte na penumbra da cruz triumphante; e ao longe as vastas solidões do Oceano atravez das quaes os filhos do Evangelho o deviam levar algum dia ás regiões ainda incognitas de novos mundos. O velho Portugal tinha feito da cidade do Tejo um symbolo e uma prophecia sublimes!

A monarchia, vencedora da Edade Media, esqueceu a poesia d'ella, porque nos seus velhos habitos de organisar, de legislar, de livelar, perdera inteiramente o senso esthetico. A poesia estava principalmente nas idéas, no sentir, nas formulas das classes aristocraticas. O povo era infeliz e selvagem, e a monarchia positiva, calculadora, egoista. Com a victoria final d'ella desappareceu tudo o que representava o ideal. Belem é a agonia da arte, o estrebuxar descomposto da architectura christã que morria; e o Cancioneiro de Resende o ultimo concerto dos trovadores em que já se misturavam os sons discordes da poesia romana.

Neste crepusculo da vida nacional, nesta passagem da originalidade para a cópia, as ruinas tombavam sobre outras ruinas. A nova sociedade sobrepunha as suas obras incertas, frias ou estupidas aos restos ainda palpitantes do cadaver do passado; cerzia-as

com remendos e fragmentos das obras e factos que destruira, fazia, emfim, por um pensamento de ordem e de organisação exagerada, o que nós muitas vezes fazemos hoje por um amor de liberdade indiscreto e excessivo.

E' curioso vêr como a edificação do celebre Mosteiro de Belem se liga com a destruição da communa judaica de Villa-Nova de Gibraltar; como esse monumento da transição da architectura, esse cahos de todos os systemas que luctavam no principio do seculo XVI, reunidos, e por assim dizer petrificados de subito num edificio só, traz forçosamente á lembrança a ruina d'um facto da ordem moral que existira inconcusso entre nós por quatrocentos annos: a tolerancia da Edade Media. De feito a tolerancia religiosa expirava ao passo que a architectura christã morria, e as bullas da Inquisição vinham-nos talvez pelo mesmo correio que traria aos nossos architectos os desenhos puros e formosos, peregrinos mas pagãos, de Bramante ou de Raphael.

Um phenomeno por certo singular nos apresenta a historia antiga de Portugal. Na larga série de leis, de artigos de côrtes, de factos publicos até os fins do seculo XV, a crença viva de nossos avós se limita sempre dentro dos termos d'aquella intolerancia legitima que a verdade não póde deixar de ter para com o erro. O christianismo proclama-se ahi franca e energicamente a unica religião verdadeira: o christão julga-se um homem de condição superior ao judeu. O povo vigia, até com ciume, que o israelita conserve sempre no trajo um distinctivo da sua raça reproba, das suas doutrinas erradas. Mas a intolerancia acaba nesse ponto: não se imagina ainda que o desterro, os tratos do potro, e o cheiro de carne humana queimada subindo da fogueira expiatoria sejam sacrificios agradaveis a Deus. Na gente judaica havia mais, por assim dizer, um caracter de triste fatalidade pesando sobre uma raça condemnada pelo seu peccado original do Deicidio, que o de uma raça maldita por crimes proprios. «Os judeus, como testemunhas da morte de Jesus-Christo, devem ser defendidos só porque são homens!» Estas palavras de D. Affonso II resumem o pensamento da Edade Media ácerca d'elles. E' o pensamento de que Lisboa com Villa Nova de Gibraltar foram a imagem sensivel. No alto da Sé a cruz abrigada á sombra do castello christão, via a seus pés a synagoga, a humilhante Esnoga, que testemunhava ali a morte do Christo, a victoria do Evangelho, e a redempção dos homens: e o que orava na cathedral sentia só despreso e porventura compaixão por aquelle que orava na synagoga.

Se o odio se misturava ás vezes com esses sentimentos, motivos não religiosos, mas puramente materiaes o geravam: geravam-no as riquezas acumuladas pela gente hebrea, os vexames que praticavam como exactores da fazenda publica, as suas usuras como possuidores de capitaes, e mil outros motivos humanos em que nada tinha que vêr a opposição das crenças.

E o seculo XVI, que era erudito, que traduzia Cicero e Ovidio, e imitava Horacio; o seculo da civilisação, das conquistas, de todas as grandezas, cuspia nas faces da Edade Media o epitheto de barbara! E D. Manuel, o culto, o venturoso monarcha do Oceano, esquecia-se do que não esquecera o seu rude e obscuro avô D. Affonso II: esquecia-se de que os israelitas estavam condemnados pelo Rei da Eternidade a vaguearem perpetuamente na terra como testemunhas da morte de Christo. Portugal devia ser exceptuado d'esse decreto de cima, e a conversão violenta dos judeus foi um dos factos mais estrondosos d'aquelle tão estrondoso reinado.

Da communa hebraica, da risonha e opulenta Villa-Nova de Gibraltar, apenas um vestigio nos restava, que era o sitio onde estivera a sua synagoga convertida em templo christão.

Correndo o anno de 1493 partiram para Hespanha El-Rei D. Manuel e a Rainha D. Isabel sua mulher, afim de serem ali reconhecidos e jurados por principes herdeiros das corôas de Castella e de Aragão. Succediam nesses direitos por fallecimento

do Principe D. Affonso, filho dos Reis catholicos Isabel e Fernando, e irmão da joven Rainha de Portugal, D. Isabel. Durante a sua ausencia encarregou El-Rei D. Manuel do governo do reino a sua irmã, a Rainha D. Leonor, viuva de D. João II. Foi curta a regencia d'esta Princeza, mas ficou assignalada na historia patria pela instituição mais philosophica e caridosa, que os homens têm creado.

Um varão piedoso e esclarecido, Frei Miguel de Contreiras, castelhano, frade trino e confessor de D. Leonor, aproveitando-se do seu valimento junto da regente, concebeu

127 — Jardim Botanico. A ponte sobre o lago

e realisou, com o beneplacito regio, a instituição de uma confraria que, com o titulo de Misericordia, exercesse a caridade em toda a sua plenitude.

Instituida a confraria na capella de Nossa Senhora da Piedade, vulgarmente denominada da «Terra Solta», no claustro da Sé de Lisboa, deu-lhe o seu fundador por instituto dotar e casar donzelas pobres, amparar viuvas necessitadas, curar de orphãos desamparados, tratar de enfermos desvalidos, enterrar os mortos em miseria, ajudar os peregrinos infelizes, resgatar os captivos sem recursos, prover ao sustento dos presos, defender no fôro as suas causas, solicitar do Soberano o seu perdão, e, finalmente, acompanhar e confortar os padecentes no seu transito para o patibulo. A caridade assim exercida, acudindo á humanidade em todas as miserias e tribulações da vida, desde o berço até ao tumulo, era como que um resumo de todas as virtudes christãs, um eloquente epilogo do Evangelho. Instituto como este foi creado, e por largos annos cumprido com a mais religiosa observancia, nenhuma outra nação até hoje o tem possuido.

Não se limitou El-Rei D. Manuel, logo que se recolheu a Lisboa, a confirmar aquella santa instituição. Comprehendendo a elevação d'esse pensamento, abraçou-o

fervorosamente, e tratou de o desenvolver por todos os modos. Inscreveu se e fez inscrever a todos os Principes portuguezes, e fidalgos da sua côrte; e determinou que á importancia e alta significação do instituto humanitario, correspondesse a grandeza e magnificencia d'um monumento de pedra.

Deu-se principio á obra com muito fervor na rua que ao deante tomou o nome da Misericordia, proximo da praia do Tejo, onde pouco depois se construiu, como já vimos, a vastissima praça a que se pôz o nome de Terreiro do Paço.

Tal era a grandeza do edificio delineado para os hospitaes, recolhimentos e offici-

128 — A queima dos papeis de credito no Terreiro do Paço

nas da irmandade da Misericordia, tal a sumptuosidade da traça da egreja que devia servir-lhe de capella, que não bastou para se concluirem todo o reinado do fundador, apezar das diligencias que D. Manuel empregou para activar os trabalhos, e das grossas esmolas com que concorreram para as obras a Rainha D. Leonor, numerosos fidalgos e muitos burguezes abastados

Ainda foram precisos, depois da morte de D. Manuel, treze annos de trabalhos consecutivos para se lhe pôr o ultimo remate. Coube a seu filho D. João III fazer a inauguração do monumento, que foi celebrada com pomposa solemnidade no dia 25 de Março de 1534, no qual se realisou a mudança da confraria da sua primitiva capella no claustro da Sé de Lisboa para a sua nova casa. A procissão com que se fez essa mudança, a festividade da consagração do novo templo, as cerimonias do acto da posse da irmandade, tudo com a assistencia da Familia Real, da côrte, dos prelados e corporações religiosas, das auctoridades civis e militares, e de immenso concurso de povo, constituiram uma das mais aparatosas funcções, se não a mais esplendida de quantas se fizeram em todo o decurso do reinado de D. João III.

A irmandade da Misericordia compunha-se ao principio de cem irmãos, sendo cincoenta nobres e cincoenta plebeus. Depois foi este numero elevado a seiscentos, tirados

egualmente das duas classes. Era administrada por um provedor, um escrivão, um recebedor das esmolas, dois mordomos dos presos, doze conselheiros e seis visitadores, além de outros cargos, todos eleitos pela confraria no dia 2 de Julho, em que se celebra a visitação de Nossa Senhora, que era orago da casa. O augmento da irmandade e o desenvolvimento dos estabelecimentos confiados á sua tutela tornaram necessaria a creação de novos cargos. No começo sustentava dois hospitaes, um de entrevados e outro de incuraveis, e um recolhimento de orphãos, que em 1684 foi augmentado por disposição testamentaria de Manoel Rodrigues da Costa, fidalgo e commendador da Ordem de Christo, o qual legou á Misericordia os rendimentos precisos para a instituição de quarenta dotes de 100$000 réis cada um, concedidos annualmente a outras tantas orphãs. Esta disposição veiu muito posteriormente a ser modificada.

Ao tempo em que foi creada a Misericordia, já existia em Lisboa uma casa de expostos, com o titulo de Hospital dos Meninos. Por este motivo deixou a confraria de incluir nos seus estabelecimentos pios uma casa de expostos.

Quando se acabou a edificação do Hospital de Todos os Santos, começada por D. João II, e concluida por D. Manuel, annexou-se a este estabelecimento o Hospital dos Meninos, que já existia em 1324, em um edificio da Rua da Porta de S. Vicente, indo occupar a parte do novo edificio que deitava para a Rua da Bitesga.

O templo de Nossa Senhora da Misericordia era, depois do de Santa Maria de Belem, o mais vasto e sumptuoso de Lisboa. Como todas as egrejas antigas, corria do occidente para o oriente, ficando neste lado a capella-mór, e naquella a frontaria com a porta principal, que deitava para uma pequena rua, communicando a Rua da Misericordia com a Rua dos Confeiteiros. A porta travessa abria-se no corpo da egreja proximo do cruzeiro, do lado do Evangelho, e dava saida para a Rua da Misericordia, hoje Rua Nova da Alfandega.

As portas e janellas da egreja ostentavam todas as galas da architectura gothica no seu derradeiro periodo, em que os architectos, como poetas inspirados, phantasiavam mil variados ornamentos, cheios de significação e de religiosa poesia. As portas e janellas eram ornadas de alto a baixo, como as do monumento de Belem, de estatuas de santos, de cherubins em adoração, de rendas delicadas, de silvados, arabescos e outros desenhos de singular phantasia, campeando sobre todos os ornatos a cruz de Christo e a esphera armilar, nobres divisas do Rei Afortunado, uma symbolo sagrado da redempção do genero humano, a outra prophetico emblema da civilisação moderna, para a qual a descoberta da carreira da India foi pedra de fundamento.

Vinte columnas de pedra de elevadissima altura, e primorosamente lavradas, seis dividindo a egreja em tres amplas naves, e quatorze meio embebidas nas paredes, sustentavam a abobada, de laçaria de pedra, com bem lavrados artesões e florões de differente lavor, onde se alternavam os emblemas e divisas do augusto fundador com os symbolos da caridade.

A capella-mór vestia-se toda, altar e paredes, de talha relevada e doirada, de excellente e delicadissima esculptura. No cruzeiro abriam-se em seus topos duas elegantes capellas, e nas paredes collateraes da capella-mór dois altares, tudo revestido, capellas e altares, de primorosa talha doirada.

No corpo da egreja não havia primitivamente capella alguma ou altar, mas mais tarde, indo em mais de meio o seculo XVI, edificou-se nelle, do lado do Evangelho, uma grande capella sob a invocação do Espirito Santo. Esta capella, toda construida de marmores de diversas côres, conforme o estylo que viera substituir o gothico, e que fôra introduzido em Portugal nos fins do primeiro quartel d'esse mesmo seculo, ficava defronte da porta travessa, que olhava para o sul.

Os recolhimentos das orphãs e porcionistas, os hospitaes de entrevados e incura-

veis, a sacristia, a secretaria, cartorio, casa de despacho, tudo traçado com muita capacidade, formavam juntamente com a egreja não só um edificio vastissimo e grandioso, mas tambem um dos primeiros monumentos de Lisboa.

A imagem de Nossa Senhora de Belem, que estava na sua ermida da Fraia do Restello, fôra trasladada para a sua nova egreja, pelo rio acima, numa galeota real, com grande solemnidade e acompanhamento, e o desembarque levado a effeito no sitio da Ribeira, passando depois em procissão para o templo. Essa nova egreja ficava situada na Rua da Prataria, ou dos Prateiros, que já não existe.

Era esta rua tão estreita que não podiam passar por ella cavalgaduras carregadas, e para que alguem não tentasse leva-las por ali tinham os moradores privilegio d'El-Rei para o embaraçarem, o que fizeram pondo dois marcos ou columnas de pedra, assentados nos meios dos topos da rua, deixando apenas a largura necessaria para passar um homem a cavallo. D. Affonso VI deu ordem ao Senado da cidade para que alargasse a Rua dos Prateiros, de fórma que podessem rodar por ella tres carroças emparelhadas. Nesta rua havia um nicho com a imagem da Senhora da Assumpção, e os seus moradores promoveram ahi a construcção de uma ermida, que levaram a effeito no anno de 1697. A festa da abertura foi em dia da Assumpção, com grande solemnidade, havendo á noite, diz a historia «uma vistosa encamisada de figuras a cavallo com os attributos da Virgem.» O restaurador de Lisboa teve depois idéa de fazer construir em outro ponto um pequeno templo, dedicado á Assumpção de Nossa Senhora, e tanto que mandou dar o nome de Assumpção a uma das ruas transversaes da cidade baixa, nome que ainda hoje conserva.

A primitiva freguezia da Conceição, segundo um auctor antigo, contava 550 visinhos, que se dividiam pelas seguintes ruas: Rua do Adro da Real Egreja da Conceição, Beco da Sardinha, Travessa da Conceição, Rua da Tinturaria, Largo da Egreja dos Carmelitas Descalços, Beco dos Tintes, Rua da Fancaria de Cima, Travessa da Correeria, Beco de João das Armas, Beco dos Latoeiros, Rua dos Mercadores, Beco do Coveiro, Pateo da Rosa, Rua do Mata-porcos, Beco de Leva-cabeças, Beco do Manuel Luiz, Rua Nova (da banda da terra, em parte) Beco da Chamica, Beco dos Seguros, Largo do Poço da Tolêa, Beco do Serrão, Beco do Gaspar da Costa, Rua da Gibitaria Velha e Rua de S. João.

Aos 16 de Janeiro de 1568, foi creada por El-Rei D. Sebastião, com approvação e consentimento do Cardeal Infante, então Arcebispo de Lisboa, a parochia de Nossa Senhora da Conceição, que se conservou 114 annos na egreja onde foi estabelecida e que d'ali saiu por se terem levantado contestações entre os grão-mestres e arcebispos em virtude de serem os freires de nomeacão regia e os curas de nomeação ordinaria.

As freguezias da Magdalena, S. Julião e S. Nicolau é que tinham dado maior numero de freguezes para a nova parochia, mudada em 1682 para a Ermida de Nossa Senhora da Victoria, na Rua da Caldeiraria, freguezia de S. Nicolau, e em 1699 para a Egreja da Conceição Nova, começada as 15 de Junho de 1698, posto que esta só em 1730 ficasse concluida, na Rua Nova dos Ferros.

A egreja, que depois do terremoto se construiu, com os restos da primitiva Misericordia, a qual tinha passado para a casa professa da Companhia de Jesus, a S. Roque, é essa que ahi vemos na Rua da Alfandega. A antiga capella do Espirito Santo é hoje a capella-mór da Conceição Velha.

A imagem de pedra de Nossa Senhora, venerada com o titulo de Belem ou do Restello, que acompanhou os freires da Ordem de Christo desde a sua primeira capella até á extincção das ordens religiosas, é muito mais antiga que a data da descoberta do caminho da India. A ermida do Restello foi dada aos freires em 1460, como se viu, e o Infante D. Henrique mandou vir de Sagres, segundo resa a historia, quando fundou a

Ermida do Restello, tudo quanto guarnecia o santuario que ali tinha mandado construir; é de suppor que aquella preciosa reliquia tivesse vindo de Sagres e que talvez mesmo tivesse acompanhado o Infante em alguma das suas viagens. Não deve ter, ao que se vê, menos de 450 annos, mas está relativamente bem conservada. Do lado que se encontra voltado para a parede, e que não está pintado nem envernisado, é que se conhece bem a sua muita antiguidade. «Basta raspar com a unha na pedra para esta se desfazer no sitio da fricção, como se fosse feita d'argila simplesmente amassada com agua!» diz um estudioso, que tambem raspou com a unha... O espaldar e os braços da cadeira são de madeira entalhada e doirada e é obra moderna, comparativamente com a antiguidade da imagem. Tanto o espaldar como os braços são de pôr e tirar. A imagem tem de altura 1m,20, e com a peanha eleva-se a 1m,95; o espaldar da cadeira pas-

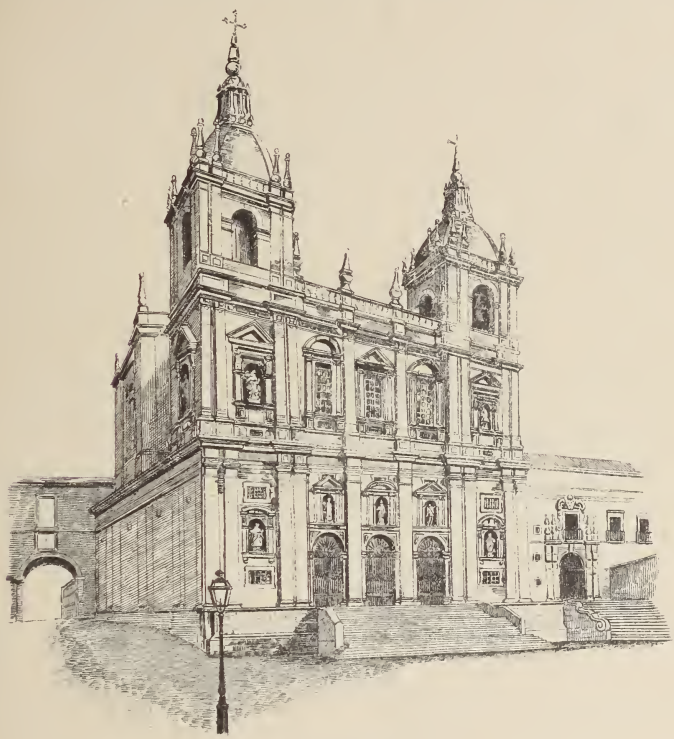
129 — Palacio do Marquez da Praia e Monforte

sa da cabeça da imagem 0m,90. A corôa é de prata e peza 950 grammas. O manto é pintado de azul ferrete com cercaduras e florões doirados e o vestido de côr magenta, tambem com doirados. Na peanha vê-se a cruz da Ordem de Christo, em obra de talha. O povo dá a esta imagem diversas denominações. Não é sómente conhecida por Senhora do Restello ou de Belem, tambem o é por Senhora do Parto, por ter o menino nú sobre os joelhos, «e muitas senhoras apégam-se a ella, quando estão no seu estado interessante, mandando acender alguns cirios ou a lampada no seu altar.» E' tambem conhecida pela Senhora da Cadeira. Antigamente o altar tinha um docel, segundo se encontra descripto nos inventarios velhos.

Os freires passaram para o seu novo templo em 1770, e lá estiveram até á extincção das ordens religiosas, continuando com a cerimonia de armar os cavalleiros da Ordem de Christo. Na egreja existem ainda dois capacetes que serviam para aquelle fim, e o respectivo livro de orações.

A cerimonia de armar cavalleiros principiava pela benção da espada, que depois das orações do ritual recebia a agua benta. Competia então ao padrinho tomar essa espada, e depois de embainhada a cingia ao afilhado. Em seguida procedia-se á benção das armas e depois das orações adequadas, e do freire recitar a antiphona, diz o livro proprio: «O padrinho, que ha-de armar o cavalleiro, tomará o murrião e o porá na cabeça do afilhado, e os dois cavalleiros assistentes lhe calçarão as esporas, e o padrinho lhe tirará a espada da bainha, e lhe perguntará: — Quereis ser cavalleiro? — Res-

posta:—Sim. — Prometteis de guardar tudo o que os cavalleiros são obrigados a guardar segundo a Ordem das Cavallarias? — E responde que sim. Logo o padrinho lhe dará uma pancada com a espada no murrião, dizendo:—Deus vos faça bom cavalleiro. E o freire seguirá com as orações apropriadas ao caso, findas as quaes o padrinho tornará a metter a espada na bainha. Mais algumas orações em latim e o padrinho principal porá termo ao acto tirando o murrião da cabeça ao afilhado, e os outros dois cavalleiros



130 — Egreja de S. Vicente de Fòra

lhe tirarão as esporas, e elle tirará a espada da cinta. O padrinho, que o armou cavalleiro, o abraçará, e os mais assistentes.»

El-Rei D. Pedro II decretou que as tenças dos cavalleiros da Ordem de Christo tivessem o mesmo encargo que as commendas dos commendadores; e que, assim como estes, pelos rendimentos d'ellas, eram obrigados a reedificar, conservar e ornar as suas egrejas annexas, assim tambem o fossem os cavalleiros a respeito da Egreja da Conceição pelo rendimento das tenças; para o que se lavrou assento na folha do almoxarifado da mesa mestral da Ordem. O dinheiro era applicado para as obras da capella-mór, que por essa occasião ainda não estavam concluidas. Pelo mesmo tempo se passou ordem para que os sobejos dos almoxarifes de Thomar, Soure, Benavente, Alcacer do

Sal, Ilhas e cancellaria da Ordem, fossem entregues ao thesoureiro, para serem applicados e dispendidos nas obras da fabrica da mesma egreja. O mesmo Monarcha acceitou em perpetua protecção a Irmandade de Santa Cruz, que os cavalleiros erigiram naquelle templo, applicando annualmente 100$000 réis do almoxarifado de Soure para as despesas d'essa mesma Irmandade, na persuasão de que a egreja teria melhor subsistencia e mais augmento e esplendor do que se nella residisse a freguezia.

Não é obra de Eugenio dos Santos de Carvalho o aproveitamento dos restos da Egreja da Misericordia e fundação do templo actual. Esta obra pertence ao architecto Francisco Antonio Ferreira, por alcunha Cangalhas. O remate da fachada não abona certamente a sua pericia e bom gosto, pois o frontão que a corôa em toda a sua largura está em completa desharmonia com o estylo do portal e janellas.

O portal da Conceição Velha não precisa do testemunho dos escriptores para se fazer reconhecer como reliquia do monumento manuelino, levantado para servir de séde á instituição de Frei Miguel de Contreiras. Ali o architecto e os esculptores fizeram falar o marmore, deixando nelle gravados, sem o soccorro de letras, os nomes do instituidor da confraria, do fundador do edificio, e o titulo da instituição para que fôra erigido.

Abre se o portal entre dois soberbos botaréus, coroados pelas espheras armilares, entre as quaes avulta a cruz de Christo, divisas de El-Rei D. Manuel, e cuja fórma se esconde sob mil lavores, d'onde resaltam estatuas dos Apostolos mettidas em nichos com peanhas e baldaquinos lavrados e arrendados primorosamente. Compõe se o portal de um grande arco de volta inteira, dentro do qual se abrem outros dois arcos, tambem de volta inteira, unidos por um pilar que a ambos serve de esteio, e que se ergue apenas a meia altura do arco grande. Estes dois vãos são as portas do templo.

Por cima da porta principal foi em 1880 collocado um quadro de figuras esculpidas em pedra, que d'ali tinha sido tirado pelos freires em 1818, para dar mais claridade ao côro, sendo em seu logar posta uma grade de ferro. O quadro representa a imagem de Nossa Senhora da Misericordia, de manto aberto, sustido por dois anjos, e a seus pés, de um lado, El-Rei D. Manuel, a Rainha D. Leonor sua irmã, viuva de El-Rei D. João II e Principes d'aquelle tempo, todos de joelhos; e do outro lado o Pontifice Leão X, o instituidor Frei Miguel de Contreiras, cardeaes e bispos, que concederam a estes reinos a fundação de hospitaes, misericordias e albergarias. Tem $4^{m},40$ de comprido por $3^{m},10$ de largura, e é composto de sete pedras.

A egreja tem sete altares, incluindo o da capella-mór. Este é dedicado a Nossa Senhora da Conceição, e os outros ao Santissimo Sacramento, Senhor dos Passos, Senhora do Restello, Senhor Jesus da Humildade, S. José e S. Joaquim. Os retabulos representam em telas a Soledade, Nossa Senhora do O, a Ceia do Senhor, e Nossa Senhora da Puresa. Na frente do côro está collocado um quadro representando S. Miguel, que pertenceu ao altar onde se vê a imagem do Senhor dos Passos. Aos lados da capella-mór, e por cima das portas das sacristias, ha duas boas imagens de madeira, de S. Pedro e S. Paulo.

Na sacristia principal existe um grande arcaz de pau santo, com nove gavetões e dois armarios, onde estão guardados os paramentos. Esta sacristia tem porta para a Rua dos Bacalhoeiros.

A egreja não tinha pulpito; o que existe foi feito em 1884.

A torre dos sinos está encravada entre propriedades particulares e só por um dos lados ligada á egreja. Só se vê do Largo da Sé e do Campo das Cebolas. Tem cinco sinos e duas sinetas.

No tempo dos freires a quadratura era a capella-mór. Tinha oito cadeiras com os seus competentes espaldares, divididas em quatro corpos.

Na frontaria do templo houve noutro tempo uma lampada, allumiando a imagem

de Nossa Senhora da Misericordia que, ainda no seculo passado, estava resguardada por um caixilho de madeira com vidros.

As urnas dos altares apresentam ao centro, na frente, a cruz de Christo, que se vê tambem na frontaria do côro. O lavatorio da sacristia, que é de pedra, tambem tem a mesma cruz e bem assim os reposteiros das portas de entrada e os quadros da capella-mór.

A egreja actual não é bella. A capella-mór, principalmente, é muito pouco clara e quando está armada, por occasião das festividades, ainda a falta de luz natural se torna muito mais sensivel. Não tem obras de talha, nem ornatos que a possam embellezar. Vê-se que foi feita unicamente para aproveitamento dos restos que o terremoto deixou em pé. A porta principal não está bem ao centro da egreja, está um pouco ao nascente, o que se dá bem a conhecer pelas duas columnas que sustentam o côro. Deixaram ficar ao centro a capella, que aproveitaram para ahi ser collocado o altar-mór, e não se guiaram pela direcção da porta, que hoje é a principal, e que noutro tempo era porta travessa.

O grande oculo que está na frente, visto do interior, mostra se todo enrevesado.

A capella-mór tambem não está completa. E' toda de marmore e tem a frontaria de madeira. A parte do fundo que lhe falta, ou foi tirada ou caiu pelo terremoto.

A Egreja da Conceição Velha tem de comprimento $28^{m},30$ e de largura $11^{m},70$; o cruzeiro tem 4^{m} de comprimento; a capella-mór $7^{m},10$ de comprimento e $5^{m},50$ de largura; o presbyterio tem de comprimento $4^{m},50$.

A religião de nossos avós foi sincera como o seu robusto coração nos tempos da lucta, em que o sangue do rei se misturava com o do ultimo cavalleiro, tingindo cada palmo de terra arrancado ao dominio arabe. Vencidos, uniam ao peito a cruz da espada, para morrer no leito de espinhos do martyrio; vencedores, os canticos, trasbordando pelas abobadas dos templos, iam exaltar o Senhor dos exercitos. A cathedral e o mosteiro, levantados no logar onde a victoria pousára sobre as armas christãs, ou no sitio onde os fortes dormiam o somno derradeiro, traduziam para o monumento a historia das monarchias, que se erguiam do sepulchro, e guiadas pelo enthusiasmo começavam a caminhar para a nova epoca social.

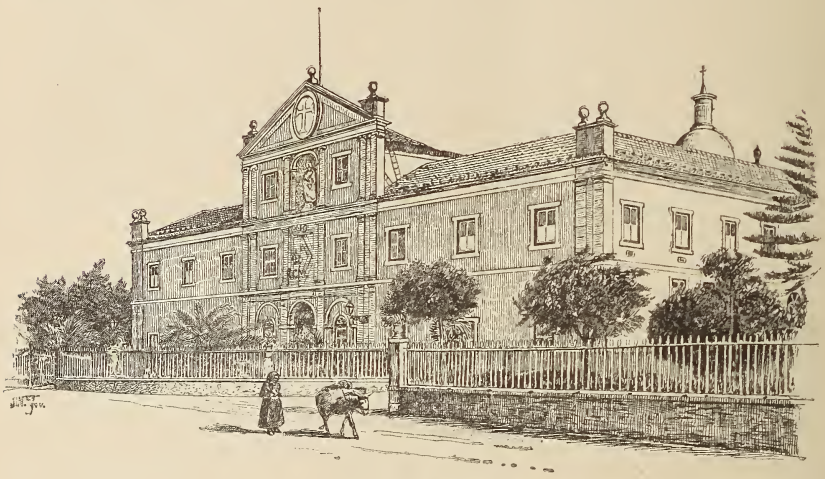
O dedo do conquistador que a construia gravava na fronte da cathedral, d'esse livro de pedra, a breve inscripção de uma batalha, e de novo partia a embriagar-se no revolver das pelejas. A egreja, esposa afflicta, arrastava no desterro os pulsos rôxos dos grilhões, até, como a crisalyda, romper o carcere, e abraçar entre as rosas da esperança a primeira liberdade. O templo, nestes dias de combate, era o hymno do christianismo triumphante. O sacerdote, muita vezes architecto, depondo a cervilheira e a lança, vestia de marmore as aspirações que a alma elevava ao throno do Eterno. Neste periodo a arte da Edade Média, fiel á inspiração, sentia profundamente, antes de lavrar a cinzel na pedra, o sacrario do seu culto. Aspera e incorrecta nos primeiros passos, respirava comtudo o mais puro sentimento religioso. Obra de monges militares e de soldados-monges, não traiu nunca a sua origem. Em toda ella vive o espirito dos seculos guerreiros.

S. Vicente de Lisboa nasceu d'esta intima alliança da idéa religiosa com o ardor militar, caracter distincto da arte christã em tres seculos da nossa historia.

Debruçado nas ameias de Santarem, rendido por surpreza, D. Affonso Henriques alargára os olhos para o horisonte, córado do sol nascente. Além estava Lisboa, sonho de sete annos, ardente voto de toda a sua vida de soldado. Tomada Santarem, tinha á cinta as chaves que podiam abrir as portas á conquista; mas a sultana dos califas, reclinada á sombra dos seus laranjaes, com o seu porto aberto ás armadas de Ceuta e a

testa coroada de torres, não era captiva que cedesse no conflicto de uma só noite. Desde essa madrugada, o tempo que decorreu não fez senão amadurecer o plano. Deus marcou a ultima hora da filha do arabe, escrevendo no peito de D. Affonso a immutavel resolução de a engastar, como a mais rica joia, no diadema da nascente monarchia.

Ninguem ignora de que modo, estreitada pelos homens do norte e pelos antigos lidadores de Portugal, Lisboa, estorcendo-se nas ancias da fome, succumbiu mais a ellas do que á lança dos seus inimigos. Dois monumentos perpetuaram o terror da queda em todo o Islam: a Egreja dos Martyres e a de S. Vicente de Fóra. A primeira, mais visinha da cidade, no cemiterio dos Inglezes e Francos; a segunda, além dos muros,



131 — Real Collegio Militar

no cemiterio dos Teutonicos, futura urna cineraria de reis e principes. Foi o respeito christão pelos que tinham caído antes do dia da victoria que collocou, nos dois recostos á direita e á esquerda da buliçosa Lisboa, essas povoações de mortos, em testemunho de fé n'Aquelle que na sua justiça media a grandeza e a decadencia dos maiores imperios.

A primitiva construcção foi naturalmente tão simples como as mãos que a levantaram. Ermida estreita, em fórma rotunda, fechando o telhado em cupula; paredes de barro vermelho sobre escuro; cella de penitencia, onde o cilicio, pungindo a carne, recordava ao monge a brevidade da vida apontando-lhe para além do tumulo—tal devia ser o monumento de D. Affonso Henriques. Um antiquissimo quadro da Senhora dos Martyres, edificada no mesmo tempo, abona a conjectura. E' que Lisboa ainda não era a orgulhosa cidade que havia de romper duas vezes o cinto de muralhas, crescendo pelo arrabalde e obrigando o Tejo a recuar deante dos seus palacios de marmore. Ainda não descera, como Roma imperial, do cume dos montes a assentar-se em alcatifas de uma quasi eterna primavera, no regaço do patrio rio.

Correram os annos e os seculos com elles. A corôa de Affonso Henriques assentou no elmo de D. João I, e retemperada no sangue mais nobre, no duello entre o filho de Affonso V e a fidalguia portugueza, ornou-se com as espheras de D. Manuel, e

fundiu se na dissolução dos ultimos tempos de D. João III. Lisboa, que no principio se aninhava aos pés do seu Alcaçar, alargou-se para todos os lados, tornando-se a Cleopatra do occidente; prostituiu-se em deleites, desfazendo na taça dos banquetes as perolas de Ceilão, e cosendo em oiro a sua boa espada, sceptro da antiga monarchia. Lisboa, que o velho Oceano adormece embalando-a com o bramido das suas vagas, abriu as portas ao estrangeiro, e viu as suas bandeiras sujeitas aos leões de Castella, que afinal ousaram cravar as garras nas quinas de D. Affonso.

132 — A mulher da hortaliça

Foi então que a sombria piedade de Filippe II se lembrou de erguer das ruinas a Egreja de S. Vicente. Em logar da estreita casa onde primeiro se murmurou a oração dos mortos pela patria livre, levantou-se o pomposo edificio, construido no estylo romano, que tinha substituido já o gosto imaginoso dos architectos da Batalha, e a arte da renascença manuelina, não menos rica e phantasista. Os conegos regrantes de Santo Agostinho, que desde a fundação da monarchia ali tinham visto florescer em santidade muitos varões insignes, nos espaçosos claustros da nova fabrica, continuaram a cultivar as letras e as virtudes, unico allivio dos tempos revoltos. A construcção moderna levou uns poucos de reinados para se concluir, e os copiosos documentos do archivo dos Vicentes abrigaram-se ali das repetidas convulsões por que atravessou o reino. Ultimamente passaram para a Torre do Tombo, onde o investigador os poderá examinar.

133 Rendas, rendas!

Em tres partes pode dividir-se, no sentido horisontal, esta vasta composição, em tudo realenga, com que o lapis do architecto Filippe Terzi opulentou a casa dos conegos regrantes.

A primeira parte abrange o adro, e eleva-se até ao primeiro entablamento que assenta, com a sua architrave, frizo e cornija, sobre os capiteis de dez altas columnas doricas. Nos tres intercolumnios centraes, rasgam-se tres portões muito singelos, de volta inteira, sobrepujados de tres nichos coroados de atticas, as dos lados triangulares, a do meio curva. Nos tres nichos vêem-se as estatuas de Santo Agostinho ao meio, S. Sebastião á direita de quem olha, e S. Vicente á esquerda. Nos intercolumnios lateraes apparecem, em linha inferior aos outros, dois outros nichos com attica redonda,

tendo por baixo e por cima umas janellas quadradas. A estatua do nicho da esquerda é Santo Antonio, muito novinho, vestido de conego regrante, com o Menino Jesus ao collo; a da direita S. Domingos de Gusmão.

A segunda parte da frontaria levanta-se com os pedestaes das columnas do primeiro andar, ostentando em symetria das prumadas dois nichos nos intercolumnios lateraes, com S. Norberto á direita e S. Bruno á esquerda; e nos centraes tres elevadas janellas, muito majestosas sob as suas atticas, das quaes a central é angular, formando graciosa variedade com as de baixo, e com as dos nichos paralelos lateraes.

Sobre a cornija d'este segundo lanço da composição, levantam-se as columnas dos dois corpos lateraes, a formar dois torreões com ventanas, coroados de platibanda, do meio dos quaes emergem duas cupulas com lanternim. Estes dois torreões, une-os sobre o corpo central uma platibanda de 150 palmos, adornada de quatro enfeites pyriformes de bellissima proporção.

Por modo que, se o claro-escuro acentuado das cornijas divide por si a frontaria em tres partes no sentido horisontal, tambem o sentido esthetico a divide noutras tres na affirmação vertical: a parte do centro com os tres portões, os tres nichos, a primeira cornija, e a platibanda; e as duas partes lateraes, que desde baixo se erguem com a feição de torres, e separadas habilmente do corpo central pelas suas duas renques de columnas agregadas, sobrepostas e gradualmente diminuidas no módulo até á platibanda dos torreões.

E' optimo o estado de conservação d'esta imponentissima frontaria, comquanto se saiba que na tarde de 19 de Novembro de 1724 caiu sobre Lisboa um medonho temporal, de que ha pormenores minuciosos, e que destroçou as grimpas dos campanarios de S. Vicente, com alguns remates ornamentaes exteriores do templo; e que o fatal terremoto de 1755 arrasou o zimborio, abateu na frontaria algumas estatuas e alguns remates, arrasou o tecto da sacristia, assim como causou grandissimos destroços no dormitorio alto, que olhava para o nascente, e no dormitorio grande, que olhava para o sul.

Faz grande falta o zimborio. Sustentava a symetria com as torres, de 220 palmos, e desenhava-se certamente com as mesmas linhas das cupulas, como complemento necessario da interpretação esthetica.

Transposto o vestibulo, dá nas vistas a todo o observador o repetido emblema de umas settas encruzadas, que em muita parte enfeitam os modilhões e capiteis.

Diz-se geralmente que a razão de tal emblema é ter pertencido esta cantaria ornamental á obra de outro edificio começado, mas não concluido, em honra do Martyr narbonense.

Na peste de 1569, formara El-Rei D. Sebastião voto solemne de edificar uma egreja a S. Sebastião advogado dos males d'esse genero; e escreveu de Cintra, em 7 de Julho, uma carta á Camara de Lisboa, interessando-a no mesmo piedoso intuito e encommendando-lhe fizesse voto egual.

Em fins de Dezembro de 1569 já se achava prompto o plano, e destinado o sitio, que havia de ser onde já existia a parochia de S. Sebastião da Mouraria, hoje Ermida de Nossa Senhora da Saude; e em carta regia, tendo El-Rei determinado que Affonso Alvares, mestre das fortificações, fosse o architecto do templo projectado, mandava-o á Camara para lá ver a traça e modelo, e insistia com os vereadores para que dessem principio ao trabalho com toda a brevidade, «de maneira que se veja que se faz, e vae por deante.»

Depois, entendeu-se que melhor sitio seria para a fundação o Terreiro do Paço; e ahi se inaugurou a obra, ao nascente, junto ao mar.

Para o enthusiastico D. Sebastião, cujas preoccupações exageradas, politicas e religiosas, tantos trabalhos acarretaram a Portugal, tornaram-se as settas symbolicas do

seu padroeiro verdadeira paixão, que em tudo se revelava. Instituiu a ephemera Ordem da Flecha; planeou juntar ás insignias das outras ordens militares uma setta; e começou a erguer ao Martyr o novo templo. Tudo porém lhe frustraram os destinos.

Pediu ao Santo Padre lhe mandasse uma da settas com que tinha sido martyrisado em Roma, sob o mando de Diocleciano, o heroico S. Sebastião. Foi satisfeito o pedido; e estando El-Rei nos seus Paços de Almeirim, recebeu por mão de Pompeo Lanoya, cubiculario intimo do Pontifice, o apetecido presente, com uma carta de Gregorio XIII,

Pouco depois veiu o desastre de Alcacer, a morte do Rei, e a usurpação. Paralysadas as obras chegou o anno de 1582. Achava-se velha e gasta a obra affonsina do Mosteiro de S. Vicente, já em parte restaurada por D. João III. Foi preciso refazê-la desde o alicerce. Chamado Filippe Terzi, encommendou-se-lhe desenho condigno do nome do fundador e do orgulho do reedificador. Elle correspondeu ao que se esperava. E ter-se-ia empregado talvez na obra nova todo o material, já inutil, da incompleta egreja de S. Sebastião.

Entrando a porta principal, e subindo a nave, encontrâmo-nos num composto e grave recinto, cheio de ordem, symetria e majestade. Tudo pedra das pedreiras de Alcantara.

Desenvolve-se o templo ao correr dos seus 333 palmos de comprido, e 123 de largo no cruzeiro, que respondem a 360 e 150 exteriormente.

O aspecto geral é desaninhado, mas nobre; anda no ar o que quer que seja de real. O altissimo tecto do corpo da egreja, abaúlado em meio circulo, relevado de caixotões de pedras escuras e claras, sem lavores, assenta sobre oito pilastras por banda, a duas e duas, que molduram o arco de tres capellas a cada lado. O intervallo das pilastras rompe-se numa especie de janella, e deixa ver mais duas capellinhas no corredor que vae communicando as capellas maiores e formando umas como estreitas naves lateraes.

São cinco por banda as capellas no corpo da egreja, em correspondencia aos dois topos do cruzeiro, duas collateraes, e a capella-mór; ao todo quinze. Algumas d'estas capellas são formosissimas.

A primeira á direita de quem entra é a capella de S. Miguel, como era ao tempo do terremoto. Tem numa tribuna de madeira a imagem do orago.

No pequenino intervallo, está o altarzinho de Santa Barbara, que ao tempo do terremoto era de S. José.

A segunda capella grande é de Nossa Senhora do Pilar, como era antigamente. Vê-se a pequenina imagem da Virgem sobre a sua columna, ou pilar, resguardada dentro de um arco pequeno, submettido a um entablamento, que se sustenta sobre os abacos de duas pilastras aos dois lados, as quaes seguem até abaixo, e sobre dois pares de columnas muito enfeitadas, que assentam sobre duas estreitas portinhas aos dois flancos do altar. Tudo talha doirada. Aos lados da Senhora, dois Anjos no alto de um pequenino throno, que resguarda o pilar pela parte posterior. No altar e nos embasamentos das pilastras e dos pilares algum bom mosaico florentino.

No intervallo depois da capella grande do Pilar, temos o altarzinho de S. Braz, todo cheio de promessas. O Santo, vestido de bispo, parece estar abençoando os seus devotos. No tempo do terremoto era este altar de Nossa Senhora da Pureza.

Segue-se a terceira capella, que é do Senhor Jesus dos Afflictos, como sempre foi. Vê-se o crucifixo no seu altar coberto de talha doirada e pinturas a branco. Debaixo do mesmo arco, aos dois lados, a Senhora das Dores e S. João Evangelista. Por baixo d'esse arco maior, abrem-se mesmo sobre o altar tres arcos pequenos, contendo ao meio a Senhora da Pureza, com o Menino ao collo; do lado direito d'essa imagem S. Tude, Bispo; do lado esquerdo S. Francisco d'Assis. Esse S. Tude (ou Antidio) é o mesmo que a tradição diz ter servido ás devoções dos cruzados.

Antes de observarmos o cruzeiro, corramos as capellas do corpo da egreja, do lado esquerdo, a começar de baixo.

A primeira era ao tempo do terremoto dedicada a Santa Ursula, como ainda hoje. O altar é de estylo vulgar, com alguns doirados.

No intervallo está o altar de Santa Catharina, que já tinha essa mesma Santa em 1755.

A segunda capella era antigamente de Santa Catharina, e depois de S. Thiago em 1755; hoje é do Senhor dos Passos.

A terceira capella emfim, que em 1712 era de Nossa Senhora da Pureza, era já

134 — Interior d'uma aula do Real Collegio Militar

ao tempo do terremoto, como hoje é, dedicada ao Santissimo Sacramento, tendo então na tribuna a imagem de Nossa Senhora das Necessidades, hoje substituida pela Senhora da Paz.

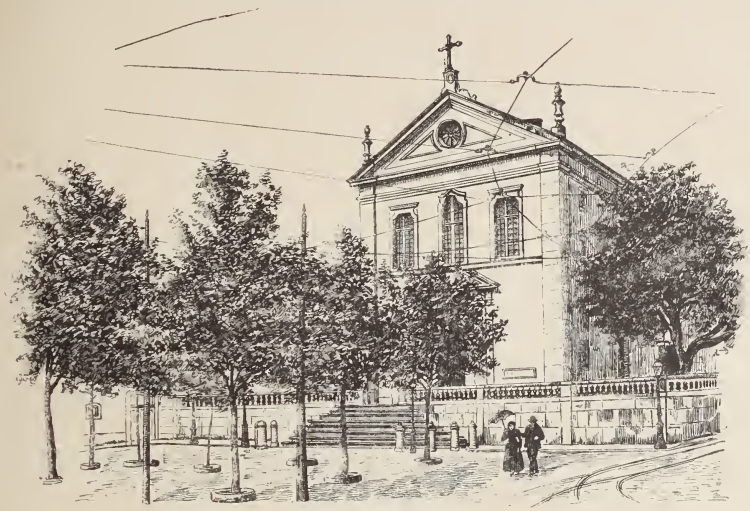
O cruzeiro é ladrilhado. Allumia-o do alto, com luz a jorros, a claraboia que modernamente se lhe poz, em vez do grande zimborio caído em 1755, e que media 130 palmos de elevação. Limita-o em volta a solemne affirmação vertical de seis pilastras lateraes identicas ás do corpo do templo, e identicas ás seis outras que se enfileiram a cada canto da capella-mór. Ao todo, no cruzeiro e na capella-mór, vinte e quatro.

Ao topo do lado direito está a capella de Santo Agostinho, a cujo nome se agremiaram os conegos regrantes, antigos donos da casa. Lá está elle no arco do seu altar, tendo em baixo S. Thomé e S. Thiago.

A esta capella segue a collateral do lado da Epistola. E' dedicada a Santo Antonio, que ahi tem uma pobre imagem. Na parede d'esta mesma capella, do lado da Epistola, se lê numa pedra: — «Aqui estão os ossos da Mãe de Santo Antonio.» Tareja Taveira se chamava ella. Fôra sepultada com seu marido em S. Vicente, mas perdera-se das

memorias o sitio da campa. Descobriram-na uma vez os conegos regrantes; soube-se o caso e escreveu então a Camara de Lisboa a El Rei D. João III, pedindo-lhe determinasse ao Cardeal Arcebispo de Lisboa, Infante D. Affonso, que désse ordem para os padres collocarem mais dignamente aquelles ossos veneraveis. E ali foram elles guardados.

Passemos agora á capella-mór, para a qual nos primeiros annos do seculo XVIII se subiam sete degraus. Hoje são tres apenas. E' um vasto recinto assoalhado de mosaico



135 — Egreja de S. Mamede

de madeira escura e clara. A cada lado duas ordens de bancos, com côro de frades, sobre tres degraus que giram em volta; e a cada um d'esses lados uma tribuna para a Familia Real.

O altar-mór, resguardado sob um elegante baldaquino, desenho do notavel Francisco Vanegas, castelhano, e execução feita sob os olhos do grande Machado de Castro, separa esta capella-mór do vasto côro dos conegos regrantes que lhe fica por traz, e que fórma a cabeceira da cruz. Em quatro columnas se ergue lá no alto o baldaquino. Junto ao pedestal de cada uma estão duas estatuas, ao todo oito, de madeira pintada de branco, e bellas. Da esquerda de quem olha, S. Vicente, Santa Monica, seu filho Santo Agostinho, e S. José; da direita S. Sebastião, S. Fructuoso, S. Theotonio, e a Virgem Maria. De fóra não se vêem todas essas colossaes figuras, e é preciso penetrar por qualquer das duas portinholas aos lados do altar, e collocar-se atraz, no côro, por forma que ao espectador apparecem então; lá no avesso do altar-

136 — Um carro dos saloios

mór, as duas imagens isoladas de S. José á direita, e da Virgem á esquerda, atraz das columnas posteriores do mesmo baldaquino.

Poucas estatuas se encontram em Lisboa tão formosas como estas. Foi auctor do S. Vicente e do S. Sebastião o bom esculptor portuense Manuel Vieira, que antes de 1755 se estabelecera em Lisboa.

Sobre as duas portinhas mencionadas avultam duas notaveis estatuas de anjos, pelo mesmo auctor; o anjo da banda do Evangelho segura, como que mostrando as ao povo, a coroa e palmas de S. Vicente; o da banda da Epistola as settas de S. Sebastião.

O côro é vasto, orlado de duas renques de logares corridos para os conegos. No principio do seculo XVIII eram doze a cada lado. Agora são vinte e seis em baixo, quarenta em cima; cathedras de pau santo lavrado, tendo doiradas nos relevos dos espaldares as palmas de S. Vicente.

Ao fundo, na cabeceira de todo o templo, um immenso orgão, que se vê atravez das ornamentações do baldaquino, e que passa por ser dos melhores da capital, como que sustido por tres anjos, e sobrepujado de outros.

As duas paredes lateraes do côro enfeitam-se a grande altura com duas janellas de varanda doirada para o interior do mosteiro, e dez quadros representando passagens da vida de S. Vicente, S. Sebastião, S. Theotonio e Santo Agostinho, todos do pincel de Francisco José.

Nesta capella-mór se achavam sepultados, segundo Carvalho da Costa, os Reis D. João IV e D. Pedro II da banda do Evangelho; do lado fronteiro a Rainha D. Maria Sofia Izabel de Neubourg, e mais dois Infantes. Referindo-se o anonymo auctor da manuscripta *Historia de Lisboa* ao tumulo d'El-Rei D. João, conta que ao seu lado se via a urna com o coração do dedicado amigo do Rei, o Marquez de Marialva.

A capella collateral do cruzeiro do lado do Evangelho foi dedicada a Santa Monica, mãe de Santo Agostinho, e depois ao Sacramento, tendo mais as imagens de Santa Monica e S. Pedro de Arbués, primeiro inquisidor do reino de Aragão; em 1755 a S. Theotonio. Hoje pertence á Senhora das Dores.

Além da imagem, que não tem valor artistico, ha num medalhão, ao alto, um quadro lindissimo, representando o casamento mystico de Santa Catharina de Alexandria. Assim o descreve o Snr. Visconde de Castilho: «Vê-se a Virgem Maria sentada, meio virada para a esquerda do espectador. Tunica rosada; manto azul; cabello loiro; olhos baixos. Nos joelhos sustenta o Menino Jesus, apenas vestido de um sendal branco. Á esquerda do espectador está Santa Catharina, offerecendo a mão direita ao Menino que lh'a toma, e lhe enfia no dedo um anel. Adiante da Santa, na parte inferior do quadro, despontam os dentes anavalhados da roda symbolica do seu supplicio. O trajo da Martyr é este: mangas justas verde escuro; tunica de sobremangas muito curtas côr de rosa pallida; manto amarello. Sobre o hombro esquerdo d'ella descança a mão direita da Virgem, ficando ligadas assim as tres figuras no mesmo pensamento harmonico. A expressão da Soberana dos Anjos é de uma doçura immensa, de uma arrebatadora melancolia. O Menino, com um ar engraçadissimo de attenção infantil, impende todo á sua obra. A Santa vê-se palpitar numa anciedade amorosa, num rapto divinal, que se lhe está denunciando no olhar meio velado e no rubor pudibundo da face. Tem brincos de oiro, corôa de oiro sobre a farta coma loira enastrada de fita vermelha, e toda a apparencia de um ente superior ao vulgo. A figura da Virgem, que é a mais alta, pois que Santa Catharina lhe ajoelha aos pés, apenas se vê até ao joelho, pouco abaixo. A linha esthetica primaria parte da cabeça de Maria, désce ao hombro de Jesus, á mão esquerda de Maria, á perna direita de Jesus, e resolve-se á esquerda, no claro do manto de Catharina. A linha secundaria sae da cabeça da Virgem, serpenteia pela do Menino, e passa á da Santa, e ao seu hombro direito. Pelo artificio da composição,

é a figura de Santa Catharina a que avulta primeiro, porque a vem tornar dominante a linha vertical da hombreira de uma janella aberta ao fundo, e por onde se vê o claro grisalho do firmamento. Essa linha intencional cae sobre a cabeça da Santa, e o quadrado da incompleta janella corta o escuro do fundo, e dá variedade. As linhas todas convergem pyramidando, e enlaçando na mesma intenção as tres personagens.»

A capella ao topo do braço do cruzeiro voltado ao Evangelho, correspondente á de Santo Agostinho, é, e sempre foi, a da Senhora da Conceição denominada da «Enfermaria.» Diz a tradição ter pertencido ás devoções do exercito cercador, e acompanhado El-Rei D. Affonso nas suas pelejas. Esplendida peça esta capella, toda de mosaicos, exactamente imitados na pintura a oleo da capella de Santo Agostinho que fica defronte, e toda é de madeira. No alto do tabernaculo onde fica a Senhora da Conceição, vê-se o monograma, com corôa real, de D. João V, que foi o auctor ou reformador d'esta capella historica.

No logar principal, dentro de um arco, levanta-se a alegre imagem da Senhora. Aos dois lados da capella, Sant'Anna e S. Joaquim. Por baixo d'essas duas, S. José e S. João Baptista.

Quem, ao centro do recinto da capella-mór, se revira a contemplar o corpo da egreja, para além do cruzeiro ladrilhado, cheio do seu ar vetusto, já raro em Lisboa, e por isso apreciavel, vê o templo a esbater-se em escuro até ao tapume do guarda-vento, e parece-lhe mais extensa a perspectiva aerea.

E' todo o templo um formoso conjuncto cheio de nobresa e fidalguia.

Ao lado direito do cruzeiro, uma porta conduz-nos aos dois claustros unidos por um isthmo que forma a sacristia da majestosa egreja. Que barbaridade a dos que destruiram para sempre as preciosas claustras affonsinas! Só resta ahi a belleza dos azulejos do seculo dezoito. A falta das esculpturas dos capiteis com as suas figurinhas significativas, tiveram os conegos regrantes o bom pensamento de adornar os seus claustros com muitos assumptos das Fabulas de Lafontaine.

O chão, que necessariamente se via d'antes tapisado de lapides sepulchraes, vê-se hoje nú, e pouco contribue para a epigraphia lisbonense.

A riquissima sacristia é, dos templos de Lisboa, no seu genero a mais bella. Tudo mosaico de côres quentes e suaves, vestindo as paredes até acima, rasgadas apenas por quatro janellas a cada lado. Como este recinto é de segunda luz, toma uma tinta esbatida e grave. Em volta correm os arcazes dos paramentos com seus gavetões, tudo de pau santo e bronze doirado. Ao topo do altar ha uma Senhora da Assumpção, pintada por André Gonçalves. Esse quadro do retabulo do altar é disposto de modo, que pode correr para cima e sumir se deixando apparecer lá dentro um relicario, hoje vasio.

Foi na casa do antigo refeitorio do mosteiro que pelo risco do fallecido architecto José da Costa Sequeira, sobrinho do grande Sequeira, se fundou o actual jazigo da Familia Real de Bragança. E' ao fundo do lanço septentrional do segundo claustro. Sobre a vasta porta, negra e triste, lêem-se estas palavras em letras doiradas:

REAL JAZIGO
DOS MONARCHAS, PRINCIPES, E MAIS PESSOAS REAES
DA SERENISSIMA CASA DE BRAGANÇA
QUE, NO REINADO DE SUA MAGESTADE
ELREI D. PEDRO V,
MANDOU ERIGIR SEU AUGUSTO PAE,
ELREI D. FERNANDO II,
REGENTE DO REINO
1855

Uma das obras mais colossaes e de maior utilidade publica emprehendidas em Lisboa foi a construcção do famoso Aqueducto das Aguas Livres. Coube a El-Rei D. João V a honra de promover este grande melhoramento, e ao brigadeiro Manuel da Maia, na qualidade de engenheiro, a gloria de o realisar, vencendo immensas difficuldades para introduzir na cidade o manancial, e erigindo para lhe dar passagem a famosa ponte-aqueducto da Ribeira de Alcantara, vulgarmente chamada Arcos das Aguas Livres, monumento de arrojada execução, que compete, se não excede, no

137 — Egreja de S. Julião

gigantesco das proporções, na elegancia e belleza das formas, e na solidez da construcção, com as obras mais grandiosas d'este genero que immortalisaram a sciencia e o poder dos romanos. Porém o plano geral da obra, como o concebera Manuel da Maia e o approvara D. João V era tal, que não podia executar-se e concluir-se em todas as suas partes dentro de um reinado, por muito longo que fosse, e por mais esforços e ardor que se pozesse nos trabalhos da construcção. Não se limitava esse plano a abastecer de agua alguns bairros de Lisboa, mas sim todos, sem excepção dos que demoravam ao oriente, separados dos do occidente pelo profundo valle por onde se estendia a cidade baixa. Para realisar este projecto devia edificar se uma ponte-aqueduto, não menos arrojada que a Ribeira de Alcantara, entre os montes de S. Pedro de Alcantara e de Nosssa Senhora da Graça, offerecendo prompta e facil communicação de um para outro monte, não só ás aguas, mas tambem aos habitantes.

Em 1588 se tomaram as primeiras disposições para aprovisionar de aguas a cidade de Lisboa, que de anno para anno crescia em população; tambem ha quem affirme que já no tempo do afortunado Rei D. Manuel se haviam feito tentativas encaminhadas ao mesmo essencial objecto, procurando-se as nascentes d'onde hoje se deriva o principal

provimento da nossa capital. Naquelle tempestuoso e infeliz reinado de D. Sebastião abortou o designio. Muito mais tarde a magnificencia de D. João V, e os copiosos recursos da monarchia levaram a cabo a majestosa obra, que é por certo a mais notavel

138 — Aspectos de Lisboa. Uma rua do Bairro Estephania

de quantas Lisboa encerra no proprio recinto e nas visinhanças. Era fabrica destinada a commum utilidade; e além d'este grande valor reuniu depois todas as condicções de sumptuosa, por tal arte que não duvidou dizer d'ella o academico Padre Estevão Cabral: «Uma das obras de maior magnificencia, que no seu genero se admiram talvez em todo o mundo, é a obra chamada das Aguas Livres na nossa Lisboa. E' certo ao menos que no genero de aqueducto excede ella os mais formosos, quaes são os de Genova, de Spoleto, de Caserta, de Roma, excepto que na quantidade de fluido as aguas livres comparadas com alguns d'elles são pobreza comparada com riqueza, pois os romanos e o de Caserta trazem rios cheios, e este nosso apenas traz um pequeno regato; mas a belleza e a magnificencia são sem controversia nenhuma aqui maiores».

Desde que o sabio Padre isto escreveu, já lá vae um seculo; tem crescido o abastecimento das aguas com os muitos mananciaes descobertos e encanados para o aqueducto geral; têm continuados trabalhos engrossado as antigas inexauriveis fontes, para cada vez mais a grandesa da construcção corresponder ás intenções que a sugeriram e ás necessidades de uma das principaes cidades da Europa. Egualmente cessaram as queixas que o auctor citado e outro academico, Vandelli, apresentaram relativamente á falta de conclusão e aproveitamento do vastissimo deposito, ou piscina das Amoreiras, porque logo nos primeiros mezes da restauração effectuada por El-Rei D. Pedro IV, se completou esse

139—Homem e mulher do povo

deposito providencial, com a notavel circunstancia de se formar a cascata por onde as aguas se quebram e precipitam, gosando o beneficio do ar e da luz com a certeza de entrarem no amplissimo tanque mais depuradas. Os antigos, nos seus grandiosos aqueductos, armavam tambem interrupções e quedas em tanques similhantes, para que a agua depozesse tudo o que fosse heterogéneo, e chamavam-lhe piscina limaria porque tal obra servia para clarificar a agua, deixado o lodo. Depois d'esta consideração do povo romano, outras a moderna physica aconselha, para que essas cascatas artificiaes se fabriquem e conservem.

Nem se creia que o Padre Estevão, por sentimento de paixão nacional, exagerasse a sumptuosidade do monumento consagrado pelo Rei magnanimo ao bem do povo; nos escriptores estranhos acharemos confirmado o seu juizo. Balbi quasi se exprime nos mesmos termos, e acrescenta que é uma das obras mais magnificas da moderna Europa, e que póde ser comparada ás maiores que d'esta especie fez a antiguidade. Os mais, que a viram e descreveram, falam identica linguagem: nas *Memorias da Academia das Sciencias de Paris*, anno de 1772, vem delineado o Arco grande, como coisa singular.

Inauguraram-se os trabalhos de construcção do aqueducto de Carenque, proximo da villa de Bellas, em 1732. Não se sabe ao certo o anno em que tiveram principio os da muralha de S. Pedro de Alcantara, onde devia ser um grande reservatorio, e onde havia de começar a ponte-aqueducto que ligasse este monte ao de Nossa Senhora da Graça. Crê-se porém que foi no anno de 1738 ou 1739. Pararam as obras do reservatorio das Amoreiras em 1738, restando pouco para a sua conclusão, e as da muralha de S. Pedro de Alcantara em 1749 ou 1750, anno em que falleceu El-Rei D. João V. Mas o reservatorio neste ultimo sitio não chegou a ter principio. D'isto e de mais demora no andamento dos outros trabalhos da construcção do aqueducto geral se queixavam os habitantes de Lisboa em representações dirigidas ao Rei, ao Senado e á Junta das Obras. Na representação a El-Rei D. José I dizia-se: «Tem chegado o aqueducto ao sitio do Rato, e não havendo fontes por que se distribuam as aguas aos bairros a que se destinaram, já o povo concorre ao mesmo logar para trazer o provimento que precisam as suas familias, com especialidade no tempo do verão, em que se experimenta tanta falta d'este tão util alimento que, não poucas occasiões, por se levar agua, se derrama sangue; tão grande é a necessidade! Para invigilar na construcção do aqueducto, creou Vossa Majestade a Junta que, separada do Senado, cuidasse em obra tão precisa, e se applicaram aquelles meios conducentes a virem estas aguas á cidade e se introduzirem nas fontes, que no espaço de quasi vinte annos ainda se não teem fabricado; nem o aqueducto concluido na sua ultima perfeição, pois no sitio de S. Pedro de Alcantara, em que se devia erigir o deposito das aguas, ainda nem principio se vê edificado, não tendo o povo omittido os grossos subsidios com que sempre está concorrendo para aquelle edificio, que ideou a efficaz beneficencia de Vossa Majestade».

Na representação ao Senado lia-se este periodo: «Tendo este povo concorrido com os milhões que importam os subsidios, nem o aqueducto chega a S. Pedro de Alcantara, logar em que, por determinação de Sua Majestade, se deve fabricar o castello ou erigir o soberbo deposito de todas as aguas do aqueducto».

O logar por onde havia de passar a cidade baixa na ponte-aqueducto devia ser indicado pelos peritos Manuel da Maia, João Frederico Ludovici, Carlos Mardel e José da Silva Paes, reunidos em conferencia com o ministro Diogo de Mendonça Côrte Real, em casa do secretario de Estado Marcos Antonio de Azevedo.

Para esta conferencia escreveram-se uma bases sobre que haviam de recair as discussões. Estes e outros documentos curiosos sobre o mesmo assumpto, que se guardavam no archivo municipal, consumido pelo fogo em 1863, foram publicados, muito an-

teriormente a essa catastrophe, em uma *Memoria* sobre os chafarizes, escripta pelo fallecido archivista da Camara Municipal José Sergio Vellozo de Andrade.

Depois de todas as tentativas anteriormente feitas para a realisação d'esta obra verdadeiramente monumental, pode-se dizer que ella se deve ao esforço do procurador da cidade Claudio Gorgel de Amaral, que ácerca da falta de agua em Lisboa tão energicamente representou a El-Rei. Na sua representação affirmava-se que no verão de 1727 se vendiam as cargas de agua de quatro quarteirões «bem pequenos» por dois tostões e doze vintens, quasi preço commum; e que elle proprio fôra com pessoas peritas ao sitio da fonte da Agua Livre e outras visinhas, a de S. Braz e da Cidreira, e verificara que deitavam essas aguas mais de 10 telhas, e no fim d'aquelle mesmo verão 9 telhas, julgando ser esta agua sufficiente para o provimento do povo, ainda no estio. Amaral instou tanto com El-Rei D. João V para que cuidasse de obra tão importante, que as maiores difficuldades foram removidas e logo se formou a primeira sociedade de 20 pedreiros que, com o capital de 8 contos de reis, começou a obra. Bem reduzido capital era esse para tão grande empreitada. Só a casa da agua das Amoreiras custou depois 400 contos. Até 1835 já se tinham gasto nas Aguas Livres 5.562 contos, incluindo o custo das expropriações de muitas e boas propriedades de casas como as das Ruas do Outeiro, da Cordoaria Nova, das Portas de Santa Catharina e do Picadeiro.

Em pouco mais de vinte annos se construiu o admiravel aqueducto, e tal era a solidez da construcção que o devastador terremoto de 1755 não lhe fez damno; não deram de si os pilares, as paredes não abriram; apenas tres dos dezeseis torreões, que servem de ventiladores, soffreram algum estrago. Começa o aqueducto quasi a tres leguas da cidade na Ribeira de Carenque, e contam-se em toda a sua extensão 127 arcos de forte e excellente cantaria; a altura interior do encanamento é de 13 pés: quando em sitios eminentes prosegue soterrado, tem a espaços convenientes uns torreões quadrados com sua janella em cada face, resguardadas por grades de ferro e redes de arame; e ao atravessar os valles caminha sobre elegante arcaria, sem em seu curso desdizer do nivelamento proprio. Ha torreões ou ventiladores na parte mais grandiosa da obra, que é a ponte-aqueducto sobre a Ribeira d'Alcantara. Bella e dilatada é a perspectiva que de tão desmesurada altura se avista. Por 35 arcos, que unem duas oppostas eminencias, sobre uma quebrada de muita profundidade e na extensão de 400 toesas, segue o abastecimento d'aguas para a cidade nova, a maior e a melhor parte da populosa rainha do Tejo. Os arcos variam gradualmente, para qualquer dos extremos, na dimensão perpendicular e na largura desde a volta até á base: o maior, denominado Arco grande, tem de altura 315 palmos craveiros, e de largura 150. Paralelos á mesma sumptuosa ponte-aqueducto correm, dos lados do nascente ao poente, dois passeios de quasi 8 palmos de largo com seus parapeitos, d'onde para qualquer d'estas frentes se desfructa a paizagem do nosso bello clima meridional.

Entra o aqueducto na cidade pela parte do noroeste, ás Amoreiras. Ahi, ao occidente, está um arco, á maneira dos arcos triumphaes, a um tempo esbelto e majestoso, de soberba cantaria e architectura dórica; no apainelado do friso da cimalha, para a banda do norte, lê-se uma elegante inscripção latina, disposta segundo o gosto do estilo lapidar, na qual se commemora o pacifico reinado de D. João V, as difficuldades e o feliz resultado da empreza do aqueducto, com os encomios costumados das qualidades do Monarcha. Tem a data 1738, e marca o espaço de vinte e um annos, que levou a obra. No apainelado, que lhe é correspondente e olha para a cidade, ha outra inscripção similhante que menciona a extensão de 9.000 passos do aqueducto, e que este fôra fabricado *œre publico*, com o dinheiro publico, porque se fez á custa da nação, contribuindo essencialmente para esse fim o imposto denominado «real d'agua».

Contiguo, e immediatamente ao sair do Passeio das Amoreiras para o sul, ha o

grande deposito ou piscina. Na forma externa é uma torre quadrangular, composta inteiramente de bella pedra de cantaria, encerrando um tanque, construido segundo os rigorosos preceitos da arte, e completo em 1834, limpo e bem vedado, com os conductos necessarios, quebrando-se as aguas nas irregulares saliencias da cascata. Os fortissimos muros d'este tanque de marmore tem de espessura 25 palmos, e serve esta grossura, entre a borda do mesmo e o muro externo, de espaçosa varanda que offerece passeio por tres dos lados, ficando no quarto lado a queda das aguas, á banda do poente; nos lados exteriores rasgaram-se amplas janellas; por um lanço d'escada estreita e torcida sobe-se ao eirado que remata a torre, e corre lageado, sobre a immensa abobada. D'ahi se avista um lindissimo panorama da cidade, que talvez não tenha rival, senão o que se descortina da eminencia do Castello ou o que do zimborio da Estrella se desfructa. O comprimento do tanque, segundo a memoria do Padre Cabral, é de 125 palmos, a

140 – Escola Polytechnica

largura de 107, e a altura de 37; do fundo erguem-se quatro pilastras de 10 palmos quadrados, que sustentam as abobadas superiores. Este grande edificio é o que vulgarmente se conhece pelo nome de Mãe d'Agua do Rato, ou das Amoreiras.

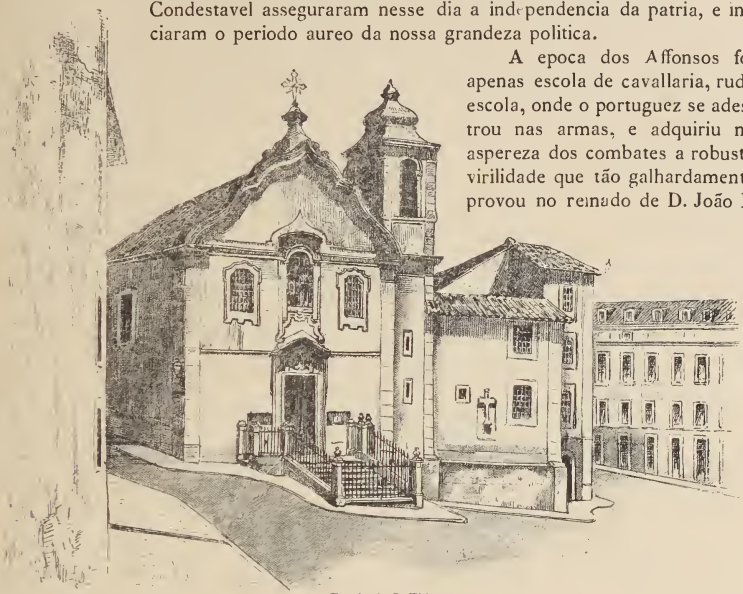
Como se eleva o espirito e dilata o coração, quando pomos os olhos nos majestosos restos das passadas grandezas claustraes! São livros da nossa historia essas ruinas, porque a architectura é tambem uma linguagem; as paredes e abobadas d'um templo valem ás vezes uma chronica, as suas columnas e arrendados capiteis valem um poema. Santa Clara de Coimbra resume a vida de Santa Izabel, e evoca as piedosas lendas medievaes que matisam a sua historia. O Carmo de Lisboa fala de D. Nuno, do cavalleiro da Flôr da Rosa e da espada de alfageme, do heroe da Aljubarrota, que tão singularmente enobreceu a terra do seu berço.

D. Nuno Alvares Pereira, o denodado campeão de D. João I, «varão tão excellente que na vida deu a corôa ao rei e depois da morte reis a corôa», foi o fundador do Convento do Carmo, em cuja clausura se amortalhou no habito de frade, e falleceu a 1 de Novembro de 1431.

Passados trezentos e quatro annos completos, a 1 de Novembro de 1755, o temeroso terremoto, que arruinou a cidade de Lisboa, destruiu tambem o convento e desmoronou a egreja, sem respeito pelas cinzas do valoroso Condestavel. E quando o braço e a influencia do Marquez de Pombal ergueram com extraordinaria energia a cidade da sua quéda, estas ruinas ficaram sempre de pé como monumento singular do tremendo cataclysmo.

A 14 de Agosto de 1385 feria-se nos campos de Aljubarrota a batalha mais memoravel nos fastos nacionaes. As espadas famosas do Mestre e do Condestavel asseguraram nesse dia a independencia da patria, e iniciaram o periodo aureo da nossa grandeza politica.

A epoca dos Affonsos foi apenas escola de cavallaria, rude escola, onde o portuguez se adestrou nas armas, e adquiriu na aspereza dos combates a robusta virilidade que tão galhardamente provou no reinado de D. João I.



141 — Egreja de S. Thiago

As proezas de Ourique e do Salado eram os primeiros vôos da aguia, os ensaios validos d'uma nação de heroes; Aljubarrota foi a façanha do guerreiro, que tinha a consciencia do seu direito e a segurança do seu valor.

A primeira dynastia forma o prologo da nossa nacionalidade; é o seu periodo genesiaco. As espadas alargam as fronteiras e alimpam o terreno de infieis; a lingua a custo balbucia as primeiras articulações. Mas a dynastia Joannina colhe o paiz já adulto; as espadas não alargam, consolidam; a lingua traduz as manifestações do espirito nos termos apropriados.

A architectura acompanha as vicissitudes politicas da sociedade, incarna-se na vida intima do povo e perpetua-se como monumento. Não é possivel encontrar typo mais fiel, expressão mais genuina e caracteristica d'uma epoca.

O templo de Nossa Senhora do Vencimento, que é hoje todo ruinas, foi edificado pelo Condestavel na descida oriental d'um dos montes em que assenta Lisboa, ficando em correspondencia com o do Castello de S. Jorge. A sua construcção, tendo começado em 1389, veiu a concluir-se em 1422. Na batalha de Aljubarrota, dada na vespera

da Assumpção da Virgem, fez Nuno Alvares o voto de erigir-lhe este templo, que por isso tomou o nome de Senhora do Vencimento. Esta é a opinião corrente e mais verosimil, mas por alguns impugnada, attribuindo uns a fundação á victoria de Valverde, outros a milagres do céo, estes á devoção sómente do Condestavel, aquelles á sua conversão, que o levou a despir a couraça de guerreiro, para se amortalhar no habito de religioso. Mas todos se conformam em que aos favores e mercês da Virgem devera o fundador a inspiração de tão insigne fabrica. Ora a mercê assignalada da Virgem, a corôa de todos os seus favores, foi enramar-lhe a espada de louros na batalha de Aljubarrota, e isto na vespera do dia em que a egreja celebra um dos seus mysterios. Postos frente a frente os dois exercitos, desproporcionados no numero, porque o castelhano excedia a 33.000 soldados e o portuguez não chegava a 7.000, desiguaes nas armas porque a artilheria inimiga troava pela primeira vez no reino, a victoria foi julgada como milagre da Providencia. E assim o reconheceram os dois valentes caudilhos portuguezes, levantando em memoria da peleja e honra da soberana protectora El-Rei D. João I o mosteiro de Santa Maria da Victoria, e o Condestavel o templo de Nossa Senhora do Vencimento.

Um erudito hespanhol, Ximenez de Sandoval, publicou uma notavel monographia historica — *Batalha de Aljubarrota*, estudo critico militar que honra a sua imparcialidade na apreciação de um facto desastroso para a propria patria. Esse livro fala tambem do Convento do Carmo; e ainda que não siga a opinião de Jorge Cardoso e Manuel de Faria e Sousa e d'outros, encostando-se á de Frei José Pereira de Sant'Anna que não baseia a origem do convento na victoria d'Aljubarrota, comtudo enumera esta fundação entre outras dedicadas áquella batalha, por ter sido obra do Condestavel e sua ultima residencia.

Seja porém como fôr, o Condestavel epilogou a sua vida condignamente com esta veneranda edificação, que por mais de tres seculos foi admirada e respeitada de nacionaes e estrangeiros, e que ainda hoje nas suas ruinas é monumento d'arte e padrão de gloria como precioso specimen de architectura gothica e recordação do glorioso reinado de boa memoria.

A 16 de Julho de 1389 se abriram os alicerces do templo com toda a solemnidade, prevenidas as licenças do Rei e bullas do Papa e sobre o sitio melhor da cidade, como diz o *Agiologio Lusitano*, campeou por fim com majestoso donaire a sacrosanta casa da Virgem. Era esta a melhor cidadella, o mais nobre capitolio dos triumphos navaes da rainha do Oceano. Os horisontes eram extensos, os panoramas variados. Alem de se descobrir uma grande parte da cidade, dilatando se os olhos para o meio-dia, descançavam agradavelmente sobre o limpido cariz do Tejo, vendo-o coberto de basta floresta de navios; as naus de guerra estacionavam sobre as ancoras, as embarcações ligeiras, faluas e bergantins, sulcavam as correntes em differentes direcções. Da banda do norte o paiz era delicioso, matizado de casas de campo e bordado de odoriferos pomares, hortas e jardins, que na primavera com flôres e no estio com verduras compunham um amenissimo quadro. E' o que dizem as chronicas do tempo, e o que ainda hoje se vê em grande parte.

Iam já crescidas as paredes, quando repentinamente se aluiram com perda de alguns operarios. Profundaram-se mais os alicerces, e mais do que os primeiros se reforçaram; mas nova desgraça sobreveiu inutilisando o fructo de muito trabalho e dispendio. Desgostoso o fundador, e attribuindo as catastrophes á falta de intelligencia dos mestres, despediu-os, e chamou para os substituir a tres outros, que então gosavam de maior fama: Affonso Eannes, Gonçalo Eannes, e Rodrigo Eannes. Conta-se que por occasião do Condestavel os autorisar a darem toda a solidez ao edificio, sem olharem a despesas, lhes dissera «que se os alicerces terceira vez se arruinassem

os havia de fazer de bronze.» Porém d'esta fundação conseguiu-se perfeita segurança. «Logo com estes bons officiaes (dizem as antigas memorias do Convento do Carmo) empeçou o Conde a sua obra a terceira vez pela parte do valle, e nom quiz levar os fundamentos direitos a fundo, por assim lho certificarem os mestres, mas para mais fortificação, acordarão que fossem inviazados com seus degráos; e que empeçassem um bom salto atraz do valle para que nom só tivessem a terra, que nom corresse, mas que quando as paredes fossem erguidas, nom lhe podesse a terra fazer aiguma rapazia.» O Condestavel mandou chamar os quatro melhores canteiros que havia em Lisboa, Lourenço Gonçalves, Estevão Vasques, Lourenço Affonso e João Lourenço, e com estes mestres e mais operarios celebrou uma escriptura, em que se continham as obrigações de cada um, e o preço dos jornaes, que eram os seguintes: 30 reis ao mestre de toda a obra, 13 réis aos outros mestres ou officiaes, e 10 réis aos mais serventes. Ao tempo em que se pagavam estes preços o alqueire de trigo valia 5 réis.

No anno de 1397, achando se as paredes levantadas a grande altura, fendeu-se o frontispicio entre o portico e o cunhal da parte do sul, de sorte que para remediar este damno foi reforçada a parede do sul com uns arcos ou botareos. Neste mesmo anno chegaram a Lisboa alguns religiosos do Convento de Nossa Senhora do Carmo, da villa de Moura, que o Condestavel chamára para lhe fazer doação do convento e egreja, e apezar do edificio estar longe de se achar concluido, tomaram posse d'elle, e começaram a exercitar os actos da communidade. O fundador doou muitos bens ao convento, mas em uma clausula da escriptura reservou para si, emquanto vivesse, a administração dos rendimentos. Tendo determinado que a cada frade fossem dadas 40 varas de panno de linho por anno para se vestirem, elles antes quizeram dois cruzados «para melhor se governarem.» Acabado o templo em 1423, depois de 30 annos de trabalhos não interrompidos, celebrou se a ceremonia da sagração no mez de Julho com grande pompa. No dia 15 do seguinte mez de Agosto recebeu o fundador o habito de donato carmelita, contando 63 annos d'edade, depois de infructuosas diligencias de amigos e parentes para o dissuadirem do seu intento, e trocou pelo modesto nome de Nuno de Santa Maria seus illustres apellidos e os honrosos titulos de Condestavel de Portugal, Conde de Ourem, de Arrayolos, e de Barcellos, Mordomo-mór d'El-Rei D. João I, e senhor donatario de mais de 40 villas, foi depôr aos pés da cruz a espada invicta do heroe dos Atoleiros, d'Aljubarrota e de Valverde. Foi esconder nas sombras do claustro uma fronte em que resplandecia tanta gloria, cobrindo de estamenha um corpo que vestira armas tão reluzentes, e dar humildes exercicios áquellas mãos que haviam coroado o Mestre de Aviz e defendido a independencia de Portugal. No fim de oito annos e dois mezes e meio de uma vida toda consagrada ao serviço de Deus e á pratica das virtudes christãs, morreu dentro de uma pobre cella o fundador do magnifico convento. Contra os seus desejos fez-se-lhe o enterro com extraordinaria pompa, porque assim quiz El Rei, que assistiu ao funeral acompanhado dos Infantes e de toda a côrte, vestidos de lucto. Deu se-lhe sepultura rasa no meio da capella-mór; porém passado tempo erigiu-se-lhe um sumptuoso mausoleu.

Não será fóra de proposito dar relação de uma usança popular, relativa a esta sepultura, da qual falam largamente Jorge Cardozo no *Agiologio Lusitano* e Fr. José Pereira de Sant'Anna na *Chronica dos Carmelitas*. «A' imitação dos cirios, com que de presente os povos costumam ir de romaria satisfazer seus votos a algumas imagens milagrosas, vinham tambem a esta egreja differentes ajuntamentos de devotos, repartindo entre si os dias mais acommodados do anno, para nelles executarem os effeitos da sua muita obrigação que confessavam dever ao Santo Condestavel.» A gente da cidade o festejava na fórma que refere Fr. Jeronymo da Encarnação, o qual diz: «Quando o veneravel corpo do Conde jazia soterrado no chão... as mulheres dos cidadãos da cidade de Lisboa, com

alguns d'elles se ajuntavam na capella mayor do Mosteiro do Carmo (que o Conde fez) um dia depois da Paschoa florida, que era a Primeira oitava, com seus pandeiros, e adufas, e outros tangendo as palmas: e com muito prazer, e folgança, cantavam, e dançavam á roda d'onde soterrado estava, começando uma das mulheres, que melhor voz tinha, e as outras respondiam o que ella cantava; e diziam d'esta guiza:

No'me lo digades, none
Que Santo he o Conde.

O gram Condestabre
Nunalves Pereira
Defendeo Portugale
Com sua bandeira,
E com seu pendone.

No'me lo digades, none...

No'me lo digades, none
Que Santo he o Conde.

Na Aljubarrota
Levou a vanguarda,
Com braçal, e cota
Os Castelhãos mata,
E toma o pendone.

No'me lo digades, none..

142 — Fabrica do Gaz. Fachada da banda do Aterro

Com sua chegança
Filhou i adalhouce,
Sem usar davença
Entrou sua torre,
E poz seu pendone.

No'me lo digades, none...

Dentro no Valverde
Venceo os Castelhãos,
Matou bons, e maos
Só co'ha sua hoste,
E seu esquadrone.

No'me lo digades, none...

«Este estribilho repetião infinitas vezes bailando com notavel contentamento ao redor da sepultura sobre a qual punhão muitas capellas de flores, e as offertas, que lhe deixavão em signal de gratidão pelas victorias, que conseguira, e pela liberdade d'este Reino, da qual fora instrumento».

143 — Avenida Palace

Na segunda oitava do Espirito Santo vinham de romaria para celebrar egual festa os moradores do Rastello e os do termo de Lisboa; e no dia de S. João, em que nascera o Condestavel, corriam ao mesmo fim os habitantes das villas visinhas a Lisboa, de que elle fôra senhor.

Os primeiros cantavam-lhe as suas victorias, e os segundos seus milagres exaltavam nestas seguidilhas:

Uma voz — Do Rastello a Sacavem
Nem ningola nem ninguem
Tem semelho ao Condestabre
Que le prouge, e que le praze
Ho fazernos tanto bem.

Todos — E bem, e bem.

Uma voz — O rapaz das coberturas,
Que morre, e cahe pera traz,
Já não vai á sepultura,
Que otra bez vive o rapaz:
E ho Conde le fizo o bem.

Todos — E bem, e bem.

Uma voz — Á filha de Joanne Estés,
Que finou por non mamar,
Ao do Moinho do cubo
Que finou por se afogar,
Viventa o Conde tambem.

Todos — E bem, e bem.

Uma voz — O mal daquella alfayata,
A gram dor de Lopo Affons,
Non les chega aos coraçõns,
Que o Conde Santo los guarda:
Y tudo por fager bem.

Todos — E bem, e bem.

Uma voz — E bem Condestabre Santo,
Cobrínos cõ vosso manto,
Cõ vosso manto de gales,
Defendimento de males,
E fáganos munto bem.

Todos — E bem, e bem.

Do que eram a Egreja e Convento do Carmo antes do terremoto grande, temos noticia minuciosa, que nos deixa ajuizar da sua magnificencia e das preciosidades que encerravam.

A frontaria principal estava voltada para o occidente. Nella se abria um só portico

de grande altura, formado de muitos arcos de ponto que, repousando sobre egual numero de columnas com seus capiteis de feitios diversos, iam diminuindo no grosso da parede até ao seu interior. «Da parte do adro occidental (diz a *Chronica dos Carmelitas),* onde a terra fica mais alta que o pavimento da egreja, só a metade superior do dito portico apparece. Depois que se entra na egreja e se descem os treze degráos de marmore, que encaminham para o seu pavimento, então se vê inteiramente todo o portico, tão singular na materia, como proporcionado na architectura.» D'aqui se deprehende que no anno de 1745, em que se imprimiu o primeiro volume d'aquella chronica, já se achava o portico meio soterrado. Sobre este portico abria se um grande oculo, e aos lados duas janellas primitivamente gothicas, as quaes em tempos modernos se rasgaram mais com o fim de introduzirem maior porção de luz no templo, e receberam a forma que ainda conservam. De um e outro lado do portico, entre este e as janellas, foram postas tres lapides embebidas na parede, commemorando o dia e anno da sagração da egreja e as indulgencias que o Papa concedeu ás pessoas que visitassem as egrejas de Nossa Senhora do Carmo. O templo era de tres naves com cinco arcos por lado, fóra os do cruzeiro, tudo de marmore branco, tendo de comprimento, desde a porta principal até ao retabulo da capella mór, 328 palmos e 100 de largo. Contavam-se 25 capellas todas revestidas de finos marmores de côres, ora lavrados em delicados relevos, ora brunidos como espelhos. Os vãos da nave do meio que entre os arcos medeam sobre as columnas, eram guarnecidos de paineis com molduras doiradas. Nos topos do cruzeiro estavam duas capellas magnificas, abertas em toda a altura do edificio e com retabulos doirados, de talha; numa d'estas capellas, dedicada a Nossa Senhora da Encarnação, celebrou muitas vezes missa o Apostolo das Indias S. Francisco Xavier. Tambem ahi attraía a veneração dos fieis e a admiração geral uma formosa imagem do Christo crucificado, feita pelo celebre esculptor italiano Miguel Angelo Buonarotti. Ao lado d'estas capellas viam-se mais quatro, servindo de collateraes á capella mór e dedicadas a Nossa Senhora sob diversas invocações. Nas columnas junto ao cruzeiro estavam dois pulpitos de marmore primorosamente cinzelados, os quaes Fr. Luiz dos Anjos mandou á sua custa cobrir de prata lavrada com muitos feitios, um em 1717 e o outro no anno seguinte. A capella-mór, semelhante a uma fortaleza de forma circular e com duas ordens de janellas gothicas formadas de muitas columnas, era coroada por um terrado que tambem corria sobre as capellas collateraes, guarnecido com uma especie de balaustrada feita de pyramides juntas umas ás outras. Era esta capella adornada interiormente com excellentes paineis devidos ao pincel de um distincto pintor portuguez, Braz de Avellar, e com obra de talha de muito primor, feita pela maior parte em 1510 por Pedro de Frias, insigne artista d'aquelle tempo. Ahi se admiravam as preciosas cadeiras do côro, de talha relevada com infinita variedade de figuras e exquisitos lavores por Diogo de Carta, no anno de 1548. Na entrada da capella-mór via-se uma grade de ébano e dois pulpitos com guarnições de bronze doirado, obra de muita excellencia. O pavimento da capella era de marmore de côres em xadrez.

O relicario era dos mais preciosos da capital, tanto pelo numero de reliquias, que excediam a 500, como pela riqueza das custodias, ambulas e cofres que as guardavam.

Não havia em Lisboa egreja que egualasse esta na riqueza e quantidade das alfaias; os objectos d'oiro, prata e pedras preciosas que o Condestavel lhe doou, e outros muitos dados pelo tempo adeante por pessoas devotas, formariam um longo catalogo. Especificaremos os principaes, que eram: duas custodias de prata, uma com sete palmos d'altura, e outra com mais de 150 marcos de prata e 3 d'oiro; dois cofres de prata lavrada primorosamente, guarnecidos de pedras preciosas, para deposito da Santa Eucharistia; o frontal do altar mór e a banqueta, tudo de prata com pedras preciosas; doze grandes castiçaes, cruz e outros ornatos do mesmo metal, pertencentes áquelle altar; a

soberba lampada e os grandes castiçaes da capella do Senhor Morto, aquella dadiva da Rainha D. Luiza de Gusmão, e estes offerenda da Rainha D. Catharina, mulher de Carlos II d'Inglaterra; o tumulo de prata lavrada em que repousava o Senhor Morto; muitas lampadas, candelabros e castiçaes das differentes capellas do cruzeiro e corpo da egreja. Entre as joias que serviam para ornar a Senhora do Carmo e o Menino Jesus, notavam-se duas riquissimas corôas em que brilhavam 72 diamantes; um afogador tambem de diamantes, obra de muito valor, e os vestidos dados por El Rei D. João V, tão recamados d'oiro e com tal mimo bordados, que excitavam geral admiração. Os paramentos do templo não eram menos para vêr e admirar.

Das sepulturas da egreja, a mais notavel era a de D. Nuno Alvares Pereira. Foi enterrado este heroe, como dissemos, no meio da capella-mór em sepultura raza; porém, mandando a Duqueza de Borgonha, quarta neta do Condestavel, um riquissimo mausoleu para nelle se guardarem as cinzas de seu illustre avô, foram estas trasladadas para tão soberbo cofre no anno de 1522, e em 1548 foi mudado o tumulo do primeiro logar em que o assentaram, para o presbiterio do lado do Evangelho. Este mausoleu, de finissimo alabastro, era uma caixa ou urna com doze palmos de comprimento, em cujas faces estavam abertas em relevo as santas imagens, que em vida trazia D. Nuno pintadas na sua bandeira, e figuras de anjos com os escudos d'armas dos Pereiras. Descançava sobre tres leões e tinha sobre a campa a estatua do Condestavel em vulto inteiro, deitada e vestida no habito religioso de que usava, empunhando na mão direita o baculo, a que costumava apoiar-se na velhice; e na esquerda o livro de orações que sempre trazia comsigo. Junto ao tumulo avultava uma estatua em pé, com sete palmos de altura, vestida de armas brancas, com peito, manoplas, grevas, espaldar, espada á cinta e uma grande maça de ferro na mão, representando o Condestavel quando mancebo, prompto para a peleja.

Na parede contigua ao tumulo lia-se o seguinte epitaphio: — *Aqui jaz a muito honrada e virtuosa Dona Eiria Gonsalues Madre do Sancto Conde, que mandou fazer este Mosteiro.* No pavimento, tambem proximo do mausoleu, havia outra sepultura com este letreiro: — *Aqui jaz a Duqueza D. Joanna de Castro, mulher de Fernando Segundo Duque de Bragança, e neto d'El-Rei D. João I.* A pequena distancia via-se a sepultura de D. Jayme, filho do Duque de Bragança D. Jayme; a do Bispo de Ceuta, D. Jayme de Lencastre, filho de D. Jayme de Lencastre, Duque de Coimbra e mestre das Ordens de Santiago e Aviz; e a de D. Luiza Cabral, mulher de D. Diniz de Faro, ramo da Casa de Bragança. Na parede interior do portico da egreja, do lado do Evangelho, abria-se um arco de marmores de muita elevação, dentro do qual estava um magnifico tumulo de marmore de varias côres, cuja urna sustentava dois leões. Nelle jazia D. Miguel d'Almeida, Conde de Abrantes, e um dos quarenta portuguezes que fizeram a acclamação de D. João IV, em 1640. No pavimento do corpo da egreja lia-se, entre muitos epitaphios de pessoas illustres, o seguinte: — *Aqui jaz quem conheceu sete Reys d'este Reyno, serviu a quatro, e pelejou em huma batalha, em que morrerão tres Reys, e elle foi cativo, e se resgatou á sua custa; morreu a quinze de Março de 1625.* Ignora-se o nome d'este guerreiro, que muito viveu para conhecer sete reis, os quaes foram, sem duvida, D. Manuel, D. João III, D. Sebastião, Cardeal D. Henrique e os tres Filippes; a batalha a que allude é a de Alcacer-Quivir, em que morreu D. Sebastião e os dois principes mouros que disputavam o throno de Fez. No cruzeiro havia entre outras campas uma que cobria as cinzas de um dos mais illustres poetas que têm honrado o nosso Portugal. Tinha gravado um longo epitaphio em latim, que recordava as eminentes qualidades de Antonio Ferreira. Junto ao pulpito do lado do Evangelho, estava gravado em caracteres gothicos, o seguinte curioso letreiro: — *Sepultura do Farelo.*

A sacristia era fundação primitiva de abobada de laçaria: passados muitos an-

nos, sendo acrescentada e dividida por dois grandes arcos em dois corpos, a nova abobada foi construida de tijolos em roscas. Abria-se na parede do norte uma capella de Nossa Senhora da Assumpção, fabricada de marmore de côres diversas, e pertencente á familia dos Silva Telles, Marquezes d'Alegrete, que ali tinham o seu jazigo. O pavimento era de marmore branco, vermelho e negro, em curiosos lavores. Em uma das gavetas dos magnificos caixões que guarneciam as paredes, guardavam-se a espada de D. Nuno Alvares Pereira e o sceptro que na batalha d'Aljubarrota foi tomado a D. João I de Castella. No espaldar do caixão maior via-se, entre outras pinturas de santos da Ordem, o melhor de todos os retratos do Condestavel. Nas paredes do norte e sul correspondiam-se dos sanctuarios que encerravam muitas reliquiase entre ellas um pedaço do Santo Lenho engastado numa cruz de oiro enfeitada de pedras preciosas, que tambem fôra tomada áquelle monarcha castelhano. Davam claridade duas janellas rasgadas ao fundo, entre a capella mór e o convento. Esta sacristia continha algumas sepulturas, das quaes a mais notavel era a de D. Marianna Lencastre, filha de D. Francisco de Faro, quarto neto d'El-Rei D. João I. Havia nesta casa uma porta que communicava com um jardim e com a ermida do Condestavel, humilde capellinha onde elle costumava orar.

144 — Matadouro Municipal

O claustro contava 130 palmos de comprimento, e 110 de largura, tendo nove arcos em cada um dos lanços, que corriam de norte a sul, e sete em cada um dos outros dois. Sobre esta arcaria dilatava-se uma varanda, formando quatro galerias de janellas rasgadas. Por cima d'ellas corriam os dormitorios, cujo lanço do nascente fazia uma frente para o lado do Rocio, tendo no meio uma grande janella conventual com sua varanda sustentada sobre elevado arco. No centro do claustro um jardim dividido em quatro canteiros, com cisterna ao meio d'elles. As paredes interiores dos lanços eram cobertas de azulejos, e as abobadas, pintadas a fresco, representavam os principaes passos da vida de Santo Elias. Nos lanços inferiores havia cinco capellas de Passos com retabulos doirados de talha, e outras pertencentes á Ordem Terceira, e aos irmãos do Capellinho, ricamente adornadas. Na galeria superior viam-se 12 magnificos porticos de marmore, obra

145 — O moço das compras

de muitos feitios e primor, os quaes davam serventia para differentes escadarias de pedra, que conduziam á egreja e aos dormitorios altos.

Na parede immediata á porta, que ápara o claustro dava entrada aos que vinham da egreja, havia um letreiro gothico, que dizia: *Esta sepultura he de João de Guimarães, Alfageme.* Affirma a *Chronica dos Carmelitas* ser este o alfageme de Santarem, que não quiz receber dinheiro pelo concerto que fez na espada do Condestavel, dizendo que tudo elle lhe pagaria, quando por ali voltasse feito Conde de Ourem. No principio do lanço oriental do claustro jazia o nosso celebre jurisconsulto Manuel Al-

146 — Egreja de Santos-o-Velho

vares Pegas, e no lanço meridional estava enterrado o Padre Antonio Carvalho da Costa, auctor da *Corographia Portugueza.*

Proximo da sacristia ficava o Capitulo dos Bispos, assim chamado por serem as suas paredes adornadas com os retratos dos filhos da Ordem, elevados áquella dignidade. Tinha uma capella com retabulo doirado de talha. Nesta casa, que servia de aula publica, onde se ensinava Theologia, estavam sepultados muitos religiosos do Convento do Carmo que se distinguiram por suas virtudes e saber. Junto ao refeitorio havia uma casa chamada o Capitulo novo, cuja abobada era de laçaria e muito alta. Dava-lhe entrada um grande arco de pedra com porta de ferro, e recebia luz por duas frestas gothicas rasgadas a toda a altura da parede. Numa das paredes abria-se a porta do refeitorio, entre dois lavatorios de marmores de côres. O pavimento era de marmore branco, vermelho e preto, e nelle se viam as sepulturas de D. Francisco Rollim, e de outras pessoas d'esta illustre familia. Servia esta casa tambem de aula publica, em que se ensinavam artes.

O refeitorio media 150 palmos e meio de comprimento, e 39 de largura. Nos barretes da abobada, que era de laçaria, havia as armas carmelitanas, as armas reaes, e tres espheras. Na parede do lado do Rocio o pulpito dos leitores e quatro grandes janellas,

e na parede opposta um tanque de pedra, sempre cheio d'agua; alguns bons paineis, vinte e tres mezas em torno das paredes, e uma de pedra a meio do pavimento, completavam o adorno d'esta casa.

Nos dormitorios as paredes eram revestidas até meia altura d'azulejos, e d'ahi para cima de paineis com os retratos dos varões illustres, filhos da Ordem.

A livraria, que estava no dormitorio do poente, contava mais de 5.000 volumes impressos, e alguns manuscriptos d'estimação. Nas paredes, sobre as estantes, viam-se os retratos dos escriptores da Ordem, e dois paineis representando Santo Elias e o Condestavel, excellentes pinturas de André Reinoso, insigne artista portuguez.

Na primitiva fundação ficava a portaria junto á entrada que, no tempo a que se refere esta descripção, era chamada Porta do Carro. Passados muitos annos foi mudada para junto da porta principal da egreja. Essa porta dava entrada para um pateo, para onde deitavam as janellas da casa do despacho, e as do noviciado, ficando por baixo o celeiro. Havia uma grande casa, chamada «da clavaria» onde se guardava o cartorio e as preciosidades do convento. A cosinha era muito espaçosa.

A um pedaço estreito de terreno, desde a capella-mór até ao fim do lanço do dormitorio, do lado do Rocio, se reduzia a cerca. Para suster as terras construiu-se uma grossa e alta muralha. Do terrado sobre a capella mór, a vista que se gosava era encantadora: aos pés o valle, por onde se estendia a cidade baixa, com a sua grande praça do Rocio; em frente os montes do Castello, da Graça, e de Nossa Senhora do Monte — o primeiro tendo por corôa a cidadella, o segundo rematando num soberbo convento de Agostinhos calçados, e o terceiro mostrando uma singela ermida entre o frondoso arvoredo que lhe ornava o cume, e pelas encostas de todos, descendo até ao valle, a infinita casaria. Mais para a esquerda avistava-se o Convento da Penha de França campeando tambem sobre a sua eminencia; e os mosteiros e templos, sobre o monte de Sant'Anna; e depois a continuação do valle, como que a fugir da cidade para longe, semeado de casas entre campos viçosos, e finalmente, á direita, o Tejo com seu amplo porto povoado d'embarcações de toda a especie, debruçado ao longo das villas, das aldeias, das serras...

No 1 de Novembro de 1755 toda essa maravilhosa construcção foi destruida pelo temeroso terremoto. Celebrava-se missa alta manhã, e o templo apinhava-se de fieis, quando, rebentando o furioso cataclismo, se abriram as formosas naves e se fenderam as solidas paredes, desabando o edificio e sepultando sob as ruinas innumeraveis victimas. A historia do Convento do Carmo e da sua majestosa egreja anda tratada em muitos livros, nos agiologios e chronicas antigas. Uns e outros são o ecco da profunda veneração, que a todos os portuguezes mereceu sempre esta obra do grande Condestavel.

Se Portugal teve alguma rainha que merecesse a qualificação de santa, foi por certo a Rainha D. Leonor, mulher de El Rei D. João II. Vive a memoria d'esta nobilissima senhora em monumentos, que attestam não só o seu religioso espirito, senão a sua acrisolada caridade. Não ligaram os chronistas alguma lenda milagreira ao seu nome, mas referem as suas heroicas acções. D. Leonor não foi dotada do dom de fazer milagres, que lhe poderia grangear mais seguro logar na morada do céo, no conceito dos homens; possuiu, porém, o verdadeiro sentimento religioso e um espirito inclinado a emprezas uteis á humanidade. Assim é que, para os mais devotos, é grande a Rainha D. Leonor, pela fundação dos mosteiros da Madre de Deus e da Annunciada; para os philantropos será sempre reputado o nome da illustre princeza pelas fundações da Misericordia de Lisboa, do Hospital das Caldas, das merceeiras de Torres Vedras e Obidos, e de algumas gafarias; para os que prezam as letras patrias, será o nome da Rai-

nha D. Leonor sempre querido, pela protecção que deu a Gil Vicente, cujas primeiras producções brotaram á sombra do esclarecido amparo da Rainha.

Tantos merecimentos foram acompanhados de profundas dores, de crueis desgostos. Viu a sua familia perseguida por seu proprio marido; o Duque de Bragança D. Fernando II morreu no cadafalso, em Evora, no anno de 1483, justiçado por traidor, á ordem de El-Rei; seu irmão, o Duque de Vizeu, D. Diogo, foi apunhalado nos Paços de Setubal, no anno de 1484, pelo proprio Rei; os filhos do Duque de Bragança proscriptos e despojados de toda a fazenda da casa de seu pae; e como remate de tanta desventura, a excelsa senhora viu morrer na flôr dos annos seu unico filho, o Principe D. Affonso, caindo desastradamente de um cavallo, na Ribeira de Santarem, logo apoz as maravilhosas festas do seu consorcio celebradas em Evora. A corôa e a purpura foram para ella causa de tristezas e desenganos, particularmente num seculo em que as idéas supersticiosas tanto dominavam os espiritos.

Mas a Rainha desaffrontou-se bem do infortunio; no seu viver humilde, nos monumentos que elevou, na sua resignação, legou á posteridade eternos padrões de gloria.

As lagrimas que chorou, arrancadas pela politica implacavel e cruel de seu marido, e pela fatalidade, converteu-as o seu generoso espirito em beneficios, que ainda hoje subsistem, e em bençãos de tantos a quem elles tem aproveitado.

A' porta da casa do Capitulo, no claustro do extincto Mosteiro da Madre de Deus, lá estão os seus restos mortaes, cobertos apenas com esta modestissima inscripção: *Aqui está a Rainha D. Leonor*. A seu lado, repousa a primeira abadessa do mosteiro Soror Colleta; e aos pés, dorme o seu ultimo somno a Princeza D. Izabel, a infeliz mulher do Duque de Bragança D. Fernando II, o justiçado. E' um grupo que infunde respeito a quem visita hoje o arruinado mosteiro. Aquellas tres campas recordam uma época culminante da nossa historia.

A lembrança da Rainha D. Leonor é um balsamo suave, uma consolação no meio dos enredos e das crueldades da politica tortuosa da côrte de El-Rei D. João II. A figura serena e angelica da Rainha esparge como que uma aureola de doçura por esse reinado tenebroso.

Em 1508, intentou a Rainha D. Leonor fundar um mosteiro de religiosas, e escolheu para isso umas casas que possuia entre Santo Eloy e a freguezia de S. Bartholomeu, na Costa do Castello. Mais tarde, porém, talvez porque o sitio não lhe parecesse acommodado, fez escolha de outras casas, que no sitio de Xabregas edificara um Alvaro da Cunha, e onde vivia sua viuva D. Ignez. Comprou-as e as hortas adjacentes, a que chamavam «da Concha.» Como não podia deixar de acontecer, a chronica registou o modo milagroso por que a Rainha escolheu esse sitio de Xabregas, para o mosteiro que pretendia fundar. Uma devota mulher vira elevar-se d'aquelle sitio uma escada milagrosa, pela qual subiam ao céu um sem numero de almas perfeitas; e, a lenda acrescenta, que Deus lhe revelara ser sua vontade que a Rainha ali fundasse o mosteiro «revelando-lhe mais que no mesmo mosteiro seria freira uma sua filha, ainda então de menor edade, o que assim succedeu, porque a filha da dita devota foi freira, e foi grande santa, chamada Soror Dorothea.»

Ainda houve outro milagre, conforme dizem doutos chronistas. Os tectos das casas de Alvaro da Cunha eram guarnecidos de cordões de S. Francisco, porque o mesmo Alvaro da Cunha, quando as construiu, logo teve presentimento de que viriam a pertencer áquelle Santo. Os cordões ainda se vêem na antiga casa do Capitulo e na torre, e são proprios do estylo architectonico e decorativo do seculo XV.

Cuidou a fundadora de obter as licenças indispensaveis de Roma, para a fundação do seu mosteiro, e tão depressa se andou na construcção, que a 23 de Junho de 1509 en-

travam nelle as primeiras religiosas, e a 18 de Julho seguinte o Arcebispo de Lisboa, D. Martinho da Costa, benzia a egreja.

Era o mosteiro destinado para vinte religiosas, que deviam seguir a primeira regra de Santa Clara, a mais apertada. Em 8 de Outubro de 1510, pôz a Rainha fundadora o mosteiro na obediencia da Ordem de S. Francisco.

Era pobre a casa das filhas de Santa Clara, edificio modesto em harmonia com o viver das que deviam habita lo, e com o espirito da sua fundadora. El-Rei D. João III, talvez trinta ou quarenta annos depois da fundação, augmentou o mosteiro, fez nova egreja e novo claustro com muitas capellas. E' tradição que a nova egreja se

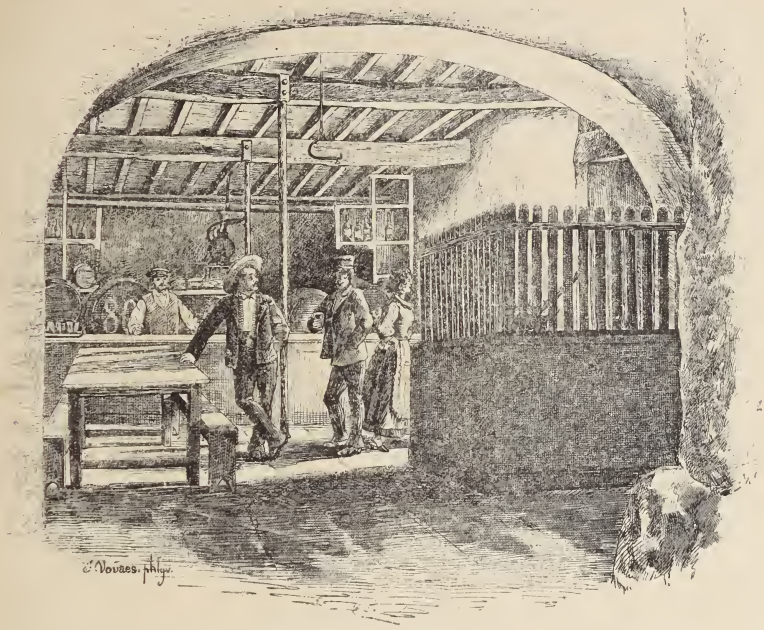
147 — No pateo do Matadouro

construiu porque as aguas do Tejo, nas grandes marés, chegavam até ás paredes do templo, e as salpicavam, com grande incommodo dos fieis, e por isso se fez uma elevada escadaria para lhe dar accesso da rua.

A egreja antiga transformou-se em casa do capitulo; a porta que dava para a rua foi entaipada, e assim esteve talvez mais de tres seculos, até que ha poucos annos, depois de extincto o mosteiro, tratando-se de fazer ali umas obras, para aproveitar as casas contiguas á egreja, e abrir nova porta de entrada para o edificio, visto que só tinha uma, como era de uso nos mosteiros franciscanos de mais apertada clausura, se descobriu o portal primitivo, no melhor estado de conservação, apenas com o fuste de uma das pilastras que sustentam o arco, mutilado, e mais alguns pequenos estragos. Como se tratava de restaurar a egreja e as casas contiguas, aproveitou-se o portal que existia, crendo-se ser do tempo de El Rei D. João III, ou porventura mais moderno, talvez da segunda metade do seculo XVI. Cuidadosamente foi arrancado, e posto no logar onde agora está, fazendo-se lhe a necessaria restauração. E' de estylo singelo, acommodado á humildade do edificio para que foi fabricado. Lá estão as divisas de D. João II e de D. Leonor: o pelicano alimentando os filhos com o seu proprio sangue, e a rede de pescador, divisa da Rainha, em memoria da catastrophe acontecida a seu filho, de que veiu a morrer na casa de um pescador, na Ribeira de Santarem.

A restauração do portal não se fez ao acaso. Na sacristia existe um quadro, em

que está representada a procissão da vinda do corpo de Santa Auta, a 12 de Setembro de 1512, no momento de chegar á egreja. Ahi se vê a frontaria do tempo, como antes era, porque o quadro é contemporaneo. Para lastimar é que não tenha sido possivel fazer-se a restauração conforme em tudo ao que se vê nesse quadro. O architecto ainda se aproximou, quanto poude, nas janellas baixas, que são de ponto subido, mas nas altas teve de seguir outro risco, por falta de meios, e por isso nos apparecem á moderna.



148 — Interior d'uma taberna em Alfama

Da primitiva fabrica, ordenada pela Rainha fundadora, pouco existia já em 1638; e ainda depois d'isto se fizeram restaurações, que mais contribuiram para alterar o antigo edificio. Em 1638 havia no mosteiro trinta e duas freiras. Foi por solicitação da Rainha D. Catharina, mulher de D. João III, que o numero claustral das religiosas se elevou de vinte a trinta e tres.

A Rainha fundadora concluiu tambem o Paço de Enxobregas, onde residia, e diz-se que por vezes habitou durante largos periodos no proprio convento, em convivencia com as religiosas.

Era tradição constante no mosteiro, de umas a outras religiosas, que Deus lhes promettera a conservação da sua casa até á vinda do Anti-Christo, e que todas as que vivessem nesse tempo morreriam martyres. Esta tradição subsistiu até aos nossos dias. Piedosas crenças com que se embalavam os ingenuos espiritos que fugiam do mundo, em busca de uma perfeição que podesse assegurar lhes a vida eterna!

Os monarchas portuguezes encheram de graças e privilegios o Mosteiro da Madre de Deus. El-Rei D. Manuel mandou, por alvará passado em Evora a 4 de Junho de

1509, que se não construissem casas desde o mosteiro até ao convento dos frades no mesmo sitio, nem em terreno proprio, nem concedido pela Camara, e que os donos das hortas circumvisinhas não podessem vende-las a pessoas de maior qualidade, sem licença sua. El-Rei D. João III isentou dos cargos do conselho o tintureiro que tingia os véos das religiosas. Era mercê bem singular.

Foi popularissima a devoção dos sabbados e dos domingos, desde a Septuagesima até a Paschoa, na Madre de Deus. Naquelles dias havia verdadeiras romarias ao devoto mosteiro; nos sabbados havia sermão. Não podemos apurar a origem ou causa d'esta devoção. A verdade é que as hortas d'aquelles arredores facilitavam o concurso do povo, que por ali espairecia, conciliando a devoção com o seu passatempo.

Na quinta e sexta feira da Semana Santa, tambem costumava haver grande concurso de povo ao mosteiro. Na quinta feira, no sermão do Mandato, mostrava-se aos fieis o Sudario, que para muitos era uma copia authentica do original, fabricada por modo milagroso. Conta a lenda que fôra o Imperador Maximiliano quem o mandara á Rainha D. Leonor, sua prima, e que expressamente o fizera copiar do que se guarda na cidade de Turim, e que é reputado o verdadeiro. Como era natural, houvera milagre no caso. O Imperador incumbiu a copia a dois pintores insignes. Os artistas estavam perplexos e receosos da obra, e preparavam-se com jejuns e exercicios piedosos durante tres dias, para bem disporem o seu espirito, quando ao cabo dos tres dias acharam estampada a imagem de Christo na tela, e tão perfeita como no original!

No dia em que se mostrava o Sudario, tamanha era a concorrencia de fieis e curiosos, que se fez um pulpito pela parte de fóra da egreja, «para que todos podessem admirar e venerar a representação, que se reputava authentica, do corpo de Christo. Tão extraordinaria era a concorrencia que se via o mar coalhado de embarcações, porque na terra, em frente do mosteiro, não cabia tanta gente.»

O Sudario existe ainda guardado no côro, no mesmo local onde as religiosas o tinham. Bordado a seda preta sobre seda branca e illudindo como se fôra estampado com a maxima perfeição, é obra de grande merecimento. «... Ninguem dirá ser pintura o que não parece execução da arte, senão uma como sombra, ou reflexo, do que se encontra no seu proprio original.» Em um tempo de tanta superstição devia produzir maravilhoso effeito no espirito do povo. Como obra da arte de bordar é muito valiosa. E' do primeiro quartel do seculo XVI.

O edificio da Madre de Deus pertence hoje ao Asylo de D. Maria Pia, installado no palacio que a Rainha D. Leonor construiu, e agora tambem no mosteiro que fundou, e que foi objecto de todas as suas complacencias.

Ao centro do claustro está um tanque com seu repucho, que é de muita antiguidade. A taça, inteiriça e de boa proporção, assenta em quatro preciosas columnas, uma ao centro e tres dos lados com capiteis de estylo que parece anterior ao chamado estylo manuelino.

Ha no claustro bastantes capellas. Em uma d'ellas existe um azulejo antigo, em que é para admirar o brilho do vidrado. Em outra, do Senhor Morto, o retabulo do altar é de magnifica talha, e em perfeito estado de conservação. Ahi está, na parede fronteira ao altar, um magnifico quadro, que representa S. Francisco recebendo as chagas de Christo, obra de Bento Coelho, celebre pintor do seculo XVII. E' pintura energica e expressiva, e acha-se bem conservada.

Tambem nas paredes do claustro se vêem preciosas porcelanas de Robio. Ao pé da sepultura da Rainha, ha uma d'ellas em fórma de graciosa grinalda com cabeças de seraphins muito bem modeladas, em redor. Outra em uma cruz com dois anjos, já mutilados, talvez pelo exagerado escrupulo de alguma abadessa, ou de algum director espiritual das freiras.

A capella da Senhora das Angustias, no claustro, é pouco funda. Tem um quadro que representa a invocação da capella e do qual consta que foi dadiva do Imperador Maximiliano. Como hoje se vê, é obra sem merito.

Junto da porta da moderna casa do Capitulo no claustro, havia uma pia para a agua benta, obra da primeira construcção. Estava mettida na parede; foi arrancada, mas ainda lá se conserva. Tem quatro faces: em uma, o brazão portuguez duplicado; em outra uma inscripção que se não leu, e nas duas restantes a divisa de El-Rei D. João II, o Pelicano, e a divisa da Rainha sua mulher, a Rede do pescador.

Esta nova casa do Capitulo era a primitiva egreja. E' de tres naves. Tem quatro altares com quadros antigos e alguns de merito; nesta casa estava o portal principal, hoje restituido ao fim para que fôra fabricado.

Na antiga casa do Capitulo existe o tecto, e muito bem conservado, de alguma sala da casa de Alvaro da Cunha. E' um curioso specimen da pintura decorativa do seculo XV. Lá se vê em redor a cercadura, em fórma de cordão, vulgar na architectura da época, mas que ha de ser, conforme a devota tradição, o cordão de S. Francisco.

O côro antigo é tambem muito curioso. A pintura do tecto, contemporanea da construcção do mosteiro, é em pequenos quadros de arabescos, com as divisas do Rei e da Rainha fundadora. O chão é de ladrilho, com medalhões de azulejo, em admiravel estado de conservação; é da primitiva e como se observa nos edificios dos fins do seculo.

O refeitorio era uma casa sem caracter. Apenas sobre a porta da entrada ha uma porcelana de Robio, que figura um portico, com anjos arregaçando uma cortina. Está deteriorada, porque modernamente a quiz arrancar, segundo parece, um especulador, que conseguiu levar outros differentes objectos valiosos existentes no mosteiro, a troco de parca quantia que dera ás pobres freiras.

O ante-côro tem as paredes revestidas de optimos azulejos representando eremitas e passos das suas vidas. Nas paredes ha quatro quadros grandes, e dois sobre as portas. Alguns d'elles têm merecimento. Parece que são obra de André Gonçalves, que floresceu nos primeiros annos do seculo XVIII. O tecto é apainelado de quadros, com molduras de talha. Os quadros do tecto são onze, e representam passos da vida de Santo Antonio, e de eremitas.

O côro é uma casa riquissima de obra de talha e pinturas. Tem nas paredes dezenove quadros: na parede fronteira á entrada, de um e outro lado, entre os retratos d'El-Rei D. João III e sua mulher a Rainha D. Catharina, o grande panorama de Jerusalem, com os passos da Paixão, dadiva do Imperador Maximiliano á Rainha fundadora, e mais outras pinturas antigas de grande valor artistico. No panorama de Jerusalem vê-se uma religiosa ajoelhada, que é o retrato da piedosa D. Leonor, por ella mesma mandado pintar. E' o unico retrato que se conhece da excelsa senhora, e não ha duvida que é authentico. O tecto é tambem apainelado de quadros, com suas molduras de bella talha: são quinze os quadros. Ha duas ordens de cadeiras no côro, em numero de sessenta e duas, e ao centro uma rica estante.

As paredes por baixo dos quadros são de talha, graciosamente recortada com vidraças formando uns armarios, onde se arrecadam numerosas reliquias. Ali está o Sudario, a que já nos referimos; uma estatueta de S. Lourenço, esculptura muito antiga e tosca, mas que tem as roupas excellentemente pintadas; um Christo amarrado á columna; e muitos outros objectos curiosos.

Sobre a grade do côro ha uma machineta, onde era exposto o Sacramento, do mais elegante desenho e da mais primorosa execução. E' uma peça de muito merecimento.

O côro tem sufficiente luz, mas como é muito alto, a luz está como velada, e redobra o effeito geral da decoração da casa. Comprehendem se ali os extases do acriso-

lado ascetismo das filhas de Santa Clara. No silencio, e no meio d'aquelle devoto esplendor era facil aos espiritos fascinados pela superstição, ou feridos pelas adversidades da vida, reconcentrarem-se no pensamento de Deus.

149 — Barcos do Tejo

Existem ainda no mosteiro differentes objectos valiosos, como o relicario com o esplendor da corôa de Christo, que pertenceu a El-Rei D. Duarte, o qual, diz a lenda, uma vez o perdera. E' uma memoria da excellente Rainha, que por seu testamento, com muitos outros objectos, o legou ao mosteiro.

150 — Varredor e carroça da limpesa

Dos grandes monumentos de Lisboa, o que data de tempos mais recentes é a Basilica da Estrella, famosa construcção em que se dispendeu muito do dinheiro acumulado pelo Marquez de Pombal nas arcas do Thesouro.

Foi a Rainha D. Maria I que, impelida por uma requintada ternura para com o Santissimo Coração de Jesus, lhe votou e edificou em seu louvor o magnifico Convento da Estrella. Parece que a Rainha promettera o cumprimento d'esse voto para quando chegasse a obter successão á corôa. Depois doou o convento ás

freiras de Santa Thereza, ou Carmelitas descalças, installando ahi, em 16 de Junho de 1781, dezeseis freiras. Foi grande festa a d'esse dia, assistindo ao acto a Rainha e toda a Familia Real, e seguindo-se ás cerimonias da egreja um esplendido jantar, durante o qual todas as pessoas reaes quizeram servir as freiras á mesa.

As obras do Convento da Estrella, calculadas por alguns em 5 milhões de cruzados e por outros em 9 milhões, foram postas a cargo de Anselmo José da Cruz Sobral, a quem a Rainha deu a carta de Conselho pelo muito zelo que na direcção tomou, e que tambem recebeu como offerta todas as madeiras que haviam servido nos andaimes «e que foram tantas, que quasi lhe chegaram para a construcção de numerosas propriedades de casas que edificou, e formam o grande quadro isolado entre o Chiado, Calçada e Rua de S. Francisco e Rua Nova do Almada.»

Para a grande obra da Basilica da Estrella lançou a primeira pedra El-Rei D. Pedro III, no dia 24 de Outubro de 1779; mas, apezar da actividade com que os trabalhos progrediram, onze annos foram precisos para a sua conclusão.

O major Matheus Vicente foi o architecto d'esta basilica, que encheu de riquezas e defeitos. Tendo fallecido em 1786, foi chamado para o substituir Reinaldo Manuel, que dirigiu os trabalhos até ao fim.

Uma grande escadaria guarnecida de columnelos lavrados com primor conduz ao espaçoso adro. Adornam o frontespicio quatro columnas, que sustentam as estatuas da Fé, da Adoração, da Gratidão e da Liberalidade; e aos lados avultam as estatuas de Santo Elias, S. João da Cruz, Santa Thereza e Santa Magdalena de Pazzi, todas de marmore, e collocadas em outros tantos nichos; as duas primeiras junto das janellas, as outras aos lados das portas. Duas portas abertas no envazamento das torres dão serventia para o interior do convento; e tres outras, entre as quatro columnas, dão entrada para o vestibulo da egreja.

Um grande defeito ahi se patenteia aos olhos do observador menos perito em architectura. Referimo-nos a essas cinco portas em que a mão do architecto tão mesquinha foi. Demasiadamente estreitas e baixas para tão nobre e magnifica fachada, offendem ellas as mais desapercebidas vistas; e as columnas e estatuas colossaes, com que se pertendeu guarnecê-las, estabelecem o contraste, e denunciam o indesculpavel defeito. Destituidas dos ornatos com que a arte costuma aformosear taes construcções, o architecto não encontrou por certo os seus modelos nas sumptuosas basilicas que a Europa moderna vira erguer com assombro e que fizeram o orgulho de Roma, de Londres, de Vienna e de Veneza.

As duas torres, que imitam em ponto mais pequeno as de Mafra, merecem alguma attenção, particularmente pelas fórmas ligeiras dos engraçados corucheus que lhes servem de corôa. O sino grande das horas peza 275 arrobas, e todos, que são 11, pezam 1.145 arrobas. A famosa cupula, que se eleva com tanto garbo e majestade e que attrae as vistas de quem entra o Tejo, é o melhor ornamento de todo o edificio. As janellas e os rotulos, que illuminam a egreja, são guarnecidos de delicados ornatos. Um immenso globo de metal doirado, sustentando uma cruz de ferro egualmente colossal, remata o elegante zimborio, que um raio damnificou em 22 de Fevereiro de 1829, quebrando-lhe uma das columnas que formam a lanterna, os ornatos de um dos rotulos e um angulo da balaustrada que cerca o terrado da egreja.

No vestibulo ha duas estatuas gigantescas do mais precioso marmore, collocadas em nichos. Representam Nossa Senhora e S. José. As tres portas que do vestibulo dão ingresso para a egreja, muito mais pequenas que as exteriores, pouco ou nada differem das portas dos corredores lateraes.

Se um grande defeito peza sobre a fachada principal, outro não menos censuravel diminue no interior da egreja o magico effeito que deveriam produzir tanta magnificen-

cia e riqueza acumuladas. Quem pela primeira vez transpozer os limiares do templo, nota-lhe desde logo a estreiteza; e antes que os lustrosos marmores que revestem as paredes, reflectindo mil luseiros, lhe mostrem os difficeis e brincados lavores que a arte ahi juntou, a primeira impressão é pessima. Na verdade, a sumptuosidade interior da Basilica da Estrella excede, e em muito, a exterior; e se o corpo da egreja não fosse tão estreito, se maior porção de luz o abrilhantasse, melhor se affirmaria esta asserção, reconhecida ainda pelos mais fracos entendedores. E' ahi admiravel a profusão dos mais ricos marmores, ora cinzelados com delicado primor, ora figurando lustrosos espelhos, desde o pavimento da egreja até ao remate da cupula.

O guarda-vento, todo guarnecido de cercaduras e festões de flores e delicados ornatos, é obra prima de esculptura. Os seis altares do corpo da egreja são, como o da capella-mór, adornados com magnificos quadros. Um d'esses quadros, do Coração de Maria, foi pintado pela Princeza do Brazil D. Maria Francisca Benedicta. Na capella-mór está o soberbo mausoléo onde repousa a Augusta fundadora. E' todo de marmores negros e brancos com guarnições de bronze trabalhados com admiravel perfeição.

A egreja tem em ambas bellas fontes de marmore, e alguns bons paineis. Em uma d'ellas está o rico tumulo que encerra as cinzas do confessor da Rainha D. Maria I. Feito egualmente de marmore preto e branco, é bastante maior que o d'aquella Soberana, e comquanto não seja guarnecido de tantos ornatos, é comtudo magnifico.

Toda a esculptura da Basilica da Estrella é de Joaquim Machado de Castro. As dez estatuas mencionadas, os serafins das capellas colateraes, e o baixo relevo do frontispicio, foram executados pelos insignes artistas Alexandre Gomes, João José Eleveni, José Joaquim Leitão e José Patricio.

O convento tem duas frentes: uma contigua ao frontispicio da egreja, sobre o Largo da Estrella; a outra, deitando sobre a antiga cerca, é muito maior e de mais regular architectura.

A construcção da Basilica da Estrella custou 16 milhões de cruzados, ou seja 6.400 contos de réis, e foi levada a effeito, como diz um nosso illustre historiador «quando o paiz se achava falto de canaes, de boas estradas e de outros muitos melhoramentos com que os governos illustrados fazem a felicidade dos povos.»

151 — Outra volta, Mariana!

152 — O que foi? O que foi?...

Outros tempos

153—Vendedor de Biblias

A *Lisboa de hontem,* de Julio Cesar Machado, tem dois grandes valores: o valor de obra humoristica escripta na mais encantadora linguagem portugueza, e o valor de documento precioso para a historia da cidade onde o saudoso folhetinista foi uma das mais typicas, mais distinctas figuras do seu tempo.

Não é preciso ser-se muito velho, para se ter conhecido ainda a Lisboa que esse engraçadissimo livro nos descreve, á maneira despretenciosa e galhofeira de quem conta anecdotas á porta d'uma botica. Essa mesma Lisboa que, ao tempo em que Julio Cesar Machado a contou, era a Lisboa de hontem, póde-se dizer que é para nós, neste momento, a Lisboa de ante-hontem — tão curta é a distancia a que nos achamos d'ella.

Aqui vivia então, mais sinceramente, abertamente, a mãe Pachorra, imagem luzitana, imagem classica por excellencia, de tão incontestavel formosura e grandeza para nós, que não tem podido envelhecer de todo, e ainda parece ás vezes conservar a mocidade das coisas immortaes, de tal maneira se prende aos nossos sentimentos, independente dos tempos, dos meios, da civilisação.

De tempos a tempos, pelas cartas do *Braz Tizana,* escriptas no Porto por José de Sousa Bandeira sobre informações que d'aqui lhe mandavam, primeiro publicadas no *Periodico dos Pobres* e depois no jornal que tomou por titulo o pseudonimo do famoso

folhetinista da cidade eterna, constava que a Camara Municipal, depois de uma sessão renhida, ía dar mais dois candieiros á capital. O correspondente, porque ainda não estivessem em uso os chavões jornalisticos de: «Parabens á illustre Camara... Registremos este acto do festejado vereador...» — limitava-se a fazer a diligencia de que o leitor se compenetrasse bem de que, para o fim do anno, com o estabelecer a arithmetica que tinhamos mais dez candieiros, era o mesmo que dizer que estavamos dez vezes mais esclarecidos do que no anno antecedente.

Assim íamos constantemente creando novas luzes, o que não impedia que, no centro mesmo da cidade, qualquer das ruas de maior transito tivesse apenas no espaço de cem metros um candieirito, que servia optimamente para fazer sobresair o horror dos sitios menos favorecidos.

Principiava então a moda, que ainda dura, de não se passar dia sem que os jornaes recebam certo numero de cartas em que diversos leitores assiduos lhes revelam achar-se a rua tal num estado deploravel, nunca ser varrida a outra, esta precisar calçada, e aquella estar perigosissima. Enchiam columnas os jornaes com esta escripta gratuita, aproveitando com avidez esse benefico maná. Houve então o presidente de uma Camara, que ao entrar no exercicio d'aquellas funcções entre graves e recreativas, deu ordem para que se tomasse nota todos os dias, nos diversos jornaes da capital, de tudo que tivesse relação com o municipio e com os serviços varios que estivessem debaixo de sua gerencia. No fim da semana, quando viu desfilar na sua presença, marginadas a lapis encarnado pelos seus empregados, as differentes reclamações, teve occasião de verificar que a opinião da imprensa é sempre respeitavel; e respeitou-a a ponto de não pensar mais em a consultar, para evitar que os agentes do municipio perdessem o seu tempo: toda a cidade precisava concerto!

Um pobre homem que se perdesse de noite por essas ruas barrancosas, ía aos tombos de abysmo em abysmo, escorregando no cascalho, esbarrando nos frades de pedra, caindo nos montes de caiiça. De meia em meia hora encontrava-se um candieiro, de luz indecisa e frouxa; só o que chegasse para uma pessoa conhecer que se havia enganado no caminho.

— «A ladroeira hoje em Lisboa está audaz — dizia Julio Cesar Machado. E' um progresso que eu noto com estranhesa, porque proveniente de sermos um paiz pequeno, tudo entre nós vae devagar menos isso, diga-se a verdade, menos isso; e folgo de poder dar este testemunho de imparcialidade. Já d'antes tinhamos bastantes ladrões, mas eram ladrões timidos, neophitos inexperientes, discipulos de um professor que não podia mecher-se, o famoso Coxo, que estacionava no Terreiro do Paço, á porta da Aula do Commercio. Toda a gente conhecia esse coxo; todos os homens que teem hoje quarenta e tantos annos se lembram d'elle; ladravaz reformado, caixa de furtos. Mandava os seus delegados para differentes juntas de consideração, para o Jardim da Alfandega, para o Tivoli, para os Theatros da Rua dos Condes, de S. Carlos, do Salitre, para a porta das egrejas, e arrecadava depois paternalmente o fructo d'essas diligencias, de umas vezes recompensando logo os gatunos, de outras encarregando-se laboriosamente da venda dos objectos e dividindo o producto com equidade. Fazia bem a muita gente, e sabia dirigir todos com a prudencia dos seus conselhos. Pessoa a quem na rua houvessem roubado a bolsa ou o relogio, ía procurar o Coxo; um ou outro, por conhecer menos os costumes, dirigia-se á policia, o que não tinha conveniente senão o de uma pequena demora: porque iam em seguida consultar o Coxo, a policia e elles.»

A segurança dos predios e a garantia dos moradores eram os sapateiros de escada. O sapateiro de escada, typo essencialmente lisboeta, foi por muitos annos a providencia dos inquilinos e o confidente dos namorados. O namoro ha trinta annos tínha attingido em Lisboa proporções vastissimas; o sapateiro de escada não era um

simples mensageiro de amor, era o espirito moderador entre a paixão e a dignidade: protegia Leandro, mas zelava os direitos da auctoridade e a virtude do lar; incumbia-se de levar e trazer cartas, mas lia-as primeiro, em parte por entretenimento, em parte por moralidade, e, sendo preciso, dava-as tambem a ler aos paes. Era o homem de confiança da escada. Pagava aos boleeiros o aluguel da traquitana, indo elle mesmo chamar a sege á praça e recebendo d'elles uma percentagem, á maneira do que fazia a Sapa, em Cintra, aos cocheiros que preferiam a sua casa a outra; espreitava os creados nas compras que faziam, discutia com elles, sendo preciso, o excesso dos roes, dava informações dos inquilinos, ajuizando dos seus haveres pelo que cada um comia em sua

154—Um aspecto do Jardim Botanico

casa; sentava-se de noite á porta, para não lhe escapar coisa alguma do que se passava na visinhança; e aceitava uma de seis, que era como se dizia d'antes seis vintens, por qualquer epistola que levasse, com a dignidade de um banqueiro ao receber o juro de uma transacção.

Em casa que não tivesse este guarda amigo, estava-se sempre em cuidados de não deixar aberta a porta da rua. Os ladrões, ainda pittorescos, entravam então pela janella. Um dos homens mais engraçados d'essa época, Domingos Ardisson, sabendo que era esse o costume d'elles, não se deu ao incommodo de fechar a janella do seu quarto numa noite de verão. Unicamente, por precaução, poz um par de pistolas á cabeceira. Pelas tres horas da noite, o ladrão appareceu, espreitou, e entrou. Logo que o viu, agradavelmente entretido, abrir uma gaveta, Ardisson sentou-se na cama, apontou-lhe uma pistola, e com serenidade:

—Ponha para ahi o que traz comsigo! lhe disse.

O ladrão queria ajoelhar.

—Nada de attitudes. Quanto traz? Conserve-se de pé...

—Senhor...

—Conserve-se de pé, e responda!

—Dezoito tostões, meu senhor!

—Venham os dezoito tostões!

O ladrão, com ar mortificado, despejou o bolso e ía de novo saltar pela janella quando, por attender aos preceitos da hospitalidade, Ardisson lhe offereceu um phosphoro.

—Um phosphoro?!

—Para descer a escada!

E convidou-o gentilmente a sair pela porta, dizendo-lhe que poderia voltar quando lhe aprouvesse.

Succediam a cada instante os casos mais chistosos. De uma vez, por exemplo, entrou com uma chave falsa num terceiro andar, ao Soccorro, um gatuno. Fechou a porta, visitou os moveis em que havia chave, explorou os cantos á casa, e, não achando dinheiro nem coisa que o valesse, tratou de se vestir dos pés até á cabeça, á custa d'aquelle morador. Escolheu calça, sobre-casaca, collete, um chapéo alto, e umas botas de polimento, que era até um calçado de que elle sempre gostára e nunca tinha tido. Depois, foi-se á commoda, cheia de roupa, escolheu uma camisa fina, abriu-a e estendeu a sobre a cama.

Feitos estes preparativos, despiu-se.

Na occasião em que ía mudar de roupa, ouviu bulha na escada. Apurou o ouvido. Os passos vinham a chegar-se. Pararam á porta...

—Oh! com a bréca! murmurou elle. Metteram a chave na fechadura...

Não teve tempo para mais. Acocorou-se e sumiu-se por baixo da cama.

Aberta a porta, entrou quem quer que era.

O ladrão não podia ver-lhe senão os pés e um pedaço das pernas, girando, de um lado para outro, com pressa, com muita pressa... E elle tudo era agachar-se, sem bulir, a tremer do que iria sair d'ali.

Nem talvez cinco minutos fossem passados, quando o recem-chegado se dirigiu para a porta e foi pela escada abaixo.

O malfeitor saiu então da toca.

—Safa! Apanhei um susto! Mas...

A camisa já não estava em cima da cama! e o fato, que havia tirado das gavetas, tambem tinha desapparecido...

—Que pena! Por um bocadinho!

Redusido a ir outra vez buscar a sua propria fatiota, chegou se aos pés da cama onde a deixára, e poderá calcular-se o pasmo em que ficou quando a não viu.

—Que é do fato? dizia elle. Que é do fato!?

E, por cumulo da desgraça, as gavetas da commoda estavam vasias, e a roupa desapparecera.

O individuo que o ladrão cuidara ser o dono da casa, era nem mais nem menos do que outro ladrão, que fizera a sua trouxa e se puzera a andar. A reflexão é uma coisa optima, mas leva tempo, e emquanto se punha a meditar sobre qual seria a melhor maneira de se tirar d'aquelles apuros, veiu o dono da casa e, pela desordem em que ali estava tudo, percebeu que era victima de um roubo. Na saleta, ao lado, deu de cara com o gatuno em completo estado de nudez, perplexo. Sem poder atinar com as explicações de um caso de tanta maneira celebre, intimou-o a que o acompanhasse á casa da guarda, e deu-lhe um cobertor para se embrulhar.

No patamar, quando já iam a sair, disse-lhe o ladrão:

— O' meu senhor...

— Que é?

— Onde é que vamos?

— A' esquadra.

— Para fazer o quê? Para vossa senhoria me deixar preso? Isso é o resultado de não fazer reparo numa coisa, e é que eu é que fui roubado! O que lucra o senhor em me fazer mal? Não lucra nada. Nem a policia poderá occupar-se d'este negocio, porque não tem tempo...

De 1836 a 1850, a policia em Lisboa não tinha effectivamente tempo senão para andar na piugada das conspirações. Toda a gente conspirava. Não se fazia mais nada, não se tratava de outra coisa. As revoluções succediam-se, quasi sem intervalo. Ninguem se entendia, ninguem já sabia o que queria; febre de conspirar, de mudar, de alterar, de desbancar: caprichava-se em que Portugal deixasse de ser mudo; reinava um apetite invencivel de revolver tudo. Já não havia portuguezes, já não havia liberaes, só havia patuleas, setembristas, cartistas, cabralistas...

Era preciso conspirar, fundar sociedades secretas, escolher um grão-mestre iniciador, fazer discursos incendiarios, planos terrificos:

— Põe ahi a mão na chamma; põe a mão na chamma, põe a mão, faze o que te digo: para te lavares de toda a iniquidade. Põe-na agora neste papel, e a outra mão no coração, e jura que has de trabalhar com todas as tuas forças para que se propaguem os nossos principios, os principios do nosso partido... Jura que matas o Costa Cabral, se fôr preciso?

— Juro.

— Jura tres vezes!

— Juro, juro, juro.

— Jura que has de matar a Rainha, sendo necessario.

— Juro, juro, juro.

— Resignas-te á morte, tu proprio, só para que triumphem as nossas idéas e possamos abater o José dos Conegos?...

— Resigno.

— E levas em gosto que te queimem o coração, e que t'o façam em torresmos, e deitem ao vento as cinzas, no caso de nos atraiçoares...

— Palavra!

— E se algum de nós revelar este segredo, vaes-te a elle e mata-lo?

— Mato.

Mettia medo!

As eleições nesse tempo eram medonhas. Substituia-se a vontade tyrannica, o capricho despotico, á liberdade dos cidadãos. Não se esclarecia o espirito que devera encaminhar a mão; não se indicava a escolha, nem as razões de se dever fazê-la: ia-se de pistola aos peitos, de varapau, de *casse-tête* — estavam muito em moda os *casse-têtes* — fazia-se desordens nas egrejas, forçavam se as urnas, atropellava-se tudo, e triumphava-se pela força e pelo terror. Contava qualquer, como caso corrente, o systema engenhoso e galante que adoptara para a sua freguezia: escondia-se na egreja, deixava sair toda a gente e fecharem se as portas, ía-se ás urnas, tirava as listas... de manhã, quando o sacristão entrava, fazia-lhe presente de uma bofetada que lhe vendasse os olhos, e aproveitava esse ensejo de se pôr ao fresco.

As lojas maçonicas trabalhavam com ancia desde as Ave-Marias, em successivas iniciações, e as sociedades politicas limpavam os neophitos de toda a docilidade, obrigando-os a juramentos gravissimos, para que ajudassem a dar cabo de todos os tramas no mais breve espaço de tempo. Pessava-se porem tudo em sessões, e nunca essas pai-

xões exaltadas fizeram outro mal que não fosse o de moer a paciencia de quem ouvia os discursos que elles inspiravam.

Em se saindo do Chiado e da Baixa, mudava logo o aspecto da população. A cidade era outra: ruas velhas, ruas toscas, que offereciam mediocre interesse aos archeologos e pareciam ter sido edificadas em plano de labirintho para que uma pessoa inexperiente com difficuldade encontrasse saida... Cidade de provincia. Sem cerimonia. Cordas á janella com roupa a seccar. Gallinhas á porta; rebanhos de rapasitos brincando nas escadas, acocorados nos degraus...

A' hora de largar a agulha falava-se de janella para janella. O facto de ser visinho autorisava a travar conhecimento. Pedia-se um ramo de salsa, um fio de azeite... Ao

155 — Palacio das Côrtes

cair da noite fechava-se toda a gente nos differentes andares do predio, como objectos que se arrecadassem nas gavetas de uma commoda. Tinha-se horror ao movimento.

Entretanto, coisa notavel, foi por entre a monotomia d'essa vida velha, que surgiram os homens mais importantes dos ultimos tempos de Portugal, na politica, nas letras, na sciencia, na elegancia até!

A geração nova olhou para elles pasmada; e achou-os excessivos, achou-os exaltados... Quando um d'elles ouviu isto, surriu-se, e, em pleno Parlamento, atirou-lhe em resposta um improviso, que bastaria para ganhar fama de eloquente a um orador: depois de lhes ensinar o que eram exaltados, quiz mostrar lhes tambem no que vinha a dar não o ser...

— «Não exaltado, dizia elle, foi o Senado de Tiberio, quando subscrevia os caprichos d'aquelle furioso: não exaltado era o senado de Diocleciano, quando assentado nas sedes curues discutia em que caçarola devia coser-se o redovalho: não exaltados foram os consules de Caligula, quando aceitaram para seu companheiro o cavallo *Incitatus:* não exaltada era a dieta de Stockolmo, quando estava para ser presidida pela bota suja de Carlos XII: não exaltada é a lama das ruas, a vasa das marés, o lodo das praias, e a poeira das praças!»

Chamava-se Antonio da Cunha Sotto Maior, quem assim defendia os exaltados.

Antonio da Cunha Sotto Maior, que foi ministro de Portugal em Stockolmo, era um taful d'estrondo, um elegante legendario, um janota da raça dos Alcibiades. Em 1871 ou 1872, sendo addido da legação portugueza em Dinamarca um dos nossos raros elegantes que teem dado que falar de si no estrangeiro pelo luxo do vestuario, trens, despezas grossas e, principalmente, pelo amor á excentricidade — Jeronymo Condeixa, teve de ver com surpresa que, apesar da sua juventude e da flor da mocidade que deveria dar lhe sobre o velho ministro uma superioridade que não seria para estranhar, attenta a edade d'aquelle principe da elegancia, *princeps elegantiarum*, Stockolmo lhe chamava, como para lhe fazer sentir que elle ia apenas no caminho alcibidiaco que o outro já conhecia mais, Mr. Sotto *Mineur*, para lhe marcar bem a patente inferior em proporção para com Sotto Maior.

156 — *Uma* duzia *de* réis!

O mundo exterior era tudo para Sotto Maior. Pela pratica da vida, e pelo estudo, chegara a estimar, acima de tudo, o trabalho, o bom senso, a razão, a familia, todas as cousas uteis e salutares, — mas nunca gostara, dizia se, senão das outras, das que não são tão salutares nem tão uteis, mas que são mais brilhantes. Comquanto educado grandemente, e luxuosamente, comquanto habituado desde pequeno a quanto ha mais caro, mais luzido, mais rico e mais elegante, havia nelle uma tendencia, que não se sabia explicar, para vaidades ostentosas. Já no seu vestuario elle era, ás vezes, um elegante suspeitoso: a abundancia e variedade de côres com que matisava esse vestuario; o prazer que tinha em sublinhar o fausto que o distinguia, e o cuidado permanente de pôr bem em evidencia as raridades da sua guarda-roupa, tinham de vez em quando seu quê de ostentoso. Resgatava porém isso tudo, e fazia-o perdoar pela mocidade de um espirito gracioso e pelo vigor de uma argumentação sempre prompta e habil. Dominava pela palavra, não só nas Camaras, mas pela rua, nas salas, no theatro.

157 — Padeiro saloio

Depois de haver assustado o Parlamento, sem se lhe importar atirar certo, com tanto que atirasse forte e que ferisse fogo, cortou as azas do anjo e não quiz saber se a humanidade é tão feia como a pintam; tratou antes de lhe metter medo para a deter em seus impetos e de exagera-la para a corrigir: isso fez nas *Cartas de Gracco a Tullia*, e noutros escriptos, nomeadamente no *Fr. Paulo ou doze misterios*, de que apenas escreveu os primeiros, talvez por ver que a baixesa é campo vasto, e que tanto faz na côrte, como nos cantos das ruas, nas assem-

bléas brilhantes ou nos coios escuros, as plantas luxuriantes do vicio, da hypocrisia, da avidez, da lisonja, da contradicção, da mentira, da tolice na ambição e da chatesa na vontade, germinavam por ahi em tal abundancia e em tal fartura, que doze misterios era uma bagatela para tão momentoso e tão rendoso assumpto!

Foi essa a hora em que a sociedade, o que se chama sociedade — pareceu enfada-lo: desdenhou o grande aparato da aristocracia, aparato que principiava a achar-se em mau estado como os adereços das magicas cançadas. Borboleteou em folhetins do *Estandarte,* divagando a respeito de bailes, de mulheres, de amores, fazendo o retrato e a critica de uma ou outra, brincando, devaneiando, sorrindo. Tinham por titulo esses folhetins — *Esta, essa, aquella, e aquel'outra*, e eram de um fulgor de imaginação que fazia que aquel'outra tivesse ciumes d'aquella, d'essa, e d'esta.

As suas maiores excentricidades foram exactamente o segredo da nomeada que elle alcançou. De uma occasião estava jogando o whist. Caiu um pinto a um dos parceiros, sujeito extremamente rico que tirou o candieiro de cima da mesa, e se poz a procurar o seu pinto.

— Que faz, meu caro? perguntou-lhe Antonio da Cunha. Quer deixar-nos ás escuras?!

— Caiu-me um pinto!

— Ah! E' escusado tirar-nos a luz; eu o alumio.

E queimando uma nota de quatro moedas fez com ella um archotinho para o ajudar a procurar o pinto...

— Veja se o acha!

Era homem de bons dotes, de um fino gosto para algumas coisas, e sabendo aplicar as suas raras faculdades a concepções que apresentavam sempre um caracter de originalidade. Tinha muitas vezes a maneira do cavalheirismo antigo e heroico. Não deve esquecer o seu nome: como homem de talento não lhe ficou que desejar, brilhou no Parlamento pela vivacidade, esplendor, e ousadia dos seus discursos, brilhou na moda como o primeiro janota do seu tempo — no Passeio Publico foi elle visto de uma vez com uma capa de casimira branca — e depois de ter brilhado na imprensa como o unico folhetinista que pôde conseguir esse titulo no tempo de Lopes de Mendonça, foi ainda brilhar na diplomacia, mercê do alcance das suas faculdades e dos recursos da sua feição elegante. Se a gloria é alguma coisa, podiam os mais illustres d'esse tempo invejar-lhe a sorte. Por muitos annos, quando elle estava ainda em Lisboa, se ouvia dizer de vez em quando:

— O Antonio da Cunha é velho, não nos illudamos...

Mas o seu elegante bigode branco continuava a ser tão moço como os rapazes d'esse tempo, bem mais moço que os rapazes d'agora. Esse bigode legendario era, como por graciosa malicia, mais alvejante que nenhum outro, mercê de um dos seus segredos de garridice: lavava-o todos os dias com sumo de limão, para o tornar de uma alvura nitida e magnifica.

Davam os antigos uma foice ao tempo e estavam longe por certo de cuidar, apesar da allegoria, quanto esse ceifeiro cruel havia de devastar Lisboa, fazendo desapparecer em poucos annos, e como que de repente, quantos nella brilharam na unica quadra elegante que ella teve...

Fala-se agora muito em typos: — Que typo! — E' um typo! — Tu és typo! — Não se falava d'isso então, e era então que que elles existiam. De mais a mais nessa quadra havia, por assim dizer, em Lisboa, uma aula de alegria: eram as peças do Gymnasio.

O francez Émile Doux ensaiava nesse theatrinho as comedias mais engraçadas do reportorio de França, que parecia inexgotavel de ratices e jovialidades — a *Porta da rua*, o *Morgado da Ventosa,* as *Duas Bengalas,* o *Ensaio da Norma,* o *Doutor Gramma,* e

as galantes composições de Scribe — *Beijo ao portador, A recolhida*, o *Coronel,* sem falarmos na farça immortal do Taborda, a *Velhice Namorada*, em que elle copiára um celebre fiel de feitos chamado Paixão, que era muito conhecido não só nos cartorios, mas em todas as lojas de Lisboa, por muito contenderem com elle os caixeiros.

Esse Paixão foi a primeira victima da troça popular, não tão amargurado assim mesmo pela furia cassoista da garotada das ruas como o *José das caixinhas;* o *Francisquinho;* as duas irmãs *O' mana acerta o passo*... pobres velhas a quem fizeram inclemencias só pelo crime de ellas dizerem isso uma á outra quando iam passeiando; o boticario da Rua do Ouro *Roberto Pim Pim,* que pagou caro o haver usado d'esta expressão pittoresca para indicar a aria do baixo no *Roberto do Diabo;* e, mais que todos, o pallido e phantastico figurão que Lisboa conheceu pelo nome de *Escalado.*

O *Escalado* era um pobre homem, que deixara crescer o cabello e as unhas mais do que é permittido. Usava os suspensorios por cima da jaqueta, quinze anneis, chapeu esburacado, posto um pouco á banda, botas melancolicamente estropiadas. Ar de philosopho e de louco; certa elegancia burlescamente lugubre; a miseria da sorte e da vida, passeando pelo seu pé, como uma theoria extravagante e stoica, ao sol das Portas de Santo Antão!

Ha poucas alegrias neste mundo que não custem lagrimas a alguem. E' feita assim a humanidade. No que uns acham occasião de se divertirem, teem outros rasões para chorar. O rapazio era feliz correndo atraz d'esse pobre louco; não havia garoto que não aproveitasse o ensejo de implicar com o *Escalado,* se o acaso lhe sorria ao ponto de o encontrar no seu caminho. A infancia é cruel, e o excentrico personagem desafiava a curiosidade. Tinha a excentricidade cavalheiresca, andava em passo demorado e garboso; dir-se-ia a caricatura de um deus do helenismo. Havia entretanto, algumas vezes, o que quer que fosse de sublime naquelle desgraçado. Diziam-se differentes coisas a seu respeito: que era de boa familia, que fôra militar, que enlouquecera por amores. Vá lá saber! O nada da sua existencia era a unica coisa facil de averiguar. Estava incapaz de sentir. Tudo o afastava do mundo; ninguem na vida tinha ternura para elle; dizia-se tambem que elle expiava qualquer praga que alguem lhe havia rogado. Mas se a fatalidade antiga não tinha já nesse tempo nada que ver com as Portas de Santo Antão, as idéas que grassavam nessa epoca a respeito da justiça ainda tinham sua relação com as que faziam, outr'ora, expiar por um innocente o crime de um culpado.

A sociedade média tinha tambem o seu excentrico: o *Morgado das Cebolas.*

Era esse typo um bello rapagão, bem parecido, de presença esbelta, vestindo á moda, e deitando o pé para fóra. Passava por ser bom moço, e ter pilheria. Dizia coisas chistosas, que davam no gôto ás bellas, por certa originalidade, neste genero:

— Uma senhora, que se prese, falta aos deveres da boa sociedade sempre que deixar as visitas fazerem escarneo das pessoas que vão a sua casa, muito mais quando essas pessoas voltarem costas e se retirarem... Ella mesma é que deve fazer isso, a ella é que isso compete.

As meninas riam.

— A civilidade é tudo, minhas senhoras! acrescentava elle, preparando já novo gracejo. Não ha nada que chegue á civilidade! Ahi está tambem que, quando uma visita se levanta para se ir embora, nunca as senhoras lhe devem puchar pela sobrecasaca, para a fazerem sentar outra vez, ao ponto de a rasgarem. Basta dizer-lhe com um arsinho de saudade: — «Então, já!» E quando elle fôr na escada, depois de se fechar a porta, é que se deve usar a exclamação usada em taes casos — Oh! que massador!

E outra vez as meninas riam, riam...

Era preciso vê-lo num celebre Circo da Rua da Procissão, aos domingos de tarde,

de pé, á entrada, namorando as formosas que iam para a galeria, já jantadinhas, de palito na boca, e *toilettes* que não tinham nada que ver com o figurino da ultima moda.

As deusas da companhia, que attraiam áquelle pequenino circo todos os amadores, pela sua elegancia e pela perfeição do seu trabalho, eram mulheres bonitas, coisa que já não se usa nos divertimentos. Os grandes janotas do tempo affluiam ali para as ver. Reinava uma suave admiração da parte do publico para com os artistas, e, por ser grande o calor naquelle divertimento, já porque o circo só trabalhava de verão, já porque o verão era ardentissimo, os elegantes de vez em quando mandavam buscar refrescos, e enviavam os lá para dentro, ás divas.

158 — Pateo de uma fabrica de cerveja

De uma occasião estava uma a beber um *cabaz*, bebida de que se perdeu a moda, feita de café e licores, e bebia isso em plena pantomima...

Nisto ouve-se uma voz no fim da platéa:

— Não bebas mais! Olha que te póde fazer mal!

Era a mãe da diva, que lhe atirara com aquelle conselho hygienico, do logar onde estava saboreando, ella propria, uma *mistura*.

Quando no fim da funcção dispersava a sociedade, aquellas ruas estreitas regorgitavam de frequentadores do Circo; iam uns cantando, para celebrarem a victoria d'aquella tarde e noite, outros cantavam tambem para esquecer o cheque amoroso que haviam levado; era cantoria e falacia por todos os lados; as ondas movediças d'aquelle pequeno mar humano iam rolando para a Praça das Flores; depois, a pouco e pouco as vozes enrouqueciam, apagavam-se as luzes do Circo da Rua da Procissão, fechava um botequim que havia ali perto, armado para o momento, ia cada um para sua casa, e no silencio da noite não se ouvia senão os gemidos queixosos dos musicos, estalfados de haverem tocado desde as duas horas até ás nove, e uma voz de homem que falava da rua para a janella de uma casa ao lado do Circo ou fronteira ao Circo... Era o *Morgado das Cebolas*, que havia arranjado namoro ali, como em toda a parte.

D'esse Circo da Rua da Procissão, passaram os artistas para o circo do Gymnasio,

o famoso Barracão onde a pantomima e a gymnastica floresceram durante trez mezes: do Barracão nasceu o theatro, o antigo theatrinho que foi tão alegre pelo seu reportorio como pela vida que levavam os seus artistas. Amigos todos, dando-se bem uns com os outros, o que é a mais curiosa raridade de quantas tem succedido em theatro, trabalhava-se á hora propria, e o resto do tempo era para a alegria. Cada qual se divertia a seu sabor.

Romão era homem dado a amores e a aventuras; tinha uma bagagem permanente de raminhos de flores e de cartas maviosas: nunca passou tantos bilhetes de beneficio, como bilhetes de amores. A lenda apontava uma lista abundante de favoritas d'este imperador do ensaio. A verdade é que elle ensinava as actrizes com immenso gosto, e

159—Real Hospital de S. José

que esse gosto augmentava em ellas tambem gostando d'elle. Fez prodigios. Não havia discipula formosa, que a varinha magica d'este ensaiador, que parecia querer perpetuar o capricho galante dos faunos, não transformasse, a poder de dedicação, em artista distincta. Depois, como sempre foi homem intelligente, sinceramente affeiçoado ao theatro, tendo o zelo e o fanatismo da arte, ainda que acabasse o amante, continuava o ensaiador, e ia-as auxiliando sempre com as suas lições, elle que por um momento estivera a ponto de as desvairar com o ensinar-lhes o jogo das paixões nas praticas da vida, mais arriscadas ainda que as do palco!

O gordo Pereira! Homem por excellencia! Bom egualmente á mesa, ao cavaco, e no tablado. Para este a difficuldade de um papel consistia simplesmente em o decorar. Uma vez aprendido de cór o papel, dizia o de corrida e suppria pela graça natural o que devia ás vezes á peça e á personagem. Era jovial conviva, e bebedor audaz. Tinha a casa cheia de livros; muitos em lingua que nem elle sabia. Levava-o para as letras e para o talento uma sympathia irresistivel: depois do talento e das letras, essa mesma sympathia levava-o para o vinho. De uma vez, por distração e curiosidade, namorou; elle mesmo confessava que não havia gostado e que se deixara d'isso sem mesmo haver percebido o que seria ser amado e amar. Era um philosopho.

Moniz, tectrico, patibular, lugubremente triste, de cara, de modo, de expressão e de sistema, na vida alegrava-se duas horas todas as noites — emquanto estava representan-

do, vivendo da alegria que inspirava. Precisava fazer rir todo o publico, para estar contente. Ao descer do panno, os espectadores retiravam-se, e Moniz ficava sem a sua alegria: levavam-lh'a elles.

Marques era um sabio, um cavalheiro, um piteireiro, e um sacristão. Tudo isto. Sabia latim, dizia a proposito de qualquer coisa uma maxima valiosa, e bebia-lhe em cima meio quartilho. Fez a fortuna e a fama de uma tasca, que por muitos annos existiu ao lado do Gymnasio; foi o inventor do Barracão.

Braz Martins estudava, trabalhava, e massava. Em apanhando léo impingia a sua historia toda: fôra rico, elegante, joven, e sempre fanhoso: de todas estas prendas só lhe ficara a ultima. O reportorio original do theatro portuguez foi por uns tempos seu. Para o Theatro de D. Maria II escrevia a *Mendiga;* para o Gymnasio — *Fernando ou o juramento, O chinelo da cantora, Vou para a California, A garrafa monstro, Santo Antonio.* Era homem de habilidade, mas infeliz. Temperamento oscilante; caracter fraco; dominado pelas mulheres. Boa natureza, no fundo d'isso, e sempre generoso nos assomos de audacia que eram suffocados na paixão amorosa. Esmorecia no trabalho, por causa dos amores; nem estudava, nem progredia; pelo contrario, como succede aos fracos, foi a peior como escriptor e como artista, á medida que os casos do coração o assaltaram. Os grandes talentos medram e avultam quando amam: os pequenos enfesam e murcham. E' a differença.

Diga-se tambem neste ponto a verdade toda, e é que a vida de theatro nesse tempo tinha seducções que não tornou a ter; o publico adorava os artistas; as mulheres davam o cavaco por elles. Os theatros particulares preparavam habilmente esses effeitos amorosos; o maior numero de actores começaram nesses tablados amaveis, nunca perigosos, de theatrinhos de convite. Ali se davam o gosto de representar toda a qualidade de papeis a seu sabôr. *Pedro o Grande ou a Escrava de Mariemburgo,* a *Nodoa de sangue*... Braz Martins ganhara fama nesses recreios tomados sempre em conta de gloria, e dispendera com taes divertimentos o melhor de uma herança que tivera

Braz Martins era annunciado como uma resurreição do Talma. Durante annos esse homem teve a arte de prender a attenção do publico ás suas peças e ao seu nome, e alcançou o sufragio dos literatos pela prenda de recitar poesias no intervalo das comedias.

Foi, mercê d'essa novidade, a quadra do *Ave Cesar!* do *Abd-el-Kader,* do *Veterano,* da *Minha Patria,* da *Lua de Londres,* do *Camões*...

Estabeleceu-se a moda.

Emilia das Neves entendeu logo que devia tambem molhar a sua sopa no mel, e começou a recitar a *Ceifeira,* o *Se córas não conto,* o *Sonho da actriz,* entre applausos.

O actor Rosa não poude tambem suster-se, e foi-se ao *Veterano* apesar do Braz Martins.

Os literatos tinham um trabalho enorme para contentar estes tres interpretes, que, não contentes de recitarem durante mezes a fio quantas poesias appareciam, algumas nem sempre muito ricas de idéas nem de rimas — mas emfim, lá isso, costuma dizer-se que não é a riqueza que dá a felicidade! — os obrigavam a julgamentos imparciaes e sinceros. Rosa apresentava razões para evidenciar que só elle tinha a grande arte da recitação lyrica; Emilia das Neves valia-se da sua voz lindissima para dar ao verso uma musica que não deixava de ter graça; e o Braz Martins ia fungado poesia e mais poesia, tirando recursos, até então não conhecidos, da voz nasal.

Tudo isto fazia que Braz Martins disfructasse uma consideração literaria, que promovia o assombro dos seus companheiros, e o auctorisava a descarregar massadas homicidas naquelles pobres homens, que viam nelle um Molière, com a mesma facili-

dade e promptidão com que annos depois, sem motivo para uma coisa nem para a outra, principiaram a ver nelle unicamente um actor impossivel e um auctor inaceitavel. Para este ultimo conceito havia concorrido em parte o nenhum successo das suas ultimas peças, e a queda desastrada de uma em que o panno teve de descer indo a peça em meio, para maior conveniencia do theatro e vantagem do auditorio.

Não nos recorda se, emquanto durou a sua hora de celebridade e de voga, lhe enfeitaram a primeira casa do lado esquerdo da casaca com um habitosinho; mas temos idéa de que se pensou nisso. A coisa apresentava difficuldades. As condecorações no palco eram d'antes assumpto de grandes discussões. Por occasião de ser condecorado o actor Epiphanio, abalou se o paiz. A geração nova aprovou o facto; os velhos sobresaltaram-se. Houve murmurio grande, ficou sempre memoravel este caso na familia portugueza. Por muito tempo, actor que levasse palmas esperava no dia seguinte que o ministro lhe puzesse uma fitinha na casaca; os ministros deixaram de applaudir, para não se comprometerem a dar prenda.

Braz Martins merecia-a decerto tanto como alguns que por ahi a teem.

E' verdade que os mesmos poetas, cujas composições elle decorava e repetia, tambem não se acharam nunca enfeitados d'esse adorno glorioso e decorativo, á excepção de Mendes Leal, que logrou a escala chromatica de toda essa musica.

O que havia de poetas por aquella epoca, é coisa incalculavel; pouco duraram quasi todos elles: mas, por mais de tres ou quatro annos, foi um enxame.

Muitos, destinados a outras especialidades e consagrando a sua attenção a uma ordem de trabalhos completamente alheios á poesia, deram-se ao verso como quem se põe á moda.

Diz o proverbio que Jupiter, quando quer perder as creaturas, endoidece-as primeiro, —*Quos vult perdere Jupiter prius dementat.* A poesia foi em Lisboa o principal instrumento de que Jupiter se serviu para dar com a gente em doida; ambos os sexos, e todas as classes, se pozeram de repente naquelle regimen exclusivo de versalhada. O destempero, a pieguice, a lamuria, produziram um effeito tão agradavel que a chochice rimada tomou o logar ao juiso, á arte, e á moral. Rompeu uma multidão de poetas a discorrer sem metro nem rithmo, que arrasou o gosto e a rasão com uma exuberancia tremenda de semsaboria sublime.

Tiveram um instante de moda: nas philarmonicas; nas casas particulares recitando versos ao piano; e nas barcas de banhos.

As barcas de banhos eram então muito concorridas. Faltava só uma coisa á felicidade dos donos d'esses estabelecimentos; a não ser isso, a ventura d'elles seria completa. Era não terem lá emprazadores.

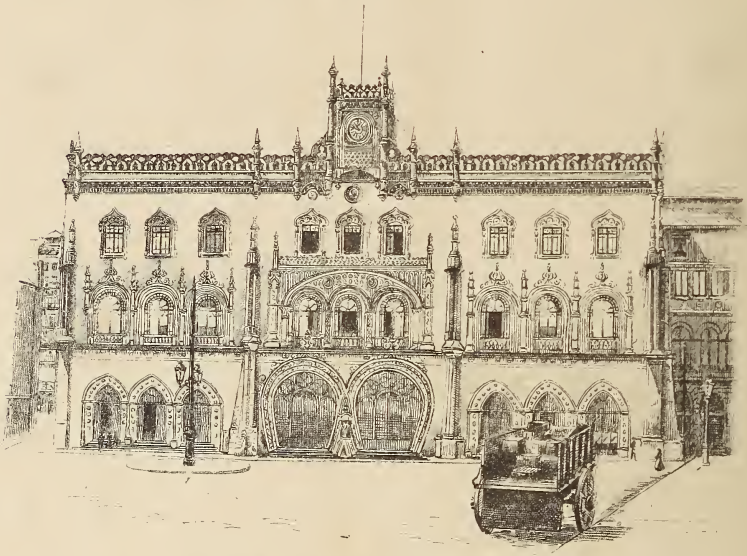
O emprazador, producto incestuoso da vadiagem e do mau olhado, florescia muito entre nós: deleitava-se em não ter que fazer, e entretinha-se em prejudicar. Tomava no bote o logar que conviesse a algum freguez sério, que ficava no caes á espera, ou saltava para outro bote e ia a outra barca; sentava-se na cadeira destinada a quem estivesse esperando banho; ia pespegar-se no toucador das senhoras, pasmado para quem comia um biscoito e bebia um copinho de licor depois do banho; afugentava familias pela balda que tinha de se fazer chistoso mofando em voz alta da figura de cada qual; e namorava sem incommodo nem despeza, chegando a fazer que as filhas alheias se dessem por constipadas para a mãe tomar banho sósinha, e ficarem ellas a vê-lo; do que resultava, para o estabelecimento, baixa de filhas na venda dos bilhetes!

O encanto das barcas brilhava por episodios diversos. Saltava, por exemplo, de repente, entrando de um lado, atravessando com rapidez, e saindo pelo outro, um banhista de coecas de malha, que andava de bote visitando as barcas, quando não andava nadando! e que, saindo das ondas como Venus ou como um cão d'agua, lhe dava a vi-

neta de entrar nas barcas, movido do desejo de fazer de aguaceiro e encharcar as pessoas por quem se roçava.

Entre essas famosas barcas, era a *Flôr do Tejo* que tinha o imperio do mar, como outr'ora Tyro, Carthago e Roma, não para fazer vogar os seus triremos victoriosos, mas para darem quarto e lençol por sete vintens em honra de Amphitrite!

Um bello dia a *Barca dos Toneis* deu-se por vencida. Já estava cançada d'aquella lida de vigilancia, seriedade, doçura, engenho, rispidez bonito modo: no bonito modo iam as conveniencias sociaes; cumprimentar para um lado e para o outro, prestar a maior attenção a qualquer desabafo contra o lençol que estivesse um pouco humido:



160 — Estação Central dos Caminhos de Ferro do Norte e Leste

— E' do tempo, minha senhora, é do tempo!

— Estou desconfiada que m'o trocaram!

— Póde v. ex.ª estar certa que não...

E depois, saber o nome de toda a gente, porque ha pessoas que gostam muito que lhes saibam o nome!

— Muito bom dia, Snr. João Cancio!

— Oh! D. Leocadia, minha senhora!

E o que valia era nesse tempo apparecerem poucos titulos, e não ser preciso carregar a memoria com barões, viscondes e condes.

Em tudo ha especialistas. Existem colleccionadores que não querem saber senão de certos e determinados objectos; uns procuram louças da China, este quer moveis antigos, o outro moedas de outras eras, este medalhas, aquelle caixas de rapé; os bibliomaniacos não dão estimação senão a certa qualidade de livros: ha um que tem os libretos todos de S. Carlos, outro a collecção de avisos dos touros que espalha o homem do bando; mas começaram a apparecer nesse tempo alguns que, por não serem

numismatas, nem amadores de ceramica, nem bibliophilos, gostavam de espelhos e de descalçadores dos quartos das barcas... Que variedade nos colleccionadores! A *Barca dos Toneis* não gostou d'essa civilisação e tambem se affligiu com a confusão que reinava no corredor da saida e que era vivo prenuncio do progresso! Esse corredor era um perigo para os costumes: para ali se passar, era-se pisado; todas as gordas am para o corredor; o motivo não se sabia, mas o certo era que todas as gordas iam, com meninos, dois ou tres meninos, que punham á frente: — Chega-te p'ra diante, menino! — E ahi ia um sujeito passar por cima do pequeno e por baixo d'ella, sem pisar ninguem, e agora se lhe prendia a aba do casaco, e lá lhe ficava a manga, e ahi lhe caia o chapeu, e tropeção de um lado, encontrão do outro, tres pés em cima de um d'elle, e tudo isto conforme manda a cortesia, indo ainda em cima a pedir perdões:

161 — Uma enfermaria hospitalar

— Perdão, minha senhora!

— Perdão, meu caro senhor!

Depois, mal chegava o bote, ia tudo em onda; os que estavam adiante caiam sobre os que desembarcavam, os que desembarcavam caiam outra vez no bote; a creada, que nesse tempo ia para todas as funcções com os amos, deixava-se ficar para traz, na intenção ladina de se ver livre d'elles por um pedaço...

162 — Eh briche fino!

— Ó Maria, ó Romana!

— Estou aqui, minha senhora, mas já não caibo!

— Avia-te, dá cá a mão!

— Já não cabe! dizia o barqueiro, que era o que ella queria ouvir. Está a conta.

E lá se iam os patrões, de bote, e ella na barca, livre por dez minutos, independente, podendo falar com quem quizesse...

— Já não caibo...

Ah! Uma barca austera não poderia ver tudo isto com bons olhos; foi do que morreu a dos *Toneis*. O progresso ajudou-a.

O progresso!

Era a palavra do dia!... Era o papão...

Muita gente se assustou com isso.

Depois do terror, veiu o odio. Chegou a odiar-se essa palavra e essa idéa.

Todas as epocas em Portugal teem tido alguma raivinha de predilecção, argumento sem replica, *ultima*

ratio, contra a qual não haja que dizer, por ser ao mesmo tempo absurda e victoriosa; tem sido sempre assim na politica, na arte e nas letras. Por um tempo a injuria suprema, com que os cortezãos do poder fechavam a boca a todas as objecções, era ser republicano; depois foi acoimado de retrogrado, de repente, todo o pobre homem que continuou a ser como era, a viver como vivia... Num bello dia, a mocidade partiu com a mania dominante da economia politica, e foi dar comsigo na politica sem economia. Chamou-se a isso o progresso. D'ali a pouco, como se um furacão nos tivesse voltado, já não embirravamos senão com os progressistas; comedias, jornaes, e a rua, tudo mettia o progresso á bulha, dizendo-se de qualquer coisa ridicula, prejudicial, ou futil: — «E' o progresso!»

Foi-se embirrando successivamente com uns poucos de grupos: um homem andava pelo seu pé, ou parava, ou punha o chapeu, ou tirava-o, ou respirava, ou tossia, era *cabralista;* o homem depois tossia, ou respirava, ou punha o chapeu, ou tirava-o, ou parava, ou ia andando, era *pé fresco,* era *lazarista,* ou, peior que tudo, era *literato!*

Poucos tiveram a coragem de não quererem ser poetas nesse tempo. Dois ou tres resistiram. Rebello da Silva entre elles. Um homem raro. O mesmo talento até ao fim da vida. A mesma facilidade de falar e de escrever. Rapido e exaltado. Escriptor, professor, orador, e animando-se por igual no Parlamento, no Curso Superior de Letras, e deante da mesa da escripta. Improvisador sempre — o seu grande segredo; porque, até nas paginas de um livro de larga meditação e por mais abafado que ali pareça estar, nunca o fogo sagrado do improviso, nos previlegiados talentos que dispõem d'esse dote, deixa de romper em clarões.

Quando elle se estreou, a impressão romantica dominava o espirito da epoca. Dados os primeiros passos e ganhos os primeiros triumphos, elle conseguiu logo depois que um romance portuguez disputasse em popularidade a estimação só concedida nesse tempo ás attrahentes novellas historicas de Alexandre Dumas. Com que anciedade se procuravam na *Revista Universal Lisbonense* os capitulos soltos da *Mocidade de D. João V,* que pela frescura e graça do estylo não só merecia a admiração da gente que faz a barba, mas a sympathia espontanea e enthusiastica das doces creaturas que a phraseologia de então ainda chamava galantemente «a mais bella porção da humanidade.» Mas, o que foi sobretudo raro, a fluencia, o aroma de poesia, todos os dotes emfim que naquelle afamado romance lhe alcançaram tão justa voga, encontravam-se ainda e sempre com a mesma força, a mesma inspiração, a mesma descripção opulenta e florida, nos seus ultimos livros, que nunca aliás ganharam celebridade.

O romance é o homem — e ahi está talvez a explicação de haver tantos romances maus, e serem tão raros os que se citam por excellentes. Ha romancistas de analyse e romancistas de imaginação: não escrevem, contam, ajudam a matar o tempo, entretêm; ha tambem romancistas intimos, como foi por essa epoca Barbosa e Silva, no *Viver e soffrer;* e romancistas historicos, que foi ao que Rebello da Silva se propoz, por entender decerto que chegára a hora de recolher as tradições.

Elle gostava do romance de imaginação, e nunca abandonou essas predilecções no romance historico. O seu gosto era vir como um amigo intimo visitar o leitor sem se embuçar num capote e sem se embrulhar numa nuvem; vir conversar, mudando de tom, risonho, caustico, sensivel: fazer o romance de sentimento, que de certa maneira é já historia, a historia de uma existencia, a historia de uma paixão; mas a vida portugueza principiava a não ter feição propria e sua; começavamos a fazer tudo á moda estrangeira, imitando constantemente a França no modo de pensar, de falar, de trajar, de sentir: e elle, por ver que se iam apagando cada vez mais os costumes e esmorecendo o gosto pela pintura d'elles, entendeu que o romance historico era o unico romance possivel em Portugal, mas realisou-o a seu modo, fazendo concessões ás suas

tendencias de homem de imaginação fugaz, como o foi sempre em tudo, não só no romance, mas no jornal, no parlamento, na vida.

Primoroso como orador. Como conversador fluentissimo, brilhante, inexgotavel, mas esquecendo-se um pouco ás vezes e alargando-se em discursos que não eram propriamente o que constitue conversação, superiores a ella talvez, mas que, em todo o caso, de algum modo a transformavam num longo ainda que admiravel monologo, que fazia lembrar o discorrer de Angelo Malipieri com a comica Tysbe no meio da rua! Como artista, e por amor do pitoresco, era capaz de moer um homem, de o estrafegar, de o anniquilar, de espalhar ao vento as suas cinzas, e depois caindo em si, serenando da furia da palavra, chorar por elle com a sinceridade vehemente d'um admirador...

Guerreou atrozmente Rodrigo da Fonseca Magalhães no jornal *A Imprensa*. E toda a gente lhe ouviu por muitas vezes exaltar o talento, a graça, o encanto especial d'aquelle espirito e d'aquelle temperamento:

— Bom homem! dizia elle de Rodrigo quando contava o caso e recordava episodios em que podera avalia-lo. Bom! excellente homem! ninguem gosta tanto d'elle como eu!

Em politica era um phantasista; e custou-lhe essa phantasia bens e saude. Foram tristes os ultimos tempos da sua vida. Já iam longe os triumphos do *Ráusso por Homisio*, da *Tourada de Salvaterra*, e da *Mocidade de D. João V*... E depois a doença, a solidão que estranham os que sáem do poder, as surprezas da astucia, as da ingratidão... Talento vivaz, talento fluente mais que todos, e mais que todos lucido! Veiu ao mundo destinado aos triumphos da palavra, da escripta, da politica, do professorado. Como que lhe tiritava o talento naquelle corpo fragil, e a chamma sagrada pairava entregue aos ventos, sempre gloriosa e esplendida nas lutas, parecendo defendida pelo *noli me tangere* dos poetas.

Quando a idéa da associação irrompeu em Portugal, os literatos soffreram um pequeno abalo, porque as attenções desdenharam-os durante um tempo e voltaram-se exclusivamente para os corajosos iniciadores d'aquelle grande e util pensamento. Os que se riam do progresso, riam-se tambem da associação. Mas quê! A victoria parecia decisiva. Era uma febre nervosa, uma preocupação indomavel. Associação! Associação! Associação! Foi a idéa; foi a palavra. Esperava-se tudo d'ella. Parecia chegada a hora em que o regimento mór dos desherdados poderia sacudir de vez o fardo secular, que tanto lhes pesava! Já se deitavam contas a que o povo que soffre, que trabalha, que aguenta o peso do dia, o vento, a chuva, o calor, tivesse tambem o seu quinhão de regalias...

Appareceu então o jornal de Sousa Brandão e Lopes de Mendonça — *Ecco dos Operarios*. Mas foi de pouca dura. Perdeu dinheiro. O editor enfastiou-se depressa.

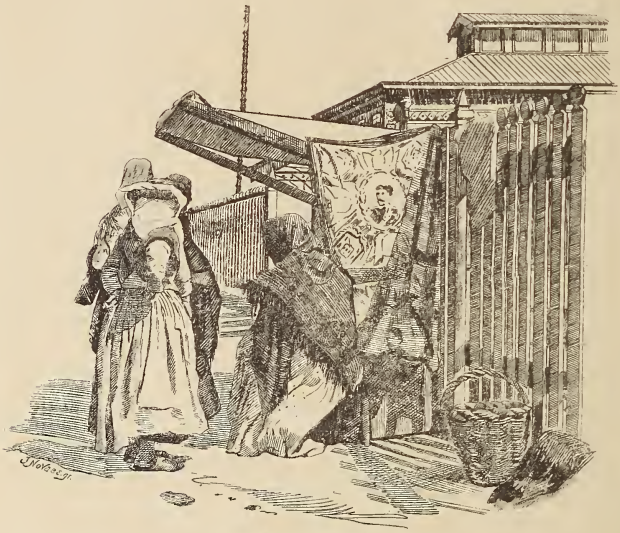
Nesse tempo o editor em Portugal era como a Phenix, de que toda a gente fala e que ninguem viu ainda. Apenas dois homens asseguravam que isso existia — Garrett e Alexandre Herculano; mas quando se queria verificar, era impossivel. Dizia-se: «Ali para o Chiado, á esquina de uma travessa perto dos Martyres, uma loja, uns velhos, muito honrados, uns oculos...» E nada mais; o muito, o muito, este nome — «Bertrands...» loja escura, casa incerta, tudo vago...

Lopes de Mendonça não chegou infelizmente a realisar nem esse, nem outros dos seus sonhos; mas logrou uma alegria, alegria verdadeira para aquelle temperamento nobre e são; foi a de auxiliar, celebrando-os, quantos em Portugal se interessaram de coração nessa epoca pelo espirito e destinos das classes operarias.

A associação em Lisboa teve os seus fanaticos, e os seus martyres, e até, para não escapar á sorte das grandes reuniões e por obedecer aos preceitos de uma época em que a habilidade era tudo, os seus *habeis*. Essa habilidade ainda assim não foi nunca

mais longe do que a grangear a algum, um pouco mais ambicioso, poder brilhar melhor na associação do que se estivesse sósinho, ficando a parecer-se nisso com os diamantes, que devem sempre o brilho á luz a que estão expostos e que reflectem.

Mas isso mesmo era bom, e d'ahi poderia vir bem: era incentivo, gosto pelas coisas uteis, desejo de se distinguir por ellas. Quando mesmo se chegue a ser nisso, como outros o são por esse mundo, cada um no seu ramo, um pouco *frigideira*, o resultado para o adiantamento e para os interesses da causa não tem que perigar nisto como noutras especialidades; pelo contrario, os que o não parecerem um pouco, serão indifferentes, e constituir-se hão surdamente e molemente em prejudiciaes; ou serão inimigos



163 — Barraca de fructas e refrescos

sem ninguem saber porque, sem o saberem elles sequer, mas pelo gosto de empecer, de desacreditar, de destruir. Ha gente que vem ao mundo para negar tudo; começaram por negar a divindade de Christo, e depois racionalismo, positivismo, pantheismo, naturalismo, até chegar ao doce desafogo de chamar tolos aos que se interessam por alguma coisa, que se dediquem, que tenham fé, que trabalhem...

Por isso um ou outro não entendeu bem que a associação podesse ser o espirito e a indole d'este tempo. Os descrentes não eram simplesmente teimosos; de ordinario não se é assim de nascença: principia a coisa por uma borbulhinha e alastra depois pelo corpo todo; é raspar a unha nos queixosos, que se dão mal com tudo, e de tudo e de todos têem que murmurar, e quasi sempre se acha logo um ambicioso maior ou mais pequeno, que não acertou no tiro, e se vinga a querer queimar o que não póde tornar seu ou o que adorou em vão.

Quem era mocho é que se dava mal com tudo, e tinha odio á sociabilidade. Convinha na opinião d'esses sujeitos enclausurar-se uma pessoa, beber agua, comer hervas, deitar-se ás Avé-Marias, empregar o dia em coisas de seu interesse, e ser a todos os respeitos de uma morigeração propria para dar exemplo ao mundo. Sem isso, na opi-

não d'elles, nunca se chegava a qualquer coisa parecida com o ser gente; amor, paixão, prazer — isso mesmo eram associações e inspiravam-lhes tedio... Alguns levavam o odio pela associação a não quererem sequer a da familia. Foi por elles que se espalhou que não ha coisa melhor que não se gostar de ninguem, senão cada um de si, e isso já era boato velho que mais ou menos agradou sempre, e a prova é que os antigos pasmaram da celebre associação pequena de dois amigos, e mais eram irmãos, e mais

164 — Recolhimento das Trinas de Mocambo

eram gemeos; e, maravilhados de ver que nunca tiveram bulhas e sempre se deram bem, elevaram-os a deuses e puzeram os em evidencia, em constellação, para os mostrarem ás associações futuras: Castor e Pollux!

Tudo isto acabava sempre por ir parar aos gracejos do theatro. Nada escapava á farça e ás coplas. Até os andadores das almas tiveram de brincar no tablado.

— Para as almas! diziam estendendo a bandejinha.

E por conservar-se o costume, davam-lhe alguns os seus cinco réis para ajudar as despezas da missa da madrugada, em que se pede pelos mortos para alliviar as suas almas se estiverem no purgatorio... Com o lembrarem-se das almas, mais se lembrava cada qual da sua, dando-lhe esmola. Se até as plantas nos sitios em que tudo é sombra se voltam para o ponto de onde emana a luz eterna! Entretanto, desde a parodia que tanto divertiu Lisboa, os proprios que dão esmola agora, como que se lembram do Taborda, e mostram um signal de riso...

— Para as almas! dizia o pobre andador. E, ao affirmar-se na cara que alguns faziam a procurar o troco na algibeira, tambem elle poderia rir-se e vir lhe á idéa que para muitos esse momento é que era o verdadeiro *sacrificio da missa!*

Os andadores das almas odiaram o Taborda por muitos annos. Taborda levava a malicia a ir conversar todos os dias com o andador dos Martyres, ao tempo dos ensaios de uma peça em que fazia um papel de andador.

Quem passava pelo Chiado, por volta das oito horas, via-os no adro conversando.

— Aquelle é o Taborda? diziam as senhoras, pasmadas de o verem ali de caturreira com o andador.

— E' o Taborda, é!

E elles a conversar... a conversar...

O riso foi nessa epoca a *dominante,* como se diz na musica. Dos homens mais eminentes de então, só um talvez escapou ao que o povo chama a chalaça. Foi Alexandre Herculano. Herculano teve o poder de despertar no paiz, e notavelmente entre os portuguezes que no Brazil viam de longe a patria á luz da sua saudade e do seu amor natal, uma febre de adoração comparavel apenas á que então em Italia se consagrava a Garibaldi. Foi um escriptor que teve influencia literaria: não teve leitores e admiradores, teve fanaticos. Ninguem melhor do que elle conhecia a historia, nem encontrava nella com maior profundidade a nota philosophica. Era um homem fadado para a lucta; fôra soldado, expozera a vida, tinha o fogo supremo das convicções e a invencivel tenacidade de um caracter valente, severo, e desprendido em tudo e sempre das ambições e ufanias a que teem sacrificado quasi sempre em Portugal os grandes e os maiores.

Outros dois lidaram tanto como elle, e consagraram ás letras quanto amor poderam: Garrett e Castilho. Garrett viveu mais ou menos contente da sua terra e da sua gente, porque tinha genio de não attentar nas miserias do mundo, ou figurava talvez que não dava por ellas; Castilho viveu minado de desgostos, de perseguições, de malquerenças, de odios sem motivo, de calumnias, accusações vagas, punhaladas á falsa fé. Envenenaram-lhe a vida os inimigos e os falsos amigos, que ainda mais o amarguraram com verdades e mentiras que iam repetir-lhe, emquanto elle consumia o tempo em trabalhos uteis perturbados sempre pela damnada brutalidade dos ingratos e dos ruins. A morte, por que se diga, salvou-o. Foi curioso o effeito de perspectiva que ella produziu; bastou-lhe um momento para transfigurar tudo e collocar o poeta nuns longes completamente favoraveis, apagando qualquer leve senão, perante a grandeza da sua vida e da sua obra, e restituindo-lhe inteira a majestade augusta e serena, que tantas vezes se tinha querido empanar.

Nada d'isso serviu de lição, nem prestou para exemplo. O paiz, indifferente e frio, continuava sendo o mesmo. Impressões de momento pela falta de um homem de letras que ninguem em Portugal substituiu; mas, impressões de momento, como quando se vê uma pessoa cair ao mar.

— «Eterna historia! dizia Julio Cesar Machado. Estão os passageiros na tolda a passear, ouvem a bulha de uma queda, debruçam-se para vêr, perguntam como foi isso, dizem uns:

— Forte coisa! Que desgraça!

Outros dizem:

— Coitado!

E o homem mergulha, apparece ainda, chama... Depois o navio continua no seu rumo... Depois os passageiros, encostados, olham para a agua, depois para o céu, depois uns para os outros, e continuam conversando.

— Iamos nós dizendo...»

Os homens de talento em Portugal tinham sempre por destino não interessar nin-

guem. Falava-se d'elles, dizia-se que tinham merecimento, mas nunca havia quem tratasse de os ajudar como se elles fossem outra coisa, se tivessem um negocio qualquer, uma loja e quebrassem... Depois, quando os viam mortos, lá iam até ao cemiterio — nunca, assim mesmo, em tão numerosa affluencia como «quando havia tropa» — e, chegados lá, queriam ainda fazer render o morto:

— Quem fala?

— Então ninguem fala?

— Pois não ha discursos?!!

— Homem! Essa agora!...

Nunca em vida o auxiliaram, nunca lhe quizeram verdadeiramente bem, nunca o defenderam. Pelo contrario, fizeram lhe de vez em quando as pirraças possiveis. Mas naquelle dia todos os louvores lhes pareciam pouco e pediam sempre algumas flôres de eloquencia á beira da sepultura...

Quando Castilho dava os seus saraus litterarios, ensinando as creanças a ler, instruindo-as e recreando-as, ia lá de tempos a tempos uma cambada de tafues desgosta-lo, affligi-lo. Ha gente em quem os sentimentos ruins nascem como bichos, não engendrados por fóra, mas concebidos e fervendo na podridão inveterada da sua substancia.

Castilho nunca poude entender-se de todo bem com o mundo. O maior mal proveiu talvez de não poder existir affinidade entre o poeta cego e a maior parte da gente, creaturas de feliz espirito, que não se deixavam surprehender pelas chimeras sublimes que minam e devoram as almas dos poetas. E elle era propriamente poeta; até no que se reputavam inconsequencias suas, caprichos, males imaginarios, que tantas vezes iam dar em dôres verdadeiras.

Os dissabores azedaram-lhe o caracter, e, uma vez offendido, Castilho não perdoava. Ás vezes ia até á exageração do despeito. De mais a mais tinha muita graça, graça conceituosa, e tambem graça violenta; em lhe convindo fazia-a valer. A *Tosquia de um camelo* foi formidavel. A conversar era prodigioso. Por sentimento de artista, a sua palavra tinha a força de uma arma, que atirasse o inimigo ao riso vingador; e nos chistes singelos da conversação amavel, ninguem o excedia em facilidade e em espirito.

— «De uma occasião, por exemplo — conta Julio Cesar Machado — tendo-se mudado para a Rua Nova de S. Francisco de Paula, fui ali vê-lo. Andava-se a arrumar os livros: estava lá, visitando-o, um antigo prior de Santa Isabel, de quem Castilho era muito amigo. Iam-se tirando os livros dos bahus, dizia-se o titulo da obra, e o poeta indicava em que armario e junto de que outras obras deveria aquella ser collocada. Por entretenimento e para concorrer na lida, o prior e eu ajudavamos esta tarefa.

Nisto o prior, sobraçando não sei quantos volumes, perdeu os oculos.

— Mau! disse.

E parou.

— Que foi? perguntou o Visconde.

Estou bem aviado. Perdi os oculos!

O poeta sorriu-se:

— Procura, procura... Dizem que tudo se acha nos livros!»

Foi sempre e até á ultima um lidador literario. Tambem, como Alexandre Herculano, não ajoelhou nunca deante da fortuna, nem quiz outra coisa senão ir cumprindo a sua missão de poeta neste mundo; mas Herculano era um solitario, e um austero; e Castilho, comquanto mal lhe chegassem aos ouvidos os rumores do dia, as victorias, as disputas, as intrigas, as derrotas e as calumnias da vida publica, não logrou as vantagens da velha maxima: «Esconde a tua vida e espalha o teu espirito!»

Nunca ao lê-lo se apercebeu alguem, se lembrou sequer da edade que elle tinha. Morreu com setenta e cinco annos, escrevendo ainda com tanta frescura como nos dias

em que o tempo sorria á sua juventude. O amor era-lhe o sol da alma: alumiava-lhe as profundezas, dava-lhe calor á superficie, despertava-lhe com os seus raios a primavera que elle adivinhou e cantou, transformava em flôres e em borboletas coloridas as idéas ingratas que por algum momento serpeassem naquella comprida noite a que a desgraça o prendera, e dava-lhe abelhas que distilavam mel.

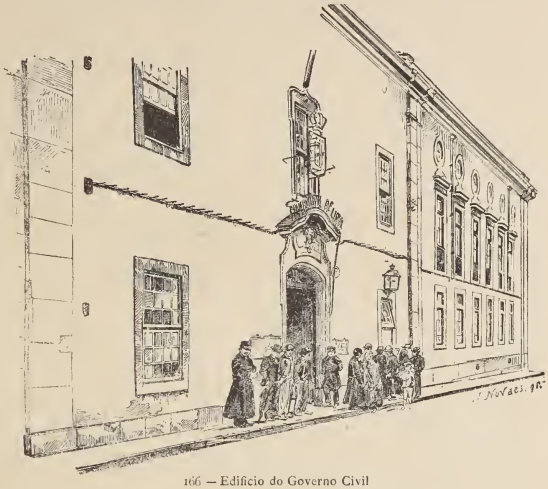
Passou os seus dias a poetar, e os serões a ensinar as creanças, a ouvir ler, ou a escutar musica. Por isso tambem o sol que lhe dava luz não durava só um dia; nem ia deitar-se nas nuvens, como o nosso. Foram eminentes como as suas qualidades litera-

165 — Interior de uma adega

rias os serviços que prestou ás letras. O que elle fazia da lingua portugueza, como a conhecia, como se entendia com ella, como a levava a expressar tudo com os segredos do vigor e da graça, sempre pura, e conforme sempre ás leis inflexiveis da belleza harmoniosa! Quando se lêem as *Georgicas*, pega se indifferentemente no poeta latino ou no seu interprete portuguez e em ambos se tem Virgilio á vista, a tal ponto elle foi nesta obra traductor primoroso, sem versos parasitas, traduzindo com vida, fidelidade, côr, desenho, correcção, harmonia, tudo. E em todas as suas obras originaes sentia-se um moralista e um poeta, revelando-se em conceitos de uma gravidade penetrante, profunda, propria de uma alma apaixonada e verdadeiramente humana.

Garrett teria sido menos popular do que Herculano, e do que Castilho, apesar da grandeza rara do seu genio, ou talvez por causa d'isso mesmo, se não fôra o theatro. O povo conheceu-o pelo *Alfageme ou a Espada do Condestavel;* não o conhecia pelo *Auto de Gil Vicente*, nem viria a conhecê-lo pelo *Frei Luiz de Sousa,* que nunca

attraira publico, nem pela *Sobrinha do Marquez*, que foi pateada. O *Alfageme* foi a grande peça portugueza para o publico do seu tempo. O theatro pô-la em scena com esmero, mandou pintores a Santarem para trasladar as vistas, e escripturou cantores para os córos do primeiro acto. O publico percebeu-o, admirou-o, e de alguma maneira ficou entendendo mais vagamente, ou menos vagamente, que aquelle homem tinha o condão especial e superior de fazer sempre grande tudo em que mechesse... Não tratou de se informar muito a seu respeito, mas acreditou que elle fosse extraordinario; e depois constou-lhe que Garrett estivera em França e em Inglaterra, trabalhando, escrevendo; que algumas de suas obras ali haviam sido escriptas e publicadas; que era conhecido, que era considerado lá fóra... O estrangeiro foi sempre, de algum modo, para nós, um principio de posteridade.



166 — Edificio do Governo Civil

Herculano impunha mais, pelo facto de se saber que era homem de estudos austeros e ao mesmo tempo de opiniões inabalaveis, capaz de as defender quando fosse preciso com firmeza e com logica, encostando-se a grandes e velhos livros, a uma papelada immensa e riquissima, reforçando isso com um talento vigoroso, um raciocinar seguro, e uma habitual reserva e isenção que ainda dava maior valor a esse trabalhador obstinado e infatigavel, sempre á procura de augmentar a sua erudição, vivendo num casaréo immenso, lá na Ajuda, não saindo d'ali senão para ir á Torre do Tombo. Era o homem do retiro estudioso, da existencia de trabalho desinteressado.

167 — Os cegos da viola

Garrett, não. Garrett estudára immenso, sabia immenso, trabalhava immenso, foi por si só, elle, uma literatura, como disse de uma vez Carlos Bento; mas, para a opinião, para os mediocres, o mesmo que dizer para quasi toda a gente, Garrett era um homem de talento, mas perdendo quasi todo o tempo na elegancia e nos amores. Erudito, mas homem de gosto por excellencia, como nunca houve em Portugal, como difficilmente tornará a haver, Garrett nem na escripta nem na vida era gêbo: o paiz era gêbo, e embirrava com isso.

Quando se falava de Garrett, não se ouvia logo dizer de todos os lados:

— Oh! que espirito! Oh! que poeta! Oh! que artista!

O que se ouvia dizer era isto:

— Oh! que homem tão affectado! Tem tudo postiço...

— Tudo!

— Cabellos, dentes, barrigas das pernas... Até usa espartilho!

A elegancia nessa época era antipathica. Dizer elegancia equivalia a dizer *Sociedade do Delirio,* equivalia a dizer Marquez de Niza...

O Marquez de Niza espalhava terror em Lisboa, como os demonios das magicas espalham fumo de si quando saltam do alçapão. Era o typo do gentil-homem de raça e espirito; entrára na vida por uma porta doirada, conseguiu levar em Lisboa durante muitos annos uma existencia caprichosa, foi o ultimo elegante, o ultimo gastador esplendido e notavel pelas extravagancias, tambem notavel pela sagacidade, pelo espirito e pela illustração. A vastidão dos seus conhecimentos collocava-o já perto do que se chama um sabio, se é certo o que d'elle julgavam os competentes, que o conheceram e o trataram. Quando a gente de hoje entrava no que propriamente se chama mundo, ia elle já a retirar-se. Era homem de immenso espirito, e ainda que haja quem diga que o espirito e o talento andam ahi pelas ruas a cada canto, a verdade é que os que dizem isso teem a vista curta; os homens verdadeiramente de espirito teem sempre sido raros em Portugal. Ha muito quem faça profissão das coisas, e pouco quem esteja no caso de se abalançar a isso, a não ser como o uso tem auctorisado, por filaucia e não por direito; tem havido trezentos homens a fazerem versos, no paiz, e só dois ou tres poetas; todos teem servido aqui para deputados, e sempre se tem apontado a dedo algum, raro, que pense e fale.

No fim de uns poucos de annos de vida elegante, cortada nos ultimos tempos de luctas e de difficuldades, o Marquez de Niza ouviu uma noite, por entre o tinir dos copos e do riso, estalar o lagedo sob as passadas temiveis do Commendador, como na peça antiga. Era a edade que lhe ia subindo a escada, levando adeante de si o espectro da doença...

O Marquez quiz ainda desafia-la:

— Olá! Aqui tem cadeira, e talher... Toque neste copo!

A ceia durou um anno e tanto. Acabou em Cauterets, onde o famoso fidalgo foi morrer. Nessa hora o Champagne em Portugal estremeceu nos copos!

Garrett era um erudito, mas a sua erudição vinha nas azas da poesia e da graça. Era um classico, mas escrevia para que todos o entendessem; e amava a singeleza, que é a grande condição nas artes, a divina simplicidade que foi o segredo de Canova, e o segredo de Bellini; era um delicado, applicando as suas raras faculdades a concepções que apresentavam sempre o caracter de uma originalidade bem definida e bem marcada. Era um poeta; puro, e sublime. Amou, lidou, cantou. Não considerava mediocre tudo que fosse paixão, sentimento; não condemnava o seu talento a viver no cume d'essa especie de Monte Branco a que se chama arte com *A* grande. Não encastelava substantivos e adjectivos raros a poder de velhos, e adoptava de vez em quando umas expressões que lhe pareciam proprias d'este tempo, por pensar talvez que caminhando as idéas não é natural que fiquem paradas as palavras, e que quem tem cabello se ponha de rabicho, só porque seu bisavô usava chinó. Chinó usava-o elle, coitado, mas era porque, segundo se dizia, desde que em pequeno déra uma queda, ficára com a cabeça estropiada.

Servia-lhe o estudo para dar os reflexos brilhantes que só o estudo pode dar, mas o gosto, a suprema prenda do talento, scintillava em tudo que elle escrevia como rebentando de um foco secreto e inexgotavel.

Teve uma vida agitada; passou com mais dedicação do que paixão no trilhar da politica: não amou verdadeiramente senão as letras, não gostou senão d'ellas e da arte, e do amor, e tambem da sua terra. Poderia ter vivido longe d'aqui, nalguma das nossas legações; mas os mais bellos logares do mundo não conseguiam fazer-lhe esquecer o paiz em que nascera; esse sentimento communica-o a natureza quando dá o sopro da vida a certas organisações poeticas e generosas. Fez muito pelas nossas coisas, por elle fizemos pouco, e quando foi ministro e decretou um dinheirito para haver Conservatorio, largaram a gritar os jornaes do tempo que não se queriam ministros poetas, e passa fóra esbanjadores, e ahi está para que servem os talentos... Mas elle continuou a gostar da terra, por ser a sua, e deixou-os falar. Arranquem um homem que viver perto do polo aos seus montes de gelo, se o quizerem ver esmorecido; transportem o africano para a nossa zona temperada, e terá saudades dos areaes ardentes... Assim tambem Garrett precisava d'essas mesmas amarguras que lhe deram, e que são sempre os mimos que Portugal dá aos que o illustram.

Foi um genio, Garrett. Não se pode falar d'elle como dos outros homens de Portugal, por mais notaveis que elles tenham sido. Era um artista superior, em tudo. Diz-se que Pericles, o olympico, tinha na tribuna o gesto sóbrio, a attitude tranquilla, a feição majestosa de uma estatua de marmore; Garrett teve nas letras, no theatro, no parlamento, a alta serenidade, a bella e luminosa singeleza que foi a primeira qualidade dos gregos dos bons tempos, e que será sempre o principal dote dos artistas.

Garrett foi um grande janota.

De todos os tempos nunca o janota foi bem aceite em Portugal. Em qualquer classe que appareça é certo que se torna sempre o alvo das ironias de todos. Nem a profissão, por mais inoffensiva, o salva. Ao proprio homem do mundo, sem pretensões a ser outra coisa, não se lhe perdôa, se as suas sobrecasacas são irreprehensiveis de côrte; se o *veston* cae direito sem uma prega; se a gravata é bem mordida, num laço perfeito, por uma simples perola; se o chapeu alto é lustroso como o setim, ou o côco d'uma côr menos vulgar e d'uma fórma ainda desconhecida nas ruas da Baixa! Os plumitivos, então, são ferozes com os seus camaradas de letras, para quem o vestuario não seja uma cousa inteiramente indifferente.

Garrett, tendo sido o primeiro janota do seu tempo, póde bem calcular-se a espessa couraça de desdem de que teve de se armar para resistir á chuva de ironias com que, a desproposito das suas *toilettes,* lhe pretendiam diminuir o valor literario.

Entretanto todo o mundo o sabe, porque os seus intimos não se cançavam de o referir, que nunca, em cada manhã, Garrett deixou de préviamente combinar, sábia e artisticamente, a composição do seu vestuario como um pintor que pacientemente prepara a sua paleta.

Assim, elle mandava primeiro collocar a sobrecasaca sobre as costas de uma cadeira, depois passava em revista os coletes variegados, dispunha o que escolhia sob as bandas da sobrecasaca, já eleita, estudando-lhe o effeito.

Em seguida, cabia a vez ás calças que, n'esse tempo, iam desde a captiva côr da clara flôr do alecrim até aos mais inverosimeis tons dos roxos sombrios.

Escolhidas, tomavam tambem logar no improvisado manequim com o cós já discretamente escondido por baixo do colete preferido.

Por ultimo era a vez das gravatas, e como essas se amontoavam ás duzias na vasta gaveta, a escolha era ainda mais demorada.

Só depois de mirar e remirar o effeito geral é que o Principe das letras e da elegancia definitivamente se resolvia a vestir-se.

Comprehende-se que um homem para quem o simples vestuario se tornava assim uma arte, tão complexa e complicada, merecendo-lhe os maiores cuidados do seu apu-

rado bom-gosto, fosse tambem na escripta do mais singelo periodo d'uma exigencia tão absoluta como impeccavel. E assim foi. E se algumas das suas brilhantes paginas parecem, á primeira vista, um pouco descosidas e destoando d'essa perfeição, lidas com cuidado facilmente se lhes descobre a limpida harmonia geral.

Indifferente ás criticas que lhe faziam, e que o accusavam de pejar a nossa lingua de inuteis francezismos, elle, que tão artisticamente a renovava e refundia, era egualmente indifferente aos que o apodavam de velho e ridiculo casquilho, sendo elle proprio, com inegualavel bom humor, o primeiro a divulgar e a fazer espirito com as suas fraquezas mais intimas.

168 — Aspecto do Rocio. No angulo nordeste

Assim contava que, cançado de aturar creados de Lisboa, resolvera pedir a um amigo da provincia para de lá lhe mandar um honesto aldeão, que elle desbravaria, e que pelas suas qualidades lhe fizesse esperar que por largo tempo se conservaria a seu serviço. Veiu o rapaz. Garrett, paternalmente, explicou-lhe que nos primeiros dias não tinha senão que reparar na sua *toilette*.

— O teu serviço resumir-se ha em muito pouco. Vestir-me e despir-me. O resto do tempo, depois de cuidares do meu quarto, pertence-te. E's livre. Farás o que entenderes.

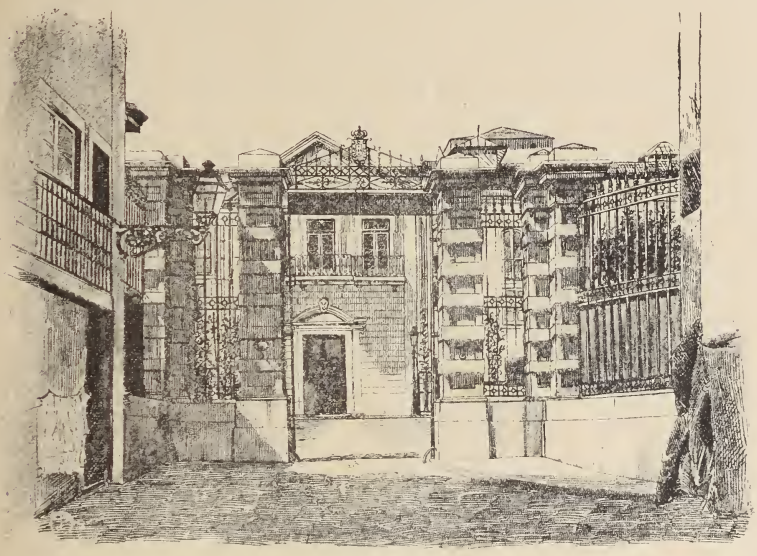
Quando nessa primeira noite Garrett chegou a casa, o creado correu a acender luz no quarto e, conforme as instrucções recebidas, postou-se immovel a um canto. Garrett principiou a despir-se, recommendando lhe que reparasse na ordem com que procedia. Paletot, casaca e colete pendurou-os, com cuidado, em cabides differentes. Antes de desfazer o nó da gravata pegou na cabelleira, collocou-a sobre a chaminé d'um candieiro apagado que descançava em cima da bojuda commoda. Nesse instante não lhe escapou um ligeiro movimento de assombro do creado.

Depois, e com um pequeno esforço da mão esquerda, tirou a dentadura que depoz sobre o lavatorio. O creado estremeceu. Garrett, impassivel, como quem não tinha re-

parado, sentou-se e, já descalço, principiou a tirar a custo as calças. Em seguida, e olhando pelo canto do olho para o pobre rapaz que já tremia, desatou lentamente as postiças barrigas das pernas que, numa curva graciosa, mais esticavam as calças estreitas. Amorosamente estendeu as fofas almofadinhas sobre um pequeno banco ao lado da cadeira. O creado empallideceu, tornando-se livido. Garrett, muito serenamente, levantou-se da cadeira e voltando-se para o rapaz, disse lhe, fazendo com a mão direita um rapido e expressivo movimento rotativo:

—Agora, Francisco, desatarracha-me a cabeça e põe-m'a com cuidado em cima d'aquella mesa!

O pobre pacovio, apavorado e aos gritos, desatou a correr pela casa fóra, batendo



169 — Hospital de Rilhafolles

em baixo com estrepito a porta da rua, por onde fugiu. Nunca mais voltou a apparecer.

Garrett só lhe pareceu comprida aquella noite pelo muito que lhe tardava referir a comica aventura, em que elle era o principal protogonista, aos seus amigos.

Foi com esta superioridade pelas suas proprias fraquezas que Garrett poude, e sem ridiculo, atravessar a vida conservando no seu aspecto exterior a apparencia de mocidade que sentia, cheia de viço e frescura, no sempre apaixonado coração.

Disse-se que Lisboa era gêba nesse tempo. Pois é verdade que era, mas emfim tinha a desculpa de não estar civilisada; hoje é que já não tem nenhuma.

Até fez gala de acabar com quasi tudo que tinha de bem seu. Preferiu, por exemplo — a tempo em que nem se pensava em americanos — acabar com os omnibus, os antigos omnibus, que tanto de algum modo se pareciam com ella. Inventou tudo para se ver livre d'elles. Chegou a calumniar os cavallos, dizendo que tinham sarna!

E não tinham. Coçavam-se por enfado, aborrecidos da vida com essas coisas todas; ia-lhes isso fazendo sarna, effectivamente, mas nunca a chegaram a ter.

Queridos e veneraveis omnibus! Lembrarmo-nos que nunca mais tornámos a ver aquellas caixas formidolosas, aquellas bisarmas, aquellas panças de elephante, bumba, bumba, por essas ruas fóra, enchendo as de lado a lado e levantando-se até á altura dos terceiros andares! Quanto eram imponentes na sua deformidade! Que brutalidade majestatica! Mal feitões, desairosos, pantafassudos, tudo que quizerem, mas graves, sinceros, omnibus boas pessoas, como uns valentões que ha de barriga saída e pata grande, com quem se póde contar para tudo!

Quando elles desciam a Calçada de S. Sebastião da Pedreira, era de uma pessoa, em os avistando, deitar a fugir: parecia que vinham arrasar tudo; eram omnibus dignos da Iliada, omnibus homericos, truz, catrapuz, abalando os predios em lhes passando perto, e fazendo benzer as lavadeiras, que os encontravam, montadas nos seus burrinhos, escabeceando com somno, e acordando espavoridas ao verem aquelle espectaculo monstruoso!

Que existencia de alternativas e vicissitudes! Quem lhes diria em 1835, por occasião da fundação da Companhia, que as coisas chegariam a esse triste desenlace! Tudo foi alegria nesse tempo, tudo pareceu sauda-los com enthusiasmo. Approvaram-se os estatutos em assembléa geral ao som de parabens:—«Felizmente!» «Ainda bem!» «Agora sim!» e viva! e viva! emittiram-se logo quarenta contos em quatrocentas acções de 100$000 réis; os directores recebiam abraços de toda a gente, conhecidos e não conhecidos, pela felicidade d'aquella idéa, pelos bons auspicios da empreza, para que fosse tudo cada vez melhor, como era de esperar e como havia razão para ser. Lisboa pulou de jubilo a gritar: — «Vamos ter omnibus!» com a alegria com que os rapazes dizem: — «A'manhã principio a fazer a barba!...» Mas do mesmo modo que nos cançamos d'essa felicidade de sentir na cara o sabão e a navalha, assim Lisboa se cançou dos omnibus, e pareceu, de repente, num bello dia, ver desdouro no que, de principio, só vira uma providencia!

Temos nós, os alfacinhas, grandes parecenças com os athenienses d'outros tempos. Não seremos tão espertos como elles, mas no genio não ha gente mais parecida; gostamos por exemplo mais de adivinhar as coisas do que as saber a preceito, que é o que lhes succedia a elles no dizer de Plutarco; elles eram muito cumprimenteiros, e nós somos tão attenciosos que andamos sempre a agradecer tudo nos jornaes, a quem nos trata bem, a quem nos dá chá, a quem nos cura o parente ou tambem a quem o deixa morrer; regalamo-nos de ser tafues, elles sobremaneira o eram; como elles sacrificamos tudo ao luxo, vivendo ás vezes que é uma lastima, a comer muito feijão e batata, para que assim nos chegue o remedio para as modas novas, que não iamos então mostrar para a Porta Dypilonica, mas para o Passeio Publico; finalmente, com o gostarem elles tanto de ver os navios de Carthago sulcar os mares em todas as direcções, para si não queriam aquillo, e nunca navegavam para lá das Columnas de Hercules — exactamente como nós, que nos gloriavamos muito de ter omnibus, muitissimo, realmente muito, mas para não andar nelles!

Numa noite de inverno houve fogo nas cocheiras, onde estavam dormindo socegadamente aquelles quarenta e nove cavallos tão conhecidos das viagens a Bemfica, ao Poço do Bispo, a Belem... Nesse mesmo anno foi rescindido pela Companhia o privilegio. Ninguem diria que aquelles quarenta e nove cavallos fossem d'uma proveniencia rara, filhos de mães egypcias descendentes da raça celebre dos Nejdi, infatigaveis a ponto de percorrerem quarenta leguas a galope sem parar um segundo para tomar folego, cavallos dignos de serem resgatados a preço de duzentos camellos; tambem não se pretendia que tivessem prendas galantes, como o pôr-se de joelhos, cumprimentar, apanhar o lenço de assoar, e marcar as horas com a pata; mas eram cavallos fortes, sãos, magnificos, e os omnibus descançavam neiles com uma confiança sem limites.

Os outros, os omnibus pequenos, que lhes faziam concorrencia, voltavam-se de vez em quando, e nisso realmente eram mais pittorescos. Estes, não: estes tinham só de tempos a tempos algum desarranjosito amavel para divertir os passageiros. Scenas graciosas.

— «De uma occasião, contava Julio Cesar Machado, vinham do Poço do Bispo duas senhoras com seus maridos; de repente, catrapuz! Passava um cirio, ao Terreiro do Trigo, e o cocheiro quiz romper.

— Pára ahi! Pára! Hé! Alto! Pára ahi!

Balburdia, policia, povo, o grande diabo. Apeia-se toda a gente; os maridos começam a parlamentar com a turba, defendendo o cocheiro, falando á policia, explicando-lhes o caso. As senhoras, assustadas, encostam-se a uma porta, á espera que aquillo serene. De repente ouve uma d'ellas dizerem-lhe:

— Coitadinha! Então está muito assustada?

Ella, moita. Apertava o braço á outra, que cuidou o homem ser conhecido da sua amiga por vêr o desembaraço com que lhe falava, e respondeu-lhe amavelmente:

— Ai! Estou a tremer toda! Se os prendem...

— Não prendem, não; e se o prenderem, logo o soltam. Vamos nós dar um passeio, minhas joiasinhas, para não estarmos aqui parados depois do susto, que até nos póde fazer mal. Não lhes parece acertado? Vamos lá, vamos...

Nisto apparece um dos maridos. Vê o homem de palestra com sua mulher e com a outra, cuida que é conhecido da outra, cumprimenta-o de muito bom modo:

— Muito boa noite!

Em seguida apparece o outro marido, vê o sujeito com a sua gente, tira o chapéu, dá-lhe a mão:

— Como tem passado?

E ahi ficavam todos contentes e iam de rancho conversando, como se se conhecessem de pequenos...»

Oh! grandes omnibus... Omnibus por excellencia!

Havia pobres, que não pediam nas paragens senão a quem ia nos omnibus da Companhia. Eram os melhores pobres. Eram os pobres mais ricos. De uma vez deu o cocheiro uma moeda de seis vintens a um d'elles — quando ainda havia moedas de seis vintens! E o pobre:

— Agora não tenho troco, Snr. Antonio!

— Bem, fica-m'o a dever.

E o pobre num extasi de gratidão:

— Deus o avivente e aos omnibus da Companhia até que eu lh'o pague, Snr. Antonio!

Era o desejo que elle tinha de tornar eternos os omnibus e o cocheiro! Mas tinha de ser; e os omnibus cairam de vez.

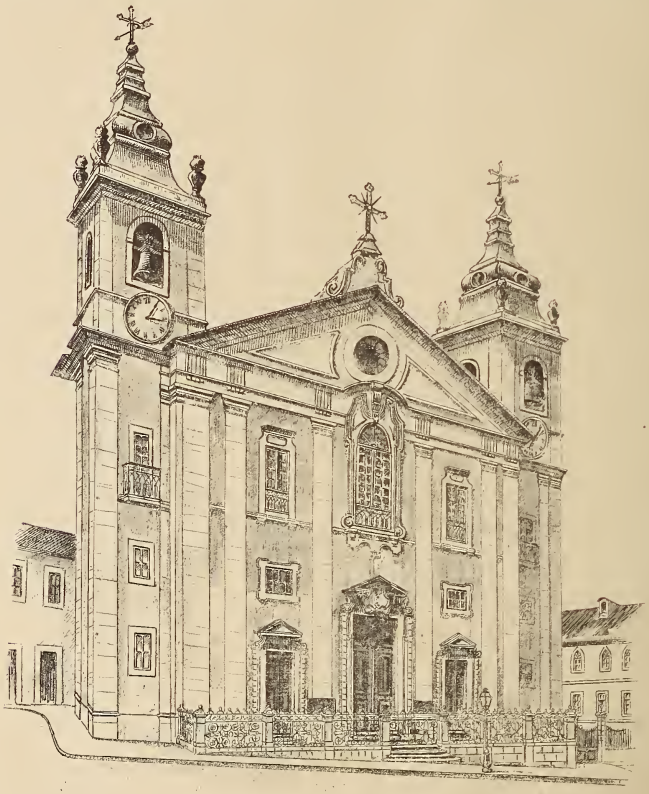
Quando passavam, enormes, pesados, methodicos, já a modo tristes, arredios, meio phantasticos, de um feitio que passara de época, vagarosos e abrutalhados como elephantes carregando torres, não eram já bem d'este mundo.

Á medida que temos visto fugir as prendas mais caracteristicas da Lisboa gêba, fingimos sempre ter saudades...

Uma da curiosidades lisbonenses eram os Tiples. Quem se não lembra ainda do famigerado Ferreirinha, cantor da Sé, que no *Kyrie eleison* brilhava em todas as Endoenças, mercê da sua voz agudissima de soprano? Muito alto, magro, fusco, deslavado, de carnes moles e pelles caídas, que fazia pena vêr. A julgar pela sua estatura, poderia ter sido um homemsarrão de extraordinaria corpolencia, se a sorte desde menino houvesse sido para elle mais piedosa. Não tinha barbas. As compridas e esgalgadas pernas

tinham um andar frouxo e fracalhão, e era triste o aspecto geral d'elle como o de um homem aborrecido e contrariado, a quem falte alguma coisa.

Por não cantarem senhoras nas egrejas, os pobres Tiples suppriam nas esganiçando-se, na certeza de que, qualquer que fosse a edade em que estivessem, nunca mais lhes mudava a voz! Chegaram a ter fama, e a serem muito estimados, esses exoticos



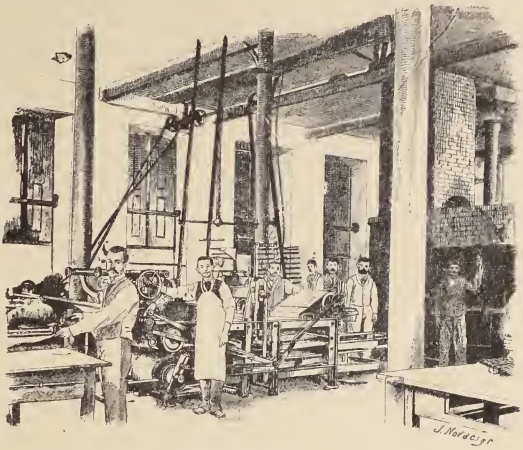
170 — Egreja de Santa Isabel

musicos. Aqui veiu a S. Carlos o celebre Crescentini, chamado lá por fóra o Orpheu italiano; e tanto este Ferreirinha se desempenhava a contento geral, que o Conde de Farrobo, tende ouvido os principaes cantores da Capella Sixtina, considerava-o — não diremos um digno descendente de Cafarelli ou de Farinelli, já que lhe seria difficil ter descendentes, mas um novo Proteu nesse genero, homem pelo traje, mulher pela voz.

Era opinião corrente que a musica sacra não podia passar sem estes sopranos artificiaes, que já não se fabricavam, mas de que as festas de egreja se iam servindo em quanto duravam; dizia-se que nunca as mulheres, no côro de uma egreja, fariam sobresair tão dignamente a pureza d'aquelles canticos!

Um conego Rebello, que aqui houve, e que era, como o Ferreirinha, grande frequentador de theatros, contava casos de se estalar de riso a respeito dos cantores da Sé. Quando o baixo Figueiredo cantou na Rua dos Condes o *Fra-Diavolo,* fazendo elle a parte principal, sendo a dama a Radich, e o inglez o Sargedas — o actor Victorino, que era homem muito distraido, largou a dirigir cumprimentos e louvores ao baixo, julgando-o tiple — com todos os requezitos d'essa prenda — só pelo facto de ser cantor da Sé...

— Não parece! dizia-lhe Victorino. Digo-lhe que não ha outro assim! Dê cá um abraço... E tem força! Ora, não ha! Ora, não ha! E' o caso mais raro! E que bella apparencia de homem, reforçado, com boa côr! Assim é que ainda não vi!



171 — Interior d'uma fabrica de bolachas

E o Figueiredo a agradecer, sem perceber bem o que motivava uma tão solemne estupefacção da parte d'aquelle comico primoroso.

O Bonifacio gozou tambem grande aureola como tiple, e quando elle ia cantar ao Loreto na novena de Nossa Senhora, caía ali o mundo em peso para se deliciar a ouvi-lo. Era musico consciencioso, alta e subida voz, forte nos agudos, e de melodiosa entoação. Mas o Ferreirinha era o rei dos Tiples.

172 — Quem quer uvas de vinha, quem quer boas uvas!

Com festas de egreja, procissões e philarmonicas se entretinha pacatamente a população. Havia de vez em quando sua fogueira ahi na cidade; pelo Espirito Santo estabelecia-se feira nas Amoreiras; em Outubro reinava a do Campo Grande, indo ranchos e ranchos de familias em burrinhos do Poço do Borratem, a comprar ali panno de linho, briche, nozes, passas, para todo o anno; de tempos a tempos dava-se peça nova na Rua dos Condes ou no Salitre, ia-se para lá chorar um bocado com o Epiphanio e rir outro bocado com o Lisboa, com o Sargedas, com o Theodorico; depois abriu o Theatro de D. Maria, o theatro *agrião* como se lhe chamava, e guerreou se isso por ser novidade, e não se quererem novidades numa terra onde a gente vivera e engordara ao doce e benefico remanso das velharias e do *statu quo.*

Quando algum dos nossos compatriotas, que houvesse saido do paiz com o destino de seguir estudos no Estrangeiro, voltava a Lisboa no fim de annos, esfregava os olhos como fazem os principes nas magicas ao regressarem de suas maravilhosas viagens á aldeia de onde tinham partido.

Havia de tudo naquelle tempo. Era pedir por boca. Trabalhava-se por gosto, em todos os generos, e a valer. Ouvia-se um caso da *Sociedade do Delirio,* o da mulher que ia pelo braço de seu marido e á qual um dos terriveis ia dar um beijo, ou o da actriz raptada: mas ouviam-se outras coisas bem differentes d'essas, ouvia se que o Garrett publicava o *Arco de Sant'Anna* e que Alexandre Herculano encetava a *Historia de Portugal;* que um erudito prendado como poucos da sciencia da antiguidade, Viale, ia-se ao mais antigo livro de todo o mundo abaixo de Moysés, e, sem mais tir'te nem guard'te, entregava-se de cabeça, como diz o povo, a traduzir Homero; que um escriptor do mais completo merecimento, homem de subido talento, de immensa instrucção, o mais infatigavel trabalhador sem nunca deixar de ser o espirito mais agradavel e menos dado aos azedumes e vindictas em que os homens de letras tantas vezes se consomem a si e aos outros, Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, fundava um jornal valioso — *A Illustração.* Nessa *Illustração* principiou a publicar-se um romance portuguez intitulado *Roberto Valença,* sem nome de auctor, mas escripto com uma facilidade, uma graça natural, que lembrava o *Gil Braz* e o *Tom Jones.* Não era aquelle jogo frivolo do espirito em que consistia o grande entretimento das novellas, era a comedia e a vida, e tudo bem combinado entre o escriptor e o linguista, tirando o melhor partido da propriedade das expressões, artificio da palavra, engenho e variedade da phrase. Só muito depois se soube que o auctor d'esse romance era Teixeira de Vasconcellos.

Como eram bem feitos, como eram bem pensados e bem dirigidos alguns jornaes literarios d'esse tempo, o *Panorama,* a *Revista Universal Lisbonense!*

Dizia Manuel Passos:

— Se acabarem a *Revista* e o *Panorama,* o melhor será não haver senão um jornal, o que publicar os actos e manifestos do governo; porque esse ninguem o lê.

E acabaram.

As attenções principiaram a fugir para a imprensa politica. O que mais captivava era exactamente a circumstancia de ainda não se perceber bem o direito da imprensa para com o governo e para com o publico. Theoricos e praticos davam nesse ponto grandes concertos, em que se desafinava muito. Entendiam uns que, como principio, a imprensa não tinha direito algum senão o que se lhe concedesse, e que os jornalistas usurpavam e exerciam sem mandato um poder exorbitante, que fazia que, pelo facto de ser imprensa, tivesse mais peso nos negocios publicos, mas incomparavelmente mais, do que as deliberações das Camaras.

Mas pensava um ou outro, e pensava bem, que sendo a imprensa um poder irregular, tinha uma grande prenda a seu favor, que vinha a ser a de qualquer, isto é toda a gente, poder entrar nella quando quizesse. Via-se que os jornaes, em caso definitivo, não exprimiam senão a opinião publica tomada nas suas infinitas divisões, e que o governo devia ter interesse em consultar todos os dias essa especie de thermometro das paixões politicas.

Pensou-se que, num paiz como o nosso, em que a policia não teve nunca significação, e em que a cada passo se encontravam por Lisboa uns patetas, ou uns pobre diabos, que campavam umas vezes de infelizes, outras até de janotas, e de quem se dizia á boca cheia que viviam pelos cofres do Governo Civil, sem ninguem fazer caso d'elles nem para os evitar, nem para se deixar surprehender, a imprensa poderia fazer, independente, o que a policia sendo paga não fez nunca, que era insinuar o governo ácerca do estado dos espiritos e dos planos dos partidos. A liberdade, a justiça e a razão, fariam depois balança e equilibrio de tudo isso.

O resultado foi simplesmente ficarmos da força dos hebreus no que respeitou a instituições: os que eram do regimen dos Patriarchas, abominaram os do regimen dos

Juizes; os que eram do regimen dos Reis não podiam ver os dos grandes Pontifices...

Já então o governo dava para tudo. Quem ha de fazer isto? o governo. Quem tem a culpa d'aquillo? o governo. O governo era uma entidade vaga, que não punha de manhã o chapeu na cabeça para ir tratar da sua vida, e tinha de responder pelos desacertos dos que tratavam só de si. Foi durante um tempo uma inferneira. Até os ferrolhos do Castello de S. Jorge e os do Limoeiro pensaram tão pouco nos seus interesses, que corriam e abriam-se quando menos se esperava...

A rua teve tambem a sua epoca de festa, mercê dos batalhões nacionaes, dos *bataréos,* como foi costume chamar lhes.

Que bonita tropa!

Que abundancia de coroneis e de tenentes-coroneis! Era tanta a officialidade, que só d'ella se fez um regimento.

O povo chamava-lhe o *Batalhão dos Panças,* por ser composto, em grande parte, de praças em que as proporções abdominaes não avultavam menos que a importancia dos seus serviços. Eram officiaes, todos elles, dos antigos batalhões que desde 1833 haviam formado os batalhões moveis e a milicia nacional. Na cabeça traziam uns zabumbas em guiza de barretinas; e ao hombro umas espingardinhas pouco differentes das que servem para desenvolver o espirito bellico da infancia.

Além d'este regimento havia os dois regimentos moveis de atiradores, conhecido o primeiro por *Batalhão do Falcão,* por ser seu commandante o antigo ministro da Marinha Joaquim José Falcão, e era composto na sua maioria de empregados do Ministerio da Marinha; o segundo movel era conhecido por *Batalhão do Joãosinho*, ou da *Pescada,* por ser seu commandante o chefe da repartição do Pescado. O commandante d'este aproveitou o tirocinio que em 33 havia tido na milicia, e levou o regimento a um estado de instrucção, que foi falado, muito falado, dizendo se que rivalisava com os mais dextros de linha.

Havia o Batalhão das Obras Publicas, ou da *Caliça,* composto de operarios das Obras Publicas, e muito numeroso. D'este corpo era a guarda do Limoeiro, quando se abriram as suas portas, e sairam os presos politicos ali detidos.

Tinhamos o Batalhão da Carta com a sua companhia de ricos proprietarios do Algarve, e não nos esqueça registrar que nelle foi capitão Mendes Leal. Tinhamos mais a Artilheria Nacional, correndo a respeito d'este o boato de que acobertava muitos fadistas de Alfama e do Bairro Alto.

Tinhamos ainda o Corpo Commercial, dois batalhões de negociantes de todas as especies, boa musica, correias de polimento com emblemas de prata, o encanto das ruas da Baixa, quando iam em formatura á missa de S. Domingos.

Os dois corpos onde se alistava o beijinho da sociedade lisbonense eram o Esquadrão Nacional, commandado pelo Conde de Farrobo, e o Batalhão de Empregados Publicos, commandado pelo Conde de S. Payo. Para assentar praça no Esquadrão era necessario ter cavallo seu. Era o corpo dos marialvas da época. Mais de uma vez as patrulhas, que policiavam a cidade, foram encontradas em flagrante colloquio amoroso, ou escoltando carruagens mysteriosas em que se suspeitava que ia alguma comica... Fizeram grande impressão nas senhoras esses dois batalhões; deve-se-lhes em grande parte o prestigio, a sympathia pela farda, que foi durante annos um dos grandes segredos da tentação lisbonense...

— Um alferes!

— Um tenente!

— Um capitão... O' ceus! como então era costume dizer. O' ceus!...

O Batalhão de Empregados Publicos era formado da multidão que povoa as secretarias e severas repartições do Estado. Bem composto e fornecido de praças. Havia

uma companhia destinada ao pittoresco: chamavam-lhe do *Pau e corda;* formava-a o pessoal da companhia braçal da Alfandega. Os officiaes e praças do batalhão, que eram os da *Agua de Colonia*, fizeram cara á admissão d'essa gente no corpo que tinha por soldados muitos commendadores e conselheiros. Afinal resolveu-se formar do pessoal da Alfandega uma companhia á parte; e lá se introduziu uma, commandada por officiaes da guarda das Alfandegas. Era um batalhão um pouco á moda de Gerolstein, com uma disciplina de phantasia, um trecho de opera para gritar álerta, e saindo do quartel em seges para a guarda das Francezinhas, pela Semana Santa.

Conta-se que de uma occasião ou de outra a ronda superior, fazendo o seu serviço fóra das horas do costume, encontrou a sentinella em mangas de camisa, fumando

173 — Um doente no Hostipal de S. José

o seu charuto, repotreado numa cadeira de braços, e, ao mesmo tempo que guardava o edificio do Estado, entretendo o espirito com a leitura de algum romance de Alexandre Dumas. Pelas noites o corpo da guarda tornava-se em sala de concertos; tocava-se, cantava-se, jogava-se, e as paredes restauradas da casa da tarimba ecooavam duettos de flauta e rebeca, arias de Rossini, walsas de Strauss e de um compatriota nosso, vocação graciosa, Silvestre Pereira, o Silvestre das Walsas como lhe chamavam, tocadas ali a violoncello, cornetim e outros instrumentos. Então sob a fardeta do soldado se denunciava o cavalheiro, o dandy, o homem das salas. Referiam os boatos populares que muitas vezes um moço de fretes, envergando o capote de policia e sobraçando as correias, fizera o serviço da sentinella, a dois tostões por cabeça, o que lhe grangeava uma boa propina pelo serviço da noite e o disfrute dos descantes.

Os moços de fretes attingiam nessa quadra proporções extraordinarias. Encostados á esquina, de saco no braço e barrete aprumado, deixando-lhe de fóra a orelha para ouvir logo o psichiu! de quem os chamava, contemplavam desvanecidos as glorias militares do tempo, e sorriam com malicia para os mysterios de que só elles tinham a chave, fumando, descuidosos da patria, o seu cigarro ao sol.

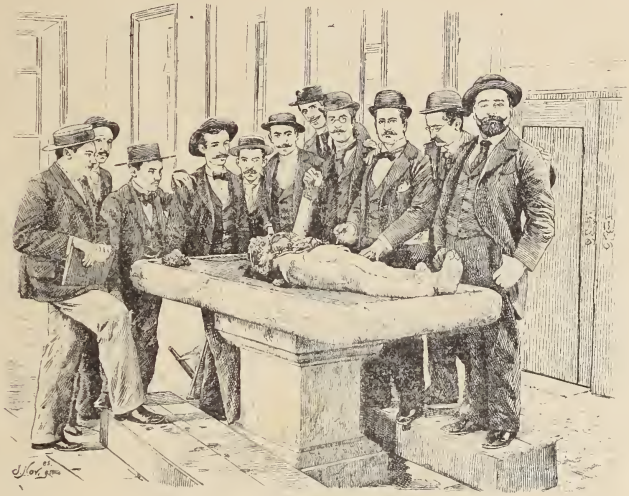
Conheciam tudo, conheciam todos, vivendo na rua e da rua.

Tinham freguezes de carta por dia, neste batalhão, ou naquelle. Em levando a missiva, voltavam logo para a esquina, a esperar que lhes trouxessem outra.

Eram homens para casos formidandos. Pau para toda a obra. Em se querendo,

atormentavam de manhã, mezes a fio, acordando-o á força de toque de campainha, algum devedor rebelde; íam na pista, um dia inteiro, de uma familia que andasse a visitar as egrejas em Quinta Feira Santa, tinham arte de a seguir na sombra, de ouvir dois officios e um sermão, de não perderem o faro na confusão e na balburdia, e de irem gentilmente á meia noite e um quarto acompanha-la em distancia até o domicilio — só para dizerem depois a um cavalheiro, que lh'o incumbira, onde ficava a vivenda d'aquella que mais tarde poderia vir a dar-lhe a mão de esposa.

Vida nómada, vida airada e leve; segurar cavallos no Terreiro do Paço; deitar ramos, e atirar das torrinhas de boca versos de côres ás bailarinas; ir buscar o jantar



174 — Na casa das dissecções da Escola Medico-Cirurgica

para algum castellinho mysterioso, nalguma rua isolada, onde, sem ninguem o sonhar, alguma grande senhora fosse ás vezes passar o dia longe do seu palacio, na penumbra encantada dos amantes. Quando Flavio queria dar-se o prazer de vêr em sua honra voarem pombinhos em recita de beneficio, eram elles que iam ás varandas despedir essas ternas aves — com tal meiguice ás vezes, que lhes atavam um cordel á aza para não voarem de todo e reservarem uma ao menos para o arroz da ceia.

Tinham um typo geral. Caía-lhes um pouco para cima dos olhos a melena classica dos pensadores; duas farripas á maneira dos Girardin; ar profundo e firme; nariz abundante, o nariz dos fortes; mostrando mais a mão esquerda do que a direita, como succedia por coquetismo natural aos artistas e aos poetas, que nunca punham em evidencia a mão que trabalha, a mão dos prodigios, a mão gloriosa; corpo á fresca, em mangas de camisa; calça larga e curta, a calça da intrepidez e da agilidade; sapato grosso e sólido, e suspensorio, o suspensorio dos estadistas, o suspensorio dos prudentes e dos firmes!

Eram os confidentes da vida e dos negocios, os correios do trato social. A que poderiam elles aspirar de mais nobre que serem uteis aos seus conterraneos, nesses tempos arriscados e de guerra?

Altivos de mais para pegarem no barril e venderem agua como os gallegos seus competidores e seus rivaes, olhavam-os sem odio mas com desdem, e não lhes invejavam sequer a sobriedade, elles que eram nisso o contrario dos heroes de Tuy e de Redondella, amantes do copo de bom vinho que lhes offereciam na guarda, onde levassem alguma boa nova, amantes até da herva-doce no armazem que ficasse mais perto, onde estabeleciam escriptorio, emquanto aquella paixão rendesse, olhando para o que ia, e sorrindo de tudo numa beatitude de cassoistas.

O primeiro cuidado dos soldados da guarda era arranjar namoro de visinha que lhes proporcionasse colloquio nocturno e lhes fizesse passar agradavelmente os quartos da sentinella da noite. As bellas mostravam-se grandemente sensiveis a essas attenções. Ao largar da agulha não se ouvia de janella para janella senão conversar a respeito d'estes guerreiros e discutir como era que devia ser o verdadeiro militar...

— Nem alto nem baixo, nem gordo nem magro, mão delgada, pé pequeno, cintura fina... E' o ideal! dizia uma.

— E a barba?

— Só bigode, bigode comprido, fino, engraçado. As suissas fazem a cara larga, e a pera só vae bem aos cabos de policia! Bigode, bigode só...

— Bigode e pera tambem é bem bonito! suspirava outra. Ainda torna mais completa a phisionomia de um alferes!

— Não posso ouvir semelhante coisa! A pera ou é bisonha, ou é presumida. Bigode é que é o caso; principalmente se nunca foi cortado. E' o que enfeita mais a cara de um homem. Militar sem bigode é como uma vassoura sem barbas! Mas que o não aparem. Bigode aparado não tem caracter; é como o rabo dos cães de ratos, que não se pode apreciar...

E os pobres militares, coitados, não eram senhores das barbas. Uma pedia *mosca,* outra queria *á ingleza,* outra a barba toda *á porta-machado.* Faziam os barbeiros doidos. Conforme os namoros, assim lhes andava a cara.

Algumas bellas levavam as noites num gargarejo permanente, e passavam de namorado á proporção que a sentinella era rendida. Outras, para lhes tornar a sentinella menos cruel, tocavam ao piano, de janella aberta, algumas melodias ternas, e por muitas vezes lhes juntavam em branda voz a letra de modinhas, correspondencia lyrica entre a pianista e o Marte amoroso, que de espingarda ao hombro esperava a hora feliz do render da guarda para envergar a sobrecasaca, empunhar a chibatinha, e ir rondar a conquista.

O Marquez de Fronteira era o commandante geral dos Batalhões nacionaes, e o seu estado maior era brilhantissimo. A sua maior campanha foi a da permanencia de cinco dias nas linhas, quando as forças revoltadas da Junta do Porto pretenderam atacar a capital, o que não teve logar, devido ao revez de Torres Vedras.

Durante a estada nas linhas, os nomes dos caudilhos da revolução, que eram o Conde das Antas, então ex-General Xavier e o Visconde (depois Marquez de Sá da Bandeira, destituido do seu titulo e designado nos papeis officiaes por ex-General Sá Nogueira), eram ouvidos com terror pela milicia da capital. Mais de uma cabelleira, frizada pelo Baron, poderia arripiar-se debaixo do bonet de policia, ao ouvir os canhões, que feriam tiros durante o estacionamento das forças em Setubal e Alto do Viso. Muitas pernas poderiam vergar no serviço de descoberta, quando se imaginava que as forças patuléas apparecessem em frente das linhas. Mas nem as pernas vergavam, nem tremiam as cabelleiras. Até, por maior galanteria, as forças milicianas desabafaram os seus receios em guizotes da ração, que o estado fornecia, como se fosse a tropa em campanha; e D. Pedro de Brito do Rio, então quartel-mestre do Batalhão de Empregados Publicos, viu-se em mil embaraços na distribuição do pão de munição e aguardente ás

forças do seu corpo, que aguardavam a opportunidade para trocarem tudo isso a dinheiro, e voltarem-se para uns rancheiros especiaes que forneciam ranchos de boa sociedade, em que a canja de gallinha e o prezunto formavam a base dos almoços e jantares das elegantes praças do batalhão da *Agua de Colonia*.

Lisboa admirou todos esses gentis militares; gostou d'elles como a *Gran-Duqueza*. Lisboa gostava da farda deslumbrante, dos uniformes multicôres, dos cavallos trotando a compasso, da charanga harmoniosa, das bayonetas que luzem ao sol, e do brilho das espadas cortando a poeira das ruas.

Por um triz a valentia dos batalhões esteve a ponto de ser experimentada nessa quadra memoranda; e algumas provas de valor collectivo d'essa milicia deixaram perceber, com agrado geral, que em occasião opportuna poderia ter-se confiança nas forças que a compunham.

Ia a romper o grande diabo, e a coisa estava a estalar quando chegou a noticia de que em Torres Vedras se tinha tornado inutil o reforço bellico da milicia nacional da capital. As musicas tocaram então, e chegaram a parecer alegres; a marcha dos pelotões foi regular, e póde dizer-se que apressada quando das linhas dos corpos regressaram para casa; mas convinha observar melhor, e vêr-se-ia que existia *in petto* a a saudade d'esses tempos de guerra, não diremos propriamente gloriosos, mas brilhantes!

Um grande maganão perturbou por vezes com o ridiculo os lances mais sisudos e solemnes d'esses tempos. Chamava-se Bernardino Martins, e tinha um jornal engraçadissimo intitulado *Suplemento Burlesco*.

A caricatura tentou viver, mas não poude; tratava sempre das mesmas pessoas, dava sempre as mesmas figuras: a Rainha, o Rei D. Fernando, o Conde de Thomar. A sua unica variedade consistia nas caras do Saldanha, que appareceu desenhado de mil maneiras. A simpathia popular que o Duque inspirava resistia porém a tudo isso; depois, mesmo em caricatura, elle nunca podia ficar feio, tão notaveis eram aquella rara esbeltesa, aquella boca insinuante, aquelle grande ar, quasi porte real.

O Martins do *Burlesco* era um grande elegante, que conhecia bem a vida pelo lado deleitoso e facil, e tinha nesse tempo o duplo segredo do bem-estar e da saude com dinheiro. Formava ao lado do Marquez de Niza, de Luiz Mendes de Vasconcellos, de D. Alvaro; subia e descia a seu gosto as largas escadarias dos palacios; chegava de França, onde folgara os primeiros dias da sua mocidade nos salões de Saint-Germain; tinha muitas relações; e regalava-se de ser propheta na sua terra, a mais difficil das habilidades de um homem de espirito. Por tudo isso trazia presas as attenções aos seus artigos do *Suplemento*.

Esse jornal fez propriamente o que se chama fazer época. No dia em que se publicava, não se falava d'outra coisa. Gostavam de o ler moços e velhos.

Porque nesse tempo havia velhos. Mas isso mesmo acabou. Já não ha velhos.

Os velhos d'esse tempo eram alegres, amaveis, joviaes, e sabiam fazer brilhar com graça os seus cabellos brancos...

Gostava-se d'isso; respeitava-se isso. Pela rua, quando se encontrava o Conselheiro Bayardo, Ildefonso Leopoldo Bayardo, ou Bayard, que era commendador da Conceição, cavalleiro de Christo, gran cruz da Rosa e de Carlos III, e ministro plenipotenciario em disponibilidade, toda a gente lhe tirava o chapeu, e não era por elle ser isso tudo, era por ser velho. Se póde haver graça e coquettismo na velhice, aquelle era na velhice o coquettismo e a graça. O cabello alvejava ao longe, o vestuario era sempre esmerado, como convém a um homem fino, que deve cuidar de si tenha que annos tiver. Sempre de gravata branca. Usava casaco comprido, á Palmerston, calça estreita, chapeu napoleonico. Era de uma urbanidade, de uma cortezia primorosa. Quando em

1856 um creado o assassinou, Lisboa teve verdadeira magua; como que disse adeus ao seu ultimo velho.

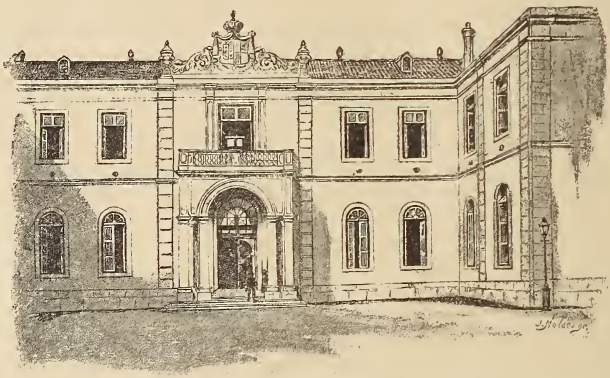
— Vens tão branco! dizia um d'estes velhos peralvilhos de hoje, que se tingem e burnem, a Antonio da Cunha Sotto Maior, quando elle veiu a Lisboa com licença.

— Venho de longe! respondeu elle.

— Sim, bem sei. Tens estado em Dinamarca. E' talvez má terra. Embranqueceste de todo!...

— Não, não, meu amigo, retrucou o excentrico diplomata. Isto lá é moda. Tinge-se um homem de branco por elegancia, quando chega a ser velho; exactamente como em Lisboa vocês se pintam para parecer que ainda teem o cabello preto!

O povo que se ri dos falsos elegantes, e dos que fingem de moços quando já o não são, tinha invencivel sympathia por esses typos de grande senhor. A popularidade é uma



175 — Hospital de D. Estephania

coisa muito mais rara do que se pensa, e isso nasce principalmente de que não é facil illudi-la para a captar. A popularidade alcança se por qualquer coisa, mas é preciso que essa coisa seja a valer. Do mesmo modo que o luxo é santo, porque auxilia o povo fazendo-o ganhar e viver, assim a elegancia o seduz por ser um ideal para elle. Deus te livre, diz o arabe, de alcançares o teu ideal! a elegancia não tem sequer esse perigo para o povo, que não pensa em a alcançar, mas se deleita em admira-la.

Outro nobre velho, o Duque de Loulé, que era a natureza menos propria para aspirar á popularidade, porque não tinha a vivacidade, a acção, a palavra, o tom, o rasgo que attrae o povo, ainda apesar de tudo isso se lhe impunha pela distincção especialissima que respirava em todo elle.

De uma vez, na Sala do Risco, D. Pedro V passeava com o Duque de Loulé, conversando; o povo, na galeria, entretinha-se em olhar para elles. Era D. Pedro V um rei muito estimado, e que tinha sobre todas a virtude de maior apreço para portuguezes, que é a modestia. Dir-se-ia que pedia desculpa á gente de ser rei. O Duque dava, como de rasão, a direita ao Rei e apressava ou retardava o passo conforme o andar da Majestade ia indicando. Nisto, D. Pedro passa lhe o braço por cima do hombro. O Duque pára, esquiva-se brandamente, e virando se para El-Rei, faz-lhe uma venia... Depois continuaram a passear. Mas d'ahi a pouco, D. Pedro V tornou a passar a mão pelo

hombro ao Duque. E o Duque tornou a parar, esquivou-se de novo e fez nova venia, como se lhe dissesse:

— Meu senhor, eu não sou rei, nós não somos iguaes, e, agradecendo respeitosamente esse favor, ao mesmo tempo indico a Vossa Majestade que tal familiaridade não augmenta a benevolencia de El-Rei e diminue o acerto e bom-gosto da minha modestia e do meu orgulho.

O povo entendeu isto d'esta maneira, e quando o Duque de Loulé saiu do Arsenal toda a gente falava do caso, e se descobria de tão boa vontade para saudar o bom Rei como o bom juizo do seu Ministro.

176 — Em busca do caldo, ao quartel

Que maior elegancia, por outra maneira, e de outro genero, do que a elegancia de José Estevam, que tambem era um original! Original em tudo!

Esse nascera fadado para falar ao povo. O povo quer ter sempre a vista entretida por imagens bem sensiveis e côres variadas; não differença bem isso a que os francezes chamam *nuances;* quer que lhe falem alto; não tem o ouvido ageitado a finuras delicadas; quer movimento, calor, franqueza, discursos em que circule grande intensidade de vida. As delicadezas do bem pensar e bem dizer tocam-lhe pouco. O povo queria a José Estevam tanto mais quanto elle se mostrou sempre desprendido de ambições pessoaes e das especulações da politica. Os discursos d'elle, trazidos para o *Diario do Governo*, eram como as reducções de operas para o piano, que empalidecem o original. As idéas que elle expendia eram sempre destinadas a ruidosas victorias; mas a commoção produzida era de tal ordem, que não poderia prolongar-se muito. Nunca se perde o que se semear no campo do progresso, e quando se foi grande homem, e homem de sempre trabalhar para o bem, como elle, attingiu-se o fim. Pode haver alcançado pouco; mas a lembrança, mas o exemplo ficam: e sempre é bom isso mesmo, por peores que vão os tempos; sempre é bom, exactamente por isso, por irem maus. Póde a gente ir de um pólo para o outro, de cá para lá e de lá para cá, vêr homens que furem a propria barriga, que comam carne crua, que atravessem o nariz com uma agulha de colchão, que pintem o corpo, que façam mil coisas qual d'ellas mais rara, o que lhe ha de custar a vêr seja onde fôr, quanto mais em terra de compadres onde quasi ninguem é pelo que vale senão pela ajuda que lhe dão, é essa especie verdadeiramente rara que d'antes se chamava dos «homens de principios!» Quem ainda viu José Estevam, viu isso.

177 — Merca a restea de alhos novos!

Não ha nada mais fugitivo que um discurso, ou um artigo de jornal; passa, como passa a actualidade: apaga-se o discurso de hoje, e o artigo de hoje, ao apparecerem os de ámanhã. A imprensa do tempo de José Estevam foi fecunda em trechos, que pareciam desafiar a possibilidade de um esquecimento rapido. Os inimigos do grande ora-

dor tentaram propalar a opinião de que elle, falando bem, escrevia mal. Estava-se na epoca dos triumphos jornalisticos de Sampaio, e a popularidade do celebre polemista absorvia a que podessem alcançar os artigos de José Estevam. Não se consente em Portugal que o mesmo homem possa ser superior em mais de um genero; enclausuramo-lo na especialidade em que obteve os primeiros triumphos, e consideramo lo perdido em saindo d'ella, prevendo queda infallivel por mais lesto que elle corra; prega-se-lhe com um alfinete o competente letreiro, depois de o catalogar, e fica prompto: nunca mais pode sair d'ali. Falava bem. Estava dito tudo; não poderia fazer mais nada. A ephemera duração das folhas volantes, e esse preconceito invencivel, condemnaram a uma apparição esteril alguns dos seus artigos, que seria util que houvessem durado. Apesar de passageira, a impressão produzida por elles deixava bons rasticios.

A quadra era fecunda. Começava uma democracia de trabalho e de producção, e a base d'essa sociedade nova estava no trabalho e na producção pessoal. José Estevam incitava o povo ao culto e amor das idéas, e incutia nos animos o odio ás trevas, á inercia, e á indifferença. E depois, era um artista; sincero, affectuoso, sublime, que attraia, levava tudo, em querendo, atraz de si.

Quando conversava, calavam-se todos; elle ás vezes não acabava bem as phrases, e parecia não se importar com ellas antes mesmo de as terminar, emquanto o assumpto lhe não interessava; gradualmente ia aquecendo: a voz era forte e dominadora, e elle acentuava certas silabas, certas palavras com uma pronuncia um pouco especial, que tantos imitadores teve depois. A sua phisionomia era verdadeiramente bella, d'uma pallidez insinuante, nariz fino, expressivo, olhos de um tamanho variavel, lucidos, persuasivos, cabellos fluctuando á mercê do vento e do acaso, finos, ondeados, formosa boca, sympathica, promettedora, boca de orador!

Tinha bons estudos, e a sua instrucção variada dava novo encanto aos dotes da sua eloquencia, e o cunho particular de vivacidade e de interesse que só se alcança por um fundo abundante de conhecimentos alliado a um talento natural; mas o seu principal condão era a espontaneidade, a expansão, a scentelha do genio!

Nas mais leves circumstancias da vida familiar, era sempre original, era sempre elle. Estava por exemplo em sua casa a jantar. O creado trazia o cosido; José Estevam, que gostava muito de toucinho, procurava o toucinho no prato e não o achava:

— Que é do toucinho?

O creado calava-se.

— Tu não ouves, ó Antonio? Onde está o toucinho?

— Esqueceu comprar mais; o cosinheiro disse que havia só um bocadito, e queria deita-lo na panella; mas como era poucochinho, achámos que mais valia não deitar nenhum.

José Estevam mettia a mão na algibeira, e tirava um cruzado novo.

— Toma lá. Doze vintens para ti, e doze vintens para o cosinheiro: duas bestas assim são raras!

Perdoava-se-lhe tudo, pela sinceridade de que elle dava prova a cada instante, e porque se estava habituado a vêr nelle uma creatura como que sobrenatural.

José Estevam ia todas as noites a casa de D. Pedro de Brito do Rio; mais cedo, mais tarde, depois do Gremio, depois do theatro, depois do jornal, elle lá ia. Uma noite estivera no Gremio até á meia noite, á meia noite saiu: chegou ao Loreto, sentou se num d'aquelles frades de pedra, que ainda ali havia no tempo dos casebres, e adormeceu. Passou um amigo, pasmou de o vêr ali, metteu-lhe o braço e foram seguindo para a Rua Formosa. Elle ia a andar e a dormir, positivamente a dormir. Chegados a casa de D. Pedro, abriu os olhos, trepou pela escada, chegou lá acima, sentou-se num sophá e continuou a dormir; mas já então era o meio-dormir a que elle era dado, um dormitar que

o deixava ouvir, e lhe permittia julgar das opiniões que soltavam os que o julgavam adormecido, até o instante em que lhe fizesse conta entrar na conversação. D'esse momento em deante, ninguem mais falava, o que todos queriam era ouvi-lo.

Não é facil citar ditos seus. Cita a gente de memoria, ou mesmo pode citar de as ter lido, palavras que elle pronunciasse; mas como ha de dar-se a acentuação, o gesto, a voz vibrante, o olhar inspirado, que eram tudo nelle? Ahi está que os seus retratos, parecidos sempre, ainda assim não dão por nenhuma maneira idéa da abundancia de vida, da força de organisação que admirava a todos que o viam.

A sua epoca ajudou-o muito. Era o tempo das grandes audacias febris, que voaram já como as andorinhas, mas não voltaram como ellas. Calaram-se as grandes vozes nos grandes peitos que então havia. O que distinguia José Estevam de um modo especial era o dom do estylo de improviso, saindo como a Pallas antiga, armado e a sorrir, d'aquelle cerebro fecundo: examina-lo era quasi impossivel. Era a inspiração de um talento superior, e de um homem que confiava em si e no seu amor pela liberdade, pelas coisas nobres e santas, pela independencia e pela patria; um grande coração, um orador sem rival, uma natureza digna de que a humanidade tivesse d'ella orgulho.

Esse homem foi durante muitos annos uma verdadeira gloria de Portugal, e, o que chegou a valer mais, uma das nossas felicidades. A presença d'elle originava uma especie de festa de familia, confundiam-se com os antigos amigos os novos, e com estes os que se preparavam para o ser, de uma geração mais recente; tinha, para todos, o que de ordinario não é dado senão aos moços, o privilegio de se ter esperanças nelle, esperanças tão variadas como as qualidades eminentes de que a sua vida foi um longo e magnifico testemunho, e entre ellas as mais vivas iam para o homem politico, porque tal era a corrente da época, e porque com esse titulo nos pertencia elle de um modo mais especial.

Já vae longe tudo isso. Já fica ao longe essa Lisboa, sincera na sua grandeza, grande na sua sinceridade.

Uma novidadesita que houvesse, entretinha por muito tempo, e todos a faziam render com o annota-la... Quando aqui appareceram os phosphoros no mercado, mugimos esse caso como quem muge uma vacca, e todas as manhãs tinhamos coisas que contar a respeito do grande perigo que offereciam os *palitos*, que era como se lhes chamava—*palitos phosphoricos* nos jornaes, *palitos para acender lume* na linguagem corrente. Que occasionavam incendios, que iamos morrer todos queimados, que as sociedades de seguros contra fogos protestavam contra isso nos paizes civilisados, e que para tudo terem de ruim até envenenavam os comestiveis...

Para recreio e chamariz do povo tinhamos os arraiaes que sempre duravam dois dias. Nessas festas, á noite, fogo de vistas, danças, folias, desordens, tumulto, alarido, atropelamentos no fugir, e pedrada brava. Ficavam sempre cabeças abertas, caras quebradas, e o regedor desattendido.

Era muito moda tambem, de vez em quando, desancar os cabos de segurança, apedrejar a tropa, e dar morras á Guarda Municipal. Era o povo; e nesse tempo o povo folgava á bruta, por não estar em moda serem brutos os das classes finas.

A' parte duas ou tres casas grandes, dois ou tres palacios, dois ou tres salões, a vida do que se chama a sociedade era serena e modesta. As senhoras bordavam a matiz quadros que agradavam muito; bordavam-se lenços, cabeções, faziam-se quadros de missanga, bordavam-se outros a cabello, faziam-se caixas de flores de cera, gaiolas de fio de linha, flores bordadas sobre papel, passarinhos bordados a canivete, barquinhos em casca de ovo...

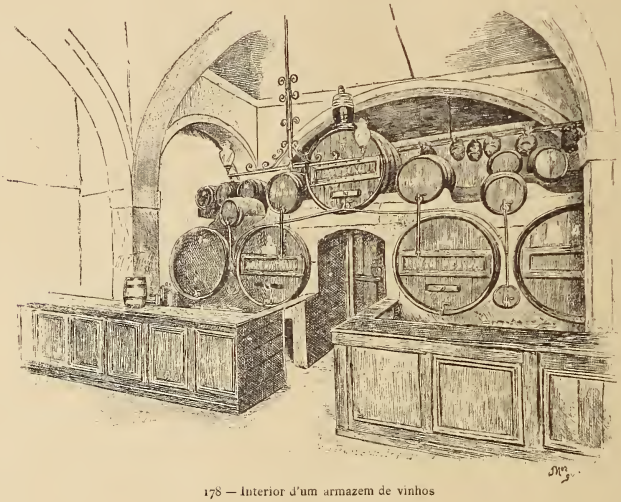
As meninas de Lisboa eram umas santinhas; quando muito, seroavam nos seus amores conversando de janella, mas isso mesmo com prudencia, e estando detraz d'ellas a irmã mais velha ou uma tia.

Tudo que era nosso nos parecia bem. Até chegámos a convencer-nos de que a saborosa musica portugueza podia ser a primeira em a gente querendo, e, para exemplo que confundisse todo o intento absurdo e desnacional, andavamos sempre a cantar o — *O' saloia dá-me um beijo!*

Era a innocencia de uma povoação pacata. A' noitinha fechavam-se as lojas. Toda a gente se recolhia cedo. Vivia-se contente assim.

Nisto appareceu a Polka, e illuminou-se a cidade a gaz.

A impressão que estes dois factos produziram em Lisboa, foi de tal ordem, e mudou logo tudo, mas tudo, tão de repente, que até o céo, limpo e transparente, que tinhamos, nunca mais foi como era!



178 — Interior d'um armazem de vinhos

Pouco a pouco foram-se escoando na sombra, calcurriando para a eternidade, todas essas creaturas extravagantes que formavam a estranha galeria dos typos d'essa Lisboa que desapparecia com elles — alegres uns, outros macambusios, mas todos verdadeiros typos, patuscos ou bisonhos, sublimes ou ridiculos, aventureiros ou pascacios, elegantes ou populares.

D'esses, apenas resta hoje a memoria nas paginas de alguns livros, que um vento novo sacode, desfolha, e arremessa aos remoinhos implacaveis d'um inverno de morte. E todavia, que encantadores livros esses, do melhor sabor bohemio e pittoresco, da mais preciosa e desafectada fórma literaria, do mais delicado e penetrante perfume de saudade! *Sob os cyprestes,* de Bulhão Pato; *Os Excentricos do meu tempo,* de Luiz Augusto Palmeirim; a *Bohemia antiga,* de D. Thomaz de Mello; a *Lisboa de outros tempos,* de Pinto de Carvalho; as *Viagens no Chiado,* de Eduardo de Barros Lobo...

Recordar é reviver. E recordar os typos que, atravez de tão diversas epocas, foram reatando sempre o mesmo fio de tradição patusca com que Lisboa prendia e lançava aos ares da galhofa o papagaio da sua phantasia — é reviver por momentos a vida d'esses tempos.

Já falámos, vagamente, do Marquez de Niza. Este pomposo fidalgo, cujos titulos recordam não só as maximas grandezas de Portugal, mas um facto historico que contribuiu poderosamente para uma nova civilisação, era acima de tudo um original. Os passos e as anecdotas da sua vida, desde os primeiros dias da sua mocidade, dariam para volumes.

Intelligencia fina, e de infancia cultivada com esmero, vocação artistica; gosto delicado; imaginação viva até á extravagancia; raro poder de assimilação — lia um livro uma vez, e ficava-o sabendo, como se fosse auctor d'elle! Outro dote possuia ainda, dote que tem extraordinario valor, o poder da seducção! Para ser artista consummado faltava-lhe o ideal da mulher. Na Venus, a plastica era tudo para elle, a alma nada! O opulento morgado teve esta pobresa. Quando o homem não divinisa a mulher, pode ás

179 — Palacio de Justiça Militar

vezes tornar-se num heroe, mas não será nunca homem da humanidade, nem grande artista. Tinha vóz de tenor, pequena, porém encantadora, e foi discipulo de Rubini, como tomara lições de rabeca com o famoso Paganini. A rabeca serviu-lhe nuns dias apertados; porque o Marquez teve sempre muito dinheiro, e precisou sempre de dinheiro.

Physionomia original, como o caracter. Libertino e mystico! Distincção suprema. Grandemente orgulhoso da sua prosapia, mas não o dando a sentir senão aos seus pares, ou aos gravatões dos ultimos dias. A paixão que o dominava era o jogo. Dizia-o elle proprio. Certo dia, depois de feita a escriptura de venda de uma das suas bellas propriedades, recebeu por saldo ainda assim avultadissima somma. O tabelião, um amigo do Marquez e de confiança com elle, perguntou-lhe, sorrindo maliciosamente:

— Snr. Marquez, perdôe V. Ex.ª, mas que vae fazer de todo esse dinheiro?

— Jogá-lo, a correr.

Não faltou á palavra.

Rolaram centos de libras sobre o panno verde. Perdia numa noite o patrimonio de uma familia, sem pestanejar! Até dos proprios vicios surgia o fidalgo de raça!

No meio das suas aventuras estudava. Em agricultura consultavam-no como mestre. Nas letras era distincto amador; sabia de cór cantos de Dante, Ariosto, Tasso, as odes de Manzoni, os versos de Foscolo e do Conde Leopardi, que recitava como um florentino.

Destro nas armas, atirando á pistola de modo que era admirado em Paris e Madrid. Falava na perfeição as principaes linguas da Europa. Entre os seus intimos havia sempre homens de letras. Chegava lhe o tempo para tudo: seduzir mulheres, jogar até altas horas, frequentar espectaculos, metter-se em politica, tratar das suas demandas! Ahi estão vivos ainda advogados, que podem dizer o que elle sabia de leis.

Vestia com a maior simpleza, mas com a maxima elegancia. Partindo para o campo punha na cabeça um panamá de cem mil réis! Nas ruas de Lisboa ninguem o viu senão de chapeu alto. Por onde seguia, mordendo o charuto havano, entoando um modilho favorito, deixava no ambiente effluvios de grão-senhor.

A pouco trecho de casado, o Marquez, obedecendo ao temperamento carnal e impetuoso, foi viajar pela Italia. Entre os variados episodios da sua vida, ahi se deu um, que tem todo o sabor de romance.

Faltou-lhe dinheiro. Não era raridade. Já de uma vez deitára mão da rabeca; d'esta, recorreu a outro expediente, ou por ventura lh'o sugeriu uma Eva, nascida nas brumas de Inglaterra.

Encontrára-se o Marquez com um inglez, que viajava principescamente; — carruagem propria com todos os commodos, creado grave, postilhão, e, para dizer com a opulencia da equipagem, uma filha dos seus dezoito annos, de cabellos pretos e olhos azues que, juntamente com uma boca fresca, bons dentes, e um leve frouxel sobre o beiço superior, a tornavam perigosa e picante creatura!

Apesar do sequito, ao inglez faltava-lhe ainda um correio diligente, para prevenir, nas pousadas, as horas da chegada, os quartos, a mesa, principalmente mesa pontual e opipara. Marquez de Niza achou o seu emprego. A insulana sympathisou com o novo famulo, notando-lhe singular distincção no porte! Logo na primeira paragem, o inglez ficou maravilhado. Jantar de apetite, Champagne frio, Bordeus morno, Marsala, vinho capitoso, que se assemelha ao nosso Madeira, e o Lacrima-Christi de tal sorte, que o inglez, depois de libar, exclamou, como fizera no Vesuvio um seu compatriota:

— O' Christo, porque não choraste na minha terra?!

No dia seguinte, vendo á janella que deitava para o jardim a filha do patrão, o Marquez, simulando não dar por ella, gorgeou uma *malagueña* com tal graça, que se a ingleza achava até ahi distincto o seu correio, parecia-lhe agora encantador! Correram dias. O Marquez, não raro, tinha de ter mão em si, quando o inglez lhe dava alguma ordem secca e imperativa, para não lhe enfiar uma cadeira pela cabeça abaixo.

Iam na direcção de Florença. Chegando a Pisa, o Marquez recebeu ordem, á vista, para dinheiro. Quando recebia dinheiro era sempre muito! Nesse mesmo dia mandou dizer ao patrão, pelo creado grave, que deixava o seu serviço. O inglez ficou varado, e a filha, que era alegrissima, tornou-se de um mau humor insuportavel.

O Marquez, a toda a brida, partiu para Florença. Tomou todo o primeiro andar do melhor hotel sobre o Arno! armoriou carruagem soberba, com as suas corôas floreteadas, fardou creados com as solariegas librés, e esperou o patrão e a filha, que não podiam tardar...

Calcule-se o assombro do orgulhoso bretão quando, ao querer tomar os quartos da hospedaria, deu de rosto com o seu correio, que fez como se nunca o tivesse visto, e lhe disseram que todo o pavimento estava alugado por aquelle grão-senhor, neto de Vasco da Gama, almirante dos mares da India, e Marquez de Niza! A' filha passou-lhe completamente o mau humor, e não se espantou nada. Sempre dissera comsigo que o seu correio devia de ser uma grande personagem. As mulheres adivinham!

Viajaram juntos. O Marquez era casado, e as inglezas são a castidade em pessoa, como é notorio. Chegaram a Napoles. Foram fazer uma excursão ao Vesuvio. E, emfim,

como o coração d'aquelle monte é de lava, não admira que no coração de ambos — Marquez e ingleza — se désse alguma explosão!...

Seria para volumes a parte aventureira e anecdotica da vida do Marquez de Niza. O brilhante aristocrata, porém, no meio das suas rapaziadas e raridades, tinha sempre tempo para se aplicar a alguma coisa em que mostrasse o seu engenho. Em agricultura os Chavões foram modelo em tempos, e depois, quando se incumbiu da construcção da Camara dos Pares, desempenhou-se com vantagem. Teve epoca em que andou na politica. Logo depois da Regeneração fundou um jornal contra o governo — *O Paiz*, de que foram redactores Alexandre Herculano, Antonio de Serpa, Andrade Corvo, Pinto Carneiro, Ernesto Biester e Bulhão Pato.

O Marquez de Niza, a pouco trecho dos seus protestos, atirou com o bordão e a esclavina, sacudiu as vieiras do chapeu, depoz o rosario com que se preparava para ir peregrinando até ao Santo Sepulcro, e engolfou-se no mar vertiginoso de toda a sua vida!

Em 1867 morava, ao Chiado, no predio proximo ao do Marrare do Polimento. O General Prim, entrando em Portugal, malograda a tentativa revolucionaria, veiu hospedar-se em casa do Marquez com quem tinha relações de boa estima de tempos passados, em Hespanha, quando ambos estavam na flôr da juventude.

Quem deixou de conhecer em Lisboa a Madama Collaço?

Montada no seu pacifico gerico, animal que desconhecia o couce e o zurro, era um gosto encontra-la, agora no caminho da Graça, d'ahi a bocado em direcção a Alcantara, occupada no seu afanoso mister de professora particular de varias prendas femininas.

Madama Collaço era verdadeiramente uma excentrica. Viuva havia muitos annos, o seu vestuario, se umas vezes denunciava o seu estado, outras, pela garridice, desafiava o sorriso dos que viam passar a laboriosa mestra, com uma touca de folhos por cima de uma marrafa multicor, e um velho chapeu de palha ainda por cima da touca!

Nesse tempo, ainda os annuncios nos jornaes se não haviam vulgarisado, e Madama Collaço limitava-se a mandar pelo correio a casa das familias abastadas, ou que se lhe afigurassem taes, um simples bilhete de visita dizendo: «Madame Collaço, viuva do consul portuguez em Larache, offerece o seu prestimo» bilhete que era acompanhado por um programma das disciplinas que ella dizia ensinar.

No programma incluia-se o portuguez, o francez, o piano e bordados de todas as qualidades. Para ser verdadeiro deve-se dizer que o portuguez de Madama Collaço era uma especie de dialecto africano, em que os tempos dos verbos andavam ás marradas uns com os outros; o seu francez, deturpado em Larache, uma algaravia babylonica, e o seu tocar piano uma negaça acintosa feita aos sineiros de Mafra. Pelo que respeita a bordados comprazia-se em fazer pirraças á natureza, mettendo côres anarchicas na talagarça, a ponto de confundir o azul celeste com o verde esmeralda das campinas.

Emquanto ao mais era uma excellente pessoa profundamente indifferente a preconceitos sociaes, o que fazia com que usasse de espora em um dos sapatos, não dispensando além d'esta ameaça permanente ao burro em que montava, de empunhar uma vardasca, com que a miudo zurzia o innocente cumplice das suas correrias.

No inverno usava de uma ampla capa de oleado transformada em biqueira nas rudes peregrinações dos inhospitos dezembros.

Conheceu-se Madama Collaço vivendo constantemente sósinha para os lados de Santa Isabel. Era ella propria quem á noite desarreava o burro, quando chegava a casa; quem lhe dava a ração, quem pessoalmente o limpava, obra de caridade que praticava á porta da rua, sem se incommodar com os dichotes dos que se não limpam a si, quanto mais aos burros.

Não se sabe já em que anno morreu Madama Collaço, mas ainda ha quem se recorde da impressão causada pelo seu desapparecimento. A cidade estava acostumada a ver aquella figura excentrica, fazendo parte integrante do seu burro, e em opposição permanente aos preceitos e conselhos da *Moda Illustrada*.

Era uma independente pugnando praticamente pela emancipação da mulher.

O Abbade Castro foi uma figura saliente na restricta sociedade lisbonense, ao tempo em que ainda se não tinha inventado o *high-life*, nem passava pela cabeça dos mais videntes que houvesse de futuro ser moda uma coisa chamada o chá das cinco

180 — Ermida de Nossa Senhora do Resgate das Almas

horas, pretexto para umas reuniões mais baratas e quasi mais semsaboronas que as antigas *soirées* dansantes.

Chamava-se Antonio Damaso de Castro e Sousa, o homem que Lisboa inteira conheceu pela designação mais abreviada de Abbade Castro. Com effeito, elle era abbade titular de Santa Eulalia de Rio de Moinhos, no arcebispado de Braga, mas cria-se que nunca se déra ao incommodo de visitar a sua abbadia, nem mesmo a titulo de amador de antiguidades, e de esquadrinhador de datas mal averiguadas.

Querendo matar o tempo, que levava desoccupado de obrigações officiaes, todos os assumptos prestavam ao Abbade Castro para fundo das suas resumidas lucubrações historicas, e foi para tornar mais amenas as suas muitas horas de ocio, que elle deu publicidade aos *Fac similes dos senhores reis, rainhas e infantes que teem governado este reino*, apenas com oito paginas de impressão; seguindo-se a tão futil trabalho, um outro folheto de vinte e quatro folhas, intitulado — *Origem da guarda real dos alabardeiros, hoje archeiros do paço!*

O Abbade Castro levava de par as suas investigações historicas e archeologicas, com o trato dos salões da moda, sendo um dos mais intimos frequentadores dos bailes do Marquez de Vianna, e das representações theatraes do Conde de Farrobo.

Contava-se do Abbade Castro muitas anecdotas, e quando elle apparecia á noite em S. Carlos, sempre no camarote de algum fidalgo de pergaminhos bem documentados, corria pela sala um leve susurro de muitas duzias de vozes, segredando aos ouvidos dos visinhos: — «Lá está o Abbade»!

181 — O Largo de S. Roque, em dia de Loteria

Fez d'elle uma bella caricatura Rebello da Silva no seu admiravel romance *Mocidade de D. João V*, fazendo ao mesmo tempo a critica dos numerosos opusculos que publicara, e dos quaes nenhum elucidava completamente os assumptos de que tratavam.

Entradas grandes em uma testa elevada e calva da mais bella expressão; a pelle fina, e côr de rosa desbotada; o rosto comprido sobre o oval, os olhos rasgados e cheios de animação; e uma bôca pequena e séria com soffriveis dentes, compunham aquella profunda, clerical e serena physionomia, capaz de inspirar um excellente painel de S. João Chrysostomo. Os gestos eram sempre graves; o riso discreto; as palavras poucas e pesadas a minutos.

A estatura alguma coisa arqueada, como é de uso nos eruditos, e o corpo esbelto, apesar de magro, tinha certa elegancia. As tibias extensas e pouco grossas tornavam-lhe as passadas longas e majestosas.

182 — A... u!

Rebello da Silva trata depois de vestir o seu Abbade, e fa-lo com a mesma rigorosa exactidão com que lhe descrevera o rosto e os gestos.

Vestia sempre fato escuro; e o córte meio secular, meio profano, não desmentia a gravidade da presença. A bengala de castão de porcelana japoneza, de feitio exotico, servia-lhe mais de taboleta que de encosto; assim como o antiquissimo annel egypcio, de um só rubi, mettido no dedo á maneira episcopal, era ostentado com estudado desleixo. Sinetes de camapheus, em vidrilhos pretos, pendiam dos dois relogios que trazia. Este uniforme scientifico prelaticio tinha a vantagem de poder figurar aos credulos que o sabio era, pelo menos, um bispo *in partibus infidelium*. Toques originalissimos no gesto solemne, e na contracção mimica do rosto completavam este retrato. A caixa de oiro oval, de tampa lavrada, abria-se lentamente e levantava o sabor das citações, ajudando-as com a pausa solemne das pitadas.

Esta figura agradavel chamava-se no romance o Abbade Silva, posto que muitos lhe negassem a abbadia, e que alguns maliciosos até jurassem que nunca fôra ordenado.

O Abbade honrava de frequentes visitas as casas dos fidalgos, e servia de conselheiro aulico aos seus illustres amigos nos casos intrincados. Com as senhoras era docil e sociavel a ponto de lhes prestar os serviços de escudeiro servente; umas vezes servindo de ama carinhosa, e levando nos carinhosos braços os cachorrinhos de fralda; outras, como estribeiro cortez, sustendo na fuga a hacanea valida. Finalmente, senhor dos segredos de toucador, pegava no lapis e desenhava á franceza, ou á allemã, esses empinados toucados, cujas grimpas foram as delicias de nossos avós.

Genio universal, para elle a arte poetica e a arte da cosinha, os tratados scientificos e os roteiros de bailes eram coisas de importancia egual.

Não admirava pois, que esta utilidade humana no theatro da boa companhia tivesse de mais a rara prenda de ser um archivo ambulante de noticias microscopicas para os estudiosos, e um catalogo eterno de suppostos manuscriptos, que se dignava condecorar de titulos imaginarios. O erudito cobria a pobreza do espirito com a dignidade perpendicular da pessoa, e affectava a sciencia infusa, esbrugando as phrases, e deixando-as cair como perolas. Foi auctor de cinco trataditos notaveis pela magresa do texto e a inchação das notas, e ainda mais pela exquisita puerilidade dos assumptos.

Roberto Pim-Pim não foi bem um excentrico, mas apenas um d'esses malfadados de quem as multidões se apoderam, como coisa d'ellas e com quem se divertem, como os leões nas jaulas, com as balas de ferro com que brincam, e ao mesmo tempo satisfazem os seus ruins instinctos. Ao chamar-se Roberto deveu elle as honras das assuadas com que diariamente era festejado ás portas do seu proprio estabelecimento.

Esta infracção á lei das garantias individuaes, convida-nos a dizer o que era a Lisboa d'esse tempo, tão differente da de hoje, apesar de ainda não haver attingido os requintes da civilisação, e o progresso nacional ser lento, quando não caminha tropego.

O viver politico, economico e social do paiz era nesse tempo emmaranhado, taciturno, sem iniciativa. Vegetava-se, mas não se vivia. A velha sociedade pesava sobre a nova, e a nova ainda não cobrara alentos para definir o seu roteiro em demanda de melhor futuro.

A começar pela moeda corrente, hoje já dos dominios da numismatica, apalpava-se a pobreza da capital pelo preço dos objectos que não eram de primeira necessidade ou que podiam mesmo considerar-se de luxo.

Reinava o cruzado novo, valendo 480 réis, e era crismado de *pinto*, cremos que por abreviatura. Um par de luvas de primeira qualidade custava um pinto. Um bom jantar de mesa redonda, um pinto. Um commodo logar na superior de S. Carlos, um pinto. Um largo passeio de sege, correndo-se é verdade o perigo de partir as costelas, um pinto. Um cavallo de aluguel, por todo o dia, em que o caixeiro, liberto ao domingo, fazia exercicios de equitação, um pinto.

A sege, a successora do churrião e da berlinda, puchada por dois arenques e boleada por um curioso, tão apto para bolear como para pescar á linha, era o unico vehiculo de que dispunham os temerarios que queriam dar um passeio.

O enigmatico capote e lenço era ainda quasi que exclusivamente o trajo das mulheres do povo, e das burguezas tambem, a quem os maridos não consentiam *barretina,* como elles chamavam aos chapeus. O capote e lenço brigava com todas as estações; com o verão, em nome do capote, com o inverno em nome do lenço de cambraia; e o conjuncto das duas coisas punha uma nota triste, e ao mesmo tempo comica, na população.

O brixe nacional ainda não fôra de todo desthronado, nem o capote de camelão,

nem a luva de lã verde! Para o uso do brixe dava-se como rasão o patriotismo de D. Miguel, que usava d'elle como protesto contra a Inglaterra. A respeito das luvas de côr verde, nunca houve explicação plausivel.

Um povo que assim se vestia estava longe das tentações da moda, e, como corollario, da influencia industrial da França.

Foi o Simone Mode, um italiano, quem primeiro se aventurou a abrir um restaurante, no Largo do Corpo Santo. Depois o Hardy que, justificando o seu apellido, levantou o vôo, e foi estabelecer-se em Madrid, onde enriqueceu.

Havia porém tabernas á antiga portugueza, primando entre ellas a do Penim, honrada por Alexandre Herculano e Garrett; a do Magina, á Praça da Figueira, e a do Ferreira da Horta Secca, quasi á esquina da Rua do Alecrim, que grangeára fama e renome pela manipulação conscienciosa de pratos á portugueza.

Pelo que respeita a divertimentos, Lisboa parecia ter feito voto de misanthropia.

Um recrutamento, feito a cordel e á tôa, como tambem então se usava para encher o exercito de vadios, não era mais laborioso que o de angariar espectadores para os theatros, salvo quando os *dilletanti* se dividiam em partidos, e a murro decidiam as questões de arte. Os triumphos dos cantores dependiam das forças musculares dos seus admiradores, salvo quando o commandante da Guarda Municipal se resolvia a intervir, levando para o Carmo os criticos musicaes e deixando indeciso o merecimento dos seus protegidos.

Hoje cada partido politico tem um centro de reunião, e as associações populares abundam.

No periodo a que nos vamos referindo, a não serem os bailes dados pelas casas Palmella, Farrobo, Vianna e Penafiel, acontecimentos que raras vezes tinham logar, e que alvorotavam a primeira sociedade de Lisboa, o resto da população apelava para o Club do Carmo, e para o da Galocha; o primeiro dando se ares de puritanismo, mas posto ao alcance de toda a gente pela modicidade da joia de entrada, e pelas modestas quotas mensaes que pagavam os socios; o segundo democratisando as suas aspirações, a ponto de vir a merecer o epitheto por que em geral era sarcasticamente conhecido.

Afóra estas duas amostras da vida activa da sociedade portuguesa, apenas restavam os theatros, que olhavam mais para as receitas provaveis dos espectaculos, do que para o valor artistico das peças.

As farças, salgadas de chalaças de duvidoso espirito, eram ainda bem aceitas pelo publico. O exemplo vinha de alto, e era communicativo. A Rainha D. Maria II, apesar da sua innegavel intelligencia, preferia a farça indigena aos dramas de Garrett, e não poucas vezes mandava pedir á empresa do Theatro de D. Maria II para pôr em scena o que por lá havia de peor, mas era mais do seu real agrado.

A arte não ganhava, mas a Rainha divertia-se.

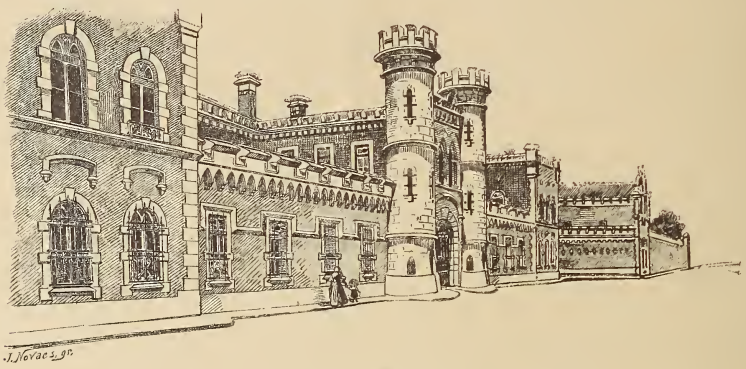
Entre os cafés distinguiam-se o Marrare do Polimento, ao Chiado; e o das Sete Portas ao Arco do Bandeira. O primeiro era um longo corredor, antecedido de uma casa espaçosa, cercada de armarios, d'onde faziam negaças aos frequentadores milhares de garrafas de vinhos de maior nomeada. Ao fundo do corredor era a sala do bilhar, e mais nada!

Pois foi naquelle corredor que se fizeram e desfizeram bernardas. Foi abancado áquellas mesas que Manuel Passos fez a sua mais solida propaganda maçonica; foi ainda naquelle exiguo local que José Estevam conspirou contra os Cabraes; e, descendo na importancia dos factos, que uma bella noite appareceu um herculeo capoeira, delegado por outros, que no Rio de Janeiro tinham experimentado as mãos de Sant'Anna e Vasconcellos (depois Visconde de Nogueiras) e que vinha, dizia elle, ajustar as suas contas com o valente portuguez.

Sem a consagração do Marrare do Polimento, não havia talentos nesta terra, nem artistas que prestassem, nem governos solidos, nem mulheres bonitas, nem toiradas excepcionaes, e estas com rasão, porque era d'ali que saíam os mais garbosos cavalleiros, o Vimioso e o Casusa, os mais intrepidos capinhas, e os mais valentes homens de forcado. Era á porta do Marrare que estacionavam os moços de recados mais sabedores dos mysterios femininos, mais adestrados no seu officio de correctores de affectos.

No outro Marrare, o das Sete Portas, de que ultimamente foi proprietario um Montanha que lhe deu este seu nome, jogava-se o bilhar entre artistas, avultavam as apostas, e tomavam o seu café, antes do theatro, o Epiphanio e o Tasso. A' noite ceiava se a valer, e o gerente da casa abria credito aos janotas, que lh'o pediam, e que nunca mais pagavam.

Os domingos em Lisboa eram de uma semsaboria mortal, especialmente nas lon-



183 — Penitenciaria de Lisboa

gas tardes de verão. O arvoredo do Passeio Publico, aquelle recinto gradeado de que ainda ha quem tenha saudades, infundia tristeza aos mais alegres, e idéas de suicidio nos temperamentos melancolicos. Os dolentes pregões da fava torrada e do tremoço saloio eram aproveitados como morphina pelos que padeciam insomnias, e se deixavam adormecer nas cadeiras do Passeio, para serem acordados em sobresalto por algum asylado de Santo Antonio dos Capuchos, reclamando de bandeja em punho a esportula estipulada.

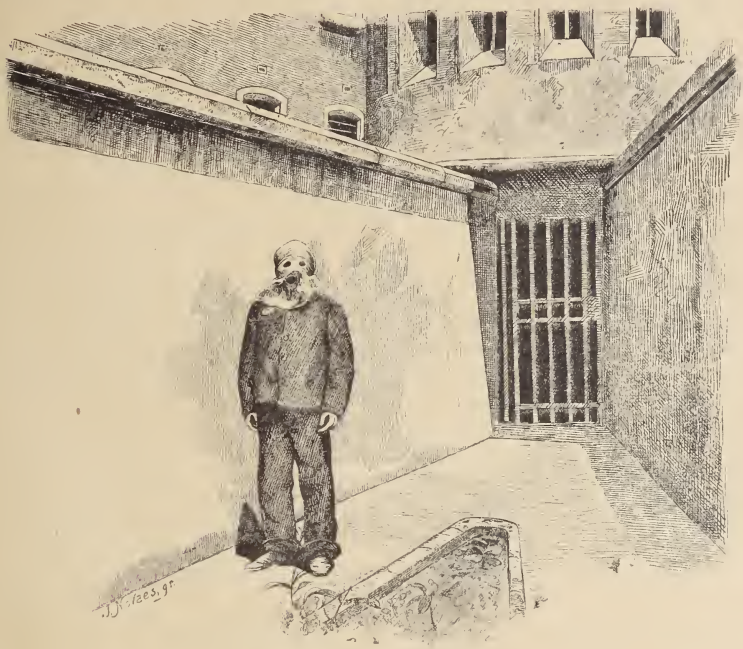
As burricadas a Cacilhas e á Cova da Piedade eram o unico derivativo d'aquella procissão do Enterro, alcunhada de diversão nacional, isto quando não havia toiros, porque, a have-los, a Praça de Sant'Anna era pequena para acomodar todos os amadores do mais popular dos nossos divertimentos.

Foi neste meio pouco apetecivel, que se representou em S. Carlos o *Roberto do Diabo*, posto em scena com um esplendor relativo á pobreza do ritual da casa, desempenhando a parte de protogonista a mais potente voz de baixo profundo que tem vindo a Portugal — a de Mageron.

A musica do *Roberto* popularisou-se rapidamente. As bandas marciaes apropriaram-se d'ella, dando-lhe a consagração das ruas, e se infelizmente houvesse philarmonicas naquelle tempo Meyerbeer teria resuscitado para pedir misericordia aos seus deturpadores. Roberto Pim-Pim era um grande amador de musica, e tanto se enthu-

siasmou com a nova opera, que acabou por arranjar uma céga-réga que contra elle se voltou e ia dando com elle em doido.

Um janota aos noventa annos! Como se ririam agora os Alcibiades da Casa Havaneza, que não calçam o coturno com talão doirado, não usam flôres da Glycère, não trajam o manto roçagante levando uma codorniz escondida nas suas dobras.



184 — Um encarcerado da Penitenciaria

D. José Coutinho de Lencastre, descendendo de familia de nobre extracção, nascera em 1794 e tinha-se como genuino representante do grão Magriço.

A epoca em que D. José Coutinho brilhou como elegante, apparece já a nossos olhos tão envolta em nevoeiros de misterio, tão outra d'aquella de desentoada artificialidade em que vivemos, que, quem a tentasse historiar, quasi precisaria possuir o ramo d'oiro da fabula para baixar aos seus limbos, e poder depois descrevê-la com segurança.

D. José Coutinho, não sendo jámais um faccioso politico, foi sempre um faccioso do dandysmo; não sendo, em tempo algum, um luctador nos campos de batalha, foi sempre um combatente nas rudes pelejas da platéa de S. Carlos, seu campo de acção, e nas campanhas incruentas do amor. Cumprindo o preceito de Talleyrand, que nunca foi apressado e sempre chegou a tempo, via-no-lo subir o Chiado com o movimento vagaroso de quem se propõe a executar um minuete de Lulli.

O retrato d'este homem, uma d'essas antigas photographias que hoje amarellecem

nos albuns intimos de familia, não tem nenhum dos caracteristicos que poderiam justificar o epitheto atrelado ao seu nome de *Avô dos Janotas*. Antes parece o ingenuo retrato de um bom major reformado, o menos bellicoso do mundo, aconchegado na sua Capua da Rua dos Cavalleiros, guardando das tradições da caserna apenas o bigode e a pera. D. José Coutinho, justamente, tinha sido qualquer coisa como coronel de milicias, nos bons tempos do Senhor Rei D. Miguel; mas sabe-se com certeza que as suas unicas acções de brilho foram ali pelas immediações do Chiado, na epoca aurea do Marrare, ha muito tempo, ha tempos immemoriaes...

Quando os dandys de outr'ora, desde Sotto-Maior até Henrique James, chegaram ao dandysmo lisboeta, já elle cá estava no seu posto favorito de combate, um pouco exagerado na *toilette* e nas maneiras, dobrado pela espinha em angulo de sessenta graus, com o seu eterno monoculo entalado no olho direito, a sua face esquerda eternamente torcida, os pollegares eternamente enfiados nas cavas do colete. Conhecia todo o mundo, cumprimentava todo o mundo com uma amabilidade amaneirada que descendia em linha recta dos antigos minuetes de côrte, os seus menores gestos e as minimas inflexões da sua voz obedeciam a um caso pensado e rixa velha de elegancia, segundo a entendiam os salões d'esse tempo, em que a sciencia do bom tom era um machinismo complicadissimo, de que poucos possuiam o segredo. Possuia-o elle, fidalgo, de resto, até ás pontas dos cabellos, que eram bem negros e bastos naquella época. De então até ao seu desaparecimento, tiveram elles tempo de rarear e de embranquecer; o elegante de outr'ora, porém, é que teve artes de se conservar elegante sob a neve da sua cabeça, apenas com uma tremurasinha obstinada nos membros, com a face esquerda mais contorcida e com a espinha um pouco mais dobrada; mas sempre em vestuario de quem não abdica elegancias, com o eterno monoculo entalado no olho direito, e os pollegares eternamente enfiados nas cavas do colete.

Era uma figura do Chiado incontestavelmente; uma figura, no melhor sentido da palavra, saliente, pittoresca e sympathica. Tornara-se popular, de certo; mas não chegara a tornar-se vulgar, o que é o grande escolho das reputações em qualquer genero. Graças á sua preoccupação de elegancia, á sua insistencia tranquilla no dandysmo quando nenhum dandy restava já em campo, ao seu bello caracter e á sua excentricidade não menos tranquilla, exercida como se ella fosse a normalidade do seu ser moral e intellectual, D. José Coutinho fez-se um nome em que porventura nunca tomou sentido, tal era o seu desapego de tudo que não fosse o grande tom nas maneiras e no vestuario, tal era a sua inconsciencia quasi infantil da opinião publica. Foi por isso, sem duvida, que não caiu nunca no ridiculo. De resto, o proprio exagero semi-faccioso do seu dandysmo, exagero tão convicto e tão sereno, salvou-o de descambar em typo da rua, d'esses que fazem rir e troçar quem passa, como se troça e ri de um histrião assalariado. Velho, chegado á edade geralmente tropega em que as fatalidades animaes do organismo cançado forçam a affrouxar e abandonar o cuidado de si mesmo, o respeito de si proprio e da propria pessoa, D. José Coutinho, inalteravelmente encadernado nas suas *toilettes* frescas, soube manter-se em plena dignidade da sua altivez de homem e do seu grande nome heraldico, sem se desmanchar da flexão de sessenta graus da espinha, com o seu eterno monoculo entalado no olho direito, a sua face esquerda eternamente torcida, os pollegares eternamente enfiados nas cavas do colete. Assim atravessou a vida esse homem, que por um triz não deu aos seus concidadãos o raro exemplo de um septuagenario suicidando-se, pouco mais ou menos, como aquelle arruinado Monpavon do *Nababo*.

Oh! E' toda uma historia, que nunca se escreveu, esse suicidio que nunca se chegou a realizar. D. José Coutinho, ahi por volta dos quarenta annos, pensou pela primeira vez em calcular quanto tempo duraria a sua vida, porque acabava de reconhe-

cer, de relance, que lhe não chegavam os seus rendimentos para levar com o antigo brilho a sua bella existencia; lembrara-lhe gastar capital e tudo, até morrer. Morrer, era o que menos cuidado lhe dava; mas quando? quando morreria?

Era de manhã, á hora do banho; visitou-se por todos os musculos, muito mais cuidadosamente que numa inspecção de recrutas; examinou escrupulosamente ao espelho o rosto, com attenções especiaes para a mucosa das gengivas, para a epiderme das fontes, e para as commissuras das palpebras. Ao cabo d'esse exame, D. José Coutinho tinha reconhecido, pretenciosamente, que viveria até aos setenta annos. E sorria-se, como que ameaçando o Chiado com a sua soberania de dandy durante mais trinta annos... Repartiu então os seus haveres por trinta, e pôz-se a viver tranquillamente, sem lhe passar pela idéa que iria além dos setenta, ou melhor, sem lhe passar pela idéa semelhante idéa. Estava decretado.

Mas um dia, exgotados todos os recursos, na ferocidade tranquilla do seu egoismo de celibatario endurecido na preoccupação absorvente da elegancia, D. José Coutinho continuou a viver, a viver... E tanto viveu, que morreu nas immediações dos noventa, sempre dandy, porque o rodeavam parentes ricos, que o deixaram delicadamente crer num simples erro de calculo ao repartir a sua fortuna para trinta annos. Era evidente que D. José Coutinho fizera d'essa fortuna quinhões demasiadamente avultados, ou que tinha muito menos de quarenta annos ao estabelecer o seu calculo. Foi assim que elle, com o exagero amaneirado da sua polidez de sala, que poderia parecer o esforço de um velho a querer inculcar-se rapaz, deu uma lição de bom senso aos rapazes que appareceram na alta vida lisboeta quando elle já entrara na velhice, em pleno romantismo desalentado de Byron e de Musset, sob a influencia da crise literaria que tinha de produzir a *Dama das Camelias,* como já tinha produzido as *Confessions d'un enfant du siècle.* Com effeito, ha coisa mais grotesca do que um velho a fingir-se rapaz: é um rapaz a fingir-se velho.

D. José Coutinho é morto, emfim, apezar da longa pirraça que o destino lhe quiz pregar, alargando-lhe desmedidamente a vida. Morreu, como um heroe no seu genero especial de heroismo sempre affectado de maneiras e de *toilette,* dobrado pela espinha num angulo de sessenta graus, com o seu eterno monoculo entalado no olho direito, a sua face esquerda eternamente torcida e os pollegares eternamente enfiados nas cavas do colete.

Porque é que lhe chamavam o *Avô dos Janotas?*

E' porque elle atravessara impavido quatro gerações de gente nova, sempre irreprehensivelmente vestido, sempre alegre, sempre cortez, sempre á altura dos seus despreoccupados e joviaes companheiros de cafés, de theatros, de jantares.

Quando o casamento, os deveres de familia, ou as exigencias sociaes faziam rarear as filas de uma camada de janotas, elle, o mais velho de todos, bandeava-se para a nova camada que vinha despontando, rejuvenescendo-se ao contacto da mocidade alheia, hombreando com ella, deixando-a por vezes na sombra.

Antigo coronel honorario do celebre batalhão realista de Lamego, que tamanha nomeada deixou nos fastos das nossas luctas civis, não consta que o aprimorado cortezão desembainhasse nunca a espada, antes mais plausivel parece que o joven fidalgo em 1834 enfeitasse a lapela da casaca com o symbolico raminho de perpetuas dos Malhados.

D. José Coutinho era um homem feio, mas d'essa fealdade attraente, como a de Mirabeau, que não assustava as mulheres, antes lhe era recommendação para as boas graças d'ellas.

Na mocidade, quando as suas amantes, tendo no olhar o fulvo raio dos ardores sensuaes, lhe sorriam com labios de granada, onde cantavam todas as notas das melo-

dias misteriosas, quando em torno do seu leito de celibatario esvoaçavam as voluptuosidades com azas vermelhas, quando o seu espirito fluctuava no azul dos sonhos, escutando estranhas canções feitas de beijos, aureas estrophes cinzeladas pelo amor, e as bacchantes ebrias lhe tomavam a mão e o obrigavam a entrar no côro erotico, então, sim, então teriam cabimento as paixões. Mas naquella edade eram já um pouco serodias.

D. José Coutinho não se seduzia com as mulheres macissas, d'exuberancias acoguladas, que lembrassem a robusta corporatura das filhas de Sybaris, dançando nuas a bibase no cume do Taygeto, as matronas romanas, ou as fortes patricias de Veneza. Bem ao contrario, apenas adorava as que tivessem a fragil elegancia do lyrio, a dis-

185 — A Praça da Figueira, vista do angulo nordeste

tincção vibratil, a graça felina. Em 1856 veiu para S. Carlos, com o tenor Nery-Baraldi e o barytono Beneventano, a de Giuli-Borsi, um soprano algum tanto avariado, mas de grande expressão no canto. Era uma mulher alta, magra, nervosa, convulsa, d'olhos feiticeiros como os das naiades que fascinam os transeuntes para os afogar...

Exagerada nas expansões do riso e da dôr, toda a scena parecia pouca para ella. No segundo acto da *Lucrecia Borgia* estendia por tal fórma os compridos braços que Deus lhe dera, que tomava quasi todo o panno do fundo, para o Duque não transpôr a porta pela qual dava a fuga a Gennaro. No momento de cair o panno sempre se ouvia um bravo isolado, que precedia as palmas da platéa. Era o de D. José Coutinho. Quando a de Giuli-Borsi partiu para Italia convidou o, á despedida, a que fosse almoçar com ella a Milão. E no dia seguinte elle fazia as malas e seguia-lhe no encalço.

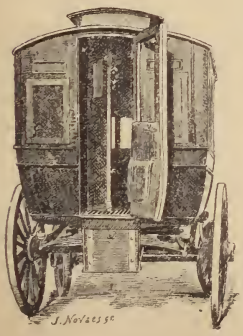
Da geração de velhos janotas que ás portas do Marrare e do Toscano apreciavam o *grain de peau* de todas as bellas que pisoteavam o Chiado, passavam os aconteci-

mentos politicos pelo laminador da critica e almotaçavam as notabilidades lyricas, elle foi talvez o ultimo. Quando todos os do seu tempo haviam desapparecido, quando tudo ruira em volta de si, quando percebeu que os modernos tafues encanudados e arrequifados, com os seus *sports* athleticos, o seu cyclismo e a sua mania epica das grandezas majestaticas, pretendiam sustentar o alto ideal d'uma elegancia que não comprehendiam, á maneira d'aquelle fidalgo italiano que se batia pelo Dante que nunca lera, D. José Coutinho julgou chegado o momento opportuno de partir, e, sem remordimento, partiu para não mais voltar. Com noventa annos feitos morria na sua casa da Travessa da Amoreira, a S. Francisco de Paula.

186 — Praça da Figueira. A venda das aves

D'um celebre Pentieiro da Rua do Almada, que o garotio atormentava indo perguntar-lhe de que eram feitas aquellas *mãosinhas* que constituiam a especialidade do seu negocio, fala o Snr. Ramalho Ortigão num dos tomos da moderna reedição das *Farpas*. Ninguem saberia dar melhor idéa do que foi esse verdadeiro typo de Lisboa.

— «Costumam fabricar os pentieiros lisbonenses um engenhoso instrumento composto de uma pequena mão entre-aberta, feita ordinariamente de marfim e collocada na extremidade de uma haste de madeira com cêrca de dois palmos de comprido. Destina-se este instrumento ao uso das pessoas que desejem coçar as costas a si mesmas. Tive um dia o projecto de obsequiar uma pessoa estrangeira da minha amizade com um d'esses curiosos productos da imaginação applicada ás artes industriaes, e dirigi-me á casa de um pentieiro ao Pote das Almas.



187 — Carro celular

Era uma lojinha pequena de uma só porta, extremamente immunda e tendo o cheiro local d'aquella coisa que a cabeça dos bois fornece como materia prima á industria dos pentes.

Ao fundo do antro achava-se sentado a um pequeno balcão um homem velho, magro, bilioso, de expressão suina, armado de uns terriveis oculos de latão envenenados pelo azebre, e coberto com um grande bonet de viseira, de uma fórma rancorosa e brava. Inclinei-me deante d'este individuo e perguntei-lhe delicadamente, com a brandura acariciadora de quem deseja comprar barato, se elle quereria ter a bondade de me vender uma coçadeira.

— A que chama o senhor coçadeira? perguntou-me o ancião com uma voz dura e com um olhar obliquo em que transparecia todo o seu desprezo por uma pessoa que não sabe exprimir-se.

Descrevi-lhe o instrumento que desejava, acompanhando me de todos os gestos que podessem supprir a impropriedade das minhas expressões.

— E' uma coisa assim... (tentava eu representar pondo a minha propria mão em garra perante o azebre dos seus oculos)... Pegada a uma outra coisa assim, pouco mais ou menos... (e media-lhe metade da minha bengala)... objecto destinado a raspar, se assim ouso exprimir-me, as comichões manifestadas sobre a região lombar de cada um.

— Isso são mãozinhas, senhor! Não são coçadeiras! disse o pentieiro com justa severidade. E, escarrando com um pigarro auctoritario, abriu vagarosamente uma gaveta, tirou d'ella uma velha caixa de cartão, da caixa de cartão tirou uma mãozinha, que desembrulhou de um papel de seda, e me apresentou, dizendo:

— Ahi tem o que pede. Custa-lhe um quartinho.

— E' de marfim? perguntei examinando a mãozinha.

— Se é de marfim?... exclamou o pentieiro exaltando-se. O senhor ainda me pergunta se é de marfim?!...

— Sim, tomo a liberdade de perguntar, no caso de não haver nisto indiscreção, se é de marfim a mãozinha!...

Esperei a resposta.

O pentieiro abriu a boca e tomou um grande hausto de ar, como se a minha pergunta lhe tivesse dado um principio de suffocação. Em seguida começou a soprar como se quizesse encher um fole invisivel antes de me dizer de que era feita a mãozinha. Depois mastigou em seco, abrindo e fechando a boca successivamente. Finalmente bradou:

— Parece impossivel!

E depois de ter desabotoado e tornado a abotoar com a sua mão ossuda e denegrida uma quinzena côr de passa que trazia vestida, repetiu numa exaltação crescente e em voz cada vez mais aspera e mais exclamativa:

— Parece impossivel!

— Se sou indiscreto... dizia-lhe eu procurando serena-lo... Se ha por acaso um segredo de fabricação ligado á materia prima de que foi extraida a mãozinha... Se ha outro qualquer motivo secreto... Se ha razões de familia...

— Qual familia, nem qual carapuça... Olhe para a fazenda! Olhe para a fazenda, se quer comprar!

Eu olhei attentamente, e este signal de deferencia pareceu apazigua-lo um pouco.

— Ora muito bem! Diremos então agora que é de marfim, ou não o diremos!

Mal eu tinha concluido, e já elle soprava outra vez, mas com mais força. Tornou tambem a mastigar em seco, mas d'esta vez com uma visagem acerba, como se tivesse na boca uma substancia capaz de azedar a cidade inteira se a cuspisse para a rua. Depois do que, caminhou para mim, pegou na mãozinha pela haste, pô-la á luz, em grande evidencia, e, fazendo um esforço para se reprimir, rangeu estas palavras:

— Sempre estimaria que me dissesse de que diabo de coisa queria o senhor que se fizesse esta peça? Queria que fôsse feita de osso talvez... Queria de osso uma peça d'estas!...

— Peço perdão... Eu não tenho especie alguma de desejo preconcebido sobre este assumpto. A unica coisa que perguntava...

— E a dar-lhe com a pergunta!

—... era unicamente se a mãozinha é feita de marfim, ou se não é.

— Sabe que mais?!...

E como ao dizer isso elle parecia procurar enfurecido o quer que fôsse, eu acudi:

— Estou-o molestando, bem vejo... Eu retiro me, prescindindo de adquirir um objecto cuja origem o senhor tão renitentemente involve num mysterio impenetravel.

— Quer a mãozinha pelo quartinho, ou não quer? ululou o pentieiro com os dentes cerrados.

— Não! não a quero emquanto não souber se ella é de marfim ou se não é. O pudor inhibe-me de sujeitar as minhas comichões das costas ou as comichões das costas das pessoas da minha amizade a serem coçadas pela mãozinha de um tenebroso enigma.

E saindo para a rua ao mesmo tempo que o pentieiro voltava com a mãozinha na mão para o fundo da loja, pude ouvir-lhe esta phrase singela mas expressiva:

— Raios te partam!

Um amigo a quem narrei o succedido tentou esforços supremos para obrigar o pentieiro á revelação que elle me escondera, ameaçando-o de lhe arrancar a secreta verdade sobre a fabricação d'esse objecto de luxo desenfreado e de lascivia torpe, por todos os meios de que dispõe a justiça e a therapeutica: pelos açoites de corda, pelas tenazes de ferro em braza, pelos causticos sobre o figado, e pelas purgas de jalapa. E a face iracunda do pentieiro empalidecera até se lhe tornar da côr do cabello, isto é — verde!

A's visitas successivas do meu amigo e de varios amigos do meu amigo seguiram-se as visitas de todos os moços de recados que se encontraram ás esquinas das ruas adjacentes. Mais de cem pessoas foram consecutivamente á loja do pentieiro perguntar-lhe de que era feita a mãosinha. Elle acabou por desapparecer do logar do costume, ao fundo da casa; e os ultimos gallegos que se lhe expediram só do meio da rua consentiam em perguntar-lhe de que eram as mãosinhas, porque o tinham descoberto emboscado a um lado da porta, sinistro e medonho, com uma tranca de ferro suspensa sobre a entrada do estabelecimento. Foi com essa tranca que elle esteve para matar um sujeito que ia desprevenidamente comprar-lhe um pente.

Passados dois annos sobre as scenas tão amargas quanto veridicas que acabo de descrever, leio agora nos jornaes que morreu nas condições mais romanescas um pentieiro do Pote das Almas. Fui olhar para a sua loja fechada. E' a do mesmo que recusara dizer-me se era de marfim a mãosinha.

A historia d'esse homem explica a antipathia profunda que o seu mau humor me inspirara. Morreu sordidamente em uma pequena casa que habitava num bairro barato, em companhia de uma mulher, que era ao mesmo tempo a sua creada, a sua enfermeira e a sua familia. Deixou em testamento cêrca de vinte contos em dinheiro, que se lhe encontraram enterrados na sua antiga loja, parte em libras, parte em peças de oito mil réis, parte em moedas de prata de diversos valores. O seu unico prazer, a sua unica aspiração, o seu unico destino foi encartuchar dinheiro e escondê-lo em sacos, em cestos, em caçarolas velhas. Nunca a vida lhe sorriu por outros aspectos. Nunca viajou, nunca leu, nunca examinou um quadro, nunca escutou um trecho de musica, nunca respirou o perfume de uma flôr. Comprehende se o seu azedume e o seu odio á humanidade.

Elle estava banido de todos os prazeres conferidos ao espirito e ao coração da outra gente: viver, ver viver os outros, contribuir com o seu contingente para espalhar em torno de si, na sua esphera de acção, alguma esperança, alguma bondade, algum amor, alguma alegria.

Não era para elle que cantavam os passaros, que eram macios os musgos, que as arvores faziam sombra, que os artistas faziam arte, e que as creanças riam nos berços em camisa, levantando para o ar em pernadas jubilosas os seus pequenos pés da côr da aurora.

A existencia é na mocidade, como diz Sainte Beuve, uma navegação costeira, em que se vae indo de porto em porto, de praia em praia, vendo o movimento humano nos seus diversos aspectos, na sua confusão de vozes e de tintas — turbilhão radioso em que uns trabalham, outros padecem, outros amam, outros choram, outros riem. Depois, quando a velhice chega, a vida é como a navegação no alto mar. Não se vê senão agua e céo na monotonia immensa. O espectaculo da terra foi-se a pouco e pouco distanciando até se perder de todo com os seus ruidos, com os seus relêvos de fórma, com as suas scintillações de côr, com as suas baforadas de vida. E o navegante principia

188 — Praça da Figueira. O levantar da praça

então a viver das recordações do que viu, doces recordações serenas, saudosas, penetradas de um certo encanto como o da calmaria nos brancos silencios do luar.

Nessa navegação da existencia o meu pentieiro viajou voluntariamente encarcerado no fundo do porão. Nunca subiu ao convez. Se alguma vez pela escotilha aberta lhe chegou lá abaixo um raio de luz, doeram-lhe os olhos e elle cobriu a cabeça.

Deixou duas herdeiras: uma era a mulher com quem vivia, a outra era sua filha.

Onde vivia a filha? Elle mesmo não o sabia ao certo. Suppunha-a creada de servir em alguma casa da provincia. Elle engeitara-a ao nascer. Tinha-a deitado á roda! Avaro estupido! aferrolhava o dinheiro por um lado, e por outro lado atirava a felicidade á rua, atirava fóra, tendo-a tido na mão, a fortuna immensa de envelhecer com uma filha ao seu lado!

Incomparavel desgraça! Ter uma filha e não ter o prazer de ir passar o serão com

ella, vendo a trabalhar á luz do candieiro, com a cabeça inclinada sobre a costura, ouvindo-a discorrer, examinando-a do fundo da cadeira de braços, com os pés ao lume e o queixo apoiado nas mãos sobrepostas no castão da bengala! Ter uma filha, e não a passear pelo braço nas tardes de verão, por baixo das arvores, levando-a vestida de linho fresco, com um chapeu de palha e um ramo de rosas mettido no seio! Ter uma filha, e não a ouvir cantar na casa, ao abrir as janellas, nas manhãs da primavera! Ter uma filha, e não reviver na sua alma pela communicação das idéas e dos sentimentos! Ter uma filha, e não conversar com ella no mesmo sofá, no fundo da mesma carruagem, na mesma diligencia, na curta e encantadora camaradagem em que tão bem se entendem os que em idades muito oppostas se encontram no mesmo ponto de vida,

189 — Praça da Figueira. Um recanto do mercado

uns porque chegaram ha pouco, outros porque vão partir em breve! Ter uma filha, e não sentir nunca em volta do pescoço o doce jugo dos seus braços, não sentir nunca sobre o hombro o calor da sua mão, não sentir nunca junto das faces que se enrugam e dos cabellos que enbranquecem, a sua respiração fresca e a sua fronte juvenil!»

A popularidade não se adquire só pelo facto de a desejar obter. A popularidade é como as ortigas. Nasce a qualquer canto, medra e fructifica sem auxilio de mão estranha. E' principalmente nas ruas que se formam as reputações das turbas, conservadas depois pela tradição oral.

Feliciano das Seges entrava no numero dos privilegiados que souberam grangear e merecer as auras com que a fama os bafejou.

Um acaso é muitas vezes o ensejo de grandes descobertas, ou o principio de um grande renome. Foi um acaso que deu origem á theoria da gravitação dos corpos, foi ainda um outro acaso, a obesidade de Feliciano, que o pôz em evidencia, antes mesmo

da politica o filiar em um dos seus gremios, e do seu labutar de cocheiro nocturno lhe confirmar a popularidade de que gosou até o fim de seus dias.

Por uma brincadeira do destino, o Feliciano das Seges, que precisava affrontar todas as intemperies, era branco e rosado como uma pastorinha da Arcadia, tinha os cabellos louros de um Narciso, e os olhos de um azul tão limpido e transparente, que illudiriam um cysne, tomando-o pelas aguas pacificas de um lago de parque inglez. Não vá, quem não conheceu o Feliciano das Seges, acreditar por este esboço descriptivo que o nosso homem era timido, flexivel, quebradiço como uma gazela. Pelo contrario. Estes dotes femininos desappareciam como incidentes, na figura robusta, meio athletica, do cocheiro que, de cachimbo ao canto da boca e de amplo chapéu desabado na cabeça, mais representava um allemão da fronteira da Alsacia, meditando na boa estrella de Bismark, do que um lisboeta com estabelecimento hereditario em varias travessas do Bairro Alto.

Diz com verdade o rifão que filho de peixe sabe nadar. O Feliciano das Seges tinha tambem a sua genealogia, sem se enfeitar com as pennas do pavão, incommodando com empenhos o escrivão dos filhamentos, para lhe arranjar meia duzia de avós postiços. Feliciano era filho de um homem que trabalhara á boleia, nos tempos felizes em que, quem tratava do corpo e não se esquecia da alma, se confessava e sacramentava antes de se metter num trem de aluguer. O pae d'elle tivera uma cocheira, comprada aos herdeiros de José Maria Cabelleireiro, celebre pelas suas correrias a Cintra e ao Dá-Fundo, e largara-a ao filho que, fiel á memoria paterna, ainda em 1846 boleava, arriscando se por amor da arte a que se lhe formasse um scirro na barriga, que já então ostentava volumosa.

Um biographo consciencioso não póde nem deve omittir nenhuma circumstancia, por insignificante que pareça, da vida do seu biographado. A primitiva cocheira do Feliciano foi á esquina da Travessa da Espera, travessa historica, se realmente nella se passaram os factos que Rebello da Silva narra na biographia de Bocage.

Foi pelo tempo da Maria da Fonte que o Feliciano começou a dar que falar de si em Lisboa.

Frequentador pontual da galeria da Camara dos Deputados, deixara-se tomar de amores pela eloquencia semi-romana de Passos Manuel, e pelos inimitaveis arrebatamentos tribunicios de José Estevam, sem pôr de parte a rhetorica atheniense de Almeida Garrett. De beber na taberna a folgar nella quasi que não medeia distancia. O Feliciano poz desde então os seus cavallos, e as suas convicções, ao serviço da causa popular, conduzindo para fóra das portas da cidade os que se iam alistar nas fileiras da Junta do Porto.

Esta dedicação, que nascera em S. Bento, com os discursos ardentes dos chefes da opposição parlamentar ao governo d'aquella época, levou o Feliciano das Seges ao Limoeiro, deixando ao abandono os bucephalos, ainda então um pouco menos transparentes do que os arenques mythologicos e insensiveis com que elle ultimamente governava a vida á porta do Café Central.

D'este entalão da politica saíu o Feliciano aguerrido para novas pugnas, e enthusiasmado por alguns dos vultos politicos mais notaveis da nossa terra, entre outros, e acima de todos, por Joaquim Antonio de Aguiar, que elle na ausencia tratava por tu, com a sem-ceremonia de um verdadeiro correligionario.

Precisamos aqui contar um facto, que pareceria um contrasenso da vida publica do Feliciano, se o deixassemos sem as necessarias explicações. Na modesta e quasi desguarnecida sala do popular cocheiro, viam-se pendentes das paredes os retratos de José Estevam e de D. Miguel de Bragança! O primeiro significava para o dono da casa as suas proprias convicções partidarias, o segundo a dedicação da familia do cocheiro da

Travessa da Espera pelo real patrono da equitação á Marialva, em que tambem primára o pae de Feliciano.

Num d'esses frequentes dize tu, direi eu, tão vulgares nas cocheiras e nos parlamentos, o Feliciano travou-se um dia de rasões com um moço da estrebaria, e deu-lhe de gorgeta, e ao escapar, uma picada na tibia direita, que levou o agressor á Boa Hora e a sentar-se no banco dos réus.

Foi defensor do velho patriota um joven advogado, bem conhecido pelo desenxovalho da sua palavra ardente e sincera. O exordio do seu discurso no tribunal cobriu momentaneamente de suores frios o pobre Feliciano. Com uma d'aquellas apostrophes directas, que a boa rhetorica aconselha para casos identicos, o defensor atirou á cara do seu cliente com quantas accusações torpes o podiam levar direito á costa d'Africa, para as desfazer depois, uma a uma, com as provas na mão. Passada a tempestade, o Feliciano contava, a rir, como a eloquencia que tão entranhados affectos lhe merecêra, quando saída candente dos labios de José Estevam, lhe fôra por minutos supplicio inquisitorial, antes da peroração magnanima e desinteressada do discurso do seu advogado.

Nesse processo o Feliciano deu como testemunhas de defeza o Conde de Fonte Nova, e o distincto escriptor Teixeira de Vasconcellos, que gostosamente se prestaram a abonar o velho batedor.

Nunca houve grande homem que deixasse de ter invejosos, ou de ser contrariado pelos acontecimentos. O progressivo desenvolvimento dos omnibus foi o principio da morte para os trens de aluguer.

Quando aquelle pesadão vehiculo, com os seus doze logares dentro, e quatro na almofada, começou pela barateza dos transportes a ser o vencedor desapiedado da bandeirinha de praça, o Feliciano retirou-se despeitado, mas com a serenidade de espirito de um Mario, á Travessa da Agua de Flor, para ahi começar a ultima decada da sua popular existencia.

Não podendo já luctar com a invasão, sempre crescente, dos caminhos de ferro, dos Larmanjats, das Companhias dos Omnibus, e dos caleches descobertos, embrenhou-se nas trevas, e ainda de lá derramava fócos de luz sobre a sua decadente industria de director technico de corridas nocturnas, inspiradas pelo coração, ou requeridas e pagas pela familia de algum doente na hora extrema da agonia.

O sol tornou-se nos ultimos tempos o inimigo declarado do Feliciano. Na sua officina de trens da Travessa da Agua de Flor, Feliciano planeava ainda as suas campanhas da meia noite. A' porta do Café Central enfileiravam-se, de verão e de inverno, dirigidos ainda nas suas evoluções estrategicas pelo general em chefe, alguns caixotes com rodas, que se moviam embusteiramente, puxados pelas sombras de uns cadavericos rocins. Quem se aventurava a entrar naquellas machinas informes julgava, passado pouco tempo, que estava dentro de uma azenha, tal pelo menos se afigurava aos ouvidos do freguez o ruido das rodas, postas em movimento pelas alimarias, e o sibilar do nordeste atravez das fendas abertas nos vetustos monumentos, que o Feliciano trazia fóra da competencia dos collegas.

Se o perigo imminente consentisse o raciocinio, quem deitasse a cabeça fóra das portinholas dos calhambeques que o Feliciano punha á disposição dos tresnoitados, veria que era phantasticamente levado por dois morcegos, segundo figuravam a distancia os animalejos, cujas ossadas descarnadas representavam nas trevas as azas do eterno inimigo das risonhas alvoradas.

Pede porém a justiça que se diga que os preços do Feliciano não escandalisavam ninguem, e que se o freguez partia as costelas ao descer a Calçada da Pampulha, ainda lhe sobrava á farta o dinheiro para pagar a duas juntas de cirurgiões, mettendo na conta a botica, e os ares de campo, na problematica convalescença.

No intervallo do tempo que mediava entre um trem que chegava, e um outro que partia, ia o Feliciano das Seges restaurar forças á Cova Funda, taberna subterranea na Travessa de Estevam Galhardo, N.º 14, onde ainda por muito tempo se poude ver na parede, traçada a carvão por mão de artista desconhecido, a desempenada e roliça figura do nosso biographado.

De dia, a unica, a rara occupação do Feliciano, era a de dar conselhos sobre a compra, venda, ou troca de garranos, que os socios do Pilleckey-Club, janotas emancipados da vespera, lhe pediam, para se não arriscarem a aceitar gato por lebre na feira da Agualva.

Com a perda do Feliciano das Seges, foi-se um dos typos mais populares de Lisboa.

190 — Egreja dos Anjos

Magro, triste, escalavrado, o chapéo enterrado pela cabeça abaixo, a sobrecasaca ferindo-lhe a espinha dorsal, e as botas como que convidando mais dois pés a alojarem-se junto dos outros dois que se perdiam no vasto espaço de uns remontes da Ribeira Velha — José das Caixinhas foi, durante muitos annos, o alegrão da garotada, o debique das compradoras das suas caixinhas de papelão, sem determinada serventia.

Quem foi, ou quem era o José das Caixinhas?

A miseria esconde sempre caridosamente os pergaminhos d'estes typos da rua, que os enfastiados das verdadeiras alegrias aceitam, como Francisco I aceitava Triboulet, para rir da deformidade physica do seu bôbo privilegiado, como aquelles da pobreza que não poucas vezes se esconde envergonhada por detraz das pequenas e duvidosas industrias.

E' difficil de subir, mas rapidissima de descer a escala social. Basta um pé só que nos escorregue na rampa da vida, para que o commerciante, o herdeiro, o mimoso da fortuna, resvale de escantilhão até ás profundezas do abysmo, estendendo a mão mirrada á caridade publica, ou esmolando industrialmente, como o fazia o José das Caixinhas, a quem nunca ninguem ouviu sair-lhe dos labios um «pelo amor de Deus».

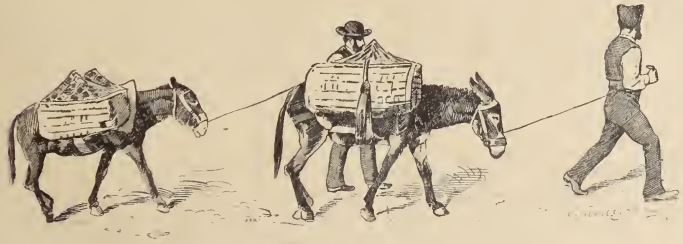
191 — Esmola á ceguinha!

Que a sua genealogia subisse até ter pae e mãe, é caso fóra de toda a duvida, apesar d'elle nunca lhes invocar os nomes, quer para os justificar do seu infortunio pessoal, quer (e ha tanta gente que usa d'esta velhacada como pára-raios!) para provocar a compaixão que uma immerecida decadencia nunca deixa de alcançar das almas bem formadas.

O José das Caixinhas era um estoico. Levava resignadamente a vida, como um animal de carga leva as cangalhas com que o sobrecarregam, sem perguntar porquê, nem para onde. Com um desbotado lenço da India atado pelas quatro pontas, e literalmente prenhe de caixas de papelão de varias côres e feitios, percorria o nosso homem a cidade, subindo aos quintos e sextos andares, justificando-se de inculcar á queima-roupa a sua industria com o resmungar por entre dentes a sacramental desculpa: — «E' para as manas! Muita pobreza! Comprem, que é para as manas!»

Quem eram as manas? Novo mysterio! Tinham sido bonitas, esbeltas, provocadoras? ou tinham nascido, e viviam agarradas á concha como a tartaruga, deitando apenas as mãos de fóra para retalhar papelão, e ageita lo em fórmas caprichosas?

Não se sabia. Eram as manas. Nesta fraternidade mysteriosa se resumía todo o segredo commercial do José das Caixinhas. Antigamente havia quem pedisse para as almas do Purgatorio, para os captivos d'Argel, para os orphãos; como hoje se pede para os asylos, para os albergues, para as creches e para os hospitaes.



192 — Em caminho da Praça da Figueira

Pedir para as manas, era um pedido desusado no formulario da mendicidade, um reclamo sem malicia, attentos os annos do Benjamim, que invocava a caridade publica para as irmãs mais velhas, meninas no tempo em que o Senhor D. João VI tinha gran-

des amargos de boca conjugaes, e, no auge dos ciumes, tapetava de simonte as salas do Palacio real de Queluz.

D'este entranhado amor fraterno, sempre velho e sempre novo, veiu ao José das Caixinhas o duplo cognome do *Mano das Manas*, que elle aceitava como galardão das estafas diarias que apanhava para vender por dois ou tres patacos uma caixa de papelão amarello, com recortes verde salsa, ou uma almofadinha da côr das chammas infernaes, debruada de azul celeste, alliança pouco engenhosa d'essas duas côres symbolicas da bemaventurança e da condemnação eterna.

Para não enxovalhar estes primores artisticos, saidos das mãos enrugadas mas limpas das manas, usava o José das Caixinhas luvas de pellica branca, a que sobravam quatro ou cinco centimetros no comprimento dos dedos, o que lhe embaraçava a agilidade precisa para desatar os nós do lenço, involucro da mercadoria que o seu amor fraterno punha em circulação com tanto interesse como conhecimento de causa.

Vestido sempre de donativos, mais caridosos do que applicados á estatura do agraciado, as sobrecasacas passavam-lhe sempre dois palmos abaixo do joelho, e as golas, divorciando-se-lhe do cachaço, davam-lhe uma apparencia comica, e ao mesmo tempo bonacheirona, que era chamariz dos dicterios chulos do rapazio e das mulheres da vida airada.

Elle, porem, coitado, era impassivel a tudo! Com aquella dentadura que poderia, se elle quizesse, triturar os ossos aos que o apupavam, limitava-se a falar nas manas, como esconjuro ás tropelias de que se via ameaçado. Com o lenço de seda preta filado no pescoço, como gargalheira de inconfidente e relapso nos Paços da Inquisição, o José das Caixinhas amparava com elle os queixos e as orelhas, e ainda por cima resguardava as guelas das anginas e das esquinencias.

Já no fim da vida de negociante de caixas de papelão parece que a saude das manas não era tambem das mais florescentes; pelo menos se lhe perguntavam por ellas, a resposta sabida era: — «Estão muito doentes... Muito trabalho... Alguma coisinha para as manas».

Phrases incompletas, significativas de que estava por pouco a industria do papelão ageitado em caixas com pretensões a enfeites de toucador, ou decoradas com o pomposo titulo de estojos, quando algumas polegadas de nastro pregadas nas tampas indicavam o local da tesoura, do furador e da agulheta.

Um bello dia desappareceu o José das Caixinhas!

Os jornaes esqueceram-se de registar o passamento d'este exemplar dos bons irmãos. O José das Caixinhas, que era um philosopho pratico, que não incommodava a letra redonda, mas lia no grande livro da natureza, não mereceu a mais leve commemoração dos seus confrades, nem uma d'essas phrases feitas com que os vivos enxovalham a memoria dos mortos.

Pobre mano! Pobres manas!

O Visconde e 2.º Conde de Mesquitella, 1.º Duque de Albuquerque, par do Reino, gran-cruz da Conceição e de Carlos III, commendador de Christo e de Aviz, par de Inglaterra e Barão de Murlingar na Escocia, senhor da Ilha Grande de Joannes, armeiro-mór do Reino e armador-mór de El-Rei, capitão da Guarda Real e do conselho de Sua Majestade, etc., etc., era verdadeiramente um grande do Reino, descendente das mais nobres familias de Portugal, d'aquellas que conquistaram os seus pergaminhos e brazões pelos seus actos de valor e dedicação patriotica, no tempo em que a nacionalidade portugueza se fundou, e consolidou á custa do esforço heroico de muitos bravos, que tão boa memoria deixaram de seus feitos.

Os Costas, os Macedos e os Albuquerques são os troncos d'onde descendia o Du-

que de Albuquerque, e tão famosos eram esses troncos genealogicos, que á sua influencia deveu esse nobre e typico fidalgo uma boa parte dos respeitos que sempre o cercaram, das honras que mais o distinguiram, da veneração publica que sempre o acatou, como a uma preciosa reliquia d'essa velha aristocracia que se enobreceu pelos seus proprios meritos, sem assomo de vaidades, nem solicitação de favores, antes conscia e tranquilla de bem merecer as distincções com que a munificencia dos reis a agraciavam e o applauso do povo a acclamava.

Era filho de D. Luiz da Costa de Sousa de Macedo e Albuquerque, 1.º Conde e 4.º Visconde de Mesquitella, e D. Maria Ignacia de Saldanha Oliveira Daun, filha do Conde de Rio Maior e neta por sua mãe do primeiro Marquez de Pombal. O illustre fidalgo era quinquineto do celebre ministro de D. Affonso VI, Antonio de Sousa e Macedo, em cujo solar do Poço Novo falleceu.

Nascera em Lisboa em 1815, e nas aulas superiores que cursou foi sempre um estudante laureado, o que lhe valeu as boas graças reaes, distinguindo o El-Rei com o titulo de Conde de Mesquitella e as honras de official-mór da Casa Real no impedimento de seu pae, que tinha egual honra, agraciando-o tambem com a commenda da Conceição.

Foi com estas honrarias que o joven Conde de Mesquitella visitou as côrtes de Hespanha, de França e de Inglaterra, onde tratou com sumidades politicas, literarias e scientificas d'aquelle tempo, e onde pelos seus merecimentos teve as mais subidas distinções, sendo-lhe então conferido em Inglaterra os titulos de Lord e Barão de Murlingar e senhor da Ilha Grande de Joannes, como referimos. Mais tarde desempenhou o logar de secretario da legação portugueza em Paris.

Como fidalgo da melhor linhagem, exerceu altos cargos na côrte, gosando sempre a particular estima da Familia Real, e por occasião dos casamentos de El-Rei D. Pedro V e El-Rei D. Luiz, foi o illustre fidalgo o encarregado de receber ao desembarque as jovens princezas, depois rainhas de Portugal.

Senhor de um dos nossos primeiros morgados, soubera administrar os seus bens sem os depreciar, apesar do seu espirito caridoso e bom o fazer um protector da pobreza, que por longo tempo lamentou a sua perda.

Muitos annos antes da sua morte, o Duque de Albuquerque já se tinha retirado da vida activa da côrte, o que não queria dizer que se tivesse retirado completamente da vida dos salões. O seu espirito sempre novo não lhe deixava envelhecer o physico, que antes tratava com as preoccupações d'um rapaz. Ainda nos seus ultimos dias elle foi visto a arrastar uma contradança, já pelas horas em que os rapazes começam a capitular com a irrequieta deusa; e tres dias antes de se finar, quando a pneumonia já investia o seu segundo ataque fatal, ainda elle esteve na missa do meio dia nos Paulistas, quasi a desfallecer, mas luctando ainda contra a morte que se lhe abeirava.

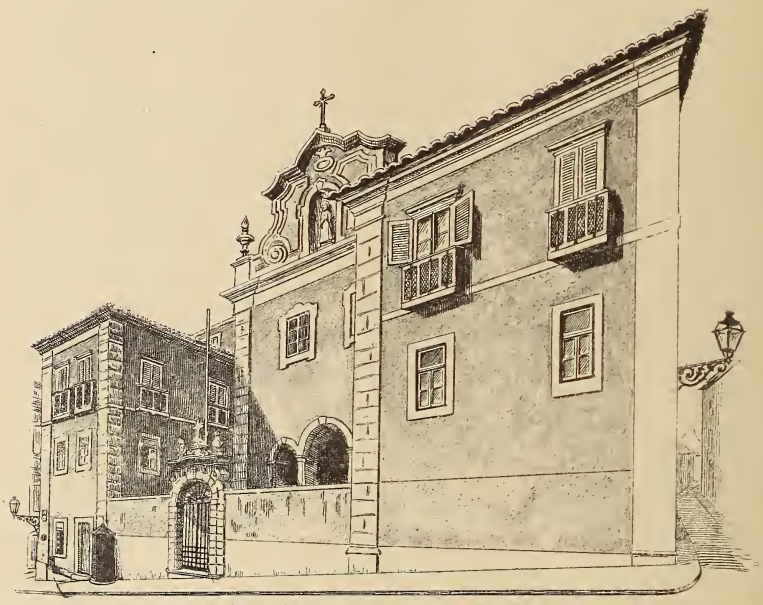
Que força de espirito não havia ainda naquelle corpo, que mal se sustinha vergado ao soffrimento!

Foi esse Duque d'aquelles poucos a quem só a má morte consegue privar do bom viver; dos raros que avaramente guardam o segredo egoista da mesma idade constante; dos quasi nenhuns inalteraveis apparentes, que soffrem, por dentro, a acção natural dos seus tres quartos de seculo hibernantes, e esforçam, por fóra, o effeito postiço de drogas que remoçam. Dos que falam de si e fingem, com soberba acentuação de vigor, esta convicção: — «Nós, rapazes...»; dos que fazem frente ás mulheres e teem, com a consciencia da sua nulidade viril, a coragem dos supremos galanteios, sabendo esgueirar-se com finura á difficuldade que se lhes abre, no caso em que ellas se facilitam; adorando hetaíras, odiando os conchegos de solteirões, e dizendo, como o fallecido Duque ao receber noticia do muito que ellas olhavam:

— Olham? olham?... pois deixá las penar!

Esses extinguem-se. Fibras de melhor tempo, vindos do fim da geração transacta, tradicionalisando bellas genealogias, e, certos de não deixarem continuadores dignos, sumindo consigo os ultimos globulos do sangue da sua raça.

Era uma figura extremamente pittoresca, a d'elle. Longevo distincto, physionomia correcta, cunhada por fundos traços hierarchicos, com o realce do bigode d'um retorcido marcial e d'uma côr moça; com a expressão impertinente e tenaz da linha curvilinea do nariz, e a acentuação, aguda e grave, da sobrancelha circumflexa por cima da lune-



193 — Egreja e Recolhimento de S. Pedro de Alcantara

ta; com o aprumo da cabeça que dissimulava, admiravelmente, o pezo de quinze lustros, sob o lustro das madeixas apartando-se-lhe á esquerda, na testa.

Ostentando em prodigios de equilibrio a erectilidade do porte, era a personificação da etiqueta, fardada de official-mór ou encasacada de peles, fôsse dia de abertura em S. Bento, ou fôsse dia de sol na Avenida. Rapaz, fôra militar e chegára a alferes; não subira mais, e mostrava se contente por não ter subido, sempre dando batalha ao inimigo feminino, e conservando sempre, em bom uso, os pés do seu antigo posto.

Verdadeiro typo, curiosissimo exemplar da verdadeira fidalguia portugueza, preciosidade de alto valor archeologicío!

Sergio, que fôra primeiro violoncelo de S. Carlos, e que acabou nos concertos de um café de fadistas da Rua Fernandes da Fonseca, antiga Carreirinha do Soccorro, era d'estes já raros artistas, irregulares por herança morbida, que levam a vida a cortar as amarras que possam prendê-los a todas e quaesquer conveniencias da vida social, e cuja acuidade esthetica se afusa na proporção da ausencia de senso-moral.

Pintou-o Fialho d'Almeida numa das suas fulgurantes paginas, numa das mais formosas paginas dos *Gatos*.

Typo do povo, alto, secco, avermelhado d'alcool, e com uma pequena cabeça de sargento velho d'opera comica, Sergio era o typo d'esses decilitreiros que monologam de noite pelas ruas, ás esquinas ladeirentas, ás portas das escadas, diante dos monumentos e dos cartazes, pondo uma silhueta hoffmanica na banalidade do fóra de horas de Lisboa.

Jamais, na sua vida de violoncelista raro, ora sollicitado pelas deferencias dos con-

194 — Primeiro de Maio O desfilar do cortejo operario

victos admiradores da sua arcada, ora pela blandicia d'esses impostores que só querem tirar da convivencia com musicos e pintores, meros partidos scenicos de dandysmo... jámais elle conseguiu moedar-se ás formulas artificiaes da correcção, sem a qual o mais bello espirito se arrisca a passar nos salões por um creado, entre os desdens das mulheres, as jugatas dos peralvilhos, e a fria insolencia dos velhos pilotos do *cotillon*.

Assim como Heine, que só admittia uma classificação de plantas — as que se comem e as que se não comem — Sergio só conhecia dos homens duas cathegorias: com gravata e sem gravata. No primeiro grupo punha elle os seres inferiores, os pedantes, os marotos, os intrujões, os idiotas e os vadios; sendo no segundo onde, esquadrinhando bem, ainda se poderia encontrar gente capaz.

Era seguindo esta lei zoologica das especies pensantes descriminadas segundo o trapo que trazem ou não trazem laçado á volta do pescoço, que Sergio, depois de ter bastos annos convivido com pessoas de sociedade, mercê do seu logar na orchestra de S. Carlos, preferia descer ás baixas espiraes de gente subalterna, onde os seus arrazoa-

dos impressionavam, os seus ditos tinham echo, e o seu divino instrumento todas as noites o salvava, pela virtuosidade magnifica do estro, do grotesco naufragio de uma camoeca apanhada com grogs offerecidos pelos admiradores em manga de camisa e tamancos, que para ouvi-lo tocar iam ao café todas as noites.

A's oito horas, no corredor estreito e comprido que era a sala d'esse botequim fadista, todo occupado com duas filas de mezas onde os freguezes abancavam, sentados em mochos de pau, para saborear a pequenos goles uma pessima cerveja, ou qualquer chavena d'esse café negro e pegajoso que a Mouraria designa pelo pittoresco nome de *carocha;* ás oito horas não havia no botequim um logar unico, devoluto. Por uma rotula de dois porticos, ao fundo, intercalada de prateleiras de garrafas, d'onde se franjavam, por transparencia, fogos de rubis de creme rosa e d'aguardente de ginjas, esmeraldas de Kermann, grandes topasios de licor de canella e tangerina, pousava o busto do cafézeiro em camisola, gordanchudo, barbaceno e alvar, tratando a freguezia por gajos, e coçando as piugas nos entreactos da confecção dos capilés. De roda, outros gallegos ajudando, indo do fogão para o balde das lavagens, da gaveta das colheres para as profundesas da baiuca, d'onde nos intervallos de silencio vinha um guinchar d'enormes ratazanas. Nas paredes, quadrinhos de mulheres, bicos de gaz flambando sob tulipas de loiça pendentes do taboado; e por entre as filas de bancos onde mal cabia a perna do moço que fazia o serviço, atravessava de quando em quando uma especie de borboleta da Rua Suja, chuchada, vestida de branco, com tamancos nos pés e pastas de cabello ruivo sobre a testa.

Penetrando a garganta estreita do café, topava-se á esquerda, numa especie de pulpito de ripas, um piano alugado, com o seu indispensavel cornaca, o pianista, homem balofo e d'oculos, os queixos presos num açaime de barba côr de coiro, e em toda a figura a desillusão d'um professor primario demittido; e logo entre os principaes do café, typos de côco, a unha em lucto, o olho engenebrado, seguia numa cadeira d'almofada o violoncelista. Entre violoncelo e piano, primeiro que o concerto partisse, havia sempre altercações roufenhas sobre o bocado a tocar e a pouca execução do toca-teclas encarregado de fazer á melodia de Sergio o acompanhamento.

— Homem! dizia este, apenas o pianista zoava na sala os primeiros compassos: isso não é musica, é um boi que saltou a trincheira do sol! Ora queira embolar se, amigo Pratas, e fazer favor de seguir o que lá está.

Lá recomeçavam. O outro triste, com um cachimbinho de raiz posto entre os dentes, bebia um trago lentamente, e via-se-lhe no alto do craneo a coroasinha de calva branquejando, como cortada no polo d'uma melancia sem chorume.

— Toquem o *Chegadinho faz, faz!* dizia uma voz, quando o pianista, preoccupado d'arte, fazia correr no teclado a melodia do *Fausto*, na kermesse. E a mão de Sergio, tremula de grogs, dando saltos macabros, com as pontas dos dedos choreícos sobre as cordas, subito fixava-se, lançava uma arcada profunda, decisiva, nitida e de mestre, uma d'estas arcadas onde vão quarenta annos de musica e d'ouvido, d'aspirações, de sonhos, de trabalhos, e que pela expressão pathetica deixaram de ser vibrações de cordas sobre cordas, senão vozes partidas do coração, da angustia humana, Deus o sabe! para a nevoa dos problemas eternos e insondaveis.

Era então um momento typico, na rustilhada de fumadores e bebedores confusamente emborcados sobre as bancas da alfurja, bovinos, broncos. O calor asphixiava, um ralo passava nas respirações sustadas para ouvir: e cada vez mais a fumarada dos cachimbos ia relegando para planos distantes os grupos de bebedores ao fundo, a rotula onde o cafézeiro entregava as bandejas e dava trocos, e a encardida sombra dos moços da cosinha, de quando em quando mordida pela chamma da fornalha, sobre que pulavam, em caldeiras de cobre, cachões de beberagens. Se alguma voz então cortava o

silencio, logo as cabeças todas se levantavam num shut! de colera egoista, que fechava a boca dos mais audaciosos; e o violoncelo calava-se ainda, á espera de que passasse na sala o primeiro calafrio d'impaciencia, todo elle banhado nessa onda de fluido emocional que rola d'alma em alma, engrossado pela nervosidade dos mais fracos, e revoluteando d'entorno á indifferença dos rudes, até conquista-la e fundi-la, como uma cera molle, sobre a conturbadora volupia do seu spasmo.

Emfim lá cessava o piano os latidos do acompanhamento: a voz de Sergio regougava ainda contra o pianista algum dichote verberando a desfilada pastosa dos acordes, que elle comparava a grasnidos de patos numa poça; e então, bruscamente, a melodia do violoncelo esboçava as primeiras volutas, pelo ar.

E' sabido por que processo os grandes musicos conseguem fascinar um auditorio, seja d'artistas ou de carregadores, de cretinos d'asylo ou d'animaes de jaula, carniceiros. Coisa singular! não é tanto pelos ouvidos que essa musica dos grandes auditivos nos doma, é pelos olhos. Ha sons que, ferindo o tympano, nos fazem gosar, sem duvida, mas só pela vibração rythmada que produzem localmente. Uma tal musica, ao ir do ouvido ao cerebro, faz-se emoção por certo, mas não tem poder para evocar dentro de nós estados plasticos, sob cuja acuidade os outros sentidos visionem a porção de goso que a alma assimilou. Copulado por ella, o espirito permanece infecundo, e a reminiscencia, ao repassar-lhe os bocados transcendentes, não sente a necessidade de os repetir em certos e determinados logares, ou sob o dominio de certos e determinados estados psychologicos. E' esta a musica da cabeça, a musica escripta ou executada sem dôr, feita pelo maestro de cór, e interpretada pelo artista com sabedoria, mas sem alma.

Mas outra musica ha de que o ouvido é mero receptaculo instantaneo, transmissor mudo; outra musica que a imaginação visual plasticisa rapido, em imagens, quasi que iamos a dizer dotadas d'existencia, imagens que se vêem, se apalpam, se elançam, soffrem e esmorecem, como essas aparições translucidas que os mediums theosophos desagregam de si, e deixam no ar, pairando em linhas phosphorentes, feitas d'um fluido astral e reproduzindo aos olhos d'um circulo de crentes a physionomia ou a figura da creatura ausente ou morta, que evocamos.

Quem alguma vez escutou a valsa dos Sylphos, tocada em surdina, numa orchestra de mestres, não mais esquece a passagem lunar que viu desenrolar-se-lhe deante, á margem d'uma ribeira tragica e parada, onde os canaviaes se sublinham apenas na noite, em tons d'azul e phosphoro, muito vagos, e o Diabo passa, de pescoço estendido, as azas lassas, de cocaras quasi, aos pulos sobre a roca, como um griffo caduco á procura d'almas que escorchar.

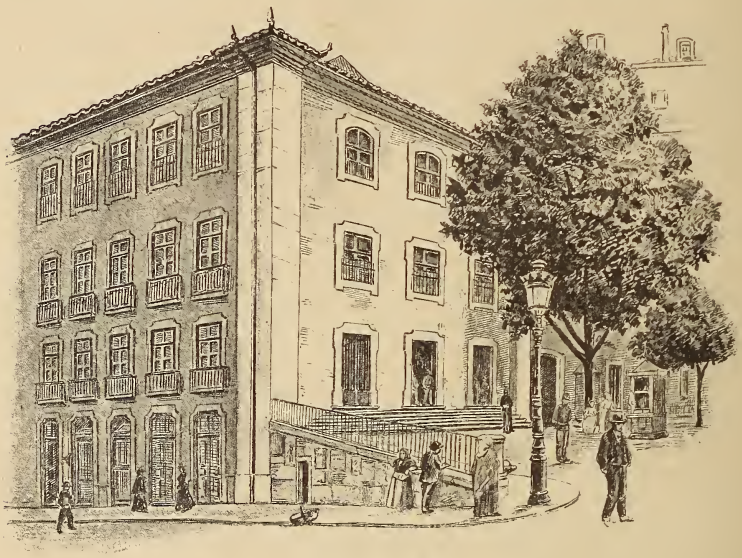
E sem rumor, d'entorno aos troncos, geleiras, penedias, começam a passar de vagar rondas de gnomos leves como luzernas, embryões de seres inutilisados na officina de Deus, fugidos do barril dos restos da creação, correndo o mundo, incorporeos e maus, a impulsionar os crimes e as doenças... e a cadeia d'esses pequenos monstros expira-la, numa dança infectante, ora quebrando a bicha das suas formas deliquescentes, desfazendo-se no sonho da noite incognoscivel, onde as coisas teem formas de ballada— ora voltando com fermentações de larvas, numa furia de viver febricitante, e apenas rythmada pelo ting-ling das gotas caidas da folhagem.

Bem depressa, á medida que o lento se começa a caracterisar nos violinos, o nosso ouvido pára, toda a especie de som parece que morreu, mas os sentidos fundem-se-nos num unico, a visão, e ei-la seguindo no ar o turbilhão diaphano d'espectros, que ella invocou, por cambiantes, com uma sensação de relevo quasi physica, e uma magia d'assombro extraordinaria!

Mas assim como as evocações dos mediums querem penumbra e silencio para tra-

vestirem materialisações involucraes, assim as imagens acordadas pelos musicos reclamam, para se produzir, a ausencia de sugestões que desviem o espirito, que desviem a attenção, d'outras materias.

Na existencia actual está reservado á musica pouco mais ou menos o papel que a religião teve na antiga. Ha arias que andam ha seculos incomprehendidas, pelo mundo, á procura d'um estado affectivo ou intellectual que interpretar, assim como ha espiritos, tristezas e sonhos, que ainda não acharam musica que lhes sirva de lenitivo e d'evangelho. Evidentemente que o drama visual desenrolado aos olhos d'um grupo, pela audição d'um numero de musica escolhido, raro é para todos os ouvintes o mesmo, visto como, mesmo nos phenomenos opticos directos, a sensação chromatica, posto que identica em todos, nunca póde ser mathematicamente egual de retina para retina.



195 — Edificio da Boa Hora

Ora, são os infinitamente pequenos d'estas differenças de sensação que constituem a originalidade individual d'um temperamento, e elles que, no campo esthetico, evocam ás vezes d'um mesmo motivo fixo, qualquer que elle seja, as comprehensões artisticas mais antipodaes.

A musica, sendo uma linguagem universal posta ao serviço d'uma sensibilidade universal, logo implicitamente deixa prever como essa linguagem possa pôr na mesma phrase, conforme a pessoa que fala, e a quem se fala, cambiantes de ternura, de mysterio, d'ironia, de brutalidade ou de franqueza, alternativas—questão d'intuito moral, de tom, que o mais grosseiro instrumento dá, quando vibrado por algum grande artista em inspiração. Porque emfim, interpretar uma obra d'arte é traduzir em vulgar uma sensibilidade, dar repercussão dentro de nós a uma alma identica: e não se imagina como o violoncelo de Sergio catechisava a alma d'esses ignorantes plebeus, pela emoção pathetica do som, que lhes perturbava a rudeza em melancolias ancestraes.

Fialho descreve assim a audição da serenata do *Fausto*, numa noite em que foi ouvi-lo ao botequim de fadistas da Carreirinha:

«...O violoncelo, de repente, faz voltar as attenções dos maltezes para os primei-

196 — Real Casa Pia. Interior de uma aula

ros apelos da serenata que Mephistopheles diz, por debaixo do balcão de Margarida. E' uma terrivel coisa, vaga a principio, penetrante e glacida a um tempo, a verter deliquio amoroso por todos os gemidos, perversidade satanica por todas as rizadas, e com volutas por onde sobem e descem roldões de desejos e idéas que contrastam, injurias que principiam por suplicas, escarneos que vão acabar em extasis divinos... Assim como do hymnario dos symphonistas primevos, sobe o disco vermelho e oiro da aspiração terrena para os cimos, assim d'aquella monstruosa injuria do Diabo á innocencia, uma lingua de vibora rompe a imbuir peçonha em todas as almas, no preciso instante de as prosternar, estonteadas de paixão.

Mas que eternidade viva a d'essa musica! Que intensa alchimia psychica a d'essa serenata, de cuja furia corações escorchados pulam ainda, com virulencias d'amor extra-animal! Como o possivel do *au-delà* estremece nos seus flancos, e como os seus gemidos fecundam a culpada terra de presagios! A rastos do seu echo vê-se uma aza tremendo ainda por librar-se aos mundos da pureza, quando já um caprino pé bate compasso ás farandolas cynicas do vicio. E quando finalmente ella se firma, por gradações mal sensiveis, na perturbadora nupcia d'aquelles dois sentimentos antagonicos, o amor e o escarneo, subito, o ouvido perde a noção do instrumento que a nuança, dirieis que fala en-

197 — Ca 'sta a *Parodia*!

tão uma boca de carne, uma boca de mytho, em que um dos labios fosse d'anjo, e o outro labio fosse de demonio.

E começamos a reviver a scena gœthiana, o bandolim do Diabo desviando Gretchen da prece, a rua esconsa, de cidade medieva, nevoenta a deshoras, cheia de silencio e casas de granito, nichos fumosos, lampeões na agonia... e o tentador concitando a donzella a vir escutar a serenata, tendo Fausto na sombra, e sobre o gorro as duas pennas de fogo a esgrimirem no ar, como floretes. Aquillo rapido, febril, relampagueante, como um illusionismo de vida desenrolado num cerebro cataleptico, mas intenso, inolvidavel, profundo, porque a virtuosidade do artista era um completo prodigio d'intuição psychologica, e havia no jogo d'elle um mordido pictural, a restituir, formidavel e completa, a impressão dramatica que o tomára á simples evocação mental d'aquella scena.

Inda a serenata nem esboçara os primeiros lineamentos melodicos, já um movimento d'interesse friccionava o dorso de todos aquelles asperos matulos.

A rudeza faz que os homens do povo tenham o espirito em fragmentos, mesmo apezar do coração lhes bater d'uma só peça. Pela quasi completa carencia de methodisação no pensamento, a imaginação d'elles, como a razão, tem grandes noites, e só por instantaneos relampagos fulgura. E' ouvi-los falar e reconhecer, nas conversações de muitos, pontos focaes de rectidão, bom senso e intelligencia, rasgos grandiosos, finuras singulares, isto perdido num ossuario de disparatados e confusos soliloquios.

Quando depois os dedos de Sergio foram por cima dos bordões do violoncelo, a imitar o rir do Diabo, com uma malignidade humana incomparavel, no calafrio dos corpos sentiu-se, como no ralo oppresso das gorjas, e no galgão dos hombros movidos para o mesmo ponto da sala, sentiu-se, dizia eu, que um grande esforço mental se estava fazendo em todos os craneos, e que esses homens do povo tentavam esfarrapar interiormente um grande cerraceiro, para attingir a nitida visão d'essa tragedia que a mephistophelica musica interpretava.

Do que elles se haviam apercebido logo foi do cynismo da gargalhada livida, intercadeando se aos haustos de horrivel magua, que põem naquelle canto como uma dolorosa sombra no escarneo. E, com os cotovelos na banca, elles torciam-se, pedindo sugestões iniciaes d'onde partir para a visualisação: e bem depressa um a loucura phosphorejava nos olhos de todos, raivas nervosas quebravam as unhas como animaes de preza, d'encontro á impotencia do esforço...»

O General Macedinho, destemidamente nascido em Lisboa no anno de 1819, não foi sómente um dos nossos primeiros generaes; foi tambem, como dizia o *Album das Glorias*, um dos nossos primeiros symbolos. Elle representava — a guerra. E o seu aspecto era dos mais imponentes e dos mais temerosos, entre todos os diversos aspectos que apresentava o Passeio Publico, ás tardes. Quando elle perpassava entre as multidões inermes, da sua figura marcial e bellicosa disgregava-se no ether como que um perfume de polvora. Os seus oculos lampejavam como escorvas de mosquetes. As rosetas das suas esporas, tilitando nas ruas, lembravam o fragor metalico dos esquadrões que trotam. As suas calças, apresilhadas e retezas, exprimiam essa admiravel inflexibilidade provada nas boas casimiras pela suprema tenção da disciplina militar e das puchadeiras de coiro. O farto peito acolchoado da sua farda tinha a amplidão gloriosa de quem usasse sobre o torax, em pastas sobrepostas e sobrecosidas, as victorias de Alexandre, de Cezar, de Annibal, de Pompeu, de Turenne, de Frederico, de Bonaparte — todas de algodão. A vizeira do seu kepi, carregada de um lado, trazia á lembrança um *abat-jour* discreto collocado pela modestia entre a orbita em que reluz o olho estrategico do batalhador e aquella parte do céo d'onde dardeja os seus raios o sol de Austerlitz e de Aljubarrota.

Quando elle apparecia, as faces rubicundas dos burguezes amareleciam, assim como amarelecia a herva dos campos quando Attila vinha. As mães tremulas aconchegavam ao peito os seus tenros filhos; a mocidade inexperiente e fogosa estremecia e vibrava de um generoso enthusiasmo ás portas do Café Suisso; os bois, companheiros do homem nas mansas lides da agricultura, fugiam aterrados e gemebundos com as respectivas charruas pela Bitesga fóra; dir-se-ia que o commercio retraia-se nas suas transacções, que as artes da paz se immobilisavam, que os animos se avinagravam, e que até o proprio vinagre se revoltava — como d'uma vez se chegou a ver na popularissima revolta do *Vinagre*, que poz em crise os escabeches, as saladas e as patrulhas da Guarda Municipal. Tudo isso porque elle passava, pois que na cidade inteira, desde a Bica do Sapato até ao Caneiro d'Alcantara, elle era — a guerra!

General Macedinho, o terrivel General Macedinho que Lisboa se habituára a considerar como a expressão mais destruidora que podia assumir a guerra, quando o via commandando as forças da Municipal, era afinal, e simplesmente, um bom e estimavel homem, que fizera correctamente os seus estudos na Escola Polytechnica, que entrara na vida publica e fôra deputado como qualquer outro, e que era conselheiro e commendador como muita gente. O *Album das Glorias* se encarregou de destruir essa lenda de flagelo terrivel que acompanhava Macedinho, nesta graciosa caricatura: «Quereis saber d'onde elle vem? Elle vem de comer pera doce com vinho do Porto e de beber chá preto com torradas no convivio administrativo e amigavel do chefe do districto, o affavel Conselheiro Arrobas. Quereis saber para onde elle vae? Elle vae para os seus aposentos, no quartel do Carmo, deitar-se a dormir na sua cama, emquanto a mente escandecida em pensamentos de campanha se lhe revolve no plano de detalhar o 38 da 4.ª para o Boqueirão do Duro e o 25 da 1.ª para a Travessa do Poço. Vem do pacato dever cumprido e vae para o merecido repouso assegurado pelas leis aos honrados servidores das instituições vigentes.»

Assim se destruia uma interessante lenda, mas a verdade era essa. Essa terrivel personagem que Lisboa se habituara a considerar como a expressão mais destruidora que podia assumir a guerra, era simplesmente um bom e estimavel homem, que fizera correctamente os seus estudos na Escola Polytechnica, que entrara na vida publica, que fôra deputado como qualquer outro e que era conselheiro como toda a gente.

Na sua qualidade de commandante da Guarda Municipal elle mostrara sempre temer a Deus e amar a ordem um pouco de mais talvez!

Não devia ser accusado por isso. Em todas as sociedades o fanatismo da guerra augmenta tanto mais quanto o paiz é maior; o fanatismo da ordem augmenta tanto mais quanto o paiz é mais pequeno. Para se comprehender pois até que excessos podia ser levado pelas fatalidades geographicas um ordeiro portuguez, cumpria meditar na estreiteza do meio em que neste jardim da Europa nos desenvolviamos todos — boninas, homens d'estado, artistas, trabalhadores e guerreiros. Infelizmente para a seiva belicosa do nosso militarismo, o alegrete da guerra era então aquelle em que mais apertada e mesquinhamente se atormentavam as nossas vegetações sociaes. Basta dizer-se que não havia campanha em que figurassem mais de quatro homens e um cabo, e que a propria bisca das casernas, alma dos furores mavorcios, era apenas uma pobre bisca de tres...

O grande animatographo, onde então passavam todos esses e outros typos de Lisboa, era o Passeio Publico.

O Passeio Publico tinha sido muito diverso do que todos o conhecemos, antes de o transformarem na Avenida da Liberdade. Era até certo tempo um vasto recinto sobre si, com sua autonomia de quinta do antigo regimen encravada no centro da capital.

Em 1772, dizia o viajante Twiss: «Neste momento se está organisando em Lisboa um passeio novo, com a singularidade de ter num dos extremos a vista risonha do cadafalso, e no outro extremo a do Paço da Inquisição.» Apesar d'esta desdenhosa ironia, foi o Passeio um progresso, e não pequeno. Delineou-o em 1764 o architecto da cidade, Reynaldo Manoel, sobre as então chamadas Hortas da Cêra, pertencentes á casa de Castello Melhor, sitio baixo e alagadiço, onde se foi deitando grande parte do entulho do terremoto. Os freixos ali plantados, deu-os Ratton dos seus viveiros da Barroca d'Alva.

198 — O mercado do Campo de Sant'Anna

Esse nome das antigas Hortas ainda se conservava ha bem pouco tempo numa travessa tortuosa e quasi solitaria, que ligava a Calçada do Salitre com a Rua de S. José; cortou-a a Avenida, e hoje apenas resta d'ella um fragmento junto do Salitre.

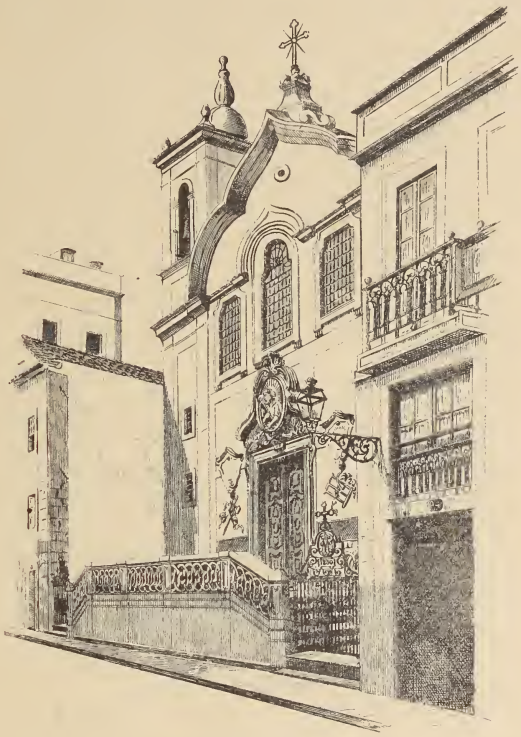
Quem por ahi passar, lembre-se de que algures habitava, na visinhança, o grande pintor portuguez Vieira Lusitano com sua mulher. Diz elle proprio na sua adoravel auto-biographia:

Em santa paz dignamente
gosavam thalamo e meza,
naquelle ameno, aprasivel,
sitio das Hortas da Cera,

Que foi o feliz primeiro
porto, em que os acolhera
o puro hymeneu cantando
mil nupciaes doces letras.

Sitio aprasivel, de certo, como diz o insigne artista, meio campo e meio cidade; bem escolhido portanto para se transformar, como se transformou em 1764.

Era o Passeio Publico, segundo o testemunho de Ratton nas suas *Recordações*, o unico refugio que tinham então os habitantes de Lisboa para passearem livres de lama. «Mas costuma estar fechado ás horas em que devia estar aberto; pouca gente o frequenta, talvez por ser prohibido aos homens de capote; oxalá que o fosse tambem para as mulheres de capa, e que se podesse entrar e sair por qualquer das suas duas portas, para commodidade do publico. E' pena — conclue Ratton — que nas principaes ruas se decepem os ramos das arvores, que as deviam tornar sombrias e frescas no tempo da calma, e que esta poda as venha a destruir em pouco tempo, como é de recear.»



199 — Egreja de S. José

Que rasgado e civilisador pensamento foi esse do grande Ministro, dotando a capital com um refugio de tal ordem! Não havia então um logradoiro hygienico para creanças, para mulheres, para estrangeiros, para ociosos. Nada havia, ou quando muito o sabidissimo Rocio. Lá o diz em 1730 um escriptor francez na *Descripção da Cidade de Lisboa*: «Nenhum passeio tem Lisboa, nenhuma distração, a não ser uma desenchabida companhia hespanhola, frequentada ainda assim pelos grandes e fidalgos. Ao sairem d'esse espectaculo, vão matar o tempo no resto do dia passeando nas suas seges pela Praça do Rocio, conversando uns com os outros, sem sairem das carruagens. São muito usadas as seges de rodas, assim como as liteiras para as senhoras de alta sociedade, e para os velhos; coches porém apparecem poucos em Lisboa, por causa da má serventia das ruas.»

Se o auctor voltasse a Lisboa quarenta annos depois, encontraria como progresso incontestavel o recatado jardim de Reynaldo Manoel, a alastrar sombras verdes num arrabalde convidativo, e a reunir certamente nas tepidas manhãs e tardes de verão algumas duzias de passeantes, d'esses para quem as arvores são as mais gratas das companhias.

O Passeio tinha ruas muito sombrias de altos freixos annosos, banquetas de buxos symetricamente dispostas, pedestaes com vazos e estatuas; um ar de quinta no-

bre, que era uma delicia. Para isolar da buliçosa Lisboa este fragmento suburbano, havia, como forte parenthesis de pedra e cal, uns muros muito altos sombreados de heras e musgos, e apenas interrompidos de poucas janellas de poial, quinze a cada lado, gradeadas, sobre a rua.

Enquadravam este oasis, que era então muito apetecivel na Lisboa pombalina sem verduras, pelo norte a Praça da Alegria de baixo; pelo nascente a Rua Oriental do Passeio; pelo Sul o Largo do Passeio Publico; pelo poente a Rua Occidental.

Nesta rua faziam-lhe frente o jardim e palacio dos Marquezes de Castello Melhor, e o longo jardim e palacio, de vulgar apparencia, dos Condes de Lumiares. O palacio Castello Melhor fôra riscado por Francisco Xavier Fabri.

A Praça da Alegria de baixo, essa não tinha o minimo caracter; um edital municipal, de 14 de Dezembro de 1863, o mais para que a achou boa foi para a venda de leite; e já não era mau. Apenas nas derradeiras dezenas de annos da sua existencia apresentava esta praça algumas casas altas, mas de muito banal desenho.

A Rua Oriental do Passeio principiava na Rua das Pretas. D'essa esquina até ao Largo da Annunciada tinha sido o muro da cêrca das freiras d'aquella invocação.

No tempo do Passeio já não havia tal cêrca; havia predios, poucos em numero, no risco lisboeta do seculo XVIII; havia tambem as ruinas dos antigos palacios dos Condes da Ericeira, serie de casebres e tabuados, desde a esquina do Largo da Annunciada até á Rua dos Condes, e pouco mais.

O Largo do Passeio Publico, emfim, era antes de 1834 maior do que ultimamente o conhecemos. Principiava na altura do palacio Castello-Melhor, que ainda sobre elle deitava uma quarta parte da sua nobre frontaria. O plano grande de Lisboa em 1807 assim o demonstra.

Por avisos de 29 de Julho e 9 de Setembro de 1815, recebia o Passeio Publico, para alimento das suas fontes, nove pennas de agua municipal.

Esse largo que se chamava do Passeio Publico, em frente dos portões principaes, com o seu bonito empedramento de mosaico, não foi antes de 1834 nada do que era ultimamente. A garganta que ligava o Largo de Camões com o Largo do Passeio era muito estreita; junto ao Palacio da Regencia, ou da Inquisição, havia a alta muralha do jardim, cujo nome ainda existe na Rua do Jardim do Regedor; e do lado do poente havia em frente da quinta dos Marquezes de Castello-Melhor umas baiucas baixas, que depois foram demolidas e substituidas por elegante muralha com estatuas, e uma bem desenhada porta com as armas de Vasconcellos e Camara. Essa porta ficava no sitio onde depois veiu a ser a entrada dos Recreios Whittoyne.

Que de transformações em tão pequenino espaço!

Foi por 1834 que se entrou a pensar mais demoradamente no modo de aperfeiçoar e amodernar aquelle jardim; dir-se-ia que a expansão do novo regimen politico chegara ao Passeio de Reynaldo Manuel. Em Setembro d'esse anno mandou a Camara demolir muitas barracas desalinhadas, que obstruiam as immediações. Logo em Outubro de 1835 contribuiu o Municipio para os embelezamentos do Passeio. Em Novembro propoz a vereação ao governo a conveniencia de lhe ser cedido para o novo largo um grupo de seis elegantes figuras marinhas, que se achavam na extincta repartição das Aguas Livres. O governo annuiu.

A frente d'este grande recinto sobre o Largo do Passeio Publico era um madeiramento provisorio muito feio, pintado de verde. Substituiu-se por tres portas de ferro elegantes e esbeltas, inauguradas, segundo ellas proprias diziam em letras doiradas, no anniversario da Rainha D. Maria II, a 4 de Abril de 1838.

O architecto reformador do jardim foi Malachias Ferreira Leal, auxiliado por uma commissão especial da Camara.

A frente para a banda da Praça da Alegria era outro horror; tinha encostados uns miseraveis casebres de arrecadações, e um pharmaceutico. Nessa frente, convenientemente edificada por baixo de um terraço com escadarias, ficou-se lendo a data de 1840.

Desde longos tempos se achavam por acabar duas sereias e dois tritões de pedra, obra do velho esculptor Alexandre Gomes, fallecido em 1801. A Camara, de accordo com a sua commissão encarregada da metamorphose do Passeio, propoz ao governo o acabamento das estatuas, e a sua concessão para o lago, assim como a de tres figuras de pedra, que existiam no Jardim do Regedor, antigo jardim do Paço dos Estáos, ao Rocio.

Os muros pombalinos substituiram-se por gradeamento entre pilares; os buxos foram a terra; o genero Le-Nôtre passou para genero inglez; as redoiças de flores alastraram as suas alcatifas. Assis Rodrigues, o correcto alumno de Machado de Castro, fez sair do seu tóro de pedra lioz a lindissima Nayade da fonte do topo da rua central, e deu-lhe, como companheiros no lago, dois formosos cisnes da mesma pedra, que eram um encanto; no principio do Passeio, á entrada principal, noutro lago immenso, um formoso e elegantissimo repucho a muitos metros de alto erguia a sua linha esbelta, rutilando perolas e brilhantes ao sol esplendido de Lisboa. As melhores bandas de musica ali foram ouvidas; e o Passeio Publico, assim regenerado e remoçado, tornou-se o ponto de reunião de toda a melhor sociedade da moda, um vasto salão ao ar livre para os passeantes, os conversadores, os galãs, e os moços.

Sim! «O Passeio Publico de Lisboa foi um civilisador, diz o Snr. Visconde de Castilho, deveu lhe muito o desenvolvimento da sociabilidade nacional. Ali era um centro. Ali ouvia-se musica muito boa, amava se, devaneava-se, o lisboeta deixava de ser bicho, e sentia-se parisiense do Jardim das Tulherias. Nada mais agradavel em verdade (estou escrevendo isto com as minhas recordações de rapaz a desabrochar) do que um amoravel domingo de primavera das duas ás quatro, no Passeio Publico. Ao findar a missa da uma hora no Loretto, lá vinha descendo o Chiado, direita ao Rocio, com um tempo creador, em pleno Setembro ou Outubro, uma infinidade de ranchos, paramentados e alegres, para dar umas voltas no Passeio. Isso ao som da musica das nossas vibrantissimas bandas militares, que só por si despertam enthusiasmo a cadaveres, significava os encontros das familias, o fechar das lojas, o descanço das phalanges da bureaucracia, as castas entrevistas amorosas seis dias esperadas, a mistura das classes mais altas com as médias, e com as populares, o cultivo gradual do gosto publico, a civilisação, numa palavra.

Nas ruas lateraes andavam grupos burguezes, as colonias dos nossos tristes terceiros e quartos andares da Baixa, a impregnarem os pulmões no ar balsamico das acacias e dos pittospóros, a commentar a onda alegre da elegancia, a examinar os pobres cisnes municipaes dos dois lagos lateraes, que ali passavam a vida na monotonia da contemplação do Tejo e do Nilo. Nas portas das entradas, aos dois topos do jardim, impertigavam-se os guardas com a sua farda comprida e bonet, o seu ar mal encarado, e a sua verdasca de enchota-cães. Ao longo da brilhante rua principal, á sombra das magnificas ramadas, sentavam-se em fila, nas cadeiras dos pobres do Asylo, centenas de pessoas conversando, rindo. Outras centenas passeavam, e encontravam-se, meneavam ao sol as suas elegancias. Aquillo era um salão immenso: o mais aristocratico possivel, e tambem o mais plebeu possivel.

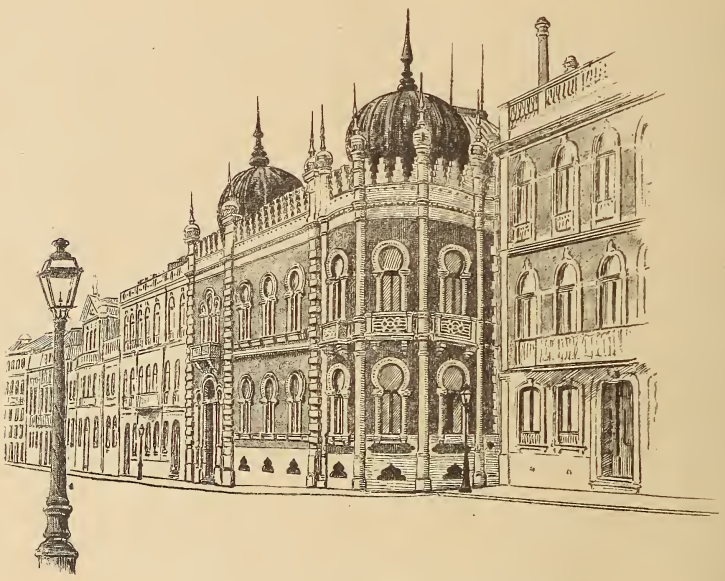
Pensam que tudo isso que ahi tenho descripto é pouco? pois então era muitissimo, na nossa capital, que ha sessenta annos era meio moirisca.»

Em 1847, mandou-se acabar o largo em frente da entrada principal, circumdando-o de arvores; e para mais resguardo, mandou-se em 1848 collocar um poste na calçada

nova defronte d'essa principal entrada, com um letreiro prohibindo ahi o transito de seges, carros ou cavalgaduras.

Em 1849 autorisou a vereação o competente vereador a mandar apear a bacia e as estatuas da fonte monumental do Passeio, que era deveras elegante e digna de se ter conservado. Ninguem chegou a entender tal demolição, numa cidade como Lisboa, principalmente onde tão poucos monumentos artisticos se podiam admirar!

Em 1851 houve no Passeio Publico umas estrondosas illuminações que deram brado. Havia muito pouco tempo que se estabelecera em Lisboa a Companhia do Gaz: eram pois novidade inaudita aquellas maravilhosas renques de diamantes luminosos, e aquelles



200 — Palacio de José Ribeiro da Cunha, na Praça do Principe Real

obeliscos transparentes e multicolores. Que alegria a d'aquellas noites! quantos milhares de pessoas ali se juntaram!

«Oh! meu Deus! exclama o Snr. Visconde de Castilho, não poder eu, com as minhas recordações infantis vivissimas, compenetrar bem o leitor do enthusiasmo que ali reinava! Como dizia bem a musica naquelle recinto! parecia o Passeio uma vasta sala onde se tinha reunido toda Lisboa. Andava no ar não sei que elegante confraternidade.

Aquellas famosas illuminações do Passeio, tanta vez imitadas depois, mas nunca jamais egualadas cá, luzem-me, no espirito irrequieto e sombrio, com brilho semelhante ás dos magnificos e apparatosos fogos, com que o popularissimo José Osti triumphava nessas noites; rutilantes improvisos pyrotechnicos que eram verdadeiras bellezas, e que, até mesmo depois de apagados, continuavam por muito tempo a abrir nos na alma os seus enormes leques de luz, as suas médas de foguetes sem conto, os seus ramalhetes de flores luminosas»!

Em 1852 houve terrivel desbaste no arvoredo magnifico do Passeio, docél frondoso

que todos ainda ali conhecemos, e que era uma collecção de altissimos guarda-sóes verdes de uma opulencia rara, capaz de desbancar todos os doceis dos thronos dos califas. Passeava-se ali ao abrigo completo do calor; eram os freixos da Barroca d'Alva, os

201 — Carregando rama de pinheiro, no Caes do Tojo

freixos de Ratton. Aquellas arvores tinham porventura escutado alguns dos estupendos improvisos de Bocage num grupo d'amigos e admiradores; aquelles troncos sabiam de cór mil confidencias dos assucarados peraltas do tempo do Principe Regente; o sol brincava nas ramarias como em sua propria casa, e espreitava por entre ellas; e vinte milhões de passaros, já afeitos ao borborinho e aos trombones das orchestras, acompanhavam com os seus delicados commentarios a conversação dos passeantes. Tudo isso já lá vae! os passeantes, os passaros, o arvoredo, Elmano e os seus amigos, tudo emfim!

Por esse tempo já começava a laborar no escuro uma idéa arrojada. Parecia querer vir alvorecendo, ainda muito abaixo do horisonte pratico, uma lembrança original: o rompimento de uma avenida grandiosa ligando o Rocio com o suburbio norte.

Em sessão de 3 de Julho de 1859, o talentoso Visconde de Villa Maior, Julio Maximo de Oliveira Pimentel, apresentava na Camara Municipal de Lisboa, onde era presidente, uma proposta para se estudar a abertura de um boulevard, ou larga rua, que seguisse desde o Passeio Publico, pela parte inferior do Salitre, e pelas terras do Valle de Pereiro, até S. Sebastião da Pedreira, ramificando-se para o Campo Pequeno.

Em 1870 o engenheiro Bartholomeu Dejante elaborava o projecto d'essa avenida.

Em 1873 os deputados Saraiva de Carvalho e Pereira de Miranda apresentavam ao Parlamento uma proposta para ser auctorisada a Camara Municipal ás expropriações necessarias para o rompimento de uma avenida, com 50 metros de largo, segundo o projecto desenhado pelo architecto do Municipio, Domingos Parente da Silva.

Sendo ministro das Obras Publicas Lobo d'Avila, depois Conde de Valbom, mandou proceder ao estudo de um boulevard, que terminaria no Campo Grande.

202 — O homem e o macaco do realejo

Foi por ahi que se entendeu dever começar a obra, e todos presenceámos os trabalhos, depois inutilisados, de ajardinamento do Campo Grande.

Em 1874 o digno par Francisco Simões Margiochi, sendo vereador da Camara de Lisboa, propoz que se désse principio a essa obra enorme pelo lado diametralmente opposto, isto é, pelo Passeio Publico; e pediu á Camara que se demolissem desde logo as grades e cortinas que fechavam o Passeio, e se estudasse de vez a abertura da avenida. Este alvitre defendeu-o no *Jornal da Noite* o eximio jornalista Teixeira de Vasconcellos.

Contra tal proposta insurgiu-se porém boa parte da opinião, e a vereação recebeu um protesto assignado por mais de mil e seiscentas pessoas.

Mas o Municipio teimou, convencido de que pugnava por um melhoramento muito grande e muito real, e em 24 de Agosto de 1879 se procedeu á inauguração dos trabalhos para a abertura da nova Avenida da Liberdade.

E comtudo, o Passeio Publico, sabedor talvez do que se passava, mas grande nos seus momentos derradeiros, ostentava a suprema indifferença das consciencias puras. Quem o visse, nesse mesmo estio de 1879, não suspeitaria sequer que saudava um moribundo. Elle, todo agrados, todo hospitalidade sincera, todo sorrisos de antigo portuguez, recebia nas noites calmosas o seu querido publico, e brindava a capital com os notaveis concertos instrumentaes nocturnos regidos por Madame Ahman. Tudo isso são saudades!

Foram seguindo rapidas d'ahi em deante as expropriações, e outras tarefas indispensaveis. Em 1881 mandou a Camara se procedesse á demolição do celeberrimo Circo Price, já a esse tempo cognominado Coliseu de Lisboa; e resolveu-se demolir esse enorme barracão no segundo semestre do mesmo anno.

Tinha sido edificado, annos antes, no sitio onde se erguia o Hospicio dos religiosos da Cartuxa de Laveiras, na entrada do Salitre, no sitio chamado Rua da Palmeira. Tinham principiado os frades este hospicio em 1609, numa horta que lhes dera o Bispo capellão-mór D. Jorge de Ataide para dote de duas cellas por elle estabelecidas no dito Convento das Laveiras. Tinha uma capelinha, onde dizia missa o procurador, quando vinha a Lisboa. Padeceu alguma ruina com o terremoto, mas concertou-se logo.

Em Novembro de 1882 começou a demolição do gradeamento do Passeio; quando veiu o centenario do Marquez de Pombal, já para as bandas da Praça da Alegria de baixo se achavam demolidas todas as propriedades defronte da porta septentrional do mesmo Passeio; tinha já desapparecido portanto a mesquinha garganta, ou fenda que abria entrada para a Rua do Salitre.

Em Dezembro, dava a Camara as suas ordens para se proceder sem demora ao arranjo da nova Praça dos Restauradores, por modo que em 13 de Fevereiro podesse ali inaugurar-se o monumento da Restauração.

E assim pois, terraplenada a linha da Avenida, asphaltados os seus taboleiros, povoadas de arvoredo as suas alamedas, rasgado de par em par aquelle enorme canal aereo para a passagem triumphal do aquilão, ahi ficou a grande arteria que serve hoje de fundo ao monumento só inaugurado, afinal, em 28 de Abril de 1886, tendo a primeira pedra sido lançada em 1 de Dezembro de 1875.

Aqui temos pois as principaes metamorphoses por que passou aquelle jardim municipal, que tão interessante papel representou na historia da adolescencia de tantas gentes.

O Passeio foi um dos filhos dilectos do Marquez de Pombal; foi um dos instrumentos mais efficazes que teve o grande pensador para amalgar as classes. Como certos salões opulentos da sociedade elevada, que souberam contribuir para a util convivencia da nobreza com as classes médias, o Passeio contribuiu para a mistura da

nobreza, das classes médias, e do povo; afinou o antiquado publico lisboeta no diapazão das cidades modernas; trouxe o enxame dos brilhantissimos ociosos a folgar uma vez por outra a uma restea de sol portuguez; implantou o gosto dos jardins nas classes baixas, e fez-lhes querer bem ás flores, que são a melhor amostra do bello; foi o praso dado onde os proletarios ouviam gratuitamente musica boa, e aprendiam maneiras; o terreno neutro, onde a modista e o operario, onde o modesto empregado e o lojista, todos portuguezes, todos cidadãos, todos filhos legitimos do mesmo sol, se encontravam a par com os grandes, e caminhavam de plano com os proprios reis.

Todas as cidades precisam estes retiros campestres e amenos, onde as creanças, os ociosos, as mulheres, possam espairecer se, livres do receio de atropelamentos ou maus encontros. Uma rua publica, por maior e mais bella que seja, não pode preencher as vezes de um jardim. A immolação do Passeio Publico foi, quando menos, uma crueldade, além de um roubo ás commodidades municipaes de Lisboa.

A Avenida é bella; sem duvida que o é, sob varios aspectos; mas o Passeio, com a sua immunidade, a sua independencia, o seu luxuoso arvoredo, as suas flores, o seu ar recolhido e senhoril, era encantador.

A primeira estampa que nos apparece ao abrirmos a *Lisboa na Rua*, que Julio Cesar Machado escreveu e Manuel de Macedo illustrou, é a estampa do Passeio Publico — «por isso que o Passeio Publico representa por si mesmo Lisboa na rua. A Lisboa que sae; a Lisboa que se mostra; a Lisboa que vê e quer ser vista; a Lisboa que se arrasta; a Lisboa que boceja; a Lisboa que namora; a Lisboa que esmóe — encontram-se no Passeio Publico.»

Logo de manhã a estreia do dia para quem se levantava cedo e podia dispor de si, era ir para lá.

Ainda a aurora vinha a deitar o nariz de fóra, já appareciam um do norte, outro do sul, os respectivos porteiros, que se dirigiam gravemente á casa da guarda, tomavam posse das chaves que sempre ficavam de noite na estação sob a auctoridade meia dormente meia vigilante do cabo, abriam os portões, e fechavam-se lá dentro.

De balde algum passeiante matutino, amante do fino aroma que a brisa da madrugada vem colher nas flores, tentava entrar na mesma occasião que elles; não havia conseguir de taes cerbéros que franqueassem o Passeio antes do nascer do sol. E, porque esta obediencia rigorosa á lei maravilhasse os animos, encostava-se ás grades um ou outro dos transeuntes e espreitava lá para dentro...

Os dois guardas, um numa rua, outro noutra, acocorados como a gallinha no chôco, iam rastejando pelo Passeio fóra em todas as direcções, á procura de pontas de charutos, que ali houvessem ficado caídas desde a vespera. Sua experiencia do mundo lhes fazia receiar que os visitantes as apanhassem em vez de as deixar ficar para elles, e nisso ia o segredo de tão sisuda observancia á lei em não abrir as portas antes do sol nado.

O charuto nesse tempo era objecto de consideração. Dizia-se de algum magnate, como quem reverenceia as grandezas do mundo:

— Fuma charuto de vintem!

O charuto de vintem era loiro, palido, airoso, redondinho, e estalava de seco quando se lhe cortava a ponta. De folha ligeira e porosa, cinza branca e firme, ardendo bem, e espalhando em redor um fumo agradabilissimo. Fumava-se tal prenda de vagar e com consciencia. Era o charuto dos conselheiros, e dos fidalgos de meia tijela — *aurea mediocritas*. Parecia o custo d'elle destina-lo tambem aos haveres das classes menos favorecidas: até um vintem afiguravam-se legitimas as prodigalidades!

De repente, num dia fatal, appareceu no mercado o charuto de pataco, e tomou desde logo o caracter de ostentação. Teve a fortuna que tem entre nós tudo que é pas-

palhice; e o pobre charuto de vintem, vendo-se humilde na presença d'aquelle impostor, tomou a resolução de se vingar... tornando-se mau.

Ainda nisso soube ser notavel; e nunca houve peor charuto do que elle conseguiu ser! Apagava se a cada instante, espirrava lume como um busca-pé ou uma bicha de rabiar, ardia por dentro num relampago e ficava em feitio de agulheiro.

Nunca aquelles aventureiros chamados Borgias, que da condição mais humilde se levantaram por traições e intrigas até ás maiores dignidades: nunca o pae d'elles Alexandre VI, Papa, nem a filha Lucrecia, que tantas vezes temos visto e ouvido no theatro, nem seu irmão Cesar que na diligencia de apanhar o throno não houve coisa ruim

203 — Hospital da Estrella

que não fizesse, perjurar, matar, esmagar a justiça, a honra, o direito das gentes, a amisade, o patriotismo, a humanidade! — nunca, diga-se a verdade toda, nenhum d'elles attingiu mais dissoluta e desenfreadamente as proporções de assassino do que o charuto de vintem do Contracto, desde que principiou a soltar-se da braga, e a ser pessimo.

Os porteiros do Passeio Publico conservaram-se-lhe fieis até o dia em que elle deixou de ser o que era, e fizeram-no passar pelo vexame de até elles o abandonarem por fim, e desdenharem arrecadar as pontas. E não lhe haviam querido pouco! Quantas vezes se tinham erguido de noite, para chegar a tempo de fazerem uma busca escrupulosa; e quantas questões tiveram um com o outro por se encontrarem em concorrencia commercial e querer cada um melhor colheita para vender ou fazer cigarros — passando até, numa occasião ou noutra, da palavra ao gesto, e recorrendo, sem preambulo oratorio, ao pugilato — sempre de cócoras, rebolando-se reciprocamente por cima da terra ainda fresca do orvalho da noite, e na presença d'aquellas estatuas do Tejo e Douro imperturbaveis, austeras!

Abriam-se emfim as portas, e rompiam os visitadores, uns sãos, outros doentes, que iam dar a sua passeiata hygienica. O Passeio nesse tempo era todo cheio de arvo-

res; arvores velhas, mas grandes, que estavam para ali de boa fé, a dar sombra á gente. De vez em quando, quebrava se uma ou caía outra. As que ficavam, iam abrigando os namorados, dos ardores do sol canicular; e, como tambores-móres da natureza, davam-se ares victoriosos e solemnes.

Havia certas familias que nunca faltavam, a quem os porteiros já conheciam ha muito tempo e a quem, levando cortezmente a mão á pala do bonet, dirigiam sempre alguma phrase neste genero:

— Hoje veem mais tardinho!

204 — Aspectos de Lisboa. Na Rua de S. Paulo

Ou:

— A musica principiou neste instante!

Ou se não ia uma das senhoras:

— O ranchinho hoje não vem completo! A outra senhora tem coisa de cuidado?

Sentavam-se depois gravemente, sisudamente, mirando com apparatoso desdem quem passava, e sem haver coisa neste mundo que podesse perturbar sua impassibilidade. Com uma d'essas familias, tres irmãs *un pó maturas* como diria em italiano o Diabo do *Fausto,* entretiveram se uma tarde uns estudantes, passando por deante d'ellas e dizendo: — «...Aqui está Snr.ª Dona Fulana e suas manas!» não diziam mais nada, mas diziam isto de cada vez que passavam por ellas, continuando a andar muito serios. Passaram oitenta vezes. Era absurdo, mas era bom!

Outras familias affectavam o estarem de posse permanente do mesmo logar. Poderia escrever se-lhe nas cadeiras:—Concessão perpetua. Outras mudavam a cada instante, iam de grupo em grupo, giravam, borboleteiavam, falavam aos seus, pareciam considerar o Passeio Publico como uma sala em que estivessem incumbidas de fazer as honras.

Do tempo do Passeio Publico é a poesia lyrica, que marcou um tão caracteristico periodo da vida de Lisboa.

Thomaz Ribeiro, como todos os poetas do periodo aureo do Constitucionalismo, cantava a Liberdade, da qual disse Oliveira Martins que não era uma deusa, mas uma menina que se namora. A sua lyra foi bem a de um poeta liberal d'essa phase calma que produziu Fontes na politica e Castilho na literatura, como que irmanando-se para a suprema direcção da sociedade portugueza. Assim a sua obra é inseparavel do seu tempo; e para a comprehender é mister voltar atraz, aos dias placidos da Regeneração, quando, desanuviado o horisonte, Portugal parecia, sob o patronage providencial de uma princesa italiana, querer finalmente entrar no caminho da paz, do progresso e da civilisação, alijado de aventureiros e pessimistas, livre de agoiros e presentimentos, desconhecedor dos seus erros, contente com as suas illusões e as suas chimeras. Era toda uma nova phase de vida recolhida e placida a iniciar.

Thomaz Ribeiro foi o seu tempo. Nelle adquiriu e d'elle trouxe os cultos a que se rende a sua musa, musa familiar como era então a que inspirava os poetas, tão despretenciosa como elles proprios, e como elles de tão puros costumes. Por isso elle se viu um dia repudiado pela gente nova, que suppoz o seu lyrismo caduco, quando na realidade o que caducou foi esse culto por idéas e symbolos que deixaram de interessar e apaixonar. O que passou não foi o poeta, foi a sua epoca.

A fórma d'arte que o lyrismo de Thomaz Ribeiro representava teve o seu tempo, o seu culto e os seus cultores. D'essa não ha que desdenhar. Semelhantemente, se encontram fórmas identicas em todas as literaturas, e não occorre a nenhum apreciador sagaz esconjura-las, porque passaram de moda e outras mais perfeitas vieram substitui-las. No balanço intellectual de uma epoca, nada se despresa; tudo se consigna e escriptura. Á critica e á consagração das massas intelligentes compete avaliar do que, através das alternativas e dos caprichos da moda literaria, subsistiu para o louvor ou a admiração.

As seitas literarias são como as seitas religiosas; não se eliminam, substituem se. Só uma cessa completamente de viver quando outra apparece a preencher o vacuo que aquella ha de deixar. Assim, o romantismo, creando rapidamente fóros de escola aos golpes de genio de Victor Hugo, poude em França substituir num dia o classicismo moribundo. Quando o prefacio do *Cromwell* appareceu como uma nova constituição literaria, essa fórma vetusta da arte tinha deixado de existir. O parnasianismo vem em seguida procurando soffrear em fórmas plasticas o *élan* desenfreado do romantismo Com esta nova egreja, surgem sacerdotes admiraveis, como Leconte de Lisle, Sully-Prudhomme, François Coppée, José Maria de Heredia, Theodore de Banville. Vem depois os symbolistas com Paul Verlaine, Mallarmé á frente, e por seu turno erigem em corpo de doutrina novos metros, novas convenções. Mas tão exacto é o principio de que uma seita literaria só desapparece quando outra surge a substitui la completamente, que, a despeito da existencia das novas formações literarias que apontamos, a chamada poesia romantica ou lyrismo romantico tem ainda o culto fervoroso que tanto irrita os inovadores. Lamartine ainda não morreu; o lyrismo do velho Hugo vibra e fará vibrar por muito tempo os corações...

Lê-se ainda o *Jocelyn* com verdadeira commoção; e as *Contemplações* são e serão por largos annos a Biblia das almas ternas e dos corações sensiveis.

E' que as almas e os corações reclamam ainda, como reclamarão sempre, um ideal em que mitiguem as suas sêdes eternas; e esse ideal, que lhes foi dado ás mãos ambas, como quem dá agua pura colhida em um manancial, ainda não foi substituido por outro, não diremos melhor, mas differente, por aquelles que, a pretexto de revolucionarem a Arte, se collocaram á frente dos movimentos literarios d'estes ultimos tempos.

Por ora, tudo se tem limitado a meras questões de lithurgia — que a fórma não é outra coisa na arte.

A religião, se não é a mesma, tambem não é outra. Não basta fazer evangelhos; é preciso ter Christos, isto é, grandes symbolos. Para os verdadeiros crentes, a Egreja não é bella pelo seu esplendor, senão pela particula sagrada que elles, na sua fé, suppõem existir lá dentro, nos tabernaculos.

A questão é esta: os artistas inovadores que teem pretendido reformar ou destruir o que em poesia se chamou lyrismo romantico, não trouxeram comsigo, nem com os seus novos typos de belleza artistica, nem com o seu vocabulario ou as suas tendencias de espirito, um novo norte ás almas, isto é — um novo ideal.

E as almas não os seguiram ainda, porque as almas são como os corpos. Só mudam de casa, isto é, de ideal, quando teem a certeza de encontrar outra.

D'entre as grandes composições compiladas nos *Sons que passam,* como o *Hermnio,* no genero d'arte pantheista, e a commovente historieta do *Fiel,* destaca-se a balada da *Judia*, porventura a peça poetica de Thomaz Ribeiro que mais e melhor contribuiu para a popularidade do seu nome. A *Judia* fez epoca. Recitada primeiramente no Theatro de D. Maria II por Emilia Adelaide, em 1864, divulgou se por tal maneira, e com exito tão favoravel, que a breve trecho se transformou numa verdadeira *scie* lyrica. Escripta nesse tom sentimental e plangente, e nessa toada musical que tanto captivava o gosto literario e o ouvido das gentes de então, a *Judia* deu a volta a Portugal, atravessou os mares, e, no Brasil, foi confirmar a extraordinaria consagração que obtivera aqui. Quem se não lembra d'ella? Quem a não recitou?

Numa epoca em que ainda se lia com emoção Gessner, Dellile e Bernardin de Saint Pierre, a *Judia* falou a todas as almas, commoveu, perturbou, encantou. Do theatro passou aos domicilios. Recitou-se nas *soirées,* e nas mais modestas reuniões de familia, decorou-se, cantou-se — porque onde houvesse um piano, a *Judia* era commentada em harpejos melodiosos, como as passagens dos melodramas o eram em tremulos de violinos. Viu-se isto: uma balada revolucionar os lares. Foram as mulheres, e principalmente as mulheres novas — que a adoptaram primeiro; depois foi toda a gente. Moços e velhos sagraram a obra do poeta com a sua commoção, e as suas lagrimas.

Corria branda a noite...

Quantas recordações!

Lisboa não soffrera ainda a febre de melhoramentos que a acometeu depois. Não havia avenidas, nem parques, nem squares, nem ascensores mecanicos, nem cafés luxuosos, nem portos de luxo convidando a navegação universal. O ponto de reunião dos lisboetas era o Passeio Publico, onde ia desaguar, canalisada por todas as ruas da Baixa, por todas as calçadas dos bairros altos, a vida de Lisboa, tal como ella era a esse tempo — monotona e melancolica.

As ruas não tinham movimento. A's quatro da tarde, a Rua do Oiro deixava escoar das repartições publicas, caminho de um taciturno jantar de sôpa, vaca e arroz, toda uma população de funccionarios mal pagos. A's oito da noite, á porta da Havaneza e do Baltresqui, a joven aristocracia, que não tinha ainda onde reunir se, contendia com as mulheres que passavam e dava gebadas nos chapeus altos.

Havia o marialva, que hoje desapparece e consistia numa especie de fadista de antiga linhagem, desordeiro e mal educado. A cortezia era o privilegio dos homens de idade, as boas maneiras não haviam conseguido transpôr ainda os humbraes de certos salões. A mocidade estroina jogava o sôco, e a rua era um perigo...

Os divertimentos favoritos da população eram as feiras e as hortas. A feira de Belem e a feira das Amoreiras reuniam todas as noites, mal se inauguravam, milhares de

pessoas de todas as classes. Afóra isto, tomavam-se sorvetes no Martinho, o que se fazia com ostentação; e ia-se ao theatro, que nessa epoca tinha glorias — o Tasso, o Santos, o Theodorico, a Emilia das Neves, e a Emilia Adelaide em D. Maria; o Sargedas, no Salitre; na Trindade, o Isidoro e a Delphina; e o velho Taborda no Gymnasio, fazendo rir a bandeiras despregadas, nas comedias do Labiche. Bons tempos!

A vida da rua reflectia a vida de casa, desconfortavel e triste. Não tinham entrado em Portugal as idéas de agasalho luxuoso, as manias do mobiliario artistico, e do *bric-à brac*. A sala de visitas, sempre fechada e ás escuras, mobilada com moveis de palhinha, e mezinhas cobertas de objectos de bazar, conchas do mar e flores de papel, era a unica dependencia apresentavel do domicilio, onde se recebiam as visitas de pé e com secura, ou sentadas na borda do canapé, invariavelmente encostado á parede e ladeado por duas cadeiras de braços. Ahi havia algumas vezes um piano e sobre elle as musicas que geralmente se tocavam — pot-pourris, polkas, valsas, e um acompanhamento do *Noivado do Sepulchro*.

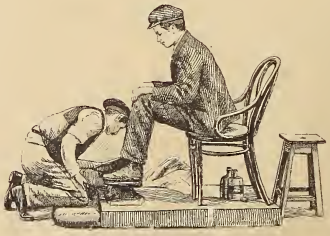
Nas habitações dos pequenos burguezes, as raparigas passavam já todo o dia á janella, namorando em voz alta ou olhando com tristeza a rua solitaria. De dentro das casas, pelas escadas mal cuidadas, cheirando a peixe e a lixo, vinham ruidos de altercações domesticas, e vozes declamando ao piano:

Dois esqueletos um ao outro unidos
foram encontrados num sepulchro só.

Ou:

— Dormes? e eu velo, seductora imagem,
grata miragem que no ermo vi...
Dorme — Impossivel — que encontrei na vida!
dorme, querida, que eu descanto aqui!

A *Judia* appareceu nesta epoca e neste meio; e pareceu ajustar-se tão perfeitamente com a melancolia vaga e a tristesa doentia que então pairavam sobre todas as coisas, que não se tratou de a comprehender ou decifrar, senão de a cantar, suspirando e gemendo, como uma melodia que caisse em graça. Thomaz Ribeiro ficou sendo conhecido como o auctor da *Judia;* e a *Judia* deu ao seu nome uma voga que o proprio *D. Jayme,* todavia tão popular, não conseguira talvez trazer-lhe.



205 — Um engraxador

206 — Um coche da Casa Real

A Côrte

207 — Soldado de Cavallaria

Foi El-Rei D. Affonso III quem deu á formosa Lisboa os seus fóros indisputaveis, constituindo-a cabeça do Reino, e arrancando em favor d'ella o sceptro á nobre Coimbra. Diz Frei Francisco Brandão que o fez para mostrar aos moradores de Coimbra o seu desagrado por terem sustentado essa cidade contra elle, em favor de D. Sancho II. Mas ahi deve ter andado pensamento mais alto que uma vingança mesquinha: andou talvez a razão geographica, andou a comprehensão do papel, que a magnifica posição d'esta cidade lhe destinava como rainha dos mares. Lisboa impunha-se; El-Rei aceitou-a.

Formado o plano de ter a sua séde em Lisboa, era-lhe indispensavel residencia condigna. A Alcáçova moirisca dos antigos valis de Lissibona, desamparada, arruinada talvez, era mesquinho albergue para quem se habituara em França a luxuosas moradas reaes. Os seus antecessores, que só de longe em longe vinham a Lisboa, tinham-se contentado com alguma poisada provisoria. Elle não. Fundou pois, segundo se crê, naquelle cabeço, perto da velha Alcáçova, com boas vistas de mar, e algum jardim cheio de sombras, junto á Egreja de S. Bartholomeu, que ali campeava desde mais de um seculo, uns paços para sua habitação.

Um documento do anno de 1279 (era 1317) apenas mostra ser datado «nas casas do Rei em Lisboa», mas não as designa.

O primeiro vestigio que se topa authentico de um paço real na freguezia de S. Bartholomeu, e a par d'essa egreja parochial, ou defronte d'ella, remonta aos dias d'El Rei D. Diniz. Depois ha uma lacuna, e torna a apparecer-nos authenticamente documentada a existencia de um paço, que é bem possivel, e até provavel, fosse o mesmo, nos ultimos annos do seculo XV.

Nesse tempo habitava nos seus Paços de S. Bartholomeu a grande Rainha D. Leonor, viuva de D. João II.

O Snr. Visconde de Castilho procura apresentar na sua *Lisboa Antiga* a identidade do Paço de S. Bartholomeu e do Paço de Santo Eloy, e nesse sentido encontra bem reforçada argumentação. Ha ahi um pormenor curioso, tornando provavel que a proxima Rua das Damas, que forma o limite norte-occidental do longo quarteirão orlado a sueste pela Rua de S. Thiago, aquella Rua das Damas já mencionada em 1552 pela *Estatistica manuscripta,* a Rua das Damas ainda hoje tão sombria, com o seu ar recolhido e austero, com as suas paredes altas, o seu silencio profundo, e as suas gelosias a sombrea-la, seja o vestigio derradeiro dos destinos do Paço. Conservou-se por ventura esse vestigio no precioso archivo.

Todos sabem que havia nos paços antigos dos nossos Reis uma parte separada para habitação das damas de varias categorias que serviam as Rainhas e Infantas; havia até porta especial para esse recinto, chamada Portaria das Damas; um guarda denominado Porteiro das Damas, e penas severas a quem transpozesse esses hombraes. Pois de tudo isso se afigura documento espedaçado a archeologica e pitoresca Rua das Damas, assim como o teria sido talvez o Beco das Damas na freguezia de Santa Justa, por causa do Paço dos Estáos, e assim como ainda hoje no Paço velho da Ajuda ha o Pateo das Damas castelhanas, recordando indubitavelmente as creadas do serviço da Rainha D. Marianna Victoria, ou da Princeza Real D. Carlota Joaquina.

«Ha ruas de capa e espada, diz o Snr. Visconde de Castilho, como as ha de mercancia e balcão. Ha ruas que brilham á luz do dia, como as ha que estão pedindo as chapadas luminosas de um luar de Agosto a horas mortas. Ha a rua burgueza, a rua religiosa, a rua fidalga, a rua trabalhadora, a rua proletaria, a rua campestre, a rua maritima. Pois a Rua das Damas, para mim seu antigo bairrista, para mim que a tenho cruzado como entendedor, recompondo em espirito os quadros a que ella se presta como scenario, e deleitando-me em ouvir passar por ella umas guitarras da meia noite, para mim visionario incorrigivel, a Rua das Damas (apesar de muito alterada nestes annos ultimos) é cavalleirosa, pensativa e triste, como alguns capitulos de Fernão Lopes. Dizia bem á espalda de palacios: o dos Condes do Vimieiro, o dos Senhores do Paul, o dos Condes de Basto, e emfim o da melancolica viuva de D. João II.»

Ali viveu grande parte da sua vida aquella mulher modelo, aquella caridosa mulher, cujo nome é ainda hoje o prototypo da beneficencia em Portugal. Forceja o espirito reconstruir-lhe a residencia tal como seria no seculo XVI, e entrevê, no alto da encosta, fronteira ao Tejo, e á espalda de dois templos, um predio edificado em todo o requinte da elegancia do estylo ogival, embrincado de columnelos, sombreado de gelozias, torrejado de corucheos, azulejado a primor, e alpendrado de varandins, d'onde a vista se espalma sobre a face tranquilla do fronteiro Tejo. Em tudo um ar socegado e senhoril, prasenteiro e retraído ao mesmo tempo. Quem passa na rua percebe que de dentro ressumbra para fóra um ar inconfundivel de grandeza; e todos os bairristas contemplam com veneração a casa onde viveu, recolhida em suas maguas, a piedosa viuva d'El-Rei D. João II, a creadora da Misericordia, a edificadora das Caldas, a fundadora do Mosteiro da Madre de Deus, a mãe dos pobres, a santa Rainha Leonor.

Ali a vamos encontrar, naquelle seu sanctuario, toda entregue a pensamentos beneficos, e toda enlevada tambem nas coisas do céo. Quasi sempre doente, e o mais do

tempo confinada no leito, assim lhe passaram os seus trinta annos de viuvez. Muitos d'estes annos viveu ali, na sua casa de S. Thiago; e basta a memoria de tal Princeza, para tornar o sitio um verdadeiro sacrario de sympathias.

Dir-se-ia que a freguezia de S. Bartholomeu era por assim dizer pertença muito estimada das pessoas reaes portuguezas.

Uma irmã da grande Rainha D. Leonor, a Duqueza de Bragança D. Isabel, mulher do infeliz Duque D. Fernando II, possuia tambem casa na freguezia de S. Bartholomeu. No seu testamento, de 1520, lê-se esta clausula: «Se eu fallecer na cidade de Lisboa, tanto que fôr meu fallecimento me façam sinal na egreja de S. Bartholomeu, em cuja freguezia estão as minhas casas...»

Nesta mesma parochia, essencialmente aristocratica, possuiam tambem casa os Condes de Vimieiro, ramo da estirpe brigantina. Acha-se esta noticia no Tombo da Cidade. Falando da rua, ou beco, da Lage (hoje Beco do Chão da Feira) diz o referido Tombo: «Do cunhal das casas de Domingos Ferreira Souto, que está no Chão da Feira, até ao angulo entrante que formam as casas do Conde de Vimieiro com o Seminario de Santa Catherina, tem 224 palmos de comprimento, de largura junto ao Chão da Feira tem 32 palmos, e no fim 29.»

Tambem numa d'essas casas a S. Thiago, que não se sabe qual fosse, viveu o Conde de Vimioso D. Luiz de Portugal, em 1591. Querem saber quem era esse Conde? Era o intimo amigo de Manuel de Sousa Coutinho, e ambos elles, por singular coincidencia, vieram passados annos a largar o mundo e tomar habito de dominicanos, ao passo que suas mulheres seguiam identica resolução. Um foi Frei Domingos do Rosario; o outro foi Frei Luiz de Sousa.

Julga o Snr. Visconde de Castilho que o famoso Paço da Alcaçova, ou das Alcaçovas, não é, como em geral se crê, obra d'El-Rei D. Diniz; este seria o reformador, o reedificador, o notavel ampliador, da antiga habitação do moiro, frequentada por D. Affonso Henriques; mas que ella existia muito antes do seculo XIV é mais que demonstrado.

Verdade é que só de D. Diniz em diante se encontram nos livros memorias claras do Paço da Alcaçova; até então provavelmente deserto, desprezado pela vida elegante dos Reis, que habitavam de preferencia Coimbra, erguia viuvo os seus minaretes, e na penumbra dos salões desamparados e sonoros curtia saudade amarga da brilhante vida dos valis. Com a transferencia da Côrte para Lisboa, mudaram as circunstancias. O pequenino Palacio de S. Bartholomeu pareceu mesquinho albergue ao phantasioso trovador; namorou-o a situação excepcional da Alcaçova, e ahi fez ninho de aguia o grande e magnifico fundador dos estudos geraes.

Que de festas não viram os salões da Alcaçova! Descrevê-las todas, se acaso nos tivessem deixado apontamentos authenticos os seus contemporaneos, seria o mais admiravel estudo do viver sumptuario de outras eras, a mais preciosa galeria de quadros, que podiam correr os pintores, os poetas, os dramaturgos, os historiadores, os curiosos. Infelizmente só fragmentos de noticias restam entre os escombros das edades.

Que neste Paço residiu D. Diniz é já certissimo; encontra-se por toda a parte a tradição de obras consideraveis d'elle aqui. Era cavalleiro luxuoso e rasgado, alma de artista, cultor do bello; sem perigo de errar podemos comparar na architectura, no gosto, e nas alfaias, o Paço d'esse tempo ao que de mais primoroso se encontrava por então na Europa culta.

De um adorno artistico de subido preço resa a tradição: retratos de familia, com que o Rei Lavrador nobilitou a sua residencia. Foi o primeiro dos nossos monarchas que teve esta idéa, cujo exemplo seguiu seu filho D. Affonso IV, que não somente se fez retratar, mas tambem mandou fazer os retratos dos Reis seus predecessores.

Essa galeria, que decorava os salões regios, não se sabe que fim teve. Inclinam se os investigadores a que os Filippes a levassem.

Quando se chega aos dias d'El-Rei D. Fernando, continúa o Paço da Alcaçova a interessar-nos. Vêem se os seus salões illuminados a miudo, os seus jardins povoados de cortezãos e pagens, as suas avenidas em volta, as suas pontes levadiças, frequentadas de cavalgadas vistosas; e quem presta ouvidos, ouve, uma vez ou outra, por entre a monotonia dos capitulos das chronicas, ressoar a melodia de tiorbas, violões, e charamelas, nos saráos da Côrte.

Por occasião da estada do Conde de Cambridge em Lisboa, e depois da recepção brilhante e cordeal que lhe fez D. Fernando, indo busca-lo a elle e á Condessa de Cam-

208 — Barco do Tejo

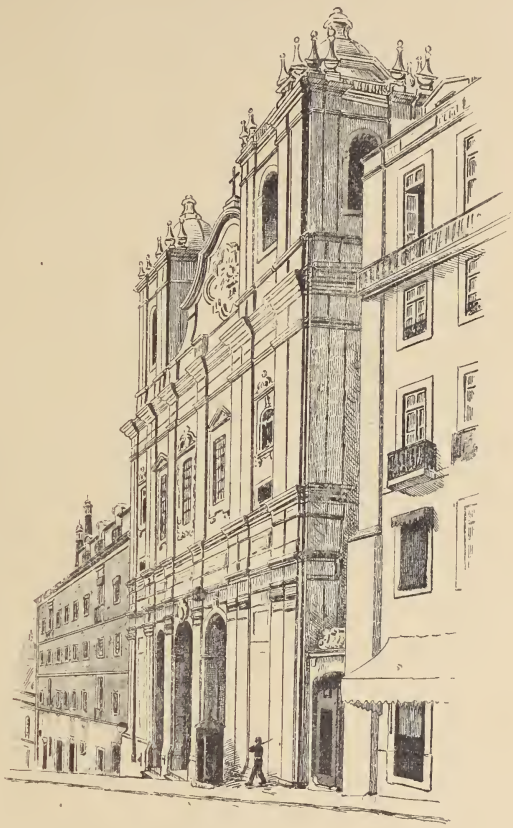
bridge na praia da Ribeira, offerecendo o braço á sua graciosa hospeda, conduzindo-a a pé até á Cathedral, e d'ahi partindo todos a cavallo até ao Mosteiro de S. Domingos, onde os Condes se aposentaram, passados poucos dias deu El-Rei mais a Rainha D. Leonor Telles uma concorrida festa na Alcaçova, em honra dos recem-chegados. Assistiram todos os capitães da frota ingleza, as donas e donzellas da Côrte, e um sem numero de convidados. Houve sumptuoso jantar de apparato, findo o qual entraram muitos pagens trazendo e offerecendo aos Condes de Cambridge, e aos outros grandes, muitos e variados mimos de panos de sirgo bordados a oiro, e joias ás senhoras.

Com a subida do monge-cavalleiro D. João, Mestre d'Aviz, ao throno de seus avoengos, reclamou o Paço da Alcaçova o importante papel que lhe cabia. Fez-lhe aquelle Soberano grandiosas obras; di-lo Herculano, seguindo a asserção de Ruy de Pina. Pelas palavras d'este chronista se rastreia até a data aproximada d'essas obras: foram no verão de 1433. Achava-se El-Rei doentissimo em Alcochete, da doença que o levou; e determinou «que o levassem á cidade de Lisboa e o apoosentassem dentro no seu castello, que entam mandava muyto ennobrecer, e assi se comprio.»

Um pouco antes d'essas obras, porém, tinha havido neste mesmo Paço uma agradavel e apparatosa festa de familia, o casamento da Infanta D. Izabel, filha de D. João I com o Embaixador especial e procurador do Duque de Borgonha, Filippe o Bom.

A' vinda d'essa embaixada liga-se uma tradição interessante, que ainda vive no Paço de Cintra.

Conta-se que entre os mimos que trouxeram á Infanta, figurava um casal de cisnes brancos, muito mansos, muito domesticados, um verdadeiro apetite. A Infanta, já se vê, ficou morrendo por elles, e mandou-lhes pôr uma gorjeira, ou coleira, de veludo carmesim com campainhas de oiro. Entretinha-se muito em vê-los andar passeando aquellas galas, todos emproados, ou banhando-se nas aguas tremulas do tanque, mesmo por baixo da primeira janella do salão, rutilando como neve ao sol, mergulhando, de azas meio abertas, e reapparecendo a procurar a dona que os espreitava d'entre os columnelos semi-mouriscos do Paço. Era um encanto. E El-Rei D. João tambem espreitava a scena e achava uma graça immensa áquelles amores da noiva com as aves garbosissimas que eram o seu brinquedo. Depois, quando ella em 1430 partiu para Flandres, entendeu mandar pintar na tal sala, em vinte e sete paineis, vinte e sete cisnes, muito brancos, e quando ali entrava, lembrava-se dos cisnes da Infanta e falava nelles e nella, e parecia ouvi-la papear galanterias da janella para o tanque...



209 — Egreja dos Paulistas

No Paço da Alcaçova falleceu em 1433 esse mesmo Rei D. João I.

Num terreiro, em frente, se celebrou a acclamação d'El-Rei D. Duarte no referido anno.

Lisboa toda se amotinou em 1541 com as admiraveis festividades do casamento da nossa Infanta D. Leonor, filha d'El-Rei D. Duarte, com o Imperador Frederico III da Allemanha. Por muito tempo ecoou naquellas salas o rumor d'esse bulicio. O bizarro Affonso V, irmão da noiva, saiu-se do caso como quem era.

O Paço de S. Christovam, que era onde é hoje o largo, entre a Rua do Regedor e o Beco da Atafona, presenceou uma parte da solemnidade da Côrte. As ruas e praças de Lisboa viram o resto, que vem extractado no *Archivo Pittoresco.*

Neste mesmo Paço nasceu, em 1455, El-Rei D. João II, e se reuniram em 1456 as Côrtes que o juraram herdeiro.

Tambem aqui nasceu o Principe D. Affonso, filho d'esse monarcha, ainda então Principe, em 1475.

Se nos dois reinados, de D. Affonso V e D. João II, houve acaso algumas obras nesta residencia real, conjecturemos que lhes não foi estranho o architecto e esculptor Martim Annes, mestre das obras reaes de Lisboa, e que em 1504 era já velhissimo.

Como se está vendo, todos os nossos Reis habitaram na Alcaçova, a que por isso Damião de Goes não duvida chamar até ao anno de 1500 «verdadeiro e proprio aposento dos reis d'estes regnos.»

Dos bons tempos de El Rei D. Manuel ha muitas menções historicas tambem referidas ao Paço da Alcaçova.

A Rainha D. Izabel, filha dos Reis catholicos Fernando e Izabel, casou com o nosso Rei em Outubro de 1497. Vieram para Evora onde se demoraram em lua de mel todo o mez de Novembro e parte de Dezembro. Como a nova Rainha já manifestava signaes de gravidez, partiram os noivos para Lisboa, visitando de caminho a Rainha viuva, D. Leonor, irmã d'El-Rei, que se achava residindo no Lavradio do Riba-Tejo. D'ahi embarcaram nas galeotas, e deslizando defronte de toda a cidade foram surgir no caes do Paço de Santos-o-Velho. D'esse Paço é que fizeram a sua entrada solemne em Lisboa, com poucas festas e recebimentos, observa o chronista, por causa da tristeza da Rainha, a quem fallecera seu irmão o Principe D. João; e foram aposentar se definitivamente no Paço da Alcaçova.

Dois mezes andados, nas salas d'essa mesma residencia eram celebradas côrtes antes da saída d'El-Rei D. Manuel com sua mulher para Castella, a ser jurado herdeiro d'aquelle reino. Depois, partia El-Rei com a Rainha; e tendo tido a desgraça de lá ficar viuvo em Saragoça, tornou-se a Lisboa, onde ficou poisando temporariamente nas casas de Pero d'Alcaçova á Porta d'Alfofa, por a Infanta D. Beatriz sua mãe poisar naquelle tempo nos Paços da Alcaçova.

Continuou por alguns annos o Paço da Alcaçova a ser residencia d'El-Rei D. Manuel.

Depois de casar em Alcacer do Sal com a Rainha D. Maria sua segunda mulher em 1500, partiram os Soberanos para Lisboa; houve muitas festas, e foram levados desde a Ribeira, onde se realisou o desembarque, até á Sé, e d'ahi á Alcaçova, diz Damião de Goes.

No mesmo Paço, em 1502, nasceu o Principe, que depois foi D. João III. Estando ainda a Rainha D. Maria no seu leito, deu-se perante ella uma das scenas que mais elevada significação vieram a ter na historia literaria de Portugal. Foi a recitação do monologo do *Vaqueiro,* por Gil Vicente.

Gil Vicente era uma especie de apaniguado e servidor, um truão com fóros de nobreza, artista na alma, grande leitor e amouco dos mysterios ou representações sacrodramaticas da França, genio irrequieto e buliçoso, que em tudo se mettia, e que ora se encontrava a superintender nas armações de tablados e arcos para festejos reaes, ora a engenhar escabrosas trovas epigramaticas para fazer rir os cortezãos.

Com taes prendas de genio facil e alegre, não admira que na nossa Côrte bondosa houvesse Gil Vicente alcançado benevolencia e gazalhado.

Entrou pois o vaqueiro Gil, em todo o rigor do trajo de um saloio do termo, e declamou com o maior chiste o seu monologo em verso, entre os sorrisos benevolos das Princezas e as gargalhadas d'El-Rei.

D'esta representação modesta e simples nasceu a protecção que ao talento dramatico do insigne troveiro, do extraordinario poeta, concedeu a bondosa Rainha viuva D. Leonor. D'ahi data pois o nascimento do theatro portuguez. Coube ao Paço da Alcaçova a ufania de ter visto esses primeiros tentames da grande arte.

Em 1503, no verão, celebrou-se numa sala d'este mesmo Paço o juramento do pequenino Principe D. João. Festa luzida, a que allude o minucioso Damião de Goes. Logo em Outubro do mesmo anno de 1503 nascia aqui a Infanta D. Izabel, o que trouxe á Rainha muitos dias de enfermidade. Finalmente, em Dezembro de 1504, nasceu a Infanta D. Beatriz.

E' por esse tempo o ultimo vestigio da vida da Côrte no Paço da Alcaçova.

Desamparado longos annos pelos Monarchas portuguezes, ahi habitou e falleceu em 1530 a infeliz Rainha D. Joanna, segunda mulher d'El Rei D. Affonso V, denominada a — Excellente Senhora.

Crê-se que entrava nesse venerando edificio alguma ruina, visto como em 1544 escreveu El-Rei D. João III á Camara de Lisboa avisando-a do perigo que ameaçava toda a costa do Paço do Castello; e depois ordenou El-Rei D. Sebastião á mesma Camara o reformasse. O mestre das obras reaes no tempo d'El-Rei D. João chamava-se Torralva; mais um nome para a galeria dos nossos artistas, ou naturaes ou domiciliarios.

Em 1571, habitava ahi D. Sebastião. E' d'esse tempo uma descripção conhecida do Paço da Alcaçova, que vem nos *Opusculos* de Alexandre Herculano. Se por fóra, todo de cantaria, não tinha fórma definida de architectura, por ter sido feito aos poucos em diversas epocas, era por dentro mais commodo que vistoso. Abundavam os aposentos forrados de bellos razes de Flandres e lhama de oiro, e havia sobretudo notavel uma grande sala que ficava por cima das camaras de El-Rei, e que media 48 passos de comprido e 18 de largo, com um tecto pintado de brutescos e toda forrada de muito ricos panos. D'um vasto terrado em volta se descobria a mais encantadora vista, tanto de mar como de terra. A descripção especialisa que a copa do Paço era assaz copiosa de peças de oiro e prata, «mas não tanto como a do Duque de Bragança» acrescenta.

Poucos annos depois, di-lo o Padre Duarte de Sande em 1584, o Paço da Alcaçova não cederia em magnificencia a nenhum dos outros, antes se avantajava a todos em antiguidade, extensa vista do Tejo, e das terras d'além.

No tempo de Filippe II gastava-se annualmente na fabrica d'este Paço 100$000 réis.

Até 1755 soube o Paço da Alcaçova conservar-se inteiro, atravez das vicissitudes que ao longo dos seculos atravessou. Crê-se porém que depois d'El-Rei D. Sebastião nenhuma pessoa real voltou a habitar aquella residencia, consagrada provavelmente a servidores da casa, e a repartições publicas como a Torre do Tombo, a Alcaidaria-mór, o thesouro das tapeçarias, etc.

O terremoto é que fez de tudo aquillo um cahos, peor para os archeologos do que as ruinas de Memphis ou Palmyra.

Quem leu o *Monge de Cister* de certo se recorda das pinturas que nos deixou Alexandre Herculano, tão vigorosas e vivazes, do Paço de a-par S. Martinho.

Herculano, dotado de excepcionaes faculdades imaginativas, auxiliadas de saber massiço e fundo, viu, póde-se dizer que viu, a quatro seculos e meio de distancia, o Paço de D. João I. Muita vez em meia linha, numa palavra, num epitheto, está um serão de cabouqueiro entre montanhas de alfarrabios.

Sem descrever, senão conjecturalmente, a magnifica estancia real, pinta-a com uma verdade que nos repassa, com as suas escadarias soturnas, as suas vidraças coloridas, o gyneceu das damas de honor, a sua mobilia embrincada e rendilhada como portaes de cathedral, a sua etiqueta ingleza, e a sua portuguezissima hospitalidade. Graças ao

romancista penetramos no estudo do Rei, com João das Regras e Mem Bugalho; no dormitorio das camareiras, com Cypriana e Briolanja; e entre-ouvimos o tinir das béstas dos somnolentos bésteiros da guarda no lagedo da entrada, os concertados modilhos das charamelas e tiorbas dos momos no salão grande das festas, e até os clarins longinquos dos batedores a annunciar a cavalgada da Rainha que volve ao Paço.

Além d'esses primorosos esboços á penna, não possuimos outros authenticos do historico Paço de a-par-S. Martinho.

Quer-nos porém parecer que talvez a vista de Lisboa por Simão Beninc, tantas vezes citada no livro do Snr. Fonseca Benevides — *Memorias das Rainhas,* nos con-

210 — Edificio do Arsenal da Marinha

servou um aproximado desenho de uma parte do Paço para a banda do mar, á direita do quadro, ao oriente da Sé. Referimo-nos ao torreão senhoril, que lá vemos coroado de elevadissimo corucheu sobrepujado de grimpa com bandeira, e cujo ar apalaçado está a denunciar residencia de magnate.

Grande lastima será sempre que não ficassem desenhos ou planos, ou descripções miudas, de tão nobre casa. Apenas sabemos que se erguia onde é hoje o Limoeiro, e continuava um pouco pelo começo da rua que sóbe para S. Thiago e Santa Luzia. Quando em 1843 se escrevia o *Monge de Cister,* diz o auctor que ainda então restavam do Paço «umas hombreiras de pedra canelada e volta ogival... no muro que segue para o nascente da cadeia do Limoeiro.»

Sabe-se mais ainda que do Paço saía um arco, ou passadiço, para o fronteiro templo de S. Martinho; passadiço que foi arrasado, mas de que existe vestigio irrecusavel no nome da rua que vem de Santo Antonio da Sé, Rua do Arco do Limoeiro.

Colhem-se em Fernão Lopes umas tres ou quatro noticiasinhas altamente preciosas

ácerca d'este Paço. Por exemplo, ficamos sabendo que dava sobre a rua uma grande janella, á qual assomou o Mestre d'Aviz para ser visto do povo. Havia mais um espaçoso eirado, mas não consta se da banda da rua, se para o lado do mar. D'esse eirado entrava-se para um salão muito vasto com janellas, junto a uma das quaes foi assassinado cobardemente o Conde Andeiro. Emfim, do salão passava-se logo para uma camara da Rainha, onde ella tinha estrado, e onde se achava com suas damas quando se deu aquella torpe tragedia.

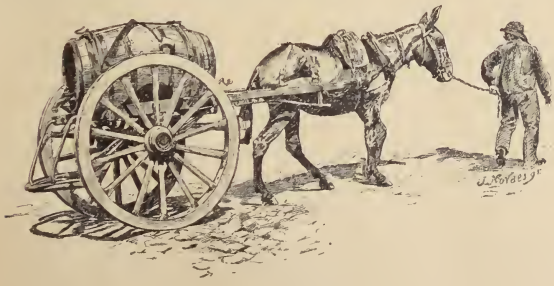
211 — Uma virgem de procissão

Com as tintas de Fernão Lopes, pintou o Snr. Visconde de Castilho na *Lisboa Antiga* esse estranho quadro historico, que tão bem irá aqui reproduzido.

Uma sexta feira de Dezembro de 1383, quem passasse a horas de terça pelos Paços reaes de a-par-S. Martinho, onde vivia Sua Mercê a muito alta e poderosa Dona Leonor, pela graça de Deus Rainha, Governador e Regedor dos regnos de Portugal e Algarves, viuva d'El-Rei D. Fernando, veria uma cavalgada de dezoito ou vinte fidalgos luzidamente vestidos, e armados de cotas, braçaes, e espadas cintas, parar ao portal d'aquella residencia.

Os vendilhões e transeuntes, curiosos então como sempre, reconheciam para logo entre os recemchegados que, pelas mostras, vinham de longe, um dos typos mais populares e bemquistos em Lisboa: o filho d'El-Rei D. Pedro de justiceira memoria, o risonho e affavel Mestre de Aviz D. João, que a esse tempo orçava pelos seus vinte e seis para vinte e sete annos.

Apearam-se todos; e emquanto os bésteiros da guarda formavam á pressa em honra da alta personagem, subia o Mestre a escadaria, seguido dos seus companheiros, e ouvia-se um retinir compassado de armas.



212 — Carroça das régas

Atravessaram a passos largos, como de quem sabe as cortadas, um vasto salão ladrilhado e soturno, de tecto de cupula, mobilia affonsina, panoplias de arnezes antigos, com alguns paineis de Reis mortos. Ahi se achavam praticando entre si e passeando

muitos fidalgos e pagens; e entre elles pagens e servidores do valido Conde de Ourem João Fernandes de Andeiro, signal evidente de se achar este por então no Paço da Rainha.

El-Rei D. Fernando fallecera aos 22 de Outubro, havia apenas mez e meio. Ia muita gente desde manhã acompanhar a viuva no seu nojo. A vida antiga começava extremamente cedo; as nossas 9 ou 10 horas da manhã, eram já horas elegantes.

Dirigiu-se o Mestre com todos os seus ao topo da casa onde, diante de uma alta porta ogival, passeava com ar indifferente e solemne um porteiro da camara. Este, ao reconhecer quem vinha, perfilou se, e correu a tapeçaria, inclinando-se respeitoso. D. João, sem quasi attentar nelle, bateu á porta e entrou. Houve porém demora de segundos, porque o porteiro, fiel ás suas instrucções, duvidou deixar que seguissem os outros cavalleiros sem primeiro fazer saber; mas o troço irrompeu, e entrou tambem.

Estamos na camara da Rainha, nada menos. E' uma quadra não muito vasta, aconchegada de ricas tapeçarias de Arraz. O tecto acairelado e doirado de florões ergue a sua cupula de cedro marchetado, em cujo plano superior se divisa, com todas suas côres, e entre as phantasiosas folhagens do paquife, o escudo de prata carregado das quinas. Ao fundo o estrado alcatifado, onde poisa o grupo das damas; no estrado, em cadeira ogival recoberta de brocado de oiro, avulta uma formosa mulher de trinta e tres para trinta e quatro annos, vestida de lucto rigoroso, e em todo o viço da sua lindeza aristocratica. E' ella, é a Rainha, mais formosa ainda sob a velatura vaga de melancolia, que a envolve como um váo.

Tudo naquella mulher seductora parece feito para reinar: a fronte soberana; o olhar dulcissimo, de pomba, que ás vezes, quando a boca sorri, se lhe illumina a subitas de uma ironia que repassa; o ovado do rosto, que lembra o imaculado das Madonas bysantinas; o busto soberbo, onde palpitam e respiram todas as altivezes da raça; a mão, afilada e inquieta, digna de sceptro de oiro; o porte emfim, o pisar, o ademane, o ondulante da figura, que traz á idéa o deslisar da serpente sobre sarçaes. Curioso mixto! mixto singular de meiguice infantil, e astucia mais que felina. Tal é a formosa Leonor Telles.

Encostada á mão, com o seu ar indolente e distraido, afaga Leonor entre a ponta dos dedos umas madeixas do cabello cendrado, e conversa meiga e triste com um gentil senhor de seus quarenta annos, vestindo a primor, de gibão vermelho, atabarda de fino pano preto com alhetas e mangas, que ajoelhado aos pés de sua ama, no degrau do estrado, a entretem com chistes e donaires de galanteio. E' o celebre e elegantissimo Conde de Ourem João Fernandes de Andeiro, antigo valído do Rei defuncto, e todo devotado á causa da Rainha.

O enredo tenebroso a que elle se achava ligado desde annos, não vem para aqui; bastará dizer-se que, segundo o velho chronista, o arrastara para Leonor Telles uma paixão indomita. Era casado, tinha filhos; nada d'isso lhe foi barreira; e emquanto a Condessa D. Mayor esquecia, ou perdoava, na clausura do seu castello de Ourem, clausura apenas interrompida por uma ou outra vinda official á Côrte, o Conde via a todos os instantes a figura suave da Rainha illuminada como de um sol poente, nos derradeiros lampejos da formosa mocidade d'elle.

Do outro lado da camara conversam com algumas donas do Paço, sentadas num banco ricamente almofadado, o Almirante Conde de Barcellos, D. João Affonso Tello, irmão da Rainha, D. Alvaro Pires de Castro, Conde de Arraiolos e Alcaide-mór de Lisboa, Fernão Affonso de Çamora e Vasco Pires de Camões.

Ao vêr entrar tão inesperado o Mestre, franziu D. Leonor quasi imperceptivelmente as sobrancelhas; depois levantou-se de pé mui ligeira, e voltou-se para elle com a maior graça. Todos se ergueram. Quem observasse a D. Leonor, tê-la-ia visto descórar de leve, e tremerem-lhe os labios; mas poude compôr-se logo, pela arte suprema da dissimulação, em que era eximia. De pé, junto á sua cadeira, immovel e serena, com a mão

esquerda apoiada ao brocado, estendia ao Mestre a mão direita, e forcejava sorrir. Naquelle meio sorriso, interrogava.

O Mestre deixara á porta o modo preoccupado que lhe notaria quem a fundo o conhecesse; cortejou profundamente á entrada da camara, ao tempo que os seus seguidores cortejavam tambem, e se enfileiravam silenciosos com a parede. Depois, de vagar, com toda a naturalidade, adiantou-se para a Rainha, tornou a corteja-la, e beijou-lhe a mão, saudando num relance a companhia.

—Sentae-vos... disse D. Leonor a D. João, dando-lhe o exemplo; e continuou com modo prasenteiro:—Que é isto, mano? que tornada é esta? já vos fazia mui longe.

Elle então, sentando-se, respondeu com graciosa desinvoltura e naturalidade:

—Minha Senhora, tornei-me para cumprir melhor as vossas ordens.

—Sim?

—Senhora, sim. Mandastes-me governar a comarca d'entre Tejo e Guadiana, para o caso de vir El-Rei de Castella contra nós; mas aquella fronteira é espinhosa; tem por inimigos grandes senhores, o Mestre de Alcantara, e outros; e quanto a mim, a gente de armas que me vós déstes não chega para tanto. Venho pedir-vos, Senhora, mais vassalos, segundo cumpre á minha honra e ao vosso serviço.

—Mui bem, mui bem... tornou a Rainha com graciosos requebros de cabeça. Far-se-ha, irmão, como desejais.

A uma ordem d'ella saiu logo um pagem a avisar João Gonçalves, escrivão da Puridade, e, no leve reboliço d'essas entradas e saidas, poz-se a Rainha em pé, e todos a imitaram, formando-se na camara varios grupos dos senhores.

Veiu o escrivão; e emquanto recebia as ordens, acercavam-se aguçosos do Mestre os Condes de Barcellos e de Ourem, a convida-lo para jantar, em amavel porfia de obsequios, ao que o Mestre respondia escusando se, por já ter dado aviso ao seu veador Lourenço Martins de que jantava em casa.

Se se attentasse bem na physionomia d'aquella brilhante assembléa, poderia já suspeitar-se por baixo dos sorrisos do gazalhado o que quer que fosse de estranho, um indefinivel constrangimento de franquezas; por sobre todos correra, sem ninguem atinar porquê, um frio glacial de pessimo agoiro. Poude o Mestre de Aviz trocar numa volta estas palavras rapidas e surdas com o juvenil Conde de Barcellos:

—Conde, ide-vos d'aqui... Quero matar o Conde Andeiro.

—Eu, Mestre? não me vou; fico por vos ajudar.

—Não fiqueis; rogo-vos muito que saiais, e me aguardeis para jantar. Querendo Deus, logo que isto fôr feito irei comer comvosco.

Ou porque percebesse no sobrecenho do Mestre alguma perfida tenção, ou porque, segundo é mais que provavel, alguns antecedentes obrigassem o Conde de Ourem a andar de sobreaviso, o certo é que saiu fóra, ao salão, e num prompto, disfarçadamente, ordenou aos seus pagens, e a alguns cavalleiros amigos seus que ali se achavam, corressem a armar-se e volvessem armados ao Paço; de modo que todos abalaram, ficando elle só e inerme naquella collisão.

Concluira a Rainha o despacho com o escrivão da Puridade; voltou a sentar-se no estrado, e cada qual se foi collocando de roda como lhe aprasia.

Leonor Telles era ladina e intelligentissima. Quem o não percebera no fitar perscrutador d'aquelles olhos escuros e no menear voluntarioso d'aquella cabeça pequenina e correcta? Que ali estava passando um singularissimo caso, cujo alcance ella não penetrara ainda, parecia mais que indubitavel. Redobrou de graça e meiguice, e fingindo reparar só então nas armas dos recem-chegados, disse de repente apontando com certa ironia bondosa para a cota do Mestre de Aviz:

—Tão armado, mano? Santa Maria val! todo armado? Sabeis? teem os inglezes

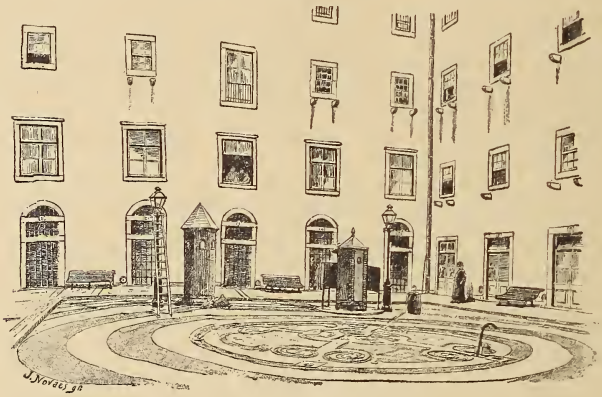
um bom costume: em tempo de paz não usam armas, nem curam de andar armados; trazem boas roupas alvas como se fossem donzelas mimosas; na guerra sim, que usam d'ellas como todo o mundo sabe.

— Senhora, é mui verdade o que dizeis; mas não sabeis porque o fazem? perguntou o Mestre de Aviz sorrindo.

— Não.

— E' porque teem guerra a miude, e poucas vezes paz. Nós pelo contrario: a miude paz, e poucas vezes guerra. Ora se no tempo da paz não usassemos das armas, quando viesse a guerra haviamos de estranha-las.

Riu-se a Rainha, applaudindo a engenhosa resposta do cunhado; e continuaram todos praticando ali muito mão por mão, até chegarem horas de comer.



213 — Pateo do Governo Civil

Despediu-se o Conde de Barcellos, e foram-se despedindo alguns mais. Mas ficava ainda o Conde Andeiro, presagiando-lhe o coração fundas turbações.

Chegou-se ao Mestre com gesto affavel, e insistiu:

— Senhor, vinde; heis-de comer hoje commigo.

— Não comerei, já vo-lo disse, Conde; tenho tudo prestes.

— Sim, sim, comereis — volveu o Conde de Ourem. Vou dar as minhas ordens.

— Não vades — retorquiu o Mestre em tom muito serio. E acrescentou em voz baixa: — Tenho que falar comvosco antes de sairmos; e logo depois hei de ir-me, que são horas.

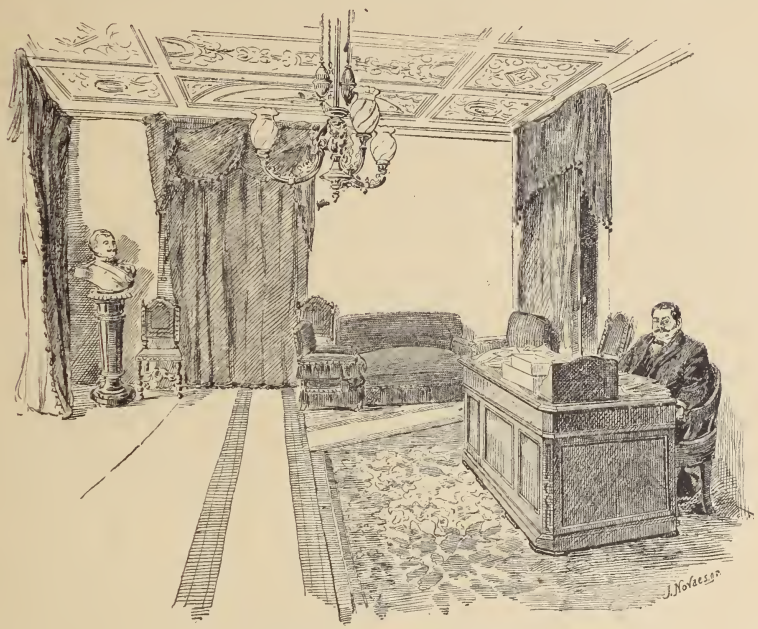
Despediu-se da Rainha, levou o Conde pela mão, e sairam ambos para o salão contiguo. Os companheiros de D. João seguiram-no, indo ás suas ilhargas Ruy Pereira e Lourenço Martins.

Tomou o Mestre de Aviz de parte ao Conde Andeiro; e acercando se com elle do vão de uma janella, entrou a dizer-lhe baixinho, com um olhar em que chammejava toda a ira dos tigres:

— Conde, maravilhou-me muito saber que sendo vós pessoa a quem tanto quiz sempre, trabalheis em deshonra minha!

— Eu, senhor?!! — interrompeu com gesto de innocente convicção o Conde. Quem tal vos disse mentiu; ouvis? mentiu.

Como o apanhasse d'est'arte desprecatado, sacou o Mestre d'Aviz um cutello comprido que trazia sob a roupa, e deu com elle um rijo golpe na cabeça do outro; e sem mais demora, correram elles todos, e arrancaram das espadas. Quiz Andeiro, desarmado como estava, aproximar-se por instincto para a porta da camara da Rainha, mas foi logo varado de banda a banda pelo estoque de Ruy Pereira, e caiu sem fala borbotando sangue. Iam aquelles vinte ferros alanceá-lo cheios de rancorosa energia, quando os suspendeu num relance um gesto de D. João. Fez-se um silencio sepulcral. E em



214 — Actual gabinete do Juiz de Instrucção Criminal

quanto o moribundo se estorcia de bruços nas vascas da sua rapida agonia, sem se lhe ouvir mais que o estertor, retiniam no recolher-se ás bainhas as cegas laminas dos cavalleiros.

Os passos desvairados, os encontrões, o estrupido confuso d'esta scena tão inesperada e tão brutal, tudo deu rebate de sustos na camara visinha. Levantou-se D. Leonor palida como um marmore, e, tremendo como varas verdes, perguntou:

— Que vem a ser isto, Santo Deus?!...

Entreabriu-se a porta, e alguem espreitou de dentro, e disse para a Rainha:

— Minha Senhora, mataram o Conde Andeiro.

— O quê?!!...

— Senhora, sim, mataram...

— O Conde Andeiro? Aqui?!...

— Sim...

— O' Santa Maria! — exclamou ella, juntando as mãos e torcendo-as, toda tremula. — Pois mataram-me um bom servidor; e mataram-mo sem elle o merecer.

Depois, passeando de lado a lado, chegando-se ora a uma, ora a outra de suas donas, tremula de raiva, articulava phrases sem nexo, respondendo ao temporal que lhe ia dentro:

— Mataram-no! e eu bem sei porque o mataram. Pois é innocente. E prometto ir ámanhã a S. Francisco, e hei de lá mandar acender uma grande fogueira, e hei de lá metter a mão, para mostrar a quantos me virem que estou pura. Estou innocente, estou. Nunca mulher innocente deu as provas salvadoras que hei de dar.

Houve então na camara e no Paço um reboliço inqualificavel. A noticia correu electrica; e ninguem calculava o que estaria planeado. Já todos falavam numa vasta conspiração, já a imaginação popular aterrada era um incendio. E juntava-se muito povo-leu na rua; crescia a onda; e os do Paço fugiam por onde achavam, portas, janellas, telhados, tudo servia. E o escrivão da Puridade e os seus serventes abalaram tambem.

— Mataram o Conde!—continuava a Rainha.—Bem está; querem matar-me tambem a mim. Vão perguntar ao Mestre de Aviz se hei de eu tambem ser morta. Vão!...

Houve então quem se apressasse em ir sondar os animos do Mestre. Elle, extremamente pallido, saira da sala para o largo eirado contiguo. Dir se-ia que abafava; precisava ar.

— Dizei lá á Rainha minha senhora — respondeu D. João ao emissario—que Deus me guarde de lhe fazer mal; que socegue em sua camara; que não vim eu cá por empecê-la, senão só por fazer isto a este homem, que bem m'o tinha merecido!

— Se assim é — bradava surdamente a Rainha fula de colera, e sentindo acordarem-lhe no coração todos os seus instinctos altivos — se assim é, que me desembarace o meu Paço.

Nisto, augmentava a confusão no povo lisbonense. Alvaro Paes percorria a cavallo a cidade amotinando as turbas. E entrava a escutar-se o rugir ao longe da plebe, como um troar de oceano em penedia; e tocavam lugubres a rebate as campas de S. Martinho, S. Jorge, S. Thiago. As da Sé ainda não. As vozearias populares exigiam em tom de insolente soberania:

— O Mestre! o Mestre! venha o Mestre de Aviz!

E ao assomar o Mestre D. João na grande varanda do Paço, redobraram as acclamações, como se não houvessem de acabar.

Nesse mesmo serão, mandava a Rainha enterrar clandestinamente, e á pressa, na fronteira Egreja de S. Martinho, o triste corpo do brilhante Conde de Ourem João Fernandes Andeiro. Pareciam ter acalmado as primeiras explosões do furor popular. Lisboa, tenebrosa e erma, dormia.

Logo depois, como féra acossada de mastins, saiu a viuva d'El-Rei, alta noite, com tochas, occulta nas suas andas, e trocou os malditos Paços de a-par-S. Martinho pelos da roqueira e abastecida Alcaçova.

No dia seguinte fugia para Alemquer.

Quem hoje passa ao Limoeiro, por pouco lido que seja nas nossas chronicas velhas, vê ainda toda esta historia, vagamente escripta com letras de sangue, naquelles paredões lugubres como a face de um mausoleu...

No Paço de S. Martinho vimos a Rainha viuva D. Leonor Telles de Menezes; vimos a morte do Conde Andeiro; vimos nessa mesma noite fugir a Rainha para a Alcáçova, e deixamos desamparada a nobre residencia com os seus corucheus senhoriaes, e as suas frontarias heterogeneas. Isso tudo é hoje o lugubre edificio do Limoeiro.

Ahi tinha primeiro sido, nesse mesmo recinto acabado de estudar perfunctoriamente nos poucos vestigios que d'elles se rastreiam segundo o velho chronista de D. Pe-

dro, D. Fernando, e D. João, a Casa da Moeda de Lisboa; depois foi Paço até ao tempo de D. Diniz, que fez para sua residencia o da Alcáçova.

Em 1434 andavam lá obras, tendo ahi a sua aposentadoria a Vereação da cidade e os Desembargadores da Relação.

Em dias d'El-Rei D. João II, já ahi era a cadeia, e já se lhe chamava o Limoeiro.

Reedificado o Palacio com obra muito magnifica e sumptuosa por D. Manuel, ali ficou sendo a Casa da Supplicação e do Civel, e definitivamente a Cadeia do Limoeiro.

No fim do seculo XVI ainda tudo se conservava tal qual: as cadeias em baixo, e no andar superior as salas dos tribunaes.

No seculo XVII a sala da Relação, quando em 1619 cá esteve Filippe II, era grande, e extremadamente adornada com os retratos dos Reis de Portugal.

Um seculo depois, achava-se o edificio grandemente destruido, na phrase de um erudito compilador, pelo que D. João V reedificou a Cadeia do Limoeiro. Essa reconstrucção realisada pelo fundador de Mafra caiu em 1755; e seria provavelmente por tal motivo que foram transferidas para as casas historicas dos Almadas, junto ao Rocio, os tribunaes da Casa da Supplicação.

Pensou-se então na edificação de uma boa cadeia publica, segundo as normas da hygiene, e as prescripções da boa policia moderna. Mandou pois o Conde regedor das Justiças, em nome da Senhora D. Maria I, que traçasse um plano do novo edificio o architecto Francisco Antonio Cangalhas; e depois pediu outro a Cyrillo Volkmar Machado. Este ultimo desenho agradou, sendo devidamente approvado. Espraia-se Cyrillo, na descripção do seu projecto. Por essa descripção, ficamos sabendo que devia o edificio formar um rectangulo de 270 palmos de frente por 507 de fundo, dividido em duas metades — uma para palacio, outra para cadeia. Subdividia-se o palacio em duas partes: a da frente continha o tribunal da Casa da Supplicação, as salas de respeito, o archivo, os gabinetes; e a parte trazeira tinha um grande atrio, a um lado do qual se abririam as sete casas para as audiencias, e ao outro as residencias do guarda-mór, carcereiro, guarda-livros, e outros empregados. No resto do terreno comprehendia-se a cadeia com seus dormitorios, ou largas galerias muito arejadas, em volta de um pateo quasi quadrado de mais de 200 palmos de lanço. Toda esta vasta obra ficou, porém, em vê-lo-hemos.

O Paço de S. Christovão existiu no Largo do mesmo nome, onde está a Egreja d'este santo. Nelle se celebraram as pomposas festas pelo casamento da Infanta D. Leonor, filha d'El-Rei D. Duarte, com Frederico III Imperador da Allemanha, em 1451.

No reinado de D. João II era propriedade e habitação de D. Alvaro, segundo filho do Duque de Bragança, D. Fernando I. Por este D. Alvaro ser Regedor das Justiças, a rua que do Largo de S. Christovão vae ao Largo dos Caldas, tomou o nome de Rua do Regedor.

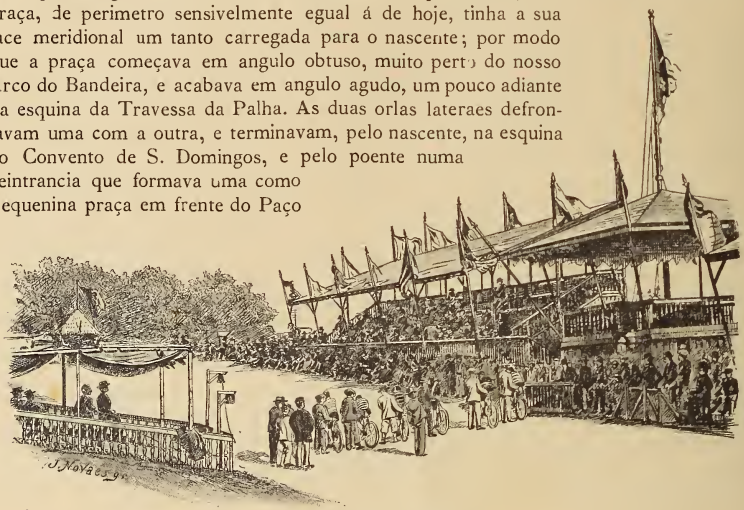
Este palacio passou para a familia dos Condes d'Aveiras, Marquezes de Vagos, que o reedificaram pelos annos de 1740. O terremoto de 1755 o desmantelou. O unico vestigio que d'elle ficou foi uma porta, na Rua do Regedor, datando da primitiva construcção.

Nos fins do seculo XVI erguia já os seus torreões acoruchados ao fundo da praça alegre e dasafogada do Rocio, o Paço dos Estáos, a que já fizemos ligeira referencia. Edificou-o o grande Infante regente D. Pedro, na menoridade de seu sobrinho El-Rei D. Affonso V. Para poisada de embaixadores estrangeiros o destinavam, e nessa qualidade serviu varias vezes, e até foi residencia real.

Quem abre o velho livro de Colmenar — *Descripção e delicias de Hespanha e Portugal,* topa em mais de um ponto com formosas vistas do antigo Paço, edificio pesado mas symetrico, de um corpo central com cinco janellões no primeiro andar, um portão ao meio acompanhado de duas outras janellas a cada banda, e esse corpo central flan-

queado de dois torreões ressaidos, coroados de telhado ponteagudo, e ostentando dois andares de janellas. Tal era a frontaria da fabrica primitiva; casarão serio e austero, a que veiu a caber, menos de um seculo depois de erecto, a triste honra de albergar o Tribunal da Inquisição.

Esse edificio não correspondia, como se pensa, ao nosso Theatro de D. Maria II, assim como o antigo Rocio não correspondia exactamente á area do Rocio moderno. As linhas lateraes da actual praça caem perpendiculares á marginal do Terreiro do Paço, e as duas faces dos topos são parálelas a essa linha maritima, formando no todo um vasto paralelogrammo. Ora, antes da reformação pombalina, essa praça, de perimetro sensivelmente egual á de hoje, tinha a sua face meridional um tanto carregada para o nascente; por modo que a praça começava em angulo obtuso, muito perto do nosso Arco do Bandeira, e acabava em angulo agudo, um pouco adiante da esquina da Travessa da Palha. As duas orlas lateraes defrontavam uma com a outra, e terminavam, pelo nascente, na esquina do Convento de S. Domingos, e pelo poente numa reintrancia que formava uma como pequenina praça em frente do Paço



215 — Velodromo de Belem

dos Estáos, o qual tomava o nosso Largo de Camões, uma porção da esquina do quarteirão noroeste do Rocio actual, e com o seu pateo, jardim, e dependencias, se estendia para o norte sobre as hortas de Valle Verde, hoje a Avenida.

Vemos pois que o Paço guardava este canto extremo da cidade. Pela sua frontaria devassava o largo mais mercador e concorrido de toda a Baixa, e pela banda de traz dominava um quadro bucolico e solitario muitissimo agradavel. Para um lado o Rocio, com as suas feiras, os seus pregões, as suas cavalgadas, as suas barracas, os seus passeantes; para o outro lado as hortas verdes com os poços de cegonha, os bois a lavrarem, os hortelões a alinharem canteiros, e ao fundô as escarpas sombreadas de arvoredo do Moinho de Vento, Cotovia, Valle de Pereiro e Andaluz.

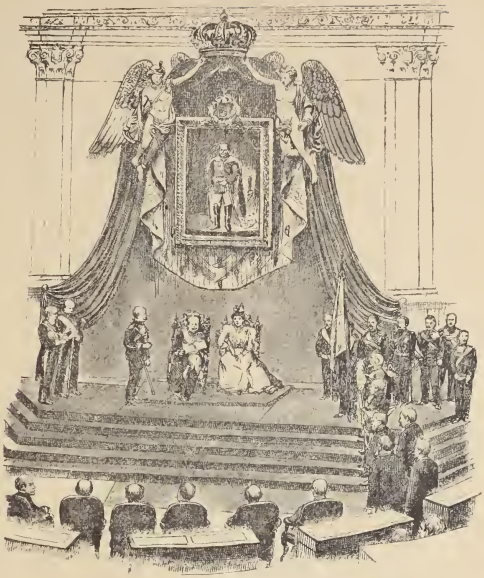
E vejam como estas coisas se apegam com tenacidade: a nossa actual Rua do Principe, que desemboca na Avenida, chamou-se primeiro Rua Nova das Hortas, já ao tempo da reedificação pombalina.

Perto do Paço, para o nascente, mas recuando no alinhamento um bom pedaço, até á linha occupada hoje pela frente do Theatro, levantavam-se no seculo XV os Paços do Conde de Ourem, com frente sobre o Rocio e sobre o Largo da alpendrada de S. Domingos, mesmo no principio da Corredoira.

Junto á tal Corredoira, onde se tinham feito em antigos tempos tantas correrias de

ginetes, em frente do Rocio, onde vinham no seculo XVI, ás tardes, pleitear galhardias os mais guapos cavalgadores da cidade, era bem que fossem collocadas as estrebarias reaes; e eram, com effeito, na parte terrea do Paço dos Estáos. A propría porta do muro de El-Rei D. Fernando aberta nesse logar, entre o Paço e as casas que depois foram dos Duques do Cadaval, porta virada para o Rocio, chamou-se Porta das Estrebarias d'El-Rei. No seculo XVI, eram opulentas e dignas da visita de entendedores as regias cavalhariças.

Quanto ao Paço dos Estáos em si mesmo, não conhecemos descripção que nos habilite a formar idéa do seu interior e magnificencias.



216 — Abertura das Côrtes

Quando em 1540 veiu a Portugal S. Francisco Xavier, então ainda simplesmente chamado o Padre Mestre Francisco, ali morava e ali o recebeu o Senhor D. João III.

217 — Policias civis

Quem examina com attenção os quadros bellissimos de André Reinoso, pintor portuguez do seculo XVII, representando passos da vida de S. Francisco Xavier, na sacristía de S. Roque, nota, entre outros, o da audiencia de despedida, concedida por D. João III ao humilde sacerdote, e lá o vê de joelhos ante o Soberano que, todo de preto, entre os seus grandes, o recebe affavel, carinhoso e commovido.

Achava-se o Paço do Castello bastante arruinado depois que ahi fallecera em 1530 a Excellente Senhora. Em Setembro de 1544 escrevia El-Rei D. João á Camara avisando-a do perigo que ameaçava toda a costa da Alcáçova.

Que o perigo continuou, é certo. Em carta regia de Novembro de 1570 recommenda El-Rei D. Sebastião á mesma Camara mande reparar convenientemente o sitio dos Paços do Castello, por estar perigoso; e pondera «que, não se lhe acudindo antes de mais entrar o inverno, poderá fazer grande dano naquella parte da cidade que fica inferior ao dito sitio.»

Logo a Alcáçova achava-se inhabitavel.

Havia tambem para escolha os Paços da Ribeira. E' preciso notar que El-Rei D. João fez lá obras. Em 1532 ou 33, quando esteve em Portugal a embaixada do Preste João da Ethiopia, recebeu El-Rei em audiencia solemne o Embaixador em Evora, onde residia a Côrte; e pouco depois tornou a recebê lo em Lisboa, mas em casa do Duque de Bragança, onde El-Rei se hospedara. Ahi morou outra vez em 1538. Talvez por motivo das obras que andavam na Ribeira.

Restava ainda o Paço de Santos. Quem nos diz que o não achavam pequeno, como de certo era, para as exigencias da Côrte?

Os Paços dos Estáos estavam pois, talvez, em situação excepcional; eram proximos de tudo, eram saudaveis. Bastaria isso ao nervoso e melancolico Monarcha, para os tomar como seu aposento.

Numas casas a par dos Estáos morava, e falleceu em 1540, o bom Infante D. Duarte, poisando ainda então El-Rei D. João III, seu irmão, no citado Paço.

Em Julho de 1542 nos Estáos se celebrou a festa do recebimento do Duque de Bragança D. Theodosio; ainda ahi habitava El-Rei. Tinha chegado o Duque D. Theodosio a edade casadoira; pensou D. João III em dar-lhe noiva, e escolheu sua sobrinha D. Izabel de Lencastre, prima co-irmã do Duque. Lavrou-se no Paço dos Estáos o contrato ante-nupcial; e poucos dias depois celebrava-se grande festa na Côrte.

Achava-se o Duque no seu Paço de Lisboa, o nosso actual Thesouro Velho e o Hotel Bragança. Nesse Paço, tinham-se feito, como é de crêr, esplendidos reparos, assim como no solar de Villa Viçosa, futura residencia da futura Duquesa.

Do Paço de Lisboa saiu o Duque a cavallo, em grande gala, e seguido de numeroso cortejo de parentes e creados. No numero dos parentes tinham logar conspicuo os dois Infantes D. Luiz e D. Henrique, então Arcebispo d'Evora, que de proposito ali compareceram, com acompanhamento numeroso, a buscar o noivo. Era uma cavalgada de encher as ruas! O bom povo, alegre com o regosijo dos seus principes, saira todo para presencear a festa e confraternisava com ella. Tomou o prestito certamente pela Rua das Portas de Santa Catharina, seguiu pela Calçada de Payo Navaes, e desembocou ao angulo oeste do Rocio. Ahi se encontrou o Duque de Bragança com outra luzida cavalgada que lhe viera ao encontro; era nada menos que El-Rei, seguido do Conde da Castanheira, dos ministros da sua casa, e de muitos outros grandes.

Ia o Duque D. Theodosio apear-se para beijar a mão a El-Rei mas não lh'o consentiu elle. Aproximou então o Duque o seu ginete, e mesmo a cavallo beijou a mão que o Monarcha lhe estendia. Feito esse cumprimento, seguiram todos para o Paço dos Estáos.

Subiram, e encaminharam-se para os aposentos da Rainha D. Catharina. Já os esperava esta senhora, e recebeu os no seu estrado, acompanhada de sua filha a Infanta D. Maria, da doutissima Infanta D. Maria sua cunhada, irmã d'El-Rei, e da nubente D. Izabel de Lencastre.

Feitos os ceremoniaes do estylo, procedeu aos desposorios o Arcebispo do Funchal D. Martinho de Portugal, sendo padrinhos El-Rei e a Rainha.

Acabado o acto, sentaram se todos: El Rei, com a Rainha á sua direita; á esquerda d'El Rei os Infantes e Infantas; á direita da Rainha os Duques de Bragança. Principiou então um sarau em que tomaram parte os nubentes, dançando um com o outro, e El-Rei, e a Rainha, e os Infantes, e as damas, e os fidalgos.

Ao sairem os Duques, convidou os o Soberano para jantarem com elle no dia seguinte. Foram, e depois do jantar voltaram á noitinha para o seu Paço, onde os esperava uma ceia elegantissima, que offereciam a toda a alta sociedade do tempo.

Um anno e quatro mezes depois, em Outubro de 1543, ainda D. João III habitava

nos Estáos, d'ahi partiu a Infanta D. Maria sua filha, quando foi para Castella casar com o Principe das Asturias. Existe na *Historia Genealogica* o minucioso itinerario d'essa jornada, redigido pelo Arcebispo de Lisboa D. Fernando de Vasconcellos e Menezes.

Em 11 de Novembro do mesmo anno, ali falleceu o esperançoso D. Duarte, já Arcebispo de Braga, filho de D. João III e de uma Izabel Moniz, moça da Rainha D. Leonor, terceira mulher d'El-Rei D. Manuel.

Em Janeiro de 1568 poisava nos Estáos o joven D. Sebastião, e ahi recebeu das mãos de seu tio, o Cardeal D. Henrique, posse solemne do governo do Reino. Para essa cerimonia se levantou, desde o Paço até ao visinho Convento de S. Domingos, uma grande sala sobre palanques, aderessada de preciosas tapeçarias, e descoberta sobre o Rocio á maneira de varanda. Todo o vistoso cerimonial vem descripto por Barbosa Machado nas *Memorias de El-Rei D. Sebastião.*

D'então em diante não encontramos mais signal de residencia real neste Paço. Entrou para elle a Inquisição, se é que não estava já lá, e ahi se aposentou com todo o seu pessoal de sinistra memoria; o que não impediu, ainda assim, o Padre Duarte de Sande de dizer em 1584 que era este «um Palacio Real sumptuosissimo, com jardins amenissimos... e tido na conta de um dos sete principaes monumentos de Lisboa.»

Esses jardins do Paço ainda hoje, depois d'elle desapparecido, manteem a sua memoria no titulo da Rua do Jardim do Regedor, sobre a qual caíam as suas muralhas.

Era no Paço dos Estáos a poisada dos inquisidores geraes. Ahi por exemplo, recebeu em 1602 D. Alexandre, filho do Duque de Bragança D. João I e da Senhora D. Catharina, a bulla pontificia que o nomeava para esse elevado cargo.

Emquanto os Soberanos portuguezes habitaram nos Estáos, serviu-lhes de capella real uma das casas mais venerandas da parochia, já existente desde os primitivos tempos da monarchia: a Ermida de Nossa Senhora da Purificação, conhecida tambem sob a invocação de Nossa Senhora da Corredoira. Era no sitio onde é hoje a esquina do Largo para a Travessa Nova de S. Domingos. Como esta ermida ficava alta, de certo por causa das inundações habituaes no sitio, tão alta como a cornija das capellas de S. Domingos, convento muito posterior, subia-se ao templosinho por uma longa escada, que lhe deu o nome.

O Paço de Xabregas, onde viveu os seus ultimos annos a Rainha D. Leonor, era contiguo ao Convento da Madre de Deus. Já nos referimos a elle, quando falámos da Lisboa monumental. A historia d'esse Paço é, por assim dizer, a mesma historia do Convento, tão intima foi a vida de ambas.

Depois da morte de D. Leonor, ali residiram El-Rei D. João III e sua mulher, a Rainha D. Catharina. Tambem ali esteve El-Rei D. Sebastião.

D. João IV, a pedido de sua mulher D. Luiza de Gusmão, doou este Palacio á Condessa de Unhão, Camareira-mór da Rainha. Extincto o ramo primogenito da casa de Unhão, passou esta para os Marquezes de Niza, os quaes, entrando na sua posse no seculo XVIII, reconstruiram completamente os Paços. Só muito mais tarde é que o Estado a adquiriu, fundando ahi o Asylo Maria Pia, que é um dos nossos mais amplos estabelecimentos de caridade. As transformações que ali se fizeram foram tantas e tão profundas, que da antiga morada regia tornaram-se raros os vestigios.

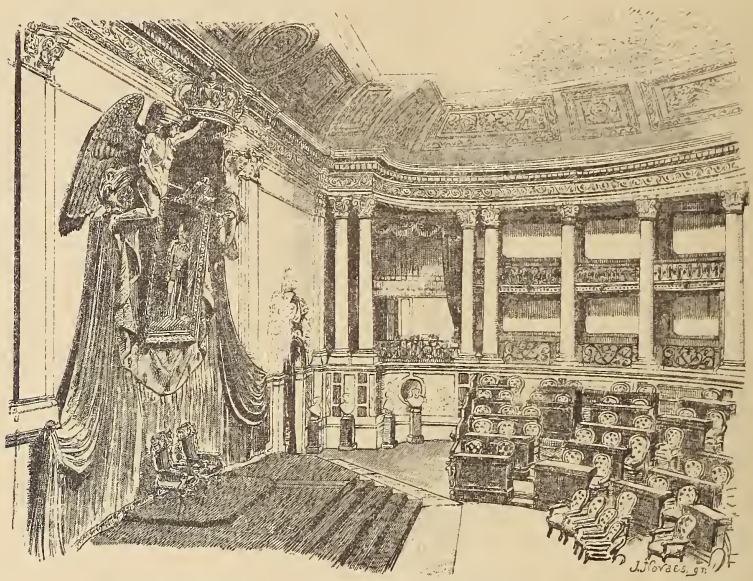
Dos Paços da Ribeira tambem já detidamente falámos quando descrevemos a Lisboa monumental. Depois da Alcáçova, foi essa residencia de Reis a mais notavel, e o quadro mais rutilante da Côrte portugueza.

Passada a Ribeira das Náus apparecia então, mais ao poente, o arrogante Palacio dos Côrtes-Reaes, grande e nobre edificio. Compunha-se de quatro lanços com uma quadra ao meio; flanqueavam-no quatro torreões acoruchados, com altas grimpas, dois para a terra e dois para o Tejo; e d'estes ultimos destacavam-se dois compridos eira-

dos, sobranceiros á linha da agua, que lhes vinha beijar o embasamento. No intervallo d'estes eirados, havia um jardim.

A edificação do Paço da Ribeira chamou para aquellas paragens a attenção dos poderosos, e ali surgem, pelo primeiro quartel do seculo XVI, algumas das mais nobres residencias senhorís das immediações de Cata-que-Farás. A dos Côrtes Reaes levantava-se mesmo sobranceira ás aguas, na esquina de um boqueirão, talvez abrigo de barcos, e talvez avoengo do Boqueirão do Corpo Santo.

D. Christovam de Moura, filho segundo de D. Luiz de Moura, Estribeiro mór do



218 — Interior da Camara dos Pares

Infante D. Duarte, e depois casado com D. Margarida Côrte-Real, abastada proprietaria de officios e bens de raiz, foi quem tornou verdadeiramente sumptuosa essa vivenda. Vejamos, em breves traços, quem elle era.

Ainda muito novinho, em 1552, metteram-no pagem da Princeza D. Joanna, mãe d'El Rei D. Sebastião; affeiçoou-se-lhe, foi-lhe grato, e seguiu-a quando essa Princeza, depois de viuva, partiu para Castella. Chegou a ser seu Estribeiro-mór.

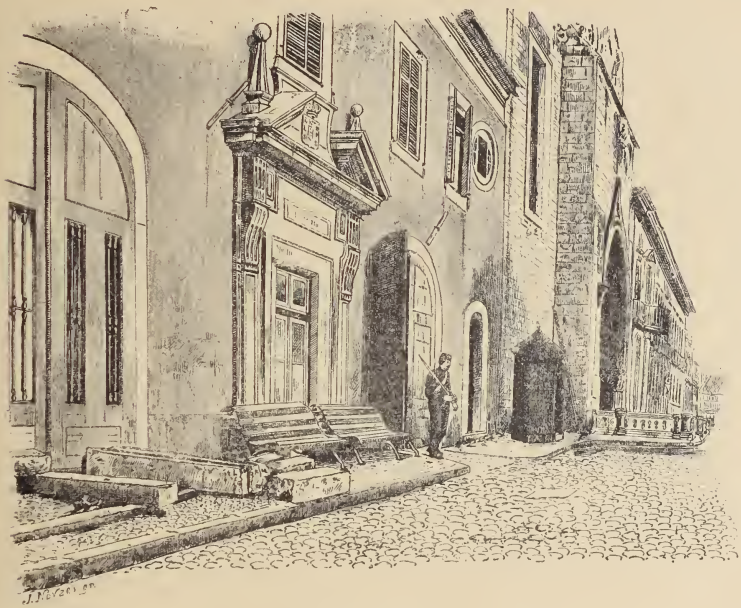
Quando sua ama falleceu, D. Christovam, affeito ao viver da Côrte de D. Filippe II, e não tendo motivos fortes que o chamassem a Portugal, deixou-se ficar ao serviço de Castella. Parecia consumado o reviramento politico; Portugal era uma parte do grande todo peninsular. D. Christovam aceitou o facto, como muita outra gente.

Para tratar certos negocios em Portugal, entendeu D. Filippe mandar cá D. Pedro Giron, Duque de Ossuna e mais D. Christovam. Este, diz um chronista, «foi para isto eleito por ser portuguez posto que creado em Castella no serviço da Princeza D. Joanna, e depois no d'El-Rei, por ter pae e irmãos, e muitos parentes fidalgos em Portu-

gal». E do mesmo D. Christovam affirma o insuspeito Antonio de Souza de Macêdo, com o seu criterio de homem de bem, que «foy hum varão prudentissimo.»

O certo é que D. Filippe estimou cordealmente a D. Christovam, o nomeou Gentil-homem da sua Camara, Conde de Castello Rodrigo e depois Marquez, Conde de Lumiares, titulo que ficou pertencendo aos primogenitos da Casa, Sumilher de Corpus, Camareiro-mór do Conselho de Estado, Vice-Rei e Capitão General de Portugal.

Rico, poderoso, omnipotente, embriagado do fumo das grandezas supremas, quiz



219 — Quartel do Carmo

D. Christovam possuir em Lisboa residencia correspondente á sua alta representação. O antigo solar do Espirito Santo da Ribeira, que lhe coubera por cabeça de sua mulher, D. Margarida Côrte-Real, era já mesquinha gaiola para tão alentado passaro. Traçou pois ahi com mão larga um palacio vastissimo e que veiu a ter em Lisboa o primeiro logar na majestade, competindo com as principaes casas senhorís da Europa.

Pelas estampas que ficaram da Lisboa velha se vê o que era de sumptuosa esta vivenda, alastrada num largo trato de terreno, com os seus quatro corucheos carregados de grimpas, com as suas longas filas de nove sacadas nobres, fóra as dos torreões, os seus dois terraços sobre a agua, e o seu recinto, murado e resguardado. Sobrepujando o portão principal, viam-se esculpidas em marmore, e dominando o Largo do Corpo Santo, as armas de Moura e Côrte-Real em duas pallas assentes na Cruz de Calatrava, Ordem de que era Mestre o Marquez D. Christovam.

Começou-se a edificar esta mole magnifica em 1585, segundo se crê.

Se não existissem muitas estampas que nos mostram claramente a fórma e impor-

tancia d'este palacio, bastaria a admiração com que d'elle falam os contemporaneos, para nos demonstrar quanto era estimada em Lisboa aquella peça de architectura filippina.

Em 15 de Março de 1642 decretou El-Rei D. João IV a confiscação dos bens da familia Castel-Rodrigo: a Quinta de Queluz, hoje da Casa Real, e o Palacio do Côrte Real. Em 17 de Agosto de 1654 concedia o mesmo Senhor esses bens a seu filho o Infante D. Pedro, que depois veiu a ser D. Pedro II.

Só em 1662, tendo chegado aos quatorze annos o joven Principe D. Pedro, obteve de sua mãe a Rainha D. Luiza a apetitosa mercê de ter casa áparte e sobre si, indo habitar o seu Palacio do Côrte-Real.

No referver das desavenças com o irmão, tinha-se retirado para Queluz, d'onde vinha todos os dias ao Grillo saber da Rainha mãe, a qual se achava agonisante no seu Mosteiro, e ahi falleceu. Persuadiu então ao Principe o Conde de Castello-Melhor que, para evitar a fadiga d'aquella jornada diaria, se mudasse outra vez para o Côrte Real pelo menos emquanto durava a doença da Rainha.

Entrou o Principe a affeiçoar-se devéras á grande casa, e fez nella residencia quasi definitiva para o resto dos seus dias.

Durante o reinado de D. Pedro, ha um viajante estrangeiro que nos deixa entrever este Paço magnifico, alindado a primor e guardado vigilantemente por tresentas sentinellas vestidas de pardo agaloado de verde. «O Palacio onde mora D. Pedro e a Rainha —assim diz esse viajante que Camillo Castello Branco cita nas *Noites de insomnia* — é composto de quatro pavilhões pequenos e dois eirados, onde aquella Princeza vae de tarde tomar ar com as damas. Está ali sempre o regimento da Armada, e as antecamaras estão sempre atalayadas.» E diz outro narrador estrangeiro, Don Juan Alvarez de Colmenar, nos *Annales d'Espagne et de Portugal:* «Mora El-Rei D. Pedro num palacio á ourela do Tejo; compõe-se de quatro formosos lanços e flanqueiam-no quatro torreões. Tem mais dois eirados e galerias para passeio ao rés das aguas. Foi o edificio confiscado ao Marquez de Castello Rodrigo, por ter este Marquez seguido a parcialidade castelhana ao tempo da Revolução. Verdade seja que, segundo o tratado entre as duas Corôas, todos os seus bens deviam ter lhe sido restituidos; mas o certo é que ainda esta propriedade lhe não foi entregue. Chamam-lhe o Palacio do Corpo-Santo, por causa da capella que lá existe.»

Na noite dos Reis de 1669 ali deu a Princeza D. Maria Francisca á luz uma Infanta, com a maior felicidade. Foi muita a alegria da Côrte, que toda se achava na espectativa do successo; repicaram logo os sinos da capella do visinho Paço da Ribeira; communicou-se a festival melodia a todos os bronzes da cidade. E logo de manhã se celebraram graças na dita capella, em presença de todos os officiaes da Casa, prégando o Padre Antonio Vieira. Essa Infanta, D. Izabel, fallecida aos vinte e um annos, chegou a ser jurada Princeza herdeira; jaz no extincto Mosteiro das Francezinhas, fundação de sua mãe.

No Côrte-Real havia embarque facil num caes a meio do jardim, e quem ali morasse não necessitava ir embarcar ao forte do Paço da Ribeira. No Côrte-Real embarcou a 11 de Agosto de 1686, em grande gala, num riquissimo bergantim, El-Rei D. Pedro II, para se ir a bordo buscar sua segunda mulher a Rainha D. Maria Sophia. O desembarque dos noivos foi numa rica ponte construida sobre a da Casa da India, d'onde se communicava com o Pateo da Capella. Por ahi seguiu a pé o cortejo nupcial.

No mesmo Côrte-Real nasceu d'este segundo matrimonio de D. Pedro II, em 1688, o Principe D. João fallecido menos de um mez depois. Em 1689 ali nasceu o Principe que depois veiu a ser El-Rei D. João V. Em 1691 o Infante D. Francisco. Em 1694 o Infante D. Antonio. Em 1695 a Infanta D. Thereza. Em 1697 o Infante D. Manuel. Em 1699 a Infanta D. Francisca.

Finalmente, ahi falleceu em 1699 a Rainha D. Maria Sophia Isabel de Neubourg.

D. Luiza, filha legitimada d'El-Rei D. Pedro, enviuvando do Duque do Cadaval, D. Luiz, em 1700, saiu logo de casa, e hospedou-se no Côrte-Real, onde permaneceu todo o tempo da viuvez, até casar com seu cunhado o Duque D. Jayme.

Em 1704 saiu do Côrte Real El-Rei D. Pedro, e foi para a Beira ajudar com a sua pessoa a campanha contra os castelhanos em favor do pretendente D. Carlos III. Tornou a entrar no seu querido palacio, mas em breve ahi adoeceu, indo fallecer no Paço de Alcantara, a que teremos de fazer mais larga referencia.

Terminadas as nossas desavenças com Castella, e publicadas as pazes em 1668, foi o Palacio do Côrte-Real restituido á descendencia dos antigos possuidores, a quem tinha sido confiscado. Eram então os Principes Pios de Saboya, Marquezes de Castello Rodrigo em Castella; mas a Familia Real portugueza continuou no Palacio, pagando de renda aos donos 5 000 cruzados.

Em 1751 o Principe D. Felisberto Pio de Saboya Moura Côrte-Real Spinola e La-Cerda, Marquez de Castello Rodrigo e Almacer, Duque de Rochera, Grande de Hespanha de 1.ª classe, Senhor dos Morgados dos Côrtes-Reaes e dos Mouras, vendeu esta residencia historica, mas para elle completamente inutil, por um juro real de 5.000 cruzados annuaes, ao nosso Infante D. Pedro, depois D. Pedro III.

Por ordem do novo proprietario, que ahi tencionava vir morar, começaram logo obras grandes de adorno e aperfeiçoamentos, até que em 1751 pegou fogo numa sala onde os pintores preparavam colas e tintas. O fogo foi lavrando surdamente, e só se deu por elle quando já tinha invadido até a primeira sala dos porteiros da canna. Foi tal a violencia do sinistro, que em quatro horas arderam cento e oitenta e cinco quartos, em que se contaram dezoito salas reaes, e os quatro torreões dos cantos, «ficando só livres as duas formosas varandas que saiam do Palacio para o rio; e as casas que havia por baixo com algumas cavalhariças» — conta Frei Claudio da Conceição.

Os estragos foram reparados, pois em 1755, quando veiu o terremoto, achava-se alojado no Côrte-Real o tribunal da Casa do Infantado.

Do velho e soberbo palacio, nada, absolutamente nada se conserva, a não serem, segundo se figura, os alicerces da ala do nascente, sobre os quaes deve talvez assentar a Sala do Risco. Quem observa um plano moderno de Lisboa, vê quanto esta sala diverge da linha perpendicular ao Tejo, linha seguida pelas paredes dos Ministerios no Terreiro do Paço. A Sala do Risco afasta-se d'essa linha em angulo obtuso, nada motivado, e converge para o poente, como nos planos antigos se vê que tambem convergiam os terrados do Côrte-Real. Houve talvez desejo de aproveitar parte dos paredões fortissimos do palacio velho.

Mandou El-Rei D. João II encravar num extremo da praia de Santos uns marcos que se viam bem do rio, e áquem dos quaes não tinham licença de passar os navios vindos de terras infeccionadas de contagião. Ainda mais longe mandou collocar uma grande cruz negra, para baixo de Belem, afim de deter ahi toda a embarcação que houvesse tocado em paragem suspeitosa.

D'aquella providencia primeira se infere que no sitio de Santos-o-Velho acabava toda a parte importante e aglomerada da povoação, e principiava campo.

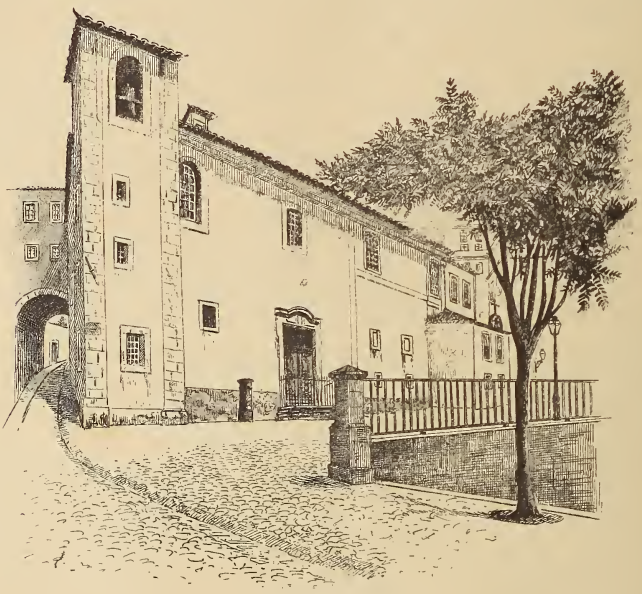
Damião de Goes confirma-o, informando que, para quem viesse de Belem, a cidade de Lisboa começava, a bem dizer, em Santos. Até ahi eram suburbios muito campestres.

Afirma João Baptista de Castro no *Mappa de Portugal,* quando trata da parochia de Santos, que El-Rei D. Affonso Henriques, depois da tomada de Lisboa, tambem melhorou a antiga Ermida dos Santos Verissimo, Maxima e Julia. Mas ha prova documental de que elle a edificou: é a doação que D. Sancho I fez á Ordem de Santiago, no anno christão de 1194 «d'aquella nossa casa que se chama Santos, a qual meu Pae, o

Rei D. Affonso, de feliz memoria, mandou edificar em honra dos Santos Martyres Verissimo, Maxima, e Julia.» Do templo affonsino, nem vestigios sequer ficaram.

O agiologio dos tres irmãos Martyres vem na obra monumental do sabio Flôres e seus sequazes. Basta dizer que eram peninsulares e lisbonenses, e foram, segundo é fama, martyrisados neste arrabalde, onde veiu a erigir se-lhes o templo.

D. Sancho I entregou a egreja aos commendadores e freires da Ordem militar de Santiago. Estes ahi residiam nalgumas casas contiguas ao templo, e ou por elles ou pelo Rei edificadas. Tomada aos moiros Alcacer-do Sal, os valentes freires fixaram séde no castello da vencida Salacia, d'onde no correr dos tempos passaram para Mertola, e emfim para



220 — Egreja de S. Salvador

Palmella, que ficou sendo até ao fim a cabeça da Ordem. Pela saida dos freires da casa de Santos, entraram para lá as viuvas e parentas proximas de muitos, as quaes, ao tempo em que elles andavam por fóra, pelejando contra os moiros, já ali costumavam recolher-se do mundo, e viver em communidade.

Com o andar dos annos, e com as viuvezes e desenganos, vieram muitas d'essas senhoras recolhidas a affeiçoar-se á clausura e a professar, e elegeram Prelada, com titulo de Commendadeira, que as regesse e encaminhasse. A pouco mais de meia legua, apenas, da buliçosa e guerreira Lisboa alfamista do seculo XIII, ficou pois aquelle campestre retiro piedoso, para o qual se habituava o povo a olhar com respeito e veneração.

Passaram muitos annos. Determinou El-Rei D. João II melhorar ás religiosas a sua habitação, e construiu para ellas, na paragem chamada Santa Maria do Paraiso, entre o Mosteiro de Santa Clara e o da Madre de Deus, uma casa nova, quasi á beira do Tejo, em sitio alto e sádio, com boas vistas de campo e mar.

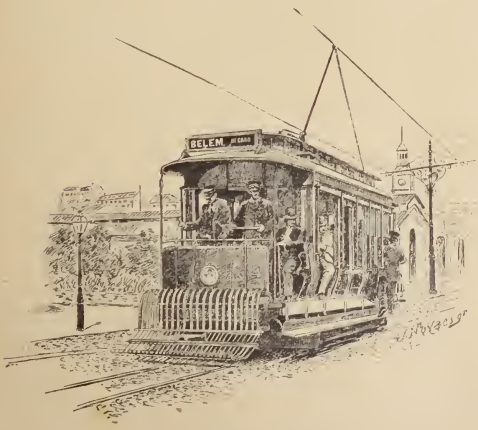
Como se deduz do que fica exposto, havia em Santos da Boa Vista, ou Santos-o-Velho, como se ficou designando o sitio depois da transferencia, um templo, e além d'elle uma casa grande contigua, que servia de mosteiro. Ficando esta deserta desde os fins de 1490, é inteiramente impossivel saber que destino se lhe deu.

221 — Andador das Almas

Não acha o Snr. Visconde de Castilho vestigios de que ahi se edificasse, ou apropriasse, paço real, senão sobre os fins do seculo XV.

Florescia em Portugal, no declinar d'esse seculo, um dos homens mais conspicuos e emprehendedores da velha Lisboa, o ambicioso Fernão Lourenço, a quem o trabalho honesto em assumptos coloniaes, e os officios mais pingues da administração aduaneira ultramarina, chegaram a grangear notabilissimos haveres. Era um potentado na Côrte portugueza, desde cerca de meio seculo, aquelle argentario que, pela sua actividade intelligente, soube erguer-se a muito alta plana, e ligar o seu nome ao aturado serviço dos Reis D. Affonso V, D. João II e D. Manuel.

Descoberta a Costa da Mina em 1482 por Diogo da Azambuja, e alargado um trato consideravel, que exigiu a repartição aduaneira e administrativa especial chamada Casa da Mina, nomeou D. João II em 1486 a Fernão Lourenço para Thesoureiro e Feitor da dita Casa; e o Rei seguinte lhe confirmou a nomeação em 1496.



222 — Um carro electrico

Aos ambiciosos porém, nunca chega a saciedade. Fernão Lourenço almejou ter uma residencia que fosse unica em Lisboa. Lançou os olhos ao Mosteiro de Santos, que á beira da agua levantava o seu vulto antiquado e guerreiro, a diante dos olivedos e vinhaes da Boa Vista, casa então solitaria, meio desamparada tal-

vez, desde a saida das religiosas. Pareceu-lhe bem; fixou ahi a sua escolha de entendedor. Era uma vivenda austera, mas que elle, com a sua varinha de oiro, podia transformar num paraiso, reedificando a, rodeando-a de flôres e verdura, e acumulando nella os preciosos productos das industrias de além mar.

A propriedade do mosteiro affonsino de Santos continuava pertecendo ás senhoras da Communidade, apezar de mudadas para Santos-o-Novo, e assim continuou até ao seculo XVII. D'isso se infere que Fernão Lourenço se entendeu com as religiosas, e só houve o mosteiro de aforamento, ou de aluguel por longuissimo praso ou por alguma outra fórma que não implicasse alheamento de posse; e tomando-o para si deu largas á imaginação, arrazou o que estava, e ergueu desde o alicerce uma vivenda esplendida, com todas as commodidades e aperfeiçoamentos d'esse tempo.

Nalgum dos seus agradaveis passeios á tarde pelo rio, viu El-Rei D. Manuel de longe o palacio moderno, por assim dizer pendurado sobre fragoas, recortado de corucheus, e rutilante de azulejos e marmores. Para maior seducção conservava-se nesta phase profana do antigo asylo dos Freires o que quer que fosse de claustral, entre um verdejar magnificente de arvoredos novos e jardins alegrissimos: galerias semi-monasticas, certo retraimento contemplativo, muito socego, e á espalda um sanctuario da maior devoção. Enamorou-se da casa aquelle Principe; cubiçou-a, e tomou-a de aluguel ou de emprestimo. Ahi o encontramos com effeito, e muitas temporadas, desde o final do seculo.

Não resistiu o Rei inquilino ao prazer de vir a ser proprietario d'aquelle ninho agradavel. Mandou algumas tentadoras propostas ao dono e, quer por subemphytheuse, quer por outra fórma, conseguiu a suspirada posse. D'ahi ávante, ficou o Paço novo sendo o seu retiro de verão; e viu-se desfraldada de vez no torreão principal a vistosa e arrogante bandeira branca de damasco franjada de oiro, adornada da Cruz de Christo em setim escarlate, com cordões de oiro e hastea doirada.

De El-Rei D. Manuel se sabe ter-se affeiçoado logo muito á sua compra, e nessa residencia o encontramos muita vez desde os fins do seculo XV.

Uma minucia interessante: havia deante do portal da entrada uma columna de pedra como simples objecto de adorno. Cubiçou-a o Senado lisbonense, para fazer d'ella pelourinho, e pediu-a a El-Rei D. Manuel, que em carta régia lh'a concedeu de boa mente.

Em 1510, num d'aquelles interessantissimos saraus da antiga Côrte, via D. Manuel representar no Paço de Santos uma farça, já pouco antes representada perante sua irmã a Rainha D. Leonor. O auctor era o immortal Gil Vicente, que lhe deu por nome —*Auto da Fama*.

Quando em 25 de Fevereiro de 1514 entrou no Tejo a armada em que vinham Bernaldim Freire e Francisco Pereira Pestana, conduzindo o Embaixador do Preste João, foi das varandas do Paço de Santos que o ancioso Monarcha assistiu á chegada da frota, ás suas salvas, ao seu acolhimento por toda a população que atulhava o areal; e logo depois, foi nas salas d'esta historica residencia, que recebeu o Embaixador.

Hoje, com o crescimento notavel de Lisboa, tornou se Santos um dos bairros mais frequentados e populosos da capital; e por isso, com o Aterro, com a aglomeração de casas, com o transito extraordinario, diurno e noturno, d'aquellas ruas, mal se pode crer que no seculo XVI viesse ali habitar a Côrte portugueza em villegiatura! Ir quem morava habitualmente na Alcaçova, em S. Bartholomeu, nos Estáos, ou na Ribeira, passar o verão a Santos, sitio então risonho, muito ermo, e muito socegado, era perfeitamente aceitavel e de todo o ponto sensato.

A baixo da encosta do Combro, ás faldas do monte da Boa Vista, tudo eram vinhedos e hortas, e entre ellas a quinta da Sizana, onde se levantou o Mosteiro da Piedade, depois chamado — da Esperança. Seguiam se á borda da estrada, hoje Rua Direita da

Esperança, os arvoredos dos jardins do Duque de Aveiro, e depois topava-se com o Paço de Santos, encostado ao templo, rodeado do seu folhudo pomar, e dominando um lindissimo prospecto do Tejo e sua barra.

O proximo sitio do Mocambo, pela encosta acima, era não menos apetecivel retiro campestre. Onde hoje é o extincto Mosteiro das Trinas, erecto em 1657, tinham vivenda e propriedade rustica uns ricaços flamengos de Lisboa, fundadores da mesma casa claustral: Cornelio Vandali, e sua mulher Martha de Boz. Ha um escriptor coevo d'esses factos, que ainda em 1655 caracterisa o bairro como um dos melhores suburbios lisbonenses; extasia-se nas suas «alegres e aprasiveis vistas do mar, a que fica sobranceiro», gosando-se o entrar e sair das embarcações de longes terras, e refere a frequencia das romarias que ao Mocambo costumavam concorrer em todo o decurso do anno.

No sitio pegado com o que veiu a ser esse Mosteiro das Trinas, alastrava-se um casal, por excellencia denominado da Boa Vista, e pertencente ao Duque do Cadaval, que em Julho de 1662 o doou ás Freiras. D'esse antigo casal resta ainda vestigio no titulo, aliás já adulterado, da Travessa da Bella Vista, que leva da Rua das Trinas para a do Quelhas, e não menos na denominação da Rua da Bella Vista, a pequena distancia.

A antiga Rua do Pé de Ferro, depois Calçada do Castello Picão, começava junto ao Mosteiro das Madres Bernardas descalças, e acabava, pelo seu extremo superior, em terras de semeadura.

Pouco a diante, onde é hoje S. João de Deus, edificaram em 1581 os Carmelitas descalços o seu primeiro convento, dedicado a S. Filippe Nery.

Em summa, o risonho povoado e brilhante Buenos Ayres era ainda no seculo XVIII paragem tão desamparada, que foi escolhida para nella, e nos ermos da Cotovia, se executarem os ladrões apanhados em flagrante nas ruinas do terremoto de 1755.

Com o reinado d'El-Rei D. Sebastião continuou a ser habitado de quando em quando o Paço de Santos. Em Outubro de 1572, por exemplo, ahi morava o joven Soberano, e d'ahi saiu para ir assistir á ceremonia da trasladação de seu avô o Senhor D. João III e seu bisavô o Senhor D. Manuel para os seus novos mausoleus no Convento de Belem. Em Fevereiro de 1574 determinou este mesmo Rei reedificar a Egreja de Santos-o-Velho; expediu uma provisão nesse sentido, mas não teve ensejo para realisar a sua reedificação, cujas honras vieram a caber ao Cardeal.

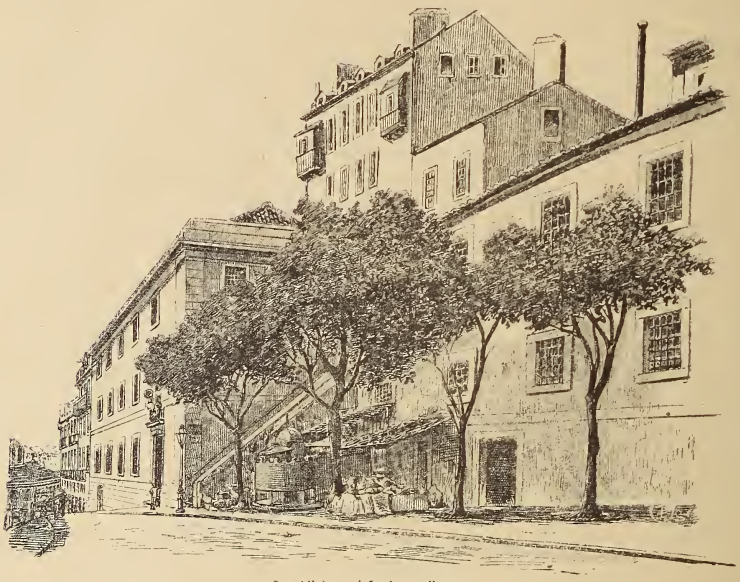
Em fins de 1576, deu-se em Lisboa uma horrorosa explosão de polvora, que fez os maiores damnos em todo o bairro da Pampulha, e até arruinou paredes no Paço de Santos. Rebentaram não se soube como uns cento e quarenta e seis barris de polvora, de tres quintaes cada barril, nos armazens, ou taracenas, sotopostos em grande parte á linha de edificios que bordava pelo lado do sul a estrada de Belem, hoje Rua das Janellas Verdes, e Rua de S. Francisco de Paula. A chuva de pedras cuspidas pelo improvisado vulcão rompeu os tectos, e foi caír em todas as salas do Paço. Havia uma casa ladrilhada, nova, com esplendida vista do Tejo, e onde o Soberano costumava muito estar; ahi tinha a sua cadeira, e ahi recebia. Pois tal foi o impulso das pedras, que desfizeram em parte as paredes d'essa sala, e espedaçaram os tijolos do chão.

Em 1577 ahi andava o joven D. Sebastião todo entregue á sua idéa da jornada de Africa. Tinham-se baldado avisos e supplicas; proseguia o visionario no seu proposito de guerra, e comsigo arrastava o Reino. Uma vez, estando El-Rei com D. Francisco de Portugal e Miguel de Moura, entrou Pero d'Alcaçova Carneiro, depois Conde da Idanha, e pedindo alguns minutos de audiencia passou a ler-lhe um arrasoado commovente, em que representava ao infantil obstinado os contras da jornada ás terras da moirama. Ouviu-o D. Sebastião em silencio; quem o observasse, veria tremer-lhe de vez em quando o labio inferior em concentrada ironia. Quando o Ministro se calou, levantou-se de golpe El-Rei, nada respondeu, e saiu.

No dia de S. João pela manhã, mandou levantar a sua ancora defronte da Egreja de Santos, onde surgia todas as noites, afastou-se, contemplando de largo a vistosa expedição, mandou disparar um tiro de peça, e disse adeus a Lisboa.

Nos fins do seculo XVI as Commendadeiras consideravam-se outra vez na posse egitima do Paço deshabitado; e tanto, que o venderam por 10.000 cruzados a D. Luiz de Lencastre, Commedador-mór de Aviz, e terceiro filho do Duque D. Jorge.

O Paço de Alcantara, depois chamado do Calvario, por estar situado em frente do Convento do Calvario, era outr'ora propriedade particular. Posto que escasseiem as no-



223 — Aljube, prisão das mulheres

ticias ácerca d'esse primeiro periodo da sua historia, cremos com algum fundamento que veiu para a Corôa por sequestro no governo intruso dos Filippes.

Martinho Affonso de Miranda, que escreveu no principio do seculo XVII, encarece esta residencia, não por ser grande, mas por ser então «de Sua Majestade, e pela sumptuosidade de seus edificios, differença de brincos, variedade de figuras, como tambem pela abundancia das aguas, multidão de arvores de espinho, amenidade e frescura de odoriferas e alegres boninas, etc.»

O elogio parece muito exagerado, ainda que se tomem em conta a ruina que mais tarde sobreveiu ao Palacio e as reconstrucções que tem tido. Seja, porém, como fôr, o que é certo é que esta vivenda esteve desprezada durante todo o reinado de D. João IV, e regencia da Rainha viuva D. Luiza de Gusmão, na menoridade de seu filho, El-Rei D. Affonso VI. Foi na terminação d'esta regencia que o Palacio de Alcantara adquiriu celebridade.

E' geralmente sabido que D. Affonso VI tirou violentamente as redeas do governo das mãos de sua mãe; mas o que nem todos sabem é que aquelle Soberano tinha com-

pletado a sua maioridade, e que a Regente, por conselho dos seus ministros e mais ainda por sugestões dos jesuitas, que temiam, não o moço Rei, mas o Conde de Castello-Melhor seu valido, não só não estava resolvida a entregar o poder a D. Affonso VI, mas até meditavam e trabalhavam com ella grande parte da Côrte e todas as influencias jesuiticas, numa conspiração concertada para a deposição d'aquelle Monarcha, sob pretexto de incapacidade para reinar, e para a exaltação ao throno de seu irmão, o Infante D. Pedro.

Foi transtornado este trama, nas vesperas do dia em que devia realisar-se, pelo Conde de Castello Melhor, que persuadiu El-Rei a apoderar-se repentinamente do governo. Combinado o plano contra-revolucionario por aquelle homem, geralmente ainda

224 — Uma barraca de feira

mal apreciado, e que é sem questão um dos maiores vultos politicos da historia portugueza, saiu D. Affonso VI dos Paços da Ribeira, onde residia com a Familia Real, no dia 21 de Junho de 1662, e dirigiu-se para o Palacio de Alcantara sem que se percebesse o seu designio. Apenas ali chegou, estando acompanhado do Conde de Castello-Melhor, fez expedir cartas a toda a nobreza, tribunaes, prelados, etc., convocando os ali para lhe assistirem no acto de tomar posse do governo do Reino.

Não se realisou este acto no Palacio de Alcantara porque, desconcertados os planos dos ministros da Regente, por aquella imprevista e energica resolução d'El-Rei, veiu a Rainha D. Luiza a um accordo, em virtude do qual entregou os sellos do Estado a seu filho D. Affonso VI, celebrando-se então a ceremonia nos Paços da Ribeira com a solemnidade usada em taes casos.

Foi portanto aquella a primeira scena do longo drama em que se combateram tantos e tão oppostos interesses, em que representaram tão diversas paixões, e finalmente em que se moveram tão variadas e tão ignobeis intrigas; drama que teve por ultimo acto a deposição e prisão do Rei Affonso, e que terminou pela sua morte.

Em 1668 celebrou-se na capella do Palacio de Alcantara o consorcio do Principe D. Pedro, então regente pela deposição de D. Affonso VI, seu irmão, com a Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboya, a qual, tendo casado no anno antecedente com este desditoso Monarcha, se achava então desprendida dos primeiros laços conjugaes por sentença dos tribunaes do Reino, e por bulla pontificia.

O Palacio de Alcantara foi a casa de campo predilecta de D. Pedro. Nelle residiu por varias vezes, até que, indo convalescer de grave doença, ali falleceu em 1706.

Em 1693 serviu por algum tempo de residencia á Rainha de Inglaterra, viuva, D. Catharina de Bragança, como veremos tratando do Palacio da Bemposta.

O terremoto de 1755 arruinou muito este Palacio. Depois foi reedificado, e mais tarde dado a Francisco José Dias, com fim e condição expressa de estabelecer nelle uma fabrica de chitas. Como não fosse cumprida esta clausula, voltou para a Corôa aquella propriedade no anno de 1808.

Reinando D. Maria II, ali se fizeram consideraveis obras de reedificação e augmento, mas sem se attender a especie alguma de belleza de architectura. Desde então passou a servir de aposento, por munificencia régia, a algumas fidalgas viuvas, e a varios servidores da Casa Real.

Quando em 1599 o flagello da peste assolou Lisboa, os habitantes que possuiam alguns recursos fugiam para terras da provincia em demanda de ares mais salutiferos. Entre elles foram buscar refugio na Ericeira duas pessoas, marido e mulher, que moravam na freguezia dos Anjos, e durante o tempo que estiveram naquella povoação da costa maritima frequentaram devotamente uma pobre e solitaria ermida das visinhanças, onde se venerava uma formosa imagem de Maria Santissima. Acabados os estragos da peste na capital, voltaram os dois consortes á sua antiga residencia, mas não querendo separar-se d'aquella imagem, resolveram traze-la comsigo sonegadamente, o que pozeram por obra, conseguindo d'ahi a annos, com esmolas de varios fieis, fabricar-lhe uma pequena egreja no sitio d'Alcantara, então arrabalde, concedendo o terreno a proprietara Anna de Gouvêa de Vasconcellos, e concorrendo para as despezas uma irmandade de maritimos, que se creou em obsequio da Senhora, a que deram a invocação das Necessidades, porque nas tribulações e molestias da vida a ella piamente recorriam, confiados em sua intercessão e patrocinio. Pedro de Castilho, do Conselho de Sua Majestade, comprou as casas de Anna de Gouvêa, e renovou e augmentou o templo, que se acabou em 1659. Nesta egreja mandou fazer varias obras a Rainha D. Maria Isabel de Saboia, mulher de D. Pedro II. Este Rei professava tamanha devoção á imagem de Nossa Senhora das Necessidades que vinha muitas vezes ouvir missa áquella capella no proprio altar da Senhora. El-Rei D. João V, numa grave enfermidade, mandou trasladar para o seu palacio e camara a sagrada imagem, e depois que sarou lhe fez levantar, com privilegio de real capella, a formosa egreja, erigindo ao mesmo tempo contiguos os Paços, que tem sido muito acrescentados.

Esta regia habitação, de agradavel aspecto, abundante de cantarias, e numa formosa situação, desfructa a muito apreciavel vantagem de ter adjacente uma amplissima quinta de recreio, com espaçosas ruas onde podem correr carruagens, arvoredos copados, lagos de vasto ambito, grandes e amenos jardins. Copiosas aguas entreteem a verdura e a fresquidão do sitio. Um grande parque, logo immediato ao Palacio, é por tres lados guarnecido de corpulentas e bem acabadas estatuas de jaspe, que representam as Virtudes, e são, ao que dizem, obra do esculptor Giusti chamado a Portugal por D. João V para fundar a celebre escola de Mafra. Mas se essas são dignas de attenção, lá temos na capella do mesmo Paço a estatua de S. Paulo e outras feitas por um esculptor portuguez, José d'Almeida, que tambem são de incontestavel merecimento.

Do lado da frontaria principal do Palacio estende-se um dilatado terreiro, adornado

com uma fonte, que tem de notavel o seu esbelto e elevado obelisco, de uma só e excellente pedra. Muitas preciosidades de arte encerra o Paço das Necessidades, e seria diffusão enumera-las; mas mencionaremos, particularmente, a copiosa e rica livraria, selecta em livros antigos de merito e edições de valor, e abundante de manuscriptos raros e codices preciosos para a historia portugueza.

O Palacio das Necessidades foi o local das sessões das primeiras Côrtes extraordinarias depois de 1820, e fôra habitado em parte, sob a denominação de Real Hospicio, pelos padres da Congregação do Oratorio, reconhecidamente benemeritos pela cultura e ensino das sciencias e letras.

A Rainha d'Inglaterra D. Catharina de Bragança, filha de D. João IV, viuva de Carlos II, regressou á patria, atravessando a França e a Hespanha, e entrou em Lisboa em 20 de Janeiro de 1693, no meio de grandes festas e regosijos. D. Pedro II, seu irmão, a foi esperar ao Lumiar e conduziu-a ao Palacio d'Alcantara, que para isso estava preparado; porem ella pouco tempo aqui residiu, por não gostar do sitio. Mudou-se para o Palacio dos Condes do Redondo, a Santa Martha. Não se deu bem neste local, e outra vez se mudou para o Palacio dos Condes de Soure, á Penha de França. D'aqui se mudou ainda para o Palacio dos Condes de Aveiras, em Belem, o que depois foi comprado por seu sobrinho D. João V, e é hoje o Palacio Real de Belem.

Cançada de tantas mudanças, sem achar uma residencia nas condições que desejava, resolveu edificar casa propria, para o que se escolheu o Campo da Bemposta, tambem chamado Campo de Santa Barbara, que era em sitio salubre e com bellas vistas, por ser ainda então pouco habitado, e tinha excellentes e vastos campos, para d'elles se fazer uma boa quinta. Compraram-se estes terrenos e deram principio ás edificações, com tanto empenho e tão grande numero de operarios, que em breve se concluiram.

D. Catharina recebia d'Inglaterra uma pensão annual, segundo clausula da sua escriptura de casamento, de 30.000 libras esterlinas.

Neste Palacio recebeu D. Catharina, em 1704, o Archiduque Carlos d'Austria, que sendo pretendente ao throno castelhano, por morte de Carlos II, veiu a Lisboa, e aqui residiu alguns mezes, com o nome de Carlos III, Rei de Hespanha. Este Principe chegou a ser acclamado em Madrid, logo que aquella cidade foi tomada pelo exercito portuguez, commandado pelo Marquez das Minas; mas pouco tempo teve o titulo de Rei, porque morrendo seu irmão, o Imperador José II, herdou o throno imperial da Allemanha sob o nome de Carlos VII.

Duas vezes foi D. Catharina regente do Reino. A primeira em 1704, quando D. Pedro II marchou para a Beira, a pôr-se á frente do exercito portuguez, em companhia do Archiduque d'Austria e das tropas alliadas, para dar principio á guerra da Successão. A segunda em 1705, em razão de uma grave doença de D. Pedro II.

Esta senhora falleceu em 1705, legando todos os seus bens ao Rei seu irmão.

D. João V deu o Palacio da Bomposta em 1707 á Casa do Infantado, em favor do Infante D. Francisco, seu irmão, que residia ora aqui, ora no Palacio do Côrte Real.

Por sua morte em 1742, foi para lá residir seu filho natural D. João, por isso denominado D. João da Bemposta. D. João V legitimou este seu sobrinho, ao qual deu todos os bens do pae, menos a Casa do Infantado, que passou para o Infante D. Pedro, depois D. Pedro III, por casar com sua sobrinha D. Maria I, filha d'El-Rei D. José.

D. João da Bemposta foi General das Armadas reaes e galeões de alto bordo, Mordomo mór e Conselheiro d'Estado e Guerra. Foi casado com a Duqueza de Abrantes D. Maria Margarida de Mello e Lorêna, viuva do Marquez d'Abrantes, D. Joaquim Francisco de Sá Almeida e Menezes. Era esta senhora filha de D. Rodrigo de Mello, irmão de D. Jayme, 3.º Duque do Cadaval. O Infante D. João morreu em 1780, sem successão, em uma casa da Ajuda, onde habitou nos seus ultimos annos.

Soffreu muito o Palacio da Bemposta com o terremoto de 1755 e a sua capella ficou quasi arrasada. Foi depois tudo reedificado, á custa da Casa do Infantado.

D. João VI, quando em 1821 regressou do Brasil, foi habitar o Paço de Queluz; mas, pouco tempo depois, mudou-se para o da Bemposta, onde morreu em 1826.

As Infantas D. Isabel Maria, D. Anna de Jesus Maria e D. Maria da Assumpção, passados os dias de nojo, mudaram-se para o Palacio da Ajuda, ficando este abandonado até 1828, anno em que o Senhor D. Miguel I principiou a dar ahi audiencias publicas, em todas as quintas feiras; mas habitava em Queluz.

225 — Palacio da Marqueza de Pomares

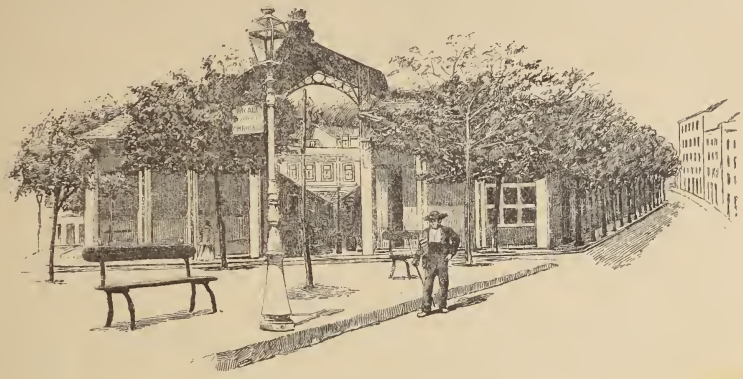
Em 28 de Julho de 1833, chegando o Senhor D. Pedro a Lisboa, foi habitar o Palacio da Bemposta; mas só ali esteve até Setembro d'esse mesmo anno, em que mudou para o Paço das Necessidades.

Extincta a Casa do Infantado em 1833, foi o Palacio da Bemposta encorporado nos bens da Corôa; e em 1853 cedido para Escola do Exercito, que ahi se estabeleceu. A quinta foi cedida ao Instituto Agricòla, para estudos praticos.

O Paço de Belem veiu á Corôa por compra que d'elle fez El-Rei D. João V ao Conde de Aveiras, João da Silva Tello de Menezes, em 1726, pela avultadissima somma, naquelle tempo, de 200.000 cruzados, em dois padrões de juro, um de 130.000 cruzados, pelo que era do morgado, e outro de 70.000 cruzados, pelo que era livre.

Compunha-se esta propriedade de dois prasos foreiros ao Mosteiro de Belem. El-Rei D. João V reuniu os fóros, dando aos frades um padrão do juro de 260$000 réis. D'estes prasos, um tinha sido dado de aforamento pelo Mosteiro a D. Manuel de Portugal, e ahi estavam e estão as casas principaes, parte da cerca e quinta; e o segundo aforado a D. Jorge de Mascarenhas e sua mulher D. Francisca de Vilhena. O primeiro praso ficou vinculado ao morgado dos Côrtes Reaes. No anno de 1623 tomou posse

da quinta e casas D. Luiz de Portugal, successor no mesmo morgado, e vindo depois a succeder a Condessa de Aveiras, D. Joanna Ignez de Portugal, mãe de D. João da Silva Tello de Menezes; na escriptura que fez, para haver de casar com D. Luiz da Silva



226 — Mercado de S. Bento

Tello, se declarou que entrava no dote com o seu morgado dos Côrtes Reaes, de que era cabeça a propriedade de Belem, e com outro praso, que subrogou para o morgado por outros bens vinculados nas Ilhas Terceira e de S. Jorge. A este ultimo praso pertencia o salgado e praia, que ficavam em frente das casas, de que fizera mercê El-Rei D. Sebastião a D. Manuel de Portugal, para elle e seus successores. O salgado comprehendia todo o terreno até á rua que tinha de largo dez braças.

El Rei D. João V mandou fazer muitas obras e melhoramentos no palacio e na quinta. A fachada principal, composta de cinco corpos, é a mesma que existia quando aquelle Soberano adquiriu a propriedade. As salas á frente são boas, tudo o mais é mesquinho. O que é magnifico é o panorama que se descobre do jardim. D'ali se extende a vista pelas Ruas da Junqueira e Belem, até ao Largo dos Jeronymos, alonga-se pelos montes d'além do Tejo, e pelo Oceano.

A quinta, ao gosto antigo, tem espaçosas ruas e foi adornada com alguns bellos grupos de marmore. Um d'elles representa a Caridade, na figura da rapariga que alimenta o pae preso e manietado, com o leite do seu proprio seio. E' de Bernardino Ludovici, romano, de 1737. O outro grupo representa Cleopatra expirando nos braços de sua aia. E' obra de José Mazzuoli, feito em Roma, em 1717. O primeiro grupo é do maior merecimento.

227 — Um galucho

Contiguos ao Palacio ficaram os quartos chamados da Arrabida, porque ahi tinha o Conde de Aveiras um hospicio para agasalhar os frades arrabidos, os quaes, pela piedade de umas senhoras, tinham um hospicio naquelle logar de Belem. Morrendo essas senhoras, perderam o beneficio, e a essa falta acudiu o Conde de Aveiras, fazendo-lhes construir uma hospedaria na sua propriedade. Acabou o hospicio quando a propriedade passou para a Corôa, mas aquella parte do palacio sempre se ficou chamando a Arrabida.

Quando foram confiscados os bens do Duque de Aveiro, parece

que uma parte do terreno que pertencia ao palacio dos Duques, o qual foi arrasado, se acrescentou á quinta de Belem, do lado da Calçada do Galvão.

Ainda se descobrem os logares onde eram as jaulas para os animaes que existiam no pateo da entrada, chamado por isso Pateo dos Bichos. Era noutro tempo uma diversão dos lisbonenses, ir vêr os bichos de Belem.

O Paço de Belem communicava por um longo corredor com o Paço do Picadeiro, que El Rei D. José mandou construir.

Uma memoria bem triste se liga a esta habitação. Foi ahi que passaram os ultimos momentos o Duque de Aveiro, o Marquez e Marqueza de Tavora, o Conde d'Athouguia e os demais réos martyrizados e mortos na manhã de 13 de Janeiro de 1759, pelo attentado contra a vida d'El-Rei D. José. No longo e estreito corredor que communicava o Paço de Belem com o Palacio do Picadeiro, se diz que foi o carcere onde estiveram encerrados aquelles infelizes e d'onde sairam para o martyrio e para a morte, na praça fronteira, hoje Praça de D. Fernando.

No caes que ali se fez embarcaram os jesuitas, depois do decreto que os exterminou em 1759; ahi embarcou a Familia Real para o Rio de Janeiro em 1807; e ahi desembarcou o Infante D. Miguel em 1828, quando veiu, como Regente, em nome de seu irmão D. Pedro IV, e promettido esposo de sua sobrinha.

Nasceu o pensamento de levantar o Paço da Ajuda nos ultimos annos do seculo passado, quando pela occorrencia do incendio que destruiu o Paço velho, de que ainda existem restos no recinto da planta do moderno, a Senhora D. Maria I se recolheu á casa de campo de Queluz, que seu esposo e tio, D. Pedro III, mandára construir e cercar de magnificos jardins e arvoredos, em sitio adaptado á vegetação e abundante de frescas aguas. Todavia foi D. João VI, sendo já Regente em nome de sua mãe, quem lançou a primeira pedra nos fundamentos do Paço d'Ajuda, antes de ser obrigado a atravessar o Atlantico por causas politicas.

Quatro dilatados lanços de paredes de marmore, dispostos em fórma quadrangular, oppostos cada um a um dos quatro ventos cardeaes e rematados nos angulos por elevados e majestosos torreões, deviam completa-lo, comprehendendo extensas galerias e salas, multidão de camarins e todas as officinas, quartos e acomodações convenientes a um real aposento. O espaço intermedio, a que chamaremos central, teria serventia por amplos vestibulos nos lanços de nascente e poente, que seriam as fachadas principaes, sendo hoje a do actual Palacio a que está feita, que é a oriental para a parte de Lisboa. Da banda meridional que olha para o Tejo, fica tambem uma grande porção habitada; esta e a sua paralela, ao norte, deviam acabar por dois torreões em tudo similhantes aos que ora existem. Superiormente corre um terrado fechado com balaustrada, d'onde se avistam, até mui grandes distancias, deleitosas e variadas perspectivas, circumstancia que facilita a feliz situação do Palacio assente sobre a corôa de uma eminencia, por cujo declive, para o sul, Belem vae descendo até ao rio.

Na decoração do interior do Paço da Ajuda trabalharam Cyrillo Machado, Domingos Sequeira, e dizem que tambem o Vieira portuense. Sobre tudo prende a attenção dos intelligentes a sala, a que vulgarmente chamam da Aclamação d'El Rei D. João IV; ali deixou José da Cunha Taborda um quadro de vastas dimensões, de grandiosa e complicada composição, e de excellente desempenho, representando o acto da aclamação do Duque de Bragança, pela nobreza e pelo povo, a despeito do jugo e poderio de Castella. Esta pintura e as tres estatuas do esculptor Machado, que symbolisam a Gratidão, a Generosidade e o Conselho, collocadas em nichos nos porticos do vestibulo, são as mais notaveis obras artisticas que aformoseam o Paço da Ajuda, entre outras muitas que se devem aos cinzeis de Barros, Aguiar, Faustino José Rodrigues.

Os restos do Paço velho, edificado por D. José I, conservavam a particularidade

de comprehenderem um bem construido theatro, onde se representou pela primeira vez a opera italiana em Portugal.

Foram os primeiros architectos do palacio novo José da Costa, os dois Fabri, Manoel Caetano, tambem por algum tempo, e o ultimo Antonio Francisco da Rosa.

Em 1862, por occasião do casamento de El-Rei D. Luiz I, foi nomeada uma commissão de architectos e engenheiros para proporem um plano de acabamento da parte existente do Paço e aformoseamento das suas avenidas. De nada serviram, porém, os trabalhos d'essa commissão, pois tudo ficou como estava. Só depois, em 1865, é que foram renovados os aposentos dos Soberanos. Uma das salas mais originaes e de melhor gosto é a que divide os quartos de El Rei dos da Rainha. O tecto e os muros são revestidos de agatha calcedonia, presente do Vice-Rei do Egypto.

No alto da Ajuda e em frente do Palacio, eleva-se uma elegante torre, ornada de bons sinos, e com seu relogio. Pertencia esta torre á Patriarchal, e teve a fortuna de escapar ao vandalismo posterior á Restauração.

El Rei D. José, depois do terremoto, mandou levantar o Palacio da Ajuda. Era um edificio provisorio, e junto d'elle se construiu a capella para onde passou a Patriarchal, sendo tambem esta capella uma construcção provisoria. Depois mandou a Rainha D. Maria I construir uma torre de cantaria lavrada, porque a que havia era de madeira. Foi incumbida a construcção a Manuel Caetano de Sousa, architecto das obras reaes, e na torre se collocaram oito sinos muito harmoniosos, além dos tres pertencentes ao relogio. Houve incendio no Palacio da Ajuda em 1794; mas a capella e a torre ficaram intactas.

Foram os sinos sagrados em 1793 pelo Cardeal Patriarcha D. José Francisco de Mendonça, e tocaram pela primeira vez em 29 de Abril do mesmo anno, festejando o nascimento da Princeza da Beira, D. Maria Thereza.

O relogio, habilmente montado, foi incumbido ao mestre José da Silva Mafra, relojoeiro do Convento e Palacio de Mafra.

E' muito elegante a torre, e algum relevo dá ao edificio real. E' Lisboa muito desprovida de torres que façam sobresair a perspectiva da cidade, e como que lhe dêem mais nobreza. A torre da Ajuda ennobrece aquelle sitio, e tem de mais a vantagem do seu relogio publico. Tem uma grimpa de bronze doirado, com 31 palmos de alto, e o gallo do catavento mede 18 palmos de comprimento do bico á cauda. O sino das horas é o maior que ha em Lisboa.

Em 1826 habitou o Paço da Ajuda a Infanta D. Izabel Maria, então Regente.

Em 1828 foi para lá residir o Senhor D. Miguel, e numa d'aquellas salas tiveram logar a sessão das Côrtes em que o mesmo Infante jurou a Carta Constitucional, e a sessão dos tres Estados, em que elle foi proclamado Rei absoluto.

De Janeiro a Julho de 1833 esteve ali hospedado com sua familia D. Carlos de Hespanha.

Quando o Imperador desembarcou em Lisboa neste mesmo anno, morou por oito dias na Ajuda, transferindo-se em seguida para Queluz, onde nascera e onde veiu a morrer.

Ficou o Paço silencioso e abandonado desde esta epoca até 1855, em que nelle foram celebradas as festas da aclamação de El-Rei D. Pedro V, de tão boa memoria.

El Rei D. Luiz, tendo realisado o seu casamento com a Senhora D. Maria Pia de Saboia, escolheu ainda a Ajuda para sua habitação. Depois da morte d'este Monarcha, tem a Rainha viuva permanecido ali, acompanhada por seu filho o Infante D. Affonso. El-Rei D. Carlos I e a Rainha D. Maria Amelia de Orleáns habitam o Paço das Necessidades, para onde foram depois que falleceu El-Rei D. Fernando, que com sua segunda esposa, a Senhora Condessa d'Edla, e com seu filho o Infante D. Augusto, ali residira nos ultimos annos da sua vida.

Ha na *Lisboa Antiga* toda uma parte interessantissima e valiosa de memorias, que se refere ao viver da nossa velha Côrte. E' um quadro pitoresco e rapido do que eram ou podiam ter sido, em varios periodos historicos, as relações do Rei com os cortesãos, dos cortesãos entre si, e da Côrte com a Cidade.

Entraremos pois com o Snr. Visconde de Castilho no lar dos nossos Reis; penetraremos naquellas regiões elevadas, a que o velho Antonio Ribeiro parecia ter tanto medo, que não duvidou escrever na sua *Pratica de oito figuras* estas palavras:

....Quem cuidasse,
ante que no Paço entrasse,
o que ha-de ser ao diante,
certo que escolhesse ante
coisa com que se matasse.

228 — Bolsa de Lisboa

E já o Camareiro mór do Rei Feliz, o poeta D. João Manuel, bom conhecedor sem duvida, affirmava no *Cancioneiro* de Garcia de Rezende que não havia

nem Caribides nem Scylla
perigosa mais que o Paço.

A bem dizer, quasi que era desnecessario subir as escadarias dos Paços da Alcaçova, de S. Bartholomeu, ou da Ribeira, para pintar á luz das chronicas o antigo viver real. Encontravam-se d'elle muitas feições caracteristicas na maneira como viviam, ainda ha bem poucas dezenas de annos, as familias do patriciado.

O que nós ainda presenceámos ahi por essa Lisboa, quando as casas vinculares de primeira ordem estavam de pé em todo o seu esplendor, era a tradição, já enfraquecida mas reconhecivel, dos usos da Côrte velha: a união da familia; a presidencia

nata, indiscutida, absoluta, do pae, não só como pae, mas como chefe dynastico; a preeminencia do primogenito, como representante genealogico; a submissão dos filhos segundos; e emfim, a protecção hereditaria á creadagem, que nascia no lar de seus senhores, d'ali casava, ali morria muita vez, e representava os dois antigos elementos cortezãos — a dama e o moço-fidalgo.

Hoje tudo isso mudou consideravelmente. Ha um proposito firme de destruir a familia, relaxando as ligações dos seus membros. Aluido o solar, alheada e transformada a casa onde successivas gerações tinham nascido e morrido, vendidos aos ferros-velhos os retratos dos avoengos, passou a familia a habitar de aluguel em qualquer parte, e dispersou o sanctuario dos habitos venerandos. Theatros, cafés e clubs, deram cabo do

229 — Egreja do Menino Deus

conchego da velha casa paterna, e a gente moça, a quem cortaram o fio das tradições, habituou-se ao viver moderno, sem base, sem fito, sem passado e sem porvir.

Ora o proprio Paço, com a democratisação dos seus usos e costumes, desde 1834 para cá, alterou a sua maneira de ser, e refez-se ás modas ultimas.

Mas, deixando lamentações, forcejemos observar o que passava na casa dos Reis, e auxiliemo-nos da observação do que passava na casa dos grandes. E' que na existencia social todos mais ou menos são servos e senhores; servos de alguem, ou de alguma instituição, amos e senhores no seu proprio lar. Os vassalos, que em sua casa regiam numeroso estado de servidumbre, iam cumprir ao Paço de seus Reis os misteres de servos e apaniguados, pupilos e defensores. Possuia o opulento fidalgo antigo officiaes-móres e menores, capella, estrebaria, canil, educandos e até bobos; tudo, em ponto reduzido, modelado sobre o que via no Paço do seu senhor.

Com o volver dos tempos, com a invasão das ondas democraticas, modificaram-se muito as feições das etiquetas reaes; caducaram para os nobres as obrigações quasi

humilhantes que os agrilhoavam á realeza, e transformaram-se, com a desvinculação e a evolução dos costumes, os usos do lar domestico.

Assim mesmo, duraram muitos seculos esses usos peculiares especiaes. A escassez de communicações de Portugal com a Europa, sempre mais culta que a Peninsula, deixava os costumes num atrazo, num pasmado, que havia por força de ferir os forasteiros. Quem viesse de correr as sete partidas, quem voltasse de assistir ao concilio de Basilea, quem regressasse do cerco de Tunis pelo faustuoso Carlos V, quem recolhesse de uma peregrinação a Roma ou a Jerusalem, havia de saborear na Côrte de Evora, de Coimbra, ou de Lisboa, o vetusto de certas usanças, nossas e muito nossas, e o patriarchal e primitivo de certas modas de banquetes e bailes, de audiencias, de etiquetas, de alfaias caseiras.

Pois digam se ainda hoje um viajante, que volte de assistir aos ceremoniaes da côrte do Rei da Suecia ou do Imperador de Austria, não achará mais viva, ao entrar em Lisboa, a preciosa nota antiquada dos porteiros da canna com as suas capas e as suas varinhas, dos nossos archeiros com os seus trajos tão antigos e vistosos, com os seus pifanos e os seus tambores, dos nossos officiaes-móres com as suas insignias muito de cá, dos nossos batedores, dos nossos passavantes Santarem, Tavira e Cochim, dos nossos arautos Lisboa, Ceuta e India, e de tantas preciosas singularidades, conservadas ainda entre o diluvio das inovações!

E' na sociedade elevada que reinam e dominam com senhorio absoluto as modas de fóra; é ahi que dictam a lei os alfaiates e modistas do Estrangeiro; é ahi que se infiltra com preferencia o gallicismo de prosodia ou de syntaxe: é por ahi que principia sempre a renovação da seiva intellectual neste grande organismo chamado a Nação.

Em contraposição, e como equilibrio, existe e reside nas classes baixas populares uma vocação innata para conservar intactos os usos antigos, os trajos e as feições tradicionaes. Ao passo que a moda nas classes subidas varia com as estações, com os mezes, com as semanas, o povo não larga senão a custo, e em ultimo caso, os seus geitos peculiares de trajar, falar e pensar. Reage, sem o saber; vae de vencida, mas lucta sempre.

A crescente communicação das nações todas entre si, e das proprias umas com as outras, tende a uniformizar a feição sumptuaria dos varios povos; tende, mas nunca o ha de conseguir. A sociedade escolhida traja do mesmo modo em toda a Europa; reina a casaca e o chapeo alto; mas procurem o plebeu, o camponez, o montanheiro, desde Portugal até á Russia, e vejam que variedade de trajos inconfundiveis se não alastra por esses milhares e milhares de aldeias e villas!

Embora Portugal se visse antigamente apartado de todos os grandes centros da civilisação europêa, embora reagisse com a sua inercia para o estacionamento, embora pugnasse na sua immobilidade em favor dos usos velhos, embora no seculo XIII, ou no seculo XVI, a Côrte portugueza conservasse feições puramente suas, e que a desirmanavam das outras côrtes, comtudo haviam já de tender a confundir-se essas desegualdades e differenças, e a reduzir-se a um typo unico. Com a invasão da opulencia das industrias, com as embaixadas expedidas e recebidas, com o fluxo e refluxo dos viajantes, com a nacionalisação das Rainhas e das Infantas estrangeiras, tem de seculo para seculo augmentado a uniformidade, embora ainda não tornada completa. Mas o que resta de verdadeiramente caracteristico é já bem pouco.

Foi ao tempo da sua constituição pelo fundador da Monarchia modelada provavelmente a nossa Côrte pelo risco da leonesa. Quer-nos parecer que na casa dos primeiros Reis de Portugal se vislumbra desde muito remotas eras o que quer que seja de organisação e regulamento. Haja vista a existencia antiquissima dos officiaes-móres, que desde D. Affonso Henriques se deixam ver na historia, dominados pelo elemento

militar. Esses officiaes assignam com El-Rei tratados e foraes, ou auxiliam-no com braço de ferro no seu mister de arroteador christão d'este torrão de moiros.

São figuras porém que passam rapidas aos nossos olhos, sem se deixarem estudar. É que no Paço portuguez da Edade Média ha muito da mysteriosa luz recolhida e suave das capelas romanicas e ogivaes. O olhar profano penetra mal dentro nesses recintos privilegiados, illuminam-no reflexos vagos dos tempos patriarchaes, de mistura com lampejos das elegancias requintadas dos estrangeiros.

Ha na vida da Côrte uma parte, que é propriamente domestica e intima, outra do dominio publico: as relações do Soberano ora com a sua casa militar e civil, ora com a machina politica e o publico em geral.

A parte por assim dizer official do viver do Paço, regulavam-na tão bem os programas e alvarás, que o descrevê-la seria quasi copia-los; mas a domestica é a menos conhecida, e por isso talvez a mais interessante.

Se desde os primitivos tempos da Monarchia podessemos correr um por um os lares reaes, colheriamos muitos pormenores. Por desventura faltam as descripções dos coevos; e, quem quer figurar os primitivos quadros cortezãos, tem de socorrer-se á imaginação, apoiar-se em inducções, e valer-se dos estrangeiros e de documentos mais ou menos secos e sucintos.

No seculo XIII era já a Côrte portugueza polida e hierarchica. Aprendera-se em França a pragmatica, e dera se em Lisboa logar conspicuo á etiqueta, tal qual o não lograra ainda essa util e indispensavel tyrana das côrtes. Cresceu o rol dos ovençaes, no grupo dos servidores do Paço avultam os primeiros nomes; e, entre o acervo de costumagens esquecidas, surge em 11 de Abril de 1258 o celebre Regimento lavrado em Guimarães, no qual muitas das funcções, regalias, e preeminencias cortesãs se acham em devida forma estatuidas. E' curioso percorrer com olhos de antiquario esse caduco documento, que tanta luz nos dá sobre o viver do Rei e dos do seu sequito. Foi o que fez o Snr. Visconde de Castilho, a quem continuamos a acompanhar nestas recordações.

Querem saber qual era, segundo esse novo decreto, o numero dos cavallos de séla que haviam de adornar a estrebaria d'El-Rei para uso pessoal d'elle? seis apenas. Quando El-Rei saía, levava-lhe o pendão um escudeiro de creação, isto é, dos que se creavam de pequeninos no Paço; e outros, dos que recebiam ração (ou soldada, ou moradia) lhe levaria as armas.

Reposte se chamava o deposito das alfaias do Paço, e em geral de todos os moveis pertencentes aos Soberanos. O guarda official do Reposte era o Reposteiro.

Ora nas frequentissimas viajens da Côrte a um ponto e a outro do Reino pois nada mais mechido havia do que era a casa dos nossos antigos Soberanos, era necessario levar as alfaias, as camas, as tapeçarias, os moveis diversos; para esse mister tinha D. Affonso III seis azêmolas apenas; para o serviço da cosinha, tres; para o da copa, uma.

Como os Reis despachavam negocios onde quer que estivessem, careciam ter comsigo os papeis e documentos do notariado e chancelaria real, o que, diga-se a verdade, deu causa, antes da centralisação dos archivos, a muita perda fatal e a irreparaveis extravios. O conjuncto d'essa papelada que seguia a El-Rei chamava-se as fintas, para cujo transporte havia uma azémola; outra para serviço da capela real, e outra vaga para o que desse e viésse.

Promptos á primeira voz estavam sempre um monteiro a cavallo, e quatro a pé, e além d'elles quatro falcoeiros de cavallo.

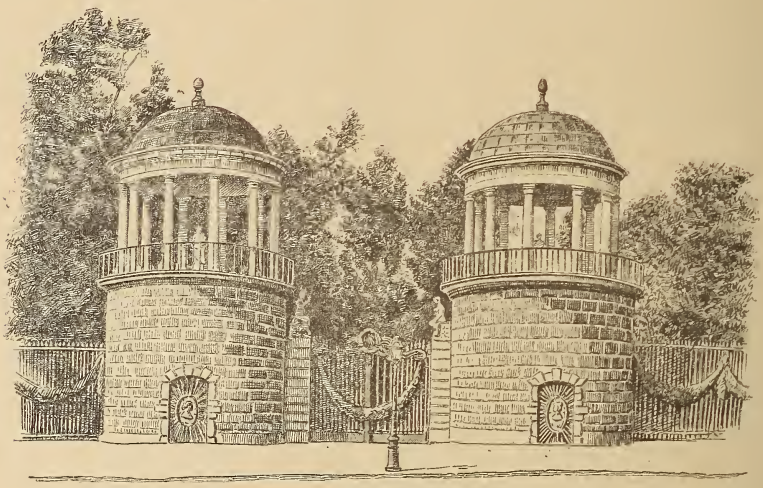
Tinham todos os animaes de carga para seu tratamento azemeis e cavalhariços vestidos por conta de El-Rei.

Nos usos provincianos de hoje em dia ainda se encontra uma ou outra recordação do viver de seculos atraz. As familias abastadas ainda hoje costumam, ahi por essas

solidões sertanejas da Beira e do Minho, fabricar em casa o pão. Assim era no Paço; e havia para serviço d'El-Rei uma regueifeira, e outra para o da Rainha. Regueifeiras se chamam ainda uns pães de fôrma, em feitio de rosca. Havia mais para a roupa d'El-Rei e da Rainha tres lavadeiras. Estes officios menores não tinham esposorios, isto é, uma ajuda de custo para casamento. Ainda existiam em dias d'El-Rei D. Manuel os officios de regueifeira e lavadeiras.

Sacrificados ás exigencias do tempo, havia na Côrte tres jograes.

Quanto á maneira como El-Rei se havia de vestir, nisso não intervinha o decreto. Vestia-se como entendia, e como o seu gosto lhe dictava; mas num artigo se determina que o Soberano «tenha em casa um bom alfaiate, que saiba conhecer panos, e compra-los, e apreça-los, e que saiba bem fazer seu mester.»



230 — Quinta das Laranjeiras

Tinha El-Rei um copeiro, chefe da sua copa, com dois homens para o ajudarem, e todos logravam a mesma rassão, ou moradia, que já lhes davam El-Rei D. Sancho II e El-Rei D. Affonso II; e recommendava-se ao copeiro que não metesse muita gente a servir na copa.

Os ovençaes maiores da Casa Real, officiaes móres, serviam no Paço, e não saíam senão com licença do Mordomo e do Chanceler. Conservavam para todos os effeitos os direitos e fóros que lhes tinham dado os Reis passados.

D. Affonso III olhava para estes assumptos com attenção, e logo em Janeiro de 1261 fez outro regimento de egual materia.

Na estrebaria real ver-se-iam oito cavallos para uso pessoal do Soberano, e quatorze azemolas para diversos serviços. Monteiros de cavallo, com os seus respectivos cavallos, dois; monteiros a pé, seis; cavallos de estada, quatro. Para levar o pendão um escudeiro, e para levar as armas outro.

No canil encontrar-se-iam dez magnificos sabujos, cães de montaria grande, levados por tres açoreiros a cavallo; doze podengos para coelhos, e quatro aláos, cães de caça grossa, seguros á trela por dois ou tres moirizinhos, ou moirisquinhos, como se

dizia no seculo XVI, e que eram rapazes adestrados nesse mister. Além d'isso tudo, completavam a companhia quatro falcoeiros a cavallo.

Para o serviço da Rainha havia de haver oito muares de sella, e seis azemolas.

231 — Clarins da Guarda Municipal

Com El Rei D. Diniz, rasgaram-se horisontes novos ás artes sumptuarias. Era este um principe imaginoso, galanteador como Francisco I ou D. João V; artista no sangue, como Luiz XIV; civilisador e progressista por indole, como Lourenço de Medicis; poeta como Orpheu; grande como elles todos. O seu reinado é o da polidez literaria. Ressôa a nova Alcáçova com os primores metricos do troveiro coroado, e dos menestreis seus coetaneos; adornam-se aquelles salões do Paço roqueiro com os inventos ultimos das modas forasteiras; florescem no rumoroso bairro dos escolares as Escolas Geraes. Anda no ar um sopro fecundo de regeneração. No trajar, no governar, no receber, ostenta este Rei todas as graciosas fanfarrias do seu genio; e essas larguezas elegantes ajudam hoje o nosso espirito a desenhar-lhe a bem distincta figura. E' bello vêr o papel que entre os seus conterraneos representou; e ainda é mais bello vêr a presidencia indisputada, que muita vez assumiu no meio dos outros Reis peninsulares: cavalleiro estremado, prudente, fino, instruido e liberal.

232 — Guarda fiscal

Tinha elle dezeseis annos, pouco mais, quando lhe pôz casa de principe El-Rei seu pae, dando-lhe 40.000 libras cada anno, o que no seculo XVII equivaleria, segundo calcula Frei Francisco Brandão, a 16.000 cruzados. A lista das pratas que D. Diniz então recebeu, e que é bem curiosa, tirou-a o mesmo escriptor na Torre do Tombo; e a lista do pessoal que o servia, e que é imponente, mostra a grandeza d'aquelle viver principesco.

Seculo e meio depois, ainda Ruy de Pina fala no muito que elle foi abastado e apercebido de baixelas de oiro e prata, e de outros reaes cumprimentos; a ponto que, segundo o mesmo chronista, mandou uma vez, na sua bizarria, dar de presente a certo fidalgo uma mesa de prata em que jantava.

Pedindo-lhe El Rei de Aragão 10.000 dobras emprestadas para se ajudar na guerra contra os moiros, mandou-lhe El-Rei D. Diniz de presente 20.000, afóra as joias que já lhe offerecera, assim como á Rainha D. Branca.

Muitas d'essas joias, que assim nos deslumbram hoje, foram certamente portuguezas. Todos sabem quanto primam sempre os nossos artifices nos rendilhados madrigaes de ourivesaria; a materia prima davam-na as minas do Reino. Diz um erudito polygrapho que foi El-Rei D. Diniz o principe que mais se aplicou a tratar das minas, principalmente da de oiro na Adiça, e acrescenta, seguindo o testemunho de outro escriptor, que d'essa mina saira uma corôa e um sceptro de que usou este mesmo Soberano, e usaram os seus successores.

Não ha temeridade pois em descrever sumptuosa e elegantissima a casa d'El-Rei D. Diniz, e brilhantes os seus banquetes no Paço renovado da Alcaçova de Lisboa. Se ahi não serviam os nossos talheres completos de hoje em dia, se os convivas se lavavam todos na mesma bacia de prata, servidos de agua ás mãos pelos pagens e escudeiros, se a maior parte das iguarias repugnariam hoje ao nosso paladar afrancezado, se as carnes eram comidas a dedo, e roidas, não faltavam as colheres de prata, que essas são muito antigas. Não faltavam tambem as toalhas, que então eram os almeizares ou almezares moiriscos.

Com a vida faustosa d'El-Rei contrasta o resguardo e humilde viver de Izabel de Aragão. De olhos baixos, com o seu ar de monja penitente e o seu habito de Santa Clara, passa ella aos nossos olhos, palida dos jejuns, mortificada de humildades, ralada de trabalhos caridosos, com que mal pode a sua fraqueza ascetica. A vida d'ella, toda beneficencia, toda orações, toda dedicações, toda amor do proximo, foi um assombro de abnegação e desprendimento. Com que valentia não arrostou ella as fadigas obscuras de enfermeira, de caminheira, de penitente, e com que affectos de mãe não iam aquellas mãos brancas pensar as chagas purulentas nos hospitaes! Com que divino esquecimento d'este mundo não beijava ella as pobres moribundas, exortando-as e confortando-as!

Se a casa do Rei era povoada de muitos servidores, a da Rainha era não menos numerosa. As donas eram as damas de primeira categoria; as donzellas eram as meninas nobres que se educavam na camara real; as cuvilheiras ou cubilheiras eram mulheres de edade e qualidade que tratavam da limpeza e aceio, galas e perfumes dos leitos e vestidos reaes. Estas tres jerarchias correspondiam certamente ás damas camaristas, ás açafatas, e ás retretas. Havia tambem outras creadas, a que chamavam em termo generico maladas, que eram escravas, mancebas, ou moças de servir, assim como os leccos e conducteiros eram os lacaios, ou servos, no seculo XIII.

Nos dias de Affonso IV continúa o mesmo esplendor, e provavelmente a mesma etiqueta. Era El-Rei bizarro e faustoso, e bem o demonstrou mais de uma vez.

A quitação passada ao mesmo Senhor por sua filha D. Leonor, Rainha de Aragão, dos objectos d'elle recebidos em dote, é deslumbrante. Pedras preciosas, pratas, oiros, nacar, toda a sorte de apetitosas joias, ricas em invenções e feitios, se encontram naquellas paginas. Parece que trasborda uma cornucopia cheia de todos os requintes do luxo. Por essa valiosa lista completa a nossa imaginação mil scenas domesticas de banquetes e recepções.

Os dois testamentos, de 1354 e 1358, em que a Rainha D. Brites, mulher d'El Rei D. Affonso IV, dispõe de seus bens, são dois espelhos rutilantes, onde se reflecte o camarim de uma Princeza do seculo XIV. São sem conto as joias lindissimas que ali se mencionam, algumas de alta valia artistica, outras de alta significação historica pelas pessoas a quem pertenceram.

Para essas nobres superfluidades davam de sobra os rendimentos das Rainhas. Só

para o calçado d'estas senhoras era destinada, segundo se diz, a villa de Alemquer, costume que Viterbo julga imitação persa ou egypcia. Alemquer era denominada —Chapins da Rainha.

No reinado de D. Affonso IV, no meio d'aquelle sem numero de figuras que formam a Côrte, avulta uma affectuosa personalidade, o Conde D. Pedro de Barcellos, irmão natural do Soberano, e que representa o elemento troveiro das salas e das côrtes de amor. O seu *Livro das Cantigas* é archivo precioso, d'onde parecem estar saindo os sorrisos, os descantes á guitarra por noite de lua cheia, os protestos ardentes das despedidas para longe, os suspiros magoados das saudades, os galanteios nos saráos do Paço de Coimbra, ou nas Alcáçovas de Santarem e de Lisboa. Tudo isso se lê nas entrelinhas d'esses pobres versos quasi inintelligiveis, que ora se arrastam na andadura tão suave do setisylabo, ora saltitam no rythmo dançante dos saphicos; e até os estribilhos parecem lembrar-se ainda hoje das monotonas melopêas da tiorba.

Como o *Cancioneiro* d'El-Rei D. Diniz, tem este livro uma profunda valia historico-literaria, e uma individualidade inconfundível.

Creado na Côrte do Rei trovador, polida e culta, instruiu-se o bastardo em todos os primores da poesia, arte que tinha cultores e apaixonados desde longos annos nesta boa peninsula hispanica, onde brilha tudo quanto é bello—pedras preciosas, versos, musica, sol e mulheres. Alma affectuosa e vibrante, a do Conde D. Pedro! Com que enthusiasmo não abraçaria elle desde os annos verdes os segredos do poetar para damas e cavalleiros! Com que expressão não cantaria elle nos saráos as suas redondilhas amatorias, cheias de allusões hoje perdidas!

Era um homem extremamente alto, quasi agigantado, e galhardamente posto, cabello ruivo comprido, dextro nas prendas de cavalleiro, e mais ainda nas de trovador.

Não entraremos no estudo demorado d'essa personalidade sombria que foi D. Pedro I, o Crú, o homem que á luz das tochas ia misturar-se com o povo, dançando com elle, folgando com elle como um truão; o despota absurdo, que manda enforcar por crimes já reparados; o carniceiro abominavel, que a sangue frio, e á traição premeditada, se vinga arrancando pelas espadoas o coração dos inimigos. Citaremos apenas a maneira expedita porque elle mandava fazer o despacho dos negocios publicos. Traz João Pedro Ribeiro o traslado de uma curiosa carta do mesmo Principe, extraida da sua chancelaria na Torre do Tombo, e que parece áquelle sabio ser talvez de Abril de 1361. As petições apresentadas ao Soberano eram logo passadas á mão de um secretario, ou distribuidor, que, segundo o assumpto de cada uma, as entregava a desembargadores diversos. Estes, depois de as examinarem, despachavam-nas para os respectivos escrivães. Havia penas severas para os negligentes, e para os que secassem a auctoridade suprema com pedidos importunos. E' uma nota importante para a historia da massada em Portugal.

Passa rapido, e sem alteração notavel no modo de viver e nas etiquetas da classe alta, o reinado d'El-Rei D. Fernando. Apenas se nota o datar do tempo d'esse formoso e sensualissimo Principe o uso de rapar a barba, tão contrario ao que até então se usava nestas nossas terras.

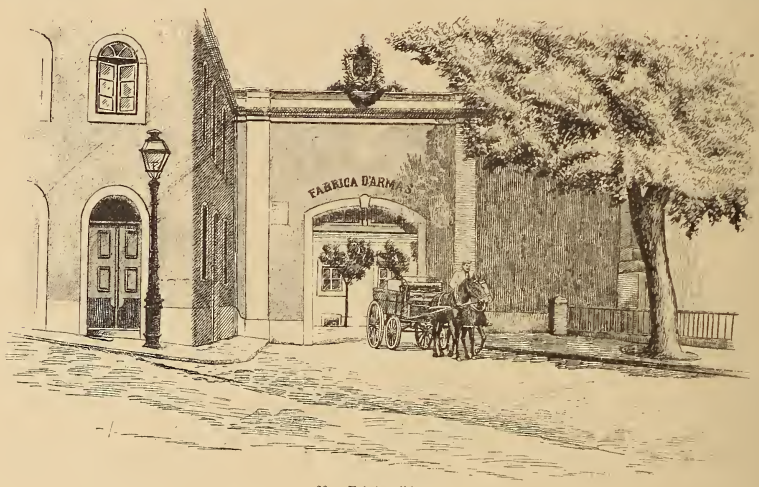
As Côrtes de 1371 (era 1409) representaram contra os excessos do fausto nas classes altas, e pediram a El-Rei «haja de prover na regra do viver dos Ricos-homens e Cavalleiros» quanto ao numero de bestas que usavam, e aos numerosos sequitos de que se acompanhavam. Taes excessos feriam o senso-commun do povo, e com razão. Respondeu o Soberano que, sendo uso nessas classes trazerem essa quantidade de cavalgaduras e apaniguados, devia cada um considerar o que fosse rasoavel no assumpto; que os deputados pois indicassem o que havia de legalisar-se, e elle assim o ordenaria.

E' tambem d'este reinado, pelos annos de 1382, a creação dos officios de Condes

tavel e Marechal. Foi o primeiro Condestavel D. Alvaro Pires de Castro, irmão de D. Ignez de Castro, e Conde de Arrayolos; e o primeiro Marechal foi Gonçalo Vasques de Azevedo. Este cargo era equivalente a commandante militar immediato ao Condestavel, assim como o Condestavel era immediato ao Rei.

Com a subida de D. João I ao throno de seus avós, entrou na Côrte portugueza nova seiva, e um pronunciado anglicismo nos costumes e modas, emanado da nobre e austera personalidade da Rainha D. Filippa. A Batalha symbolisa esse anglicismo. A Batalha é producto de architectos inglezes.

Diz D. Antonio Caetano de Sousa que era então o nosso Paço um dos mais bem regulados no respeito e auctoridade. A sumptuosidade do viver da Côrte portugueza não provinha só de imitação dos estrangeiros; nascia das tendencia do genio do novo



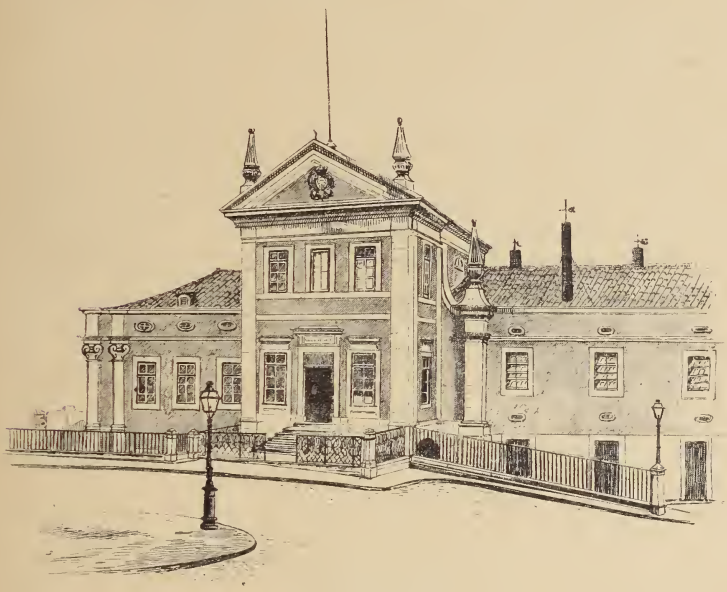
233 — Fabrica d'Armas

Monarcha. Sabe-se, por exemplo, que sendo elle ainda simples Mestre da sua Ordem, descurava de andar em habito monastico, antes pelo contrario trazia publicamente vestiduras de seda tecidas com oiro, e outras menos proprias do seu caracter religioso, o que era de alguma sorte apostatar. Foi então que os nobres e o povo de Portugal representaram contra essas e outras infracções da boa disciplina, ao Santo Padre Urbano VI; pelo que o seu successor Bonifacio IX concedeu de tudo a mais plenaria absolvição retrospectiva ao culpado, já Soberano do Reino.

Quando começou a reinar D. João I houve grandes reformas no modo de ser da Côrte portugueza. El-Rei proveu logo os officios da sua casa, e os cargos publicos a que era mais necessario attender. Eram esses officios: o Condestavel e Mordomo-Mór, reunidos então no mesmo funccionario; o Marechal da hoste, o Alferes Mór, o Guarda-Mór da pessoa do Soberano, dois Meirinhos-Móres, um para a comarca de Entre Douro e Minho e outro para a de Traz-os-Montes; o Capitão do mar, o Anadel-Mór, o Camareiro-Mór, o Copeiro-Mór, o Reposteiro-Mór, o Chanceller-Mór, o Escrivão da Chancelaria, o Escrivão da Puridade, dois Védores da Fazenda, o Thesoureiro-Mór e o Védor da Casa Real.

A casa da Rainha D. Filippa foi organisada nomeando-se-lhe Camareira-Mór, Donas, Donzellas, e mulheres da camara, e mais uma senhora nobre para aia. Além d'esse pessoal havia tambem Mordomo-Mór e outros Officiaes-Móres, como os tinha El-Rei.

Depois de concluido o tratado de paz entre as duas nações, Portugal e Castella, em 1411, se restringiram as despezas da Casa Real. Assentou-se em que, afóra quatro conselheiros, estivessem sempre na Côrte vinte grandes senhores para acompanhar El-Rei, a Rainha e os Infantes; escudeiros com moradia, incluindo as guardas do Rei, oitenta; que os cincoenta e sete moços da camara ficassem limitados a doze com os pagens; que os moços da estribeira fossem dez, os caçadores não mais de vinte e os moços do



234 — Hospital da Marinha

monte vinte e cinco. Foi tambem cerceado o numero das servidoras da Rainha, reduzindo-se a quatro donas e quatorze donzellas o numero de vinte e cinco que eram. Era comtudo avultadissima a lista da casa dos Infantes. Esse crescido rol de moradores, que vem na *Historia Genealogica,* é assombroso.

São antigas as bizarrias portuguezas. Primámos sempre por ahi. O luxo era grande, e as casas dos Reis, e as da alta fidalguia, ostentavam por cá todas as invenções sumptuarias com que lá fóra se enfeitavam as moradas mais nobres. De alguns usos se sabe, que demonstram ter havido na Edade Media, e depois d'ella, certos requintes que hoje são quasi desconhecidos.

Eram os aposentos forrados, durante o inverno, com bellos pannos de raz, e outras tapeçarias, ao passo que no verão tudo isso se substituia pelos celebres e famosos guadamecins, ou coiros imprensados e doirados. Os tapetes do chão, trocavam-se na estação ardente por alcatifas de coiro aragonez, que eram mais frescas, e não deixavam

de ser ricas e vistosas. Que differença dos interiores de então com os de hoje, ainda mesmo aquelles que consideramos mais opulentos e bellos!

Da severidade da pragmatica em diversos assumptos da vida official na Côrte joannica, dá testemunho o haver sido o marido de Filippa de Lencastre o instituidor dos cargos dos Reis de Armas. Por ahi se vislumbra o esplendor e rigorismo da etiqueta heraldica e genealogica d'aquelle Paço.

Diz nos Fernão Lopes que não existiu o officio de Rei de Armas até ao tempo da batalha de Aljubarrota; e que no dia da batalha, notando o Mestre de Aviz as bandeiras dos aventureiros cheias de brasões que a muitos d'elles não pertenciam, reputou essa desordem offensa grave á antiga nobreza do Reino, e determinou remediar o mal, instituindo, depois de assente no throno, o cargo dos Reis de Armas, ou almotacés da genealogia e heraldica de cada fidalgo portuguez.

Foi no reinado d'El-Rei D. João, homem elegante e sociavel certamente, que por primeira vez tiveram as senhoras logar num banquete. Vê se por ventura neste progresso a influencia ingleza, que tanto veiu a prevalecer aqui sobre as antiquadas usanças.

Não havia muitos annos que os sumptuosos Paços da Alcáçova tinham visto outro banquete regio, em que a separação dos sexos fôra estrictamente observada. Quando, vivo ainda El-Rei D. Fernando, o Conde de Cambridge, filho do grande Eduardo III de Inglaterra, e sua esposa, desembarcaram em Lisboa e houve na Alcáçova o esplendido banquete de que já falámos, nesse a Rainha convidou á parte a Condessa e suas damas, e com El-Rei jantaram sómente o Conde e mais senhores, inglezes e portuguezes.

Esplendidas festas foram todas as que em Lisboa se deram no tempo do Mestre de Aviz. Nos banquetes, a opulencia das alfaias e do serviço corria parelhas com tudo que havia mais requintado lá fóra, e onde os tapetes, bancaes, bacios, pratos, picheis de agua ás mãos, saleiros, copas, e taças, primavam pela materia e pela fórma.

D'ahi até á minuciosa descripção dos usos e cortezias da meza no seculo XVII, que faz Rodrigues Lobo em paginas tão curiosas da sua *Côrte na aldeia;* e d'ahi até ao que hoje se usa, que differença, e que transformações!

Se o reinado de D. João I é só por si uma aurora social, certo é que um dos raios mais luminosos d'essa alvorada veiu a brotar do grande espirito do herdeiro da Corôa.

Depois de uma não longa serie de Principes que, segundo se crê, não primavam na leitura, e mal sabiam escrever, se é que o sabiam, quem primeiro entre todos avulta com mais brilho é D. Diniz, o Rei troveiro, o pensador que lograva adivinhar.

Seguem-lhe mais ou menos as pisadas seu filho D. Affonso IV, seu neto D. Pedro I, não falando no Conde D. Pedro, de quem já tratámos, e depois D. João I e D. Duarte.

Trabalhou muito El-Rei D. Duarte, e soube trabalhar. Sendo de vinte e dois annos, ordenou-lhe seu pae «que tevesse carrego do conselho de justiça, e da fazenda que em sua Côrte se trautava.» Levantava-se então de madrugada, ouvia missa, e encaminhava-se para o Tribunal da Relação a despachar com os Desembargadores. Meio dia, e elle a voltar ao Paço para jantar. Sobre o jantar dava audiencias, findas as quaes se recolhia á sua camara. Breve descanço, porque ás duas horas já os do Conselho e os Védores da Fazenda ali estavam, e trabalhavam com elle em despacho até ás 9 horas da noite. Quando saíam, seguiam-se então os negocios domesticos, e entravam os Officiaes da Casa Real.

Uma ou outra vez ia-se até aos Paços do Castello a visitar El-Rei seu pae, e a dar-lhe conta de como se houvera.

Entre as suas tarefas de estadista e escriptor moralista de altos quilates, chegavam ainda assim alguma vez os ocios ao estudioso Principe para escrever, por exemplo, o seu *Regimento para aprender a jogar as armas,* ou para se ir espairecer muito á larga pelo campo, como monteiro e cavalgador enthusiasta. Era então muito para vêr como

no repoisado pensador do *Leal Conselheiro* acordavam todos os brios e insoffrimentos do legislador da *Ensinança de cavalgar*. No meditativo homem de letras, surge por encanto o justador, o luctador, o cavalgador de toda a sella, o perfeito cavalleiro medieval em toda a sua polida e ousada galhardia.

Numa terra como a nossa, em que abundavam os lobos, as raposas, os veados, os javalis, os ursos até, era a caçada uma verdadeira imagem reduzida da guerra. Por isso no seu *Livro da Montaria* se expande o amigo de Nuno Alvares na descripção enthusiastica da nobre arte. Basta ouvi-lo, o fogoso D. João I, para perceber que ninguem saboreava com mais fino paladar as delicias de uma tepida madrugada de outomno. a meia luz dos horisontes, o chegar dos companheiros, as saudações, a refeição prévia, a abalada para a serra, a solidão da serra, o primeiro trilo das cotovías e calhandras, e aquelle cheiro acre dos mattos, e as incertezas do dia, e os apupos na montanha, e a companhia dos cães, e em summa as mil minucias intraduziveis, que dão tanta alegria aos caçadores.

A El-Rei D. Duarte segue o buliçoso e irrequieto Affonso V. Politico, viajante, homem de armas, theologo, e monteiro, ainda este versatil Soberano achava tempo para ser musico, arte em que o diziam insigne.

Assim como as modas inglezas predominaram durante o reinado do Mestre de Aviz, assim influiu não pouco em todo o d'este seu neto o predominio francez. A sua viagem a França tornou-o ainda mais faustoso do que era. Correndo alguns dos inventarios que d'esse tempo chegaram até nós, conhece-se a que elevado ponto subira nas classes altas o luxo e apuro do viver.

Em seu testamento menciona a Rainha D. Isabel muitas pedras preciosas, rubís, esmeraldas, vestidos de pano de oiro, e até livros, o que era luxo raro para então.

Sua filha a Infanta D. Joanna, monja no Mosteiro de Jesus de Aveiro, e depois beatificada tambem, apesar do seu encerro claustral e do seu santo desprendimento, possuiu joias de valia, de que fala nas suas disposições finaes.

A listas das alfaias caseiras e dos trajos da Infanta D. Beatriz, que em 1447 casou nas Alcáçovas com seu primo o Infante D. Fernando, é notabilissima para amostra da grandeza com que já então se vivia.

As joias de oiro, prata, e pedras finas, deslumbram. Os trajos conservaram nomes de drogas e modas, hoje desconhecidas, mas abonadoras do luxo da sociedade elevada. Os moveis dariam por si só a historia descriptiva dos antigos aposentos principescos. Essa longa lista, bem estudada e commentada, seria o mais interessante e completo estudo do antigo viver. Os livros pouquissimos, e só mysticos, aparecem ali entre joias. como joias, que se reputavam, da primorosa illuminura em pergaminho.

Mas não eram só os os Principes e Princezas de sangue mais achegado ao sangue real, que assim viviam. Os grandes senhores timbravam em imita los. No meio d'esse luxo, mostram-nos os documentos que havia sempre um pessoal numeroso, ligado a cada grande personagem e descrevendo em volta d'elle a sua orbita de satelites.

Depois da já citada Reformação feita em seguida ao tratado internacional de 1411, a primeira é do anno de 1465, e ainda reduziu algum tanto o rol das pessoas do Paço.

Já nas Côrtes de Lisboa de 1459, se verberam asperamente as demasias nos gastos do Rei e dos senhores. E nas Côrtes de Evora, de 1481, os povos já fartos dos desperdicios das classes altas, e assustados das tendencias que os pequenos tinham para imitar os grandes, requerem «que se prohibam com gravissimas penas os vestidos de seda e ornamentos de oiro e prata, a todas as pessoas, com certas limitações a respeito da primeira nobreza; porém que doirado e prateado ninguem o use; que haja differença pelos trajos das pessoas; que os nobres usem de lã fina; os officiaes e mecanicos de lãs grossas, burel, bristol, etc.; que as rameiras que só fazem por um homem, não usem

de mantilhas; que andem em corpo e sem chapins, com veos açafroados, para que sejam distinguidas das mulheres honestas...»

E' nas Côrtes de 1459 que pela primeira vez se acha menção dos recentes officios de Reis de Armas, Arautos e Passavantes, incumbindo-lhes por essa occasião o Soberano a vigilancia das transgressões feitas ás leis da Armaria. Essa instituição dos Reis d'Armas parece ter sido esboçada por D. João I, como vimos. Mas não se achando ainda perfeita um seculo depois, mandou El-Rei D. Manuel um seu Rei d'Armas correr algumas Côrtes estrangeiras e estudar o assumpto.

Crearam-se então em Portugal tres Reis d'Armas, com os titulos de tres Reinos

235 – Egreja da Bemposta

principaes annexados ao nosso dominio, a saber: Rei d'Armas Portugal, Rei d'Armas Algarve, e Rei d'Armas India. Incumbia o regimento a esses officiaes que inscrevessem em livro especial a genealogia das familias, tendo-a sempre em dia, conservassem o debuxo genuino dos brazões de cada linhagem, descrevessem os feitos de guerra praticados por uns e outros, passassem as cartas de brazão de mercê nova, assistissem no seu logar respectivo aos ceremoniaes da Côrte, levassem mensagens do Rei, etc.

A baixo d'elles vinham os Arautos, que eram tambem tres e tomavam o titulo de tres cidades principaes dos mencionados reinos, a saber: Arauto Lisboa, Arauto Silves, e Arauto Gôa.

A baixo dos Arautos vinham os Passavantes, que tambem eram tres, denominados de tres villas, a saber: Passavante Santarem, Passavante Lagos, e Passavante Cochim.

Hoje, muito decaidos de seus antigos fóros, conservam-se na nossa Côrte esses funccionarios, como reliquias de constituições antigas, e homenagem tacita do espirito revolucionario moderno ás grandezas do passado regimen. Nada mais significam hoje do

que isso; são apenas comparsas nas funcções do Paço, postos ali para remontar o espirito dos inovadores de hoje ás epocas gloriosas de um Portugal que foi.

Quanto ao elemento guerreiro, tão estreitamente ligado com a pessoa dos Soberanos medievaes, e com o viver e os usos da velha Côrte, existe um precioso Regimento

236 — Quartel de Sapadores

que fez Martim Affonso de Mello, Guarda-Mór d'El-Rei D. João I. E' um bello trecho, másculo e digno no dizer, e onde se concedem valiosos privilegios ao soldado. Entra em muitos detalhes technicos da arte da guerra, ao passo que regula as atribuições e direitos dos pelejadores. Revive naquellas paginas toda a sciencia marcial das antigas eras. Ha ali pormenores, que bem cabiam em instrucções dadas por um capitão, adestrado por longos annos de pratica e fainas marciaes, na evolução da tactica das armas brancas para a das armas de fogo. Esse documento é um vivo exemplo de como se entendia a milicia ainda em dias d'El-Rei D. Affonso V, ou d'El-Rei D. Duarte.

237 — Um carteiro

De alguns dos cargos de Officiaes-móres, trata o traslado authentico de um tombo que existia em poder do Conde de Villa Nova, D. Gregorio Thaumaturgo de Castello Branco, traslado passado em 1646 pelo tabellião de notas João de Andrade, a rogo do mesmo Conde.

Principia-se analysando as diversas classes que ha de guerra, e o como El-Rei de Portugal deve sempre haver-se antes de mover guerra a algum outro Principe. Depois entra-se nos pormenores de como se hade reunir a hoste, e encetar a marcha estrategica da campanha.

Vem depois o papel do Condestavel como general em chefe, sujeito comtudo ao Rei, ou a alguma outra altissima personagem, se esta houver de tomar, effectiva ou nominalmente, a direcção da guerra.

Segue-se a figura do Marechal, a quem incumbe a governança da justiça, a repartição dos alojamentos da tropa, a direcção das sentinelas do arraial.

O Almirante, que havia de ser sempre tirado da linhagem do velho Micer Manuel Pessano, superintendia nos assumptos da milicia naval.

Tinha o Capitão-mór do mar na sua alçada constranger quaesquer mareantes a servirem em navios, barcas, caravelas, bateis da Corôa, podendo prendê-los e castiga-los, o que devia dar a este cargo extraordinaria auctoridade nos nossos portos.

Vem logo o Alferes-mór, cuja atribuição era levar a bandeira do Soberano, e desfralda-la em tempo de guerra, quando seu amo lh'o ordenasse.

Isso tudo, quanto aos officios por assim dizer exteriores. Quanto aos cargos propriamente caseiros, primava entre todos o Mordomo-mór, a quem competia governar os demais Officiaes da Côrte, pagar as moradias, etc.

O Camareiro-mór, ou chefe de todos os camareiros do Paço, tinha por encargo vestir e calçar o Rei, vigiar que nada faltasse na deitada e levantada, dormir ou na camara do Soberano, ou logo fóra da porta, e ter a responsabilidade da guarda-roupa.

O Aposentador-mór servia no tempo das jornadas da Côrte; saía sempre um dia, ou mais, antes d'El-Rei, e, na cidade ou villa em que seu amo houvesse de poisar, preparava as residencias para elle e para toda a numerosa comitiva.

Sobre as coutadas de veação variadissimas, superintendia o Monteiro mór por intermedio dos monteiros das comarcas, a quem aposentava quando eram velhos.

Havia mais o Meirinho-mór, que era uma especie de Ministro da Justiça Prendia fidalgos e outros homens de grande estado, interpunha-se nos seus desaguisados, mandava prender pelos seus delegados toda a sorte de malfeitores, etc.

Havia emfim o Anadel-mór, que era o maioral de todos os bésteiros do conto, e galiotes, chefe das ordenanças de terra e mar.

Do Regimento de 12 de Novembro de 1471 vem extractados na *Historia da Administração*, de Henrique da Gama Barros, pormenores bem interessantes do modo como vivia El-Rei D. Affonso V.

Depois que El-Rei se levantava até que se recolhia, permaneciam no Paço dois porteiros da camara, um guardando a porta do quarto da cama de estado, e outro guardando a porta da casa onde El-Rei se achava, não sendo das interiores que seguiam á camara de estado. Se o Soberano saía, acompanhavam-no os porteiros, e em seu logar ficavam no Paço os reposteiros, que de dia deviam sempre conservar-se ahi.

O que estava estabelecido a respeito da illuminação do Paço, não deixa de ser curioso. Na primeira sala uma lanterna grande com candeia delgada, em logar onde não a podessem derrubar. Na casa immediata, onde El-Rei ceava, estava sempre uma vela acesa, segura num ferro; e quando se punha a meza, e pelo tempo que durava a refeição, collocava-se no fim da meza uma tocha, em que pegava um moço da camara, e havia outras luzes deante das viandas, e na copa. No quarto da cama de estado ardia uma tocha delgada num alto castiçal de pau lavrado e pintado, que se punha no meio da casa. Qualquer outro aposento onde El-Rei estava, conservava-se allumiado com um brandão, e no quarto de dormir deixava-se ficar uma vela acesa. Além d'estas luzes havia as mais que eram necessarias para alumiar o Soberano, se elle saía do Paço. Mas depois que El-Rei dava as boas noites, e o Camareiro-mór mandava fechar as portas, apagava-se tudo e retiravam-se os porteiros e reposteiros.

A Côrte de D. João II, mau grado aos tetricos episodios que a enluctaram, foi a mais brilhante que houveram Reis portuguezes.

Se podessemos interrogar, no Livro das moradias da casa d'El-Rei D. João II, aquelles seus cavalleiros do Conselho, escudeiros, e moços-fidalgos, se as pedras da aluida Alcáçova podessem falar, se as ruas de Evora, Almeirim ou Santarem podessem ser chamadas a capitulo, quantas curiosas e engraçadissimas historias dos galanteios de sala não lograriamos ouvir!

Da vida sumptuosa do Monarcha e dos seus cortezãos, ha quadros que bem revelam o que tudo isto foi no Portugal do final do seculo XV, e que tão bem compendiou o Conde de Villa Franca, auctor do drama *D. João II*, obra laboriosa e erudita.

Nos serões do Paço, além dos sabidos entretenimentos choreographicos, que são de todo o tempo, havia tambem as chamadas côrtes de amôr. Eram tribunaes galantes, em que sobre assumptos romanticos se ventilavam processos, occupando a frivola attenção de damas e cortezãos, em reminiscencias medievaes.

Não eram só a musica e o bailar, que formavam as diversões da Côrte de D. João II; era tambem a poesia. Representa o poetar um papel mais social do que literario. A questão não era fazer poemas, ser Virgilio ou Dante. Camões ainda não despontára; o poeta não se singularisava naquelle tempo, multiplicava-se. Então a Rainha estabelecia no Paço educação ás donzellas das casas illustres; e este enxame de juventude e belleza compunha a base da inspiração e do enredo. Por outro lado, além da instrucção, mandava El-Rei adestrar os moços-fidalgos em dançar e bailar. Os cortezãos, os officiaes do Paço, os cavalleiros e poetas, entravam com o seu mais ou menos perspicaz talento, com a sua veia mais ou menos comica. Não havia os bailes nem theatros, como nós hoje temos, onde se democratisassem e nivelassem as classes. O povo, tomado no sentido geral, servia; o nobre era chamado aos divertimentos da Côrte.

A poesia, ou, para melhor dizer, a versejação, reinou com todo o vigor. Era ella o noticiario, a senhora visinha, a ardencia do ciume, a perfumada carta de amores, a ironia, o desabafo, ou a blasfemação do desprezado. Era a liberdade de imprensa fazendo explosão num publico palaciano, rodeado de pannos de Arrás, entrajado de sedas, e rutilante de pedrarias. Falava-se em verso, amava-se em verso, em verso se choravam saudades, e se promettiam eternidades de sentimento!

E assim, a formosa D. Branca Coutinho, a terna requestada do Principe D. Affonso, pedia a Diogo de Brito lhe glosasse o sentido mote, ecco apaixonado do coração d'ella:

Teme-se mi triste suerte. ..

E o poeta glosava-lh'o, lastimando-a quasi ao pé da letra dos seus desgostos intimos.

E a jovem D. Filippa de Almada, respondendo ao seu apaixonado perseguidor Ruy Moniz, que lhe lançava em rosto não responder ella ao seu amor, desfechava-lhe primeiro este tiro de indiferença desconsoladora:

O que recobrar não posso
mundo de ordem desigual
faz que não deseje vosso
bem, nem queira vosso mal...

e logo depois, passando de tiro menor para tiro mais perigoso, este cruel desengano:

Mais me praz que assim viva
no limbo d'estes favores,
que vossos tristes amores
me darem vida captiva.

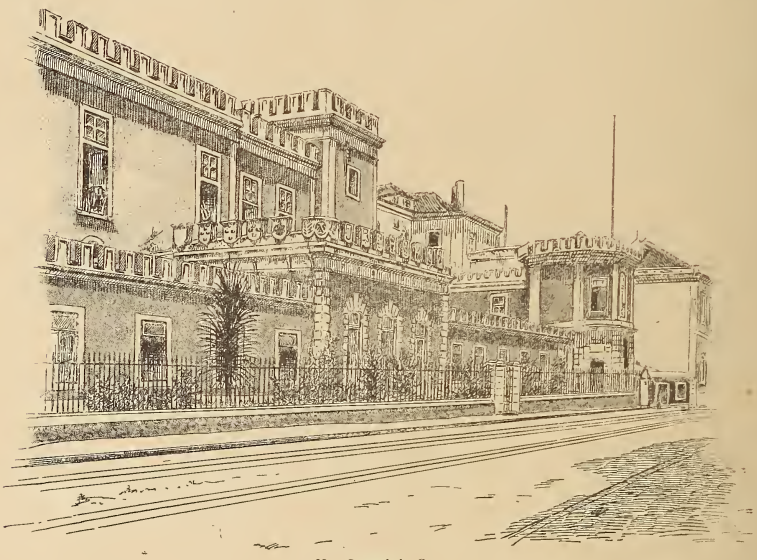
Mas vão lá entender as Donas Filippas d'este mundo! Tempo depois a gentil e desdenhosa poetisa entregava-lhe captiva essa propria vida, dando a mão de esposa ao valdevinos, que depunha aos pés da rendida conquistadora as suas libertinas aventuras de Lisboa e Santarem.

Assim deslisavam os dias na Côrte de D. João II, pelo que diz respeito á versejação feminina. E' certo que de todas estas gentis versejadoras não saiu uma verdadeira

poetisa; mas nem por isso desmereceu a intenção da Rainha D. Leonor abrindo a educação ás filhas das classes elevadas, que bem precisavam d'ella. Aquellas pelejas incessantes, aquelle lidar de intelligencia elevavam o espirito, e desenvolviam idéas.

A Côrte feminina, durante este reinado, desempenhou um papel literario. Foi actriz, para no reinado seguinte subir a espectadora. Estava para surgir o fundador da scena portugueza, fazendo das salas do Paço da Ribeira o theatro das suas producções, em que algumas d'essas mesmas damas se reconheceriam pintadas ao vivo com as côres naturaes d'aquella palheta immortal.

Contra as pomposas elegancias da Côrte, que El-Rei por um lado favorecia, insurgiu-se mais de uma vez o seu espirito contradictorio. O mesmo homem lhano que pa-



238 — Quartel da Graça

rava na rua para ouvir a queixa do minimo transeunte, e poisava sem ceremonia a cabeça no regaço das damas, nos serões do Paço, como o Hamlet de Shakespeare, esse mesmo Rei, que parecia tão acessivel e despretencioso, era muito amigo de ceremonias na sua Côrte, e d'ellas mui subtil e prudente inventor.

Logo por occasião da sua primeira entrada em Lisboa, houve grandes festejos e regosijos officiaes. Todos gastaram, e muito. Nas classes elevadas se viu quem chegasse a empenhar-se não pouco para hombrear em luxo com os seus pares.

Depois, uma bella manhã, El-Rei acordou com a veleidade de prohibir aos seus subditos os brocados, chapados, broslados, canotilhos, tanto para homens como para mulheres. Foi isso em 1486; e o certo é que elle, a Rainha e o Principe, deram exemplo.

Nesse tempo presenceou atonito o mundo inteiro a invenção da Typographia, que vinha destinada a revolucionar as sciencias, as letras, as artes, e os costumes. Eram até então os livros um genero de luxo, a que nem as classes medias, nem as altas, podiam aspirar sem grandissimo dispendio; e ainda assim, o que se alcançaria eram livros

de theologia liturgica, ascetica, dogmatica, para mosteiros e capelas. A facil vulgarisação das producções estrangeiras começou então por cá a desenvolver a leitura.

No viver do Paço portuguez, ao alvorecer o seculo XVI, rompe-se como que um novo clarão da banda do Oriente. Anda no ar o perfume das terras maravilhosas de além-mar. Illuminam-se os salões da velha Alfama com as magnificencias das terras africanas, indianas, e chinezas. Sofala manda nos oiro; Ceylão e o Pegú, rubis e aljofares; Narsinga, diamantes; Bengala, linhos finissimos; Pekim, os seus xarões; a Persia, os seus tapetes. Toda a India, com os rajahs recamados de perolas, toda a China, com os mandarins broslados de matizes de seda, rutilam na mobilia dos palacios ao longo da Ribeira. Corre a mocidade a engrossar as phalanges dos aventureiros e conquistadores.

239 — Jardim de José Maria Eugenio

Aos usos, ao pensar, ás manifestações artisticas, chegou da Conquista a seiva nova e infiltrou-se em todas as arterias nacionaes. Aqui, vae crear a architectura manuelina, implantação do estylo oriental sobre um ogival mesclado de romano. Acolá, vae transformar os costumes, e aquecer a alma popular com as ephemeras veleidades de predominio eterno. Mais além, não tardará em expandir-se na obra literaria, illuminar de relance o papel em que escreviam Gil Vicente e Antonio Prestes, e espadanar, em borbotões luminosos, do poema dos *Lusiadas*.

Se entrassemos no Paço d'El-Rei D. Manuel, presidente nato de todo esse renascimento fatal e enganoso, veriamos como o seu espirito acompanhava a evolução, e como o seu gosto facil e finamente artistico ia aclimando ao seu lar todas essas novidades.

Ao devassarmos os salões sumptuosos do Paço da Ribeira, notariamos que differença ia entre elles, regulares e vastos, e os velhos albergues historicos de S. Martinho ou do Castello. Aqui é a habitação do Rei navegador; além, eram as poisadas caducas e irregulares dos valis christãos de Lisboa. Mobilia e adornos são no Paço novo a eloquente consequencia das victorias da conquista.

Os progressos d'este reinado, extinguindo as reliquias de antigos usos, ou empa-

nando-lhes o fulgor, inocularam novo ser na sociedade portugueza, especulativa e mercante desde a navegação para a India. D. Manuel, carregando de pimenta e cravo os bojudos galeões que em Anvers mandava construir, e as pesadas arcas á veneziana, tornara-se o primeiro mercador dos seus reinos, mas mercador altamente artista, para quem tiveram sempre estremado sabôr os primores da fórma; e até mesmo as suas repressões do luxo publico o que fazem é concentrar na Côrte e na phalange dos seus nobres o esplendor de sedas e brocados, que ao povo eram defezos. D. Manuel, prohibindo em seus reinos a seda no trajo geral «reservou aos nobres que trouxessem barretes, carapuças, sapatos, cintos, e assim as guarnições das espadas, mulas, e cavallos, de seda.»

No Paço então o luxo era a rodo. Ahi tudo foi precioso e artistico, tudo incrustado e lavrado de materias valiosas. Muitas das elegantes alfaias manuelinas eram fabricadas cá em Lisboa. Alguns objectos que as naus do Gama levaram em larga copia para presentes a regulos, eram aqui feitos. No meio pois das magnificencias do seu Paço, destaca a elegancia pessoal d'El-Rei D. Manuel; e ei-lo, ouvindo ora as narrações dos descobridores, ora os autos de Gil Vicente, ora os acórdes da sua numerosa e escolhida orchestra de capela e camara.

D. Manuel gostava muito de musica. Todos os dias depois de jantar dormia a sésta; e, ao deitar-se, queria ter ali, para o adormecerem, os musicos da camara. A sua musica de capela, e a da camara, eram notaveis; mandava buscar artistas de nomeada a todas as partes da Europa, fazia-lhes bons partidos, e dava-lhes avultados ordenados e mercês. Aos domingos e dias santos jantava e ceava com musica de charamelas, sacabuxas, cornetas, harpas, tamboris, e rabecas; nas festas principaes vinham atabales e trombetas. Além d'esses famosos musicos tinha outros, moiriscos, que tangiam e cantavam as suas melodias especiaes ao som de alaúdes e pandeiros, para fazer dançar os moços fidalgos.

Conta Damião de Goes na *Chronica de El-Rei D. Manuel* que este Rei «trazia continuadamente na sua Côrte chocarreiros castelhanos, com os motes e ditos dos quaes folgava, não porque gostasse tanto do que diziam, como das dissimuladas reprehensões que com geitos e palavras trocadas davam aos moradores de sua casa, fazendo-lhes conhecer as manhas, vicios, e modos que tinham, de que se muitos tiravam e emendavam, tomando o que estes truães disiam como graças por espelho do que haviam de fazer.»

Havia tambem no Paço acrobatas e gymnastas, que de vez em quando vinham alegrar com entremezes os grandes banquetes de aparato. Havia jogos de azar, danças baixas e danças altas, baixas e puladas, alguns passatempos intellectuaes e literarios: a glosa, o mote, as côrtes de amor, e a cantilena e recitação de troveiros.

Das visitas habituaes de El-Rei D. Manuel a sua irmã, a Rainha D. Leonor, ha algumas indicações descriptivas, posto que muito a fugir, na mesma *Chronica*. Nessas visitas, que eram á tarde, costumava El-Rei algumas vezes pedir de beber, traziam lhe conservas doces para fazer boca, e sobre ellas é que bebia; e isso tudo lhe era servido por senhoras da primeira distincção.

Nas tardes de verão, aos domingos e outros dias santificados, quando não ia ver correr cavallos, e corrê-los elle proprio na Carreira dos Cavallos, esperava por El-Rei na ponte dos seus Paços da Ribeira um bonito batel alcatifado e todo embandeirado de pendões de seda, avoengo das nossas formosas galeotas. Descia para elle o Soberano, levando sempre comsigo boa musica, e algum ministro, com quem, para não esperdiçar tempo, ia despachando negocios publicos. Largava o batel seguido de outros, e bordejavam de conserva na margem de cá os coruchéos sem numero, os pitorescos palacios banhados de sol, e na margem de lá os oiteiros d'Almada... E iam deslisando ao sabor do vento e dos remos; e as mais das vezes, chegavam ao caes dos Paços de San-

tos-o-Velho, e desembarcavam. Ahi esperava os alegres argonautas o Almoxarife d'esses Paços, que tinha preparado nalgum recanto do jardim a merenda de fructas, doces e vinho, e comia El-Rei, e com elle todos os da comitiva, e assim os musicos, os moços fidalgos, e até os remeiros.

Á noite havia muita vez serão no Paço onde compareciam as damas e os galantes da Côrte. Dançavam, e El-Rei tambem dançava algumas vezes.

O sombrio genio mystico e reconcentrado de El-Rei D. João III furtava-o o mais do tempo a toda a convivencia, a não ser com os intimos. Tambem elle promulgou uma curiosa lei sumptuaria, muito severa, em 1535, lei que dizia com a sua indole recatada e em virtude da qual o alfaiate regio teria menos occasiões do que até ali de dar largas aos devaneios artisticos da sua tesoura. Mas não foi semsabor, ou demasiado austera a sua Côrte. Poetas e chronistas a pintam alumiada uma ou outra vez dos clarões de festas e assembléas notaveis, embora não fossem essas ostentações da tempera do Rei.

O reinado d'El-Rei D. Sebastião é, quanto a etiquetas e modas, sensivelmente o mesmo que o de seu avô, mas mais tristonho ainda. No meio da sua Côrte, meio varonil meio afeminado, entre o grupo dos seus juvenis validos, meio guerreiros meio *mignons*, lançando o seu olhar severo para o luxo das opulencias mundanas, a que Frei Luiz de Sousa chamava «as riquezas ociosas» passa aquelle esbelto e gentilissimo rapaz, loiro, branco e ruivo como sua mãe, todo entregue aos seus sonhos de cavalleiro andante, e contrastando na sua ingenita poesia com o positivismo cruel da era. Nos seus lindos olhos azues apenas se reflectem, muito de fugida, os vagos e indecisos amores de uma D. Juliana de Lencastre, sua prima, herdeira da casa de Aveiro, e depois mulher de um tio, que por ella foi o 3.º Duque. No mais, austero e casto como uma monja.

Na legislação do seu reinado deixa impresso o cunho das suas preoccupações mysticas. Em 1565 ordena se «não consintam nas egrejas, nem nas procissões que fóra d'ellas se fazem, autos nem representações de coisas profanas, nem pessoas algumas com mascaras, não sendo ordenadas para provocar a devoção.» Ainda assim, dá-nos a interessante relação do Cardeal Venturino muitos pormenores para o estudo consciencioso de trajos, ceremoniaes, e etiquetas d'aquelle reinado.

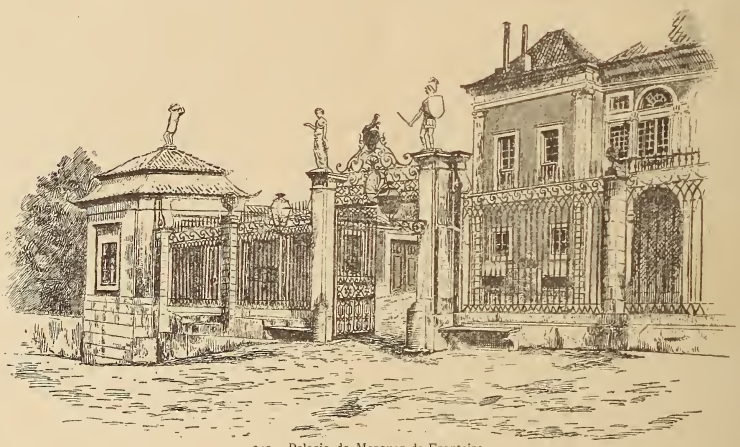
Mas com o joven e indomado aventureiro parte-se a linha genealogica. Poucos mezes continua o sceptro nas mãos do Cardeal, até cair nas garras do Leão castelhano. D'ahi por diante, com a invasão do elemento estrangeiro, empalidecem e amesquinham-se as feições mais caracteristicas da nossa antiga Côrte. Os sessenta annos de captiveiro, que bem designam o dominio hespanhol sobre Portugal, desde 1580 até 1640, são um periodo de atribulações excepcionaes, em que o paiz geme sob a passividade e a miseria.

Não se colhera nenhuma d'essas vantagens que haviam sido tão eloquentemente prophetisadas por Christovam de Moura, como consequencia inevitavel de uma união com a Hespanha. A proverbial altivez castelhana feriu especialmente os nobres e o povo portuguez; não se fez nenhuma tentativa para fundir os dois povos, ficando estes á parte, como o azeite e a agua; e o odio tradicional dos hespanhoes tornou-se mais intenso do que nunca. A perda da prosperidade material e o trato insolente dos officiaes hespanhoes affectaram todas as classes, altas e baixas, incitando-as a revoltar-se, e a essas causas forçoso é acrescentar a influencia dos escriptores portuguezes. O grande Camões não chegara a vêr os hespanhoes dominar sobre a sua patria amada, mas teve continuadores durante os sessenta annos de captiveiro, para cantarem os grandes feitos guerreiros dos portuguezes da edade heroica. Poemas como o *Primeiro Cêrco de Diu*, por Francisco de Andrade; o *Segundo Cêrco de Diu*, por Jeronymo Côrte Real; o *Affonso Africano*, por Vasco Mousinho de Quevedo; e a *Malaca Conquistada*, por Francisco de Sá de Menezes, inspiram-se todos na idéa de levantar os corações dos portuguezes do seculo XVII, fazendo-os desejar ser dignos dos heroicos antepassados. Não foram me-

nos eloquentes os prosadores que os poetas, narrando os grandes feitos do passado. As *Decadas* de Diogo do Couto, e a *Asia, Africa e América Portugueza,* de Manuel de Faria e Sousa, continuaram a obra de João de Barros, tornando os portuguezes orgulhosos das suas passadas façanhas, ao passo que os historiadores Bernardo de Brito e Antonio Brandão, na sua *Monarchia Lusitana,* narravam os seculos da independencia antes da união de Portugal e Hespanha.

Um sentimento geral de descontentamento se levantára durante os reinados de Filippe III e Filippe IV, mas o impulso final que fez passar do descontentamento passivo para a rebellião declarada foi dado pela energia de alguns fidalgos portuguezes, que contaram, para o bom exito, com a fraqueza da Hespanha e com o auxilio da França.

O descontentamento popular revelava se abertamente em muitos actos. Em 1634 o povo de Lisboa recusou-se a pagar os impostos; em 1637 rebentou um sério motim em



240 — Palacio do Marquez de Fronteira

Evora, motim que se conservou em um estado de insurreição por muitos mezes; e eram constantes em todo o paiz os ataques aos soldados e officiaes hespanhoes.

Mas o povo portuguez carecia de alguem em volta de quem se reunisse. A' nobreza faltava um chefe. Esse chefe e representante encontrou-se na pessoa de D. João, 8.º Duque de Bragança, legitimo herdeiro do throno. Este grande fidalgo era o chefe da familia mais nobre de Portugal e descendente em linha recta do filho bastardo de D. João I, que havia casado com a filha do Santo Condestavel; e era a mais d'isso neto de D. Catharina, a herdeira, por direito incontestavel, do Cardeal D. Henrique.

Filippe II comprára a adhesão do marido de D. Catharina, garantindo-lhe os vastos dominios da familia de Bragança em Portugal, mas não cumprira a sua promessa da outhorga do Brasil em plena soberania, com grande desgosto da herdeira do throno portuguez. Inspirára esta o seu odio á Hespanha e o seu amor a Portugal a seu filho D. Theodosio, 7.º Duque; mas seu neto D. João era um fidalgo indolente e timido, que preferia uma vida socegada á posse de uma corôa. D. João succedera no ducado e dominios em 1630, na edade de vinte e seis annos, e desposara D. Luiza de Gusmão, filha do Duque de Medina Sidonia, em 1633. Este casamento agradara a Olivares, por lhe parecer que assim ficaria a familia de Bragança estreitamente unida á Hespanha, persuadindo o Rei

Filipe a conceder a D. João, como presente de nupcias, o ducado e senhorio de Guimarães, o qual fôra propriedade de D. Duarte, filho mais novo de D. Manuel o Ventu-

241 — Bergantim real

roso, o Principe de quem o Duque de Bragança fazia derivar a sua pretenção ao throno.

Mas este casamento não cimentou a amizade da Casa de Bragança com a Hespanha. Pelo contrario, a Duqueza pareceu renunciar á sua nacionalidade hespanhola. Timbrava em falar o idioma portuguez, tornando-se mais patriotica que os proprios portuguezes; nunca se esqueceu de que seu marido era Rei por direito, animando-a a usar de toda a sua grande habilidade para pugnar pelo throno portuguez a prophecia de que um dia seria Rainha, e que lhe fôra feita na sua meninice. D. João não partilhava das opiniões da sua esposa; não era de animo bellicoso, amando a caça, a musica, as artes e o seu dilecto solar de Villa Viçosa, muito mais que a politica, ou até o seu paiz. Mas a sua frouxa natureza tornava o subserviente á vontade de sua mulher, e esta, por meio do agente João Pinto Ribeiro, lente de direito na Universidade de Coimbra, fez saber á nobreza de Portugal que o Duque de Bragança se poria á sua frente, se essa nobreza estivesse decidida a luctar pela liberdade do seu paiz.

242 — Marinheiro da Armada real

Quando a Duqueza de Bragança envolveu o marido nos seus planos ambiciosos, Portugal estava sob o governo nominal de Margarida de Saboya, Duqueza de Mantua; e a Côrte enxameava de estrangeiros.

Os chefes do famoso grupo dos quarenta conspiradores que planearam a revolução, eram: Miguel de Almeida, um fidalgo venerando, em cujo palacio se realisou a primeira reunião dos conspiradores; Pedro de Mendonça Furtado, Camareiro-mór he-

reditario; Antão Luiz de Almada; Jorge de Mello, Monteiro-mór hereditario; Antonio de Mello de Menezes, seu irmão; Estevão e Luiz da Cunha; Rodrigo e Manuel de Sá; Pedro Mascarenhas; Carlos de Noronha, Gastão Coutinho e Antonio de Saldanha. O Arcebispo de Lisboa, D. Rodrigo da Cunha, a dignidade eclesiastica a mais popular no Reino, se nesse momento não era um dos conspiradores, tinha conhecimento do que se passava pelos seus parentes, os Almadas e os Cunhas. Os conspiradores reuniam-se regularmente e preparavam com toda a habilidade o levantamento, e em todas as suas deliberações João Pinto Ribeiro, posto que não fosse fidalgo, e por isso o olhassem de resto, revelou ser o mais arrojado e o mais sagaz de todos os chefes.

O dia 1 de Dezembro de 1640 foi o designado para a revolução; e na manhã d'esse dia os conjurados vieram por differentes ruas reunir-se em frente do Palacio. Não houvera traição, e por conseguinte a Côrte da Vice-Rainha estava absolutamente desprevenida para a resistencia. Um tiro de pistola foi o signal dado por João Pinto Ribeiro, e cada conspirador seguiu para o local aprasado a cumprir a tarefa que lhe fôra distribuida. D. Miguel de Almeida destroçou a guarda tudesca do Palacio sem a menor difficuldade, e D. Jorge de Mello e D. Estevão da Cunha foram egualmente bem succedidos com a guarda hespanhola. O terceiro troço, sob a direcção de João Pinto Ribeiro, penetrou á força no Palacio, dirigindo se para os aposentos do odiado secretario d'Estado, Miguel de Vasconcellos. No trajecto encontraram o Corregedor civil, Francisco Soares d'Albergaria, que, em resposta aos gritos de «Viva o Duque de Bragança!» gritou: «Viva o Rei de Hespanha e de Portugal!» sendo morto immediatamente. Em seguida correram para Antonio Corrêa, Official-mór da Secretaria, cuja insolencia emparelhava com a do seu chefe, e Antonio de Menezes apunhalou-o. Por ultimo chegaram aos aposentos do secretario, a quem lobrigaram escondido num armario, sob um montão de papeis. O desgraçado, a tremer, foi tirado do seu esconderijo e morto por D. Rodrigo de Sá. Todos os grupos correram então para a parte do Palacio habitada pela Duqueza de Mantua, a quem encontraram com o Arcebispo de Braga. A Princeza não era cobarde, e encarou resolutamente os conspiradores; mas D. Carlos de Noronha declarou-lhe que estava prisioneira e o Arcebispo de Braga, que intentou abrir caminho atravez dos seus adversarios, deveu a vida, a custo, a D. Miguel d'Almada.

Estes felizes resultados no Palacio foram seguidos de exito egual na cidade de Lisboa. O povo de todas as classes detestava o dominio hespanhol; levantou-se em massa, armou-se o melhor que poude, prendendo cada hespanhol que encontrava, desde o Marquez de la Puebla até os officiaes de marinha, pertencentes aos navios hespanhoes ancorados no Tejo. D. Antonio de Saldanha, como préviamente se combinára, entrou na Casa da Supplicação a informar os juizes do que acontecia, e o presidente Gonçalo de Sousa começou immediatamente a lavrar os seus despachos em nome do Rei D. João IV, em vez de D. Filippe III. D. Gastão Coutinho poz em liberdade todos os presos politicos, e alguns mancebos correram a fazer serviço nos tres galeões hespanhoes que estavam no porto, apoderando-se d'elles com facilidade, pois que a maior parte dos seus officiaes se achavam em terra presos. Restava apenas a cidadella ou Castello de S. Jorge, guarnecido por um forte troço de hespanhoes sob o commando de D. Luiz del Campo. Este posto importante foi obtido por um estratagema de D. Antonio de Almada, que forçou a Duqueza de Mantua a assignar uma ordem para a entrega do Castello, sob a ameaça de serem assassinados todos os hespanhoes que haviam sido feitos prisioneiros, e a ordem foi cumprida sem reluctancia pelo medroso governador. Os conspiradores reuniram-se então no Palacio, e por entre as aclamações da populaça, o Arcebispo de Lisboa foi proclamado Logar-Tenente do Reino, com D. Miguel de Almeida, D. Pedro de Mendonça Furtado e D. Antonio de Almada por conselheiros de Estado. O novo governo mandou emissarios em todas as direcções annunciando o

resultado feliz da revolução, e obteve a posse pacifica de todas as principaes fortalezas e praças fortes em volta de Lisboa — as de Belem, Bugio, S. Antonio, Almada e Cascaes, excepto apenas a de S. Julião, cujo governador foi depois subornado e cedeu.

No dia 3 de Dezembro o novo Soberano aqui entrou no meio do regosijo geral e no dia 15 do mesmo mez foi coroado solemnemente na Cathedral de Lisboa.

Quando subiu ao throno de seus antepassados o Duque D. João II, com o titulo de Rei de Portugal D. João IV, deixou o Palacio dos Duques de Bragança de ter a importancia que tivera, visto como a Ribeira ficou sendo a residencia do reinante. Serviu então o solar brigantino de thesouro, archivo, e guarda-joias da familia de Bragança, d'onde á antiga Rua do Picadeiro se entrou a dar o nome de Rua do Thesouro, depois Thesouro Velho.

Depois de tantas vicissitudes, coube a El-Rei D. João V, o magnificente edificador de tantas maravilhas de arte, refazer á moderna, no èstylo italiano, este solar vetusto de seus avós. Foram amplas e opulentas as suas obras, a julgarmos pelo que ainda d'ellas restou sobre a Rua do Thesouro Velho: enormes portões blasonados, janellas altas ornamentadas, e tudo com certo ar solemne e grandioso.

Depois do terremoto de 1755 ficou o Paço dos Duques, e o seu arredor, quasi de todo destruido. O que mais que tudo contrista os cultores de antigualhas portuguezes é a perda irreparavel do riquissimo cartorio ducal, que desde pouco tempo se achava reorganisado pelo General Manuel da Maia, Guarda-mór do dito archivo, e que ali, como no da Torre do Tombo, tão bom serviço soubera prestar. Tornou-se todo o edificio um cahos indescriptivel, pelo meio do qual se anicharam barracas e baiucas de pobrissima aparencia, dando ao sitio uma feição da peor fama.

Sobre a Rua do Ferregial de Cima, junto ao que é hoje o Hotel Bragança, havia um arco chamado do Thesouro; junto ao Theatro de S. Carlos, no sitio ainda hoje chamado Largo do Picadeiro, era o picadeiro dos cavallos da casa ducal, por modo que não havia passagem directa entre a Rua do Outeiro e a do Ferregial de Cima. Só muito tempo depois é que a Camara deu parecer favoravel sobre uma rua projectada, que devia communicar a do Outeiro com o Ferregial. Foi a Rua do Duque de Bragança.

Em 1841 um grande incendio devorou parte d'esse palacio e das casas contiguas.

Se o Hotel de Bragança podesse contar a sua chronica, faria os mais curiosos annaes que é dado imaginar da vida elegante de alguns estrangeiros illustres, durante a sua estada em Lisboa nestes ultimos sessenta annos. Testas coroadas, principes, sabios, diplomatas, artistas, tudo tem habitado ali: os Imperadores do Brazil, a Rainha da Suecia, o Sultão de Zanzibar, o Rei de Sião, o Rei de Kalakawa, os Condes de Eu, os Principes japonezes T. Arisugawa e Prisdang, o Principe chinez Tong King Sing, os Principes de Oldemburgo e Hoenloe Sehringen, a Princeza Rattazi, o Marquez de Gualdamina, o Marquez de Selva-Alegre, Kruger presidente do Transwaal, o Conde de Camondo, Barbieri, a Patti, Carolus Duran, o celebre pintor francez, a grande Sarah Bernhardt, a graciosissima Judic...

Desde a revolução de 1640 até ao terremoto de 1755, o viver da Côrte circunscreve-se aos Paços da Ribeira. Tudo quanto a invocação d'esse largo trecho do passado poude offerecer-nos de pitoresco, vem referido no capitulo em que, procurando descrever a Lisboa monumental, falámos d'aquelles Paços.

D'ahi por diante, tudo contrasta com a antiga magnificencia. «E' de todo o ponto triste a Côrte de Lisboa — diz um escriptor francez no seculo XVIII — quasi nunca tendo assembléas da fidalguia. El-Rei costuma comer sósinho, poucas vezes com a Rainha, e em publico nunca.» Ainda mesmo em tempo do Senhor D. João V, que devéras gostava da grandeza em tudo, quanta differença com o que fôra d'antes a Côrte de Lisboa! El-Rei D. Manuel, quando aparecia em publico pela cidade, tinha estravagancias de

rajah. «Lá passa primeiro, com o seu porte pesado e mau, um rhinoceronte ferropeado, levado á trela de um indio. Depois seguem cinco elephantes, quatro machos e uma femea, com os seus cornacas vestidos de côres vistosas. Depois um cavallo persio acobertado, nas ancas do qual um caçador persio leva uma onça de caça, presente de El-Rei de Ormuz. Depois, a distancia, a cavallo, El-Rei D. Manuel; e finalmente a sua comitiva.» D. João V, quando saía em Lisboa, ia num coche puchado a seis, acompanhado pelo Infante D. Antonio, o Duque do Cadaval D. Jayme e o camarista de semana. A escolta eram apenas quatro ou cinco creados a cavallo: o carpinteiro dos coches, o ferrador, o selleiro e uns dois moços de estrebaria, vestidos com a libré da Guarda Real.

A Rainha D. Marianna tambem apparecia pouco. Ia aos sabbados, depois do jantar, fazer as suas devoções a um convento; acompanhavam-na o Principe e as Princezas sua filha e cunhada, mais a Condessa de Unhão, Camareira mór. As saídas reaes eram annunciadas de manhã por tambor e pifano, que andavam correndo a cidade para se juntar no Paço a guarda dos Alabardeiros. O coche da Soberana ia flanqueado de moços a pé, e precedido de alabardeiros descobertos, com o capitão e o tenente a cavallo. Atraz seguiam quatro coches, em que iam os estribeiros, mór e menor, e doze damas de honor.

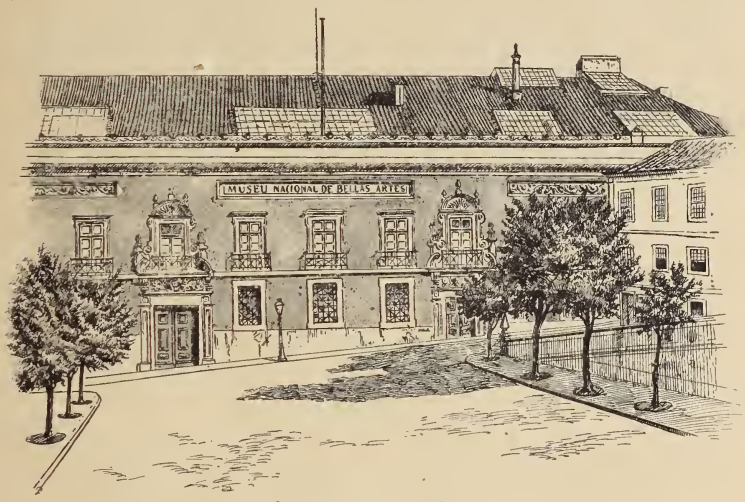
Na quinta feira santa é que a mesma Rainha saía a pé com o seu sequito, a visitar as egrejas; e dava-se então um uso curioso. Iam a deante da Rainha uns grupos de mariolas dispondo ao longo do caminho uma serie de taboados a formar estrado em cima das lamas; de forma que os chapins de Sua Magestade julgavam ir pisando por estirado corredor. Os coches iam seguindo muito atraz, e a Rainha servia-se d'elles na volta ao Paço da Ribeira.

Entre as preciosidades de diversos generos que, respeitadas pelo tempo, se conservam ainda hoje como outras tantas reliquias do brilhante esplendor ostentado pela Côrte portugueza em épocas de maior opulencia, occupa distincto logar, e tem sido objecto para admiração geral de nacionaes e estranhos, a riquissima collecção dos antigos coches reaes. Diminuta para o que foi em razão de desfalques repetidos e provenientes de causas variadas, ainda tal qual está é sufficiente para se poder affirmar, com a auctoridade dos que o sabem, que no seu estado actual nenhuma outra conhecida no mundo lhe leva vantagem em numero e qualidades. A collecção dos coches reaes, por effeito de acumulações ou acrescimos successivos, havia tocado o seu auge nos ultimos annos do reinado da Rainha D. Maria I, e já durante a regencia do filho, que depois lhe succedeu com o nome de D. João VI. Foi então que começaram as perdas, não falando nos coches que, por estarem ao serviço diario do Paço em tempo de El-Rei D. José, se haviam perdido no incendio subsequente ao terremoto de 1755. Quarenta e tantos coches tirados provavelmente d'entre os melhores, levou comsigo a Familia Real, quando em 1807 se retirou para o Brasil. No anno de 1834 foram ainda mais alguns enviados para o Rio de Janeiro, a titulo de partilhas, por fallecimento do Senhor D. Pedro IV. Venderam-se depois outros, que se achavam deteriorados, no reinado da Senhora D. Maria II.

E' em verdade para lastimar que com o que restava, escapo á destruição e desbarate dos outros, mas ainda assim de tão extraordinaria valia, nos não chegassem noticias exactas respeitando a origem e circumstancias de cada um. Com esse conhecimento poder-se-ia adquirir informação de maior alcance e proveito, não só para a historia das artes em Portugal, pois parece que muitos d'esses coches foram aqui fabricados e ornamentados por artistas nacionaes, mas ainda para desvanecer tradições fabulosas acerca da origem d'alguns ou da epoca a que pertenciam.

Para suprir pois a deficiencia de noticias historicas e authenticas de quaesquer particularidades, os nossos archeologos teem sido obrigados a soccorrer se de conjecturas

fundadas sobre a indole especial de cada um d'estes artefactos, hoje existentes, ou das generalidades que a seu respeito nos fornece a historia dos diversos reinados. Assim se determinam pelos brazões d'armas que os adornam, e por outros signaes caracteristicos, os coches que trouxeram a Lisboa as Princezas que successivamente vieram esposar os Reis D. Pedro II, D. João V, D. José I, e o Principe Regente, depois Rei D. João VI. E' da mesma sorte conhecido um com que o Papa Clemente XI brindára D. João V, de cujo reinado datam os mais sumptuosos. O coche de que este Soberano se serviu na ida ao Alemtejo para receber a Infanta de Hespanha D. Marianna Victoria, destinada esposa de seu filho e successor D. José I, não só sobresaía a tudo o que de melhor se havia visto em Lisboa, mas chegou a causar, segundo se affirma, admiração aos parisienses, costumados naquella epoca ás pomposas equipagens de Luiz XIV.



243 — Museu Nacional de Bellas Artes

Ha de mais antiga data um que tradicionalmente se diz haver servido a Filippe III de Castella, durante a sua curta assistencia neste Reino. Os que nenhuma duvida admittem, por serem quasi dos nossos dias, são os que pertenceram a D. Maria I, e os que D. João VI mandou fazer em Paris e Inglaterra nos principios do seculo passado.

Não se encontra porém entre elles vestigios alguns dos famosos coches que serviram na entrada solemne do Conde da Ribeira, quando enviado á Côrte de França em 1715, nem dos que tão notavelmente figuraram na entrada de André de Mello e Castro em Roma, na qualidade de embaixador extraordinario ao Papa.

Para acomodações d'estes coches mandára El-Rei D. João V construir de proposito, no sitio do Calvario, proximo de Alcantara, um edificio onde permaneceram por longo tempo. Achavam-se ahi ainda quasi sem uso, e padecendo as deteriorações inevitaveis dos annos e do pouco ou nenhum cuidado que com elles se tinha, quando em 1845 houve a idéa de que alguns figurassem na aparatosa solemnidade do baptismo da Infanta D. Antonia. Para esse effeito foram limpos ou restaurados alguns que, transferidos para as cocheiras do Paço de Belem, continuaram desde então a servir nas mais

lustrosas funcções da Côrte. Em 1862, por occasião do consorcio de El-Rei D. Luiz I, foram reparados mais alguns, que com aquelles e outros menos mal conservados, e removidos do antigo local, passaram a occupar as cocheiras reaes reedificadas. No Calvario ficaram unicamente os coches que por sua absoluta damnificação foram julgados incapazes do serviço, ou demandavam uma inteira e difficil reconstrucção.

A Carta Constitucional, outorgada em 29 de Abril de 1826, tornou-se lei fundamental da Monarchia. Attribue ella o poder legislativo ás Côrtes geraes, compostas de duas Camaras — a dos Pares e a dos Deputados, que é de eleição popular. O poder moderador é exercido pelo Rei, irresponsavel e inviolavel, o qual, ouvido o Conselho d'Estado, sancciona as leis votadas pelas Camaras e nomeia os Ministros, a cargo dos quaes se acha o poder executivo.

Compõem a casa civil de El-Rei: o Almotacé-mór, o Aposentador-mór, o Armeiro-mór, os Camaristas, o Capellão-mór, o Capitão da Guarda Real dos Archeiros, o Copeiro mór, o Correio-mór, o Coudel-mór, o Couteiro-mór, o Estribeiro-mór, o Meirinho-mór, o Mestre-sala, o Mordomo-mór, o Reposteiro-mór. Da Mordomia-mór faz parte o Escrivão da Nobresa do Reino.

A casa militar é composta pelos Ajudantes de campo, que têem o seu chefe.

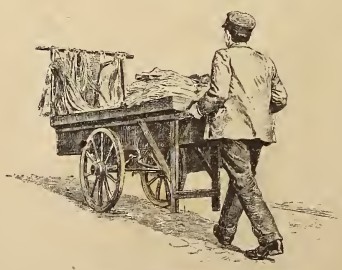
Pertencem ao serviço da real camara os Medicos, o Pharmaceutico, os Creados particulares, os Porteiros de canna, os Reposteiros de sala, os Guarda-roupas, os Moços, os Musicos.

Compõem a casa da Rainha: o Mordomo-mór, a Camareira-mór, as Damas camaristas, as Damas honorarias, os Veadores, o Mordomo particular, os Creados particulares, as Retretas.

Os Principes teem o seu Aio, o seu Perceptor, os seus Professores, o seu Reposteiro e o seu Creado particular.

A administração da fazenda e mais serviços do Paço teem o Administrador geral, o Secretario e os Officiaes, o Procurador, o Notario privativo, os Almoxarifes, o Inspector geral dos Palacios, o Chefe da manutenção, o Thesoureiro-mór das Capellas, os Capellães, o Estribeiro-mór, o Director da escola de equitação, o Administrador das manadas, o Veterinario, o Bibliothecario, o Official bibliographico, o Director do gabinete numismatico, o Conservador e o Pintor restaurador da galeria de pintura, o Conservador do museu de historia natural.

A Casa de Bragança tem um Administrador geral, os Officiaes chefes de repartição, os 2.os Officiaes, os Tabelliães privativos, e os delegados de Alter do Chão, Baltar, Paiva, Alviella, Arrayollos, Evora-Monte, Extremoz, Barcellos, Bragança, Chaves, Eixo, Elvas, Monsaraz, Portel, Ourem, Paylepa, Roncão d'El-Rei, Sacavem, Vendas Novas, Villa Viçosa.



234 — Vendedor ambulante de quinquilherias

245 — Arco de S. Bento

Da Arcada a S. Bento

246 – Agua fresca e capilé!

Os serviços do Estado quasi absorvem a porção mais importante da vida de Lisboa. Dos sete Ministerios ás duas casas do Parlamento, estendem-se os arraiaes afanosos da burocracia.

Quem examina com attenção o Terreiro de Paço acha nelle um mundo; mundo que se divide em partes, cada uma das quaes é de estudo interessante. Esta moderna praça, como o jardim de Alfonse Karr, dava por si só um livro. Vamos corrê-la em volta, muito por alto.

Em frente do torreão occidental onde é o Ministerio da Guerra, ha a certas horas do dia o espectaculo da chegada e partida dos vapores do Barreiro e Seixal, levando e trazendo alemtejanos, cujos trajes se reconhecem logo.

A arcada do poente tem diversas phisionomias. Primeiro vemos militares, que entram e sáem do seu Ministerio, ou pretendentes á espera de algum prócere, e fazendo da rua ante-camara, até poderem balbuciar duas palavras a Sua Excellencia. Seguem-se, numa transição muito esfumada, as portas do Ministerio da Marinha; conhecem se

pela gente que ahi estanceia, e entra, e sáe — officiaes de mar, marinheiros de ordens, empregados africanos e indianos, cuja côr doentia é o seu melhor distinctivo. Depois, ha sempre affluencia de gente ás caixas do Correio, e ás varias repartições postaes: o estrangeiro, que não sabe a quem deve dirigir se; o provinciano boçal, que deseja mandar vir pelo correio uma cesta de gallinhas. Foi aqui, neste réz do chão do Ministerio da Fazenda, que principiou em 1881 a funcionar o Correio, o qual tinha estado, desde a sua instalação por conta do Governo, no Palacio do Monteiro-mór aos Paulistas.

D'esse ponto até ao fim da arcada, tem o politico o seu melhor barometro em tempo de Camaras abertas. Ali se encontram os deputados, os grulhas balôfos, pretendentes biliosos e atarefados, os influentes de segunda plana, que julgam mover o mundo, os que desejam parecer omnipotentes no seu circulo, e emfim a grei insaciavel dos requerentes.

Em 13 de Maio de 1797, pela primeira vez se abriu a Real Bibliotheca publica da Côrte, creada no anno antecedente pela Senhora D. Maria I, e que era no segundo andar onde é hoje a Direcção geral dos Proprios Nacionaes. Em 1834, quando se extinguiram as associações religiosas, foi a Bibliotheca transferida para S. Francisco.

A arcada do Ministerio do Reino já tem outro aspecto. Ahi ha sempre paradas as carruagens dos altos politicos, que veem procurar instrucções áquelle quartel general da galopinagem politica. Em vesperas de eleições, o movimento d'este lado offerece um dos aspectos mais curiosos da vida lisboeta.

Na arcada da Justiça, que é mais morta, reinam os engraxadores de calçado, symbolicos em todas estas paragens burocraticas. A Junta do Credito Publico dá tambem uma feição sua á população que ahi formiga em certos prasos do anno, em nome das inscripções de assentamento: viuvas, procuradores, proprietarios...

Continuando ahi se via d'antes a estação da Guarda principal, que misturava com o elemento civil o militar, e trazia ás 11 horas da manhã, quando se rendia o posto, uns minutos de boa musica marcial ao rapasio e aos ociosos.

Segue-se a arcada chamada do Martinho da Neve. Isso ahi tem a singularidade de ser, nesta grande praça, toda ella orlada de edificios do Estado, a unica propriedade particular. Toda a manhã ali estanceiam saloios, arrumando ao longo das paredes larangeiras e limoeiros para venda, com as raizes embrulhadas em fetos. Depois, pelas 3 horas da tarde, passam os negociantes para a sua praça, e no verão ali descansam a tomar uma carapinhada, ou uma pyramide de sorvete de morango e leite. A' tarde e á noite é sitio deserto.

O antigo palacio construido sobre esta parte da arcada foi reedificado depois do terremoto por Anselmo José da Cruz, senhor do Sobral, e fiscal das Obras Publicas. Morava elle ahi em 1791. Passou o predio a seu genro Geraldo Wenceslau Braamcamp de Almeida Castello Branco, 1.º Barão do Sobral, que ahi morava em 1820, e teve em 1830 um terrivel incendio nesse palacio, incendio em que até morreu gente. Passou o predio ao filho segundo do Barão, que era Anselmo José Braamcamp, e d'este á sua filha D. Luiza Maria Joanna Braamcamp, Baroneza de Almeirim pelo seu casamento. Ficou em partilhas ao segundogenito dos Barões de Almeirim, Anselmo Braamcamp Freire, que em 1889 o vendeu a Ernesto George, allemão, gerente da Companhia dos Vapores Transatlanticos.

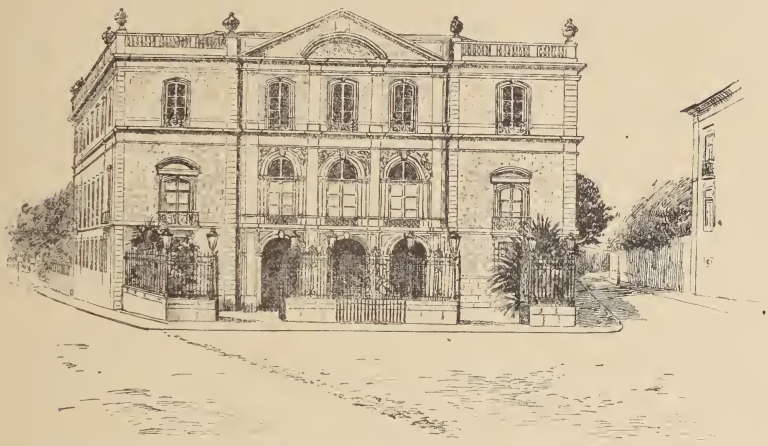
A ultima arcada, finalmente, em frente e perpendicular á do botequim, a que vae correndo ao longo da face oriental da Praça do Commercio, tem horas no dia em que parece o inferno, com o despacho e saída de mercadorias da Alfandega. Já foi tempo, em que essa frontaria de palacios ostentava com orgulho a maior importancia politica, em quanto ali esteve, até a esquina, o Ministerio do Reino. Isso acabou e a Alfandega invadiu aquelles salões onde dominaram Passos Manuel, Rodrigo da Fonseca, o Duque

de Loulé, o Conde de Thomar, o Duque de Saldanha. Ha pouco passou para a parte do edificio da Alfandega, sobre a esquina septentrional, o Ministerio dos Negocios Estrangeiros, que até Dezembro de 1892 esteve ao Calhariz.

Essa arcada tem ao fim a Bolsa do Commercio, onde ás 3 horas da tarde enxameiam os negociantes e banqueiros; é o seu fôro romano.

A Secretaria de Estado é instituição antiquissima. D. Sebastião, que a creou, bem como ao Conselho de Estado, fez seu Secretario a Pero Alcaçovas, homem de grande merecimento, que depois veiu a ser um dos governadores do Reino.

No tempo de Filippe III, era Secretario de Estado Miguel de Vasconcellos.



247 — Palacio de José Maria Eugenio

Quando D. João IV subiu ao throno, a primeira idéa que quiz pôr em pratica foi a de organisar todos os serviços publicos. Um dos seus melhores actos governativos foi o da organisação da Secretaria de Estado das Mercês e Expediente, delimitando-lhe as attribuições. Foi creada esta secretaria em 1643. Era por ella que se faziam as nomeações dos vice-reis, dos governadores do Reino e das provincias e praças de guerra, generaes, presidentes dos tribunaes superiores, conselheiros, desembargadores, vereadores do Senado, bispos, officiaes da Casa Real, reitores, officiaes do Santo Officio, etc. Da mesma sorte pela mesma Secretaria de Estado se lavravam as consultas de provimentos de postos militares, desde a patente de capitão até á de tenente-coronel de infanteria ou cavallaria, as consultas dos logares de letras e as dispensas de leis; bem como por ella se mandavam passar as devassas, crear as alçadas e inquirir dos pagamentos das cizas, dos agravos, das sentenças, etc.

Além d'esta secretaria creou D. João IV a Secretaria da Assignatura, para vigilancia do cumprimento dos alvarás, provisões, cartas e padrões que ali se lavravam. O primeiro Secretario da Assignatura foi Antonio Cavide, sendo depois, pela sua morte, provido nesse cargo João de Roxas de Azevedo, Desembargador do Paço, e em seguida Bartholomeu de Sousa Mexia, Conselheiro de Fazenda, que em 1707 acumulou esse cargo com o de Secretario das Mercês e Expediente.

Fallecido Bartholomeu de Sousa, se conglobaram em uma só as tres Secretarias de Estado — Mercês, Expediente, e Assignatura, sendo nomeado Secretario Diogo de Mendonça Côrte Real, elevado cargo no qual veiu a distinguir-se tão notavelmente, no reinado de D. Affonso VI, o Conde de Castello Melhor e depois D. Antonio Sousa de Macedo, tão injustamente guerreados e expulsos pela camarilha do Infante D. Pedro.

Reinando D. João V, e considerando-se que das providencias tomadas em 1786 não resultava utilidade alguma, antes pelo contrario ellas encontravam difficuldades e embaraços na sua execução, e attendendo-se a que a gestão dos negocios publicos havia em muito augmentado, foi estatuido que os differentes ramos de serviço administrativo se dividissem pelas Secretarias de Estado dos Negocios do Reino e Mercês, Negocios da Marinha e dominios ultramarinos, Negocios Estrangeiros e da Guerra.

Nos Negocios do Reino ficariam encravados todos os objectos de justiça, fazenda e obras publicas. Para Ministro do Reino foi nomeado Pedro de Mello e Sousa; para a Marinha, Antonio Guedes Pereira; e para a Guerra e Estrangeiros Manuel Antonio de Azevedo Coutinho.

Finalmente, em 1788 foi creada a Secretaria de Estado da Fazenda devendo ficar unida á presidencia do Real Erario. A Rainha nomeou para esse cargo o Visconde de Villa Nova da Cerveira, então Ministro do Reino. Para o Reino entrou José de Seabra da Silva acumulando esse cargo com o de presidente da Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação, e para os Negocios Estrangeiros e da Guerra foi nomeado Luiz Pinto de Sousa Balsemão.

Em 1801 o Principe Regente, por carta regia, desanexou os negocios da Guerra dos Estrangeiros, nomeando Ministro da Guerra o Duque de Lafões; mas, seis mezes depois, os negocios das duas repartições tornaram a ser reunidos numa só pasta.

Em 1820, pela gloriosa revolução liberal, as Côrtes constituintes imprimiram nos serviços publicos reformas rasgadamente liberaes. Entre essas resaltam as que se realisaram nas Secretarias de Estado. Determinou-se que os Negocios da Guerra e dos Estrangeiros fossem separados nas suas atribuições, sendo egualmente desanexadas as Secretarias dos Negocios do Reino e da Justiça, que em 1736 haviam sido agregadas.

Por esses decretos ficaram pertencendo ao Ministerio do Reino, além da distribuição de graças e mercês, todos os objectos concernentes á agricultura, industria, artes, estradas, canaes, minas, commercio e navegação interna, estabelecimentos pios, instrucção publica, bellas-artes, e tudo o relativo á estatistica e economia politica.

Ao novo Ministerio dos Negocios da Justiça, Eclesiasticos e Segurança publica, ficaram pertencendo todos os objectos relativos á justiça civil e criminal, assumptos eclesiasticos, prisões e policia.

Para Ministro da Guerra foi nomeado Manuel Martins Pamplona, nos Negocios Estrangeiros ficou Silvestre Pinheiro Ferreira, para o Reino Filippe Ferreira de Araujo e Castro, da pasta da Justiça foi encarregado José da Silva Carvalho, e finalmente para a Fazenda foi José Ignacio da Costa.

Em 1834 os negocios do Ultramar, a cargo do Ministerio da Marinha, foram subdivididos pelas differentes Secretarias de Estado, mas a lei de 1835 determinou que todos os assumptos que pertencessem aos dominios da Corôa de Portugal na Asia, Africa e Ilhas adjacentes, fossem dirigidos por meio de uma unica repartição, denominada Secretaria de Estado dos Negocios do Ultramar, e anexada ao Ministerio dos Negocios da Marinha, como se achava estabelecido antes.

Em 1852, pela regeneração, foi subdividido o Ministerio do Reino. D'esse desdobramento resultou a creação do Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria.

A esta Secretaria de Estado ficaram pertencendo todos os assumptos relativos ás industrias agricolas e fabris do paiz, bem como ao commercio interno e obras publi-

cas e minas. Para gerir a nova pasta foi nomeado o Conselheiro Antonio Maria Fontes Pereira de Mello, que desde logo impulsionou grandes desenvolvimentos a esses importantes ramos de administração publica, creando o Conselho de Obras Publicas e Minas, o Conselho Geral de Commercio, Agricultura e Manufacturas, instituindo a Intendencia das Obras Publicas e a rêde das caminhos de ferro em Portugal; reorganisando o ensino industrial, desanexando dos Negocios Estrangeiros o serviço dos correios, creando o ensino agricola, fazendo adoptar em todo o Reino o metro, como base do novo systema de pesos e medidas, e outras reformas importantes.

Foi ainda pela regeneração, que em 1852 se eliminou o logar de ministro e secretario de Estado dos Negocios Estrangeiros, ficando as suas atribuições a cargo da Presidencia do Conselho; mas em 1866, por carta de lei, foi novamente estabelecida a Secretaria, determinando-se que os seus serviços continuassem a pertencer ao novo Ministerio das Obras Publicas, Commercio e Industria.

Pela emboscada de 1870, que derribou o ministerio historico, e deu o poder ao Duque de Saldanha, a Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros foi suprimida por decreto com força de lei, determinando se que ficasse anexa á Presidencia do Conselho ou a outra qualquer Secretaria de Estado. Da economia d'esta supressão creou-se, pelo mesmo decreto, o Ministerio de Instrucção Publica, para o qual foi nomeado Ministro e Secretario de Estado D. Antonio da Costa de Sousa de Macedo, que precisamente na occasião em que delineava uma profunda reforma nas nossas coisas de instrucção publica, foi exonerado pela quéda imprevista do gabinete Saldanha, ficando restabelecida a Secretaria de Estado dos Negocios Estrangeiros, e derrogado o decreto que dizia respeito á utilissima instituição do Ministerio de Instrucção Publica.

A carta de lei que derrogou a creação d'esse Ministerio foi promulgada seis mezes apenas depois d'elle instituido.

No seculo XVIII o secretario de Estado ganhava annualmente 9:600$000 réis e mais 1:920$000 réis quando acumulava alguma outra pasta. Havia então apenas quatro Secretarias de Estado: Reino e Mercês, Justiça, Fazenda e Obras Publicas, Marinha e Conquistas. No reinado de D. João VI os ministros tinham de vencimento 4:800$000 réis, sendo estes ordenados reduzidos a 4:000$000 reis pelas Côrtes de 1834-1835. Depois da revolução de 1836, Passos Manuel limitou os ordenados dos ministros e secretarios de Estado á quantia annual de 3:200$000 réis. Hoje, o ordenado de um ministro é de 3:200$000 réis

Vamos percorrer agora os estabelecimentos de Lisboa que, dependentes dos diversos Ministerios, teem todavia a sua vida propria e separadamente funccionam.

Foi El-Rei D. Fernando I o fundador do Archivo nacional. Ignora-se a data da fundação, mas devia ser entre o anno de 1375, em que se concluiu a cêrca de muros de Lisboa, obra d'este Soberano, e o de 1383, em que elle falleceu. Baseia-se este calculo na circunstancia de ter sido estabelecido o archivo em uma torre d'aquella cêrca, erguida junto ao local em que El Rei D. Manoel veiu a edificar os Paços da Ribeira. Como o vocabulo *tombo* signifique inventario de bens, terras, rendas, direitos, etc., foi denominado Tombo aquelle cartorio, por ser o deposito de leis, escripturas, dotações, etc. D'aqui veiu chamar se ao edificio que o continha Torre do Tombo, nome que passou para o proprio archivo.

Proseguiram no mesmo empenho os successores de El-Rei D. Fernando, enriquecendo constantemente o archivo, de sorte que no fim do seculo XV tinha nomeada em toda a Europa, como se vê de um documento do reinado de El-Rei D. Manuel, que se guarda no mesmo archivo e diz assim: «Portanto ordenaram nossos antecessores nesta nossa mui nobre e sempre leal cidade de Lisboa uma torre, em que para sempre

estivesse o tombo e a memoria de todas estas cousas, assim ordenada e sabida, foi havida por cousa de tanta estima e prudencia, não só em nossos reinos, mas em outras partes, que alguns reis, duques, marquezes, condes e prelados dos reinos de Castella e de França, e de outros senhorios, mandaram pôr na dita torre, em guarda e fidelidade, seus testamentos, escaymbos, permutações e outros contractos, e assim escripturas outras que memorias de suas cousas contém, etc.»

Mereceu muita attenção e disvelos o archivo da Torre do Tombo a El-Rei D. Manoel. Augmentou-o consideravelmente, deu lhe melhor ordem, mandou copiar em livros de pergaminho, com boa letra e lindas illuminuras, os documentos e outros manuscriptos de lettra antiga, de difficil leitura, que ali se guardam a par de varias obras de muita ulilidade na resolução de certas questões e duvidas, taes como o *Livro das*

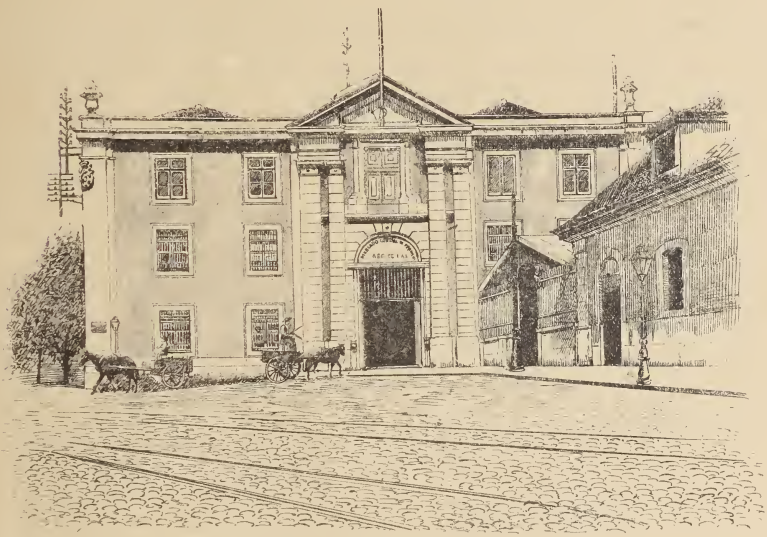
248 — O mercado da Ribeira Nova

cidades e villas de Portugal, que foi feito pelo celebre illuminador Duarte de Armas, e *Livro dos brazões da nobreza do Reino*, como os que mandou pintar no tecto de uma sala dos Paços de Cintra.

Reinando seu filho El-Rei D. João III, succedeu a desgraça de se atear fogo no archivo. Apesar de acudir muita gente a salvar os livros e papeis que elle continha, houve consideravel perda de documentos. O edificio ficou destruido interiormente, restando só as quatro paredes da torre. Foi então destinada para o receber uma das torres do Castello de S. Jorge. Esta torre fazia parte da cêrca interior, que constituia a antiga cidadela mourisca, cuja maior parte ainda existe de pé com algumas das torres que a flanqueavam, apenas despojadas da sua corôa de ameias. A Torre do Tombo erguia se no lanço de muros do lado de oeste, a pouca distancia do Paço das Alcaçovas, que ficava encostado ao mesmo lanço, tendo sobre elle as janellas do seu andar nobre.

El-Rei D. João V encarregou da nova reforma do archivo o General e Engenheiro mór do Reino Manoel da Maia. Mas havia pouco tempo que esse laborioso funccionario tinha conseguido pôr em boa ordem este cartorio, quando se deu o grande terremoto. O Castello de S. Jorge foi um dos logares da cidade que mais padeceram. O Paço das

Alcaçovas, a Torre Albarrã ou Alvarrã onde outr'ora se guardava o thesouro real; a Egreja de Santa Cruz e todas as ruas e casas d'esta parochia, dentro dos muros do Castello, e toda esta fortaleza, exceptuando uma parte da cidadela mourisca, ficaram reduzidas a um montão de ruinas. Foi nestas circumstancias afflictivas que, como já referimos, Manoel da Maia deu prova cabal do seu zelo e actividade, não menos que da sua intelligencia. Graças ao seu esforço, foram salvos todos os livros e documentos do archivo. Depois de se tirarem, com muito trabalho e difficuldade, de entre a derrocada, foram conduzidos para uma casa de madeira, construida á pressa com os destroços da propria torre, na praça de armas do Castello. Quasi dois annos permaneceu o archivo nessa barraca, apenas capaz para o conter confusamente e o abrigar da chuva. Tal era o



249 — Mercado Central de Productos Agricolas

triste estado da cidade, que, apezar das assiduas diligencias de Manoel da Maia, só em fins de Agosto de 1757 é que foi possivel arranjar acomodação conveniente. Nos ultimos dias d aquelle mez, fez-se a mudança de todo o cartorio para o Convento de S. Bento da Saude, pertencente aos monges benedictinos. Ahi foi collocado em dois pavimentos inferiores do andar nobre, no angulo do lado sul, com entrada pela Calçada da Estrella.

Quando se restabeleceu em Lisboa o regimen representativo com o governo de D. Maria II, em 1833, ficaram abandonados todos ou quasi todos os cartorios de justiça nesta cidade, pela ausencia ou fuga dos seus respectivos escrivães. D. Pedro, Regente do Reino, querendo obstar a quaesquer extravios de processos, ordenou que todos esses cartorios fossem conduzidos para a Torre do Tombo, onde ficaram arrecadados em confusão. Só muito mais tarde se começou a introduzir alguma luz e ordem nesse verdadeiro cahos.

Em 1862 se determinou que fossem transferidos para o Tombo todos os cartorios das corporações religiosas, ficando em perfeita segurança, tanto pelas condições materiaes do edificio como pela sua vigilancia, e onde poderiam ser dispostos de modo conveniente para com facilidade se examinarem os seus documentos e confrontarem os de uns cartorios com os dos outros, no interesse das pessoas estudiosas e no da historia do Reino. Entretanto, uma tal transferencia encontrava alguma difficuldade, sendo a maior a estreiteza do logar para onde se havia de mudar tantos e tão antigos cartorios e muitos d'elles tão copiosos. Além d'isso, não tinha o edificio occupado pelo archivo da Torre do Tombo as outras condições indispensaveis para um tal estabelecimento, pois não bastava a segurança contra o fogo. A muita espessura das paredes e a pouca elevação das abobadas faziam as casas humidas e nocivas á conservação de tão precioso deposito, e tambem prejudiciaes á saude dos empregados a quem era confiada a sua guarda e administração. Fôra para ali provisoriamente, attendendo ao aperto das circumstancias e á falta de melhores acomodações; mas assim se conservou o archivo naquella casa por mais de um seculo, pagando o Governo 600$000 réis de renda aos frades benedictinos até á extincção das ordens religiosas, e ainda lá estaria, se não fossem as representações e instancias do seu Guarda-mór Antonio de Oliveira Marreca, modelo dos bons servidores do Estado, o qual obteve auctorisação para se fazer a mudança do archivo para a outra extremidade, norte e leste, do extincto convento, presentemente Palacio das Côrtes. Ficou o archivo acomodado com muita largueza nesta parte do edificio, onde tem grandes salas, estensos e largos corredores, outr'ora dormitorios, tudo de abobada, bem ventilado e com boa exposição. Fizeram-se as obras necessarias para a conveniente collocação e conservação do archivo, taes como sobrados, onde o pavimento era de tijolo, estantes com que se guarneceram os corredores, e grande quantidade de caixas de folha de Flandres, pintadas interiormente com um oleo preservativo, nas quaes se guardam os documentos de mais valia.

Contém a Torre do Tombo as doações regias, privilegios, leis, testamentos dos Reis, contractos matrimoniaes, tratados com as potencias estrangeiras, bulas apostolicas, correspondencias dos Reis, Principes, Pontifices e Embaixadores, decretos de mercês, etc.; e, além d'esses documentos, muitos livros curiosos e de merecimento artistico, entre os quaes os quarenta e nove volumes da *Reforma de El-Rei D. Manoel;* os *Livros mysticos* d'este mesmo Soberano; o livro chamado *Mestre das Sentenças;* o *Livro da Armaria* mandado fazer pelo mesmo Rei, com grandes estampas das fortalezas do Reino, feito á penna com admiravel perfeição por Duarte de Armas e illuminado por Frei Simão de S. José, religioso paulista da Congregação da Serra de Ossa; os livros de reza de El-Rei D. Duarte e da Rainha D. Catharina; a celebre *Biblia dos Jeronimos,* e outros em que se admiram excellentes miniaturas.

Os documentos, codices, papeis e livros existentes no Real Archivo da Torre do Tombo, são divididos nas seguintes secções: historica, administrativa e contenciosa, legislativa e judiciaria, literaria, e bibliotheca.

A secção historica conserva as peças manuscriptas que, especialmente, se referem á historia politica, militar e religiosa de Portugal e suas colonias, as cartas, cartularios, bulas, livros genealogicos, sellos historicos ou seus modelos, e tudo quanto especialmente tem o caracter historico.

A secção administrativa e contenciosa conserva tudo que, manuscripto, se refere á administração financeira e economica, como chancelarias, diplomas emanados das secretarias da Puridade, do Desembargo do Paço, da Real Mesa Censoria, tombos da Casa do Infantado e das antigas commendas, livros das Alfandegas, cobrança de impostos, Casa da India, e todos quantos se relacionam com administração e contencioso.

A secção legislativa e judiciaria conserva as leis e tratados não só da antiga Mo-

narchia, como as leis e actos das Côrtes politicas desde 1820 para cá, e autographos de todas as leis publicadas a partir d'aquella epoca.

Na secção literaria teem cabimento todas as peças manuscriptas de caracter puramente literario, incluindo remissões dos pareceres da Real Mesa.

E' franca a leitura e extracto de documentos, codices e mais papeis cujas datas vão até 1500, e sujeita á permissão do Director a leitura dos que estiverem comprehendidos entre 1501 a 1800, salvo os que se referirem a assumptos diplomaticos, ultramarinos e coloniaes, cuja permissão dependerá do Bibliothecario-mór.

A copia d'estes documentos, codices e mais papeis é dependente do despacho ministerial sob a informação do Bibliothecario-mór, e depende tambem de licença do respectivo Ministro a leitura ou copia de qualquer documento, codice ou papel, a contar de 1801, com excepção dos legislativos, que são francos. Estas concessões e prohibições são revistas todos os vinte e cinco annos.

E' prohibida a leitura e copia de qualquer peça que se referir a individualidades, quando sobre a data da peça em questão não tenham ainda decorrido sessenta annos, e bem assim de qualquer especie de indole reservada.

Os papeis ou documentos que se refiram a familias ainda existentes, e que tenham apenas um interesse particular, só poderão ser communicados com auctorisação dos representantes d'essas familias.

Antes de instituida a Impressão Régia, os livros e documentos officiaes eram impressos em officinas particulares que gozavam de licença especial para esse fim. Entre essas typographias contavam-se as dos impressores régios Lourenço de Anvers, Antonio Alvares, Antonio Correia Lemos, Pedro Ferreira e ainda outros.

Foi o grande Ministro de D. José I, o Conde de Oeiras, quem pelo alvará de 24 de Dezembro de 1768 creou a Impressão Régia, que desde logo ficou sendo conhecida pela denominação de Régia Officina Typographica. O fim d'esta instituição, segundo enuncia o alvará, foi o de «animar as letras e levantar um estabelecimento util ao publico pelas suas producções e digno da capital d'estes reinos.» Essa imprensa serviria ao mesmo tempo de escola á arte typographica, então em grande decadencia no nosso paiz, e de officina privativa de todas as artes officiaes dimanadas dos poderes publicos.

Foi a Impressão Régia estabelecida ao Collegio dos Nobres, na Travessa do Marquez de Pombal, ou simplesmente Travessa do Pombal, actualmente denominada Rua da Imprensa Nacional. Localisou-se no palacio de D. Rodrigo de Noronha; mas em 1816, representando aos poderes publicos o Administrador Annes da Costa quanto estava ali sendo difficil o funccionamento de todas a officinas e dependencias da Imprensa, e a vantagem de quanto mais depressa possivel se fazerem obras de alargamento, o Governo entrou em ajustes com os senhorios do palacio, conseguindo adquirir a compra da propriedade. O edificio ficou vasto e acomodado a todas as officinas, com o desenvolvimento que reclamava.

Convém notar que, antes da creação da Impressão Régia, já em Lisboa existia uma fabrica de fundição de caracteres typographicos, do qual a historia mal nos deixa vestigios. Havia sido fundada por um Jean Villeneuve, subdito francez, impressor da Academia Real de Historia Portugueza, que depois a passou ao Estado, ficando essa officina debaixo da jurisdição da Junta do Commercio. Era situada na casa da Confraria do Espirito Santo da Pedreira, e ali esteve até 1768, em que por alvará foi ordenado se anexasse á Impressão Régia. O mesmo alvará tambem determinava que naquelle estabelecimento houvesse um abridor de estampas, com tres aprendizes, para assim melhor se aperfeiçoar a arte de gravura em Portugal.

A invenção da imprensa ou, para melhor dizer, da typographia, anda pelos annos de 1450 a 1455. Moguncia foi a primeira cidade que d'ella fez uso, seguindo-se lhe outras cidades da Allemanha e da Italia. Suppõe se geralmente que na peninsula hispanica se introduziu a arte typographica seis a nove annos depois da sua invenção. Cabe a Leiria a gloria de ter sido a primeira cidade da peninsula a primeira que recebeu a typographia, nove annos depois de inventada a famosa arte. Depois Leiria, de Braga e Lisboa foram as primeiras cidades que a adoptaram.

250 — Egreja da Encarnação

Mais tarde El-Rei D. Manoel procurou augmentar, tanto quanto possivel, a arte de imprimir em Portugal no começo do seculo XVI, mandando vir da Allemanha o impressor Jacobo Croberguer, ou Cromberger, e concedendo a elle e aos impressores portuguezes grandes privilegios, entre os quaes avultava os de cavalleiro da Casa Real.

Debaixo da benefica protecção d'aquelle grande Rei e seus successores, a arte typographica adquiriu nos seculos XVI e XVII extraordinario incremento, havendo impressores de grande nomeada, e que produziram trabalhos esplendidos, como Jacobo Cromberger, Valentino Fernandes, Herman de Campos, João Hempis, João Blavio, Germano Galharde, João Pedro Bomhomini, Luiz Rodrigues, Luiz Correia, Antonio Alvares, André de Burges, Antonio Barreira e João Barreira, Antonio Gonçalves, Antonio Mariz,

Antonio Ribeiro, Francisco Correia, Germão de Campos, Germão Galharde, João Alvares, Manuel da Lyra, Pedro Craesbeck, Ventura Fernandes, Vicente Fernandes Pires e tantos outros evidenceiam os progressos da arte de imprimir realisados no nosso paiz e mostram quanto elle aproveitou com as lições dos mestres allemães.

Alguns d'estes artistas grangearam o privilegio de impressores régios, taes como Antonio Ribeiro, João Barreira, Lourenço de Anvers, Lourenço Craesbeck, Miguel Deslandes, e os impressores da *Gazeta de Lisboa* Antonio Alvares Domingos Lopes Rosa, Correia de Lemos, Pedro Ferreira.

Vieram depois as reformas dos estudos publicos e com ellas a necessidade da creação de uma imprensa por conta do Estado.

251 — Alfandega de Lisboa

O Marquez de Pombal, então Conde de Oeiras, com o seu grande genio reformador e larga iniciativa emprehendendo a reforma da Universidade, a creação do Collegio dos Nobres, da Aula do Commercio, e tantas outras nos estudos civis e militares, não podia descurar o desenvolvimento da arte de imprimir por meio d'uma escola pratica protegida pelo Estado, e a Impressão Régia brotou do meio de todas aquellas reformas. Cerca de um anno depois da instituição d'este util estabelecimento, appareceu o decreto mandando que lhe fosse anexado o fabrico das cartas de jogar com privilegio exclusivo, dando-se por extincto no fim d'esse mez o contracto feito com André Faria Rocha, associado com Lourenço Soleno, fabricante de papelão, cartas de jogar, etc.

252 — Assadeira de castanhas

Grandes rendimentos deu á Imprensa Nacional este privilegio até 1832, em que pelo decreto de 10 de Outubro foi extincto.

Deve notar-se — di-lo Firmo Pereira Marecos no seu luminoso Relatorio — «que esta fabrica foi, até á extincção do privilegio respectivo, uma fonte perenne de pingues rendimentos para o estabele-

cimento, com os quaes não só satisfez pontualmente os encargos do monopolio, como auxiliou a Fabrica de sedas com grandes sommas e occorreu á enorme despeza de avultado numero de obras mandadas fazer e não pagas pelas Secretarias de Estado.»

Quatro dias depois da instituição da Regia Officina Typographica, como então se lhe ficou chamando, foi a sua administração cometida a uma junta com o nome de Conferencia. Essa junta era composta de um Director geral, um Thesoureiro e um Administrador technico. Para este ultimo logar foi nomeado o celebre impressor do Santo Officio Miguel Manescal da Costa, e para Director Nicolau Plagiarini.

Em 1778 foi promovido a Director da Imprensa o Desembargador Domingos de Gamboa e Liz, já a esse tempo dirigindo a Fabrica de cartas de jogar.

Por carta de lei passou depois a Impressão Régia a ser dirigida pela Commissão Geral para o Exame e Censura dos Livros, continuando todavia a subsistir a Conferencia, sob a presidencia do Administrador technico Manescal da Costa.

Em 1794, reinando D. Maria I, a Impressão Régia foi posta sob a immediata direcção da Presidencia do Real Erario, mas fallecendo em 1801 o Administrador Manescal, a Junta conferente foi extincta, sendo creada em seu logar a Junta Administrativa Economica e Literaria, composta de um Director geral Domingos Monteiro de Albuquerque e Amaral, e quatro Directores literarios — Custodio José de Oliveira, Joaquim José da Costa e Sá, Hipolito José da Costa e Frei José Mariano da Conceição Velozo. Este ultimo havia sido director da Typographia Chalcographica Typoplastica e Literaria, creada em 1800, sob os auspicios de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, installada com os possiveis melhoramentos mas muito deficiente, em uns casebres ao Arco do Cego, e depois incorporada na Impressão Régia.

Esta Junta pouco notavel se tornou, devendo-se a ella unicamente a iniciativa da fundação de uma fabrica de papel, junto ao rio de Alemquer, fabrica que começou a funccionar em 1802 creando uma nova e muito prometedora industria em Portugal. Infelizmente, quando esse estabelecimento começava a corresponder á espectativa e a prosperar, deu-se a invasão franceza, sendo quasi todo destruido.

Havia esta fabrica sido fundada sob o patrocinio do Governo por uma empreza de capitalistas. Destruida, foram as suas ruinas postas em hasta publica, em 1851, sendo compradas por uma nova companhia, que tratou de dar á industria do papel o devido desenvolvimento, e tanto, que aquella fabrica se considerou das melhores do Reino.

Em 1810 a Junta administrativa da Impressão Regia, que mal soube administrar por falta de uniformidade de idéas e de execução, foi extincta, creando-se em seu logar o cargo de Administrador geral na pessoa de Joaquim Antonio Xavier Annes da Costa, então official da Secretaria dos Negocios da Fazenda.

Os grandes serviços que este zelozo funccionario prestou veem descriptos no Relatorio de Firmo Marecos, que lhe põe em relevo o talento e não vulgar energia. Era elle muito affecto ao partido anti-constitucional e por isso a revolução politica, que imprevista e subitamente se manifestou em todo o Reino, derribando o absolutismo, veiu demittir o laborioso funccionario, fazendo-o substituir pelo liberal Luiz de Lemos Figueiredo, que tambem era official da Secretaria dos Negocios da Fazenda.

Pelo restabelecimento dos inauferiveis direitos e quéda da Constituição em 1823, Annes da Costa foi reintegrado no seu logar, dirigindo de novo a Impressão Régia, o que fez até 24 de Julho de 1833, dia em que as tropas constitucionaes entraram em Lisboa.

Os rendimentos da Régia Officina Typographica durante o tempo da esclarecida administração de Annes da Costa augmentaram progressivamente, devendo aliás notar-se que foi durante esse tempo que naquelle estabelecimento se extinguiu o exclusivo do fabrico e venda de cartas de jogar, do que a Imprensa tirava para cima de 30:000$000 réis annuaes e o Thesouro cerca de 6:000$000 réis.

Deposto pela politica aquelle funccionario, a cujos merecimentos os proprios constitucionaes fizeram justiça, foi nomeado para o substituir Rodrigo da Fonseca Magalhães, que só dirigiu o estabelecimento dois annos. Parece que foi durante a sua gerencia que a Impressão Régia tomou o nome de Imprensa Nacional.

Em 1835, sendo nomeado Ministro do Reino Rodrigo da Fonseca Magalhães, foi chamado a dirigir a Imprensa Nacional Antonio de Oliveira Marreca, mas pouco depois, pela queda do ministerio, Oliveira Marreca foi exonerado sob o pretexto de má administração, segundo a letra do decreto que o exonerou, passando a Imprensa Nacional a ser administrada por uma Commissão composta do jornalista José Liberato Freire de Carvalho, João Vieira Caldas, Gaspar José Marques e Augusto Zacharias Loforte. Dissolvida esta commissão em 1836, foi restabelecido o logar de Administrador geral e nelle novamente provido Oliveira Marreca; mas trez mezes depois pediu elle a sua exoneração, indo substitui-lo José Liberato Freire de Carvalho.

Se mal estavam os negocios da administração da Imprenssa Nacional, peior ficaram. José Liberato estava já a esse tempo com muitos annos, cançado e gasto. Entretanto foi durante a sua administração que na Imprensa Nacional se introduziu a lithographia, destinada á estampagem das cartas de jogar que primitivamente era feita pela gravura em madeira. Tendo aquelle celebre jornalista obtido a sua reforma, a Imprensa Nacional passou a ser dirigida por José Frederico Pereira Marecos, e depois do fallecimento d'este, em 1844, pelo seu irmão Firmo Augusto Pereira Marecos.

No desempenho do seu cargo foram elles ao Estrangeiro estudar, em duas longas viagens, tudo quanto pelos paizes mais civilisados houvesse sido adoptado de melhor na arte typographica, e na arte de imprimir.

Pelo fallecimento de Firmo Augusto Pereira Marecos foi nomeado o Snr. Venancio Augusto Deslandes para o cargo de Administrador da Imprensa Nacional, que é hoje não só o melhor estabelecimento do seu genero no nosso paiz, mas ainda eguala aos mais afamados dos paizes estrangeiros.

São dignos de serem vistos a sua grande prensa hydraulica, a prensa de parafuso para assetinagem do papel impresso, a machina de lustrar o papel antes de se imprimir, a sua potente machina a vapor, o seu prelo mecanico de dois cylindros que imprimem 1.000 folhas por hora, os seus prelos columbianos de Saveaux, as suas prensas de Stanhope, o seu excellente timpano graduado para estampagem a côres, as guilhotinas para aparar livros, as machinas para os traços nas encadernações, os moldes de mil formas e feitios, as machinas de fundir e dos ponções, a de clinchar, a de crenear, a de chanfrar e a de rebarbar, a serra mecanica, a machina de furar, a de fieira, etc., etc.

Entrar na vasta officina typographica, na lithographia, na estamparia; passar á officina das cartas de jogar, á de gravura, á da fundição de typos; descer ás officinas de serralheria; vêr tudo a funccionar ali em dias de grande faina, é admiravel.

O pessoal é numerosissimo e bem industriado. Só ali são admittidos como officiaes as primeiras capacidades artisticas no genero graphico; tudo quanto d'ali sae não póde ser excedido em nitidez, não póde ser mais perfeito tudo quanto a typographia e lithographia aliadas, a pani-conographia e chromo-lithographia, a stereotypia e a gravura nos seus differentes processos pódem produzir de mais bello, de mais completo.

Foi nos mosteiros e nas sés, no tempo em que os conegos viviam em communidade, que teve principio entre nós o estabelecimento de bibliothecas. Crê-se ter sido no Mosteiro de Alcobaça que se creou a primeira livraria que houve em Portugal. Nenhum convento do Reino possuia uma tão copiosa collecção de livros manuscriptos como aquelle mosteiro. Os seus preciosos codices, segundo o catalogo impresso em 1775, excediam o numero de 400. Entre elles havia muitas obras raras, de grande importancia,

e tambem de bastante merecimento artistico, pela muito notavel perfeição da letra e pela belleza e primor das illuminuras.

Pela extincção das ordens religiosas houve muitos extravios na rica livraria de Alcobaça. O vandalismo não poupou a soberba collecção dos codices. O que escapou á rapina e á destruição, foi conduzido para Lisboa, e depositado na Bibliotheca Publica, onde se conserva em sala propria, denominada—dos Codices de Alcobaça.

Não tardaram os bispos a seguir o exemplo dos frades nesta diligencia de colligir livros e formar bibliothecas, mas decorreram dois seculos sem que se encontrasse um livro de sciencia ou de literatura, fóra dos conventos, das sés, e dos paços episcopaes.

253 — Reservatorio das aguas de Lisboa

Em Lisboa, foi no Paço dos Reis que existiu a primeira livraria, em recinto não sagrado. No Convento da Cartucha, junto da cidade de Evora, existia entre muitos manuscriptos importantes para a historia das letras em Portugal um codice de grande apreço e rarissimo, no qual estavam compiladas todas as obras miudas, escriptas por El-Rei D. Duarte, taes como instrucções ácerca da expedicção de Tanger, dadas a seus irmãos, os Infantes D. Henrique e D. Fernando; observações astronomicas; conselhos aos traductores, indicando as diversas condições que constituem uma boa traducção; lembrança dos dias em que nasceram seus filhos, etc. Tambem continha esse codice um catalogo muito curioso, intitulado — *Memoria dos livros de uso de El Rei D. Duarte.*

O exemplo dado por D. Duarte foi seguido louvavelmente por seu filho, El-Rei D. Affonso V, que tambem amou e protegeu as letras, mas neste empenho foi mais feliz que seu pae, porque lhe veiu em auxilio a invenção da Imprensa. Augmentou consideravelmente a livraria real com muitos volumes manuscriptos e com boa copia de exemplares dos primeiros livros que se imprimiram na cidade de Moguncia, por meiado do

seculo XV. Foi nos Paços de Evora que estabeleceu a sua livraria, gastando com isso sommas muito avultadas.

Neste mesmo reinado tiveram começo as primeiras livrarias particulares que houve no Reino. Foram os seus instituidores D. Affonso, 1.º Duque de Bragança, filho natural de El-Rei D. João I, e D. Affonso, Marquez de Valença. Este ultimo, por occasião da viagem que fez á Italia e Allemanha, conduzindo sua prima, a Infanta D. Leonor, irmã de D. Affonso V e então Imperatriz da Allemanha, desposada do Imperador Frederico III, comprou e trouxe, na sua volta para Portugal, muitos livros, uns manuscriptos e outros impressos, e tambem quantidade de objectos de arte e de archeologia. Estabeleceu en-

254 — Chafariz da Mãe d'Agua

tão a livraria no seu Palacio do Rocio, situado no lado norte da praça, quasi a par dos Paços dos Estáos. As duas livrarias vieram a reunir-se, mais tarde, nos Paços novos de Villa Viçosa, em tempo de D. Theodozio, 5.º Duque de Bragança. Esta bibliotheca, muito augmentada pelos Duques D. João I e D. Theodosio II, foi transportada para Lisboa em 1641 por ordem do Duque D. João II, já então aclamado Rei de Portugal. Teve-se em vista com esta transferencia evitar que caisse em poder dos castelhanos, que ameaçaram saquear e incendiar o Paço de Villa Viçosa. Mas antes lá tivesse ficado, porque os castelhanos não levaram a effeito a ameaça, e a livraria, collocada no Paço dos Duques de Bragança em Lisboa, ahi foi destruida pelo terremoto de 1755.

No seculo XVI, reinando D. João III, seu irmão mais novo, o Infante D. Fernando, juntou uma copiosa livraria sobre historia, que era estudo da sua predilecção. Quasi todos os livros foram comprados em Flandres pelo celebre chronista Damião de Goes, a quem encarregara d'essa diligencia. D. Fernando deixou por herdeiro da sua livraria a D. João III. Assim veiu ella a incorporar-se na bibliotheca do Soberano.

O impulso dado ás letras no seculo XVIII, já por actos governativos, já por meio

das academias e sociedades literarias e scientificas, que em todo esse periodo se organisaram, produziu a creação de novas bibliothecas, consideravel e rapido augmento de muitas já então creadas, e por fim o pensamento da fundação de uma que especialmente fôsse destinada ao uso publico.

Na primeira metade do seculo fundou El-Rei D. João V as magnificas livrarias dos Conventos de Mafra e das Necessidades; edificou nova e grandiosa casa para a da Universidade de Coimbra, mandando-lhe adquirir no Estrangeiro grande quantidade de livros; e fez da pequena livraria dos Reis, seus predecessores, uma das maiores e mais ricas bibliothecas da Europa. Incitado pelo fervor com que se estreou na cultura das letras patrias a Academia Real de Historia Portugueza, instituida em 1720, resolveu dar á Bibliotheca real todo o desenvolvimento e esplendor que lhe fosse possivel. Encarregou os commerciantes de livros Gendron e Reycend de mandarem vir para o Paço o maior numero que podessem obter de obras impressas e manuscriptas, nacionaes e estrangeiras. E ao mesmo tempo enviava de Lisboa para as principaes cidades da Europa numerosos amanuenses e paleographos, incumbidos de visitar as mais celebres livrarias, e de tirar copias dos manuscriptos importantes e raros que nellas encontrassem, sobretudo os que dissessem respeito a Portugal. Levou muitos annos este trabalho, não obstante os governos dos respectivos estados se esmerarem em facilita-los. Por este meio vieram para Lisboa, principalmente das bibliothecas reaes de Paris e de Londres, copias de numerosissimas obras originaes portuguezas, muitas d'ellas bem importantes para a historia nacional.

Para acomodação d'esta livraria fizeram-se grandes obras nos Paços da Ribeira, como já vimos, e onde occupava differentes salas, sendo uma de notavel vastidão, e todas guarnecidas de magnificas estantes, das melhores madeiras do Brazil, ornamentando-as esculpturas relevadas de muito primor. Nesse tempo havia em Lisboa eximios entalhadores, de que dão testemunho os templos que escaparam ao terremoto, as galeotas e os coches aqui fabricados. Infelizmente, perdeu-se a maior parte d'aquella preciosissima livraria, por effeito do terremoto. Os livros que foi possivel recolher intactos das ruinas do edificio e do incendio, foram constituir a bibliotheca do Paço da Ajuda, que ainda ficou rica em manuscriptos.

A segunda metade do seculo XVIII não foi menos propicia ao desenvolvimento d'este importante ramo da instrucção publica. Não sómente em Lisboa, mas tambem em muitas outras localidades, fundaram-se valiosas livrarias e augmentaram-se consideravelmente algumas já existentes. Reorganisou-se a Bibliotheca real primeiramente com os livros que escaparam do terremoto, depois com muitas obras impressas e manuscriptas que tinham pertencido aos jesuitas, cujos bens, pela extincção de 1759 se achavam incorporados na Corôa; ao diante com a livraria da Real Mesa Censoria, e mais tarde com algumas novas acquisições feitas por ordem de El-Rei D. José I e da Rainha D. Maria I. D'este modo tornou a Bibliotheca da Ajuda, não ao que fôra nos seus tempos prosperos, mas a occupar outra vez o primeiro logar entre as que desfructavam no Reino fama de mais copiosas e selectas.

Sobreveio porém a invasão franceza de 1807; e a partida da Familia Real para o Brazil, fugindo ao inimigo já ás portas de Lisboa, foi como um novo cataclismo para aquella livraria. O Principe Regente, na proclamação em que se despediu dos seus subditos de Portugal, promettera regressar logo que se concluisse a paz geral; mas quando esta ficou bem assegurada pelo desterro de Napoleão I para Santa Helena, tanto se agradára d'aquelle paiz, que já não pensava no cumprimento da promessa, antes cogitava com assiduo cuidado no meio de engrandecer e dar esplendor á sua nova côrte. Levado d'estas idéas, mandou transportar para o Rio de Janeiro quasi toda a livraria da Ajuda. A revolução de 1820, que implantou a liberdade em Portugal, obri-

gou-o a voltar á Europa. Algum tempo depois do seu regresso a Lisboa, tratou se da restituição da livraria á sua antiga séde. Apresentaram-se não poucas difficuldades a essa restituição, e taes ellas foram que, apesar de diligencias e esforços, apenas vieram alguns livros impressos e uma parte dos manuscriptos. Com o que ficara em Lisboa e com o que foi restituido reorganisou-se a desbaratada Bibliotheca da Ajuda. Depois teve bastante augmento, pelo fallecimento da Rainha D. Carlota Joaquina de Bourbon, e da Princeza do Brazil, D. Maria Francisca Benedicta, com as livrarias que lhes tinham pertencido. Foi seu bibliothecario o grande historiador Alexandre Herculano. Hoje é o Snr. Ramalho Ortigão quem desempenha esse logar.

Foi tambem na segunda metade do seculo XVIII que attingiram o seu maior desenvolvimento as livrarias episcopaes e conventuaes; e entre ellas eram mais notaveis as dos Conventos de Jesus e de S. Vicente em Lisboa, aquella com 32.000 volumes e esta com 22.000. Aqui se crearam tambem importantes livrarias particulares. A dos Condes de S. Lourenço, que já era numerosa, tomou maior vulto, e tornou-se riquissima em manuscriptos de historia nacional. A da casa de Lafões, á qual o Cardeal Arcebispo de Lisboa legara os seus 30.000 volumes, foi consideravelmente augmentada pelo Duque D. João de Bragança com a preciosa collecção de obras impressas e manuscriptas, além de uma grande collecção de objectos de arte e de archeologia, que trouxe para Lisboa das suas longas viagens por toda a Europa, Egypto e Syria.

Fechou se o secuto XVIII com a fundação de duas importantes bibliothecas em Lisboa: a da Academia Real das Sciencias e a Bibliotheca Publica.

Voltando á patria o Duque de Lafões D. João de Bragança em 1779, depois de muitos annos de viagens, em que se relacionou e praticou com os mais distinctos sabios da Europa, intentou crear em Lisboa uma Academia de Sciencias.

Quando o Duque de Lafões se recolhia a Portugal, ouviu falar com merecido louvor do Abbade José Corrêa da Serra, que então vivia em Roma. Tendo-se o Duque relacionado com o eruditissimo Serra e recolhendo ambos ao Reino em 1779, trataram da creação d'uma corporação scientifica e literaria que se consagrasse ao estudo e desenvolvimento de todos os ramos do saber humano. Lidou muito nesse empenho o esclarecido Principe, e foi poderosamente coadjuvado pelo Abbade a quem muito protegia, hospedando-o no seu proprio palacio e dando-lhe uma pensão. Em 1779 conseguiu o Duque reunir um certo numero de homens que fizeram como que o nucleo da nova Academia, e com estes e o Abbade Serra elaborou um plano de estatutos.

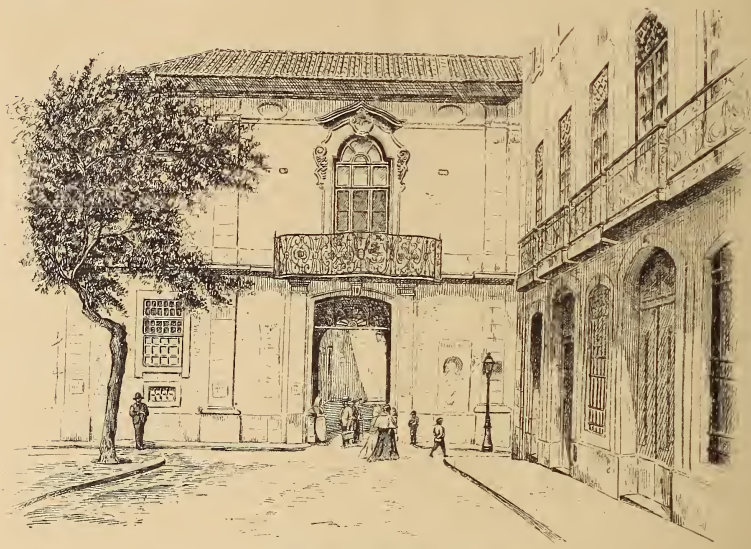
Por esse plano, que veiu em grande parte a vigorar, a Academia das Sciencias era consagrada á gloria e felicidade publica para adeantamento da instrucção nacional, perfeição das sciencias, das artes, e augmento da industria popular. As sciencias foram divididas em duas classes, pertencendo á primeira indagar a qualidade, lei e propriedade dos corpos por meio da observação e da analyse, os effeitos e novas propriedades que resultam da combinação de uns com outros, e o como e porque dos phenomenos naturaes. Esta classe comprehendia pois a meteorologia, a chimica, a anatomia e a historia natural de todos os corpos. Aos membros da segunda classe de sciencias pertencia estudar as relações e propriedades da grandesa, tanto em geral como em particular, sendo pois distribuidas a esta classe a arithmetica, a geometria, a mecanica, a astronomia, etc. As bellas letras formaram a terceira classe, a qual se devia aplicar particularmente aos varios ramos da literatura portugueza.

Cada uma d'estas tres classes devia contar oito socios effectivos, que tinham obrigação de residir uma parte do anno em Lisboa. Podiam porém exceptuar-se dois em cada classe para serem tirados do corpo da Universidade ou dos professores publicos, os quaes, ainda que quasi sempre ausentes, poderiam acreditar muito a Academia com as suas obras, e serem consultados em todos os casos que lhes pertencessem. Além dos

socios effectivos podia tambem a Academia receber supranumerarios, e tanto uns como outros deveriam apresentar todos os annos uma memoria, ou algum outro testemunho da sua aplicação. Só porém pertencia aos primeiros o governo economico da sociedade, e a autoridade de julgar em todos os casos que a ella pertencessem.

Eram tambem contadas como socios honorarios as pessoas condecoradas com as maiores dignidades e empregos do Estado não excedendo o seu numero a doze; podia tambem fóra d'este numero ser eleito extraordinariamente algum soberano ou principe estrangeiro.

Os estrangeiros distinctos pela sua illustração e, notaveis pelas suas obras, poderiam ser socios, conservando-se ainda o mesmo numero de doze. Havia mais os socios correspondentes.



255 — Edificio do Lyceu, no Largo do Carmo

Nos primitivos estatutos, dispunha-se que poderia a Academia receber vinte e quatro alumnos moços, nobres, de doze annos para cima, afim de os dirigir nos estudos, fazendo-os assistir a algumas sessões, e exercitando entre elles a emulação e gosto para as sciencias e para o estudo, sendo sempre preferidos naquella escolha os parentes proximos dos socios. Esta disposição, poucas vezes posta em pratica, foi afinal suprimida, por se reconhecer «que a instrucção elementar que se deve dar aos alumnos depois de doze annos, só propria das academias de ensino, é impraticavel nas de invenção; nem a assistencia ás sessões lhes podia aproveitar sem bons estudos elementares.»

O plano dos estatutos em que convieram os primeiros socios da Academia determinava o seguinte: «Como é grande a distancia que ha desde as observações da natureza até á pratica dos agricultores, officiaes mecanicos e outros membros do corpo civil que ou hão de executar os projectos da Academia ou dar informação das suas casuaes observações, que ás vezes occasionam importantissimos descobrimentos para facultar a communicação entre objectos tão distantes, sem embaraçar toda a Academia,

nas diligencias e investigações continuas as quaes perturbariam muito as outras aplicações, se formará uma Junta ou Commissão para a industria, composta de oito socios

256 — Trapeiras

eleitos de tres em tres annos, por meio da qual cheguem as luzes e cuidados da Academia até aos ultimos ramos da industria popular.» Esta idéa seria utilissima, mas não teve o resultado que era de esperar; e pouco depois acabou sem que d'ella se colhessem as vantagens que os seus iniciadores tinham tido em vista.

Trigozo, na sua *Collecção systhematica das leis e estatutos por que se tem governado a Academia Real das Sciencias de Lisboa*, diz que esta Commissão de industria chegou a estabelecer-se, mas caíu em esquecimento, ou fosse porque não estivesse ainda determinado um plano fixo que a regulasse, ou porque faltaram á Academia os meios para suprir as despezas necessarias, ou porque o projecto vastissimo que a este respeito lhe apresentaram os seus socios italianos, e que ainda hoje se conserva no seu archivo, devia ser ponderado com grande reflexão e oportunamente auxiliado, visto exceder muito as faculdades e poderes de uma sociedade literaria. Além d'essa Commissão segundo diziam os estatutos, poderiam estabelecer-se sempre extraordinariamente todas as mais que se julgassem convenientes para o desempenho e execução dos seus projectos.

Entre os diversos cargos da Academia houve o do Orador, que pouco tempo durou, passando as funcções que lhe eram atribuidas ao Secretario, o qual ficava incumbido

257 — Figado de vaca

de falar e responder em nome da Academia quando o Presidente o não queria fazer.

Pelo assento ou determinação da Academia de 30 de Janeiro de 1789, foi fixado o numero de doze socios supranumerarios ou livres, pois tambem assim se denominaram, para cada classe, resolvendo-se que estes socios tivessem tambem obrigação de residencia em Lisboa salvo os empregados no ensino publico, que tivessem sido anteriormente correspondentes de numero, e nessa qualidade houvessem feito memorias. Resolveu-se mais que os socios supranumerarios fossem chamados a substituir os effectivos residentes, em caso de molestia, ausencia temporaria, etc. Os socios honorarios eram doze, mas depois foi resolvido que neste numero não entrassem os Ministros de Estado e o Patriarcha de Lisboa, que eram considerados socios honorarios natos.

Determinou-se mais tarde que podessem tambem passar a honorarios os socios effectivos que tivessem impedimento alguns annos em rasão do qual não podessem continuar com regularidade nos trabalhos que lhes competissem. Para os socios effectivos que tivessem servido a Academia por muito tempo e com muito prestimo, foram creados dois logares de veteranos em cada classe, sendo desobrigados da assistencia ás assembléas, e gosando todas as preeminencias e direitos de voto.

Por ultimo, a Academia ficou composta de duas classes ambas eguaes em direitos e prerogativas, funccionando independentes uma da outra. Essas classes eram: a primeira de sciencias mathematicas, physicas e naturaes; a segunda de sciencias moraes e politicas, e bellas letras. Cada uma d'estas classes se dividiu em quatro secções, sendo as da primeira classe as sciencias mathematicas, as sciencias phisicas, as sciencias historico-naturaes, as sciencias medicas; e as secções da segunda classe, a literatura, as sciencias moraes e jurisprudencia; as sciencias economicas e administrativas, a historia e archeologia. Cada classe ficou contando vinte socios effectivos, cinco para cada uma das secções, e a Academia ficou sendo sempre presidida por um membro da Familia Real nomeado pela pessoa reinante. Esta disposição vigorava desde os primeiros tempos da Academia. O Duque de Lafões foi, em assembléa de effectivos de 1 de Abril de 1741, eleito por unanimidade seu presidente perpetuo. Depois da morte do Duque foi decidido em assento de 13 de Janeiro de 1810 que se offerecesse a presidencia perpetua da Academia a um principe portuguez, e assim se tem feito sempre.

O actual Presidente é o Senhor D. Carlos I.

Convocara o Duque de Lafões os homens mais notaveis em letras que havia na capital, e com o seu assentimento e auxilio submetteu á Rainha D. Maria I os estatutos da nova Academia, os quaes foram aprovados por alvará de 24 de Dezembro de 1779. Por outra régia resolução de 13 de Maio de 1783 declarou-se a Soberana protectora da Academia, permittindo-lhe o titulo de Real. Para sua dotação foi consignado o producto da terça parte da Loteria, estabelecida por decreto de 18 de Novembro do mesmo anno. Sendo ao diante suspensa essa loteria, foi a dotação fixada em 4:800$000 réis annuaes. Com estes meios deu a Academia Real das Sciencias de Lisboa principio á sua bibliotheca, e com perseverante zêlo a foi augmentando todos os annos.

A Academia, e por conseguinte a sua bibliotheca, ocuparam então diversos edificios, até que logo depois da extincção das ordens religiosas foram estabelecidas definitivamente no extincto Convento de Nossa Senhora de Jesus, que pertenceu á Terceira Ordem regular de S. Francisco.

Por portaria de 23 de Outubro de 1834 determinou a Senhora D. Maria II que a livraria do Convento de Jesus fosse incorporada na da Academia Real das Sciencias, e lhe ficasse desde então pertencendo, conjunctamente com o medalheiro e museu que foram do Padre Mayne. Em virtude, pois, d'esta régia determinação é a bibliotheca d'aquella Academia uma das maiores e mais ricas de Portugal. Conta perto de 50.000 volumes e manuscriptos. Não obstante a anexação, continuaram a estar separadas,

cada uma com o seu catalogo á parte. A antiga bibliotheca da Academia compõe-se de mais de 12.000 volumes, em que avulta uma numerosa e importante collecção de obras scientificas. A livraria do extincto Convento de Jesus é devida na maior parte á liberalidade de D. Frei Manuel do Cenaculo, Bispo de Beja, depois elevado á cadeira archiepiscopal de Evora, e que fôra religioso d'aquelle Convento. Contem 30.000 volumes e mais de 800 manuscriptos.

Foram o Marquez de Ponte de Lima, Ministro da Fazenda e assistente ao despacho, e o Desembargador José de Seabra da Silva, Ministro do Reino, que apresentaram á assignatura da Rainha D. Maria I o alvará de 29 de Fevereiro de 1796, que creou a Real Bibliotheca Publica de Lisboa, sendo dado ao Marquez de Ponte de Lima o cargo de Inspector do novo estabelecimento, e o de Bibliothecario-mór a Antonio Ribeiro dos Santos, Desembargador da Casa da Suplicação e Lente de direito na Universidade de Coimbra. Serviu de fundamento a esta Bibliotheca uma grande quantidade dos livros que pertenceram á Mesa Censoria e ás livrarias dos extinctos conventos dos Jesuitas, e tambem alguns dos que se salvaram do incendio do Paço dos Duques de Bragança em 1755. Depois enriqueceu-se progressivamente durante os vinte annos que aquelle sabio bibliothecario dirigiu o estabelecimento, graças ao seu incansavel desvelo em solicitar do Governo os meios precisos para a compra de livros. Depois, por sua morte lhe legou a rica collecção dos seus manuscriptos inéditos. Antonio Ribeiro dos Santos teve o gosto de vêr a Bibliotheca, creada sob os seus auspicios, composta de mais de 70.000 volumes, em que se comprehendiam as obras dos autores mais notaveis do seculo XVIII, principalmente dos que escreveram em francez, inglez, italiano e allemão.

A Bibliotheca Publica de Lisboa foi depois consideravelmente augmentada e enriquecida com o que havia de melhor e mais raro nas livrarias dos extinctos conventos, e posteriormente com a livraria de D. Francisco de Mello da Camara, muito rica de edições rarissimas, a qual o Governo comprou por 10:000$000 réis. Depois d'isso tem-se feito algumas importantes acquisições no Estrangeiro.

Já vimos que foi estabelecida esta Bibliotheca, pela sua fundação, no andar superior do Palacio da Praça do Commercio do lado occidental. As salas tinham sufficiente capacidade para a quantidade de livros que então as constituiam, mas eram muito baixas e mal serviam á leitura. Sendo necessarias essas salas para acomodação do Thesouro Publico, depois do incendio que em 1836 destruiu o edificio do Rocio em que se achava, foi a Bibliotheca transferida para o Convento de S. Francisco, devoluto pela extincção das ordens religiosas. Com esta mudança ganhou tanto em largueza quanto perdeu em algumas das condições essenciaes a similhantes estabelecimentos. Actualmente tem boas salas destinadas exclusivamente para leitura, e gabinetes reservados para trabalho dos investigadores, o que no primitivo edificio lhe faltava. As estantes dos livros estão collocadas nos antigos dormitorios, extensos, largos e não faltos de luz em geral, mas cujas abobadas, grossas paredes e pavimento de tijolo são muito nocivos á conservação dos livros, pela humidade que concentram no inverno, e pelo muito pó que do tijolo se levanta no verão.

Conta a Bibliotheca Publica 200.000 volumes impressos e 10.000 manuscriptos.

Adornam interiormente este edificio os retratos, pintados a oleo, de muitos varões portuguezes distinctos nas letras, e a estatua da Rainha D. Maria I, esculpida em marmore de Carrara, no anno de 1783, por Faustino José Rodrigues e Feliciano José Lopes, conforme o modelo de Joaquim Machado de Castro. Fôra mandada fazer esta bella estatua pelo primeiro Marquez de Ponte de Lima, com destino á sua quinta de Mafra.

A Bibliotheca tem anexo um pequeno museu de antiguidades, com um medalheiro que contém 24.000 medalhas e moedas nacionaes e estrangeiras.

Entre as muitas e preciosas antiguidades que encerra, a Bibliotheca Nacional pos-

sue a *Santa Biblia* impressa em Moguncia pelo proprio Guttenberg, nos annos de 1454 e 1455. Ali existe tambem a obra — *Collecção dos beija-flores e mais aves de pennas de reflexo metalico*, 2 volumes in folio, a caracteres de oiro sobre magnifico papel, com estampas das aves primorosamente iluminadas, e encadernados com riqueza. Esta obra foi feita em París por ordem de Napoleão I, trabalhando nella os mais distinctos iluminadores da França. Por determinação expressa tiraram-se sómente 4 exemplares, dos quaes Napoleão deu um ao Imperador da Austria, um ao Imperador da Russia, e um ao Rei da Prussia, reservando o ultimo para a sua bibliotheca particular, d'onde foi desencaminhado por occasião da entrada dos exercitos aliados em Paris em 1814; e, passados annos, foi vendida ao Embaixador portuguez, que a comprou por conta do Go-

258 — Um dentista do Rocio

verno para a nossa Bibliotheca Nacional. Em 1837, o Conde de Saint Priest, Ministro francez em Lisboa, reclamou officialmente, com muita efficacia e energia, a restituição d'esta obra; mas teve de desistir por se lhe provar que fôra comprada em leilão publico e annunciado segundo as formalidades da lei.

O Museu de Bellas Artes e Archeologia, instalado no antigo palacio do Marquez de Pombal, ás Janellas Verdes, que o Governo tomou de renda para esse fim, abriu pela primeira vez as suas portas ao publico no dia 12 de Junho de 1884. Annos antes, em 1882, realisara-se no mesmo palacio a exposição de Arte Ornamental, certamen brilhante, ao qual se deve, em parte, a existencia d'este estabelecimento.

A idéa de dotar o paiz com um Museu de Bellas Artes é mais antiga do que em geral se suppõe. Desde longo tempo que os nossos artistas nutriam esse desejo; e a Academia desde a sua fundação teve logo, como uma das mais importantes atribuições, a missão de arrecadar e exercer vigilancia sobre as reliquias de arte e de archeologia,

e de salvar quantas podesse da ruina e da dispersão, fataes no nosso paiz, entre cujos elementos de educação escasseavam os conhecimentos artisticos.

Conseguiu a Academia reunir collecção bastante importante de quadros, desenhos, gravuras, e algumas esculturas, para a qual forneceu largo contingente o espolio dos suprimidos conventos, os de frades principalmente; e esta collecção, ampliada gradualmente pelos esforços zelosos dos successivos inspectores de Bellas Artes, directores e membros da Academia, recebeu durante a gerencia do Marquez de Sousa Holstein notavel incremento. Ao zelo e á poderosa iniciativa d'este fidalgo, efficazmente auxiliado pelo elemento academico, se deve em grande parte a existencia do Museu, e portanto a salvação e conservação, dentro do paiz, de consideravel quantidade de thesouros artisticos.

259 — Largo das Portas do Sol

Foi a collecção de quadros pouco a pouco augmentando, já por meio de donativos importantes, como os de El-Rei D. Fernando, do Visconde de Carvalhido, que por diversas vezes fez doações de quadros á Academia, e outros; já por meio de acquisições successivas e valiosas, figurando entre estas a magnifica collecção dos desenhos do grande Sequeira, um numero importante de quadros provenientes da venda e dispersão da notavel collecção Silva Oeirense, etc. Adquiriu tambem a Academia uma collecção archeologica, que contém exemplares interessantes, e foi-lhe concedido recolher alguns objectos de arte, ourivesaria na maxima parte, provenientes do espolio dos conventos de frades. E assim ia tomando vulto e adquiria vigor a idéa da realisação de um Museu de Bellas Artes, cujo principal obstaculo era a falta de um edificio condigno.

Faleceu entretanto o Marquez de Sousa, sem que lograsse ver realisado o seu empenho, e veiu substitui-lo no exercicio do cargo de Vice-Inspector Delphim Guedes, depois Conde de Almedina. Seguindo dignamente as pisadas do seu antecessor, e vencendo com tenacidade attritos e dificuldades não inferiores áquellas que a cada momento vieram tolher o passo ao Marquez, encontrou porventura ensejo mais favora-

vel, logrando finalmente ver realisada a idéa de uma exposição de Arte Ornamental; e os factos provaram que era sem duvida esse o caminho mais pratico e mais breve para se chegar á fundação do Museu Nacional de Bellas Artes.

E' quasi recente o facto, e deve estar presente ainda na memoria de todos os que se interessam pelas coisas da arte, o exito brilhante d'aquella exposição, pela riqueza da sua instalação, pelo zêlo e actividade e intelligencia de que deram provas os membros da Commissão que a realisou.

Aproveitando-se habilmente algumas das condições favoraveis do sumptuoso edificio da exposição para nelle serem dispostas as collecções da Academia, adaptando-se as vastas salas á instalação da galeria de quadros, acrescentando com depositos as riquezas ali archivadas, conseguiu-se finalmente do Ministro do Reino, que então era Barjona de Freitas, um decreto sancionando a fundação de caracter provisorio, visto que o edificio não era propriedade nacional, de um Museu de Bellas Artes e Archeologia, concedendo se-lhe o pessoal e os meios strictamente indispensaveis.

A galeria dos quadros, as salas ocupadas pelas colleções de arte aplicada ás industrias, e a que contém os desenhos de Sequeira, constituiram no seu conjuncto o andar nobre do edificio e formaram ao todo dezeseis compartimentos, incluindo alguns gabinetes. Do pavimento ao segundo chão foram aproveitadas tres salas bastante espaçosas. Na primeira ficaram exemplares de esculptura, e entre estes algumas obras originaes de artistas portuguezes, modelos de monumentos, mosaicos, etc. A segunda foi reservada á exposição de moldagens reproduzindo esculpturas e decorações architectonicas e alguns restos e fragmentos de estatuaria medieval e da Renascença. Na terceira foram collocados os celebres coches de estado do casamento de D. João V e outras carruagens antigas, alguns arreios, varios tabelos de azulejos hespanhoes e portuguezes, etc.

O numero de quadros da galeria, que se elevava a 400 na occasião da abertura, tem sido augmentado até hoje, já por meio de doações importantes, já pela instalação de alguns recolhidos no espolio dos conventos mais recentemente suprimidos. Outros têm saido das reservas do Museu e da Academia, á medida que vão sendo reparados ou restaurados. Taes fundos de reserva eram importantissimos e continham para cima de 500 quadros; e, posto que houvesse entre elles muita obra de menor importancia, a metade do numero indicado, pelo menos, representava obras de valor, quer artistico quer documental.

A colleção de ceramica continha, na epoca da abertura do Museu, cerca de 380 exemplares de louças, porcelanas e vidros. Esta colleção, apesar da quasi completa ausencia de faianças e majolicas italianas e outras fabricações das grandes epocas da arte ceramica, apresenta no emtanto specimens variados de outras fabricações interessantes, e abunda em loiças hespanholas e portuguezas e em porcelanas orientaes. Inclue tambem alguns vasos antigos, amphoras romanas, etc.

Constituida na sua origem apenas por limitado numero de exemplares, sem duvida alguma importantes, proveniente a maxima parte das sobras da primitiva colleção do falecido Barão de Alcochete, competentissimo amador de faianças, foi sucessivamente ampliada por meio de especimens, já adquiridos, já arrecadados pelo Estado, á medida que iam periodicamente vagando os numerosos conventos de freiras. A venda parcial, em hasta publica, do valiosissimo espolio de El-Rei D. Fernando, facultou ao Estado a acquisição de alguns bons exemplares, entre os quaes figuravam varios especimens nacionaes, que muito contribuiram para o enriquecimento da colleção, a qual actualmente abrange cerca de 230 numeros.

A attenção e o apreço concedidos ás velhas louças portuguezas, constituem entre nós facto recente: datam, por assim dizer, da brilhante exposição de ceramica nacional, realisada no Porto pela Sociedade de Instrucção, em Outubro de 1882. Esse glo-

rioso certamen artistico, dirigido com admiravel methodo pelo erudito quanto infatigavel iniciador da orientação segura dos estudos ácerca das industrias artisticas do passado em Portugal, o Snr. Joaquim de Vasconcellos, concorreu muito para a constituição gradual de colleções serias; mas, ou porque o collecionista portuguez, por ora novato, seja naturalmente sofrego dos seus thesouros, ou pelo facto de não estar por emquanto sufficientemente incutido no animo dos nossos conterraneos o sentimento da conveniencia de organisar colleções publicas, o mais completas e methodicas possivel, onde os artistas da industria possam encontrar sugestões, exemplos uteis e indicações technicas de processos ás vezes caídos em esquecimento, o certo é que o amador, em geral, se mostra pouco dadivoso, e o nosso Museu Nacional, menos afortunado que os de outras nações, aliás menos necessitadas do publico auxilio, não póde, até á data de hoje no que respeita ás suas colleções de arte aplicada, registar qualquer d'esses actos de munificencia, tão frequentes no Estrangeiro, e que tanto concorrem a opulentar outros institutos do mesmo genero.

E' valiosa a colleção de estofos, que occupa uma sala especial, contendo em seus mostruarios alfaias e paramentos riquissimos.

A sala da ourivesaria, uma das mais espaçosas, é de todas aquella em que os objectos estão mais á larga. Não é muito numerosa a colleção, mas contém especimens de subido valor artistico e archeologico, predominando os exemplares de ourivesaria religiosa. Ha ahi uma preciosa colleção de joias, dispostas em dois duplos mostruarios, a qual tem augmentado bastante com exemplares recolhidos nos espolios dos conventos e alguns d'outras proveniencias.

A sala immediata foi reservada ás reproducções galvanoplasticas de objectos de ourivesaria, bronzes, etc., provenientes dos principaes museus e colleções celebres do Estrangeiro, e contém algumas reproducções de obras nacionaes. Foi ali tambem installada uma pequena colleção de vasos e utensilios, em metaes pobres, os quaes, por pouco numerosos, não formaram secção propria. Nesta especialidade tem o Museu recolhido pouco a pouco abundantes exemplares.

Guarnecem as paredes da ultima das salas do andar nobre os quatro celebres carvões de Sequeira e a não menos celebre collecção de retratos dos Deputados de 1820 pelo mesmo auctor, achando-se reunida em dois duplos mostruarios colleção abundante de desenhos, esboços e bosquejos do natural pelo grande desenhista portuguez.

Na historia da pintura portugueza, Sequeira é sem contestação uma das figuras primaciaes. Discipulo da Aula de Desenho fundada em 1781, Domingos Antonio de Sequeira revelou tão notavel disposição para a arte, que não só alcançou numerosos premios, como obteve da familia dos Marquezes de Marialva uma pensão de 300$000 réis annuaes para ir completar em Roma a sua educação artistica. Na Italia, onde esteve de 1788 a 1796, conquistou uma brilhante reputação. Um dos trabalhos que lá executou foi um magnifico tecto representando a Batalha de Ourique.

O meio portuguez não era, decerto, nos ultimos annos do seculo XVIII, sob o governo de D. Maria I ou a regencia do Principe D. João, o mais proprio para animar um artista. Não admira, portanto, que Sequeira se deixasse possuir de tal desanimo, de tão intensa melancolia, que se sentisse attraído pela vida monastica e fosse refugiar-se nas solidões poeticas do Bussaco, e depois nos claustros silenciosos da Cartuxa. Restituiram-no ao mundo e á sua arte as obras do Palacio da Ajuda, que foram, como antes haviam sido as de Mafra, incitamento e escola para muitos artistas. A instancias de D. Rodrigo de Sousa Coutinho, Sequeira foi nomeado em 1802 pintor da Côrte, e incumbido de dirigir os trabalhos de pintura d'aquella nova habitação real.

A partir d'essa data, diversas honras e distincções lhe foram conferidas. Mas o artista sentia-se attraído irresistivelmente por outras capitaes mais cultas, por outras côr-

tes de mais delicado gosto; e em 1823 partiu para Paris, onde se demorou até 1826, e onde pintou, entre outros quadros, o que representa a morte de Camões, o qual figurou na Exposição de 1824, e foi elogiado por Gérard, Granet, Vernet e outros pintores francezes.

Em 1826, Sequeira dirigiu-se para Roma. Ahi executou numerosos quadros, entre elles as bellissimas composições — *Adoração dos Magos*, o *Descimento da Cruz*, a *Ascensão*, *Juizo final*, que foram adquiridas em Roma pelo Duque de Palmella, alguns annos depois da morte do grande artista, ocorrida nessa cidade em 1837.

Existem em Portugal bastantes quadros e desenhos de Sequeira. A colleção de desenhos exposta na sala especial do Museu de Bellas Artes, é em extremo valiosa e interessante. No archivo da Casa de Santo Antonio dos Portuguezes em Roma, conservam-se numerosos e importantes documentos relativos ao talentoso pintor.

260 — Vendedor de refrescos

O mobiliario, que na epoca da instalação pouco avultava, é do nosso Museu de todas as secções aquella que mais desenvolvimento tem tido, e actualmente invade, por assim dizer, todas as salas.

A secção de esculptura tem-se desenvolvido tambem ultimamente pela acquisição de algumas estatuas e bustos, trabalhos de esculptores nacionaes. Ahi foram egualmente recolhidos alguns dos fragmentos de ornamentação architectonica.

Na secção das moldagens e reproducções ha tambem augmento; e pena é que as circumstancias não permittam amplia-la o mais possivel, ficando assim habilitado o Museu em poucos annos, e com despeza relativamente pequena, a fornecer ás escolas de desenho bons modelos, e que por vezes supririam com vantagem muitos dos que o Estado tem importado com destino ás escolas de desenho artistico e industrial.

O peristylo do edificio, e a sala cujo aspecto é monumental, foram tambem aproveitados para expôr estatuas, bustos, moldagens de arte classica, e mosaicos.

Na sala, onde primitivamente estavam quasi que só os coches, foram aproveitadas as paredes para a colocação de armas antigas e exoticas, merecendo especialisar-se a colleção de armas oceanicas, repartidas por dois mostruarios. Foram tambem expostos provisoriamente na mesma sala uma pequena colleção archeologica, alguns exemplares de tapeçaria portugueza, ferragens, etc.

O principal elemento de riqueza do Museu é a série dos quadros, ou paineis quinhentistas e do seculo anterior, em consideravel numero. A colleção de ourivesaria é tambem notabilissima em objectos de valor e de interesse historico.

Quando em seguida á revolução de Setembro o paiz entrou a gosar alguma tranquilidade, e Manuel da Silva Passos poude emfim conceder á vaidade de legislar dictatorialmente as mesmas presumpçosas prerogativas que tanto stigmatisara nos adversarios, com aquella sua critica nem sempre isenta de parcialidade e de paixão, começaram successivamente a aparecer esses diversos decretos em que o incansavel caudilho da

causa popular foi moldando o modo de ser politico-administrativo da sociedade portugueza. Se a materia d'esses decretos nem sempre afirma um conhecimento perfeito das necessidades a que elles pretenderam acudir, se não raro tende a demonstrar que o legislador mais possuia bons desejos do que sciencia de os tornar proficuos, poude deixar

261 — Calceteiros municipaes

supôr, em troca, o sincero proposito que animaria aquelle popularissimo ministro de fazer entrar o seu paiz no gremio das nações cultas.

Foi assim que fundando a Academia de Bellas Artes de Lisboa e a do Porto, e decretando por egual dois Conservatorios de Artes e Officios, Manuel da Silva Passos julgou ter feito quanto era preciso não só para difundir entre os seus compatriotas o gosto pelas bellas-artes, signal infalivel sempre da elevada educação de um povo, mas tambem para promover o adeantamento da industria nacional, necessidade a que tanto convinha que atendessem os dirigentes de um paiz recentemente resuscitado para a vida activa e trabalhadora, que ia ser a caracteristica do extraordinario seculo que passou.

Os Conservatorios de Artes e Officios, se chegaram porém a organisar-se, foi para gosarem de um simulacro de existencia apenas, como a respeito do de Lisboa escrevia em 1858, nos seus *Apontamentos relativos á Instrucção Publica*, João Ferreira de Campos; e na Academia de Bellas Artes de Lisboa, uma das mais sensatas disposições dos primeiros tempos da sua fundação não alcançou jámais cumprimento. Referimo-

262 — Azeite doce e o bom vinagre!

nos a um artigo do decreto, que mandava lithographar e gravar uma collecção selecta e respeitavel dos quadros dos nossos pintores classicos. Os alumnos, que poderiam ter tido á vista, pelo decorrer dos tempos, excellentes modelos para exercitar a mão e desenvolver o gosto, foram por annos e annos lecionados pelas velhas academias vermelhas de Vanloo, substituidas depois pelas lithographias do lapis vistoso, mas incorreto, de Julien. Os operarios e artifices que podiam frequentar, ao domingo só que fosse, os museus dos artefactos jornaleiros, continuaram a ficar privados d'esse poderoso incitamento.

Perdeu-se portanto, por incomprehendida, a verdadeira orientação a dar á actividade artistica de que aquelle ministro pretendera fomentar a acção, e nem elle se demorou no poder o tempo necessario para vêr os resultados da sua obra, e como lh'a executavam, nem os que lhe succederam cuidaram de remediar o desconcerto do primitivo plano.

Assim chegámos ao periodo de expansão, que a paz de successivos lustros nos proporcionou, sem de modo algum nos acharmos preparados para lhe colher os fructos. Atravessámos uma corrente de verdadeira febre constructora, que se alastrou da Avenida da Liberdade até ao novo Bairro do Calvario, e do Bairro Estephania ao Alto do Pina. Simples alvenéus, que em qualquer outra grande capital da Europa se contentariam com os modestos salarios do seu officio, não tendo titulos que os libertassem da trolha e da enxó, ahi os vimos amontoar fortunas, arvorando-se em omnipotentes mestres de obras, e inçando a cidade com o seu mau gosto e a sua incompetencia.

Em face do monstruoso absurdo que esta situação *sui generis* está denunciando neste paiz que, por tanto tempo ainda, bem pouco estaria no caso de animar as bellas-artes, as artes aristocraticas por excellencia, notara-se durante largos e longos annos a ausencia absoluta do ensino systematico, immediatamente aproveitavel ás artes e officios, a lastimosa falta de instrucção artistica sufficiente para adestrar operarios. Foi a esta falta que remediou, em 1884, Antonio Augusto de Aguiar, promovendo a favor do decreto de 20 de Dezembro de 1864 a creação das Escolas Industriaes.

Da escola especial «com uma feição eminentemente pratica» segundo a expressão do decreto de 3 de Janeiro de 1884, já nós haviamos tido uma tentativa no fim do seculo XVIII. Sob esse restricto ponto de vista, a semente já aqui fôra lançada á terra.

São bastante anteriores a 1780 as primeiras tentativas para dotar com o estudo do nú o ensino das bellas-artes em Lisboa. Francisco Vieira Lusitano e André Gonçalves foram os primeiros que nesse empenho lidaram. Foi este ultimo que, para melhor defender o seu projecto, conseguiu empenhar nelle o engenho do jurisconsulto José Gomes da Cruz, que por esse tempo escreveu o *Elogio da arte da pintura*. Já nesse primeiro passo, tendente a alargar os horisontes da arte, as circumstancias se aparelhavam para lhe serem juradas inimigas do progresso e florescencia em Portugal. Frustradas viram para logo os dois artistas as suas boas intenções, pois havendo-se divulgado a noticia de que em certa casa, para o effeito escolhida, se devia expôr no estado de nudez e ser copiada uma creatura humana, «o povo rustico apedreiou as janellas da casa onde a Academia projectada havia de ter assento» e foi preciso ceder!

Não conseguiu ainda assim este contratempo destruir no espirito dos artistas a evidencia de uma necessidade instante para os progressos da arte. Cyrillo Volkmar Machado, homem intelligente e de variada instrucção, artista que, se não havia sido dotado pela natureza de um talento raro para a pintura, como diz o seu encomiastico panegyrista Conego Luiz Duarte Vilella da Silva, era pintor de tal ou qual merito, apesar das severidades do Conde de Raczynski, foi quem se atreveu a arcar com o preconceito publico, e o levou de vencida.

Foi um tio de Cyrillo, o pintor João Pedro Volkmar, segundo irmão de sua mãe, que o iniciou na arte, para a qual desde creança elle mostrara decidida vocação. Depois, um episodio de amor o levou, por evitar-lhe as consequencias, a sair d'aqui. Atra-

vessando o Alemtejo, demorou-se a trabalhar em Evora cerca de quatorze ou quinze mezes, passando depois a Sevilha, onde praticou pela primeira vez o nú, e onde lhe nasceu a idéa de implantar esse estudo em Lisboa. Tendo passado o inverno em Sevilha, dirigiu-se depois a Cadiz, e ali embarcou para Genova, seguindo para Roma.

De regresso a Lisboa, em Outubro de 1777, tratou então de organisar a Academia do Nú, voltando ainda ao Alemtejo onde, até Junho de 1779, ora em Evora, ora em Elvas, teve trabalhos constantes. Não conseguindo voltar para Roma como pensionista do Estado, que era o seu desejo, solicitou que lhe fôsse permittido executar algumas pinturas em Mafra, para onde partiu em 1796, e d'onde não voltou senão passados dez ou onze annos. Depois foi convidado, em 1814, para dirigir e executar algumas pinturas no Palacio da Ajuda, e nesse serviço se occupou exclusivamente por espaço de tres annos.

Cyrillo era, ainda que não tanto como Pedro Alexandrino, artista fecundo, mas mais brando e mais cru do que o seu confrade e amigo. Dedicado tambem ás letras, estudioso, ledor infatigavel, a sua actividade intelectual, chamando-o egualmente para esse campo, creou nelle o erudito a par do artista, sem todavia o singularisar nem como pintor nem como homem de letras. Simples e modesto, amando a nobreza, como elle proprio o confessa em sua auto-biographia, Cyrillo parece na verdade ter disposto de todas as qualidades que se supõe apanagio d'ella. Flebil de compleição, a sua obra retrata-lhe em demasia, invertida em irremediavel demerito, essa feição na verdade apreciavel do caracter; mas foi a ella que, por feliz compensação, se ficou devendo o melhor que se sabe dos pintores do seu tempo. Cyrillo tinha o gosto das memorias, e naquellas que deixou, relativas ás vidas de pintores seus contemporaneos, refere as variadas fortunas por que passou a Academia do Nú.

Depois das frustradas tentativas de Vieira Lusitano e André Gonçalves, Cyrillo conseguiu encontrar um homem destemido, que se prestou a servir de modelo. Mas, passadas poucas semanas, esse homem, que era um moço de fretes, segundo se deprehende das expressões de Cyrillo, tão maltratado se viu por seus companheiros, que desappareceu. Arranjou-se outro, e o estudo proseguiu.

A abertura da Academia do Nú foi em 16 de Maio de 1780. A Côrte patrocinou-a e o Duque de Lafões, cujo nome encontramos vinculado a quasi todos os progressos intelectuaes da epoca, foi o mais desvelado protector da nascente instituição. Os estudos alargaram-se, vieram Vieira Lusitano e Oliveira Bernardes dirigir o ensino do desenho de ornato, e concorreram ás aulas muitos industriaes, como ourives, entalhadores, etc. A Academia estava estabelecida num palacio proximo á Egreja de S. José, propriedade de Gregorio de Barros e Vasconcellos, que para esse fim o offerecera. Por morte d'este benemerito protector das bellas artes, houve interrupção no ensino da Academia, até que em Outubro de 1785 voltou a proseguir debaixo da direcção de Joaquim Machado de Castro e Joaquim Carneiro. Em 1807 extinguiu-se. Só subsistiram então em Lisboa algumas aulas de desenho, mas em nenhuma se professava o nú. Foi Sequeira que, quando em 1821 creou o Atheneu, nelle reorganisou este estudo.

Os primeiros estatutos da Academia Real de Bellas Artes foram redigidos pelo douto Frei Francisco de S. Luiz, e aprovados em 25 de Outubro de 1836.

Pela sua primitiva organisação havia na Academia professores proprietarios e substitutos, academicos de merito, academicos honorarios e agregados. Os primeiros, como o indica o nome, eram os encarregados do ensino, que se subdividia em desenho historico, pintura historica, pintura de paisagem e productos naturaes, esculptura, gravura historica, gravura de paisagem, gravura de cunhos e medalhas, e architectura. Em cada uma d'estas aulas havia um professor proprietario e um substituto. Estes não tinham por unico encargo suprir as faltas d aquelles, mas estavam incumbidos de leccionar regular e constantemente quando a affluencia dos discipulos obrigava a subdividir uma aula

em secções, ou quando a natureza da aula requeria ella mesma esta subdivisão, como em desenho historico, que devia comprehender desde os primeiros rudimentos da arte até ao desenho do nú. Os substitutos foram suprimidos em 1868 pela reforma do Bispo de Vizeu. Além das aulas já mencionadas começou desde logo a professar se na Academia um ensino mais especialmente destinado ás classes fabris, e que constava de architectura e ornato. Estas aulas eram nocturnas e foram dirigidas por turno pelos professores de pintura de paisagem e de architectura.

Têem sido feitas varias tentativas no sentido de melhorar e enriquecer o nosso ensino artistico, mas todas têem resultado improficuas, por falta de um pensamento superior pedagogico a que obedeçam. Recentemente, se fez nova tentativa, por decreto de 14 de Novembro de 1901, o qual procurou dar certa amplitude ao ensino theorico, promovendo a creação de um museu de arte antiga, iniciando o ensino da literatura, encaminhando para o estudo do natural a maior somma de esforço pedagogico. Um ele

263 — Mercado de Santa Clara

mento novo de estudo que este ultimo decreto estabeleceu foi a creação de bolsas de viagem, destinadas a proporcionar aos alumnos de architectura o conhecimento das riquezas architectonicas do paiz.

Além de superintender no ensino artistico, compete á Academia empregar os meios necessarios para o enriquecimento e boa conservação do Museu Nacional de Bellas Artes, organisar exposições e promover conferencias sobre esthetica, historia da arte, monumentos nacionaes e archeologia, e proceder ao arrolamento dos objectos de arte existentes em Portugal, obstando por todos os meios legaes a que saiam do paiz.

O Governo subsidía tres individuos para em paizes estrangeiros se aperfeiçoarem no estudo de bellas-artes durante cinco annos. Aos pensionistas que, pelas informações dos seus professores e pelas provas que houverem remetido á Academia, mostrarem excepcional aplicação, e aproveitamentos, poderá conceder-se mais um ou dois annos para continuarem os estudos fóra de Portugal, com a clausula expressa de que executarão, durante esse tempo, um trabalho digno de entrar no Museu Nacional.

Quando se fundou a Academia de Bellas Artes foi decretada a formação de uma bibliotheca especial que lhe ficasse anexa. O primeiro fundo d'esta bibliotheca constituiu-se com livros do deposito dos extinctos conventos. Em 1863, El-Rei D. Luiz deu do seu bolsinho particular 4:000$000 réis á Academia para compra de livros modernos; e em 1866, Jorge Hudson da Camara doou áquella bibliotheca a sua opulenta livraria, muito notavel e rica em obras de bellas-artes e archeologia.

264 — Hospital do Desterro

Por iniciativa de Ignacio de Vilhena Barbosa, funccionou durante alguns annos em Lisboa um curso de historia geral da architectura, independente do ensino professado na Academia de Bellas Artes. Estimulados pelos resultados das investigações e estudos dos allemães, dos inglezes e dos francezes, que coordenavam a historia das epocas mais remotas e avivavam o desejo de conservar as antiguidades dispersas e despresadas, reconheceu-se, embora tardiamente, a necessidade de um estudo especial dos fragmentos e das ruinas dos antigos, para tambem começarmos a formar a justa idéa dos nossos antigos usos, costumes e crenças, entrando nas minuciosas investigações com respeito aos tumulos, ás fortificações, aos templos, aos ornatos, ás habitações, a tudo emfim que

determina e constitue a sciencia da archeologia, com a qual suprimos a falta da historia escripta. Nos templos, nos palacios, nos castellos, nas pontes, e em quaesquer outras edificações antigas, ainda de pé ou prostradas pela mão dos seculos, acha-se escripta pelo lapis do architecto, e pelo cinzel do esculptor, a chronica mais veridica do viver da sociedade. Desde o humilde albergue, construido de madeira, até ao mais soberbo palacio de preciosos marmores, desde a mais pobre ermidinha até ao mais sumptuoso templo, cada mudança que se observa na traça dos edificios, e na sua ornamentação architectonica, foi ditada, não por simples capricho da moda, mas por algum principio de conveniencia, de comodidade, de deleite ou de magnificencia.

Quantos successos e quantos usos da antiguidade seriam hoje ignorados, ou mal comprehendidos, se não nos esclarecessem com o seu testemunho authentico os monumentos, que possuimos como herança dos seculos? O capitel de uma columna partida, uma architrave mutilada, o pedaço de um friso, um fragmento qualquer architectonico, que a tanta gente parecerá insignificante e inutil, serve muitas vezes a indicar a physionomia de uma phase completa da civilisação, serve muitas vezes como de elo, que une os dois pontos da cadeia das tradições, onde a quebrou ou deixou interrompida o silencio dos chronistas, ou a perda dos seus escriptos, ou a destruição dos documentos.

Nesses paizes de maior illustração, os archeologos da actualidade acharam já desbravado o terreno das suas investigações pelos antiquarios, que os precederam; encontraram já abertos os caminhos principaes, e indicadas as sendas para o descobrimento de muitas antiguidades preciosas, e começado a sacudir o pó dos seculos, que ocultava aos olhos dos profanos não poucos enigmas da historia, e muitos segredos da arte e da industria.

Em 1874, escrevia Ignacio de Vilhena Barbosa na introducção dos seus *Estudos historicos e archeologicos:* «Não direi que se carece de tudo isto em Portugal. Mas é inegavel que nos faltam algumas d'estas condições essenciaes. E' certo que não poucos filhos d'esta terra, por impulso proprio ou das academias, visitaram e fizeram pesquizas nas ruinas de algumas cidades romanas, de que se vêem ainda restos, e modernamente em alguns dolmens; investigaram com escrupuloso cuidado os cartorios e archivos do Reino, e escreveram e publicaram pela imprensa importantes resultados dos seus estudos. Porém estes referem-se mais á historia dos successos, que á archeologia propriamente dita; e, dos poucos que interessam a esta sciencia, os mais d'elles limitam-se ao periodo da denominação romana. E neste proprio periodo, que offerece tão lato assumpto para variados estudos, as locubrações dos nossos antiquarios empregaram-se quasi exclusivamente na decifração das inscripções lapidares, nas controversias sobre o assento de certas cidades, de que não existem vestigios, ou em disputas ácerca de factos de menor importancia. Póde-se dizer, por conseguinte, que em Portugal resta muito por explorar no vastissimo campo da archeologia nacional; e que esse terreno apresenta inumeraveis dificuldades aos investigadores que, em vez de caminhos por onde possam entrar e seguir com passo firme e seguro, ou dão com fragosidades e algares, que os impedem de avançar, ou apenas encontram veredas tortuosas, que o desalento dos primeiros exploradores deixou sem seguimento. Os monumentos antigos, que ainda se conservam de pé, não obstante as convulsões do solo, a brutalidade dos invasores, e a cubiça e ignorancia dos nacionaes, acham-se na sua maior parte por tal modo inutilisados e desfigurados com modernas superfetações, que a muito custo deixam lêr algumas poucas linhas dos fastos da geração que os levantou, ou nos enganam com a mascara cigana que lhes encobre as feições primitivas.»

Até então pouco se pensara em Portugal neste ramo de instrucção. Com a interferencia da acção official, apenas se ordenara, em alvará de 14 de Agosto de 1721, se fossem coligindo as informações indispensaveis e se adquirissem os objectos an-

tigos que facilitassem o estudo da archeologia, e isso mesmo ficara em letra morta.

Só em 1864 se organisou o nosso primeiro Museu de archeologia, devido ao muito enthusiasmo, trabalho e diligencia de Vilhena Barbosa, fazendo o governo para esse fim a concessão das ruinas da monumental egreja gothica do Carmo. E' hoje este Museu, comquanto diminuto, umas das curiosidades mais interessantes de Lisboa, graças ao muito cuidado com que a Associação dos Archeologos e Architectos Portuguezes, que o tem sob sua guarda, o conserva e procura enriquecê-lo.

Quando Silva Porto regressou dos ateliers de Paris e da sua viagem pelos museus da Italia e da Hollanda, e foi nomeado professor substituto da cadeira de paisagem na Academia de Bellas Artes, só encontrou ali conspicuos professores ensinando a pintar em casa, com as janelas bem calafetadas e á luz do petroleo, quadros de todos os generos com a perspectiva do compendio, quasi desprezando a realidade para inventar a atmosphera, a plena luz, o modelado, e tratando auctoritariamente os raros alumnos que iam fabricando monos pelos preceitos dos chamados mestres.

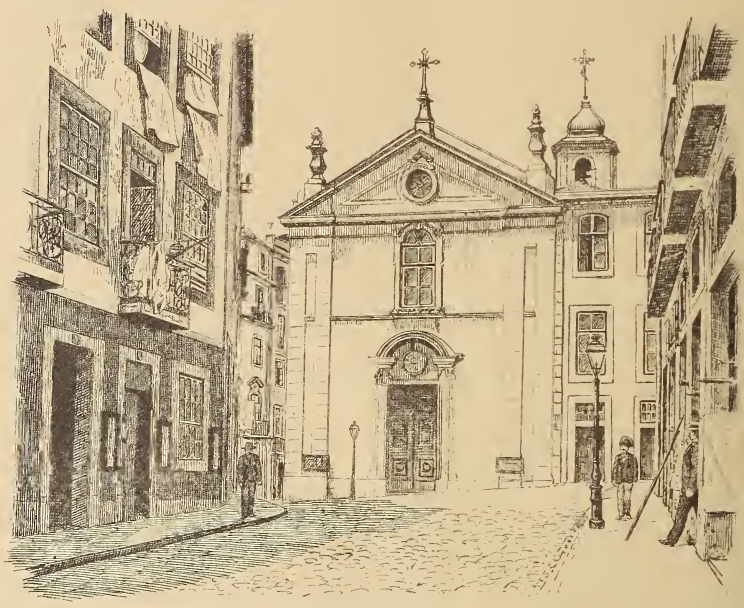
Para limpar o cerebro dos alumnos das poeirentas theorias, Silva Porto cumprimentou-os como a velhos camaradas, mostrou-lhes os seus quadros colhidos sob os arvoredos de Fontainebleau, nos campos de Roma, na laguna ou defronte d'um alegre convento do sul da Italia, branquejando entre vinhedos; e nas manhãs de sol, depois de atravessar o Tejo para o Alfeite, plantava o chapeu de paisagista defronte do primeiro retalho de horta onde umas lavandeiras estendiam roupa. Vendo aplicar na téla a tonalidade verdadeira dos terrenos ou da agua, as massas dos arvoredos, a graduação das tintas até ao horisonte, os objectos mergulhados no ambiente e a luz ampla, fóra dos velhos preceitos ôcos, vista na transparencia da atmosphera e participando da limpidez do ceu, da tremulencia da agua, dos tons da folhagem, aprendiam diante da natureza o elevado principio de—ser sinceros.

Essa era uma das qualidades supremas de Silva Porto, revelando-se na tela e na conversação, e que elle juntava á sua personalidade discreta, inimiga dos effeitos theatraes, apagando-se diante do objecto a reproduzir, personalidade pouco ruidosa, incapaz de afogar os talentos originaes, que lhe aparecessem em volta, capaz por isso de formar entre nós o nucleo d'uma escola. Ao mesmo tempo possuia o delicado conhecimento dos menores segredos technicos, na maneira de tocar, na quantidade da tinta, e, como todos os artistas essencialmente modernos, elle comprehendia que as côres, os tons, as sombras ou a luz precisam d'essas pequenas questões praticas para cingir mais precisamente a realidade dos objectos.

Num formoso estudo que fez da obra de Silva Porto, refere o Snr. Ramalho Ortigão como «a pintura da paisagem era em Portugal uma arte de convenção, tendo por objecto imitar a natureza num sentido tutelar e melhorativo, dando em resultado engenhosas combinações de matiz, nas quaes, para mais culto regalo dos olhos, o cavallo no pasto se resignava a ser verde, e a herva a ser baia. Os prados e os bosques eram como as casimiras da estação, de todas as côres, predominando porém, entre os artistas e o publico, nas télas como nos vestidos das senhoras burguezas, um gosto singular, de tenda, pela cór de canela. Os paineis faziam-se ordinariamente de memoria, ou por apontamentos a lapis, na casa de cada um. Se alguns artistas iam ao campo — do que havia exemplos—não era para mudança de processo, era para mudança de ares.

Tão falso, tão convencional, tão fraudulento e delambido era o que então se pintava, que em verdade devemos dizer que foi com Silva Porto que a paizagem appareceu. Foi elle o primeiro que trabalhou ao ar livre, vendo em plena luz sombras até ahi desconhecidas dos coloristas e feitas de claridades contrapostas. Foi elle o primeiro que desenhou por ondulação e por fluidez, tendo o contorno por limite em vez de o ter por molde, procedendo na determinação das fórmas por manchas successivas, modelando

os relevos pelas correlações da tonalidade, marcando os planos pelos valores da tinta e pelas gradações da luz. Corot portuguez, foi elle o primeiro dos nossos pintores que, frente a frente com a natureza, humildemente, pacientemente e apaixonadamente a inquiriu nos seus multiplos aspectos, fugidios como o dia que corre e o sol que passa levando comsigo, ininterrompidamente, a deslocação dos contornos, a desassociação dos valores, a dissidencia da luz na perpendicularidade ou na obliquidade das sombras, a completa desconcatenação, emfim, em todo o conjuncto orchestral das linhas. Esta summa difficuldade da arte perante a interpretação das fórmas foi Silva Porto o primeiro que luctou com ella e que a venceu.



265 — Egreja de S. João da Praça

D'essa tão exacta e subtil noção da instantaneidade das aparencias na configuração optica do mundo exterior, da promptidão rapidissima dos seus pinceis, e da constituição magistral da sua paleta, de tintas fundamentaes e virgens, que elle sabia o segredo technico de fundir por sobreposição ou por contiguidade, sem lhes macerar por prévias emulsões neutralisantes a solidez, a elasticidade e o brilho, resulta a luminosa vibração e a palpitante vitalidade das télas pintadas por esse grande e adoravel artista.

Nas paizagens de Silva Porto, ao contrario do que succedia nos quadros pintados pelos paizagistas que o precederam, a elle e aos seus correligionarios Corot e Millet, a ossatura do terreno não rende nem espapaça á vista, como se a podessemos servir ás colheres ou estender com a faca, á maneira de marmeladá ou de manteiga. A atmosphera respira-se. Circula o ar no espaço. Sóbe a seiva nas arvores. Zumbem insectos, gorgeiam passaros, marulham aguas, fermentam mostos, gotejam resinas, entumecem favos, e canta gloriosamente a luz em extase na trepidante verdura das folhagens.

Vêde a sua incomparavel charneca, largo trecho de natureza sombria, melancolica e brava. As vegetações silvestres, a urze, a giesta, o rosmaninho e o tojo, calvando a espaços, descobrem a consternação do terreno fulvo e o affloramento da rocha denegrida e calcinada. Ao longe a colina descreve no azul profundo uma linha suave, vaporosa e humida. Não se avista pé posto de caminho, que coordene a perspectiva das distancias. Não ha chamadas de côr ou de luz. Não ha pontos de referencia, nem um tecto de cabana, nem um rustico portelo de courela, nem um civilisado branquejar de muro rico. E naquella uniforme extensão de terra e céo, a larga tranquilidade do crepusculo enche a vastidão do espaço, mysteriosamente aviventada por uma saudosa e plangente melodia de acaso. Ha um desfolhar da alma, que o quadro nos sugere com este acabar do dia. E do nosso coração para o quadro vae como que um vago fremito de folhas secas, rolando com a sombra que desce das colinas, e parece espraiar-se e repercutir-se, doce, branda, lentamente, de valle em valle, como o ecco esmorecido e contristado do remoto chocalho de um rebanho de ovelhas.

206 — Contractadores do bilhetes de theatro

Na ultima exposição da sua obra, as molduras davam o effeito de postigos de ouro abertos para cima dos mais tocantes, dos mais lindos episodios da natureza rustica, da vida rural da nossa terra. Por essa especie de fendas rectangulares da parede, que pareciam cheias da claridade exterior, viam-se os mais variados trechos das nossas regiões agricolas — a do milho, a do trigo, a do vinho, a do azeite, a da bolota, a da castanha, a do feno, a da laranja, a da amendoa, a da alfarroba e do figo.»

207 — Vendedor de bolos e pinhões

Ao conjuncto da grande obra de Silva Porto, chamou o Snr. Ramalho Ortigão as — *Viagens na minha terra*, a oleo. O divino Garrett foi de todos os escriptores do mundo aquelle que com mais terno, mais penetrante, mais persuasivo encanto, fez amar de quantos o leram a terra da sua patria. Silva Porto, tão prematuramente roubado pela morte á gloria da arte, foi o Garrett da pintura portugueza.

Por esse tempo, ahi por 1880, no Café do Leão que ainda hoje existe na Rua do Principe, reuniam-se alguns rapazes artistas, entre os quaes Silva Porto apareceu como companheiro simples e bondoso, e sobre elles começou a influir com a auctoridade que todos lhe reconheceram de mais equilibrado e mais completo. Foi esse grupo, a breve trecho conhecido por Grupo do Leão, que promoveu em Lisboa as primeiras exposições de arte moderna.

Essas pequenas exposições foram feitas, primeiramente, num salão da Sociedade de Geographia. Mais tarde, organisando-se com o primitivo nucleo a sociedade de pintores e homens de letras denominada Gremio Artistico, as exposições fundiram em si os trabalhos dos artistas que costumavam expôr no Grupo do Leão, acrescentando-os dos que poderam advir dos nossos pensionistas de Paris, e de algumas aptidões de amadores mal esboçadas ainda, e passaram então a fazer-se nas salas da Academia de Bellas Artes.

O Gremio Artistico desapareceu, mas não tardou em succeder-lhe a Sociedade Nacional de Bellas Artes que, com o concurso da Sociedade Promotora de Bellas Artes, já tem realisado exposições muito apreciaveis, comprehendendo pintura, esculptura, architectura, aguarela, desenho, pastel, gravura, caricatura e arte aplicada, constituida esta ultima secção por filigranas, esmaltes, prata e oiro levantado e cinzelado, ferro forjado, bronzes cinzelados, obras de talha, ceramica ornamental, pintura em azulejos, trabalhos de gravura e relevo em couro, vitraes, rendas, tapessaria.

Quem comparar a nossa arte de hoje, não diremos com a d'aquella celebre exposição de 1843, a que ha referencias, entre animadoras e ironicas, nos livros de Raczynski, mas com a maioria dos trabalhos que figuravam nas exposições portuguesas de ha vinte annos, reconhece logo que se tem progredido bastante sob o ponto de vista da factura, dos processos technicos. As nossas exposições vão tendo, de mais em mais, um certo ar portuguez, que captiva e enternece. Os artistas deram decididamente preferencia aos nossos campos, ás nossas praias, aos velhos solares meio derruidos, que ainda se encontram por essas provincias fóra, aos recantos mais deliciosamente cheios de pitoresco e de caracter das nossas antigas povoações historicas, aos claustros abandonados dos conventos extinctos, ás figuras typicas de diversos pontos da nossa terra. Tem-se reconhecido a necessidade de combater as preocupações academicas, tendentes sempre a encerrar o artista na esphera da denominada arte pura. Faz-se já passar pela industria uma certa corrente de arte, que procura transforma-la e eleva-la. E a propria cidade de Lisboa, na construcção dos seus bairros novos e no reparo do seu antigo modo de ser, está sendo a melhor, a mais flagrante prova da influencia dos nossos artistas — pintores, esculptores, architectos — na nossa vida nacional.

Nos fins do seculo XVI, toda a área que hoje é occupada pela casaria da parte do lado oriental da Rua da Escola Polytechnica e pelo Jardim Botanico, consistia em um dos extensos terrenos cultivados pertencentes ao Regedor das justiças Fernão Telles de Menezes, que governára a India, e a sua mulher D. Maria de Noronha. Estes vastos terrenos, desdobrando-se em verdejantes campos de trigo, pomar, olival, horta e casas de residencia, eram avaliados na importante somma de 60.000 cruzados, e conhecidos pelo nome da Quinta do Monte Olivete, denominação que lhes teria sido posta por seus proprietarios, gente muito devota pelas coisas da egreja, e muito temente a Deus.

O jesuitismo e a Inquisição estavam a esse tempo em Portugal na sua maior preponderancia e prestigio. Já então a Companhia de Jesus possuia em Lisboa a casa professa de S. Roque, os collegios de Santo Antão-o-Velho e Santo Antão-o-Novo e o de S. Patricio, e estava-se projectando uma nova casa de noviciado, concorrendo muito para isso o Cardeal Alberto, Archiduque de Austria, filho de Filippe II de Castella, que então se achava governando o Reino com o titulo de Vice-Rei. Fernão Telles e sua es-

posa, como fervorosos christãos que eram, foram dos primeiros que, enthusiastas admiradores dos Jesuitas, acorreram pressurosos a offerecer áquella ordem religiosa a sua magnifica propriedade da Cotovia, para ali se edificar o projectado Collegio de noviços, outorgando-lhes, outrosim, uma dotação annual de 500$000 réis. Deve deprehender-se que os Jesuitas desde logo aceitaram tão valiosos offerecimentos, se bem que para aquella edificação já tivessem muitas outras offertas em differentes sitios da cidade e arredores, offertas que podiam ser tomadas á conta do fanatismo umas, outras ao terror que a poderosa Companhia inspirava aqui ás familias mais ricas e consideradas.

Algum tempo se passou na escolha do terreno azado para a edificação do novo collegio, mas aconteceu que indo o provincial Padre Antonio de Mascarenhas visitar os terrenos da Cotovia, tão encantado ficou com o Monte Olivete e sua prespectiva, que para logo deliberou se devia optar por aquelle sitio «por ser o que menos inconvenientes offerecia e provar ser de bom commodo, por estar pouco distante da cidade.»

Parte dos muros da cidade corria então por onde hoje é o lado oriental da Rua do Alecrim e Rua Larga de S. Roque. Perto ficava tambem da casa de S. Roque, e o sitio era de bellos prospetos, lavado de ventos e sadio. Fez-se pois a escriptura, com enorme prazer dos proprietarios dos terrenos, impregnados d'este preceito jesuitico: o «que se faz em honra e proveito da Companhia, é feito em honra e gloria do proprio Jesus e em proveito do engrandecimento da divina religião do Crucificado.»

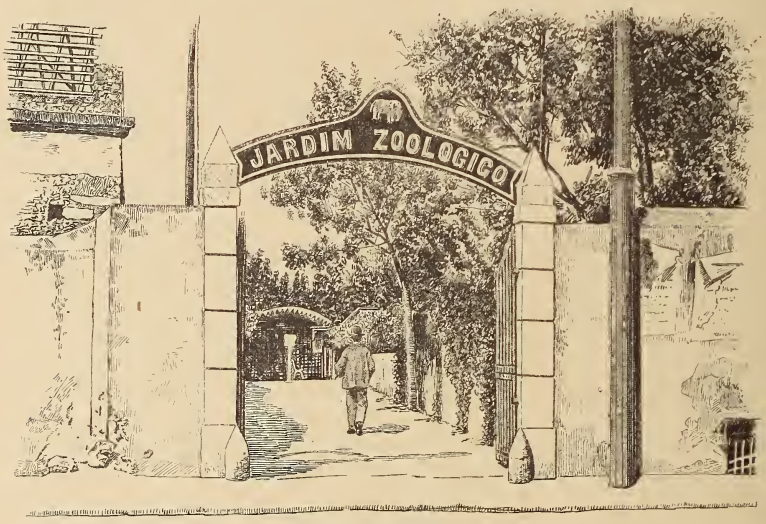
Em 23 de Abril de 1603 foi lançada solemnemente a primeira pedra para o Collegio do Noviciado, sendo auctorisada essa obra pelo Papa Clemente VII e impetrada pelo geral da Ordem, Claudio Aquaviva, o frade mais sanguinario de que reza a historia da egreja. Ficou o edificio muito vasto e rico, tanto em cantaria e finos marmores, como em obra de talha, entrando logo para elle quinze noviços, sob a immediata direcção do Padre João Delgado, prégador da Companhia e mestre de mathematica.

Em seguida deu-se começo á egreja, lançando-lhe a primeira pedra o Bispo de Malaca, em 20 de Março de 1605, sob a invocação de Nossa Senhora da Assumpção, por existir naquelle sitio uma capella assim denominada. E não correu com menos actividade o começo d'estas obras, pois que a fundadora, D. Maria de Noronha, dava-se muito a peito concluir a capela-mór para ali depositar os restos mortaes de seu esposo, falecido pouco tempo antes, e cujos ossos se achavam na sacristia da Egreja de S. Roque. Logo que a capela-mór foi concluida levantou-se ali, no recanto da parte do Evangelho, um majestoso mausoleo de finissimo marmore, assente sobre dois elephantes, obra que se disse primorosa, e que importou em cerca de 3.000 cruzados. Alguns annos depois, falecendo a devota senhora, foi depositada no mesmo jazigo. A sua perda deu causa a que as obras ficassem interrompidas e, ou porque os recursos escasseassem para tão grande emprehendimento, ou por negligencia dos padres da Companhia, o edificio permaneceu assim por muito tempo, e ficaria talvez por concluir, se não fosse o dinheiro de um rico negociante de Antuerpia, chamado Lourenço Lombardo, que, desgostoso dos bens terrestres, mostrou desejos de fazer vida penitente e enclausurar-se. As confidencias que houve entre este fanatico e os Jesuitas, o que elle disse, o que prometeu, o que exigiu, não o diz a chronica. Tudo isso ficou nos mysterios tenebrosos que involveram muitos dos manejos da famosa e arteira Companhia; mas o que se soube foi que uma filha de Lourenço Lombardo, que era tida como herdeira da sua principal fortuna e que estava para casar, faleceu subitamente, e vinte dias depois seguiu o mesmo caminho da eternidade a mulher do rico negociante. Desde então as obras da egreja adquiriram grande desenvolvimento sob a direcção de Balthazar Alvares e do irmão Lourenço, que era quem andava com todas as despezas da edificação, as quaes montaram a mais de 37.000 cruzados. Em Novembro de 1616 achava-se concluido todo o edificio, ficando de grande sumptuosidade e riqueza.

A piedosa Rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia, mulher de D. Pedro II, veiu depois melhora-lo em muito, e dota-lo com grandes benesses e rendimentos.

Os serviços que o Collegio da Cotovia, como então era chamado, prestou ás letras patrias durante os 143 annos da sua existencia monacal, foram consideraveis. Ali se formaram varões eruditos, que escreveram obras de grande tomo e fizeram trabalhos monumentaes nas sciencias e diversos ramos da literatura. E' em taes livros que se põe em evidencia e se admira a vastidão de saber a profunda erudição d'esses homens extraordinarios.

A fama de que os Jesuitas commerciavam e possuiam enormes riquezas excitou os animos contra elles. Atribuiu-se-lhes mesmo o proposito de impedirem os tratados de commercio, como aconteceu no reinado de D. João V. O Marquez de Pombal, que que-



268 — Jardim Zoologico

ria o commercio livre á sua maneira, deu lhes o golpe de morte, empregando medidas violentas e fortes. O pretexto foi esse «de embaraçarem o tratado de commercio, navegação e limites de conquistas entre as corôas de Portugal e Hespanha, que em 16 de Janeiro de 1750 se havia celebrado.» Esse pretexto pouco depois foi reforçado com a suspeita de os Jesuitas terem tomado parte no attentado de 3 de Setembro contra a vida de El-Rei.

Em 21 de Setembro de 1757, isto é dezoito dias depois de descoberta a conspiração, foram excluidos do Paço os Jesuitas confessores. Em 2 de Maio de 1758 se lhes intimou o breve de Benedicto XIV que os prohibia de commerciar. No dia 7 um edital os prohibiu de prégar e confessar neste patriarchado. Em 19 de Janeiro de 1759 appareceu o alvará que lhes sequestrava todos os bens. A 5 de Fevereiro, se lhes punham guardas ás portas, fazendo-os reclusos. E finalmente em 3 de Setembro, no dia em que precisamente passavam dois annos sobre a tentativa de regicido, era abolida a Ordem, embarcando no dia 16 os Jesuitas em uma nau para Genova, totalmente expulsos do Reino. A esse tempo, tinha a Companhia de Jesus em Lisboa, além da casa professa

de S. Roque, os collegios de Santo Antão, de S. Patricio, de Campolide, da Cotovia, de S. Francisco Xavier, e de Nossa Senhora da Nazareth.

O deserto edificio do Monte Olivete foi então destinado para o Real Collegio dos Nobres, instituido por carta de lei de 7 de Março de 1761. Em 7 de Abril seguinte formaram-se os estatutos d'esse collegio, só podendo ali ser admitidos os alumnos qualificados com o fôro de fidalgo, e devendo limitar-se o seu numero a 100, não terem menos de sete nem mais de treze annos, saberem ler e escrever, e no acto da admissão pagarem adiantadamente 60$000 réis, pelo primeiro semestre, e egual quantia no começo de todos os semestres seguintes. O estudo das disciplinas consistia nas linguas latina e

269 — Um kiosque de refrescos

grega, rhetorica, logica, poetica e historia, linguas franceza, ingleza e italiana, mathematica, architectura militar e civil, desenho e physica. Nas aulas usavam os alumnos uns fatos talares, ou garnachas, muito similhantes ás bécas dos desembargadores.

O regimen que ali havia era d'uma austeridade exagerada, mas aconteceu que o Collegio do Monte Olivete nada de notavel produziu neste segundo periodo da sua existencia, não correspondendo portanto aos fins para que fôra creado. Um esclarecido jornalista liberal d'esse tempo, falando do Collegio dos Nobres, escrevia: «E' monumento de um luxo orgulhosamente esteril no meio da necessidade e da mendicidade.» E dos alumnos dizia serem «vergonteas que uma força pertinaz ageita a um certo risco, em vez de crescerem dirigidas ao ar de Deus e de uma bem regrada liberdade.»

O regimen liberal veiu acabar com aquelle exclusivismo ao desenvolvimento da intelligencia, derruindo um privilegio que não podia nem devia ser o apanagio de qualquer classe. Em 4 de Janeiro de 1837, o Real Collegio dos Nobres era extincto, entregando-se o edificio ao Ministerio da Guerra para ali estabelecer uma escola de instrucção militar.

Deve-se a extincção do Collegio dos Nobres e a reforma geral dos estudos do Reino, que então se fez, a Passos Manoel, o homem de mais avançadas idéas que nos trouxe a revolução de Setembro de 1836. Sá da Bandeira, Vieira de Castro e outros secundaram os esforços d'aquelle illustre caudilho da liberdade, dando a mais larga amplitude aos estudos do Reino, tanto nas escolas militares como nas civis, tanto nos cursos de artes e officios e de literatura nacional, como nos das sciencias medicas e mathematicas.

Em 11 do referido mez foi egualmente extincta a Real Academia de Marinha, creando-se em seu logar a Escola Polytechnica, e ordenou-se que fosse estabelecida no edificio do extincto Collegio. Nesse mesmo dia se aboliu a Academia de Fortificação, Artilheria e Desenho, que egualmente estava funcionando naquelle edificio, sendo instituida em seu logar, pelo mesmo decreto, a Escola do Exercito. Deveriam constituir ambas as escolas um curso completo de estudos militares.

Seis annos depois, manifestou-se um violento incendio no edificio do Collegio dos Nobres, reduzindo-o em poucas horas a um montão de ruinas. A catastrophe restringiu-se unicamente ao edificio, não victimando ninguem e podendo salvar-se as duas livrarias, que continham obras de grande valor, as machinas e utensilios das aulas de phisica, chimica e astronomia, bem como quasi todo o material da aula de meteorologia. Da escola militar foram salvos quasi todos os objectos de estudo e toda a mobilia. Da egreja tudo se salvou, incluindo as imagens, as alfaias e vasos sagrados. Depois cuidou-se em reconstruir o edificio, sendo para esse fim auctorisado o Governo por carta de lei de 28 de Julho de 1843.

A Escola Polytechnica e a Escola do Exercito, que até ali se tinham localisado no edificio incendiado, passaram a funccionar a primeira no Convento dos Paulistas e a segunda no Collegio de Rilhafolles da antiga missão de S. Vicente de Paula, onde estava então o Collegio Militar, que em 1848 foi transferido para Mafra. As cadeiras de phisica e chimica passaram a lecionar-se no edificio da Casa da Moeda; e assim tudo o mais provisoriamente, emquanto se reedificava o estabelecimento que devia servir de padrão á memoria de D. Pedro IV, como era o desejo manifestado por grande numero de jornalistas d'esse tempo.

Isto durou até 1850, sendo então a Escola do Exercito mudada para o Palacio da Bemposta, e ficando algumas aulas da Escola Polytechnica a funccionar no seu edificio.

Por decreto de 9 de Março de 1858, para ali passou o Museu de historia natural, que estava a cargo da Academia Real das Sciencias, e em 7 de Maio de 1878 egualmente para lá foi transferido o Jardim Botanico, fundado nos terrenos do Palacio da Ajuda pelos Drs. Domingos Vandelli e Felix de Avellar Brotero. Em 1879 o edificio da Escola Polytechnica estava concluido, tendo-se despendido para cima de 190 contos na sua reedificação, sendo as obras dirigidas por Pedro José Pezerat, segundo o risco e plano de J. F. da Silva Costa. O edificio ficou, no seu genero, não só o melhor do Reino, mas um dos melhores da Europa.

Por differentes vezes se tinha reconhecido a necessidade de crear um estabelecimento que nos subtraisse ao desaire de importarmos do Estrangeiro engenheiros civis e militares, alguns dos quaes com a mesma facilidade se achavam nas nossas fileiras ou as desertavam para as dos adversarios. Mas estes desejos e estes esforços, sem obedecerem a um plano, e isolados, não davam o resultado apetecido.

E' muito antiga a creação da Aula de Engenharia, onde os officiaes de engenheiros recebiam umas frouxas luzes dos conhecimentos profissionaes.

A creação do Real Collegio dos Nobres foi o primeiro passo firmemente dado no caminho da instrucção militar. Seguindo as idéas do tempo, não tinha esta escola, como vimos, o caracter liberal que actualmente se exige em estabelecimentos de instrucção,

que não requerem pergaminhos, mas titulos scientificos. Ainda assim foi de uma benefica influencia no exercito portuguez: alevantou o nivel da instrucção, tão decaída que se contavam nos regimentos muitos officiaes não sabendo escrever. Ao mesmo tempo quasi, creava-se tambem a Academia Real de Guardas Marinhas, a 2 de Julho de 1761, em que se ministrava o ensino especial para serviço da armada, mas em que já se notava o aparecimento da cadeira de artilheria, a qual se estudava theorica e praticamente. Deficientissimos eram todavia estes estudos, pois que no Collegio dos Nobres, mais comparavel com o actual Collegio Militar do que com uma escola militar propriamente dita, apenas se lia, a par das linguas, mathematicas, physica elementar e desenho, e a cadeira de architectura militar e civil, designação em que neste tempo se comprehendiam todos os conhecimentos relativos á sciencia do engenheiro.

Não é de estranhar que a instrucção apenas começasse a bruxolear hesitante e incerta num tenue clarão em tempos tão cortados de dificuldades e desasocegados, em tempos em que as mesmas nações poderosas, e que tão alto ergueram depois o altar das sciencias, não destacavam nos campos da batalha senão pelo valor dos seus exercitos ou pela inspiração sublime dos seus generaes.

Naquella epoca o nascimento era o unico requisito de merito. O valor individual primava sobre a instrucção. Mas não tinhamos ainda perdido o Brazil, e a nossa esquadra, embora menos importante do que o fôra, ainda rasgava frequentemente os mares em que outr'ora havia riscado com as suas quilhas a larga epopeia das nossas gloriosas navegações. Era natural, portanto, que para a instrucção naval convergissem mais as attenções dos governos, e assim succedia. Em 5 de Agosto de 1779 creava-se a Academia Real de Marinha, em cuja carta de lei se preceituava que d'essa epoca em deante as pessoas que aspirassem aos postos de officiaes engenheiros deveriam fazer o curso da arithmetica, geometria, trignometria plana, calculos e suas aplicações á statica, dynamica, hydrostatica, hydraulica e optica, e serem aprovados do mesmo modo que os officiaes militares da marinha real; depois do que passariam a ouvir as lições de fortificação e engenheria e a instruirem-se no desenho.

Não deixou de aproveitar-se esta disposição da lei, que introduzia os estudos de natureza superior no ensino militar e considerava paralelas ás disciplinas das aulas de calculo e sciencias physico-mathematicas da Academia, as correspondentes dos tres primeiros annos da faculdade de mathematica na Universidade de Coimbra, a qual havia recebido o efficaz impulso e a sabia remodelação devida ao grande Marquez de Pombal, e estava por isso na sua edade aurea.

Graças ao professorado conseguiu esta Academia, a despeito das suas dimensões acanhadas, resultados extremamente lisonjeiros, formando discipulos eminentes que ao depois a honraram no desempenho dos mais altos cargos publicos. Foi talvez devido ao seu brilho que conseguiu manter-se até 1837, em que foi extincta, por se crear num plano mais desafogado e largo a Escola Polytechnica, que lhe succedeu em prestigio.

Continuava, entretanto, a existir a Academia Real dos Guardas Marinhas a qual, tendo sido transferida para o Brazil com D. João VI, se reinstalára em Lisboa e só se extinguiu em 19 de Maio de 1845, pela creação da actual Escola Naval.

Mas, se os estudos de navegação e de marinha militar se achavam relativamente adiantados, não se podia dizer outro tanto a respeito dos estudos de sciencias militares e de engenharia civil. O exercito continuava atrazadissimo e em cada anno se ia acentuando mais a deficiencia da sua instrucção technica, particularmente nas armas especiaes, como mais exigentes.

Em 1790 reconhecia-se a necessidade de habilitar de outra fórma os nossos officiaes de engenharia e artilheria, a quem não bastavam as Aulas de mathematica dos regimentos de Artilheria, creadas em 1762 e 1766, ou a de Engenharia, e faltava a antiga Aula

de Fortificação e de Engenharia, desde a creação da Academia Real de Marinha em 1799. Organisou-se então a Academia Real de Fortificação, Artilheria e Desenho, a qual mais tarde se transformou na Escola do Exercito.

O curso d'esta Academia professava-se em quatro annos.

No 1.º anno ensinava-se a fortificação regular, o ataque e defensa das praças, e os principios fundamentaes de qualquer fortificação. No 2.º anno estudava-se a fortificação regular, a fortificação effectiva e a fortificação de campanha. No 3.º anno a theoria da artilheria, das minas e contraminas, e a sua aplicação ao ataque e defensa das praças. No 4.º anno a architectura civil, o córte das pedras e madeiras, o orçamento dos

270 — Egreja da Annunciada

edificios e tudo o mais que fosse relativo ao conhecimento dos materiaes que entram na sua composição, como tambem se explicavam «os melhores methodos que se praticavam na construcção de caminhos e calçadas, alem da hydraulica, architectura de pontes, canaes, portos, diques e comportas.» Os alumnos de infanteria e cavallaria completavam o curso com o 3.º anno.

O ensino era dado por tres lentes das cadeiras, alem de um outro para desenho e topographia, e dos respectivos substitutos em numero egual, a quem cumpria tambem a coadjuvação dos lentes proprietarios nos exercicios praticos, os quaes versavam sobre a topographia, fortificações e sapas, construcções de obras, castrametação, manejo das bocas de fogo e construcção de bateria.

A escola preparatoria era a Academia Real de Marinha, como para a Escola do Exercito é a Escola Polytechnica.

As praticas não tiveram nunca um grande desenvolvimento. Servia de desculpa o

facto de se haver perdido o material de campo no incendio do Arsenal do Exercito em 1794, onde estava alojada a Academia, e não haver meios para o adquirir. O Governo por varias vezes instava para que não caíssem em desuso estes exercicios de aplicação, que se realisaram por vezes no Campo Grande, Aldeia Gallega, Trafaria e tapada de Alcantara. Apesar da muita competencia dos professores, o ensino conservava-se estacionario. Os livros eram antigos e permaneceram por largos annos nos cursos.

271 — Mérca alecrim!

Por isso o Governo, em 1826, determinava que a Academia escolhesse seis officiaes que deviam estudar em Paris sciencias de construção, tão grande era a deficiencia que se notava nos cursos ali professados.

Mas as perturbações politicas que padecia o Reino não davam margem a melhoramentos consideraveis, embora uma ou outra vez a Academia pedisse as reformas de que julgava carecer. Tal como estava porém, não podia continuar, e reclamava uma modificação profunda, que cedo viria dar-lhe o Visconde de Sá da Bandeira.

Em 1837, tendo organisado a Escola Polytechnica, que era a escola preparatoria, Sá da Bandeira completava o seu pensamento, decretando a reorganisação da antiga Academia de Fortificação, Artilheria e Desenho, que recebia o nome de Escola do Exercito, por exprimir assim mais propriamente o fim para que fôra instituida.

No relatorio que precede o decreto de 12 de Janeiro, escreve Sá da Bandeira, referindo-se á Academia: «Os cursos de estudos que offerecia eram todos incompletos e alguns demasiadamente longos; o methodo do ensino pouco proprio para se tirar a maior vantagem, e ainda menos para bem aproveitar o tempo. Mas a verdadeira reforma d'esta Academia era impossivel emquanto se não creasse uma escola de sciencias physicas e mathemathicas, na qual os alumnos adquirissem todos os principios para poderem entrar com o indispensavel desenvolvimento no estudo da difficil sciencia da guerra e suas vastissimas aplicações; essa escola está creada.»

Dava-se um grande avanço á instrucção militar e techniza, certamente, com esse decreto, mas ficavam longe ainda do que deveria atingir-se já naquella epoca. O progresso era talvez maior nas sciencias de construcção do que nas sciencias militares,

272 — Moleiros Nos arredores de Lisboa.

cujas cadeiras ficavam ainda enormemente sobrecarregadas. O methodo lucrava, todavia, apesar de só se crearem duas novas cadeiras alem da aula de inglez. O curso de infanteria e cavallaria limitava-se a um anno, reduzia-se a tres o de engenharia militar, e creavam-se os cursos de officiaes do estado maior e de engenheiros civis, prescrevendo-se as vantagens que competiriam aos alumnos habilitados com os diversos cursos, e promovendo-se assim o seu recrutamento.

D'ahi por deante foi-se procurando sempre levantar o nivel da instrução dotando a Escola com o preciso pessoal, distribuindo melhor as materias, e desinvolvendo o ensino pratico, creando-se no corpo docente, ao lado dos lentes e paralelamente, uma classe de professores especialmente incumbidos de ministrarem o ensino de aplicação.

Antes de se alojar no Palacio da Bemposta, onde actualmente está, tanto a Escola do Exercito como a sua antecessora, a Academia, levaram uma peregrinação laboriosa por outros edificios em que não encontraram espaço e comodidades necessarias. Estabelecida no Arsenal do Exercito, mudou, em virtude de um incendio ali occorrido, para a casa do Deposito Publico na Praça do Pelourinho, e depois para o Palacio do Calhariz. Em 1810 saiu de lá e foi occupar o andar inferior do Correio Geral, voltando em 1811 para o mesmo Palacio do Calhariz. Em 1823 tranferiu-se para o Palacio do Rocio, mas logo em 1825 teve de regressar ao Calhariz, onde se conservou até ao anno de 1834, em que foi habitar um predio da Rua do Moinho de Vento, que pouco depois deixava para se instalar na Rua Formosa. Em 1836, porém, deram lhe parte do edificio do Collegio dos Nobres, onde ficou até ao incendio de 1843. Desde então até que lhe foi concedido o Palacio da Bemposta, já nós vimos onde ella funccionou.

O Palacio da Bemposta tinha a capacidade sufficiente para uma instalação regular dos differentes serviços, desde que não se estabelecesse o internato dos alumnos. Possuindo uma vasta quinta anexa, offerecia até a extraordinaria vantagem de permittir o ensino pratico com um certo desenvolvimento.

Em 1861, pela construção do Hospital Estephania, perdeu uma consideravel superficie e mais se lhe estreitaram os limites pela abêrtura da Avenida de D. Estephania e a Rua da Escola do Exercito. Ficou assim reduzida a metade da sua extensão a quinta, que é cercada e murada, tendo na sua maior largura 200 metros, e 500 metros no seu maior comprimento. Occupam todavia a quinta e os edificios da Escola 67.540 metros quadrados. Hoje já ali existe o internato em nova edificação.

No Palacio estão instaladas as aulas, a secretaria, salas de estudo, laboratorios, museus e bibliotheca. Em edificios anexos estão o refeitorio e cozinha, a lithographia e officinas diversas, salas de armas, gymnasio, depositos, enfermaria de cavallos, estação chronographica, parque de artilheria e deposito de armamentos, prisão escolar, cavallariças e aquartelamento dos destacamentos, arrecadações de instrumentos, ferramentas e quartel dos destacamentos de sapadores, que na occasião dos trabalhos de campo recebe a Escola, alojamentos para parte do seu pessoal menor, picadeiro e instalações da carreira de tiro.

Tem espaçosas salas de estudo, illuminadas pelo tecto e por amplas janelas que se abrem para o lado da frontaria principal no Largo do Paço da Rainha.

São amplas as aulas, e uma d'ellas em amphitheatro, que acomoda 300 alumnos.

A sala das sessões do Conselho é a maior, e propria para as solemnidades escolares, posto que decorada com simplicidade.

O refeitorio comporta com largueza toda a população escolar.

Nas officinas fazem-se os modelos e trabalhos de carpinteiro ou marcenaria necessarios, concertos de carteiras, de material de ensino, etc., reparam-se os instrumentos de topographia, geodesia, photographia ou instrumentos balisticos. A lithographia é destinada não só á estampagem dos mapas, horarios, cartas de curso, diplomas, pro-

gramas, relações e objectos do expediente de secretaria, e á tiragem de compendios, estampas, figuras e tabellas ou modelos.

A sala de armas e o gymnasio teem uma instalação espaçosa, fresca e bem iluminada. A casa do gymnasio tem 13 metros de largura por 24 de comprimento.

A estação chronographica instalou-se num elegante pavimento isolado, que pertencia ao jardim do antigo palacio. Tem contigua uma pequena carreira de tiro.

A Escola do Exercito herdou os livros que pertenciam á Academia de Fortificação, Artilheria e Desenho, e foi esse o nucleo da sua bibliotheca. Não era rico o espolio, como ricas não eram tambem a esse tempo a literatura militar e a bibliographia technica. Em 1839 augmentou o numero de volumes com muitas das livrarias dos extinctos conventos; depois o Marquez de Sá da Bandeira offereceu á bibliotheca os seus livros militares; e com outras acquisições e offertas ha ali, hoje, cêrca de 45.000 volumes.

Teem merecido ao Conselho escolar desvelada attenção e auxiliam poderosamente as demonstrações das diversas cadeiras, os museus de armas, de fortificação, de artilheria, de construções, de topographia e geodesia, de pyrotechnia e fabrico de armas e projecteis, e os laboratorios de photographia, de chimica e de modelação.

O parque e as arrecadações do armamento de infanteria e cavallaria, a prisão dos alumnos, o aquartelamento para os destacamentos, as cavallariças, os depositos de material de fortificação, fachinagens, minas, e quartel para os soldados que a Escola recebe para auxiliarem esses trabalhos, satisfazem perfeitamente ás necessidades da Escola.

O picadeiro é retangular, medindo 16 metros de largura por 43 metros de comprimento, illuminado e ventilado pelo lanternim do telhado e por grande numero de janelas.

A carreira de tiro tem 250 metros de comprimento e está perfeitamente disposta para evitar o perigo devido ao desvio de projecteis. Nas extremidades colocaram-se o paiol e a arrecadação de material balistico.

Em Portugal o ensino com orientação designadamente scientifica das sciencias navaes, sobretudo na sua aplicação directa á instrucção dos individuos destinados aos serviços da marinha militar, só começou a organisar-se com regularidade na segunda metade do seculo XVIII.

Foi, com effeito, por esse tempo que se chegou a uma constituição methodica da corporação dos officiaes de mar, estabelecendo-se definitivamente a sua hierarchisação, e assentando-se em que moldes deviam reunir-se nelles não só a auctoridade militar e a acção politica, principaes fins a que se destinam as forças navaes, como ainda a technica da navegação e da manobra, até então consideradas porventura de ordem inferior e por isso delegadas em individuos que, por via de regra, não podiam ascender ás eminencias do mando. Este melhoramento coincidiu, ou antes foi corolario immediato do impulso dado á nossa organisação naval pelo grande Ministro Martinho de Mello e Castro, e pelo seu successor não menos illustre D. Rodrigo de Sousa Coutinho.

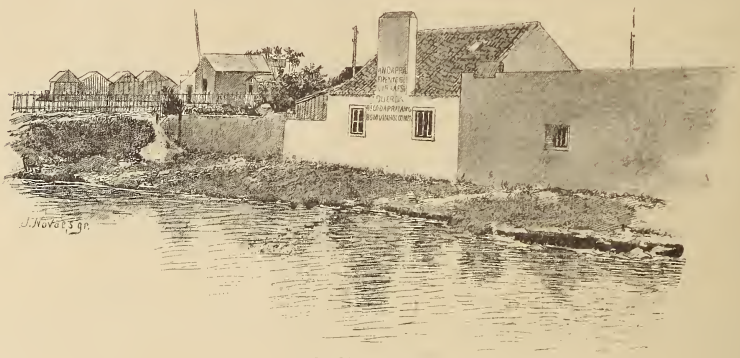
Depois das prolongadas luctas motivadas pela guerra da Restauração, nas quaes entraram quasi exclusivamente forças terrestres, o primeiro impulso de reorganisação da armada portugueza data do reinado de D. Pedro II; e que os antigos brios da nação maritima não estavam mortos, logo no reinado seguinte se mostrou com a victoria de Matapan sobre os turcos, feito tão glorioso para Portugal quanto inutil para a sua prosperidade. Mas o arranjo economico das forças navaes era ainda, nos seus traços geraes, á antiga, e só no tempo de D. José I é que se pensou em dotar os officiaes de mar com uma educação profissional adequada.

Foi o Marquez de Pombal o primeiro que, por decreto de 2 de Julho de 1761, organisou um nucleo de mancebos, tirados da nobresa com o titulo de Guardas da Marinha ou Guardas-marinhas, destinados a serem depois promovidos aos postos de officiaes

de mar. Mas a nova idéa não viçou desde logo, provavelmente porque lhe faltava o complemento d'uma instrução regular e scientifica, e por isso o proprio Pombal extinguiu em 1771 a classe dos Guardas-marinhas, substituindo-a pela dos Voluntarios da Armada.

Em 5 de Agosto de 1779 creára-se em Lisboa um estabelecimento publico de instrução com o nome de Academia Real de Marinha. Era a bem dizer esta Academia uma faculdade de sciencias mathematicas, puras e aplicadas, cuja lição se fazia em curso de tres annos; mas, como no terceiro e ultimo anno se ensinava a arte de navegar theorica e pratica, e porque, note-se bem, o espirito dos dirigentes estava grandemente voltado para o desenvolvimento das coisas navaes, d'ahi o nome de Academia de Marinha dado á nova instituição, não obstante ella servir de centro de estudo para diversas carreiras, tanto militares como civis.

Não tardou, porém, que se julgasse necessario crear para os Guardas-marinhas um estabelecimento especial de instrução e foi assim que pela carta regia de 1 de Abril de



273 — Ribeira de Alges

1796 se organisou a Academia Real dos Guardas-Marinhas, na qual, a par dos estudos mathematicos indispensaveis, se professavam os de caracter militar e nautico necessarios para os officiaes de mar.

Em 1807 o Principe regente D. João, depois Rei, saía de Lisboa para o Brazil, com toda a sua familia e acompanhado de muitos dos tribunaes e instituições superiores do Estado. Entre estas foram a Companhia dos Guardas-marinhas e respectiva Academia.

Regressando D. João VI a Portugal, novamente se instalou em 1825 a Companhia dos Guardas-marinhas na Sala do Risco, e com pessoal variado e mais ou menos regular se continuaram os estudos da sua Academia, até que o decreto de 19 de Maio de 1845 a transformou em Escola Naval, destinada a completar o curso de marinha aos alumnos já habilitados com os respectivos estudos preparatorios, em dois annos, na Escola Polytechnica.

Desde esta primeira organisação da Escola Naval até á immediata, em 1864, ha apenas a consignar de importante a providencia pela qual se permittia que alguns aspirantes e guardas-marinhas podessem habilitar-se praticamente nas esquadras das nações amigas. Esta idéa, excellente em si mesma, foi depois deturpada pela concessão feita a individuos que não tinham os respectivos estudos da Escola Naval, e por isso a doutrina foi mais tarde abandonada.

Por essa nova reforma a Escola passou a ter tres cursos, o primeiro para officiaes

da marinha militar, o segundo para engenheiros navaes e o terceiro para pilotos dos navios mercantes.

O anno de 1868 foi sensivel para os serviços da marinha portugueza, porque devido ás circumstancias politicas e financeiras da occasião, nelles se introduziram modificações que principalmente visavam ao fim de redução de despezas. Com este intuito se decretou uma nova organisação da Escola Naval, que veiu a ser a terceira, e que tem a data de 26 de Dezembro de 1868. Poucas foram as alterações introduzidas no plano dos estudos, devendo apenas mencionar-se a creação de um novo curso, o de

274 — Egreja da Lapa

engenheiros machinistas, para obtemperar á necessidade de dar adequada instrução technica a mais uma d'aquellas classes auxiliares que os progressos da construção tinham chamado a participar do serviço naval.

Em 1869, instituiu-se um corpo de engenheiros hydrographos, formando uma secção da classe dos officiaes de marinha, e estabeleceu-se tambem para elles um curso, em cuja parte complementar entrava a mais o ensino desenvolvido da hydrographia.

A Escola Naval acha-se estabelecida, como já vimos, em parte das edificações que constituem o Arsenal da Marinha. Estas edificações, conjunctamente com outras que formam o grande massiço desde o lado occidental da Praça do Commercio até ao Largo do Corpo Santo, limitado ao norte pela Praça do Municipio e pela Rua do Arsenal, fazem parte do vasto plano de reedificação de Lisboa aprovado pelo Marquez de Pom-

bal depois do grande terremoto. Entre os corpos do edificio que compõem o Arsenal, nota-se a grande Sala do Risco, formando um angulo obtuso com o outro corpo que se prolonga com a Rua do Arsenal, e cujo nome provém de ter ella sido destinada a receber no seu pavimento os *riscos* dos navios para sobre elles se fazerem as respectivas fórmas.

Foi na Sala do Risco que desde o principio se instalou a Companhia dos Guardas-marinhas, quando organisada definitivamente em 1782. As salas e mais dependencias, em que se reparte o primeiro pavimento do corpo acima referido, tiveram diversos destinos, mas foram sendo sucessivamente apropriadas aos serviços da Academia e depois da Escola Naval, por fórma que esta hoje as occupa todas e ainda algumas do segundo pavimento, para o qual tem uma escada interior.

Subindo-se da Rua do Arsenal pela escada de quatro lanços, chega-se ao vestibulo, o qual dá acesso a uma extensa galeria, tendo pela esquerda onze janelas que deitam para o interior de Arsenal. Nessa galeria acham-se os armarios envidraçados contendo diversos objectos das collecções de ensino, e pela sua direita com ella communicam successivamente as aulas, as salas da Bibliotheca, o archivo, o vestiario, a sala das sessões do Conselho, e outras dependencias.

A galeria communica pela sua extremidade occidental com a Sala do Risco, na qual se fazem as formaturas e os exercicios militares dos alumnos, bem como a instrução de aparelho, para o que, além da respectiva collecção de ensino, ha na mesma sala o navio modelo, aparelhado a corveta de tres gaveas, e que certamente foi modelo, no seu tempo. Este pequeno navio, cuja mastreação chega até aos madeiramentos superiores da sala, recebeu do espirito jovial dos guardas-marinhas o nome de corveta *Paciencia*, talvez pela muita que o pobre modelo deve ter para suportar as tropelias dos buliçosos alumnos sobre o seu antiquado aparelho.

Existem, disseminados pela Sala do Risco e por algumas aulas, antigos modelos de navios de guerra portuguezes, principalmente do seculo XVIII. Alguns d'esses modelos que offerecem muita curiosidade, são bem feitos e acham-se regularmente conservados, tendo havido infelizmente para outros mão inhabil que em reparações inscientes lhes alterou a verdade historica.

Por decreto de 7 de Janeiro de 1835 foi instituida uma Bibliotheca de Marinha, cujo primeiro fundo constou de 8.000 volumes, recebidos do deposito das livrarias dos conventos extinctos. Como é facil de supor, nesse fundo eram pouco numerosas as obras de sciencias navaes; apenas se contavam 195 volumes sobre assumptos de marinha propriamente ditos, 303 de mathematica, 35 de astronomia, 284 de viagens, etc. Avultavam principalmente livros de bellas letras e de sciencias philosophicas e ecclesiasticas; entre elles, porém, havia algumas obras raras ou notaveis como curiosidades bibliographicas, por exemplo, a bella edição de Dante, por Fr. Sansovino, Veneza, 1578, riscada em todos os logares condemnados.

O decreto de 19 de Maio de 1845, que transformou a Academia dos Guardas-Marinhas em Escola Naval, determinou que a esta ficasse anexada a Bibliotheca de Marinha, a qual depois passou a ser Bibliotheca da Escola Naval. Desde então até 1866 adquiriu ella cerca de 3.000 volumes; de 1866 até ao presente tem sido acrescentada com mais 7.000, sendo portanto a totalidade dos volumes actualmente existentes de cerca de 18.000.

O plano da reorganisação da Escola Naval de 1887 anexou-lhe as Escolas de pilotagem e a de officiaes de officio e mestrança do Arsenal de Marinha.

O Real Collegio Militar traz a sua origem de um outro estabelecido no forte e quartel da Feitoria proximo á Torre de S. Julião da Barra, fundado em 1803 por Antonio Teixeira Rebello, Commandante do então chamado Regimento de Artilheria da

Côrte. Esse pequeno collegio foi em principio destinado a dar instrução aos filhos dos officiaes do regimento e proporcionou desde logo, não só grandes beneficios á colonia militar das proximidades de S. Julião da Barra, mas ainda á população civil dos arredores.

Apesar da grande dedicação, boa vontade e enthusiasmo do seu fundador, o collegio não logrou grande desenvolvimento; as economias regimentaes eram o unico recurso de que dispunha. Morreria de inanição, se o Governo não mandasse abonar a quantia de 240 réis diarios a cada um dos collegiaes, e bem assim uma pequena retribuição aos professores, que até ahi haviam ensinado gratuitamente.

Lutando sempre com maiores ou menores difficuldades, desigualdade nos estudos, e sem categoria especial entre os estabelecimentos de ensino official, conseguiu Teixeira Rebello ir sustentando o seu collegio, até que no Governo surgiu a idéa de utilisar essa instituição, dando-lhe maiores proporções e convertendo-o em Real Collegio Militar.

Em 1814 foram passados da Feitoria para o novo Collegio 45 alumnos, ainda sob a direcção de Teixeira Rebello, mas já no edificio de Nossa Senhora dos Prazeres, no sitio da Luz, mandado construir pela Infanta D. Maria, filha de El-Rei D. Manoel e da Rainha D. Leonor, e destinado a hospital de pobres. O edificio só se concluiu em 1618, muito tempo depois da morte da Princeza, que lhe deixou sufficientes rendimentos para tratar 60 enfermos. O terremoto de 1755 arruinou-o bastante, sendo depois reparado.

Ao poente encontra-se a Egreja de Nossa Senhora da Luz, de que só hoje existe a capella-mór, notavel pelos ricos marmores de côres muito lavrados que possue. Esta egreja fazia parte do Convento da Ordem de Christo, fundado pela mesma Princeza.

Era de 50 o numero de alumnos que deviam ser sustentados por conta do Estado.

Em 1816, foram mandados admittir 200 alumnos, 100 sustentados á custa do Estado e 100 á custa dos seus paes ou tutores.

Por decreto de 12 de Agosto de 1834, ampliou-se o ensino preparatorio ministrado no Collegio com uma aula de musica, uma escola de equitação e outra de gymnastica. Neste mesmo anno se determinou que os alumnos que houvessem completado com aproveitamento os estudos, fossem considerados, apenas sentassem praça, como aspirantes a officiaes e como taes gosassem das prerogativas que lhes competissem, sendo preferidos nas promoções, em egualdade de circumstancias, aos demais aspirantes a officiaes.

Em 1835 foi elevado a 150 o numero de alumnos sustentados por conta do Estado, sendo 134 logares para os filhos dos officiaes do exercito e 16 para os filhos dos officiaes da armada e brigada de marinha, ficando indeterminado o numero dos que pagassem a sua sustentação.

Reconhecida a impossibilidade de rasoavelmente acomodar no edificio da Luz tantos collegiaes, fez-se a transferencia do Collegio para o edificio da extincta Congregação dos missionarios de Rilhafoles.

Elevou-se a duração do curso, que de seis passou a oito annos, ampliando se a instrução geral e creando-se novas cadeiras, dividindo-se os estudos em dois cursos, um de preparatorios e outro de disciplinas militares. Esta reforma teve uma duração ephemera, por isso que em 1837 se decretou a redução do curso novamente a seis annos, no sentido de que os alumnos recebessem a educação e instrução proprias para o serviço das armas de cavallaria e infanteria.

Coincidiu esta alteração do plano de estudos do Collegio Militar com a organisação da Escola Polytechnica, determinando-se então que os alumnos do Collegio dos Nobres fossem recebidos naquelle collegio, onde se lhes daria uma instrução nunca inferior á que lhes era ali ministrada, pagando as mesmas prestações que pagavam.

Por decreto de 14 de Novembro de 1848, foi o Real Collegio Militar transferido do edificio de Rilhafoles para Mafra, onde esteve até 1859. Neste anno voltou para o edificio da Luz, em consequencia de uma representação feita á Camara dos Deputados

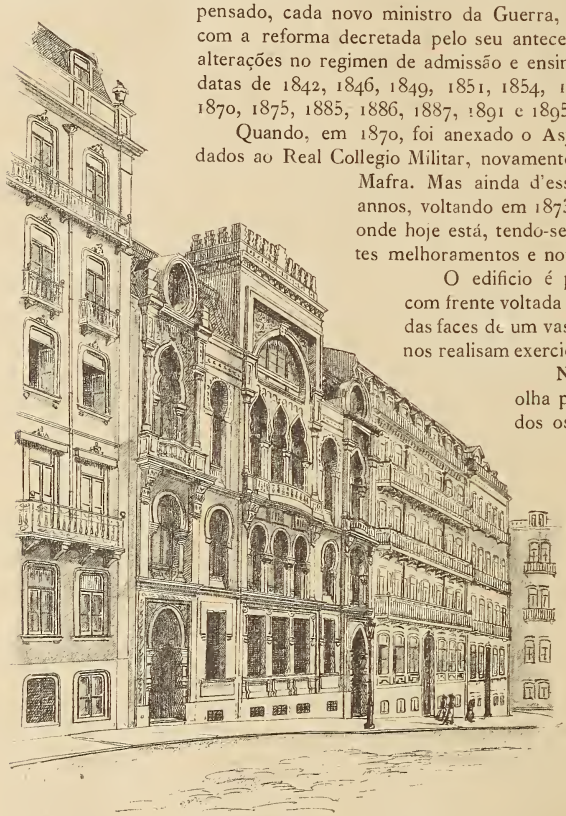
e assignada por grande numero de officiaes da armada e do exercito, viuvas e empregados do Collegio, pedindo instantemente a transferencia para Lisboa ou proximidades.

A partir de 1837, o Real Collegio Militar soffreu repetidas reformas, que ora acrescentavam, ora reduziam o numero de alumnos; ora lhes davam, ora lhes suprimiam vantagens; ora os sobrecarregavam, ora os aliviavam de estudos. Dir-se-ia que, de caso pensado, cada novo ministro da Guerra, por sua vez, implicava com a reforma decretada pelo seu antecessor, e fazia outra. As alterações no regimen de admissão e ensino dos alumnos teem as datas de 1842, 1846, 1849, 1851, 1854, 1862, 1866, 1867, 1869, 1870, 1875, 1885, 1886, 1887, 1891 e 1895.

Quando, em 1870, foi anexado o Asylo dos Filhos dos Soldados ao Real Collegio Militar, novamente foi este mudado para Mafra. Mas ainda d'essa vez só lá esteve tres annos, voltando em 1873 para o edificio da Luz, onde hoje está, tendo-se realisado ali importantes melhoramentos e novas construções.

O edificio é perfeitamente orientado com frente voltada ao norte, formando uma das faces de um vasto campo onde os alumnos realisam exercicios de tactica abstracta.

Na face dos claustros que olha para o sul estão instalados os gabinetes da direcção e a secretaria, perfeitamente mobilados. No gabinete do Director ornam as paredes os retratos de todos os directores já fallecidos que tem tido o estabelecimento, o que constitue uma galeria muito curiosa e interessante.



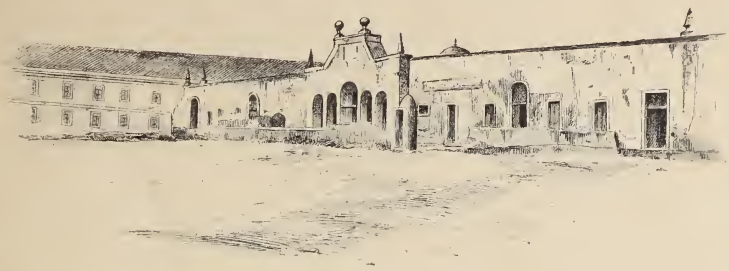
275 — Um palacete na Avenida da Liberdade

Na face opposta dos claustros, e correspondendo á entrada principal, muito ampla, ha as escadas de communicação para o andar nobre, uma das casernas das praças em serviço no Collegio, e a dispensa.

No jardim do nascente, frente ao norte, está montado em um armazem apropriado um bom serviço de incendios, sempre prompto não só a prestar auxilio em qualquer sinistro que se dê no edificio, como ainda nas proximidades.

No prolongamento dos claustros lateraes seguem dois largos corredores, onde se encontra, no do nascente, a sala de armas, muito vasta, medindo 23 metros de comprimento por mais de 6 de largura e 5 de altura. Aqui está todo o armamento e correame destinado aos exercicios militares dos alumnos, tudo convenientemente disposto em armeiros, uns circulares, outros rectilineos, e em cabides. Embelezando a

sala, ha alabardas, estandartes, lanças, floretes, meios corpos de ferro, bustos em gesso de alguns monarchas, etc. Esta sala é tambem destinada a aula de esgrima, de sabre, florete e bayoneta. Ao fundo communica com um amplo recinto descoberto.



276 — Porto franco

No corredor do poente encontra-se o refeitorio, uma vastissima casa, cheia de ar e luz, de magnifico aspecto. E' formada por tres naves separadas por pilastras de alvenaria; ao longo de cada uma das naves correm compridas mesas de marmore branco.

A casa de banho tem amplas tinas de marmore para banhos de lavagem e uma grande banheira circular, tambem de marmore, para banhos de chuva; as tinas são separadamente alimentadas de agua quente e fria.

As companhias estão completamente separadas umas das outras, e cada uma d'ellas tem invariavelmente um ou mais dormitorios, lavatorio, sala de estudo e arrecadação.

Ao centro da galeria do pavimento nobre que olha para o norte está a porta principal da capella, que é pequena, mas muito elegante e bem disposta; tem um retabulo de grande merecimento e uma banqueta constituida por seis castiçaes e um crucifixo de metal de grande valor real e merecimento artistico. E' iluminada por grandes janelas rasgadas na parte superior, colocadas inferiormente á cupula do zimborio, que na sua parte mais elevada fica a mais de 41 metros do nivel do solo.

Nos geraes de todas as companhias, alem dos quadros exigidos pelas instrucções do serviço interno e disciplinares, ha uma colleção de boas photographias dos monumentos mais importantes do paiz, acompanhadas de um resumo historico descriptivo.

Correspondendo exactamente á capella, e pela sua parte posterior, está instalada a bibliotheca. E' uma sala ampla, tendo

277 — *Sorbete! Sorbete!...*

ao centro uma grande mesa com estantes para leitura. Já conta 7.000 volumes, e está constantemente sendo enriquecida, havendo uma secção especial para obras militares e outra para leitura dos alumnos.

As aulas são vastas, perfeitamente iluminadas e arejadas. Na aula de geographia e historia, encontra-se uma esplendida collecção de grandes mapas muraes, mudos e falantes, planispherios, espheras terrestres e armilar, etc.

O material de ensino de desenho é o mais completo que se encontra no paiz. Entre a grande variedade de modelos e outro material, notaremos a collecção de modelos em gesso da Academia das Bellas Artes, alguns da collecção Viollet-le-Duc, collecção nacional de folhas modeladas do natural, modelos de figuras planas, modelos de stereographia em madeira e arame, solidos geometricos, compassos de proporção, transferidores grandes, estojos mathematicos, apoios quadriculados para o estudo da perspectiva pratica, e planos de cortiça para a parte elementar da geometria descriptiva. Ha ainda uma variada collecção de estampas de desenho de figura, paizagem, architectura, topographia, sendo utilisada para este fim, com muita vantagem, a lithographia do Collegio.

Todo o edificio é abundantemente iluminado a gaz, com excepção dos dormitorios, quartos e casernas, em que se faz uso, como medida hygienica, da luz de azeite. Durante a noite, conservam-se acesas as luzes dos corredores de communicação dos geraes e das retretes, afim de facilitar o serviço de ronda, e poder facilmente acudir-se a qualquer ponto do edificio onde se torne necessario, ou a qualquer chamamento do exterior, para o que está montada nos claustros uma forte campainha electrica.

A face posterior do edificio olha para um grande recinto murado e arborisado, onde é o recreio dos alumnos, para o que ahi estão montados diversos jogos.

Do lado do nascente d'este recinto está construida a carreira de tiro, que é enterrada e isolada por meio de grandes espaldões em talude e de uma grossa cadeia de ferro. A carreira em todo o seu comprimento tem mais de 60 metros e 6 de largura, servindo para tiro reduzido de espingarda e para tiro de revolver.

Separados do edificio principal, em construções apropriadas, estão o hospital, o picadeiro, o gymnasio e a cavallariça para os cavallos precisos ao ensino de equitação.

O ultimo quartel do seculo passado ficará assignalado na historia da medicina como um dos periodos mais notaveis de transformação e descobrimentos, de que rezam os fastos da sciencia. Assim o permitem afirmar os trabalhos que engrandecem constantemente a bacteriologia, os estudos experimentaes sobre a physiologia e pathologia do systema nervoso, e as explorações da chimica, manancial inexgotavel, d'onde procedem todos os dias novos productos, que enriquecem a pharmacologia e augmentam os recursos da therapeutica. O impulso dos grandes mestres, que abriram novos caminhos á investigação, repercutiu-se por toda a parte e afervorou o zelo dos experimentadores. Nos laboratorios e nos hospitaes augmentou a actividade, multiplicaram-se os trabalhos scientificos, e d'este lidar incessante resultou o movimento acelerado que caracterisa o progresso das sciencias medicas nos ultimos trinta annos.

Bem longe vamos já, em annos e em processos, do tempo em que El-Rei D. João I mandava «que non seja nenhum tam ousado homem, nem mulher, christão, nem mouro, nem judeo que use nem obre d'aqui em deante de Fizica no nosso Senhorio até que primeiramente nom seja examinado e aprovado por Mestre Martinho nosso Fizico, a que desto damos encarrego...»

Em 1521 promulgou El-Rei D. Manuel o Regimento do Fisico-mór, depois de haver nomeado para este cargo o seu physico, o Doutor Diogo Lopes, por falecimento do Dr. Manuel Affonso. O regimento acrescentava determinadas clausulas ao exercicio do referido officio. Nenhum physico, assim natural, como estrangeiro, poderia exercitar a

physica sem ser primeiramente examinado pelo Physico-mór, com dois physicos da escolha d'este. Afóra a examinação exigia-se a prova por testemunhas, de como o examinando praticára dois annos ao menos com dois physicos aprovados; e ainda depois o Physico-mór o havia de levar comsigo por tres ou quatro vezes á visita de doentes, para se certificar da sua pratica e suficiencia. Verificada a idoneidade do examinado, expedir-lhe-ia então uma carta, em nome do Soberano, contendo a especificação das provas, pela qual carta d'ahi por deante poderia curar sem impedimento algum.

Os physicos que viessem de fóra do Reino, para nelle curarem, seriam examinados pelo Physico-mór e physicos da Côrte; ou fossem naturaes ou estrangeiros, embora graduados já. Mas os que tivessem o grau de doutor nos estudos de Lisboa, ou de licenciados por outros, poderiam curar sem prévio exame, e unicamente por virtúde da carta que houvessem obtido no respectivo estudo.

E' muito curioso o seguinte paragrapho: «Todos os que forem graduados no Reino, ou fóra d'elle por escriptos do Santo Padre, posto que por cursos, e suficiencia seja, havemos por bem e mandamos que todavia sejam examinados pelo nosso Physico-mór, para poderem curar; e sendo achados pelo dito exame suficientes, e lhe pagarem seu marco de prata; sem a dita Carta não poderão curar, sob a dita pena.»

Por alvará de 1559 mandou El-Rei D. Sebastião que pessoa alguma podesse curar em seus reinos e senhorios, de cirurgia e anatomia, nem usar da dita arte e sciencia, sem primeiro cursar dois annos cumpridos e acabados na dita arte, e leitura no Hospital de Todos os Santos d'esta cidade de Lisboa, excepto as pessoas que cursaram na Universidade de Coimbra, Salamanca, e no Hospital de Guadalupe, as quaes seriam examinadas pelo Cirurgião mór, e sendo por elle havidas por sufficientes, não seriam obrigadas a cursar os ditos dois annos, mas sim poderiam usar da sua arte, posto que os não cursassem.

Um decreto de D. João V, de 1732, providenciou ácerca da cadeira de anatomia no Hospital Real de Lisboa, e determinou que nenhum praticante podesse ser aprovado pelo Cirurgião-mór do Reino sem ter feito exame de anatomia.

Em 1782 era creada uma Junta perpetua, com a denominação de Junta do Proto-Medicato, composta de sete deputados, amoviveis de tres em tres annos, e presidida pelo medico mais antigo d'entre os mesmos deputados.

A carta de lei que creou esta Junta é summamente defeituosa, pois que não apresenta, na parte dispositiva, a indispensavel designação da incumbencia e fins do Proto-Medicato; e apenas no preambulo deixa perceber qual poderia ser o pensamento do Soberano na creação de um tal corpo. Diz o preambulo: «...Sendo-Me presentes os muitos estragos, que com irreparavel prejuizo da vida dos Meus vassalos tem resultado do pernicioso abuso, e estranha facilidade, com que muitas pessoas faltas de principios, e conhecimentos necessarios, se animam a exercitar a Faculdade da Medicina, e Arte de Cirurgia; e as frequentes, e lastimosas desordens praticadas nas Boticas d'estes Reinos e dos Meus Dominios Ultramarinos, em razão de que muitos Boticarios ignorantes se empregam neste exercicio, sem terem precedido os exames, e licenças necessarias para poderem usar da sua Arte: E porque este objecto he o mais importante, e o mais essencial, que deve occupar a Minha Real Consideração, pois nelle se interessa o bem commum, e a conservação dos Meus vassallos: E querendo obviar aos inconvenientes, e funestos acontecimentos, com que até agora, com grande desprazer Meu, tem sido perturbada a ordem com que sempre se devia proceder em um assumpto tão sério, e de tanta ponderação: Mando, Ordeno, e he Minha vontade, que na Minha Côrte e Cidade de Lisboa seja logo creada e erigida, como por esta Sou servido crear, e erigir, uma Junta perpetua, que será denominada a Junta do Proto-Medicato.»

Logo depois de creada publicou a Junta do Proto-Medicato o seguinte edital:

«Mandamos a todos os Medicos, Cirurgiões, Boticarios, Sangradores, Algebristas, Oculistas, Dentistas, Parteiras, e todas as mais pessoas, que curarem com Licenças nesta cidade de Lisboa, e seu Termo, que no prefixo termo de 20 dias peremptorios, que principiarão a correr da data deste, venhão á dita junta, que interinamente se faz na rua direita de S. José, apresentar os seus titulos por onde usão das referidas occupações; com comminação de que não vindo, etc.»

Por decreto de 14 de Setembro de 1826 foi determinado que, de então em deante, se não examinassem de cirurgia aquelles que se diziam já habilitados para esse fim, senão nos Hospitaes de S. José em Lisboa, e de Santo Antonio da cidade do Porto, onde eram então as Escolas regias de cirurgia. Os exames deviam ser feitos com todo o rigor, e presididos pelo delegado do Cirurgião-mór do Reino, o qual chamaria para examinadores dois lentes da Escola, e depois d'este exame se lhes passaria carta. O decreto dava como razão a circumstancia de haver já escolas regulares de cirurgia, que haviam sido

278 — Aquario de Algés

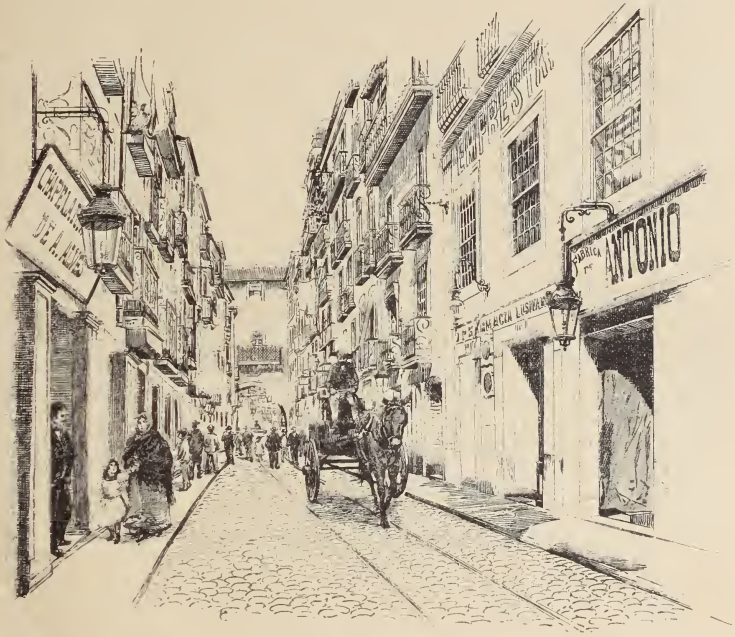
estabelecidas em consequencia do abatimento e deploravel decadencia a que estava reduzida a cirurgia em Portugal, e do abuso de se examinarem por commissões homens ignorantes, que impunemente podiam causar a desgraça de seus semelhantes.

E' datado de 29 de Dezembro de 1836 o decreto que deu uma nova e radical organisação á nossa Escola de Cirurgia, passando a denomina-la Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, e assentando-a no Hospital de S. José. No dia 8 de Outubro de 1845 se abriu na mesma Escola o curso de pharmacia e toxicologia theorica e pratica, curso creado por aquelle mesmo decreto, com a designação de Escola Pharmaceutica.

Um illustre medico e professor, o Dr. Miguel Bombarda, referindo-se á Escola Medica de Lisboa disse estar ella alojada «num pardieiro tão indecoroso, que chegaria a envergonhar uma rua medianamente modesta da cidade, se não estivesse situada em locaes que são quasi inacessiveis ao publico.» Acrescente-se que está a desabar, que uma parte está deshabitada pelo receio de imminente desmoronamento, e comprehender-se ha de quantos pretextos se não valem os professores para impedir que a visitem os medicos estrangeiros de passagem na nossa capital. A historia das suas ruinas mostra a que situação chegou esta Escola.

O edificio é composto de dois corpos fazendo entre si um angulo recto. Ha alguns annos, receou-se pela solidez de um d'elles, fizeram-se alguns reparos, mas ainda assim temeu-se que a mobilia do museu pathologico nelle installado, armarios pesados, cheios

de peças em alcool ou outras, podesse prejudicar essa parte do edificio, e resolveu se transferi-la para o outro corpo, inutilisando-se um dos amphitheatros. Assim se fez. Mas eis que se descobre um dia que as paredes d'este corpo se fendem a toda a altura, que a sua verticalidade desapareceu, que, numa palavra, todo elle se inclina e está em preparativos de desabar sobre o jardim botanico e pavilhão da direcção. O perigo era tão ameaçador, que a Direcção das Obras Publicas mandou logo especar essa parte do edificio, arrear estuques, etc. E as colleções de anatomia pathologica lá tiveram de voltar para a parte já condemnada e que hoje é a unica onde a Escola póde funccionar.



279 — Arco do Marquez de Alegrete

As coisas estão assim chegadas á maior das miserias. A condemnação de um dos corpos do edificio levou comsigo os amphitheatros, a sala dos actos, o laboratorio pharmaceutico, os gabinetes de materia medica, de histologia, de physiologia, e hoje a Escola vê-se forçada a ter as aulas em corredores, em cubiculos de 10 ou 12 metros quadrados, a não ter onde possa fazer o minimo trabalho pratico e a funccionar, nos actos que chamam maior concorrencia, concursos e defeza de theses, na sala da bibliotheca, instalada no corpo do edificio primitivamente condemnado e a respeito de cuja estabilidade, ainda apesar das reparações, os animos não estão perfeitamente tranquilos. E' a este estado de coisas que vem remediar, tarde, embora o edificio que está sendo construido no Campo dos Martyres da Patria.

A nova Escola Medica de Lisboa será constituida por dois edificios — a construção principal que toma todo o terreno da antiga praça de touros, e uma construção

mais ligeira, um pavilhão assentado na cerca do Hospital de S. José, em nivel inferior, e communicando com a primeira por uma larga escadaria.

A distribuição dos serviços da Escola por essas duas construções obedeceu á idéa de separar todas as instalações do ensino que mais directamente depende do cadaver. E' assim que, no pavilhão que se liga com a fachada posterior do grande edificio, estão dispostas salas e gabinetes necessarios ao ensino da anatomia, da medicina operatoria, da medicina legal e da anatomia pathologica, á excepção do museu anatomo-pathologico, cujas dimensões seriam incompativeis com as do pavilhão. Encontramos aqui uma espaçosa sala de dissecções, um grande amphitheatro, um pequeno amphitheatro de construção especial para as autopsias medico-legaes, gabinetes para os professores e preparadores, arsenal cirurgico, museu medico-legal e anatomico, laboratorios de medicina operatoria e medicina legal, gabinetes para a preparação de peças anatomicas. O pavilhão communica pelo lado de traz com o sub-solo do grande edificio, onde ficarão instaladas arrecadações, casas para conservação de cadaveres e onde se poderão dispôr caldeiras de vapor, machinas electricas, etc., principalmente necessarias aos trabalhos de physiologia instalados no edificio principal.

Tendo a fórma geral d'um trapezio regular, sobre cuja pequena base se levanta a fachada principal, o grande edificio possue dois pavimentos. As diversas instalações distribuem-se em torno d'um grande pateo central ajardinado, em volta do qual uma arcaria sustenta um terraço descoberto destinado a facilitar a communicação entre as diversas partes do pavimento superior. No primeiro pavimento terreo, acham-se os serviços de secretaria, de direcção, de thesouraria, e sala de conselho, laboratorios e gabinetes de pathologia geral, medicina experimental e bacteriologia, com um grande amphitheatro anexo e tendo ao fundo uma vasta sala para preparação dos cursos; sobre o outro lado do trapezio, laboratorio de pharmacia tendo contiguo um pequeno amphitheatro commum; as instalações de physiologia, comprehendendo um grande amphitheatro e respectiva sala de preparação de cursos, laboratorio de vivisecções, de chimica physiologica, de microscopia, de pesquizas nevro-myologicas, de physica e chimica biologicas, de trabalhos de optica, gabinete d'instrumentos, museu de physiologia, gabinetes de professores, arrecadações, etc.

No segundo pavimento acham-se sobre a fachada principal a grande sala dos actos com varios anexos, e sobre cada uma das fachadas lateraes a sala da bibliotheca e o museu anatomo-pathologico e gabinetes contiguos. Foi neste pavimento que se distribuiram as salas para laboratorios e museus destinados á hygiene, á materia medica e therapeutica e, finalmente, uma espaçosa galeria para os trabalhos histologicos com os respectivos gabinetes para o professor e para o preparador.

Ha no projecto verdadeiras bellezas de ornamentação, e se a obra não fica um monumento, nem tal se pretendia, o seu conjuncto não destôa das exigencias de uma capital. O importante é que o ensino da medicina em Lisboa ficará dotado d'uma instalação material que lhe será muito sufficiente e até permittirá que se entre numa via de trabalho scientifico, até hoje incompativel com um miseravel alojamento.

Depois da extinção das ordens religiosas, coube um importante papel ao edificio onde tinham estado os Caetanos, ou Theatinos, clerigos regulares da Divina Providencia, de que já falámos quando percorremos o Bairro Alto. Vinculou-o á restauração da nossa arte dramatica o Visconde de Almeida Garrett, quando ali colocou, cheio do seu enthusiasmo de iniciador, o Conservatorio Real de Lisboa e a Inspecção Geral dos Theatros, creados por decreto de 15 de Novembro de 1836.

Fundado por El-Rei D. João V em 1713, existira já o Seminario de Musica da Egreja Patriarchal de Lisboa, exclusivamente destinado ao ensino da musica propria dos offi-

cios divinos, e estabelecido no sitio da Ajuda. Mas depois se reconheceu que não preenchia os fins da sua instituição, apezar de ter um numeroso pessoal artistico, nacional e estrangeiro, e em 1822 foi mandado fechar. No reinado da Senhora D. Maria II foi então creado, por decreto de 5 de Maio de 1835, o Conservatorio de Musica, que tinha seis aulas: de preparatorios e rudimentos, de instrumentos de latão, de instrumentos de palheta, de instrumentos de arco, de orchestra, e de canto. Em 1836, sendo Almeida Garrett, depois Visconde, encarregado pelo Ministro do Reino, Manuel da Silva Passos, de elaborar e propôr um plano para a fundação e organisação do Theatro Nacional, d'esse plano resultou o decreto que creou a Inspecção Geral dos Theatros e simultaneamente estabelecia o Conservatorio Geral da Arte Dramatica, ficando incorporado neste estabelecimento o Conservatorio de Musica.

O Conservatorio ficou então dividido em tres escolas: a de declamação, a de musica, a de dança e mimica. Creou-se tambem uma bibliotheca, para a qual sairam da Bibliotheca Nacional todos os livros que tratavam de musica provenientes das livrarias dos extinctos conventos. Os estatutos decretados em 1841 diziam: «O Conservatorio Real de Lisba tem por objecto restaurar, conservar e aperfeiçoar a literatura dramatica e a lingua portugueza, a musica, a declamação e as artes mimicas. E promoverá outrosim o estudo da archeologia, da historia e de todos os ramos da sciencia, da literatura, e de arte, que podem auxiliar a dramatica.»

Assim se levantava uma bella instituição artistica, que devia guiar o gosto nacional, educa-lo, formar optimos professores, afiançar a boa educação dos seus discipulos.

Um paiz musical é um paiz convenientemente preparado para aceitar todas as lições do progresso, para saber sentir e saber vibrar. Um paiz cujo theatro represente a sua verdadeira missão, e seja o livro dos que não teem livros, como o exigia um bello espirito, recebe por este intermedio parte da sua educação moral e civica. Dos conservatorios, organisados sob um alto pensamento artistico, deviam naturalmente sair os elementos que produzissem a resultante desejada.

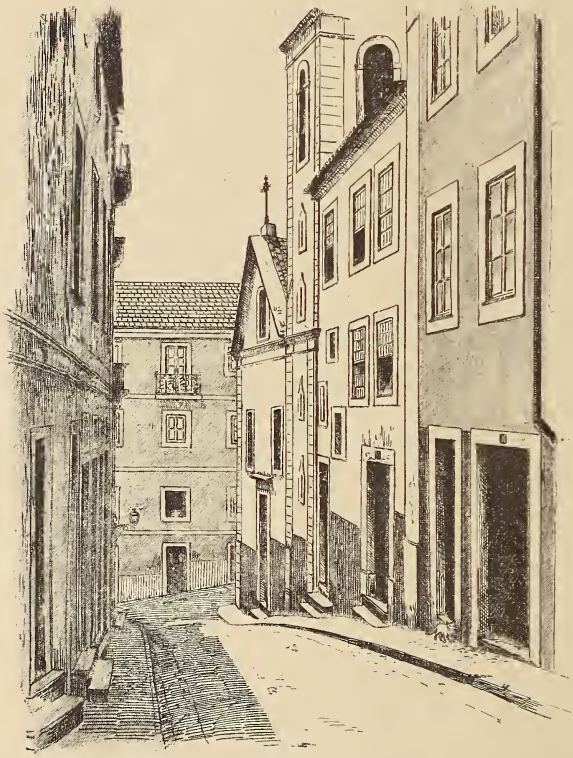
Onde o meio é essencialmente artistico, facilmente o artista se educa; onde o não é, mais difficil e cuidada tem de ser a educação, porque se no primeiro caso o publico faz o artista, no segundo é a este que compete educar o publico. A arte é, como a terra, prodiga para quem a cultiva, mas, como a terra tambem, merece cuidados especiaes para que os seus fructos sejam optimos. Era necessario que a educação musical do Conservatorio correspondesse a uma educação de espirito.

Sem regras não póde fazer-se o artista, nem este nome lhe cabe; mas cingido apenas ás regras não ha artista na verdadeira acepção da palavra. «A arte musical não pode ser uma profissão; tocar bem um instrumento ou escrever correctamente uma cantata ou uma fuga, não é bastante para ser musico, para ser artista...» diz Vincent d'Indy.

Passando do ensino da musica para a arte dramatica propriamente dita, e para a arte dramatico-lyrica, que observávamos? Tinhamos theatros, tinhamos dramaturgos, tinhamos compositores musicaes, tinhamos publico, tinhamos tudo, só nos faltava a materia prima—uma escola de actores. Se alguns d'estes se erguiam a grande altura, deviam-no uns a diligencia propria, outros a simples intuição artistica.

Do Theatro de D. Maria II afastavam-se alguns auctores dramaticos de merito reconhecido e alguns dos melhores actores. Attrair áquelle centro artistico e literario uns e outros, reunir ali os primeiros dramaturgos e os primeiros artistas para que uns e outros, fomentada a emulação e destruida a rivalidade, podessem contribuir com o seu talento, e até com o seu patriotismo para o levantamento da arte dramatica, era um dever a cumprir. Tinhamos elementos, mas dispersos; bastava anima-los no amor da arte, e reuni-los junto da mesma bandeira para que a victoria fosse certa e o theatro portuguez reaquirisse o brilho que outr'ora teve.

Tinhamos um theatro lyrico, que era dever artistico conservar e quanto possivel engrandecer, mas não tinhamos um theatro lyrico nacional, frequentado pela classe média e pela classe popular, que educasse musicalmente o povo, que o ensinasse pouco a pouco a sentir e perceber os segredos da nossa musica, e que animasse tambem os nossos compositores a estuda-la, a cultiva-la, a arrancar-lhe todas as bellezas que encerra, e que sempre tem encantado o publico nas ligeiras e apertadas tentativas de alguns dos nossos maestros.



280 — Capella das Mercês

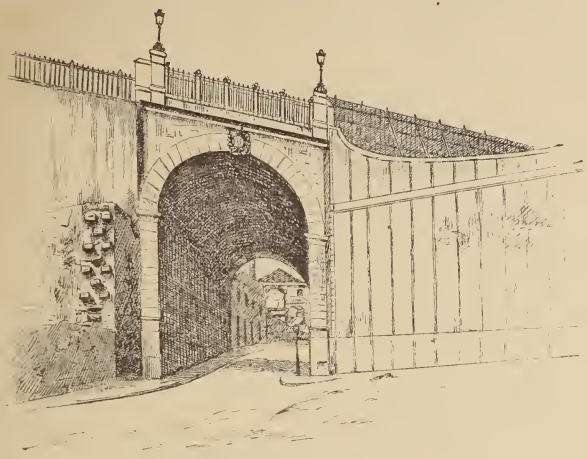
Ponto de partida para o resurgimento da arte musical e da arte dramatica, teve o Conservatorio de soffrer funda remodelação de serviços. Instituiram-se então um Conselho de arte dramatica, e um Conselho de arte musical, que ha muito eram exigidos tanto para intervir directamente no ensino d'aquelle instituto, á similhança do que se pratica no Estrangeiro, como para habilitar o Governo com opinião auctorizada, sempre que este tivesse de resolver assumptos dramaticos ou lyricos.

Crearam-se a aula de orgão e a aula de harpa. Só o nosso Conservatorio as não tinha, e se a aula de harpa era indispensavel elemento artistico, falta imperdoavel se tornava a de não existir a de orgão. O ensino dramatico foi restabelecido com o desenvolvimento tendente a produzir o resultado que se procura. Outros serviços foram melhorados, e para se conseguirem elementos de orchestra, para que esta classe e a de musica de camara tomassem o logar que lhes pertence e desempenhassem o papel que lhes cabe, e para que do Conservatorio não saissem quasi unicamente pianistas, instituiram-se para os alumnos d'estas classes, e para os de ensino dramatico, que tambem precisavam do maximo auxilio e estimulo, subsidios e vantagens.

Feita a reforma no Conservatorio, estava naturalmente indicada pela orientação seguida e pela exposição feita, a creação de um theatro lyrico portuguez, onde os artistas

musicaes, que saiam do Conservatorio tenham collocação e encontrem futuro, se não na totalidade, em grande parte.

Quanto ao Theatro de D. Maria II teve o Governo o mais sincero e vivo empenho de ali reunir os nossos primeiros auctores e artistas dramaticos, pois que, por melhores que sejam as obras da literatura theatral, não podem ter o relevo preciso sem que haja bons artistas que as representem, nem estes podem manifestar todo o seu talento sem que a elle correspondam os papeis que tenham de interpretar, e não deve ser principalmente nas peças estrangeiras que se realise este *desideratum*. Para tal proposito devia servir de valioso subsidio o Conselho de arte dramatica que se instituiu na ultima reforma do Conservatorio Real de Lisboa.



281 — Arco de S. Sebastião da Pedreira

No relatorio que precedeu a publicação d'esta reforma, com a data de 10 de Setembro de 1901, dizia-se: «Fossem outros os recursos do Estado, e a construção do Theatro Lyrico Portuguez por sua conta unica havia de correr, mas nas circumstancias actuaes vae-se até ao maximo a que se póde ir. Por isso á sociedade que no praso de um anno se organisar para a edificação do Theatro Lyrico Portuguez será concedido terreno, serão fornecidas madeiras e outros materiaes que o Estado possua, isentando de direitos todos que haja de importar. Como obrigação principal impõe-se a esta sociedade edificadora a cedencia do Theatro á sociedade artistica que se constituir nas condições que oportunamente serão decretadas. Para resolver eventualidades, varias restrições se fazem, acautelando-se rigorosamente os interesses do Estado.»

Mas decorreu o praso, e passou, sem que ninguem se aventurasse a secundar os bons desejos do Governo.

O Curso Superior de Letras foi instituido com o intento de nos eximir de sermos na Europa os unicos desherdados do estudo especial das sciencias historicas e philosophicas. O decreto que lhe deu origem foi de 30 de Outubro de 1858. Assignou-o El Rei D. Pe-

282 — Agulhas e alfinetes!

dro V, ordenando que da dotação que lhe fôra estabelecida, em conformidade da Carta Constitucional, se deduzisse a quantia de 30:000$000 réis, como donativo espontaneo, para ser aplicada á formação de um fundo permanente em inscripções da Junta do Credito Publico, com os juros das quaes se realisasse em Lisboa a creação e a conservação de cursos publicos de historia, de literatura antiga e de literatura moderna, particularmente da literatura portugueza.

Em carta dirigida ao Ministro da Fazenda, El-Rei explicava o pensamento que ditara a creação das primeiras tres cadeiras do Curso Superior de Letras, dizendo: «Pareceu-me sempre, que de todos os deficits o mais lamentavel é o do necessario. Julguei que não seria augmentar sensivelmente as angustias do fisco empregar em atenuar um tal deficit o que aliás houvera empregado o Parlamento. Era universalmente reclamada a creação de cursos desenvolvidos de literatura e de historia, que servissem de complemento aos sêcos resumos d'essas disciplinas, decorados em nossos lyceus, e que, ao mesmo tempo, fossem preparação para o estudo das sciencias, que tão divorciadas andam com as letras. Decidi-me a realisa-la. Demandava resolução o escolher de tantas necessidades, que entre si disputam a imperteribilidade, uma, que se antepozesse ás outras. Não digo que, por esse lado, me encontrasse eu com a mais urgente de todas, mas penso que não fiz mal em dar corpo ás vozes que ha muito reclamam isto, que poderia ser principio de reformação para o ensino superior. Não sei se muitos se preocupam com o estado actual e com o futuro d'este ultimo: eu muito; vejo-o decaindo diariamente, vejo que se lhe secaram as raizes, e que assim se lhe foi a virtude prolifica. Ha muito tempo que os homens competentes, investidos mesmo com o mandado popular, quer dizer de muita ousadia e muita timidez, põem o dedo nas chagas da instrução publica; mas não sei por que sina das coisas do espirito, estas mais servem para alentar disputas, que para darem fructos. A faculdade de letras ahi a deixo esboçada, incompleta é verdade, mas tal que já não são capazes de deixar de m'a completar. Ponho-a a bater-lhes á porta, e tão de rijo o ha de ella fazer, que não hão de poder menos de abrir-lha. Não quero que se continue a dizer, sem que do discurso se passasse jamais á acção, que não é possivel escusar por mais tempo o acrescentamento da literatura e da historia. Quero que se possa dizer que tanto se falou nelle, que houve um indiscreto, que tomando a serio tal pedido, o realisou, quando nada estava ainda preparado para elle. Virão talvez as pretensões universitarias, e aqui confesso que talvez com algum fundamento, censurar a escolha de Lisboa para séde das cadeiras de literatura e de historia. As escolas colocam-se onde melhor recrutem o seu magisterio, e melhor possam servir o desenvolvimento dos povos. Nellas não vejo sómente as relações estreitas, que as prendem com uma lei de habilitações para as funcções publicas; os cursos, que para uns hão-de vir a ser obrigatorios, quero-os livres para outros — que nenhuns outros estudos estão nem tão facil, nem tão utilmente ao alcance dos entendimentos menos cultivados.»

Muitos julgavam superfluos ou de vão aparato esses estudos, como se podesse ser indiferente ao homem de sciencia, ou de outra qualquer cultura intelectual, e até mesmo industrial, o modo por que se tem desenvolvido a inteligencia humana, quaes as manifestações que resumem eloquentemente os capitulos da sua historia, quaes os genios brilhantes que lhe tem assegurado as transformações e os effeitos que tem produzido.

Já em 1857, o deputado José Maria de Abreu apresentára ás Camaras um projecto de lei para a creação de cursos superiores de letras em Lisboa e Coimbra. Levado á Commissão de Instrução Publica fôra o projecto aprovado, dizendo o parecer: «Até hoje a instrução publica tem sido menos attendida do que os melhoramentos materiaes, e a opinião esclarecida estranha esta omissão como um grande erro, mesmo perante a sciencia economica, por que o capital moral de um paiz não é menos pro-

ductivo, antes se deve reputar tanto ou mais fecundo do que outro qualquer. Já é tempo de olharmos pelo ensino, e de não lhe medirmos com mão escassa algum subsidio, que ajude a levanta-lo da sua decadencia. A Camara, protegendo os progressos moraes, e promovendo ao mesmo passo os aperfeiçoamentos physicos, assumirá uma iniciativa que a enobrece, e tomará um logar, que infelizmente ainda não foi ocupado. As providencias d'esta indole registam se, e perpetuam a boa memoria dos governos e dos parlamentos.»

Os projectos de regulamento para a effectiva constituição do Curso Superior de Letras, foram incumbidos á Academia Real das Sciencias; as aulas foram colocadas no edificio da mesma Academia; e a sua abertura solemne realisou-se no dia 14 de Janeiro de 1861, proferindo o discurso inaugural o eloquente professor e muito illustre homem de letras Luiz Augusto Rebello da Silva.

As lições de literatura moderna e de historia eram das 6 ás 8 horas da noite «pela possibilidade de as frequentarem aquelles que aliás estariam impedidos de o fazer, em consequencia das suas ocupações ou emprego publico.» As lições de literatura antiga eram das 9 ás 10 horas da manhã. *O Boletim geral de Instrucção Publica,* que a esse tempo se publicava, dizia que as lições da noite eram muito concorridas, assistindo a muitas d'ellas El-Rei D. Pedro V e os Infantes seus irmãos.

O Curso Superior de Letras está actualmente distribuido por tres annos, durante os quaes se lecionam as seguintes materias: historia universal e nacional, philologia comparada, literatura sanscrita, vedica e classica, literatura grega e latina, literatura moderna e particularmente portugueza, philosophia, historia universal philosophica. Ha cursos anexos da lingua sanscrita e da lingua grega.

As aulas do Curso Superior de Letras funcionam em parte do edificio da Academia Real das Sciencias, tendo se melhorado para esse fim as condições de algumas salas. A bibliotheca, cujo fundo foi constituido pela compra da muito valiosa livraria de Augusto Soromenho, antigo professor d'este Curso, tem sido sempre, embora lentamente, augmentada.

Quando El-Rei D. Pedro V fundou este estabelecimento de instrução, quiz nomear seus professores a Alexandre Herculano e Antonio Feliciano de Castilho; mas um e outro se desculparam e não aceitaram a nomeação. Outros nomes illustres nas letras portuguezas vieram depois a figurar no corpo docente do Curso Superior de Letras: Rebello da Silva, Lopes de Mendonça, Pinheiro Chagas, Theophilo Braga...

O ensino da agricultura em Portugal foi creado por decreto dictatorial de 16 de Dezembro de 1852, promulgado durante o reinado da Senhora D. Maria II, sendo Ministros Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, o Duque de Saldanha, Rodrigo da Fonseca Magalhães e Antonio Aluizio Jervis de Athouguia.

Antes d'esta epoca, nos fins do seculo XVIII e no começo do seculo passado, já muitos escriptos procedentes de homens notaveis haviam derramado alguma luz no seio das populações ruraes sobre a melhor fórma de cultivar a terra e d'ella extrair certos primores, bem como se haviam feito algumas conferencias, palestras de divulgação e pequenos cursos livres no sentido de arraigar mais fundo no espirito publico o gosto pela lavoura. As memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa são vasto repositorio de muitos d'esses notaveis escriptos, e em outras publicações periodicas d'esse tempo se encontram documentos valiosos para o estudo do grangeio da terra, ainda hoje cheios de bastante actualidade e immenso prestimo pela grande copia de factos verdadeiros e justas observações que nelles se encerram.

O Instituto Agricola de Lisboa foi estabelecido no logar da Cruz do Taboado, onde ainda hoje existe, instalado em edificio antigo que fôra propriedade de nobres fidal-

gos, e que, por largo tempo servira de habitação á Infanta D. Anna de Jesus Maria. A elle se anexou depois a Quinta da Bemposta, situada a 1 kilometro de distancia, onde, em escala reduzida, era comtudo facil fazer as diferentes demonstrações praticas e realisar as muitas experiencias que reclamavam os cursos.

Apesar da animadversão geral e do pouco favor que depois lhe poderam dispensar por diferentes motivos os governos do nosso paiz, o Instituto Agricola de Lisboa conseguiu, graças ao indefesso trabalho e superior inteligencia do seu primeiro director, o muito notavel Dr. José Maria Grande, e ao saber profundo e aturada dedicação de seus professores, apresentar estudos de tanta monta, e offerecer resultados tão incontestavelmente uteis, que assim se impoz ao conceito publico, e a elle se deve o inicio de todo este movimento agricola que em nossos dias se está vendo. Eram tres os cursos que ali havia no principio: o primeiro para abegões; o segundo para lavradores; e o terceiro para agronomos.

Depois de 1852 diversas foram as vicissitudes por que passou o ensino agricola em Portugal. Umas vezes abandonado completamente pelos governos, outras vezes prote-

283 — Praia de Pedrouços. Banhistas e banheiros

gidos por disposições uteis, elle lá tem chegado até tempo actual, tropeçando aqui para se levantar acolá, combalido por muitas refórmas e precipitadas modificações a que tem sabido resistir.

Em 1855, tres annos depois da lei de Fontes, foi remodelado o Instituto Agricola de Lisboa, recebendo uma função mixta. Encorporou-se-lhe o ensino da veterinaria, que até ahi fôra professado em escola especial, a qual, fundada em 1830, tinha arrastado uma vida amargurada e periclitante. D'esta sorte ficaram existindo em um só estabelecimento scientifico duas escolas distinctas, subordinadas a uma administração unica.

Como não bastasse a Quinta da Bemposta para a parte demonstrativa do ensino superior de agricultura, e como por outro lado fosse instantemente reclamada esta pequena propriedade para aplicação differente, no anno de 1862 o Governo adquiriu, por arrendamento a longo praso, os terrenos da Granja do Marquez ao pé de Cintra, e ahi se começou a efectuar a pratica dos alumnos saídos do Instituto.

Assim viveu por certo periodo de tempo o Instituto Agricola de Lisboa, até que sobreveiu no anno de 1864 nova reforma do Ministro João Chrysostomo de Abreu e Sousa, alterando em todo o seu conjuncto o plano de 1852, desenvolvendo consideravelmente em alguns pontos o ensino technico profissional. Conservou-se por esta remodelação o ensino elementar agricola e o superior professado no Instituto, mas era eliminado o secundario. A escola superior, que passára a ter o nome de Instituto Geral de Agricultura, devia compôr-se de treze disciplinas grupadas por secções, que habilitariam aos quatro seguintes cursos: de agronomos, silvicultores, engenheiros agricolas e vete-

rinarios. Eram creadas as missões de estudo feitas a diferentes pontos do paiz pelos professores do Instituto, obrigando-os a colher elementos para a determinação da flora agricola e florestal, da fauna pecuaria, dos solos araveis, e outros assumptos analogos. E, ao par d'isto, preceituava-se de modo a tornar o ensino mais utilitario.

Em 1869 foram cortadas muitas d'estas disposições. Reduziu-se consideravelmente o pessoal ensinante das escolas regionaes e do Instituto, e voltou o ensino a proporções mais acanhadas.

Por decreto de 2 de Dezembro de 1886 foi novamente reformado o ensino official de agricultura pelo Ministro Emygdio Julio Navarro. D'esta vez foi elle contemplado com uma certa liberalidade e dotado com uma tal largueza, que no seu traçado geral não ficava em um nivel muito inferior ao que nos paizes mais cultos da Europa temos visto attingir modernamente.

Afóra de pequenas aulas e salas de estudo ou de trabalhos praticos, compõem o

284 — Praia de Pedrouços. Esperando a maré

material do Instituto de Agronomia e Veterinaria tres amphitheatros, gabinetes dos professores, um grande laboratorio chimico, um laboratorio de microscopia, um museu de machinas e productos agricolas, um museu de engenheria rural, um laboratorio de chimica medica, uma leitaria experimental, um horto agricola e uma bibliotheca.

Para o ensino veterinario servem além d'isto como peças de demonstração as diferentes enfermarias e demais pertenças do hospital que, tendo por principal missão prestar o tratamento a todos os animaes enfermos que ahi sejam recolhidos, obriga-se tambem a fornecer todos os elementos de estudo que os professores entendam ahi dever buscar para melhor exemplificação dos seus cursos.

Por carta de lei de 30 de Agosto de 1770 foi decretada a providencia moralisadora da matricula, na Junta do Commercio, de todos os commerciantes nacionaes, que formavam o corpo da praça da capital. A contar do anno de 1771 em deante «não seriam admitidos á matricula aquelles commerciantes, aos quaes faltassem os predicados da probidade, da boa fama, da verdade e boa fé; sendo da expressa vontade do Soberano, que tambem não fossem admitidos á indicada matricula os pretendentes que tivessem vicios notorios, pelos quaes se tornassem indecentes, ou onerosos á util corporação commerciante. Tambem seriam matriculados, mas em livro separado, os guarda-livros, caixeiros, praticantes das casas de negocio portuguezas, e das corporações e sociedades publicas ou

particulares. Ficava sendo prohibida a admissão nos escriptorios das casas de negocio, ou como assignantes das alfandegas, guarda-livros, caixeiros, praticantes, a quaesquer pessoas que não se tivessem matriculado: o que se estenderia, dizia a lei, até aos proprios filhos dos mesmos commerciantes que não houvessem cursado, e completado os seus estudos na Aula do Commercio, e nella obtido carta.»

Nos estatutos da Junta do Commercio creada por decreto de 30 de Setembro de 1755, estava o germen da Aula do Commercio. «Porque a falta de arracadação de livros, a reduçao de dinheiros, de medidas e de pesos, inteligencia de cambios, e das mais partes que constituem um perfeito negociante, tem sido de grande prejuizo no commercio d'estes Reinos, se deve estabelecer por esta Junta uma aula em que se faça presidir um ou dois mestres dos mais peritos que se conhecerem, determinando-lhes ordenados competentes, e as obrigações que são proprias de tão importante emprego.» Eram estes os proprios termos do disposto nos estatutos.

Havia então apenas 20 assistentes da Aula, dando-se *emolumento* aos não necessitados, como incentivo, e *sustento* áquelles que carecessem de meios de subsistencia. Para a admissão era necessario apenas saber ler, escrever e contar. No fim do anno fazia-se um ligeiro exame, em virtude do qual os assistentes ou passavam para o anno seguinte ou eram despedidos por incapacidade. O curso durava tres annos.

Antes do estabelecimento da Aula, apenas os negociantes Bandeira, Ferreira, e Brito, portuguezes, tinham conhecimento da escripturação por partidas dobradas; os Jorges, Palyarts, Wanzellers, Crammors, Vampraetz, Clamouses... esses, eram todos filhos de paes estrangeiros que os haviam mandado educar fóra. Depois de estabelecida a Aula, não só as contadorias da Fazenda, senão tambem os escriptorios dos negociantes poderam recrutar escripturarios habeis; melhorou-se tambem a fórma da letra, e adquiriu-se o conhecimento da lingua franceza. El-Rei D. José fazia grande estimação d'esta Aula, e muitas vezes foi assistir com toda a Côrte aos exames dos respectivos alumnos, para o que se construiu expressamente uma tribuna. Quando El-Rei não tornava solemnes com a sua presença aquelles actos, era raro que deixasse de assistir a elles o Marquez de Pombal.

Preencheu este instituto admiravelmente o seu destino na ultima metade do seculo XVIII, e ainda em muitos annos do seculo seguinte. Em 1796 dizia um douto professor da Universidade de Coimbra: «... Veriamos a decadencia do commercio reparada com uma Aula que veiu tirar os negociantes portuguezes da ignorancia; com um tribunal respeitavel, que tem suprema inspecção sobre as materias mercantis; com varias providencias que deram á profissão do commerciante aquella nobreza e consideração que lhe dão as nações polidas, e sem a qual jámais poderia adiantar-se, nem haver casas grossas, em que os filhos ficassem nos escriptorios de seus paes, e com a construção de estradas commodas, de barras seguras, e de rios navegaveis, para facilitar a circulação interna e favorecer o commercio maritimo.»

Em 1834 foi extincta a Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas e Navegação, designando-se as auctoridades a que ficavam competindo as diferentes atribuições que lhe pertenciam. No que respeitava á Aula do Commercio, dispunha o decreto: «Em quanto se não concertar definitivamente o systema geral de administração publica, ficará pertencendo ao Commissario dos Estudos a inspecção da Aula do Commercio, da maneira que a exercia a extincta Junta.

Em 1844 ficou a mesma Aula anexa ao Lyceu Nacional de Lisboa, com o nome de Escola de Commercio ou Secção Commercial. Em 1864 regista-se um facto que faz grande honra á benemerita Associação Commercial de Lisboa, a proposito do ensino commercial. Annunciou-se que no mez de Dezembro se abririam nas salas da Associação dois cursos livres nocturnos, de direito commercial portuguez e de economia politica.

Em 1869 foi o ensino commercial separado do Lyceu, passando para o Instituto Industrial, o qual ficou a denominar-se Instituto Industrial e Commercial de Lisboa.

O Instituto Industrial de Lisboa tinha sido creado por decreto de 30 de Dezembro de 1852. Esse diploma, que tanto excitou a attenção dos que se interessavam pela prosperidade portuguesa, prometia um efeito directo e poderoso no desenvolvimento da riqueza publica. Reconhecia-se que toda a proteção concedida á industria fabril, de que não fizesse parte a educação profissional, seria sempre incompleta. Generalisou-se então por todas as artes e officios o ensino industrial, sendo os methodos essencialmente de aplicação, e dividindo-se nos seguintes cursos: de operario habilitado, de oficial mecanico, de oficial chimico, de oficial forjador, de oficial fundidor de oficial serralheiro ajustador, de oficial torneiro modelador; de mestre mecanico, de mestre chimico, de director mecanico, de director chimico, e curso geral. Comprehendia o Instituto Industrial o ensino dos tres graus de instrução, elementar, secundario e complementar, um museu de industria, uma bibliotheca industrial, e o trabalho nas oficinas.

Tres annos depois de estabelecido o Instituto, nenhum operario seria admitido nas fabricas do Estado sem aprovação no grau de ensino respectivo.

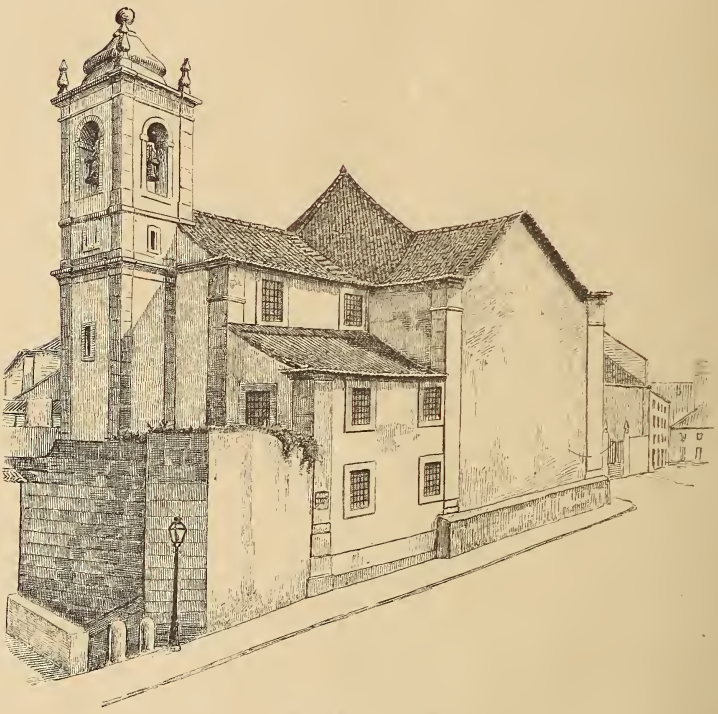
Os professores, além das lições oraes nocturnas, eram obrigados a dirigir os contramestres, operarios, aprendizes e alumnos, nas aplicações das materias que professassem.

Em 1855 estavam matriculados 600 alumnos, sendo 433 artifices e 167 não artifices. Foi necessario então alargar-se o edificio do Instituto, tanto na parte escolar, como na parte fabril. Depois se estabeleceu ali o internato, mas só durou até 1866, por entender o Governo que as despesas não eram compensadas por vantagens reaes. Por esse tempo foi creado o Museu Technologico, que poderosamente havia de auxiliar a instrução dada nas aulas e nas oficinas.

Assim, a oficina de instrumentos de precisão era organisada para crear no paiz esta interessantissima industria, necessaria para reparações e construcções dos instrumentos das nossas escolas e academias, das repartições publicas e dos particulares. A oficina de modelação tinha por fim ensinar aos alumnos que se destinassem á talha, especialmente á empregada nas fundições, e executar com elegancia e com arte os moldes de ornatos, quer para uso interno do Instituto, ou para qualquer fabrica ou oficina particular. Mandara-se organisar a oficina de fundição, para se fundirem objectos delicados, e para se fazerem experiencias e ensaios sobre a melhor construção dos fornos, ventiladores e diversos reagentes; no intuito de se obter a maior economia do combustivel, o augmento do efeito util da força empregada, e melhoria na qualidade dos metaes fundidos. Na serralheria e nas forjas poderiam os alumnos aplicar os principios de physica á economia e melhor distribuição do calorico nos fogões e caloriferos. Ali se exercitariam nas variadas aplicações da geometria descritiva, aprendendo a executar qualquer desenho com economia de tempo e materiaes, sem tentativas prejudiciaes, mas bem seguras no resultado dos processos geometricos. Na oficina de desenho fariam os aprendizes e alumnos os desenhos necessarios ás outras oficinas, ou os encomendados por particulares. A oficina de lithographia tinha que satisfazer ás necessidades do Instituto, e serviria tambem para ensino dos aperfeiçoamentos que esta arte obtivera já nos paizes mais adeantados, e para experiencias que podessem conduzir a novos aperfeiçoamentos. Finalmente, o laboratorio chimico era destinado para o estudo da chimica industrial, e para fornecer algumas industrias de preparados que se não encontrassem no mercado, creando preparadores e mestres de chimica que podessem estabelecer novas industrias. Não bastavam, porém, as oficinas para se conseguir os resultados a que se aspirava. Eram necessarias algumas machinas para auxiliarem o trabalho, e o Governo ordenou que se comprassem. Era tambem necessario que as oficinas e fabricas particulares recebessem das do Instituto os possiveis auxilios de todos os generos; e

assim o determinou o Governo. Era egualmente necessario um regulamento especial, que definisse a natureza do trabalho, a sua duração, o methodo do ensino, e os castigos, no interesse da dignidade moral e da saude dos aprendizes: e tudo isso se ordenou.

As oficinas do Instituto haviam de funccionar não só como escola pratica, mas como fabrica; e nesta relação deviam ganhar para o seu proprio desenvolvimento. Dos lucros que houvesse, deveria ser uma parte para os mestres e primeiros officiaes; e por este meio «haviam de esforçar-se os artifices por firmar o credito do Instituto na per-



285 — Egreja de Santa Luzia

feição, nitidez e barateza dos artefactos. Mais ainda; assim interessados nos lucros, poderiam obter, no fim de alguns annos, instrução theorica, habilidade pratica e especial para montarem um estabelecimento independente.»

Em 1857 mandava El-Rei D. Pedro V aplicar 10:000$000 réis, deduzidos da sua dotação no anno economico de 1857–1858, para enriquecer as colleções do Instituto Industrial de Lisboa.

Nesse mesmo anno elaborou o Conselho de Obras Publicas e Minas uma consulta sobre as doutrinas de telegraphia electrica, que ali deviam ser professadas. O Conselho aprovou o programma das materias do curso, proposto pelo Conselho escolar do Instituto; mas entendeu que devia dar-se á parte pratica e demonstrativa do curso a maior extensão possivel, visto ser destinado a empregados subalternos, que de ordinario não

estão preparados com os preliminares suficientes para a completa inteligencia das theorias physicas. Assim se fez, e essa instrução ficou, quanto possivel, completa.

O Instituto Industrial e Commercial de Lisboa tem recebido frequentes modificações e algumas importantes reformas nos seus cursos. Em 1869, procurando se simplificar os serviços publicos e reduzir as despezas, suprimiram-se os cursos de exploração de minas, de geognosia e metalurgia; deixaram tambem de existir os cursos de conductores e contramestres de minas; mas em 1879, foram restabelecidos todos estes cursos, com muito maior desenvolvimento. Em 1884, e como consequencia de uma representação da Associação Commercial de Lisboa ao Governo ácerca da necessidade de reorganizar sobre um mais vasto plano o ensino commercial, foi decretada uma nova reforma do Instituto, procurando tornar quanto possivel completa a instrução dos alumnos que se destinassem ao commercio, á administração bancaria, á profissão de guarda-livros, etc. Com esta reforma foram instituidos os premios de 300$000 e 200$000 réis aos dois alumnos mais distinctos no curso superior do commercio, e o premio de 100$000 réis ao mais distincto no curso elementar. Um decreto organico de 1886 e as suas disposições regulamentares representaram um notavel progresso no ensino profissional; foram creados por essa occasião mais cinco premios oficiaes de 50$000 réis cada um, e menções honrosas. Em 1889 começou tambem a ser aplicado aos alumnos mais distinctos dos cursos de exploração de minas e metalurgia, ou do curso de eletrotechnia, o premio Saraiva de Carvalho, estabelecido por meio de uma subscripção que promoveram os amigos e admiradores do extincto Ministro. Essa subscripção rendeu 4:500$000 réis, convertidos em titulos da Divida Publica, sendo os premios constituidos pelos respectivos juros. Em 1890 a Associação Industrial Portugueza instituia o premio D. Carlos, de 50$000 réis, para ser conferido ao alumno mais distincto em qualquer dos cursos de conductor de minas, de director de fabricas, de contramestre d'artes chimicas, de constructor de machinas e instrumentos de precisão.

285 — Monumento a Sousa Martins

287 — Junto a um marco fontenario

Ainda depois das modificações de 1890, 1891, 1893, se decretou uma nova organisação do Instituto Industrial e Commercial de Lisboa. Tem a data de 30 de Julho de 1898 e é

a que actualmente vigora. Segundo esta organisação, os cursos de construção civil, obras publicas, minas e telegraphos servem para a admissão nos quadros de conductores de obras publicas e minas e para os empregados do telegrapho. Os outros cursos industriaes dão preferencia para os logares dos estabelecimentos do Estado onde se executam os trabalhos de cada uma das correspondentes especialidades. O curso superior de industria dá preferencia em todos os logares onde se exija algum curso de estudos industriaes. O curso superior de commercio serve especialmente para os logares de verificadores de alfandegas, de chefe de repartição do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, de secretario de legação e de consul.

Este Instituto foi instalado, e conserva-se ainda, no edificio chamado Paço da Madeira, que era uma antiga dependencia da Administração das Alfandegas, e que, apezar de melhorado por successivas reparações e modificações, não tem as condições necessarias a um estabelecimento d'ensino. Apenas a oficina de instrumentos de precisão se acha convenientemente instalada na construção que para esse fim se levantou. São consideradas dependencias do Instituto e instalações anexas, a bibliotheca, os laboratorios, os gabinetes de estudo, os museus, os escriptorios e as oficinas.

Os artigos fabricados na oficina de instrumentos de precisão têm concorrido ás principaes exposições de Portugal e do Estrangeiro, merecendo diversas medalhas de oiro, menções, e um diploma de honra na Exposição de Philadelphia.

Á creação do Instituto Industrial de Lisboa ficou vinculado muito notavelmente o nome do professor José Victorino Damasio, que foi tambem seu director, e que nesta qualidade prestou grandes serviços ás artes e industrias do paiz. No zelo com que trabalhava para a creação d'aquelle viveiro de artistas, desde os seus fundamentos, chegara a ponto de se valer do seu credito particular para levantar importantes sommas com as quaes fez face, algumas vezes, a despezas do estabelecimento. E os vencimentos a que Damasio tinha direito, como professor do Instituto, aplicava-os á compra de instrumentos e utensilios necessarios ao ensino!

O Arsenal Real do Exercito ocupa tres edificios, commumente denominados – Fundição de Baixo, Fundição de Cima e Fundição do Campo de Santa Clara. Ao primeiro d'estes é que se dá propriamente a denominação de Arsenal do Exercito. Está edificado no logar onde foram as antigas Tercenas das Portas da Cruz, que um incendio devorou em 1726, e que D. João V quiz logo vêr reedificadas sob um plano mais vasto e regular, o que não se chegou a concluir senão muito depois da sua morte. O terremoto de 1755 causou grandes estragos no que havia feito, e só em 1760 é que as obras recomeçaram, continuando depois sem interrupção até ao seu acabamento.

O edificio foi todo construido de magnifica e bem lavrada cantaria. As columnas que adornam a porta principal são de ordem corinthia. Sobre a larga janela que ahi se abre estão as armas de Portugal e o entablamento é coroado de trophéos militares, tudo de marmore. Em frente da fachada havia um pequeno terreiro aonde chegava o Tejo, e que foi alargado, chamando-se-lhe Largo da Fundição. A frente oposta, tambem construida sobre o que era praia, olha hoje a estação dos Caminhos de Ferro de Norte e Leste, e fórma um dos lados do Largo de Santa Apolonia, que d'antes era o Caes dos Soldados. A frente do sul olha para o Tejo.

A Fundição de Cima é um edificio bastante elevado, antigo e reconstruido em diversas epocas, mas sem belleza architectonica. Está situado em uma elevação, em frente da incompleta Egreja de Santa Engracia.

A Fundição de Santa Clara, deixando de ser fundição, foi ocupada por diversas repartições anexas ao Arsenal do Exercito, depositos de antigos canhões, ferrarias, armazens de petrechos e reparos pertencentes á artilheria. Ahi foi estabelecido em 1845

o Museu do Commando Geral de Artilheria, creado pelo Barão de Monte Pedral, que tambem ahi mandou estabelecer a Escola de aprendizes do Arsenal do Exercito.

O Museu de Artilheria foi depois mudado para o edificio onde hoje está, ocupando uma serie de salas artisticamente adornadas de armas e como que promptas á primeira voz do clarim das batalhas. O aceio e alinho dos trophéos, o bom gosto da decoração, a magnificencia dos tectos, a abundancia dos doirados e dos azulejos, a galeria dos retratos, tudo forma o conjunto mais agradavel, primoroso, digno de ser admirado.

As colleções d'este magnifico Museu começaram pela classificação dos modelos de machinas, aparelhos e objetos raros e curiosos que existiam numa antiga sala do Arsenal Real do Exercito. As armas de fogo portateis, armas brancas e armas defensivas foram dispostas primeiramente na sala de armas da Fundição de Baixo. O primeiro inventario do Museu tem a data de 27 de Maio de 1847. Infelizmente, a iniciativa bemfazeja do Barão de Monte Pedral não podera salvar muitos objectos historicos de valor, que por desleixo ou ignorancia tinham sido vendidos como sucata ou inutilisados. Foram desde logo relacionadas como pertencentes ao Museu as bocas de fogo de fabricação nacional e estrangeira, cuja conservação interessasse a historia da artilheria, e dispozeram-se em dois canteiros especiaes na praça da Fundição de Santa Clara, salvo as de maior peso, como a de Diu e de Malaca, as quaes ficaram no pateo de entrada.

O decreto que em 1851 reorganisou o Arsenal do Exercito sancionou a existencia do Museu de Artilheria, e o regulamento de 1853 mandou conservar em logar proprio, e com a devida classificação e aceio, os objectos curiosos e dignos por qualquer circumstancia de se guardarem, tanto os que pertenciam á artilheria em geral, como os modelos de machinas, fardamentos, artigos de luxo, etc. Ao tempo em que o General Fortunato José Barreiros redigiu uma noticia a respeito dos objectos ali collecionados, em 1863, eram elles em numero de 950. Actualmente excedem 1.500.

As antigas salas de armas no Arsenal do Exercito eram cinco. A primeira, chamada da Rainha, tem no topo o retrato, de corpo inteiro, da Senhora D. Maria II, pintado por Joaquim Raphael; os paineis do tecto foram pintados por Bruno José do Valle. A segunda, denominada de El-Rei D. José I, é decorada com o retrato d'este Monarcha e quatro estatuas alegoricas, esculpidas em madeira, representando o Valor, a Fidelidade, Vulcano e Marte, do esculptor Francisco Antonio, discipulo de José de Almeida. A terceira, de D. João V, tambem adornada com o seu retrato, e com as estatuas de Minerva e Neptuno. A quarta, chamada das Armaduras, tem os bustos de André de Albuquerque e Duarte Pacheco. A quinta é adornada com os bustos de D. Nuno Alvares Pereira, D. Duarte de Menezes, D. Affonso de Albuquerque e D. João de Castro; nas pinturas do tecto trabalharam os melhores pintores de architectura e ornato d'essa epoca em Lisboa. No tecto da escada o painel do centro é obra do já citado Bruno José do Valle, e as pinturas que representam as Quatro partes do Mundo, aos quatro angulos, são obra do celebre Pedro Alexandrino e Bernardo Pereira Pegado. Toda a ornamentação de flores foi do pincel de José de Carvalho Rosa. Para o esplendor d'aquellas salas contribuiram ainda os pintores José da Costa Negreiros e Feliciano Narciso, discipulo do notavel Baccarelli.

Enchem hoje essas salas, dispostas com muita ordem e elegancia, curiosos exemplares, amostras e modelos de armas portateis nacionaes e estrangeiras, artificios, polvora e seus ingredientes, projectis, areias diversas, amostras de carvão de varias madeiras, de mineraes etc.; arreios para cavallaria e artilheria, armões e reparos para bocas de fogo, bocas de fogo, bandeiras e estandartes, estampas e mapas, equipamento e fardamento das praças de diferentes exercitos, machinas e palamenta destinada ás bocas de fogo, machinas e modelos diversos, petrechos das armas portateis, pendulos balisticos, pesos e medidas, modelos de pontes militares, e muitos outros objectos diversos.

No Museu de Artilheria encontram-se algumas bandeiras e outros tropheus das nossas passadas glorias, e lá deviam reunir-se todos os que, por diversas fórmas, andam dispersos, pois a boa ordem e cuidado ali presidem a tudo. Entre estes gloriosos restos, estão tres das bandeiras que teem a bella divisa ganha na batalha da Victoria, por alguns regimentos de Caçadores 7 e 11, cuja legenda é:

Distinctos vós sereis na lusa historia
Com os louros que colhestes na Victoria.

Tambem ali se guarda umas das bandeiras concedidas aos regimentos que entraram nas campanhas do Roussillon e Catalunha. Eram o 1.º e 2.º do Porto (6 e 18), o regimento 3, então 1.º de Olivença, o 4, que tinha o nome do seu Coronel, o valente Freire

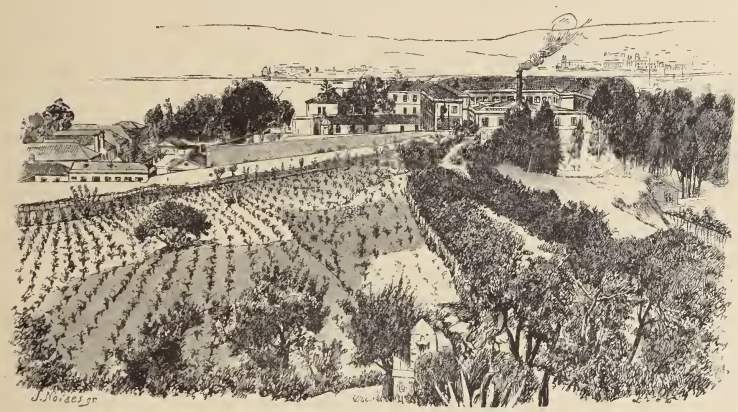
288 — Praia de Pedrouços. A saída do banho

de Andrade, o 19, que provém do regimento de Cascaes, e o 13, do regimento de Peniche, o mais antigo de todos os que se organisaram em Portugal. Aos veteranos d'estes regimentos foi permitido usar, emquanto vivessem, uma distinção, que consistia: para os generaes, numa granada de oiro, bordada sobre o braço direito; para os oficiaes e cadetes, outra egual, mas em prata; a dos oficiaes inferiores era bordada a seda branca, e a dos soldados a lã. Os artilheiros usavam, em logar da granada, uma peça. Uma outra bandeira, tambem existente no Museu de Artilheria, é a que o General Espartero ofereceu, em 1836, ao batalhão de Caçadores do Porto, organisado pelo celebre Caetano Borso de Carminati, e composto do resto do seu valente batalhão do cerco do Porto e de muitos outros individuos que se promptificaram a ir com elle para Hespanha.

O Museu de Artilheria está attingindo hoje um notavel engrandecimento, graças ao alto criterio e ao verdadeiro amor com que o seu Director actual, o Snr. General Eduardo Ernesto Castello Branco, o zela, o desenvolve, e o enriquece. Está em construção uma parte nova do edificio destinada a outras salas, com uma outra grande porta de entrada, que ficará monumental, e para a qual está trabalhando o notavel esculptor portuense Teixeira Lopes. Esta grande porta dá sobre o Largo dos Caminhos de Ferro. As pinturas dos novos tectos foram confiadas ao pintor Columbano Bordallo Pinheiro, um dos mais illustres filhos de Lisboa, e cuja obra, poderosamente sugestiva, d'um rasgo novo, nada cede ao gosto da vulgaridade, afirmando-se de mais em mais n'uma isolada e forte tensão de temperamento original.

O periodo da administração do Marquez de Pombal, a tantos respeitos memoravel, ficou tambem assignalado pelos serviços feitos á marinha de guerra. D'essa epoca data a edificação do Arsenal de Marinha, onde então foram construidas 8 naus de linha, afóra outras embarcações menores; estabeleceu-se a regularidade no aprovisionamento; fundou se na Bahia a fabrica de lonas e de massame; fez-se prosperar a Cordoaria da Junqueira, e em geral a feitura de cabos; instaurou-se na cidade do Porto uma aula de nautica e um departamento ou districto da marinha de guerra; finalmente, foram decretadas importantes providencias sobre a administração, fazenda, saude e organisação do pessoal da Armada.

Foi a marinha de guerra portugueza objecto de grande solicitude, e de proficuas providencias governativas, nos ultimos nove annos do seculo XVIII. Dois inteligentes e zelosos ministros estiveram á frente d'aquella repartição, e discretamente encaminharam



289 — Um arrabalde de Lisboa

as coisas aos melhores termos. Martinho de Mello e Castro, que havia visitado os arsenaes das nações mais adeantadas, começou a dar vida em 1791 á nossa marinha de guerra; e coube a Portugal a fortuna de que Martinho de Mello e Castro succedesse no cargo de Ministro a D. Rodrigo de Sousa Coutinho, depois Conde de Linhares, o qual proseguiu as diligencias do primeiro reformador. Considerou-se a Armada como sendo uma das bases fundamentaes do poder nacional, e indispensavelmente necessaria, assim para a preservação das colonias, como para proteger a navegação mercante e o commercio dos portuguezes.

A fazenda da marinha foi arrancada do cahos de confusão e desordem, a que estava reduzida, dando se-lhe nova, mais severa e regular organisação. Creou se o Conselho do Almirantado, como entidade propria para auxiliar o Ministro com sciencia e experiencia, presumiveis em um corpo collectivo escolhido, como esse, entre os homens technicos e conhecedores dos ramos diversos da marinha e do ultramar. E, finalmente deu-se o mais vigoroso impulso ao restabelecimento da marinha, em todos os pontos de sua dependencia. Os resultados não se fizeram esperar, e brilhantes foram. Compunha-se por esse tempo a nossa esquadra de 12 naus, 13 fragatas, 2 corvetas, 12 bergantins, ao todo 39 navios de guerra. Afóra isso havia 6 charruas, e 26 embarcações de serviço.

Reconheceu-se a importancia das construções navaes, e a este melindroso assum-

pto se aplicou a mais seria attenção. Uma importante carta de lei de 26 de Outubro de 1796 dizia muito avisadamente: «...Sem os mais solidos conhecimentos da architetura naval, que dependem da reunião das maiores luzes theoricas e praticas, e da facilidade e habilidade no desenho, não póde subsistir uma boa construção de náos de toda a qualidade, nem mesmo aproveitarem-se, e ampliarem-se as novas descobertas, que diariamente a theorica, ajudada da experiencia, vae fazendo em tal materia entre todas as nações civilisadas.» Esta carta de lei creou um corpo de engenheiros construtores, composto de um engenheiro construtor em chefe, primeiro mestre da Escola de construção, desenho e traçamento das fôrmas, com patente de oficial do Real Corpo de Marinha; de um engenheiro construtor em segundo, que lhe serviria de substituto; e de outros engenheiros construtores, que mais tarde seriam designados. A mesma carta de lei creou duas classes de alumnos: os primeiros, destinados a engenheiros construtores, reuniriam todos os conhecimentos praticos ás maiores luzes theoricas; os segundos, com accesso aos logares de mandadores, contra-mestres, até mestres da Ribeira, teriam todos os conhecimentos praticos, e dos theoricos apenas a parte indispensavel para o exercicio dos indicados misteres. Não fixava o numero de alumnos que devia haver em cada classe; mas ordenava que o Ministro da Marinha submetesse á escolha do Soberano os que julgasse habeis para entrarem nas classes, com as pensões de 100$000 e 70$000 réis, passando de uma para outra segundo o progresso que fossem fazendo nos estudos, até entrarem no exercicio dos logares que lhes fossem destinados.

D'entre os engenheiros construtores escolheria annualmente a Junta da Fazenda os que julgasse necessarios e mais habeis para a visita dos pinhaes, e escolha da madeira para o serviço da marinha.

O Almirantado devia propôr ao Soberano os engenheiros construtores que, com grande intervalo de tempo, haviam de ser admitidos a embarcar nos navios de guerra, e nos de ensino para os guardas marinhas, afim de adquirirem os conhecimentos praticos, que podessem servir á perfeição da arte de construção, e de estudarem e reconhecerem praticamente os efeitos que resultam da mastreação e da disposição dos lastros dos navios. Com toda a razão foi esta lei qualificada de excellente, e só lhe faltou mais tarde a execução efectiva e real de suas previdentes disposições. Tudo ali estava acautelado, no intuito de virem a formar-se engenheiros construtores de muita habilidade, de aperfeiçoar o fabrico das embarcações, e de elevar a nação portugueza, em pontos de força maritima, á altura das nações mais adiantadas, dentro dos limites das proporções devidas.

Em Novembro de 1803 contava a nossa marinha de guerra 69 embarcações, com 1710 bocas de fogo; sendo 13 náus, 15 fragatas, 11 bergantins, 4 correios, 5 charruas, 10 hiates, 10 canhoneiras e 1 barca fluctuante. A ultima nau de linha que se construiu no Arsenal de Marinha foi a *Vasco da Gama,* de 80 peças, lançada ao mar a 2 de Setembro de 1841.

Em 1843, notou-se a falta que havia de pessoas habilitadas para virem a ser engenheiros construtores, e o Ministro José Joaquim Falcão lembrou se de escolher alguns alumnos dos mais adeantados da Escola de Construção que então existia, e que era muito deficiente, para os mandar a França, e depois a Inglaterra, a frequentarem os estudos especiaes e os arsenaes. Foram escolhidos dois dos mais adeantados, e feitos oficiaes, indo seguir o curso regular de architetura naval em Lorient, sendo-lhes abonada uma mezada de 60$000 réis.

Mas poucos annos depois, em 1854, a nossa Escola de Construção tinha decaído muito, e uma commissão de inquerito ás repartições da Marinha reconhecia então «que o Arsenal carecia de pessoas que, alem da theoria, possuissem a pratica indispensavel e oferecessem segurança de aptidão para quaesquer trabalhos do seu ramo.» Finalmen-

te, em 1875, o Ministro João de Andrade Corvo dizia ao Parlamento:—«Creio conveniente suprimir na Escola Naval o curso de engenheiros construtores. O numero de engenheiros necessarios para as nossas necessidades é limitado, por isso me parece haver vantagem em estabelecer um curso preparatorio nas escolas superiores, e escolher por concurso os alumnos que, em proporção com as conveniencias do serviço publico, devem ir estudar ás escolas estrangeiras, e praticar nos melhores arsenaes. Assim se conseguirão, com pequeno dispendio, engenheiros que aliem aos necessarios conhecimentos scientificos a pratica das grandes construções.»

Os modernos navios da nossa marinha de guerra têm sido construidos em Inglaterra, na Italia e em França. O Arsenal de Lisboa não poude acompanhar os progressos que naquelles paizes atingiu a construção naval. Foi se o tempo em que a maioria das valentes embarcações portuguezas, tão boas como as melhores que então se sabiam construir, a maioria d'essas magnificas barcaças que iam levar muito longe, ás plagas inhospitas de Africa e Asia, o renome portuguez, os galeões de epica memoria, as zabras, as galeaças, as galés, as urcas, e tantos outros generos de navios, nasciam por aqui, nos famosos estaleiros do Tejo, na margem do Sul e na margem do Norte. Os da banda de cá ficavam quasi todos um pouco a juzante do grosso da povoação; a montante, ou á esquerda, os fornos, o mercado...; á parte direita é que era a faina. Descreve a de relance Bartolomeu de Villalba y Estaña, quinhentista, no seu *Pelegrino Curioso*, dizendo que ahi lidavam grande numero de operarios, uns construindo baixeis, outros calafetando-os; uns espalmando, outros breando; outros fabricando pipas e toneis...

Das instalações do Arsenal de Marinha falámos, já no capitulo em que procuramos descrever a Lisboa monumental.

A obrigação do serviço militar remonta ás origens da monarchia, que a herdou já da tradição medieval e romana. A concessão de um senhorio impunha ao beneficiado a obrigação de apresentar e sustentar na guerra tantos homens, cavalleiros ou peões; e as sub-concessões ou mercês menos privilegiadas tambem importavam obrigação de serviço militar para defeza commum, do Rei e do nobre. O serviço militar era, pois, uma obrigação inherente ao dominio ou usofructo do solo e, mais que um dever religioso, social ou patriotico, era encarado como um direito civil reconhecido atravez dos acidentes da guerra. Perdendo o Rei o seu reino e o nobre o seu dominio, ficava tambem o agricultor sem a sua terra, pois que o novo conquistador a distribuiria pelos seus partidarios ou companheiros de armas.

Com a segunda dynastia assumiu o serviço militar uma nova phase. Decáe o systema feudal, consolida se o direito civil, as classes dos homens livres, agricultores, industriaes, artifices e commerciantes tornam se numerosas, e em virtude do prestigio dos reis, do enthusiasmo das emprezas, do sentimento heroico dominante, e da alta consideração que se ligava aos feitos militares e a perseguição dos infieis, o levantamento de tropas fazia-se com bastante facilidade, de modo que D. Affonso V e D. João I poderam expedicionar á Africa exercitos de 20.000 a 30.000 homens, todos de recrutamento voluntario, ou reunidos pela influencia dos nobres, prelados e delegados do Rei.

A revolução de 1640, vindo numa epoca em que o espirito militar estava decadente, apezar de levantar bastante as energias nacionaes, não encontrou no voluntariado o numero de defensores de que carecia, e teve de recorrer ao recrutamento forçado. O Conselho de Guerra fez decretar o serviço obrigatorio das ordenanças, dos quinze aos setenta annos, e impoz aos filhos segundos dos individuos de todas as classes a obrigação de servirem no exercito de campanha.

Em 1763, sendo Marechal do Exercito o allemão Conde de Lippe, e primeiro Ministro o Marquez de Pombal, foi pela primeira vez decretada uma lei regular de recruta-

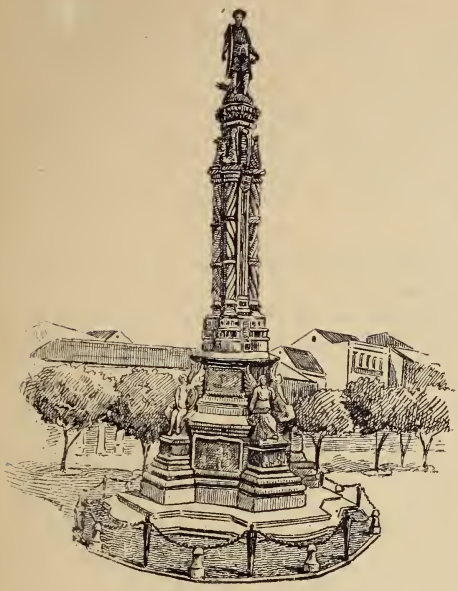
mento, segundo o systema prussiano. Não facultava a remissão nem a substituição, e era portanto uma lei de serviço obrigatorio, atenuado com dispensas a beneficio da agricultura, do commercio, da industria e estudos de sciencias e artes.

Implantado o regimen liberal, foi a legislação do paiz profundamente reformada e, sendo abolidos os capitães-móres, passou o serviço do recrutamanto a ser feito pelas corporações municipaes e auctoridades administrativas. Por motivos eleitoraes e outros,

290 — Egreja de Santo Estevam

nunca este serviço se recommendou pela seriedade, e para tornar ainda mais lastimoso e mesquinho o recrutamento, tinham os ministros da Guerra introduzido successivamente na lei a faculdade de substituição, o alistamento por contracta, a remissão, os adiamentos e dispensas, com tal immoderação ou extensão, que só chegava ás fileiras um numero muito diminuto de recrutas.

Este estado de coisas foi bastante melhorado com a lei de recrutamento de 6 de Agosto de 1896, que reduziu a um minimo as dispensas do serviço militar e os adiamentos, ao mesmo tempo que fez intervir nas operações do recrutamento com um papel principal uma auctoridade militar, o Commandante do Districto de Recrutamento e Reserva, oficial superior da arma de Infanteria.



291 — Monumento a Affonso de Albuquerque

Num exercito, como o nosso, que só tem em vista manter a independencia nacional, a conservação do dominio colonial, e a liberdade dos cidadãos, não deveria nunca o serviço militar ser objecto de repugnancias e abstenções que não são de molde a abonar muito o patriotismo nem as qualidades viris dos que se eximem.

Actualmente só permanecem nas fileiras mais de cinco mezes, que é o tempo necessario para a instrução, aquelles que não querem gosar o licenceamento, e facil seria conseguirem os que não estão habituados a mesteres rudes, que o serviço militar lhes fosse adoçado com algumas regalias respeitantes ao decoro pessoal e civil, e com certas comodidades. Nestas condições seria o serviço obrigatorio geral um motivo de jubilo patrio, porque a independencia ficava bem garantida, e os cidadãos recebiam um augmento de forças physicas e moraes, determinantes de fraternidade, de cohesão, de disciplina e progresso.

A cidade de Lisboa, considerada militarmente, é um campo entrincheirado, cuja linha de trincheiras vae alem da circumvalação municipal, como não podia deixar de ser, atendendo-se a que a engenheria militar teve necessariamente de ir procurar além, no relevo do terreno, as alturas que melhor se ofereciam para a defesa. Este entrincheiramento é servido por uma estrada adjunta e especial, conhecida por Estrada Militar. Diremos de passagem que esta estrada proporciona, em uma ou mais jornadas, o passeio mais pitoresco, de panoramas mais variados, rio, cidade e campos, e de pontos de vista mais amplos que é dado gosar ao *touriste* da capital — os lances de trincheira sobre o Valle de Laveiras e Caxias, os da serra de Alfragide, os das Costas da Luz sobre o Valle de Odivellas, os do Cabeço da Aguieira, d'uma amplidão de muitas leguas...

O entrincheiramento desenvolve-se por 34 kilometros de extensão e é defendido, no flanco direito, pelo fosso natural da Ribeira de Sacavem, terminando no Forte de Sacavem; e no flanco esquerdo por outro fosso natural, o da Ribeira de Barcarena ou de Caxias, terminando no Forte de Caxias. Além d'estes dois fortes, e á rectaguarda da linha geral, ha tres outros grandes fortes d'apoio, sobre alturas de nivel superior, e são o da Ameixoeira, o da Serra de Monsanto e o do Alto

292 — Um cauteleiro

do Duque. Ainda dentro do campo entrincheirado, ha um outro, o Forte do Bom-Successo, contiguo á Torre de Belem, que serve á defesa maritima. Esta defesa ainda é continuada por outras fortificações até ás duas torres da foz do rio, mas essas estão fóra do nosso plano, que é limitado a Lisboa.

A guarnição privativa do Campo entrincheirado para a sua defesa terrestre e maritima, é em tempo de paz constituida, além do seu estado maior, por dois grupos d'artilheria de guarnição, distribuidos pelos quarteis dos fortes mencionados, e tambem por uma companhia de sapadores de praça, de quartel na Pontinha, perto de Carnide. Em tempo de guerra a defesa é feita por todas as forças do Exercito que nella forem mandadas tomar parte.

A guarnição militar da cidade, que é parte da 1.ª Divisão militar do Exercito, e como tal subordinada ao respectivo General Commandante, e movel em campanha, compõe-se actualmente de um regimento de Engenheria com seu quartel na Cruz dos Quatro-Caminhos; do regimento de Artilheria montada N.º 1, com quartel no Alto de Campolide, e das suas baterias a cavallo, destacadas em Queluz; de dois regimentos de Cavallaria, N.º 2 (Lanceiros) e N.º 4, formando uma brigada, com quartel em Belem; de dois batalhões de Caçadores N.º 2, com quartel em Valle de Pereiro, e N.º 5 com quartel no Castello de S. Jorge; e dos regimentos de Infanteria N.º 1 aquartelado em Belem, N.º 2 aquartelado no extincto Convento de S. João de Deus, N.º 5 no extincto Convento da Graça, e N.º 16 em Campo de Ourique. Infanteria e Caçadores estão divididos em duas brigadas. Alem d'estas forças tambem estão aquarteladas na cidade tres companhias de serviços auxiliares: a de Saude, a de Subsistencias, e a de Equipagens.

Teem séde na capital o Ministerio da Guerra, os Commandos geraes das diversas Armas e do serviço d'Estado Maior, o Quartel General da Circumscripção Militar do Sul, da 1.ª Divisão e das tres brigadas já referidas, as Fundições e Arsenaes, e estabelecimentos d'ensino militar aos quaes tambem já nos referimos, Collegio Militar e Escola do Exercito, o Hospital na Estrella, os Tribunaes militares da Circumscripção do Sul, a Carreira de tiro da guarnição em Pedrouços, e outros estabelecimentos militares de menos vulto.

Os tribunaes em Lisboa não estão instalados num unico edificio, como sucede em outras capitaes, em Bruxellas por exemplo, onde o Palacio da Justiça é considerado modelar no genero. Apesar do muito dinheiro dispendido pelo Ministerio da Justiça, em obras parcelares no edificio da Boa-Hora, obras correndo ao sabor do bom ou mau gosto de alguns juizes e até do capricho de alguns escrivães, aquelle velho convento, onde funcionam a 1.ª Instancia civil e a 1.ª Instancia criminal, é defeituoso e improprio. Corredores, atrios, cubiculos, paredões, saguões e trechos de quintalorio com couves e ortigas — eis como está perdido e inutilisado o bello espaço de toda a fabrica conventual dos frades da Boa-Hora, adaptada ás justiças de 1.ª Instancia. Todo aquelle espaço que vae do Largo, correndo pela Rua Nova do Almada até á Calçada de S. Francisco, dava para a construção completa de um excelente edificio onde ficassem acomodados todos os serviços de justiça, se se tem de ha muito obedecido a um plano, e seguido nelle, e ahi empregado o dinheiro gasto nas obras parciaes.

Não ha ali salas para testemunhas, nem salas para arrematações; nas escadarias reina uma promiscuidade ignobil. Os gabinetes dos juizes são acanhados, mediocres os cartorios, e mesquinhos os corredores. Ha salas sem luz, e esconços servindo de arrecadações!

O projecto de um Palacio de Justiça, que faria honra á cidade de Lisboa, existe feito de ha muito. Chegou-se mesmo a começar a sua construção, mas não se foi além dos alicerces. Elaborou esse projecto o notavel architecto Ventura Terra, que o apre-

sentou como prova de concurso ao diploma de architecto de 1.ª Classe em França, concurso que representa o maior triumpho que póde sonhar um architecto francez.

Segundo esse projecto, o nosso Palacio de Justiça ocuparia o terreno limitado pela Avenida da Liberdade, Rua Mousinho da Silveira, Rua Alexandre Herculano e Rua Rosa Araujo. Um grande pateo de honra abrir-se-ia ante a grande escadaria composta de 3 patamares e cerca de 54 degraus, e medindo 30 metros de largura. De cada lado da escada nobre, duas esfinges monumentaes guardariam o esplendido portico dando acesso para a sala dos Passos Perdidos, de notavel belesa, e sobre a qual deveriam abrir-se o vestibulo do Supremo Tribunal d'um lado, e o vestibulo do Tribunal da Relação do outro. Ao fundo seriam a bibliotheca e os archivos, num corpo tornado incombustivel pela naturesa dos materiaes empregados e pela sua disposição especial. Quasi rente da Rua Alexandre Herculano e da Rua Rosa Araujo, e com entrada por ellas, um enorme vestibulo corresponderia ás 6 Varas e outros serviços da 1.ª Instancia. Pela Rua Mousinho da Silveira entrar-se-ia nos Tribunaes criminaes, subindo uma larga escadaria conduzindo ao portico da entrada, e ladeada por dois leões colossaes, representando a Justiça e a Lei. Viria depois um outro vestibulo de 40 metros de comprido por 12 metros de largo, para onde deveriam dar as salas de audiencia dos Districtos criminaes, e galerias conduzindo aos cartorios. No andar inferior seriam a prisão preventiva, a casa da policia, o deposito de carros celulares e material, etc. Todos os Tribunaes teriam assim entradas e vestibulos completamente independentes. O edificio teria 4 andares com 30 janelas em cada andar, e viria a ocupar 63 metros de frente por 127 metros de lado. Seria uma verdadeira obra prima de architetura, mas baldadas teem sido todas as diligencias feitas para a sua realisação.

O Tribunal do Commercio funciona no Torreão oriental da Praça do Commercio, por cima da Bolsa. A sala é nobre e imponente, com 10 columnas corynthias, bem iluminada e espaçosa. Sómente as condições acusticas são deploraveis. Como a sala tem duas frentes, para a praça e para o rio, com 5 janelas de cada lado, carece de acustica, e é vulgar ver nos julgamentos irem os advogados até junto das testemunhas ou junto dos jurados, ouvi-los ou fazerem-se ouvir.

Os nossos melhores salões de Tribunaes são o da Relação e o do Supremo Tribunal de Justiça. O primeiro funciona no edificio do Arsenal de Marinha e o segundo na Praça do Commercio, entre o Ministerio da Justiça e a Junta do Credito Publico.

A sala da Relação, em que os juizes teem assento numa bancada em semi-circulo, foi decorada modernamente, e o tecto, severo e nobre, pintado com moldurados em que se lêem trechos das nossas leis e os nomes dos nossos mais antigos e distinctos jurisconsultos.

A sala do Supremo Tribunal é talvez a mais bella de todas, pela imponencia da decoração e riqueza do mobiliario, todo em pau santo entalhado. Mesmo ahi as dependencias, secretaria, archivo, etc., são excelentes.

Ha outros Tribunaes, como o Supremo Tribunal Administrativo que funciona no Ministerio do Reino, o Contencioso Fiscal que funciona na Alfandega, o Tribunal de Guerra e Marinha, em edificio proprio, no Campo de Santa Clara.

O Limoeiro tem sofrido grandes transformações, e como se a mão do homem fosse insuficiente para o desfigurar, veiu ainda o terremoto do 1755 arruina-lo em grande parte. Ampliou-o depois o Marquez de Pombal.

Da primitiva restam ainda a sala N.º 1, colocada no extremo sul do edificio, sala onde o Mestre de Aviz assassinou o Conde de Andeiro, junto a uma das columnas que servem de suporte ao tecto. Ha ahi vestigios d'um altar, que hoje serve de arrecadação de cobertores, altar cuja existencia se explica por ahi ter sido noutros tempos a capela

do edificio, antes da sua mudança para a sala das visitas. Nesta, como em todas as outras prisões, as camas são os chamados *bailiques,* camas moveis, com dobradiças pregadas á parede, á qual podem ficar arrumadas verticalmente durante o dia. Os quartos N.º 2, chamados dos *sapateiros,* porque era esse antigamente o bairro dos presos que seguiam tal oficio, são todos esconsos e cobertos por um carcomido travejamento de espinheiro, dando a esta parte do edificio o aspecto d'um velho celeiro adaptado a prisão.

293 — Egreja de S. Miguel

Tanto nas prisões como nos quartos, entra o ar abundantemente durante o dia pelas janelas espaçosas. A limpeza é perfeita, graças ao cuidado dos juizes e fachinas.

As enxovias 4 e 5, tambem da primitiva construção, estão mais baixas que o nivel da rua. O Estado previdente, como se quizesse beneficiar mais largamente os desgraçados que, pela sua miseria extrema, não podem pagar logares nos quartos ou nas salas, para ali são por isso relegados, quando poderiam gozar a bem pequena vantagem de terem as grades voltadas para a rua, por fórma a receberem livremente o ar e luz, cercou essas enxovias com um muro que lhes tira o ar e o sol!

O chamado *segredo comprido,* especie de corredor estreito e extenso, se tem a

desvantagem de ser um pouco frio, devendo mesmo tornar-se intoleravel no inverno, tem a vantagem de ser arejado suficientemente. O *segredo escuro,* esse é mephitico e tenebroso; não recebe ar, nem luz suficientes. A permanencia ali é prejudicialissima.

Os dois segredos servem para castigar os presos que no Limoeiro transgridem as posturas disciplinares. Para as faltas de maior gravidade ha a *casa-forte,* verdadeiro terror d'aquelles desgraçados, sobretudo durante o inverno, por se achar completamente desabrigada. O preso ali metido, deitado na sua enxerga e apenas embrulhado num cobertor, recebe em cheio o vento e a humidade das noites de inverno, contra os quaes não ha resguardo algum! E' uma morte lenta, se o tempo da prisão se prolonga.

294 — Um archeiro da Casa Real

Pertencem ainda á parte primitiva do edificio a sala da aula, a capela, o gabinete do Director, duas enfermarias, a cosinha, a casa dos mortos, a secretaria e a casa de banhos.

A prisão das mulheres é no velho edificio do Aljube, distanciado da prisão do Limoeiro, mas d'ella dependente, e em tudo observando-se o mesmo regimen.

Ainda não ha muito tempo, o Limoeiro era um antro. A sarna comia os homens que viviam ali numa mixordia de inferno, cobertos de bichos. Todos os dias havia rixas. O Limoeiro nunca se lavava!

Muito se tem feito — mas não é bastante. Com os 600 contos que ali se gastaram até hoje, tinha-se construido uma cadeia modelar. A dotação actual é miseravel. De todo o paiz desagua como um golfã de lama e de infamia, naquelle casarão amarelo, a desgraça e o crime. A's vezes chegam a estar no Limoeiro 800 presos!

Como medida radical impõe-se a substituição da casa, para se poderem dividir os presos por categorias de crimes e para se construirem grandes oficinas, dando-se-lhes um meio de regeneração pelo trabalho. O que ali está, por mais que façam, nunca poderá ser um carcere; é necessario abrir amplas salas, cheias de luz, e não ha espaço; dividir os presos, e não existem enxovias; educar as creanças — cêrca de 100 entre os 15 e os 19 annos — e não se encontra logar onde se estabeleça uma escola. Basta dizer-se que, até agora, ainda ninguem se lembrou de ensinar a ler as creanças!

E as nossas vistas são modestas. Porque podia e devia exigir-se que os presos, numa cadeia modelo, cultivassem a terra: o convivio com a natureza, o ar livre, a luz vivissima, moralisam muito eficazmente. Vigiados por guardas, divididos em pelotões, arrotearíam, lavrariam, tornando productivo um chão inculto e bravío. Porque o carcere não deve ser de fórma alguma um inferno. A sociedade não se vinga: castiga; e, melhor, procura regenerar. E' esse o papel da Justiça, para aproveitar os seres ainda capazes de se guiarem na vida, extremar os que cairam num momento de fraqueza, melhora-los, guia-los, e d'um criminoso banal arrancar um homem, iluminando-lhe a consciencia. Ora, no Limoeiro, na ociosidade e na infamia, chega-se exactamente ao contrario, e contra isso é preeiso que algum brado se levante.

Entre poucos melhoramentos realisados na Cadeia do Limoeiro figuram em primeiro plano as oficinas. Estão instaladas no pateo interior do edificio, e embora não satisfaçam em absoluto o intuito que presidiu á sua construção, representam um valioso auxiliar da regeneração dos criminosos. São arejadas, cheias de luz, e dispostas de tal maneira, com um gradeamento de ferro em volta, que um unico guarda as póde vigiar. Estão separadas umas das outras por uma rede de arame que, impedindo o juntarem-se os presos de diversa profissão, não impede comtudo que se auxiliem mutuamente com o emprestimo de ferramentas. O Estado fornece aos presos os materiaes e ferramentas necessarios e dá-lhes metade do producto liquido do seu trabalho. Todo o individuo que entrar no Limoeiro para cumprir mais de seis mezes de prisão será remetido imediatamente para as oficinas, escolhendo d'entre ellas a que melhor lhe aprouver.

Recentemente foi instalado no Limoeiro um posto anthropometrico. O facto é de registar, sabendo-se que entre nós os serviços de anthropologia criminal, tão desenvolvidos no Estrangeiro, ainda não tinham passado da Cadeia da Relação do Porto. Esse posto ficou instalado no antigo parlatorio. Na sala, rasgada e ampla, foram colocados os diversos aparelhos e instrumentos por esta ordem: na parede do lado esquerdo, os das observações anthropometricas — medição da estatura do delinquente, do busto e do braço; na da frente o aparelho destinado á medição do craneo, bem como uma pequena banqueta para a medição do pé esquerdo. Junto d'esta vê-se uma estante apropriada, contendo os estojos com os instrumentos anthropometricos systema Bertilon, taes como os tres compassos para a medição da cabeça em comprimento e largura, e das arcadas bizygmaticas, para medir a altura da orelha esquerda, e para o comprimento do ante braço, dedos medio e mínimo, e pé esquerdo. Na parede do lado direito estão colocadas grandes estantes para o archivo dos boletins, com as observações que dizem respeito aos presos, uma para os homens e outra para as mulheres. No intuito de facilitar a procura de qualquer d'elles, a sua distribuição pelos cacifos é dividida em quatro secções: comprimento da cabeça, largura da cabeça, dedo medio da mão esquerda, e pé esquerdo.

A todo o preso que entra para o Limoeiro já sentenciado, é cortado o cabelo e ministrado um banho geral—de agua quente se padecer de alguma enfermidade, e de agua fria no caso contrario. Em seguida, levam-no ao posto anthropometrico, onde é photographado de perfil e de frente, sujeitando-se ás indicações pessoaes de nome, alcunha, edade, naturalidade, filiação, estado, profissão, e por fim ás observações anthropometricas. Todos estes apontamentos ficam escriptos nos boletins, e bem assim os desenhos das tatuagens que por ventura apresentarem pelo corpo, como é vulgar. Outra observação curiosa que tambem fica nos boletins é a nodoa produzida pela cabeça dos dedos da mão esquerda previamente pousados numa tinta especial. Este processo tem dado notaveis resultados, e em Italia, entre algumas centenas de presos sujeitos a esta observação, apenas se encontraram dois cujos desenhos eram quasi eguaes.

A tatuagem dos criminosos tambem ocupa um logar proeminente nos estudos anthropologicos, e é frequentissima nas cadeias do paiz — di-lo eloquentemente esta nota

do posto anthropometrico do Porto: Individuos sujeitos a exame, 910; individuos portadores de tatuagem, 157. Na maioria dos casos, porém, os portadores de tatuagem não sabem traduzir-lhes a significação, sucedendo que o que nellas ha de psycologico pertence menos ao tatuado do que ao tatuador. Em regra, os larapios e os fadistas são os que maior contingente fornecem ás observações anthropometricas, explicando se o facto pela vida intermitente da prisão a que o seu desequilibrio moral os traz condemnados.

Os boletins do posto anthropometrico da Cadeia do Limoeiro são permutados com os da Cadeia da Relação do Porto. Para o Tribunal da Boa Hora tambem vae um exemplar do boletim, que fica archivado junto ao respectivo processo.

A media diaria da entrada dos presos no Limoeiro regula por 20 a 25, mas d'estes, como dissemos, só vão ás observações anthropometricas os que entraram já sentenciados. Todo o mobiliario do posto do Limoeiro foi feito pelos presos d'esta cadeia.

Por morte da ultima freira existente no antigo Convento de Santa Monica, que muito sofrera com o terremoto de 1755, passou o edificio para o Estado. Em 1871 principiaram ali algumas obras de conservação, e em 15 de Junho do mesmo anno foi promulgada a carta de lei creando a Casa de Correção e determinando que o extinto Convento fosse empregado em prisão de menores. Começaram as obras de adaptação do edificio a esse fim, para o que foram empregados alguns presos do Limoeiro.

Em 10 de Outubro, concluidos os trabalhos do 3.º pavimento, deram ali entrada todos os rapazes, que então estavam presos no Aljube. Um anno depois, eram transportados para a Casa de Correção os menores de 18 annos que estavam no Limoeiro, e naquelle dia se realizou a inauguração com 32 reclusos.

Sendo o trabalho a base principal para a regeneração dos menores, estabeleceram-se diversas oficinas, dirigidas por individuos habilitados, e uma aula de instrução elementar, que ficou a cargo do Capelão do estabelecimento. Em consequencia da pouca saída dos productos, pela dificuldade da sua apresentação no mercado, fecharam-se algumas d'essas oficinas, e entre outras as de tecelagem, de trabalhos typographicos, de torneiros, de marceneiros, de cordoeiros e de artigos militares, existindo actualmente as de sapateiros, carpinteiros, alfaiates, pedreiros, esparteiros, além das aulas de instrução elementar e de musica. Os reclusos tambem se ocupam nos trabalhos da cerca, que se dividem em jardinagem e horta.

Cada uma d'aquellas oficinas é frequentada regularmente por 10 a 30 reclusos, e são nellas admitidos todos os que mostram tendencia mais pronunciada por um ou outro oficio; á aula de instrução elementar todos são obrigados a assistir.

A pouca permanencia da maior parte dos reclusos, não lhes permite o ficarem completamente habilitados a exercer isoladamente os trabalhos da especialidade a que se dedicaram; ainda assim, é grande o numero dos que, tendo ali aprendido algum oficio, por elle ganham honradamente os meios da sua subsistencia. Onde este facto se torna mais saliente é na aula de musica, que tem sido frequentada por grande numero de reclusos, muitos dos quaes têm no exercito praça de musicos.

Quando os menores entram na Casa da Correção tomam logo um banho geral e é-lhes fornecida roupa lavada. Em seguida são conduzidos ás prisões do 1.º pavimento, onde ficam durante os primeiros dias, sendo depois, em harmonia com a sua edade, distribuidos pelas prisões dos outros dois pavimentos.

No verão levantam-se ás 4 horas da manhã, lavam-se, preparam os seus dormitorios. Concluidos estes preparativos tomam café e pão, indo em seguida trabalhar nas oficinas até ás 8 horas. A' 8 e meia almoçam e voltam ao trabalho, que interrompem para frequentar a aula, continuando depois até ás 3 horas. A's 4 jantam e ás 5 voltam ao trabalho, que dura até ás 6 e meia. A's 7 e meia é o recolher. Não é per-

mitida a ociosidade fóra das horas de descanço, mas o trabalho tambem não é extremamente rigoroso, e o mesmo acontece com a disciplina.

Todos os signaes, desde a alvorada até o silencio, são feitos por toques de corneta ou clarim, o que representa um meio de educação militar bastante util para o grande numero de reclusos que d'ali sae para o exercito.

Os rapazes são remunerados pelos serviços que prestam e pelo seu trabalho nas oficinas. E' um incentivo ao seu zelo e assiduidade. Ganham desde 10 a 120 réis por dia. Este dinheiro é-lhes entregue todos os sabados e podem gasta-lo como muito bem o entenderem.

295 — Egreja da Pena

Os reclusos das Monicas estão á disposição do Juizo Criminal ou Civil que para lá os envia, ou á do Governo Civil ou da Procuradoria Regia. Ha ainda alguns que, sendo soltos, ficam comtudo sujeitos ao regulamento da Casa: são os que, completando a sentença que lhes foi imposta, pedem para ali ficar por não terem familia, ou para concluirem a aprendizagem do oficio, que haviam encetado.

Alguns paes que consideram os filhos incorrigiveis tambem para ali os mandam com ordem do juiz respectivo. Para todos a admissão é gratuita, não havendo despeza alguma de carceragem.

As obras para a construção da Penitenciaria de Lisboa começaram em 1874, tendo-se considerado o local perfeitamente escolhido, na elevação ao norte da cidade denominada Terras do Seabra ou Entre Muros, a uns 3 kilometros distante do Terreiro do Paço. Havia muito tempo que, no parlamento e na imprensa, se reclamava para Portugal o systema penitenciario, de isolamento entre os presos e de regeneração pelo trabalho. Os grandes paizes cultos reconheciam-lhe os mais satisfatorios resultados, sobretudo naquelles em que a pena de morte era legalmente abolida.

Quando se visita o grande edificio da Penitenciaria de Lisboa, e se procura saber do viver triste dos seus habitantes, que ahi sofrem o castigo rigoroso da incomunicabilidade, e se indaga da historia dos seus crimes, dos pormenores da sua vida passada, da resignação com que encaram o suplicio, e de como se alimentam, e de como se ves-

tem, e de como aprendem, e de que arrependimento mostram nas suas esperanças e nas suas aspirações, tudo emfim que possa satisfazer a nossa ávida curiosidade — a porta que se fecha á nossa entrada, com o som abrupto da sua enorme fechadura, so-

296 — A Graça, o Castello e parte da Baixa. Vista tirada da ponte do Ascensor de Santa Justa

bresalt--nos e oprime nos o coração, e faz nos passar alguns segundos d'um tão mal estar, um tão estranho receio, uma tal inquietação, que o instincto natural leva ainda o mais curioso a hesitar um momento entre o proseguir e o voltar para traz!

Ao penetrar naquelle primeiro corredor, imenso e frio, depara-se-nos ao fundo uma porta baixa, negra, atarracada, esfingica... E' uma porta lugubre, onde subitamente nos parece que vamos lêr, em diabolicas letras de fogo, a legenda do Dante sobre a porta do Inferno. E' a fauce do monstro que, estendendo os seus seis braços de musculatura férrea, pode apertar entre elles quinhentos facinoras. Debaixo das suas garras aduncas não ha peito que respire livremente, e um homem torna-se ali um simples instrumento, movendo-se á vontade do colosso despota, com a precisão d'um automato e a submissão d'um escravo.

Transposta aquella porta fatal que separa da sociedade os desgraçados que ella engeita, muitas vezes depois de os haver pervertido, achamo-nos a meio do edificio, e d'ahi temos, irradiando, os seis extensos corpos ou alas em que elle é dividido. O silencio aterra, um calafrio perturba-nos. Ao longo d'aquellas alas são as célas dos condemnados, ao todo 756. Cada uma d'aquellas pequeninas portas é como que a porta de um

297 — Um bombeiro municipal

sepulcro temporario, isolando da vida um criminoso — algumas vezes, como já tem acontecido por erro da justiça, um inocente! A luz escassa escorre, d'uma fresta alta, por aquellas quatro paredes brancas como lençóes de mortalha. Em baixo, uma cama semelhando um esquife. Em tudo ali se reflecte a imagem da morte.

Quando a luz se apaga, quando a noite cae, cada uma d'essas célas se transmuda num diafanorama de remorso, onde veem tripudiar, em phantasticos sabbats de pesadelo, sombras de victimas subindo dos covaes, cravando as unhas na terra, e assim grimpando, espadanando ainda o sangue quente que o assassino sentira escaldar-lhe as mãos na hora alucinada do crime! E no silencio da noite sem fim, os angulos da céla repetem a cada momento o lamento dos moribundos, o choro das mães, o grito das creanças, o pranto das viuvas...

Das seis alas que formam a prisão, duas correm perpendicularmente á entrada. Confluem todas numa torre central hexagonal. Cada ala, além do subterraneo, tem tres andares, e ao meio corre uma galeria de extremo a extremo. Nas paredes da galeria, e correspondente a cada andar, ha um passadiço, assentado em consolas, destinado ás rondas e á comunicação com as célas. Nos subterraneos são os depositos, as oficinas de trabalho, e as célas de castigo.

Na torre central foi construida a capela, onde todos os presos podem ouvir missa inteiramente isolados. No alto da torre, um unico vigia observa todas as galerias.

Podem d'ali mirar o mesmo ponto 80 ou 90 creaturas, sem mutuamente se verem. São séries de guaritas alinhadas, com entrada posterior ou anterior e uma abertura á altura da cabeça, guaritas para onde a um e um os presos se dirigem, e onde só depois de encerrados e fechados podem tirar o capuz. A' missa assistirá o preso em silencio; e nas aulas, se alguma duvida por acaso tiver, como haja expressa proíbição de falar, manifestará o desejo que tenha de ser esclarecido, batendo na madeira do cubiculo; o mestre toma então nota do seu numero e a explicação ser-lhe-ha feita depois na céla.

No topo terminal de cada uma das alas, ao rez da terra, nascem em leque os chamados pateos de passeio, pequenas tiras muradas em forma de sectores com o seu centro no topo d'essas alas, d'onde tambem um só guarda os pode vigiar todos por tantas frestas quantas as talhadas de terreno. Estes pateos de passeio, com 10 passos talvez de comprimento e menos de largura, teem ao fundo um telheiro para resguardo nos dias chuvosos. Alguns presos ahi cultivam flores. E só ahi podem fumar.

Na céla apenas ha o indispensavel: o estreito catre de ferro, uma tira de madeira que serve de meza, outra mais baixa servindo de banco, um lavatorio, um bico de gaz, uma abertura na parede para o balde das fezes; na porta uma abertura para a marmita de comida, e uma pequena vigia de vidro onde o guarda, fóra, pode encostar um olho. Na parede fronteira ao leito duas molduras enquadram, impressos, os deveres dos presos e pensamentos e maximas moraes.

Entre as alas e ainda no espaço que não é ocupado pelos amphitheatros, arrumam-se a rouparia, lavandaria, enfermaria, cosinha, casa de banho e padaria. Cada uma d'estas secções é de simples e habil organisação. Na cosinha, onde se prepara diariamente comida para uma média de 500 pessoas, os caldeirões são aquecidos por meio de vapor e bastam apenas dois ou tres homens para o serviço. Na padaria os fornos são de soleira movel e, amplos como são, apenas um homem basta para lhes fazer mover o taboleiro. Fabricou-se durante muito tempo nesses fornos pão para os hospitaes. Na lavandaria a séca da roupa é começada por dessoração e acaba em secadouros especiaes. Em todos estes aquecimentos é a temperatura do vapor gerada numa machina central. Os penitenciarios podem servir em qualquer d'estes serviços diarios e correntes; quando isso aconteça, a incomunicabilidade é-lhes conservada, havendo para cada um a sua céla com disposições especiaes para a lavagem.

Na enfermaria, que recentemente foi muito ampliada e consideravelmente melhorada, as célas são mais largas, o colchão mole, o soalho movel, facilmente desinfectaraveis.

A vida do recluso é necessariamente lugubre, como querem que o seu pensamento seja. Ergue-se com o nascer do dia; lava-se, arruma a sua céla; toma uma refeição de café com leite que lhe é entregue pelo postigo especial da porta, e a essa hora recebe o pão para todo o dia. Pelo regulamento o preso é obrigado, quando não tenha meios, ou a familia não lhe acuda com o preciso, a trabalhar em oficio que lhe traga proveito. Ha os carpinteiros, marceneiros, alfaiates, sapateiros, encadernadores, vassoureiros. Se o preso tem um curso secundario ou superior, poderá ser dispensado d'esses trabalhos dedicando-se a outras ocupações, como escrever e ler. O trabalho nunca é em commum.

Tem cada preso uma hora de ar livre diaria, nos pateos de passeio. A condução para ahi faz-se por secções. O guarda abre as portas das respectivas célas, e a um silvo seu cada um dos presos sae da sua céla, pára a um passo, e a novo silvo tem de caminhar atraz do que lhe está na frente, guardando a distancia aproximada de 6 passos. Distribuidos uns após outros pelos passeios, fechados os respectivos portões gradeados, podem então descarapuçar-se, fumar, dar uma porção de passos seguidos.

O tempo do trabalho é de 10 horas e o repouso nunca deverá exceder outrotanto. Ás 11 horas e á tarde novas refeições correspondendo a jantar e ceia. Ás 10 horas da noite é apagado o bico de gaz que cada preso tem na sua céla, e é lhe permitido então dormir. Para caso d'alarme ha em cada céla um manipulo com que o enclusurado pode fazer tocar exteriormente uma campainha. Aos domingos a missa é obrigatoria. Quinzenalmente ouvem os presos prédicas religiosas.

Se algum preso tem de ser punido por qualquer falta ao regulamento, passa ás célas chamadas de *castigo,* com tarimba em vez de cama, duplas portas, sem luz, e por alimento ás vezes pão e agua. Para epilepticos ou furiosos ha as célas de segurança: almofadadas lateralmente a grande altura, enche-se-lhe de colchões o pavimento, e pode então o encarcerado bater com a cabeça por onde quizer. Quinzenalmente pode o penitenciario ser visitado pelos parentes e amigos que se tenham préviamente munido de licença, e reconhecendo-se-lhe a precisa moralidade. A visita é considerada como premio a exemplar comportamento, e é feita no parlatorio, abertura gradeada em toda a espessura de uma parede commum ao muro d'uma das alas e ao corredor da entrada. Visita e preso estão com guarda á vista.

A correspondencia é toda vista pelo Director.

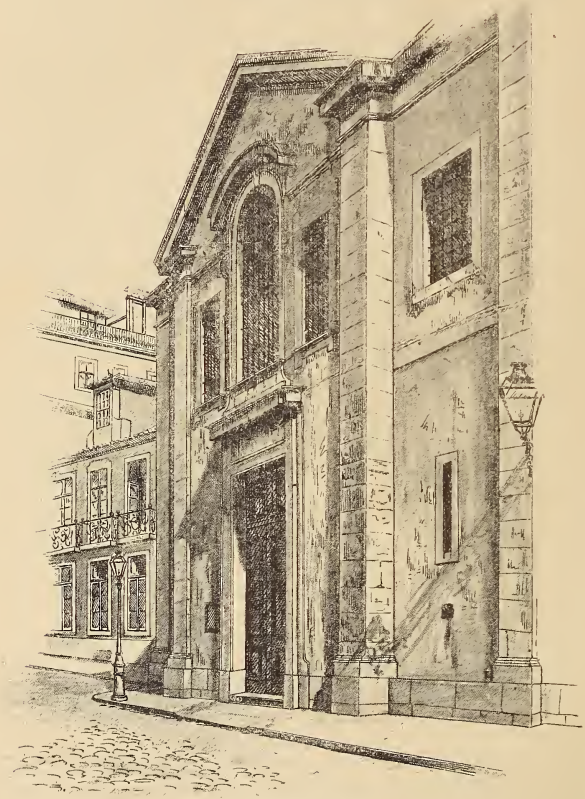
Se endoidecem, o que é corrente, vão os presos ás vezes para Rilhafolles. Se morrem, communica-se o epilogo á familia. Se, por sorte, terminam sem avaria de maior o tempo de prisão, entrega-se-lhes o fundo de reserva constituido por parte dos lucros auferidos pelo seu trabalho.

Bater moeda é um direito majestatico, um previlegio do poder real, e portanto proibido aos particulares. A origem da moeda metalica vem de remotos tempos. Parece que foram os egypcios os seus primeiros inventores, mas d'isso não restam vestigios. Na Grecia a invenção da moeda metalica é atribuida aos Lydeos.

Crê-se que a palavra moeda vem de — *moneta.* Um historiador romano diz que a verdadeira moeda data de 289, anno em que se creou o Triumvirato monetal, e que tomou o nome de Juno Moneta. A' deusa Juno se consagrou um templo no qual eram fabricadas as peças de cobre e bronze, seguindo-se annos depois o fabrico das peças de prata e oiro.

Os senhores suseranos, no tempo do feudalismo na França, batiam moeda; mas Luiz XIV pôz termo a este abuso que cerceava as prerogativas reaes, e estabeleceu a uniformidade monetaria.

Numerosas fabricas de moeda foram estabelecidas em Portugal pelos Reis portuguezes, desde D. Affonso Henriques até D. João VI, em cuja epoca as casas da moeda, nos diferentes pontos do Reino, ficaram unicamente restritas á de Lisboa. Convem notar que antes da fundação da Monarchia já nas cidades de Evora e Lisboa se havia batido moeda, como diz Frei Bernardo de Brito: «Do seu tempo (do Rei godo Flavio Ricaredo, annos de J. C. 601) ha moeda de oiro e prata batidas em diversos pontos da Lusitania, porque além da que refere Ambrosio de Morales batida em Evora, com seu rosto dambas as partes, e a letra de seu nome com a outra ELBORA IVSTVS, tenho eu outra em meu poder de oiro baixo com seu rosto esculpido grosseiramente, e no reverso uma cruz com esta letra OLISIBONA, PIVS, donde se deixa ver que havia em Lisboa oficina de bater moeda em tempo d'este Rey...»



298 — Egreja das Chagas

Recorrendo ás copiosas noticias com que o erudito academico A. C. Teixeira de Aragão enriqueceu o estudo de numismatica lusitana bem como a outras fontes analogas vemos que em 1127 existia em Braga uma casa de moeda mandada estabelecer por D. Affonso Henriques, quando ainda Infante. Eis o que a este respeito diz Viterbo no seu *Elucidario*: «... achamos tão sómente que o Senhor Infante D. Affonso Henriques, ocupado todo na guerra contra os que lhe disputavão o Senhorio d'esta Monarchia e querendo ter da sua parte o Arcebispo e clero de Braga, a 27 de Maio de 1128 fez áquella cathedral as mais, agigantadas mercês, entre as quaes foi a da moeda... etc.» E, citando as regias palavras, do alvará, acrescenta: «Era pois para a fabrica da Sé o rendimento d'esta moeda de que El-Rei D. Affonso II a privou».

Vemos mais que existia outra casa de moeda em Coimbra, e ainda outras no Porto, em Miranda e Valença, fundadas por D. Fernando I; outra em Evora por D. João I; outras em Goa, Cochim e Malaca, creadas por D. Manuel; outras em Diu por D. Pedro II; outras em Minas Geraes e Moçambique por D. João V; e uma em Angra por D. Antonio, Prior do Crato. Em Angra foi depois creada outra casa de moeda durante a regencia de D. Maria II. E' menos exacto Manuel Severim de Faria nas suas *Noticias de Portugal,* quando diz que a primeira casa de moeda se estabeleceu no Porto «onde os primeiros Reys deste Reyno fizeram bater moeda, mandando vir officiaes estrangeiros porque os não havia no Reyno, e porisso lhes concederão tantos previlegios como ainda hoje tem». A casa de moeda na cidade do Porto foi a terceira a estabelecer-se. E' pos-

299 — Quartel de Marinheiros

sivel que o erudito Chantre da Sé d'Evora pretendesse referir-se á circumstancia da casa de moeda do Porto ter sido a primeira de dominio nacional, pois como enunciam alguns numismatas portuguezes, o fabrico da moeda era aqui, no seu começo, feito por arrematação particular e talvez em oficinas que pertencessem aos arrematantes.

No reinado de D. Fernando já essas oficinas pertenciam porém ao Rei, como se deprehende da lei de 1371 e do regimento de 1373; e mais tarde estiveram debaixo da inspeção das camaras, juizes de fóra e outras auctoridades, como diz Frei Antonio Caetano de Sousa na *Historia Genealogica da Casa Real.* Outras d'essas oficinas serviam unicamente para carimbar a moeda, como as de Thomar, Castello Branco, Beja e Tavira.

Eram grandes os previlegios que gozavam os moedeiros. Em carta regia de D. Diniz, dada em Alverca em 7 de Julho de 1324, se lê: ...«e mandamos, sob pena dos corpos, que em moedeiros non posedes nem lhe filedes roupa nem nenhûa das otrens svas cousas, nem lhe entredes em seu bairo onde al non façades». Os moedeiros formaram uma companhia militar, ou milicia, com o seu cabido. O candidato admitido na corpo-

ração ajoelhava ante o Alcaide, que lhe dava juramento sobre os Santos Evangelhos, sendo em acto continuo armado cavalleiro pelo Alcaide, ou pelo Conservador, que lhe punha na cabeça um capacete de ferro, dando sobre elle duas cutiladas. Estas cerimonias, que vieram com o tempo d'El-Rei D. Manuel pelo regimento de 22 de Março de 1506, continuaram no reinado de D. Pedro II. Tinha aquella milicia os seus distinctivos e, entre estes, a sua bandeira de damasco branco e verde, com franjas e cordões de seda das mesmas côres, e ao centro as armas reaes em oiro. Com ella se apresentaram os moedeiros por vezes na procissão de Corpus-Christi, figurando ao lado das outras corporações de artes e oficios, levando todas as suas respectivas bandeiras. Por alvará de 6 de Setembro de 1513 proíbe-se que se tomem de aposentadoria as casas dos moedeiros de Lisboa sem especial mandado, estendendo-se o mesmo previlegio ás viuvas que mostrarem ser d'elles. Por outro alvará passado em 25 de Janeiro de 1521, El-Rei D. Manuel determina que todos os que estiverem debaixo dos poderes dos moedeiros, bem como os filhos solteiros d'estes, não sejam presos em cadeias publicas, mas entregues ao Alcaide da Moeda sem pagarem encarceragem, previlegio que depois foi confirmado pelos Filipes. Por alvará de 20 de Janeiro de 1551 se determina que as causas dos moedeiros sejam tratadas no juiso da Conservatoria da Moeda. Um alvará de 25 de Setembro de 1556 determina que as apelações dos moedeiros venham á Casa da Suplicação. Em alvará de 15 de Dezembro de 1557, D. João III determina que os moedeiros de Lisboa e oficiaes da Moeda, sendo demandados por viuvas, sejam as causas conhecidas pelo Conservador da Moeda, sendo elles reus, e que, sendo autores, conheça d'essas causas o Juiz d'ellas.

El-Rei D. João IV organisou em Lisboa uma companhia de 104 praças, e outra de egual numero no Porto, compostas de individuos negociantes aos quaes era incumbido irem aos navios tomar conta dos metaes, cobrar os direitos de entrada e fazer a contagem da moeda cunhada.

Todas estas disposições acabaram com a revolução, em 1820, como se vê pelo decreto de 3 de Agosto de 1824, sendo Provedor da Casa da Moeda Luiz da Silva Mousinho d'Albuquerque. Diz esse decreto, assignado por D. João VI: «Tendo cessado com o andar dos annos os motivos por que os meus Augustos Predecessores concederão muitos e mui consideraveis previlegios a certo numero de homens que sem despeza da Minha Real Fazenda servião nos Laboratorios, Officinas e outros misteres da Casa da Moeda, o que presentemente se executa á custa da Minha Fazenda, tornando-se por isso perfeitamente inuteis os denominados Moedeiros, e Querendo eu aliviar os meus fieis Vassallos de um vexame que por tanto tempo os tem oprimido, Hei por bem derogar e suprimir, como se nunca tivessem existido, tanto os referidos previlegios dos moedeiros como o seu primitivo Juiz ou Conservatoria, ficando portanto inhibidos os Provedores da mesma Casa de passarem Carta de Moedeiro a individuo algum...»

A historia da fundação da Casa da Moeda de Lisboa anda, na sua origem, ligada á instituição da Universidade por El-Rei D. Diniz. Diz João Baptista de Castro, no seu *Mappa de Portugal*, que «estabelecendo D. Diniz os estudos geraes na cidade de Lisboa, assignou para se fundarem estes utilissimos estudos o mesmo sitio chamado da Pedreira, no bairro d'Alfama, junto das Portas da Cruz, nas casas da Moeda Velha.» Isto denota que a esse tempo já havia nova casa para a amoedação, talvez situada no local onde hoje se acha a Cadeia do Limoeiro, pois que Damião de Goes, na *Chronica d'El-Rei D. Manuel*, escreve: «...fez de novo em Lisboa junto da Egreja de Sam Martinho nos Paços da Casa da Suplicação e do Civil e Cadeia do Limoeiro, obra mui magnifica e sumptuosa onde dantes fôra a Casa da Moeda e depois os Paços do Rei até ho tempo del-Rei dom Diniz que fez os Paços Dalcaçova.» Transferindo D. Diniz a Universidade para Coimbra, em 1308, a moedagem foi de novo estabelecida nas casas da

Pedreira, provavelmente por serem mais amplas e mais adequadas áquelle fim. Trinta annos depois, resolvendo D. Affonso IV estabelecer a Côrte em Coimbra, fez voltar a Universidade para Lisboa e mandou que instalassem as escolas no Palacio das Portas da Cruz, passando as oficinas da Moeda para as mesmas casas onde tinham estado anteriormente. Parece que ali se fez a moedagem até 1354, anno em que, voltando a Universidade para Coimbra, de novo foram as oficinas instaladas no Palacio da Pedreira.

El-Rei D. Fernando fez construir nos sitios onde hoje é o Limoeiro a soberba residencia que depois se ficou chamando Paço dos Reis, mas que o povo sempre ficou conhecendo por Paços da Moeda, provavelmente por ali estarem localisadas as oficinas da moedagem. Em 1377 D. Fernando fez de novo transferir a Universidade para Lisboa, sendo acomodadas as escolas na antiga casa da Pedreira, mas a esse tempo já a moedagem ali não estava estabelecida.

Em 1551 a Casa da Moeda de Lisboa existia junto aos Paços da Ribeira, com frente para o Terreiro do Paço. Mais tarde, no reinado de D. Pedro II, essa fabrica esteve situada na Rua da Calcetaria, segundo Castro no seu *Mapa de Portugal*. Christovam Rodrigues de Oliveira no *Summario das Cousas de Lisboa*, escripto em 1755, mezes antes do terremoto, põe nos arruamentos da freguezia de S. Julião a Porta da Moeda; e Baptista de Castro, ao enumerar as portas das muralhas da cidade, fala da Porta da Moeda «que existia por baixo do quarto que ultimamente occupou a Serenissima Rainha D. Maria Anna d'Austria e dava para o Terreiro do Paço, e que hoje (depois do terremoto) se acha confundida.»

A Casa da Moeda, na Rua da Calcetaria, começou a ser demolida em Abril de 1761 para no mesmo logar se construir o edificio do Tribunal da Congregação da Patriarchal.

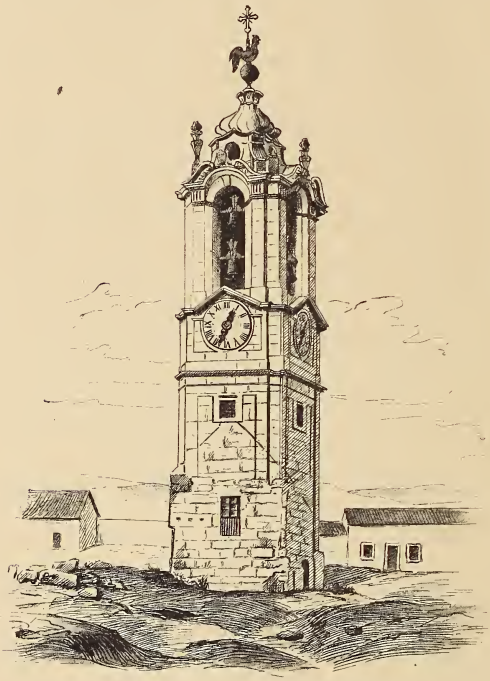
Diz Teixeira de Aragão, na sua *Numismatica Portugueza*, que em 1720 se ordenou a mudança da Casa da Moeda para onde actualmente se conserva, pelo seguinte aviso, datado de 11 de Março: «S. M. que Deus Guarde me ordena avise a V. Ex.ª é servido que a Casa da Moeda se mude para a Ribeira da Junta do Commercio, informando se V. Ex.ª da fórma em que são as casas da moeda de fóra d'este Reino para que se possa policiar esta, no que mais fôr conveniente—Deus Guarde a V. Ex.ª Paço 11 de Março de 1720.—*Diogo de Mendonça Corte Real*.—Snr. Marquez da Fronteira.» Ali se estabeleceu definitivamente, em 16 de Setembro, passando para lá a fabrica e os cofres. Em 27 de Fevereiro de 1740 foi comprado pelo Governo um pequeno predio situado na parte leste do edificio, na Rua de S. Paulo, casa pertencente a João Pacheco de Sousa. Essa expropriação serviu para isolar a casa do lado oriental, formando-se um beco depois denominado Beco da Moeda.

Com o terremoto de 1755 o edificio nada sofreu. Na ocasião da catastrophe, a guarda da Moeda, que era de Infanteria, fugiu apavorada, e só o Tenente Bartholomeu de Sousa Mexia, com o sargento e tres soldados, defenderam o edificio do assalto da gatunagem e o livraram do incendio que lavrava pela cidade. Esse serviço foi largamente remunerado pelo Conde de Oeiras, em vista dos grandes valores que ali havia, pois que só em cofre a Casa de Moeda tinha então 2 milhões de cruzados.

Já a esse tempo a Casa da Moeda possuia machinas e utensilios de grande valor importados de França e Allemanha. Até fins do seculo XVII cunhava-se o dinheiro a martello — o que era precisamente bater moeda; e só em 1678, é que o Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes, Director da Moeda, fez construir pela industria nacional o primeiro balancé, com o qual se cunharam todas as moedas até que veiu de Inglaterra uma poderosa machina de cunhar, movida a vapor. A antiga machina, feita por um artista portuguez, de apelido Oliveira, existe hoje no Museu Archeologico do Carmo.

Acerca dos serviços prestados por D. Luiz de Menezes, emquanto dirigiu o funcionamento da Casa da Moeda, diz o 4.º Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Me-

nezes, em carta dirigida ao Padre D. Antonio Caetano de Sousa: «Bem póde ser que V. Reverendissima se lembrasse pelo favor que faz á minha familia, do muito que se deve a meu pay o Senhor Conde da Ericeira, D. Luiz de Menezes, no seu ministerio, encarregando-lhe El-Rey D. Pedro II, como Veador da Fazenda da repartição dos Armazens e redução da Moeda, e o remedio do gravissimo delicto do cercêo, a que a omissão de alguns Ministros não acudio a tempo, tendo meu pay antecipadamente procurado que se prevenisse este damno, e a que a generosidade de El-Rey satisfez em grande parte, mandando que as patacas a que o cercêo tinha reduzido a quatro oitavas e meya de prata se pagassem por sete oitavas e meya, que era o seu verdadeiro pezo. Por direcção sua se fez a cerrilha que dificultou muito o cercêo, e na Casa da Moeda se pozeram os cunhos, as fieiras, e outros instrumentos e machinas uteis, e primeiras, até áquelle tempo desconhecidas, e se apurarão os ensayos tão exactamente que neste ultimo tempo vimos que a Côrte de Hespanha pedio á nossa Antonio Martins de Almeida, que com grande acerto e fidelidade desempenhou a sua commissão instruido nesta arte por seu tio, do mesmo nome. Recolheu-se á Casa da Moeda toda a que havia no Reyno que importou mais de cincoenta e quatro milhoens, assim para reduzir-se á nova forma como para que na nova se pozesse a cerrilha, do que foy inventor Manoel Rodrigues da Silva, primoroso artifice, devendo-se muito a inteligencia do ensayo a Joseph Ribeiro Rangel, que depois dirigio as Casas da Moeda, no Porto, Rio de Janeiro e Bahia, e ao cuidado de Nicolau de Oliveira, de Fernão Nunes Barreto e de outros Provedores da Casa da Moeda que lhe sucederão. Todo o dinheiro se entregou ás partes sem a menor falta e de todo o progresso d'esta importante administração que meu pay por mais de doze annos teve, conservo excelentes propostas, e votos, de que El-Rey se satisfez tanto que o honrou e despachou por este grande serviço, e permittio que o seu nome se gravasse em bronze como estava sobre a porta da Casa da Moeda, que ha poucos annos se mudou da visinhança do Paço para a Boa Vista, donde



300 — Torre da Patriarchal, na Ajuda

hoje existe, lavrando-se no novo edificio que El-Rey mandou fabricar os muitos milhoens que se tirão das Minas do Brazil e que he de ouro de tão fino toque que algum excede

301 — Palacio do Barão da Regaleira (hoje Lyceu Central)

de vinte e quatro quilates e que se destribue em beneficio e utilidade do Reyno e da piedade e grandeza do seu Augusto Monarcha.»

Em 30 de Janeiro de 1835 foi comprado em Inglaterra um engenho a vapor, que tanto podia cunhar a moeda grossa de cobre como a de oiro. Para o assentamento d'este engenho vieram engenheiros inglezes, e a nova cunhagem só começou em 1838.

Em 1845 foi decretada a junção das repartições de Papel Selado e Casa da Moeda.

O velho edificio da Moeda foi transformado numa boa construção moderna, sendo alargadas algumas das suas oficinas e restauradas outras. Do lado da Rua de S. Paulo, no andar nobre, foram instaladas a aula e oficina de gravura, onde se gravam os cunhos das moedas, as estampilhas de correio, os bilhetes postaes e o papel selado. No pateo acham-se localisadas as oficinas de cunhagem, ensaio e fundição, recorte, tempera, branqueio, laminagem, laboratorio e fieira.

A barra de qualquer toque, sempre superior a 916, entra na Casa da Moeda, e depois de ensaiada é entregue á Thesouraria, passando depois á fundição, onde é feita a liga com o toque da lei. Fundida ahí em reguas, são estas ensaiadas novamente e

302 — Va la camarão!

se o toque fôr achado certo, entregam-se á oficina da amoedação. As barras são sujeitas aos laminadores grandes, recosem-se para amaciarem, e continuam na laminagem. D'ahi passam aos bancos de ajuste, e a seguir aos saca-bocados e á cortagem. Uma vez cortados os bocados, quando em oiro e prata, são pesados um a um em balanças automaticas, passando depois pelas machinas de rebordar. Recosidos e branqueados, efectua-se então a cunhagem dos bocados depois de escolhidos, e entregam-se na Thesouraria. Esta é a carreira que o metal segue dentro d'aquellas diversas oficinas, desde que para lá entra em barra até que de lá sae em bôa moeda.

O fabrico da moeda metalica portuguesa atinge hoje a perfeição.

A Bolsa do Commercio teve origem em um acordo que entre si fizeram os mercadores de Portugal e do Algarve, no seculo XIII. Determinou-se nesse acordo que todos os navios, de 100 toneladas para cima, que viessem receber carga nos portos d'estes reinos para a Bretanha, Arrochela, Normandia, Flandres e Inglaterra, pagassem 20 soldos destiliis sobre o frete, e os que fossem de lotação inferior 10 soldos destiliis. Estatuiu-se mais que os navios fretados pelos mercadores portuguezes, afim de seguirem viagem para aquelles mesmos portos ou para outros quaesquer de além-mar, pagassem tambem um tributo pela mesma maneira e proporção, e que do producto d'estas contribuições se tirassem para os mercadores em Flandres 100 marcos de prata ou a valia d'elles; e o resto ficaria em Portugal, no logar que melhor parecesse. Determina-va-se, finalmente, que d'esta bolsa commum acudissem os mercadores a seus pleitos e negocios, e a tudo o que podesse ser em beneficio geral do commercio.

Ajustado este acordo, requereram os commerciantes ou mercadores a El-Rei D. Diniz que houvesse por bem confirma-lo, em quanto que aos maiores e aos melhores de entre elles assim aprouvesse, e que aquelle que contra elle fosse «pagasse 10 livras destiliis pera esta communa.» O Soberano deferiu ao requerimento em alvará, que se guarda na Torre do Tombo.

Posto que D. Diniz não fundasse edificio para os commerciantes se reunirem e tratarem dos seus negocios, póde-se rasoavelmente presumir que a idéa de instituir aquella bolsa commum nos veiu de Aragão, em consequencia do augmento das nossas relações com esse paiz, depois do consorcio d'aquelle Rei com uma Infanta aragoneza, depois Rainha Santa Isabel.

El-Rei D. Fernando, que deixou algumas boas memorias do seu governo pela proteção e acertadas leis que publicou em favor da agricultura, do commercio e da navegação, confirmou a instituição da Bolsa, e ampliou-a com uma providencia tão illustrada pelo seu alcance como importante pelos seus resultados economicos. Consistiu essa providencia no estabelecimento de uma Companhia de seguros maritimos, inspirada pelas mesmas idéas que presidiram á fundação da Bolsa do Commercio.

Duarte Nunes de Leão, referindo na *Chronica de El-Rei D. Fernando* as leis de maior utilidade promulgadas por este Soberano, fala nestes termos d'aquella Companhia: «E para no reino haver cópia de navios e o tracto e commercio se acrescentar, deu muitos privilegios e isempções e ajudas aos que fizessem naus e navegassem. E para que mais sem perigo o fizessem, inventou uma ordenança e companhia das naus para que, quando alguma se perdesse, não ficasse perdido o dono d'ella. Para o que ordenou uma bolsa, onde contribuiam todos que tinham naus ou navios e com elles navegavam, dando todos uma pequena parte do ganho do que alcançavam, de que se refaziam as perdas por mui boa maneira. A qual foi uma lei mui humana e util, porque ninguem temia ficar perdido, ainda que sua nau se perdesse. Porque se lhe restituia a perda por aquella invenção, sem oppressão de ninguem.»

As mesmas causas que produziram a rapida decadencia de Portugal, arrebatando-

lhe das mãos o tridente dos mares e o caduceo do commercio, fizeram tambem que, em meio das suas desditas e desalentos, deixasse cair em abandono e no olvido a instituição que o acompanhára em seu desenvolvimento industrial, e que contribuira, sem duvida, para a florescencia que o seu commercio atingiu. Por esta razão decorreram depois d'isso muitos annos, passaram-se até seculos inteiros, sem que o nosso paiz tivesse um edificio de Bolsa. Foi o Marquez de Pombal que atendeu a esta necessidade. Na reedificação de Lisboa depois do terremoto de 1755, foi destinada para o serviço da Bolsa de Commercio e reunião dos negociantes a parte inferior do Torreão oriental do Terreiro do Paço, que por esse motivo passou a denominar-se Praça do Commercio. Creado o Tribunal do Commercio em 1834, foi estabelecer-se, como já vimos, nos pavimentos superiores do mesmo Torreão.

O Banco de Lisboa foi creado por carta de leí de 31 de Dezembro de 1821. Deve-se a sua instituição ás Côrtes extraordinarias constituintes. Foi o deputado Soares Franco quem primeiro trouxe a idéa da formação de um Banco Nacional, independente do Governo, apresentando nesse sentido uma proposta.

Este Banco tinha por fim combater a usura, fazendo emprestimos e descontos, aceitando depositos, tudo a preços rasoaveis, promovendo o commodo das transações commerciaes e principalmente a amortisação do papel moeda, cujo desconto estava então a 23 e 24 por cento de perda. Ao Banco foi concedida a existencia de 20 annos e a formação do capital de 5.000 contos divididos em 10.000 acções de 500$000 réis cada uma.

A primeira Direcção, nomeada em 2 de Fevereiro de 1822, era assim composta: Presidente, Barão de Porto-Covo; vogaes, Manuel Gonçalves Ferreira, Antonio Esteves Costa, José Bento de Araujo, Jacinto José Dias de Carvalho, João Rufino Alves Basto, Pedro de Sousa, Fernando Cardoso Maia e Antonio Francisco Machado.

No dia 20 de Fevereiro de 1822 era fechada a subscripção, e em 20 de Agosto do mesmo anno dava o Banco começo ás suas operações.

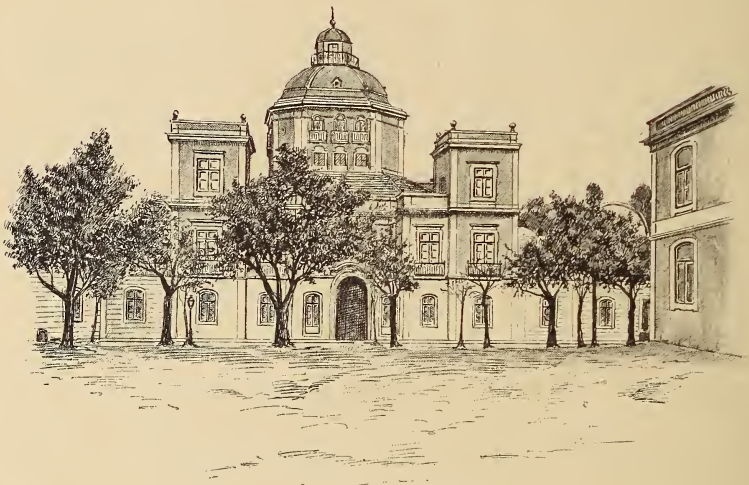
Foi grande o beneficio que todas as classes receberam pela creação d'este Banco, não só pela diminuição do desconto do papel moeda, numerario ficticio que então inundava o paiz, senão tambem pelo alargamento e facilidade com que por essa epoca começaram a efetuar-se as pequenas transações commerciaes, banindo a usura desapiedada, que sugava o contribuinte e ia absorvendo todos os lucros do pequeno commercio e todas as enfesadas explorações da pequena industria.

Em 7 de Dezembro de 1827 o Banco de Lisboa foi forçado a suspender o troco das suas notas de prata, espalhando-se desde logo o terror por boatos que circulavam de falencia. As causas d'essa crise foram os adeantamentos que o Banco fez ao Governo, e cujo alcance era então de 1.067 contos, bem como os emprestimos a longos prasos no valor de mais de 5.700 contos. Como se sabe, os avanços de grandes sommas a longo praso podem ser a ruina de um banco, bem como o podem ser os depositos á ordem, porque nos depositos a praso não podem dar-se as consequencias fataes de uma corrida em carga cerrada, que esgota as reservas metalicas de um dia para outro. O levantamento dos depositos a praso, fazendo-se lentamente, dá tempo a que os depositantes reconsiderem e a que o Banco se vá precavendo.

A noticia de que o Banco de Lisboa se achava em apuros, pois que fugia aos descontos e outras operações, circulou de boca em boca. Em breve os portadores de notas acudiram a troca-las, e cada vez em maior quantidade. O Banco foi pagando emquanto poude, mas vendo que a onda crescia, fez ponto nos pagamentos. As grandes reservas metalicas haviam-se esgotado. O grande commercio que se havia feito para fóra do Reino com os famosos cruzados novos de D. João V e D. José I, muito havia contribuido para a falta de moeda de prata, cujo peso era muito superior ao seu toque.

Em vista d'essa temerosa crise monetaria, reuniu a Assembléa geral e nomeou uma comissão para examinar o estado do Banco e sustentar o seu credito, que então se viu exceder em muito o seu debito. Segundo o inventario a que se procedeu, existia um activo de 4.009 contos em papel e 3.307 contos em metal, e um passivo de 955 contos em papel e 3.373 contos em metal. As notas em circulação eram na importancia de 2.137 contos e o dinheiro em caixa de 416 contos em papel moeda e 64 contos em metal. A quantia que o Governo devia ao Banco era de 1.067 contos.

Em 1846 o Banco teve nova crise monetaria e tão terrivel foi ella que o derribou. A revolução do Minho, começada a manifestar-se em Abril d'esse anno, trouxe-nos uma crise politica, economica, commercial e financeira, que durou mais de cinco annos. Os



303 — Palacio do Conde de Burnay

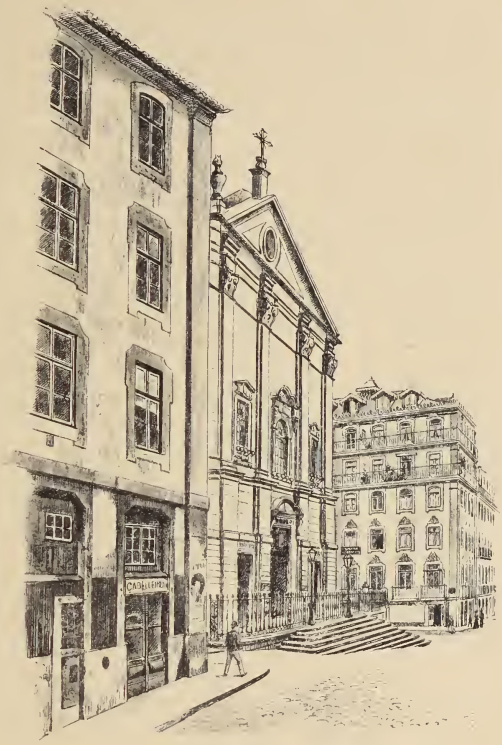
portadores de notas do Banco de Lisboa, acossados por boatos aterradores, correram a esse estabelecimento e esgotaram-lhe os cofres. Foi nestas aflitivas circumstancias que appareceu um decreto elevando o capital do Banco de Lisboa á quantia de 11.000 contos, devendo comprehender esse capital os 5.000 contos da sua antiga dotação, 3.800 contos de capital efectivo da Companhia Confiança Nacional, e 1.200 contos em moeda corrente no paiz. A Companhia Confiança creara-se em 1844, mas tivera existencia pouco feliz, apesar dos previlegios que lhe foram concedidos pelo Governo. Determinou-se então que aquella Companhia e o Banco de Lisboa fossem fundidos em um só estabelecimento denominado Banco de Portugal ,e que este, até ao fim do anno de 1876, tivesse o previlegio de emitir no Continente notas pagaveis á vista, ao portador, não sendo permitida essa emissão a nenhum outro banco, com excepção do Banco Commercial do Porto. As notas do Banco de Lisboa foram então fixadas na quantia de 5.000 contos, isto é, tres vezes mais do que a dotação do Banco pela lei de 7 de Julho de 1824. Esses 5.000 contos de notas deveriam ter d'ahi em deante o seu curso forçado, como já o havia determinado a dictadura de Maio de 1840, e entrarem na totalidade de todos os pagamentos até o dia 30 de Junho de 1847, em dois terços dos pagamentos até 31

de Dezembro de 1848, e em metade desde esse dia até serem amortisadas pelo Banco de Portugal. O relatorio que precede aquelle celebre decreto revela que a quantidade de notas em circulação do Banco de Lisboa era então de 1.684 contos, pouco mais que o valor da terça parte da sua dotação.

No momento de se declarar a crise de 1846, fez o Banco de Lisboa frente á corrida pagando em tres dias sucessivos mais de 300 contos de réis. As acções do Banco falido depreciaram-se a tal ponto que ninguem as queria, e as do Banco de Portugal chegaram a metade do seu valor.

Pela lei de 16 de Abril de 1850, a Rainha D. Maria II colocou em bases mais solidas o Banco de Portugal, e augmentou lhe previdentemente a area das operações commerciaes. D'ahi em deante os directores do Banco tornaram-se mais cautelosos e evitaram, tanto quanto poderam, a demasiada circulação das notas.

Os estatutos do Banco de Portugal foram reformados em 1857, e em 1876 foi prorogada a sua existencia por mais 50 annos. Em 1881 os seus estatutos foram de novo reformados, sendo o capital elevado a 10.000 contos. Nesse anno a circulação das notas elevava-se a 8.671 contos.



304 — Egreja de S. Nicolau

A grande corrida que em 18, 19 e 20 de Agosto de 1876 fizeram os portadores de notas por ocasião do panico que houve nas cidades de Lisboa e Porto, muito afectou as operações do Banco de Portugal, mas não lhe abalou o credito. O Governo concorreu com grossas reservas de oiro e prata amoedadas, e o corpo de commercio em Lisboa resolveu continuar a receber como moeda corrente as suas notas. D'essa vez ainda foi possivel obter umas 500.000 libras em Londres, mas o Banco suspendeu a troca das suas notas em 18 de Agosto. A crise durou desde Maio até Novembro.

A lei de 29 de Julho de 1887 autorisou o Governo a celebrar com o Banco de Portugal um contrato para a constituição de um unico Banco Emissor. No caso do Banco não querer aceitar esse contrato ser-lhe-ia retirada a autorisação para emitir notas. Uma das condições que tambem o Governo lhe propôz foi a de que, d'ahi em deante, o Banco faria os pagamentos ás Classes Inactivas. O contrato fez-se, ficando

o Banco uma especie de caixa geral do Estado, e sendo obrigado a estabelecer agencias em todas as capitaes dos distritos.

O Banco de Lisboa, pela sua fundação, em 1821, foi estabelecido na parte fronteira do grande edificio da Camara Municipal, palacio feito em 1770 a 1774, pelo risco do architeto Eugenio dos Santos Carvalho. Esse edificio, que ocupava um enorme quadrilongo entre a Rua do Arsenal e Rua dos Capellistas, a entestar com a Rua Aurea, tendo a fachada de frente para o Largo do Pelourinho, era solidamente construido com magnificas madeiras do Brazil, ocupava a area de 86^{m},46 de comprimento por 43^{m},12 de largura, tinha de altura 16^{m},75 e havia importado em 121 contos de réis. A Camara Municipal tinha reservado para si a parte de edificio que dava para a Rua do Arsenal e Terreiro do Paço, fazendo a entrada para repartições pelo portão de ferro que se acha debaixo da Arcada e que hoje dá ingresso para a Secretaria do Ministerio do Reino. Ao Banco havia ella alugado a parte deanteira do edificio que dava para o Largo do Pelourinho. Essa fachada era composta de tres corpos. O corpo central era ocupado por um grande portão de ferro dando ingresso para um pateo muito amplo, onde entravam as carruagens. Por cima achava-se a grande sacada do salão nobre, muito similhante áquella que hoje se vê sobre o Arco de Bandeira. Como remate ao corpo central havia um pequeno frontão de cantaria, ao centro do qual o escudo das armas portuguezas; no vertice a esphera armilar, e sobre os angulos lateraes duas urnas de pedra artisticamente cinzeladas. Cada um dos corpos lateraes tinha quatro andares com 17 janelas de cada lado; ao todo 34, sendo 10 de sacada, no primeiro pavimento, e 20 de peitoril, que formavam o segundo e terceiro pisos; e as quatro mansardas, 2 de cada lado. Ao rez-do-chão eram as casas fortes onde se guardavam os valores do Banco. As salas, tanto no primeiro como no segundo piso, eram bastante espaçosas e muito apropriadas aos serviços bancarios. Forradas de magnificos panos de Arraz, rasgadas por grande numero de janelas que as inundavam de luz, e olhando umas para o Largo, outras para a Rua do Arsenal, essas salas davam não só excelentes acomodações ao movimento do Banco, mas tambem a outras repartições, e designadamente á Administração do Contrato do Tabaco, Junta de Juros, etc. Nas outras dependencias do edificio achavam-se instaladas a Companhia das Lezirias do Tejo e Sado, e a Companhia de seguros Fidelidade.

Rebentando subitamente, devido a causas que até hoje ficaram ignoradas o pavoroso incendio da noite de 19 de Novembro de 1863, que destruiu quasi todo o quarteirão do edificio, no grande quadrilongo que vimos de mencionar, o Banco de Portugal viu reduzidos a cinzas em poucas horas valores enormes, calculados em mais de 300 contos. Felizmente não poude o fogo penetrar nas casas fortes do edificio onde se achavam guardados 25.000 contos em moeda e outros valores.

Salvou-se o primeiro andar do Banco, onde se achava a Thesouraria, que pouco sofreu, continuando a efectuar-se ali o o movimento mais importante das operações bancarias e as reuniões da Direção até 1870.

Poucos dias depois do fatal sinistro, reuniu a Assembléa geral, decidindo-se que se adquirisse para o Banco uma casa que fosse exclusivamente sua e livre de inquilinos. Tambem foi deliberado que se celebrasse na Egreja de S. Julião, em acção de graças, um solemne Te Deum, por terem escapado á acção do fogo todos os valores do Banco, solemnidade que se realisou no dia 8 de Dezembro, com enorme concurso de povo.

O edificio actual em nada se parece com o palacio devorado pelo incendio de 1863. Forma todo o segundo quarteirão da Rua Aurea, tornejando para a Rua dos Capellistas e para a Rua de S. Julião. A sua configuração e altura são exatamente as mesmas de todos os outros quarteirões da Rua Aurea. E' composto de quatro andares, tendo cada andar 4 janelas para a Rua dos Capellistas, 11 para a Rua Aurea e 10 para a

Rua de S. Julião. A entrada principal faz-se pela Rua dos Capellistas por um pequeno portão de ferro solidamente gradeado. Para o lado da Rua de S. Julião ha outra porta, tambem de ferro, que dá serventia ás trazeiras do edificio, ultimamente ampliado para a Rua dos Capellistas com o predio que confina com o Banco Lisboa e Açores.

Portugal, como todas as nações modernas da Europa, começou com governo representativo. Esta forma de constituição social, nascida nos bosques da Allemanha, entre os povos que invadiram e derrocaram o Imperio romano, perpetuou-se nos seus descendentes. Os parlamentos de França e de Inglaterra correspondiam antigamente ás Côrtes portuguezas e hespanholas. O objeto das Côrtes no nosso paiz era o determinar a forma e a porção dos impostos, a administração da justiça, o ser consultada a opinião nacional sobre os casamentos dos principes, sobre as expedições de guerra, e ácerca de todas as questões que diziam respeito á boa administração e felicidade da republica.

As Côrtes eram sempre convocadas pelo Rei, ou regente, declarando-se nas cartas, que para esse fim se dirigiam aos concelhos, o logar da reunião, o qual era indeterminado; ainda quando os povos as julgavam necessarias, não se reuniam sem a convocação real, que nesse caso era requerida ao Rei pelas municipalidades.

Compunham-se as Côrtes das tres diferentes ordens do Estado — clero, nobresa, e povo. As duas primeiras eram representadas, uma pelos bispos e abades de certos mosteiros, a outra pelos fidalgos e cavalleiros que tinham logar em Côrtes; os procuradores do povo eram nomeados pelos concelhos das cidades e villas, a que por foral competia este direito. Nas suas procurações se lhes apontava quaes os poderes que levavam, e qual o objeto das Côrtes, o que já vinha declarado nas cartas convocatorias.

O numero ordinario dos procuradores de cada concelho era o de dois. Para a sua viagem e manutenção lançavam os concelhos fintas, se as rendas municipaes não bastavam. O exemplo de dar o Rei ajuda de custo aos procuradores, só aparece nas Côrtes de 1581, reunidas em Thomar, as quaes sancionaram a usurpação da corôa por Filipe II.

Parece que nas mais antigas Côrtes portuguezas os procuradores eram autorisados a requerer tudo o que fosse a bem do municipio que representavam, ou do Reino em geral; mas pelo meado do seculo XIV se lhes começou a coarctar esta liberdade, fazendo-se nas Camaras as propostas que elles haviam de apresentar no congresso. Aos paragrafos d'estas propostas se chamava ao principio *agravamentos;* depois se lhes deu o nome de *artigos,* e mais tarde o de *capitulos.* Estes capitulos, ou diziam respeito a todo o Reino, e então a proposta d'elles era feita em Côrtes por todos os procuradores, ou eram relativos a uma só provincia ou concelho, e neste caso eram apresentados pelo procurador respectivo. Ha exemplo de propostas feitas pelos mesteres e povo de uma terra, separadamente das do concelho a que essa terra pertencia.

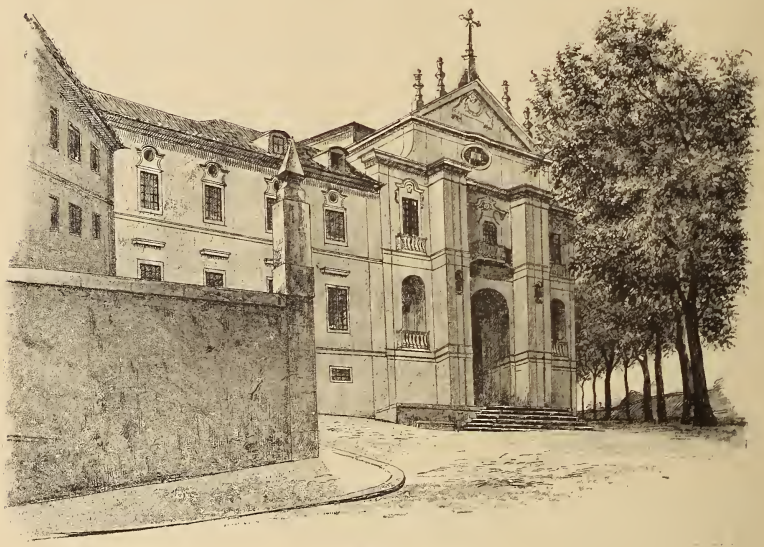
Nas Côrtes dos primeiros seculos da Monarchia aparecem, além das propostas dos povos, capitulos apresentados pela nobreza e pelo clero; depois todos os vestigios de similhantes capitulos nos faltam, porque a preponderancia d'estas classes, que pesavam contra o Rei na balança politica, foi diminuindo, e isto contribuiu grandemente para a extinção das liberdades patrias.

A fala ou proposição de abertura dava começo á celebração das Côrtes. Esta fala era feita pelo Rei e na sua falta por um ministro ou prelado; e em nome dos estados lhe respondia um ou mais membros de cada ordem. As ordens reuniam todas em um só congresso, e foi nas Côrtes de 1647 que principiou o uso de constituirem tres braços diversos. Os capitulos ou propostas das Côrtes eram apresentadas ao Rei, que lhes concedia ou negava a sanção, sendo então no primeiro caso reduzidas a instrumentos que tinham o vigor de leis, quer fossem relativos a todo o Reino, quer sómente o fossem a algum concelho. Muitas d'estas decisões de Côrtes se acham inscritas nos corpos de

ordenações. Dos instrumentos acima referidos se tiravam copias, ou do todo, ou de parte, as quaes se mandavam guardar nos archivos das municipalidades.

Esta instituição e modo de representação nacional era comtudo defeituosa, e trazia comsigo desde a sua origem o germen do absolutismo puro. Tal era o direito que tinha o Rei de fazer leis por ocasião das Côrtes, sem que por ellas fossem propostas e independentes da sua aprovação; e o de derrogar os capitulos aprovados pelos estados e por elle sancionados, o que podia fazer por *Carta de Graça expedida pelos do seu Paço.* Isto junto com a progressiva diminuição da influencia do clero e da nobresa, trouxe pouco a pouco a ruina dos fóros e liberdades publicas.

Além das Côrtes geraes, cuja celebração era irregular e indeterminada, salvo no



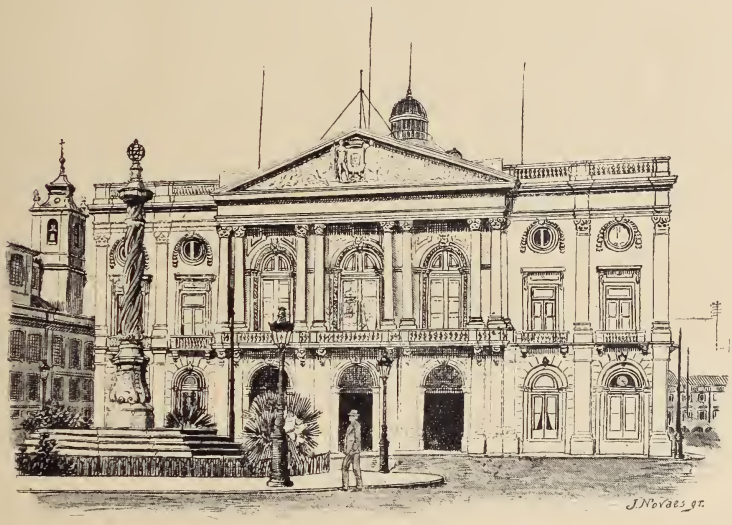
305 — Egreja da Penha de França

tempo de D. João III, em que se ordenou fosse de dez em dez annos e que se reuniram em alguns reinados duas e tres vezes por anno, havia tambem as Côrtes especiaes, para as quaes eram chamados procuradores de uma ou duas provincias do Reino e até só das cidades e villas mais notaveis. D'estas foram as que annualmente se reuniam na menoridade d'El-Rei D. Affonso V, durante a regencia do Infante D. Pedro.

O Palacio das Côrtes, onde funcionam hoje as duas casas do Parlamento, é o antigo Convento de S. Bento da Saude, construido pelo desenho do celebre Balthasar Alvares. Começada essa obra em 1598, só ficou concluida em 1615, e assim a descreve, em parte, um curioso manuscripto de 1704:

«Para que nada faltasse ao frontispicio e entrada d'este convento, antes de chegar a elle, tem um mui suficiente recinto, capaz de dar logar a muitas carruagens; recinto, a que podemos chamar praça, porque é cercado de muro com duas portas, podendo ficar de noite fechadas uma das quaes olha para o frontispicio da egreja, e a outra fica a um lado da frontaria, olhando para o sul. Caminhando para o portico se encontra

alguma subida, que se vence com facilidade, por beneficio de alguns degraus que terminam em dois taboleiros, e depois d'elles, com poucos mais degraus, se chega ao pavimento do portico da egreja, cuja frontaria se funda em seis grandes e firmes pilares de bem lavrada pedraria, onde assentam cinco formosos arcos, sobre os quaes corre uma valente cimalha, e por cima d'ella, superior aos tres arcos do meio, se vêem tres nichos de pedraria, todos na mesma linha, e sobre o do meio tem logar o frontispicio, com uma tarja no fecho do arco; e no andar da volta dos arcos dos nichos ha quatro oculos, pelos quaes se communica luz, assim ao côro como á egreja. Por cima dos outros dois, entre os quaes ficam os tres do meio correspondentes ás portas da egreja, ha duas mui grandes janellas rasgadas, com avultadas grades de marmo-



306.— Camara Municipal

re branco, as quaes janellas guarnecem arcos de pedraria, que excedem na altura os arcos dos nichos, e as mais voltas dos arcos occupam vidraças que dão claridade aos dormitorios. Pelos lados d'estas janellas se continuam pilares, que são os extremos do frontispicio da egreja, os quaes se rematam em uma cimalha de pedraria, que corre, não só sobre a frontaria da egreja, mas tambem pelos lados do frontispicio, em que se vêem, de cada parte, nove janellas das cellas mais estimadas dos religiosos do convento, pela vista que logram d'ellas. Nos extremos da dita frontaria tem logar outra grandiosa janella similhante á que dissemos ficar proxima ao côro e ambas estão mettidas entre dois grandes pilares, que formam os solidos cunhaes que seguram o edificio do convento, um dos quaes fica á mão direita de quem quer entrar no portico; uma face olha para o terreiro, ou praça que está deante da egreja, e a outra olha para a casa do noviciado da Companhia. Neste cunhal dizem ter-se feito uma despeza extraordinaria de que foi causa não se achar firmeza no fundo, pelo que foi necessario il-a buscar muito abaixo, até que dando-se em agua, veiu a fundar-se o cunhal sobre grade de madeira; mas como a profundidade foi extraordinaria, seguiu-se ser tambem extraordinaria a des-

peza em encher, de pedra e cal, uma altura tão notavel, com largura qual se requeria, tanto para a obra que se havia de fazer, como para nella poderem trabalhar os oficiaes. Da outra parte foi muito menor a difficuldade e a despeza, por que se achou fundo para se fazer o alicerce. O frontispicio da egreja está ainda agora egual com a mais obra da frontaria; mas se se levantára com as duas torres que havia de ter, conforme ao desenho com que começou, seria sem duvida uma obra magnifica, e que acrescentaria muito a magestosa frontaria. Porque além das nove janellas que ficam a cada lado do frontispicio da egreja, se vêem por baixo d'ellas outros dois andares de janellas eguaes ás de cima, que são grandes, e todas guarnecidas de pedraria, com o que vem a ficar tres andares de janellas eguaes, que acompanham o frontispicio, fazendo tudo um objecto magestoso, e mui agradavel aos olhos que nelle se empregam dando facilmente a entender, pelo que vêem de fóra, que não póde deixar de ser grandioso o que se esconde no interior do convento.».

Como o terremoto de 1755 respeitou este edificio, não lhe causando o minimo estrago, a descrição de 1704 serve para agora, pois o exterior se conserva ainda no mesmo estado. Pela extinção das ordens religiosas foi o Convento destinado para Palacio das Côrtes em 1834, arborisando-se o Largo; e em 1852 se terraplanou, fazendo-lhe uma cortina, com dois grandes lanços de escadaria de pedra, para a Rua de S. Bento.

Na rectaguarda do antigo edificio, do lado da Calçada da Estrela, foi construida a parte nova onde está a Camara dos Pares e, como já vimos, o Archivo Nacional ou Torre do Tombo.

A sala das sessões da Camara alta é bastante sumptuosa, extremamente elegante, mas nada oferece á vista de bem notavel. Foi na sessão legislativa de 1863 que aquella Camara, reconhecendo a necessidade de alargar e reconstruir a sala das suas sessões, elegeu d'entre os seus membros uma comissão para dirigir e levar a efeito a obra. Esta comissão delegou mais tarde os poderes de que se achava revestida num dos seus vogaes, o Marquez de Niza, afim d'este dirigir a obra, continuando porém a comissão a fiscalisar e a superintender. Designado o local da antiga e acanhada sala no velho edificio de S. Bento, séde do novo Parlamento, para ahi se erguer a nova construção, deu-se começo á obra em 1864, pela demolição da sala antiga. No dia 3 de Janeiro de 1867 achava-se concluida a obra, e desde esse dia começava ali a funcionar a Camara alta.

E' de forma semi-circular a sala. O tecto assenta sobre vinte e duas elegantes columnas de marmore. Tanto o pavimento da sala como e dos corredores é marchetado de madeira de carvalho do Norte e de pau setim amarelo. Ha duas ordens de galerias, e as cadeiras dos pares estão colocadas em amphiteatro, em frente á da Presidencia. Alem da perfeita execução dos tectos e das vistosas e amplas galerias, são notaveis as figuras esculpidas em madeira que ladeiam o retabulo onde está colocado o retrato do Chefe do Estado. Desenhou essas figuras o escultor Calmels, e executou-as o habil entalhador Leandro da Silva Braga. São tambem dignas de reparo as esculturas de marmore, do mesmo artista Calmels, encimando as portas da entrada, que se abrem aos lados do alto estrado onde está a grande mesa da Presidencia. Representam alegorias de muito vigor e belesa, e ornamentam primorosos medalhões de El-Rei D. Pedro IV e da Rainha D. Maria II. A grade de bronze que circunda as galerias é trabalho de muito valor, executado por artistas nacionaes. Severamente adornada, toda em tons sombrios, esta sala tem o defeito muito sensivel de não receber luz bastante. O tecto é muito baixo. As condições acusticas são más.

Do incendio que devorou a outra parte do edificio, onde por muitos annos funcionou a Camara dos Deputados, pode-se afoutamente dizer que foi providencial, em presença da obra depois realisada no mesmo terreno, maravilhosamente aproveitado pelo architeto Ventura Terra. Assim, o novo edificio da Camara dos Deputados e o da Camara

dos Pares vieram a formar um conjunto, quer pela sua estrutura interna, quer pela externa, que póde rivalisar com alguns dos grandes parlamentos da Europa.

Para a remodelação da fachada que olha para o Largo das Côrtes está feito o projeto, sendo aproveitada em grande parte a construção existente. Conservaram-se-lhe os arcos e pilastras, que dão ingresso ao atrio, arrancando-se-lhe as portas de ferro.

Do antigo atrio, passa-se a um atrio novo onde, no meio de um grande arco, se encontra uma porta, que ha de ser de bronze, ladeada por duas columnas de pedra, que sustentam um frontão, tambem de pedra, ligado ao arco por uma ligeira grade de ferro. E' a porta de entrada exclusivamente para os deputados.

Duas outras portas, abertas nos extremos do novo atrio, dão serventia — uma á Camara dos Pares, outra á Secretaria da Camara dos Deputados. Neste recinto da maior severidade, ha dois grandes candelabros de metal, como adorno.

Pela porta de bronze, entra-se no vestibulo de honra. E' uma vasta sala em que se vêem, á direita, grandes nichos de pedra destinados a resguardar dois monumentos erectos á memoria de homens que foram julgados como os mais notaveis da politica portugueza. Entre os nichos que, depois de preenchidos, devem lembrar os que existem na Basilica de S. Pedro, em Roma, ha suportes, sobre os quaes hão de assentar os bustos dos oradores parlamentares de maior renome. A' esquerda, a escada monumental, conduzindo á sala dos Passos Perdidos, escada a que dão accesso cinco majestosos arcos, e que é toda de marmore e ferro, banhada completamente de luz.

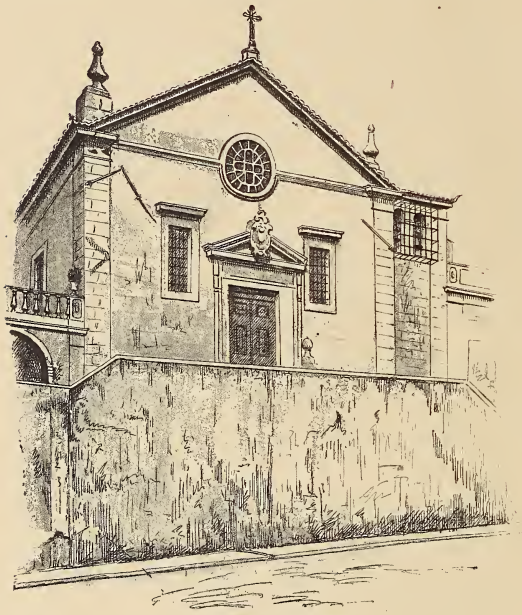
Este vestibulo é todo de marmore branco, tendo sido empregado apenas no chão algum marmore vermelho. Os capiteis das pilastras, que se erguem a toda a altura da sala, são ornamentados com motivos symbolicos da Eloquencia. O pavimento inferior, onde se acha este vestibulo, destina-se á instalação das machinas da luz electrica e de aquecimento, e a arrecadações.

Subindo-se no ascensor, junto da escada monumental, ou por esta, entra-se na sala denominada dos Passos Perdidos, grandiosa e luxuosa construção, tambem toda de marmore branco e vermelho, e correspondendo ao vestibulo de honra. Mede cerca de 70 metros de comprimento, por 9 de largura e 10 de altura. O tecto abobadado tem, intervaladas, claraboias de vidros rôxos, *chenilés,* que lhe dão uma luz suave e temperada, e preparam a vista a receber a claridade deslumbrante da sala das sessões. E' um efeito optico similhante ao que se observa quando, ao entrar na Grande Opera de Paris pelo atrio principal, se nos depara a formosa escada de marmore polychromo, profusamente iluminada, que é uma das maiores maravilhas artisticas de Garnier. Duas columnas, cujos fustes são de marmore vermelho, com os seus capiteis de ordem composita francesa doirados, encontram-se nos dois extremos da faustosa sala. Por cima dos capiteis das columnas, vêem-se umas misulas doiradas, com festões de bronze igualmente doirado. O efeito é precioso. Nos intervalos das grandes paredes, aformoseadas por columnatas de marmore vermelho, ha espaços para retratos de grandes oradores.

Da sala dos Passos Perdidos, privativa dos deputados, passa-se para a sala das sessões por duas portas abertas na parede da Presidencia. Ministros e deputados ficam ao abrigo da perseguição dos pretendentes, por isso que a sala dos Passos Perdidos e os gabinetes, para uns e outros conversarem, escreverem e fumarem, gabinetes d'onde podem vêr o que se passa na sala das sessões, são completamente vedados ao publico.

A sala das sessões, em fórma de hemicyclo, é de uma grandeza, de uma harmonia e de um brilho de luz admiraveis. Toda de pedra, em parte tocada a oiro, oferece surpreendente aspecto, sendo todavia sobria de adornos, porque Ventura Terra, como grande artista que é, procura o bello nas grandes linhas e no desenvolvimento logico do seu pensamento e fantasia, inspirado pelo que ha de mais sublime na arte e lhe não é desconhecido, mercê do muito que tem visto, do muito que tem estudado.

Ao entrar se na sala das sessões, saltam imediatamente á vista, ao fundo, duas vastas galerias, em diferentes pisos: aos lados duas formosas tribunas, bordadas umas e outras, á frente, por uma elegante balaustrada. A primeira galeria, saliente como os balcões dos theatros, é a galeria reservada. A segunda, que tem por suportes bellas columnas de marmore côr de rosa, é a publica. Tres elevados arcos, arrojadamente desenvolvidos, cobrem com os seus vãos, em fórma de concha, as aludidas galerias e as tribunas lateraes, uma destinada á Familia Real, outra ao corpo diplomatico. Estas duas tribunas, cujos balaustres se salientam ainda mais do que os da galeria reservada, são realmente majestosas e dão vida á sala, ambas encimadas pelo escudo das armas reaes portuguezas, sustentado por duas figuras de mulher, duas victorias, e terminadas por um *cul-de-lampe* em pedra lavrada. Nas bases dos pilares d'onde nascem os tres grandes arcos já citados, serão colocadas estatuas de marmore, executadas por notaveis artistas.



307 — Egreja dos Inglezinhos

A parede da Presidencia, contigua á sala dos Passos Perdidos, é adornada por altivas e airosas pilastras, nos intervalos das quaes se vêem espaçosos paineis, em que se poderão gravar, a oiro, legendas ou maximas encomiasticas do systema representativo. Um magnifico lambris de marmore e um formoso friso ornamentado com cabeças de leão, variadas, friso que se prolonga por todo o hemicyclo, opulentam a decoração d'esta parede, que tem ao centro um espaçoso nicho, onde se ergue a estatua do Monarcha reinante. Duas figuras symbolicas de mulher suportam as armas reaes portuguezas, que assentam sobre o nicho.

E' por cima da cornija geral, na parede da Presidencia, emoldurado por um fríso semi-circular, junto á cupula, e no qual se vêem os escudos dos diversos distritos do Reino e Ilhas adjacentes, que se encontra um largo espaço reservado para um grande quadro a oleo, de que está incumbido o pintor Velloso Salgado. Mais tres quadros tambem a oleo, que hão de ser pintados na parte superior das voltas dos grandes arcos do hemicyclo, foram encomendados ao mesmo pintor.

As estatuas que ornam a parte superior da tribuna do corpo diplomatico, foram modeladas pelo escultor Moreira Rato. A estatua de El-Rei D. Carlos, de mais de 3 metros de altura, é do esculptor Teixeira Lopes.

A sala recebe luz de um amplo lanternim, que se eleva, dando-lhe nobreza, a

grande mas proporcional altura, bem ao contrario do que tão deficientemente alumia a Camara dos Pares, que é abatido e parece haver sido assente antes de estar concluida a sala, aliás bonita e bem decorada.

Cumpre notar que o marmore branco e de côr empregado na sala das sessões, na sala dos Passos Perdidos, no vestibulo de honra, nas escadarias, é nacional, quasi todo de Pero Pinheiro e algum de Estremoz; este é branco e transparente como o de Carrara. Tambem se empregou na modelação de alguns ornatos o *staffe,* mistura de gesso e estopa, modernamente muito em uso pelos italianos e os francezes, e que, sobre ser muito duradoura, é bastante leve. Os francezes não só a aproveitam em simples ornatos de interiores, mas em motivos decorativos de grandes proporções.

A mobilia da sala das sessões e das galerias, em madeira de carvalho, tambem foi desenhada por Ventura Terra, e reune a comodidade á belleza da fórma.

Ha uma elegante tribuna para os oradores, e bom fôra que todos os deputados se habituassem a ocupa-la, sempre que usassem da palavra. A acustica muito ganharia com isso. Desde que o orador fale do seu logar, numa sala em fórma de hemicyclo, as vibrações da sua voz apagam-se de encontro á parede recta, que lhe fica em frente, e por conseguinte mal se ouve o que elle diz. O contrario sucede, quando fale de costas para essa parede; a voz espalha-se-lhe em toda a sala e de toda ella é ouvida. A Camara dos Pares póde servir de exemplo. O presidente e os secretarios ouvem-se ahi ordinariamente melhor do que os pares e os ministros, a não ser quando qualquer d'estes levanta muito a voz. O pavimento da nova sala não é atapetado, mas de *parquet,* apenas preservado, nos sitios mais expostos, por passadeiras, o que contribue bastante para as vozes não serem abafadas.

São muito espaçosos os corredores que circundam as galerias reservada e publica, nos quaes os espectadores podem, bem á vontade, esperar que a sessão se abra ou reabra, quando fôr interrompida. São tambem bastante amplos os gabinetes para os deputados escreverem e fumarem, as secretarias e o archivo, não podendo ser melhor aproveitada, em todo o sentido, como fica dito, a área de que o architeto poude dispôr. As paredes e os tectos dos corredores e das diversas dependencias são pintados a oleo.

Saíndo da Camara para o largo em que se elevam as fachadas posteriores das duas casas do Parlamento, vê-se que Ventura Terra aproveitou a do edificio da Camara dos Pares para a repetir symetricamente, mas modificando-a nos detalhes, em o novo edificio da Camara dos Deputados. Separada completamente, como foi, da Camara dos Deputados a Torre do Tombo, o eixo da fachada geral posterior não condiz com o da fachada principal, que abrange aquelle archivo. Para disfarçar este senão, perfeitamente perdoavel numa fabrica em que foi preciso aproveitar construções antigas, imaginou o artista um jogo de arcos que mascaram tão perfeitamente o defeito, que só os entendidos o poderão descobrir.

O corpo central da fachada posterior das duas Camaras é formado por uma torre de 40 metros de altura, com um belveder, relogio e ornamentações de motivos que lembram as Tábuas da Lei. A torre deve ser avistada de quasi todos os pontos da cidade, quebrando um tanto a monotonia dos telhados. Não abundam em Lisboa edificios que, como o da Estrella, por exemplo, se recortem no horisonte pelas suas torres ou cupulas; bom é, portanto, que fique havendo mais um. O relogio, se fôr iluminado, quando houver sessão nocturna, indicará aos habitantes da cidade, como o do Parlamento de Londres, que as Camaras estão funcionando.

Neste corpo central, dois porticos dão accesso aos vestibulos e ás escadas das tribunas reservadas das duas Camaras. No pavimento nobre, encontra-se uma *loggia* cavada na torre, com o competente terraço destinado ás proclamações, por ocasião de acontecimentos que as exijam. Essa *loggia* ha-de ter por adorno um bello mosaico.

Se vier a terraplenar-se o grande largo para onde deita a fachada posterior, se se rebaixarem alguns metros da Calçada da Estrella no sitio das Côrtes, e se abrir um tunnel no edificio da Torre do Tombo, acabando-se com o Mercado de S. Bento—para o que existe o competente projeto — poder-se-ha entrar de carruagem no referido largo, apeando-se os deputados, os pares e as pessoas que tiverem bilhete para as galerias reservadas, debaixo do portico coberto do corpo central. Esta obra deve dar grande majestade ao edificio.

A Torre do Tombo, completamente isolada, como já dissemos, das Côrtes—o que importa um grande beneficio para uma repartição que encerra tão preciosos e insubstituiveis documentos—ficará duas vezes maior do que é, e receberá a visita do sol, que nunca logrou lá entrar. Um projeto de fachada, caracteristica de Archivo Nacional, está riscado.

Do mesmo modo, a fachada principal que deita para o Largo das Côrtes, onde se ergue a estatua de José Estevão, está projetada, aproveitando-se uma parte importante do que ainda existe do tempo dos frades. Esta fachada, quando vier a construir-se, terá ao centro um grande frontão, suportado por dez columnas de cerca de 11 metros de altura, tudo decorado com motivos esculturaes de composição apropriada.

E' ao corpo central que corresponde, na parte interna, a bibliotheca das duas Camaras, a qual assenta sobre o antigo portico da Egreja de S. Bento, inteiramente modificado de modo que, perdendo o caracter religioso, ficará ladeado por dois grandes leões em pedra ou em bronze, dando-lhes accesso uma escadaria monumental. Por ella se subirá, portanto, para os dois porticos paralelos onde se encontra a porta de bronze, a que já acima nos referimos.

O restante da fachada compõe-se de uma série de pilastras formando quatro grandes pavimentos, e é rematado por um entablamento de ordem dorica, com fortes saliencias, balaustradas, etc. As janelas são coroadas por frontões angulares e curvilineos, alterados. Ha-de ficar sendo, por certo, esta bella fachada, a mais importante dos modernos edificios de Lisboa.

308 — Typos do Carnaval

309 — A espera dos touros

Os Alfacinhas

310 — Fava rica!

Raphael Bordallo Pinheiro, o trocista semi-philosopho, que tomou a seu cargo fazer á penna e a lapis, sobre a crusta amarela do papel autografo, o comentario risonho, e não raro cheio de bom senso, do seu tempo e da sua terra, querendo fixar em uma caricatura symbolica o feitio moral do nosso povo, no involucro ratão do seu feitio physico, creou o Zé Povinho.

Mas era preciso explica-lo, defini-lo, caracterisa-lo, insuflar-lhe vida, e torna-lo immortal. E assim o fez o *Album das Glorias*, pela penna alegre de João Ribaixo.

Segundo essa risonha biographia, não consta que jámais as graças da infancia se houvessem conservado por tão longo tempo num homem, como phenomenalmente se conservam na pessoa de Zé Povinho. Nelle concorrem em feliz conjunto todas as partes que nos enlevam e encantam no «bom menino»: casta inocencia, temor de Deus, obediencia a seus mestres, humildade, e santissima ignorancia. Aos carinhosos disvelos de sua extremosa mãe, a Carta, e de seu galhofeiro pae, o Parlamentarismo, se deve o estado miraculoso de infantilidade que tão vantajosamente recomenda Zé Povinho á sympathia e ao espanto de todo o mundo.

Elle começava apenas a ter-se nas pernas, cambadas pelos esforços feitos para se pôr em pé antes de tempo, quando os Poderes seus paes, pondo-o á porta das Instituições, na franca direção do olho da rua, lhe fizeram este memoravel discurso:

— «Zézinho, vae passear.

Nós teus paes, depois de havermos cogitado com diurna e nocturna aplicação sobre o que mais convém á tua felicidade, resolvemos de commum acordo que o melhor dote que se te podia dar era a liberdade, pois que a liberdade é, como bem dizem os philosophos, o maior dos bens, superior ao proprio oiro.

Sê livre, e capacita-te de que vaes muito mais bem convidado com a licença que para isso te conferimos, do que com tres ou quatro pintos que te metessemos no bolso!

Escola não a tens, porque te poderia fazer mal o puxar muito pela cabeça nos estudos, e lá diz o ditado que antes burro vivo, como tu estás, do que doutor morto, como tão frequentemente se tem visto.

Tenhas tu a graça de Deus Nosso Senhor, que é o que se pretende! e essa divina graça, lá está o reverendo paroco da tua freguezia encarregado de t'a dar, se lhe pagares a congrua e te chegares a elle pelas festas com o competente folar, ou seja em bebida engarrafada, em lombo suino, em pão de ló coberto, ou em outro qualquer mimo comestivel e de estimação.

Para manter o teu direito e defender a tua justiça encontrarás tambem os tribunaes competentes, com advogados idoneos para discursarem a teu respeito pela gratificação de seis moedas, vestindo te a tunica alva e luminosa da inocencia, ou amarrando-te á perna a grilheta do forçado, segundo sejas tu que dês as seis moedas, ou seja a parte contraria que as dê.

Para guardar tua pessoa e bens, concedemos-te o exercito, a armada e a policia.

Por meio do exercito terás uma ou duas paradas por anno, se o tempo permitir essa recreação honesta sem perigo de se deteriorarem com a chuva os ventres dos majores.

Por meio da armada terás as salvas reaes por ocasião dos aniversarios patrioticos, e tiros no Tejo de quarto em quarto d'hora, sempre que morra algum principe, para o fim de lembrar aos viventes que não foi esse mesmo principe que em vida inventou a polvora que se lhe consagra em morto.

Por meio da policia, emfim, te será mantido o direito sagrado de receber como um dom dos ceus toda a bordoada que te apliquem e que ninguem mais ousará retirar-te do corpo, levando-se a delicadeza comtigo nestas questões até o ponto de não somente se te não exigir que retribuas com o menor tabefe todas as tundas que te dêem, mas até de te sepultarem no fundo de uma masmorra, caso insistas indelicadamente em qualquer idéa de troco a dar aos cascudos com que tão desinteressadamente te mimoseiem.

Emquanto ao Governo incumbido de assegurar a manutencia e a persistencia de toda esta caranguejola, tão engenhosamente concebida para tua satisfação e recreio, serás tu mesmo que por tua mão elegerás, metendo escrito num papel o nome d'aquelle que destinares para poder executivo dentro de uma caixa, que para esse fim tomará por vinte e quatro horas a designação de urna, afim de que tu possas dizer que vaes á urna; pois se dissesses que ias á caixa, o acto eleitoral perderia de sua gravidade e tornar-se-ia jocoso em demazia.

Para o fim de te dar o papel com o nome do sujeito que has de meter na urna e que nós nos encarregamos de te confecionar, lá está um funcionario especial intitulado o Regedor.

Para continuares a gosar o sumo bem da liberdade que te outorgamos, tu não tens que ter senão o pequeno incomodo de pagar tudo o que isto custa, e de dar os vivas do estilo, sempre que a ocasião se ofereça, ao Principe, á Real Familia e ás instituições que vigem á tua custa.

Finalmente, sempre que precisares do quer que seja, trata de ganhar, porque ninguem te dá nada. Adeus, Zézinho! vae-te com Nossa Senhora!»

311 — Nas hortas. A petisqueira

Crescido, Zé Povinho correspondeu perfeitamente ás esperanças que nelle depositaram os solicitos poderes do Reino. Como desenvolvimento de cabeça elle está pouco-mais ou menos como se o tivessem desmamado hontem. De musculos, porém, de epiderme e de coiro engrossou, endureceu e calejou como se quer, e, cumprindo com brio a missão que lhe cabe, elle paga e súa satisfatoriamente. De resto, dorme, resa e dá os vivas que são precisos. Um dia virá talvez em que elle mude de figura e mude tambem de nome para, em vez de se chamar Zé Povinho, se chamar simplesmente Povo. Mas muitos impostos novos, novos emprestimos, novos tratados e novos discursos correrão na ampulheta constitucional do tempo antes que chegue esse dia tempestuoso.

O unico povo do mundo que canta o fado tem neste a expressão flagrante e nitida das suas tendencias, da sua sentimentalidade e do seu entendimento. A sina, o acaso, a sorte que preside ao nosso destino, que determina as nossas acções e que explica os mais varios aspectos da nossa existencia, ou seja numa angustia collectiva, ou individualmente,

312 — Nas hortas. A entrada da taberna

atirando-nos com o pé direito á ventura ou com o esquerdo á desgraça, eis o que define o povo portuguez, eis o que, num anthropismo universal d'onde herdou ou recebeu a maioria dos seus mythos, se destaca como caracteristica propria. E' o acaso que faz de nós ricos ou pobres; é nossa sina a felicidade ou desventura no amor; é da sorte a fartura ou a miseria, a saude ou a molestia, a virtude ou o crime; é sempre o fado dominando tudo, desde o Senhor D. Miguel que o batia, até ao povo a gemê-lo!

O nomadismo arabe que nos ficou no sangue encontrou, em condições geographicas especiaes e em circumstancias historicas fortuitas, meios faceis de se expandir, de ser assimilado pela casta isenta d'essa herança e de se transmitir, ao deante, com crescente intensidade. Sofreado nas primeiras tentativas da constituição d'uma nacionalidade, mercê da energia e do entendimento dos primeiros monarchas, a povoarem as manchas incultas, a fazerem arrotear o solo, a fixarem a gente á terra, atrazada ia ainda a grande obra politica d'um grande ideal e já, ao rematar a primeira dynastia, um lindo Principe impedia a marcha d'esse trabalho tão sabiamente encetado, mas ainda rude a proseguir e com paciencia. A inconstancia do seu coração, as suas inverosimeis correrias guerreiras e os caprichos e intrigas em que o envolvia a esposa, a cujo fadario unira o seu, irritaram por vezes o povo num clamor de prudencia e de juizo. Mas os primores d'uma rara destreza mascula, o seu trato mavioso e doce, a sua bondade prodiga, atenuavam os impetos da plebe ao cair d'uma desgraça—que o que tem de ser tem muita força.

Enraizou o precedente, e a mescla ethnica que mandava dirigiu a actividade governativa para as conquistas em Africa. O bom sucesso das primeiras aventuras fez explodir na alma portugueza o que nella havia de indole errante e moura, pois o captiveiro do Infante Santo, nunca liberto por falta de dinheiro, esquecera ou explicava-se: cumpria o seu fado. A pouco e pouco vae crescendo a ancia exotica, riqueza e dominio tocam a ambição geral. No principio, aos mais ousados, acompanha-os, dos que ficam, a esperança, a curiosidade e o desejo de que Deus os fade bem; mas breve a narrativa quente das façanhas impulsiona os timidos e os prudentes e tudo quer emigrar, num impeto de agarenos, com a miragem do poder e da fortuna.

Entretanto a patria despovoa-se; uns são navegantes, outros acabam em guerras insensatas que, para as promover, obrigam á venda das pratas das egrejas e, entre outros males, dizimam, ou os grandes espiritos como o Infante D. Pedro, ou os homens validos que ainda restam. Porque estes já são poucos, e para a campanha e para os navios forçoso é recrutar gente mercenaria no Estrangeiro.

As riquezas da India surgem com o seu deslumbramento. O espirito da aventura alastra de tal sorte, que parece pairar na terra portugueza um delirio das grandezas. Tudo quer ser marinheiro, mercador, traficante, pirata; o solo fica quasi abandonado; nem pão ha que chegue para os que ficam; nem sequer existe quem teça um vestuario; um Rei mesmo, o Venturoso, manda vir estrangeiros para construirem as galés!

Mas a fonte exaure-se; e o aventureiro que dissipára tão rapido como facil lhe fôra adquirir, porque para amanhã Deus dará, escusa de continuar errando. Como vivemos? De que dependemos? Dos vae-vens da sorte!

Chega a peste! A miseria é tragica e á terra não ha apêgo. Tudo falta, nada se sabe e, para mandar vir os necessarios lá de fóra, já não voltam os galeões e as caravelas com as especiarias do Oriente. O que tinham conduzido e que parecia jamais cessar de vir, sumira-se para sempre. E na resignação da pobreza só a lição assente fica de que esta vida é um desengano!

Com o que restava de valido ainda se emprehendeu a infausta conquista de Marrocos. Mas tudo denunciou desde logo mau agouro, e pelos espiritos correra um como fluido de má sina e de presagio. Dias antes, na Capela real, cantára-se um rimance que

dizia a desditosa crueza final do ultimo Rei godo; e a espada de Affonso Henriques, que D. Sebastião pedira aos frades de Santa Cruz, esquecera no navio! A fé na victoria oscilava na massa; a um tempo, a duvida e a esperança de boa sorte precipitavam o desbragamento e o goso antecipados.

Ora os Reis, tambem correm o seu fado; o Monarcha epilogou a sua chimera com a morte, na Moirama!

Ao anexar o nosso territorio, a Hespanha encontrou um povo gafo, terra inculta e, para o tempo, uma assombrosa divida publica; nem lavoura, nem industria, a fidalguia numa penuria de indigentes. Só a religião esplende, fervorosa e erotica. Rei hespanhol, Rei portuguez, ao povo tanto se lhe dá. Não ha mares desconhecidos a atraves-

513 — Nas hortas. Uma barraca de «comes e bebes»

sar e opulencias novas a descobrir? E' estreita a patria para um esforço com perigo mas afortunado.

Recuperada a independencia, a ruina mais cresce com a prolongada guerra a manter por tantos annos. O povo vae, sem afeições e sem estimulos; não abandona elle Affonso VI aceitando, em substituição do malfadado, o Monarcha que assassina de vez a industria nacional em Methwen?

Mas chega a noticia do oiro e das pedrarias do Brazil. Emfim! Depois da tempestade a bonança! E ahi surgem as correrias, ahi está, dominando alto e forte, o que nos legára o stracto serraceno. O exodo realisa-se com demencia, com volupia, que a alma aventureira portugueza não é feita para o medo das febres da Terra Quente ou da desolação do Mar Coalhado! O dinheiro abunda, dissipa-se, lança-se fóra. O Rei Magnanimo malbarata-o em piedade. E é um fado brejeiro por esses conventos fóra...

A obra de Pombal falha, como falhou a de Ericeira, a de Gusmão, a de Castello-Melhor. Desgraçadamente já é tarde para utilisar-se o manancial americano, creando com elle o trabalho nacional e, derivativamente, o amor da terra, um ideal politico, uma solidariedade de povo, um orgulho de raça. O caminho do Brazil está aberto para jámais se fechar; até D. João VI a demanda, essa terra que o portuguez desejou e de-

sejará sempre lhe deixem franca, contando que exercerá lá uma actividade que aqui lhe não acode ao infortunio. Inconscientemente, no seu sangue, o fatalismo arabe repuxa-lhe a indole aventureira.

Tudo entre nós corre o fado, os navegadores e os lobis-homens, as bruxas e as rainhas; e cada um de nós, chegada a tyrana morte, tem acabado o seu fadario. Nesta fé cega, que o genio e a vida portugueza explicam, a lassitude na iniciativa, a carencia de um ideal coletivo, o alheamento do povo na obra politico-economica dirigente tudo isso se comprehende na nação entontecida de grandezas ou resignada nos desastres que só atribue ao destino — escreve o Snr. Rocha Peixoto no seu livro *A Terra Portuguesa*.

Portanto, o fado e o que nelle se diz de sonho, de sombra, de amor, de ciume, de ausencia, de saudade, e principalmente de conformação com o cru e negro imperio do

314 — Nas hortas. A' sombra d'arvores

destino, eis o que exprime dramaticamente a feição da alma nacional. O fado é portuguez, é toda uma mentalidade, e toda uma historia.

E' de Portugal e genuinamente seu: o fado para a folia, para o amôr, para a amargura, e até para a morte, em choradinho... «Z'i á beira do sepulchro!» Num mesmo schema metrico, de norte a sul, d'antes, hoje e sempre, o povo enquadra todas as suas idéas e sentimentos, todos os factos, nessa melopeia. Ignez de Castro e a Severa, o bem e o mal, o rosto da lua e as vozes do echo d'além tumulo, e a redempção, a paixão, a desdita, o ciume, a vingança, até o Pobre Portugal, tudo se canta num mesmo rythmo, numa musica de pequenas variantes, alanceada, gemebunda, irreparavel.

O criterio geral da sorte do paiz, a cujo governo o povo nunca deixará de ser alheio, é o do fado que correm os lobis-homens, á meia noite, nas terças e sextas feiras, olheirentos, chupados, vagabundos, funereos: sete rios, sete villas acasteladas, sete vales e sete outeiros. Uma e outra são coisas complicadas e penosas para interpretar fóra do mau olhado e da crueldade irremediavel do fadario.

A musa do fado, essencialmente lisboeta, foi a famosa Severa, cujo nome, cuja voz invejada pelas companheiras, e o seu calão original e pitoresco, lhe grangearam uma celebridade que ainda ha pouco vivia na tradição oral e depois logrou a consagração do livro, no *Cancioneiro Popular* do Snr. Theophilo Braga.

Entre os arruadores, rufiões e rixosos de viela que infestavam os bordeis, as betesgas sombrias do Bairro Alto e as alfurjas mal afamadas da Mouraria, tinha a Severa a consagração incontrastavel de primeira cantora do fado. Pertencia a essa raça de peregrino maniacos — os ciganos, cuja filiação historica é um enigma indecifravel, raça em que as mulheres, morenas como bronzes florentinos, não terão a elegancia espirituosa das estatuetas de velho Saxe, nem a linha ondulosa que evoca a um tempo o pensamento d'um licorne e d'uma flor heraldica, mas que teem certamente o requebro provocador, a esbelteza picante como colorau hespanhol; raças a cujos acampamentos teem, por mais d'uma vez, baixado a poesia e a musica para arrancarem de lá algumas das suas figuras emotivas: a Mignon de Goethe e a d'Ambroise Thomas, a Esmeralda de

315 — Nas hortas. O chinquilho

Victor Hugo, a Preciosa de Weber; raça sonhadora, independente, caprichosa, amando o colorido com a alegria candida de selvagens; raça finalmente que, na phrase de Paulo de St. Victor, quando desaparecer, o mundo perderá não uma virtude, mas uma poesia.

A Severa, cuja vida se desenrolou sem as saudades lancinantes do hontem, nem as preocupações tormentosas do ámanhã, era bem o purissimo produto d'aquella raça bohemia, em que a mulher parece haver sofrido no berço a mordedura da cantarida. Vivendo na atmosfera ardente do vicio como a salamandra póde viver entre chamas, caber-lhe-ia á maravilha o proverbio arabe, que diz ter a mulher espirito d'azougue e coração de cera. Em volta de seu nome condensou-se a caligem d'uma legenda fadista.

Era de altura regular, magra, nervosa, o porte altivo, morena sem resaibos de bismuto ou vermelho vegetal, olhos de diamante negro dardejando raios que nos envolviam como uma onda de luz excitante, cabelos em caprichosas volutas atraentes como uma pavêa de pecados, os labios repuxados pela smorfia zombeteira, cantando em todos os tons, sob a embriaguez torturante dos beijos, a Marselheza do amor ilicito. Desconhecendo por completo o uso dos veludos, dos setins laminados d'espelhamentos e a sabia

esgrima do leque, trajava ampla saia de chita, lenço de ramagens na cabeça, chinelas de polimento e, quando engrifada e arremangada, era das que não tinham papas na lingua, como a Senhora Angot.

Batia o fado com petulancia nervosa, gesto lascivo, uma graça tão pessoal, que ninguem em tempo algum a egualou, assim como nunca tiveram substitutas aquellas formosas dançarinas jonias, filhas de Mileto, tão gabadas na antiguidade, nem as dançarinas de Herculanum ou Pompeia, que aparecem nos vasos artisticos destacando se brancas de alabastro sobre fundos d'azeviche, os pés resaltando como frechas d'aço sobre folhas de marmore, os braços recurvos como ansas, acompanhando os movimentos choreograficos com crotalos d'oiro, nem mesmo, pela sua graça serpentina, as filhas da velha Cadix outr'ora levadas a Roma, e tão elogiadas por Marcial e Petronio.

De guitarra na mão, improvisando, bem adubado de sal e pimenta, arregalando os olhos como se estivera sob a acção da atropina, voz melancolica de meio soprano, a diva do Bairro Alto cantava todos os fados, desde o rigoroso, ao mais variado, mas com tantissima arte, com um tal sainete, ferindo tão delicadamente a nota azulina do sentimentalismo vadio, que toda a gente parava a escuta-la, quer estivesse nas hortas reclinada sob as latadas de pampanos, que deixam entrever losangos de cobalto, ou sob os castanheiros coando resteas de sol pela trama da ramaria, quer fôsse nas esperas de touros onde aparecia montada á garupa, quer abancasse nas espeluncas sombrias entre goliardos pelintras, quer quebrasse o silencio das ruas escusas do seu bairro, garganteando com *fiorituri,* onde parecia que voavam spasmos d'amor, paroxismos de febre erotica.

E essa quente melodia ensombrada de tristezas, que parece dar á nota um perfume de saudade e ao peito um suspiro d'amor, despertar no espirito um cardume de sensações adormecidas, derramar sobre as palpebras cerradas o pó d'oiro dos sonhos sugestivos, comovia intensamente, fazia encontrar a extremidade d'aquelle novelo de linha a que se refere Goethe nas *Afinidades Electivas,* e que cada um traz no fundo da propria alma...

Severa adorava em extremo a arte tauromachica, mas não adorava menos o seu eximio cultor, o Conde de Vimioso, que lhe pagava na mesma moeda. Este glorioso triumphador do redondel despertou uma paixão tão forte naquella flôr do monturo, que ella o acompanhava obediente, cantando a seu lado toda a gama das voluptuosidades, como os prisioneiros acompanhavam em Roma as quadrigas de marfim e oiro que conduziam os vencedores á sagração do Capitolio.

Uma congestão poz termo áquella vida turbulenta. A Severa morreu com vinte e seis annos apenas. E então, a musa popular apoderou-se d'ella e cantou-a:

Chorae, fadistas, chorae,
Que uma fadista morreu...
Hoje mesmo faz um anno
Que a Severa faleceu!

A definição de *alfacinha*, a que vem nos dicionarios, é esta: alcunha que se dá aos naturaes de Lisboa, por gostarem muito de alface. Ora, Zé Povinho é natural de Lisboa. E' o alfacinha da gêma. Saber como elle vive em casa e observa-lo na rua; attentar no seu modo de ser, de portas e dentro e á luz do sol; conhecer as suas virtudes e os seus defeitos, os seus gostos e as suas opiniões, as suas alegrias e os seus pezares; ter percorrido o seu bairro, ter penetrado no seu lar, ter tomado logar á sua mesa; e ir com elle ás hortas, ás feiras, aos arraiaes, aos toiros, aos circos, aos theatros; e andar com elle no acompanhamento dos cirios, no coice das procissões e nos pres-

titos civicos; e embasbacar com elle, nas ruas por onde passe um cortejo real, a guarda das Côrtes ou a dança da Bica; finalmente, alugar a meias com elle a mesma tipoia para acompanharmos á derradeira morada o mesmo amigo — é pôr-se a gente ao facto, passo a passo, tim tim por tim-tim, da vida dos alfacinhas, de que Zé Povinho é o prototypo.

Dizia Beldemonio no livro das *Viagens no Chiado*, que em Lisboa, mais talvez que em nenhum outro dos grandes centros da Europa, é visivel o mal-estar da vida de familia. Beldemonio exagerava, sem duvida, o tom carregado das suas observações, mas tinha alguma razão, até certo ponto, quando dizia que o casamento em Lisboa era uma «associação determinada pelo capricho e destinada a ser rescendida pelo tédio».

Casa-se, com efeito, uma bella manhã, sob o sorriso indiferente do parocho e sob os olhares impertinentes do sacristão, porque numa noite de circo elle, o alfacinha, julgou ter encontrado o seu ideal numa bonecasita sentada ao seu lado com a familia; e porque ella, a alfacinha, julgou ver a realisação dos seus sonhos adolescentes num manequim de bigode retorcido, cheio de vaidade da sua gravata e da inutilidade do seu pequenino cerebro. Amaram-se; cada um tratou de se enganar a si proprio e de enganar o outro, excitando-se com as proprias palavras para acreditarem numa paixão romantica, extraordinaria e absorvente, d'essas de que falam certos livros de uma literatura hoje morta e bem morta, mas cujos efeitos duram ainda, como um vicio. Escreveram-se: elle, com erros de orthografia; ella com disparates de senso commum. Houve a odysséa do namoro nacional, com entrevistas no Aterro, cartas no *Diario de Noticias*, sujeitas á troça de 26.000 leitores, noitadas sob o terceiro andar da bem-amada, trocando phrases á vista das patrulhas que passam envolvidas nos seus capotes; arrufos e lagrimas, recomposições e trocas de madeixas de cabelo — todo o idilio lisboeta, de que um poeta humorista tão bem achou o ridiculo nestas duas quadras:

Manhã de inverno. A chuva miudinha
Sobre a calçada cae; meiga e plangente
Ali defronte, a palida visinha
Bafeja na vidraça docemente.

E com seu branco dedo indicador,
Cativa ás galas de vistosa farda,
Com timidez no vidro escreve—AMOR
Ao tenente que vae render a guarda...

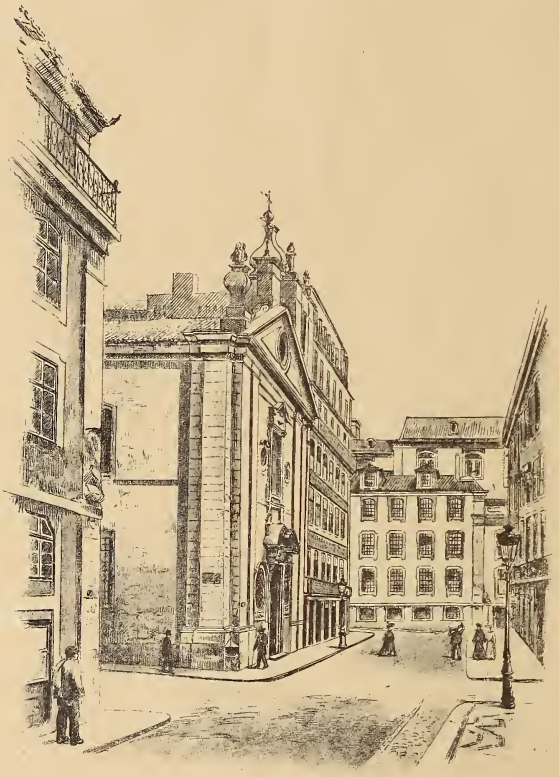
Tanto mentiram a si proprios, que chegaram a acreditar-se. E casaram.

Assim colocadas estas duas creaturas em face uma da outra, como dois cães de faiança, as consequencias são faceis de prever. Cada um trata de tirar o melhor partido possivel da situação, firmando se nella para os cuidados materiaes da vida, e fazendo do lar uma especie de quartel d'inverno na campanha empreendida á caça do prazer. Cada um vae para seu lado, gosando a seu modo; e vigora entre elles um acordo tacito de tolerancia mutua, cuja monotona harmonia não se pertuba senão quando ella exige um vestido demasiado caro... Entretanto, ella reserva os cuidados da sua pessoa para o mundo, para as suas visitas, para as suas amigas, para os frequentadores do Chiado e da Rua do Oiro, porque no seu interior — no seu *home*, como dizem os inglezes — passa manhãs inteiras enxovalhada num penteador, por entre a debandada dos seus rolos de cabelo, dos seus sapatos, dos seus vestidos...

O amor é sobretudo um sentimento, antes do matrimonio; é sobretudo uma função, depois. Em biologia, o amor póde ser definido: a fórma ideologica de seleção. Em moral, o amor é a fusão de duas almas. Parece, pois, que não ha acordo possivel; na realidade, esse acordo estabelece-se quando o amor-sentimento continua vivendo no

amor-função. Trata-se apenas de obter esse resultado; não se obtem quasi nunca, nas sociedades de uma educação deficiente, porque falta o tacto necessario para idealizar o convivio conjugal atravez das realidades frequentemente rudes da vida.

Isto é uma verdade que ninguem contesta. Temos o exemplo d'ella deante dos olhos, se considerarmos a marcha do amor, separadamente, em cada uma das tres classes que podemos distinguir na massa da sociedade de Lisboa. Em qualquer d'ellas, o amor principia sempre identicamente, num idilio cuja fórma varía, sem nunca variar o fundo. E' sempre a mesma excitação encantadora, o mesmo anceio purissimo de ideal. Mas após o casamento, estabelecem-se diferenciações profundas. Na classe inferior — população agricola, proletariado — a mulher tornou-se logo a escrava do marido, uma especie de objeto com varios prestimos; não tem peso na vida do homem, senão pelo que lhe póde custar em alimento. Elle bate lhe, com a mesma tranquilidade de consciencia com que bateria num cão: considera-a pouco menos que uma coisa e pouco mais que um animal domestico. Na classe média — pequena burguezia — a mulher é ainda um objeto, mas objeto de estimação. O marido respeita-a, simplesmente porque esse respeito destingirá sobre elle. No fundo, os dois vivem emparedados na existencia, arrepelados pelo desejo de se mandarem mutuamente ao diabo, e pela necessidade de guardarem as conveniencias. Na classe superior, emfim — alta burguezia, aristocracia — a vida ameniza-se, torna-se doce e facil. Sobreveem mil diversões á monotonia do *tête-à-tête* quotidiano. E' vulgarissima nessa classe a pieguice de namorados persistindo no casamento, as pequeninas sentimentalidades, as superstições tão pueris e tão vitaes do beijo trocado sempre que o marido sae de casa ou recolhe. Como se vê, o amor seguiu uma progressão bem nitida de classe em classe, á medida que o nivel da educação subia. E' inutil insistir neste ponto, a que apenas se torna necessario fazer



316 — Egreja da Conceição Nova

uma anotação: aquelle resultado apoia se tambem, em grande parte, na soma de facilidades que dá a fortuna. Perdeu-se a velha formula idilica «o teu amor e uma cabana...»

As condições da vida de familia, em Lisboa, não são de molde a prender muito o alfacinha á casa. A casa é um abrigo, não é um prazer. Nas cidades hollandezas, por exemplo, a maior parte da vida dos seus habitantes passa-se dentro de casa; em Lisboa, a maior parte da vida passa-se fóra de casa — nas ruas, nos restaurantes, nos cafés, nas tabernas, nos espetaculos, nos clubs.

317 — Nas hortas. Debaixo da parreira

Este facto assignala-se principalmente nas classes médias. Nas classes altas, a influencia da educação antiga nos habitos de familia não desmereceu ainda muito pelo que respeita ao amor do conforto, e do convivio intimo, e a esta grata circunstancia se junta vantajosamente um certo espirito de incompatibilidade com as tendencias democratisadoras da epoca. Nas classes baixas — no povinho propriamente dito — a pouca permanencia em casa é bem justificada pelas necessidades do trabalho, que começa com a alvorada, ao toque das sinetas e das buzinas das fabricas e dos arsenaes, e só acaba com o pôr do sól, ao toque das Ave-Marias.

Ha uns dez ou doze annos manifestou-se em Lisboa uma grave crise entre as classes de construção civil. Centenas, se não milhares de operarios, foram despedidos das obras em que andavam trabalhando, e magotes d'elles percorriam as ruas da capital, podendo transformar-se, de um momento para outro, numa causa perturbadora da ordem publica. O Governo viu-se obrigado a admiti-los em trabalhos que foi quasi preciso inventar, e o Thesouro sofreu, durante largos mezes, grosso desfalque, sem que d'ahi resultasse obra de reconhecida utilidade. Ao cabo d'esse tempo, muitos d'esses operarios eram enviados para as terras da sua naturalidade, não encontrando aqui occupação medianamente vantajosa.

318 — Fóra de portas

Esta crise não foi esporadica, mas sim devida a causas de ordem financeira e economica. O cambio do Brasil tinha peorado de tal modo, que quasi paralisara as importantes remessas de dinheiro que d'ali vinham, e muitas familias, esgotados os seus recursos e depois de inuteis sacrificios, tiveram de regressar áquelle paiz. As coisas por cá não corriam tambem melhor. O corte nos juros das inscripções, o desaparecimento do dinheiro em oiro, o premio elevado da libra, a desconfiança havida para com a maior parte das empresas, tudo isto concorria para augmentar a corrente da crise operaria.

Outra circumstancia ocorria, e vinha a ser o excesso de produção. Tinham-se aberto diversos bairros e elevado muitos predios novos, em desharmonia com o desenvolvimento da população. Por estes motivos bastantes casas, sobretudo as de maior preço, ficaram por habitar e os senhorios viram-se obrigados a baixar os alugueis.

A crise, que se apresentara sob tão ameaçador aspeto, não foi todavia tão duradoura, como seria de presumir e recear. Dentro de poucos annos tudo voltou á mesma, melhoradas, em diversos sentidos, as condições economicas e financeiras. A faina das edificações observa-se de novo com a mesma, senão com maior intensidade febril. Raro é o dia em que se não noticie a abertura de uma nova rua. Por toda a parte surgem bairros novos, como por encanto.

Em toda a margem do rio, desde Braço de Prata até Cascaes, não ha trecho de terreno, em que se não vejam edificações modernas. Nos Olivaes, em Marvilla, no Campo Grande, no Lumiar, em Bemfica, em todos os sitios emfim, até onde se estenderam os beneficios da viação mais ou menos acelerada, não só se levantaram residencias de recreio, mas moradias permanentes para muitos individuos, que teem as suas ocupações habituaes em Lisboa.

Esse estadista energico que se chamou o Marquez de Pombal já pensara, como complemento ao seu sonho realisado de reedificador da capital, alastra-la no sentido do Lumiar e do Campo Grande, pontos os mais salubres, no seu entender, para o lançamento de bairros novos. Esta idéa não ficou apenas de uma ingerminação infecunda no cerebro de Sebastião José. Ainda hoje existem nos archivos da Camara Municipal os projetos e planos que elle mandou desenhar com o fito de pôr em pratica o engrandecimento de Lisboa. E provavelmente só lh'o impediram a morte e o desfavor da filha de El-Rei D. José. Posteriormente, outros homens eminentes insistiram no pensamento do Marquez de Pombal. O grande medico Sousa Martins dizia que a expansão normal da cidade deveria fazer-se na zona de terrenos compreendidos entre Valle de Pereiro e o Campo Grande.

Recentemente, organisou-se uma Companhia que comprou 36 hectares ao occidente do parque do Campo Grande, destinando-os á fundação do Bairro da Europa. E' a primeira vez que em Lisboa se realisa a construção de um bairro de tal amplitude, com luxo e desafogo. No plano definitivo, que nos foi facultado, as avenidas principaes ficam paralelas á rua occidental do Campo Grande. A Avenida de Portugal a meio, com uma placa de abrigo a todo o comprimento, isto é, um passeio alongado que corre a egual distancia dos dois passeios, e onde se hão de plantar as arvores e colocar os postes de iluminação; tem duas ruas para a passagem de trens, mede ao todo 25 metros, como as avenidas de Italia e de França. Cada avenida terá o nome d'um paiz da Europa, e será arborisada com a planta caracteristica do paiz que representa. A de Portugal será povoada de larangeiras; a de França, orlada de acacias; tilias na de Allemanha; na de Inglaterra, carvalhos, e assim por deante. Não é a Companhia que se encarrega de construir todas as habitações. Tenciona vender terrenos, reservando o direito de fazer observar certas prescripções. Por exemplo, nenhuma casa póde ser construida junto aos passeios; hão de distar, pelo menos, 5 metros da linha de demarcação d'estes. São abolidos os *chalets*, e ha uma regulamentação de acordo com a hygiene. Todas as ca-

sas construidas pela Companhia são para um unico inquilino. Quer-se fazer um *faubourg* de eleição, repousado e saudavel, á ingleza, um bairro luxuoso e moderno.

Os termos que constituem o Bairro da Europa são as quintas das Palmeiras, de Santo Antonio do Alecrim, dos Arciprestes, do Arcediago e das Figueiras. Nesta ultima descobriu-se ha pouco tempo a magnifica agua que abastecerá todo o bairro, e cuja analise a dá como excelente agua potavel. Na Quinta das Palmeiras está o soberbo Palacio da Madre Paula, mandado construir por D. João V, entre belos jardins. A Companhia comprou todos esses terrenos por 100 contos de réis.

De recente data é, egualmente, a inauguração dos trabalhos para a Avenida das Picôas, Avenida Ressano Garcia, e Parque da Liberdade que resultam da aplicação da Lei das zonas feita pela Camara Municipal e decretada em 9 de Agosto de 1888, sob a inspiração do Snr. Ressano Garcia, que viéra recentemente do Estrangeiro, com o curso de engenheria, cheio de inteligencia e arrojo, e queria dar a Lisboa o caracter de renovação que se operou em Bruxellas num periodo de poucos annos. Bruxellas era ha vinte annos uma cidade secundaria no ponto de vista do seu plano, das suas condições de habitabilidade. Modernamente, passou por uma transformação completa identica á que em Lisboa se vae operando. Ora o decreto de 9 de Agosto de 1888 ficou sem aplicação até que, em 1891, a Camara Municipal pediu licença para aplica-lo e quiz realizar um emprestimo. Reuniram-se os 40 maiores contribuintes e, apesar de uma certa oposição, foi o emprestimo votado, de 400 contos de réis a amortizar em annuidades.

O pedido ao Governo exprimia o desejo de explorar o polygono compreendido pela Rua Andaluz, Rua de S. Sebastião da Pedreira, Estrada das Picôas e actual Avenida do Duque d'Avila, que nos planos geraes dos melhoramentos da cidade tinha já esse nome; polygono compreendido na 1.ª zona em que a cidade ficou dividida e que ia até á Circumvalação. As obras fizeram-se de 1891 para cá, e só em expropriações foi gasta a quantia de 427 contos, ficando á Camara o direito de vender os terrenos, dando um bonus de 25 por cento dos lucros aos antigos proprietarios expropriados. Venderam-se muitos lotes. Por aqui se vê que não só o emprestimo não fôra um onus para o Municipio mas realisava um melhoramento importante ao mesmo tempo que recobrava quasi todo o dinheiro empregado nesse melhoramento.

A Avenida Ressano Garcia pertencia á 2.ª zona, por começar já fóra da Circumvalação. Era preciso realisar um emprestimo para tenta-la. Realisou-se e começaram as obras; foi tambem preciso expropriar vastos terrenos, e importantissima verba se consumiu nisso. Na planta, o grande angulo agudo formado pela Estrada da Circumvalação com a do Arco do Cego era o que tinha de seguir-se antes da Avenida Ressano Garcia, para ir por exemplo da Praça do Duque de Saldanha, antiga Mousinho d'Albuquerque, á entrada do Campo Grande. Representava essa distancia ao todo quasi 2.500 metros. Pois o comprimento da Avenida Ressano Garcia, em linha recta, é de 1.509 metros; houve uma economia da quarta parte pelo menos. Ha mais: qualquer d'aquellas duas estradas, no inverno, tinha pontos intransitaveis. A Avenida que para a grande viação as substitue, é uma avenida moderna, macadamisada. Havia uma grande dificuldade a vencer, quasi a meio trajeto d'essa avenida, e que era a passagem de nivel para a linha em frente do Mercado Geral de Gados, mas para essa faz-se um desvio, constróe-se um viaducto correspondente, e está vencida a dificuldade. O caminho de ferro de cintura virá a passar do lado da estrada de Entre Campos, onde actualmente passa; d'ahi em deante é que começa a operar-se o desvio, cortando a linha a Avenida Ressano Garcia em terrenos que pertencem ainda ao Mercado Geral, em seguida esses terrenos, e logo depois a Avenida Antonio Maria d'Avellar.

A Avenida Ressano Garcia sucede á das Picôas e estende-se em linha recta até o Campo Grande. Assim, ha-de ficar desde a Praça dos Restauradores, em sucessiva as-

cenção, a série de avenidas que terminam no fim d'aquelle passeio. Isto implica duas vantagens que se conjugam e resultam uma da outra; em primeiro logar, o alargamento da area de terrenos habitaveis na proximidade de Lisboa, alargamento proporcionalmente muito maior, que o acrescimo de população; em seguida a arborização d'um grande numero d'hectares que ficam dentro ou de perto confinam com a capital, reconhecida de utilidade maxima para a saude dos seus habitantes. Dois enormes beneficios hygienicos, eis o que nos veiu trazer, afora melhoramentos de viação, encurtamento de distancias, utilização e encarecimento de terrenos improdutivos, acrescimo de valorisação, etc., essa continua serie de progressos de que foi principio a Avenida da Liberdade, e ultimo termo realizado a Avenida Ressano Garcia.

O que se lhe seguirá?

319 — O dia da Espiga

Este desenvolvimento vertiginoso não se explica satisfatoriamente e custa a crer que a população de Lisboa tenha augmentado de tal maneira que exija tantas avenidas e tantos predios novos, dando-se além d'isto a circumstancia de não se terem derrubado ou reconstruido alguns dos antigos bairros. Quasi todas, senão todas as edificações actuaes, são formadas sobre terrenos de cultura, quintas ou campos. Seja porém como fôr, haja ou não haja causa, que explique naturalmente o phenomeno, o que é inegavel é que o facto dá-se, visivel aos olhos de todos, de uma realidade que ninguem póde contestar. As casas erguem-se quasi inesperadamente do solo e aparecem logo os moradores para as encher.

Esta concorrencia não faz, comtudo, que tenham melhorado sensivelmente as condições de habitação em Lisboa, nem que tenham diminuido os preços dos alugueis. Indiscutivelmente, a febre das construções demonstra superabundancia de dinheiro e um certo bem estar social que não se acha de acordo com as dificuldades com que lucta a maioria da gente. Os queixumes são geraes e a miseria, até a propria miseria doirada, não se encobre. O contraste é profundamente comovente, quando não chega a ser repugnante, e pena é que estes desequilibrios sociaes sejam uma fatalidade para bem dizer insanavel.

A maior parte das construções lisboetas deixam muito a desejar, quer sob o ponto de vista da elegancia, quer sob o ponto de vista da hygiene, do conforto e da solidez. A obra de fancaria predomina. As portas e as janelas não ajustam perfeitamente; os soalhos estão cheios de gretas; os estuques ameaçam desabar. Mas que admira, se não ha escolha nos materiaes nem perfeição no trabalho, atendendo-se unicamente á ilusão e á barateza! Um dos defeitos da nossa construção moderna é a extrema divisibilidade das peças, de modo que se tornam acanhadissimas, como se fossem compartimentos de bonecas. Pretende-se com isto valorisar o predio, dizendo-se que elle tem grande numero de quartos, quando afinal de contas não tem senão cubiculos.

Entre os varios e complicados problemas a cuja solução a sciencia social se entrega com ardor, nos diversos Estados do mundo culto, ocupa logar proeminente aquelle

320 — Grupos de arraial

que respeita á habitação do pobre. O estudo do problema da habitação do pobre constitue ponto de partida para a observação minuciosa dos males que afligem as classes menos favorecidas, e por conseguinte, tentada a solução, para a acquiescencia dos meios e fórmas adequadas a minorar-lhes os sofrimentos. O facto de tornar esta questão ponto fundamental de tantas outras que interessam as classes laboriosas não será uma afirmação gratuita, uma vez encarada sob o ponto de vista da constituição e manutenção da familia segundo as leis da moral e da hygiene, sua reprodução genesica, reflexo do seu poder de orientação nos destinos do individuo como membro da collectividade, e por consequencia sob o aspeto do maior aperfeiçoamento das forças produtoras, aperfeiçoamento que determinará a melhor distribuição, consumo e circulação da riqueza de um estado.

Como todos os assumptos sociaes, que a este se prendem e respeitam ás classes trabalhadoras, constituem uma questão palpitante no mundo civilisado, homens de sciencia, philosophos e estadistas de quasi todos os paizes com empenho se lhe consagram; e, se parece fóra do possivel resolvê-la de modo que, sem afetar a normalidade do de-

senvolvimento das sociedades modernas, se extinga o pauperismo, assente está que aos governos e ao espirito do seculo cabe parcela importante na obra profundamente evangelica de o suavisar e diminuir consideravelmente.

Entre as nações onde, pelas circumstancias especiaes em que se encontra, a questão relativa ao proletariado póde encaminhar-se com maior facilidade, senão para uma solução completa, pelo menos para a mais vantajosa das conciliações, está sem duvida Portugal. De diversas ordens são os fatores que dão esse resultado. Na ordem politica, por exemplo, não deixam de preponderar a somma de liberdades consignadas nos codigos. Na ordem physica a suavidade do clima e a situação geographica, determinando esta as correntes de emigração, que se fossem dirigidas para as nossas possessões tornar-se-iam extremamente produtivas, são por egual valiosas. Na ordem economica, parece que o facto de não sermos uma nação propriamente dita industrial simplificará o problema.

Passando uma vista rapida sobre os simtomas da questão social em França, por exemplo, observa-se que no seu regimen economico as gréves se sucedem ás gréves, terminando quasi sempre pela alta dos salarios. Ora, esta alta vae refletir-se no preço das mercadorias, e por consequencia sobre o operario que é por seu turno consumidor. D'ahi nova gréve e identicos resultados. Na opinião do economista francez Guillard, as gréves não teem sómente a desvantagem d'este resultado negativo, que determina perdas sensiveis aos dois contendores em lucta — patrão e operario; colocam tambem em posição desfavorecida os produtos francezes nos mercados estrangeiros pela alta nos preços, que experimentam. A questão das rendas das casas tem egualmente em Paris uma gravidade momentosa; e essa gravidade é determinada tambem pelas gréves, porque dando ellas em resultado o augmento dos salarios, esse augmento reflete-se nas construcções cujo preço sobe e, por conseguinte o preço da renda.

Em Portugal não se póde dizer que os factos se passem assim. Ninguem afirmará que no nosso paiz as gréves sucedem ás gréves, e muito menos que os produtos da nossa industria lutam em competencia nos mercados estrangeiros por causa da alta nos preços da produção. E acontece isto, é claro, porque não somos uma nação industrial. Mas o phenomeno economico, se entre nós se não manifesta como em França, nação industrial de primeira ordem, não deixa comtudo de acusar a caracteristica da situação geral do mundo economico. Se as gréves entre nós se não sucedem com frequencia, o preço de todos os generos indispensaveis á vida augmenta progressivamente, encarecendo-a sobremaneira. Do mesmo modo as rendas das casas.

Em Portugal, forçoso é confessa-lo, muito pouco se tem feito em favor do proletariado no que respeita á sua habitação. Não quer isto dizer que os ecos do Parlamento não hajam reproduzido a voz de muitos dos seus membros em favor das classes desvalidas. Nestes ultimos annos, desde 1880 principalmente, a situação das classes operarias tem prendido a attenção dos nossos homens de estado, e não são poucos os relatorios e projetos de lei escritos sobre muitas das ramificações em que se divide o assumto que se relaciona com aquellas classes. Algumas d'essas leis, como por exemplo a da creação das escolas industriaes e de desenho industrial, teem sido levadas á pratica com vantajoso resultado. Mas, no que respeita á casa do operario e das classes menos favorecidas, nada por emquanto existe feito que abertamente acuse a acção dos poderes publicos e seja d'ella uma immediata consequencia. Assim o afirma o Snr. Guilherme de Santa Rita no livro em que trata da *Habitação do operario e classes menos abastadas*, livro de que reproduzimos estas interessantes informações.

No anno de 1883, e na sessão de 15 de Janeiro, foi apresentada ás Camaras uma proposta de lei que tinha a assignatura de Fontes Pereira de Mello e de Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro. Nessa proposta, em cujas palavras preliminares a largo traço se fala das vantagens hygienicas e moraes da edificação economica, ha a acentuação fir-

me das intenções que animavam aquelles illustres estadistas em prol de tão momentosa causa. Por essa proposta era o Governo autorisado a conceder á empreza que em Lisboa se organisasse para a construção de casas destinadas á habitação das classes laboriosas e menos abastadas, e cujas rendas não excedessem 50$000 réis por anno: a isenção de contribuição predial por espaço de vinte annos; a isenção de contribuição de registro pela compra dos terrenos, e a faculdade da escolha de madeiras nas matas nacionaes. Os projetos de edificação ficavam sujeitos a aprovação do Governo, assim como os estatutos da empreza, que para esse fim se organisasse.

No decurso d'essa sessão, e tambem na immediata, varios representantes do povo continuaram tratando do assumto, mandando a justiça especialisar os deputados Consiglieri Pedroso e Augusto Fuschini. Este illustre engenheiro tem estudado a questão a fundo, e no seu projeto de lei, bem como no relatorio com que o precede — documenmentos apresentados á Camara dos Deputados na sessão de 17 de Maio de 1884 — demonstra-o de sobejo.

E' longe de nós a idéa de que, relativamente a este problema, as estações oficiaes não hajam tomado providencias algumas. Consultando o inquerito industrial, realisado no anno de 1881, vê se que um dos muitos quesitos, que formavam o questionario, se referia ao estado da habitação da classe operaria. Mas, o que é certo, é que desde esse anno até hoje as condições de salubridade e de tal ou qual conforto das casas habitadas por taes classes, não teem progredido, nem mesmo consta que esteja em via de execução qualquer providencia que tenda com rapidez a melhora-las, exceptuando apenas a lei de 8 de Agosto de 1888, que pelo prazo de dez annos isenta as construções novas, cujas rendas não sejam superiores a 50$000 réis ao anno, da contribuição predial, e cujo espirito, como facilmente se compreende, é o incitamento dos capitaes para edificações destinadas a esse fim.

E' certo, porem, que nem muitas d'essas construções se teem feito, nem aquellas que existem, em sua maior parte, pódem ser consideradas como demonstração proficua de quanto é capaz a iniciativa particular. E dizemos — a maior parte — porque nos cumpre reconhecer, entre outras, como acentuada tentativa digna de tanto louvor quanto é certo que foi a primeira a encarar o assumto sob um ponto de vista bastante humanitario, a que realisou a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense construindo um pequen onumero de habitações para os seus operarios e desenvolvendo-as depois.

Como acentuação em maior tomo da iniciativa particular neste assumpto, tivemos depois o Bairro operario em Campo de Ourique, propriedade da firma Lisboa, Esteves, Lopes & C.ª No anno de 1880 essa sociedade commercial havia despendido em construções um capital de 56 contos de réis, que produzia o juro liquido annual de cerca de 4,694 %.

A Camara Municipal de Lisboa não tem deixado de considerar a habitação do operario como questão palpitante; mas infelizmente até hoje a sua iniciativa não encontrou a realisação pratica do problema.

No anno de 1887 o Municipio da capital adquiriu a propriedade d'uns terrenos situados no antigo Casal do Rollão, a Santo Amaro. Era idéa da Camara abrir umas ruas nesses terrenos e proceder nelles a construções de casas para operarios. Até hoje, porem, nada de pratico se realisou ainda.

Esta ligeira descrição das varias tentativas que o assumto tem experimentado, bastará decerto para demonstrar que entre nós não tem existido desconhecimento da urgente necessidade que ha em providenciar, com medidas praticas, a situação em que se encontra em Lisboa grande numero de familias. Mas a exiguidade do nosso capital industrial, talvez a timidez que elle sente por emprezas d'esta ordem, diversas causas emfim, teem contribuido para que pequenos tenham sido os resultados obtidos. E todavia o mal urge de remedio, mas de remedio energico.

O inquerito industrial de 1881 constatou a existencia d'esse mal não só pelas declarações dos donos das fabricas, como tambem pelos depoimentos dos interessados. E desde esse anno até hoje a situação d'essas classes não tem melhorado absolutamente nada, sob o ponto de vista de habitação, encarando este assumto em sua generalidade.

Desde esse anno, a construção civil em Lisboa tem tido um grande incremento, e mais acentuadamente desde 1884, pela abertura das novas ruas e avenidas. Mas já vimos que a construção civil só tem dotado a capital com grandes predios de rendimento, quasi sempre elevadissimo.

Ora, decerto que um desenvolvimento tão mal concebido não só não protegeu a classe operaria, mas talvez até contribuisse para ella ser mais sacrificada, o que é de

321 — Grupos de arraial

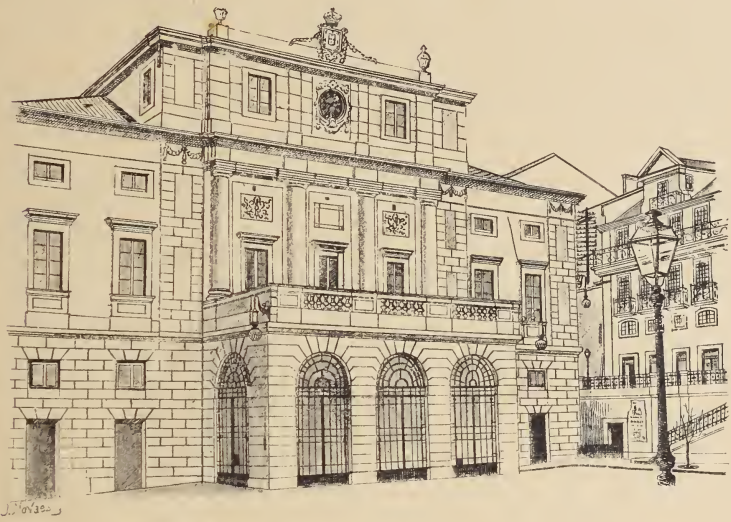
facil suposição, pois não será fóra de proposito admitir que a ambição sentida por alguns pequenos proprietarios de edificarem nas novas avenidas e bairros, os levaria a augmentar as rendas, já elevadas, das pequenas casas habitadas pelos operarios. E tendo por acaso acontecido isto, do salario da construção civil que uma grande procura elevou immensamente, parte importante foi consumida no excesso das rendas augmentadas pelos senhorios. O operario continuou habitando as mesmas casas onde até esse tempo residia. Alguns — os de salario modesto — na impossibilidade de satisfazerem a renda em Lisboa, teem ido estabelecer se nos arredores da cidade, onde tambem as subsistencias lhes são menos dispendiosas; mas o facto de morarem longe das fabricas obriga os a andar distancias grandes, o que os cança em demasia.

Não é consideravel o numero dos que foram residir para fóra de Lisboa. O bairro de Alfama, e de Alfama até ás barreiras de Xabregas na parte oriental da cidade, e na ocidental o bairro de Alcantara, continuam sendo a guarida das classes operarias.

Guardada a distancia que separa, em relação á superficie, quantidade e densidade de população, a cidade de Lisboa da de Paris, poder-se-ha dizer sem exagero que o as-

peto d'essas casas e condições de vida de seus moradores, se não vae além, partilha da mesma miseria e desconforto, da mesma negligencia de habitos hygienicos, da mesma falta de decencia, emfim da caracteristica geral com que, não só na moderna Babylonia, mas em diversos estados do mundo culto, se apresentam ainda as casas dos indigentes.

Alfama é uma reliquia da antiga Lisboa—da Lisboa das terriveis pestes. Ha muito que, a bem da salubridade publica, lhe devera ter caído em cima o camartelo. Quem se aventura pelo labirinto de suas travessas, muitas d'ellas com pouco mais de 2 metros de largura, arrisca-se a ficar perdido. Na maior parte d'essas travessas e becos, parece até que o sol tem medo de entrar. Nalgumas propriedades as paredes mestras acham-se escoradas, em sentido obliquo á altura do primeiro andar, por ferru-



322 — Real Theatro de S. Carlos

gentos varões de ferro que só a suprema misericordia divina póde sustentar. Penetrando nessas habitações, o sentimento que se experimenta é um mixto de compaixão e repugnancia. A ascenção pela tortuosa escada, cujos degráos cheios de caruncho rangem sob os nossos pés, quasi constitue um heroismo; heroismo é quasi suportar o vapor que d'ahi se exala, impregnado de emanações mefiticas de toda a especie. Se entramos, bem pouco edificante é o espetaculo. São dois, são tres compartimentos ao todo, e a familia é constituida por 6, 7 e 8 pessoas! Que desalinho, que falta de ordem e de asseio em toda a casa! Irmãos de ambos os sexos, o pae e a mãe, dormem num só quarto, e se algum ou mais d'um d'elles adoece, continuam vivendo naquella promiscuidade, porque «o que tiver de ser ha de ser!» Inexoravel, a variola visita d'alto a baixo, quantas vezes! esses predios, e as pobres creanças de preferencia vão-lhe na garra estrumar as valas dos cemiterios. Todas ellas teem a compleição rachitica, uma palidez caracteristica de debilidade congenita, olhares espantados, ventas dilatadas, grandes angulos de ossos, e um ar de timidez e desconfiança que inspira dó. Asfixia-se dentro d'essas casas, e quasi nos assalta a nostalgia do sol. Pois taes buracos custam 8, 10

e 12 moedas por anno! As lojas d'esses predios são verdadeiros antros. Algumas nem respiração teem nas trazeiras, se ahi acontece ser superior o nivel da rua. Não deve pois admirar-nos que a estatistica da mortalidade apresente um tão crescido numero de tuberculosos em Lisboa.

A Camara Municipal, atendendo a instantes reclamações de alguns hygienistas, nomeou recentemente uma comissão especial destinada a estudar o saneamento do bairro de Alfama que, tal como hoje está, constitue para a capital um perigo e uma vergonha. Um perigo porque, attentas as suas condições de insalubridade, qualquer epidemia que em Lisboa se desenvolva ali encontra um excelente foco de centralisação. Uma vergonha porque, tendo-se a cidade desenvolvido e melhorado, só Alfama continua no mesmo primitivo estado, abrigando adentro de infectos pardieiros uma população densissima, que mal póde circular pelas ruas estreitas e esconsas que cortam o bairro, ruas onde o ar muito viciado mal chega para a respiração dos moradores, e a luz apenas entra escoada pelas nesgas acanhadas que os escalões dos predios delimitam.

No primeiro congresso realisado pela Liga Nacional contra a tuberculose, em Abril de 1901, um illustre medico, o Dr. Antonio de Azevedo, chamava já a atenção dos seus colegas para o extraordinario contingente de mortalidade pela tisica que aquelle bairro oferece. Segundo os dados estatisticos apresentados, a mortalidade pela tuberculose, em globo, tem decrescido sensivelmente em Lisboa. Nos annos de 1881 a 1885, essa mortalidade foi de 61,4 por 10.000 habitantes; de 1886 a 1890, de 53,6; de 1891 a 1895, de 51,9; e de 1896 a 1900, de 41,6. Considerando, porém, a mortalidade por diferentes freguezias, e ainda para o mesmo numero de 10.000 habitantes, o Dr. Antonio de Azevedo apresentou um mapa referido aos annos de 1882 a 1891, em que a media de obitos pela tuberculose era a seguinte: Magdalena, 25 a 30; Martyres e Sacramento, 30 a 35; S. Julião, Conceição e S. Nicolau, 35 a 40; S. Paulo, S. Mamede, Coração de Jesus, S. Thiago, Sé e S. João da Praça, 40 a 45; Lapa, Encarnação, Santa Justa, Castello, Santo André e Santa Engracia, 45 a 50; Santos, Mercês e S. José, 50 a 55; Pena, Anjos, S. Christovão, S. Lourenço e Santa Catharina, 55 a 60; Socorro e S. Vicente, 60 a 70; S. Miguel e Santo Estevão, 80 a 85.

Da comparação d'estes dados resulta serem as freguezias de Santo Estevão e S. Miguel aquellas cuja mortalidade pela tuberculose é maior, ao passo que as freguezias da Baixa são as que justamente apresentam menor percentagem de obitos pela mesma doença. Ora este facto depende exclusivamente das más condições de vida, da horrorosa hygiene do bairro de Alfama, a que pertencem as duas freguezias de Santo Estevão e S. Miguel.

Uma vez entregue á solução do problema da casa salubre e barata, exclusivamente, á iniciativa particular revelada no agrupamento de pequenos capitaes, rasões existem de sobejo para confiar pouco nos resultados. «O que ha feito por essa fórma — escreve o autor que vimos acompanhando — ou é deficiente em extremo, ou partilha da mesma contingencia das casas antigas, em virtude de uma exagerada especulação. Alguns particulares teem constituido sociedades para a edificação de casas baratas ou bairros operarios. Estas sociedades estão muito longe de preencher o seu fim, por varias rasões. Uma d'ellas, diga se em abono da verdade, é que a causa motriz, que preside á constituição d'essas sociedades, é a perspectiva de um grande juro remunerador do capital despendido. Se esse juro efectivamente é obtido, é a construção que o paga. Por outro lado esse juro póde ter propriedades elasticas, pois que isso depende da vontade do senhorio ou da sociedade.

Olhando ainda o assumpto sob um ponto de vista mais ou menos philosophico, o bairro operario ou pateo, construido por modo que as casas alinhadas formem um rectangulo com ingresso por uma larga porta, é systema que deve ser completamente

postergado entre nós, como tende a sê-lo no Estrangeiro. As classes trabalhadoras não devem por fórma alguma constituir uma casta a quem o resto da sociedade aponte um determinado sitio por habitação. Sendo as principaes forças produtoras de um paiz, teem ellas jus a espalhar-se pela sua capital e principaes centros, e por entre todos os seus orgãos de progresso. Que ao lado da habitação do opulento exista a pequenina mas asseiada casa do pobre, e construida em taes condições para o inquilino, que seja possivel ao cabo de alguns annos tornar-se elle o seu proprietario. E a casa do opulento ao lado d'esta não será mais, para o pequeno proprietario, do que um estimulo constante pela representação material do poder do trabalho.»

A grande dificuldade com que lucta a iniciativa particular, embora protegida pelo Estado, é determinada pelo preço actual do terreno em Lisboa. Comprados os terrenos pelo valor do mercado, o capital despendido nelles vae onerar sobre-maneira a construção; e por esta fórma, o que tem acontecido é que os empreiteiros aligeiram de tal modo essa construção, que passados dez annos, se tanto, as casas edificadas tornam-se inhabitaveis se não teem recebido grandes reparações. E' ainda o extraordinario preço dos terrenos, que tem dado logar a que muitos predios antigos tenham sido acrescentados com dois e tres andares, e muitos dos construidos de novo tenham mais a aparencia de torres, que de casas de habitação.

A casa barata deve ter todas as condições de hygiene, o que não impede que possa ser construida sob um typo bastante agradavel á vista. Para alcançar este fim é mister que o terreno adaptado á construção não seja tão pequeno que não comporte um jardim de 6 ou 9 metros, e uma facha de $1^{m},20$ pelo menos separando uma habitação da outra. Um congresso reunido em França em 1889 votou o typo da habitação de um pavimento apenas, e é esse typo o que predomina em Philadelphia, tendo-se nelle reconhecido grandes vantagens e preferencias sobre os predios de mais andares. O encontro frequente dos inquilinos na escada e as questões a que esses encontros podem dar logar, alem de tal ou qual promiscuidade que os tabiques e solhos não evitam, tudo isso e o mais que não citamos é completamente eliminado pela disposição do *home*.

Além da quantidade suficiente de terreno é preciso que a construção seja feita com boas madeiras e materiaes de boa qualidade, para que a casa, decorridos uns certos annos, que talvez nunca possam ser num numero inferior a quinze, em boas condições se torne propriedade do inquilino. E' ainda indispensavel que sejam pelo menos em cada casa 5 as divisões, além d'um sotão, comportando cada uma 8 metros cubicos de ar, por hora. O terreno deve de preferencia ser escolhido em sitio que tenha uma altitude média, fóra de logares onde haja aguas estagnadas ou outros quaesquer fócos de infecção, e as casas, cuja exposição deve ser de norte a sul ou de sudeste-nordeste, é conveniente, para evitar humidade, que sejam elevadas acima do nivel da rua uns 30 ou 50 centimetros.

Fundada uma ou mais emprezas que para taes edificações houvessem de comprar os terrenos pelos actuaes preços, dado que tivessem de construir 2.000 habitações com a solidez e bom acabamento a que nos referimos, embora essas emprezas fossem dispensadas do pagamento da contribuição predial por certo numero de annos, seriam poucos, se não contraproducentes, os resultados obtidos. Acresce ainda que o capital para uma empreza d'esta ordem dificilmente concorreria, por não ser convidativo o juro, antes muito hypotetico, e tambem porque, dado o seu natural retraimento, talvez até não se julgasse suficientemente garantido. E' neste ponto que o Estado, dentro da orbita das funções que lhe estão assignaladas num organismo social, cuja base é o principio da associação, póde muito influir, auxiliando a desenvolver-se esse principio num campo pratico.

Entre os sitios onde pódem colher melhores e mais autenticas impressões aquelles que se proponham fazer a documentação dos inumeros bastardos da sorte em Lisboa, devem ser contados, em primeiro logar, os chamados *pateos*. Hoje, o numero d'essas

sordidas pocilgas de imundicie e abandono está consideravelmente reduzido. Alguns foram reconstruidos quasi inteiramente, outros abertos á luz e ao ar, outros empedrados e caiádos. Mas quanta miseria ainda em tantos d'elles! Que extrema pobresa a dos seus moradores, que tristesa de vida passada naquellas tócas de sombras perpetuas, valas de necropóle cavadas na terra humida, fossos de maldição e de morte!

Tendo-se procedido muito recentemente a um inquerito oficial ás condições em que se encontram os pateos de Lisboa e os seus habitantes, o relatorio da respetiva comissão é um quadro realista de miseria. Em 18 freguezias foram visitados 102 pateos, que abrigavam 4.294 creaturas. Só 32 d'esses pateos foram considerados em condições rasoaveis. Nos restantes, havia 223 moradias, manifestamente improprias para a habitação humana, e ahi viviam entretanto 1.225 pessoas! Com cubagem de ar superior a 20 metros cubicos o relatorio oficial só aponta 36 pateos.

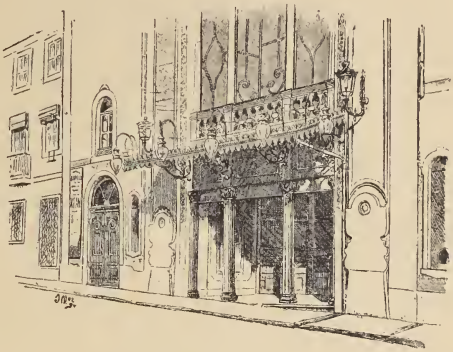
323 — Theatro de D. Maria II

Felizes, ainda assim, os que teem o seu abrigo certo! Porque ha os que arrastam miseravelmente comsigo a desgraça que enche essas lugubres casas de pernoitar, onde dorme a escória da cidade. Dorme-se nesses antros por um vintem, sobre umas taboas, apenas ao abrigo das chuvas, dos frios e das rusgas da policia. Uma tarimba de velhas pranchas corre ao longo das paredes, sob a telha vã. Aos cantos, montões de roupa em farrapos e calçado velho, esburacado, aos pedaços. Sobre cada corpo que repousa, embrulhado numa manta, um numero pintado a tinta negra na cal da parede. Ao meio da casa um lampeão. E ali se acomodam, como numa pavorosa caserna, ladrões, vadios, pedintes, ás vezes até creanças!

O abandono a que, pela maior parte, os senhorios e locatarios dos predios de Lisboa votam as suas habitações, não existe, que o saibamos, em outra cidade do mundo civilisado. Quem não conhece as escadas da Baixa e do Bairro Alto, as da Mouraria e de Alfama? De portas escancaradas a toda a hora, sem luz que de noite as ilumine, sem guarda de especie alguma, o seu vestibulo ou entrada semelha-se a um monturo e os seus patamares a fétidos sumidouros. Como se fôssem logares baldios, a tradição consagrou-as a logradouro publico; e os proprietarios pela sua indiferença, a policia pelo seu desleixo, e os moradores pelo seu habito, acataram a tradição.

Os trapeiros invadem nas logo de manhã, na sua exploração quotidiana aos barris do lixo, que remexem e emborcam mesmo sobre o patim da entrada para mais facil investigação, obscura e improba tarefa em que são muitas vezes precedidos pelos gatos da visinhança, que acossados pela fome procuram pasto nos despejos das cosinhas, tasquinhando vorazmente um *menú* em que as tripas dos galinaceos e a fressura dos peixes constituem verdadeiros manjares de acaso.

Os vendedores ambulantes, no seu incessante labutar, percorrem-nas depois: primeiro o padeiro, que deixa as contas e as impressões do namoro com alguma creada, escritas a lapis na parede dos patins dos andares; após veem o leiteiro, a peixeira, o homem do petroleo e a mulher da hortaliça, cuja passagem fica assignalada por visiveis marcas, que os degraus conservam indelevelmente, e pelas quaes, sem recorrer a analyse de laboratorio, seria facil de reconstituir o movimento commercial, qualitativo, de uma escada da Baixa ou do Bairro Alto!...



324 — Theatro de D. Amelia

Mas não é sómente aos trapeiros, aos gatos e aos vendedores ambulantes que se deve atribuir a sujidade das nossas escadas. A falta que ha em Lisboa de certos refugios, que os inglezes denominam «logares de conveniencia», é suprida convencional ou tacitamente pelas escadas sem guarda e sem luz, que teem prestado á nossa população serviços inconfessaveis, mas valiosos, e dispensado os nossos municipios de pensarem na necessidade d'essas pequenas instalações que já no ultimo quartel do seculo passado estavam muito generalisadas nas diferentes capitaes europeas, e em muitas cidades da provincia... Por este facto, ha escadas em Lisboa cujo aspeto, debaixo de um determinado ponto de vista, impressiona mais os sentidos do que a celebre Cloaca Maxima da Roma antiga, que os estrangeiros são forçados a visitar e a admirar, como um atestado da civilisação do tempo dos Cesares, em que as casas não tinham mais de um morador e os atrios estavam sempre fechados ou guardados...

De noite, algumas d'essas escadas são duas vezes perigosas de subir, immersas em densa treva, que um fosforo não desfaz completamente; e além do risco para os nossos pés de toparem com um corpo estranho, oferecem-nos por vezes surpresa mais desagradavel, como o encontro de algum vagabundo, a que ellas servem de valhacoito nas noites do inverno.

325 — Theatro do Gymnasio

E' bem certo que nunca nós fomos um povo de esthetas. Basta percorrer as ruas da nossa capital, as da Lisboa antiga, as da

parte construida no tempo do Marquez de Pombal, ou as mais modernas, para que o menos habilitado critico de arte reconheça esta verdade. Em algumas cidades antigas, a architetura dos seus historicos e monumentaes edificios, ou o estylo das suas casas de habitação, por tal fórma se nos impõe, que deixamos de aperceber a sujidade dos bairros onde se ostentam essas maravilhas da civilisação de tantas raças e de tantos seculos. Não se dá o mesmo, infelizmente, com as ruas de Lisboa. Não nos chamando aqui a atenção o alçado da vasta casaria que se estende por essa cidade fóra, somos fatalmente levados a olhar o que se passa no pavimento das ruas.

Ao pessimo estado das calçadas, tanto por causa do material empregado, como da sua conservação, vem juntar-se o pouco asseio dos moradores e transeuntes que d'ellas fazem publico vasadouro; e ainda a deficiencia do serviço da limpesa municipal.

Em parte alguma civilisada se observa, como em Lisboa, durante a manhã, esse desfilar de carroças empregadas no despejo dos barris do lixo, que durante horas exalam ás portas dos predios o mais nauseabundo cheiro. Em Londres ou em Paris esse serviço faz se durante a noite, como deve ser. O systema entre nós usado é já por si uma das causas da imundicie das ruas, pois ao vasar dos barris para as carroças e d'estas mesmo, muitas vezes, quando repletas, cae para fóra parte do lixo, que o pessoal da limpesa nem sempre recolhe... Ha ruas da capital, quantas e quantas! em que os moradores despejam da janela abaixo, não sómente as cascas das laranjas, das castanhas e as de alguns legumes, mas ainda, por amoroso caracter, os desperdicios de peixe, para repasto da gataria sem domicilio.

As paredes dos predios estão por toda a parte rabiscadas de obscenidades, e as portas das habitações riscadas e emporcalhadas... A policia fecha os olhos benevolamente, e a garotada continúa. «Em Antuerpia — diz um alfacinha viajante, que tem corrido mundo — muitas portas e portões de rua são pintados de branco e envernisados. Ninguem os damnifica. O povo flamengo não é melhor que o nosso, mas é mais civilisado. E' limpo. Tem, como nos Paizes Baixos, o culto do asseio. Cá, nem mesmo com um policia á nossa porta nos poderiamos arriscar a manda-la pintar de branco!»

A vida caseira não tem pois encantos para o alfacinha. Não podendo ter amor ao seu lar, o alfacinha vem para a rua, e na rua passa a maior parte do tempo que lhe sobeja das suas ocupações — a espairecer!

E' dos que espairecem a multidão que pelas tardes e noites anima de um certo movimento a descida do Chiado, os dois lados do Rocio onde se alinham as melhores lojas, e o prolongamento do passeio pela Avenida da Liberdade.

Antigamente, essa grande arteria que seguia desde o Convento do Espirito Santo até á frente do Palacio do Marquez de Marialva, onde é hoje a Praça de Luiz de Camões, tinha ao cimo o nome de Rua das Portas de Santa Catherina, e só era Chiado para baixo da Rua da Cordoaria Velha, hoje Rua Ivens. Mas a denominação de Chiado invadira já tudo aquillo, quando á grande rua foi dado, modernamente, o nome do immortal Garrett. Na tradição popular o Chiado não perdeu, porém, os seus fóros do tempo do poeta Antonio Ribeiro Chiado, que por ali morou, segundo alguns.

Esse Antonio Ribeiro foi contemporaneo de Camões, e mencionado por elle na comedia d'*El-Rei Seleuco*. Sem ser um poeta de cunho, sem ter o largo envergamento d'azas da aguia que foi Gil Vicente, tinha boa embocadura e muita graça. Havia sido franciscano; mas alcançara a anulação dos votos, vivendo como clerigo secular o resto dos seus dias. Dizidor e zombeteiro, irrequieto e talentoso, não coubera no involucro da sotaina, e desafogara então o seu talento em autos e escritos satyricos e sentenciosos, de sabor muito popular. Na sua obra, laboriosamente diluida em scenas desconexas, conseguia o extravagante engenho do turbulento padre pintar alguns bons qua-

dros da sociedade do seu tempo; não a sociedade alta, mas a das praças e ruas, com que elle mais convivia, os fidalgos sem eira nem beira, as escravas negras, os passeantes, os tunantes maledicos de soalheiro, os pescadores da rumorosa Alfama.

Dizem uns, como o erudito Rivara, que a alcunha de *Chiado* viera ao poeta do logar da sua habitação em Lisboa, onde morreu em 1591. Julgam outros que foi o poeta, por ali ter morado, quem deu o nome á rua. Mas a este respeito não queremos teimas, no que acompanhamos ainda o autor da *Lisboa Antiga*, que tambem não averiguou o caso.

O Chiado, verdadeiramente, ha uns poucos de annos que não existe senão como uma velha reputação imerecida, aguentando-se na credulidade dos provincianos como se aguentam na credulidade lisboeta as queijadas da Sapa, por uma especie de impulso adquirido no réclamo, e por uma especie de condescendencia na saudade. Hoje o Chiado é em toda a parte de Lisboa, menos no Chiado. O que elle tinha de riqueza foi para a Avenida; o que elle tinha de aristocracia foi para o cemiterio; o que elle tinha de arte e de espirito foi para certas mesas de cafés.

Longe a longe, ainda a literatura do folhetim quer fazer crêr que o Chiado existe, e localisa-o na Casa Havaneza. A Casa Havaneza, creação recente do capitalismo, á cóca das vaidades dos adventicios, é pelo contrario a nota primeira do advento da democracia, nos dominios onde reinara até ahi o luxo. Ali ninguem se reune; apenas se passa meia hora antes dos espetaculos, a espreitar as caras empoadas e carminadas das hespanholas que vão para as platéas. Por volta do meio dia, vão para ali os hospedes do Alliança e do Borges, depois do almoço, fumar, palitando os dentes. Mas o Marrare do Polimento fechou; o Seixas mudou de negocio e de dono; o Magalhães desappareceu. E esta debandada acabou de exautorar o Chiado, entregando-o sem protesto ás novas camadas. O Chiado é hoje apenas uma rua, elle que fôra um solio!

Tardou seculos, e muitos, a transformação d'esses mal aproveitados chãos do Rocio em praça polida e ornamento urbano; mas é inegavel que, pelo volver dos annos, se tornou tudo aquillo sitio magnifico, e desbancando pela grandeza e nobreza dos edificios a todas as demais praças da capital; a ponto que afirmava no seu tempo Luiz Mendes de Vasconcellos, com aquella emphase comum a escritores peninsulares, «se não sabe em outra cidade outra tamanha, cercada de nobres casas e grandes templos» e blazonava um cortesão antigo, morador no Rocio, que habitava no sitio melhor do mundo, demonstrando-o assim, segundo conta o galantissimo conversador dos *Apologos dialogaes:* a melhor das cinco partes do mundo é a Europa; a melhor da Europa é a Hespanha; a melhor de toda Hespanha é Portugal; a melhor de Portugal é Lisboa; a melhor de Lisboa é o Rocio; e as casas do dito cortesão eram as melhores d'esta praça, pois d'ali se viam as toiradas da banda da sombra...

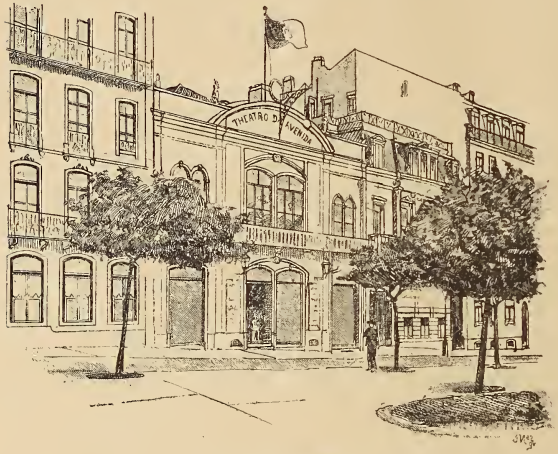
Intrometeu-se El-Rei D. Diniz, segundo parece, no aproveitamento, e tambem no alargamento do Rocio de Lisboa. A D. Pedro Escacho, por exemplo, Mestre da Ordem de Santiago, tomou elle uma almoinha junto do Rocio, a qual fôra dada a D. Pedro pelo Cabido lisbonense. Essa e outras expropriou aquelle Rei, compensando os donos.

Dos rocios das povoações foram sempre muito ciosas as camaras, e nem aos proprios soberanos consentiam intrusão em taes logradoiros. Trouxe a Camara de Lisboa demanda com o mesmo Rei D. Diniz, para impedir que elle ali fosse alastrando edificações, como parece que tinha feito *invita domina*, construindo açougues, tendas, ferrarias, taracenas, e casas; e essa demanda só terminou por uma composição entre os litigantes, quitando El-Rei á cidade o tributo chamado *jogadas*, e declarando que não mais se estenderia nesses chãos baldios do concelho.

Parece que, em vista do aperto da maior parte das cidades antigas, eram havidos como altamente vantajosos para a hygiene publica taes logradoiros, como desafogo de cavalleiros e passeantes, e campo liberrimo para a circulação do ar.

Noutro capitulo já vimos ter havido no antigo Rocio um chafariz de tanta nomeada, que até entrou como interlocutor no Dialogo das Fontes dos *Apologos* de D. Francisco Manuel. Ficava entre a Inquisição e S. Domingos.

Em Dezembro de 1593 já se trabalhava em trazer desde o poço de João Goes, no sitio da Bemposta, agua para esse chafariz, pagando o povo para isso, por determinação de D. Filipe I, 1 real de imposto em cada arratel de carne, e 2 em cada canada de vinho. Em Abril de 1598 ainda se estava fazendo essa obra, para estancar a sêde da cidade; mas, por signal, via-se o Reino devastado de uma terrivel fome, e julgou o Municipio pedir licença ao Rei para, de algum dinheiro que se tinha de parte destinado á obra da agua do Rocio, se poderem tomar 3.000 cruzados e se entregarem ao Hospital Real, para auxilio dos enfermos — ao que o Rei anuiu.



326 — Theatro da Avenida

O chafariz do Rocio ficou sendo uma formosissima fonte com quatro bicas, onde no alto de um pedestal campeava um Neptuno de barbas, capacete com pluma, tridente na mão, e postura arrogante, a ser exacto o que nos refere o aranzel do *Anatomico jocoso*. Foi mandado demolir por aviso de 9 de Março de 1786. A sua agua já a esse tempo lhe tinha sido tirada, para ir correr numa bica da Rua de S. Vicente á Guia, a qual subsistiu até 1836, em que foi mudada para o chafariz da Carreirinha do Socorro, tambem depois demolido e substituido pelo chafariz do Largo do Socorro. Do Neptuno é que não houve mais noticia, que nos conste.

O terremoto deixou o Rocio alastrado de detritos, e no centro da praça foram acumulados entulhos de todo o genero, que ali permaneceram por longos annos.

Os architetos reedificadores da capital ergueram depois em vez da praça antiga, irregular e esguelhada, o paralelogramo de casaria que formou o actual Rocio alinhado, ornado de uma banda com o Arco da Rua dos Sapateiros (Arco do Bandeira), e da outra com o Palacio da Inquisição. Tornado alegre ponto de reunião dos passeantes nas tardes amenas do outono e estio, o Rocio deu hospedagem ao celebre Botequim das Parras e ao Botequim do Nicóla, tão frequentado por Bocage.

Não se pense que era já então o nosso Rocio de hoje, com seu monumento de marmore e bronze, o seu theatro todo jaspes, as suas duas grandes fontes, as suas renques de arvores a emoldurarem em alameda o taboleiro central de mosaico ondeado. Não tinha o gaz, nem tantas lojas vistosas, nem platibandas, nem bancos de encosto, nem kiosques. Era um terreiro arido e mal gradado. Ao lado sul o mesmo Arco do Bandeira; e ao outro, no sitio pouco mais ou menos onde campeara o Paço historico dos Estáos, erguia-se o da Inquisição, depois Palacio da Regencia, e a esse tempo

solar da omnipotente Intendencia Geral da Policia — edificio grave, frio, pesado como um colossal volume de direito penal antigo encadernado em pedra lioz. Para elle olhava o povo de soslaio, como para um infamado de recordações sinistras. Com esse lado do Rocio tinha parentesco estreito o Caes do Tojo. Aquella mole pombalina mostrava no olhar perscrutador das suas janelas, assestadas sobre o coração da cidade, o que quer que fosse de inquisitorial e terrivel, que desassocegava os alfacinhas. No frontão já não surgia a estatua legendaria da Fé, obra de Machado de Castro, ironia sacrilega suspensa ali pela mão da intolerancia; mas por baixo d'aquelles alicerces ainda se alastravam os subterraneos da masmorra; d'aquella bastilha, devastada pela liberdade em 1820, ainda como que saíam ais e gemidos de martyres; pairava sobre aquelle casarão triste a auréola sombria das catastrofes mais dolorosas.

327 — Theatro da Trindade

Em volta do grande paralelogramo da praça, entre outras antigas lojas com seus toldos de lona, via-se ainda o tão conhecido Botequim das Parras, que «era ao mesmo tempo o artigo de fundo, o folhetim e o noticiario da epoca.»

Lá no alto, para o nascente, as barbacãs da velha Alcaçova, falando de Affonso Henriques; do lado fronteiro as ogivas monasticas do Carmo, memorando Nuno Alvares.

De dia os cavalleiros e peões, os vendilhões a as seges. A' noite o nosso conhecido silencio lisboeta, o medonho deserto das trevas.

Ainda como que entenebreciam mais o recinto da praça alguns raros candieiros de azeite, somnolentos e sombrios como as patrulhas de cavallaria da policia, ou como o pregão melancolico da preta do mexilhão, ou ess'outro, arrastado e nasal, já todo esvaído na noite da archeologia: — «Agua ardente! e café quente!»

Foi com a implantação do regimen constitucional que se entrou a olhar com melhores olhos para os embelesamentos do Rocio. Logo um edital de 20 de Janeiro de 1834 proibiu que ali continuassem a juntar-se os vendilhões de diversos generos, que até então enchiam a praça, como um enxame de gentio, e provocavam constantes e perigosas desordens.

328 — Theatro do Principe Real

Em Outubro de 1836, que foi um anno de febre reformadora, a Camara, de acordo com uma comissão patriotica de cidadãos, tomou a peito a direção da obra de aformoseamento do Rocio, chrismando o em Praça de Dom Pedro, que ainda hoje é.

Parece que as obras tiveram logo começo. Mas os pretos e as pretas por ali continuavam a juntar-se em grupos, esperando que as donas de casa os mandassem chamar, já para

caiar cantareiras e paredes, já para trabalhar aos dias. Em 1837 proíbiu a Camara esses ajuntamentos.

Foi tambem em 1837 que a comissão dos melhoramentos do Rocio rodeou a praça de uma fileira de frades de pedra unidos com correntes de ferro.

Em Novembro do mesmo anno intimava a Camara o Duque de Cadaval, para no praso de oito dias assignar termo de haver de principiar a edificação que lhe competia fazer no seu terreno do Rocio, onde elle conservava ainda umas velhas barracas, que muito destoavam do resto. O nobre Duque saíu-se bizarramente do compromisso; mas os pretos e as pretas teimaram, e continuaram a fazer *senzala* e *mocambo* na praça. Tornara-se aquillo um foco de indecencia, que muita vez beliscava na face a moral publica. Um edital da Camara de 24 de Março de 1838 verbera taes abusos.

Fechada a praça em roda com bellos predios uniformes, viu-se ser preciso vedar-lhe o centro á passagem de cavalgaduras e fretes. Foi o que se fez em Novembro de 1845, gizando o terrapleno central, orlando-o de ruas; e logo em Abril de 1848 se decidiu que, em se acabando a obra do calceamento da entrada do Passeio Publico, o partido das calçadas passasse a empedrar o taboleiro do Rocio. Nesta obra interveiu Eusebio Pinheiro Furtado, propondo á Camara um risco original, vistoso, que poderia ser executado pelos grilhetas do Castello de S. Jorge. Em Julho foi aprovado o projeto, mandando-se fazer as fôrmas de madeira. Começou-se o desenho e o empedramento, naquellas ondas pretas e brancas, que tão bom efeito produzem. Além dos grilhetas trabalharam tambem os calceteiros do Municipio.

Mas deixemos o Rocio, e entremos de braço dado com Moura Cabral, o alegre folhetinista da *Lisboa em flagrante*, em plena Avenida da Liberdade.

Segundo o systema de confrontos de que tanto se gosta nesta linda terra de amores plantados á beira mar, tem se dito que a Avenida está para Lisboa como a Castellana para Madrid, o Prater para Vienna, a Porta Venezia para Milão, e não sabemos se como o Bois para Paris e o Hyde-Park para Londres. Mas não devemos levar a mal esta pequenina manifestação de orgulho patrio. Ha nisto um certo amor de nacionalidade.

Já nós vimos como a demolição do Passeio Publico e o rompimento da Avenida transformaram completamente a vida lisboeta. Data de então este movimento que, de anno para anno, augmenta sensivelmente e vae dando á capital seus ares de mais civilisada, tornando-lhe a physionomia mais atraente aos olhos do forasteiro.

A pouco e pouco todos se foram habituando a ir passear na Avenida, a «fazer a Avenida» como vulgarmente se diz, com grande desespero dos puristas da lingua patria. Batemos tanto o réclamo por esses jornaes, falámos tanto dos usos lá de fóra, metemos tanto a população alfacinha em brios, convidando-a a reunir-se ali todas as tardes, e a trazer para a rua central as suas equipagens que, finalmente, a Avenida chegou a darnos a nota exata da vida exterior da nossa sociedade.

Quem quizer conhecer Lisboa, vá ali numa bella tarde de inverno, quando as carruagens, mais ou menos de bom gosto, balançam em seus coxins lindas figurinhas de mulher; cavaleiros de rabona e côco galopam em seus ginetes como se estivessem em campo de manobras; senhores ricaços guiam, galhardamente, seus *phaetons* e *charrettes*, lançando á turba olhares desdenhosos; e peões de ambos os sexos arrastam, sob as olaias e acacias em esqueleto, o luxo das suas vestes moldadas nos ultimos figurinos.

O aspeto da Avenida da Liberdade á hora da sua melhor concorrencia, não deixa de ter uma certa originalidade. Não se parece em nada com o que ha lá por fóra. Tem mais pitoresco e mais caracter.

E' o grande mercado, o grande bazar, a exposição mais completa e mais variada dos nossos typos. E' ali onde verdadeiramente se avalia o que é Lisboa na rua, a sua linha, o seu feitio, a sua educação; como se veste, como se penteia, como se agita.

É ali onde se compreende quem está em evidencia, quem está em voga, quem se discute, quem se requesta: o politico que mais terreno vae ganhando na opinião publica, o argentario que melhor sabe dispender os seus punhados de oiro, a mulher que mais vitimas vae realisando pelos salões, pelas ruas, pelos theatros, com a inconstancia dos seus olhares e a volubilidade das suas paixões... A Avenida é como que o espelho convexo da nossa educação, dos nossos costumes, da nossa civilidade.

A população de Lisboa, valha a boa verdade, é das mais sensiveis ao prestigio dos progressos materiaes. Assim, vejamos a quantos melhoramentos o tempo e a iniciativa dos homens teem submetido esta luminosa cidade, transformando-a quasi inteiramente.

Comecemos pelos caminhos de ferro, a cujo desenvolvimento Lisboa deve, precisamente, a maior parte dos seus progressos.

De 1844 data a idéa de introduzir em Portugal as vias ferreas. Colaboraram nella o Conde de Tojal, então Ministro da Fazenda, seu irmão o Dr. Alexandre de Oliveira, e seu primo Benjamim de Oliveira, subdito britanico, e membro do Parlamento.

A primeira linha, que Benjamim de Oliveira lembrou, iria de Lisboa ao Porto, passando por Santarem, Leiria, Aveiro e Coimbra. No *Railway Chronicle* publicou-se mesmo um artigo a esse respeito, e tudo achava disposição nos capitaes inglezes, boa parte dos quaes estava então sem emprego e promta para qualquer empresa. Mas essa idéa não pareceu merecer a aprovação do Ministro, receioso da concorrencia que lhe faria a comunicação maritima. A unica linha que lhe parecia lucrativa era a do Alem-Tejo para Alcacer. Entretanto, depois de se ter feito um prospeto para a linha do Porto, com o capital de 4.500 contos, contando a empresa com a adesão de firmas respeitaveis, e tendo já acções prometidas, resfriou o negocio, e só depois d'algum tempo é que d'elle surgiu o projeto d'outra linha.

De uma reunião de negociantes, banqueiros, e diretores de caminhos de ferro inglezes, efetuada em Londres a 6 de Dezembro d'aquelle anno, resultou a publicação do prospeto para um caminho de ferro no Alemtejo, formado pelo capital de 1.800 contos, como parte do de Lisboa á fronteira de Hespanha, cuja primeira secção fosse construida entre Evora e Alcacer do Sal. Emquanto se tratava de apresentar ao Governo portuguez a proposta nesse sentido, e emquanto se faziam em Londres ajustes com engenheiros para virem examinar o paiz e levantar a planta da linha, decorriam os mezes e quebrantavam-se os animos. Foi por aquelle tempo que apareceu com aspeto ameaçador aos capitaes estrangeiros a muito celebre e monstruosa Companhia de obras publicas, com o capital de 20.000 contos, a qual se propunha fazer todas as obras do paiz, incluindo a da linha ferrea á fronteira, e outras.

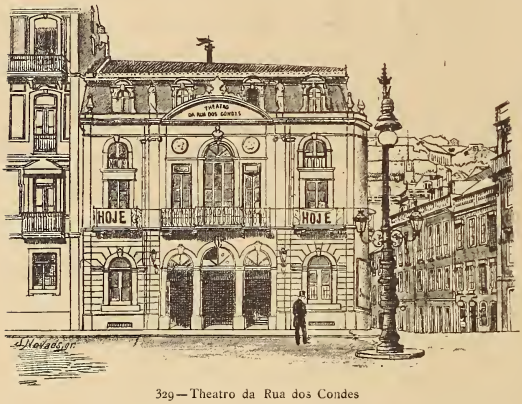
Entretanto, em Abril de 1845 era entregue ao Governo, em nome de Benjamim de Oliveira e outros, nova proposta para a construção d'um caminho de ferro entre Lisboa e Thomar, e outro até ao Porto, proposta que não teve andamento, anulada por uma anterior da mesma Companhia de obras publicas. Tudo ficou por fim em nada, porque essa Companhia desapareceu, e com ella as gratuitas esperanças que a boa-fé de muitos tinha posto na sua acção.

Mas em 1850 investia-se de novo com a idéa amortecida. George Tete viera de Inglaterra comissionado para ajustar com o Governo a razão do juro que lhe seria garantido; mas discordes entre 5 e 6 por cento, não podendo chegar a nenhum ajuste, o comissario inglez deixou Lisboa em Janeiro de 1851.

D'ahi a poucos mezes inaugurava-se em Portugal um novo Governo, o qual querendo pacificar as coisas, e socegar os animos, começou a pensar em obras de vulto, que lhe déssem nome, e lhe servissem, por assim dizer, d'escudo contra os ataques dos descontentes. Um dos principaes melhoramentos, que naturalmente lembraram para chamar a

atenção publica, ocupar braços disponiveis e facilitar a defeza da nova administração, foi a construção de caminhos de ferro.

Em Maio de 1852 abria-se concurso para a construção da primeira secção, entre Lisboa e Santarem, d'um caminho de ferro á fronteira de Hespanha. A licitação versaria sobre o minimum de juro que o Estado devia garantir «a descer de 6 por cento, e 1 por cento de amortisação annual.» Havia então dificuldade em atrair capitaes inglezes para empresas taes, depois da desconfiança que os tinha tomado, em consequencia de outras recentes especulações de caminhos de ferro, que só tinham dado prejuisos. Mas sempre appareceram algumas propostas inglezas. Uma d'ellas, de Peto e outros, chegou quasi a termos de se harmonisar com o programa e ser aceita. Só duas eram as condições em que não havia transação: uma não quererem os proponentes começar a abertura da linha em Lisboa, mas só uma legua ao sul de Sacavem; outra não quererem desistir do seu foro e privilegios, sujeitando a propriedade e direitos ás leis e tribunaes do Reino. Foi por isso que a essa proposta se não deu andamento.



329 — Theatro da Rua dos Condes

Só uma outra, de Hardy Hislop, em nome de uma sociedade denominada Companhia Central Peninsular dos caminhos de ferro de Portugal, satisfez ás condições do programa. Foi a ella que se fez, em Agosto de 1852, a concessão provisoria da linha de Lisboa a Santarem.

Feito o respetivo deposito de 180 contos, declarou o Governo portuguez que subscrevia com um terço do capital da Companhia, o que representava 1.200 contos, pelo que ajustou que tambem seria representado na direção por individuos da sua escolha. Em Maio de 1853 se assignou o contrato definitivo, convertido depois em lei, no mez de Agosto seguinte. A concessão foi feita por 99 annos.

Em Setembro se constituiu definitivamente a Companhia, que concedeu a Carlos Waring 99 contos a titulo de pagamento de ordenados e despesas prévias, conferindo a empreitada das obras a Waring, Irmão & Shaw, os quaes subscreviam um terço do capital social. Mediante a consignação e pagamento de 3.501 contos, obrigaram-se esses empreiteiros a dar promta a linha até Santarem, com todo o seu material circulante, e uma linha de telegrafo eletrico paralela.

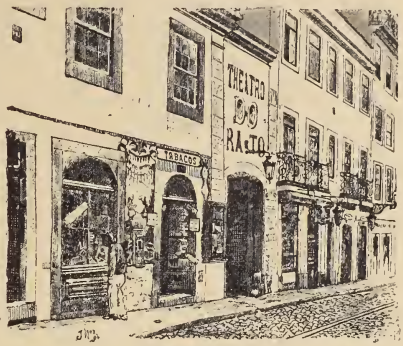
Chegou finalmente o dia de se inaugurarem solemnemente, no Beato, as obras do Caminho de Ferro de Leste. Os trabalhos, começados em pequena escala, tinham caminhado lentamente até fins de Março de 1854. Embaraços de material retardado, embaraços de operarios não amestrados, tudo concorria para que a obra não luzisse como se desejava. Em Abril, porém, tudo tomou maior incremento. Depois sobrevieram desinteligencias entre os empreiteiros e a Companhia. Desligaram-se por fim, mandando a Companhia continuar as obras diretamente.

Foi por esse tempo que se recebeu o patriotico auxilio de muitos dos nossos com-

patriotas residentes no Rio de Janeiro, os quaes tomaram as acções com que o Governo ficara, e que o punham em graves dificuldades para o pagamento das prestações correntes.

No dia 28 de Outubro de 1856 foi a inauguração solemne, e no dia seguinte a abertura ao publico da parte do caminho de ferro entre Santa Apolonia e o Carregado, o que representava uns 30 kilometros.

Depois foi o Governo autorisado a comprar á Companhia, e de facto comprou, aquella secção, pagando lhe com a inversão do nominal das acções em Inscripções de 3 por cento, a razão de 50. Ao mesmo tempo contratava tambem com Peto a construção do caminho de ferro de Lisboa ao Porto, com o subsidio de 20 contos por kilometro, recebendo elle por encontro a parte já construida do caminho de ferro de Leste.



330 — Theatro do Rato

Quanto se tem caminhado desde então! Hoje, devido á abertura do tunel entre Campolide e o Rocio, todo o grande movimento de passageiros converge á Estação central, no Largo de Camões. A construção d'esse tunel, confiada aos empreiteiros francezes Bartissol, Duparchy, Papot, Blanchard e Beraud, fez-se em dois annos. Foi em 8 de Abril de 1889 a sua inauguração. A perfuração começou em 25 de Junho de 1887, pelas duas aberturas, e por 4 poços intermedios, sendo um no Jardim da Escola Polytechnica, um na Rua Rodrigo da Fonseca, um na Travessa da Legoa da Povoa, e o ultimo na estrada da Circumvalação. A boca de entrada é junto da Calçada da Gloria, formando um duplo tunel na extensão de 27 metros, e seguindo depois em um só arco por debaixo da cidade, passando sucessivamente sob a Calçada da Gloria, Travessa do Fala-Só, Rua da Conceição, Rua da Mãe d'Agua, Rua Nova da Alegria, Rua do Salitre, Rua Rodrigo da Fonseca, ao cimo da Rua Rosa Araujo, Rua de S. Filipe Nery, Beco da Lebre, Travessa da Fabrica das Sedas, Travessa da Legoa da Povoa, Quartel de Artilheria, Estradas da Circumvalação e de Campolide.

331 — Coliseu dos Recreios

No edificio da Estação central dos Caminhos de Ferro, projetado pelo architeto José Luiz Monteiro, fez-se uma adaptação do estylo manuelino, dando ás portas de entrada a configuração da dupla boca do tunel, que é o caracteristico principal d'aquella importante obra, e abrindo no primeiro pavimento largas e elegantes janelas. O edificio acha-se porém num local em que a sua elegancia perde muito do brilho que poderia ter em situação de maior desafogo.

A Estação central é repartida

em tres grupos de linhas ladeadas por patins cobertos de *marquizes*. São essas linhas que dão saída aos passageiros do Porto, Hespanha, França, Cintra, Torres, Figueira, Beira Alta e Beira Baixa, Minho e Douro, etc., e por ahi se faz o serviço suburbano dos comboios-tramways, que um tão grande incremento tem tomado. Este serviço faz-se sempre com o mesmo material, mudando apenas a machina para a frente do comboio, assim que pára na estação-terminus. No principio das linhas onde entram estes comboios, ha placas rotatorias, que as põem em comunicação entre si, e por meio das quaes a machina que reboca um comboio que chega vae imediatamente tomar a outra linha, e por este modo colocar-se na cauda do comboio, afim de o levar em sentido inverso, logo que tenham entrado os novos passageiros. Todo este movimento pode ser feito em menos de 10 minutos.

Desde a entrada do tunel até ao extremo do edificio dos passageiros, a Estação central mede 215 metros de comprimento, por 60,57 metros de largura.

Rapidos comboios abandonam a cada momento a cidade, caminho dos arrebaldes, outr'ora desertos, hoje abundantemente povoados. Expressos de muita comodidade põem em breve comunicação Lisboa com o Estrangeiro. O movimento de passageiros pela Estação do Rocio e o de mercadorias pela Estação de Santa Apolonia atingem proporções surpreendentes, que as estatisticas vão registando num crescendo constante.

Do lado do rio, partindo do Caes do Sodré, outros comboios manteem o movimento incessante da linha de Cascaes. Já incessante de Janeiro a Dezembro, esse movimento adquire uma estranha intensidade nos meses de verão, durante a epoca balnear. Aquellas praias pacatas que d'antes mantinham um prestigio inabalavel e unico, como Pedroiços e Algés, tornaram-se facilmente acessiveis ainda ás menos remediadas camadas sociaes, que já lá têm as suas relações estabelecidas e os seus clubs com bailes, onde tão animadamente dançam os netos d'aquelles que só poderam frequentar as antigas barcas de banhos — *Flór do Tejo, Perola de Alcantara, Barca dos Toneis*... E' preciso ir muito mais além, passar o Dáfundo, Caxias, Oeiras, Paço d'Arcos, para encontrar o bom-tom, que transformou o Estoril e transformou Cascaes em estações elegantes.

A tracção eletrica serve já hoje a cidade de Lisboa em todas as direções. E' um dos seus mais importantes e mais recentes melhoramentos. As nossas ruas estreitas não justificam de certo o emprego exclusivo dos condutores aereos para a transmissão da energia eletrica, sendo naturalmente indicado o systema mixto de condutores aereos e subterraneos como o mais adequado ás condições em que se encontram os arruamentos. Sob o ponto de vista esthetico, não se enriqueceu tambem a cidade com o emaranhado dos fios, que em muitos locaes atingem o aspeto de verdadeiras rêdes, em outros o de enxugadouros. Não é menos certo que os acanhados passeios das principaes ruas commerciaes, reservados ao transito dos peões, foram prejudicados com o pejamento á circulação que lhes resulta de terem sido destinados a alicerces das desgraciosas columnas a que se prendem os fios da rêde. Mas é grande verdade, tambem, que o regimen da tracção eletrica fez esquecer em absoluto, e com incontestavel satisfação dos habitantes de Lisboa, o antigo regimen das mulas dos americanos, dos solavancos dos Ripert, das mólas desconjuntadas do Jacinto, do Florindo, do Salazar e da Luzitana... E hoje a vista de alguma d'essas já raras carriolas, que ainda se arrastam pelas ruas da cidade, oferece um contraste deploravel a par d'um carro eletrico comodo e veloz.

Uma visita ás instalações da Companhia Carris de Ferro é de muita curiosidade.

A fabrica geral da eletricidade está situada em Santos, nos terrenos conquistados ao Tejo. Tem uma area de 6.200 metros quadrados adquiridos ao Estado em hasta publica, por 62:000$000 réis. Sendo o terreno formado por aterro moderno, as fundações foram dispendiosissimas. Está tudo assente em estacaria e num monolyto de cimento

que suporta os edificios e machinas. Todo o recinto é vedado. Quando se entra encontra-se logo á esquerda um pequeno mas elegante jardim, de systema inglez, confinando com o primeiro edificio, do lado norte, que é destinado a moradia do Engenheiro chefe das machinas, no primeiro pavimento, sendo os baixos reservados a depositos de utensilios e petrechos eletricos. Na sua frente sul é a grande estação central, que se compõe de tres edificios separados, sendo o mais amplo ocupado pelas machinas e seus acessorios, outro pela casa das caldeiras, e o terceiro destinado a paiol de carvão.

Entrando na casa das machinas, que tem uma superficie de 1.192 metros quadrados, vê-se logo á esquerda, a um canto, a estação telefonica que é reservada por uma bem combinada caixa de ar, afim do ruido das machinas não perturbar quem esteja falando aos aparelhos. Uma vez fechada a porta nada se ouve. São 5 os aparelhos que comunicam respetivamente com os telefones colocados nos postes das ruas, com a estação da Companhia dos Telefones em Santa Justa e sua rêde geral, com a Inspecção Geral dos Incendios, com a Policia, e finalmente com todas as outras estações e dependencias da Companhia Carris de Ferro, isto para que rapida e facilmente se possa ocorrer a algum sinistro em qualquer ponto da cidade.

E' como dizemos nesta grande nave que estão instaladas as machinas eletro-geradoras em numero de 3, sendo os motores de 750 cavallos cada um, e os geradores de 500 *kilowatts*. Alem d'estes eletro-geradores ha 5 reforçadores de voltagem movidos pela corrente geral, com o fim de garantir nos pontos mais afastados da rêde o potencial da corrente e a regulação da bateria de acumuladores. Encontram-se tambem ali pequenos motores eletricos para as bombas de circulação de agua.

A distribuição da energia eletrica faz-se por um grande quadro de marmore onde estão fixos, alem do ampermetro e voltmetro geraes, todos os ampermetros, voltmetros e corta-circuitos respetivos ás diversas secções da rêde. Anexo a este quadro está o dos aparelhos registadores para as inspeções a que frequentemente procedem os fiscaes do Governo, afim de verificarem o cumprimento das disposições do *Board of Trade* adoptadas oficialmente, sobre o potencial, perda no retono da corrente, derivação, etc. Um outro pequeno quadro distribue a luz e força nos aparelhos da estação central. As perdas de corrente são minimas, devido ao systema de junção dos carris feita por soldadura, que a Companhia adoptou em todas as linhas.

Nos subterraneos d'esta casa estão os condensadores do vapor, bombas centrifugas de circulação de agua, bombas de ar, e uma poderosa bateria de acumuladores de 260 elementos com uma capacidade total de 1.770 *ampères-horas* e com o potencial de 475 a 500 *volts*. A superficie de contacto dos 2 condensadores é de 4.520 pés quadrados.

Da casa das machinas passa-se á casa das caldeiras, que ocupa uma area de 901 metros quadrados. Ha ahi 5 geradores de 4.020 pés quadrados de superficie de aquecimento. As bombas de alimentação estão no centro da casa e são movidas eletricamente. Todas as caldeiras teem alimentadores automaticos, movidos a vapor, para a distribuição do carvão sobre as grelhas. A tiragem faz-se por uma grande chaminé de 40 metros de altura, toda de tijolo, com 3 metros de luz (diametro interno na parte superior) e 31 metros quadrados de superficie na base. Alem da tiragem natural estabelecida pela chaminé, ha tambem tiragem forçada por insufladores de ar.

Segue-se imediatamente a este o ultimo dos tres edificios—o paiol vastissimo, onde se podem acomodar 5.000 toneladas de carvão.

E' tambem interessante dizer agora como se faz o serviço normal, verdadeiramente pratico, sem alardes de grande pessoal, no meio d'um grande silencio. Esse serviço é feito apenas com duas machinas geradoras que, nas horas em que o trafego é menor, carregam tambem a bateria de acumuladores, descarregando esta em paralelo com os motores nas ocasiões de maior serviço. Da meia noite ás 5 horas da manhã param as machinas

e a bateria só de per si abastece a rêde geral da viação. Em dias de grande movimento chegam a trabalhar os 3 eletro-geradores.

As caldeiras nunca trabalham em numero superior a 3, estando sempre promta para qualquer eventualidade uma outra que tem o fogo rechegado. Todas estas cautelas e reservas nas machinas vitaes da instalação teem por fim assegurar a regularidade do serviço. Com o mesmo fim e para evitar, como aliás se pode dar d'um momento para outro, uma interrupção no fornecimento da agua utilisada pela alimentação das caldeiras, foi construido um enorme reservatorio, que tem a capacidade necessaria para 5 dias de consumo consecutivos.

A antiga estação de Santos, hoje completamente remodelada, serve de posto de socorro, tendo um carro sempre atrelado, promto a sair para o local onde se dê qualquer sinistro, afim de proceder á desmontagem da linha, se isso se tornar necessario.

332 — Real Coliseu de Lisboa

O primeiro andar d'essa estação é destinado a moradia do Engenheiro encarregado da conservação da rêde area. Exatamente como este posto de socorro, ha mais dois — um na estação de Santo Amaro e outra na do Arco do Cego.

As instalações em Santos importaram em 825:000$000 réis, compreendendo tudo — edificios, fundações e machinas.

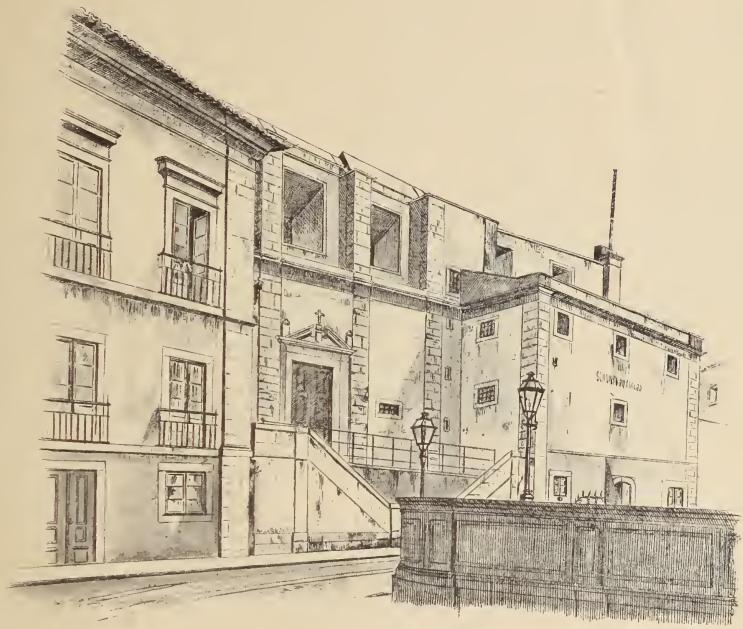
A estação dos antigos carros americanos em Santo Amaro, cuja area total é de 40.000 metros quadrados, foi radicalmente transformada, construindo-se ali um grande *hangar* para abrigo dos carros eletricos, o qual ocupa uma superficie de 4.480 metros quadrados. Ahi estão estabelecidas tambem as oficinas de reparação.

No Arco do Cego ha outra estação para recolha de carros, que ocupa uma area total de 30.000 metros quadrados, com um *hangar* de 1.720 metros quadrados de superficie.

A Companhia Carris de Ferro arrendou as suas linhas a uma Companhia ingleza denominada Lisbon Electric Tramways Limited, cujo capital em acções é de 1 milhão de libras esterlinas. A Camara Municipal tem uma percentagem de 4 por cento sobre as receitas brutas da Companhia até 700:000$000 reis, de 8 por cento sobre o excedente. A Companhia paga tambem 12:000$000 reis para conservação de calçadas.

O pessoal empregado no serviço dos carros eletricos é muito numeroso. Os fardamentos são fornecidos gratuitamente pela Companhia aos guarda-freios e condutores, dando-se a cada um d'elles um fato por anno, e se no fim d'este praso o fardamento estiver em bom uso, aquelle que o veste passa a vencer diariamente mais 40 reis, até que precise vestir-se de novo. De tres em tres annos, é lhes fornecido tambem um casaco de borracha. Esse pessoal tem ainda, para sua utilisação gratuita, em Santo Amaro, casas de banho, sala de leitura, e uma oficina de barbeiro, onde trabalham 5 oficiaes.

Crescendo sempre e galgando a ocupar as eminencias da cidade, a população alfacinha apressou-se em estimular a exploração dos ascensores mecanicos, o que era de esperar em uma vasta povoação construida no pendor de ingremes montanhas. Não é preciso ser-se velho para recordar as ascensões penosas a que se era obrigado, pelos dias torridos do estio lisboeta. Para os lados do Campo de Sant'Anna começou então a grimpar o elevador do Lavra. Para as bandas de S. Roque e do Moinho de Vento viu-se trepar o elevador da Gloria. Da Moeda ao Calhariz, fez-se subir o elevador da Bica.



333 — Egreja de Santa Martha

Do coração da Mouraria, quasi aos pincaros da Penha, curveteando com pasmo dos entendidos ali pelas alturas do Arco de S. André, investiu o elevador da Graça. Do alto das Duas Egrejas ao alto da Estrela, e dos Poiaes de S. Bento ao cimo da Calçada do Combro, entrou a colear o elevador Camões-Estrela. Ainda um outro, de existencia efemera, partia do Largo de S. Domingos, entrava pelas Portas de S. Antão, cortava á Rua das Pretas, e por ali fóra ia, Rua de S. José, Rua de Santa Martha, Largo de Andaluz, até S. Sebastião da Pedreira. Depois, para os que estando no centro da Baixa podessem transportar-se em poucos segundos ao Largo da Bibliotheca, ao Chiado, ao Carmo e á Trindade, montaram-se os ascensores do Largo de S. Julião, da Rua do Crucifixo, e das Escadinhas de Santa Justa.

O nome de um distinto engenheiro, Raul Mesnier, ficou ligado á iniciativa d'este outro grande melhoramento de Lisboa. Movidos pela agua, pelo vapor, ou pela electricidade, póde dizer-se que o verdadeiro *motor* dos ascensores de Lisboa foi Mesnier,

No *Panorama* publicado em 1839, ha um artigo muito interessante em que se resume a historia da iluminação das ruas, e em que se comparam os progressos que esse beneficio publico havia feito até então nas principaes cidades da Europa. Vem a talho de foice reproduzir aqui o que esse artigo diz.

«Parece não haver testemunho nenhum que prove que, na antiga Roma, com toda a sua grandeza e poderio, houvesse alguma providencia publica para alumiar as ruas de noite. Os romanos, saindo das suas visitas nocturnas, tinham de levar archotes, ou lanternas, ou de irem para casa ás apalpadelas. Comtudo, no seculo IV, era Antiochia mais afortunada que Roma, a tal respeito, porque em algumas de suas ruas principaes tinha alampadas, penduradas em cordas, junto dos banhos e de outros logares publicos. Quando havia lucto publico, estas lampadas não se acendiam, em signal de tristeza.

Todavia o costume de alumiar as ruas só passados muitos seculos se generalisou. Paris foi a primeira cidade onde houve candieiros nas ruas, e isto só começou no seculo XVI. Andava a cidade, naquelle tempo, muito inçada de ladrões nocturnos e, por isso, deu-se ordem aos habitantes para terem luzes acesas deante das casas durante a noite. Mas em 1558 as autoridades municipaes tomaram a si este negocio, e mandaram pôr *fallots* nas quinas das ruas principaes. Estes *fallots* eram grandes vasos, cheios de pez, resina e outros combustiveis; mas o modo de regular o lume era tão dificultoso, que brevemente foram substituidos pelas lanternas. Estas eram, porém, muito poucas; e d'isso se aproveitou um italiano, chamado Laudati. Em 1622, obteve um privilegio para estabelecer, não só em Paris, mas tambem nas outras cidades do Reino, barracas, ou postos, onde se alugavam lanternas, que qualquer podia levar, ou (pagando mais alguma cousa) com que pessoas, que d'isso viviam, os iam alumiar pelo caminho. Laudati foi autorisado para receber de qualquer pessoa que ia de sege, 5 soldos de aluguer de uma lanterna, por quarto de hora, e de cada passageiro de pé 3 soldos. Para impedir disputas sobre o tempo que se gastava, determinou-se que com cada lanterna andasse uma ampulheta bem regulada.

Pelo meiado do seculo passado, o Intendente da Policia de Paris ofereceu um premio a quem inventasse o melhor candieiro de ruas que se podesse imaginar. Isto fez aparecer os candieiros de reverbero, como lhes chamavam, e que eram pouco mais ou menos como os que hoje se usam em Lisboa e no Porto, e ainda em muitas partes de França. Os candieiros estavam pendurados numa corda, passada de lado a lado da rua, ao meio d'ella, em altura tal, que os carros e seges podessem passar por baixo.

Em Londres, saiu um decreto, no anno de 1668, para que os habitantes pendurassem lanternas deante das casas; e em 1690 se reforçou esta medida mandando-se a todos os lojistas que pozessem uma luz de fóra da porta, todas as noites, desde o S. Miguel até os fins de Janeiro, acendendo-as ao anoitecer e tirando-as á meia noite. Em 1716, o Corpo municipal ordenou que todos os lojistas, em todas as noites escuras, fosse em que mez fosse, pendurassem fóra de casa um ou mais candieiros, com torcidas suficientes para estarem acesos desde as seis ás onze da noite, com a pena de um schelling de condemnação.

Além d'estas luzes particulares havia alguns candieiros postos pela Municipalidade, e para os quaes contribuiam os lojistas que não os acendiam por sua conta. Achou-se todavia que este metodo era muito imperfeito; e em 1736 a Municipalidade requereu ao Parlamento licença para tratar por outro modo da iluminação da cidade. O resultado d'isto foi pôrem-se pelas ruas de Londres perto de 5.000 candieiros.

Em Amsterdam, publicou-se uma postura em 1699, na qual se ordenou aos limpacandieiros que os limpassem todos os dias, e que não se prendessem cavallos aos pilares; do que se conclue que já então ali havia candieiros, fixos em pilares.

Copenhagen, a Haia, Veneza, Messina, Palermo, Hamburgo, Madrid, e outras ci-

dades, adoptaram o costume de alumiar as ruas em varias epocas durante os seculos XVII e XVIII. Em Roma, ainda no fim do seculo dezoito não havia candieiros de ruas; mas o Papa Sixto VI ordenou que as lampadas postas deante das imagens dos santos fossem augmentadas, com o fim de diminuir alguma coisa a escuridão das ruas.

Em Berlim começou a iluminação por se mandar aos donos das casas, de tres em tres edificios, que pendurassem uma lanterna fóra da porta, correndo assim a roda por todas cada tres dias. Depois pozeram-se candieiros fixos, á custa dos habitantes, e finalmente o Governo tomou a seu cargo a iluminação publica.

Em Vienna era este um dos maiores gravames dos moradores da cidade, posto que não estivesse a seu cargo a despeza d'ella, porque era obrigado cada qual a levar o candieiro, que tinha á sua porta, ao Armazem da iluminação, para lh'o encherem de azeite, e ao anoitecer devia acendê-lo ao correr de um sino que se tocava para isto. Por 1780 formou-se um corpo de acende-candieiros, fardados e com disciplina militar, e Vienna ficou sendo desde então uma das cidades mais bem iluminadas.

334 — O bando dos touros

Lisboa só no principio d'este seculo foi iluminada, posto que desde os primeiros annos do reinado de D. José o celebre D. Luiz da Cunha o tivesse proposto entre os outros conselhos que deu áquelle Principe, na carta politica que lhe escreveu, antes de elle subir ao throno. Deve-se porém aqui notar que o simples machinismo de ferro, com que em Lisboa e no Porto se erguem e descem os candieiros, tem uma grande superioridade ás roldanas e cordas, com que em França ainda usam suspender, principalmente nas cidades de provincia.

De todos os inventos, porem, relativos á iluminação das ruas, a luz de gaz é a cousa mais digna de se mencionar. Em 1792, Mr. Murdoch fez algumas experiencias sobre a possibilidade de extrair gaz inflamavel de certas substancias, e em 1797 alumiou a fabrica de Soho com gaz extraido do carvão de pedra. Em 1802, Mr. Winsor alumiou o Theatro do Lyceu com gaz; e no anno seguinte, uma grande fabrica de algodão em Manchester foi da mesma maneira iluminada. Estas, e algumas tentativas mais, que deram bons resultados, derivaram a atenção publica para este objecto: formaram-se companhias, estabeleceram-se depositos de gaz, encheram-se as ruas de canudos para o conduzirem, e as principaes lojas de Londres começaram a alumiar-se por esse modo, e ultimamente a iluminação das ruas se fez de gaz. Tão rapidamente se propagou o uso d'elle, que a custo se achará actualmente em Londres um pateo, ou viela, e até qualquer loja decente, que não seja alumiada com gaz, e já pelas outras cidades principaes d'aquelle paiz está em voga o mesmo systema de iluminação.»

Fernão Lopes, na *Chronica d'El-Rei D. João*, fala do Conde Andeiro atravessando as ruas de Lisboa, a deshoras, e acompanhado de creados com tochas ou lanternas, para ver onde punha os pés. Andava-se então de todo ás escuras. Foi num minucioso regimento policial dado por El-Rei D. Fernando á cidade, em sua carta de 12 de Setembro de 1383 que, entre outras providencias tendentes a evitar a ladroagem, se estatuiu, segundo os «homens bons» determinassem, que fossem colocadas em certas ruas candeias, tochas, vélas, archotes, para afugentar malfeitores.

A iluminação em Lisboa, de que fala o artigo do *Panorama*, começou a 17 de Dezembro de 1780, concorrendo para ella cada habitante com 1 quartilho de azeite cada mez. Em 1791 havia já 809 alampiões. Havia então um administrador da Iluminação, dependente da Intendencia da Policia, e que ao tempo era Antonio Luiz do Couto.

Para a iluminação publica concorria tambem a usança de alumiar os nichos de santos, que tantos eram nos cunhaes das velhas casas de Lisboa.

O inventor dos candieiros que primeiramente se usaram na cidade foi Martinho Antonio de Castro, engenheiro. Esses candieiros ou alampiões, como então se dizia, eram

335 — Gado separado para uma corrida

perfeitamente eguaes aos que ainda estavam em uso quando aqui se introduziu o gaz, e que a Camara Municipal depois vendeu a outras municipalidades.

Parece que a iluminação a gaz se adoptou em Lisboa, pela primeira vez, no Palacio das Laranjeiras, pertencente aos Condes de Farrobo. Isso foi em 1830. Só vinte annos depois é que a cidade começou a ser iluminada pelo novo systema.

A Companhia do Gaz de Lisboa estabeleceu-se na Rua da Boa Vista, ocupando o antigo quartel da Brigada Real da Marinha, alargando as suas instalações para a banda do Tejo, e construindo grandes depositos sobre o Aterro.

Depois da Companhia do Gaz estabeleceu-se a Companhia de iluminação eletrica, que ficou tendo a sua fabrica nuns terrenos ao cimo da Avenida da Liberdade, numa situação paralela á Rua de Santa Martha.

Mas as duas Companhias não tardaram a prejudicar-se mutuamente, e resolveram fundir-se, fazendo então um contrato com a Camara Municipal para a iluminação eletrica das principaes arterias da cidade, alguns dos seus largos, e passeios. Em consequencia d'esta fusão, a fabrica da Avenida foi sacrificada á necessidade de novas instalações na Rua da Boa Vista.

A nova fabrica central de energia eletrica ocupa uma área de 760 metros quadrados, dos quaes 180 formam o local reservado aos geradores de vapor que movem os grupos eletrogeneos. Todas as machinas, motores e acumuladores, caldeiras de systema

tubular de Belleville, com economisadores, reaquecedores, coletores, purificadores de agua, e com uma superficie de aquecimento de 192 metros quadrados, podendo produzir 4.000 kilogrametros de vapor por hora, o que equivale a uma força de 400 cavallos a 10 kilogrametros de vapor por cavallo, ocupam 420 metros quadrados.

Toda a energia eletrica produzida na Boa Vista parte em cabos condutores para todos os pontos da cidade a iluminar por este systema. D'antes, a fabrica da Avenida mandava um cabo que se ia ramificando pelo caminho, segundo as necessidades eventuaes do fornecimento de luz. Agora manda-se um cabo para um ponto central, e no topo d'esse cabo é que se estabelecem as ramificações. A distribuição da energia eletrica faz-se sob duas fórmas: corrente continua para a parte baixa da cidade, e corrente tri-

336 — Na espera dos touros. Em seguida á passagem do gado

phasica, d'alta tenção e promta a ser transformada para Belem, Junqueira e Necessidades. A primeira é distribuida a 220 *volts* de força, e a segunda a 3.000 *volts*, mudando-se nos transformadores em 110 *volts*.

Os mesmos cabos que servem para a iluminação publica fornecem a iluminação particular, pagando os consumidores a respetiva instalação, como para o gaz.

Os que ainda se lembram de terem visto de pé os casebres do Loreto, o Theatro do Salitre e o burrinho de Madame Collaço, já não conhecem a Lisboa de hoje. Não foram só os grandes melhoramentos, a abertura das grandes avenidas, o delineamento de vastos parques, as obras surpreendentes do porto, a rede complicada da tração eletrica, as excelencias da iluminação, a mania dos ascensores —que tornaram a cidade quasi desconhecida para os que ainda a amaram nos seus velhos dias. Muitas e bem diversas causas têm determinado essa transformação.

Como foi isto? Como se conseguiu tudo isto, em tão pouco tempo, de uma cidade e de uma gente que tão dadas eram ao estacionamento e á mediocridade?

Tudo isto se explica, simplesmente, pelas mil facilidades de convivio que chegámos a ter com a civilisação. Lisboa, nestes vinte annos, tem ido muito ao Estrangeiro, e o Estrangeiro tem vindo muito a Lisboa. Os transportes tornaram-se rapidos e comodos e atrairam os ricos á frequencia das viagens; os grandes certamens internacionaes procuraram a maxima concorrencia e estabeleceram séries de viagens baratas, que as outras classes inteligentes, mas apenas remediadas, se apressaram em aproveitar. Ao mesmo tempo, alguns vastos empreendimentos nossos, como as modernas linhas ferreas, as obras do porto, a exploração de industrias em maior escala, as crescentes seduções do commercio, chamavam a Lisboa uma colonia de estrangeiros, que a breve trecho se tornou muito numerosa, e que com evidente satisfação aqui se aclimatou, com alguns usos e costumes de que o alfacinha foi tirando, a seu sabor, o proveito da imitação.

E d'este modo se tem educado os lisboetas em processos praticos, comodidades e subtilesas, que nos centros de mais adeantada civilisação constituem sempre poderosos elementos de progresso.

Com o inicio de um periodo de rejuvenescimento industrial, promoveram se exposições e inaugurou-se o Museu Industrial e Commercial de Lisboa, que foi ocupar uma parte anterior e principal do majestoso edificio dos Jeronymos. Então se começou a apreciar a influencia das pautas na proteção das industrias nacionaes; então se começou a demonstrar ao consumidor que tinha, fabricados no seu paiz, artefactos que competiam com os similares estrangeiros; então se começou a desfazer o preconceito de que só o estrangeiro sabia produzir, e a inspirar ao nosso industrial a confiança bastante para não mascarar os seus produtos com arrebiques estranhos...

A Exposição Industrial de 1888 na Avenida da Liberdade ficou memoravel, pelo estimulo e alento que ali colheram os nossos expositores.

Antes de Antonio Augusto de Aguiar, tinham aparecido – sem falarmos no grande Marquez de Pombal, cujo genio reformador atingiu todas as manifestações da actividade humana, cuidando com notavel proficiencia de crear umas industrias, de aclimatar outras e de aperfeiçoar todas — e depois do egregio Ministro de D. José I, repetimos, tinham aparecido, aqui e ali, homens notaveis, industriaes inteligentes, principios dispersos, leis incompletas, aspirações platonicas; mas tudo isto, sem a melhor orientação pratica e sem unidade de acção e de objetivo, não constituia um corpo de doutrina serio, bem pensado, e pouco esclarecia e aconselhava os que ulteriormente quizessem estudar estas importantes questões do fomento industrial.

Mais tarde, já na ultima metade do seculo passado, citam-se os nomes de José Vitorino Damasio, Fradesso da Silveira, Fontes, João Chrysostomo de Abreu e Sousa e outros, que iniciaram algumas reformas valiosas; mas só depois da passagem pelas cadeiras do poder de Antonio Augusto de Aguiar e Emygdio Julio Navarro é que o paiz começou a ter a consciencia dos grandes recursos, que podia obter na exploração das industrias modernas.

Desde então já não era permitido a nenhum ministro desprezar este ramo de serviço publico; e todos, mais ou menos e consoante os mingoados recursos que as verbas orçamentaes ofereciam, lhe prestaram esclarecida atenção. Assim se determinou esta corrente, que hoje se impõe a todos os que estudam taes assumptos e vivem da sua aplicação.

Lisboa viu então abrirem-se ás suas classes operarias as escolas industriaes, onde se iniciou o ensino oficial, perfeito, de artes e oficios, alguns dos quaes com a sua formosa tradição nacional quasi perdida, como a escultura em madeira e pedra, a serralheria, a marceneria, etc.

Aqui, onde as classes produtoras tão aferradas eram á rotina, porque as invadia uma descrença nociva, foi laborioso para as classes dirigentes impôr-lhes a remodelação e o aperfeiçoamento dos metodos de ensino e dos processos de trabalho; mas tudo isso se alcançou, e os resultados d'essas lidas escolares não tardaram em ser animadores, e a breve trecho decisivos d'uma nova orientação bem assente. Era a falta de instrução propria, de exemplo e de estimulo que determinava a apathia em que dormitámos por tantos annos. O clima enervava-nos, o carater sóbrio e acomodaticio do povo dispensava-lhe excessos de energia para manter a sua sustentação, o isolamento em que tinhamos vivido não nos permitira apreciar experimentalmente as compensações moraes e materiaes provenientes d'essa grande e fecunda elaboração industrial, que transforma, enriquece, e nobilita os povos modernos. Tudo isto actuára no carater do portuguez e muito particularmente no carater alfacinha, deprimindo-o, a ponto de resistir ás investidas d'aquelles que mais haviam lidado na crusada civilisadora de regenerar e engrandecer o homem pelo trabalho.

Da Escola Marquez de Pombal, da Escola Affonso Domingues, da Escola Principe Real e da Escola Rodrigues Sampaio, que rapidamente alcançaram preponderancia e se habilitaram a realisar os seus fins educadores, começaram a sair artistas distintos, que levavam aos seus confrades o exemplo estimulante de uma educação profissional esmerada.

A par das expoisções industriaes, nasceram e floresceram as exposições de arte, onde se assignalavam desde logo com um exito estimulante pintores e escultores da envergadura de Silva Porto e de Soares dos Reis. A Academia de Bellas Artes teve de transigir com as exigencias do movimento novo, e escolheu entre os seus melhores alumnos alguns que foram completar a sua educação em Paris, foco por excellencia da arte contemporanea.

Depois dos pintores e dos escultores, foram os architetos; e, poucos annos decorridos, vemos regressar Ventura Terra com o seu diploma de architeto de 1.ª classe pelas escolas de França, e Raul Lino, cheio de talento e embebido de idéas novas, tendo viajado muito, tendo visto muito, ambos empenhados no proposito de uma pujante campanha de regeneração da nossa architetura.

Então, e pouco a pouco, as exposições do Grupo do Leão, do Gremio Artistico e da Sociedade de Bellas Artes, melhoram e dilatam-se. Os artistas que, tendo estudado em França, haviam adquirido a feição franceza, perdem essa feição e imprimem um cunho nacional á sua obra. Estabelece-se já um pequeno mercado que estimula nesses artistas os habitos de trabalho, a energia precisa contra os embaraços de uma empreza nascente. Os quadros das exposições acham compradores; o Estado reconhece vantagem em adquirir para o seu Museu algumas télas e algumas esculturas; desenvolve-se entre as meninas da boa sociedade o entusiasmo pelas lições de pintura; uma desmedida vaidade se apossa de algumas pessoas de dinheiro, que querem ter o seu retrato pintado por um pintor de renome...

Por sua parte, os architetos proclamam a superioridade das construções com um cunho bem nacional sobre os chalets ridiculos, e os predios de janelas e portas muito eguaes e simetricas, de inconcebiveis proporções, que tanto haviam sido da predileção alfacinha. Faz-se como que um acto de contrição depois de tantas barbaridades, e procura-se a harmonia das novas construções com os nossos velhos costumes e com as necessidades do nosso invejado clima.

Ha um momento em que pintores, escultores e architetos, não chegam para as encomendas.

Lisboa, que fôra o solio do disparate maximo em manifestações de mau gosto artistico, adquire subitamente uma esthetica propria, como quem adquire uma fortuna numa loteria.

A par dos artistas, os homens de letras, os criticos, os poetas, tomam novos pontos de vista, matriculam-se em novas escolas, metem-se ao caminho de outros ideaes, e entram por uma avultada parte, incontestavelmente, no movimento de louvavel subversão. Procura-se realisar a constituição integral da arte e da tradição portugueza, e nesse afan se reunem notaveis esforços individuaes, contribuições dedicadas. Ramalho Ortigão, pelo seu livro do *Culto da arte em Portugal*, comunica a outros corações a simpathia que filialmente prende o d'elle á terra em que nasceu, e á raça de que procede. Fialho d'Almeida, publicando os *Gatos*, amplia poderosamente, por uma estranha energia de troça, a acção interrompida das *Farpas*. Cesario Verde encontra, e traduz nos mais formosos versos, a poesia da cidade e da multidão, das coisas naturaes e das coisas

337 – Condução dos touros para a praça

simples, pondo numa tumultuosa debandada de ignominia todos os bardos de guedelha comprida e pêra, que ainda nos tinham ficado do Passeio Publico...

Um pequeno numero de patriotas tradicionalistas, dispondo de recursos muito diminutos, mas animados de uma admiravel força de vontade, sustenta a Real Associação dos Architetos e Archeologos Portugueses, e começa a olhar com maior disveio pela conservação e enriquecimento do Museu do Carmo. Do antigo templo, da monumental ruina do seculo XIV, depois de arrancadas 8.000 carradas de entulho, aproveitam-se as capelas abobadadas para salas de exposição de pequenos objetos archeologicos, e as grandes naves descobertas para os objetos maiores, estatuas, grandes tumulos, capiteis, janelas, que não sofrem com a exposição ao tempo; e Lisboa póde já fazer crer aos seus visitantes estrangeiros que sabe atender á conservação e guarda de tudo quanto possa ter uma importancia historica e de arte.

A Sociedade de Geographia empreende uma das mais altas e mais sagradas missões nacionaes: a de sustentar a integridade do nosso emporio colonial, a de chamar

para esses extensos dominios da Corôa a atenção do paiz, e de fazer convergir para o problema do nosso ultramar as melhores actividades, no firme proposito de nos redimir do gravissimo erro de termos desprezado, durante tão longos annos, essas riquissimas regiões, que são a prova viva do nosso passado historico, e se tornam as mais legitimas esperanças da nossa rehabilitação futura. Num paiz em que raras iniciativas triumpham de dificuldades, e poucas tenacidades vencem resistencias, a Sociedade de Geographia, que é hoje de todas as associações portuguezas a primeira no nome, nos serviços, na força de que dispõe perante o paiz, ganha essa invejavel e alta categoria numa luta incançavel pela causa da patria.

Devem-se á Sociedade de Geographia as explorações africanas, em que se cobriram de gloria os nomes de Hermenegildo Capello, Roberto Ivens, Serpa Pinto, Anto-

338 — A passagem dos touros no Campo Grande

nio Maria Cardoso, Augusto Cardoso, Silva Porto, Anchieta, Victor Cordon. Devem-se á Sociedade de Geographia as melhores iniciativas para os trabalhos scientificos feitos no ultramar. Deve se-lhe a divulgação dos estudos geographicos, e a elevação do nosso nivel intelectual na apreciação de todos os trabalhos da colonisação moderna. Mas acima de tudo isto, e como resultado de tudo isto, deve-se-lhe a grande obra patriotica de ser não só o relicario precioso das nossas tradições historicas, mas a defensora estrenua da nossa integridade nacional. Este é o maximo titulo de gloria com que a Sociedade de Geographia se apresenta ao respeito, e á merecida consideração do paiz.

Uma agrupação de devotos de musica, escolhida entre as classes finas da cidade, propoz-se vencer a indiferença geral, á força de persistencia e de estudo, cultivando a obra dos grandes maestros, umas veses entre si, outras veses facultando a um publico mais vasto o melhor dos seus esforços de *virtuosi*. E fundou-se a Real Academia dos Amadores de Musica, a respeito da qual nos diz o auctor das *Pasquinadas:* «Nesta agrupação, além dos simples *raffinés* que pedem á musica uma voluptuosidade mais

para o seu espirito saciado d'outras emoções, e a cultivam unicamente por acção de corpo presente aos concertos, outra especie de amadores se distingue, e é a alma inspiradora da Sociedade. Refiro-me aos musicos por paixão, aos finos gulosos do som, que todas as noites em que S. Carlos está fechado vão para as salas da Sociedade, a rabeca no estojo, debaixo do braço, conspirar um pouco contra a rotina pacifica da massa geral da população, tão obtusa d'ouvido, quanto desmoralisada pelas *pochades* nos nossos theatrinhos d'opereta. Entre estes benedictinos, cuja alma volatil perpetuamente arde nos extasis de Schubert e de Mendelssohn, ha nomes illustres entre os melhores da nossa sociedade, como o do Snr. Duque de Loulé, que cultiva o rabecão com o mesmo impecavel dandysmo com que seu pae, o bello gentil-homem d'outr'ora, soube cultivar o amor e a arte de governar...»

No seu interesse crescente pelos espetaculos de arte, diligenciando assumir uma individualidade perante as revelações do bello, Lisboa inaugurou as exposições de flôres, que de primavera em primavera nos têm dado especimens da mais esmerada cultura, da mais extraordinaria riqueza e da mais surpreendente profusão, revelando essa sagacidade com que o floricultor apaixonado chega «a corrigir na flôr a obra da natureza, aristocratisando o produto, completando nos seus detalhes a obra-prima, onde o escopro de Deus havia lançado simplesmente as grandes linhas».

A vida dos botequins, que aqui se alimentou por muitos annos da tradição do Nicola e do Café do Grego, esmoreceu a ponto de haver hoje tardes de Julho em que não se vê um toureiro á porta do Marrare do Arco do Bandeira, e noites chuvosas de inverno em que no Montanha não aparece viv'alma para uma partida de gamão. Apenas o Martinho, o Suisso, e o Aurea, conseguem reunir ainda em volta das suas mesas, ou encostados aos humbraes das suas portas, as mais recentes camadas de aspirantes do Exercito, de aspirantes da Marinha, de aspirantes da Alfandega e de aspirantes a homens de lettras e artistas... A esturdia d'outros tempos não teve continuadores na mocidade alfacinha de hoje. O marialva é um typo desaparecido da pitoresca galeria lisboeta. Agora é tudo gente séria, tudo gente pratica, tudo gente — como toda a gente.

Os desertores dos botequins passaram a reunir-se nos clubs, de que o Gremio Litterario de Lisboa, fundado em 1846 por Almeida Garrett, Rodrigo da Fonseca Magalhães, Oliveira Marreca, Fontes, e outros, é ainda hoje modelo, mas nem sempre aproveitado. Entre estas novas associações, tomou o primeiro logar o Turf-Club, creado sob auspicios ostentosos, com um programa interno cheio de exigentes soluções, e composto de um numero muito limitado de socios escolhidos na boa roda, felizes pessoas em quem as viagens e os habitos mundanos despertaram amôr pelos confortos da vida cooperativa, numa casa luxuosa do Chiado, entre objetos de arte, com gabinetes fôfos, jogos excentricos, livros raros, um perfeito serviço de restaurante, e creados em alta escola. O Real Gymnasio Club promoveu a educação fisica dos nossos rapazes, concorrendo bastante para lhes alargar o peito, enrijar-lhes os musculos, e melhorar-lhes notavelmente a hygiene. O Real Club Tauromachico fundou-se no momento em que a mais popular e mais caracteristica diversão nacional ia tombando numa triste decadencia, abandonada a empresas de méra especulação, e conseguiu crear um nucleo de moços entusiastas que se tornaram distintos na arte do toureio, e que com tanta felicidade pódem oferecer ainda a Lisboa o espetaculo vibrante, raro e magnifico, de uma corrida de touros á antiga portugueza.

Em educação publica feminina tudo mudou aqui, onde d'antes brilhavam duas bem typicas instituições ambulantes: uma sobre o burrinho mais pacato da capital, a outra no mais inofensivo cavalinho do mundo. No primeiro, equilibrava-se na sua cadeirinha, desde manhã até á noite, a popular e anciã Madame Collaço, com os seus britanico-amarelos caracóes. No outro, erguia-se, com o seu sorriso doce, um dos artistas mais

sympathicos, o Manuel Innocencio. A primeira corria os palacios a ensinar linguas; o maestro ensinava piano. Quando, cada dia, se encontravam pelas ruas naquelle corropio, os dois colegas sorriam-se um para o outro, como se dissessem:

— Cá andamos no fadario!

Senhora que se presasse nunca punha os pés na rua. As carruagens paravam ás portas das lojas, vindo os caixeiros mostrar as fazendas, e os ourives as joias. A neve, tomavam-na dentro das mesmas carruagens, á porta do ainda existente Martinho do Terreiro do Paço. Para as classes médias o refresco era no Caes das Columnas, onde se saboreava o bello caramelo, mergulhado em agua fresca repenicadamente apregoada.

E' lei de todos os seculos á transformação; mas o que mais varía é a forma. A' vida da familia succedeu a pouco e pouco a vida social; as classes altas foram descendo á proporção que as classes baixas foram subindo. Surgiu e entremeou-se a burguezia. A classe financeira veiu a luzir depois.

Assim como á mantilha succedeu o nacionalissimo capote-e-lenço, do mesmo modo deu este a si proprio os fóros archeologicos. Hoje uma senhora nas ruas diferença-se da sua creada, quanto a vestuario, em andar esta com o trajo de sua ama em segunda edição menos correcta. Poucas cidades, tanto como a nossa, se têm nivelado nos costumes sociaes.

339 — Praça de touros no Campo Pequeno

Quando a mulher de Lisboa começou a vêr a mulher do estrangeiro a caminho da Praça da Figueira, todas as manhãs, a fazer as suas compras, com o seu cabaz no braço ou com a sua creada atraz, uma pontinha de curiosidade levou-a a sair á mesma hora e a fazer o mesmo. E facil foi verificar qual a influencia da passagem de Madame por aquelle mercado, onde toda a sua sciencia de boa cosinheira e todo o seu criterio de dona de casa exemplar poseram exclamações de revelação e de pasmo em toda a linha de colarejas, varinas e cortadores.

Era tão sonora e era tão convincente a palavra mal aportuguezada d'essa dama estranha, quando explicava ao seu homem do talho a preferencia que dava a um indicado trecho do melhor assem que pendesse da fateixa, ou lhe ministrava alguma razão culinaria que respeitasse ao córte, assim ou assim, d'um determinado pedaço de vitela; tão desusado e tão esperto o modo por que escolhia, d'um montão de hortaliças, num relance de olhos, a mão de nabos ou o pé de couve mais repolhudo e mais fresco, ou d'alguma canastra de laranjas a duzia mais doirada e de casca mais fina; tão risonha e tão interessante a preleção que fazia á mulher do peixe sobre a diversidade de saborosos pratos a que podia prestar-se um bom pregado; tão subtil e tão engenhosa a arte com que remexia os taboleiros das flores, e d'entre ellas apartava e reunia no mais lindo ramo rosas, giestas, lilazes, malmequeres... — que a pouco e pouco se notava, com surpresa e agrado, uma certa diferença para mais no discernimento profissional e na amabilidade de trato para com seus freguezes, entre as diversas classes da gente do mercado por onde a inteligencia e a civilisação de Madame tão beneficamente pas-

saram, desde o marchante que lhe vendia a carne, á rapariga que lhe vendia as flores...

Depois, era tão expressa e tão elucidativa a lição que essa senhora estrangeira proporcionava, em cada dia, á sua creada, nossa patricia, já com respeito ao machinismo curioso do *tournebroche*, onde tão por egual se assa, em regular e lenta rotação sobre o fogo, uma perna de carneiro ou um perú; já no que tocasse ás minuciosidades rigorosas de bem pôr uma mesa para almoço; já pelo que respeitasse ao arranjo de um quarto, ao fazer de uma cama, ao limpar o pó... – que essa nossa patricia, graças tambem um pouco á boa vontade com que recebia a lição, dentro de poucas semanas tinha conseguido habilitar-se para ganhar, nalguma casa rica que mais tarde a tomasse, o dobro do ordenado que auferia d'antes.

Caducada e bem caducada a faculdade que á Camara de Lisboa conferira El-Rei D. João I para ella poder arruar os misteres segundo melhor conviesse, e caídas no

340 — A compra de bilhetes para os touros

esquecimento a classificação e repartição que d'esses misteres fizera o Marquez de Pombal pelas novas ruas da cidade reconstruida, as industrias e commercio confundiram as suas diversidades e alargaram a toda a cidade o ambito do seu movimento. Das lojas amodernadas foram suprimidas umas certas meias portas que davam só por si pequeninos quadros completos de Téniers e de Van Ostade, e as vitrinas tiveram então o seu papel preponderante na transformação da cidade: a vitrina da loja de modas, cheia de coisas bonitas em estofos, arminhos, franjas, plumas, rendas, alamares; a vitrina dos joalheiros, onde ha fortunas em brilhantes, perolas, saphiras e esmeraldas; a vitrina dos quinquilheiros, repleta de bugigangas de luxo, faianças e bronzes de arte, cristaes e porcelanas, chinesices e japonesices decorativas, perfumarias e brinquedos; a vitrina dos mercieiros amontoando tudo quanto a civilisação requintada tem creado para fazer da mesa de jantar um verdadeiro altar ao estomago — latas de trufas, terrinas de *foie-gras*, frascos de mólhos, conservas de peixe e carne, renques de presuntos, columnas de queijos, castelos de caixas de biscoitos, opulencias de vinhos...

Em duas ou tres espirituosas paginas da *Lisboa galante*, Fialho d'Almeida resumiu toda a revolução dos costumes, dos typos e dos prazeres, por que tem passado a antiga

cidade de capote e lenço da Senhora Isabel Maria, e a cidade romanesca e emphatica de Mendes Leal e de Thomaz Ribeiro.

«Foram-se os ultimos typos da elegancia de ha cem annos, com os seus alambicados modos de falar, vestir, receber, citar poetas latinos, e ouvir em extasi D. João VI ao cantochão na Bemposta. Foi-se a população ingenua que aplaudia em delirio os *Dois Renegados* e a *Festa e Caridade*. A hygiene removeu dos bestuntos os ideaes carunchentos. A ruina das casas historicas obrigou a trabalhar os nobres e as côrtes de parasitas que lhes gravitavam d'envolta. A concorrencia estimulou na luta os trabalhadores de todas as classes, agora eguaes pela comunidade nos mesmos esforços e fins. Em todos os actos sociaes a publicidade destruiu os privilegios, corrigiu os abusos, e esmagou os vicios tolerados de seculos. E ao passo que a educação ou creava sabios ou fazia homens praticos, a gymnastica ia avigorentando em athletas os filhos d'uma raça amolecida pelos dôces dos conventos e indolencias do clima naturalmente enervante.

Sob o ponto de vista do typo, Lisboa, terra classica de mulheres feias, no dizer de viajantes, repele hoje aquella reputação de mau sestro por não sei qual evolução plastica e surpreendente, vingando-se em possuir o que a mais ideal formosura aos vinte annos póde archivar de captivante e divino. Desapareceu ha muito dos salões o typo da Venus barbuda, Venus porco espinho, que espavoria os oficiaes da marinha ingleza nos bailes da Senhora Regente. Uma raça de brancas mulheres flexiveis e altas, cabellos castanhos e bocas em flexa, belleza mais intelectual do que physica, fundada na scintila hysterica dos olhos, na esquisitice das mãos, nas fragilidades da cinta, passeia hoje nos asphaltos da nossa bella cidade, enche os salões de concerto, faz os *five o' clock tea*, aplaude nos theatros, revolutêa por essas praias e estações d'aguas—com pés quasi espirituosos, dolencias d'espaduas, e nucas de oiro em que parece anicharem-se colibris de beijos. Belleza sem amplidão, convenho, sem traços salientes, d'acôrdo, sem unidade, sem architectura; belleza fruste, flôr d'um dia, fundada nas carnes, e que uma vez fanada, como não tem transição, resvala nas peles de galinha d'uma velhice precoce. Mas em compensação, a sua adolescencia é o que o mundo tem de mais encantador, de mais elastico, de mais destro; e ellas ahi vão por bandos e revoadas, as bellas Dianas e Ledas, adiante das mamãs, braços dados, rindo e pipiando nos perystilos, cingindo ao busto os forros das suas *sorties de bal*, recompondo sobre as testas cabellitos rebeldes, olhando os rapazes com ares de duquezinhas de Brantôme, na intima delicia da sua adoravel frivolidade. O que ellas desenvolvem em publico de talento scenico e graça artificiosa é por si só um poema de sagacidade feminina».

341 — Nos touros. Os charameleiros

Quanto á belleza dos homens, teve a Princeza Ratazzi referencias de lisongearem muito a vaidade dos nossos marialvas e gentishomens, no seu livro *Portugal à vol d'oiseau*. O grande Tackeray fala tambem dos homens portugueses como de animaes

magnificos. Mas ha, evidentemente, exagero nas duas opiniões; não nos iludamos. Todavia, é certo que a educação dos gymnasios, a apotheose da força feita aos acrobatas, e uma forte propaganda dos exercicios de destresa — a carreira, a caça, a equitação, o tiro ao alvo, a remagem — vão transformando para melhor o typo dos alfacinhas, creando corpos vigorosos, musculaturas elasticas, quasi um outro carater e uma outra vivesa de temperamento.

O typo do janota de Lisboa é que é ainda, com as ligeiras alterações a que a epoca o obriga, o mesmo que Latino Coelho troçava num artigo da velha *Revista Popular*. E' ainda na arena tumultuosa do Chiado que elle se estabelece como um conquistador. E' ainda ali, pelas immediações do Turf-Club, o seu ponto estrategico para as operações de uma guerra, cujas feições se reproduzem cada dia sem a minima alteração. E' por ali que elle vem caracolar ainda no seu ginete, e mostrar a finura da raça a que pertence o corsel impaciente. O typo estatuario do janota, a estampa idealisada d'esta raça preciosa de animaes, continua a ser o janota almiscarado, que passa a metade da vida embevecido na contemplação da sua propria bellesa, e a outra metade a admirar os adornos que lhe dão relevo e majestade. E' elle que, primeiro que ninguem, saúda as modas, e que exagera sempre o comprimento das sobrecasacas mais compridas, ou estreita mais as abas do chapéo, quando ellas são estreitas.

Do janota-almiscarado ao janota-toureiro, a diferença é ainda a mesma, de que falava Latino: cae se como de um céo de essencia de rosas para um purgatorio de prosa ruim. O janota-toureiro procura andar á moda, mas nunca chega á elegancia porque o seu ar é pouco senhoril. Traz o chapéo inclinado por tal fórma sobre a orelha direita, que passa por um verdadeiro milagre o sustentar-se em equilibrio. Quasi nunca usa luvas calçadas e fuma endiabradamente, mas sempre o mesmo cigarro plebeu. Aborrece os bailes por insipidos, e toda a sua vocação se expande e se revela em toda a liberdade, ao ar das praças, dos cafés, dos theatros, e dos circos dos touros. Vae aos divertimentos publicos não para se divertir, que é vulgar e plebeu, mas para se distinguir em bravuras. E' infalivel em touros de fidalgos, e sabe fundamentalmente os preceitos sublimes da tauromachia. Em epilogo, o janota de Lisboa continua a ser a nobilitação da ociosidade; é o vicio tornado elegante, doirado, enobrecido, cercado de uma auréola radiante, que esconde as maculas da vida desordenada...

Ao crescer d'este modo a capital portugueza em área, em luxo, em civilisação, obliteraram-se-lhe, necessariamente, algumas das suas feições mais pronunciadamente alfacinhas. Ouçamos, a este respeito, o auctor da *Lisboa antiga*.

A comedia das ruas, em que se reflete como nas do velho Aristophanes todo o viver de um povo, é a que mais tem sofrido com a obliteração. Basta observar esse kaleidoscopo multicolor, para deduzir num relance a indole, as usanças, as posses, a civilidade, a graça, a historia, de uma cidade populosa. No vendilhão ambulante, no vendedor de balcão, no passante das horas certas, no transeunte adventicio, no tunante aperaltado, no despertar matinal e curioso da gelosia, na catadura do soldado da policia, no operario, na costureira, nos vehiculos diversos, em cada um finalmente dos variados actores da farça, sempre a mesma e sempre nova, ha confidencias, que o espreitador minucioso não póde nem deve deixar passar despercebidas.

E' notavel, na nossa linda e variadissima Lisboa, a usança popular dos pregões em musica. O que elles têm de persuasiva eloquencia, de suplicante meiguice, de petulancia ou de satyra, faz todo um elucidario falado, que por completo resume a vida do povo lisboeta. São melopêas d'um inexprimivel sentimento poetico, ao som das quaes a mulher vende azeitonas, o homem couves, e a raparigota queijos, carapaus, ou marmelos assados. Ha não só melodia, mas tambem harmonia, na maior parte d'elles. Não

lhes é estranho um certo contra-ponto, singelo e pobre, mas claro, e obtêm ás vezes efeitos graciosos, que não deixam de ter sentimento. Com a lettra de

Merca o par de melancias!

ou

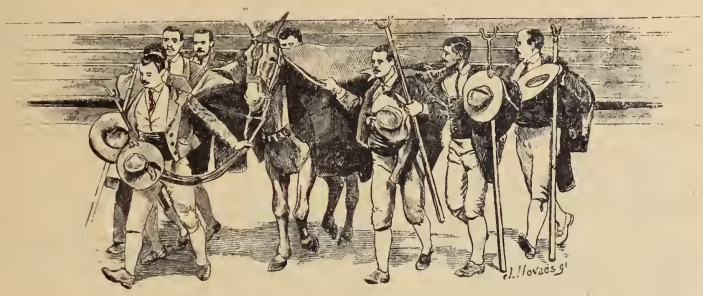
Quem quer azeitonas novas!

com a lettra de

Rica amora da horta!
Amora fria...

exprimem-se frequentemente motivos amorosos, que desferem vôo por sobre o rugido surdo da população, como as varietas de azas iriadas de um Bellini ou de um Donizetti.

E é antigo isto. Já na Lisboa quinhentista encontramos os pregoeiros.



342 — Nos touros. A azemula das farpas

Logo ao amanhecer principiava a reviver a cidade, ao passo que se ia despindo das brumas da noite. Rompia o sol detraz dos Paços das Alcaçovas, e logo saía á rua uma chusma de vendedeiras, brancas, pretas, forras e cativas, trazendo á cabeça grandes panelas cheias de arroz, cuscuz e chicharos, e apregoando esses pitéos de almoço. «E — diz um coevo — como os meninos as ouvem da cama, se levantam chorando por dinheiro a seus paes e mães.»

Outras negras saíam a vender ameixas passadas cosidas, em vasos bem aceados, cobertos com panos muito alvos, como ainda hoje as raras pretas da fava rica. Era o conduto do almoço dos pobres, para quem, além d'isso, vinham a ser alimento habitual, no dizer de outra testemunha contemporanea, as sardinhas cosidas e salpicadas, porque não se podia obter carne por preço acessivel, o que vae tornando a acontecer.

Andavam tambem os grumetes das Berlengas vendendo perrexil de conserva.

Animava-se a permuta no correr do dia. O commercio ambulante ia promiscuamente distribuindo ao povo letria, pastilhas de perfumar, obreias, agua-ardente, açafates e mechas. Encontra-se signal da venda de peixe na Ribeira (hoje Ribeira Velha), onde não menos se achava toda a hortaliça, no Rocio, e pelas ruas tambem.

A' noite percorriam o ermo da cidade as marisqueiras, que d'este modo se chamavam as negras que vendiam marisco de concha, e legumes cosidos. Ainda não ha muito que andavam nos bairros orientaes e alfamistas, e no Bairro Alto, as pretinhas do mexilhão, netas d'aquellas outras, e cujo pregão metalico, monotono e sinistro, era provavelmente reprodução do tradicional pregão das antigas marisqueiras.

Do Natal aos Reis, umas trinta mulheres, na Ribeira e no Pelourinho Velho, punham suas pequenas mesas cobertas de toalhas muito brancas, onde vendiam gergelim, pinhoada, nogada, marmelada, laranjada, cidrada, fartes, e toda a sorte de outras gulosinas, predecessoras das borôasinhas que nós comemos pelo mesmo tempo, e a que nada deviam por certo as obras dos antigos confeiteiros, então chamados alfeloeiros.

«E o que hoje existe—escrevia o Snr. Visconde de Castilho em 1879—vae mudando tambem de dia para dia; é tarefa para quem escrever d'aqui a cem annos. Vimos nós proprios, talvez, ou antes viram nossos paes, varios centros mercantis que de todo desappareceram. No Largo de Santo Antonio da Sé era, ha cincoenta annos ainda, o mercado especial dos peros verdes e sêcos (chamados bofes, quando são enfiados em jun-

343 — Egreja de Santos-o-Novo

cos); de tal venda restam vestigios pelas imediações, pelas Mercieiras e pela Sé. No Largo de S. Paulo era a venda privativa do pão, quasi todo ordinario, proprio para embarque; isso acabou, a não ser que dure ainda por alguns logares da Ribeira Nova. Em S. Paulo foi tambem, não ha quarenta annos, a venda de hortaliças finas, feita ali por genovezes e outros italianos. Finalmente, no Terreiro do Paço, hoje desobstruido e aristocratisado, vendiam-se queijos do Alemtejo, em mesas portateis de pau com umas balanças em cima, queijos comprados em primeira mão ás faluas do sul, ou obtidos nas execuções fiscaes á porta da Alfandega.»

Os pregões variam conforme os bairros; e é natural. Cada vendedor gira, como os planetas, numa orbita definida. Ha porém alguns que são communs a varias paragens da capital; e ha os até que a percorrem toda.

Os pregões diferem ainda não só com as horas do dia, mas tambem com as estações do anno.

Ha os da primavera, a oferecerem os cabasinhos de morangos acamados em fetos,

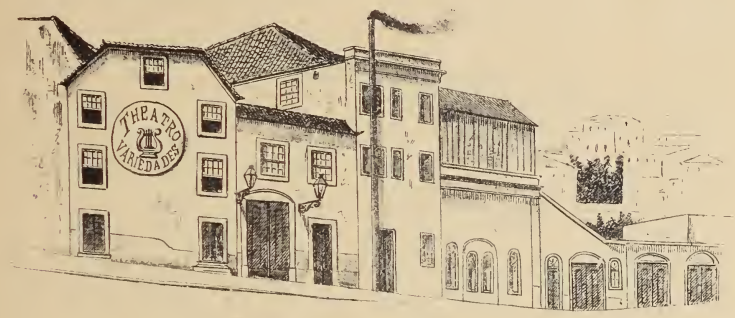
as hortaliças tenras recem-colhidas nas varzeas de Arroios ou de Odivellas, toda a novidade emfim, com que se estreia o anno agricola.

Ha os de verão, denunciando as frutas-sorvetes, com que se engana a calma, as melancias rubicundas de Abrantes ou Alcochete, as laranjas de Setubal, os melões e romãs da borda d'agua.

Ha os do outomno, com a invasão da fruta nova, a fruta opulenta e perfumada dos pomares de Bemfica e de Collares, os figos de capa rota das nossas hortas do termo, as famosas azeitonas dos nossos olivaes da Estremadura.

Depois, começam insensivelmente os que entram a adivinhar inverno, a castanha cosida, tão melancolica na doce toada com que vem, inconsciente e pobre, annunciar entre as primeiras chuvas os primeiros folguedos invernaes, a abertura dos theatros e dos bailes, a vida elegante da nossa côrte, onde ella não entra.

Ha pela manhãsinha os pregões idilicos do leite mugido, que nos vêm despertar



344 — Antigo Theatro das Variedades, hoje demolido

á cama, e logo nos pintam ao espirito os grupos bucolicos, a que o insigne animalista Annunciação não sabia ser indiferente.

Ha os pregões domingueiros da tarde, que revelam a salutar interrupção do trabalho nas classes operarias, o passeio da familia aos grandes centros, ou aos ocios das hortas: a fava torradinha, o tremoço saloio, o pinhão novo. Ha pregões ternos e melancolicos; ha outros engraçados e burlescos; ha outros indiferentes, sem côr e sem intelligencia. Uns são preguiçosos e indolentes como lazarones; outros finos e flexiveis como enguias; outros fleugmaticos e calculadores como os argentarios da Rua dos Capelistas; uns são gordos, outros magros; uns são garotos, outros circumspectos.

D'entre essa variedade de dez mil pregões que quotidianamente estrugem nas ruas de Lisboa, tres typos saltam—diz Fialho d'Almeida—onde o observador poderia agrupar sem violencia todos elles. A saber: o pregão dos que vendem provisões d'origem marinha; o dos que vendem provisões d'origem terrestre; e finalmente o pregão dos bufarinheiros de rua e vendilhões de jornaes.

D'estes tres grupos, o ultimo tende a eliminar-se, já porque os pequenos fanqueiros de rua, os vendedores de sapatos, os capelistas de carrinho ambulante, etc., cada vez são mais raros, mesmo nos bairros pobres, mercê da transformação por que estão passando os habitos caseiros das nossas mulheres... já por que os jornaes, com a fei-

ção prática que tomaram, deixaram de se poder apregoar pelos garotos na cantilena ondeante em que ainda hoje se apregôa, por exemplo, o *Diario de Noticias*.

No pregão das peixeiras tambem se notam, de ha uns annos para cá, tendencias rotineiras. As ovarinas são rebeldes á creação de novos typos musicaes para o pregão, e preferem estagnar em tres ou quatro formulas seculares, invariaveis, como aquella em que se menciona simplesmente — *Postas de pescada!* por exemplo — num ligeiro cantado que não comenta nem exalta o genero, á freguezia — como ess'outra, em que junto ao nome do peixe, vae especificado o seu destino culinario: — *Cadelinha p'ra arroz!* — ou — *Irozes p'ra tigelada!* ou ainda como aquella em que se elogia o produto, sem lhe dizer o nome, como acontece em — *Fresca!...*

Já não succede o mesmo ao pregão dos vendilhões de comestiveis horticolas, cuja musica tende quotidianamente a enriquecer-se de novos motivos melodicos, originalissimos estribilhos, e variedades metricas, d'uma imprevista fragrancia de expressão. Raro é o dia em que um vendilhão recemchegado da sua provincia, não lance nas ruas da capital uma esfusiada inedita de notas...

Broinhas de milho
Quentinhas de herva doce!...

uma d'estas volatas de trovar mourisco, começando por um brado estridulo, caindo depois numa especie de recitativo a dois ou tres haustos, para acabar afinal numa cadencia bucolica ou cascalhada.

Todos nós temos no ouvido essas deliciosas melopêas da mulher das melancias... e nos recordamos com infinita saudade do pregão do homem do gergelim, tão imaginosamente datalhado; dos pregões insubversivos do *Furibuudo*, que vendia jornaes republicanos, pondo em rima as insolencias que elles traziam; e d'esses pregões emfim que já morreram, e ao som dos quaes nós acordavamos todas as manhãs, nos nossos velhos bairros, quando a cidade ainda mantinha, ha vinte annos, aquelle seu ar provinciano, e á nossa adolescencia bastava um ecco, para evocar na fantasia uma scena idilica, recantos de paisagem, estados d'alma contemplativos ou extasiados — chimeras emfim que se desfazem com os primeiros cabellos brancos, e sobre que já não é possivel escrever senão recordações, ou epitafios.

Diz uma estatistica de 1552 que no sitio do Pelourinho Velho, pouco mais ou menos onde é hoje a Rua da Prata entre a Rua de S. Julião e a Rua dos Capelistas, havia o costume de assistirem «varios homens com suas mesas para escrever cartas e petições ás pessoas que tinham d'ellas necessidade». Havia industrial d'essa especie que ganhava com que casar filhos e filhas e comprar propriedades, auferindo em média seus 2$000 réis por dia. Eram 10, e todos tinham que fazer.

Ao sitio de S. Bartholomeu e á Magdalena davam fama, ahi a meio do seculo XVI, as fiandeiras, que eram em Lisboa 815, e das quaes um ditado falava assim: «A boa fiandeira de S. Bartholomeu a toma a velha, e a mais boa, da Magdalena.»

O *Anatomico jocoso* fala ainda das ramalheteiras que se juntavam, antes do terremoto grande, ao portal da antiga Misericordia, e nos degraus do adro se sentavam a formar grinaldas e ramalhetes das muitas rosas que então havia em Lisboa. Fazia-se ahi a feira das flores. Uma d'essas ramalheteiras era encarregada, por oficio municipal, de preparar e vender as capelas e ramalhetes para adorno das festas camararias e procissões do Senado, e tinha o titulo de *capeleira da Cidade*.

Naquelle mesmo sitio, como no Pelourinho Velho e como nos arcos do Rocio, estacionavam os cégos que vendiam as gazetas.

Ali eram procurados tambem os castelhanos que desenhavam a sangue e polvora, na carne dos barqueiros, dos soldados e dos marinheiros, imagens, lettras, datas, crucifixos, corações, sinos saimões, e as muitas coisas mais que tanto sedusiam os afeiçoados da tatuagem. Refere Francisco Coelho de Figueiredo que cada um escolhia as figuras de sua predileção, cujos modelos o tatuador lhe mostrava; depois despia o antebraço em que as queria desenhadas, «e logo o mestre riscava o contorno e principiava com um instrumento agudo, como uma agulha encavada, a picar e lhe deitava polvora moída. Começava a sair sangue e tornava a entrar já com aquelle pó; e depois de muito tempo d'aquella repetição, era sécia do paciente dizer e afirmar que quasi lhe não doía.»

345 — Egreja do Convento da Encarnação

O autor anonymo do livro *Voyage en Portugal et particulièrement à Lisbonne en 1795* descreve os frigideiros de peixe que viu em muitas ruas, largos, e á porta de muitas tabernas, com os seus fogareiros, as suas grelhas e as suas mãos muito gordurentas, no meio de uma fumaceira fétida e grossa e d'um pessimo cheiro. A gente do povo achava ali preparados almoço, jantar e ceia, por pouco dinheiro. Cada qual levava comsigo o pão, comprava umas sardinhas fritas, e ia sentar-se a comer regaladamente nos degraus de alguma escada. A' hora dos jantares, as escadas das moradas particulares enchiam-se da plebe, e era então um cheirete a sardinha frita que ninguem parava. Os logares dos frigideiros eram o terror dos inquilinos, que fugiam d'elles como o diabo da cruz.

No seculo XVII havia um mercado especial de papagaios, araras e periquitos nas imediações da Sé, e havia além d'isso os vendedores ambulantes de passarada exotica, que vinha do Brazil em abundancia.

Quando se arborisou o Largo de Santa Justa, ha quarenta annos, a Camara Muni-

cipal mandou por edital que aquelle sitio ficasse destinado á venda de leite. Quem ali passava de manhã via então os vaqueiros mungindo nédias vacas, para os almoços da Baixa. Chegavam a juntar-se no Largo algumas duzias de vacas.

Os barbeiros sangradores viveram aqui desafogadamente, como ainda hoje os que vivem em certas aldeias, onde nem ha medico nem botica. Quando a douta sciencia medica declarava, em presença de alguma complicada mazéla, que não havia cura, lá estava o barbeiro sangrador para o ultimo caso. Muitas vezes lhe acontecia, a despeito de toda a sua competencia e de toda a sua solicitude, não conseguir tirar o mal

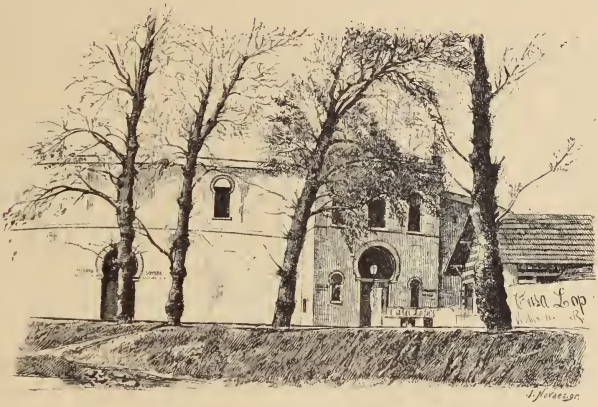
346 — Egreja de S. Lourenço

ao padecente desesperado; mas o que elle sempre lhe tirava era, pelo menos, uma canada de sangue e uma cravéla de doze...

Dois oficios de muita utilidade domestica eram ainda aqui exercidos por oficiaes ambulantes, em meados do seculo passado: o rachador e o caldeireiro. Estampou-lhes a caricatura o *Archivo Pittoresco*. O rachador divagava pelas ruas com o seu machado e com o seu maço ás costas, e tilintando umas cunhas de ferro como se fôssem castanhólas, para dar signal de si aos que precisassem d'elle. O caldeireiro trazia tambem ás costas a bróca com que andava a furar a vida, e a remendar tachos e caçarolas, desde que deixara de ter arruamento seu, que era a Caldeiraria, onde os havia para o cobre e para o arame.

Luiz Augusto Palmeirim, na sua tão humoristica *Galeria de figuras nacionaes*, pinta com um raro poder de grotesco dois dos typos que melhor caracterisavam a antiga vida alfacinha, muito metida em casa e muito supersticiosa: a inculcadeira de creadas de servir, e a benzedeira.

Irresponsavel como um rei constitucional, a inculcadeira de capote e lenço inculcava a sua fazenda, mas não se responsabilisava por ella. Quando se metia ao oficio, tinha pelo menos seus cincoenta annos, e fazia da idade argumento e pára-raios de uma responsabilidade que a lei não lhe exigia. Entalada entre dois cruzados novos, comia a dois carrinhos, atendendo por metade d'aquella somma de cão de busca á creada de servir, e pela outra metade de corretora á dona da casa que lhe encomendava o sermão. Typo eminentemente egoista, servindo interesses desencontrados, a inculcadeira ageitava-se a considerar a verdade como um arrebique inutil no negocio. A creada que de manhã lhe batia á porta, procurando casa em que servir, tinha horas depois uma laudativa biografia na boca da inculcadeira, e a sua crassa inutilidade transformava-se em prestadía aptidão para todos os labores... Ninguem melhor do que ella ajustava e conchegava o lenço da cabeça. Ninguem, tão bem como ella, traçava e decotava o chale de tres pon-



347 — Praça de touros em Alges

tas, ou retomava no braço a cauda do capote. As arrecadas ostentosas pendiam-lhe das orelhas, e o cólo vergava-lhe ao peso da gargantilha de oiro, fruto das suas rapinas. Menos por vicio do que para disfarce nos intrincados apuros da sua nem sempre honesta corretagem, a inculcadeira brincava por habito com a caixa do rapé, e sorvia com estudo uma ou duas pitadas, quando a palavra, brigando-lhe com a consciencia, a obrigava a disfarçar pela mimica o que houvesse de menos verdade nas suas asserções.

As benzedeiras eram tambem, por via de regra, mulheres entradas já pela idade, e de vida em tudo pouco conforme aos preceitos da moral christã. Ao contrario de todas as outras sciencias, que se aprendem nos bancos das escolas, queimando as pestanas e manuseando livros e sebentas, a sciencia das mulheres de virtude era hereditaria, resistia a todas as transformações sociaes, e ria com sardonico despreso de todos os progressos da civilisação, como quem encontrasse em si propria a chave de todos os conhecimentos humanos. Havia-as verdadeiramente crentes na estulticia dos processos de que usavam para arrasar a saúde do proximo; mas havia-as principalmente zombeteiras dos crentes na sua pathologia e nos meios therapeuticos que empregavam para debelar enfermidades, taes como as do bucho virado, sol na cabeça, espinhela caída, ar embutido, e outras, que desde Hypocrates andavam fóra de todos os systemas medicos, e desconhecidas de todas as escólas onde se ensinava a arte de curar. O formulario

medico das benzedeiras era quasi tão variado, e tão patusco por vezes, como os formularios da medicina a sério. Do que nelle se contava dão uma boa idéa os dois seguintes remedios para a falta de ar: «1.º Mete-se dentro de uma panela de barro dois gatos pretos recem-nascidos, e que ainda não tenham abertos os olhos. Tapa-se em seguida a panela, unta-se com massa de trigo, e mete-se dentro do forno, até os gatos ficarem completamente torrados. Depois são pisados em almofariz, tomando se duas colheres d'este pó, que deve ser misturado com assucar, uma vez, em jejum, e outra ao recolher! — 2.º Apanha-se um peixinho qualquer, que venha vivo; a pessoa achacada de falta de ar mete na boca a cabeça do peixe, trincando-a, e acto continuo fica respirando á vontade!»

O alecrim, a mangerona, a herva cidreira, eram nas mãos das benzedeiras pau para toda a obra. Os pós de goma e o azeite de oliveira representavam um papel importante nas pharmacopeias da bruxaria alfacinha. Sem autoridade para fazerem cumprir o sacramental «misture e mande» da medicina legal, eram as proprias mulheres de virtude que manipulavam e assimilavam as drogas, dispensando o auxilio da botica que, diga-se em boa consciencia, não poderia fornecer aos seus freguezes bicos de galinholas nem carapinha de preto, remedios eficacissimos para as dôres de ouvidos...

Nos felizes tempos em que o saber a quantos de tal ou tal mez caíam as festas moveis, ou apurar com segurança as fases da lua, era quasi a exclusiva curiosidade de nossos avós, o cégo das folhinhas e almanachs vivia aqui como o peixe na agua, contente e prospero. A folhinha orientava as mulheres no curso natural da maternidade, avisava-as dos dias de jejum, contava-lhes anecdotas, e tinha immensa pilheria. Era nas margens das folhinhas de algibeira que as donas de casa previdentes marcavam com cruzinhas vermelhas os anniversarios das pessoas dos seus conhecimentos; era pela folhinha que os peraltas e as sécias sabiam os dias solemnes das procissões de Cinza, do Triumfo e do Corpo de Deus. Era na folhinha de porta que os negociantes apontavam os dias dos vencimentos das letras que traziam na praça, que os capitães dos navios mercantes consultavam as marés, e os desembargadores da Relação refrescavam a memoria para não faltarem com a sentença condemnatoria aos alcunhados de pedreiros-livres... Com a mão em posição acustica e a voz nasal e rouquenha, o cégo dos reportorios apregoava tambem a historia dos crimes celebres, os desconcertos da naturesa em estiagens e vendavaes, os casos de milagre ou de fabula néscia, as comedias castelhanas e os entremeses, que eram a alma da derrancada litteratura de cordel.

O judeu das tamaras era para Lisboa, não ha muitos annos ainda, o grande judeu, o judeu de rabo, que devia alumiar-se de noite com o candieiro biblico de oito bicos... Embirrava-se de o vêr, comquanto elle nenhum mal fizesse. O que elle queria era que a garotada o deixasse andar por ahi á vontade, como já as leis do paiz lh'o tinham consentido. Sem ser um financeiro por excelencia, como tantos outros da sua raça, esse judeu era eximio em regular a alta e a baixa da tamara, entre as diferentes camadas sociaes, em excursões incessantes, ora por um bairro, ora por outro, elle nas praças, elle nos bêcos, elle na estrada, elle nos arraiaes. De reaes se fazem milhões — era a sua divisa. E nessa esperança ia vivendo, coitado, ganhando com muita lida o seu pão, ganhando-o amargamente com a tamara dôce, por entre as chufas do povoléo e as vaias do rapazío, segurando bem o taboleiro, conchegando ao peito o cabazinho, sempre álerta na vida, sempre calafetando as fendas por onde um real podesse escapar-se-lhe...

O homem da alfeloa e do gergelim era a alegria das creanças, quando atirava aos eccos o grito pregoeiro d'aquellas guloseimas. Todo o segredo da sua prosperidade lhe viera d'ahi. Mal os petizes o ouviam ao longe, logo corriam a pedir ás mães que o chamassem, e caíam-lhe depois sobre o taboleiro, como moscas. A alfeloa era a grande competidora dos produtos de confeitaria, que já então se tornára uma arte, exibida nas

vitrinas tentadoras da Rua dos Capelistas e do Chiado, entre madrigaes de ovos e assucar, orvalhos de grangeia e fantasias de papel recortado.

Quem se não lembra ainda dos rapazitos que por ahi andavam vendendo palitos e rocas, e vassouras de cabo cosido? Vinham das Beiras, vinham de Poiares ou de Mangualde, vinham de algures, como ainda hoje vêm os pardaes, que por cá ficam, como elles ficavam, cortando de giro para a direita, para a esquerda, pelos jardins, pelas ruas, pelas praças... Eram filhos d'aquella mãe que não dá conchego aos pequeninos, que os não lava, nem veste, nem amima, nem olha por elles, nem lhes sorri; eram filhos da fóme. A necessidade inventora e creadora, que não deixa a gente anular-se, dava-lhes a força de ganhar a vida, sem baixezas e sem empenhos, metia-os no segredo de ser independente, de viver com pouco, sem pedir nada a ninguem. Moravam aos sete e aos

348 — Nos touros. Os cavalleiros

nove na mesma casa, por aquella svielas da Calçada de Sant'Anna, Desterro e Fressureiras, e quando vinham para o sol, sacudindo as asas, havia um quê ironico na sua face de resignados, como que uma serenidade despresadora de todas as jactancias alfacinhas...

Companheiro d'esses na desdita dos negocios fracos, havia tambem o pequerrucho dos fosforos, com o seu cesto bem cheio de caixas, mas as caixas mal cheias de fosforos. As caixas muito cheias, dizia elle, são perigosas: vae a gente a abri-las e logo ardem todas! E para comodidade do freguez, aligeirava-as quanto podia, e de cada dusia fasia trese. Ficavam optimas e rendiam lhe mais 10 réis. Se pedisse esmola, rotinho, ninguem lhe daria um real; d'aquella fórma, com ares de independencia, ninguem tinha animo de lhe recusar 10 réis, quer fosse pelos fosforos, quer não. Para elle o fosforo era tudo, e via tudo pelo fosforo. Conhecia, pela escolha que fazia o comprador, de que indole e raça o homem era: os amantes compravam dos amorfos; os medrosos, dos compridinhos para subir a escada; os artistas preferiam os de pau; e os burgueses ainda teimavam com o José Osti...

Pobre Orpheu errante, o homem do realejo desapareceu tambem. Só os pequenos da rua o compreendiam e amavam. Emquanto a maior parte da gente passava, sem lhe querer dar importancia, como se não valera nada tocar semelhante instrumento de simples machinismo, que nem requeria inteligencia nem arte, olhavam no as creanças com veneração, como que protestando contra a indiferença publica. Vinha lá do fundo da sua terra, tocando pelas estradas fóra, todo o caminho, ás vezes jantando a *Norma* e a *Somnambula*, dormindo ao luar, e partindo outra vez de madrugada para o lado de onde lhe parecesse que rompia o dia e continuava o mundo. De vez em quando achava-se a gostar de alguem, e então deixava correr as horas defronte das janelas da formosa, alguma creadita galante, que se recreasse de ouvir musica.

Arrastava todo o dia, das dez horas em diante, ora sobre uma perna, ora sobre outra, a pesada caixa das melodias. Aos dias santos estava elle como queria, e era caso de ganhar o duplo; mas lá vinham depois os dias de chuva, as grandes ventanias que não deixam abrir as janelas .. Corria a cidade e tinha os seus sitios conhecidos, com o

349 — Nos touros. As cortezias

seu publico de garotío afeiçoado. Em elle começando a tocar, e a fazer girar numa contradança os bonecos do realejo, havia um delirio. Era o paladino com seu gorro vermelho e pluma branca, polainas e calção de veludo carmezim; era a santinha da viola, com o seu capotinho de peregrina e chapeu de aba direita; era o preto de cara de polimento, mãos de polimento, sapatos de polimento; era o jockey com o seu chicote no ar; era, finalmente, o guarda-portão com o seu sobretudo azul de galões brancos, fazendo cortezias ao desfilar dos pares!

Desapareceram tambem os cegos musicos, concertistas ambulantes, tocando guitarra ou rebeca, e cantando quasi sempre semsaborias. Alguns eram improvisadores; o pequeno que os acompanhava dizia-lhes o que via, e elles armavam logo quadras de circumstancia a quem estivesse pelas janelas. De ordinario cantavam o fado, mas com pouco sentimento e sem a doçura plangente dos descantes. Em acabando a trova, o mocinho tirava o chapeu, recolhia as esmolas e, acabado o rateio, fugiam, como se tivessem empenho de se tornar desejados. O trajar dos cégos musicos era classico: jaqueta ou gibão de saragoça e a sola de pau dos sócos forrada com solas velhas, cravadas com brochas de asa de môsca, reviradas, a formarem duas hastes longas, que assentavam no chão. Arqueavam-se-lhe as costas e endurecia-se-lhes a pelle dos pés, nas muitas leguas que andavam.

Todas essas pequenas industrias não agremiadas foram desaparecendo pouco a pouco. Coevas d'ellas, raras são já as que ainda restam, e quasi que só por honra da firma teimam em ir vivendo.

O mais resistente de todos, ainda assim, é o gallego.

A monomania da expatriação, tradicional e irresistivel no gallego, tenta-o logo nos verdes annos a abandonar a terra natal, sem mais conchego exterior que a roupa que

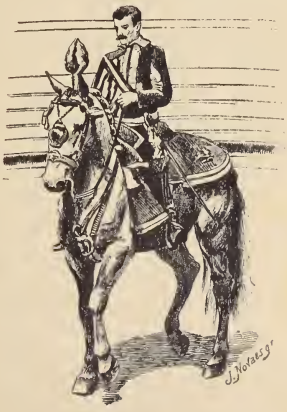
350 — Nos touros. Forcados e capinhas á antiga portugueza

traz envergada no corpo, sem mais peculio que o estritamente necessario para pagar a passagem, sem outro fito que não seja a ganancia, sem outra recordação mais do que a carta d'um primo que deixou no bispado, para outro primo que se regala de apanhar soalheiras na esquina do Chafariz do Rato, ou que, já mais ladino, se emprôa com os freguezes do Chiado, fazendo recados a credito aos janotas em apuros pecuniarios.

O gallego recem-chegado da terra conhece-se pelo cabello, exemplarmente cortado á escovinha, pelo cachaço ainda virgem das calosidades do chinguiço, pelo respeito com que tira o barrete ao oficial da ronda, pelas veneras em latão de alguns santos mais milagrosos da sua provincia e que a camisa entreaberta deixa devassar aos profanos, finalmente pelo modo desgeitoso com que usa do saco a tiracolo á laia de grã-cruz. O gallego novato é, especialmente no carnaval, o desenfado, a alegria dos veteranos seus conterraneos, quando o não é tambem da garotada, que se julga com direito a debicar nesse sisudo e ingenuo ganha-pão, fazendo d'elle um pião das nicas.

O gallego teve sempre em Portugal missões providenciaes. Uma d'ellas, hoje em decadencia, era a de corretor lepido e calado de correspondencias amorosas. O chefe de familia que ajustava um gallego para lhe fazer os recados, tinha tambem a certeza de arranjar para as filhas o mais pontual e geitoso dos Mercurios. Outra das suas missões era a de servir nas antigas claques dos theatros, e largar pombos e atirar versos em papeis de côres ás actrizes, das torrinhas, em noites de beneficio. Outra ainda, era a de atormentar, manhã por manhã, acordando-o a toques reiterados de campainha, o devedor embaraçado de algum crédor freguez d'elle.

Mas, antes de mais nada e acima de tudo, o



351 — Cavalleiro tauromachico

gallego é aguadeiro e faz as mudanças. Dia em que alguma obra na canalisação da agua faça secar os contadores, é um dia de regosijo para elle, com o barril ás costas, do chafariz para a casa d'onde o chamem, e da casa d'onde o chamaram para o chafariz. Lançando aos quatro ventos o seu antigo pregão — *A... ú...!* — a um mesmo tempo se lhe abrem as gúelas e a alma á saudade dos bons dias em que Lisboa nem sequer suspeitava que podesse vir a existir a Companhia das Aguas!

A mudança é, porém, a sua melhor alegria e o seu maior negocio. Ha duas epocas no anno em que o alfacinha desmancha a casa, quasi sempre por uma conveniencia a que não é estranho um certo prazer: nos fins de Junho e nos fins de Dezembro. Mas é um mez antes, de cada vez, nas vesperas dos dias 20 e 25 de Maio e de Novembro, que as vidraças lentamente se cobrem de quadradinhos de papel branco e os jornaes se enchem de annuncios oferecendo casas, provocando-se assim pela cidade, por banda do elemento feminino especialmente, uma crise de besbilhotice, que vem alfim a resolver-se em pormenores comicos, e a pôr ao sol as pequeninas miserias ridiculas da classe média. Ranchos de familias encetam neste dia de faina, logo ao romper da manhã, a sabida peregrinagem á casa com escritos — especie de Senhor da Serra intra barreiras — e vão enchendo as escadas e as ruas do formilhar dos seus gestos, e dos seus vozidos. A pretexto de buscarem morada, eis as mamãs, as filhas, as creadas, invadindo insolentemente a nossa sala, enfiando o nariz pela nossa alcova, fariscando as petisqueiras da nossa cosinha, dando balanço ás nossas provisões, fazendo o diagnostico dos nossos habitos: e tudo isto com uma franqueza, uma ironia, uma insolencia, a que não ha fugir nem replicar, mercê da praxe que exige conduzamos aos desvãos mais intimos da casa, de sorriso na bôca e figa na algibeira, os nossos sucessores, e de caminho lhes patenteêmos as nossas miserias domesticas.

O fim de semestre torna-se então para os gallegos o S. Martinho da classe, acontecendo muitas vezes que a mudança, a pau e corda, dos tarecos de uma familia, chega a custar ainda mais do que esses tarecos valem.

O gallego, o nosso, o que vive na casa de malta, e ouve a missa das almas; que não faz cara a um carrego de dez arrobas, nem se esquece de tirar bilhete de residencia no consulado, é por via de regra um rigido e despretencioso espartano. O caldo negro dos antigos e austeros republicanos, substitue-o elle pela farta palangana de feijão branco com couves; e é na dura enxerga de catre, que elle se habitua, de noite, ás trilhaduras da padiola e aos encontrões da bomba dos incendios. Por uma excepção, digna de notar-se, o gallego embriaga-se pelas festas grandes do anno, e é então comico vê-lo hirto de corpo, e emperrado de lingua, discursar sobre as causas da grandesa e decadencia humanas...

O gallego ainda hoje leva de frente dois opostos misteres — ateia e apaga fogos. Ateia indiretamente os do coração com as epistolas que entrega; apaga com a agua os que lambem e devoram os edificios publicos.

O azeiteiro — no dizer de Pinheiro Chagas — é o typo bondoso, amavel e pacato, que representa entre nós o ultimo aspeto do velho commercio economico, e estranho á fraude. «Não consta que elle falsifique o seu azeite, como tantos outros falsificam tudo o que vendem. Pode o azeite não ser clarificado, podem os processos primitivos da sua fabricação deixar no oleo o ranço da azeitona macerada, ou a côr densa do bagaço, mas nunca houve quem se lembrasse de adulterar o doirado filho da negra azeitona. Não, que elle, leve e fino, denunciaria logo a adjunção de substancias estranhas, negando-se a leva-las comsigo para a superficie da agua. E o azeiteiro, conscio da legitimidade do seu commercio, devendo só á economia honrada o bem-estar da sua existencia e os lucros da sua labutação, vestindo aos domingos um asseado fato burguez, dando sensatos conselhos á visinhança, estimado pelos freguezes, é o ultimo dos homens bons dos ve-

lhos concelhos feudaes, e, se vota nos comicios, o seu voto é puro e sem mistura de corrupção, como o azeite das suas bilhas. O seu modesto e suave pregão — *Azeite dôce!* sem mais reclamo, é o brado singelo da sua consciencia tranquila».

Que a consciencia continue a não perturbar o somno ao azeiteiro de hoje, é muito possivel; mas que o azeite que elle nos vende continue a não ter mistura, como ao tempo em que Alexandre Herculano o fabricava e vendia, é o que nós não afiançamos... Anda já tudo por ahi tão falsificado!

O amolador já não traz o seu rebolo ás costas, como noutros tempos. Achou que era peso de mais e inventou uma engenhóca de rodas, que vae levando adiante de si, no eterno giro em que o encontramos por essas ruas e calçadas, condemnado como Sisipho a conduzir a sua pedra. Mais infeliz ainda que o infeliz da lenda, que só se amolava com o pedregulho, o amolador de Lisboa tem que se amolar com o rebolo e com o trabalho de o fazer rebolar na amoladela das facas e tesoiras.

Esguio, macilento e aguado, o andador das almas, que exerce a beatifica profissão de fazer cruzes ao demo, senegando-lhe as almas dos pecadores, foi nos seus tempos um bom patusco, como nossos avós chamavam, e nós ainda hoje dizemos de quem tem a consciencia larga. Para se enfiar a serio uma capa de andador das almas, e sair descarapuçado á rua, ou quando muito resguardando o toutiço com um lenço de paninho vermelho, encarapitado no alto da cabeça, é preciso ser-se dotado de um bojo que pouca gente possue.

Preso á taberna por inclinação, e á egreja como modo de vida, o homem que á primeira vista parece sacrificar-se pela tranquilidade das almas, salvando-as do purgatorio, é o mais activo espião da visinhança, o melhor chronista de escandalos que possue o bairro. E' elle que dá contas exatas do marido que se deixou esquecer fóra do domicilio conjugal até de madrugada; é elle tambem que descobre as trapaças do caixeiro que fornece gratis da tenda do patrão a costureira da agua-furtada fronteira; é elle ainda que sabe ao certo o numero de bebedos que dormiram na casa da guarda, e o movimento nocturno que houve nos medicos e nas parteiras.

Para entabolar e dar naturalidade ao dialogo com as pessoas que mal conhece de vista, o andador das almas, toma como o camaleão, todas as côres, identifica-se sem constrangimento com todos os vicios. E' a diplomacia rebaixando-se para se erguer em seguida mais senhora de seu assumpto, mais forte com o conhecimento das paixões alheias. O andador das almas é geralmente um arrematante da bemaventurança eterna. Por uma certa quantia fixa, e de ante-mão convencionada, saca das labaredas as almas em pena, e mete no bolso o excedente de tão piedosa profissão! Elle arremata os pecados do proximo, como outros arrematavam d'antes o real d'agua ou o contrato do tabaco. Além das esportulas quotidianas recebe tambem emolumentos. E' elle que informa a beata do estado de saude do prégador da sua inclinação; é elle que por empenho faz na quaresma chegar mais depressa a penitente aos pés do confessor; é elle ainda que escolhe os anjinhos que hão-de figurar na procissão dos Ramos; é elle finalmente que avisa o negociante de enterros de que está a expirar um conselheiro ou um capitalista, aviso que alegra o olho do lugubre e ultimo ganha-pão com quem nós ajustamos contas cá neste mundo. A beata paga a informação; a penitente a presteza com que se aligeirou da carga dos seus pecados; o pae do anjinho a gloriola de vêr o filho com azas; o traficante de enterros o proveito que tira de mandar um conselheiro de berlinda até ao Alto de S. João.

As horas que lhe sobram do serviço da egreja, depois de recolhidas as esmolas e haver ajudado o sacristão a desempoeirar o cartorio do prior, emprega-as o andador das almas em curiosidades, como elle chama aos rudimentos dos diversos oficios que encetou sem proveito, quando foi rapaz. Uma das suas industrias é fazer gaiolas de

cana para melros; a outra, é ser escolhido para juiz e arbitro das pendencias levantatadas nas hortas ao jogo do chinquilho, quando os animos esquentados mais se exaltam.

A especialidade ferro-velho, uma das mais sordidas manifestações do espirito ganancioso do bicho homem, teve sempre muita saída e aceitação na antiga Lisboa. O ferro-velho é a personificação do que ha mais rasteiro no commercio pequeno. Alma arteira, vive numa esfera em que todo o lucro se lhe figura grande. Trabalha num agio sordido, permutando as ultimas especies industriaes por seistis que ainda assim lhe dão juro. O ferro-velho é o rato commercial; vive nos forros da opulencia. Só conhece a sociedade pelo avêsso, o fruto pelo caroço, a cidade pelo rebutalho, o luxo pela miseria. Para o observador ocioso é o ferro-velho um typo; para o filantropo, um desgraçado; para o artista, um assumpto; para o amador de velharias, uma ruina; para o pensador, uma lição. Elle lá vae andando, pobre mas opulento, desprezado mas sereno; elle lá vae caminhando entre o esplendor dos altos commercios, ganhando poucos reaes, mas dispendendo pouquissimos, e mesclando, no meio da orchestra harmoniosa das in-

352 — Nos touros. Uma péga pelos forcados

dustrias modernas, o seu prolongado e melancolico acompanhamento de rabecão fanhoso: — *Ferro-velho!*... — Elle compra e vende tudo: livros, quadros, botas, fato, bengalas, grelhas, candieiros, chapéos de chuva, gaiolas, e a misera espada comica do Porceaugnac... Tudo — menos casacas.

— «Casaquinhas, não, menino! diz elle. Isso procura se uma vez na vida... Creado que sirva á mesa, se caísse na pêta de dar dinheiro por essa especie de vestuario com abas que não vêm á frente, dispensava os patrões de lhe darem casúla a môfo... Os gatos-pingados, não ha exemplo de comprarem d'isso: nascem já de casaca. Tirar-lhe as abas com o fim de a armar em jaqueta, pagando a quem as descosa para as deitar fóra, quem cae nessa?...»

Coêvo dos ferros-velhos e dos cães vadios a que a Providencia confiou por muitos annos em exclusivo privilegio a missão hygienica de devorar, com uma ou outra barriga de perna ao viandante, as imundicies esparsas nas estreitas e empinadas ruas da Mouraria e de Alfama, o trapeiro de Lisboa encarrega-se de levantar e recolher da via publica o que nella sobeja da voracidade dos rafeiros. Por um complicado desenvolvimento de transações subsequentes, exerce elle a sua industria separando, classificando e vendendo em cada manhã a colheita de cada noite. Nessa coleção entra tudo ou quasi tudo o que a vida de uma cidade segrega pelo monturo como documento da sua historia intima: os ossos descarnados, as flôres murchas, as porcelanas quebradas e os vidros partidos dos seus banquetes; as botas arrombadas, os chinelos moídos e os far-

rapos despegados da sua indigencia; a renda desfeita, a joia desengastada, o dinheiro perdido dos seus ébrios, dos seus batoteiros e das suas cortezãs; as lentejoilas caídas do ouropel dos seus histriões e dos seus saltimbancos; os manuscritos inutilisados dos seus lettrados e dos seus poetas; os fragmentos das suas cartas de empenho, de negocio e d'amor; mil restos, finalmente, anonymos, truncados, confundidos, de obscuras tragedias, de ignorados martyrios, de acerbas lutas, de ardentes paixões, de inveterados vicios, de lindos madrigaes ou de inocentes idilios.

Como typo popular, o trapeiro foi, em tempo que não vae longe, caracteristico entre os mais caracteristicos. Na incerteza de encontrar sempre pelas ruas da capital alimento ao seu principal negocio, o trapeiro acumulava com elle a magra industria da venda de mechas a retalho. Veio o fosforo, e matou ainda este inocente e pouco lucrativo commercio. Quando a industria do trapeiro prosperava, e as imundicies fertilisadoras da capital não achavam ainda quem as arrematasse em publico leilão, o trapeiro era tambem negociante. O trapeiro fez-se arrematante do espolio dos finados do Hospital! Era

313 — Nos touros. Uma péga pelos campinos

a miseria traficando com a tunica de Job! Ao fundo, como scenario d'este grande drama de abandono, surgia a Feira da Ladra, o sorvedouro insaciavel de todas as reliquias, a exposição cosmopolita de todos os infortunios...

A historia da Feira Ladra, cheia de grandes lacunas, só em parte se póde reconstruir folheando alguns remotos codices poeirentos. Todavia, vale a pena tentar esse trabalho, tal é o cunho de originalidade d'essa feira.

Exumando o passado, o nosso espirito, enriquecendo-se de preciosas noções, suavemente se impregna do perfume da saudade. Sabe bem investigar, porque os alfarrabios bolorentos têm tambem a sua poesia.

Aquelle Rei D. Affonso III, que tanto procurou desenvolver as feiras, instituindo-as e regularisando as, não se esqueceu de legislar sobre a Feira da Ladra consentindo que ella se realisasse nas suas casas, isto é, nos Paços de S. Bartholomeu, ao que parece. Mas a Camara de Lisboa, talvez chocada por esse espetaculo de miseria, ante o palacio de um rei, insurgiu-se contra tal disposição e sobre ella reclamou. Por carta de lei de 7 de Março de 1311, se resolveu que a feira se fizesse onde o Municipio entendesse.

Ora em 1311 reinava D. Diniz, e a carta representa, visto isso, a vontade d'aquelle soberano, dando nos ao mesmo tempo uma curiosa informação sobre a historia da feira. D. Diniz ordenou que ella se realisasse «em cada uma semana por um dia, como era costume em tempos de seu Pae e seu Avô.» Assim a Feira da Ladra parece já existir, pelo menos, desde tempo de D. Sancho II, avô de D. Diniz, sendo então egualmente semanal o mercado.

Qual seria o local escolhido pela Camara para a realisação da feira? Seria o que mais tarde, em 1551, ella ocupava? Nesse caso, a feira teria sido mudada para o Rocio, fazendo-se sob as arcadas do Hospital de Todos os Santos e dos dormitorios do Convento de S. Domingos, onde já a vimos no capitulo em que falámos da Lisboa antes do terremoto. Vendedores de calçado usado, ferros-velhos, adelas, trapeiras, todos esses monopolistas d'antigualhas, reunidos ás terças feiras no Rocio da cidade, eram os remotos ascendentes d'aquelles que depois vieram a estabelecer-se em Santa Clara e em S. Bento.

Num documento de 1610, topamos com uma nova referencia ao mercado semanal do Rocio, referencia exarada no *Livro de Posturas da Camara*, relativo ao mesmo anno, e onde claramente se fala da Feira da Ladra

Frei Antonio do Rosario, religioso capucho da provincia de Santo Antonio do Brazil, n'um livro publicado em 1688—*Feira Mystica de Lisboa,* e em que o autor escolhe para termo de comparação em palestras moraes a Feira da Ladra, ha esta referencia ao mercado do Rocio: «A feira de Lisboa não se faz muito longe da capela da Senhora do Rosario, a cujo titulo se dedica a travessa; defronte do insigne templo de Nosso Padre São Domingos, aonde se venera com geral e especial devoção a celeberrima imagem da Virgem do Rosario, se faz todas as terças feiras a feira de Lisboa.» Em outras passagens, o mesmo autor traz ainda mais claras citações da feira, indicando-lhe o verdadeiro nome de Feira da Ladra.

Mas mudaram os tempos e, com elles, a feira, que passou a ser feita nas visinhanças do Passeio Publico, onde se conservou até Março de 1823. E' na *Collecção de providencias da Camara de Lisboa,* elaborada por Francisco Xavier da Rosa e João Carlos de Sequeira, que podemos colher dados sobre qual a sorte da feira em mais recentes epocas. Por essa coleção sabemos que, segundo um edital de 18 de Março de 1823, ella foi transferida para o Campo de Sant'Anna.

E' curioso saber-se que o mercado nas visinhanças do Passeio se estendia desde o palacio dos Duques do Cadaval, na Rua do Principe, até ao Largo das Hervas (hoje Alegria) e toda a Praça da Alegria, ocupando os locaes intermedios, isto é o Largo do Passeio Publico e a rua occidental.

Mas, ainda d'essa vez, a Feira da Ladra não creou raizes no Campo de Sant'Anna. Assim, por edital de 10 de Julho do mesmo anno de 1823, voltava para o Passeio e Alegria, «comtanto que principiasse na Calçada da Gloria». Ahi se conservou até 1835, anno em que, por edital de 27 de Abril, novamente passou para o Campo de Sant'Anna.

Não era esse, porém, o termo das suas peregrinações. A' Camara antolhava-se talvez que, em nome do progresso crescente da cidade, haveria urgencia em mudar a feira para locaes mais afastados. O certo é que, tendo de sair de Sant'Anna, o mercado se desdobrou, indo parte para o Campo de Santa Clara e parte para S. Bento. Por esses dois locaes se tem conservado até hoje. Todavia, o mercado de Santa Clara é que continúa a manter as tradições historicas não só pela propria indole do seu negocio, como tambem pelo facto de ser semanal, realizando-se todas as terças feiras, como nos bons tempos do rendeiro de D. João III.

Em S. Bento, de começo, a tradição ainda procurou manter-se, se bem que já adulterada, por isso que a feira, ainda semanal, se efectuava de sabbado a sabbado. Mas depois, por vontade e mutua combinação dos feirantes, passou a ser permanente. Foram-se levantando coberturas, fechou-se o recinto do mercado, fizeram se largos portões gradeados, e, a pouco e pouco, todo esse mundo de coisas velhas, despojos da pobresa e penhores de amarguras, tanta vez vendidos para matar a fome, se foram isolando, fugindo perante as susceptibilidades da civilisação e do luxo, como o ultimo reduto do passado e da tradição.

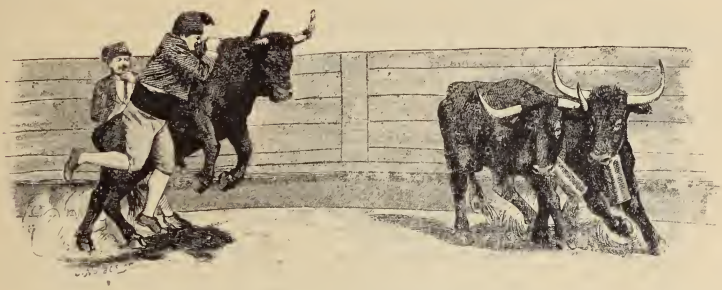
Não assim em Santa Clara, onde a Feira da Ladra se foi acolher á sombra do

templo de S. Vicente, mais antigo ainda do que ella, e como ella historico. E, desde então, todas as terças feiras, o sol ilumina aquelle estendal de objetos grotescos e avelhantados, que ali vêm mostrar-se, em pleno ar, sacudindo de si o bafio, lenta decomposição de tudo o que não sente...

No *Portugal antigo e moderno*, Pinho Leal diz: «*Lada*, no antigo portuguez, significa margem de um rio ou de uma estrada. Estou convencido de que vem a ser o mesmo que *lado*. A Feira da Ladra é antiquissima e parece que já existia antes de 1147 e se fazia ás Portas do Mar, ou Ribeira Velha, sobre a margem direita do Tejo, de cujo sitio lhe proveio incontestavelmente o nome, que depois se corrompeu em *ladra*.»

Ora esta asserção de Pinho Leal parece ser inexacta, e mais tarde alguns investigadores a refutaram com bons argumentos.

Viterbo, no *Elucidario*, diz-nos que *lada* significava, na infima latinidade, estrada ou caminho largo. Mas, num documento pertencente ao Mordomado-mór da Terra de Gaia lê-se o seguinte: «It ha d'aver o costume de quantos navios entrarem pela foz do Doiro, e por antre amballas ladas...» Comentando esta passagem, nota Viterbo:



354 — Nos touros. Uma péga de cernelha

...«aqui não se póde dizer que ladas são estradas de terra mas sim caminhos de agua, por onde os navios, ou quaesquer outras embarcações (que então indiferentemente se chamavam *navios*) podiam navegar.» D'aqui se conclue que *lada* não é margem do rio mas sim o proprio rio.

Moraes, no seu *Diccionario*, reportando-se aliás a Viterbo, diz serem *ladas* correntes de rios, que desembocam aos lados da foz principal.

Sendo assim, podendo *ladra* representar, para o caso, uma corrupção de *lada*, temos de admitir que Feira da Ladra quereria dizer «feira do rio». O facto seria verosimil, se acaso Pinho Leal tivesse demonstrado, com documentos irrefutaveis, que a feira das Portas do Mar existira e que era, na especie, a legitima ascendente da Feira da Ladra.

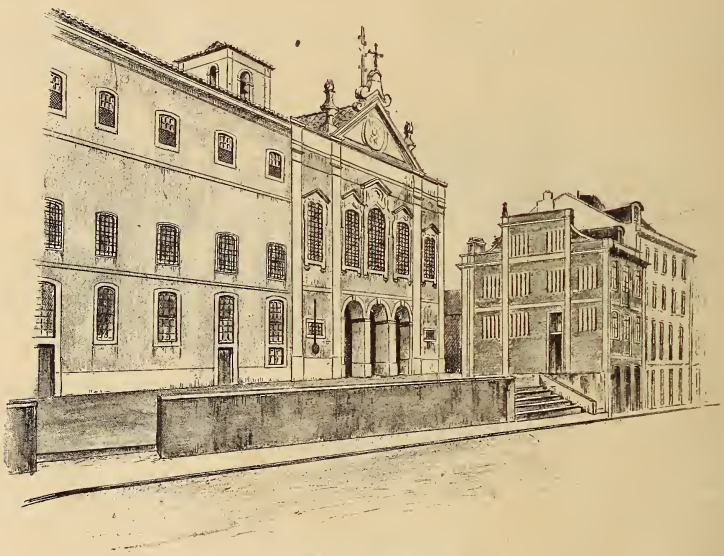
Outras versões, posto que se não baseiem tambem em documentos historicos e apenas representem meras hypotheses, têm todavia caracter mais racional. Para alguns é convicção que o epiteto de *Ladra* neste caso representa uma alcunha popular, encobrindo qualquer ironica referencia a alguma das personalidades da Feira. Querem outros que, pelo facto de na feira aparecerem objetos descaminhados a seus proprios donos, o vulgo, conhecedor do facto, a apodasse de *ladra*.

Francisco Palha aventou uma explicação que parece muito plausivel: *Ladra*, nesta circumstancia, teria uma acepção vil, reles, como em *piolho ladro*, isto por se venderem naquella feira coisas insignificantes e gastas. A explicação é concorde com o vocabulario popular.

O Visconde de Santa Monica, Henrique O'Neill, numa nota ao seu poemeto *Feira da Ladra,* diz: «Estou persuadido de que a palavra *Ladra* não é aqui o feminino de ladrão, mas sim de *Lazaro,* ou *Ladro,* isto é lazarento, miseravel. Houve antigamente em Paris uma celebre Feira de Saint Ladre, em vez de Saint Lazare, e davam os franceses o nome de *ladreries* aos hospitaes de leprosos. Nós ainda a estes chamamos lazaros, e á pobresa acompanhada de miseria e de imundicie *lazeira,* termo que tambem já significou *lepra.*»

O autor da *Lisboa antiga* não concorda com esta idéa; mas o Snr. Alberto Pimentel adopta-a e defende-a como muito verosimil.

Do que não resta duvida é que os mercados de Santa Clara e de S. Bento são duas das mais interessantes e typicas particularidades da Lisboa popular e pitoresca.



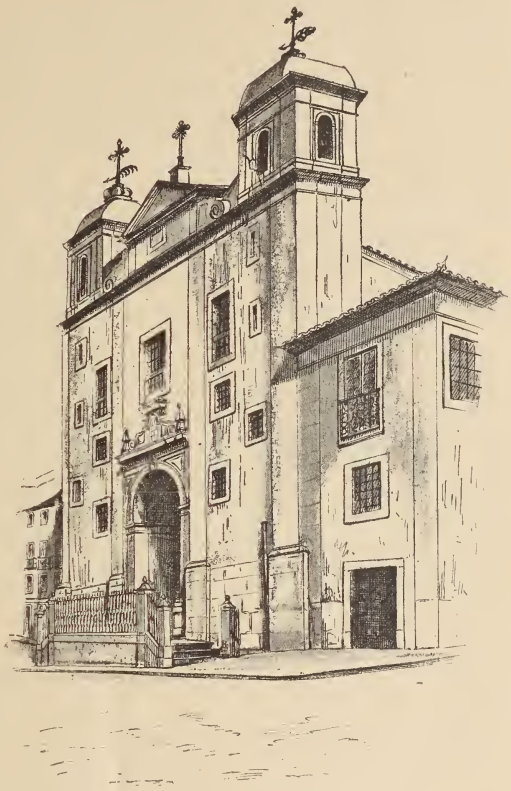
355 — Egreja do Beato Antonio

Em Santa Clara, todas as terças-feiras, assistimos a esse original desenrolar das velharias da cidade. Logo de manhã cedo, pelos dois passeios, desde o Arco de S. Vicente até quasi em frente do Hospital da Marinha, vêm acampar os feirantes. Ha de tudo, nessa curiosa Capharnaum. A vestiaria é completa. Calças, casacos, sobrecasacas, *varinos* e casacões; vestidos de todos os feitios e de todas as modas, desde a saia de chita da mulher do operario até ao guarda-roupa completo de qualquer mundana falida. Cadeiras e mesas desmanteladas; velhas poltronas de estofo desbotado; armarios e comodas carcomidas; leitos e barras, onde agonisaram enfermos ou sorriram creanças. Até retratos! lá vão parar abandonados. A litteratura de cordel tambem lá tem a sua representação em almanachs e folhinhas, coplas de fados que se gemem pelos bairros esconsos, e historias da Carochinha... E ali subsistem ainda, da antiga feira, os sapateiros e os ferros-velhos de que nos fala a *Estatistica manuscripta:* os primeiros com suas coleções de botas e sapatos crivados de tombas ou esfrangalha-

dos; os segundos, com os seus montões de ferramentas, chaves, cadeados e fechaduras, utensilios de toda a naturesa, picados de ferrugem e gastos pelo uso. E, por vezes, entre esse montão de coisas arruinadas, um ou outro objeto que a arte e o bom gosto dos entendedores vão apadrinhando e colocando nos museus e nas coleções do passado...

Nas tradições e nos progressos da primeira cidade d'este reino, tem tido sempre o Municipio um principal papel.

A origem da Camara de Lisboa remonta quasi á constituição politica de Portugal como paiz independente. E' o que se deduz do Foral de Lisboa, dado em Maio de 1217 da era de Cesar (anno de 1179) pelo Rei D. Affonso I, que se dirige ao Concelho pela expressão «Homens bons», e da carta de El-Rei D. Sancho I, datada de Guimarães no mez de Agosto da era de 1242 (anno de 1204).



356— Egreja de S. Christovam

A corporação municipal compunha-se de um certo numero de alvazis, que não é possivel determinar, do Procurador do Concelho, e ainda de outros magistrados de ordem secundaria. Estava encarregada, sob a imediata jurisdição do Alcaide-mór, de todos os negocios administrativos e judiciaes do Concelho; mas nos assumtos mais importantes do Governo reunia-se «em rellaçõm» com as pessoas notaveis e abastadas da cidade, que eram os chamados homens bons, formando uma corporação importantissima e influente, o que derivava talvez do principio de ser sempre consultada, quando se tratava de assumtos que interessavam ao bem commum do Concelho. Para ser considerado homem bom, além de outros requisitos, era necessario possuir uma certa quantidade de bens.

As funções dos alvazis, assim como as dos mais oficiaes do Concelho, duravam um anno e eram gratuitas e obrigatorias.

Com a sucessão dos tempos as atribuições propriamente municipaes, que exerciam os alvazis, passaram para uma outra ordem de magistrados, a que se deu o nome de vereadores. Não podemos comtudo conhecer, ao certo, quaes os factos que deter-

minaram esta nova magistratura, a qual no reinado de D. Affonso IV já fazia parte integrante da Camara de Lisboa. Só no tempo de El-Rei D. Fernando é que, pela primeira vez, aparecem os chamados vereadores, em numero de trez, funcionando simplesmente com o Procurador do Concelho, comquanto ainda dependentes do Corregedor da Cidade, que era o delegado do poder supremo

Os alvazis exerciam então atribuições exclusivamente judiciaes, com o titulo de juizes, e despachavam com os vereadores. E' o que se colige dos documentos antigos existentes nos archivos da Camara de Lisboa.

A casa onde reuniam os magistrados encarregados do governo da cidade, para deliberar, chamava-se primitivamente Paço do Concelho. Não se precisa bem a época em que se começou a dar a denominação de Tribunal do Senado á Camara de Lisboa. Parece que foi no tempo dos Filipes, como consequencia imediata do alvará de 2 de Maio de 1609, que concedeu ao Presidente da Camara, emquanto o fosse, os mesmos privilegios e regalias que tinham os presidentes dos Concelhos, regedores da Casa da Suplicação e Tribunaes da Côrte.

O corpo municipal era eletivo, e escolhido d'entre todos os homens bons do Concelho; mas quanto á fórma da eleição, nada se encontra de positivo anteriormente á carta regia de 13 de Junho da era de 1429 (anno de 1391).

A entrada dos quatro procuradores dos mesteres na Camara de Lisboa é anterior ao tempo de El-Rei D. João I. Estes procuradores eram de creação antiquissima, e a sua denominação provinha de serem elles os delegados dos deputados da Casa dos Vinte e Quatro, ou Casa dos Vinte e Quatro do povo; o seu juiz era chamado Juiz da Casa dos Vinte e Quatro ou Juiz do Povo, titulo este que depois se firmou pelo uso. Os oficios eram ali distribuidos em doze gremios ou bandeiras que representavam o terceiro estado da Monarchia.

A eleição da Casa dos Vinte e Quatro tinha logar todos os annos em dia de S. Thomé, e era privativa das bandeiras dos oficios mecanicos. Cada uma elegia dois homens bons, e esta eleição só podia recaír nos que tivessem mais de quarenta annos, não se considerando eleitos os que não reunissem pelo menos duas terças partes dos votos. Era tambem condição obrigatoria, mas nem sempre observada, para a «intrancia» na Casa dos Vinte e Quatro, o ser casado e ter já exercido todos os cargos na sua respetiva bandeira.

Estes vinte e quatro homens elegiam d'entre si os quatro mesteres, o Juiz do Povo e o seu escrivão. Os restantes desempenhavam diferentes funções municipaes, algumas lucrativas e importantes. Nenhum podia ser reeleito sem passarem quatro annos depois de findar o seu exercicio.

O Juiz do Povo era o chefe do terceiro estado, e o seu natural representante; uma das suas obrigações consistia em levar á presença do Rei e da Camara quaesquer petições que o povo lhe fizesse e a Casa dos Vinte e Quatro perfilhasse.

Foi D. João I que instituiu, ou antes reformou a Casa dos Vinte e Quatro, em recompensa dos assignalados serviços que as classes mecanicas lhe prestaram na sua elevação ao throno. Esta corporação ficou depois sob a imediata jurisdição e dependencia da Camara, assim como as bandeiras dos oficios. Foi extinta em 1834.

Desde então os mesteres ou procuradores da Casa dos Vinte e Quatro ficaram tendo assento na Camara, definitivamente, da mesma fórma que o Procurador da Cidade, mas em logar inferior; e só votavam nos assumtos que diziam respeito ás corporações dos oficios mecanicos e ao governo economico da cidade. Nos outros negocios, que dependiam de conhecimentos especiaes de direito, não votavam. Este principio, em geral, nunca foi consignado na legislação do Municipio d'um modo claro e positivo; mas a pratica constante o fazia considerar como lei.

Era da competencia dos mesteres, como delegados da Casa dos Vinte e Quatro, «lembrarem e requererem em camara as cousas do bem publico da cidade e do povo d'ella» e eram nulas todas as resoluções não estando elles presentes, salvo quando faltavam sem causa justificada.

Entre muitas outras, gosavam da prerogativa de não poderem ser condemnados a pena vil; e nos actos publicos e oficiaes empunhavam, como insignia do cargo, uma vara vermelha, encimada pelas armas da Camara.

Os procuradores dos mesteres eram obrigados a comparecer na Camara todos os dias, sob pena de serem suspensos do exercicio de suas funções. Neste caso os vereadores eram os juizes, e das suas sentenças não havia apelação, nem agravo.

Em tempos muito remotos, a divisa da Cidade consistia num navio, e symbolisava, segundo a tradição, o baixel que transportou Ulysses a Lisboa; depois foi a zabra ou

357 — Feira da Ladra. Ferros velhos

galeão, que trouxe os ossos de S. Vicente e os dois corvos que os acompanharam. Mais tarde esse distintivo honorifico era simplesmente um galeão, com um corvo á prôa e outro á pôpa. Os desenhos d'esta divisa variaram sempre, e muito, segundo a fantasia do desenhador; nalguns até se vê sobre a coberta, ao centro do galeão, uma imagem com resplendor representando o corpo do martyr. As divergencias d'esse desenho consistem na colocação dos dois corvos, e na forma do navio, que varia entre o galeão dos antigos tempos e a nau moderna, de panos enfunados.

Nos edificios municipaes, no estandarte da Camara, nos selos das repartições, e até em documentos da mesma repartição, por muito tempo não houve uniformidade, e sómente capricho, na maneira por que se representava o brazão d'armas. Em 31 de Março de 1897 foi ratificado e autenticado pela Repartição da Armaria o brazão d'armas da Cidade de Lisboa, segundo a tradição e as regras heraldicas, dando-se-lhe fórma regular e permanente. O diploma, que legitimou a posse e a origem historica d'esse brazão, é o seguinte: «D. Carlos, por Graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Faço saber aos que esta Minha Carta de Brazão d'Armas de Nobreza e Fidalguia virem, que por parte da Camara Municipal de Lisboa Me foi apresentado um alvará passado em

Meu Real Nome, o qual é do teor seguinte: Eu, El-Rei, Faço saber aos que este Meu Alvará virem, que, atendendo ao que Me representou a Camara Municipal de Lisboa, pedindo que seja ratificado e authenticado pela Repartição da Armaria o Escudo d'Armas de que usa este Municipio desde remotas eras, para provar a legitimidade da posse e a origem historica do Brazão, do qual a mesma Camara não possue titulo legal e authentico; Considerando que o Brazão da Cidade de Lisboa do qual usa, segundo a tradição, desde o reinado de D. Pedro I, composto de um galeão e dois corvos, tem por fim symbolisar o navio que no tempo de D. Affonso Henriques transportou á dita Cidade de Lisboa os ossos do Martyr S. Vicente, encontrádos no Cabo d'este nome, no Algarve; Considerando que os Escudos d'Armas devem ser padrões inalteraveis para representarem constantemente os individuos e as corporações a que pertencem; Tomando em con-

358 — Feira da Ladra. Refrescos e bolos

sideração as razões allegadas; E Querendo Dar á mesma Camara um testemunho da Minha Real Munificencia: Hei por bem ratificar e confirmar a legitimidade da posse e a origem historica do Brazão de que usa a Camara Municipal de Lisboa, cujo Brazão será composto da fórma seguinte: Um Escudo em campo de prata, tendo ao centro um Galeão de côr esverdeada, sobre as ondas, com dois córvos de sua côr, um á proa, outro á pôpa, e as vergas em funeral. Sobre o Escudo a Corôa Mural de ouro. Em volta dois ramos de carvalho de sua côr, e ligada com elles uma fita vermelha, tendo por legenda, em lettras de ouro, as palavras de D. João I, quando se referia á Camara Municipal de Lisboa, manifestando o seu reconhecimento pelos relevantes serviços prestados ao Reino por este Municipio: «Mui Nobre Leal Cidade de Lisboa.» O qual Escudo d'Armas será invariavelmente o symbolo heraldico do primeiro Municipio do Reino, e assim reproduzido fielmente em todos os seus pertences. Pelo que Mando ao Rei d'Armas Portugal, que, sendo-lhe este Alvará apresentado, faça debuxar e iluminar as ditas Armas no livro do Thesouro da Nobreza de Portugal, e trasladal-o no livro competente, para em todo

o tempo se conhecer a authenticidade das referidas Armas, das quaes o mesmo Rei d'Armas Portugal fará expedir á dita Camara Municipal de Lisboa a respectiva Carta de Brazão, na fórma do estylo. Em firmeza do que lhe Mandei passar o presente Alvará, por Mim assignado, e selado com o selo das Armas Reaes, o qual se cumprirá como nelle se contem, sendo registado nas Repartições competentes. Paço 31 de Março de 1897. — El-Rei — Conde Mordomo-Mór».

As côres da Cidade de Lisboa eram — preta e branca. Nas grandes solemnidades oficiaes, os vereadores apresentavam-se sempre com vestuarios em cuja composição só entravam tecidos d'aquellas côres. Em 1619, era por todos os vereadores assentado em mesa que o seu trajo fosse: «guarnaches de setim negro emprosado e picadas, forra-

359 — Feira da Ladra. Roupas velhas

das em téla de prata; calças de obra, forradas da mesma téla; roupetas de setim empressado, e guarnecidas com a guarnição das calças; gibões da mesma téla, sapatos e gorra de veludo de pêlo.»

Quando a gente de guerra da Cidade de Lisboa saía para algum feito d'armas, em defeza sua, da patria ou do Rei, eram obrigados a incorporar se na expedição os cavaleiros, peões e bésteiros das villas, aldeias e outros logares da jurisdição da mesma cidade, que fôssem exigidos, e tinham por dever defender-lhe e guardar-lhe o pendão ou bandeira, de preferencia á da villa, aldeia ou logar a que pertenciam, conforme consta das cartas de diversas doações, taes como das villas de Collares, Mafra, Ericeira, Torres Vedras e Alemquer.

Desde o meiado do seculo XVII até 1833, o estandarte da Camara de Lisboa era todo carmezim com as armas reaes da Cidade. Diz-se que a junção das duas armas datava do reinado de D. João I, como remuneração dos serviços relevantes que a gente de Lisboa prestara na tomada de Ceuta.

Em epoca muito anterior o estandarte era branco e carmezim, e tinha a divisa da Cidade, como se vê do alvará de 3 d'Agosto de 1508, no qual D. Manuel determinava á Camara que mandasse fazer, para quando tivesse de comparecer nas solemnidades publicas — «seis bandeiras quadradas, de seeda branca e cremezim.» Foi depois todo branco com as armas reaes de um lado e as da Cidade de outro, segundo refere D. Manuel de Menezes na *Chronica d'El-Rei D. Sebastião*, quando descreve o cerimonial da aclamação d'aquelle Rei.

Nas aclamações dos reis, costumava-se hastear a bandeira da Cidade no Castello, segundo se depreende dos autos de aclamação de D. João II e de D. Manuel.

Nos actos solemnes e oficiaes era sempre um dos juizes da Cidade quem levava a bandeira. Posteriormente passou a servir de porta estandarte o Homem das Obras, encarregado de levar o estandarte nas procissões em que ia o Senado.

Até 1833, como dissemos, a bandeira da Cidade era toda carmezim; mas neste anno a Comissão municipal, por ocasião da chegada da Senhora D. Maria II a Lisboa, mandou fazer outro estandarte com as côres nacionaes — azul e branco.

Em 1854 deliberou a Camara que o seu estandarte fôsse levado por um dos vereadores e em ultimo caso pelo Guarda-mór, quando o numero de vereadores não chegasse para as varas do palio, porque não era proprio continuar-se na pratica de ser o estandarte da Cidade conduzido por um continuo, quando a Vereação se apresentava em actos solemnes.

A respeito da séde das vereações de Lisboa desde os primeiros tempos da Monarchia, é tudo conjetural. Em 1434, os vereadores reuniam se nos Paços de S. Martinho. Em 1580 funcionava a Camara na Egreja dos Santos Reis Magos, situada no termo de Lisboa; e em 1584 achava-se já na casa contigua á Egreja de Santo Antonio da Sé, onde se conservou até 1717. Nesta data, D. João V ordenou que houvesse dois Senados em Lisboa, pois que a cidade se dividia em duas dioceses distintas, correspondendo uma á Lisboa ocidental, outra á Lisboa oriental. O Senado oriental ficou funcionando na casa do antigo Senado, o Senado ocidental foi para um edificio do Rocio, visinho da Inquisição, e que o terremoto grande destruiu. Em 1741 tornaram os dois Senados a reunir-se em um só. O archivo municipal ficou em Santo Antonio até 1753.

Com o renascimento da capital pensou-se em edificar novo palacio para o Senado, e escolheu-se o sitio que vinha a cair sobre o novo Largo do Pelourinho e seguia até ao Terreiro do Paço e Rua do Oiro. A construção durou quatro annos, tendo começado em 1770, e custado 120 contos. Em 2 de Janeiro de 1774 entrava o Senado no seu novo domicilio, assistindo á inauguração das salas o proprio Marquez de Pombal, cardeaes, ministros e secretarios de Estado, e a principal nobreza. Ahi se deu lauta ceia de 100 talheres, ordenada pelo Presidente da Vereação, que era o Conde de Oeiras.

Nesse palacio habitaram provisoriamente a Rainha D. Maria I, El-Rei D. Pedro III, o Principe D. João e a Princeza D. Carlota Joaquina, em seguida ao incendio que destruiu o primeiro Paço da Ajuda, em 1795. Ali estiveram até 1807. Com a sua saida, ficaria a Vereação muito á larga no grande edificio, se elle não fosse logo invadido, como foi, pelas repartições do Erario Régio.

Do incendio que em 1863 devorou o Palacio do Municipio já nós démos noticia. Falemos agora da actual séde da Camara Municipal.

Depois d'aquelle incendio, e emquanto se não edificaram as actuaes repartições da Camara, funcionou ella primeiramente numa das repartições do Governo Civil, mas por pouco tempo, e foi depois para o antigo edificio das Sete Casas do Ver-o-Peso. Entretanto, era encarregado o engenheiro francez Pezerat de elaborar o projeto para os novos Paços do Concelho; mas Pezerat, que estivera ao serviço do Municipio por muitos annos, e escrevera a preciosa *Mémoire sur les études d'améliorations et embellissements*

de Lisbonne, faleceu pouco tempo depois de concluir esse trabalho, e foi o architeto Domingos Parente da Silva quem elaborou novo projeto e dirigiu a execução da obra.

Se a Praça do Pelourinho não é a principal e mais espaçosa da cidade, é em compensação das mais centraes e tem uma proporção regular para a grandesa do edificio municipal. De fórma quadrilonga, mede de comprimento de oeste a leste 78 metros, e a sua maior largura é de 71 metros, o que prefaz uma área de 5.538 metros superficiaes em frente do palacio. Os Paços do Concelho não têm largas e opulentas proporções, mas a sua decoração não prejudica de maneira alguma a uniformidade da decoração da cidade baixa, nem destôa no confronto com a Egreja de S. Julião pelo lado da Rua Nova d'El-Rei, pelo lado da Praça do Pelourinho com as propriedades decoradas no estylo da reconstrução pombalina, pelo lado da Rua do Arsenal com o edificio

360 — Feira da Ladra. Limonadas e pirolitos

do Arsenal da Marinha e parte do Ministerio das Obras Publicas, e pela passagem de leste com o edificio do Ministerio do Reino.

A parte ornamental do frontão é devida ao notavel escultor francez Anatole Calmels, membro da Academia de Bellas Artes de Paris, que desde 1858 vive em Portugal.

O grupo central, que é o que mais atrae a atenção do espetador, já pela posição que ocupa no tympano, já porque as figuras que o constituem são mais elevadas e salientes que as dos grupos lateraes, compreende o escudo das armas da Cidade de Lisboa, encimado pela corôa mural e sustentado por duas estatuas, representando o Amor da Patria e a Liberdade. Este grupo, bastante destacado do resto da composição, levanta-se sobre um degrau que pousa diretamente na cornija do entablamento. O Amor da Patria, colocado á direita do escudo das armas, é personificado em um mancebo, coroado de loiro, que na dextra segura a haste da bandeira nacional cujas prégas o envolvem, e com um dos pés calca o escudo dos moiros e a espada romana. Junto a esta estatua acha-se o Altar da Patria, no qual se lêem as seguintes palavras: Deus. Patria. Honor. Abnegatio. Sciencia. A Liberdade veste a tunica longa e com o pé direito pisa um jugo partido e um escudo voltado, emblemas das suas passadas lutas e das suas vitorias sobre o absolutismo. Na mão direita sustenta o escudo das armas da

Cidade; a esquerda segura um ramo de oliveira e descança em signal de proteção, na Urna Eleitoral, que assenta sobre a Carta Constitucional. Por azas tem a urna os dragões da Casa de Bragança, recordando que a D. Pedro IV é devido o regimen constitucional em Portugal. Atraz da Liberdade e sobre a esquerda vê-se um prélo, uma fôrma e livros, atributos que, com a urna, personificam a força moral. O escudo das armas da Cidade assenta pela ponta num dado, emblema da força e duração. Adeante d'esse dado, e sobre o mesmo degrau, um capacete grego recorda a fundação. Tres corôas triumfaes se entrelaçam no cume do capacete, lendo-se ahi esta inscrição: — POMBAL, 1755; e nas outras: AFFONSO HENRIQUES, 1147 — D. PEDRO IV, 1834.

No grupo lateral da direita divisa-se, no segundo plano e junto ao Amor da Patria, a Sciencia, sentada no solium. Encosta se a uns livros, tem na mão esquerda um compasso, e com a dextra levanta o facho para alumiar a Navegação, que se acha á sua direita, e se reconhece pela corôa rostral e pelo navio, e é representada durante a luta com o Oceano, no momento em que descobre o Brazil. Com a mão direita segura a auriflama portugueza, e, batendo com a haste no escudo do Brazil, faz surgir Santa Cruz. Com a mão esquerda mostra-se promta a parar o golpe que o Oceano vae acenar-lhe. A tunica arrancada, o mastro do navio partido, assim como a borda d'este calcada pelo pé do hipocampo, recordam as peripecias do descobrimento de Pedro Alvares Cabral. Reconhece-se o Oceano pelo hipocampo em que monta, assim como pelos golfinhos do sceptro, com que arremete a Navegação. Um navio a vapor em construção lembra o Arsenal de Marinha de Lisboa; uma boia, uma ancora, anguns cabos e remos indicam o seu porto.

361—Alfacinhas

No grupo da esquerda, junto á Liberdade, está o Commercio, meio sentado sobre fardos para exprimir que nunca toma completo repouso; com a mão direita segura o caduceu e põe a esquerda em signal de proteção sobre o hombro da Industria. Esta, colocada no primeiro plano, senta-se numa bigorna e na dextra tem o martelo que descança na extremidade inferior da vara do caduceu para significar a aliança da Industria com o Commercio. Atraz da Industria vê-se um tear e estofos, um cortiço, emblema do trabalho, e uma locomotiva symbolisando a actividade humana e as relações internacionaes dos povos. A' esquerda da Industria, no primeiro plano, a Abundancia reclina-se sobre a charrua, emblema da agricultura, segurando em uma das mãos a cornucopia; e ao lado d'essas figuras se vêem, como natural complemento da idéa, atributos das bellas-artes, um capitel, uma lyra, uma mascara, uma palheta, um livro, uma ferramenta de escultor e um rolo de desenhos.

Este frontão, obra muito completa como alegoría e como factura, e de execução primorosa, assenta sobre oito columnas monolithas que partem da varanda do andar nobre, a qual tem tres janelas, que são as da sala das sessões.

O edificio compõe-se de tres pavimentos. No pavimento terreo, e entrando no vestibulo servido por tres portões de ferro, fica-nos á direita a casa dos telefones do serviço dos Incendios, á esquerda a Inspeção Geral d'este mesmo serviço, e em face do guarda-vento a escada principal. No andar nobre, em frente, e deitando sobre o Largo do Pelourinho, fica a sala das sessões da Camara, do lado da Rua do Arsenal a 1.ª Repartição da Contabilidade e Contencioso, em seguida a esta o gabinete do Guarda-mór, a casa forte, uma casa para continuos e serventes, o gabinete do Chefe da Secretaria e a sala da Secretaria; do lado da Rua Nova d'El-Rei, a antiga Repartição de Beneficencia, a sala da Presidencia, o gabinete do Presidente, o gabinete do Director Geral de Fazenda, e a sala do Secretario; ao fundo, paralela com a sala das sessões, é a sala do Director Geral do serviço de Obras e o archivo do mesmo serviço. No ter-

362 — Antigo Theatro da Rua dos Condes

ceiro pavimento, a Repartição de Policia, o gabinete do Engenheiro sub-director, e as repartições de Salubridade, de Illuminação, Aguas e Passeios, Architetura, e gabinetes dos respetivos chefes.

Na sala das sessões, a ornamentação é de bello efeito, e ha ali obras de notavel merecimento, em pintura e escultura. Os dois fogões, renascença classica, primorosos de correção, foram desenhados pelo architeto José Luiz Monteiro, e executados em marmore de Carrara, com embutidos de marmores de Cintra e da Arrabida, nas oficinas de canteiro de Germano José de Salles; a estatua que remata o fogão do lado da Presidencia representa a Historia e foi executada por José Moreira Rato Junior, e a que remata o fogão do lado dos logares reservados, representando a Lei, é devida a José Pereira Lima Santos. O técto foi deliniado por Eugenio do Nascimento Cotrim e pelo francez Pierre Bordes, discipulo do italiano Pizzi, que emigrou para a Peninsula junto de Carlos Alberto. Bordes foi um dos melhores pintores de claro-escuro que tem trabalhado em Portugal, e Cotrim o seu discipulo dileto. Ao tempo em que fez aquelle projeto, Cotrim decorara já a sala da bibliotheca da Escola Polytechnica, o salão do Real Conservatorio, a sala das sessões do Supremo Tribunal de Justiça, o vestibulo do Museu das Janellas Verdes. Foi tambem o decorador de algumas salas, quartos e gabinetes do Paço da Ajuda. Ao centro da sala que descrevemos ha um quadro alegorico de

José Rodrigues, discipulo laureado da Academia de Bellas Artes: representa a Cidade de Lisboa, tendo aos pés o Tejo e a seu lado a Fama, junto da qual uns genios seguram o Livro dos Destinos. Na sanca ha deseseis medalhões com os retratos de Padre Antonio Vieira, Francisco Manuel do Nascimento, Silvestre Pinheiro Ferreira, Passos Manuel, Joaquim José Tasso, Paschoal José de Mello, Gil Vicente, Pedro Nunes, Damião de Góes, Gabriel Pereira de Castro, D. Rodrigo da Cunha, Padre João Baptista de Castro, Diogo Ignacio de Pina Manique, Visconde de Almeida Garrett, Visconde de Castilho, Francisco de Hollanda. Os oito primeiros foram pintados por Antonio José Nunes Junior, os oito ultimos por José Malhôa. São tambem d'este mesmo pintor, de muito merito, os medalhões que ornamentam a parede, retratos de Afonso Annes Penedo, João das Regras, Infante D. Henrique, Duarte Pacheco Pereira, D. Francisco de Almeida, D. João de Castro, Pedro Alcaçova Carneiro e Claudino Gorgel do Amaral. Detraz da cadeira presidencial vê-se o notavel quadro de Miguel Angelo Lupi, representando o Marquez de Pombal no acto de aprovar o projeto de Manuel da Maia para a reedificação de Lisboa. Ao centro da téla está sentado o Marquez discutindo a planta da cidade; no primeiro plano, á direita de quem olha para o quadro, está sentado o Duque de Lafões, á esquerda o Engenheiro-mór do Reino, Manuel da Maia, tendo as mãos apoiadas sobre a mesa; entre este e o Marquez de Pombal está Cruz Sobral, membro do corpo de commercio, vestindo casaca encarnada e curvando-se para vêr a planta; ao fundo, entre o Marquez e o Duque de Lafões está o Marquez de Alegrete, ao tempo Presidente da Camara Municipal de Lisboa. Todas estas figuras são bem desenhadas e destacam-se perfeitamente. Ha intenção nas atitudes, bella expressão nas fisionomias. D'um colorido muito exato, dando a verdade nas roupagens e acessorios, é quadro que revela o grande talento do seu autor.

Nas paredes lateraes d'esta sala, vêem-se os retratos de corpo inteiro e tamanho natural de José Xavier Mousinho da Silveira e José Estevão Coelho de Magalhães, pintados por José Ferreira Chaves; e os de Alexandre Herculano e Manuel Fernandes Thomaz, devidos ao pincel de José Rodrigues. Aos lados da cadeira presidencial estão os bustos de D. Pedro IV e D. Luiz I, em marmore de Carrara, executados pelo escultor Calmels. Em frente da mesma cadeira, no sitio reservado ao publico, foi colocado o busto de Francisco Antonio de Campos, Barão de Villa Nova de Foscôa, primeiro Presidente da Camara depois de implantado o regimen constitucional. E' obra de Manuel Maria Bordallo Pinheiro. Ha mais a notar nesta sala umas elegantes columnas de escaiola, e no mesmo genero de trabalho o lambri, friso do lambri, friso por cima dos capiteis, faxa das paredes, e molduras dos nembos, tudo executado por Manuel Joaquim Afonso Rodrigues, sobrinho e discipulo de Rodrigues Pita, de quem são os bustos colocados sobre as portas que deitam para a galeria do andar nobre. A porta principal que dá entrada para a sala, e que lhe fica ao meio, é de carvalho, e ricamente entalhada por Leandro Braga, um eminente artista que, na sua bella profissão, teria hombreado com Boule ou com Gouthiere, se houvesse vivido no seculo XVII ou no seculo XVIII, em Paris ou em Versailles.

Toda a mobilia da sala das sessões foi desenhada pelo architeto da Camara Luiz Monteiro, e é tambem de carvalho, simples nos ornatos, mas de linhas muito bem lançadas. E' do mesmo architeto o desenho do sobrado, feito em embutidos. São ricos e de bom gosto os dois lustres de cristal, de 36 bicos cada um. Sobre a mesa da Presidencia existe ainda, salvo do incendio de 1863, o tinteiro da antiga Presidencia do Senado, com salva e caixa para obreias, carimbo com as armas do Municipio, campainha e areeiro, tudo de prata.

Na sala da Beneficencia, muito bella, são dignos de serem vistos os medalhões do tecto pintados por Columbano Bordallo Pinheiro, os camafeus e figuras de Malhôa, as

flores de Pereira Junior, e alguns ornatos de Procopio, na sanca e na esteira do tecto.

Na sala da Presidencia, além da parte decorativa do tecto, do pintor Pierre Bordes auxiliado por Cotrim, é notavel a pintura de oito medalhões, por José Maria Ferreira Chaves, contendo os retratos dos architetos Afonso Domingues e Buttaca, dos pintores Domingos Sequeira, Vieira Lusitano e Francisco Augusto Metrass, do escultor Machado de Castro, dos musicos Marcos de Portugal e Joaquim Casimiro, nomes celebres na historia artistica da nossa capital. Na decoração das outras salas trabalharam os pintores Bordes, Antonio Manuel da Fonseca, José Rodrigues, Ferreira Chaves, Prospero, Pierre Lasserre, Procopio, José Maria Pereira Junior, Cotrim.

A escada principal do edificio tem grandesa e é bem lançada. A cupula, pintada a

363 — Na Feira da Ladra. Alferrabistas

claro-escuro por Pereira Junior e Columbano, imita a pedra lavrada, procurando produzir alguma ilusão de relevo no rendilhado dos contornos. A galeria, tambem a claro escuro, imitando a pedra, foi pintada por Pierre Bordes. As paredes d'esta galeria são escaioladas, e as portas que dão serventia ás salas já descritas encimadas por bustos de portuguezes notaveis. No vertice da cupula um lanternim ilumina a escada e a galeria. Os portões de ferro do edificio foram feitos nas oficinas da Empresa Industrial Portugueza.

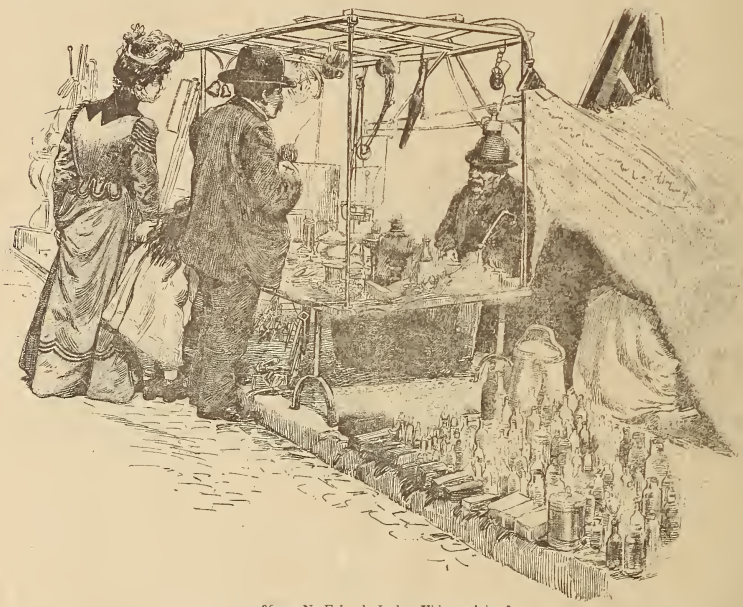
Nesta descrição seguimos todas as indicações que vêm no muito curioso livro de Agostinho Picotas Falcão — *O Municipio de Lisboa e as casas da sua Camara.*

O formoso monolitho que se ergue ao centro do Largo do Pelourinho é um bello e curiosissimo monumento. Sobre a sua base se levanta o corpo principal, elegante columna de uma só pedra, mas aberta em espiral com tanta perfeição, que ilude como se fosse de tres pedras distintas e separadas. Tinha em cima, como todos os antigos pelourinhos, os ganchos de ferro que eram distintivo da picota; mas esses ferros foram arrancados depois de 1834 e substituidos pela esfera de oiro que lá está.

O pelourinho era instrumento de justiça e signal de jurisdição; e por este motivo as camaras o mandavam levantar, commumente, defronte dos paços do concelho, e nelle

afixavam os seus editaes. Os delitos que as camaras puniam com exposição afrontosa no pelourinho eram a fraude e furto no peso do pão, carne e mais generos alimenticios, e nos seus preços, então determinados por ordenação régia ou postura municipal.

Entre nós fazia-se a exposição dos criminosos, prendendo-os pela cintura ao pelourinho, durante duas ou tres horas em tres dias de mercado, nos quaes era mais numerosa a concorrencia do povo, e maior a vergonha do culpado, que se via, não só exposto ás vistas de tanta gente, assim infamado, mas tambem alvo a todo o instante de chufas e injurias, porque era geral a animadversão contra os que roubavam por aquella forma as classes pobres.



364 — Na Feira da Ladra. Vidros e loiças.

Não obstante ser o pelourinho instrumento de jurisdição municipal, as justiças de El-Rei mandavam nelle executar sentenças com diferentes penalidades. O castigo dos açoutes era aplicado ao reu pela mão do carrasco, umas vezes junto do pelourinho, preso a este, ou solto, outras vezes caminhando ambos pelas ruas da cidade ou villa, parando nos logares mais publicos, onde se repetiam os açoutes. A pena de morte era executada por diferente modo, conforme a classe a que o criminoso pertencia. Sendo peão morria na forca; se era nobre acabava de garrote, isto é, degolado sobre algum cadafalso, que se armava expressamente para tal fim, em logar designado na sentença condemnatoria. Não era este o unico privilegio concedido á nobreza nessa hora extrema de angustia e de oprobrio. Ainda que o fidalgo criminoso fosse exautorado, antes da pena capital, de todos os seus titulos, prerogativas e fóros, não deixavam de lhe fazer distinções sobre o proprio patibulo, pondo-lhe a cadeira, em que havia de padecer, em cima de um estrado de um, dois ou tres degraus, segundo a

jerarchia a que o réu tivesse pertencido. Esta era a regra geral, mas houve casos em que se fez excepção. Exemplos houve tambem de ser o fidalgo criminoso condemnado á morte no pelourinho. Nos crimes mais graves, como traição ao rei e á patria, quando os corpos dos culpados não eram queimados, e as cinzas lançadas ao mar, ou espalhadas ao vento, como se executou com o Duque de Aveiro e seus cumplices no atentado contra a vida de El-Rei D. José I, as cabeças dos justiçados eram conduzidas pelo carrasco ao pelourinho e espetadas nos seus ferros e ali ficavam expostas por certo numero de dias, ou até serem consumidas, segundo a sentença ordenava. A este triste privilegio tambem eram admitidos os populares. Algumas vezes se aplicaram torturas aos criminosos junto do pelourinho, e até ahi se davam tratos de polé. Mas estas penas eram determinadas pelas justiças de El-Rei e não pelas camaras.

365 — Retiro de pacatos

Antes do terremoto de 1755 havia em Lisboa a Praça do Pelourinho Velho e a Praça do Pelourinho Novo, nas quaes se fizeram execuções de diferentes penas corporaes. Ambas ficavam distantes da actual, que na ocasião d'aquelle cataclismo era o Largo da Patriarchal, e anteriormente se chamava Pateo do Relogio, dos Paços da Ribeira. Na formosa columna torcida com que se adornou a Praça do Pelourinho, ainda foi justiçado um cadete por crime de fratricidio.

No capitulo em que descrevemos Lisboa antes do terremoto, se viu qual era então o papel importante do Senado na vida da capital. A divisão dos trabalhos municipaes a cargo dos vereadores em diferentes pelouros subsistiu sempre, mas sofrendo as reformas que as necessidades dos tempos e as exigencias das epocas vinham determinando.

Em 8 de Maio de 1882, comemorando o centenario do Marquez de Pombal, a Vereação a que presidia José Gregorio da Rosa Araujo resolveu mandar imprimir a expensas da Camara Municipal os *Elementos para a historia do Municipio de Lisboa*, encarregando essa obra ao archivista da mesma Camara, Eduardo Freire de Oliveira. Nos tomos que até hoje têm sido publicados acham-se sumariados e agrupados, obedecendo a um determinado principio, todos os documentos importantes e curiosos que

podem ser compulsados no precioso archivo da Cidade, sobre a organisação e regimen da Camara, legislação, foraes, arestos de côrtes, rendas, privilegios, posturas geraes ou municipaes, regulamentos, editaes, deliberações camararias, outros diplomas e factos notaveis, formando o todo um corpo systematico, por onde facilmente se podem colher instruções ou esclarecimentos ácerca dos negocios municipaes.

Quem consulta a farta legislação da Camara de Lisboa, e os diplomas dos seus privilegios e fóros, concedidos não como simples graças régias, mas como remuneração dos relevantes serviços por ella prestados á administração geral do Estado, mal compreende a razão do decreto dictatorial de 2 de Setembro de 1901, que dissolveu a mesma Camara, substituindo-a por uma simples Commissão administrativa, descentralisando os seus serviços mais importantes, tirando-lhe todo o prestigio que no antigo regimen a fazia considerar como verdadeira representante do povo da capital.

Pela organisação dos serviços do Municipio anterior ao citado decreto, tinha a Camara a seu cargo as escolas e bibliothecas municipaes, os mercados, os lavadouros, a salubridade, os matadouros, a limpeza e regas, as obras publicas, o serviço de incendios, a beneficencia e os cemiterios.

A reforma descentralisadora da instrução primaria de 1878, referendada por Antonio Rodrigues Sampaio, compreendendo uma remodelação muito ampla do que existia, sobre as bases do ensino obrigatorio e gratuito para os alumnos, passou a maior parte dos encargos d'este ramo de ensino para os municipios. Em 1885, aprovada a reforma administrativa do Municipio de Lisboa, foram-lhe entregues os encargos e direção da instrução primaria elementar e complementar para ambos os sexos, bem como de uma escola de ensino profissional. A Camara desempenhou-se d'esta missão patriotica e civilisadora em harmonia com os salutares principios invocados pela legislação de Sampaio, mas tal resultado não poude obstar a que, em 1892, um novo decreto mandasse transferir definitivamente para o Estado todos aquelles serviços.

O eminente pedagogista Dr. Bernardino Machado, enaltecendo o entusiasmo quasi fanatico com que o Municipio da capital se ocupou da instrução, dizia no Parlamento em sessão de 16 de Junho de 1890: «Lisboa tem indiscutivelmente a primasia nos serviços á instrução primaria. Além de dotar generosamente os cursos de menores e de adultos, elevando acima de 300$000 réis o vencimento dos professores primarios, estabeleceu a Escola Frœbel, creou duas escolas primarias superiores, a Escola Rodrigues Sampaio para rapazes e a Escola D. Maria Pia para meninas, instituiu um Museu Pedagogico, muniu-se de Aulas Normaes, organisou a vigilancia das escolas com visitadores especiaes e a inspeção medica d'ellas por via dos facultativos do pelouro da Hygiene, e ainda distribuiu á população menos abastada varias bibliothecas...»

Os jardins publicos, que têm na vida das populações uma influencia grande, quer moral, quer fisica, recreiando e beneficiando a saude, perfumando o espirito e o olfato, e constituindo só por si, especialmente nas capitaes, uma boa atração para os forasteiros, têm sido tambem esmeradamente cuidados pela Camara de Lisboa. Entre nós está ainda muito em embrião a vida dos jardins usada no Estrangeiro, mas cada jardim dos nossos tem já o seu publico; e se não vamos lá encontrar durante o dia centenas de creanças brincando alegres, acompanhadas de mamãs ou de mestras, não é dificil vêr ahi a certa e determinada hora, numa assiduidade talvez um pouco monotona mas em todo o caso typica, os mesmos frequentadores.

S. Pedro de Alcantara é de ha muito o passeio favorito de toda a gente que tem calor, nos dias de muito sol, e mais ainda nas noites abafadas de pleno estio, com uma diferença apenas de ha trinta annos para hoje: d'antes, ia-se de proposito até lá, e ia-se de muito longe, e chegava-se muitas vezes cançado e suado, só com o fito especial de se apanhar ar, que nem sempre se encontrava em outro sitio; hoje

vae-se lá de passagem, por acaso, porque o carro eletrico nos leva até lá, porque o ascensor da Gloria lá nos deixou. Ha trinta annos procurava-se avidamente o fresco na vasta alameda de onde se disfruta em formoso panorama toda a parte oriental de Lisboa, com os seus montes e as suas encostas, até ao Castello, a Graça, a Penha de França, como se procurava a neve do Martinho ou o copo d'agua do Carmo. Hoje, ha já sorvetes por toda a parte, a agua do Carmo encontra-se em todos os kiosques, fornecida pelos contadores da Companhia, e o fresco não é só apanagio de um determinado ponto da cidade, tão rasgada ella está de avenidas e ruas largas, e tão salpicada de

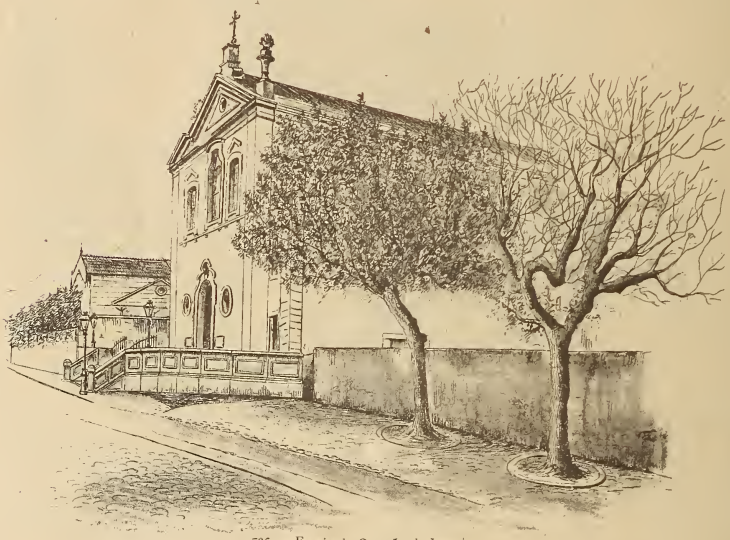
366 — Na Feira da Ladra. Caçarolas, tachos e candeias

arvoredo frondoso. Mas o ponto de vista é que resiste a todo o progresso, e antes se aperfeiçôa e se desenvolve tambem com elle. Quanto mais o camartelo municipal rasga a cidade, mais vasto é o horisonte; quanto maior numero de casas se construem nessas novas ruas, maior é o encanto e pitoresco d'esse panorama.

S. Pedro de Alcantara é nas noites quentes o passeio favorito dos moradores do Bairro Alto. Ali discutem politica o velho amanuense, morador ha meio seculo na Rua da Rosa ou na Travessa dos Fieis de Deus, com o juiz de paz de alguma das freguezias do Chiado; por lá passeiam em doce idilio os soldados do Carmo com as creadas suas favoritas; ali brincam ranchos e ranchos de pequenos endiabrados que enxameam nas lojas pobres das estreitas ruas, onde o mundo se desenvolve com uma velocidade desconhecida já nas casas confortaveis dos ricos; por lá finalmente fazem praça alguns exemplares mais vulgares do grande batalhão de Cythera...

A muito alta muralha onde este jardim assenta foi construida, como já vimos, quando se fez o Aqueducto das Aguas Livres. Como a Calçada da Gloria e a Rua das Taipas eram sitios de pouca passagem, da muralha se arrojava para ali todo o entulho que ia saindo dos desaterros para as novas edificações, e ali era o vasadouro de quantas imundicies o Bairro Alto expelia. Até d'aquillo se fazia cemiterio de cavallos! Naquelle sitio houve um quartel, onde esteve uma companhia da Guarda Real, que principiou a aformosear o terreiro superior. Depois, quando se quiz aumentar o aformoseamento, lá se colocou o grande tanque que ainda hoje existe na alameda, e que pertencera ao antigo Paço da Bemposta.

Bem perto d'ali, fazendo esquina para a Travessa da Boa Hora e para a Travessa



367 — Egreja do Coração de Jesus

da Cara, se vê ainda de pé um palacio que o celebre Ludovice, architeto de Mafra, edificou. Tem na frontaria a data de 1747, o que significa que resistiu aos abalos do terremoto grande.

O pensamento inicial de construir no sitio da Estrella, em frente do templo monumental do Santissimo Coração de Jesus, um jardim publico, onde só existiam algumas terras de semeadura de pouca valia, e poucas casinholas de feia e pobrissima aparencia, deve-se ao Conde de Thomar, quando em 1842 presidiu ao Conselho de ministros.

Só em 30 de Setembro de 1850 é que começaram difinitivamente as obras de engradamento e plantação. Aproveitaram se habilmente os acidentes do terreno, conseguiu-se levantar um traçado que satisfez a todas as condições, sem a monotonia dos antigos jardins e matas de recreio. Alguns lagos, uma soberba cascata a que só faltava, para mais pitoresco efeito um maior lençol d'aguas, elegantes kiosques, estufas, pequenas e airosas fontes, avistando-se por entre o viçoso arvoredo, ao fundo, o Tejo e a soberba margem que limita ao sul o nosso porto magnifico. Ali esteve exposto durante alguns annos, em ampla jaula, um corpulento leão, que muito aguçou a curiosidade

dos lisboetas e forasteiros, quando ninguem pensava ainda que Lisboa tambem viria a ter o seu Jardim Zoologico, como teve, situado ás portos de S. Sebastião da Pedreira.

Em edificio expressamente construido dentro d'este recinto, foi instalada em 1882 a Escola Jardim de Infancia, pelo metodo de Frœbel, destinada a habilitar no ensino frœbeliano as professoras das escolas municipaes, que nas diversas escolas centraes deviam ser encarregadas da classe preliminar ou infantil. As creanças, de 3 a 6 annos, iam ali receber a educação fisica, moral e intelectual mais apropriada á sua idade, compreendendo: movimentos e exercicios fisicos, exercicios de canto coral especialmente destinados á educação dos orgãos vocaes e ao desenvolvimento da caixa thoracica e orgãos nella contidos, trabalhos manuaes, exercicios de lingua materna, principios de educação moral, noções geraes de historia natural, hygiene e geographia, conhecimentos ácerca dos objetos de uso commum, contos e narrações de utilidade pratica, exercicios de contar e calculo mental, primeiros elementos de desenho, de leitura e escrita.

368 — Egreja de Santa Cruz do Castello

O Alto de Santa Catharina e a Rocha do Conde de Obidos foram tambem ajardinados á ingleza com arbustos e relvas que alegram as vertentes. São duas bellas sacadas abertas aos bairros proximos. Vae-se ali tomar o ar marinho, e ver nas tardes de outomno a destroçada panoplia multicolor do sol poente, quando elle se recolhe á tranquilidade do seu somno. D'ali se vae contemplar a linha sinuosa dos oiteiros de Caparica, espraiar olhos no ambito do nosso golfo napolitano do Barreiro e Seixal, semeado de vélas brancas, assistir á entrada dos mais formosos navios do mundo, que visitam o nosso porto.

Tendo-se compreendido a necessidade de dar algum descanço bucolico aos espiritos exaustos de tanto Chiado e de tanta Rua do Oiro, e de proporcionar algum refugio aos alfacinhas que não podem saír da cidade, outros jardins e *squares* alegraram a vida dos novos bairros: o do Principe Real, entre a Rua da Escola Polytechnica e a

Rua de D. Pedro V, com seu grande lago e repucho lançando agua á altura de um terceiro andar; o da Praça das Flores, o das Amoreiras, o da Alegria; o do Campo de Santa Clara, junto aos Tribunaes Militares e á Fundição de Cima; o da Estephania, perto do Matadouro; o do antigo Campo de Sant'Anna, hoje dos Martyres da Patria; o do Campo Grande, ao fim da grande alameda; os do Aterro e de Santos; o de Belém, em face do Mosteiro dos Jeronymos...

Além dos jardins publicos que pertencem á Camara Municipal, tem Lisboa o seu Jardim Botanico, que é sem duvida o mais amplo e mais formoso de todos. Está anexo á Escola Polytechnica, estendendo-se até á Rua Nova da Alegria. Foi creado em 1875. A extensa alea de palmeiras que o atravessa é uma das maravilhas de que o lisboeta mais justamente se ufana, e que os estrangeiros mais admiram na prodigalidade com que a natureza dotou de encantos esta formosa terra. Verdadeiro laboratorio da sciencia dos vegetaes, todas as plantas obedecem ali a uma disposição metodica, distribuidas em generos, familias, ordens e classes.

Antes d'este, existira já o Jardim Botanico da Ajuda, fundado no tempo de El-Rei D. José e dirigido por Felix de Avellar Brotero, que passou por ser um dos mais illustrados botanicos do seu tempo. Era situado junto do velho Paço, e compunha-se de um plano superior de leste para oeste, em frente da residencia real, e de outro plano inferior descendo suavemente do norte contra o sul. No primeiro plano formara se o quadro das classificações; no segundo realisavam-se as culturas experimentaes. Em 1839 foi essa escola pratica de botanica anexada á Escola Polytechnica, estabelecendo-se então o novo Jardim, que tão consideravelmente tem prosperado, tanto pelo que respeita ao numero das especies cultivadas, como pelo que respeita aos systemas de classificação.

Nas amplas estufas do Jardim da Estrella e do Jardim Botanico, ha verdadeiros santuarios de plantas exoticas e flores raras. Ahi a primavera é em Dezembro, o meio dia no norte, os tropicos ou o equador na Europa. São plantas e flores aristocraticas vindas das terras do Sol, das praias perfumadas do Pacifico, das ilhas longinquas, das costas oceanicas ou do Oceano Indico. Ahi, em poucos passos, faz-se uma viajem á roda do mundo. Os tropicos engrinaldam os verdes caniçados; o Oriente ilumina as leivas de flores esplendidas, e o Equador alça-se soberbo e fulgurante por detraz d'esses conjuntos maravilhosos, ensombrado por palmeiras de Java. Os leves bambús lembram a China; os crysantos e as camelias, o Japão; os fetos arboreos, a Australia; as magnificas orchidaceas, a America; as mimosas, a Africa; as plantas fantasticas, a India...

Lisboa possue desde 1863 um magnifico Matadouro Municipal, o unico do paiz que, pela organisação completa dos seus serviços, pela grandesa que presidiu á sua construção e pelas excelentes condições hygienicas a que satisfaz, póde vantajosamente competir com os primeiros e mais notaveis da Europa.

Depreende-se de documentos existentes no archivo da Cidade que os matadouros que precederam o actual, ha mais de quatro seculos, eram tutelados pela vigilancia e direção municipaes. E posto que se não possa fixar com exatidão a epoca de que data a intervenção camararia na gerencia d'este estabelecimento, pode-se afirmar que ella já existia pouco depois do primeiro quartel do seculo XV, pois que em 1438, nos capitulos que a Cidade ofereceu nas Côrtes de Leiria, reunidas por El-Rei D. Duarte, pedia a sua municipalidade, de todo preocupada e solicita pelas condições que devia reunir o Matadouro, em construção no Carmo, que as paredes d'este edificio tivessem alicerces de pedra e cal, e fossem de taipa, revestidas de cal por fóra e por dentro. Atenderam e deferiram as Côrtes o pedido da Camara; mas não obstante a autorisação obtida, parece que tal matadouro nunca veiu a ultimar se, pois que da letra e conteúdo d'uma postura promulgada em 1461, se infere evidentemente que os curraes, onde se matava o gado, eram situados a S. Lazaro, no local onde de facto existiam em exercicio até á

data do seu encerramento em 1863. Ahi permaneceram durante quatro seculos sucessivos, afrontando incolumes as queixas dos homens e as convulsões da naturesa, que frequentes vezes abalaram e sacudiram o sólo da cidade em todo o decurso do seculo XVI e pouco depois de meados do seculo XVIII, sem que nem as primeiras lograssem removê-los, nem as segundas os fizessem aluir ou soterrar.

Foram as freiras de Sant'Anna, os religiosos do Convento de S. Bernardo e outros municipes adjacentes ao Matadouro, os que intentaram, pelas suas petições de 1578, ulteriormente repetidas em 1604, fazer transferir o Matadouro de S. Lazaro, sob o pretexto de incomodos provocados pela sua insalubridade e pelos maus cheiros que d'elle se exalávam. Considerou o Municipio afinal o pedido dos requerentes, e mandou até, no intuito de escolher sitio mais apropriado á naturesa do estabelecimento, proceder aos estudos necessarios em um terreno da Pampulha, junto aos Fórnos da Cal, no local onde era o Caes da Madeira, e por ultimo no chão que demorava superior ao Campo da Forca, para além da Carreira dos Cavallos, todos elles indigitados como convenientes para aquelle intento; mas os projetos d'ahi resultantes não tiveram seguimento, e foram guardados no archivo da Camara.

369 — Egreja de S. Sebastião da Pedreira

O que não conseguiram porém as rogativas das irmandades religiosas nem a acção devastadora dos seculos, realisou-o o espirito esclarecido das municipalidades e dos governos contemporaneos, inspirados nos principios mais seguros e positivos da hygiene publica e da policia sanitaria. Condemnados por estes principios, o Matadouro de S. Lazaro e seus curraes foram demolidos.

Desume-se da consulta de antigos documentos que o córte e a venda das carnes de vaca, vitela, carneiro, chibato e porco, só se permitiam dentro do recinto do Açougue geral. O Açougue, verdadeiro mercado da carne, era constituido então por um certo numero de logares ou talhos, onde se efetuava a venda de carne ao publico. Esteve por muito tempo situado junto do Matadouro, a S. Lazaro, e mais tarde foi transferido para o Terreiro do Paço, onde subsistiu até ao terremoto de 1755, que o subverteu totalmente.

Ulteriormente, foram permitidos os talhos particulares ou privativos, considerados como um valioso privilegio, de que poucos gosavam. Parece que foi D. Pedro II quem

fez a primeira d'essas concessões em 1701, ordenando que houvesse um talho a Santa Martha, para abastecer a ucharia da Rainha da Gran-Bretanha, então residente em Lisboa. No reinado de D. João V fez-se egual concessão a favor do Nuncio de Sua Santidade, da Inquisição, do Hospital de Todos-os-Santos, do Embaixador de Inglaterra, e d'alguns particulares, ainda que em pequeno numero. Depois do terremoto de 1755, concedeu o Marquez de Pombal que os talhos se espalhassem pela cidade, onde de facto se estabeleceram e multiplicaram por tal modo que já havia 30 em 1773, 53 em 1823, 64 em 1831 e 87 em 1856. Em 1878, existiam em Lisboa 139 açougues, todos sujeitos aos regulamentos de hygiene publica e de policia sanitaria.

370 — No Carnaval. A dança da lucta

A especial importancia que a carne tem na alimentação, e a vantagem do alargamento do seu consumo para a melhor saude e maior força das classes produtoras do povo da capital, imposeram a organisação dos talhos municipaes, creados com o intuito de serem um regulador do preço, oferecendo ao publico a carne nas melhores condições. Em 1876, o commercio das carnes em Lisboa estava acumulado nas mãos de 30 marchantes que, ligados por commum interesse, opunham sérias resistencias não só ao livre exercicio da sua profissão, mas até aos aperfeiçoamentos que o progresso e a sciencia aconselhavam como uteis na venda d'aquelle genero. As carnes eram vendidas por um preço unico para todas as categorias, dificultava-se por todos os modos a abertura de novos talhos, os abusos por parte dos cortadores em detrimento do publico levantavam geraes clamores.

Os talhos municipaes foram então creados para satisfazer aos seguintes fins: venda das carnes por categorias, venda ambulante, venda nos domicilios, exatidão nos pesos. A respeito do seu modo de funcionar, diz o Relatorio da Comissão nomeada em 1899 para inquirir de todos os serviços da Camara Municipal relativos ao fornecimento de carnes verdes: «Para o efeito da venda a retalho das rezes abatidas por conta dos Talhos Municipaes, emprega a Camara diferentes systemas.

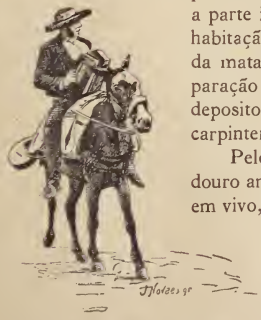
371 — No Carnaval. Tocador de gaita de foles

Tem talhos fixos, uns em casas arrendadas, outros em casas proprias, ou gratuitamente cedidas; tem carroças grandes de 4 rodas puxadas por um boi, acompanhadas do pessoal necessario — talhos ambulantes; tem distribuição domiciliaria, em pequenas carroças, umas apenas conduzidas pelo distribuidor, outras puxadas por um cavallo ou muar, e ainda algumas destinadas a distribuição em areas mais remotas, puxadas por dois animaes e guiadas da almofada. Da primeira especie ha 9 talhos, sendo o pessoal d'estes composto do cortador, um ajudante e um distribuidor, havendo alguns apenas com dois empregados. Ha 4 talhos ambulantes; o pessoal d'estes é o carreiro, o cortador e o distribuidor. Para a distribuição domiciliaria emprega a Camara Municipal 23 carroças.»

372 — No Carnaval. A dança da lucta

Em sessão de 22 de Dezembro de 1852 resolveu a Camara mandar proceder á construção do actual Matadouro, para substituir o antigo, cujas pessimas condições hygienicas e imperfeita organisação o condemnavam por insalubre e prejudicial aos interesses da Camara e do commercio licito. O engenheiro Pedro José Peserat foi encarregado de elaborar o projeto e orçamento para a edificação, que ficou situada na Cruz do Taboado, um dos pontos mais elevados da cidade. Constituido por diversos corpos, cujo conjunto tem a fórma retangular, mede esse edificio por um dos lados 120 metros e pelo outro 111 metros, o que dá a superficie de 13.320 metros quadrados.

A fachada principal, olhando para o sul, compõe-se de dois corpos eguaes divididos por um corredor de entrada que vae até á casa da matança. Nesta, a parte inferior é ocupada pelas repartições, a superior serve de habitação ao almoxarife e ao fiel. Nos outros corpos estão a casa da matança, os estabulos, as oficinas de fusão de sebo e de preparação de sangue, tripas e miudesas, casa de pesagem, palheiro, depositos de carne, talhos, vestiaria das operações e oficinas de carpinteria e serralheria.


373 — No Carnaval. Tocador de harmonium

Pelo regulamento, todo o gado deve ficar 24 horas no Matadouro antes de ser abatido, sendo conduzido á balança para o peso em vivo, peso que serve para a liquidação do imposto de consumo cobrado pela Alfandega e da quota de proporção que o Matadouro percebe pelo seu serviço. O gado lanigero não é pesado em vivo, porque é livre de imposto e a quota paga por cabeça. Os bois e as vitelas, depois de pesados, são conduzidos á casa de matança, que tem a

forma rectangular e mede 50 metros de comprido por 34 de largo, dividindo-a em cinco naves largas columnatas de ferro, com argolas a que se prendem as reses logo que são abatidas. Nos angulos d'esta casa ha quatro divisões que servem para a matança dos vitelos, do gado dos israelitas, e carneiros. Extensos pateos dividem os corpos do edificio, e largos subterraneos que com elles comunicam por escadas de pedra utilisam-se ná arrecadação e salga. Uma linha ferrea atravessa todas as dependencias, girando sobre ella carros de ferro para transporte de varias miudesas das reses, cada uma das quaes tem a sua preparação especial.

O processo da matança é o denominado—do jugo. Consiste em fazer a secção da espinal medula, por meio de uma faca triangular e aguçada que é a faca de jugar, cuja lamina o operario introduz no espaço que fica entre o occipital e a vertebra atlas. Vibrado o golpe, o animal cae como que fulminado, e novamente o sacrificador lhe introduz a faca no canal rachidiano. A agonia não passa de 3 minutos. Procede-se logo á sangria usando uma outra faca, que é a faca de sangrar; e depois á esfoladura, com a faca de branquear, em forma de triangulo, e o gume convexo no terço anterior.

A morte dos carneiros é diversa. São jugados com uma haste de ferro afiada que lhe fere a espinal medula, e depois sangrados por degolação. Antes de se lhes dissecar a pele, como tambem se faz ás vitelas, são assoprados por meio de um fole.

As operações feitas ao gado morto são, por sua ordem, a extração da lingua, estomago, intestinos, fressuras e depois o esquartejamento, marcando-se então a tinta preta em cada um dos quartos em que se divide a rez, e em cada uma das vitelas e carneiros, o numero dos talhos a que são destinados, depois do exame especial dos medicos veterinarios. Quando estes lhes encontram lesões microscopicas caracteristicas de alguns morbos especificados no regulamento sanitario, destroem-nas com acido sulfurico e a carne é enviada para o guano. Só depois d'esse exame é que as carnes são levadas á balança para determinação do peso limpo, peso que é a base da liquidação do custo da rez e seu rendimento.

Os despojos das reses que se não vendem nos açougues, excepto as fressuras e cabeças, são retirados da casa da matança para as diversas oficinas e depositos. Vão para lá os estomagos, as mãos, as tripas, o sebo, que são produto do commercio dos tripeiros; o sangue, as peles e os chifres, que ficam sendo propriedade dos donos das reses. A preparação de todos estes residuos é muito curiosa. Dos estomagos extraem-se o epithelio e a gordura, de fórma que as membranas musculosas e a mucosa fiquem completamente limpas para poderem ser utilisadas na alimentação publica; as mãos de vaca e os pés de vitela e carneiro são submetidos á acção da agua quente, raspados e desunhados; as tripas preparam-se despegando os intestinos das mesentherias e despindo-as das membranas sorosa e mucosa, ficando portanto reduzidas á tunica muscular, a qual, depois de limpa, constitue a chamada tripa do commercio; o sebo é refinado pela acção combinada do calor e de um alcali, em vasos fechados, processo de fusão salubre e rapido; o sangue é cosido até coalhar e se libertar da agua, sendo depois comprimido fortemente em uma prensa, fragmentado em nova calandra movida a vapor, esfarelado em moinhos, posto emfim a secar numa estufa; as peles salgam-se com sal commum. Findos estes serviços, os pateos e oficinas são lavados e desinfectados.

Ha ainda uma instalação digna de registro que é o gabinete de analyses microscopicas e bactereologicas, onde se faz com uma regularidade systematica o exame trichinoscopico da carne de todo o suino ali abatido, carne que carece de uma observação minuciosa por causa da trichina, cuja existencia nella é bastante para a tornar perigosissimo elemento morbido, constituindo portanto a saida de gado nessas condições um verdadeiro crime.

A matança do chamado «boi dos judeus» faz-se por um systema especial adoptado

pela colonia israelita, sob pretexto de que o sofrimento do animal é menor e a sua carne, mais bem sangrada, tem maior duração. O que parece averiguado é que em Vienna e em S. Petersburgo, pelo menos, o estudo d'esse systema deu preferencia ao usado em Lisboa. Os israelitas usam degolar a rez com faca muito polida, extremamente afiada, e de lamina perfeita; degolam na de um só golpe rapido, cortando ao mesmo tempo ambas as guelas da rez. O exame sanitario é egual ao que se segue para todo o gado.

Os israelitas orthodoxos são intransigentes no que respeita ao preceito da alimentação. De uma vez que certo vereador se lembrou de propôr em sessão camararia a proibição da matança do boi dos judeus, o caso ia tomando sérias proporções, havendo familias mais arreigadas ás tradições da sua religião que se disposeram a sair de Lisboa, se tal proibição se tornasse efectiva.

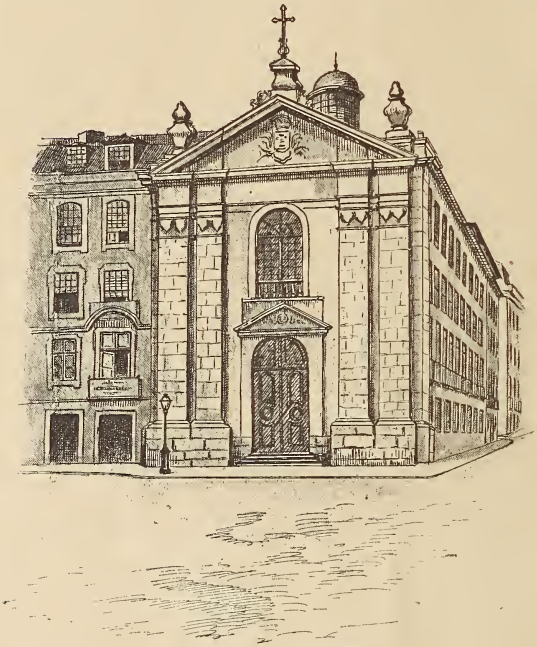
Em 1886, a Camara de Lisboa retificou a concessão, que anteriormente fizera, para a construção e exploração de um Mercado permanente de gado, constituindo-se a Companhia do Mercado Geral de Gados, para a venda e exposição de toda a qualidade de animaes uteis á vida domestica, devendo os introdutores de gado pagar determinadas quotas, por cabeças, e tendo-se estabelecido que todo o gado destinado ao consumo da cidade recebesse naquelle Mercado o primeiro exame de sanidade.

O Mercado Geral de Gados foi instalado nos terrenos existentes entre o Campo Pequeno e o Campo Grande, numa area de 200 metros de largura por 100 metros de comprimento. Na frente principal, tres largos portões de ferro, formados por pilares de cantaria, ligam para os lados com duas cortinas de grades, no limite das quaes ha outros dois portões. Seguem-se de cada lado dois pavilhões, de dois pavimentos, destinados a secretarias; e a elles se ligam outras duas construções só de pavimento terreo para abrigo do gado caprino, lanigero e ovideo. Nos angulos d'esta frente erguem-se dois frontespicios semelhantes á frontaria dos pavilhões. Aos lados norte e sul são as abegoarias do gado bovino. Do lado ocidental fecham o Mercado construções semelhantes á da frente principal, tendo ao centro uma grande cavallariça. O edificio onde se concluem as transações, denominado Bolsa, está no meio do Mercado, constando de dois octogonos, circunscrito e inscrito paralelamente, e coroado por grande cupula com seu lanternim; o octogono exterior tem um raio de 20 metros, e o octogono interior, um raio de 14 metros; a altura maxima d'esta construção é de 31 metros. O espaço de 6 metros, que ha entre os dois octogonos, é dividido em gabinetes para uso dos corretores ou negociantes de gado. Ha ainda telheiros para exposições, e uma enfermaria para tratamento dos animaes que ali adoeçam. As acomodações d'este Mercado podem recolher 1.000 bois, 2.000 ovelhas, carneiros e cabras, 500 porcos e 200 cavallos.

Pelo desenvolvimento que têm tomado os mercados de Lisboa, se póde tambem aquilatar o augmento da sua população nos ultimos cem annos. D'antes, a venda dos generos necessarios á alimentação fazia-se um pouco ao acaso, e em pequena escala, neste ou naquelle ponto da cidade, onde o permitisse o Senado.

Vimos já que o Rocio, antes do decreto de 23 de Novembro de 1755, que gisou em terrenos do Hospital de Todos-os-Santos a nova Praça da Figueira, era o grande centro commercial de Lisboa, todo atravancado com cabanas portateis e enormes chapeus de sol das mulheres de venda, com gigas de colarejas, celhas de regateiras, rebolos de barbeiros, caixões de legumes, e até com barracas de pele para os sapateiros nomadas que por cá havia. A's terças-feiras, dia do mercado que foi avô da nossa Feira da Ladra, o Rocio devia ser um verdadeiro pandemonium, pela variedade dos trajos dos saloios, ribatejanos e alemtejanos, dos lisboetas, dos negros, dos forasteiros, dos escravos turcos, chinas, chingalas, abexins, cafres e maracatas. Ali se fazia tambem feira de gado, sendo uso de ricos o comprarem reses vivas para matança em suas casas. Completando o quadro de costumes populares do mercado, viam-se os grupos de vendedores e alqui-

ladores de cavalgaduras, que tambem tinham ali, no sitio onde é hoje o Largo de S. Domingos, seu poiso habitual. O nosso Borratem conservou por muitos annos alguns restos d'essa industria, que os modernos meios de locomoção prejudicaram; os seus derradeiros vestigios andam ainda pela Rua dos Douradores, Travessa da Palha e Rua do Amparo, onde se fabrica toda a sorte de arreios para as muares e cavalinhos de carga dos saloios do termo. No seculo XVI eram mais de 400 os animaes de aluguer que havia em Lisboa, afóra os particulares. Que interessante espetaculo esse da actividade mercantil do povo, na confusão das suas permutações diarias, e nesta singular camara optica dos seculos!



374 — Egreja do Corpo Santo

Com o tempo e com o terremoto, tudo mudou. Os muitos mercadores que d'antes possuiam armarios e balcões fechados na arcada que corria por baixo do Hospital, foram vender os seus produtos para outros sitios, em conformidade com o decreto que determinava os arruamentos da Baixa. Na Rua Nova d'El-Rei se arruaram os mercadores de capela, aplicando-se as lojas que d'elles sobejassem para as vendas de outros mercadores, de loiça da India, de chá, e mais fazendas do seu trafico; na Rua Augusta, os mercadores de lã e seda, e quando não chegassem as lojas deveriam tomar as da Rua de Santa Justa; na Rua Aurea, os ourives de oiro, e nas que sobejassem poderiam acomodar-se os relojoeiros e volanteiros; na Rua Bella da Rainha, os ourives da prata, e nas lojas que sobejassem se alojariam os livreiros, que antes viviam na sua visinhança; na Rua Nova da Princeza, os mercadores de fancaria, destinando-se as restantes para os de quinquilheria; a Rua dos Douradores era destinada aos douradores, bate-folhas, latoeiros de lima, e as lojas que ficassem livres poderiam ser para tendas e tabernas; na Rua dos Correeiros ficariam os correeiros, os selleiros e os torneiros; na Rua dos Sapateiros, deveriam arruar-se os sapateiros de um lado e do outro lado mesteres diversos; na Rua de S. Julião, os aljibebes; na Rua da Conceição, os mercadores de retroz; na Rua de S. Nicolau e na Rua da Victoria, as quinquilherias; na Rua da Assumpção, os sirgueiros, assim de chapeus como de agulha; finalmente, para a Rua de Santa Justa viriam os que não encontrassem acomodação bastante na Rua Augusta. As quatro ultimas ruas transversaes da Baixa foram depois travessas, e voltaram a ser ruas.

Na Ribeira foram armadas cabanas para venda de toda a especie, menos de gene-

ros de mercearia, não podendo o seu arrendamento ser por mais de tres annos. Para a venda de comestiveis eram permitidas as cabanas amoviveis e volantes.

A Praça da Figueira ficou sendo o grande mercado de frutas e hortaliças, aves e caça, carnes verdes e peixe. O alvará da sua doação á Camara de Lisboa é de 23 de Novembro de 1775. A area doada compunha-se de quatro frentes, tendo por extensão, de norte a sul, 380 palmos, e de nascente a poente, 440 palmos. Em 1849,

375 — Capella de Santo Amaro

foi a Praça da Figueira fechada com portas e grades de ferro nas suas oito entradas. Em 1882, a Camara fez concessão d'este mercado á Companhia do Mercado da Praça da Figueira, começando logo os trabalhos da nova construção, que ficou sendo no seu genero uma das mais bellas e elegantes da Europa. De fórma rectangular, mede 95 metros de fachada no sentido leste oeste e 82 metros no sentido norte-sul, ocupando assim uma superficie de 7.790 metros quadrados. As suas fachadas principaes são divididas em tres corpos pelos grandes portões de entrada, e as fachadas perpendiculares em dois corpos pelos portões centraes. Formam os angulos quatro elegantes pavilhões de cupulas doiradas, e de cada lado de cada pavilhão ha uma entrada para o publico.

Nas quatro faces da Praça ha 118 logares para estabelecimentos, com portas de ferro onduladas e elasticas, enrolando mecanicamente. Na parte interior, a construção é dividida em tres naves, cobertas por chapas de ferro galvanisadas, com lanternins envidraçados, e sustentadas por asnas de ferro que assentam em nove fileiras de columnas tambem de ferro. As naves dos extremos abrigam 240 mesas de pedra lioz para a venda dos diversos generos; a nave central tem em cada extremo uma rotunda que abriga 72 mesas, e paralelas a estas mais 16. A meio d'esta nave abrem-se dois amplos espaços destinados á venda por grosso, e ha mais quatro talhões para o mesmo fim. As ruas para o transito de vehiculos são revestidas de beton vincado e as coxias de beton liso. A iluminação interior é feita por 45 lampeões. No recinto do Mercado ha 26 marcos fontenarios. Toda a ligeira e vasta estrutura metalica e a ornamentação sóbria e bem adequada são notaveis pelo seu bom acabamento.

Na nossa Praça da Figueira, e em volta d'ella, o observador de hoje póde ainda descobrir alguns traços da velha Lissibona, que o Snr. Visconde de Castilho avivou com mão de mestre. Os *logares* de venda dão o aproximado desenho das lojas que circundavam os bazares, ou açougues, de que se conservam em povoações arabes exemplares genuinos, e onde se reuniam os compradores, os vendilhões, os bufarinheiros e adelos da cidade. O grande carro de mulas, de toldo recurvo, puro carthaginez e romano, tal qual o vemos entrar na Rua do Amparo, arrastando se ao lento compasso das campainhas, é o retrato fiel dos que chegavam de longe á tortuosa Aschbounah, resistindo ás soalheiras. O nosso misero burro de carga, o companheiro do camelo e do escravo, como diz o Genesis, sempre melancolico e de lombo carregado, o burro da hortaliça, o burro que leva as cascas, é bem o descendente do grande amigo do arabe, ajoujado com o seu albardão moirisco de volta em meia lua, a despontar de sob os enormes ceirões ponteagudos de esparto tecido, usados ainda cá e em toda a Berberia. Na mão das creadas que vão ás compras e dos moços de talho que levam a carne a casa do freguez, as alcofas são do modelo e tecido das amplas alcofas moiriscas. E os mesmos d'aquelle tempo são ainda os cabazes vindimos de boca escancarada, chumbando de frutas ricas e cheirosas e de alegres côres, como só as dão as nossas hortas e quintaes...

Outros mercados se estabeleceram em Lisboa — o Mercado de Santa Clara, o Mercado de S. Bento, o Mercado da Ribeira Nova, o Mercado de Belem. Em Agosto de 1901, uma gréve de vendedores desviou para o Campo de Sant'Anna parte da venda que se fazia na Praça da Figueira, estabelecendo ali um novo mercado provisorio: mas a Praça da Figueira nem por isso deixou de ser o grande mercado da cidade.

A Camara Municipal teve ainda, na organisação dos seus serviços, uma das mais benemeritas instituições que conhecemos — a dos Bombeiros Municipaes. E não devemos falar d'este corpo de salvação publica sem relembrar tambem os titulos de gloria ganhos na mesma obra humanitaria pelos Bombeiros Voluntarios de Lisboa, constituidos hoje em associação. A longa e honrosa folha de serviços de uns e outros torna-os a todos dignos da consideração e da sympathia incondicionaes do povo da capital.

A missão dos Bombeiros é toda uma missão de heroismo e desinteresse. «Quanta intrepidez e feresa, quanta abnegação e amor da humanidade — diz Fialho d'Almeida — não transfiguram á hora do perigo a alma d'esses obscuros e bravos rapazes, muitos dos quaes, fartos de trabalhar durante um dia inteiro, prestes abalam, vestindo á pressa as fardas sobre as blusas, ao primeiro rebate de incendio, e atravessando as chamas como demonios, de machado em punho e agulheta ao hombro, tranquilos, fórtes, alegres quasi, como quem sente no intimo a consciencia limpida e volatil, e em todo o sangue a embriaguez do bem, inata, instintiva, divina, alada, superior aos erros da educação, ás injustiças de casta, ás sugestões malevolas da demagogia e do egoismo — a embriaguez do bem, que neste seculo de interesses é ainda a grande e inabalavel virtude

da nossa alma popular!... Quantos obscuros martyres os incendios têm ceifado, e quantos nomes de bravos elles têm apanhado á flôr da massa anonyma, para os trazer ao lume da celebridade um momento, ao registarem alguma grande victoria contra a morte! Lembram-se talvez ainda d'aquelle valente Bernardino, que num incendio do Corpo Santo, para salvar duas velhas que iam morrer carbonisadas nos ultimos andares do predio em chamas, marinhou por uma das quinas da casa, sem escada, nem corda alguma, nem auxilio, valendo se apenas das unhas e da pressão nervosa dos joelhos, que ia fincando, com uma destresa de gato, nas escabrosidades nodosas da muralha, até chegar ao alcance das victimas — o que lhe valeu do povo que assistia á tragedia uma das mais quentes ovações que em Portugal se têm feito a um grande artista... Esta indiferença do perigo põe na triste raça humana a grande nota impassivel, que reporta o homem aos seus avós da fabula, os semi-deuses; e torna-se afinal contagiosa, e por todas as classes sociaes vae recoltando proselytos, esfaimados de gloria, grandes alucinados pela monomania das façanhas, que se agregam em corporações, sociedades, regimentos, e orgulhosamente passeiam pelas ruas os seus lampejos de latão dos capacetes...»

O serviço de limpeza e regas em Lisboa é que deixa ainda muito a desejar, mas muito, pois o estado de pouco aceio em que a cidade se encontra hoje continua a carecer das mesmas providencias radicaes que já o sincero Raton indicava nas suas *Recordações,* e sem as quaes, dizia elle «Lisboa seria sempre um manancial de molestias, a vergonha da nação, e um objeto asqueroso pelos montões de imundicies acumuladas nas ruas, por efeito do descuido inveterado de se não varrerem, e se não tirarem com a devida regularidade, não obstante as rendas destinadas para isso.»

Antes do terremoto, o despejo fazia se com o auxilio de pretas, que o iam deitar á praia em aparelhos apropriados, chegando até a haver idéa de tributar essas pobres serviçaes, segundo se infere de uma saraivada de decimas satyricas, que o Snr. Visconde de Castilho diz possuir num livro manuscrito do fim do seculo XVII. Depois que El-Rei D. José libertou os escravos entrados no reino, escasseavam os tristes industriaes do enxurro, e por muito tempo se acharam os moradores de Lisboa na urgencia de fazer seus despejos da janela abaixo, com pasmo e vergonha da Europa civilisada. As ruas tornaram-se tremedaes. Era um miseravel quadro da incuria nacional. As posturas camararias pactuaram com o uso. Apenas como aviso aos transeuntes que não tivessem o cuidado de trazer sempre o guarda-chuva aberto, se gritava das janelas, ao emborcar aquelles boiões da fórma especial do chapéo de Sganarello, a que o povo usava chamar *calhandros:*

— «Agua vae!»

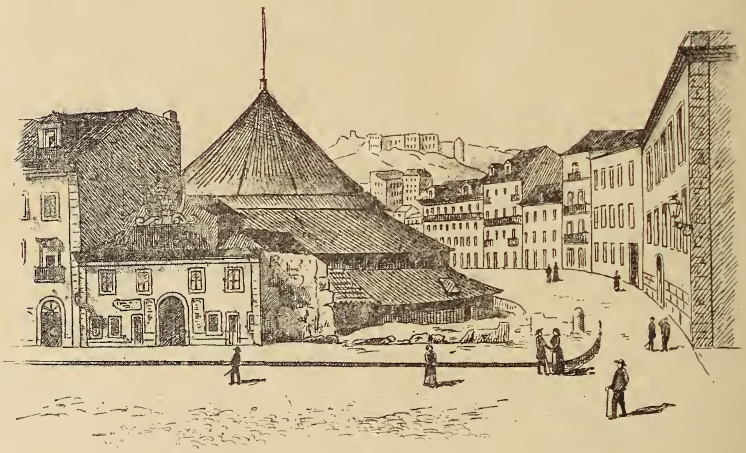
Essa licença foi de algum modo reprimida, mas ainda hoje, quando a policia volta costas, muito boa gente despeja os seus baldes de agua suja, e seus cestos de papeis, da janela abaixo, e atira á rua os restos de hortaliças, as cascas de legumes e de frutas, as tripas de peixe e quantas gorduras não aproveitam á cosinha. O uso de tambem sacudir sobre quem passa o penteador da senhora que acabou de fazer a sua toilette, é genuinamente alfacinha. A Camara Municipal tem, ao cuidado de pelouro especial, muitas carroças que todas as manhãs percorrem a cidade recolhendo o lixo das casas; tem muitos carros de régas, que por ahi andam, em tempo de poeira, refrescando as calçadas; tem machinas de varrer, um batalhão de varredores e de esguichadores, capatazes e cantoneiros, a quem paga para que as ruas andem limpas de lixo, de poeira e lama. Mas a verdade é que não conhecemos cidade onde, como em Lisboa, o estado das suas ruas inspire tanto nojo ao transeunte.

Sabemos nós que á civilisação dominadora, clara, atrativa, que os romanos aqui impozeram pela força, sucedeu a civilisação moira, genero hybrido, derivado do arabe,

mas já influenciado do carater ocidental; e essa variada civilisação deveu incutir-se profundamente na roqueira Lisboa, a julgar pelos vestigios inapagaveis que nos deixou.

Na opinião de Osberno, não primava já esta cidade, ao tempo em que elle a conheceu, pela reputação de muito moral, nem de muito aceada. Nem admira. A falta de religião obrigatoria era causa de tanta confluencia de gentes varias ao mesmo centro. Nesse ponto, havia entre os moiros larga tolerancia; cada um supria para si mesmo a lei religiosa; e d'esse uso provinha, segundo o mesmo escritor, que os peores sujeitos de todas as partes do mundo aqui se acolhiam, «como a uma sentina de todas as volupias e imundicies» e recinto cuja população era metade pagã, metade christã.

Era este para os moiros um notavel centro administrativo, militar e commercial, onde, para tudo haver, até não deixava a natureza de ministrar aos habitantes, tão



376 — Antigo Circo Price

apreciadores dos regalos do corpo, o mimo dos banhos tepidos medicinaes. Viu-os, saboreou os por ventura o cruzado inglez; e tão importantes eram, que não duvidou um autor moderno atribuir lhes, pelo vocabulo arabigo *hamma*, fonte quente, caldas, antecidido do prefixo *al*, a origem etymologica da palavra Alfama.

Provavelmente conhecidas dos romanos, foram dos moiros exploradas «estas lymphas salutares de quentura mimosa» como diz graciosamente Duarte Nunes; já no tempo d'elle, serviam ás mulheres de serviço para ensaboarem a sua roupa «por escusarem de aquentar agua, a qual, se se bebesse, parece que faria algum bom efeito.»

Tres estabelecimentos thermaes existem ainda no sitio da Lisboa moirisca, e todos á beira-Tejo: defronte do Terreiro do Trigo as alcaçarias chamadas do Duque de Cadaval, e as de D. Clara; e ao Chafariz de Dentro os chamados banhos do Doutor Fernando. Todos os menciona o Dr. Francisco Tavares na sua obra *Instrucções* e *cautellas*. Fonseca no *Aquilegio medicinal* especifica na Ribeira, entre o Chafariz d'El Rei e o antigo Chafariz dos Paus, duas caldas, ou alcaçarias: umas do Duque de Cadaval, outras de gente particular, ambas visinhas e quasi similhantes. E já Luiz Martinho de Azevedo no seu *Livro da fundação e antiguidades de Lisboa*, se refere ás aguas salutiferas da alcaçaria de Alfama, então nas casas de um mercador veneziano, por nome Francis-

co Estudenduli, junto ao Arco da Lavagem. Visivelmente são as Alcaçarias do Duque junto ao antigo Tanque das Lavadeiras, pitoresca velharia que desapareceu ha perto de trinta annos. Ficava á esquerda de quem entra do Terreiro do Trigo no Beco de Alfama, que tambem se chamou Beco das Barrelas, e dentro de uma especie de pateo enquadrado entre as trazeiras das casas da Rua do Terreiro e da Rua de S. Pedro, separado do publico por um muro de pouca altura, com sua portinha vermelha. Era um largo tanque oblongo, de agua tepida, em que duzias de lavadeiras de Alfama levavam o dia a bater e a cantar. Segundo consta dos Archivos da Camara Municipal, fôra obra do reinado de El-Rei D. Sebastião.

377 — No Carnaval. Carro de réclamo

Outros lavadouros estabeleceu depois o Municipio nos bairros populares, entregando-os á vigilancia de um dos seus vereadores.

Têm um cunho unico em Lisboa esses lavadouros. Ao redor de cada tanque, uma multidão de mulheres, velhas, moças, de todas as idades, palram, lavam, batem a roupa, atroando os ares com cantigas e com a algazarra das suas descomposturas, servindo-se de um vocabulario tão desgrenhado como ellas, denunciando a ausencia completa de todo o recato moral e da timidez feminina. Para quem goste de estudar as infimas camadas, ha muito que observar entre aquelle mulherio que, de mangas arregaçadas, a saia em pregas entalada nos joelhos, as mãos gretadas, retalhadas pelo frio, desincardem toda a roupa suja da população alfacinha, que não vae para a lavadeira saloia — a nédia, a roliça, a córada lavadeira de Bellas, de Loisa, de Loures, ou do Sabugo, de bota alta e cabeça erguida, sempre atraz do pacifico jumento que lhe conduz as alterosas trouxas.

378 — No Carnaval. Mascarados de capote e lenço

Ha trabalhos tão arduos, provações tão rudes na vida da mulher do povo, e uma temperatura sempre tão nociva em volta d'ella desde os primeiros annos, que, baixando continuamente, chega a descer abaixo do zero perante o inflexivel regulador da sociedade. De coração tão duro como a pedra do tanque em que bate a roupa, essa mulher acumula em si o que o seu sexo póde ter de mais repelente. Dos olhos não lhe mareja uma lagrima, e da boca não lhe sae uma palavra que não seja uma praga, uma injuria, uma obscenidade. Quem ha que não tenha visto, e não haja rido ao vêr duas mulheres brigar? Pois quem gostar do pu-

gilato feminino, acerque-se de um tanque das lavadeiras de Lisboa, e ahi verá o bom e o bonito, e o quanto podem os desmandos da lingua e a energia das unhas!

Dos serviços de beneficencia que estiveram a cargo da Camara Municipal, e dos cemiterios, falaremos mais tarde.

Sendo a instituição da Policia inseparavel da civilisação, pode-se dizer que sempre ella existiu em Portugal desde a fundação do reino. Seria necessario remontar aos primeiros annos da Monarchia para averiguar de tudo quanto ácerca d'esta instituição dizem as chronicas e documentos existentes em archivos e bibliotecas.

A historia da nossa Policia pode dividir-se em quatro periodos: primeiro o das Intendencias Geraes, em que toma maior relevo a epoca de Diogo Ignacio de Pina Manique, por ser este o Intendente que mais se salientou e por isso maior interesse oferece; segundo, o periodo que a este se seguiu, e que abrange as revoluções que precederam a queda de D. Miguel e a implantação do regimen constitucional, periodo tambem interessantissimo, em que figuram os famosos caceteiros e os tumultos d'aquelles tempos agitados; terceiro, desde a epoca da liberdade, que continuou convulsionada por muitas revoltas, e principalmente pelos acontecimentos que ficaram conhecidos na historia com o nome de Patuléa ou revolta da Maria da Fonte — e se prolongaram desde 1842, em que Costa Cabral, depois Conde de Thomar, proclamou no Porto a Constituição de 1826, até 1852, em que se deu a reforma da Carta, e nos annos que se seguiram até 1866, em que foi creada a Policia Civil; e por ultimo, o quarto periodo, a contar de 1893, que compreende toda a existencia da policia moderna.

Em todas estas epocas a historia da Policia tem paginas d'um alto interesse politico e social, algumas extremamente dramaticas, pelos acontecimentos dolorosos a que estão ligadas. A parte mais sensacional, a mais comovente, pelo imprevisto das suas peripecias, é sem duvida a ultima.

Descrito a largos traços, foi este o plano que seguiram os autores da *Historia da Policia Civil e Militar em Portugal*, Zacharias d'Aça e José Maria dos Santos Junior, realisando um estudo sério, exposto em narrativa imparcial, justa e meditada. Ahi se referem, de envolta com a historia das suas leis e regulamentos, os mais interessantes e dramaticos episodios, e se traçam os perfis das personalidades mais evidentes que figuram na policia portuguesa.

As memorias contemporaneas, as relações dos viajantes estrangeiros, a tradição secular e monastica, dizem-nos quanto eram dissolutos os costumes nacionaes na segunda metade do seculo XVIII, no periodo que se seguiu á desaparição do famoso Marquez. Clero, nobresa e povo andavam á compita, a ver qual havia de mais despresar e ofender todas as leis — as divinas e as humanas. Sentiam isto os governantes, e lamentavam o vergonhoso espetaculo que a sociedade portuguesa oferecia aos estrangeiros, mas não achavam em si a força necessaria para suster a corrente da corrupção dos costumes. As circunstancias impunham-se e, dadas as faculdades e o carater austero já sobejamente conhecido de Pina Manique, estava achado nelle o homem necessario. Com poderes amplissimos passou então a ter nas suas mãos a policia de todo o reino: era quasi um ministro para mandar, como era um juiz para julgar, e um corregedor para prender!

Este alto cargo de Intendente Geral da Policia creara-o o Marquez de Pombal, ao tempo Conde de Oeiras, por alvará de 25 de Julho de 1760, sendo o primeiro investido nessas funcções o Desembargador Ignacio Ferreira Souto, ao qual sucedeu o Desembargador Manuel Gonçalves de Miranda. Por morte d'este é que o governo de D. Maria I nomeou para aquelle logar, com atribuições novas, Diogo de Pina Manique.

Já ia longe e esquecida a imponente figura do illustre Marechal-General, o Conde

reinante de Chaumbourg-Lippe, que viera a Portugal em 1762 e 1767, e puzera em verdadeiro pé de guerra o exercito portuguez, como grande disciplinador que era. A disciplina desaparecera, e os soldados degeneraram em bandoleiros. A despeito do oiro, que recebiamos sempre da America, o thesouro estava agora exgotado, e ás tropas não se pagava; os que eram soldados de dia, á noite eram ladrões! E como se não bastassem para infestar as ruas da capital, os salteadores das provincias, e com elles muitos hespanhoes, invadiram tambem a cidade, onde tinham campo mais vasto, para a sua criminosa exploração. Em vão pediu Manique ao Commandante em chefe do exercito providencias, para que um tal estado de anarchia soldadesca cessasse; e então tratou de crear um corpo de policia, para defender contra os ataques dos facinoras as vidas e as propriedades dos cidadãos da capital. Era uma medida, cuja urgencia todos reconheciam. Por alvará de 10 de Dezembro de 1801 foi creada em Lisboa a Guarda Real de Policia, a pé e a cavallo, que prestou desde logo importantes serviços á capital.

A segurança publica de Lisboa está confiada actualmente a sua Policia Civil e á sua Guarda Municipal, uma e outra com organisação militar. Os serviços policiaes estão divididos em tres secções: de segurança propriamente dita, de policia administrativa, e de policia judiciaria. A Guarda Municipal compõe-se de quatro esquadrões de cavallaria e seis companhias de infanteria, com seu estado-maior.

379 — No Carnaval. Ché-ché e outros typos da rua

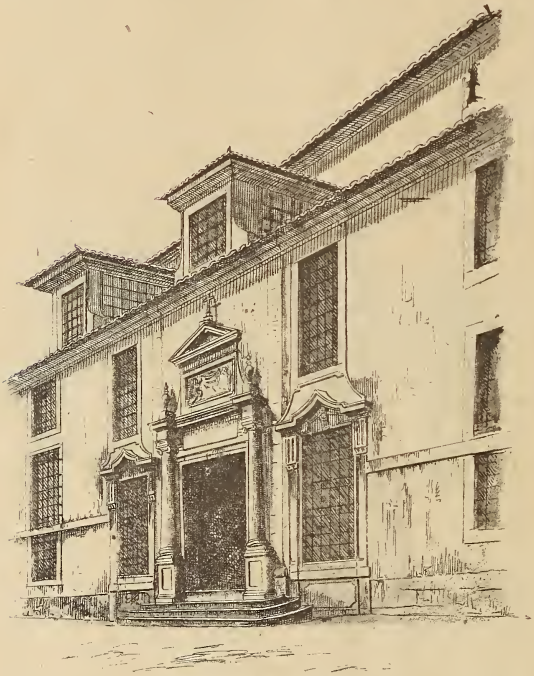
Modificando facilmente os seus habitos em harmonia com as transformações que o progresso cada dia realisa na sua capital, o alfacinha conserva, todavia, dois traços de carater que resistem a toda a especie de influencia estranha. O alfacinha é, essencialmente, fundamentalmente, folgasão e devoto. Tem a cidade cheia de egrejas e casas de espetaculo, e o calendario todo salpicado de festas religiosas e dias de grande gala.

O primeiro cuidado do lisboeta á entrada de cada novo anno, foi sempre o de verificar na folhinha da sua predileção—*Borda d'Agua* ou *Seringador* e *Almanach de Lembranças* ou de *Luiz d'Araujo* — em que dias viriam a cair as festas moveis d'esse anno, e quantos dias santos e feriados nelle coincidiriam com domingos. Para o lisboeta empregado publico, o facto de cair num domingo a Outorga da Carta ou o dia de Todos-os Santos é um verdadeiro desgosto, de que só póde consola-lo algum feriado extraordinario por casamento de principe ou morte de papa.

Ao dia de Anno Bom, que é o primeiro de festa nas familias, segue-se logo o dia de Abertura das Côrtes, que é o primeiro de festa oficial.

Algumas horas antes da chegada de El-Rei ao Palacio de S. Bento, já o povoléo se aglomera na Avenida de D. Carlos e na embocadura das ruas circunjacentes. Os regimentos formam á beira dos passeios, um cordão de policias interrompe o transito. Por volta das duas horas da tarde chegam os coches, as bandas rompem o Hymno da Carta, e então se fórma, á porta do Parlamento, o mesmo cortejo de sempre, tão de-

corativo e hieratico: á frente El-Rei, a Rainha, o Infante Condestavel, e depois os pares e deputados, grandes do Reino, officiaes e damas, fardas brilhantes, peitilhos relusentes, crachás e plumas, sedas e rendas, fru-frus de caudas e tilintares de espadas; e o Alferes-mór erguendo bem alto o estandarte purpura e os arautos com seu trajo pitoresco, e os archeiros com suas alabardas. Lá dentro, as galerias apinhadas de senhoras, um formigueiro de cabecinhas inquietas, e em baixo, no hemicyclo, a ostentação dos grandes uniformes e a mancha negra das casacas. Subito, faz-se um silencio; e então El-Rei, sobre o estrado atapetado de vermelho, lê clara e pausadamente o Discurso da Corôa.



380 — Egreja de Santa Joanna

Finda a leitura, apressadamente a cerimonia finda. Faz-se uma debandada. Outra vez as bandas militares tocam o Hymno, troam os canhões, os coches regressam ao Paço pelo Aterro, Santos e Janellas Verdes, as tropas desfilam, comparsas e espetadores debandam.

E está aberto o Parlamento!

A unica impressão bem viva que d'essa festa perdura na retina dos alfacinhas é a que lhes dá a Guarda Real dos Archeiros, exibindo nas ruas as suas gordas pernas de algodão em rama, de calção e meia, as suas casacas vermelhas e amarelas, os seus chapeus de dois bicos. Nada mais carateristico da nossa boa e democratica realeza — dizia Pinheiro Chagas — do que este pacifico e bonacheirão archeiro, que vela ás portas do nosso Louvre, e que nas horas vagas da sua missão palaciana é lojista, ou coisa que se pareça. No tempo em que as alabardas ainda eram armas a valer, no tempo em que o que se conhecia de mais perfeito nas armas de fogo portateis era o mosquete, e na artilheria a colubrina ou o berço, os nossos monarchas, segundo o dizer de Sá de Miranda, não andavam senão com uns sujeitos que apenas empunhavam umas leves canas. Hoje que as alabardas são apenas umas armas archeologicas, hoje que as armas de fogo chegaram a uma perfeição por muito tempo desconhecida, são as alabardas dos archeiros que substituem as canas com as quaes, dizia o poeta da Quinta da Tapada a D. João III — «His amado e his temido...»

A Guarda dos Archeiros é uma guarda puramente decorativa, e não deixa de dar seu colorido vivaz ás festas reaes. Não imprime, certamente, aos prestitos e ás decora-

ções palacianas um carater majestoso, mas deslumbra as creanças, deleita o povo, é sobretudo o supremo ideal dos pretos!

Quem procurasse bem encontraria talvez no casulo do archeiro a lagarta do ché-ché, que é o typo mais saliente do carnaval de Lisboa. E' o mesmo córte de casaca, o mesmo calção e meia, o mesmo sapato de fivéla, a mesma bonacheirice. O facalhão de pau prateado em vez da alabarda, e o chifre retorcido, emblema da paciencia, que é no archeiro virtude primacial para aturar a pé firme os cerimoniaes da Côrte, completam no ché-ché as razões de suspeita que podemos ter ácerca da sua origem.

Do velho entrudo lisboeta, com arremeços de laranjas, ovos, baldes d'agua, e quantos cacos de barro e loiça aparecessem á mão de semear, só resta hoje, a bem dizer, o

581 — A Praça da Alegria antes da demolição do Passeio Publico

ché-ché. O entrudo chegou a ser o jubilo maximo do alfacinha. Um mez antes, já ninguem cogitava noutra coisa: separavam-se os jornaes inuteis para recortar e fazer rabos; o papel mais fino era moido á tesoura, até se reduzir a uma especie de poeira destinada a ser metida pelo pescoço abaixo aos parentes e amigos; começava a brincadeira de esconder os chapéos das visitas, coser á cadeira as abas do fraque do parceiro da bisca, apertar a mão, á saída, com um molhinho de ortigas; já se guardava debaixo da chaminé o alguidar rachado, dizendo a dona da casa:

— Isto não vae para o barril do lixo. E' para o entrudo!

De dia para dia, conta Julio Cesar Machado, o jubilo galgava em proporções. Ia-se de noite á corda do sino, e largava-se a tocar a fogo para incomodar a freguezia e fazer sair a bomba. Amarrava-se a um cordel a rama de um bom mólho de cebolas e atirava-se gentilmente com elle, d'um terceiro andar, á cara dos transeuntes. Uma vez ou outra, variando com chiste, substituia-se o mólho de cebolas por uma rica luva cheia de areia — que em apanhando o hombro a um sujeito lhe rendia logo a clavicula com infi-

nita graça. As pessoas mais delicadas assopravam, por um canudo, tremoços que iam bater na cara de quem passava. Ao jantar, se havia alguem de fóra, depois de lhe darem sopa com vinagre e pimenta, e vinho com mostarda, comiam uns aos outros o nariz á sobremesa! Nabo com o qual não entrasse faca á força de ser duro, dava-se com elle na cabeça de algum janota que atravessasse a rua, para lhe fazer o chapéo num figo. Alguns, enfarinhados, pintados, besuntados, com penachos asues num chapéo de palha da terra, opa branca, ceroula e sapato de laço escarlate, iam fazer uma visita de surpresa á familia do segundo andar, empoa-la e enfarrusca-la bem.

De instante a instante invadia as ruas ora uma dança ora outra, enfeitados, ataviados alguns em traje de mulher, de chapelinho ao lado, caracoes sobre os hombros, fita por baixo do queixo, saia curta, perna á mostra, seio de improviso, arco de flores numa das mãos, na outra lenço de pontas bordadas, pastorinhas, com seu cigarro bregeiro ao canto da bôca, malta que crescera nos caes, nas praças, e até nos adros das egrejas, jogando as chapas, a lasca, a mosca, os dados, e a petisca. Girava a contradança. Os latagões saltavam suando ao som da charamela, animados pelo guinchar do pifano e pela facundia do bombo. Era uma dança de instinto, uma dança de adivinhação.

O chefe de familia, homem austero e excelente, sentia o desejo de se vestir de Affonso de Albuquerque. Mandava vir traquitana, e ia ao guarda roupa do José Vicente — o famoso ex-José Vicente do Calhariz — alugar o seu fato de mascara. Deslumbrante espetaculo! Era o Oriente, eram as mil e uma noites, era o reviver das sociedades deante de seus olhos atonitos! Punha um as barbas ruivas do Shylok e o chambre do judeu das tamaras; outro a casaca de seda azul bordada a prata, os bofes, a bengala de castão formidoloso; este queria ser Carlos Magno; aquelle Barba-Rouxa, Gil Vicente, ou o Remechido; aquell'outro, a quem o da loja perguntava o que queria elle: — «Um guerreiro de oito tostões!» dizia. E davam-lhe um Vasco da Gama de setecentos e vinte... Em seguida, assim paramentados e de caraça, vinham para o meio da rua, contendendo com quem passava, envolvidos nas sombras densas do incognito, solteiros, viuvos, casados — os casados tambem, porque de noite, no entrudo, todos os maridos são pardos!

Dois seculos depois da publicação d'aquelle alvará de Filipe III que proibia nas ruas de Lisboa «as laranjadas e brigas de entrudo» os nossos governadores civis entenderam que as brincadeiras carnavalescas tornavam ao excesso, e deram ordens á policia no sentido de reprimir os abusos que por muito tempo o entrudo permitira. Não se regressou á pratica das festas de egreja nos tres dias gordos, como em 1608, quando aqui se introdusiu o Jubileu das quarenta horas, que tinha por fim distrair os animos das tropelias carnavalescas para as diversões de Deus; mas por tal modo se restringiu a licença nos editaes emanados do Governo Civil, que os folguedos tomaram feição muito diversa, sendo possivel já hoje considerar o Carnaval de Lisboa um carnaval civilisado.

No Jubileu das quarenta horas, que ainda em tempo de El-Rei D. João V era celebrado, ornava-se a Egreja de S. Roque com o maior esplendor, levantava-se na capela-mór uma pyramide doirada no alto da qual se expunha o Sacramento, e por cima do Sacramento se via um archanjo que por certo artificio abria e fechava as asas, ora ocultando, ora descobrindo a custodia. Esta visualidade ingenua, no meio de muitas luses e flôres, atraía por algumas horas a atenção publica. Era tal o concurso de gente a confessar-se e a commungar durante aquelles tres dias, que só em S. Roque houve quem contasse 20.000 pessoas! No domingo gordo saíam em procissão os meninos que frequentavam as escolas de ler e escrever acompanhados pelos mestres, percorrendo as ruas com vistosa charola. Na segunda-feira, outra procissão saia do Collegio de Santo Antão, organisada pelos estudantes do mesmo Collegio, levando cada classe sua charola ou andor. Na terça-feira, ainda outra procissão faziam os irmãos da Congregação de Nossa Senhora da Doutrina, de S. Roque, levando a imagem em um

andor de prata, indo o Rei a uma das varas do palio, e acompanhando-o a Côrte. Tudo isto muito entretinha o povo, e lhe continha os impetos folgasões.

Hoje, diverte-se o povo com as batalhas de flôres na Avenida da Liberdade, com os cortejos de fantasia percorrendo as ruas principaes, com as danças e cégadas já decentemente vestidas, com o aspeto das janelas e palanques colgados de lindas colchas, atulhados de gente alegre, com a brincadeira inofensiva das serpentinas de papel e dos papelinhos recortados, de diversas côres, a que os italianos chamam *confetti*, com as recitas patuscas dos theatros, e com os bailes de mascaras, que tanto abundam. E por aqui se vê que Lisboa, além da sua bella Avenida e das condições naturaes do seu clima, tem na sua população elementos de riquesa e de arte e faculdades assimiladoras, para que taes festas, devidamente organisadas e sábiamente exploradas, possam competir com as do Estrangeiro, e chamar aqui uma multidão de forasteiros, como se dá com a Feira de Sevilha e o Carnaval de Nice.

Da terça-feira de Entrudo ao sabbado da Alleluia decorre para o alfacinha o periodo em que elle menos se diverte, por certo, mas em que todavia se diverte, por um

382 — Cemiterio dos Prazeres. Entrada principal

diverso modo. E' a Quaresma. Divertem-no as procissões, os sermões, as solemnidades da Semana Santa. Ahi iremos encontra-lo, mais logo, quando nos chegar o ensejo de falar da Lisboa devota.

Segunda-feira da Paschoela é o grande dia de ir buscar as séstas, que o mesmo é que dizer — ir buscar o descanço, a quietação, isso a que alguns chamam preguiça. As doces séstas!... O scismar deitado! o pasmar de barriga para o ar, com uma perna por cima da outra; o fechar dos olhos para ver melhor; o aboborar da decisão!... Corre a cidade inteira, corre o poder do mundo, da côrte e da arribana, aos Prazeres, neste dia luminoso. Por elle esperam ávidas as casas de venda nas ruas do transito; do fundo do arvoredo, da encosta, do vale, vem o zéfiro girando lépido agitar-lhes o ramo á porta; correm as séges, chia o carro camponez, marcham os pegureiros, vão de rancho os artistas, as familias, a rija juventude e a velhice jovial.

Começa o bom tempo para os retiros e hortas — onde já se despe o casaco e se joga o chinquilho, e se ajustam a giz numa ardosia as contas dos comes e bebes: a *Perna de Pau*, a *Tia Joanna*, o *Colete encarnado*, o *Manoel Jorge*, o *José dos Pacatos*, o *Joaquim dos Melões*, a *Bazaliza*, as *Varandas*, o *Camba*, a *Nova Cintra*...

As hortas eram, já no tempo de Nicolau Tolentino, o bem parado dos gastronomos de bom contento,

Quando era grande função
Ir a amiga vêr a amiga,
E merendarem no chão.

Então, como agora, se a lista dos chanfaneiros não seduzia pela variedade dos acepipes, fazia crescer a agua na boca dos freguezes pela variedade dos cheiros que a arte culinaria sabe dar extra muros aos guisados os mais vulgares, debaixo do parreiral sombrio e convidativo de algum retiro campestre, naquellas toscas mesas de pinho sem toalha.

A retirada das hortas de uma familia alfacinha — dizia Luiz Augusto Palmeirim — seria assumto digno do pincel de Hogard e da sua fina observação dos costumes burguezes. Variam ao infinito os typos dos frequentadores das hortas. Ao amador de desenjoativos que não admite salada sem ser francamente remexida em alguidar vidrado pelos braços felpudos do bicho da cosinha, alia-se o entusiasmo do frequentador que jura não ser invenção dos mortaes a pescadinha frita... As hortas são frequentadas inocente ou maliciosamente, confórme é uma familia patriarchal que as procura como pretexto para tomar ar, forrando-se ao trabalho de pôr a panela ao lume, ou é o celibatario incorrigivel que as visita para ter tempo pelo caminho de esmoer o jantar, e de se aliviar sem testemunhas da carga que o temporal o obriga a alijar. No primeiro caso, a horta cheira a ecloga, rescende ao rosmaninho; no segundo caso, é o candongueiro de vinho carrascão que vem contaminando a estrada até entrar as portas, sem que a Alfandega possa exigir-lhe direitos pelo odre que chegou vasío.

383 — Cemiterio dos Prazeres. Monumento a Antonio Augusto d'Aguiar

A' festa do descanço segue se a festa do trabalho, que os operarios celebram com seus prestitos, com seus comicios, com suas philarmonicas. E' o dia luminoso, florido e perfumado do Primeiro de Maio. Lusco-fusco ainda, pelo diluculo asulado e leve, já o alfacinha tem vindo para a rua, e de nariz no ar, pimpante e lésto, busca o rumo da primeira fanfarra em alvorada para lhe tomar o encalço, seguindo-a na marcha que a alegria dos metaes estuga, madrugadora e fresca.

Depois do dia de Maio, nesse mesmo mez, vem a quinta-feira de Ascenção, que

a tradição popular festeja pelos arrabaldes, quasi despovoando Lisboa, correndo aos campos verdes do trigo, na colheita da espiga, dos malmequeres e papoulas.

Quinta-feira da Ascenção,
Quem tem espiga, tem pão!

A espiga é um symbolo — o symbolo da abundancia. Mas é, principalmente, um bom pretexto para os lisboetas irem, em ranchos, vestindo o seu fato domingueiro, dar largas ao coração, mergulhar em mais um banho de boa luz e ar, fazer merendas, espairecer a seu modo.

Outros tantos pretextos para prazer egual são as romarias á Senhora da Rocha, ao Senhor da Serra, á Senhora da Atalaia, a todos o santos e santas que sabem atrair ás visinhanças da sua ermida o entusiasmo dos arraiaes. Nessas correrias pelo campo fraldado de giestas e de verdeselhas, por entre as silvas e as flores da amora, rapazes

384 — Uma rua do Cemiterio dos Prazeres

e raparigas, guitarristas e bailadeiras, velhos e creanças, numa perfeita harmonia de almas, todos têm sua parte no grande e vivo regosijo de taes dias. A' sombra de arvores, sobre toalhas de relva, cada familia, cada grupo vae abrindo a cesta da sua merenda, o garrafão do seu vinho, e respirando bom ar, e contemplando largos horisontes, tudo canta e folga. Bailaricos, jogos, corridas, todo um programa de folia inofensiva auxilia depois a digestão dos melhores petiscos, distende os musculos. E em volta das ermidas, completando o quadro da animação popular, pipas de vinho em carros, o ventre repousado entre toldos de chitas de ramagens e grandes ramos de louro, mesas de peixe frito, bolinhos de bacalhau, azeitonas e queijadas, frutas e mil guloseimas.

Ha um periodo de festas populares em que o alfacinha não sae de Lisboa, e em que cae em Lisboa um poder do mundo dos saloios. E' no mez de Junho, quando se festeja Santo Antonio, São João e São Pedro. São verdadeiras romagens das aldeias e casaes da cercania ao coração da cidade, praso dado, sem ajuste nem convite, de todos os guitarreiros e cantadores do termo. As noites da Praça da Figueira e suas imediações têm nessa ocasião um cunho lisboeta e provinciano que se não confunde, na contagiosa alegria dos descantes, das guitarras, dos balões de côres, das gaitas e assobios de barro, dos pregões de frutas, mangericos e cravos, todo aquelle ir e vir de grupos

que a folia impele, sem nexo e sem sentido, formigueiro humano, onda de povoléo.

Um dos costumes alfacinhas a observar nesta quadra é o culto das creanças pela rua a cada um dos tres santos populares. Todos os garotetes da cidade levam do seu brio perpetuar tal culto, recorrendo para isso á generosidade dos transeuntes. A cada esquina, em cada quarteirão, dos bairros proletarios, levanta-se o pequenino throno do santo festejado, com seus castiçaes de chumbo, sua cruz doirada, seus malmequeres e rosas, e a imagem, em cima, sob o baldaquino de papel doirado, a imagem classica de barro: vestida de borel se é o sorridente Santo Antonio com seu Menino Jesus ao colo; em fresco trajo biblico de pastôr se é São João com seu carneirinho ao lado; de tunica vermelha, barba longa e grande calva á mostra, se é São Pedro, com seu mólho de chaves de oiro que abrem as portas do céo. O chão onde o throno assenta cobre-se de areia encarnada, folhas de rosas, alecrim e mangerona. E não ha voltaireano blindado de aço, na phrase de um humorista, que não proteja com cinco reis aquelle culto inocente de meiguice.

As capelistas de Lisboa, de quem pouca gente já se lembra nos outros meses do anno, e que morreriam á mingua se não houvessem tido o cuidado de empregar na compra de alguma inscripçãosinha os ganhos d'outro tempo, do tempo em que era d'ellas o monopolio das agulhas e alfinetes, meadas de linha e botões para ceroulas — tiram por este tempo seu ventre de miserias, fazendo um negocio doido com as imagens dos tres santos, os thronos de pinho forrados de papel, os castiçaes de chumbo, os balões e os fogos de vistas que se deitam ao ar e se queimam nas tres noites — bichas de rabiar, trics-tracs, valverdes e pistolas, serpentes de Pharaó, vulcões e bombas...

Outro bom negocio d'estes dias de Junho é o dos cravos de papel, dos vasos com mangericos, das alcachofras, dos mólhos de alfazema, dos rouxinoes de barro. Ninguem vae á Praça da Figueira, que volte para casa sem ter comprado alguma coisa d'essas. Os rapazes escolhem entre os cravos de papel aquelles que dizem, na bandeirinha branca grudada á haste, a quadra mais adequada ao caso do seu namoro. As raparigas querem os mangericos para os pôr á janela, e queimam as alcachofras na ancia de saber se o derriço lhes sae voluvel ou constante, conforme ella reverdece ou toda se carbonisa. As velhas perfumam a casa com os mólhos de alfazema. Os petizes ensurdecem a familia, assoprando no rabo aos rouxinoes.

Afóra as festas que vêm marcadas no reportorio com a cruzinha dos dias santos, o alfacinha inventa muitas outras na volta rapida do anno. A comemoração do Centenario de Camões em 1880, que ficou memoravel nos fastos do regosijo nacional, abriu o exemplo para outras comemorações que se tornaram frequentes: o Centenario do Marquez de Pombal em 1882, o Centenario da India em 1893, o centenario de Santo Antonio em 1895, o Centenario de Gil Vicente em 1902. As sociedades de *sport* crearam no povo a sympathia por um novo genero de diversões, que pouco a pouco se acclimata entre nós: os concursos de tiro, as regatas, as corridas de cavallos, de velocipedes e de automoveis. As associações operarias, as de socorro mutuo, cooperativas, musicaes e dançantes, representam hoje um movimento muito consideravel de solidariedade entre as classes trabalhadoras da capital, promovem tambem, e a miude, suas festas, organisando sessões de recreio e de propaganda, reunindo em alegres *sotrées*, com dança e com bazares, as familias dos seus consocios, que d'antes constituiam a habitual concorrencia dos bailes campestres, d'esses tão promiscuos bailes campestres que quasi sempre acabavam ás escuras, com desordens, cheliques, muito empurrão, muito soco e, á mistura, sua navalhada e sua fuga de donzela aos paes...

Quando não é o povinho que se diverte entre si, são as classes altas que o chamam a tomar parte noutras festas, da iniciativa d'ellas, com fins caritativos: kermesses, espetaculos de gymnastica, toiradas de fidalgos.

Se ha tendencia pronunciada de gosto extensiva aos diversos grupos sociaes que podem ser abrangidos sob a designação generica de povo, é com certesa essa que leva massas compactas de alfacinhas á Praça do Campo Pequeno sempre que se annuncia uma corrida de toiros.

Esta Praça do Campo Pequeno não é a mesma que ali houve no tempo de D. José I, construida de madeira, com seus 250 passos de diametro, e onde o povo de Lisboa ia espalhar as tristesas que lhe tinham ficado do memoravel terremoto. Essa foi de efemera duração. Abandonada a antiga Praça do Salitre e demolida depois a do Campo de

385 — Cemiterio dos Prazeres. Mausoleu dos Duques de Palmella

Sant'Anna, pelo estado de ruina a que chegara, começou em 1891 a construção da Praça do Campo Pequeno, atendendo-se no projecto não só á comodidade do publico, pela variedade de logares que lhe eram proporcionados, á segurança dos artistas, a uma melhor disposição dos touris, mas tambem a que o edificio ficasse elegante e monumental. A construção abrangeu um circulo de 80 metros de diametro, tendo de altura 18 metros, com quatro torreões nos eixos longitudinal e transversal. O projeto exterior geral foi architetado em estylo arabe, por ser o estylo adaptado á epoca a que remontam as corridas de toiros. As dimensões da arena foram marcadas segundo as indicações dos nossos principaes artistas tauromachicos. Contam-se na Praça, além da tribuna destinada á Familia Real e camarotes para dignitarios da Côrte, mais 165 camarotes. Por baixo da tribuna real está o camarote para a autoridade. No plano inferior, e paralelamente ás bancadas de sombra, são os logares destinados ao inteligente da corrida, lavrador e abe-

gão. Sobre o touril ha uma serie de cadeiras dispostas em amphiteatro, e por baixo dos camarotes uma espaçosa galeria, tendo á frente duas filas de fauteuils. As bancadas de sól e sombra são numeradas e divididas em sectores, correspondendo a primeira e segunda á barreira e contra-barreira das praças hespanholas, e isoladas por um patim geral, que dá acesso ás outras bancadas. A lotação da Praça é de 8.438 logares.

No pavimento terreo dos torreões estão as bilheteiras, o curro, e contiguo a este o dormitorio para os campinos, com frestas por onde podem vigiar os toiros, e a cavallariça para os seus cavallos. Ha uma enfermaria muito espaçosa e bem disposta. Para os cavalleiros ha camarins privados, e pateos onde abrigam os seus cavallos de combate. Nos pavimentos superiores dos torreões são os bufetes e salas para os espetadores dos camarotes, e escadas para as bancadas de sol e sombra. Os vãos de portas e janelas exteriores da Praça são em numero total de 420.

O amphiteatro destinado aos espetadores é construido sobre abobadilha de tijolo, e em bancadas de pedra, á semelhança dos circos romanos. As galerias são de ferro. Em toda a edificação houve grandesa, arte e solidez.

386 — Uma trasladação

O projeto d'esta obra foi elaborado pelo architeto Antonio José Dias da Silva. A sua realisação deve se á Empresa Tauromachica Lisbonense.

Os toiros são o nosso primeiro divertimento nacional. Esta simples palavra — Toiros! — dizia Luiz Augusto Palmeirim, põe em alvoroto a capital, sacode os cocheiros da sua habitual monotonia, desfranse o sobrolho do negociante a retalho, desperta os sustos da mãe de familia, aguça a mobilidade chronica do janota, espicaça a indolencia do vadio, põe álerta o capricho da mulher que gasta por conta alheia, comove os bolsos paternos, invade finalmente a aristocracia em nome da tradição, e a plebe á voz desafinada da corneta que, á frente do bando, distribue pelas ruas da cidade o programa das festas do dia seguinte.

Como todas as grandes solemnidades, as corridas de toiros têm tambem as suas vesperas. O antigo bando, que andava por essas ruas distribuindo o programa e toando estridulosos instrumentos de latão, do alto de fabulosos rocins, era já, por si só, uma festa. Tinha seu quê de fantastico, o bando! Eram homens diferentes de todos os mais, aquelles homens; diferentes de todos os cavallos, aquelles cavallos; o tambor tinha outro som; o cornetim dava outras notas; e o figles era um figles que não se parecia com nenhum outro figles... E o vestuario que elles traziam! O que distribuia os programas punha de esguelha sobre os hombros uma capa de paladino, e o chapéo ao lado, com plumas; os que tocavam vinham de véstia de mangas largas, umas calças que se lhes enroscavam na perna como trepadeiras, bonet de pala como os dos policias d'esse tempo, e dragonas! Havia ainda outro, o que conduzia a bandeira, de soldado romano, com um capacete que lhe tapava as orelhas e pretendia enfiar se-lhe p'lo pescoço.

A obrigação d'elles era correr assim as ruas principaes, mas sempre arranjavam as coisa de maneira a passar por certas travessas onde morassem pessoas das suas relações. E por ahi rompia a musica alguma das suas melhores simfonias.

—Vocês hoje estão afinados que tem diabo! dizia uma.

387 — Egreja de Nossa Senhora do Socorro

—Estão tocando melhor de semana para semana! dizia outra.

—Olha o trombone como sopra, Malachias! Aquillo é um sopro de virar falúas!

Vinha toda a gente á rua, e a garotada era em barda, todos de mão estendida para apanhar o programa, o sedutor programa que dava o numero de toiros, os nomes dos cavalleiros, dos bandarilheiros e do lavrador, e prometia o intervalo dos pretos, que er o ideal dos brancos.

Pela madrugada, ia-se esperar o gado fóra das portas da cidade, uns a cavallo, outros

de carro descoberto. Era outra festa. Ceava-se bem, e abalava se de seguida, cada qual a dar comsigo nas Marnotas. Ao som cavo dos chocalhos dos cabrestos sucediam-se então as espiraes, os rolos, as nuvens de poeira, os gritos dos campinos, os assobios da turba, os relinchos dos cavallos, o tropear do gado, o estoirar dos foguetes.

O alfacinha verdadeiro amador de toiros deixava-se então ficar nas proximidades da praça. A's oito horas começava a embolação, e o verdadeiro amador assistia á embolação; e emquanto o animal passeava descuidoso no circo, escarvando na areia, com o verdejar luxuriante das lezirias ainda diante dos olhos, o conhecedor das raças analysava o ferro, discutia a côr, perscrutava os instintos, sondava o cruzamento e decidia da frouxidão ou generosidade do sangue do bicho. A' tarde, quando o toiro entrava na arena, já o verdadeiro amador o conhecia por fóra e por dentro.

Domingo! Dia de toiros! Com o sol a pino, a cidade repousa, cheia de calor, num silencio parecido com o da hora das séstas nas terras tropicaes. Apenas no céo fumacento chiam as andorinhas, e sussurram em rodopio pelo macadam faiscante da rua as folhas sêcas, agitadas pelo bafo quente do suão. Subitamente, porem, pelas tres horas da tarde, uma enorme girandola de foguetes parte, esguicha no ar, rebenta estrondosamente nas alturas e desfaz-se em bombas, fumo e canas soltas, bamboleando no céo. Lisboa resurge então do letargo dominical, como ao som da trombeta do anjo no dia de juizo. Tudo estremece de um mysterioso abalo impulsivo — diz um dos fulgurantes autores das *Farpas*, o Snr. Ramalho Ortigão — o povo, a burguesia, a nobresa, as pilécas das tipoias, as bilhas da agua fresca, as limonadas de cavallinho, os leques, as mantilhas, as flores e as plumas dos chapéos, as môscas e a poeira... E de tudo parece saír o grande grito peninsular, unisono, estridente, victorioso e arrebatante:

— Aos toiros!

Jucunda e gloriosa, sob o azul do céo, regorgita a praça de gente impaciente e ruidosa. Estrondeia um passo dobrado nos metaes cahoticos da charanga. Moços de jaqueta branca, e regador em punho, burrifam a arena, acalmam o pó olympico. Ao comando do clarim, entra a quadrilha, que logo estaca em parada, reluzente de oiro, palpitante nas capas, nas fitas e nas plumas, ao som do Hymno. E nos logares do povo, em metade do amphitheatro, o sol dardejante, num incendio de apotheose, bate de chapa os lenços asues, as cintas vermelhas, os barretes verdes dos campinos, os latões das cornetas, põe numa fogueira de festa a estrondeante alegria da alma popular.

Entram os cavalleiros para as cortesias. Fazem-se as cortesias. E, de seguida, sem demora, tudo se apresta para a lide que começa. Toca o cornetim, bate o moço do curro á porta por onde vae saír o toiro, abre-se a porta e o toiro sae! Picado o toiro pelo cavalleiro, bandarilhado e passado á capa, chega o momento solemne. Um fremito desconhecido de qualquer outro povo que não sejamos nós, percorre toda a trincheira da sombra e do sól, e retumba este grito:

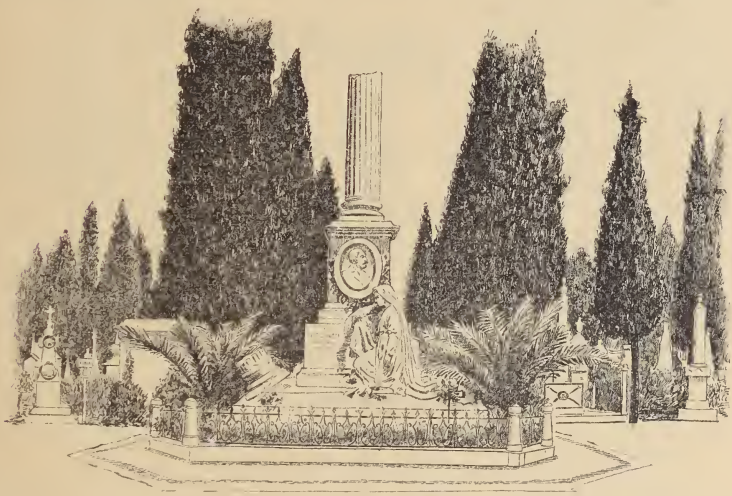
— A' unha!

Então, disgrega-se o forcado do grupo de valentes que nessa manhã chegaram de Alcochete ou de Aldeia Gallega; e só, no campo desafogado, adeanta-se para o bicho, em costume de gala: jaleca de ramagens, calção d'anta, cinta encarnada, meias bordadas, sapatos de salto de prateleira. O seu aspeto cheira ao sol da leziria, ao rosmaninho da charneca, e á terra revolvida pelas charruas. Alto, esguio, musculoso, desempenado, aprumado, a tez morena tostada pelas soalheiras, o sangue a denunciar-lhe a proveniencia sarracena, que em tudo se lhe acusa, quer nas acentuadas linhas do seu typo incontestavelmente mosarabe, quer na decidida sympathia de instinto que elle mostra pelas côres do seu trajo, quer na mobilidade vivaz da sua fisionomia. Palpita-lhe a força em cada musculo, canta-lhe a saúde, vermelha e salgada, em cada póro da pele. O toiro investe com elle pela barriga. Elle empolga o toiro de frente, por entre os

cornos, escarrancha se lhe na cara, e afocinha-o no chão! Não ha no mundo espectaculo mais bello de virilidade, nenhum outro ha mais legitimamente portuguez. Grande péga! sim senhores... Boa péga!

Numa praça de toiros, os espectadores são complemento obrigado do espectaculo. Sem um calor de abrasar, sem assobios, sem sôcos, sem fumo, sem poeira, sem charanga, sem insulto, sem piada, sem muita algazarra, não ha tarde de toiros que preste, não ha capinha que se electrise, nem forcado que se atire ás armas do inimigo, nem cavalleiro que se arrisque á meia volta, nem preto intervaleiro que se roje pelo chão como a serpente, e que o animal enfurecido tóme nos páus, e deixe depois estirado na arena.

Ha na *Galeria de figuras portuguesas* uma descrição das diversas classes em que se dividem os legitimos amadores de toiradas, que não admite a possibilidade de al-



388 — Cemiterio dos Prazeres. Monumento a Carlos Lobo d'Avila

guem os descrever melhor. Observemos ahi essa multidão alfacinha que tanto se anima, se agita, e se entusiasma ao ouvir o estoirar dos primeiros foguetes que são prenuncio de alguma corrida de toiros.

«Fanatico pela equitação, defende este a proficiencia da escóla sua predileta, identifica numa trindade unica o cavalleiro, o cavallo e o toiro, e d'este centauro assim arranjado pela sua imaginação artistica, faz o symbolo, o ideal da arte do toureador. Menos versado nos preceitos e regras de Marialva, e da escola portuguesa, outro, que nunca montou senão em burro, tem a agilidade do bandarilheiro como o fundo, a essencia, o bello de uma corrida de toiros; e apenas tolera como acessorio a firmesa do cavalleiro no arção, a sua promtidão do olhar, a robustez do pulso. Para este, o capinha merece estatuas, e o cavalleiro apenas as glorias mais circunspectas do recinto de um picadeiro. Menos artista que os outros dois criticos seus collegas, ha ainda uma classe de amadores que não póde resistir a dar o grito soberano do —A' unha! — e que considera a força fisica como a parte mais comovente, mais heroica e mais poetica de uma corrida de toiros. Finalmente, para haver de tudo nesta variedade de opiniões, ha

quem, negando ao preto os fóros de homem, só aplauda frenético, e só intime a musica a tocar, quando o vê enovelado no cavallinho de pasta, farejado, espesinhado, virado e revirado pelas armas possantes do toiro, acirrado pelas farpas do capinha que dirige o turno...

Ha quem leve a paixão pelo espectaculo a ver tudo o que se passa no circo antes mesmo de começar o espectaculo! Ha amador tão dominado pelo vicio, que assiste inalteravelmente ao recolher do gado para o curro, ao varrer e regar da praça, aos primeiros meios quartilhos com que o preto se conforta, ao aparecimento da autoridade no camarote. O espetador do lado do sol não desarreda o pé do seu posto, quer a poeira lhe entre ás lufadas pela boca dentro, quer o suor lhe corra em bagas lusentes pela cara abaixo. O batejado da fortuna, o espectador do lado da sombra, esse, para em

389 — Atraz d'um enterro

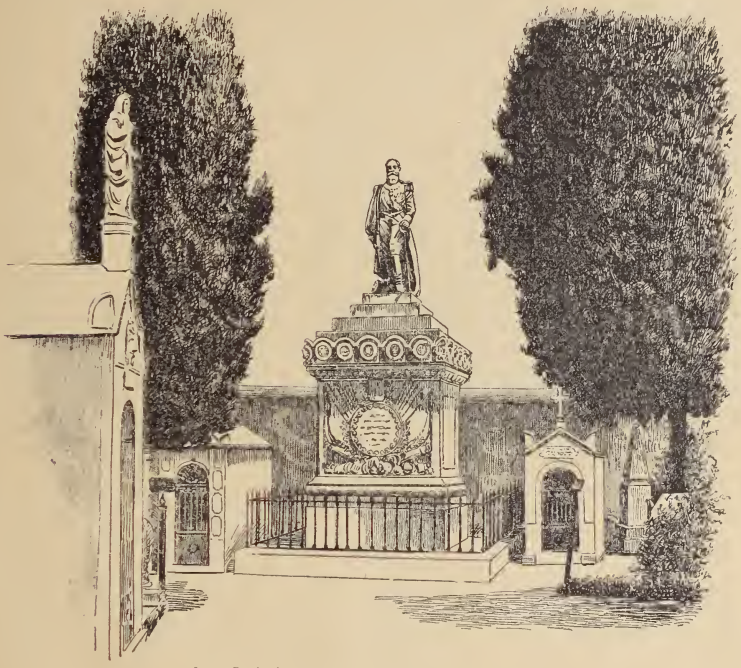
tudo ser feliz, até se recosta á capa que lhe emprestou o artista, com a mesma benevolencia com que os reis põem ás vezes no peito dos benemeritos as veneras com que enfeitaram as proprias fardas. Ha amador para quem uma farpa ensanguentada dada pela mão do bandarilheiro em renome, vale mais do que um sorriso de prima-donna...

Uma sensivel lacuna entristece hoje o amador puritano das toiradas á portuguesa: é a falta do Neto, d'aquelle burlesco ajudante d'ordens da autoridade que, em desequilibrio permanente, ora se achava bifurcado no pescoço do arenque que lhe servia de condutor, ora, sem saber ao certo a rasão, se encontrava sentado na anca do animal—unica victima de um permanente sarilho de marradas... Sem o Neto, e sem um toiro para os curiosos, não ha espectaculo tauromachico a que possa chamar-se portuguez de lei. Que boas, amplas e sinceras gargalhadas não saíam d'aquellas trincheiras do Campo de Sant'Anna, ao vêr um bando de farropilhas saltar ao circo, investir com o animal espantado d'aquella nuvem de beduinos, provocando-o e acirrando-o, até que elle se resolvia a partir na carreira, pisando aqui o barrete vermelho de um, além a cinta de outro, apalpando mais longe as costélas ao temerario, que ousou fazer-lhe frente!»

A linguagem usada pelos verdadeiros amadores de toiros, quando entre si discutem

as peripecias de uma lide, é cheia de pitoresco. O vocabulario da nossa tauromachia é d'uma variedade, d'um colorido, que nenhuma outra arte possue. Como panno d'amostra, vejamos a resenha de uma corrida recente, extraida de um jornal da especialidade.

«Casa á cunha. Nem um logar devoluto. Ao principiar o certamen, o vasto circo apresentava um aspeto deslumbrante. Centenares de formosas mulheres, garridamente vestidas, agitavam as ventarolas. Entre os homens, muitos se abanicavam tambem com frenesim. O calor era de rachar. O curro prometia delicias. Eram dez os toiros. Excepção



390 — Cemiterio dos Prazeres. Monumento ao Conde das Antas

feita de dois chavelhudos, que sairam algo brandos, os oito restantes deixaram em bella situação os pavilhões de Pancas e de Valle de Figueira. Ao aparecer no ruedo o cavalleiro vestido á Marialva, foi logo saudado com uma prolongada salva de palmas; rejoneou depois dois toiros da primeira parte e um da segunda, executando uma lide primorosa nos cornupetos que lhe largaram, colocando ferros largos muito bons, e ferros curtos soberbos, com muito aprumo e frescura. Os dois espadas (hespanhoes) se não se portaram como notabilidades, não se pode dizer que fossem dois maletas, como alguns que ahi têm vindo e outros que, por mal dos nossos pecados, vegetam todo o anno na cidade. Apresentaram-se bem postos, trabalharam muito, e fizeram por agradar. Cumpriram. Bandarilhando e passando de capote e de muleta, revelaram habilidade e valentia, executando boas largas e recortes, e desenhando bons passes em dois palmos de terreno, mostrando bem que não era a primeira vez que viam os pitones a um metro da cara. Dos

nossos toureiros, um mostrou-se peão infatigavel e manejando os palitroques como um catita, bandarilhando com bravura, desenhando bons capotazos e executando quites vistosos e oportunos; outro, apezar de ter ainda dois dedos molestados, por causa d'um percalço que sofrera naquella mesma praça, colocou dois ou tres pares muito aceitaveis; outro, que pena é não endireitar mais o busto quando vae para a cabeça dos toiros, cravou as bandarilhas com desafogo; e ainda outro prendeu uns tres ou quatro pares excelentes, que fizeram arregalar o olho a muitos que não esperavam vê-lo sair-se tão bem do cometimento. Os forcados portaram-se com pundonor, executando boas pégas, em cambio de algumas boladas, que não chegaram a meter as costelas dentro áquella boa gente. Tiveram muitas palmas, muitas moedas de cobre e alguns charutos de vintem. Um da Gollegã fez uma péga de costas archi-superior. O primeiro toiro que pisou o chão do redondel era negro, cornialto e bem posto; na sorte de gaiola foi logo sangrado com um ferro soberbo. O cavalleiro adornou os rubios do seu antagonista com uma farpa á meia volta, boa; outra á tira, primorosa. Este toiro, que se fartou de barbear as taboas, entrou de vontade com o capote, e teve a cara refrescada com algumas veronicas e navarras. O segundo, que tambem era preto, cornilargo, saiu brando, dando uma péga de cara. O terceiro, negro como um tição, gravito e lombardo, apresentou-se manso como um cordeiro; não deu jogo algum, e entrou no curro a laço. O quarto era da côr da tinta com que se escreve, e bisco do direito; não queria brincadeiras, mas cinco bons ferros largos no morrilho despertaram-lhe os brios. O quinto, bem armado, cardeno escuro, salpicado dos quartos traseiros, e bravo; neste, um dos espadas prendeu um grande par a quiebro, meio par mau, sendo volteado, e um par de frente bom; com a flamula tirou sete naturaes e dois de peito, sendo victima d'um desarme e d'uma colada. O sexto, preto, muito bem parecido, algo vareiro, numa recarga formidavel colheu o cavallo, sem mal para o cavalleiro. Aberto de pitones e com voz de barytono era o setimo, grande tunantão. Cantador e bravo, se saiu o oitavo. Bravo tambem, e voluntario, o nono, que rebentou como um furacão do toiril. Tunantesito o ultimo, que saltou ás taboas, e depois de receber quatro ferros embebidos nas pendolas, foi subjugado de cernelha...»

Por muito tempo, as toiradas de fidalgos constituiram em Lisboa um dos mais interessantes numeros do programa do mundanismo. No *Summario de varia historia* dá Ribeiro Guimarães noticia das corridas de toiros que houve aqui em 1662, por ocasião do casamento da Infanta D. Catharina com o Rei Carlos II de Inglaterra; em 1687, quando se festejou o casamento de El-Rei D. Pedro II com a Rainha D. Maria Sophia de Neuburgo; e em 1738, nas pomposas festas em obsequio á Princeza do Brasil, como celebração do seu anniversario natalicio. Em 1662 e 1687 as corridas realisaram-se na Praça do Terreiro do Paço, magnificamente construida; as corridas de 1738 numa espaçosa praça para esse fim levantada no sitio da Junqueira. Foram essas festas as mais notaveis de que ha memoria em Portugal, já pelo luxo, grandesa e magnificencia com que se apresentaram os fidalgos e seus estados, já pela boa direção que em tudo houve.

Nas tribunas, vistosamente armadas e guarnecidas, apareciam os Reis, as damas e nobres da Côrte, os Cardeaes, o Patriarcha e o Nuncio Apostolico, toda a fina flôr da aristocracia portuguesa. Nos palanques e galerias acumulavam-se as outras classes em afanoso concurso. Vinha gente de toda a parte, e começava a chegar ao local das corridas desde a madrugada. O rio cobria-se de embarcações, todas as fragatas de Alfama, Cruz da Pedra, Corpo Santo, Remulares e Boa Vista; todas as bateiras, barcos e barcas de Cacilhas, de Moyos, de Aldeia-Gallega, da Coina, da Moita, da Amora, da Mutela, do Seixal, de Porto Brandão, do Lavradio, do Barreiro, de Murfarem; todos os escaleres, botes, lanchas, falúas, catraios, yolas, hiates e bergantins de recreio; todas as moletas de pescar e barcos do Ribatejo. Em terra havia um continuado movimento de carruagens de todos os feitios.

Logo que chegava a Côrte, entravam na praça o Sargento mór e ajudantes com suas companhias de granadeiros dos regimentos da guarnição, executando variadas e garbosas evoluções militares. Em seguida entrava o meirinho, a que vulgarmente se chamava o Neto, vestido de lustro á cortesã e cocar de plumas no chapéo, montado num ligeiro andaluz, a vara na mão esquerda, e com demonstrações de cavalleiro fazia as cortesias, chegando perto da tribuna real, e recebendo as ordens do camarista d'El-Rei. Vinham logo os toireiros volantes ou capinhas, vestidos com seus gibões, casaquinhas, calção e meia e capas, fazendo tambem as suas cortesias e tomando logar na praça. Chegavam depois os cavalleiros, vestidos de casaca, calção, polainas e chapéus

391.— Os amigos do finado

de plumas, montando soberbos cavallos ajaezados a primôr, executando as cortesias, tomando o rojão, e cada qual buscando por sua vez o toiro, com destemido animo. Vinte toiros chegavam a ser corridos, e mais havia para correr, se a noite não désse por acabada a lide. Trinta foram mortos á espada, numa toirada real do seculo XVII. Os cavalleiros andavam sempre na praça, o combate era de morte, e quando os toiros não buscavam os cavalleiros, ou quando buscados d'elles fugiam, eram então corridos á espada pelos toireiros ou capinhas. Alguns cavallos ficavam no campo, mas sempre os cavalleiros acabavam por tirar desforra brilhante da ousadia dos brutos, distintos sempre no combate, pela sciencia na arte de cavalgar, pela galhardía e brio com que se defendiam dos acometimentos dos toiros, pelo desembaraço e golpes certos com que os matavam. No brilho d'estas antigas corridas entrava por muito a opulencia de côr e preço do vestuario dos cavalleiros e capinhas, e os arreios, jaezes e estampa dos cavallos. As capas de barbarisco e de camelão côr de fogo, os gibões de panno berne, de chamalote verde, de setim escarlate, as casacas, as casaquinhas de gorgorão branco e gorgorão amarelo, de veludo asul, veludo negro e veludo carmezim, os calções de anta, as vestias, os canhões e os capuzes de seda côr de rosa e côr de perola, os sapatos e as polainas brancas, os chapéos pardos e pretos com galões de prata, martinetes e coça-

res, plumas de côres brandas e pedras preciosas, as meias de fio de seda e os laços — eram um deslumbramento. Os brocados de frocos, fitas, palhetas, espiguilhas, rendas, franjas e galões de oiro e prata, entremeados de diamantes, rubis, ametistas e esmeraldas — eram outro deslumbramento.

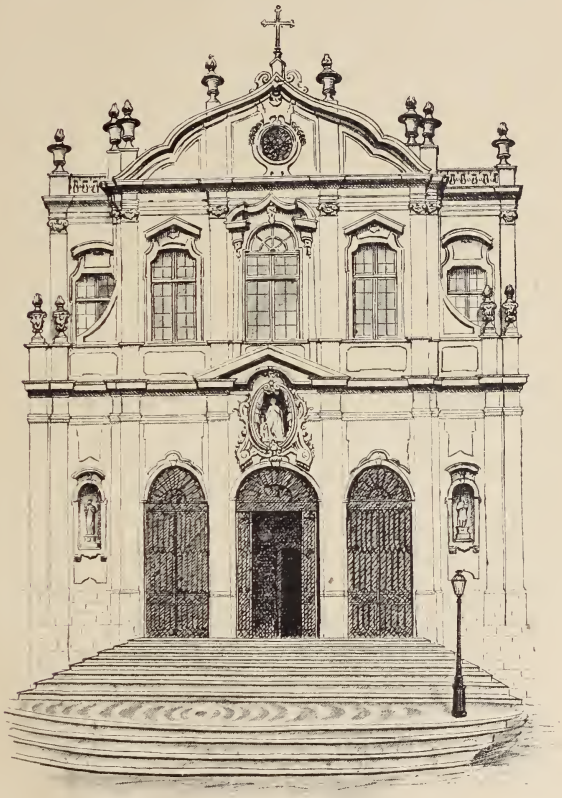
Perdeu-se, com o tempo, o entusiasmo dos nossos fidalgos pela nobre arte da cavallaria, que aqui chegára a ser cultivada com tão memoravel esmero. Porque não era

392 — Egreja dos Caetanos e Conservatorio Real

só nas corridas de toiros que os nossos cavalleiros exibiam os primores da sua arte; era tambem nas cavalhadas, que foram, em Portugal, o simulacro inofensivo, mas esplendido, das justas e torneios dos allemães e francezes. Nas nossas escaramuças os desafios de alcanzias e desafios de canas, corridas aos pombos, ás cabeças, á barquinha e ao estafermo, não morria ninguem, como no famoso torneio de Nuys, em que perderam a vida sessenta cavalleiros e escudeiros; mas adextravam-se os nossos no jogo equestre e no manejo das armas. Nos torneios procurava-se reproduzir as terriveis peripecias da guerra medieval; nas cavalhadas encontrava-se apenas uma fórma de dextresa hypica oriunda ainda dos exercicios militares dos lusos e dos iberos.

Nos domingos e dias santos em que não haja corrida de toiros ou arraial, ou festa rija que venha fóra da baralha, o alfacinha não se aborrece á falta de distrações.

Em assomando os prenuncios do verão, começam as feiras, que são sempre a mesma, mas armada em sitios diversos. Já quasi não resta memoria da Feira dos Prazeres, acabou a Feira das Amoreiras, foi-se depois a Feira de Belem, mas lá está a



393 — Egreja de Nossa Senhora das Mercês

Feira de Alcantara e lá temos ainda a Feira do Campo Grande. Ha ali regalos para todos os apetites: theatros, restaurantes, cavallinhos, tombolas, barracas de petiscos, fantoches e pim-pam-pum, animatografos e figuras de cêra, refrescos e queijadas da Sapa, tiro ao alvo e bazares, a boa isca de figado e a rica pera cosida, o gigante e a mulher gorda, o gallo com tres pernas e a eirós de caldeirada. D'antes, o ir á feira era uma das maiores venturas para o alfacinha. Ia-se á feira nos omnibus que largavam do Pelourinho, aos solavancos; ia-se de burro, e ia-se alugar o burro ao Poço do Borratem. Não era só um passeio, era tambem uma aventura. Era, sobretudo, uma grande pan-

dega! Hoje vae se lá no carro electrico, e isto bastou para tirar á feira um dos seus melhores encantos. Por isso a do Campo Grande esmorece; e se a de Alcantara ainda consegue animar-se em certas tardes e noites, é porque a população d'aquelle bairro, o mais fabril de Lisboa, capricha em conservar a famosa tradição dos seus bons tempos.

Para o amador de curiosidades, que já não encontra nada de novo nos fenomenos das barracas de feira, uma visita ao Aquario de Algés, ou um passeio ao Jardim Zoologico, é tambem excelente distração.

O Aquario Vasco da Gama foi construido pela Comissão executiva do quarto Centenario do descobrimento do caminho maritimo para a India, em terreno cedido pelo Ministerio das Obras Publicas, na Alameda de Algés, proximo do Dáfundo. O edificio é dividido em dois corpos solidarios, o primeiro dos quaes compreende a parte acessivel ao publico — sala de entrada, sala do museu, corredores dos aquarios de agua salgada, sala dos aquarios de agua doce — e uma galeria interior de serviço, além das salas onde estão os filtros e depositos de agua. Os aquarios de agua salgada são ao todo 21; os de agua doce são 29. O segundo corpo do edificio compreende duas cisternas de alvenaria, cada uma com 60 metros cubicos de capacidade, casas dos motores e dos filtros inferiores, laboratorios, sala de selecção das pescas, gabinetes de preparação, biblioteca, secretaria, arrecadação, sala de espera e lavabos.

Em virtude do Programa da celebração nacional de 1898, o Aquario, findas as festas do Centenario, ficaria sendo propriedade do Estado, mas a sua administração e exploração pertenceriam á Sociedade de Geografia de Lisboa. Em 1901 tomou o Governo conta do estabelecimento, passando-o para o Ministerio da Marinha.

A exposição realisada no Aquario de Algés faculta aos seus visitantes uma boa lição, facilmente compreensivel e adequada a todas as inteligencias. A importancia scientifica dos laboratorios de biologia marinha está comprovada pela rapidez com que as instalações d'este genero se têm desenvolvido e multiplicado em França, nos Estados Unidos, na Inglaterra, na Italia, na Austria, na Suecia e Noruega, na Russia, na Hollanda, na Belgica, na Hespanha, na Dinamarca, na Australia, no Japão, na Jamaica. Não é só á sciencia pura que têm prestado serviços de alto merito as estações de biologia marinha, com os seus trabalhos de morfologia, histologia, fisiologia, e sobre a evolução dos animaes. Muito se tem feito nellas de aplicação pratica imediata, como as experiencias sobre a creação industrial das ostras, sobre os ovos pelagicos, sobre a idade em que os peixes comestiveis são susceptiveis de reproduzir-se, sobre a influencia da temperatura no desenvolvimento dos ovos, sobre as immigrações dos peixes. O concurso que a zoologia póde prestar á regulamentação da industria piscatoria foi já posto em evidencia. São muitos, pois, os serviços com que o Aquario de Algés póde auxiliar a sciencia e a economia social. Além da conservação nos seus tanques dos animaes vivos, faceis de observar em todas as fases do seu desenvolvimento, e promtos para as dissecções e estudos anatomicos, como para servirem ás demonstrações dos professores de zoologia, outros trabalhos podem ali realisar-se: observações de oceanografia estatica e dinamica, experiencias de cultura das aguas salobras, preparação de exemplares pelos metodos modernos, sistematica da nossa fauna maritima, exame da alimentação dos peixes comestiveis, determinação do seu estado de maturidade sexual, observação dos ovos fluctuantes e alevinos, etc. O nosso paiz está colocado, para as investigações da zoologia marinha, numa situação geografica excepcional entre dois centros bastante distintos, o Mediterraneo e o Atlantico. A fauna dos nossos mares é, por essa circumstancia, uma fauna mixta; cruzam-se no nosso litoral as especies dos mares septentrionaes, as do Mediterraneo e as africanas, terminando muitas fórmas a sua expansão geografica nas costas portuguesas. Tudo isto explica a importancia que tem para nós o Aquario Vasco da Gama no moderno movimento scientifico do estudo do mar.

O Jardim Zoologico e de Acclimação foi fundado em 1884, por uma Sociedade propositadamente constituida para a realisação d'essa idéa que, vinte annos antes, já El-Rei D. Luiz I acolhera com entusiamo, declarando ceder para tal estabelecimento a sua magnifica Tapada da Ajuda. A primeira iniciativa tivera em vista dotar Lisboa com um grande passeio de recreio e de instrução, á semelhança dos que existiam nas grandes cidades da Europa, e que com esses podesse rivalisar por suas excelentes condições, de molde a vulgarisar a sciencia e a excitar a curiosidade do publico e dos visitantes da nossa capital. Estranhava-se já que Portugal, possuidor de tão vastas e tão variadas colonias, não tivesse na metropole um estabelecimento d'aquella naturesa, aliás bem facil de ser enriquecido com preciosos exemplares, fornecidos pelos nossos territorios ultramarinos.

Aos bons esforços com que se poz mão á obra, animosos e perseverantes, juntou-se um rasgo de singular generosidade por parte dos proprietarios do esplendido parque de S. Sebastião da Pedreira, o Snr. João Antonio Pinto e sua esposa, a Snr.ª D. Gertrudes de Almeida Pinto, que o poseram á disposição da Sociedade fundadora para o fim a que tão vantajosamente se adequava. Situado ás portas da cidade, em sitio abrigado dos ventos, o que mais facilmente evitava as mudanças repentinas de temperatura, e oferecendo todas as condições favoraveis de exposição, de terreno e de abundancia d'aguas, o nosso Jardim Zoologico e de Acclimação correspondeu notavelmente ao proposito que lhe dera origem.

A acclimação tem sido objeto de particular cuidado, de persistentes estudos e de continuados ensaios nos paizes onde se procura dilatar sempre, e cada vez mais, os limites da sua flora e fauna agricolas, para pouco a pouco irem fazendo face ás necessidades constantes e crescentes da civilisação. Procura-se submeter á domesticidade animaes, de que os antecessores não conheceram as vantagens e beneficios; estuda-se o meio mais facil de subtrair ao estado selvagem aquelles cujas qualidades, modo de vida, indole e costumes, aparecem como simtomas do proveito que o homem pode auferir d'elles. Outro tanto acontece com os vegetaes, que em grande numero têm sucessivamente augmentado o mapa das rotações agricolas. Domesticar e acclimar plantas e animaes, afazer a naturesa selvagem aos tratos da civilisação, sujeita-la aos desejos e á vontade do homem com fins de utilidade geral, é questão que já ganha um alto relevo entre os trabalhos que mais engrandecem as nações.

Faltou-nos, infelizmente, na muito prometedora tentativa do nosso Jardim Zoologico e de Acclimação, o desvelo energico e perseverantemente continuado. A empresa periclitou, veiu o desanimo, e quasi o abandono. O que hoje resta, depois de mudado o Jardim para os terrenos que actualmente ocupa proximo ao apeadeiro do Rêgo, é bem pouco. No dia em que o ultimo dos macacos que ainda lá vivem tivér de dar a alma ao Creador, o alfacinha terá de procurar outra distração para os seus pequenos.

O Museu de Historia Natural presta serviços de muito merito ao estudo da zoologia, mas não constitue um verdadeiro divertimento. As coleções empalhadas não dão senão uma idéa imperfeita da naturesa.

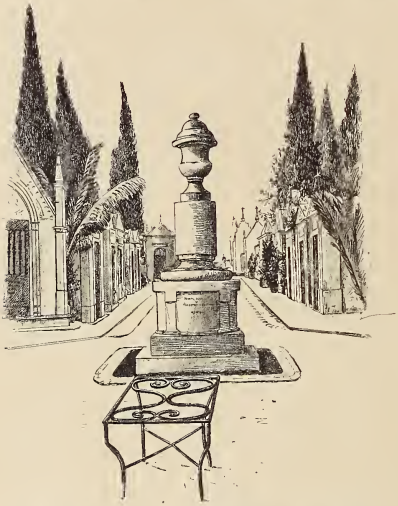
Com um alegre macaco á vista, bem vivo e bem irrequieto, facilmente se explicará a uma creanca a curiosa theoria de Darwin. Dê-se ao macaco uma banana, e chame-se a atenção infantil para a avidez com que elle recolhe o fruto, a satisfação com que o mira, a habilidade com que o descasca, o regalo com que o saboreia, e, sobretudo, a desconfiança com que o esconde á cubiça do macaco seu semelhante e seu visinho—e a creança romperá em risadas e baterá as palmas, alegremente exclamando:

— Olha! olha... Parece mesmo um homem!

Mostre-se a essa mesma creança outro macaco empalhado, de cocoras, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça apertada entre as mãos, em atitude de quem

muito se expreme ou de quem muito medita. E a creança, que nunca assistiu a um congresso de sabios, não terá a mais ligeira noção da semelhança, que todavia existe, entre o macaco empalhado e o sabio dos congressos.

Quando em Portugal se começou a bem avaliar o quanto convinha aos interesses do ensino e estudo das sciencias naturaes, e o quanto importava aos nossos estabelecimentos de instrução publica neste ramo das sciencias, o enriquecimento dos museus, foi determinado que a coleção de mineraes existente na Intendencia das Minas e Metaes do Reino passasse para a Academia Real das Sciencias de Lisboa, e fizesse parte do seu museu; e no mesmo foi incorporado depois o Museu de Historia Natural, ao tempo existente na Ajuda, o que se fez por decreto de 27 de Agosto de 1836, não para só auxiliar as preleções da Aula de zoologia e anatomia comparada, ali estabelecida, mas tambem para que ficasse patente ao publico, oferecendo aos estudiosos os meios faceis de aplicação. O Museu da Ajuda continha uma coleção avultada de exemplares, bellos e valiosos alguns, mas sem disposição nem denominação metodicas; com a mudança, em que não foram tomadas as devidas precauções, perderam-se muitos objetos, maiormente da secção mineralogica, cairam e confundiram-se os rótulos de outros, e depois de todos este prejuizos se reconheceu que o edificio da Academia não tinha salas proprias para acomodação d'aquelle estabelecimento. Ainda ali esteve, porém, até que por carta de lei de 6 de Março de 1858 passou para o edificio novo da Escola Polytechnica, onde existe.



394 — Cemiterio do Alto de S. João. Monumento a Filinto Elysio

As coleções de aves, de conchas, de mineraes e rochas, de fosseis vegetaes e animaes, convenientemente classificadas e expostas, foram depois augmentando com aquisições muito notaveis e avultadas, e constantemente têm sido enriquecidas. A coleção especial dos produtos zoologicos e mineralogicos de Portugal, como representação das riquezas do nosso sólo nestes ramos das sciencias historico-naturaes, é de primeira ordem.

Para o desenvolvimento e riqueza d'este Museu concorreu muito uma providencia do Governo, ordenando aos governadores das provincias ultramarinas que para ali remetessem exemplares dos tres reinos da naturesa, obedecendo a instruções technicas especiaes para a sua colheita, preparação e acondicionamento.

A instalação do Museu de Historia Natural ocupa hoje grandes salas e galerias.

O alfacinha que procura divertir-se gastando pouco, ou ainda menos, que é como quem diz não gastando nada, emprega as suas tardes de domingo ou dia santo em percorrer mais uma vez a cidade, que elle não se cansa de admirar.

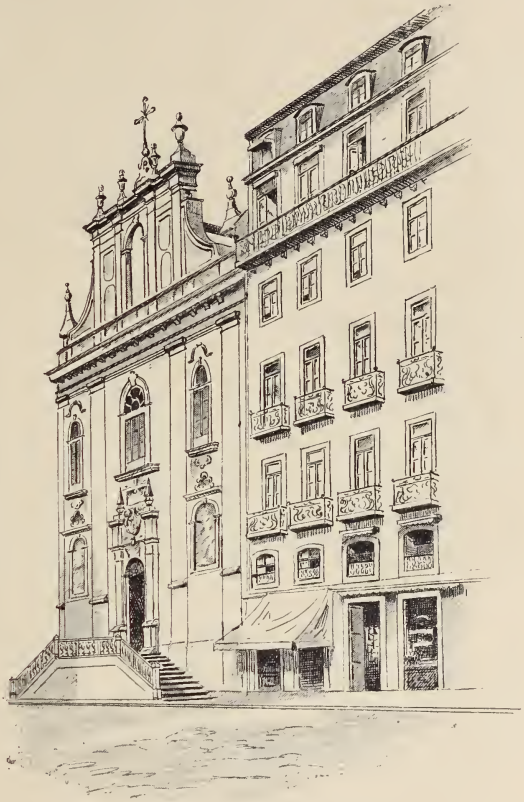
Ainda na cama, de manhã, ao acordar, elle procura no *Diario de Noticias,* ou no *Seculo,* entre as festas e diversões do dia, a que possa vir a ficar-lhe mais barata. Já o regalo de poder ler o seu jornal na cama, aconchegadamente e sem pressa, pois que o dia, graças a Deus, é todo de descanso — não é pequeno regalo. O nosso jornal de Lisboa,

o nosso jornal de 10 réis, que pela minuciosidade das suas informações é unico na imprensa de todo o mundo, tornou-se uma necessidade publica. Cada um de nós, quando acorda, se julga incompleto sem o seu jornal á cabeceira — dizia Guilherme de Azevedo. Precisamos d'elle para saber se fomos aleivosamente assassinados em quanto dormiamos, ou para nos comovermos com o discurso sentido que um amigo dedicado nos dirigiu na vespera, á beira da sepultura. Por elle pautamos as nossas acções quotidianas, por elle nos guiamos desde o berço até ao tumulo... Ainda mal vêm descerrando as brumas pardacentas da madrugada, e já o nosso garoto dos jornaes lá surge, descalço e remendado, com a pasta das folhas pendentes do quadril, o barrete afitando o cocuruto, a correr e a gritar o seu galante e musical pregão, que os eccos da cidade vão repercutindo aos bairros mais afastados. E ei lo que se enfia por todos os portões, e galga todas as escadas, e sobe aos ultimos andares, a meter por baixo das portas a folha predileta...

— Que fazemos nós hoje? pergunta então a esposa ao alfacinha, que acabou de ler o seu jornal de fio a pavio, se espreguiçou, e saltou da cama.

— Vamos vêr uma coisa que tu nunca viste...

E vão vêr a curiosissima Casa dos Bicos.



395 — Egreja de Nossa Senhora do Loreto

Situada na esconsa Alfama, ali pelo sitio onde foi a antiga Judiaria, na Rua dos Bacalhoeiros, a Casa dos Bicos é uma das mais interessantes reliquias de Lisboa, que a crença popular envolveu em graciosa lenda. Diz a tradição que um homem muito rico a mandara edificar, revestindo-a de cantaria lavrada em bicos facetados, como ainda se vê, e querendo que em cada ùm d'aquelles bicos fosse cravado um diamante. Chegada porem á altura em que ficou, foi embargada a obra, por não se consentir que na cidade houvesse casa mais rica do que era o Paço Real... Dizem outros que, em tempo de El-Rei D. Manoel, ali residira uma rainha preta, possuidora de muitos diamantes, e que por este facto se lhe ficou chamando Casa dos Diamantes. Ao tempo em que foi construida, a Casa dos

Bicos ficava junto ás Portas do Mar, sobre a praia da Ribeira; nas aguas vivas, chegavam-lhe os barcos á porta. O que está bem averiguado é que de tal casa foi proprietario Braz de Albuquerque, filho bastardo de Affonso de Albuquerque, recolhido, educado e chrismado por El Rei D. Manoel, o qual quiz dar-lhe o nome memoravel do pae, casando-o depois com D. Maria de Noronha, filha do primeiro Conde de Linhares, e dotando-o com grandes cabedaes, avaliados em quantia superior a 100.000 crusados.

Outra casa que o alfacinha olha sempre com curiosidade é aquella onde morreu Camões, a meio da Calçada de Sant'Anna, á esquerda de quem sóbe, fazendo frente tambem para o Beco de S. Luiz da Pena. Outra é aquella onde morreu Garrett, na Rua Saraiva de Carvalho. Ainda outra é aquella onde nasceu Antonio Feliciano de Castilho, na Rua de S. Pedro de Alcantara. Nas frontarias de todas estas casas ha lapides que comemoram taes factos, e indicando as respectivas datas.

Quem imagina que o alfacinha é um indiferente pelas coisas notaveis da sua terra, pelos seus monumentos, pelas suas belezas naturaes, pelos seus vultos eminentes, pela sua historia e pela sua tradição — redondamente se engana. O alfacinha é muito curioso e muito zeloso de tudo isso. A melhor prova d'esta grata afirmação está no seu culto pelas estatuas. Elle bem sabe que os monumentos publicos, levantados pela gratidão dos povos á memoria dos homens illustres da sua patria, não só glorificam esses varões egregios e comemoram os seus feitos insignes, mas tambem enobrecem a nação, que assim os perpetua. As estatuas dos grandes homens constituem um estimulo de bons sentimentos e de boas acções; levantam a alma d'um povo pelo amoroso culto das figuras dominadoras do seu passado, e robustecem a tempera moral indispensavel para frutificar justificadas esperanças do venturoso futuro de seus sonhos. Esculpir e modelar, no marmore e no bronze, o pedestal e a estatua de um varão illustre, é testemunho solemne de que o povo celebra com ufania o valor e o engenho dos mais leaes servidores da patria, dos seus politicos mais prestantes, dos seus educadores e dos seus filantropos.

Refere algures certo viajante que uma vez, achando-se em Paris, e passando proximo do Louvre, no sitio onde está a formosa estatua de Joanna d'Arc, quiz fazer uma experiencia sobre o gráu de illustração do povo que elle sempre ouvira reputar o mais illustrado da Europa, e foi dirigindo, a uns poucos de transeuntes, esta simples pergunta:

—«Tem a bondade de me dizer o que fez Joanna d'Arc para merecer esta estatua?»

Mas ninguem soube responder-lhe.

Pergunte-se ao primeiro alfacinha que vá na rua o que fizeram Luiz de Camões ou Affonso d'Albuquerque, D. José I ou D. Pedro IV, o Marquez de Sá da Bandeira, o Duque da Terceira, ou José Estevão, para lhes levantarem as estatuas de que Lisboa tanto se ufana; pergunte-se quem foram os Restauradores, e por que mereceram elles tambem o seu formoso monumento — e o alfacinha provará que não desconhece uma só d'essas grandes figuras da sua terra.

A estatua de Luiz de Camões — o cantor immortal das nossas passadas glorias, o epico dos *Lusiadas*, que o amor da patria e o orgulho d'aquellas glorias inspiraram, e lhe marcaram em cada canto e em cada oitava essa feição nacional que tornou o poema inseparavel do paiz — foi inaugurada em 9 de Outubro de 1867, a meio da Praça que tem o nome do poeta. E' de bronze, e procura reproduzir as duas feições essenciaes do heroe, poeta e soldado — «braço ás armas feito, mente ás musas dada.» Cinge-lhe a fronte uma corôa de loiros, a mão esquerda pousa sobre o peito, a mão direita segura a espada. No pedestal, que assenta sobre quatro degraus, ha oito plinthos, onde estão colocadas as estatuas que representam o chronista Fernão Lopes, o cosmografo Pedro Nunes, os historiadores Gomes Eannes de Azurara, João de Barros, Fernão Lopes de Castanheda, os poetas Vasco Mousinho de Quevedo, Jeronymo Côrte Real e Francisco de Sá de Menezes, todas de pedra lioz. Pedestal e estatuas são obra do escultor Victor Bastos.

A estatua de Affonso d'Albuquerque — o vencedor do Oriente, aquelle que sonhou, com a força das suas armas e o prestigio do seu nome, consolidar o poder de Portugal nas afastadas regiões por onde tinham andado os nossos audazes e valentes navegadores — deve-se á iniciativa patriotica do historiador Simão José da Luz Soriano, que a expensas suas desejou consagrar aquelle monumento ao mais forte guerreiro portuguez. Foi inaugurada em 3 de Outubro de 1902, na Praça de D. Fernando. E' tambem de bronze, na atitude nobre e austera do mando que se firma na pujança do braço e na luz clara do entendimento. A base é de fórma octogonal, tendo quatro faces reintrantes e quatro salientes. Nestas assentam-se figuras alegoricas da Patria, do Valor Militar, da Politica e da Justiça; dos pedestaes em que se firmam estas estatuas sáem cabeças de elefante. Neste corpo e nas suas faces reintrantes ha baixos relevos representando a entrega das chaves de Gôa a Affonso d'Albuquerque pelos Governadores da cidade, a derrota dos mouros em Malaca, e a recepção do Rei Narcinga pelo grande Capitão. No segundo corpo ha outros baixos relevos que representam náus e galeões, aludindo á descoberta da India. Sobre este pedestal ergue-se um conjunto de columnas de puro estylo manuelino, formadas de cabos e cordas, rematadas por esferas armilares, e servindo de suporte á estatua. O projeto e execução d'este monumento foram do escultor Antonio da Costa Motta.

Da muito notavel estatua equestre de D. José I — o Rei Reformador — falámos já no capitulo da Lisboa monumental, e ahi a descrevemos.

A estatua de D. Pedro IV — o Rei Soldado — não é o monumento que as Côrtes mandaram erigir na Praça do Rocio, comemorando a proclamação da Constituição de 1820. Esse foi apeado e arrasado antes de concluido, por assim o querer El-Rei D. João VI. Em 1852, a Rainha D. Maria II lançava a pedra fundamental do segundo monumento, que no mesmo local seria levantado á memoria de seu Pae; mas teve ainda este a mesma sorte do primeiro, por ordem do Governo, que o não considerou condigno da memoria d'aquelle Rei. Só em 1870 se concluiu o que hoje se vê no Rocio, ou Praça de D. Pedro. Sobre um amplo pedestal se firma a muito alta columna canelada de marmore (23,30 metros) onde assenta a estatua em bronze do Dador sustentando nas mãos a Carta Constitucional. Na base do monumento pousam quatro figuras alegoricas representando a Justiça, a Prudencia, a Moderação e a Fortaleza. Em cada face do pedestal avultam os escudos das principaes cidades de Portugal. Figuras da Fama, em baixo relevo e ligadas por festões pendentes das mãos, adornam a parte inferior da columna. O projeto foi de Dabieux e a escultura de Robert.

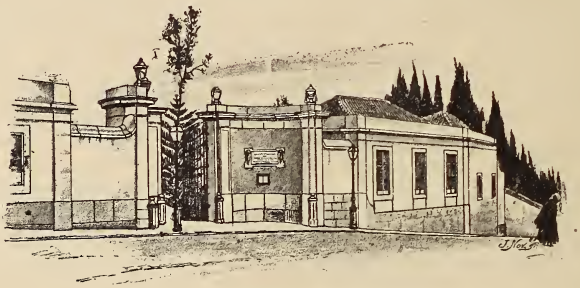
A estatua do Duque da Terceira — um dos vultos mais proeminentes das campanhas da Liberdade, assignalado já antes na guerra peninsular pelo denodado esforço do seu braço e seus altos dotes de estrategico — foi inaugurada em 24 de Julho de 1877, na antiga Praça dos Remolares, onde já a vimos quando descrevemos o Aterro. E' um monumento simples, mas elegante. A data da sua inauguração comemorava o anniversario do desembarque do Duque em Lisboa com as tropas constitucionaes do seu commando. A escultura é de José Simões de Almeida Junior. No pedestal, cercado por uma grinalda de carvalho, vê-se o brazão e a corôa do Duque. Na parte anterior do envasamento, uma palma e uma corôa de louros, emblematicas da victoria.

A estatua do Marquez de Sá da Bandeira — o outro general que tão valorosamente combateu pela restauração do throno portuguez e da Carta Constitucional, e tão nobremente assignalou depois a sua longa carreira publica, promovendo a emancipação dos escravos nas colonias portuguezas — foi inaugurada em 31 de Julho de 1884, na Praça de D. Luiz, á beira do Tejo, onde tambem já a vimos. A base é formada por tres largos degraus; o pedestal compõe se de um plintho geral sobre o qual assentam, na parte anterior e posterior, grupos em bronze representado a Gratidão e a Historia, sendo as duas faces lateraes revestidas de baixos relevos que reproduzem factos da vida do Marquez:

o ferimento em Vielle, a mutilação do seu braço direito no Alto da Bandeira, o desembarque em Villa do Conde, a retirada para a Galliza. Giniselli fecit.

A estatua de José Estevão Coelho de Magalhães — o orador portuguez que pertence a essa poderosa familia de tribunos que de Demosthenes a Mirabeau, de Mirabeau a Castelar e Gambeta, têm feito vibrar a alma das grandes assembléas em comoções violentas — foi inaugurada em 4 de Maio de 1878, no Largo das Côrtes. Quiz-se representar no bronze a figura do grande tribuno, precisamente na atitude de orar no Parlamento, mas o bronze não poude reproduzir fielmente a estranha expressão d'aquella fronte, que uma luz divina dir-se-ia iluminar, nos arrebatamentos da mais vigorosa, mais bella, e mais sentida palavra que se tem ouvido de labios portuguezes. Na orla inferior do simples pedestal, foi colocada uma corôa de bronze pela Maçonaria Portuguesa, da qual José Estevão era grão-mestre. Este monumento foi erguido por subscripção publica, promovida por uma commissão parlamentar. Executou-a Victor Bastos.

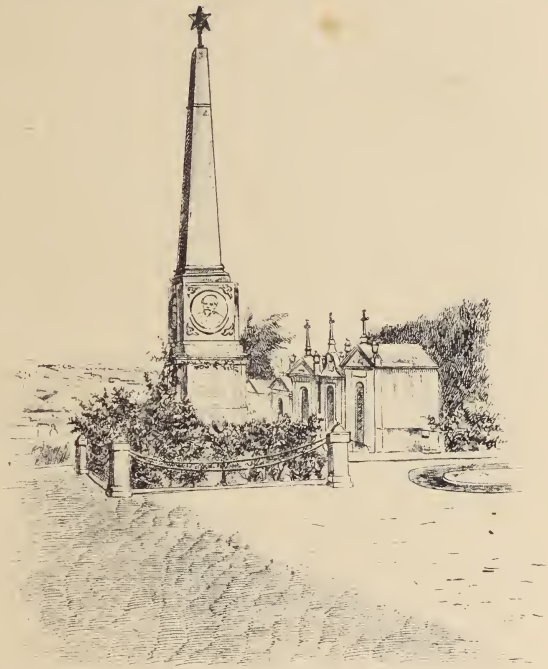
O Monumento dos Restauradores — em honra dos heroes que libertaram Portugal do jugo castelhano pela gloriosa Revolução de 1640 — foi inaugurado no dia 1 de Dezembro



396 — Cemiterio do Alto de S. João. Entrada principal

de 1882, na Praça a que deu nome, e onde começa a Avenida da Liberdade. Devêmo-lo á iniciativa da patriotica Commissão Primeiro de Dezembro, especialmente creada em Lisboa para comemorar por meio de festas nacionaes o facto que tão notavel tornou aquella data. D'essa iniciativa resultou uma subscripção publica em Portugal e no Brasil, a qual excedeu 60 contos de réis, aplicando-se esta quantia á realisação do monumento, cujo projeto foi elaborado por Antonio Thomaz da Fonseca. O monumento, de cêrca de 30 metros de altura, compreende o envasamento quadrangular com os angulos salientes, ornado de pilastras e de corôas; descança sobre dois degraus, e as suas quatro faces são atravessadas ao centro por festões de louro e de hera. O pedestal é encimado, na face norte, pela estatua da Victoria, de Simões de Almeida, e na do sul pela estatua do Genio da Independencia, de Alberto Nunes. As faces lateraes são guarnecidas superiormente por trofeus de armas. Sobre as quatro faces vêem-se gravadas na pedra as datas mais gloriosas que recordam a lucta heroica que consolidou a independencia de Portugal. Sobre esse pedestal repousa um attico, nos quatro lados do qual se lêem as datas de factos historicos que se relacionam com a guerra da independencia. Em cima d'esse attico ergue-se o obelisco, cuja face norte é ornada com as armas de Lisboa e a face sul com as armas nacionaes. Na parte inferior do envasamento, voltando para o sul, inscreveu-se a dedicatoria do monumento pela Commissão.

Não é preciso remontar ao tempo em que Caio Heio Primo fez erigir, em honra de Nero Claudio, o primeiro theatro de que ha memoria em Lisboa, para bem podermos apreciar os progressos realisados na vida dos theatros da nossa capital. Foi em 1798 que se descobriram as ruinas d'aquelle Theatro Romano, em excavações a que se procedia no logar onde é hoje a Rua Nova de S. Mamede, mais proximo da Rua da Saudade, ruinas que compreendiam: os degráus ou assentos da platéa e o pavimento da orchestra; uma base mixtilinea ou envasamento de marmore, alternadamente formado em quandrangulos e semicirculos, base que seria a do proscenio, sobre o qual estava o chamado pulpito ou tablado em que representavam os actores; algumas inscrições; duas estatuas de marmore de Sileno; columnas estriadas e capiteis de ordem jonica; uma enfiada de pedras da silharia, sem se lhes divisar rasto de que tivessem sido unidas com precintas de cal ou argamassadas. A'cerca d'estas ruinas, desaparecidas, compoz o oratoriano Padre Joaquim de Foyos uma Memoria, que leu em sessão da Academia Real das Sciencias, poucos dias depois de feito o achado.



397 — Cemiterio do Alto de S. João. Monumento a José Elias Garcia

Não é preciso remontar á representação dos autos de Gil Vicente, nos Paços da Ribeira; nem aos pateos de comedias da Bitesga, da Rua das Arcas, das Fangas da Farinha; nem aos theatrinhos de titeres do Bairro Alto; nem ao nosso primeiro theatro publico onde se cantou opera italiana, a Academia da Trindade, no Largo da Abegoaria. Basta folhear o livro de Adrien Balbi — *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal*, publicado em Paris em 1822, e colher d'ahi as preciosas informações que tão desapaixonadamente elle nos dá, a respeito do atrazo dos nossos theatros por esse tempo.

Podemos dizer—escreve Balbi—que os portuguezes não tiveram verdadeiro theatro antes do Rei D. José, porque não é justo dar tal nome ás farças fastidiosas e aos autos sacramentaes que anteriormente lhes serviam de espectaculo ordinario. Os actores nacionaes apenas começavam então a representar as comedias de Simão Machado e as operas comicas de Antonio José (o Judeu) compostas para fantoches. As peças hespanholas formavam os nossos melhores espectaculos.

Só no reinado de D. José é que se concebeu o projecto de crear um theatro nacional, e o Marquez de Pombal, disposto a proteger tudo que era grande, bello e util, favoreceu todos os esforços empregados para tal fim. A Arcadia, que tanto mereceu da litteratura nacional, acudiu tambem e auxiliou a reforma do theatro, já em relação ás peças, já em relação aos actores. Em 1771, um edito real declarava honrosa a profissão dos actores comicos, e proclamava as vantagens que o povo podia tirar do theatro, quando bem dirigido. Foram representadas e publicadas excelentes traduções das melhores comedias e tragedias francezas, inglezas e italianas. O Marquez mandou fazer pelo Capitão Manuel de Sousa a tradução do *Tartufo* de Molière, e assistiu á sua primeira representação.

Muitos actores e actrizes chegaram a um notavel grau de perfeição, como a Cecilia na tragedia, e a Maria Joaquina no comico; mas, depois da morte de El-Rei D. José, escrupulos de consciencia decidiram a Rainha D. Maria I a proibir as mulheres de entrarem na scena, o que fez cair o theatro em grande decadencia. «Nada havia mais desagradavel do que ver os principaes papeis de princezas e apaixonadas representados por actores de barba, entre os quaes o Filipe, que era o de mais talento, mas de uma fealdade incomparavel, chegando a fazer ingenuas em edade muito avançada...» D. Pedro IV, sendo ainda Regente, permitiu de novo a profissão das actrizes. Todavia, segundo a informação de Balbi, o máu gosto de declamação e a falta de instrução entre os actores, impediram o theatro portuguez de sair de um estado muito inferior em relação áquelle em que se achava o theatro nas outras nações civilisadas.

Por portaria de 28 de Setembro de 1836, a Rainha D. Maria II mandou a João Baptista d'Almeida Garrett que proposesse o plano para a fundação e organisação de um Theatro Nacional em Lisboa, o qual, sendo uma escola de bom-gosto «contribuisse para a civilisação e aperfeiçoamento moral da nação portugueza e satisfizesse aos outros fins de tão uteis estabelecimentos». Já vimos, falando do Conservatorio Real, como Garrett se desempenhou d'esse encargo. Em 23 de Maio de 1843, Costa Cabral fez decretar as disposições e providencias necessarias para assegurar a edificação do Theatro Nacional, aproveitando-se para isso o que restava do Palacio da Inquisição no Rocio, e encarregando-se do plano o architeto Fortunato Lodi.

O Theatro de D. Maria II foi inaugurado em 13 de Abril de 1846, representando-se o drama historico em 5 actos — *Alvaro Gonçalves, o Magriço, e os Doze de Inglaterra*, original de Jacinto Heliodoro de Faria Aguiar de Loureiro. A peça foi pateada e o auctor obteve licença para publicar a defesa da sua obra no *Diario do Governo*.

Creara-se o theatro portuguez nos paços dos nossos Reis, mas sempre andara depois mal acomodado por pateos e barracões.

No mesmo local onde estivera um d'esses pateos de comedias, o Pateo da Horta dos Condes, ou muito proximo d'elle, no sitio onde foi a Cadeia do Tronco, construira-se uma casa de espectaculos, a que se chamou o Theatro da Rua dos Condes. Fôra isso entre os annos de 1756 e 1765. O nome da rua e o nome do theatro tinham origem no facto de haverem pertencido aos Condes da Ericeira, Morgados da Annunciada, os terrenos onde se abriu a rua e onde depois o theatro se fez. Ali funcionaram, a principio, companhias italianas de canto, e depois se formou uma companhia portugueza que representou a peça sacra—*Martyr Santo Adrião*. Entre os empresarios que se sucederam na exploração d'aquelle theatro, deixou memoria notavel o Conde de Farrobo, pela opulencia na montagem das peças e ordenados fabulosos que pagava aos artistas.

Em 1782 inaugurara-se o Theatro do Salitre, onde subiram á scena peças de grande aparato. Entre estas, tornou-se memoravel uma intitulada — *Covas de Salamanca*, cuja montagem excedeu em luxo tudo quanto até então se vira em palcos nossos.

Mas o publico frequentador d'estes dois theatros mostrava uma predileção muito

sensivel pelas companhias italianas de canto, em detrimento das nossas companhias de declamação; e isto determinou nos espiritos uma corrente de opinião favoravel á ideia de se construir em Lisboa um theatro exclusivamente destinado á opera. Alguns capitalistas meteram hombros á empreza, o architeto José da Costa e Silva fez o risco, as obras começaram em Dezembro de 1792, e concluiram-se em seis mezes, tendo custado 165 contos de reis. O Theatro de S. Carlos inaugurava-se em 30 de Junho de 1793, com a opera de Cimarosa — *La ballerina amante*.

Estabelecido o Theatro Nacional, para lá foram os actores que mais progressos tinham feito na Rua dos Condes e no Salitre. Mas não tinha aparecido ainda aquelle que viria a ser o maior de todos. Foi no Theatro do Gymnasio que elle depois appareceu.

Na antiga Travessa do Secretario da Guerra, hoje Rua Nova da Trindade, onde existira um mau barracão que era circo de cavallinhos, arlequins, bailarinos, gymnastas, prestidigitadores, etc., fôra construido um pequeno theatro, «theatrinho de cartas, sem proporções, sem espaço, sem comodidades, mas alegre e sympathico». Chamou-se-lhe Theatro do Gymnasio, e abriram-se lhe as portas ao publico em 17 de Maio de 1846, com um drama original de Cesar Perini de Luca — *Os fabricantes de moeda falsa*. Foi nesta peça e nesta mesma data, que o actor Taborda fez a sua estreia.

Tres annos depois, em 29 de Outubro de 1849, outro theatro se inaugurava em Lisboa. Era o Theatro de D. Fernando, edificado no sitio da extinta Egreja de Santa Justa; formava a boca do proscenio o proprio arco da antiga capela-mór. A sala, estreita, comprida, sem a minima bellesa architetonica, respirava uma vaga tristesa, uma saudade entranhada do cantochão. Por escrupulo religioso, muita gente se abstinha de frequentar o novo theatro. Ali representou a grande actriz Emilia das Neves uma das mais bellas peças do seu reportorio, a *Adriana Lecouvreur*, que foi a peça inaugural. Ali esteve tambem o actor José Carlos dos Santos, de tão saudosa memoria. Ali subiu á scena o *Frei Luiz de Sousa*, de Garrett. Vieram para ali actores hespanhoes, vieram actores franceses, mas nem uns nem outros, nem a zarzuela nem o vaudeville, conseguiram aquillo que os nossos não tinham podido conseguir, que era convencer o publico a fazer prosperar o theatro. Ainda lhe fizeram obras, para o melhorar, mas nada! Um bello dia, tudo aquillo se transformou e adaptou a novo genero de negocio, construindo-se o predio que lá existe, ao lado das Escadinhas. Em baixo instalou-se a Companhia de Tabacos de Santa Justa; em cima estabeleceu-se o Hotel Pelicano.

Com a sympathia dos lisboetas por alguns dos seus actores, crescia o entusiasmo dos empresarios, que a cada canto julgavam descobrir, nos theatros de curiosos, decididas aptidões para o palco, e tratavam de as explorar. O desastre do Theatro de D. Fernando não os desanimara.

Em 28 de Setembro de 1865, inaugurava-se o Theatro do Principe Real, tendo-se aproveitado para a sua construção as paredes do velho Salão Wauxhall, onde se davam bailes de mascaras, e depois Salão Meyerbeer, onde se realisavam concertos — á esquina da Carreirinha do Socorro e da Rua Nova da Palma. A recita da inauguração constou das comedias — *Muito padece quem ama* e *Dois pobres a uma porta*, uma e outra imitadas por Aristides Abranches e Rangel de Lima.

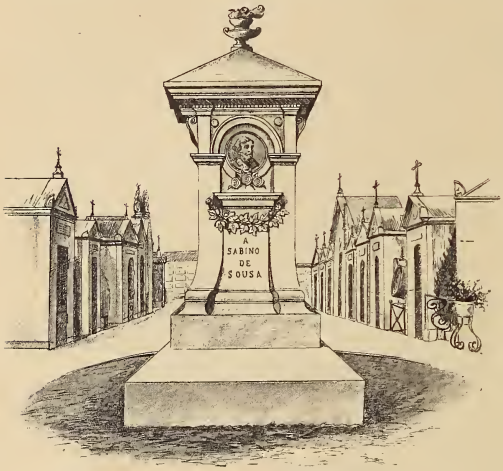
Em 30 de Novembro de 1867 inaugurava-se, contiguo ao Theatro do Gymnasio, o Theatro da Trindade, que ficava sendo, depois do Theatro de S. Carlos e do Theatro de D. Maria II, o melhor de todos. Fez o risco e dirigiu a obra o architeto Miguel Evaristo. Na noite da abertura representaram-se o drama — *Mãe dos Pobres*, original de Ernesto Biester, e a comedia *O Xerez da Viscondessa*, traduzida por Francisco Palha.

Antes de serem construidos o novo Theatro do Rua dos Condes, o Theatro da Avenida e o Theatro D. Amelia, Lisboa teve ainda muitos outros pequenos theatros de curta duração: o Theatro Apollo e o Theatro D. Augusto, o Theatro do Calvario e o

Theatro da Ilha dos Amores, em Alcantara; o Theatro D. Affonso e o Theatro Luiz de Camões, em Belem; o Theatro Thalia, depois Theatro Popular d'Alfama, no Campo de Santa Clara; o Theatro da Alegria, na Rua da Alegria.

O Theatro do Salitre, que passou a chamar-se Theatro das Variedades Dramaticas, fôra demolido em 1879, ao principiarem as obras da Avenida da Liberdade. Mas em 27 de Março de 1880 inaugurava-se já o Novo Theatro das Variedades, depois e actualmente Theatro do Rato. Para o espectaculo de abertura foi escolhida a peça sacra — *Martyrio e Gloria ou Torquato o Santo*, original de Antonio Mendes Leal.

Em 1882 era demolido o «velho templo da arte» da Rua dos Condes, construindo se depois, no mesmo local, o Theatro Chalet, onde se representou 246 vezes consecutivas a famosa revista do anno — *O Microbio*, de Francisco Jacobetty. O Chalet foi deitado a terra e ali se construiu então o novo Theatro da Rua dos Condes, nas melhores condições de segurança. O recinto da platéa e camarotes foi completamente separado do palco por um guarda-fogo que sóbe desde os alicerces até acima do telhado; a boca do proscenio foi vedada por um panno metalico de rapida descensão, e nas entradas de serviço no palco foram colocadas portas tambem de ferro. Pela primeira vez, nesta casa de espectaculos, o publico gosou a condição tranquilisadora de saber facilmente interceptaveis os logares que lhe eram destinados e a caixa do theatro. A inauguração foi em 23 de Dezembro de 1888, representando-se uma alegoria original de Baptista Machado — *Hontem e hoje*, a opereta de Luiz Dalhunty — *Duas Rainhas*, e recitando Taborda um monologo allusivo ás tradições gloriosas da Rua dos Condes.



398 — Cemiterio do Alto de S. João. Monumento a Sabino de Sousa

O Theatro da Avenida foi inaugurado em 11 de Fevereiro de 1888, com as comedias — *Tio Torquato*, em que entrou o actor Taborda, e — *De Herodes para Pilatos*, tradução do Dr. Guilherme Celestino, em que entrou o actor Antonio Pedro. Esta casa de espectaculos teve contra si o estar muito distante do centro de movimento da cidade. Na epoca de inverno, a mais propicia aos theatros, o alfacinha precisa encher-se de coragem para chegar até lá.

O Theatro de D. Amelia foi inaugurado em 22 de Maio de 1894, com a opera-comica — *A Filha do Tambor-Mór*, representada por uma companhia italiana. A sua situação, na Rua do Thesouro Velho, em terreno aforado á Casa de Bragança, é excellente. Das nossas modernas casas de espectaculo, é esta, interiormente, a mais elegante e mais alegre. Ali têm representado Sarah Bernhardt, Eleonora Duse, Lucinda Simões, Ermete Novelli, Pedro Zacconi, os Coquelin, Antoine, e Emanuel.

Lisboa chegou a ter theatros em excesso. O publico é sempre o mesmo, e a parte d'elle que mais frequenta as casas de espectaculo não basta para produzir as receitas

necessarias á sustentação de todas as empresas. Os casos de falencia dos empresarios repetem se muito a miudo. A nossa primeira sociedade cobre a assignatura das recitas de opera em S. Carlos, e d'ali pouco se desvia para os outros theatros, que só as classes burguesas amparam. Em D. Maria II e no D. Amelia, o genero dos reportorios é o mesmo: dramas e comedias. Na Trindade, na Rua dos Condes, na Avenida, a opereta, o vaudeville, e a revista pouca variedade oferecem. Só o Principe Real e o Gymnasio exploram as suas especialidades: no primeiro, assiste-se á representação dos grandes

399 — Cemiterio do Alto de S. João. Monumento a Silva Porto

dramas sanguinolentos; no segundo, desopila-se o figado com o disparatado entrecho das farças e das comedias de *pochade*. As classes populares perderam, com a proibição das revistas do anno, o seu genero predileto de theatro. O ultimo dos nossos muitos theatros verdadeiramente populares, o do Rato, está abandonado. Os proprios theatros de feira têm desaparecido, á mingua de espectadores.

Hoje, a grande afluencia do povo converge para o Coliseo dos Recreios. De inverno, são os cavallinhos, os acrobatas, os clowns, os animaes sabios, os palhaços excentricos, as pantomimas, as cantoras de café-concerto, que constituem os atrativos d'aquelle circo. No verão, são as companhias italianas e hespanholas de opera e de zarzuela que lhe proporcionam as enchentes. O alfacinha teve sempre uma viva sympathia pelos circos de cavallinhos, e pelos theatros de canto. Vimos já que foi preciso correr com

os cantores italianos e com os cantores hespanhóes que infestavam os nossos primeiros palcos, para ser possivel crear um theatro nacional de declamação. Quanto aos circos de cavallinhos, quem, sendo velho, se não lembra do inexcedivel prazer que era para o lisboeta da gêma passar uma boa tarde nas bancadas do Circo Price ou do Circo Wolkart, ali por aquellas alturas onde a Avenida da Liberdade passa hoje toda impávida ao lado do Salitre? Muito depois d'esses tivemos nós os Recreios de Whitoyne, cujo circo, theatro, galerias, café e jardins foram expropriados para se dar logar á Estação Central dos Caminhos de Ferro, ao Hotel Avenida Palace, ao sumptuoso Palacio dos Marquezes da Foz. E em 25 de Dezembro de 1887 se inaugurava o Real Coliseo de Lisboa, ao fim da Rua Nova da Palma, circo e theatro, por onde têm passado companhias de todos os generos e artistas de todos os feitios, acrobaticos, equestres, mimicos, e cantores de opera, de opereta e de zarzuela.

O Coliseo dos Recreios é a maior casa de espectaculos que se tem construido em Lisboa. Está situado na Rua das Portas de Santo Antão, proximo da Egreja de S. Luiz Rei de França. Para a realisação do projeto do architeto Goulard, foi necessario fazer naquelles terrenos um desaterro de 16 metros de altura, construindo-se muralhas de suporte que têm 6 metros de espessura. O circo apresenta um grandioso aspeto, podendo comportar 8.000 pessoas, em 110 camarotes, 1.500 cadeiras, duas enormes galerias, um vasto *promenoir,* e uma muito espaçosa geral em toda a volta do circo. Cobre o edificio uma formidavel cupula de ferro, construida por Hein Lehmann, de Berlim. O palco é de amplas dimensões, e presta-se a ser explorado com peças de grande espectaculo. Em parte do edificio, á frente, está instalada a Sociedade de Geographia de Lisboa, com o seu muito interessante museu colonial e a sua grande sala de conferencias.

A inauguração do Coliseo dos Recreios foi no dia 14 de Agosto de 1890, com a opera-comica de Suppé — *Boccacio,* cantada por uma companhia italiana.

A Lisboa devota de hoje é apenas uma palida sombra do que era a Lisboa devota de outros tempos. A culpa foi dos philosophos modernos que tudo perturbam, tudo revolvem, tudo confundem: a terra, o céo, e os infernos. Já o Diabo d'elles se queixa, na *Morte de D. João:*

> Os philosophos modernos
> foram lá baixo, aos Infernos,
> destruiram me os telhados!

Penetraram nos escandalos de sacristia, boliram com a theologia, atingiram a egreja, e desrespeitaram-na como governo, como elemento de civilisação, como garantia de liberdade. O instinto religioso da humanidade creara naturalmente e fatalmente a sociedade religiosa. E como toda a sociedade instituida importa a existencia de um governo que a dirija, posta a necessidade de uma direção para a sociedade religiosa, não havia governo mais perfeito que a egreja.

Entrou-se porém a compreender que a religião não podia ser uma correlação exclusivamente individual entre o homem e Deus. Aos concilios, ás bulas e ás excomunhões corresponderam as reformas, as seitas, as protestações, as heresias. A' medida que se levantava e se afirmava no seu alicerce de razão a obra dos modernos philosophos, começavam a tremelicar nas suas peanhas os doutores da egreja. A idéa nova penetrava e esfuracava os animos na mesma proporção em que o caruncho perfurava e carcomia as imagens dos santos. A obra do livre pensamento substituia a obra de talha. Ao lado do pulpito, d'onde corria em catadupas alterosas a oratoria sagrada dos Vieiras, armava-se a tribuna, d'onde começavam a escorrer os acidos corrosivos da oratoria parlamentar. Com a mesma sem-cerimonia que era de uso na Serra da Falperra, os governos

chamavam a si os bens dos conventos, os thesouros das egrejas, os usofrutos das irmandades. O Estado invadia os templos e mandava calar as rezas para fazer eleições. Involvido e assarapantado nesta desordem, o clero, considerando que o punham fóra de casa e não desejando ficar no olho da rua, abrigou-se na politica. Despiu á pressa as vestes talares, envergou o fraque secular, poz um chapéo de côco, e fez-se galopim, fez-se deputado, fez-se conselheiro da Corôa.

Uma bella tarde, a procissão do Encontro encontrou-se na rua com um prestito civico. E, pouco a pouco, os prestitos civicos foram tomando o logar das procissões. O dia do Corpo de Deus, que era de festa tão genuinamente lisboeta, foi ofuscado pelo Primeiro de Maio. Esmoreceu a alegria dos antigos cirios, tão pitorescos, tão cheios de carater, para se inaugurar o costume recente dos cirios civis, tão falhos de interesse, tão pouco populares.

Na derrocada dos antigos bairros, e na expropriação das velhas casas, para o alargamento de ruas e avenidas, foram desaparecendo os nichos dos santos e os paineis de azulejo que havia nos cunhaes e por cima das portas.

Ao desprestigio do milagre correspondeu uma sensivel diferença para menos na mania das promessas. Nos rheumatismos e nas gottas, a opinião do medico que mandava o doente para as caldas foi seguida de preferencia ao conselho do confessor, inculcando ao padecente o santo ou santa a que deveria apegar-se. Na procura de empregos, os annuncios com que os influentes politicos encheram os jornaes, garantindo o preenchimento de certas vagas de amanuenses ou de escrivães de fazenda, a troco de 500$000 réis, iniciaram uma concorrencia deslealissima com o Senhor dos Passos e com Nossa Senhora da Conceição, a quem esses favores eram pedidos d'antes, com promessas modicas de alguns arrateis de cera.

Nos actos mais solemnes da nossa vida, em que o cerimonial da egreja entrava como primeiro elemento de satisfação e de esplendor — o nosso casamento, o baptisado do nosso filho, o funeral da nossa sogra — introduziram-se os novos costumes, e tudo aquillo que d'antes se passava na egreja, com muito latim e com muito incenso, começou a passar-se na administração do bairro, com muito codigo e com muito máu cheiro.

E todavia, que formosas paginas seriam as d'esse livro em que se historiasse toda a tradição das crenças religiosas de Lisboa, perdida nas chronicas e nos agiologios!

Já D. Affonso Henriques mandava construir e fundar uma capela com a invocação da Virgem, fóra dos muros antigos da cidade ocupada pelos sarracenos, e para ella fazia transportar quantos fieis, mortos e feridos, iam caindo no cerco e no assalto. Era a Capela de Nossa Senhora da Enfermaria, no arraial dos allemães, ali pelo sitio de S. Vicente de Fóra; e de lá saía no memoravel dia 25 de Outubro, a caminho de Lissibona, pelos tortuosos matagaes da Alfungera, direita ás Portas do Sol, a solemnissima procissão comemorativa da tomada da cidade, indo El-Rei e todos os grandes, e todo o povo, e todos os colonenses, bretões, flandrenses, aquitanos, normandos, e portugalezes — verdadeiro triumfo capitolino das nossas armas, manifestação imponente de acção de graças, onde, ás formosas cerimonias do ritual christão, realçadas com as nobres alfaias do despojo, acrescia a devota e vistosa concorrencia de toda a fróta, a dos captivos, a de povoações longinquas, ébrias de alegria expansiva, ao cabo de quatro mezes de trabalhadas incertezas. Que procissão esplendida com as sua interminaveis filas de soldados, monges e clerigos, armas rutilantes, cruzes, pendões heraldicos, o vozear solemne e espaçado das litanias christãs!

Lá vem primeiro o Arcebispo de Braga, D. João Peculiar! lá vêm os Bispos D. Menendo Godines, D. Odorio, D. Pedro Pitoes, todos de cruz alçada! Lá vêm os capitães da frota, Herveu de Glanvill, Childe Rolim, D. Ruberte, D. Ligel, D. Guilhim de Licorne, e o Conde Arnoldo de Aarschot, e Saherio de Archelles, e Simão de Do-

ver e Guilherme Vitul! E agora lá vêm os nossos, Payo Guterres, Pero Viegas, Fernão Captivo, Payo Delgado! E lá vem El-Rei, a pé e descoberto, com a sua loriga e o seu ar entre severo e prazenteiro, e a sua estatura de gigante, que a todas as demais abate...

Oh! quanta alegria em todos! brada Osberno. Quanta alegria e quantas lagrimas, rios de lagrimas, quando se viu, de todas as partes da cidade e do arredor, em honra de Deus e da Virgem, erguer-se lá no alto da torre mais sobranceira da Alcaçova o pendão da Cruz, entre as vozes que diziam o *Te Deum laudamus* e o *Asperges me!*

A historia dos reis e dos grandes feitos que assignalaram os seus reinados foi gravada nos muros das egrejas. A idéa religiosa aliava-se com o ardor militar, e imprimia á arte christã um carater tão distinto e tão solido que resistiu aos seculos. Depois da Egreja dos Martyres e da Egreja de S. Vicente de Fóra, que perpetuariam em todo o Islam o terror da queda de Lissibona, cada novo monarca portuguez ia ampliando em Lisboa o culto divino, fundando novos templos e ligando a cada um d'esses templos a memoria de algum grande facto glorioso, a invocação de algum santo predileto, a saudade de algum querido ente, ou mandando abrir ahi a propria sepultura.

O exemplo dos monarcas estimulava as classes altas e atingia o povo. Não ha grande palacio de nobres que não tenha a sua capela, e o povo chega a construir algumas egrejas á sua propria custa, como a da Conceição e a de S. Paulo.

Fidalgos e plebeus organisam as suas irmandades e as suas confrarias, escolhem d'entre os santos e santas da côrte celeste os melhores advogados para as suas causas communs. E cada um d'esses santos é colocado no seu altar com todas as honras devidas ao seu culto, e para cada um d'elles começa a encaminhar-se a propaganda eficaz de alguma grande devoção.

Nossa Senhora da Conceição é a padroeira do Reino. Santo Antonio é o padroeiro de Lisboa. Mas porque se suponha que a uma e outro não chegue o tempo, nem a attenção, por muito boa que seja a vontade de ambos, para o cuidado e responsabilidade de tanto, a outros se incumbe a vigilancia de interesses parciaes. E ha então os santos que se tornam os solicitadores encartados, privativos de certas classes e de certas corporações, em todos os negocios que porventura se relacionem com o fôro celeste. Os algibebes, os ourives, os confeiteiros, os prateiros, os remolares, os sirgueiros, até os medicos, passam procuração para tal fim aos seus santos prediletos.

Observa-se um movimento afanoso de piedade e de empenho mystico na tarefa de proporcionar a todos esses queridos santos e santas algum bem, alguma comodidade, algum prazer, que de alguma maneira os compense, os indemnise, os desforre emfim, do muito que sofreram com as privações e flagelos de que o *Flos Santorum* vem cheio, e de que parece chegar-nos ainda á pituitaria, um pouco obstruida pelo pó dos seculos, essa emanação muito especial de santidade, em que o perfume suave das virgindades se mistura com o cheiro forte da carne assada dos martyres, polvilhada com algumas pitadas de rapé dos doutores da egreja.

Graciosas mãos de princezas fazem girar nas dobadoiras os fios de oiro que hão de orlar a fimbria dos vestidos das mais lindas santas. Delgados dedos de rainhas enfiam depois nos buraquinhos imperceptiveis das agulhas, esses mesmos fios, e com elles começam a bordar nas sedas flôres e folhagens de tal maneira leves, que só a luz as agita, como se uma brisa perpassasse. São costureiras da côrte celeste as mais illustres damas da Côrte de Lisboa. E nem a Rainha D. Brites, mulher de Affonso IV, póde ufanar-se de ter joias mais ricas e mais bellas do que aquellas com que os melhores ourives ornam a fronte da imagem de Maria. Um sopro de inspiração divina impelle para a arte sacra as mais formosas propensões de artistas. Lisboa chega a possuir a custodia de Gil Vicente, a Biblia dos Jeronymos, e as pinturas de Josepha de Ayala.

As aspirações mais modestas dos espiritos devotos, não podendo encher os santos

de dadivas ostentosas, fazem-lhes ofertas mais comesinhas, mas de muito bom proveito: alqueires e alqueires de trigo, bilhas e bilhas de azeite, arrateis e arrateis de cera. Para os santos se destina uma percentagem certa do produto das colheitas; e toda a semente é lançada á terra de combinação com elles: quanto melhor fôr a colheita, tanto maior a percentagem será. Depois, quando a morte se avisinha, e chega o momento de fazer as ultimas disposições, a que nesses tempos se chama ainda com supersticioso acato «a ultima vontade», frequentemente acontece faltar o folego ao moribundo quando só ia em meio o rol extenso dos seus legados piedosos: casas e cardaes para fundar conventos, fóros e rendas para confrarias, alfaias e joias para o thesouro dos mosteiros, dinheiro para missas.

Tornado usufrutuario d'uma parte avultada de tanta riqueza, o clero exibe o luxo, a ostentação e a soberba de que fala um Rei de Portugal ao Papa, quando menciona as razões que o obrigaram a cercear os bens temporarios dos eclesiasticos.

400 — Um carro funerario

Se havia freiras e frades que andavam descalços, era porque assim o queriam, pois das carmelitas de Santo Alberto se sabe que tinham de renda por anno um conto e seiscentos, e dos marianos dos Remedios consta que eram muito da simpathia de Filipe II de Hespanha, que para cá os trouxe, e não deixava que sofressem privações. Só á sua parte tinham os frades da Graça 40.000 cruzados de renda, além dos fóros de trigo e cevada, da cerca, das quintas da Portella, de Santa Catharina de Ribamar, de Aldeia Gallega do Riba-Tejo, de Caparica e de Alhos Vedros. E as freiras de Santa Clara, que chegaram a ser duzentas e trinta no mesmo convento, com mais trinta pupilas e noviças, dez seculares, trinta creadas da communidade, quatrocentas e trinta particulares, e quarenta e quatro servilhetas, se não vivessem contentes com as isenções e privilegios que recebiam de reis e papas, e não lhes bastassem os senhorios de Penella e de Sorrilhos e os seus muitos fóros e juros, muito exigentes seriam...

E eram. Era-o, pelo menos, uma d'ellas, que não contente com tudo isso queria mais alguma coisa. Que coisa ninguem o soube, ao certo; mas não seria boa coisa, não. Altas horas da noite, vinha um cavalleiro rondar os muros do convento, e a um certo signal se aproximava e falava. Mas tão de manso o fazia, e com tanto cuidado embrulhava sempre em panos as ferraduras do seu cavallo, que ninguem sonharia sequer da aventura. Dá-se porém um desacato na proxima Egreja de Santa Engracia. Roubam o cofre de tartaruga e prata que encerrava as particulas. Procura-se o ladrão sacrilego, e só se encontra no caminho, recolhendo a casa, o cavalleiro audaz das rondas ao convento, Simão Pires de Solis, de sangue nobre e limpa geração. Perguntam-lhe d'onde vem, e não responde; querem que diga o que andara fazendo nessa noite, e elle nem por sombras pensa em macular a reputação da freira. Fazem-lhe tratos,

obrigam-no a confessar o crime que não cometera, metem-no em prisão em quanto não é proferida a sentença que depois lhe manda cortar as mãos e queima-lo vivo. E é quando elle está expiando já a culpa que foi d'outro, nas vesperas do suplicio, que a freira de Santa Clara lhe manda dois melões, um inteiro, outro calado, recomendando muito «que o calado era o melhor.» E ninguem soube o que a freira queria!

O clero das cathedraes e ainda o das collegiadas formavam a aristocracia, digamo-lo assim, dos eclesiasticos de condição secular; os curas de almas nas egrejas parochiaes eram a todos os respeitos os villãos da classe. Nos eclesiasticos é que habitava a sciencia. Os soberanos e outros grandes mantinham junto a si a entidade *scriptor*, (secretario, por assim dizer) que era sempre um clerigo, e elles muitas vezes assignavam de cruz. Numa sociedade onde a sciencia se considerava apanagio exclusivo do clero, a illustração relativa d'esta classe concorria poderosamente para conservar a preponderancia do sacerdocio em todos os negocios da vida. Bastos documentos d'esse tempo demonstram a ignorancia de todas as outras classes, e revelam com evidencia quanto se reputava alheio a ellas o oficio de escrever.

Não ha memorias escriptas que nos provem claramente a existencia de todos os bispos de Lisboa, desde S. Manços até Nestoriano, isto é, desde o anno 34 ou 36 de Jesus Christo, até ao anno 587. A sua existencia só consta pela tradição; são desesete, esses de que ha memoria, e ou se ignora a existencia de alguns, ou a diocese lisbonense esteve por varias vezes sem prelado, o que parece demonstrarem os longos periodos que decorrem entre uns e outros de alguns dos bispos. Por documentos autenticos sabe-se que, além dos tradicionaes, Lisboa teve trinta e quatro bispos. Depois, subindo ao throno D. João I, e querendo encher de mercês a diocese, obteve para ella o fôro metropolitano; e Lisboa teve, sucessivamente, vinte arcebispos. Impetrada por El-Rei D. João V a bulla que dividiu o arcebispado em duas metropoles, e tornando-se a reunir estas em uma só, estabeleceu-se o Patriarchado, ao qual se deu por sufraganeos os bispados de Leiria, Lamego, Guarda, Portalegre, Funchal, Angra, Maranhão e Grão-Pará, por nos pertencer ainda o Brazil; e desde então, até hoje, Lisboa tem contado doze patriarchas.

Que immensa tarefa a de todos esses prelados, desde o dedicado D. Gilberto, auxiliar do grande Rei na christianisação da Extremadura! Quanto trabalho de parénese, de disciplina canonica, de conciliação e assimilação, desde o adaptar da mesquita velha a templo catholico, até á fundação do Seminario Patriarchal, estabelecido no Paço dos Arcebispos, e destinado á educação e sustento dos que se propunham ao serviço da egreja lisbonense, praticando ali o latim, os ritos, as cerimonias eclesiasticas, o cantochão, e outras artes e sciencias, sob a proteção e obediencia do Cardeal Patriarcha, seu primeiro administrador!

Mas quantas compensações e quantos premios, para essa faina absorvente e insana! Os monarcas piedosos entregam-se ás influencias clericaes, e os mais altos negocios do estado ficam dependendo das mais pequeninas conveniencias da egreja. D. Manoel consente em banir os judeus e os moiros não convertidos, os quaes, em recompensa do tratamento generoso que aqui tinham recebido, tanto haviam alargado o commercio da sua patria adoptiva. D. João III, absorvido pelo sentimento religioso, considera o estabelecimento da Inquisição e a introdução dos jesuitas em Portugal como o glorioso fim do seu reinado. D. Sebastião, educado pelos jesuitas, no momento do maior poderío d'elles, empreende as jornadas de Africa no intento de dilatar a fé, encaminhado pelas instigações da Mesa de Consciencia. O Cardeal D. Henrique considera as colonias como campo vasto para a prégação do Evangelho, e o seu principal cuidado é o negocio da conversão das gentes da India e o competente provimento das coisas eclesiasticas. Filipe II entrega o governo do Reino a um cardeal, e os progressos dos

jesuitas mais se alargam. D. João IV, colocado no throno pela revolução, é ainda o descendente em linha recta e digno representante d'aquelle Duque de Bragança, que fôra padroeiro de cento e sessenta capelas e beneficios eclesiasticos. D. João V, mimoseado pelo Papa com o titulo de «Fidelissimo» para si e para os seus successores, desvairadamente reparte com a egreja as riquezas do Brasil. D. Maria I deixa-se completamente dominar pelo seu confessor, Frei Ignacio de São Caetano, a quem todo o dinheiro se afigura pouco para engrandecer conventos. D. Pedro IV, que no Brasil era Grão-Mestre da Maçonaria, vem proclamar em Lisboa a Carta Constitucional, que manda respeitar como religião do estado a religião catholica, apostolica, romana.

Do luxo que chegou a haver no culto dos templos de Lisboa falam-nos ainda os restos das alfaias de muitos d'elles, guardados nos thesouros das proprias egrejas, nos museus e nas coleções de arte antiga.

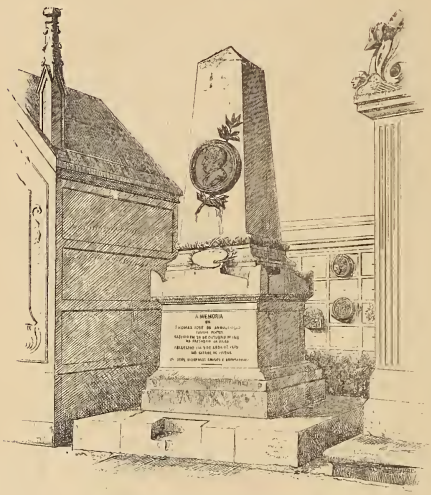
Do rigor que aqui se chegou a obter na observancia das praticas religiosas, dá-nos idéa aquelle alvará de El-Rei D. Manoel, que proibia dentro do Paço ou nos terraços d'elle, antes da hora das missas, nos dias santificados, o jogo da bola ou o tintinini!

Da munificencia perdularia que correspondeu aos grandes afectos religiosos, serve de quilate a Capela de S. João Baptista na Egreja de S. Roque. Diz-se que D. João V, frequentador assiduo d'aquella egreja, reparando na pobresa da capela consagrada ao santo de seu nome, prometera mandar edificar outra, e em 1742 se fez a encomenda para Roma. Toda ella de lá veiu fabricada, com toda a baixela e arsenal do culto e das cerimonias. E' um caprichoso conjunto de preciosidades. «Dir-se-ia um museu de mineralogia — escreve o erudito Sousa Viterbo — mas um museu selecto, em que se exposeram apenas as pedras mais raras, mais bellas e mais custosas, de mais sedutor aspecto e colorido. O artista que lavrou e poliu estas pedras foi Rotolini, o joalheiro da cantaria... E assim como os paramentos de rica seda são recamados de bordados a oiro, assim a cantaria é moldurada e ornamentada de bronze doirado, em que trabalharam metalistas e ourives como Guerrini, Roza, Annibaldi, Kaiser, Giardoni, Marcelli e Arighi. Nicolau Salvi e Luiz Vanvitelli foram os architetos que deram a traça do monumento, embora em Lisboa se fizessem modificações, ás quaes não foi estranho o celebrado architeto Ludovice.» O arco, construido de diasporo, marmore e alabastro, é encimado pelas armas reaes, ladeadas por dois anjos. Fecha a capela uma grade de verde antigo e alabastro, com cancelas e guarnições de bronze. O pavimento, de porphyro roxo, tem ao centro um riquissimo mosaico, estylo romano, obra de Enuo, imitando um tapete com florões e no meio a esfera armilar. O lambris da capela, degraus, altar, columnas corinthias, hombreiras e vergas das portas, e abobada, tudo é formado de marmores de Italia, de muitas côres — jaspe, porphyro, lapis-lazuli, verde antigo, jaldo, granito, tudo ornado de altos relevos, anjos e cherubins. Ha tres paineis de mosaico feitos por Mattia Moretti, que nelles gastou nove annos: o maior é o do altar, o Baptismo de Christo; os outros, sobre as portas do transepto, representam a Descida do Espirito Santo e a Annunciação da Virgem. Os bronzes, o enorme lampadario, os tocheiros, as banquetas, tudo de prata doirada e ricamente cinzelada, constituem outras tantas preciosidades. Executada a obra em Roma, erigida na Egreja de S. Pedro, e ali sagrada pelo Papa Benedicto XIV, foi depois desarmada e remetida para Lisboa, onde chegou em 1747.

O alfacinha não perdeu a sua antiga fé, mas envergonhou-se d'ella. A multidão não aboliu o respeito pela egreja, mas poz-se ao largo, transigindo assim, de algum modo, com o seculo perturbador de todas as crenças. Não admitiu o escarneo — essa perturbação psychica coletiva das gerações actuaes, nascida da convicção de que todo o esforço é inutil e de que tudo á roda de nós estaciona como nas primeiras idades do mundo — mas deixou de se benzer em publico, perdeu o costume de tirar o chapéo ao passar por deante dos templos, e não tornou a enfiar a opa encarnada de irmãos do Santissimo,

para acompanhar Nosso Pae aos entrevados. As irmandades dos mesteres foram substituidas pelas associações operarias de classe. O dinheiro que d'antes se deitava nas caixas das esmolas, nas salvas de prata e nos saquinhos de veludo, á porta das egrejas, passou a meter-se nos monte-pios e nas caixas economicas. A industria dos cereeiros e o commercio dos rosarios quasi desapareceram por completo.

A Semana Santa, em que tão pomposamente se celebrava aqui o grande drama lyrico da Paixão, por tantos seculos considerado a obra-prima do theatro papista, com o seu sermão comovente do Enterro, a cerimonia enternecedora do Lava-pés, a grande scena do Calvario, a apotheose luminosa da Aleluia — tudo isso perdeu para o alfacinha o encanto d'outros tempos, o aparato do scenario, a atmosfera de emoção e de idealidade. As Endoenças de Lisboa não são hoje mais do que um pretexto para a destemperada correria em que andam pela cidade, e de egreja em egreja, as senhoras e os rapazes lisboetas, na quinta feira á noite e no dia de sexta feira, ellas arrastando a cauda, elles arrastando a aza, e promovendo todos o consumo de algumas toneladas de amendoas, com que fazem fortuna os confeiteiros.



401 — Cemiterio do Alto de S. João.
Monumento a Thomaz José da Annunciação

A tradicional procissão do Corpo de Deus, que ainda nos principios do seculo XIX era a maior solemnidade religiosa de Lisboa, foi redusida a uma simples formalidade. O Mestre de Aviz, casando com a Rainha D. Filipa de Lencastre, filha do Rei de Inglaterra, mandara que naquella procissão figurasse a imagem de S. Jorge, cujo nome dera ao grande Castello, e incluira no grito de guerra «Portugal e S. Jorge!» adoptando o santo inglez por patrono d'estes reinos, em homenagem á Rainha. A procissão era annunciada, dias antes, por tamborileiros e charameleiros que percorriam as ruas da cidade. De vespera, as senhoras da Baixa não se deitavam para não estragarem os toucados, e passavam a noite dando mote aos poetas que, sob as janelas, improvisavam sonetos e endeixas. As ruas cobriam-se de areia e espadanas, flutuavam as bandeiras, e pendiam dos parapeitos e das paredes dos predios as ricas colgaduras de damasco e veludo. A' frente do cortejo marchavam os porta-estandartes dos oficios mecanicos, os oficiaes vestidos com tunicas talares perfiladas de prata, seguidos por tamborileiros a pé, por trombeteiros a cavallo com xaireis de veludo carmesim, e pela charamela dos pretos, com seus vistosos trajes. As charamelas e atabales formavam dois troços, e os seus cavallos vinham cobertos de ricos panos com as armas reaes bordadas a oiro. Antes do Santo aparecia o Homem de Ferro, vestindo sua armadura, montando um cavallo acobertado á antiga e empunhando um estandarte, seguindo-o os 46 cavallos do estado do Santo, todos de fina raça de Alter, mursellos e brancos, opulentamente ajaesados, levados á mão por sotas cavallariços com sua formosa libré silvada de verde e branco. Só então vinha S. Jorge em seu corcel, bamboleando no arção da cela á Marialva, a gorra

de veludo e brilhantes um pouco ao lado, os olhos muito esbugalhados, o tabardo todo oiros, o escudo e a lança de prata. Portador da bandeira, atraz cavalgava o Pagem, de capacete e cocar de plumas, ostentando sob o elmo do Archanjo S. Miguel a cabelleira loira de uma Virgem de Ossian. E fechava o cortejo a grande pompa eclesiastica, com o painel das almas e as basilicas, os deslumbrantes paramentos e o palio sumptuoso, pegando El-Rei numa das varas e nas outras os primeiros dos grandes do Reino. Os irmãos de S. Jorge acompanhavam-no em alas, vestindo as opas negras e o bacalhau de bretanha branca, muito engomado, ao pescoço. Em 1852 ainda tomavam parte nesta solemnidade todos os regimentos da guarnição, que desde manhã começavam a formar no Passeio Publico. A' tarde, vinha o Santo passar revista ás tropas, e depois lhe entregava o Governador do Castello as chaves, ao mesmo tempo que estrugiam as salvas de artilheria. Hoje, sae S. Jorge, muito á capucha, do seu nicho em Santa Cruz do Castello, incorpora-se na procissão muito pela calada, faz com ella um pequeno giro em volta da Sé, avança e recua tres veses perante o Santissimo, e torna a meter-se em casa com os seus queridos pretos, que são ainda os seus amigos mais fieis...

E os sinos, até os sinos, que foram a maior alegria da Lisboa devota nos seus dias festivos, repicando a todas as horas e em todos os tons o seu complicado reportorio de musicas joviaes, até esses quasi cessaram de tocar!

A Sé Patriarchal de Lisboa tem como sufraganeos os bispados de Angola, Angra, Cabo Verde, Funchal, Guarda, Mitylene, Portalegre, S. Thomé e Principe. Ao Patriarchado foram tambem anexadas a prelasia de Thomar e o grão priorado do Crato hoje extincto.

402 — Cemiterio do Alto de S. João. Monumento a Julio Cesar Machado

No Paço de S. Vicente, onde reside o Cardeal Patriarcha, com os empregados particulares do seu serviço, estão estabelecidas a Relação, a Curia e a Camara Patriarchal, a Chancelaria da Mitra, o Juiso Apostolico, e a Secção Pontificia, que em 1868 substituiu o muito antigo Tribunal da Legacia. A séde do Cabido é na Basilica de Santa Maria Maior.

As actuaes parochias de Lisboa, intra-muros e extra-muros, são: Anjos, Conceição Nova, Coração de Jesus, Encarnação, Lapa, Magdalena, Martyres, Mercês, Pena, S. Christovão, S. Jorge, S. José, S. Julião, S. Mamede, S. Miguel de Alfama, S. Nicolau, S. Paulo, S. Pedro em Alcantara, S. Sebastião da Pedreira, Sant'Iago e S. Martinho, S. Vicente, Sacramento, Santa Catharina, Santa Engracia, Santa Isabel, Santa Justa, Santo André, Santo Estevão, S. Thomé e Salvador, Santa Cruz do Castello, S. João da Praça, Santos-o-Velho, Sé, Socorro, Beato Antonio, Loures, Bucellas, Santo Antão do Tojal, S. Julião do Tojal, Ameixoeira, Apelação, Camarate, Charneca, Frielas, Fanhões, Louza, Lumiar, Odivelas, Povoa de Santo Adrião, Unhos, Alcabideche, Barcarena, S. Julião da Barra, Carnaxide, Cascaes, Oeiras, S. Domingos de Rana, Carcavellos, Campo Grande, Bemfica, Carnide, Ajuda, Santa Maria de Belem, Olivaes, Santa Iria, S. João da Talha, Tojal, Sacavem.

Nos seus achaques e nas suas desditas, o alfacinha de hoje já não espera que do céo lhe venha o remedio. A vida é o que é, e as coisas são o que são.

Emquanto tem saude e pode trabalhar, elle gasta quanto ganha e gosa quanto póde. Desambicioso e comodista, a unica fórma por que ainda tenta fortuna é jogando na loteria. O cauteleiro de Lisboa é a sombra do alfacinha. Conhece-lhe a balda, e não o larga. Para onde vae um, vae o outro.

— E' o tres... tresentos e um! Que depois d'amanhã anda a roda...

— E' a ultima de seis... quem m'acaba o resto!

Põe-se-lhe ao lado, acerta o passo com elle, mete-lhe á cara as cautelas, os decimos, os vigessimos, os meios-bilhetes. Segreda-lhe tentações, vaticina-lhe mil venturas, conta-lhe todas as probabilidades do ganho, garante-lhe que tem ali a sorte, a grande, a maior de todas, a taluda! E que se elle não compra, arrepende-se... E que se aquillo ha de ir parar á mão d'outro, o melhor será deitar-lhe já a mão...

O alfacinha hesita, disfarça, volta a cara, finge-se maçado, manda o cauteleiro ao diabo; e quando o cauteleiro, que já o conhece, lhe faz crer que o deixa, o alfacinha pára, resolve-se, chama-o, e compra-lhe o resto das cautelas!

No dia seguinte anda a roda. Um ou outro cambista, que vendera o numero mais premiado, espalha areia encarnada á porta. Aparece depois a Lista geral, e o alfacinha procura nella os numeros que traz na algibeira. Tudo branco! Não ha nada mais certo: a sórte grande é uma coisa que sae sempre aos outros!

Imprevidente por indole, o alfacinha fia-se muito nestes dois grandes e ultimos recursos: a agiotagem e a beneficencia. Emquanto ha que empenhar, empenha-se. Nem para outra coisa servem os *prégos*, ou casas de emprestimos sobres penhores, de que Lisboa está cheia. Começa-se por lá ir pôr as joias, que é o que faz menos falta; depois das joias, o piano, que menos falta ainda faz ao visinho do andar de baixo; depois do piano, a mobilia da sala, dando-se ordem á creada para dizer ás visitas que os senhores foram para fóra; depois da mobilia da sala, a mobilia da casa de jantar, e o guarda-fato com porta de espelho, e a cama á francesa, e os quadros, e as loiças, e os vestidos de seda, e o fato de verão se estamos no inverno, ou o fato de inverno se já chegou o verão... Por fim, vae tudo. E depois de ter ido tudo, vae ainda — o resto!

Quando já não ha que empenhar, recorre-se á letra, ao adiantamento sobre o ordenado, ao *encosto* — que na giria patusca do lisboeta significa o pedir a algum amigo dois mil e quinhentos emprestados, com a firme tenção de nunca mais lh'os pagar.

Nestas alturas, as Cosinhas Economicas começam a prestar ao alfacinha o grande serviço social de lhe amparar e conservar as forças, para a manutenção da especie. E a especie, agradecida, reproduz-se; mas já então em circunstancias tão dificeis, que o alfacinha, renunciando ás alegrias da paternidade, delibera entregar a próle aos cuidados maternaes da Santa Casa da Misericordia, indo meter os filhos na roda. A's vezes, para nem se dar ao trabalho de lá ir leva-los, limita-se a pô-los da parte de fóra da porta: e é o Albergue das Creanças Abandonadas que toma conta d'elles.

O Estado, o Municipio, a Maçonaria, as Ordens religiosas, as Associações de beneficencia, todos quantos podem, pelo coração e pelo bolso, valer ao infortunio, se acercam do alfacinha, generosos e apiedados. Se a doença o acomete, abrem-lhe as portas dos Hospitaes, chamam-no ás consultas dos Dispensarios, proporcionam-lhe os socorros da Assistencia. Se elle não tem casa nem pousada, abriga-o o Albergue Nocturno. Se a força lhe escasseia no manejar da ferramenta, ampara-o o Albergue dos Invalidos do Trabalho. Se a cegueira o surpreende, recolhe-o o Asylo dos Cegos de Nossa Senhora da Saude. Se a velhice e a decrepitude vêm ao seu encontro, refugia-se elle no Asylo Maria Pia, no Asylo da Mendicidade, no Asylo do Amparo, no Asylo das Irmãsinhas dos Pobres.

Pela sorte dos filhos, quer elle os engeite, quer elle os abandone, quer elle morra e elles cá fiquem, o alfacinha não precisa afligir-se, nem tem que receiar. A Camara Municipal creou para elles o Asylo D. Maria II, o Asylo Infanta D. Antonia, o Asylo de S. Vicente, e tem a Créche de Santa Eulalia, a Créche da Senhora da Conceição, a Créche Victor Manuel, e a Créche para os filhos das Vendedeiras da Praça da Figueira e do alfacinha incognito... A Sociedade das Casas de Asylo da Infancia Desvalida estabeleceu os Asylos da Ajuda, de Arroios, dos Calafates, da Esperança, da Junqueira, da Lapa, dos Olivaes, de Sant'Anna, de Santa Engracia, de Santa Quiteria, de S. Thomé, de S. Vicente. A Maçonaria sustenta o Asylo de S. João. A Misericordia tem á sua conta o Recolhimento de S. Pedro d'Alcantara. O Estado mantém os orfãos da Real Casa Pia e as orfãs do Recolhimento do Calvario. A caridade de diversas associações particulares custeia os Asylos da Ajuda, de Nossa Senhora da Conceição, de Santo Antonio, de S. Sebastião da Pedreira, de S. Pedro em Alcantara, de Antonio Feliciano de Castilho, de D. Luiz I, de D. Pedro V, da Infancia Pobre, de Nossa Senhora das Dôres, de Santa Isabel das Oblatas, dos Orfãos Desvalidos de Santa Catharina, do Lumiar, do Salvador, de Santa Joanna, do Bom Pastor; e os Asylos-Oficinas de Santo Antonio, de S. José e Coração de Jesus, de Costureiras e Creadas de servir.

No dia em que tudo acaba para o alfacinha, e vem o medico passar-lhe a certidão de obito, se os seus herdeiros se não julgam habilitados a fazer-lhe o enterro, em coche doirado puxado a quatro cavallos, com acompanhamento de gatos-pingados a trote, corôas de violetas e goivos, e participação nos jornaes (não se fazendo convites especiaes pelo estado de consternação em que todos se acham) é ainda a Santa Casa da Misericordia que o transporta na sua tumba ao Cemiterio dos Prazeres, se elle morreu na parte occidental da cidade, ao Cemiterio do Alto de S. João, se foi na parte oriental que elle morreu, ao Cemiterio da Ajuda, se elle foi morrer a Belem.

Os franceses, que tiveram em Lisboa o seu Cemiterio de S. Luiz; os ingleses, que têm o seu Cemiterio dos Cyprestes; os allemães, que têm o seu Cemiterio da Boa-Morte; os israelitas, que têm o seu Cemiterio dos Judeus; e não sabemos até se os irracionaes, que tiveram tambem o seu Cemiterio do Valle-Escuro — todos elles admiram a resignação, a serenidade, quasi diriamos a philosophia contente, com que o alfacinha vivo acompanha á ultima morada o alfacinha morto, pegando-lhe ás borlas do caixão, ou espalhando-lhe sobre o cadaver a primeira mão cheia de terra; e depois do implacavel *Requiescat in pace!*, na debandada dos amigos do finado, o animo leve dos que ainda cá ficam, retomando o caminho da vida, retrocedendo ainda uma vez pelos atalhos d'aquelles jardins ladeados de mausoleus e inscripções piedosas, onde a flôr da saudade é a que mais viceja e a rama dos cyprestes a unica que dá sombra...

E' que o alfacinha sabe que será sempre leve a terra da sua patria ao coração dos que verdadeiramente a amaram.

INDICE DO TEXTO

ANTES DO TERREMOTO... 1
CIDADE DE MARMORE..... .. 59
O TEJO..... 89
LISBOA MONUMENTAL..... 131
OUTROS TEMPOS..... 243
A CORTE..... 329
DA ARCADA A S. BENTO..... 391
OS ALFACINHAS..... 495

INDICE DAS GRAVURAS

ASPECTOS E INTERIORES

Abertura das Côrtes.... 345
Adega 204
Armazem de vinhos 284
Arrabálde de Lisboa 401
Atelier de pintura..... 197
Atelier de rendas... 160
Avenida da Liberdade.... 153
Bairro de Alfama. 1
Bairro Estephania..... 221
Camara dos Pares... 348
Casa quinhentista..... 21
Casa seiscentista..... ... 33
Deposito de louça das Caldas 181
Embarque d'uma expedição militar..... 129
Enfermaria hospitalar 257
Escola Medico-Cirurgica Casa das dissecções. 277
Fabrica de bolachas 273
Fabrica de cerveja..... 252
Festa solemne na Sé 193
Gabinete do Juiz de Instrucção Criminal. .. 341
Graça, Castello e parte da Baixa.. 473
Largo das Portas do Sol. 413
Largo de S. Roque e a Palmatoria..... 193
Largo de S. Roque, em dia de loteria. 289
Lavadouro publico em Alfa na..... 32
Praça da Alegria. 503
Praça Luiz de Camões..... 184
Refeitorio dos Jeronymos..... 144
Real Casa Pia. Interior de uma aula..... 313
Real Collegio Militar. Interior de uma aula.. 216
Rocio. No angulo nordeste..... 268
Rua de S. Paulo 325
Ruinas do Convento do Carmo..... 13
Taberna em Alfama..... 237
Vista tirada de S. Pedro de Alcantara..... 59

CEMITERIOS

Amigos do finado..... 607
Atraz d'um enterro..... 604
Cemiterio do Alto de S. João:
Entrada principal 616
Monumento a Filinto Elysio..... 612
Monumento a José Elias Garcia..... 6 7
Monumento a Julio Cesar Machado..... 629
Monumento a Sabino de Souza..... 620
Monumento a Silva Porto... 621
Monumento a Thomaz da Annunciação.. 628
Cemiterio dos Prazeres:
Entrada principal..... 595
Mausoleu dos Duques de Palmella..... 599
Monumento a Antonio Augusto d'Aguiar 596
Monumento a Carlos Lobo d'Avila..... 603
Monumento ao Conde das Antas.... .. 605
Uma rua do Cemiterio..... 597
Uma trasladação 600

COSTUMES

Barraca de feira..... 357
Barraca de fructas e refrescos 260
Carnaval:
A Dança da Lucta.. .... 580 e 581
Carro de réclamo..... 589
Ché-ché e outros typos... 591
Mascarados de capote e lenço.. 589
Tocador de gaita de fóles 580
Tocador de harmonium 581
Typos..... 494
Dia da Espiga..... 508
Doente no Hospital de S. José 276
Em caminho da Praça da Figueira..... 305
Encarcerado da Penitenciaria..... 293

Feira da Ladra:
Alfarrabistas 571
Caçarolas, tachos e candeias 575
Ferros-velhos 563
Limonadas e pirolitos 567
Refrescos e bolos 564
Roupas velhas 565
Vidros e loiças 572
Fóra de portas 505
Grupos de arraial ..... 509 e 512
Hortas:
A entrada da taberna 497
A petisqueira 497
A' sombra d'arvores 500
Barraca de cómes e bebes 499
Debaixo da parreira 505
O chinquilho 501
Junto a um marco fontenario 457
Kiosque de refrescos 429
Mudança a pau e corda 81
Nosso Pae aos entrevados 76
O que foi ? O que foi ? 243
1.º de Maio. O desfilar do cortejo operario .. 309
Procissão da Saude 9
Queima de papeis de credito 205
Retiro de pacatos 273
Virgem de procissão 337

EDIFICIOS E CONSTRUÇÕES DIVERSAS

Acad. de Bellas Artes e Bibliotheca Publica. 173
Alfandega 401
Aljube, prisão das mulheres 356
Aquario de Algés 444
Arcos das Aguas Livres 64
Arco das Amoreiras 24
Arco do Marquez de Alegrete 445
Arco de S. Bento 391
Arco de S. Sebastião da Pedreira 449
Arco de Santo André 196
Arco triumphal da Rua Augusta 185
Arsenal do Exercito e Museu de Artilheria .. 164
Arsenal da Marinha 330
Avenida Palace 229
Boa-Hora 312
Bolsa de Lisboa 364
Cadeia do Limoeiro 17
Camara Municipal 489
Casa dos Bicos 4
Casa da Moeda 192
Chafariz d'El-Rei 12
Chafariz das Janellas Verdes 68
Chafariz da Mãe d'Agua 405
Chafariz do Rato 37
Conservatorio Real 608
Cordoaria 40
Escola do Exercito 56
Escola Polytechnica 224
Estação Central dos Caminhos de Ferro 256
Estação dos Cam. de F. de Santa Apolonia 86
Fabrica d'Armas 372
Fabrica do Gaz 228
Gazometro de Pedrouços 124
Governo Civil ..... 265 e 340
Hospital do Desterro 421
Hospital D. Estephania 280
Hospital da Estrella 324
Hospital de S. José 253
Hospital da Marinha 373
Hospital de Rilhafoles 219
Lyceu 408
Mãe d'Agua 20
Marco fontenario da Soc. Prot. dos Animaes 5
Matadouro Municipal ..... 232 e 236
Museu Nacional de Bellas Artes 389
Penitenciaria Central 292
Porto Franco 441
Quartel do Carmo 349
Quartel da Graça 380
Quartel de Marinheiros 477
Quartel de Sapadores 377
Real Collegio Militar 212
Reservatorio das Aguas 494
Torre da Patriarchal na Ajuda 486
Torre de S. Vicente de Belem 149
Um palacete na Avenida da Liberdade 440
Velodromo de Belem 344

EGREJAS

Anjos 304
Annunciada 432
Basilica da Estrella 145
Beato Antonio 560
Bemposta 376
Caetanos 608
Chagas 476
Colleginho 52
Conceição Nova 504
Conceição Velha 148
Coração de Jesus 576
Corpo Santo 584
Encarnação 400
Encarnação (Convento) 547
Inglesinhos 492
Jeronymos ..... 131, 133, 137 e 140
Lapa 437
Loreto 613
Madre de Deus 156
Magdalena 53
Martyres 84
Memoria 45
Menino Deus 365
Mercês (Capella) 448
Mercês 609
Paulistas 333
Pena 472
Penha de França 488
Resgate das Almas 288
Sacramento 201
Sant'Anna ..... 25 e 29
Santa Cruz do Castello 577
Santa Engracia ..... 61 e 69
Santa Isabel 272
Santa Joanna 592
Santa Luzia 456
Santa Martha 529
Santo Amaro 585
Santo Estevão 464
Santos-o-Novo 544
Santos-o-Velho 233
São Christovão 561
São Domingos 188
São João da Praça 424
São Jorge de Arroyos 73
São José 317
São Julião 220
São Lourenço 548
São Luiz, Rei de França 200
São Mamede 217
São Miguel 468
São Nicolau 485
São Paulo 41
São Pedro de Alcantara 368
São Roque 48
São Salvador 352
São Sebastião da Pedreira 579
São Thiago 223
São Vicente de Fóra 209

Sé ..... 36 e 65
Socorro 601
Trinas de Mocambo 261

ESTATUAS

Affonso de Albuquerque 465
D. José I 152
D. Pedro IV 161
Duque da Terceira 169
Luiz de Camões 157
José Estevão 176
Sá da Bandeira 177
Sousa Martins 457

JARDINS

Botanico ..... 204 e 245
Da Alegria 77
Da Estrella 85
De José Maria Eugenio 381
Das Laranjeiras 368
Zoologico 428

MERCADOS

Da Praça da Figueira:
Angulo nordeste 296
Levantar da praça 300
Recanto do mercado 301
Venda das aves 207
De Productos Agricolas 397
De Santa Clara 420
De S. Bento 361
Do Campo de Sant'Anna 316
Da Ribeira Nova ..... 89 e 396

PALACIOS

Da Ajuda (Real) 168
De Belem (Real) 16
Do Barão da Regaleira 481
Do Conde de Burnay 484
Das Côrtes 248
Dos Duques de Palmella 189
De José Maria Eugenio 393
De José Ribeiro da Cunha 320
De Justiça Militar 285
Do Marquez de Castello Melhor 172
Do Marquez de Fronteira 384
Do Marquez da Praia e Monforte 208
Da Marqueza de Pomares 360
Das Necessidades (Real) 49
De S Vicente 28

PRAÇAS DE TOUROS

A azemola das farpas 543
Bando dos touros 531
Charameleiros 541
Cavalleiros ..... 551 e 553
Compra de bilhetes para os touros 540
Conducção dos touros 536
Cortezias 552
Espera dos touros ..... 495 e 533
Forcados e capinhas 553
Gado separado para uma corrida 532
Passagem dos touros no Campo Grande 537
Péga de cernelha 559
Péga pelos campinos 557
Péga pelos forcados 556
Praça de Algés 549
Praça do Campo Pequeno 539

RIO TEJO

Aterro da Ribeira Nova 89
Barcos do Tejo ..... 101, 240 e 332
Bergantim real 385
Caes das Columnas ..... 100 e 105
Caes do Tojo 321
Chegada de barcos com peixe 113
Club Naval 112
Descarga d'uma falúa 117
Lavagem das canastras 120
Lavando o peixe 105
Na doka Hersent 96
Na Fabrica do Gaz em Pedrouços 93
Na Ribeira:
A lavagem 97
Esperando a chegada do peixe 116
Margem esquerda 104
Ponte do Arsenal de Marinha 125
Ponte dos Vapores de Cacilhas 128
Praia de Pedrouços:
A' saida do banho 460
Banhistas e banheiros 452
Esperando a maré 453
Ribeira de Algés 436
Serradores 109

THEATROS E CIRCOS

Circo Price 588
Coliseo dos Recreios 525
Real Coliseo 528
Theatros:
D. Amelia 517
Avenida 520
Gymnasio 517
D. Maria II 516
Principe Real 521
Rato 525
Rua dos Condes ..... 524 e 569
São Carlos 513
Trindade 521
Variedades 545

TYPOS POPULARES

Aguadeiro 289
Alfacinhas 568
Amolador ambulante 136
Andador das almas 353
Archeiro da Casa Real 469
Assadeira de castanhas 401
Azeiteiros ..... 33 e 417
Bombeiro municipal 475
Calceteiros municipaes 417
Carteiros ..... 201 e 377
Cauteleiro 465
Cegos da viola 265
Cigano e urso 242
Clarins da Guarda Municipal 369
Contratadores de bilhetes de theatro 425
Deita gatos e concerta chapeus de sol 169
Dentista do Rocio 412
Em busca do caldo, ao quartel 281
Engraxador 328
Gallinheira 1
Galucho 361
Garoto de jornaes 313
Guarda fiscal 369
Homem dos miudos 409
Homem e macaco do realejo 321
Homem e mulher do povo 221
Lavadeira saloia 49
Marinheiro da Armada Real 385
Mendiga cega 305

Moço das compras 232
Moço de padeiro 65
Moleiros 433
Mulheres da hortaliça ..... 161 e 213
Mulheres do povo 81
Noiva 73
Padeira e lavadeira saloia 177
Padeiro saloio 249
Peixeira 89
Peixeiro 121
Policias civis 345
Saloio vendedor de leite e queijos 145
Soldado de cavallaria 329
Sota dos carros americanos 108
Trapeiras 409
Varinas 130
Varredores ..... 121 e 240
Vendedeira de bolos 57
Vendedeira de camarão 481
Vendedeira de fava rica 495
Vendedeira de fructas 273
Vendedeira de queijos 59
Vendedeiras de flores 131
Vendedor de agulhas e alfinetes 449
Vendedor de alecrim 433
Vendedor de alhos 281
Vendedor de biblias 343
Vendedor de bolos 249
Vendedor de bolos e pinhões 425
Vendedor de castanhas assadas 17
Vendedor de fazendas 256
Vendedor de hortaliças 8
Vendedor de ostras 92
Vendedor de perús 88
Vendedor de quinquilherias 390
Vendedor de rendas 213
Vendedor de sorvetes 441
Vendedores de refrescos ..... 391 e 416

VEHICULOS

Alpendre para abrigo de trens 80
Carro americano puxado a muares 157
Carro de bois 44
Carro da carne 4
Carroça e carroceiro 57
Carro celular 297
Carros electricos ..... 141 e 353
Carro funerario 625
Carro do José Florindo 72
Carro Rippert 26
Carro do Salazar 180
Carro de saloios 217
Carroça das regas 337
Carroça de transportes 45
Coche da Casa Real 329
Trem de praça e cocheiro 195

GETTY CENTER LIBRARY
3 3125 00041 6814

Sedes da Empreza

LIVRARIA TYPOGRAPHIA

95-Rua Augusta-95 | 55-Rua Ivens-57

LISBOA